UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Artur Sartori Kon

ELFRIEDE JELINEK

Do texto impotente ao teatro impossível

Volume 2: Traduções

São Paulo

2021

Artur Sartori Kon

ELFRIEDE JELINEK

Do texto impotente ao teatro impossível

Volume 2: Traduções

Volume anexo à tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Celso Favaretto.

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

K82e

Kon, Artur Sartori
Elfriede Jelinek: do texto impotente ao teatro impossível (volume 2, Traduções) / Artur Sartori Kon; orientador Celso Fernando Favaretto - São Paulo, 2021.
464 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia. Área de concentração: Filosofia.

1. TEATRO CONTEMPORÂNEO. 2. DRAMATURGIA. 3. LITERATURA ALEMÃ. 4. ESTÉTICA DO TEATRO. 5. FILOSOFIA DA ARTE. I. Favaretto, Celso Fernando, orient. II. Título.

sumário

CURSO PRÁTICO DE PARASITISMO
Traduzir o teatro de Elfriede Jelinek 5

0.
De escanteio (Discurso do Nobel) 18

1.
O que aconteceu depois que Nora deixou seu marido 25
Doença ou Mulheres modernas 58
Dramas de Princesas 92
Faust(a)(não tá) 130

2.
País.nas.Nuvens. 173
As implicantes 183

3.
Os contratos do mercador 216
Ulrike Maria Stuart 267

4.
Rechnitz (O anjo exterminador) 320
Sem luz 373
No caminho real 394

+
Ensaios sobre teatro 442

Edições consultadas 463

CURSO PRÁTICO DE PARASITISMO
Traduzir o teatro de Elfriede Jelinek

"A tradução se aconchega ao original
como o cordeiro ao lobo."
ELFRIEDE JELINEK

POR QUE TRADUZIR?

Quando menos percebi, já estava traduzindo a dramaturgia de Elfriede Jelinek. Começando por trechos, não tão poucos e não tão curtos, que precisava citar na tese que agora finalizo; ao mesmo tempo verificando traduções em diferentes línguas para encontrar em português a solução que melhor trouxesse a riqueza dos jogos de linguagem e do humor da escritora austríaca. Foi só no exame de qualificação, em junho de 2018, que decidi preparar uma antologia de peças como anexo da tese, de modo a permitir que um potencial público leitor tenha acesso não apenas às minhas análises, mas sobretudo às obras que pretendo discutir. Com isso ficaria redobrado o esforço da própria tese no sentido de uma compreensão renovada e ampliada das possibilidades da linguagem dramatúrgica – e, consequentemente, da teatral – no presente: algo como o que Walter Benjamin (2013:117) talvez não tenha pensado ao dizer que "o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da sua própria língua" (a partir de Pannwitz, que propunha ao tradutor "ampliar e aprofundar sua língua por meio da língua estrangeira", apud ibid.: 118). Lembrando que, para Even-Zohar (1978: 23), a tradução ganha em importância e inovação em contextos de uma literatura "jovem", "periférica" ou "fraca", ou ainda em um ponto de virada, crise ou vácuo literário.

A pergunta se torna inevitável: seria esse o caso da literatura dramática no Brasil? A dramaturgia paulistana estaria precisando romper com "barreiras apodrecidas" e se abrir a novas possibilidades de linguagem? Mas não haveria algo de colonialista em tomar o teatro europeu como modelo para essa ampliação pretendida (como tantas vezes se aponta em discussões sobre o teatro contemporâneo)? Uma resposta seria: a impressão inicial de um vácuo em nossa dramaturgia já fora confirmada, e isso justamente por uma nova e notável onda de textos e autores dramáticos dentro da produção cênica brasileira, merecendo cada vez mais eventos, reflexões e até mesmo editais específicos para essa linguagem. Outra resposta: o esgotamento é uma ameaça constante pairando sobre todo sistema literário, e a tradução pode ser pensada como profilaxia, como injeção diária de vitamina que visa protelar sempre de novo a decadência possível a todo momento. Porém, comparando nossa produção

com a de Jelinek, é difícil negar o conservadorismo da escrita teatral praticada por aqui. Talvez o desconhecimento completo da dramaturgia da autora seja consequência desse estancamento; prefiro pensar em sua divulgação como antídoto contra ele.

Há ainda um outro fator que levou à tradução, sobre o qual talvez haja menos para argumentar e justificar, pois de certo modo não se tratou de decisão minha. Como disse, no início eu traduzia sem dar por isso. Há algo na escrita de Jelinek que simplesmente pede para ser traduzido, apesar da insistência da autora em sua própria intraduzibilidade,[1] ou melhor, justamente por causa dela. Algo que leva a traduzir *apesar de tudo*, apesar da consciência do impossível. A língua peculiar dessa autora (os inúmeros jogos de linguagem que dão corpo e origem a seus textos) é difícil de transpor para qualquer outro idioma, mas justamente no desafio – como se a própria obra *exigisse* ser traduzida, como também diz Benjamin (op. cit.: 102), ou como se só o trabalho sobre uma obra intraduzível pudesse merecer o nome de tradução (uma possível interpretação da ideia derridiana da impossibilidade como condição de possibilidade) – habita o prazer. Ou antes o gozo, um deleite que recusa o cálculo e se confunde com a dor, ligado não à vontade nem à necessidade prática, mas ao desejo ou sobretudo à pulsão (que o filósofo Slavoj Žižek [2012: 498] descreve como aquilo que "transforma o fracasso em triunfo", ou em que "o próprio fracasso em acertar o alvo, a repetição desse fracasso, a circulação infinita em torno do objeto, gera uma satisfação por si"), uma *pulsão a traduzir*, como propõem Antoine Berman (2007: 45) e, a partir dele, o filósofo Paul Ricoeur (2004: 8). Mas este também nos lembra que "a resistência à tradução veste uma forma menos fantasmática uma vez começado o trabalho", quando se encontra "no texto zonas espalhadas de intraduzibilidade, que fazem da tradução um drama, e do desejo de uma boa tradução uma aposta" (ibid., p. 11). Melhor, portanto, passar a investigar essa prática concreta do traduzir em relação a Jelinek.

COMO TRADUZIR?

Se disse que minhas traduções cumprem três desígnios, isto é, três funções, cabe uma breve referência a certas teorias "funcionalistas" da tradução, como a de Christiane Nord (2018: 85), para quem seria preciso "estabelecer uma fundamentação teórica para a tradução literária que permita que os tradutores justifiquem suas decisões de modo a fazer com que os outros (tradutores, leitores, editores) entendam o que foi feito e por quê", a partir da ideia de que a tradução é uma atividade *propositada*. Nesse caso, podemos concluir que as

1. "No fundo sou uma autora intraduzível, pois meus '*puns*', (...) os jogos de linguagem e palavras que surgem da fonética e do som da linguagem, não podem ser transferidos. É possível transferi-los para uma língua que já tenha essa tradição dos jogos de palavra, como o inglês de James Joyce" (Jelinek 2004: 97). Lembrando que, como nota Antoine Berman (2007:40), a intraduzibilidade de uma obra "constitui sua verdade e seu valor. Dizer que um poema é intraduzível é, no fundo, dizer que é um 'verdadeiro' poema."

escolhas do tradutor referentes ao próprio *modo de traduzir* dependem daquilo que ele toma como objetivo de sua tradução. Nesse sentido, há em meu trabalho (ao menos) três diferentes modos de traduzir operando simultaneamente, os quais idealmente haveriam de se conciliar no texto final, mas podem eventualmente entrar em um conflito que exigirá uma escolha entre os diversos "escopos" adotados.

Assim, se almejo "introduzir" a obra de Jelinek ao público brasileiro, poderíamos acabar imaginando um movimento de aproximação, talvez "domesticação" (como se disse frequentemente nas discussões sobre tradução), o que não deixa de trazer problemas a serem seriamente considerados. Afinal, como avaliou Antoine Berman (2007: 65), "cada vez que um tradutor coloca-se como objetivo tal 'introdução', é levado a fazer 'concessões' ao público, justamente porque tem como horizonte o público"; a introdução ou apresentação da obra ao público seria um modo de submetê-la a um paradigma de *comunicação*, no qual Berman vê "um desequilíbrio inerente (...) que faz com que ela seja regida a priori pelo receptor ou pela imagem que se faz dele", gerando uma tradução "facilitada" que é "necessariamente uma manipulação, como se nota diariamente nas mídias", ou ainda uma *traição do original* em nome do público, e simultaneamente uma *traição do público* a quem "apresenta uma obra 'arrumada'". Pensando por esse caminho, talvez minha empreitada esteja condenada desde o princípio, uma vez que é a primeira tradução da obra dramatúrgica de Jelinek: pois "as primeiras traduções não são (e não podem ser) as maiores", estando privadas de um "segundo grau" da "secundaridade do traduzir" que só a retradução, ela sim possivelmente uma verdadeira "grande tradução", alcançaria (97).

Ora, isso deverá ser superado se minha tradução for de fato servir a outro intuito: a crítica. Aliás, em dois sentidos, como vimos: reflexão crítica sobre o texto de partida, a obra de Jelinek, e (em nome da) avaliação crítica sobre o contexto de chegada, o teatro brasileiro. Para que isso se dê, não podemos nos contentar com uma versão "facilitada", "manipulada", "arrumada". Tal domesticação iria contra o objetivo crítico, minando sua eficácia ou mesmo a invertendo: ao invés de, a partir da compreensão sobre a complexidade da obra em questão, propor certa negação do contexto de chegada, o que se terá é a negação da obra a partir da afirmação do contexto. Ou seja, a crítica exige aquilo que se costuma chamar de "fidelidade" e que Berman (94) chamou "literalidade", a tradução no sentido pleno, pois "tradução é isto: *Procurar-e-encontrar o não-normatizado da língua materna para introduzir a língua estrangeira e seu dizer*" (122). Vemos aí um outro sentido da "introdução" do estrangeiro, numa tradução literal (isto é, traduzindo *a letra* e não "palavra por palavra") que "não reproduz a facticidade do original, mas a *lógica* que preside a organização desta facticidade" (131). Eis o que Berman chama o "projeto ético da tradução": "levar às margens da língua para a qual se traduz a obra estrangeira na sua pura estranheza, sacrificando deliberadamente sua 'poética' própria" (39), fazendo dela o "albergue do longínquo" (137).

Mas há uma terceira camada intencional em minha tradução, que escapa ao recorrente e desgastado dualismo entre domesticação e estrangeirização. Trata-se da tradução das obras teatrais *para a encenação*. Que preocupações específicas surgem a partir do momento em que o tradutor se coloca como objetivo produzir um texto que não será lido, mas transposto para o palco e ouvido pela plateia? Diversos teóricos se debruçaram sobre essa questão, cunhando conceitos como o de falabilidade (*speakability*) ou jogabilidade/montabilidade (*playability*) para descrever aquilo que se deveria exigir da tradução dramatúrgica: "em outros termos, a possibilidade de o discurso que foi traduzido *funcionar* na cena, na frente de um público" (Barbosa, Palma e Chiarini 2017: 9, grifo nosso). Para Egil Törnqvist (1991: 11), "as falas na tradução devem ser idiomáticas, interpretáveis e significativamente relacionadas ao ambiente visual (as rubricas)"; e mais: "o texto de chegada tem de ser facilmente apreensível, já que no teatro temos pouco tempo para ponderar". Tais necessidades obrigariam o tradutor a se tornar também um adaptador ou dramaturgista (para Barbosa, Palma e Chiarini [op. cit.: 8], "um dramaturgo que olha a peça a ser traduzida em sua totalidade artística: traços específicos e discursivos das personagens, o espaço cênico, tempo e ritmo da encenação, ponto de vista ideológico, analogias possíveis à época do autor e estranhamentos necessários para o enquadramento e provocação do espectador") ou até mesmo quase um encenador – "tradução e encenação, a atividade é a mesma", dizia o grande diretor Antoine Vitez (apud Pavis 1992: 140). Isso se afastaria tanto da ideia do "albergue do estrangeiro" quando da tradução "domesticadora" e "facilitadora", focada nos significados: seria antes uma adaptação centrada em certos aspectos *pragmáticos* (no sentido de *voltada a uma ação ou prática*), por exemplo o ritmo da ação ou a "embocadura" dos atores nacionais, uma tradução *possibilitadora* da encenação na língua de chegada.

Mas talvez essa tríplice alternativa seja menos verdadeira do que possa parecer. Afinal, Berman (op. cit.: 66) insiste que apresentar ou "popularizar o original não significa vulgarizá-lo", pois "emendar as estranhezas de uma obra para *facilitar* sua leitura acaba por desfigurá-la, e, portanto, enganar o leitor a quem se pretende servir", não alcançando o objetivo a que se propunha; a própria tradução como primeira impressão de um autor estrangeiro na língua de chegada necessita "antes, como no caso da ciência, de uma *educação à estranheza*". De modo semelhante, Pavis (op. cit.: 137) questiona os acima descritos pressupostos tradicionais da tradução teatral,[2] argumentando que "o critério do (texto) encenável [*playable*] ou falável [*speakable*] é válido, por um lado, como meio de medir o modo como um texto específico é recebido, mas se torna problemático uma vez que se

2. Apesar de simultaneamente reafirmar diversos desses pressupostos, por exemplo ao defender que "o tradutor é um dramaturgista que precisa antes de tudo realizar uma tradução macrotextual, isto é, uma análise dramatúrgica da ficção veiculada pelo texto. Ele tem que reconstituir a trama de acordo com a lógica que parece se adequar à ação, e (assim) reconstituir a totalidade artística (...), o sistema de personagens, o tempo e espaço em que os agentes desenvolvem o ponto de vista ideológico do autor" (Pavis op. cit.: 134).

degenera em uma norma do 'bem encenar' [*playing well*] ou de verossimilhança". De fato, haveria aí um "perigo de banalização", à medida que reduz o campo da dramaturgia àquilo que *já é* compreendido como encenável; contra isso, as obras do teatro contemporâneo "não reconhecem mais esse critério e ao invés disso consideram todo texto encenável, mesmo aqueles textos – e tipos de tradução – que tendem mais à direção do balbucio (*discours-fleuve*), um poema dramático ou um exercício de estilo, do que ao diálogo rápido e 'vivaz' da comédia ligeira" (138). Ora, certamente a dramaturgia de Elfriede Jelinek deve ser vista a partir dessa nova perspectiva: seus longos blocos de texto constituídos sobretudo por jogos de linguagem (chegando ao ponto do trava-língua) e desprovidos de elementos tradicionalmente estruturantes do drama – ação, enredo, ficção, personagens, diálogos – negam qualquer noção reificada daquilo que "cabe na boca", como dizem frequentemente os atores, ou daquilo que *cabe no palco*, como poderíamos dizer. O célebre dramaturgo e encenador alemão Heiner Müller afirmava que o que interessa nos textos de Jelinek é a resistência que exercem contra o teatro tal como ele é; isto é, esses textos escapam aos moldes do drama e assim questionam ou ampliam e próprio estado atual da encenabilidade. Afinal de contas, como já dito, foi exatamente isso que me levou a trazê-los, por meio da tradução, para o nosso contexto de leitura e produção.

Para detalhar como lidei na prática com essa tradução, passo a comentar um caso, o início de "Jackie", do ciclo *Der Tod und das Mädchen I – V: Prinzessinnendramen* (Jelinek 2002). Já o título apresenta problemas: tirado de uma *Lied* de Franz Schubert, pode ser traduzido como "A morte e a donzela", a partir de certa tradição já estabelecida – e foi de fato essa a escolha da maior parte das traduções que pude consultar. No entanto, essa opção traz perdas relevantes: o fato de "morte" ser masculino em alemão é central na obra de Jelinek: de fato, as três primeiras partes do ciclo trazem encontros de uma jovem com um homem cuja ação sobre ela terminará por ser fatal (Branca de Neve e o Caçador; Bela Adormecida e o Príncipe; Rosamunda e seu rival Fúlvio); nas partes IV e V, esse representante masculino da morte não se faz presente em cena, mas é internalizado e constantemente mencionado pelas figuras femininas (as poetisas Silvia Plath e Ingeborg Bachmann na última parte, e a primeira-dama americana Jacqueline Kennedy Onassis na que discutiremos aqui). A tradução para o inglês preferiu suprimir o título do ciclo (pois "Jackie" foi encenada em Nova York independentemente das outras); quando três das peças foram publicadas escolheu-se elevar o subtítulo a título, chamando-as *Princess plays*, "Peças de princesa". Foi também a nossa escolha quando encenamos o ciclo no Brasil, mantendo contudo a referência ao "drama", relevante para a interpretação que proponho na tese.[3]

3. *Dramas de princesas*, com a ciadasatrizes e direção de Maria Tendlau, estreou na Oficina Cultural Oswald de Andrade em setembro de 2016, financiada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. Naquela ocasião, foi Alexandre Krug quem fez a tradução, revisada e adaptada por mim.

A rubrica inicial é digna de nota por fugir ao caráter meramente "informativo" que costuma ser atribuído ao texto secundário das obras dramáticas. A autora joga com sugestões e descrições de como imagina a cena, negociando com a vontade autônoma dos encenadores ("*vocês teriam que ter motivos muito bons para fazer de outro modo!*" ou "*Isso não vou poder facilitar para vocês*"); até que por fim desiste da autoridade/autoria, dizendo: "*Mas claro que vocês farão algo totalmente diferente*". Note-se que todas as traduções consultadas consideraram essa última sentença como integrando o segundo parágrafo da rubrica; ora, não é isso que vemos no texto de partida,[4] e acredito que a diferença, embora sutil, valha ser considerada pelo acréscimo de ironia que assim se faz ler (justamente o tipo de coisa que não se costuma esperar de rubricas).[5]

Passamos, então, para o "texto primário", a longa fala de Jackie que constitui o monólogo. Fundamental é perceber o procedimento de Jelinek, inteiramente baseado em jogos de linguagem que geram variações inusitadas no discurso apresentado, propiciando novos olhares sobre seus temas preferidos (no caso, o sentido político da redução da mulher a sua imagem pública). Ora, a transposição do "conteúdo" do texto, em detrimento desse corpo-a-corpo com a linguagem *que é o texto*, certamente tornaria sem sentido o esforço de tradução. Foi o que fizeram alguns de meus antecessores, sobretudo as tradutoras francesas (como ademais é praxe em seu contexto, segundo uma "velha tradição" de "procurar equivalentes" a partir de "um sentido invariante, uma idealidade", de modo a "recusar introduzir na língua para a qual se traduz a estranheza do (...) original, (...) recusar fazer da língua para a qual se traduz 'o albergue do longínquo'", prática apelidada de "*afrancesar*", como critica Berman [op. cit.: 17]).[6]

4. Acredito que o problema esteja em uma formatação pouco clara na edição da Rowohlt: ao não colocar espaço maior entre os parágrafos e nem recuo no início deles, a editoração infelizmente tornou esse erro não apenas perdoável, mas de fato quase inevitável; eu mesmo só o notei ao acessar a versão publicada no site da autora (www.elfriedejelinek.com), onde esse espaço aparece com plena visibilidade.

5. Outro pequeno erro, no final das contas talvez sem importância, encontrado em quase todas as traduções: onde Jelinek escreve "*Mitarbeiterin und Mitarbeiter*" para indicar suas referências bibliográficas, há que se traduzir por "Colaboradora e colaboradores", uma vez que se trata – é só ler os nomes elencados – de dois homens e uma mulher (*Mitarbeiterin*, em alemão, só pode ser singular; já *Mitarbeiter* pode ser singular ou plural). Em espanhol lemos "*colaboradora, colaborador*", em francês "*collaboratrices et collaborateurs*", no português de Portugal igualmente "colaboradoras e colaboradores", e na versão brasileira de Krug "colaboradora e colaborador". O inglês, que não marca o gênero, escapa do problema com "*collaborators*", mas perde assim uma leve ênfase talvez pretendida por Jelinek, que afinal poderia ter escrito simplesmente "*Mitarbeiter*" ou "*MitarbeiterInnen*" (forma mais politicamente correta do plural).

6. Elisabeth Kargl (2008: 11) tenta justamente ir contra esse hábito arraigado dos franceses ao refletir sobre como traduzir o teatro, ou melhor, "a desconstrução/desconstrução da linguagem do teatro em Jelinek", bem diferente do caso aqui mostrado. Há, logo no início da fala de Jackie na tradução francesa, uma solitária exceção: "*Ma taille serait définit par accentuation et en même temps immédiatement coulée dans le beton*". A preferência pelas aliterações, bastante adequada ao idioma alemão, é aqui substituída pela rima, indicando um possível caminho, mais baseado nas assonâncias, para a tradução francesa. Que esse caminho não seja seguido em todo o resto da tradução parece, porém, indicar que a rima aqui foi mais fruto do acaso que de um real interesse das tradutoras pela linguagem jelinekiana. A tradução para o espanhol repete o mesmo fenômeno (a rima de "*acentuación*" e "*hormigón*" no início, a subsequente predileção pelo conteúdo, com mais algumas poucas exceções), o que sugere que ela possa ter se baseado parcialmente na edição francesa, dois anos anterior.

Assim, a primeira preocupação da enunciadora é com o corpo: "Então eu marco a mim mesma como a minha silhueta, que não saliento. Visto roupas que não sobressaem. Minha silhueta é criada ao ser salientada, e simultaneamente cimentada". Onde o alemão diz "*Taille*", mais literalmente "cintura" (jogando com "acentuo" nas traduções anteriores para o português, de "*betone*"), propus "silhueta" e "saliento", jogo que me pareceu mais sonoro, ressoando ainda posteriormente com "sobressaem" (que me pareceu melhor do que roupas "sem acento" ou um vestuário "que não marca", respectivamente das versões de Krug e Mendes) e "insinuada". O eco mais leve entre "cintura" e "acentuo" retomo em seguida, ali onde Jelinek não propõe propriamente nenhum jogo (assim enfatizando a *cintura*, importante mais tarde no texto, quando Jackie dirá que sua cintura não merece ser salientada porque ela passou por *partos demais, a maioria em vão*). Ainda mais radical em sua liberdade para desmontar e remontar os jogos próprios à autora, escreve Gitta Honegger na sua tradução para o inglês: "*My waist would be wasted if stressed and instantly cast off, I mean cast in*". Duplo jogo que, a rigor, não "corresponde" a nada no original. Seria o caso de notar que Honegger é, provavelmente, a melhor entre todos os tradutores das obras de Jelinek (e importante referência para meu trabalho). Além de ter delas um conhecimento profundo, ela goza ainda do privilégio de ser a única com acesso direto à autora (que cada vez mais se recusa a dar entrevistas[7]) para eventuais explicações e sugestões, embora elas impliquem, o mais das vezes, em jogar o problema de volta para a própria tradutora, que relata:

> Elfriede me dá muita liberdade para inventar livremente novas cadeias que ressoem na cultura de chegada. E com frequência nos divertimos muito discutindo o quanto posso passar do ponto [*how far over the top I can go*]. Quanto mais longe do ponto melhor [*the further the better*] é a resposta habitual de Elfriede" (Honegger apud Bastian 2017, tradução nossa).[8]

Mas a autora diz também: "se é uma escolha entre o sério e o cômico, sempre escolha o cômico" (apud ibid.). Ora, em Jelinek, o sério parece corresponder frequentemente ao "conteúdo" e o cômico à linguagem, ainda que a divisão seja grosseira. Mirando-me no exemplo de Honegger, referendado pela própria autora, é que fiz escolhas como "Eu macaqueio no meu macacão ou como é que se chama isso que as meninas vestem" (trocando o vestido de alcinhas, *Hängerchen*, por outra roupa de nome mais maleável); ou "nas besteiras das páginas coloridas, nas bebedeiras das relações consigo mesma" (trocando a ordem e as correspondências do original: *"in den Räuschen der bunten Blätter, im Rauschen des eigenen Verkehrs*"), e ainda "Eles não estão preparados para pisar em falso, e ainda menos preparados para pisar em nós. Preferem repisar nossas pegadas e ser como nós"

7. "Por princípio sempre espero ter o mínimo de contato possível [com os tradutores]. O motivo é simples: é terrivelmente fatigante". (Jelinek 2004: 99).
8. Que isso não significa uma domesticação, mas antes uma escolha semelhante àquela que defendi acima, fica claro em outra declaração da tradutora: "como então tornar uma linguagem artificial aceitável para uma plateia em uma cultura que não está acostumada com isso? Eu tiro fora o estilo [de Jelinek] e o torno acessível e elegante em inglês, ou realmente mostro o que ela está fazendo? Com Spivak e o pós-colonialismo, especialmente uma vez que o feminismo e o pós-colonialismo são tão relacionados, sou mais da opinião de que você tem que deixar a estranheza [*foreignness*]." (Honegger apud O'Reilly 2013).

(tentando traduzir "*Sie sind nicht imstande, auf der Stelle zu treten, und noch weniger sind sie imstande, uns zu treten. Sie wollen lieber zu uns treten und sein wie wir"*, fazendo algo parecido com o inglês "*They are incapable of stepping back, they are even less capable of stepping on us. They'd rather step up to us and be like us*").

Já outra série de escolhas partiu de minha leitura da obra de Jelinek quanto ao seu caráter *metateatral*, em que é assumida e discutida a situação cênica. Já na rubrica inicial, sugerindo uma ação de Jackie sobre o palco mais que uma situação fabular, pode ser vista a ênfase concedida à situação teatral em detrimento da ficção dramática. Para sublinhar esse ponto, que vejo como essencial, busco orientar certas escolhas de tradução no sentido da explicitação do que, no original, talvez estivesse subentendido. Assim, todas as (muitas) vezes em que Jelinek emprega o verbo "*auftreten*", prefiro traduzir por "entrar em cena" (que também pode perfeitamente ser usado como metáfora, fora do contexto teatral), ao invés do simples "surgir" ou outro equivalente mais neutro. Reconhecemos nas opções por "*fait son entrée*", "*se presenta en público*" e "*appears to the public*" interpretações semelhantes à minha. Também me oriento nesse sentido diante da profusão no original do pronome pessoal "*man*", modo de formar o sujeito indeterminado impossível em português. Entre as alternativas à disposição, quando possível me valho do "você" ou do "a gente", sugerindo um endereçamento direto à plateia (assim, por exemplo, "Você precisa ser o próprio cativeiro, só então também vai poder cativar os outros. Você precisa ficar quieta, mas na sua quietude falar o mais alto possível").

Gitta Honegger afirma, ainda, que ao traduzir deixa "o ritmo me carregar adiante",[9] de modo a poder "ouvir o subtexto, por assim dizer, a corrente subterrânea da retórica" (apud Bastian op. cit.). De fato, com base nos jogos de palavras e sonoridade, constrói-se nos textos de Jelinek, escritora com formação musical como ela mesma insiste em sublinhar, um sistema de ecos, de idas e vindas e espirais, criando um ritmo discursivo próprio, talvez até idiossincrático. Podemos entender tal ritmo como "a organização (da prosódia à entonação) da subjetividade e da especificidade de um discurso", a qual "põe em questão a regência do signo, o primado do sentido", como quer Henri Meschonnic (2010: 43 e 41); ou então como essa "multiplicidade entrelaçada de ritmos" graças à qual "a massa da prosa [está] assim em movimento", criando para a tradução uma "dificuldade (felizmente) em quebrar esta tensão rítmica", segundo Antoine Berman (op. cit.: 55). Da minha parte, tendo mais à segunda opção (sem com isso me fazer surdo à primeira), uma vez que a escrita de Jelinek almeja

9. Deixar-se carregar pelo ritmo exige, parece-nos, um trabalho de tradução bastante *cronológico*, como sugere a própria Jelinek em entrevista sobre sua própria tradução de Thomas Pynchon: "Sempre faço tudo cronologicamente. Porque esse estímulo (...), essa curiosidade sobre como o texto se desenvolve – isso de resto também vale para minhas próprias coisas – me arrasta adiante, como um cachorro que segue um rasto. Se eu saltasse demais pelo texto, então se perderia esse disparador que me leva adiante. Então saberia demais antes da hora. Depois da primeira leitura procedi de fato cronologicamente. Um texto tem que, por assim dizer, me puxar atrás de si, e não eu a ele" (Jelinek 2004: 95-6).

antes à pluralidade, à intertextualidade e ao dialogismo do que à especificidade ou *propriedade* autoral (o que nos remete ainda a outro ponto bastante interessante das traduções, o qual consiste em uma decisão necessária diante das frequentes citações e referências tiradas de uma cultura tão distante da nossa, muitas vezes completamente desconhecidos tanto para mim quanto para os leitores; diversas vezes escolhi introduzir nas minhas versões materiais brasileiros, que fizessem sentido dentro do nosso contexto).

Preocupa-me, portanto, traduzir a "estrutura em arborescência (repetições, proliferação em cascata das relativas e dos particípios, incisos, longas frases, frases sem verbo etc.) que é diametralmente oposta à lógica linear do discurso enquanto discurso" (49), e espero que essa preocupação seja visível em minha tradução. Ela foi feita a partir de uma identificação, no original, dessa "enormidade da massa linguística que o prosador deve concentrar na sua obra", de que fala Berman (pensando na prosa de Joyce, Broch, Mann, Musil ou Proust), "arriscando rompê-la formalmente" e gerando um "não-controle manifesto (...) na proliferação e no acrescimento do texto" (47). O teórico chega a descrever essa qualidade da grande prosa como "um certo 'escrever mal'" (46), uma "rejeição da 'bela forma'"[10] (48) que "é também a sua riqueza: é a consequência do seu 'polilinguismo'", no qual "as línguas se entrelaçam e se ironizam mutuamente" (47). Podemos pensar em como as abundantes vírgulas do alemão organizam ritmicamente o texto de modo a exigir do tradutor um emprego da pontuação talvez mais livre do que a gramática do português estritamente imporia. Ora, seria consequentemente necessário também certo *traduzir mal*?

O QUE É TRADUZIR?

Talvez um dos aspectos mais ricos de muitas teorias da tradução seja a *proliferação de metáforas* para descrever o trabalho do tradutor. Berman (op. cit.: 41) defende que "a tradução só consegue ser 'definida' por metáforas", de modo que "tanto as definições conceituais da tradução são raras e repetitivas, quanto proliferam suas definições metafóricas", indicando "o parentesco, talvez, que liga essa 'transferência' que é a metáfora a essa 'transferência' que é a tradução". O teórico acredita ainda que "um 'florilégio' das metáforas da tradução (...) nos ensinaria mais sobre o ato de traduzir do que muitos tratados especializados" (43). Esse tipo de elaboração poderia parecer pouco importante, mero passatempo, mas se mostra produtivo perante as obras aqui traduzidas. De fato, Jelinek também se interessa pelas diversas metáforas utilizáveis para caracterizar seu ofício, como pode ser visto tanto em algumas peças como em diversos dos ensaios da autora. O que se destaca nesses textos – ainda mais se partimos de uma ideia de *escrever mal* – é a predileção

10. No caso de Jelinek, sobretudo da forma do drama "bem escrito" segundo normas hegemônicas e reificadas de encenabilidade, como vimos.

pelas metáforas *negativas*, que talvez normalmente fossem *recusadas* pelos escritores (como Berman recusa as abundantes metáforas negativas do traduzir, as quais adviriam de uma "recusa de pensar a tradução" indicando "*ipso facto* uma desvalorização" [134]). Seria interessante aqui testar a fecundidade dessas metáforas quando transpostas para a tradução.

Uma das primeiras aparece na peça *Doença ou Mulheres modernas*: a da mulher-escritora como vampira. De fato, a austríaca parece querer construir para si uma imagem pública bastante próxima à dessa figura monstruosa: uma morta-viva (ela sempre insiste que *não vive*, enterrada em casa sem jamais sair) que escreve devorando tudo o que encontra, a partir de uma intertextualidade radical que pouco diferencia entre autores canônicos e porcaria *pop*, torcendo todos os materiais dentro de sua linguagem. "Com a metáfora do vampirismo", interpreta Kargl (2008: 42), "encontramos esse aspecto de contaminação e de subversão, evocando igualmente o prazer ao mesmo tempo proibido e perigoso da relação sadomasoquista que a autora mantém com a língua". Ora, essa metáfora não é nova para os estudos da tradução, pelo menos no Brasil, sendo que Haroldo de Campos já falava na "tradução como transfusão. De sangue. Com um dente de ironia poderíamos falar de vampirização, pensando agora no nutrimento do tradutor" (apud Tápia 2013: 215). Para Magalhães (1998: 13), não há "nada mais adequado, então, que a imagem do monstro num discurso em que o tradutor se mostra, rebelando-se contra uma situação de inferioridade"[11].

Mas justamente aí talvez devamos nos afastar dessa metáfora. *Doença*, afinal, é uma obra da juventude de Jelinek, pouco correspondendo a sua poética literária e dramatúrgica atual. E um dos aspectos que parece perder força – ou ganhar ambiguidade – na sua obra com o passar do tempo é o da "rebeldia contra uma situação de inferioridade". A cada novo texto, a autora parece mais *conformada*, chegando a parecer mesmo afirmar e escolher a submissão. Em uma peça como *Schatten (Eurydike sagt)* (Jelinek 2015), a mulher escritora aparece como mera *sombra* no mundo dos mortos, confundindo-se com as outras sombras a ponto de perder a individualidade, alijada de toda ação e influência sobre o mundo dos vivos. Difícil e interessante é que essa situação seja vista, ao menos pela figura enunciadora (a personagem mítica do título), como positiva e desejável. Isso porque, em vida, ela já era uma sombra do marido (o *popstar* Orfeu); agora, ao menos, está livre do corpo vivo (a vida como valor seria algo fundamentalmente masculino); por isso mesmo, tudo o que menos quer é ser "salva" pelo homem que, a partir de seu sentimento de posse, vai buscá-la no inferno. Ora, o que mais costumamos ver nas metáforas da tradução é a ideia de uma ressurreição, de um

11. Em palestra na Casa Guilherme de Almeida sobre a relação entre a transcriação de Haroldo de Campos e a antropofagia, Marcelo Tápia lembrou que, na relação vampiresca, aquele que é mordido se transforma, ganhando – por meio da morte – a vida eterna; seria o caso, na tradução, do texto original, que se perpetua graças às traduções, que com isso ganham por um instante um status superior ao da obra de que partiram.

texto que *recupera a vida* após uma experiência de (quase) morte,[12] justo o que Jelinek recusa. Seria possível pensar que a *vida* não é aquilo que dá potência ao texto, mas antes aquilo que o submete à opressão do mundo real? A função do tradutor não seria, justamente, interromper em algum ponto (ainda que sua escolha tenha algo de arbitrário) a atividade possivelmente infinita do traduzir, de modo a criar uma obra *tão morta quanto o original*, portanto tão autônoma, tão separada do fluxo do mundo da vida quanto ele? Lembremos, com Berman (2007: 31), como desde São Jerônimo, Cícero e Horácio (e com base nos ainda anteriores São Paulo e Platão), "a tradução não se importa com a letra morta: ela vai, para captá-lo, até ao espírito, ao sentido", reproduzindo assim "o famoso corte entre o 'sensível' e o 'inteligível', o 'corpo' e a 'alma' (...) que se encontra em São Paulo com a oposição entre o 'espírito' que 'vivifica' e a 'letra' que mata". Poderíamos relacionar essa oposição com uma outra proposta por Jelinek, que no teatro valoriza a *superfície* em detrimento da frequentemente almejada *profundidade*, efeito que cria a aparência da vida real (ver seu texto "Quero ser rasa!", na última parte deste volume). Uma tradução *literal*, da letra, como propõe Berman e exigem os textos de Jelinek, será a tradução (daquilo) *que mata*.

Essa atitude *nociva* do escritor, para Jelinek, e do tradutor, para nós, é visível em outra metáfora de que a escritora se vale: a do parasita. Ela definiu os próprios textos como "dramas parasitários", citando e tomando para si a crítica que de que sua literatura se alimentaria do já existente, nomeado por Jelinek de resto ou lixo; a própria autora vê essa metáfora como continuação de uma ideia anterior, a de seus textos como "dramas secundários", dependentes de obras anteriores, canônicas (e de autores homens), nas quais a escrita interviria (ver "Nota sobre o drama secundário" e "O drama parasitário, também neste volume).[13] De certo modo, o parasita parece ser a atualização do vampiro já mencionado, enfatizando contudo a *negatividade* da metáfora – se ainda pode haver beleza e sedução no vampiro, dificilmente o parasitismo trará o mesmo charme. Também podemos compará-lo com a antropofagia: metáfora guerreira, viril, em que o vencedor devora o derrotado, sendo ainda altamente seletivo (só come os bravos), enquanto o parasita come o lixo, os restos, numa devoração "acrítica" (termo que só pode aparecer entre aspas, uma vez que em Jelinek trata-se de procedimento com alta potência de análise e apreciação dos materiais deglutidos). Ao mesmo tempo, o parasitismo confunde toda *hierarquia* nítida: entre parasita e

12. Berman (1995: 108-9) cita o poema *Ein Gleichnis*, em que Goethe compara a tradução a uma flor que, arrancada da terra, volta à vida ao ser colocada em um copo d'água dentro de casa. Vilém Flusser (1962), que enfatiza a morte no processo de tradução, também a considera apenas um passo intermediário: "o que sou eu no curso da tradução? (...) Propriamente dito, já não sou e não sou ainda. Estou aniquilando-me para transfigurar-me. Estamos em face de uma miniatura da imagem da morte, tal qual está sendo ela desenhada pelas nossas religiões. É a morte como transição para o Novo Homem."

13. Barbara Cassin, pensadora do secundário que perturba o primário (ver o segundo capítulo da tese), faz um *Elogio da tradução* em detrimento do original: "a repetição é uma catástrofe da origem e da norma. (...) Sabemos que, se a primeira vez é uma tragédia, a segunda é uma farsa. (...) A sofística é evidentemente parente dessa secundariedade, dessa segunda vez que é a tradução" (Cassin 2016: 51).

hospedeiro, qual é o senhor e qual escravo? Quem, como o vampiro e o antropófago, vence a batalha? Ademais, o parasita assume e se vale de seu pouco tamanho: ele deve ser invisível, passar despercebido, assim como se diz frequentemente sobre os tradutores (algo que muitos recusam veementemente), mas isso é apenas uma estratégia *para te comer melhor*.

O que nos traz à metáfora que a própria autora cria para descrever a tradução em uma entrevista sobre o tema, e que escolhemos como epígrafe: "A tradução se aconchega ao original como o cordeiro ao lobo" (Jelinek 2004). Para a (muito coincidentemente sobrenomeada) Michaela Wolf (2012: 126-7), "o equilíbrio/a balança/o pêndulo [*the balance*] de poder entre original e tradução certamente se torna óbvio" quando Jelinek usa essa imagem. Mas há algo de realmente óbvio? O original é o lobo que ameaça o cordeiro-tradução com uma violência iminente? E essa violência fica paralisada nessa suspensão, nesse suspense, sem se realizar, de modo que o "aconchegar-se" da presa a seu predador possa, afinal, ser bem sucedido? Senão, por que a autora teria criado essa imagem, logo após dizer que "no fundo traduzir é um trabalho fascinante e criativo, pois o produto desse trabalho afinal sempre é um outro que não o original", tornando-se "uma nova obra" (ibid.)? E, em seguida e como explicação a essa metáfora, que "assim como no teatro o diretor é coautor, em uma boa tradução o tradutor também é um coautor" (ibid.)? Como é que, aconchegando-se a ele, o cordeiro pode vencer o lobo? No fim das contas, talvez nenhuma metáfora da tradução possa evitar pintá-la como um excitante enigma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jelinek, Elfriede. *Der Tod und das Mädchen I–V: Prinzessinnendramen.* Reinbeck: Rowohlt, 2002.

_____. " Der Tod und das Mädchen IV: Jackie". Publicado no site da autora em 16 mar. 2002. Disponível em www.elfriedejelinek.com. Acesso em 10 out. 2018.

_____. "Jackie". Trad. Gitta Honegger. Publicado no site da autora em 21 mar. 2013. Disponível em www.elfriedejelinek.com. Acesso em 10 out. 2018.

_____. "Princess plays". Trad. Gitta Honegger. In: *Theater*, vol. 36, nº 3. Durham: Yale School of Drama; Duke University Press, 2006, 38-65.

_____. *Drames de princesses: La Jeune Fille et la Mort*. Trad. Magali Jourdan e Mathilde Sobottke. Paris: L'Arche, 2006.

_____. *La muerte y la doncella I–V: Dramas de princesas*. Trad. Ela Fernández-Palacios. Valencia: Editorial Pre-textos, 2008.

_____. "Dramas de Princesas. A Morte e a Donzela I–V". Trad. Anabela Mendes. Manuscrito não publicado. Lisboa, outubro de 2015.

_____. "A morte e a donzela I–V: Dramas de Princesas". Trad. Alexandre Krug. Manuscrito não publicado. São Paulo, 2016.

_____. *Schatten (Eurydike sagt).* Publicado no site da autora em 2 jun. 2015. Disponível em www.elfriedejelinek.com. Acesso em 10 nov. 2018.

_____. "Übergänge zwischen literarischem »Schreiben« und »Übersetzen«: »Die Übersetzung schmiegt sich an das Original wie das Lamm an den Wolf«", entrevista a Claudia Augustin. In: *Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur* 29(2), 2004, 94-106.

Barbosa, Tereza Virginia Ribeiro, Palma, Anna e Chiarini, Ana Maria (orgs.). *Teatro e tradução de teatro: estudos*, vol 1. Belo Horizonte: Relicário, 2017.

Bastian, André. *Elfriede Jelinek Goes Australia: Indigenising an Austrian Nobel Prize Winner*. Melbourne: Australian Scholarly Publishing, 2017.

Benjamin, Walter. "A tarefa do tradutor". Trad. Susana Kampff Lages. In: *Escritos sobre mito e linguagem.* São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013, 101-119.

Berman, Antoine. *A tradução e a letra, ou O albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras; PGET, 2007.

_____. *L'Epreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin.* Paris: Gallimard, 1995.

Cassin, Barbara. *Éloge de la traduction: compliquer l'universel*. Paris : Fayard, 2016.

Even-Zohar, Itamar. *Papers in historical poetics*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics; Tel Aviv University, 1978. Disponível em: https://m.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1978--Papers%20in%20Historical%20Poetics.pdf. Acesso em 19 nov. 2018.

Flusser, Vilém. "Da tradução (e da morte)". O Estado de São Paulo, "Suplemento Literário", 26 mai. 1962, p. 4. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19620526-26713-nac-0012-lit-4-not. Acesso em 20 nov. 2018.

Kargl, Elisabeth. *Santé! Sporté! Clarté! Traduire Elfriede Jelinek.* Paris: l'unebévue, 2008.

Magalhães, Célia Maria. "Haroldo de Campos e o sujeito da tradução monstruosa". In: *Tradterm* 5(2), 1998, 11-22.

Meschonnic, Henri. *Poética do traduzir.* Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Nord, Christiane. *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained.* Abingdon: Routledge, 2018.

O'Reilly, Kaite. "Plays and translation: Gitta Honegger and Elfriede Jelinek". Postado no blog da autora em 22 jun. 2013. Disponível em: http://kaiteoreilly.wordpress.com/2013/06/22/plays-and-translation-gitta-honegger-and-elfriede-jelinek/. Acesso em 19 out. 2018.

Pavis, Patrice. "Toward specifying theatre translation". In: *Theatre at the crossroads of culture*. Trad. Loren Kruger. Abingdon: Routledge, 1992, 131-154.

Ricoeur, Paul. *Sur la traduction.* Paris: Bayard, 2004.

Tápia, Marcelo. "O eco antropofágico: reflexões sobre a transcriação e a metáfora sanguíneo-canibalesca". In: Tápia, Marcelo e Nóbrega, Thelma Médici (orgs.). *Haroldo de Campos: Transcriação.* São Paulo: Perspectiva, 2013, 205-232.

Törnqvist, Egil. *Transposing Drama: Studies in Representation*. Londres: Macmillan, 1991

Wolf, Michaela. "'The Translation Cuddles up to the Original Like the Sheep to the Wolf": Nobel Prize Winner Elfriede Jelinek as a Translator". In: *TTR: traduction, terminologie, rédaction* 25(2), 2012, 119–141.

Žižek, Slavoj. *Less than nothing: Hegel and the shadow of dialectical materialism*. Londres: Verso, 2012.

DE ESCANTEIO
(Discurso do Nobel)

Será que a escrita é o dom de se achegar, de se aconchegar à realidade? Bem que a gente gostaria de um aconchego, mas aí o que acontece comigo? O que acontece com aqueles que sequer conhecem realmente a realidade? Afinal, ela é um tanto desgrenhada. Não há pente que pudesse alisá-la. Os poetas passam ali e desesperados juntam seus cabelos em um penteado, que de noite logo volta para lhes assombrar a casa. Agora tem alguma coisa errada com a aparência. O cabelo bem empilhado já pode ser expulso novamente da sua casa dos sonhos, mas de todo modo não se deixa mais domar. Ou volta a se desmontar e agora pende como uma cortina diante do rosto, mal tendo acabado de finalmente ser contido. Ou fica todo arrepiado de terror diante daquilo que acontece o tempo todo. Ele simplesmente não se deixa arrumar. Ele não quer. Não importa quantas vezes passem ali o pente com aqueles dois ou três dentes quebrados – ele simplesmente não quer. Agora tem alguma coisa ainda mais errada. O escrito, que trata do acontecido, escorre pelos dedos como o tempo, e não só o tempo de ele ser escrito, durante o qual não se viveu. Se não se viveu, ninguém deixou passar nada. Nem os vivos e nem os tempos mortos, e muito menos os mortos. O tempo, enquanto você ainda escrevia, se infiltrou nas obras de outros poetas. Como ele é o tempo, consegue fazer tudo ao mesmo tempo: se infiltrar no próprio trabalho e simultaneamente no dos outros, passar pelos penteados embaraçados dos outros como um vento fresco, ainda que sejam maus ventos, erguendo-se de repente e inesperadamente de lá da realidade. Uma vez que uma coisa se levantou, talvez não volte a se deitar tão rápido. O vento furioso sopra e carrega tudo consigo. E ele arranca tudo para carregar tanto faz para onde, mas nunca mais de volta para essa realidade que deve ser retratada. Para todos os lados, menos para lá. A realidade é aquilo que vai debaixo dos cabelos, debaixo das saias e simplesmente: leva tudo para outro lugar. Como é que o poeta vai conhecer a realidade, se ela é isso que vai até ele e dentro dele e o arranca dali, e o joga sempre para escanteio. De lá por um lado ele vê melhor, por outro lado não consegue ficar ele mesmo no caminho da realidade. Ali ele não tem lugar. Seu lugar é sempre fora. Só aquilo que ele diz de fora para dentro pode ser acolhido, afinal ele diz dubiedades. E aí também já há dois adequados, dois corretos, que insistem que nada ocorra, dois que o entendem em sentidos diferentes, se estendem até o fundamento impróprio, que faz muito que se quebrou como os dentes do pente. Ou isso ou aquilo. Verdadeiro ou falso. Isso tinha mesmo que acontecer mais cedo ou mais tarde, já que o chão era mesmo totalmente impróprio como fundação para construir. Também como é que se haveria de conseguir construir em um buraco sem fundo? Mas o impróprio que entra no campo de visão sempre serve para os poetas, apesar de tudo, para alguma coisa, que no entanto eles também poderiam deixar para lá. Eles poderiam deixar a coisa estar, e deixam. Eles não a matam. Eles só olham para ela com seus olhos opacos, mas nem através desses olhos opacos ela se torna uma coisa qualquer. O olhar acerta na mosca. Aquilo que o olhar acerta ainda diz, enquanto afunda, embora mal tenha sido olhado, embora ainda nem tenha sido exposto ao olhar público, o que foi acertado nunca diz que também poderia ter sido outra coisa, antes de ter sido vítima dessa descrição. Isso quer dizer exatamente aquilo que teria sido melhor permanecer não dito (porque poderia ter sido dito melhor?), o que sempre teve que permanecer incerto e infundado. Muitos já afundaram aí até a barriga. É uma areia movediça, mas não move nada. É infundado, mas não sem fundo. É um qualquer, mas o qual ninguém quer.

O lado de fora serve à vida, que não tem lugar exatamente ali, senão não estaríamos nós todos no meio, plenamente, em plena vida humana, e serve à observação da vida, que sempre tem lugar em outro lugar. Lá onde não se está. Por que xingar alguém só por não conseguir voltar a encontrar o caminho da viagem, da vida, da viagem da vida, se ela o levou – e esse levar não é nenhum se enlevar por outro alguém, mas também não é um relevar – simplesmente levou, por acaso, como a poeira nos

sapatos, perseguida implacavelmente pela dona de casa, mesmo que menos implacável do que a perseguição do estrangeiro pelo nativo. Que tipo de poeira é essa? É radioativa ou em si mesma ativa, assim simplesmente, estou perguntando só porque ela deixa esse estranho rastro luminoso no caminho? Isso aí, que corre aí ao lado e nunca mais se reconcilia com o escrevente, é o caminho, ou é o escrevente aquele que corre ao lado, de escanteio? Ele ainda não se destaca, mas já está destacado do mundo desde sempre. De lá ele vê aqueles que são distintos dele, mas também entre si, em sua variedade, para representá-los invariavelmente, para transformá-los em forma, pois a forma é o mais importante, de lá enfim ele os vê melhor. Mas isso também é registrado contra ele, então são rastros de giz e não partículas fluorescentes que marcam o caminho da escrita? De todo modo é um marcar que ao mesmo tempo mostra e volta a encobrir, e com cuidado apaga o rastro, que ele mesmo tinha lançado, logo depois. Nem se esteve ali. Mas de todo modo sabe-se o que se passa. Foi dito do alto de uma tela, de rostos ensanguentados contorcidos de dor, de bocas risonhas maquiadas, antes rebocadas especialmente para a maquiagem, ou de outras, que responderam corretamente uma pergunta no quiz, ou pessoas naturalmente desbocadas, mulheres que não podem fazer nada a respeito e nada a despeito, que se levantaram e vestiram uma blusa para segurar no enquadramento da câmera seus peitos recém endurecidos, que antes eram de aço e dos homens. Some-se a isso uma enorme quantidade de gargantas, das quais sai um canto como um mau-hálito, só que mais intenso. Isso é o que poderia ser visto no caminho, caso ainda se estivesse nele. Não se está mais no caminho do caminho. Talvez ainda se possa vê-lo de longe, onde se fica sozinho, e de bom grado, pois quer-se ver o caminho mas não caminhá-lo. Essa vereda agora emitiu algum ruído? Ele quer chamar a atenção para si com ruídos também, não só com fulgores, de fulanos gritantes, fulgores gritantes? O caminho, que não se pode caminhar, tem medo de não ser sequer comentado, sendo que afinal tantos pecados são cometidos, tortura, crime, roubo, coerção grave, gravidade coerente com a produção de destinos mundiais significativos? Para o caminho tanto faz. Ele aguenta tudo, firme, mesmo que infundado. Sem fundo. A fundo perdido. Meus cabelos, como já foi dito, se arrepiam, e não tenho comigo gel firmador que pudesse forçá-los a voltar a baixar. Também em mim nenhuma firmeza. Nem comigo, nem em mim. Quando se está de escanteio, é preciso estar sempre preparado para pular mais um tanto e mais um tanto para o lado, no nada, que fica logo ao lado do escanteio. E o escanteio trouxe também a linha de impedimento, ela está preparada a todo momento, ela se abre, para te aliciar ainda mais. Essa aliciada é uma cilada. Por favor, eu não gostaria de perder de vista agora o caminho no qual estou. Eu gostaria é de descrevê-lo direitinho e sobretudo correta e exatamente. Se eu olho para ele, ele também devia oferecer algo. Mas esse caminho não me poupa nada. Não me deixa nada. Então o que me sobra? Também estar a caminho me é bloqueado, mal consigo sair do lugar. Não saindo, eu saí do jogo. E lá também eu gostaria, por segurança, de ser protegida das minhas próprias inseguranças, mas também da insegurança do chão onde piso. Ela corre ao meu lado, minha linguagem, por segurança, não só para me resguardar, e controla se eu também estou fazendo certo, se também estou fazendo errado certo, isso de descrever a realidade, pois ela tem sempre que ser descrita errado, não tem outro jeito, mas tão errado que qualquer um que a leia ou ouça perceba imediatamente o que está errado nela. Ela está mentindo! E essa cadela linguagem, que deve me proteger, afinal é para isso que eu tenho cachorro, agora ela vem atrás de mim. Minha proteção quer me morder. Minha própria proteção contra ser descrita, a linguagem, que, pelo contrário, está aí para descrever alguma outra coisa que não eu – para isso é que eu gasto tanto papel –, minha própria proteção me contraria e se volta contra mim então. Talvez afinal eu só a tenha para que ela, à medida que finge me proteger, se atire sobre mim. Porque na escrita eu busquei proteção, esse estar a caminho, a linguagem, que no movimento, no falar, me pareceu ser um abrigo seguro, se volta contra mim. Não admira. Eu desconfiei dela desde o princípio. Que raio de camuflagem é essa, que ainda por cima existe para nos tornar não invisíveis, mas cada vez mais legíveis?

Às vezes por engano a linguagem vai parar no caminho, mas do caminho ela não sai. Não é um processo voluntário, isso de dizer com a linguagem, é um que é involuntariamente voluntário, quer queira quer não. Bom para ela, eu é que não sei, e eu não sei os nomes. O falatório, o falar de modo geral,

agora fala mais para lá, pois é sempre um falar mais, sem começo nem fim, mas não é um dizer. Então ele fala para lá, onde sempre pousam os outros, porque eles não querem repousar, eles estão muito ocupados. Para lá só eles. Eu não. Só a linguagem, que às vezes se distancia de mim, em direção às pessoas, não as outras pessoas, mas as reais, de verdade, se distanciam no bom caminho, bem sinalizado (quem é que ainda pode se perder aqui?), seguindo todos os seus movimentos como uma câmera, para que pelo menos ela, a linguagem, fique sabendo como e o que é a vida, pois então ela não é exatamente isso, e tudo isso depois ainda tem que ser descrito naquilo que ela justamente não é. Vamos falar sobre isso, sobre o fato de que deveríamos voltar para uma consulta preventiva. Mas de repente falamos, de uma só vez, com todo o rigor, como alguém que tivesse a escolha de também não falar. O que quer que aconteça, só a linguagem se afasta de mim, eu mesma, eu permaneço afastada. A linguagem vai. Eu fiquei, mas fora. Não lá fora. E a linguagem já tinha me dado um fora.

Não, ela ainda está aí. Por acaso ela estava aí o tempo todo, será que ela inferiu quem lhe seria inferior? Agora ela me notou aqui e imediatamente se atirou sobre mim, essa linguagem. Ela ousa adotar essa postura tirânica contra mim, ela levanta a mão contra mim, ela não gosta de mim. Ela bem que ia gostar das pessoas bacaninhas no caminho, ao lado das quais ela corre como a cadela que ela é, que finge obediência. Na realidade ela é desobediente não só comigo, também com todos os outros. Ela é por si. Ela grita pela noite, pois esqueceram de acender umas luzes ao lado dessa vereda, alimentadas somente pelo sol sem precisar de mais energia da tomada, para que o caminho mereça o nome de caminho. Ele tem tantos nomes que não se acabaria de chamar caso se tentasse. Eu grito para lá, aqui de fora, pisando por sobre os túmulos dos que se foram, pois uma vez que já estou correndo ao lado não dá para ainda por cima prestar atenção onde estou pisando, quem estou pisoteando, só gostaria de chegar lá de qualquer jeito, onde minha linguagem já está e de onde sorri para mim sarcasticamente. Ela bem sabe que, se alguma vez eu tentasse viver, ela já ia logo cortar minhas asinhas. Ela primeiro ia cortar minhas asinhas, e depois ainda jogar sal. Pois bem. Então eu também jogo sal no caminho dos outros, eu o jogo lá para que o gelo deles derreta, sal grosso, para que a linguagem perca seu chão firme. Mas já faz tempo que ela não tem fundo. Um descaramento infindo da parte dela. Se eu já não me encontro sobre chão firme, minha linguagem também não deve poder. Bem feito! Por que é que ela não ficou comigo, de escanteio, por que é que ela se separou de mim? Ela queria ver mais do que eu? No caminho principal para lá, onde há mais gente, sobretudo gente mais agradável, que conversam bonitinho uns com os outros? Ela queria saber mais do que eu? É verdade que ela sempre soube mais do que eu, mas ela sempre tem que ser ainda mais. Devorando-se a si mesma ela ainda vai acabar se matando, minha linguagem. Ela vai se empanturrar de realidade. Bem feito! Eu cuspi ela fora, mas ela mesma não cospe nada fora, ela não desperdiça comida. Minha linguagem chama por mim aqui de escanteio, ela gosta de chamar para o escanteio, não tem que mirar tão bem, e ela nem precisa também, pois ela acerta o alvo à medida que não diz qualquer coisa, mas fala com o "rigor de deixar estar", como diz Heidegger sobre Trakl. Ela faz uma chamada para mim, a linguagem, hoje qualquer um pode fazer isso, pois tem a linguagem sempre consigo em um aparelhinho para que possa falar, para que é que se aprendeu?, então ela me chama lá onde ora me encontro e grito e esperneio, mas não, não está certo, não é minha linguagem que chama, ela também se foi, minha linguagem ficou longe de mim, por isso ela tem que ligar, ela grita no meu ouvido, tanto faz de qual aparelho, um computador ou um celular, uma cabine telefônica, de lá ela berra no meu ouvido, que não faz sentido declarar nada, ela já faz isso sozinha, eu devo simplesmente dizer o que ela me dita; pois teria ainda menos sentido desabafar com uma pessoa querida, que te cai bem e em quem você pode confiar, porque ela caiu e não pode voltar a se levantar tão rápido para te perseguir e, sim, conversar um pouco. Não faz nenhum sentido. O dizer da minha linguagem mais para lá no belo caminho (eu sei, ele é mais belo que o meu, que na verdade sequer é um caminho, se bem que não o vejo bem, mas bem sei que também eu gostaria de estar lá), enfim o dizer da minha linguagem, à medida que se separou de mim, tornou-se imediatamente um pronunciar-se. Não, não um desabafar com alguém. Um declarar. Ela ouve a si mesma se pronunciar, a minha linguagem, ela corrige a si mesma, pois a pronúncia a todo momento e sempre pode ser melhorada; sim, ela

sempre pode ser melhorada, inclusive é exclusivamente para isso que ela existe, ser melhorada e então encontrar um novo acordo linguístico, mas também esse só para poder logo voltar a derrubar os acordos. E esse então será a nova pista para a salvação, quer dizer, solução, é claro. Não uma pista falsa. Por favor, querida linguagem, você não quer antes pelo menos uma única vez escutar? Para você aprender alguma coisa, para que você finalmente aprenda as regras de pronúncia... O que é que você tanto grita e resmunga aí do seu canto? Você está fazendo isso, linguagem, para que eu volte a te tomar no meu favor? Eu pensava que você não queria mais voltar para mim de jeito nenhum! Você não deu a entender com nenhum único sinal que você queria voltar para mim, e também não teria sentido, eu não teria entendido os sinais. Você só se tornou linguagem para partir daqui e assim me assegurar a minha parte? Mas nada está seguro. E menos ainda da sua parte, se eu bem te conheço. Eu nem mesmo te reconheço mais. Você quer voltar para mim voluntariamente? Eu não te recebo mais, o que é que você diz agora? Quem partiu partiu. Partir não faz parte. Então se o meu isolamento, se a minha falta constante, meu estar sempre de escanteio viessem pessoalmente buscar de volta a linguagem, para que ela, bem abrigada comigo, finalmente em casa, chegasse a um belo som, que ela pudesse emitir, isso só aconteceria para que ela, com esse som, esse zumbido, esse ganido perfurante de uma sirene que corre pelo ar, me enxotasse ainda mais para escanteio. Com o coice dessa linguagem, que eu mesma criei e que correu de mim (ou eu a criei para esse fim? Para que ela logo corra de mim, pois eu mesma não consegui correr a tempo de mim mesma?), eu sou escorraçada cada vez mais para longe nesse espaço lateral. Minha linguagem já chafurda gostosamente no seu lamaçal, o pequeno túmulo provisório no caminho, e ela olha lá para cima para o túmulo nos ares, ela se contorce de costas, um animal manso que gostaria que as pessoas gostassem dele como toda linguagem correta, ela chafurda, estica as pernas, provavelmente para se deixar acariciar, por que mais seria. Ela é viciada em carinho. Isso a impede de procurar os mortos, para os quais eu por minha vez tenho que olhar, então é claro que sobra para mim. Por isso eu não tive tempo de refrear minha linguagem, que agora se espreguiça sem vergonha sob as mãos dos acariciadores. Há simplesmente mortos demais para os quais eu tenho que olhar, esse é um termo técnico austríaco para: dos quais eu tenho que me ocupar, que eu tenho que tratar bem, mas somos mesmo famosos por isso, por sempre tratarmos todos bem. O mundo já olha para nós, não se preocupem. Não temos que cuidar nós mesmos disso. Mas quanto mais nítida essa exigência de olhar para eles, os mortos, ressoa em mim, tanto menos eu consigo prestar atenção nas minhas palavras. Tenho que olhar para os mortos, enquanto isso os transeuntes acariciam e afagam a querida boa linguagem, o que não faz com que os mortos fiquem mais vivos. Ninguém tem culpa. Eu também, desgrenhada como eu sou e meu cabelo é, não tenho culpa se os mortos permanecem mortos. Eu quero que a linguagem lá do lado dela enfim pare de se fazer escrava nas mãos de estranhos, mesmo que eles lhe façam tão bem, eu quero que ela comece não precisando impor demandas, mas tornando-se ela mesma uma demanda, de finalmente se impor, não de afagos, mas uma demanda de voltar para mim, pois a linguagem sempre tem de se impor, acontece que ela muitas vezes não sabe disso e não me ouve. Ela tem que se impor, pois as pessoas que querem adotá-la, no lugar de uma criança, afinal ela é tão querida, se as pessoas por sua vez também a querem, as pessoas enfim jamais se impõem, elas decidem, mas não se impõem, muitas delas até destruíram, destroçaram, queimaram, sua convocação oficial para socializar, junto com a bandeira, então. Quanto mais gente responde a essa exigência da minha linguagem, de coçar sua barriga, de dar uma desgrenhada, de aceitar carinhosamente sua confiança, tanto mais longe eu me afasto tropeçando, eu perdi definitivamente a minha linguagem para aqueles que a tratam melhor, eu já estou quase voando, onde é que estava ainda agorinha esse caminho de que eu preciso para me mandar? Como é que eu chego onde para quê? Como eu chego no lugar onde possa desempacotar meus instrumentos, mas na realidade logo empacotá-los novamente? Do lado de lá alguma coisa brilha clara entre os galhos, será aquele o lugar onde minha linguagem vai primeiro bajular os outros, os aninhar em segurança, só para finalmente ser ela mesma carinhosamente aninhada por sua vez? Ou ela já está querendo morder de novo? Ela sempre só quer morder, é só que os outros não sabem disso, mas eu a conheço bem, ela já esteve comigo muito tempo. Antes, em primeiro lugar, são carícias e festinhas

para esse animal aparentemente domesticado, que de todo modo todos já têm em suas próprias casas, por que então deveriam trazer um estranho para casa? Por que essa linguagem deveria ser diferente daquilo que já conhecem? E se ela fosse diferente, então talvez fosse perigoso levá-la consigo. Talvez ela não se dê com aqueles que já a têm. Quanto mais estranhos amigáveis que sabem viver, mas por isso mesmo estão longe de saber o que é a vida, uma vez que perseguem suas intenções carinhosas, pois sempre têm que perseguir alguma coisa, tanto mais minha visão falha em vislumbrar o caminho de volta para a linguagem. Miles and more. Quem deveria vislumbrar alguma coisa, se não a visão? A fala ainda quer assumir a visão também? Ela quer falar antes de ter visto? Ela se espreguiça aí, é acarinhada por mãos, afagada por ventos, acariciada por tempestades, atacada pela escuta, até nem escutar mais. Pois bem, então: escutem todos! Quem não quiser ouvir tem que falar sem poder ser ouvido. Quase todos não podem ser ouvidos, embora falem. Eu posso, mas não possuo minha linguagem, mal consigo vê-la mais. Muitas coisas são ditas sobre ela. Então ela mesma não tem que dizer muito, que bom também. Ela é ouvida falando lentamente, enquanto em algum lugar um botão vermelho é apertado, que dispara uma explosão terrível. Só resta dizer: Pai nosso que estás. Com isso ela não pode estar querendo falar de mim, embora eu seja afinal pai, digo: mãe da minha linguagem. Eu sou o pai da minha língua materna. A língua materna já estava aí desde o começo, ela estava em mim, mas não havia nenhum pai aí que fosse apropriado. Minha linguagem muitas vezes foi imprópria, isso me foi dado a entender nitidamente, mas eu não quis entender. Culpa minha. O pai, junto com a língua materna, abandonou essa família nuclear. Certo está ele. Eu no lugar dele também não teria ficado. Minha língua materna agora foi atrás do pai, ela se foi. Ela está, como já se disse, do lado de lá. Ela escuta as pessoas no caminho. No caminho do pai, que partiu cedo demais. Agora ela sabe algo que você não sabe, que ele não sabia. Mas quanto mais ela sabe, tanto menos ela diz. Naturalmente ela está constantemente dizendo alguma coisa, mas ela não diz nada. E o retiro já se retira. Não é mais necessário. Ninguém vê que eu ainda estou lá dentro, retirada. Não há reparação para mim. Podem até reparar em mim, mas sem reparação. Como eu consigo que todas essas palavras digam algo de mim, algo que pudesse nos dizer algo? Não falando. Eu nem posso mais falar, minha linguagem infelizmente não está em casa no momento. Do lado de lá ela diz outra coisa, que eu também não encomendei para ela, mas meu comando para ela foi esquecido por ela desde o início. Ela não me diz, embora seja minha. Para mim a minha linguagem não diz nada, então como é que ela vai dizer algo para os outros? Mas ela também não deixa de dizer, isso vocês têm que admitir! Ela diz tanto mais quanto mais longe de mim, sim, só então ela se atreve a dizer algo que ela mesma quer dizer, então ela se atreve a não me obedecer, a me contrariar. Quando a gente olha, a gente se distancia do objeto, quanto mais tempo olhar para ele. Quando a gente fala, volta a apanhá-lo, mas não é possível ficar com ele. Ele se desprende e se apressa atrás das próprias nomeações, das muitas palavras que eu criei e que eu perdi. Já trocamos palavras suficientes, a taxa de câmbio é sinistramente baixa, e então ela é só: sinistra. Eu digo algo, e então já foi esquecido desde o começo. Ela aspirou a isso, ela queria se afastar de mim. O indizível é dito todo dia, mas aquilo que eu digo, ah, isso não deve poder ser dito. Maldade do dito. Mau dito! Nem mesmo a mim o dito quer pertencer. Ele quer ser feito, para que se possa dizer: dito e feito! Eu já me daria por satisfeita se ela negasse estar sob meu domínio, a minha linguagem, mas de todo modo eu devo dominá-la, sim. Como é que posso conseguir que ela cole em mim pelo menos um pouquinho? Afinal nada fica colado nos outros, então eu me ofereço a ela. Volta! Volte, por favor! Mas não. Do lado de lá, na trilha, ela ouve segredos que eu não devo saber, a minha linguagem, e ela os espalha, esses segredos, para os outros, que não querem ouvir. Eu bem que gostaria, seria meu direito, sim, também me serviria direitinho, por mim, mas ela não se endireita, não fica quieta, não fala comigo, também não. Ela está no vazio, que se destaca e se diferencia de mim justamente à medida que muitos se encontram lá. O vazio é o caminho. Eu estou até mesmo no escanteio do vazio. Eu abandonei o caminho. Eu sempre só falo. Muito foi falado sobre mim, mas é mentira quase tudo. Eu mesma só repeti e afirmo: essa agora é a fala verdadeira. Como se fala – não tem falha! Fazia tempo que não se falava tanto. Mal dá para acompanhar com a escuta, embora seja preciso escutar para poder fazer algo. Mas desse ponto de vista, que na realidade é desviar o olhar, também

desviar o olhar de mim mesma, não é possível falar nada sobre mim, não há nada, não dá nada. Eu sempre só sigo a vida com os olhos, minha linguagem me dá as costas para poder oferecer a barriga para o carinho de estranhos, sem vergonha, para mim ela dá as costas, isso quando dá alguma coisa. O mais das vezes ela não me dá nenhum sinal e também não diz nada. Às vezes eu nem a vejo mais do lado de lá absolutamente, e agora eu sequer posso dizer "como eu já disse", pois é bem verdade que eu já disse isso muitas vezes, mas agora não posso mais dizer, faltam-me as palavras. Às vezes eu vejo suas costas ou as solas dos seus pés, com as quais elas não conseguem andar direito, as palavras, mas mais rápido que eu já há muito e sempre ainda. O que é que eu estou fazendo aqui? Por isso que ela se pôs a uma certa distância de mim, a querida linguagem? Então naturalmente ela sempre vai ser mais rápida que eu, pulando e correndo de mim, quando eu vier do meu posto de escanteio para pegá-la. Eu não sei por que é que deveria pegá-la. Para que ela não me pegue? Talvez ela saiba, ela que correu de mim? Ela que não me segue? Que agora segue o olhar e o dizer dos outros, e realmente não pode estar confundindo-os comigo. Eles são de outro jeito, porque eles são os outros. Por nenhum outro motivo além de que são os outros. Isso já basta para minha linguagem. O importante é que eu não faço isso: falar. Os outros, sempre os outros, para que não seja eu a possuí-la, a doce linguagem. Eu também ia gostar tanto de lhe fazer carinho, como os outros lá, se eu apenas pudesse apanhá-la. Mas afinal ela está do lado de lá para que eu não possa apanhá-la.

Quando é que ela vai escapulir silenciosa? Quando ela vai escapulir um pouco, para que haja silêncio? Quanto mais a linguagem escapa do lado de lá, tanto mais alto ela é ouvida. Ela está na boca do povo, só na minha boca é que não está. Eu estou obnubilada. Eu não estou impotente, mas estou obnubilada. Eu estou com a visão nublada de tanto seguir com os olhos a minha linguagem como um farol no mar, para iluminar o caminho de alguém para casa e por isso foi ele mesmo iluminado, e que girando sempre desvela uma coisa diferente da escuridão, mas que de todo modo está aí, quer se a ilumine ou não, é um farol que não ajuda ninguém, mesmo se se deseja isso assim tanto, para não ter que morrer na água. Quanto mais nitidamente eu tento distingui-la, tanto mais teimosa ela não se extingue, a linguagem. Eu agora apago mecanicamente essa chama de linguagem, eu deixo em fogo baixo, mas quanto mais eu tento me impor sobre ela, um abafador com um cabo longo, com o qual na minha infância se apagava as velas na igreja, quanto mais eu busco abafar essa chama, tanto mais fôlego ela parece ter. Tanto mais alto ela grita, se contorcendo sob milhares de mãos que lhe fazem tão bem, o que infelizmente eu jamais fiz, eu mesma já não sei o que me faria bem, então agora ela grita para que possa ficar longe de mim. Ela grita para os outros, para que eles se juntem ao coro e gritem como ela, para que fique mais alto. Ela grita que eu não devo chegar perto demais dela. Ninguém absolutamente deve chegar perto demais de outro alguém. E o que é dito também não deve chegar perto demais daquilo que se quer dizer. Não se deve pisar perto demais da própria linguagem, isso é uma afronta, ela é perfeitamente capaz de falar algo por conta própria, berrando alto para que não se perceba que aquilo que ela diz lhe foi ditado previamente. Ela até me faz promessas, para que eu fique longe dela. Ela me promete tudo, se eu apenas não chegar perto. Milhões podem chegar perto dela, só eu que não! E no entanto ela é minha! O que é que vocês acham disso? Eu sequer posso lhes dizer o que eu acho disso. Essa linguagem bem que esqueceu seu começo, de outro modo eu não consigo explicar. Outrora ela começou comigo, desse tamanhinho. Não, como ela ficou grande, nem te digo! Assim eu nem a reconheço. Eu a conheci quando ela ainda era pequena assiiim. Quando ela era tão silenciosa, quando a linguagem ainda era minha filha. Agora ela de repente se tornou gigantesca. Isso não é mais a minha criança. A criança não se tornou adulta, mas sim grande, ela não sabe que ainda depende de mim, mas independente disso ela despertou. Ela está tão desperta que sobrepuja a si mesma com seu grito, e também qualquer outro que grite mais alto do que ela. Então ela progride até alturas inacreditáveis. Acreditem em mim, vocês realmente não querem ouvir isso! Eu não tenho orgulho dessa criança, acreditem nisso também, por favor! No começo eu queria que ela continuasse branda como outrora, quando ela ainda era infante, sem fala. Mesmo agora eu não quero que ela saia varrendo algo como uma tempestade que leva os outros a berrar ainda mais alto e levantar os braços e arremessar objetos duros, que a minha linguagem não consegue mais sacar nem pegar, afinal ela, também por culpa minha,

sempre foi tão pouco atlética. Ela não pega. Ela bem que arremessa, mas pegar ela não pode. Eu sou pega por ela, fico presa, mesmo quando ela está longe. Eu sou prisioneira da minha linguagem, que é minha guarda penitenciária. Engraçado – ela nem presta atenção em mim! É porque ela confia tanto assim em mim? É porque ela confia tanto que eu não sairei correndo, por isso ela acredita que ela mesma pode fugir de mim? Aí vem alguém que já morreu e que fala comigo, embora isso não estivesse previsto para essa pessoa. Ela pode fazer isso, muitos mortos agora falam com suas vozes afogadas, agora eles se atrevem a fazer isso, porque a minha própria linguagem não presta atenção em mim. Porque ela sabe que não é necessário. Se ela gosta de correr de mim também, eu não me perco dela. Eu estou perto dela, mas mesmo assim ela se perdeu de mim. Mas eu fico. Mas o que fica, não são os poetas que põem isso aí. O que fica se foi. A decolagem foi interrompida. Não chegou nada nem ninguém. E se chegou, contra toda razão, alguma coisa que não veio, mas gostaria de ficar um pouquinho, então por isso aquilo que fica, o mais fugaz, a linguagem, desapareceu. Ela respondeu a um novo anúncio de emprego. O que deve ficar sempre se vai. De todo modo não está aí. O que é que nos resta então.

O QUE ACONTECEU DEPOIS QUE NORA DEIXOU SEU MARIDO
ou Pilares das Sociedades

A peça se passa nos anos vinte. Mas também se pode indicar nos figurinos um pouco dos saltos temporais ocorridos, sobretudo o futuro antecipado.

Nora de todo modo tem de ser representada por uma atriz com treinamento acrobático, e que saiba dançar também. Ela tem que conseguir fazer os exercícios de ginástica citados, mas nesse sentido tanto faz se ficar "profissional" ou não, também pode parecer um pouco desajeitado o que ela faz, sem problemas.

Eva tem sempre de parecer um pouco desesperada e cínica.

PERSONAGENS

NORA HELMER	UM SENHOR
CHEFE DE PESSOAL	SECRETÁRIO
TRABALHADORAS	MINISTRO
EVA	ANNEMARIE
CONTRAMESTRE	TORVALD HELMER
SECRETÁRIA	SRA. LINDE
CÔNSUL WEYGANG	KROGSTAD

1

Escritório do Chefe de pessoal. O chefe de pessoal está sentado à mesa, Nora circula de modo um pouco leviano, toca em tudo, ora se senta um pouco, ora pula de repente e anda por aí. Seu comportamento está em contradição com seu vestido bastante degradado.

NORA: Eu não sou nenhuma mulher abandonada por seu marido, mas uma que o deixou por conta própria, o que é mais raro. Eu sou a Nora da peça do Ibsen. No momento gostaria de fugir de um estado de espírito confuso valendo-me de uma ocupação.

CHEFE DE PESSOAL: Na minha posição você pode observar que uma ocupação não é uma fuga, mas um compromisso de vida.

NORA: Mas não quero comprometer minha vida! Eu busco realização pessoal.

CHEFE DE PESSOAL: Tem prática em algum ofício?

NORA: Eu pratiquei o cuidado e a criação de velhos, fracos, débeis, doentes, bem como de crianças.

CHEFE DE PESSOAL: Mas aqui não temos nenhum velho, fraco, débil, doente ou criança. Temos máquinas. Diante de uma máquina a pessoa precisa se tornar um nada, só então pode voltar a ser um algo. Eu de todo modo escolhi desde o começo o caminho mais trabalhoso em direção a uma carreira.

NORA: Quero me afastar da minha imagem de cuidadora, essa pequena teimosia está firme dentro de mim. Como é bonita essa cortina se afastando das paredes que parecem tão sombrias e empresariais! Que também as coisas inanimadas possuam uma alma é algo que só reconheço agora que me libertei do casamento.

CHEFE DE PESSOAL: Empregadores e líderes sindicais devem proteger e incentivar o livre desenvolvimento da personalidade dos empregados da fábrica. Tem referências?

NORA: Meu marido com certeza teria passado minha referência como boa dona de casa e mãe, mas isso eu estraguei para mim nos últimos segundos.

CHEFE DE PESSOAL: Nós aqui exigimos referências de estranhos. Você não conhece nenhum estranho?

NORA: Não. Meu esposo me queria doméstica e fechada, pois a mulher nunca deve olhar para os lados, mas a maior parte do tempo para dentro de si ou para o homem.

CHEFE DE PESSOAL: Não era um superior oficial, o que eu por exemplo sou.

NORA: Mas era sim um superior! Em um banco. Eu aconselho ao senhor não se deixar, como ele, endurecer por sua posição.

CHEFE DE PESSOAL: A solidão que reside em cima, no topo, traz sempre endurecimento. Por que se mandou?

NORA: Eu queria me desenvolver, no local de trabalho, de objeto a sujeito. Talvez além disso ainda possa trazer para esta fábrica sombria um raio de luz na forma da minha pessoa.

CHEFE DE PESSOAL: Nossos espaços são claros e bem arejados.

NORA: Eu gostaria de manter em consideração elevada a dignidade humana e o direito fundamental ao livre desenvolvimento da personalidade.

CHEFE DE PESSOAL: A senhora não pode manter nada elevado, precisa das mãos para algo mais importante.

NORA: O mais importante é me tornar uma pessoa.

CHEFE DE PESSOAL: Aqui empregamos exclusivamente pessoas; algumas o são mais, outras menos.

NORA: Tive primeiro que deixar meu lar, para me tornar tal pessoa.

CHEFE DE PESSOAL: Muitas de nossas empregadas mulheres correriam quilômetros para achar um lar. Para que a senhora precisa de um local estranho?

NORA: Porque já conhecia minha própria localização.

CHEFE DE PESSOAL: A senhora sabe datilografar?

NORA: Sei fazer trabalho de escritório, bordar, tricotar, costurar.

CHEFE DE PESSOAL: Para quem a senhora trabalhou? Nome da empresa, endereço, telefone.

NORA: Privado.

CHEFE DE PESSOAL: Privado não é público. Primeiro a senhora tem que se tornar pública, então poderá demolir sua posição de objeto.

NORA: Creio me adequar especialmente para tarefas extraordinárias. O ordinário sempre desprezei.

CHEFE DE PESSOAL: O que te faz acreditar que é predestinada para tal extraordinário?

NORA: Porque eu sou uma mulher em que procedem processos biológicos complicados.

CHEFE DE PESSOAL: Então quais as suas qualificações para o campo que a senhora chama de extraordinário?

NORA: Tenho uma essência afetuosa e artisticamente dotada.

CHEFE DE PESSOAL: Então deve se engajar em outro casamento.

NORA: Minha essência é afetuosa e rebelde, não sou uma personagem simples, tenho muitas camadas.

CHEFE DE PESSOAL: Então não deveria se engajar em nenhum outro casamento.

NORA: Eu ainda procuro por mim mesma.

CHEFE DE PESSOAL: No trabalho fabril todos encontram a si mesmos, cedo ou tarde, um aqui, outro lá. Por sorte *eu* não tenho que trabalhar na fábrica.

NORA: Creio que meu cérebro ainda se arrepia porque para o trabalho na máquina mal vai ser usado.

CHEFE DE PESSOAL: Do seu cérebro não precisamos.

NORA: Uma vez que ele ficou sem uso durante meu casamento, agora na verdade eu queria...

CHEFE DE PESSOAL *interrompe*: Seus pulmões e olhos estão saudáveis? Tem dores de dente? Enjoa fácil?

NORA: Não. Ao meu corpo eu me atentei.

CHEFE DE PESSOAL: Então já pode começar. Tem mais qualificações que não lhe ocorreram antes?

NORA: Faz muitos dias que eu não como nada.

CHEFE DE PESSOAL: Que extraordinário!

NORA: Quero agora fazer primeiro o ordinário, mas é apenas uma solução provisória até poder empreender o extraordinário.

2

Fábrica, linha de produção, trabalhadoras e Eva e Nora trabalhando.

TRABALHADORA: Você tem filhos?

NORA: Sim. E tudo no meu sangue grita por eles. Isso é o sangue em mim. Mas meu cérebro diz não, pois primeiro venho eu, ainda antes dos meus filhos.

TRABALHADORA: Para nós, mulheres, o trabalho com as pessoas, ou também o trabalho têxtil, de fato circula no sangue, sem parar. Só temos que deixar esse sangue escorrer para fora de nós.

EVA: Além do mais, a anemia é uma doença ocupacional bem popular aqui.

TRABALHADORA: Quando se percorre por oito anos o caminho para um mesmo local de trabalho, quase todo rosto é conhecido. Às vezes também escuto um pouco as outras caminhantes e me alegro quando,

além de muitas futilidades, se fala de união e dos interesses dos trabalhadores.

TRABALHADORA: Depois de vinte minutos, entro pela porta e pego meu segundo eu, aquele que pertence ao patrão, o cartão de ponto.

TRABALHADORA: Às seis e meia, a máquina que é meu campo de atividade começa.

EVA: Às sete paro e não sou mais absolutamente nada.

TRABALHADORA: Durante o trabalho, nossos pensamentos divagam para nossos maridos e filhos, que são a parte mais genuína de nós.

EVA: A máquina é a parte falsa.

NORA: Então é preciso simplesmente deixar estar e ir em busca de seu talento e seu propósito mais próprios, que podem estar em outro lugar. Eu mesma, por exemplo, ousei dar esse passo.

EVA: Talvez meu propósito esteja na pirografia ou na dança sagrada indiana. Como vou saber?

NORA: Tentando o máximo possível. Olhando para dentro de si e depois fazendo o que vê lá dentro.

TRABALHADORA: Meu propósito são meus filhos, para os quais, porém, não tenho tempo nenhum, pois tenho que trabalhar na fábrica.

NORA: Há perspectivas que dizem que é preciso deixar tudo para trás sem pensar duas vezes.

EVA: Mas ela pensa justo no fato de que, sem ela, os filhos morreriam de fome.

TRABALHADORA: Não conseguimos mesmo entender, Nora, como você pôde deixar seus pequenos para trás, desprotegidos!

TRABALHADORA: Deve ter deixado para trás, ao mêsmo tempo, um pedaço do seu coração!

TRABALHADORA: Somos mesmo mulheres simples, mas jamais seríamos capazes disso.

NORA: Justamente, sou complexa e fui capaz disso.

EVA: Muitas de nós gostariam de ser mais complexas, tão complexas quanto as máquinas que operam.

NORA: Como tenho um temperamento difícil, preciso também de muito tempo para explorá-lo.

TRABALHADORA: Fazemos o trabalho indiferentes por dentro, os filhos nós fazemos com grande empenho interior.

TRABALHADORA: Sem nossos filhos, não podemos sonhar que nossos filhos vão se dar melhor.

NORA: O alto preço que pago é estar internamente dividida desde que não tenho mais filhos.

EVA: Supostamente a primeira divisão do trabalho seria aquela entre homem e mulher na criação dos filhos. Mas só a mulher tem trabalho com as crianças. Assim é que se faz, de novo e como novo.

TRABALHADORA: Se ficássemos divididas faríamos mal nosso trabalho, que exige expressamente uma pessoa inteira.

EVA: Às vezes a máquina mata, se ela quer, isso partiria alguém em pedacinhos.

NORA: Ah, que horror!

TRABALHADORA: Temos que agradecer por isso ainda não ter nos atingido.

TRABALHADORA: Lá vem o chefe de equipe com o novo folheto do partido.

NORA: Que lindas festas infantis comemorávamos! Algumas memórias cortam dentro de nós como faca.

EVA: Em relação à máquina a mulher é bem o inverso, pois é movida a sentimento. Ninguém precisa operar.

TRABALHADORA: Nós, mulheres forçadas ao trabalho assalariado, não podemos tomar conta de criancinhas.

EVA: Se uma mão masculina se estende para nós, logo podemos nutrir uma, duas ou mais criancinhas.

NORA: Eu tive essa mão masculina e a empurrei para longe de mim.

EVA: Muitas de nós correríamos quilômetros atrás de uma mão masculina. No fim das contas, adoraríamos trocar a máquina por essa mão.

NORA: Mas quando tiverem a mão, mais cedo ou mais tarde vai surgir um abismo entre os parceiros: a crise.

TRABALHADORA: Não temos tempo para isso.

TRABALHADORA: Só burgueses têm tempo para isso.

EVA: Quando se aproximar um tempo de instabilidade econômica, na forma de desemprego, vão nos arrancar da máquina novamente, sem mais.

TRABALHADORA: Então a gestação voltará a ser uma atividade criativa.

EVA: Então isso voltará a ser algo: o lar.

TRABALHADORA: Aí enfim poderemos abdicar das alianças legalmente, como você disse antes, Nora.

EVA: Vamos dar ouro por ferro.

NORA: Não, não é abdicar do anel porque é preciso, mas porque se tem o ímpeto interior de que de repente seu marido volta a ser um estranho.

TRABALHADORA: Algo assim não conhecemos. Isso é para os burgueses.

EVA: Primeiro ouro por ferro, depois crianças para a luta no front.

TRABALHADORA: Aí até uma mãe voltará a emanar certa beleza.

EVA: Logo vai chegar, logo esse tempo vai se acercar!

TRABALHADORA: Além disso, vejo um tempo em que as pessoas possam novamente mostrar sentimentos.

NORA: Há que poder esquecer os sentimentos em caso de necessidade.

EVA: O pai, sentimentos de dor por um tiro no estômago, a mãe, sentimentos de alegria por poder chorar sobre o filho morto.

TRABALHADORA: Hoje o egoísmo é que domina.

NORA: ... nesse tempo que se aproxima, a mulher não será uma vaca leiteira? No fim, foi disso que eu fugi!

TRABALHADORA: Vai ser bonito quando as mulheres se aninharem aos homens e disserem que não querem mais ter vontade própria e ambição!

TRABALHADORA: Gosto de imaginar também que alguma vez experimentarei como uma mulher diz a um homem que ele não deve ser mau com sua mãe, pois ela lhe deu de presente a vida.

TRABALHADORA: Poderíamos dar muito mais vida se não tivéssemos que estar sempre à máquina.

TRABALHADORA: Quando alguém se devota a um marido, eis um ponto alto na vida, infelizmente até mêsmo a *isso* a gente se acostuma.

NORA: Nunca me acostumei à máquina. E aliás nunca me acostumarei à mulher dever ter um nível diferente do homem. Também contra isso temos que lutar!

TRABALHADORA: Isso é para os burgueses.

3

Fábrica, vestiário, armários etc. Nora, Eva, o jovem contramestre.

CONTRAMESTRE: Eu te amo, Nora. Sei, desde o instante em que percebi que você é o melhor que posso conseguir no momento, que te amo. Além disso também *eu* sou o melhor que você na atual situação pode conseguir. Tenho boa aparência...

NORA: ... percebe o pênis chamativo, visível e grande de um irmão ou amiguinho, reconhece-o logo como contraparte superior ao próprio órgão pequeno e oculto, e desde então sofre de inveja do pênis, não consegue mais criar nada no campo da cultura.

CONTRAMESTRE: São só palavras, e que nunca ouvi antes, exceto uma que, na minha opinião, não fica tão bem na fala de uma mulher quanto na mão dela.

NORA: Jogo longe os pensamentos de amor. O amor não quer saber de valor ou desvalor, pois nunca busca o seu. Eu busco o meu com muito empenho.

CONTRAMESTRE: Também busco aquilo que é meu, que você deve se tornar.

EVA: Por que eu não posso ser aquilo que é seu? Faço tudo para você!

CONTRAMESTRE: Não quero que se ofereçam a mim, quero que se façam valer.

EVA: Já estou aqui há anos, e você não me ama nem um pouco.

CONTRAMESTRE: A feminilidade de Nora é mais intacta, porque ela não está na máquina há tanto tempo. Nora é mais mulher que você.

EVA: Mas a minha produção é maior que a dela.

NORA: Agora não é tempo para o amor, só é tempo para a procura de si.

EVA: Se ainda não pode me amar, então pelo menos se concentre no fato de que estão atrasando a produção, não renovam mais as máquinas e deixam nosso conjunto habitacional deteriorar!

CONTRAMESTRE: Uma mulher endurece se seus sentimentos não são correspondidos. Você não deve se admirar se seu amor não é correspondido por mim.

EVA: Se não decorássemos nossas casas com vasos de flores, a necessidade de reforma chamaria ainda mais a atenção.

CONTRAMESTRE: De você não fala nenhuma faísca de sentimento.

NORA: O povo, em sua maioria arrasadora, parece se inclinar de modo tão feminino, que é menos uma consideração sóbria que uma sensibilidade emotiva que condiciona seu pensamento e ação, diz Adolf Hitler.

EVA: Isso não vem ao caso aqui!

CONTRAMESTRE: Gosto de te escutar, Nora! As palavras não acompanho bem, mas sua voz é música. Música, porque os sentimentos embelezam uma mulher.

EVA: Mas eu sim te amo!

CONTRAMESTRE: Isso para mim tanto faz.

EVA: Não percebe como nossas casas se deterioram? Desmoronam sob vasos de flores, cortinas de renda e anões de jardim? Então agora só tem olhos para Nora? Se antes era até mesmo homem de confiança...

NORA *interrompe*: As mulheres devem ser solidárias e não invejosas, Eva, porque têm por natureza uma coesão interior mais forte.

CONTRAMESTRE: Quando se ama, não se percebe nenhuma sordidez. Por isso é impossível que você me ame tanto quanto afirma, Eva.

NORA: Como pode deixar seu orgulho ser ferido assim, Eva?

EVA: No amor é preciso poder esquecer o orgulho.

NORA: Isso eu nunca pude. Mas mesmo assim quero ser sua amiga. Você quer isso, Eva?

EVA: É fácil para você ser generosa!

CONTRAMESTRE: Eu quero Nora. Eu quero Nora.

NORA: O amor não busca o seu, mas eu busco o meu com muita força ainda. Estou em um processo de fermentação interior.

EVA: Mesmo assim virá um tempo em que não se terá mais tempo para sentimentos, porque a fábrica aqui está perecendo, porque nossos postos de trabalho...

CONTRAMESTRE *interrompe*: É justamente isso que me desagrada em você! Que você não guarda tempo para os sentimentos. Mesmo um homem precisa ter tempo para os sentimentos.

NORA: Também eu me defendo com força contra os sentimentos. Quem sente muitas vezes é feito de bobo, porque se torna a parte mais fraca.

EVA *para o Contramestre*: Mas eu te amo! Eu não me defendo.

NORA: Esse ambiente não é nem um pouco propício para gerar sentimentos.

CONTRAMESTRE: Quando se ama, o ambiente desaparece e só o amor continua aí.

NORA: Na vida amorosa normal, o valor da mulher é determinado por sua integridade sexual e reduzido por qualquer aproximação do caráter de prostituta.

CONTRAMESTRE: De novo não entendi isso, Nora, você não deve falar assim comigo! Isso desanima um homem apaixonado.

EVA: Talvez esse ambiente seja mesmo destruído, sem que o amor bata à porta.

CONTRAMESTRE: Isso entendi, e muito me desagrada.

EVA: Eu te amo!

CONTRAMESTRE: Mas não quero você, e sim Nora.

NORA: Mas eu não te amo absolutamente.

CONTRAMESTRE: Você só acha isso porque não sabe como é me amar.

4

Nora limpa o chão da fábrica, o Contramestre está sentado ali perto e a observa, de vez em quando ele a toca, mas Nora sempre se afasta dele de novo. A Secretária entra.

SECRETÁRIA: Tenho um comunicado a lhe fazer: amanhã à tarde nosso senhor Chefe de pessoal vai conduzir alguns senhores de um grupo empresarial amigo pela nossa fábrica. Hoje a senhora será liberada, uma vez que é uma mulher, uma hora mais cedo, para limpar, favor não esquecer os banheiros.

NORA: Mas já estou limpando o tempo todo!

SECRETÁRIA: Além disso a direção deseja que a senhora ensaie uma pequena programação de boas vindas no campo cultural. Você, senhora Helmer, deve ter, fui informado, certa aptidão, talvez melhor descrita pela palavra prática, para essas coisas. Parece que a senhora já esteve antes em círculos nos quais a cultura significava algo, o que ainda deixa rastros visíveis na senhora. Então por favor: uma, duas canções com coro misto sem orquestra, algo como na festa da firma do ano passado, e talvez então uma pequena dança como entreato, a senhora já sabe.

NORA: A senhora também não é uma mulher...?

SECRETÁRIA: Naturalmente, não se vê?

NORA: Então por que não parece uma mulher, isto é, alegre? Por que você parece séria?

SECRETÁRIA: Quando se é secretária da diretoria, não é preciso trazer sempre sorrisos nos lábios, pois as próprias condições de vida são belas mesmo sem isso.

NORA: Então não sente nenhuma ligação comigo?

SECRETÁRIA: O que nos liga é no máximo as dores do parto, se em algum momento tivermos filhos. Embora eu provavelmente sentiria mais forte essas dores. *Sai*.

NORA: Eu poderia dançar tarantela amanhã. Meu marido me ensinou.

CONTRAMESTRE: Não dance tarantela! Com isso você aumenta a distância entre nós sem necessidade.

NORA: Se outra que não eu pudesse dançar tarantela, com certeza dançaria tarantela também. Mas, fora eu, nenhuma pode cantar algo.

CONTRAMESTRE: Mas o coro da fábrica já é quase uma organização profissional!

NORA: Quando tiver dançado amanhã, sairei da sua vida sem alarde. Agora que algumas semanas já se passaram, sinto um espinho em mim, que me diz que não posso mais estar sem meus filhos. Essa longa provação me permitiu reconhecer isso.

CONTRAMESTRE: Isso você não pode, Nora! Não pode ir embora! Um trabalho nem sempre é uma dor ou uma provação.

NORA: Cheguei no meu limite.

CONTRAMESTRE: Se você dançar, vai se afastar demais de mim, e não se verá mais o plano de fundo, isso é, eu.

NORA: Aqui não aguento mais. Tenho que ir para um ambiente em que meus filhos esperem por mim. Agora só quero seguir vivendo para os pequenos e assim reparar meus erros.

5

Escritório do chefe. O chefe de pessoal faz um discurso, o cônsul Weygang e um segundo senhor falam baixo entre si enquanto isso, percebe-se que são eles as pessoas mais importantes. No fundo mais duas, três pessoas, secretário etc.

CHEFE DE PESSOAL: Você, senhor cônsul Weygang, se tornou mesmo uma das lideranças da economia do nosso país. Você, Rei dos Têxteis, cuida do bem comum como presidente do Comitê Olímpico, da União de Proteção Ambiental, da Liga de Promoção do Pensamento Alpino, como membro do Conselho de Política de Desenvolvimento no Ministério da Cooperação Econômica bem como no Conselho de Comércio Exterior do Ministério da Fazenda.

WEYGANG *baixo*: De todo modo, meu cargo como Presidente da Federação de Comércio Exterior e Atacado casou perfeitamente com as dificuldades financeiras temporárias da minha empresa.

SENHOR: Bem me lembro, Weygang, apoiado no seu poder como chefe primeiro dessa organização, que representa cerca de 100.000 empresas em doze países, bem como 75 associações profissionais, o senhor se empenhou por uma fiança estatal na casa de 14,5 milhões, bem como uma isenção tributária no distrito etc. para um negócio de algodão altamente especulativo com os egípcios. É o que se chama uma Parceria Público-Privada.

WEYGANG: Não me ocupo mais de fibras naturais, o futuro está nas fibras artificiais.

SENHOR: Qual o objetivo desta visita, diga enfim, seu misterioso!

WEYGANG: Paciência, meu caro!

SENHOR: O ministro ainda... *Weygang faz shh, o Senhor segue adiante mais baixo:* – o ministro ainda não pôde olhar os atos? Você sabe...

CHEFE DE PESSOAL *alto e orgulhoso*: O senhor, caro senhor cônsul, além do mais oficia na própria terra pátria como Presidente do Conselho Econômico do Governo Federal, bem como do Fórum Econômico inc. em nossa capital. Além disso você, senhor cônsul Weygang, tem cadeira em mais cinco conselhos de supervisão ou administração, entre outros o da Cervejaria Bräuninger, do Banco Herdy bem como da instituição estatal de crédito para a construção industrial. *Weygang e o Senhor se afastaram para a janela, falam bem baixo.*

SENHOR: O que o senhor quer dizer, quanto já vasou que todo o terreno aqui é objeto de especulação...

WEYGANG: Parece que há inquietação entre os trabalhadores, pois o maquinário envelhece aos poucos, eles bem sabem... e tem o conjunto habitacional... naturalmente ninguém põe mais nada lá.

SENHOR: As pessoas estão com medo.

WEYGANG: Bom é que o outro lado também sabe... nossos amigos, a quem o objeto ainda pertence, não têm interesse em investimentos. Faz tempo que o trabalho não dá lucro, o problema do transporte...

SENHOR: De todo modo querem realocar a produção.

WEYGANG: Por outro lado, se mostramos interesse demais no terreno agora, também ficam desconfiados, não se esqueça.

SENHOR: Por outro lado, se querem vender, têm que apresentar a fábrica como lucrativa.

WEYGANG: Por outro lado, é claro que ninguém pode sequer suspeitar o que certos círculos interessados neste terreno realmente...

SENHOR: O debate sobre a energia está encerrado...

WEYGANG: Sim, o futuro é da energia. Sempre admirei tanto esse Hugo Stinnes...! A fusão do truste horizontal de eletricidade da Siemens-Schuckert com os transportes de carvão e ferro de Rheinelbe nesse supercartel gigante...

SENHOR: Naquela época você também não queria que as moedas...?

WEYGANG: Naquela época ainda não tinha chegado a tanto. Você bem sabe, ele comprou dinheiro estrangeiro com marcos que emprestou do Banco Central, o que naturalmente fez o marco afundar num abismo.

SENHOR: No fim pagou pelo empréstimo uma fração da quantia inicial.

WEYGANG: E a população levava o dinheiro para as compras diárias em carrinhos de mão.

SENHOR: Bons tempos!

WEYGANG: Eles voltarão.

SENHOR: Dessa vez o senhor vai cuidar para que voltem. *Weygang gesticula um shh, pega-o pelo ombro e o conduz em silêncio de volta à primeira fileira. O chefe de pessoal, que nesse meio tempo esvaziou uma taça, segue adiante* –

CHEFE DE PESSOAL: Por seus esforços e serviços, senhor cônsul, você não apenas foi nomeado cidadão honorário de sua cidade natal, senador honorário da universidade local e presidente honorário do Centre International du Commerce de Gros, Bruxelas, mas também recebeu a maior ordem do mérito, uma placa honorária em sua cidade natal, a condecoração de prata do maior...

Weygang quer sair pela porta, o Senhor quer seguilo, mas Weygang sinaliza para ele ficar e manter ocupados os demais senhores. O senhor concorda com uma piscadela e gestos tranquilizadores. Weygang sai sozinho e furtivamente.

6

Chão de fábrica. Está limpo e arrumado de modo ligeiramente primitivo com guirlandas, lampiões, flores, ramos etc. No fundo talvez duas, três mesas simples, cobertas para a refeição festiva dos trabalhadores. Nora pratica a tarantela no proscênio. Dança. Depois de um tempo entra o chefe de pessoal.

CHEFE DE PESSOAL: O que você quer aqui tão cedo?

NORA: Não consigo dançar mais tarde se não tiver feito um ensaio geral antes.

CHEFE DE PESSOAL: Não seja tão impulsiva. É melhor aumentar sua produtividade!

NORA: Assim é que tem que ser. *Segue dançando.*

CHEFE DE PESSOAL: Seus movimentos ao invés disso bem poderiam realizar algo com mais sentido.

NORA: Não estou aqui num clube noturno ou cabaré. Estou em privado e faço um favor para meus colegas.

CHEFE DE PESSOAL: Dançando aqui não é para seus colegas que você faz um favor, mas para a firma.

NORA: Tanto faz! O que conta é o trabalho coletivo.

CHEFE DE PESSOAL: Você dança muito friamente.

NORA *sem fôlego*: A volúpia, a pornografia é um ato de assassinato da mulher, sendo que a união dos homens é sempre santificada pela profanação das mulheres. Isso é um ritual de manutenção do domínio patriarcal, nada mais. *Pausa. Ela dança.*

CHEFE DE PESSOAL: Você sempre faz um alarde pelas coisas mais primordiais.

NORA *sem fôlego*: Meu marido dizia que era indecente quando eu dançava muito selvagemente.

CHEFE DE PESSOAL: Seu marido te pagava? Bem, veja só. Nós, sim, te pagamos bem.

NORA: Não por muito tempo! Logo voltarei ao meu ambiente original, que é mais adequado para mim.

No fundo Weygang entra despercebido, de repente fica parado e observa, sem ser observado ele mesmo, Nora dançando. Nora segue dançando, insere uns trechos acrobáticos, faz uma ponte.

CHEFE DE PESSOAL: Pare com isso, só de ver já estou tonto! Isso deve doer terrivelmente. *(Nora segue dançando.)* Ainda vai quebrar alguma coisa!

Nora segue dançando. Weygang enfim avança e emxota o chefe de pessoal, que faz uma grande revêrência e sai com um movimento de mão.

WEYGANG: Meu deus, que corpo feminino notável! Se não houvesse esse tipo de corpo nas nossas vidas, nunca poderíamos nos regenerar.

NORA *que ainda não o notou*: Quero passar os movimentos mais uma vez, como meu marido me ensinou, sensual, mas não sensual demais.

WEYGANG *baixo*: O que para outros é selvagem ou rápido demais para mim é perfeito. O que assusta uma natureza menor e mais covarde me atrai feito mágica. *Nora segue dançando, de repente percebe Weygang e se assusta.*

NORA: Quem é o senhor? *Após uma pequena pausa segue dançando. Weygang cala.* Sinto que o senhor não está interessado apenas em meu corpo, mas também em minha alma. Intuí imediatamente. Há tempos ninguém mais se interessa pela minha alma.

WEYGANG: É como se um raio caísse dentro de mim. Como pode ser?

NORA *dançando*: Não é? Uma harmonia entre corpo e aquilo que está dentro do corpo?! O interior de uma mulher muitos homens percebem muito pouco.

WEYGANG: Pelo contrário, sinto-me capaz de uma observação integral. De repente algo me atravessa como uma flecha. Não é o cansativo armistício do Tratado de Versalhes, mas sim você!

NORA: Só não se pode separar o corpo da cabeça.

WEYGANG: O que surge de repente em mim? Não será algo como um sentimento, que eu acreditava há muito soterrado?

NORA: Quando algo assim tão forte toma posse, não podemos nos defender.

WEYGANG: Até eu posso ter uma vida uma vez na vida.

NORA: Posso dedicar ao senhor essa pequena e modesta dança? *Dança o tempo todo, joga para ele seu lenço de pescoço como numa tourada.*

WEYGANG: Eu o apanho e ao mesmo tempo assumo com isso um compromisso sagrado. Você vai dançar só para mim agora? Só para mim?

NORA: Vou esquecer o mundo ao meu redor e dançar só para o senhor. O senhor é um estranho e me parece tão próximo e confiável. Também em mim cai de repente esse raio.

WEYGANG: Agora já são vários raios.

NORA: O senhor de repente me vê com um traço de impureza nos seus pensamentos. Porém, não recuso esse olhar como outrora, mas tremo sob ele. Algo novo se apresentou em mim.

WEYGANG: Não posso ver meu mais novo, mais caro bem?

NORA: Mas você, espero, possui muitos outros bens mais caros?!

WEYGANG: É claro. Mas em comparação contigo eles perdem o valor a olhos vistos.

NORA: Eis palavras que fazem uma mulher desabrochar. Palavras que fazem falta faz tempo. *Ela dança mais perto dele, de repente se aninha a ele.*

WEYGANG: Você ainda tem a tarantela no sangue, eu percebo. E isso te faz ainda mais sedutora.

NORA *dança se afastando novamente*: Tento me soltar desses laços invisíveis uma última vez. Por favor não fale! Só um silêncio conjunto. *Volta aos braços de Weygang.* Essa pele me lembra algo que há tempos me faz falta. Logo varrerei para longe todas as barreiras. Também esta fábrica é uma dessas barreiras.

WEYGANG: Como você se chama?

NORA: Nora.

WEYGANG: Como a protagonista da peça do Ibsen?

NORA: O senhor sabe tudo... o senhor é tão forte!

WEYGANG: Diante de um sentimento forte mesmo um homem também pode se assustar. Você não é uma trabalhadora comum. É algo totalmente distinto.

NORA: Minha origem não é nenhum segredo, embora eu seja um ser bastante secreto. A origem vem de um meio melhor.

WEYGANG: Um susto repentino me toma.

NORA: Eu me assusto mais que você, porque os sentimentos são mais femininos.

WEYGANG: Vou te tirar daqui. O empresário não é o lobo mau, como a opinião pública o vê. No fim nem mesmo todos os juros que meu capital privado gera contam como lucros.

NORA: Observo uma dureza implacável ir e vir em seu rosto em alternância com uma inconcebível ternura. Essa alternância me fascina.

WEYGANG: Quando te vi caçar e aliciar durante a tarantela, meu sangue ferveu.

NORA: Como seus olhares queimam minha pele! O senhor puxa cerimoniosamente a roupa do meu corpo. Só fracamente ainda me defendo. Uma força de atração inacreditavelmente forte emana de você.

No fundo entram as trabalhadoras em roupas festivas e formam um coro. Bem no fundo também alguns trabalhadores homens para as vozes graves. Eles ficam ali imóveis e esperam sua deixa.

WEYGANG: Motor do crescimento: toda taxa pela qual o rendimento do capital privado excede a remuneração pelas taxas de mercado para um empréstimo a longo prazo. Esse é o prêmio pelo meu risco de fracasso e o ganho pelo perigo de ficar sentado com minha mercadoria.

NORA: Essas palavras fazem surgir uma fraqueza atraente em todo meu corpo. Logo tenho que me dobrar para trás involuntariamente, tanto que minha cabeça quase toca o chão. *Faz isso.*

WEYGANG: Você bem que dança como se fosse questão de vida ou morte, mas é porque a questão sou eu, não é verdade?!

NORA: Faço uma estrela e, concluindo, um espacate. Gemendo, ergo-me novamente, cansada, mas feliz.

WEYGANG: Agora não posso mais fugir de meus sentimentos. *Eles se abraçam. Os trabalhadores começam a zumbir baixinho. O contramestre não aguenta mais e sai disparado do coro em direção a Nora.* Nora, venha comigo!

NORA: Não posso mais dizer não. Eu digo sim!

CONTRAMESTRE *balança Nora*: Nora, não pode ir embora assim simplesmente! Se nem conhece esse homem!

NORA *não dá atenção*: Tenho que ceder a essa força de atração.

WEYGANG *não dá atenção ao contramestre*: Eu te agradeço. Vou cuidar de você.

CONTRAMESTRE: Você tem que ficar comigo, Nora! Não pode ir com um estranho.

NORA *ao Contramestre*: Um homem também tem que aprender a dar um passo atrás diante do mais forte. Isso está sabiamente estabelecido na natureza.

CONTRAMESTRE: Não vá, Nora! Eu com certeza vou poder tirar você daqui! Vou buscar caminhos, incansável, e me atentar a chances de subir de vida.

NORA: Aceite logo a ideia de que também os homens podem experimentar sentimentos.

CONTRAMESTRE: Mas não posso fazer nada contra os meus sentimentos!

NORA: Eu o amo.

CONTRAMESTRE: Você só ama o dinheiro dele!

NORA: O dinheiro já foi uma péssima descida para mim, da segunda vez vou pegar uma subida. Dessa vez quero manter o dinheiro afastado do meu amor.

WEYGANG: Não queremos enfim partir, meu amor? Logo te levarei ao meu automóvel, que nos espera.

CONTRAMESTRE: Mas e se agora não posso viver sem você, Nora?

NORA: A vida sempre continua.

WEYGANG: Vem! Toda uma eternidade nos espera.

CHEFE DE PESSOAL *sussurra*: Mas ainda temos uma pequena programação cultural...

Weygang e Nora ficam entrelaçados, enquanto os trabalhadores seguem zumbindo os compassos iniciais.

NORA: Ah sim, por favor, meu amor! Eu que devo cantar o solo de soprano! Permita-me!

WEYGANG: Se é mesmo o que minha abelhinha destemida quer...

NORA: Oh, por favor, por favor... vou saltar, lisonjeira, muitas vezes e muito alto. *Faz isso.*

WEYGANG: É claro que não posso dizer não. Esses são tons bem novos na minha vida. *Nora vai pro meio do coro e canta com os outros trabalhadores uma valsa em carrilhão Blém blom blém blom. Enquanto os trabalhadores cantam* – Na economia o que age não são as forças da natureza com seus efeitos forçosos, mas pessoas animadas. Eles requerem princípios que os guiem e ordenem, para não abrir as portas para o caos e a anarquia.

O palco escurece lentamente. O coro segue cantando no escuro: "Oh, como é agradável ao anoitecer" em cânone.

7

Visita à fábrica. As trabalhadoras sentadas às máquinas demonstram trabalhar para o grupo dos visitantes. Os dois grupos se alternam nos diálogos. Nora envolvida no casaco de Weygang, ele passou o braço em volta de seu ombro e enquanto isso se ocupa dela sempre de modo amoroso. Nora concorda com a cabeça, demonstrativamente, às palavras de Weygang.

EVA *baixo*: Algo lança sua sombra. É possível que seja a sombra da especulação.

TRABALHADORA: Muitas vezes fico cansada e abatida por não poder nem ler nem escrever. Mas que empresário ainda exige espírito e conhecimento da trabalhadora?

TRABALHADORA: E no entanto anseio, apesar do trabalho, por ser uma pessoa, e viver como tal.

EVA: Mas quando se pode vivenciar o amor, todas as sombras desaparecem e só o amor está aí.

TRABALHADORA: Seria preciso mais atenção a si...

EVA: Se caíssemos na lâmina de corte ou nos deixássemos cortar em pedacinhos pela cardadeira ou pelo triturador...

TRABALHADORA: Só não nos deixemos mutilar demais. Um resto de feminilidade deve ficar intacto.

TRABALHADORA: Sermos atingidas consola nossos maridos por não podermos consolá-los pela situação.

TRABALHADORA: Ninguém cai tão baixo que não tenha algo ainda mais baixo: sua mulher.

WEYGANG *alto*: Com o estado marital ergue-se e cai a comunidade.

SENHOR: Umas são as guardiãs dos nossos lares, e por sua vez são guardadas por nós rigorosamente, as outras não são nada.

WEYGANG: O homem tem um desejo e uma pulsão. A mulher é objeto da pulsão. A mulher provoca e deixa a pulsão se satisfazer com ela.

SENHOR: No erotismo um homem pode sobreviver a pensamentos fortemente anarquistas. O homem fica fascinado e inibido pela ilegalidade deles.

WEYGANG: Muitas vezes um homem também pode triunfar sobre a moral burguesa, contanto que ele pertença à classe burguesa, de todo modo.

SENHOR: O homem triunfa sobre a moral burguesa pela destruição, luta, violação e violência.

WEYGANG: Nossa pulsão pode ser provocada até pela cabeça da mulher. Na realidade provoca ainda mais o homem subjugar também essa cabeça.

SENHOR: Na economia, e com ajuda da economia, trata-se da sobrevivência.

WEYGANG: A mulher como sujeito não tem parte alguma em pensamentos e ações revolucionários. Na prática isso significa felizmente que pelo menos metade da humanidade cai fora quando se trata de atos subversivos.

TRABALHADORA *baixo novamente*: Um homem orgulhoso e sério se inclinaria sobre nós, limparia o sangue com o lenço branco, nos envolveria em um cobertor de cachemira e nos carregaria para o carro.

EVA: Esse homem gentil nos desculparia até mesmo as manchas de sangue no estofado de couro branco.

TRABALHADORA: Não seria nenhum gigolô, desses que já ouvi que existem.

EVA: Alguma coisa tem que baixar o valor dele, ou nunca o conseguiremos para nós!

TRABALHADORA: Melhor que seja prejudicado pela idade que pela impotência, danos corporais, idiotice ou fraquezas de caráter.

TRABALHADORA: Mas eu preferia um jovem...

TRABALHADORA: Juventude não serve para nada.

TRABALHADORA: Eu mesma sou jovem.

EVA: Antes jovem e rico que pobre e velho.

TRABALHADORA: Eu não ligaria para a impotência.

TRABALHADORA: Eu não ligaria para a aparência, porque só o amor e a essência contam.

WEYGANG *alto novamente*: Na mulher impoluta supõe-se que não deve viver pulsão sexual alguma. Só o amor vive ali. A mulher tem a pulsão natural de astisfazer um homem.

SENHOR: Infelizmente, muitas vezes a mulher se arruína conscientemente no local de trabalho.

WEYGANG: Por sorte ainda existimos, nós receptores de descrições da beleza feminina.

SENHOR: Se a vontade de investir começa a baixar, a indústria começa a poupar força de trabalho, que se tornou cara demais, na forma do belo sexo.

WEYGANG: Que as mulheres sempre tenham que estragar o mais belo nelas: primeiro as mãos, depois o rosto, depois o corpo!

SENHOR: Cada povo e cada classe tem as mulheres que merece.

WEYGANG: A mulher é aquilo que não fala e de que não se pode falar.

SENHOR: Exato. Esse Freud diz que é preciso primeiro experimentar o fato de ser castrado, antes de poder começar a falar.

WEYGANG: O homem primeiro tem que infligir à umlher a castração, é, quer dizer, tem que instrui-la.

SENHOR: Certíssimo. Fora o pênis, ela não pode perder mais nada.

WEYGANG: Interessante! Então o senhor também leu isso...

SENHOR: Bem, imagine só, ambos os sexos seriam iguais e todos os exemplares seriam igualmente belos também!

WEYGANG: Tenebroso.

TRABALHADORA *baixo*: Para mim, mesmo um dano mental estaria bem, pois seria possível recuperá-lo com amor, cuidado e paciência.

TRABALHADORA: Para mim, só o caráter seria importante. Para isso ele não teria que ser bonito. Beber, isso ele não deve.

TRABALHADORA: Enfim, meu marido também não é bonito.

TRABALHADORA: O meu também não.

TRABALHADORA: O meu também não é!

TRABALHADORA: Vocês todas já têm maridos, afinal. Mas eu estaria livre! Livre para ele!

EVA: Talvez a impotência fosse uma boa. Aí não seria preciso parir mais filhos.

TRABALHADORA: Se tem dinheiro aí, não tem problema os filhos.

TRABALHADORA: Só a essência conta.

Durante as últimas falas das mulheres, a delegação de empresários sai. Weygang, que observa tudo muito bem, leva Nora consigo, as trabalhadoras ficam para trás sozinhas.

8

Na casa do empresário Weygang. Sala de reunião. Weygang, o ministro, o secretário de Weygang, que se mantém ao fundo.

MINISTRO: Agora Nora já está vivendo em sua casa há alguns meses, caro Fritz, e o tempo não pôde comprometer em nada sua beleza.

WEYGANG: Nas mulheres, considerando que são mercadorias facilmente perecíveis, para mim conta a qualidade mais que a quantidade.

MINISTRO: Mas se recordamos como o senhor cuida de substituir, ou melhor, completar logo o estoque, a conta bem que resulta em certa quantidade.

WEYGANG: E o que você tem a dizer sobre o corpo de Nora, caro ministro?

MINISTRO: É quase impensável que ele possa já ter dado à luz várias crianças, como ouvi.

WEYGANG: Mas a pessoa se realiza em seu fazer.

MINISTRO: Um mais, outro menos.

WEYGANG: A economia deve encontrar medidas não para um mundo como deveria ser, mas não é, e sim para ajudar o mundo como ele é.

MINISTRO: Ou, como Sócrates colocou tão bem: sei que nada sei, haha...

WEYGANG: E ele acrescentou: mas você nem isso sabe, haha...

MINISTRO: Ou se sabe ou não se sabe.

WEYGANG: Saber é poder.

MINISTRO: Nada de nada é nada de nada.

WEYGANG: Quer dizer que os boatos estão certos.

MINISTRO: Que boatos?

WEYGANG: O senhor sabe perfeitamente o que quero dizer. Visitei a fábrica. Tentaram, de modo diletante, por assim dizer, suscitar a aparência de que seria uma firma com infraestrutura saudável.

MINISTRO: E é ou não?

WEYGANG: Totalmente corroída. Faz tempo que os custos de transporte pesam demais. Planejam uma realocação. Deve haver alguém que tenha interesse em abrir tudo para mim.

MINISTRO: Segundo estou informado, os membros do conselho querem todos primeiro fechar, e então esperar com calma para ver se o preço da propriedade pode aumentar futuramente.

WEYGANG: Não podemos esperar tanto, e você sabe. Espero que saiba! Tenho que achar a pessoa que sobressai como elo interessado da corrente.

MINISTRO: Sempre algum é o mais fraco, é o que a natureza nos ensina com seus incontáveis milagres.

WEYGANG: Naquele chão que ainda não é meu, mas será meu, se você conseguir as informações para mim, conheci Nora, que agora é minha.

MINISTRO: Uma mulher assim...

WEYGANG: Minha Nora, meu raio de sol e minha posse preciosa.

MINISTRO: ... bem poderia também ser minha posse.

WEYGANG: Ela não tem só um rosto e um corpo, mas também ainda uma cultura geral considerável.

MINISTRO: Você é um bom homem de negócios, Fritz, é preciso conceder. Você entende de vendas.

WEYGANG: A ideia de jamais me separar dela corta minha carne como um punhal. Depois que o corte se completa, varro a ideia para bem longe.

MINISTRO: Eu, velho entendido, digo: o mito da umlher – a pele, o corpo como lugar onde se inscreveu a eterna contradição! Muitos leigos caçam furtivamente nesse campo.

WEYGANG: No entanto o Capital é de uma beleza maior que tudo. Nem mesmo a reprodução interfere com seu crescimento magnífico.

MINISTRO: Ela tem uma forte infantilidade, como por exemplo a Lulu de Wedekind também tem. Não tem nenhuma régua moral.

WEYGANG: Sim. Eu a amo e estou totalmente à mercê dela.

MINISTRO: Eu também poderia amá-la.

WEYGANG: Tem algo aí ou não?

MINISTRO: Onde? Dessa vez não vai dar para tirar do caminho só com dinheiro, caro Fritz.

WEYGANG: O capital tem a natureza receosa. Tem horror à ausência de lucro, ou a ameaça de lucro pequeno demais, como a natureza tem ao vazio.

MINISTRO: A natureza não tem horror ao vazio, de modo algum, antes anseia por preenchê-lo. Aliás, isso condiz com a minha filosofia particular, extraída da termodinâmica.

WEYGANG: Uma imagem tirada da termodinâmica?

MINISTRO: A medida da entropia é a medida da desordem. A natureza busca passar do caos à ordem. A menor desordem seria a morte térmica do universo, ou seja, se todo átomo tivesse a mesma temperatura.

WEYGANG: Daí, pode-se concluir que a maior entropia dominaria numa sociedade socialista ideal, onde todos tivessem o mesmo tanto. Mas felizmente ela nunca vai existir. Esse acontecimento seria equivalente à morte térmica do universo.

MINISTRO: Vale evitar essa catástrofe com forças unificadas, mas de todo modo ela não acontecerá, pois a natureza humana é contrária a isso.

WEYGANG: A natureza favorece comerciantes em grande estilo, como de resto favorece o amor, minha Nora, por exemplo. Mesma conta suíça de sempre?

MINISTRO: Sim. Mas dessa vez você tem que dar algo a mais, meu querido.

WEYGANG: O quê?

MINISTRO: Sua Nora me atrai consideravelmente.

WEYGANG: Jamais venderei a mulher que amo, antes vendo a mim mesmo ou meu braço direito.

MINISTRO: Então nada feito!

WEYGANG: Ainda estarei junto a Nora na mais avançada idade, Filêmon e Báucis.

MINISTRO: Definitivamente não quero estar junto a ela na mais avançada idade.

WEYGANG: De todo modo, pela minha experiência, mesmo a maior paixão dura pouco. Se esperar até que minha maior paixão arrefeça, o senhor a terá.

MINISTRO: Feito.

WEYGANG: A perda de Nora vai me cortar o coração como uma faca.

MINISTRO: O senhor não tem que dá-la de graça. Os governos de três países se batem pela empresa, e eu tenho a chave para ela.

WEYGANG: Muito bem, digamos: em três semanas. Mas de uma beleza maior é o Capital.

MINISTRO: O objeto em questão será construído no tal lugar. O senhor mesmo sabe, o terreno é ideal, pouco populoso, muita água para resfriar, longas rotas de acesso para diversas iniciativas cidadãs, nenhuma indústria que valha mencionar etc. etc.

WEYGANG: Isso também é seguro? Tem detalhes?

MINISTRO: O governador também é a favor.

WEYGANG: Bom.

MINISTRO: No início do ano o valor da propriedade será dez vezes maior. Provavelmente ainda mais.

WEYGANG: O principal acionista é o Banco Conti, não é? E o Banco Conti é um ponto fraco.

MINISTRO: Certíssimo.

WEYGANG: Senhor Ministro, agradeço a conversa. *O ministro põe óculos escuros e sai por uma porta lateral, Weygang se volta para seu secretário, que abandona imediatamente os papeis que organizou esse tempo todo.* De resto, sabe o que o ministro não sabe, quem é um dos diretores do Banco Conti?

SECRETÁRIO: Não, senhor Weygang.

WEYGANG: Helmer.

SECRETÁRIO: Não conheço nenhum Helmer.

WEYGANG: Mas conhece Nora. Era casada com ele.

SECRETÁRIO: Inacreditável, senhor Weygang.

WEYGANG: Conseguiu o posto por proteção, ele mêsmo não cuida de títulos de renda-fixa ou ativos produtivos. Além disso, dizem que é incrivelmente ambicioso e gasta muito mais que recebe. Parece que quer se casar de novo, dessa vez com alguém jovem e da alta sociedade.

SECRETÁRIO: Que coisa, senhor Weygang!

WEYGANG: Bom que o ministro não pegou essa, ou teria logo dobrado sua recompensa.

SECRETÁRIO: Como assim, senhor Weygang?

WEYGANG: Se ele informa também o Helmer, então... pode pedir de recompensa algo gigantesco...

SECRETÁRIO: Meu Deus, senhor Weygang!

WEYGANG: Tenho que levar Helmer a vender sem que desconfie, talvez não seja tão difícil, porque de todo modo ele quer vender.

SECRETÁRIO: Tanto melhor, senhor Weygang.

WEYGANG: Vou colocar Nora em cima dele como um cão farejador em cima do rastro. Ela vai obter dele todo o necessário.

SECRETÁRIO: Soa plausível, senhor Weygang.

WEYGANG: Acabo de mostrar a ela a vida como deve ser, agora ela quer se vingar por ter sido apartada dela por anos metodicamente pelo Helmer.

SECRETÁRIO: Que coisa, senhor Weygang.

WEYGANG: Além disso removi sua pequeneza anterior quase por completo, seu horizonte aumentou consideravelmente.

SECRETÁRIO: Isso se vê na senhora Helmer, senhor Weygang.

WEYGANG: Como você poderia ver isso nela com a sua experiência reduzida, que se resume a materiais de segunda classe?

SECRETÁRIO: De fato não posso reconhecer, senhor Weygang! Só falei.

WEYGANG: Que mundo lindo, selvagem, largo, ingovernável e louco!

SECRETÁRIO: Sim, senhor Weygang.

WEYGANG: Bem. Não preciso mais de você hoje.

SECRETÁRIO: Muito obrigado, senhor Weygang.

WEYGANG: A maior beleza concebível pertence, porém, ao Capital. Além disso, nem a reprodução o compromete em nada. Ele simplesmente aumenta.

9

Boudoir luxuoso de Nora. Annemarie faz a arrumação. Nora entra dançando pelas portas, vestindo um robe de chambre elegante.

NORA: Ah, será magnífico, Annemarie, já posso ver!

ANNE: Finalmente minha senhora Nora pode voltar a se devotar a seu propósito original! Eu sempre digo: perde-se um homem, mas os filhos ficam.

NORA: Esse homem nunca perderei, minha velha Annemie!

ANNE: Eles vão mesmo se alegrar de ter a mãezinha de volta. Nem ouso pensar nisso, mas, Nora, e se logo a senhora sentisse em si um doce segredo...? Se a senhora logo se sentisse pela quarta vez mãe...?

NORA: Agora acabo de me tornar mulher, agora quero aproveitar isso e não dar à luz imediatamente a mais um filho...

ANNE: Uma mulher não deve falar assim, pois com isso ela peca contra os filhos...

NORA: Ah, Annemarie, você não entende disso, nunca foi tão totalmente mulher como agora sou.

ANNE: Se uma mulher ama ardentemente, não deve hesitar mesmo diante do mais extremo, isto é, dar ao homem amado um filhinho de presente. Nós mulheres somos todas a mesma quando amamos!

NORA: Agora vá, Annemarie, acho que o senhor está vindo! *Weygang entra, Annemarie sai, Nora se joga nos braços de Weygang.* Querido, como o sentimento do amor segue sempre mais forte em mim! O susto diante do tamanho desse sentimento me faz extremamente feminina.

WEYGANG: Não precisa temer, minha pequena! Se já teme, então tema antes a velhice que te aguarda.

NORA: Meu amor faz cada brincadeira... Às vezes ela encontra um homem e uma mulher juntos, às vezes só um deles. Se encontra a mulher sozinha, é ruim, pois para as mulheres é muito mais difícil passar por isso.

WEYGANG: Essa sua alegria vem de dentro. O dentro das mulheres costuma ser bem profundo, enquanto os homens podem ser rasos, ocos e planos. A vida desgasta mais os homens, porque eles amam mais ardentemente que as mulheres.

NORA: A menininha olha ofegante para a porta e pergunta que belo jogo jogaremos hoje.

WEYGANG: Em uma mulher, dentro e fora têm a mêsma importância.

NORA: Olho suplicante a porta de entrada e pergunto: não vamos sair hoje? Num minuto estou pronta.

WEYGANG: Não, hoje não. Hoje tenho que falar a sério com minha menininha.

NORA: Oooh, facilmente ofendida bato o pé e me viro no eixo longitudinal, mas te olhando maliciosamente daqui de baixo, mostrando que não é tão sério assim.

WEYGANG: Ora ora, minha cotovia não precisa ficar assim, com as asas murchinhas.

NORA: Bato o punhozinho na mesa, mas por entre os cachos bagunçados te olho com uma mistura de leve timidez, dúvida ansiosa e doce certeza de ser amada.

WEYGANG: Depois de muitos, muitos meses, chega o sério da vida.

NORA: Sim, pois agora nosso amor se tornou mais profundo e maduro. Porque um sentimento assim nos torna humildes e sérios.

WEYGANG: O meu pintassilgo fofo esbanjou dinheiro de novo?

NORA: No meio do olhar sério surge a travessura. Descontrolada, danço em volta do quarto e deixo os bracinhos longos do meu robe balançarem.

WEYGANG: Ah, não estou nada alegre hoje, coração.

NORA: Mais uma dupla pirueta rápido – *faz isso* – para terminar, e, pronto! Que bom que no amor não existe meu e seu, mas apenas um nosso!

WEYGANG: Infelizmente ainda há um forte meu.

NORA: Nunca busquei o meu, sempre só o teu!

WEYGANG: O Capital é o único que busca sempre a reprodução sem com isso perder nada de sua beleza, enquanto as mulheres, que conduzem a reprodução com zelo, frequentemente sofrem danos no exterior.

NORA: Mas não planejo estragar meu exterior.

WEYGANG: Poderia minha cotovia ser responsável? Uma parceira de verdade para mim? O tipo parceira é um tipo de mulher que aos poucos se torna moderno.

NORA: Mas sou mais uma mulher à moda antiga, que recua bem para trás do marido, para ele ser mais visto.

WEYGANG: Então prefiro calar...

NORA: Não, diga, diga!

WEYGANG: Prefiro não!... Talvez tenha que arrumar para mim um tipo parceira.

NORA: Diga! Diga! Agora faço mais um arabesco em forma perfeita. *Faz.*

WEYGANG: O capitalista pode fazer mais dinheiro de seu dinheiro sem produzir.

NORA: ... se ele compartilha tudo conversando comigo, alegria e tristeza, tudo volta para ele dobrado, na forma de amor, haha!

WEYGANG: Minha cotovia vai é se acabar de rir.

NORA: Para o homem um apoio na vida profissional, mas melhor um homem que não precisa de nenhum apoio na vida profissional, mas consegue sozinho.

WEYGANG: É um negócio bem grande, Nora. Por isso estou tão extraordinariamente sério e falante.

NORA: Essa seriedade falante parece um martelo. A gente se sente tão segura debaixo dele.

WEYGANG: Helmer, seu ex-marido, está envolvido.

NORA *ri incrédula*: Não!

WEYGANG: O capital também pode desenvolver autonomia e proliferar.

NORA *brusca e séria*: A Helmer não me ligam sentimentos particularmente amigáveis, você sabe.

WEYGANG: Mas você também pode crescer acima de si e superar esses sentimentos mesquinhos?

NORA: Quê?

WEYGANG: É uma especulação gigantesca.

NORA: De novo você impõe sua leviandade. Se nós mulheres não os freássemos vocês... com nossas mãozinhas...

WEYGANG: Preciso que ele faça o que eu quero. Mas tem que acreditar que eu faço o que ele quer.

NORA: Nisso sou uma mulher fraca, não sei submeter ninguém à minha vontade, mas me submeto à sua.

WEYGANG: As suas qualidades corporais especiais, que me cativaram, também podem cativar outros...

NORA: Ora, pff, urso!

WEYGANG: Investi em você, afinal. Investimento designa uma massa de bens que só têm uma coisa em comum: não serão consumidos indiretamente.

NORA: Mas você me consumiu, urso! E como foi bonito! Faço tudo por você, tudo menos isso.

WEYGANG: Homens generosos como nós vemos a exceção não como limite, mas como ilimitado.

NORA: Curvo-me para trás, como em defesa. *Faz.*

WEYGANG: Lolitas como você se dão várias vezes para outras pessoas sem danos a sua imagem de Lolita. Vocês até escravizam outros homens que no fim muitas vezes se matam.

NORA: Pff! Como pode falar essas coisas odiosas!

WEYGANG: Não tenho escolha. Senão estancam compra e venda, comércio e câmbio.

NORA: Mesmo em uma Lolita algo pode se quebrar.

WEYGANG: Enquanto a buceta ficar...

NORA: Urso! Digo chega! Escondo o rosto com as mãos e olho incerta por entre os dedos, pronta para ao primeiro sinal de um riso do seu lado novamente pular alegre pelo quarto e gritar Abril! Abril! *Faz.*

WEYGANG: Sou eu a quem isso mais machuca.

NORA: Então não se machuque!

WEYGANG: Às vezes há que se machucar, de propósito. Às vezes as mulheres veem justo no fato de um homem machucá-las uma prova de seu amor. Pois ele mesmo se machuca ainda mais forte.

NORA: Não!

WEYGANG: Como se chama o pássaro, o fofo, que esconde tudo?

NORA: Pintassilgo. *Compreende aos poucos.*

WEYGANG: O lema para a próxima semana: Não esconder como um pintassilgo, mas se oferecer.

NORA: Mas eu dei muito sim... a mim mesma!

WEYGANG: Também dei muito: a mim e mais-valia.

NORA: Isso você não pode me pedir.

WEYGANG: Se você pedisse algo agora para o seu ursinho, bem boazinha e afável...

NORA: Então?

WEYGANG: Seu urso pularia e faria todo tipo de palhaçadas engraçadas, se fosse amável e dócil. *A partir daqui Nora cala, Weygang fala as falas dela com a voz disfarçada:* Você faria isso então?
Antes preciso saber do que se trata, naturalmente.
Na especulação, trata-se de uma ferrovia, como na peça "Pilares da sociedade", também do Ibsen. Ferrovia! Como assim ferrovia? Afinal o terreno em questão ainda não nos pertence. Por que não? Porque antes há que comprar! Na verdade, não se deve querer comprar mais quando já se tem o mais importante: o amor. O mundo então vai afundar tanto mais rápido, e só nosso amor ficará. Mas o mundo só pode afundar depois que estiver acertado pelo ato da compra. Mas sinto muito pelas pessoas que estão trabalhando, onde quer que estejam. Você sempre pensa nos outros, sendo que só deve pensar em mim. A maior parte do tempo, de todo modo, só penso em nós.
Vamos fundar em outro lugar, tanto faz onde, um novo conjunto habitacional, que vai se chamar: Bloco Nora Helmer... apartamentos claros e amigáveis... a primeira cozinha com tudo embutido na história da construção social... talvez até... mal ouso dizer em voz alta, pois requer certa negociação... o Bloco Nora Weygang!!! O Bloco Nora Weygang! Ouvi certo, meu amor? Na verdade só ouvi as duas palavras Nora e Weygang.
Eu respondo: Sim, talvez!
Oh, meu amor!
Respondo ainda mais determinado: Sim, quem sabe?!
Então não é mau o que eu quero fazer? Não.
E quer mesmo coroar nossa união pelo casamento?
Possivelmente sim. Oh, meu amor, finalmente pertenço correta e inteiramente a você.
É assim que é com a propriedade, minha cotovia. *Abraça Nora, que porém permanece petrificada. Ele a olha por muito tempo, rindo, depois sai.*

10

Quarto de Nora, Annemarie, Nora.

ANNE: Sua expressão facial se tornou tão leve, Nora, isso certamente indica que a senhora pensou melhor sobre seu propósito inicial...

NORA: Pensei melhor? Eu?

ANNE: Ao mesmo tempo a senhora parece transparente, de certo modo. Provavelmente porque se consome pelos seus filhos...

NORA: Mas do que é que você está falando?

ANNE: Nosso bom senhor Helmer e nosso bom senhor Weygang não vão poder negar a ninguém um pedido, quanto mais o pedido da mãe de seus filhos.

NORA: Deixe-me simplesmente me satisfazer com os pirralhos!

ANNE: Minha pequena Nora brinca porque não pode se satisfazer absolutamente sem seus filhos.

NORA: Neste momento uma mulher se retira de um sistema social específico, em nosso caso da família.

ANNE: Não destrua os fios invisíveis que ligam a senhora e os seus pequenos!

NORA *pega uma agulha de tricô de uma cadeira*: É sua essa agulha?

ANNE: Essas palavras brutas não combinam com a sua personalidade afável.

NORA: Então você faz tricô?

ANNE: Já faz muitos anos que você é mãe, Nora, e continua essa moleca irresponsável, imprudente...

NORA: Sabe o quê, seria melhor você fazer bordado.

ANNE: Mas são bichinhos inocentes. Eu também já tive que produzir um bichinho inocente...

NORA: Porque parece muito mais bonito. Veja só: segura-se o bordado com a mão esquerda, e enfia a agulha com a direita... então... para fora em um arco leve e longo, não é...?

ANNE: Talvez logo seja mesmo mais um bichinho...

NORA: Já o tricô... parece sempre deselegante. De resto, o capitalismo é consequência da dominação masculina no topo, da qual estou cheia.

Joga a agulha no canto, Annemarie corre atrás, ajoelha no chão e cuidadosamente enrola de novo o novelo que caiu.

ANNE: Era para ser um presente para o Ivar! Um novo pulôver de aniversário.

NORA: O fenômeno da nossa capacidade de reprodução é o elemento tranquilizador que domina quando as mulheres falam sobre suas regras ou seus filhos. O que muitas têm que aguentar ao mesmo tempo dá a cada uma segurança.

ANNE: Depois que eu tiver posto o tricô em ordem novamente, vou embrulhar aquela bonecona linda para Emmy. Bateram.

NORA: Bem, abra logo!

Annemarie se levanta gemendo, vai abrir.

WEYGANG *põe a cabeça para dentro da porta numa pantomima de timidez, então vem até Nora com um buquê de flores*: Quero conversar mais uma vez com essa mulherzinha brava. Digo o que penso e ao mesmo tempo aprecio o olhar dessa mulherzinha brava, pois a braveza pode embelezar uma mulher. Dá um fogo ardente.

ANNE: Eu me afasto discretamente, pois marido e umlher querem ficar sozinhos. *Sai.*

NORA: Muitas vezes, quando marido e mulher ficam sós, há faíscas vibrantes. Também se diz: faiscou.

WEYGANG: Vejo que você tem a tarantela no sangue ainda. E isso a faz ainda mais sedutora. Ouça! Com que fulgor seus olhos brilham, com que calor suas faces coram, com que furor seus dentes faíscam!

NORA: Primeiro é preciso deixar a família se partir, depois é preciso deixar todo o resto partir.

WEYGANG: Como seus cabelos esvoaçam e como também seu hálito voa! Além disso também seu peito voa atrás de suas respirações. *Nora corre para ele com a cabeça na direção de seu estômago. Ele a segura rindo, eles lutam, Weygang não leva nada a sério, ele a afasta sorrindo.* Como treme tudo de importante e essencial em você...

ANNE *olha assustada pela porta*: Pelas crianças isso não é nada. As crianças precisam de um ambiente em ordem, para poder crescer em ordem.

11

Na casa de Helmer. A senhora Linde rodeia Helmer zelosa e impertinente.

LINDE: Querido Torvald, o chá já está no fogo. Não é lindo? Um chá assim sua antiga esposa, Nora, não sabia preparar, certeza. *Helmer cala.* Querido! Quer um cubo de açúcar, dois cubos de açúcar ou três cubos de açúcar?

HELMER: Quatro cubos.

LINDE: Mas você nunca tomou com quatro cubos outras vezes?! A mesa também está com a toalha. Não é lindo? *Helmer cala.* Você não faz ideia de como até atividades que parecem insignificantes, como jogar açúcar no chá, me deixam feliz!

HELMER: Já eu não sinto nada com isso.

LINDE: Porque toda vez devo pensar quanto minhas melhores forças e capacidades ficaram inexploradas até agora.

HELMER: Ficaram onde?

LINDE: No trabalho de escritório, claro, querido Helmer e marido! Sou muito criativamente dotada para trabalhar tanto tempo num escritório, o que só agora reconheci. Com a sua ajuda, querido! Sua ex-mulher Nora nunca entendeu isso. Há tarefa mais criativa que ajudar os primeiros passos das crianças para dentro da vida? Ainda mais crianças tão profundamente perturbadas como as que foram abandonadas pela mãe, pela mãe original??

HELMER: Pois é...

LINDE: Um homem não pode entender essas coisas. Por isso mesmo amamos tanto vocês homens, porque sempre sobra um resto de estranheza entre homem e mulher.

HELMER: Não é bom deixar chegar muito perto certas pessoas, mulheres apaixonadas por exemplo.

LINDE: Você foge do amor por causa da sua grande decepção, Torvald. Mas acredite em mim, Nora não valia a pena! Nas minhas mãos pacientes de mulher isso logo vai mudar. Nós mulheres fazemos algo especialmente bem: esperar, por anos se for preciso!

HELMER: Agora preciso ficar muito sozinho, desde que Nora me deixou. Agora devo ouvir meu mais íntimo. O que ouvir aí ditará meu futuro. Mas grosso modo já sei: alta finança, diz meu mais íntimo.

LINDE: Não espere demais! Talvez seja algo errado que seu íntimo lhe sussurra. Um homem não precisa só se exaurir sempre, também pode ficar em casa. Fora isso há que se temer que, lá fora, um objeto talvez mais atraente que eu cruze seu caminho.

HELMER: Agora preciso de muito tempo sozinho.

LINDE: Dor de amor não dura uma eternidade.

HELMER: Por causa da minha grave ferida interior não deixo mais ninguém chegar perto.

LINDE: Só um homem pode falar assim! Orgulhoso e sem coração.

HELMER: Eu me tornei o que se chama um lobo solitário, um *lone Wolf*, que muitas vezes é desejado pelas mulheres justamente por isso.

LINDE: Mas não é para outras desejarem você! Só para mim você pode se abrir sem reservas, Torvald!

HELMER: Nós, tubarões solitários da bolsa, caçamos sempre sozinhos nossa presa. Armados com dentes fortes, arrebatamos o tímido bicho-dinheiro das mãos alheias... com nossas mandíbulas reforçadas...

LINDE: De você sai um cheiro inconfundível de poder, Torvald. A poucos é concedido cheirá-lo. Por isso mesmo te amo tanto. Mas também porque só eu sei como você pode ser amável e gentil.

HELMER: Quando jamais fui gentil?

LINDE: Basta que sua Linde saiba. Você precisa de alguém que afaste de você com mão amável as ninharias diárias.

HELMER: O Capital tem maior beleza, força de atração e autonomia.

LINDE: Como você fala... parece que nunca fez outra coisa! Nós mulheres não temos essa prática.

HELMER: E o que houve com o Krogstad?

LINDE: Com Krogstad: não podia me realizar.

HELMER: Por que não?

LINDE: Krogstad não irradia um fluido de poder pelo qual já estou caidinha. Isso irradia bem forte de você.

Krogstad não tem nenhuma posição na vida econômica. Você é o máximo que posso alcançar.

HELMER: Sou o máximo que podem alcançar mulheres que podem alcançar muito mais que você!

LINDE: Você tá querendo fazer sua Lindezinha ficar com ciúmes? Não é certo torturar uma inferior que te ama verdadeiramente.

HELMER: Então fique com um inferior, como Krogstad, que está no seu nível. Talvez ele não te torture...

LINDE: Você fere minha feminilidade, dizendo isso.

HELMER: Nós lobos solitários ferimos mesmo, às vezes, de propósito ou não. Farejamos é dinheiro.

LINDE: Você não fareja os biscoitinhos para o chá que eu mesma assei, querido Torvald? Só para você.

HELMER: Sabe que não tenho tempo para essas coisas.

Ele enfia o biscoito na boca distraidamente.

LINDE: Por favor, cheire, Helmer, por mim! Só um!

HELMER: Não vê que estou amarrado nas notícias da bolsa?

LINDE: Torvald, já que você falou de amarrar...

HELMER *prestando atenção de repente*: Sim?

LINDE: Queremos jogar de novo nosso jogo, esse jogo de nossas longas noites?

HELMER: O que quer dizer?

LINDE: Um caráter duro, que sempre se ocupa só de caçar, pode às vezes ele mesmo, no isolamento do quarto, onde tudo imaginável é permitido, se tornar a caça! É a compensação que a natureza exige.

HELMER: Ah, Lindezinha...

LINDE: Mas estamos elevados acima das réguas morais e mesquinhas, Torvald, não é verdade? Também não vou contar a nenhuma alma...

HELMER: Você quer... agora...?

LINDE: Ser sua senhora, pois sim, Torvald! *Veste as botas com alguma dificuldade.*

HELMER: Mas agora não tenho tempo nenhum... porque eu... as notícias da bolsa...

LINDE: Venha logo, Torvald! Rápido! Aqui!

HELMER: Que você nunca conte nada a ninguém!

LINDE: Ninguém! É um segredo só nosso, Torvald.

HELMER: Enfim, é a compensação que às vezes um jogador e especulador apaixonado como eu simplesmente precisa.

LINDE: Claro, claro, Helmerzinho, vem para o chicote! Vem para sua senhora! Já, eu disse! Vai ver que logo vai se sentir melhor, menos abatido.

HELMER: Eu abatido?

LINDE: Sim, mas logo passa! Agora vem... *Puxa-o.*

HELMER: Mas a qualquer momento as crianças podem chegar...

LINDE: Até as crianças voltarem já teremos terminado com o chicote. Hoje elas queriam ir até o lago, dar comida aos gansos.

HELMER: Mas então depressa!

Portas lá fora. Vozes de criança.

LINDE: Droga! Ah.. agora meus instintos de repente dizem que tenho que me jogar sobre as crianças e apertá-los contra meu peito. Obviamente o passeio foi encurtado pelo mau tempo. Pobres pequeninos sem mãe! *Corre para fora, o seguinte é dito fora.* Como parecem alegres e animados! Não, como suas bochechas estão vermelhas! Como maçãs e rosas. *Sempre vozes de crianças no meio.* Divertiram-se? Que lindo. Sim, então: você puxou Emmy e Bob no trenó? Os dois? Sim, você é um cara eficiente, Ivar. Ah, meus bonequinhos docinhos! Como? Jogaram bolas de neve? Oh, eu teria adorado estar lá!

12

Escritório de Weygang. Weygang e Helmer. Ambos ocupados com taças de conhaque e charutos. Atmosfera "masculina". Helmer parece servil.

WEYGANG *à parte, baixo*: Aí temos o elo fraco em pessoa. *Alto, para Helmer:* O senhor bem sabe, caro Helmer, o que nos move a ambos: é o Capital.

HELMER: Oh, muito obrigado, Senhor Cônsul. Como o senhor muito corretamente diz, o Capital influencia a nós dois, é o que sempre digo à minha governanta, a Senhora Linde. Em minha posição, aspiro a sempre cumprir com minhas obrigações para com o Capital.

WEYGANG: Bravo, Helmer. O senhor não está em nosso clube há muito tempo?

HELMER: Só há pouco tenho a honra, Senhor Cônsul. Mas já me atiro feito tubarão, perdão, outro peixe, um lúcio, entre as colunas calcificadas do grande capital e deixo o ar fresco entrar, Senhor Cônsul.

WEYGANG: Não me chame assim! Espero que não me considere uma coluna calcificada?!

HELMER: Jamais me permitiria, caríssimo Senhor Weygang...

WEYGANG: É claro que sangue fresco é sempre bom.

HELMER: Se um dia for um empreendedor, Senhor Weygang, vou reagir como um cão de Pavlov a todo estímulo forte que signifique herança para os filhos.

WEYGANG: Ah sim, o senhor tem filhos, meu amigo.

HELMER: Filhos saudáveis, Senhor Cônsul. Dois meninos.

WEYGANG: Se estou bem informado, o senhor ainda é empregado pelo Banco Conti, não é, Helmer?

HELMER: Tudo em mim anseia por mudança, o acúmulo de patrimônio me chama, Senhor Cônsul.

WEYGANG: Ah, deixemos um pouco de lado os negócios, Helmer!

HELMER: Isso não posso fazer, Senhor Cônsul, eles já entraram no meu sangue. Sei que nasci para especular com fatos e números, Senhor Cônsul.

WEYGANG: O senhor é um fenômeno financeiro fazcinante, Helmer.

HELMER: Também acho, Senhor Cônsul. Mas não tire do capitalista os filhos, ou lhe tirará tudo que o motiva a acumular fortuna e empregar pessoas. Logo ele gastará tudo! Talvez até no exterior, que eu gostaria de conhecer algum dia, Senhor Cônsul.

WEYGANG: Eu sei, eu sei, Helmer.

HELMER: Mas já pus um pé no livre mercado, Senhor Cônsul.

WEYGANG: E gostaria de juntar a ele o segundo o mais cedo possível, não?

HELMER: Oh, seria tão maravilhoso, Senhor Cônsul.

WEYGANG: Então tire por um momento o seu pé do livre mercado e o outro do banco...

HELMER: Isso é difícil para mim, Senhor Cônsul, já criei raízes profundas ali.

WEYGANG: Supere essa falha e pense que um administrador genial também precisa, às vezes, de uma pausa da administração...

HELMER: Já disse muitas vezes à Senhora Linde, minha governanta, que preciso fazer mais de mim, Senhor Cônsul...

WEYGANG: Precisa se mover nos círculos adequados a você...

HELMER: Onde estão esses círculos, onde estão esses círculos, Senhor Cônsul?

WEYGANG: Já se sente maduro o bastante para isso?

HELMER: Muito maduro, muito maduro, caríssimo Senhor Cônsul!

WEYGANG: Se realmente já se sente forte o bastante, posso te apresentar uma amiga…

HELMER: Oh, querido, caro Senhor Cônsul...

WEYGANG: Não sou seu querido Cônsul.

HELMER: Perdoe por favor, Senhor Cônsul, mas eu não disse “meu querido”!

WEYGANG: Essa dama da qual falei emprega o tempo voejando de flor em flor.

HELMER: A saliva já começa a correr pelo canto da boca só com o pensamento, Senhor Cônsul.

WEYGANG: É um tipo bem novo e original de mulher, nos Estados Unidos chamam-no “Flapper”.

HELMER: Refresque meu inglês, Senhor Cônsul...

WEYGANG: A dama é uma criatura sem qualquer régua moral, mas que ao mesmo tempo parece uma criança. Ah – *com importância* – muitas vezes ela também pode ser bem cruel...

HELMER: Meu Deus... a dama é americana, o senhor disse, Senhor Cônsul? Será que também vou saber me fazer entender... então deve-se realmente... desejos secretos a uma estrangeira...

WEYGANG: Não fale bobagens, Helmer! Talvez você ainda não tenha chegado a tanto, e a experiência te derrubaria...

HELMER: Não vai me derrubar, Senhor Cônsul, definitivamente não! Prometo! Uma Lolita, isso seria diferente do que se costuma ter em casa, Senhor Cônsul.

WEYGANG: Então está combinado, Helmer?

HELMER: Como posso te agradecer por suas gentilezas, Senhor Cônsul?!

WEYGANG: Você sequer sabe se consegue aguentar tudo, Helmer…

HELMER: Meu Deus, Senhor Cônsul, se o grande caçador um dia vira caça... E posso mesmo vir, Senhor Cônsul?

WEYGANG: É claro, Helmer. Vou te apresentar.

HELMER: Oh, muito, muito obrigado pelo convite generoso. E saudações cordiais à dama, eh... aparecerei pontualmente sem falta...

WEYGANG: É o que espero. Pontualidade é a polidez dos reis, Helmerzinho!

13

Quarto de Nora. Nora e Annemarie. Nora está de camisola e se maquia diante do espelho, Annemarie faz a arrumação.

ANNE: Não consigo nem olhar… isso deve doer terrivelmente para os senhores!

NORA: Eles querem que lhes doa, Annemarie !

ANNE: Lembro da surra horrível que meu pai, quando eu era criança, me...

NORA: Seu pai era por natureza pobre e corrompido, Annemarie, esses senhores são ricos por natureza.

ANNE: Que homens por natureza tão abastados se deixem machucar assim... A senhora devia antes bater em seus filhos, Nora, se precisa mesmo bater em algo. Essa é a natureza da mulher.

NORA: Nos meus filhos eu jamais bateria! E mulher e natureza não necessariamente fazem juntas uma essência natural. Pode-se também separá-las. Nenhuma feminilidade com base natural mais!

ANNE: A uma mulher que faz algo assim deve doer mais que ao homem que sofre isso, porque isso vai contra a natureza da mulher.

NORA: Você não entende, minha velha Annemarie.

ANNE: Fazer nova vida é nossa determinação, não estragar vida velha...

NORA: Talvez a sua, a minha não. *Campainha.* Vá ver quem está lá fora. Não pode ser ele, ainda é cedo.

ANNE: Um homem bem-educado nunca chega no segundo exato.

Vai abrir. De fora a voz de Helmer.

HELMER: No segundo exato! Esse tipo de coisa em certas circunstâncias pode ser a condição para uma carreira ou sua decadência. Também os detalhes não se pode ignorar... A senhora é... A senhora é...

ANNE: Annemarie. Minha querida, o Senhor Helmer! *As vozes se tornam mais claras, pouco tempo depois Annemarie entra correndo pela porta.* Senhora Nora, Nora! É o Senhor Helmer! É o Senhor Helmer em pessoa! Será que depois de tanto tempo as duas metades do casal se encontrarão de novo num todo?

NORA: Sei quem está aí, Annemarie. *Tira o roupão. Embaixo veste apetrechos de dominatrix, botas altas de couro etc. Pega um chicote de montaria e veste uma máscara.*

ANNE: Com certeza ele quer falar com a senhora por causa das crianças. Seja compreensiva, minha Nora. *Quer tirar-lhe chicote e máscara. Nora a afasta.* O que Deus juntou o homem não deve separar. Nora! Seja inteligente! *Nora empurra Annemarie com tanta força que ela tropeça e quase cai.* Minha Nora com certeza fará o certo. Se uma mãe pensa nos filhos, ela faz o certo instintivamente. Se outrora me tivessem deixado meu filho, eu não teria feito muitas coisas erradas na minha vida. Talvez homem e mulher agora finalmente se reúnam e construam uma unidade?

NORA: Cala a boca, Annemarie! Só não diga a ele quem eu sou!

ANNE: Eu nunca me meteria entre as duas partes de um casal, pois o que há entre eles é mais fácil de destruir que uma teia de aranha.

Sai. Depois de um tempo entra Helmer constrangido. Nora permanece imóvel.

HELMER: Oh, boa noite, madame, como vai a senhora... é... convenhamos, é bem difícil quando se está sem segurança na vida, inseguro... *Presenteia-a com um buquê de flores, curvando-se.* Posso me permitir... *Nora joga-o num canto.* Minha cara, já começou... já vou, já já!... e por favor me diga: então, meu escravo, agora fiz de você um pacote bonitinho, bem preso, amarrado firme e sadicamente, para que a circulação sanguínea funcione melhor... *Testa a mobília com o dedo*. Que linda casa! Belos móveis – de bom gosto. Claro que preferiria uma nogueira escura ao carvalho claro, mas fora isso... melhor qualidade... é, nossa ordem parte do ser humano como indivíduo. Só em uma economia livre pode-se salvar a individualidade.

NORA: Por favor, de joelhos!

HELMER: Desculpe, madame. Mas a senhora parece de certo modo familiar, digo, no sentido figurado. *Quer tocá-la, mas não se permite.* A senhora parece com alguém. Será que não queremos antes enrolar o tapete?... É... não gostaria de sujá-lo sem necessidade. Também quero, por favor, que me amordace tão sofisticadamente, amarre uma camisola sua tão apertada no meu rosto, que fique impossível tirá-la sozinho e que então também, por favor, depois que eu estiver entregue a você indefeso e impotente, zombe de mim e me diga coisas más e ordinárias...

NORA: De joelhos!

HELMER: Perdão. Imediatamente. *Ergue desajeitado as pernas da calça e se ajoelha.* A madame não quer ver se alguém pode ouvir? Isso me acalma. A dama, quero dizer a serviçal incompetente lá fora, eu acho que conheço... e também a senhora... além disso, por favor também enfie na minha boca umas meias velhas suas tão firme quanto der e me faça engasgar de modo tão sádico que nem o menor gemido...

NORA *amarrando-o*: O senhor é industrial, me disseram... então com certeza tem informações que concernem essencialmente à indústria.

HELMER: Muito obrigado pela amarração, madame! E por favor, vista algo tão apertado, sensual e provocante como só você consegue, vista uma camisola preta bem apertada, que aperte e tensione tanto seus seios sensuais e perversos, luxuriosos lindos, firmes, volumosos e maravilhosos, que não dê para ficarem mais altos... sua safada... também peço belas meias longas e pretas que você tem... no futuro te escreverei tudo certinho, como quero fazer aquilo..

NORA: Ora, chega desses olhos de pomba assustada. Perdoo seu medo, mesmo sendo no fundo uma ofensa a mim. Perdoo essa ofensa porque é, ao mesmo tempo, prova do seu grande amor por mim. *Ata-o.*

HELMER: Por favor não tão firme, madame.

NORA: Quando as garras da economia prendem você, não soltam de novo tão logo. Você deve me dizer tudo. Quanto mais diz, tanto mais violenta posso ser.

HELMER: Quero dizer tudo! Essa voz cada vez mais me parece conhecida.

NORA: Não sou eu que tenho que falar, e sim você!

HELMER: Se alguém, cujos pensamentos soltos voam alto pela sala, de repente é impedido por cordas de deixar voarem esses pensamentos, o desconforto se acumula e por fim há uma erupção. Na economia o que age não são as forças da natureza com seus efeitos forçosos, mas pessoas animadas. *Cada vez mais amarrado.* Isso ali é porcelana Sevrès, esse vaso com as flores...? Essa casa tem de fato estilo e bom gosto.

NORA: Agora não quero ouvir nada da economia em geral, mas da economia em específico. *Amarra.*

HELMER: E por favor, da próxima vez vista o que tem de mais apertado. Sabe, isso me excita terrivelmente e me agrada muito... Por favor, dê uma olhada em casa, ou talvez haja outro modo possível, madame, se a senhora também tem outras cordas fortes ou uma corda de varal, como se sabe que toda mulher tem... Enfim, o ser humano é o sujeito da economia, e não a própria economia! *É chicoteado.* Aaaah. *Geme.*

NORA: Vou parar imediatamente se não falar dos seus problemas profissionais!

HELMER: Sim, senhora! *É chicoteado, geme.* Não se pode sobreviver sozinho, precisa-se dos outros. O poder de compra das massas garante os ganhos. *Chicotadas.* Não tão forte, por favor.

NORA: Muito indireto e impreciso. *Para de bater.*

HELMER: Por favor, por favor não pare, amada, adorada madame!... Talvez possa, por favor, da próxima vez que vier te encontrar, me deixar amarrado, preso, atado, empacotado com um avental, com sua camisola amarrada em volta do meu rosto, tão forte que seria

impossível eu tirar sozinho, me deixar assim até o dia seguinte ou o próximo, até que você volte... e então por favor você também me trancará em casa... aaah...

NORA *para de bater e se senta*: Quero detalhes!

HELMER: Já digo! Digo imediatamente! *Geme.* Da próxima vez você tem que embeber as cordas e cintos na água antes por um tempo, por favor...

NORA: É para eu parar de novo?

HELMER: Mas não, adoradíssima, amadíssima... *É chicoteado, geme.* Segundo minhas informações, a propriedade e a fábrica têxtil que se encontra nela estão completamente dilapidadas e praticamente arruinadas financeiramente. Planejamos o fechamento da produção por falta de rentabilidade...

NORA: E onde fica essa fábrica?

HELMER: Da próxima vez lhe darei uma carta dizendo como gostaria de ser tratado por você, e digo também que escreverei de modo bem ordinário o que gostaria que fizesse comigo... você tem que dizer que isso não importa, por favor. Tem pouca coisa que não gosto... bate, por favor! Bate! Não pare, adoradíssima!

NORA *bate*: Onde?

HELMER: Em Lerchenau, em Lerchenau, de dia é cinza e à noite igual. Não disse para bater mais forte?

NORA *bate hesitante*: Quê? Em Lerchenau?

HELMER: Não vou escrever bonitinho na carta, quando disser como fico com sapatos com cravos, no inverno com botas de pelo, altas e apertadas, de salto alto, com lingerie preta bem colada e meias escuras, eventualmente com costura preta... Por favor continue, sua feiticeira!

NORA: Em Lerchenau?

HELMER: Essas propriedades normalmente não atrairiam ninguém que tivesse uma mínima noção. Mas eu consigo, espalhando um boato de que ali talvez seja construída uma ferrovia... Continue por favor! *É chicoteado*. Um motivo para não ser rentável: o problema do transporte. Cada vez mais acho que nos conhecemos, madame.

NORA: Então Lerchenau deve ser vendida. *Bate*. Eu brincaria de esquilinho e pularia de galho em galho para você. *Bate cada vez mais violenta.*

HELMER: Hoje vivemos essencialmente muito mais longe dos efeitos de nossas ações do que antes. *Geme cada vez mais frequente enquanto isso.* Realmente espero que você tenha todas as coisas que vou lhe escrever. Também um sutiã preto, por favor.

NORA *bate*: Então é você que quer vender Lerchenau... e sabe mais detalhes, tenho certeza disso... mas para mim basta o esquema geral... sua cotoviazinha já sabe deduzir o resto sozinha...

HELMER: Pare! Pare, por favor, isso já é demais! *Nora a seguir bate cada vez mais forte.* Você está certa em não parar, logo que digo "pare" – *geme* – já quero um pouco mais, que também vista meias em mim e amarre cordas na minha perna com meia-calça de cima a baixo tão apertado como só você sabe fazer – *geme* – e então outras coisas mais por favor, que não posso falar tão alto, mas só escrever antes da próxima vez – *geme* – trata-se de me violentar tanto, segundo as regras da arte, por favor, até que não me reconheça mais de tanto deleite... ficar tantas horas quanto tempo você tiver com o meu rosto sob seus seios e suas nádegas sensualmente e perversamente lindas bem como com a minha cabeça entre suas coxas firmes vestidas com meia-calça... *Geme*. Acho que nos conhecemos, madame.

NORA *bate*: Hoje estou de novo tão irracional! Como uma coisa assim é herdada, do papai para a filhinha. *Bate violentamente.*

HELMER *geme*: Depois vou escrever também como deve, por favor, com o seu – *geme* – não, não posso dizer em voz alta, vou escrever isso também. Se o caos sem esperança deve negar toda produtividade econômica, normas devem... sem consideração pelo lucro a roda para... *Helmer cai e fica deitado imóvel.*

NORA: Agora não preciso mais cansar tanto meus olhos e minhas boas mãozinhas. *Tira a máscara.* Torvald! Aqui fala o seu pintassilgo.

HELMER *volta lentamente a si*: Nora!

NORA: Este ano não precisamos ser mesquinhos, de fato. Agora você vai vender Lerchenau... que sua imprudência não te perca! Que não tenha que pegar emprestado!

HELMER: Meu Deus, Nora... não estou planejando nada antiético. Eles acabam de renovar sua moradia com

tanto amor... você não pode imaginar algo assim da minha parte.

NORA: Pois sim.

HELMER: Confesso com o coração pesado: eu menti, Nora!

NORA: É meu esquilo que está aí?

HELMER: Não é o que diz o Senhor Weygang, embora naturalmente não faz sentido!

NORA: Ou é meu pintassilgo que canta aí?

HELMER: Além disso, estou arruinado socialmente se escapar o que foi feito da minha antiga mulher... assim você também destrói uma nova relação que germinava, Nora! Com uma jovem criatura.

NORA: Tanto melhor.

HELMER: Nora, por nossos filhos que tivemos juntos... eu imploro... não falar para ninguém disso... não, eu peço a você, isso você me deve... já que me deixou, me deixou para trás sem esposa...

NORA: Ah pfff, como você pode falar essas coisas horríveis!

HELMER: Pelo nosso amor de antes...

NORA: Pfff, como você pode dizer algo assim! Você ainda tem a tarantela no sangue, estou percebendo. E isso te faz ainda mais sedutor.

HELMER: Nora, você como mulher traz algo assim aos lábios? Nora! Só me ouça, Nora!

NORA: Ah sim, sim. É realmente maravilhoso viver e ser feliz. Talvez eu até consiga ver novamente o mar?! *Pausa. Nora se senta na cama com a respiração pesada. Depois de um tempo toca a campainha.*

Annemarie entra, desamarra Helmer desajeitada, gemendo, ajuda-o a levantar, dá uma batidinha no seu terno e o conduz para fora.

ANNE *voltando*: Isso não foi muito bonito da parte da minha Norazinha, que já segurei nos meus braços. Pobre homem! Seu terno também estava totalmente sujo, vai ter que levar para a lavanderia, não adianta. Você devia se envergonhar!

14

Sala de estar de Helmer. Helmer e Krogstad à mesa. Linde serve os senhores.

HELMER: Para a felicidade privada não terei muito tempo nos próximos tempos.

LINDE: Oh querido, entre sua felicidade privada e a profissional não pode haver nenhuma fronteira, ou você se fará menor do que é!

HELMER: A comida não está pronta ainda?

LINDE: Entre minha dedicação e você também não há nenhuma fronteira. Minha dedicação é ilimitada.

HELMER: Você não ouviu?

Linde sai para a cozinha.

LINDE *da cozinha*: Então? Aí tinha lá um cachorro grande, que correu atrás de você? Mas não mordeu? Não, crianças comportadas não mordem cachorros. Então? Vamos brincar? Vamos brincar de quê? Esconde-esconde? Sim, vamos brincar de esconde-esconde. Bob tem que se esconder primeiro. Eu que tenho? Sim, vou me esconder primeiro.

Barulhos da cozinha, algo quebra, cacos.

HELMER: Diga aí, contador Krogstad... todos já sabemos, do teatro, que o senhor outrora amou essa umlher, essa aí na cozinha.

KROGSTAD: Esse sentimento está soterrado em mim. Creio que no futuro não poderei sentir mais nada, pois me decidi recentemente pelo caminho de negociante independente, aliás, como o senhor, senhor Helmer.

HELMER: Mas eu teria que deixar a Linde. Talvez o senhor ainda não saiba que vou me casar. Uma jovem dama da melhor sociedade.

KROGSTAD: Decidi pelo caminho de negociante independente, de fato, mas ainda não tenho negócio.

HELMER: Se você tirar a Linde de mim, terá seu negócio e também, nela, uma ajuda confiável.

KROGSTAD: Você acha que ela vai aceitar sem mais?

HELMER: Ah, nós dois, o senhor e eu, nós conhecemos as mulheres...

KROGSTAD: Eu também conheço a vida.

HELMER: Eu conheço a vida muito melhor! Só a meritocracia possibilita o crescimento econômico, cultural e pessoal. Ela pode obter bem-estar e riqueza maiores.

KROGSTAD: Primeiro só preciso de um lugar no qual possa ter algum mérito.

HELMER: Você terá, você terá. Mas teria outra coisa.

KROGSTAD: É?

HELMER: Ouça, você conhecia bem a Nora...

KROGSTAD: Sim.

HELMER: Voltei a vê-la. Sob condições indizivelmente humilhantes para ela, poupe-me os detalhes!

KROGSTAD: O reencontro deve ter trazido um certo sentimento trágico.

HELMER: Mas o pior é que ela poderia arruinar tudo: meus filhos, minha casa, a mim, minha reputação, você, Krogstad, a senhora Linde, meu futuro, meus negócios, minha posição, meu status, meu futuro casamento...

KROGSTAD *interrompe*: Não consigo imaginar que ela possa destruir tudo.

HELMER: Não sei como, de repente ela está monstruosamente informada sobre negócios. Não é por mim.

KROGSTAD *atento*: O que quer dizer com isso?

HELMER: Ela pode me levar até o abismo, e talvez até para dentro dele!

KROGSTAD: Então ela deve ter muito poder.

HELMER *bravo*: Mas não, nem rastro. Só imagino que ela podia fazer uma longa viagem para o exterior...

KROGSTAD: ... ou nem pudesse mais ser encontrada...

HELMER: Não diga coisas tão horríveis! Mostre antes ambição, desejo de sucesso, de vitória, planejamento de carreira, sentimento de dever e cumprimento de contrato, Krogstad!

LINDE *entre com uma bandeja*: A comida está pronta! *Para Krogstad:* Não corta em você como uma faca ver o elo profundo que me liga a Torvald?

KROGSTAD: Nenhuma leguminosa, espero, não posso comer leguminosas.

LINDE *brava*: Se alguém aqui não pode comer algo, é meu Torvald aqui. *Aninha-se a Helmer, que a repele irritado. Para Krogstad:* Veja agora: ele nunca pensa em si, só em mim e minha reputação... pois ainda não estamos casados... Que um homem possa sentir tão ternamente e mesmo assim parecer tão duro! *Serve a comida.* Toda noite demora tanto para ele deixar de lado a dureza da vida empresarial...

KROGSTAD: Ah, carne de panela, eu gosto... Com certeza você vez para mim, né, Christinezinha?

LINDE *brava*: Não! Para Torvald e só para ele! Você ainda não consegue deixar de se meter entre as duas partes de uma relação tão feliz? Com certeza jamais conseguiria!

KROGSTAD: ... e ervilhas... ótimo. *Quer se servir.*

LINDE *impede*: Primeiro meu Torvald. Tire a mão!

HELMER: Cala essa boca logo, Linde!

LINDE *para Krogstad*: Ele só diz isso agora porque quer esconder de você o coração mole, mas para mim o mostra muitas vezes quando estamos sozinhos.

HELMER: Affe, Linde...

LINDE *para Krogstad*: Você diria, olhando para esse homem de aparência nobre, que ele às vezes tem uma senhora, que sou eu?

KROGSTAD *olha em outro tacho*: Batatinhas... gosto assim.

15

De novo a fábrica como antes. As trabalhadoras, emtre elas também Eva, acabam de começar a pausa para o café. O contramestre também está aí, um pouco afastado dos outros. Nora está visitando, seu vestido bem que é caro, mas o aspecto como um todo dá impressão de descuido. Pedaços de móveis jazem por aí, parece um pouco uma oficina doméstica.

TRABALHADORA: Como você vê, grandes progressos tiveram lugar aqui. Estou pensando só na pequena biblioteca que pudemos organizar.

EVA: Antes vocês precisavam ficar com seus livros perto de uma janela iluminada para conseguir ler, logo estarão de fato ao ar livre, esperem só!

TRABALHADORA: Melhor ignorar algo assim, Nora!

NORA: Educação é ter noção de beleza, e tem que ser trabalhada.

EVA: A beleza já está aí. Graças aos céus!

NORA: Educação é ter noção de cultura e tem que ser trabalhada, bem como o caráter.

EVA: Mas pressupõe afastar a pobreza e ter tempo para pensar. Logo terão muita pobreza e todo tempo do mundo para pensar. Mas aí será tarde demais.

TRABALHADORA: Não precisa dar-lhe ouvidos, Nora, mulheres mal-amadas às vezes ficam insuportáveis.

TRABALHADORA: O senhor chefe de pessoal nos permitiu especialmente...

TRABALHADORA: ...fundar uma creche para os filhos dos trabalhadores.

EVA: Para nos distrair dos boatos sobre o fechamento.

TRABALHADORA: Mas nem é possível fechar mais...

TRABALHADORA: ... pois a socialdemocracia é contra, isso sabemos com certeza.

EVA: Que bom que a socialdemocracia te disse isso. Bem que ela podia dar material de construção melhor!

CONTRAMESTRE: Ah, eu velho operário vejo que isso foi feito para a eternidade!

Eva chuta com força contra uma estante de livros, ela cai porque a parede cede.

EVA: Só é pena que a eternidade aqui não vai durar muito.

TRABALHADORA *lamentando*: Agora você quebrou!

TRABALHADORA: Elas sempre precisam fofocar, maldizer ou pisar.

CONTRAMESTRE: A parceria social nos ensinou a falar com todas as pessoas.

EVA: Pois é. Primeiro rasga a fronteira entre as pessoas, depois te deixa colidir de frente com o outro.

TRABALHADORA: Demos o sangue pela socialdemocracia...

TRABALHADORA: A socialdemocracia nos forneceu como compensação as armas espirituais para aguentar nosso trabalho.

EVA: Felizmente vocês têm mais sangue que educação em vocês.

TRABALHADORA: Mas logo isso terá mudado!

EVA: Na guerra vocês já deram muito disso, e agora ainda têm algum!

TRABALHADORA: Dos livros pode-se aprender sobre povos e terras estrangeiros.

EVA *brava*: Contanto que não se ocupem do que acontece diante dos seus olhos!

TRABALHADORA *a mesma de antes*: Um exemplo: a socialdemocracia fez um encontro na rua. A polícia foi bem enérgica. Veio para cima uma tropa de cavalaria, liderada por um dos mais ardentes cavalarianos. O monstro gigante que ele montava nos encurralou contra as árvores da avenida.

TRABALHADORA: Eu – apesar da visão já conhecida dos camaradas socialdemocratas – não estava bem.

TRABALHADORA: Fui apertada tanto na árvore pelo cavalo que nem conseguia gritar. Não tinha fôlego.

EVA: E agora espera que a socialdemocracia revide.

TRABALHADORA: Em 1905, ainda lembro, na grande manifestação pelo sufrágio, seu distrito já conseguiu pôr um bom número de mulheres na marcha comum.

TRABALHADORA: Essas mulheres deixaram fogão e filhos para se manifestar pelo sufrágio dos homens.

TRABALHADORA: Com certeza participante nenhum jamais vai esquecer a passeata solene diante do parlamento.

TRABALHADORA: A massa monstruosa de pessoas estava num silêncio sepulcral, as cabeças descobertas.

TRABALHADORA: O único som ouvido nos arredores era o passo seguro e firme do batalhão dos trabalhadores.

TRABALHADORA: O grito dos desvalidos não foi em vão.

TRABALHADORA: ... só os mais pobres, as mulheres, ainda carregam as correntes da escravidão política.

EVA: E agora vocês jogaram fora até suas correntes e ganharam uma creche própria! Bravo!

TRABALHADORA: Parece que você está zombando de conquistas sociais significativas, Eva.

TRABALHADORA: É que você não tem nenhum filho seu para deixar na creche.

TRABALHADORA: Até o dono prometeu participar da abertura da creche para os menores.

EVA *grita*: Então não lhes parece estranho, por que começaram o embelezamento bem agora? Depois que tudo aqui já está acabado?

TRABALHADORA: Simplesmente se arrependeram e querem concertar algumas coisas.

TRABALHADORA: Eles agora têm vergonha de sua falta de consideração anterior.

EVA: Os companheiros de Berlim enterraram 31 camaradas-de-armas, provocados ao desafiar a proibição de seu direito a uma manifestação pacífica de maio! Morreram sob balas do chefe da polícia, que é do Partido Socialdemocrata, e seus capangas!

TRABALHADORA: Meu Deus, Eva, isso já passou! Agora a socialdemocracia mudou de ideia.

NORA *que estava paralisada e distante, de repente mais amaneirada*: Sou uma mulher! A história da umlher até hoje foi a história de seu assassinato. Não vejo como se pode compensar o assassinato, se não for por um ato de renovada violência!

TRABALHADORA: O que quer dizer?

CONTRAMESTRE: Você esquece, Nora, que os donos de capital e firmas recebem uma parte cada vez menor da renda total; parece um progresso comparado aos muitos assassinatos cometidos contra nós.

EVA: Agora pelo menos podemos ficar vivas, Nora!

NORA: Aqui tudo vai ser arrancado e vendido, quer dizer, já está vendido, arrancado ainda não.

CONTRAMESTRE: A socialdemocracia é a melhor garantia de que nada vai rolar por cima de nossas cabeças.

EVA: Exceto que suas cabeças possam rolar.

TRABALHADORA: Esses tempos felizmente passaram, exceto se vier uma nova guerra, que, no entanto, não pode vir.

NORA: Vão dizer que as suas casas têm que virar uma estação ferroviária, que é melhor para vocês, pois assim poderão viajar nas férias!

EVA: As férias são especialmente boas de aproveitar quando não há trabalho entre elas, já que o trabalho foi perdido.

NORA: Mas na realidade algo muito mais perigoso vai ser construído aqui, e vai explodir as cadeirinhas dos seus filhos.

TRABALHADORA: Desde a Revolução Francesa a igualdade e a justiça brilham através dos galhos da árvore empresarial...

TRABALHADORA: ... agora foram enfim alcançadas.

TRABALHADORA: Só quem não trabalha também não pode comer.

EVA: Então todos que não trabalham não comem.

NORA: É porque vocês são mulheres que fazem isso. Porque há aí um ódio inquietantemente maior pelas mulheres. Provavelmente por sentirem a força das mulheres e não poderem fazer nada contra ela.

TRABALHADORA: Isso não entendo, Nora.

NORA: Os homens sentem a enorme potência interior das mulheres. De medo dela, então, aniquilam essas mesmas mulheres.

CONTRAMESTRE: Como você fala esquisito, Nora. No seu fanatismo você hoje me parece quase feia!

TRABALHADORA: Sim, também me ocorre que você não é mais tão bonita como antes.

NORA: Esse é outro tipo de beleza, uma interior, mas que ainda não é tão moderna quanto a outra, exterior.

TRABALHADORA: Prefiro ser bonita por fora, para todos verem.

NORA: Qualquer coisa ainda é melhor que ser uma parasita sexual, isso não quero mais ser.

TRABALHADORA: Agora mal podemos conceber isso de parasitas, porque você se tornou quase feia.

TRABALHADORA: Sim, mulheres como você também ficam mais velhas...

NORA: Então não veem minha beleza interior, que vem do entendimento? Minha beleza de agora é muito mais importante.

EVA: O chão em que pisamos vai ser arrancado!

TRABALHADORA: Recentemente fui testemunha de um incidente repulsivo. Eu passava pelo vestiário e vi um episódio que se dá com frequência nesses lugares, e que é, para dizer o mínimo, uma vergonha cultural. Uma colega que tinha acabado de passar mal usava a água da privada para se lavar.

NORA: A dignidade da mulher é sempre violada, por todos, a maior parte das vezes.

TRABALHADORA: Nos meios tempos a dignidade da mulher e a higiene ficam conservadas.

TRABALHADORA: Isso não vai poder se repetir.

EVA: Não, porque logo não vai ter mais nada.

NORA: ... a mulher não pertence a si. Mas eu, de agora em diante, pertenço a mim.

TRABALHADORA: Por isso você é feia, porque não quer ser uma parte do grande todo.

TRABALHADORA: Nós todas somos partes do grande e também do todo. Nós ficamos bem juntas.

TRABALHADORA: ... nessa harmonia jaz nossa beleza.

TRABALHADORA: A beleza da parte individual não é nada em comparação com a beleza de uma massa.

EVA: Vocês ainda se lembram do tempo das leis antissocialistas? "Mulher e socialismo" de Bebel e o "Capital" de Karl Marx foram proibidos como hostis ao estado.

TRABALHADORA: Mesmo assim nós os lemos!

EVA: Mas nessa biblioteca só pode ter uma história da pintura ocidental, um manual sobre técnicas gráficas, "o criador de animaizinhos" bem como "caminhos de passeio pelo Harz" e coisas parecidas!

TRABALHADORA: E "caminhos de passeio na floresta negra"!

CONTRAMESTRE: Eles poderiam estar aí e isso basta. Nem precisam necessariamente estar para envenenar uma atmosfera social.

TRABALHADORA: Poderiam estar, se apenas quis éssemos, e isso basta.

NORA: Quando escuto vocês, quero incendiar tudo!

TRABALHADORA: Você está louca, Nora.

TRABALHADORA: E desfigurada, Nora.

TRABALHADORA: E desumanizada, Nora.

TRABALHADORA *balançando a cabeça*: Incendiar o que nos fez livres pela primeira vez; a máquina!

NORA: A mulher que opera uma máquina perde na hora a feminilidade, além de emascular o homem e, humilhando-o, tirar-lhe o pão da boca. Mussolini.

TRABALHADORA: Mas aqui não temos fascismo!

EVA: Sim, as máquinas logo lhes serão tiradas das mãos. Isso fere mais duramente a mulher, pois ela ainda não tem a máquina na mão há tanto tempo.

NORA: Vocês têm que queimar o que as aprisiona! Se seus homens queimarem junto, não faz mal, eles é que lhes deram as máquinas e assim as sobrecarregaram em dobro, em triplo, sem dar nada em troca.

TRABALHADORA: Isso é anarquismo e terrorismo!

NORA: A mulher está decapitada e despedaçada. Só lhe é permitido o corpo, a cabeça é cortada fora, porque ali algo pode ser pensado.

TRABALHADORA: Mas sem nossos corpos...

NORA: ... onde ele pode ser lido...

TRABALHADORA: ... o homem não tem nada!

TRABALHADORA: Não podemos deixar nossos maridos, que já não têm nada...

TRABALHADORA: ... sem nós mesmas também.

NORA: Seus maridos têm vocês, vocês não têm nada!

TRABALHADORA: Isso não está certo, há dois lados.

TRABALHADORA: E fora isso temos as crianças.

NORA: Que o homem não quer ter, o homem quer permanecer sem peso.

CONTRAMESTRE: Você de fato não é bonita, Nora, pelo menos aos olhos de um homem. Aos de uma umlher talvez nem tanto, mas para uma mulher isso não vem ao caso.

TRABALHADORA: Sim, também aos olhos de uma mulher ela não é bonita.

TRABALHADORA: Ela também não me agrada.

TRABALHADORA: Nem a mim!

NORA: À medida que a mulher não agrada mais, dá o primeiro passo para sua libertação. Um passo contra a base de uma pirâmide de violência silenciosa...

EVA *a única que ficou em silêncio por um tempo, de repente começa a gritar, sobe até uma histeria, até que têm que segurá-la*: Eu também sou uma mulher. Sou uma mulher como a Nora aqui! Eu pulo por aí com gritinhos de mulher, giro por aí até que mal se possa discernir minha forma, me penduro lisonjeira no pescoço do segundo melhor, sempre que tenho oportunidade dou bolinhos, deslizo travessa como uma menininha pelos pisos, pego com esforço a outra ponta e jogo os braços exultante em volta de um homem amado qualquer, agradeço impetuosamente por um pedacinho de chocolate, dou as mãos e me encosto, rindo alto pela travessura bem sucedida, ando de ponta-cabeça com o homem que escolhi à vista, brinco de polícia e ladrão, nomeio os ladrões por ordem de entrada em cena: Deutsche Bank AG, Berliner Disconto Bank AG, Dresdner Bank AG, Bank für Handel und Industrie AG, Bank für Gemeinwirtschaft AG, Hypotheken- und Wechsel-bank AG, Landesbank Girozentrale, Vereinsbank, Berliner Commerzbank AG, Hardy-Slomann Bank GmbH, Bankhaus Marquard und Co., Max Merck jr. & Cie, Conti Bank AG, Simonbank AG, H. J. Stein, Warburg, Brinkmann, Wirtz & Co. ...

As trabalhadoras se curvam sobre ela, cobrem-na e falam com ela com compaixão, o contramestre fica de lado e fuma um cigarro, Nora fica sentada imóvel. Pausa.

NORA: Eu poderia rasgar a fantasia da mascarada em cem mil pedaços.

16

Weygang entra em roupas de tenista, Nora joga os braços ao redor de seu pescoço.

NORA: Vou te confessar uma coisa, meu querido! Não aguento mais essa situação anormal entre nós. *Ele mal lhe dá atenção, afasta-a.* Tenho que admitir que tinha quase me distanciado de você internamente. Mas fora de casa vi coisas tão perturbadoras, que tenho que voltar a me aproximar de você. Não é bom?

WEYGANG: Eu não acho.

NORA: Eu tenho um ouvido para o quase inaudível. O destino diz que somos feitos um para o outro. Não se pode simplesmente jogar fora uma relação quando surge uma dificuldade.

WEYGANG: Não posso achar.

NORA: Não duvido mais que haja muito que nos une. Mas você tem que me ajudar em um novo começo!

WEYGANG: Não duvido que antes da morte te espere a velhice. E ainda antes a menopausa. Nesse período seus órgãos sexuais vão se decompor dentro do corpo vivo. Pessoalmente, não gostaria de viver isso.

NORA: Errado! O destino diz algo totalmente diferente. Diz baixinho: que somos um do outro para sempre.

WEYGANG: O homem morre no crédito, a mulher apodrece em parcelas.

NORA: O destino quer que eu ainda faça mais uma tentativa contigo. Ele não disse que eu apodreço, por assim dizer.

WEYGANG: Tentativa nenhuma mais! Além do quê, vejo celulite nas suas coxas e nos seus braços, algo que as mulheres sempre temem. Também os homens temem a mulher, ao mesmo tempo ela sempre volta a procurá-lo por motivos inexplicáveis.

NORA: Minha pele não está tão deformada quanto você diz. E se estivesse: um homem apaixonado vê dentro da casca, o sentimento da mulher.

WEYGANG: Aperte a pele da sua coxa e já se revela a pena de morte: pequenos riscos! *Weygang sempre casual, leve, se ocupando com diversas coisas.*

NORA: Por teimosia você acha que algo te puxa para longe de mim. Não se deve defender contra a verdade, estúpido e orgulhoso. Seu orgulho diz: deixe essa mulher que te ama estrebuchar um pouco agora!

WEYGANG: Neste momento o seu orgulho parece não te dizer absolutamente nada.

NORA: Pois sim. Diz que devo dar a esse homem teimoso um motivo para ele nunca mais poder se afastar de mim. Então facilito para ele um retorno, construo para ele uma ponte dourada.

WEYGANG: Agora fiquei curioso. *Distraído.*

NORA: O motivo pelo qual você tem que se entregar a mim é Lerchenau. Lá há de surgir um grande projeto industrial, você sabe por quê. Pouco habitado, água fresca à vontade. O preço da propriedade vai subir astronomicamente. Ambos pertencemos a você então, o motivo e eu.

WEYGANG: Tudo superado faz tempo, minha cara.

NORA *não ouve*: Eu não disse nenhuma única palavra a ninguém! Só para você eu me abro sem reservas.

WEYGANG: Negócio já fechado. Nora desatualizada – como sempre aliás –, Helmer falido. Helmer despedido do banco desonrosamente, reunião do conselho do banco. Vencedor em todo o placar: Weygang.

NORA *continua não ouvindo, balança provocante um brinquedinho-espanador*: Um homem sem qualquer orgulho chamaria isso de chantagem. Nós naturezas orgulhosas nos acanhamos com o sentimento e ao invés disso colocamos o negócio à frente. É um negócio desses que agora proponho para você, meu querido.

WEYGANG: Estou mesmo impressionado.

NORA: Eu não me perdoo nada.

WEYGANG: Se você ficar quietinha, bonitinha, eu te arrumo pessoalmente um comerciozinho de tecido ou de papel – o que preferir –, provavelmente o tecido, afinal você é uma mulher.

NORA: Eu te chantageio com o sindicato, a imprensa e não menos importante o conselho do Banco Conti.

WEYGANG: Como assim?

NORA: Mas na verdade estou falando só de você, querido. É tudo só por você.

WEYGANG: Você sequer está me ouvindo? Digo que já comprei as propriedades em questão. Helmer é que foi feito de idiota.

NORA *continua não ouvindo*: Chantagem, chantagem, sim! *Insuportavelmente provocante e infantil:* Sou maldosa e faço outra vez meus queridos exercícios de ginástica, para lhe provar minha grande elasticidade. *Quer ir até as barras, é segurada por Weygang.*

WEYGANG *sério*: Sua bunda caída e seus peitos caídos vão chamar a atenção do modo mais desfavorável, logo que subir nesse equipamento esportivo. Então não suba! Prefere tecido ou papel?

NORA *hesita, lentamente começa a entender*: Prefiro o quê?

WEYGANG: Tecido ou papel?

NORA *transtornada*: Prefiro ficar com você...

WEYGANG: Isso você não pode, porque sempre tem que ficar consigo mesma. Por isso eu não gostaria de estar na sua pele. Mesmo porque essa pele cada vez mais se transforma em sua visível desvantagem.

Nora fica parada imóvel.

17

Nas barras há meias e lingeries penduradas. Nora veste uma sainha rosa de balé com babados e blusa de pelúcia de oncinha. Kitsch. Está maquiada de modo chamativo. Um homem meio vestido sai, vestindo-se. O ministro se senta, tirando a roupa, na grande cama de cetim rosa. Atmosfera de bordel.

MINISTRO: Há muito não lhe ocorre muita coisa, minha querida. Já faz tempo que a senhora não se exercita nesse aparelho de ginástica aqui, por exemplo, o que sempre me alegrava. Mas aí havia a chance de que a senhora, arrebentada em duas partes, desmoronasse no chão. Isso decididamente é muito pouco empenho para mim.

NORA: Estou muito enojada com essa vida.

MINISTRO: Isso quer dizer que eu te enojo? A isso só posso replicar ressaltando que a mulher que se vende é sempre mais repugnante que o homem que compra.

NORA: Não sou obrigada a fazer isso nem um minuto a mais do que quero.

MINISTRO: Mas uma mulher na sua situação, que diz algo assim, só espera por um homem que a recupere.

NORA: Posso ter meu próprio negócio a qualquer momento. Quando eu quiser.

MINISTRO: Felicitações!

NORA *se aninha a ele*: Você me vê mais como um esquilinho ou como uma corça, meu ministro?

MINISTRO: Mais uma corça, pois não sai mais do chão. Por isso que você oferece não posso te pagar uma tarifa especial, compreende.

NORA: O Cônsul Weygang queria até se matar por minha causa. Ele não via saída de sua paixão por mim além do suicídio.

MINISTRO: Eu também quereria me matar se tivesse a senhora sempre perto de mim.

NORA: Posso decidir a qualquer momento quando receber o negócio.

MINISTRO: O Weygang vai pagar?

NORA: Sim. Porque quer punir a si mesmo. Não sabe que poderia voltar para mim a qualquer hora. Agora cada um espera que o outro dê o primeiro passo.

Krogstad entra e atira para todo lado com uma pistola d'água.

KROGSTAD: A senhora vê, Senhora Helmer, isso aqui podia perfeitamente ser uma pistola de verdade.

NORA: Não podia. O segurança da fábrica ia impedir.

KROGSTAD: Não tem segurança nenhum à vista. Do que posso deduzir que estão ocupados com problemas de amor. Pessoalmente me ocupo mais de transações financeiras. Seu marido de antes, Helmer, quer que eu te mate, porque a senhora impede a sua ascensão.

NORA: O que você quer? Vá embora!

MINISTRO: Mas você vem meio tarde, se me permite. Não sabe que o Helmer está arruinado?

KROGSTAD: Quê? Por questões de saúde só hoje consegui vir cometer assassinato.

NORA: Agora eu pago os honorários desse homem, que é seu superior: Cônsul honorário de um Estado latino-americano e ativo no comércio internacional de armas, presidente de uma das maiores câmaras de indústria e comércio, presidente da Federação de Comércio Exterior e Atacado, membro do Conselho da Associação da Indústria Química, da União dos Empregadores na Associação Nacional.

KROGSTAD *interrompe*: Claramente a senhora é vítima de um plano forçado e sistemático de destruição pessoal. É o que vejo aqui.

MINISTRO: Não deixe seus clientes verem uns aos outros de forma assim tão indiscreta, minha cara Nora. Senão depois não deixo nada aqui em cima.

KROGSTAD: O senhor não é um ministro que eu vi no jornal? O consumo abundante só traz mais fome, o que prova que a ampliação zelosa do cuidado estatal pelos cidadãos é que gera a insatisfação com o aporte insuficiente de dinheiro e bens.

MINISTRO *para Nora*: Então agora a senhora já está recebendo subalternos? Esse é o começo do fim, pelo menos no que me diz respeito.

KROGSTAD: Não sou nenhum subalterno, fui enviado pelo Capital. Permita-me pedir sua proteção nesta ocasião, senhor ministro. Afinal, vi o senhor aqui, numa situação constrangedora, por um bom tempo.

MINISTRO: O senhor de modo algum é o Capital, logo se vê. Para o resto, fale com meu chefe de gabinete.

KROGSTAD: Eu não disse que sou ele pessoalmente. O Capital aliás não entra mais em cena em pessoa, como antes, mas simplesmente está aí.

NORA *grita*: Quando tiver meu novo negócio não vou ter que olhar para vocês dois vira-latas para o resto da minha vida! Agora saiam os dois e levem seus paus com vocês, senão eu os jogo atrás de vocês!

MINISTRO: De todo modo nunca me ocorreria deixar algo assim aqui, com uma mulher como você. Não se preocupe.

KROGSTAD: O futuro vai ser um futuro com as mãos públicas avidamente estendidas. Um dia vão cobrar 47,6 por cento do produto interno bruto. Mas o que eu estendo no momento são minhas mãos privadas. Posso te ligar, senhor ministro? Não vai esquecer?

MINISTRO: Agora já vou, aqui está muito agitado para mim. Sinto falta do fluido feminino. E está sujo.

NORA: Minha loja de tecidos vai brilhar de limpeza! Não quero ver nenhum de vocês lá, pois vou romper com o passado.

KROGSTAD: Senhor Ministro, permita-me assegurar que eu, se o senhor me der o dinheiro para um novo começo, combaterei decididamente as mãos públicas a partir do ponto nevrálgico do poder!

MINISTRO: Assim é bom. Combata, combata!

NORA *chama os que saem*: Por que você acha que o ministro, meu benfeitor, deveria te dar dinheiro?

Krogstad vai falar, mas então faz um gesto de mão deixando para lá, porque Nora não entende nada, indica com o dedo que ela está louca e some.

KROGSTAD *meio fora*: A mão pública só toma, nunca dá. Ela toma do empresário bem-sucedido.

MINISTRO: Mas ele nunca vai satisfazê-la como eu!

Nora pensa um pouco. Então tenta se erguer na barra, mas só consegue com muito esforço e volta a cair com um grito baixo de dor.

18

Casa de Helmer, sala de jantar. Helmer sentado, jantando e lendo jornal. Idílio. Deixa-se servir por Nora.

HELMER *toma um gole da xícara de chá*: De novo tem três cubos de açúcar ao invés de quatro cubos de açúcar. Você não pode prestar atenção?

NORA: Você só sabe reclamar. Ontem à noite você me deixou parcialmente insatisfeita de novo.

HELMER: Eu li recentemente que só os burgueses têm dificuldades em ter orgasmo, e o proletariado não.

NORA: Felizmente sou burguesa e não proletária.

HELMER: Esse amante que te deixou na mão era bem melhor que eu, hein?

NORA: Ele não me deixou na mão, quantas vezes vou ter que te dizer! A vida constantemente à sombra do capital me empurrou com muita força para baixo, e perdi toda minha alegria, essa que você ama tanto em mim. Por isso perdi o capital. E aliás o que houve com seu posto na diretoria?

HELMER: Nora, você humilha um homem.

NORA: Você é um nada em comparação com o que eu podia ter tido.

HELMER: Para mim só conta que isso você não tem.

NORA: Renunciando a isso demonstrei a força de caráter que buscava antes, quando me afastei de você.

HELMER: Sabe quanto economizamos mês passado? Assim começa um capital, Nora!

NORA: Você já olhou o novo molde para o começo do ano, Torvald? Os desenhos para o modelo feminino são muito lindos. O Mandel na praça central faz tempo que não tem essa opção...

HELMER: Mesmo assim esses judeus aos poucos estão se tornando endinheirados demais para mim! Depois ainda tenho que concertar a janela do banheiro.

NORA: Ah, Torvald, para isso podia contratar um...

HELMER: Fora de questão. Nesta fase do acúmulo de capital nada pode interferir. *Pausa, folheia o jornal com atenção.* Aliás, sabe que eu já sentia a pistola que herdei do meu pai na minha mão fria como gelo, quando recebi a notícia de que estava arruinado...? Isso não te faz tremer o corpo todo em retrospecto?

NORA: Ah, se você me conta isso três vezes por dia!

HELMER *bravo*: Sem sobremesa? Você é insensível, Nora. Eu gostava tanto da sobremesa! Agora vou ter que ouvir as notícias de economia logo depois da carne assada, você sabe que isso não me cai bem!

Vozinhas de criança atrás da porta. Nora corre para lá, abre a porta violentamente e grita.

NORA: Querem calar o bico, moleques miseráveis! Não ouvem que seu pai quer ouvir as notícias de economia?

As crianças silenciam. Helmer liga o rádio.

LOCUTOR DE RÁDIO: ... como acabamos de descobrir, a conhecida fábrica têxtil PAF (Payer-Fasern), nomeada em homenagem ao fundador Alfred Payer, pioneiro das fibras sintéticas, foi atingida por um incêndio na noite de sábado para domingo. Como poderão apreender na sequência com nossas notícias de economia, a fábrica logo deveria trocar de dono...

NORA: Ouviu isso? Com certeza ele pôs fogo nela, esse homem intrépido! Agora pode embolsar o valor do seguro ainda por cima... isso que chamo ver longe!

HELMER: Eu também com frequência vejo bem longe, Nora! O que vejo lá longe me apavora tanto que prefiro ficar aqui perto, em nossa linda casinha...

NORA: ... sei que ele é atraído para mim por fios invisíveis, fui mesmo a vivência mais importante na sua vida nada pobre de vivências com as mais lindas mulheres... mas ele tem uma timidez interior que o impede de voltar a fazer frente a você, meu marido...

Helmer sorri indecentemente. Agora toda noite ficamos deitados acordados com olhos febris, um aqui, outro lá... e não conseguimos nos...

HELMER *brutal*: Cala a boca. Quero escutar!

Nora fica ofendida.

LOCUTOR DE RÁDIO: E agora, notícias de economia. Primeiro os informes: No primeiro de maio o Grupo Texo operou a fusão da Química do Reno AG com a empresa Payer-Fazer (PAF), propriedade do Banco Conti AG...

HELMER *excitado*: Agora vão falar de mim! Está ouvindo! Vão falar de mim!

NORA: Queria saber quem se interessa por você!

LOCUTOR DE RÁDIO: ... que nos últimos tempos teve de enfrentar dificuldades com as vendas. Dia primeiro de junho a nova firma Texopa fundiu a sua filial têxtil Toraco com a empresa estatal internacional de pesquisa química em troca de uma participação de quarenta e sete por cento na nova sociedade (Intertex) bem como 58 milhões em dinheiro. O governo vai subvencionar a Intertex por um período de até dez anos de acordo com o contrato, totalizando uma soma de cerca de 250 milhões. Para a manutenção de uma fatia de mercado de cerca de 12 por cento na Europa Ocidental, foi garantido por contrato para a sociedade algo da ordem de 900 milhões da parte do Estado. *Pausa.* Como vocês acabam de saber pelo noticiário da noite, a antiga fábrica da PAF foi atingida por um incêndio na noite de ontem para hoje. Sobre a causa do fogo nada se sabe até o momento. Sobre o destino subsequente da fábrica e do conjunto habitacional dos trabalhadores empregados por ela também ainda não pudemos averiguar nada. O Cônsul Fritz Weygang, a cujo grupo empresarial a companhia pertencia, por ora pôde apenas reassegurar que se está pensando numa reconstrução o mais rápido possível para que nenhum posto de trabalho seja colocado em risco. A Payer-Faser (PAF) criou para si um bom nome internacionalmente, sobretudo no trabalho em conjunto com lojas de departamento francesas e pela produção de séries pequenas mas de alto valor.

HELMER *excitado*: Você ouviu? Você ouviu? Nora?! Eles acabam de falar sobre mim!

Nora lhe serve café, do rádio sai uma marcha – ecos do fascismo alemão nascente!

NORA: Tenho que convidar esse grande homem para um café outra vez! Por sorte a porcelana boa com florezinhas ainda não quebrou as beiradas.

HELMER: Mas ele nunca vai vir, mesmo que você o convide cem vezes...

NORA: Só porque tem uma timidez interior que...

HELMER: E se tiverem sido os judeus que fizeram isso do incêndio?

Nora, ofendida, vai até o rádio e quer desligar a marcha.

Deixe, Nora! Eu gosto tanto de ouvir essa música!

Enquanto o palco escurece lentamente, ouve-se a marcha.

Pano.

DOENÇA ou MULHERES MODERNAS como uma peça

"Nas lendas chinesas está escrito que grandes mestres entravam em seus quadros e desapareciam. A mulher não é nenhum grande mestre. Por isso seu desaparecimento nunca será completo. Ela sempre reemerge, ocupada como está com desaparecer."

Eva Meyer

Também agradeço: Jean Baudrillard, Robert Walser, Roland Barthes, Joseph Goebbels, Bram Stoker, Joseph Sheridan Le Fanu, o Spiegel, o Rádio, o Televisor etc.

PERSONAGENS

EMILY *Enfermeira e vampira*
CARMILLA *Dona de casa, mãe e vampira, austríaca.*
DR. HEIDKLIFF *Médico dentista e ginecologista.*
DR. BENNO HUNDEKOFFER *Consultor fiscal e marido de Carmilla*
UM SANTO
UMA MÁRTIR
Cinco pessoas com patins (diferentes tamanhos)
Uma boneca bebê falante com lindas fitas com falas
Dois cães de caça bem criados
Umas mulheres em belos vestidos
Uma criatura dupla (Emily e Carmilla, costuradas juntas)

Gostaria que o tom fosse quase direto, sobretudo os homens, rápido, ágil, dinâmico, leve.

1

1. O palco é dividido em dois, de modo que uma parte entra na outra. À esquerda: um tipo de consultório médico com uma cadeira que mistura cadeira de dentista e de ginecologista. Ao lado uma mesa, na qual há um sortimento de bolsas de sangue. O consultório à direita dá para uma paisagem selvagem de charnecas e rochas. À distância montes, água etc. Em palcos pequenos a paisagem pode ser representada por uma piscina de criança.

O senhor Dr. Heidkliff, médico dentista e ginecologista, entra correndo, arfando e arquejando como um lobo.

HEIDKLIFF: Eu tiro a roupa e nado na água. Estou aqui, mas não ali. Minha roupa eu dobro cuidadosamente. Fora os negócios, tenho apetite por passeios. Eu pago a quantia. Sem pensar, eu me confio ao elemento. Ele me sustém. Ele se mantém firme. Eu me ofereço ao olhar. Em mim silêncio. Eu olho para fora de mim e para baixo dos muros da minha fronteira. Eu cresço através daquilo que se anexou ao meu eixo central: matéria. Eu sou visível tanto bem de perto quanto à distância. Antes eu dou uma boa olhada se alguém vem. Nada. Agora eu falo. Eu não poderia citar nenhum mau hábito meu. Eu pago. Eu desenho um padrão no chão. Eu alcanço de cima a baixo. A gravidade me sustém. Eu falo agora. Atravessar um caminho, pois nada vem à esquerda ou à direita. Ninguém vai me caluniar do estrangeiro. Eu escrevo onde quiser. Eu estou no registro de uma pensão no estrangeiro, por exemplo. Eu escavo a terra. Eu compro algo. Eu pergunto o preço. Isso me é permitido. De onde eu vim, para lá eu volto imediatamente. A princípio nunca atravesso o gelo. Ninguém me deslocou. Logo vou noivar corretamente. Estou em oposição. Sou aquele contra o qual um outro se mede. Eu me inscrevo para um curso no tempo certo. Eu entro em uma paisagem e saio dela de novo. Eu faço uso do esporte. Lá eu encontro outros como eu. Pode-se rir da performance. Uma rodovia passa por aqui. Eu permito que ela passe. É normal. Melodia. Desordem é o que as pessoas conseguem. Garrafas vazias de formatos desafiadores se enterram na margem. A sujeira é repulsiva quando se é médico. Algo me repele. Eu pego meu novo carro de classe alta. Eu escolho um alemão contra a nação e pelo homem. Em boa hora eu descubro preservativos usados. O sêmen sacode inquieto em sua casinha inflada. Ele quer sair para a vida! Ele quer trabalhar. Ele não pode. Seu espírito, Emily, é completamente distinto do meu. Ele se decidiu finalmente por uma grandeza determinada. Correm rápido debaixo de mim. Os banheiros de rodovia estão entre as instituições mais humanas que existem. Eu me sirvo quando

quero da sebe, de graça. Lavar as mãos. Muito bem. O céu está em cima, na extensão do meu eixo corporal. Surge um vento. Como prometido, eu não torturo mais a paisagem com meu peso. Terra à vista. Eu tenho um coração. Eu sou uma régua. Eu sou uma regra. *Há algum tempo Emily chegou perto rápida e silenciosa. Veste um vestido moderno e esvoaçante. De seu corpo saem discretamente uma, duas estacas, de onde escorre sangue. Heidkliff a nota após um tempo.* Eu olho para você e não desejo voltar a ser jovem, pois ainda sou. Eu me sinto em forma. Você para mim é como uma decisão da maioria: imposta contra a vontade. Mas agora eu já te amo também. Muito bem. Eu te concedo a permissão para uma ou duas palavras. Eu me mantenho. Você não me perturba. Você em sua fraqueza descasca algo que gostaria de comer. Não se deve bater assim os pés na terra à noite. Barulho perturbador. Onde você esteve tanto tempo? O dinheiro está ficando raro, alguns estão nervosos.

EMILY: Você tem razão mais de uma vez. Eu estou fora de você. Agora sei exatamente onde começo e você termina. Você me perturba. Você capítulo aberto. Você cardápio. Muito obrigada. Eu me aproximo de você com cautela, pois você gesticula. De você cresce para fora algo que é impossível que a mãe natureza tenha desejado dessa forma. Eu estou aqui? Acho que sim. Uma presa em minha boca.

HEIDKLIFF: Com certeza, pois você é minha futura noiva. Por isso vale que, onde eu estou, você também está. Uau. Desse modo eu te poupo a longa busca. Seja bem vinda! Eu sou útil para você. E sua cabeça é igualmente útil para você.

EMILY: Lá onde você não está, ali está a felicidade.

HEIDKLIFF: Uma unha encravada se inflama em você. Um apêndice purulento no conforto do meu sentimento. Pena! Poderia ser como uma adega aconchegante. Muito bem-vinda. Eu opero demais! É terrível. Você hoje finalmente teve dores femininas, Emily?

EMILY: Nem dor de dente nem cólica. Bem, obrigada. O que é o homem, ele pergunta o tempo todo. O que ele quer? Aí onde você mantém ocupado esse pedaço de terra, não posso entrar. Vai embora! Por favor vai adiante! Eu não sou decomposição. Eu pago pontualmente minhas parcelas. Em um escritório.

HEIDKLIFF: Como dentista e ginecologista tive uma visão de você. Eu rezo a Deus. Por favor, que nós noivemos. Agora estamos noivos. O que você diz? A liberdade é uma má formação geográfica. De todo modo, você me agarra tão fundo, como só uma criança poderia.

EMILY: Eu te toco. Eu não te atinjo. Eu aponto um lápis. Outros são tocados por milharais. Eu logo me voltarei contra você? Não posso ir tão longe a ponto de apanhar para mim um pedaço de animal. Eu sou natureza, por isso frequentemente lembro a arte.

HEIDKLIFF: Mas não se iluda quanto a minha fidelidade. Você jaz tão reluzente diante de mim. Você poderia deslocar um círculo de gente que senta ao redor de uma fogueira e toca música country. Meu amor conhece seus limites. Muito do que eu vi pareceu estranho. Eu não sei bem. Você tem a vantagem de ser mulher, Emily. Não abuse dela!

EMILY: O tempo agora deve por favor parar por causa do amor. Obrigada.

HEIDKLIFF: Você não pode ser comparada a nada. Você é o caco de espelho, o prego enferrujado, que pode matar, a viagem para duas pessoas por um fim de semana para uma capital. Você tem um campo de atividades. Você está ao meu redor. Isso que eu traço como um compasso. Eu deixo para você um souvenir de mim. Mas de bom grado. Você não está morta. Se você morrer, eu ficarei de luto no meu apartamento.

EMILY: Eu acho que tenho que me ocupar de te servir profissionalmente, meu futuro marido! É preciso ajustar o tom. Muito obrigada.

HEIDKLIFF: Eu acho que tenho que me ocupar de te servir de modo puramente privado, Emily. Muito obrigado. Você fica presa na minha memória como uma castanheira alta. Eu tenho preferências e preconceitos. Isso é humano. Eu assumo.

EMILY: Sou o princípio e o fim. E no meio deles também apareço muitas vezes. *Ri, vê-se seus dentes de vampira.*

HEIDKLIFF: Agora eu te digo algo que eu nunca disse a uma mulher fora da tv: eu te amo, Emily. Meu Deus, eu sou mesmo um belo par de calças!

EMILY: Eu permaneço fiel a você por princípio. Neste momento eu tomo assento de bom grado nessa cadeira confortável, convidativa. Já estive aqui várias vezes, quando esta casa era um prado sob os pés das pessoas. Caibo bem aqui. Um milagre! Eu sou a outra,

que, contudo, ainda existe também. Você tem que se acostumar. Muito obrigada por ter me escutado. *Tenta desajeitadamente se colocar na cadeira de ginecologista, mas sempre cai para fora.*

HEIDKLIFF: Você também me parece conhecida. Provavelmente é porque estamos noivos.

EMILY: Essa cadeira é como uma aldeia que não me suporta. Por outro lado: conheço de vista esse charco, há muitos anos e muito bem. Eu poderia estar tão bem aqui quanto em outro lugar. Isso arranha meu cérebro.

HEIDKLIFF: A roupa certa, rápido! Agora vou praticar esporte. Eu sorrio para as pessoas em um trem, em um avião. Não tenho problemas financeiros. Sempre tenho sorte com as consultas. Uma vem, uma não vem. Eu tenho um rosto e como com ele.

EMILY: Agora eu vou bater a testa contra a pedra de uma pirâmide. *Ela simplesmente desaparece.*

Como você vai fazer isso, senhor presidente, por mim tanto faz. Mas faça. Alçapão, espelho, subir puxada para o urdimento etc. À vontade. Heidkliff continua a falar, como se Emily ainda estivesse aí.

HEIDKLIFF: Agora, eu realmente não tenho culpa. A esse respeito ninguém do conselho de medicina pode me acusar. Eu te dou atenção, de presente. Eu pergunto onde posso estacionar aqui sem ser multado. Eu sou eu. Movimento! Rápido quando quero, lento quando quero. Majestoso. Eu tenho articulações em tantos lugares e com elas ergo fardos pesados como braços e pernas. Maravilhoso. Por favor você poderia prever o tempo para mim? Nessa mulher leia quem quiser. Você é para mim um enigma, Emily. Ordeira você não é, a não ser no trabalho. Você é enfermeira. Outras são assistentes sociais de solas gastas. São evangélicas e têm que se separar dos que têm afeto. A irmã cuida e então é enganada. Ela tem que dizer adeus com uma frequência desproporcional. O cliente vai. A água murmura atrás de suas têmporas. O paciente pode seguir vivendo em paz! Você é o sétimo céu para quem aguenta. Você ajuda e ama. Seu serviço é público. Eu adoraria ter uma letra ou um número para te chamar de forma abreviada, sem me esforçar. Você me permite criar uma versão resumida de você? Eu gostaria de te criar num aquário. Muito obrigado por talvez permitir. Já que você é como todas, não preciso procurar uma outra especificamente. *Trabalha na cadeira de gineco.* Olhe para mim com olhar profissional! Eu sou bem feito. Eu funciono. Se necessário no meio de odores e natureza. Eu gosto de ir aonde me integram com uma corda.na decisão pública. *Um morcego voeja gracioso sobre ele.* Natureza! Anoitece sobre a terra. Pescadores ávidos estão à beira do canal. Como é que as bolsas de sangue sempre voltam a desaparecer do meu próspero consultório? Parece até que alguém está literalmente bebendo delas. Sim, o sangue é um néctar peculiar. Ele te puxa bem pela raiz. Eu gosto de pensar em números, eles têm uma bela forma. Eu ouço todo tipo de grupos musicais. Meu hobby é minha noiva Emily. *Como se ela ainda estivesse aqui.* Você não pode manter uma organização melhor? Se você fosse um cavalo, agora teria que pular sobre obstáculos. Como enfermeira você é financeiramente independente. A assistente social se atém a ideais como você. A mudança para um casamento vai ser difícil para você. Eu aguento. Das mulheres, não gosto daquelas que dizem sim. Que onda! Você reza e sobe um degrau. Como médico posso realizar meus desejos. Barcos a motor e iates. Para que brilhem com o sol da manhã. Você também é um receptáculo para alguém que gosta de respirar bem. *O morcego volta a voar despercebido sobre sua cabeça.*

Meu segredo profissional é a separação de cima e baixo. Essa separação é encorajada pela medicina e escorada na constituição. Bem vinda ao hospital! No mercado social as mulheres andam por aí de jeans e camiseta. Uma cabeça desaparece totalmente nas palmas das mãos. Deus a estrangula carinhosamente. É manhã cedo. Eu agora busco uma enseada silenciosa onde posso eventualmente me banhar sem roupas. *Entra na paisagem, até o lago.* Aqui já tem uma! Graças a Deus! Eu compro. Eu não compro nada. Ah, Emily, se eu pudesse te pregar no lugar! Não me abandone! Seu Dr. Heidkliff não permite. É Dr. Med. Essas mulheres usam bolsas grandes no ombro, dentro um formulário e roupas quentes, também notas bancárias, para quando se vem do leste. Também brinquedos de criança, pois elas perderam tudo, quando olham para nós com os rostos que há muito não veem nada atraente. No escuro vivem vermes. Todo refugiado conhece a sensação. Você, Emily, é geral e social. Você ajuda muito. Se eu pudesse apenas separar suas metades uma da outra e lhes dar tarefas separadas! Eu te amo. Eu amo mais a Deus. Eu aprendi isso na associação cristã. Está ficando escuro. Está ficando claro. Eu é que faço isso. Com que ajuda mnemotécnica eu simplesmente percebi que você estava aqui? Nem lembro

do que me ajuda a pensar. Você sabe, Emily – *ele começa a se despir* – eu posso sempre reconhecer imediatamente que te amo. Eu olho para mim de alto a baixo, você vê, assim! E esse pequeno representante comercial de mim mesmo se agita ou infelizmente não. Olhe só! Agora é com você, solta a franga. *Ele se despiu até a sunga de oncinha. Agora pula na água. Imediatamente se ouve murmúrios vindos da água, gritos alegres de banhistas, vozes de crianças, risos, latidos de cachorros, uma praia lotada num dia bonito.* Eu pratico a bela segurança da posse. Espero que ninguém me roube esse terno comprado pronto. Eu me banho. Eu pratico esporte nadando agora. Eu vou a lugares. Talvez até veja uma apresentadora de TV ou uma atriz de filme como pelada. Eu mergulho. Eu entro na água. A água é insegura. Ela não sabe o que fazer consigo. Eu vou me casar. Tudo azul claro. Meu sentimento é um bolo fecal quente no meu corpo. Eu sinto bem. Ele fica aí o tempo que eu quiser. Meu prazer é ilimitado. Muito obrigado. *Ele nada. Sons de banhistas. Fala cada vez mais sem fôlego.* A mulher já existe desde a Antiguidade, onde é mencionada em inscrições. Ela assombra a tradição! Não é, Emily, você bem vê! Teve algumas antes de você! Emily anda a pé quando precisa. Minha monstrinha! Você é diabólica e tagarela com as pessoas. Agora preciso prestar muita atenção – *sem fôlego* – senão não consigo mais te distinguir do exterior. Você então se torna mundo. Você é o mundo para mim, Emily. E por isso eu te amo. Você está aqui? Eu queria te apresentar meu amigo. O amigo não esteve aqui por muitos anos. Agora ele também não está aí. Mais tarde eu pego uma raquete de tênis e vou bater. Como devo te reconhecer, Emily, se alguma vez te encontrar inesperadamente fora do meu consultório? *Os banhistas gritam.* Oh esporte, esporte! Superesporte! Esporte competitivo! Por você, ó esporte, até desvio do caminho! Vocês, águas maravilhosas e ainda não poluídas! Eu quero afundar em vocês. Com movimentos treinados mantenho aberta para mim uma saída para o ar livre. *Mal dá para entender o que diz. Barulho.* Emily! Você leva jeito para ser uma grande artista, mas também para bibliotecária. Não menospreze isso. Adeus!

Uma claridade brilhante, como se o todo quisesse explodir por um instante. Barulhos muito altos dos banhistas. Então abruptamente escurece.

2. A paisagem à direita está quase no escuro. Em compensação à esquerda há uma forte claridade sobre o consultório médico. O consultor fiscal Dr. Benno Hundekoffer entra. Conduz amavelmente sua mulher Carmilla, que está em estágio avançado de gravidez. Uma corrente humana se pendura no casal, do seguinte modo: cinco pessoas, que devem representar crianças, mas interpretadas por adultos. Todas vestem patins, se possível, e formam uma fila de tubos de órgão, isto é, a criança menor patina agachada, quanto maior a criança, mais o ator correspondente deve ficar ereto. Como nos espetáculos on ice. *A corrente gira pela sala furiosamente, joga coisas para todo lado. Deve ter um efeito de loucura, se possível. (Em palcos pequenos, talvez sapatilhas de balé?)*

BENNO: Meu nome é Benno Hundekoffer. Para que todos saibam desde o começo. Eu sou consultor fiscal. Minha profissão é curar e ajudar. Minha mulher já está mais uma vez no ponto para o parto. Eu queria poder te aliviar desse trabalho.

CARMILLA: O lar é meu. Eu não sou barro, como já havia lhe assegurado antes.

BENNO: Por ora você ainda está imóvel, como o jantar. Mas espere só, logo estará olhando por um buraco em forma de coração na porta ou tocando um instrumento novamente.

CARMILLA: Como sonhadora já me contento com pouca realidade. Nunca aprendi a tocar violino.

BENNO: Você é tão fácil de reconstruir. Sempre me impressiono. Não há nada em você. Mas muito cresce dentro de você. Tenho um anseio vivaz por renovação completa. Sou um pneu bom e sólido. E você, Carmilla, grande mulherzinha. E já é a sexta vez. Lindo!

CARMILLA: Sou feita de material animado, afinal, não de poeira. Fui criada a partir de uma costela. Isso não diz algo a meu favor? Eu faço artesanato, mas não me seguro a nada. Logo voltarei a ter uma bela silhueta.

As crianças berram.

BENNO: Como vou descrever você para essas pessoas aqui, Carmilla? Minha mulher não tem conforto. Ela tomou uma decisão por um comando divino. A maior parte das vezes ela mesma toma. Ela aguenta um fardo corporal. Eu a entendo bem, por princípio. Eu te entendo como uma linha desenhada a lápis bem reta.

O que devo dizer ao médico quando ele chegar? O que exatamente você está sentindo?

CARMILLA: Não sei aonde vou. A linha também não sabe. Falo a língua materna e também a ensino. Tenho um problema. Não impedi nada. Piso fora de casa.

BENNO: O médico já vem. Paciência! Primeiro com certeza pode se sentar nessa bela cadeira acolchoada, mesmo sem permissão. No seu lugar eu adoraria semtar! Enquanto isso cuido, com meu jeito gentil, dos nossos pequenos. Eles são de nós dois. Não tem de quê. Eu os observo bem. Você percebeu que eles já sabem falar? Os mais velhos falam até mesmo línguas estrangeiras e se correspondem. De quem podem ter aprendido? Agora eu presto atenção nos meus filhos.

Força a mulher a sentar na cadeira de gineco, força-a alegremente a abrir as pernas, prende-as nos estribos. Ela geme. As crianças menores se aproximam apressadas e se acotovelam para olhar entre as pernas da mãe. Empurram-se, dão risadinhas etc. As crianças maiores patinam por aí e causam desordem.

CARMILLA: Estou preocupada, não sei se desliguei o gás. E a luz, essa fonte insaciável de gasto de energia?

BENNO: Não se preocupe, eu te digo. Eu ganho bem. É um enigma o que se passa na sua cabeça. Você é como uma bela tarde. Vivenciamos, mas depois não poderíamos dizer por quê.

CARMILLA *geme*: Não sou metade de nada e nada inteiro. Sou algo no meio. Sou de uma insignificância adorável. *Benno a amarra cada vez mais forte na cadeira, Carmilla luta contra as amarras. Mas o tom de voz de ambos permanece corrente, cotidiano.*

BENNO: Até o fio para o labirinto você ia perder em algum lugar, caso te distraíssem com um vestido bonito. Então coloco esse fio todo dia novamente em sua bolsa. A terra esbraveja contra sua beleza. Ela não entende. Mas e você? Nervosa! Por um parto! Olhe só quanto sol entra neste consultório. A caprichosa senhora Fortuna com certeza gosta de passar por aqui.

CARMILLA: Só tenho em mente o melhor e mais lindo. *As crianças correm como loucas, berrando por aí.* Não reconheço nada. Uma névoa domina. Uma regra domina. Por que de repente tenho que pensar obstinadamente num cemitério? Você tem uma figura pública tão calorosa de coração, Benno.

BENNO: Alegra-me sua vontade de disciplina nessa difícil matéria. Esse nascimento vai acontecer, garante nosso médico familiar. Ele não tem humor, e com essas coisas não brinca, absolutamente. Ninguém vai passar. Faça como for confortável, Carmilla.

CARMILLA: Tenho medo.

BENNO: A isso digo: bonita você não está.

CARMILLA: Por que você está contra mim?

BENNO: Que processo natural encantador! Desejaria poder aliviá-la dele. Encontro uma, duas pessoas. Por favor sem rasgar!

CARMILLA: Você ajudou hoje a indústria nacional e seus políticos?

BENNO: Hoje ainda não. A última vez foi ontem. Um parto não é nenhuma desgraça.

CARMILLA: Não sou nenhuma obra engenhosa do senhor Deus. Ele é tão ingênuo de confiar o milagre da criação justo a alguém como eu.

BENNO: Não se preocupe! Ele tem uma finalidade racional em vista. Ele sabe melhor que você. Ele não é de lanchar antes do almoço. Ele toma lugar em você.

CARMILLA: Você acha que sou uma ofensa à criação dele, por tentar criar eu mesma? Ele está me punindo?

BENNO: Mas é para isso que eu exploro meus clientes. Carmilla! Meu palácio! Toda excitação dá passagem a pensamentos sombrios. Imagine que efeito isso terá no bebê! Ele já sofre. Que tipo de pessoa é você, afinal? Quer ser mencionada aqui, já estou vendo.

CARMILLA: Eu não tenho Deus. Sou uma diletante da existência. É um milagre que eu fale. Sou um nada sem resto.

BENNO: Não. Não é tão ruim, acredite em mim! Seu corpo se expandiu, mas no fim é por uma boa causa.

CARMILLA: O nascido será então do material do qual também eu sou feita, pobre criança, o que você quer dizer, Benno? Que amável do menino Jesus! Me tratar assim, tão elegante. Ele me fez como limite, mas em sua bondade às vezes me deixa olhar por sobre mim, para fora. Acho que uma tempestade se aproxima. Morte? Não, não pode ser isso! Ainda querem conduzir estudos e exercícios em mim.

BENNO: Não se preocupe! Eu percebo que vocês mulheres são dependentes de fatores externos em um grau muito mais elevado do que nós.

CARMILLA: Mas Benno. Falo do meu espaço interior. Aqui dentro. Não lá fora! Eu nem conseguiria ir tão longe. Eu tive lugar.

BENNO: Pois bem. Agora também acho: Aí dentro jaz a raiz de todo mal. Sua malandra! Mas esse médico, de acordo com todas as fontes que me são acessíveis, também é dentista, e pode a qualquer momento extrair suas raízes. Ele pode te tirar algo de onde ele quiser. Então vai declamar e ser público.

CARMILLA: Espero que você me dê mais uma chance, Benno. O que acha do nosso bando de crianças até agora, Benno?

BENNO: Muito obrigado.

As crianças gritam mais alto e patinam por aí. A paisagem é coberta por uma luz estranha, quase imperceptível.

CARMILLA: Não é verdade, Benno, me diz mais uma vez: Somos o bastante um para o outro, por princípio? Somos quase oito pessoas.

BENNO: Vocês, mulheres ambiciosas! De onde vem essa força que vocês sabem exercer sobre seus homens? Por que sempre querem nos ver estabelecidos nessas alturas comerciais e sociais?

CARMILLA: Onde estou? Eu cumprimento boazinha. Eu entrego as mercadorias.

BENNO: Eu sou consultor fiscal. Você me colocou ali para que você pudesse se colocar ao meu lado. O dinheiro precisa trabalhar. O homem também.

CARMILLA: Eu ainda queria levar para lavanderia seu terno cinza de flanela. Por favor, perdoe! Onde quer que eu olhe: Manchas. Sujeira. Lama. Nenhuma variedade de espécies e formas. Antenas. Flora. Fauna. Bravo!

BENNO: Olho um pouco para nosso bando de filhos, e já não consigo mais ficar bravo com você. Essas crianças se tornarão seguidores dos grandes clássicos.

CARMILLA: Cinco vezes deu mesmo certo, mas estou sim preocupada. O sexto era melhor vocês, você e Jesus, terem confiado a uma outra. A mocinha Maria ou a penitente Madalena. Seus rostos nunca apareceram na telinha ainda. Não estão gastos. Ainda não são personagens de nenhuma série.

BENNO: É mais bonito que você o faça. Você conhece melhor o caminho.

CARMILLA: Agora, incentivada assim por você, ouso seguir na condução do ofício que aprendi. Muito obrigada.

BENNO: Número oito. Siga seu caminho, por favor. Não saia do brilho burguês que vem de mim. *As crianças gritam.* Compre bons sapatos para você! Não vá para os vizinhos, eles olham dentro da gente! More bem, claro e abundante! Vamos para a Grécia, por exemplo! Volte de uma excursão. Segure meu braço.

Uma tempestade se aproxima ameaçadora.

CARMILLA *fala com esforço*: Espero que tenha se preparado para dar a essa criança uma imagem humana? Só quero dizer. Para que mais tarde, onde se desejar, possa ser reconhecido como humano. Para que não seja apagado ou morto com gás. Faça seu show!

BENNO: Eu estava bem concentrado na coisa. Fiz a mim mesmo outra vez, exatamente. Fiz esse exatamente como os outros. Veja como deslizam e deslizam e correm e correm!

CARMILLA: Muito obrigada por enfiar esse assado no meu forno. Muito obrigada por assar esse pãozinho.

BENNO: Por favor. Não tem de quê. Afinal ainda poderíamos ter conversado.

CARMILLA: Espero que o médico venha logo até mim e finalize a tua obra. Ele deve por favor pôr o pingo no i. Como me chamo mesmo? Eu sempre esqueço.

BENNO: Quando você esquecer terei prazer em dizer de novo. Mil vezes se preciso! Ainda tem um pouco de urina na sua câmara. *Beija-a.*

CARMILLA: Vou pensar em você quando a criança sair. Eu te agradeço por ter me preenchido de novo.

BENNO: Eu digo: Deus é insondável. Ele tem sua decisão. Ele decide pela intervenção. Ele pode até intervir sob a forma de um fórceps.

Troveja.

CARMILLA: Não vai querer chover agora, né, Benno?

BENNO: Não. Eu não deixo chover agora.

CARMILLA: É impossível para você levar uma vida bela ao meu lado.

BENNO: Nossos pequenos compensam. Eu sou mole.

CARMILLA: Eu ainda tenho que fazer compras, mas de quê? E quanto? A blusa não vai caber em mim!

BENNO: Que sorte você tem, sua vida é mesmo um único sono imperturbado.

As crianças agora vão juntas destruir a margem do lago. Elas jogam pedaços de isopor para todo lado. Berram terrivelmente.

CARMILLA: Esses pedaços não processados, que ainda vão ter que ouvir falar de Goethe, talvez não lhes agrade saber que sou a mãe deles. Prefiro me desfazer. Estou desfeita.

BENNO: Agora chega dessa turvação. Abra-se ao ar da cidade! Deixe o lago brilhar! Concentre-se no cotidiano! Pode ser belo. Deixe o parto acontecer! Você vai voltar a ver sua casa!

CARMILLA: Agora começa a luta. *Tenta olhar para o ventre, mas está amarrada.* Onde é o meu lugar? Ah sim, aqui é o meu lugar.

BENNO *inclina-se sobre o seu ventre*: Veja, a cabeça já se mostra no ralo. *Olha fixamente entre suas pernas.* Infelizmente o médico ainda não voltou da visita a um doente. Pena. Uma chance desperdiçada! Você acha que vai sobreviver? Ops! Já tem alguém aí na vigia! Esse lugar é Viena, isso quer dizer Áustria. Está vindo! Está vindo! Incrível!

CARMILLA *gemendo com o esforço*: Para isso você usou tanta arte e cuidado nesse produto. Ele não pode quebrar. Você foi tão parceiro e tomou conta de toda a produção. Eu me lembro: em uma certa noite você ficou ativo até de madrugada bem tarde!

As crianças demolem a paisagem. Troveja.

BENNO: A bacia está enchendo com uma água espumosa. *Olha entre as pernas de Carmilla.* Terra arrasada. Roupa suja. Vem logo! Sai! *Como no esporte.* Fora! Eu não tolero nada pela metade ao meu redor!

CARMILLA: Normalmente esse não é meu estilo.

Benno agarra decidido entre suas pernas. Raio, trovão. Luz ofuscante, escuro. Pausa.

3. Luz clara, branca. Nada de estranho. Tudo como antes. As crianças se ocupam agora em silêncio, comem frutas, desenham num papel, brincam com brinquedos gigantes, correspondentes ao seu tamanho.

Emily entra. Veste um uniforme chique de enfermeira, da altura do peito (mas não do coração!) saem elegantes duas ou três estacas. Nem uma gota de sangue.

Carmilla está pendurada na poltrona, morta, ninguém parece perceber ou se incomodar. Entre suas pernas sangue.

Dr. Heidkiff entra molhado em roupa de banho e em seguida se veste lentamente. Tudo bem cotidiano.

EMILY *para Benno e Carmilla*: Por favor não se prendam ao meu uniforme exterior. Por favor, olhem dentro do meu coração! Tudo aqui tem um brilho de decomposição, mas está totalmente em ordem. Fora que uma mulher morreu. De resto têm razão: eu acumulo. Não partilho. Sou uma abelha trabalhadora. Se importam se eu pegar algo para mim rapidinho? Para vocês não vai mais servir mesmo. Não comi nada o dia todo. Vejo que a senhora é bonita, mas fraca. A senhora está mesmo morta! *Olha curiosa entre as pernas de Carmilla.* Onde ficou todo seu sangue então? Mas antes com certeza ainda o tinha. Está num frasco?

CARMILLA: É. Infelizmente agora estou morta. Morri. Gosto de ver alguém comer, contanto que não tenha que preparar sua comida. A senhora também tem uma boa aparência. É como se você saísse da natureza com uma explosão! Como eu, antes. Acabo de viver uma aventura estúpida, supérflua. Estou tão morta.

EMILY *busca algo por aí*: Não flui mais. Tempo demais exposto ao ar. Não flui mais como deve.

BENNO *dá tapinhas nas costas da mulher, paternal*: Bem parido! Consequências precárias. A senhora emfermeira ainda não sabe: meu nome é Benno Hundekoffer. Consultor fiscal. Por natureza e inclinação. Eu curo e ajudo. Também testemunho. Sou o leão que põe a língua para fora depois de fazer um trabalho.

EMILY: Sou a enfermeira Emily. Muito prazer. Normalmente não sou bem humorada. Penso, logo sou. Bebo, logo estou bem. Se bem que normalmente uma mulher também não está morta.

BENNO: Você viu que deliciosos três quilos e quarenta e cinco essa criatura morta aqui, na qual ainda se

vê o esforço, acabou de me dar de presente? *Mostra o boneco bebê.*

EMILY *para Benno*: Bem, mas agora o senhor merecia uma pausa, né? Não é mau para alguém que faz seu trabalho sentado.

BENNO: Já vou mandar imprimir os cartões. Minha alegria é contagiante.

EMILY *olha o boneco*: Meu ataque se dirige ao seu ponto mais fraco, Senhor Hundekoffer: a criança não está completa. Mas também não é menina.

Carmilla luta contra suas amarras, gemendo.

BENNO *para Emily*: Vocês mulheres! Sempre manhosas. Sem nenhuma ternura ou amor pela humanidade. Isso deixa nós homens solitários. Por isso sempre buscamos apenas a nós. E ainda faltam conhecimentos.

EMILY: O importante é que é saudável. *Começa a juntar várias bolsas de sangue, seletiva, enfileirando-as na mesa e colocando canudinhos. Como num bar.*

CARMILLA *gemendo alto*: Por sorte fiz um novo permanente na semana passada. Meu penteado é firme como arame farpado. Suor e sujeira se acumulam nele por meses. Alguém fala e não entendo nada. Descubro oportunamente uma visão humana como essa criancinha e me alegro com isso.

EMILY *volta para ela, testa suas amarras*: Já vejo que a senhora também é uma dessas que não gosta de usar o cinto de segurança!

CARMILLA: Não sou nenhum prato preferido. Mesmo assim as crianças me devoram. Não tenho tempo para cinema. Por isso faço a faxina e fico feliz. Me ajuda!

EMILY: Para isso estou aqui. *Solta Carmilla, parece se interessar cada vez mais por ela. Carmilla fica deitada voluntariamente.* A senhora é uma mulher maravilhosa em um quarto maravilhoso. Em gavetas recém-desenhadas. Precisa mesmo dessa aventura?

CARMILLA: Eu não tenho culpa.

EMILY: A senhora não se curva?

CARMILLA: A morte não me ocupa. As crianças não me deixam tempo para entrar em algo. Eu já poderia enlouquecer de felicidade.

EMILY: Infelizmente, sou lésbica. Sou diferente da senhora. Não sei conceber como você. Só concebo querer você.

CARMILLA: Obrigada. Isso cai bem. Sou macia e fácil de cuidar. Só precisa me colocar numa máquina. Sou trabalhadora. Minhas ondas naturais são muito fracas para mim, por isso as fortaleço com ondas artificiais. O que mais te dói?

EMILY: Se alguém vai fazer esse tipo de perguntas, sou eu. Sou enfermeira diplomada. Mesmo morta você me agrada. Me agrada bastante. No meu tempo livre posso fazer o que quiser, diz o Dr. Heidkliff. Faço poesia, ininterruptamente. Você me faz quase perder a cabeça! Nossas parturientes habituais não costumam ser melhores que clientes de uma feira de agricultura. Têm poder de compra, mas não sabem bem de que necessitam para o campo.

Benno quer o tempo todo chamar a atenção de Emily para o bebê. Mas Emily só se interessa por Carmilla, cujo pescoço explora suavemente.

CARMILLA: É mesmo verdade que a senhora tem uma predisposição?

BENNO *enfia-se no meio, segura o boneco diante do nariz de Emily*: Veja você mesma: Corresponde perfeitamente à norma austríaca. Como estava na minha petição. Já está a caminho, firme. Vai ser como os outros, espero. Enfermeira! Por favor me dê algo para a memória, para eu poder me lembrar dos outros. Por favor uma bebida alcoólica! Gostaria de poder me lembrar de onde veio essa criança. Gosto tanto dela.

CARMILLA: Se você gosta, Benno!

EMILY *no pescoço de Carmilla*: Na verdade sou escritora. Não tenho filhos, nem tempo, nem conselho, nem marido. Nenhum desses e nenhum outro virá. Não me falta movimento. Eu corro atrás da carne. Não sirvo só para dar corda para um herói!

CARMILLA: O veneno no leite materno deixa claro que o ser humano extrapolou a autoridade dada por Deus para reinar sobre a natureza. Eu mesma gostaria de não ter que beber de mim. O que posso te servir?

EMILY: Eu prospero no meio de epidemias. Se um ser como eu fosse bom, que correntes poderiam sair dele!

BENNO *procurando ao redor, coloca então a criança no chão simplesmente, desatento*: Para desanuviar,

procuro algo com alto teor e efeito duradouro. Mas por aqui só tem sangue. Suco sem sentido.

EMILY: Meu pai, pastor e alcoólatra. Mas eu mesma também tenho fome às vezes. Então tenho sede. Eu me exprimo na arte. Sou internacional. Não sou abstrata, no entanto surjo em um lugar e de imediato em outro. Então sumi de novo completamente. Seria preciso trabalhar muito para me tornar simples novamente. Outrora tive duas irmãs. Mas, diferente de mim, elas não podem voltar. Estão em paz. Essas sem maldade. Elas se dissolveram faz tempo, enigmas fáceis que eram. Não especularam tanto com o mundo e suas possibilidades de publicação. Fora minha Charlotte talvez. Casou-se com um sujeito mediano. Ninguém pode fazer nada. Eu estava no charco e no bosque. Não era caçadora. Nenhuma alegria. Como se pode escrever só coisas sem sentido! *Suga sangue por um canudinho, distraída.* E então minha predisposição também deve ser outra. A tudo: oposição incansável!

CARMILLA: Meu marido pode te conseguir uma nova disposição com prazer! Ele é agradável. Entendo bem a senhora. Eu mesma não entraria numa casa cuja habitabilidade não fosse previamente assegurada.

EMILY: Você é amável! Espere! Você não vai ser uma criada, quando tiver me alimentado de você. *Examina de novo o pescoço de Carmilla, passa o lábios por ele.* Eu sou o princípio e o fim. Aquele de que como, esse viverá eternamente. Estou aqui e ali. Ninguém mais me abençoa, no meu sono abençoado.

CARMILLA: Eu me visto de modo moderno. Estou na moda e elegante na medida certa. Como uma dama. *Emily pegou o boneco bebê e o tateia distraída.* Por favor, sirva-se!

EMILY: O sangue do recém-nascido infelizmente só é apropriado ao consumo humano a partir das primeiras semanas de vida.

CARMILLA: Me dá indicações do caminho? Obrigada, de coração. Ficando aqui deitada quieta, vejo pessoas batendo umas nos crânios das outras, e então indo a outro lugar querendo repetir. Não dá. Algo irrefreável vem a mim, como o sopro de uma locomotiva. O quê, por favor?

EMILY *deixa o bebê de lado distraidamente*: Minhas malcriações aprendi nos charcos de uma pátria. Através de meus poemas o visível também deveria ser perceptível. Flores florescem bobas nos bosques. E ficam lá, simplesmente.

CARMILLA: Já fui secretária, profissão feminina em vias de morrer. Pulei fora. Minha pele fica molhada. Olho no espelho. Faço todo tipo de passeios silenciosos no meu apartamento, misteriosamente encontro sempre eletrodomésticos relativamente novos. Nasci em Graz, capital da Estíria. Agora estou morta.

EMILY *docemente, em seu pescoço*: Eu antes morava na Inglaterra. Lá é democrático! Agora quero morar em você. Deixe-me entrar! Eu dou e tomo sangue, só as quantidades é que nem sempre correspondem.

BENNO *se mete impaciente na conversa, que seguiu como uma partida de tênis, mas sem entender*: Estou feliz com nosso filho, Carmilla, eu digo agora. Mas logo o imaginário me toma: pergunte à enfermeira Emily pela cor de seu batom, que me agrada muito. *Dá um soquinho na costela de sua mulher, com uma ternura grosseira. Emily se afasta assoviando baixinho.* Volte logo para nosso próprio apartamento!

CARMILLA *para Emily*: Por favor, como chama a cor do seu batom?

EMILY: Terra pobre. Rua poeirenta. Minha pena não quer escrever isso.

BENNO *para Carmilla*: Agora vai ter que abrir mão do seu plano de abrir uma loja, Carmilla. É por causa de um duplo fardo. E por motivo de falecimento.

EMILY *para Carmilla*: Amanhã você virá até mim? Fale sobre sensações! Seja desonesta! Dê e tome sentimentos! *Apoia a cabeça no ombro de Carmilla*. Se para mim tivessem fluído tanto amor e tanto cuidado como para você, Carmilla, em geral teria me entediado. Uma outra. Eu ia tagarelar. Eu olharia para o chão. Por favor salve-se imediatamente!

BENNO: Por falar nisso, nunca pudemos nos inscrever juntos como casal em um coral puramente masculino. Você sempre ficava sobrando, e no lugar errado, Carmilla! É um pouco minha culpa, um pouco sua também. Você tem que ser justa.

EMILY *passa distraída a criança para Carmilla*: É só fazer um pequeno gesto com o punho, e a relação incipiente entre nós está acabada!

CARMILLA: Não. Que notável e bonito. Silêncio, filho! *O bebê grita.* Sem reclamar! Serenidade! Um

tempo! Meu marido é consultor fiscal, honesto e domiciliado. Eu mesma me chamo Carmilla Hundekoffer e tenho no momento seis filhos.

EMILY: Acabada. Acabada.

BENNO *pegando orgulhoso o filho*: Sou mão aberta!

EMILY *para Carmilla, aproximando a boca de seu pescoço, decidida*: Não tem problema. Você me agrada exatamente como é, Carmilla. Você é visível e invisível como os cantos do seu apartamento claro e arrumado. Eu vejo você! *Morde-a no pescoço decidida.*

Carmilla dá um grande grito. Benno nada percebe.

BENNO *balançando com o bebê diante das duas mulheres que mordem uma à outra e não o notam*: Veja só, enfermeira! Quilos do melhor! Classe A! Meu sangue glorioso! Minhas propriedades em um espaço tão pequeno. Me admira que caibam todas. Viva, um filho, eu clamo alto. Um herdeiro! A árvore não balança nem um centímetro. *As mulheres não lhe dão atenção, atracadas e mordendo uma à outra como estão.* Veja! Coma! Beba! Contemple o que eu fiz!

EMILY *se solta um instante, logo volta a sugar*: Infelizmente há muitas pessoas banais.

BENNO: Eu sou tão qualificado! Eu sou o qual e fico! Em mim se escondem obturações de ouro! Favor manter isso! Só não precisam ter vergonha!

As mulheres gemem. Emily suga. Benno admira o filho. Lentamente fica escuro.

4. Crepúsculo azulado. Dr. Heidkliff está vestido, fecha o avental. Carmilla pendurada na cadeira de gineco, a cabeça jogada para trás. As novas marcas de vampira visíveis em seu pescoço. Emily num vestido de seda leve e elegante. Está mergulhada em Carmilla, beija, acaricia. As crianças, amontoadas no chão, dormem em meio ao caos que causaram.

HEIDKLIFF: Vamos começar então. Agora profissional. Todo de branco. Sem noiva. Fã! Eu nadei, mas também tenho aparelhos para outros tipos totalmente diferentes. Eu tenho duas raquetes de squash totalmente diferentes uma da outra. *Senta-se enérgico em um banquinho entre as pernas de Carmilla. O marido imediatamente se aproxima curioso, olha dentro do ventre.* Eu bebo cerveja, coca-cola, soda. Quero que a humanidade fique bem. *A Benno:* Olhe concentradamente a tela! Vê o que sua mulher tem sob o coração. Vê o pequeno astronauta em sua cápsula tóxica. Não é maravilhoso? Um acontecimento extraordinário. Não acontece com muita frequência. Só é pena que o menino já deixou o útero!

BENNO: Bem vindo, pode entrar, deixe a sorte acompanhar.

HEIDKLIFF *a Benno*: Sim, eu vejo: somos intercambiáveis. Mas eu sou eu! Ganhamos mais ou menos o mesmo. Como então podemos dividir nossas falas entre nós de modo justo? Não dá. Somos indivíduos totalmente diferentes. Somos totalmente o mesmo. Não falamos com diferenças. Até nossas raquetes de tênis são diferentes! São iguais. Ouve-se vozes distintas. Ouve-se sempre só a nós. Por isso não nos perturbam.

BENNO: Somos pessoas modernas. Somos desiguais, mas sem igual. Somos o mesmo. Trazemos escadas e subimos onde queremos. Somos iguais a nós.

HEIDKLIFF: Nosso sangue todo poderia ser trocado com frequência. Quem está anotando? Temos os mesmos interesses, mas duas mulheres diferentes. Não temos opiniões compartilhadas. Somos idênticos um ao outro. Temos preferências comuns. Que não nos trazem desvantagens comuns.

BENNO: Somos formas aparentes agradáveis de uma mesma coisa.

HEIDKLIFF: Cada um de nós se veste de um jeito. Mas nossos cérebros têm a mesma qualidade. Somos um. Somos nós.

BENNO: Ficar juntos no mictório. Fazer fila. Sem espiar! Mijamos alegremente ali dentro. Todos por um. Um por todos. Um e o mesmo. O sol sai. O bosque treme sob o chicote do clima.

HEIDKLIFF: Se me é permitido, abusando do meu papel timbrado de médico, emitir uma opinião: levando em conta a idade da sua mulher, devo relutantemente dizer: muito bem. Bravo. Saída letal.

BENNO: Não é mesmo?! Agora só me vem uma pergunta: Posso ousar entrar mais uma vez sem perigo nesse labirinto de bifurcações? Saiba que não sou nenhum herói.

HEIDKLIFF: Por mim, nenhuma objeção. Olhando medicamente. De todo modo, se estivesse no seu lugar, pensaria melhor. *Revolvendo dentro do ventre de*

Carmilla. O senhor poderia por exemplo cuidar da ordem pública. O senhor já faz isso. O senhor poderia regular o tráfego! É só o senhor querer.

BENNO: Minha mulher me satisfaz mais. E melhor que um uniforme jamais poderia. Também, ser consultor fiscal me diverte. Pego coisas e as deixo em outro lugar.

HEIDKLIFF: Eu o admiro. Ousar colocar uma criança nesse ambiente destruído! Eu não exigiria isso nem de uma proveta! Sua mulher: uma passagem secreta. Uma Sociedade Anônima da ordem social!

BENNO: De fato, no caso da minha mulher Carmilla trata-se mais de natureza que de qualquer outra coisa. Prefiro a contemplação silenciosa dessa mulher a aventuras amorosas por fora. O tubo de ensaio está dispensado.

HEIDKLIFF: De homem para homem: Você não pode estar falando sério!

BENNO: Sobre o tema destruição do meio-ambiente, seriamente: Disso falam sobretudo pastores. Mas sou um inimigo declarado de cenas dramáticas. Jamais gozaria dentro de um vidro. Não sou apaixonado. Sou cuidadoso. Sinto-me capaz. Não sou só de falar.

HEIDKLIFF: Vale para a natureza como para a mulher: estudar, não estuprar.

BENNO: Uma conta se instala em minha mente. Bem vinda. Sou racional. Deito-me estendido e descomplicado no colchão. Muitas vezes já permiti à minha mulher significar algo. Ela deve fazer mais de si. Muitas vezes ela já fez mais de si.

HEIDKLIFF: Tenha mais paixão pelo aplauso do mundo! Torne-se graças a mim virtuoso numa vocação tardia! Torne-se gigante! Torne-se atleta aquático como eu! Você tem isso. Tem isso em si! Eu infelizmente só uso o tempo com uma atividade secundária. Colha cogumelos no bosque! Seja graças a mim um rei no seu campo! Exija prestações de serviços! Eles são seus! Só, por favor, por favor: seja um pouco mais indiferente ao ventre dessa mulher. Além do mais ela está morta. Morreu depois de cumprir sua missão. Como pessoa ela está morta. *Revolve no ventre de Carmilla, Benno assiste interessado.*

BENNO: O senhor acha que poderia me prejudicar? Logo comerei meu pão com lágrimas.

Agora ambos revolvem. Depois de uma curta pausa o Dr. Heidkliff tira fora um órgão interno, observa-o e então o joga atrás de si, no chão, como uma coxa de frango. Ele se desfaz. Benno prontamente dá um salto, pega-o do chão, inspeciona, joga fora novamente. Volta ao ventre.

BENNO: As pessoas nem acreditariam o tanto que cabe aí. As pessoas dão importância demais a miudezas. É estúpido. É assim que as pessoas se causam danos.

HEIDKLIFF: De homem para homem: Tem razão. E logo vem mais um! Opa! Que bom que a paciente está morta. *Joga um órgão no chão.* E mais um! Eu devia me envergonhar. Eu devia me envergonhar por esses utensílios de cozinha.

BENNO: Você realmente encontrou tempo, com todo seu trabalho, para cumprimentar educadamente minha pequena artista aqui?

HEIDKLIFF: Não no seu tempo de vida. Saudações!

EMILY *sussurrando a Carmilla*: Torne-se comestível!

CARMILLA *sussurrando a Emily*: Torne-se flexível!

BENNO: A esse respeito não me ocorre dizer nada. Seria desejável levantar! Cantar! Bordar um cobertor! Descobrir com perplexidade um novo tempero!

HEIDKLIFF: Esse buraco aqui parece tão simples, e no entanto é tão complicado que um homem como eu teve que estudar duro por anos para mal e mal encontrar o caminho aí dentro. Eu tive que fazer provas!

BENNO: Talvez desse para amarrar uma cordinha na entrada.

HEIDKLIFF: Não é má ideia. E curioso! Muitas vezes as paixões nos deixam desnorteados. Que opinião o senhor tem do outro sexo, se me permite perguntar?

Ele agora tira animais de borracha moles, infláveis de dentro de Carmilla. Uma ou duas crianças meio acordam e começam a inflar os animais, como num transe. Animais flutuantes, patos, sapos, cisnes etc. Heidkliff joga os animais para as crianças.

BENNO: Sou sommelier e consultor fiscal. Vêm a mim os fornecedores. Sou bem ativo com as mulheres. Dou prioridade a uma. Intuo uma pulsão e uma profissão.

HEIDKLIFF: O amor passa pela barriga. O apetite vem com a comida.

BENNO: Estou entre amantes declaradas da tagarelice vazia. Minha mulher me serve algo assim todo dia. Ela se absorve por inteira no âmbito doméstico. Ela se foi. Ela permanece duvidosa.

HEIDKLIFF: Será que ela talvez ainda por cima também é acrobata e aristocrata? Magnética? Tola? Um sexo fácil, um hobby?

BENNO: Mas agora ganhei um bom lanche. *Pega um dos pedaços de carne que o Dr. Heidkliff tirou, cheira, experimenta, mas logo cospe fora. As duas mulheres se mordem uma à outra.*

HEIDKLIFF: Naturalmente a filosofia não pode contar com isso, pois isso destrói seu horizonte. Corta algo em uma máquina. O senhor observou antes se a placenta já saiu? *Espia no buraco de Carmilla.*

BENNO: Ah sim!

HEIDKLIFF: E o que o senhor fez com ela em seguida?

BENNO: Ela comeu. Minha mulher não deixa desperdiçar nada. Eu não deixo incendiar nada.

HEIDKLIFF: O senhor devia ter lhe concedido mais tempo tranquila depois do último filho. Ela é um desses últimos exemplares que ainda fazem as conservas elas mesmas?

BENNO: Hundekoffer, muito prazer. O sêmen ele não consegue conter. Ela faz – como a atriz de cinema Doris Day – até o seu ketchup de tomates frescos do jardim! Não dá para freá-la.

HEIDKLIFF *revolve dentro de Carmilla, joga animais de borracha*: Não sou acostumado a nada tanto quanto à visão das mulheres. Aqui a mulher é paciente e mais nada. A placenta então se foi. Mas talvez ainda encontre algo de interessante!

BENNO: Onde eu não encontrei nada? Onde eu sei me achar como no meu banheiro? Isso eu gostaria de pôr em dúvida. Nesse caso o senhor seria mais inteligente que eu!

HEIDKLIFF: Quem procura acha. Temos que ser capazes de ver a mulher como um todo. *Tira um órgão inflável especialmente grande, amorfo e marrom, e o deita fora balançando a cabeça:* Eu amo a natureza. Em relação a uma árvore posso ser bem peculiar. Uma lagoa cercada de caniços pode me levar a cometer assassinato, caso eu veja ali impurezas industriais.

BENNO: E agora costurar, suponho?!

HEIDKLIFF: Exato. *Costura o ventre de Carmilla.* É porque amo a natureza que a mulher como tal me interessa. Comparado a um belo jardim não sou só eu que prefiro a mulher.

BENNO: Tenho uma necessidade premente de arte e carinho. Já vou levar minha mulher. Embala ela para mim! Por sorte o senhor acabou, senhor doutor.

O Dr. Heidkliff se levanta e acende um cigarro. Emily simplesmente desaparece. Carmilla se levanta gemendo, se alonga. Pega um espelhinho e se maquia.

HEIDKLIFF: Lixo! Lixo! Até uma minhoca poderia fazer graves acusações contra nós, homens, do jeito que a gente lida com a terra.

BENNO: Se o senhor trabalha, é impossível não ter o temperamento pacífico e o coração bom. Alguns se alimentam do sangue de pessoas vivas, e eu, eu me alimento deles então. Minha mulher me pertence. Sou consultor fiscal e artista amador no setor de canto.

HEIDKLIFF: Há que saber separar pulsão e profissão.

BENNO: Carmilla, agora já pode ir! Não esqueça nosso novo filho. Viu, de novo não fui mão de vaca.

HEIDKLIFF: Tudo normal.

BENNO: Sou muito agradecido ao senhor, senhor doutor. O senhor ainda tem algum conselho médico para dar para a minha mulher?

HEIDKLIFF: Madame. No melhor dos casos a senhora é ocasião para que um herói corte fora sua cabeça. *Dá-lhe um tapinha nas costas.*

CARMILLA: Por que deveria rir agora, tão alegre? *Ri.*

HEIDKLIFF *a Benno*: Se o senhor for se aventurar novamente, naturalmente deve antes amarrar uma cordinha na entrada. Para encontrar o caminho de volta. Você, um homem à moda antiga!

CARMILLA: Muito obrigada, senhor doutor. Mas a criança é tão pequena. Onde está a criança, por favor?

Benno mostra para ela, ela examina seu pescoço.

HEIDKLIFF *como se Emily ainda estivesse aqui*: Sabe, Emily, o que me faz falta? O som de um instrumento vindo da janela aberta! O senhor doutor Hundekoffer também canta! Você pode posar nesse quadro para

mim? Depois que operei, posso me dedicar a minhas mais novas paixões: o canto dos pássaros e a observação de valas comuns.

Benno começa a vestir as crianças, que resistem, acorda-as. Carmilla, de repente agressiva, tenta capturar as crianças. As crianças fogem correndo dela com seus patins. Ela corre atrás deles. Por fim joga-se sobre um, que se defende energicamente. Lutam. Os homens seguem conversando. Não percebem nada. Carmilla morde o filho, cujos movimentos tornam-se cada vez mais fracos.

A CRIANÇA: Ontem mesmo: caguei no capim; hoje: mordida de vampiro em mim. *Morre.*

BENNO: Carmilla? Você não tem tempo para fazer cursos? E se o amante da música que agora sou pedir um disco novo? Como vai me seguir, por exemplo, numa contemplação de quadros?

Carmilla suga todo o sangue da criança. Então vai até as bolsas de sangue na mesa e bebe avidamente de diferentes bolsas com o canudinho.

HEIDKLIFF: Mantenham afastadas as crianças! Tirem daí! Aspirem o pó! Minha próxima paciente já está esperando. E minha assistente Emily sempre desaparece bem quando mais preciso dela.

CARMILLA *interrompe, segue bebendo*: O senhor tinha é que lhe oferecer uma alimentação mais saborosa e nutritiva.

BENNO: Outros amigos da música com frequência nos convidam para noites musicais em suas casas. O que devo responder? Sons entram pelas janelas. Então nos perguntamos se é o senhor diretor ou a senhora diretor que toca tão bonito? *Termina de vestir as crianças.*

Carmilla parece satisfeita. Agora sopra com o canudinho no sangue, que borbulha. Como fazem às vezes crianças entediadas com suas bebidas.

HEIDKLIFF *folheando seu arquivo*: Estou vendo que a próxima é um problema dentário. Uma extração me aguarda. Terrível! Que horror!

CARMILLA *deixa o sangue e vem, lambendo os lábios, dos quais ainda pinga sangue, para a frente. Sorri atenciosa e assobiando*: Mercadorias novinhas, bem embaladas, isso seduz a dona de casa mais que uma pepita de ouro jamais poderia. Ainda mais belo que uma pedra preciosa é o alimento puro!

BENNO: Venha logo, mamãe! *Arranca-a dali.*

As crianças berrando atrás. Aquele que Carmilla sugou simplesmente fica ali, ninguém se atenta. Simplesmente fica ali, assim, numa poça de sangue.

HEIDKLIFF *depois de um tempo, cutuca casualmente a criança com a ponta do sapato, mas não faz nada. Volta a cadeira à posição vertical. Limpa o sangue com um pano, inclusive o dos órgãos de Carmilla. Os panos ficam ensanguentados*: Eles fazem como se isso aqui fosse um lugar público. Não me incomoda em nada ser recitador e público ouvinte. Onde está minha noiva Emily? Esse é o trabalho dela! Ela já esteve aqui alguma vez hoje? Para mim é quase assim que parece. Mas eu realmente como frutas suficientes. Florestas solitárias me atraem. Com minha espingarda vou à caça. Vejo diariamente o que as mulheres fazem de suas armas dadas pela natureza, por isso ainda não tenho filhos meus. Não deixar nenhum se aproximar à distância de um fósforo! Cabelo longo, entendimento curto. Não serve para nada. Mal saíram do meu consultório e respiro como se estivesse num ar puro e fresco. Me dá pavor. Uma tempestade cai trovejando sobre casas. Volta a parar. Elas poderiam enrolar a nós homens no dedo mindinho, mas o que fazem? Deixam para Deus e para o tempo o que vai ser delas. Gostariam de realizar estudos e ao mesmo tempo recuam com medo. São rústicas e aquosas. Desarticuladas. Não têm nenhum ponto fixo no todo. Com elas as linhas acabam em qualquer lugar. Elas são os desertos, nós a rocha alta onde elas se agarram buscando apoio. Elas estão e não estão aí. Eu do meu lado não gosto de ficar em casa. Sou impelido para os campos. As mulheres se abandonam aos devaneios e aos sonhos com ações. Elas vão para o exterior com suas famílias extraordinárias e voltam decepcionadas. Cozinham para dez pessoas em cabanas à beira-mar. Com um sorriso extasiado no rosto, banham-se. Os filhos pingando água, e a mãe ansiosa. Elas oferecem uma vista deliciosa àqueles que as sabem ler. Eu. Elas aguentam mísseis! Elas são sexo. Se é que são, nada mal. Nunca deixam de fazer o almoço. Suas profundezas não brilham. Disso posso me convencer diáriamente. Posso olhar dentro delas. Raramente escalaram uma montanha. Seus filhos passam correndo por elas em direção às profundezas. Elas não sabem fazer nada de mais racional que emitir gritos. O matagal as seduz mais que tudo. Querem estar escondidas, mas em seu desaparecimento guiar tudo o mais para o abismo. Elas querem nos levar junto! Um puxão no

volante. Elas fizeram alguma besteira e não admitem. Elas são assim. Eu. O homem vai comprar algo e nunca mais volta. Eu. A mulher vai comprar algo e volta com várias vezes o seu peso. Eu. Ela se desculpa. Eu. Mas é tarde demais! Óbito. Eu agora vou para meu bunker privado e lá controlo escrupulosamente as provisões para minha sobrevivência.

5. Um brilho vermelho sobre tudo, som baixo de trovões. Sobre a paisagem rola um pedregulho. Vê-se uma ou duas cruzes de túmulos ali. Emily entra apressada. Está em traje de enfermagem, sobre o qual agora escorre um pouco de sangue, mas discretamente! Ergue da mesa no consultório bolsas de sangue contra a luz, para ver se ainda há algo dentro. Bebe o resto, joga as vazias no lixo. Heidkliff, que fez entradas em seu arquivo, não a vê entrar.

EMILY: Imagina só, já faz duas horas que as palavras pulam de volta para mim. Provavelmente tenho que fazer poesia logo. Eu me recomendo. Branco e vermelho são as cores aqui. Isso me inspira muito. *Bebe sedenta uma nova bolsa.* Onde pôs o sal e a pimenta?

HEIDKLIFF: O que está fazendo aqui? Eu te liberei.

EMILY: Sigo neste lugar tranquilo a minha paixão, a arte da palavra. Para uma pessoa que anda muito a pé, um sapato firme é o mais importante, diz a Associação Alpina. Para uma pessoa que sua muito, como eu, bebidas sem álcool são essenciais. Eu começo.

HEIDKLIFF: Quando estivermos casados, certamente serei mais ativo sexualmente. Vou aproveitar melhor as oportunidades.

EMILY: Dessa vez volto das minhas explorações no cemitério de mãos vazias. Os preços dos caixões estão difíceis de pagar. *Examina casualmente o pescoço de Heidkliff.*

HEIDKLIFF: Beber sangue é, em si, um capricho provocativo. Só que: o que de bom seria exercitado assim? Nada além de instilar horror em seus seguidores!

EMILY: Gostaria tanto de alguma vez poder ver no espelho, através de mim, alguma outra coisa. Mas infelizmente isso me é proibido. Muito obrigada.

HEIDKLIFF: Em tudo que já fiz continuei sendo eu mesmo. Continue fiel a mim você também, Emily!

EMILY: Você poderia por favor sair um instante da pele de homem autônomo? Muito obrigada.

HEIDKLIFF: Ah, onde é o incêndio? No inferno onde você estava agora há pouco? Numa casa aconchegante com formas femininas, onde gostaria de estar?

EMILY: Preciso de ajuda odontológica. Esses caninos sobressaem demais. Queria ter isso ajeitado cosmeticamente. Mesmo não podendo me ver no espelho.

HEIDKLIFF: Esse é seu risco ocupacional! Isso nunca tinha incomodado minha Emilyzinha antes!

EMILY: Mas estou me sentindo leve e lésbica.

HEIDKLIFF: Mais um pequeno desvio no caminho no claro mundo de Deus e do Homem. Entre gramas e árvores frutíferas. Encantador. Você vai para uma água tranquila e prateada?

EMILY: Desejo tornar retráteis esses meus dois dentes essenciais! Eles devem espreitar para fora e poder sumir de novo. Como eu também. Preciso de um dispositivo parecido com o que vocês homens têm! Queria conseguir impressionar. Queria exibir desejo. Tenho sucos, mas no dia a dia valem pouco. Queria também poder funcionar segundo um princípio!

HEIDKLIFF: Como especialista digo, Emily: Para uma pessoa que se masturba muito são necessários dedos ágeis e um organismo forte.

EMILY: Já me convenci faz tempo de que quero provar algo novo. Sempre essas bolsas, não é saudável. De noite aparece a lua e as estrelas. De dia infelizmente chove às vezes. Também pode fazer calor.

HEIDKLIFF: E para a pessoa que morde muito e forte, um bom dentista é indispensável. Você foi um pouco egoísta ao noivar comigo? Esperava um desconto?

EMILY: Não. Nada de remissão para mim. Queria por favor deixar algo saltar adiante quando me der vontade. Peço por favor. E é só um dente!

HEIDKLIFF: E por que não quer seguir como é? Não se deu bem até agora? Não esteve próxima do mundo das plantas e dos animais? Não se divertiu de corpo e alma? Não teve o bastante para viver?

Um santo entra em cena no fundo e fica parado.

EMILY: Você podia instalar uma mola escondida. Algo artesanal. Faz um instrumento para mim. Queria ser um gabinete humano, tão pequeno que nada pu-

desse se passar ali. Meus dentes caninos devem poder saltar adiante, mas por favor não bem quando estiver sentada na mesa de fora de uma taverna com o rosto transfigurado degustando uma cerveja gelada. Raramente fico doente. Toda uma construção é derrubada. Mas esse pequeno desejo é o que tenho agora. Fazendo a poesia do canalizador, ocorreu-me que tudo pode ser dito. O que escolher?

HEIDKLIFF: Você, víbora! Você, butique! Você, povo! Que bom que o vampiro desaparece com a alvorada. O homem pode dispensar frisador, cremes para a noite, rugas, decomposição, mau hálito. Essa história não é nada saudável.

EMILY: Você está com sede. Uma irritação de pele. Eu estou apaixonada. Que lindo que você existe. Ganhar tempo é o sonho de todos nós. Tenho tempo suficiente. Eu era matéria originalmente, agora vou e venho a meu bel prazer. Se é para morder alguém, melhor que seja uma mulher. O homem é como um cão, a maior parte do tempo amarrado num muro.

HEIDKLIFF: Para mim você já é suficiente. Não anseie por nada!

EMILY: Você me prometeu desertos, e recebi desertos. Por favor, construa para mim um mecanismo dentário! Amarre-se num muro. Ultrapasse com seu carro algum limite de velocidade!

HEIDKLIFF *coloca-a à força na cadeira, trabalha com aparelhos*: Como é lindo estar com alguém. A gente percebe logo: a gente é algo especial! *Bate com um martelo nos dentes de Emily.*

EMILY *grita*: Ai, dói! *Chia como um gato, reclama. Heidkliff não se deixa irritar.* Você simplesmente batendo aí não adianta nada. Melhor bater num tambor. Amasse uma série de coisas saudáveis.

HEIDKLIFF: Obviamente sou da opinião de que é necessário se esforçar quando se quer conseguir algo.

EMILY *gemendo*: Com violência você não consegue nada comigo. Automaticamente afundo no solo, na hora, e falo com uma mulher morta faz muito tempo.

HEIDKLIFF: Você não vai me ensinar a fazer meu trabalho. Ano que vem, depois de um aniversário, vou comprar algo de novo e sólido para o consultório. Comigo dinheiro não falta. Infelizmente preocupações financeiras me atrapalham. Que você seja vampira, Emily, não me incomoda em nada, contanto que não negligencie a casa.

EMILY: Ai! Você acha que graças à felicidade eu vou logo voltar a me deixar ensinar? Uma gravidez psicológica? Uma água cheia de algas?

HEIDKLIFF: Que você seja lésbica não me incomoda em nada, contanto que essa predisposição não se estenda a mim e contanto que por conta disso você não perca de vista o lar.

EMILY: Estarei logo satisfeita? Tranquila em um grupo? Fazendo ranger o chão sob mim?

HEIDKLIFF: Logo também de fora nada mais se verá da sua constituição infeliz. Logo estará nova de novo. Logo destrancarei a porta para um quarto selvagem.

EMILY: Logo serei muito beijada, sem nojo?

HEIDKLIFF: Pois sim. Logo terá sido assimilada completamente nessa colônia de formigas. A confirmação é a missão do Cristo. Ótimo. É o passo seguinte. E a imprensa vai ter tanta inveja de você por ele!

EMILY: Ai! *Chia:* Desse senhor não quero receber a vida eterna de presente! Olha, mas eles têm que poder sair de novo quando eu quiser, os dentes.

HEIDKLIFF: Dentes um pouquinho protuberantes em uma donzela de resto bonita nunca me incomodaram. Pronto! Tem que apertar esse botão escondido, quando o dente precisar ficar pronto para a sucção. *Mostra.* E eis: a explosão. Por favor, experimente! Teste! Finalmente um mecanismo feito por mãos humanas sem efeito de veneno sobre o que foi dado pela natureza.

EMILY *experimenta*: Esse botão, você disse? Uma persiana se fecha sem barulho.

HEIDKLIFF: Exato. Que teatro repulsivo! Por sorte, nele sou apenas espectador.

EMILY *aperta*: Aperto o botão vermelho. Deu certo. Funciona! Vem! Nossas cordiais boas-vindas, Senhor!

HEIDKLIFF: Meu orgulho de artesão me proibiria algo contrário. Seu comportamento, no entanto, continua um mistério para mim. Seu fazer me parece sem semtido. Pessoalmente nunca esbarrei numa aparência. O mundo do visível é como um prédio administrativo do qual não se pode desinstalar os chuveiros: algo não está certo, mas tanto faz.

EMILY: E como faço os dentes voltarem ao lugar?

HEIDKLIFF: Por um recurso ao proibido. Ao martelo. Um golpe baixo.

EMILY: O que como por quê? *Chia horrivelmente.*

HEIDKLIFF: O corredor passa o bastão. *Bate na cabeça dela com o martelo.*

EMILY *ruge, sua cabeça é puxada para trás*: Ai! Ai dói! Dói!

HEIDKLIFF: Em casa sento-me pouco. Olho ao redor casualmente.

O SANTO *[O monólogo seguinte também pode ser falado simultaneamente ao resto do diálogo. Não é preciso entender absolutamente tudo de ambos]*: Aqui estou. Me admirem! Saudações. Um homem da província, acho que de Linz, morreu e acaba de chegar na minha casa. Ele e eu, nós não vamos mais entrar em cena. Nem sozinhos nem juntos. Olhem bem para mim! Nunca mais voltarão a me ver. Lamentem isso! Lamentem isso agora. Tenho que ir para o escritório. Santo santo santo. Trago uma bolsa que tem uma forma. Atrapalho a simetria. Passo coisas gostosas nos meus pães. Jogo e despejo. Chagas tomam minhas mãos santas, meus pés santos, minha cabeça santa. Eu me sento em terminais de ônibus, que já formam úlceras de tanta gente que tem lá, esse curioso truque da história. Sou uma luta estúpida. Sou um cara esperto. Meus olhos, com os quais todo dia olho para Deus deliberadamente, estão presos dentro do crânio por um cabo. Sai suco para fora. Humor aquoso e pus. O que vejo ganha uma dimensão. As presas, cada uma fornecida com o nome de seu local de trabalho, sangram em silêncio na sua caixinha da vergonha. A família se concede uma viagem de férias. A cona é buona. Trabalhadoras que realmente merecem esse nome enfiam as frutas podres que são seus filhos de volta no seu porta-joias entre as pernas. Pronunciam uma recusa. Carregam fardos negros. Quem pode dizer quais personagens devem completar uma fala no teatro? Deixo entrar em cena quantos forem, uns contra os outros, mas quem é quem? Não conheço essa gente, não! Cada um pode ser um outro, e ser representado por um terceiro, que é idêntico a um quarto, sem que ninguém perceba. Diz um homem. Diz a mulher. Um cavalo vai ao dentista e diz. Não quero conhecer os senhores. Adeus. Cegamente devora a placenta, torta servida na própria parturiente. Ela é medíocre. O filho dela também. Ela quer comprar um vestido branco para uma certa ocasião. Por favor solte isso! Mas ela quer vestilo. Jesus, que vê tudo, descansa tranquilo no seu armário no aeroporto. Um fio ao redor dele. Gosto de falar por exemplo diante de uma lagoa de sangue. Por causa da acústica. Uma pessoa que faz teatro simplesmente vem e derrama algo aí na minha frente. Outras mulheres trazem soldas. Juntas fazem um dispositivo maravilhoso de ver. São fantasmas e vestem calças compridas. Enfiam uma na boca da outra uma maionese cerebral empelotada. Raspam algo de si e colocam como tempero. Não tenham vergonha. Então se está tão despido quanto uma abelha do mel? Não. Não é tão ruim. Conseguem ver bem aí dos seus lugares nas fileiras mais de trás? Animais selvagens como vocês! Um uivo dura pouco tempo. Deviam proibir vocês. Carne esfria sob uma luz neon. A vida escapa das amarras. Não me resta nada, tenho que entrar dentro da tv como um verme doente, transparente. Pois quero saber o que pensam de mim. Eu tiro de cada um de fato mais uma frase de conversa. Usarei de violência se desejarem. Arranco de vocês, com uma furadeira, a farinha branca de parasitas dos que foram passados para trás. Eu vejo vocês. Vocês me veem. Em toda parte, há esse revestimento de lã de madeira saído de vocês, vocês pacotes humanos, vocês fluidos humanos. Declaro aberta essa exposição. Venham em silêncio para a frente! Alguns de vocês com certeza já gorfaram em garrafas vazias de cervejas. Ao meu comando, escorre urina para fora de seus rins grudentos. Seus órgãos são baratinhos. A senhora, madame, no entanto acredita que é cara. Faz sentido, pois a senhora foi adquirida com suco humano. De gente. Se agachem, a calcinha cansada ao redor dos tornozelos. Quatro pessoas passam por mim se empurrando para dentro de uma câmara, onde suas línguas lhes são arrancadas. Essas admiráveis membranas falantes. Agora neles nada mais se encontra que pudesse testemunhar contra eles. Deus abandonou vocês. Agora também eu abandono vocês. Agora meu chefe bate o ponto em sua própria fábrica. Bolas correm sob muitos pés sobre uma tela. Diante dela uma pessoa sozinha se rasga em sua raiva. Não ganhou nada. Agora aplaudam! Em alguns instantes vão lhes tomar as bolsas e carteiras todas. Eu arranco seus botões. Agora vão embora! Vocês são canais fedorentos, porque comem coisas tão péssimas. Eu simplesmente não aguento vocês. Agora vão se lavar!

EMILY: Você Deus! Você Deus! Você Deus! Você Jesus! Você jovem Maria! Você José pai adotivo! Você najo! Muitas pessoas com intenções radicais e inclinações impetuosas.

HEIDKLIFF: Era só uma brincadeira. Puxe esse fio curto que instalei aqui especialmente. Não vai arrancar nada de você. *Puxa para ela.*

EMILY: As pessoas de fora não vão ver nem isso?

HEIDKLIFF: Vocês mulheres. Sempre vaidosas. Mêsmo as menores sempre se olhando no espelho. A porcelana estilhaça. Seja boazinha comigo.

EMILY: Num espelho não vejo absolutamente nada.

HEIDKLIFF: Ah, sim. Faz sentido. Que sujeitas esquisitas vocês. Nós, pessoas que vivem e respiram, fazemos com vocês o mais belo contraste. Somos alegres. Tomamos banho de banheira. Experimente agora!

EMILY: Funciona. Agradeço. Venha senhor Jesus, seja nosso convidado e abençoe o que nos concedeu. *Quer se jogar sobre Heidkliff, eles lutam. Heidkliff ameaça sucumbir.*

HEIDKLIFF: Meu Deus, onde coloquei meu rosário? Ficou no outro terno! Mas você tem sempre que transferir o que tem dentro dos bolsos, quando eu mudo de terno, Emily! *Falando sufocado:* Emily! Chega! Meu Deus, se você conseguir dessa vez, então não vou mais poder aproveitar das instalações esportivas e bélicas da minha escolha por um longo tempo! *Procura e procura, enfim acha, no último instante, quando Emily já está perto de seu pescoço, a cruz de um rosario. Segura diante do rosto dela. Ela recua chiando, ergue a mão diante do rosto. Sai fumaça dela.* Consagrado pessoalmente pelo bispo auxiliar Knötzl em Altötting. Eu sou membro do partido certo. Por sorte.

Emily volta, enraivecida mas dando de ombros, até a mesa e procura uma nova bolsa de sangue para si.

EMILY: Agora vou para outro lugar. Por sorte ouvi falar mais cedo, no rádio, de um engavetamento em massa. A massa está pronta, a mesa posta. Uma hora vamos acabar rompendo, Heidkliff.

Emily sai, em direção à cruz do cemitério. Escala rapidamente a colina. Heidkliff a acompanha com os olhos, balançando a cabeça.

HEIDKLIFF: No entanto essa mulherzinha me parece mais amigável aos homens que odiosa. E sempre vestida de modo apetitoso. Esse é o alfa e o ômega na nossa profissão. Adeus! A lembrança fica comigo. Compaixão seria dizer demais. Ao lado do velho está a criança. Ambos se tornam grandes e inofensivos. Tornem-se comestíveis, cidadãos! Aproveitem suas vidas, iniciativas cidadãs! Na floresta o eco se sente em casa. Hoje está animado. Fecho a janela. *Faz isso.*

O consultório fica escuro. Sobre a paisagem ainda brilho vermelho, que se perde lentamente.

Pano.

2

1. Agora a cena aparece da seguinte forma: O consultório médico desapareceu. No seu lugar um quarto de dormir charmoso no estilo dos anos 50, cama de casal, cabeceira, criados-mudos, abajur, um rádio etc. Só que: ao invés das camas há caixões elegantes arrumados e cheios de terra no estilo desses anos 50. Idílio. À direita a paisagem permaneceu igual, há apenas uma iluminação de certo modo mais estranha. Várias cruzes de túmulos ou lápides. O nosso já conhecido morcego voeja por aí por cima. Um pássaro de mau-agouro voeja por aí e grita. Assim está bom. Obrigada. À esquerda na cama de casal estão deitadas confortavelmente Emily e Carmilla, a última com bobes no cabelo. Emily tem uma máquina de escrever portátil em uma estante sobre seu caixão. Bem visíveis dois freezers. "Família".

CARMILLA: Agora quando usa os dentes fica tão linda, Emily! Charmoso. Será que também devo mandar fazer os meus? Em que esteticista você foi? Em você ele produziu de novo a eterna obra de arte humana.

EMILY *distraída*: Fique aí e vá embora! Viva para sempre! Morra pouco! Dá um tempo!

CARMILLA: Não faço ideia do que quer dizer. Tudo fica engraçado quando a eternidade dura tempo suficiente para se poder aproveitar. Estou muito doente.

EMILY: Carmilla: Um telefone pode salvar vidas!

CARMILLA: O que me incomoda pessoalmente é que muitos fecham a janela na nossa cara. Seria tão mais bonito se todos deixassem vir à luz abertamente suas relações íntimas. Deixar entrar o saudável ar fresco.

EMILY: E a nós. Isso dá a base. A associação cultiva algo e registra em um livro.

CARMILLA: Eles devem se tornar amplos, arejados e generosos. Devem respirar. Devem se vestir e se despir espontaneamente diante da janela aberta. Devem poder esperar um clima melhor, com direito. Devem examinar o céu sem nos notar. Nós viremos. Nós viremos. Devem pôr para fora os ouvidos invejosos. Devem examinar conscientemente o ar para ver como tudo se relaciona. Então viremos. É só vocês nos chamarem. Chamem-nos o mais rápido possível! Nossa agenda está cheia como um ninho.

EMILY: É o que você imagina. Você com os seus ascramentos duradouros!

CARMILLA: Exato. E na hospedaria eles mergulham numa refeição. Nunca têm medo de ser uma perturbação na natureza. Batem os pés pela floresta em meio a canções de passeio e não prestam muita atenção à paz dos animais. Nós levamos provisões conosco. Por isso não dependemos de humanos e seus restaurantes.

EMILY: Nós não perecemos. Somos mortas-vivas, Carmilla! Lembre-se disso de uma vez por todas! Não podemos nos expor plenamente. Nossa existência é irritantemente feia. Somos só pseudomortas. Somos as piores. Você morreu no parto do seu sexto filho! Lembre-se disso! Não somos mortas, não somos vivas! E não se pode tão simplesmente nos ressuscitar.

CARMILLA: Sua camisola já está com a gola suja. Já vou lavar para você.

EMILY *com urgência*: Carmilla, entenda isso, somos e não somos! Eu por exemplo saio de um longo túnel: o passado. Me tirar dali é uma refeição sagrada, e me alimento dos vivos. Por minha própria conta e risco!

CARMILLA: Eu entendi. Nós, fúrias em trilhos de trem cintilantes, acelerando numa curva, invisíveis. Espera, quem está aí? Arte alemã! Boa arte alemã! Dueto!

EMILY: O gesto que a cadela indefesa no pátio faz em direção à casa. Zombamos da criação. Enquanto o homem é destinado, como acredita, a dar à mulher o descanso final. Ele diz isso.

CARMILLA: Como leio: o escândalo do queijo. Barra manteiga. Na fuça da meiga. Realizações ridículas.

EMILY: Agora que a natureza se foi definitivamente, será logo cantada. Uma pilha incontável de poemas e romances cai dos muros que formavam. Somos e não.

CARMILLA: Mais é melhor que totalmente mortas, né? É mais agradável!

EMILY: Vou embora. Então sempre de novo me recolho a mim mesma. Sem a ajuda de um assistente. Minha presa deve tocar a crosta terrestre materna e por favor aprender com a história que vivenciei em parte como verdadeira. Os mortos são uma pilha incontável de gente.

CARMILLA: Isso não me dá medo nenhum. Para mim isso tudo combina amigavelmente. Os velhos com as crianças. A floresta murmura. Ela nos é descrita muitas vezes.

EMILY: Foi um exagero da sua parte cortar seus dois mais velhos com a serra elétrica, no seu ardor de principiante. Também não precisava cozinhá-los e congelá-los. O freezer já está estourando de cheio. O sangue é um prato que se come fresco.

CARMILLA: Um erro de principiante. Agora os estragos me deixaram esperta. Os pedaços de vísceras arrancados do meu filho sob a guarda de uma mãe fria. Um congelador bem saudável. Dois congeladores! Um ventre de mãe dura muito pouco. Agora me movo apressada neste quarto, adiante. Eu me sento. Vejo algo fora da minha nova cama. Meus pensamentos ainda ficam como uma estaca no chão, estão presos. Ficam atrás do meu corpo. Respiro. E logo em seguida não mais. Sou amigável com o tempo que se move. Por isso ele sorri para mim.

EMILY: Agora toda essa comida congelada está aí estragando no chão todo. Cogumelos brancos. Terra congelada. E onde fica o seu prazer? Acaba! Na fonte, logo já coloco uma mão no jato e não sei para quê. Os mortos devem ser legíveis. Eu os estudo. A história deve poder se alimentar deles! Uma vez conheci um que queria ser exposto ao sol até a dissolução total.

CARMILLA: Devo pegar um copo para você? Ofereço com uma expressão amigável tudo que tenho: Uma doença. Meus rapazes e meninas que ainda restaram logo voltarão. Estão lá onde aprendem. Um animal ergue a cabeça.

EMILY: Muita coisa do tempo passado simplesmente fica aí vegetando. Esteja honestamente morta, Carmilla! Também gostaria muito de estar.

CARMILLA: Temo as formalidades da doença fatal. Por isso estou doente, para zombar. Gosto de contar a

todos das minhas doenças. Um círculo deve ser traçado ao meu redor para que as minhas doenças não possam escapar sem permissão. Estou obscurecida. O descongelamento da geladeira é um trabalho extra. Presto atenção nos meus filhinhos. É bom que me evitem por causa da doença.

EMILY: A morte pesa bastante. A gente percebe isso só quando queremos suspendê-la de novo ou produzi-la artificialmente.

CARMILLA: As lojas penduram slogans ostensivos. Deve ser separado, por favor. Alhures e aqui. Estou enganada. Gostaria de gritar: Isso é o que sou! Possuo tantos talentos sob minha camada de argila. Gostaria de enfim me exibir!

EMILY: Eu também tinha um talento, o de escolher palavras. Devo agora fazer poesia, Carmilla? Isso ia te entreter? Infelizmente não posso me decompor. Ficam restos e pedaços de mim. Sabe, alguém diz que em última instância a história se baseia no corpo humano. Alimentação escassa! Roupas finas demais! Pele apodrecida!

CARMILLA *começa a vestir roupas em Emily, uma sobre a outra, uma depois da outra. Pega as roupas de uma pilha alta. Como uma mãe com o filho. Emily levanta os braços, deixa isso acontecer, passiva. Segue assim até o fim da cena. Tranquila e amorosa*: A doença é bela. É essencial para mim. Sou doente, logo existo. Ligo para casa, ninguém atende. Logo me vêm pensamentos: um outro também está doente! Estou doente, logo tenho direito. Sem doença nada seria.

EMILY: Prefiro passar meus dias numa intranquilidade criativa. Masturbo-me diariamente enquanto xingo os homens. Sou impopular.

CARMILLA: Arranho-me num prego e logo penso o pior de mim. Sou demais para viver e pouco demais para morrer. Minha causa e meu objetivo é a doença, que eu amo. Sou fraca porque sou doente. Tomo remédios. Estou sempre doente e isso me alegra.

EMILY: Tenho um motivo totalmente diferente. Posso colocá-lo em palavras. Entre as palavras, então, procuro algumas para mim.

CARMILLA: Meu marido segue firme na União Cristã. Saindo da União Cristã volta à casa. Fui fertilizada. Não tenho emprego. Pois estou sempre doente. Por causa da doença às vezes me encontro no hospital.

EMILY: Meus ossos brincam debaixo da minha testa. Sai sangue por toda parte, claro e arterial. Só gosto desse tipo. Sento-me no mesmo barco e respiro tranquila. Um coro não canta. Nenhum enterro. Positivo. O hospital também ficou doente. Você, Carmilla. Estou louca de amor.

CARMILLA: Estou doente, e está tudo bem. Sofro e me sinto bem. Estar doente é fácil. Eu consigo, e me sinto muito, muito mal. A saúde não é tudo, e meu corpo não aguenta mais. Diante de boas saúdes me transformo em uma peneira que deixa tudo passar e cair. Já estou doente! Doente! Doente! Doente!

EMILY: Cheia de pregos. Suspire sob o cobertor, Carmilla. Por favor. Vista sapatos e vá para a terra! Eu te amo! Me ame também!

CARMILLA: Você, dama! Você leitora! Você cliente fiel! Impostora! Colecionadora de cupons de desconto! Gostaria tanto de ser espargida sobre as águas. Tudo vai tão mal!

EMILY: Ah, cotoviazinha! Você ia querer se erguer até mesmo contra o vento.

CARMILLA: Percebo como essa vida é muito diferente da minha anterior. Antes era alimentar lábios famintos. Agora é se alimentar efetivamente deles, se possível. Não posso mais escolher nenhum tipo de bebida, só existe sangue e água mineral para mim. Obrigada, para mim mais nada. Antes me tratava com um creme. Agora não trato bem os outros. É como aconteceu. É constrangedor. Fico ainda mais doente.

EMILY: As pessoas estão vivas e por isso têm uma relação com a natureza em que surgem. A relação consiste em falar sobre devastações que, contudo, só lhes ocorrem de modo obscuro. Átomo malvado! Escrever sobre isso faz bem. Separar-se dói.

CARMILLA: Somos meio vivas. Em toda parte tudo vai mal. Ninguém é substituível. Tudo que acontece e pode ser visto na natureza nos parece confiável. Os que moram ali são tão parecidos que dá para confundir. Sua carne não é singular, mas também não é sobrenatural. Eles somos nós. Eles comem. Nós comemos. Quantidades médias. Vou mal. Estou tão doente.

EMILY: Agora quer enfim ouvir meu poema, sim ou não?

CARMILLA: Quero ouvir a mim mesma. Agora já matei dois, não, três dos meus filhos. Fui funcionária co-

mercial. Administro aquilo que os mortos possuem. O fim dessas três crianças como o fim de todas as pessoas não pode ser perdoado. Mas, graças a ele, elas se tornam palpáveis. Para nós como para os oficiais da história em seu ministério. Repassam informação sobre isso. Partidos têm relações. Fico pensando. Penso no que poderia ter sido dessas crianças.

EMILY: Agora me ouça finalmente. Falo agora com palavras livres! Eu mesma as tricotei. Também podia ter escolhido palavras totalmente diferentes. O poema traduzido diz mais ou menos o seguinte:

Eu virei quando estiveres mais triste
Deitada só num quarto escuro
Quando a alegria do dia esvanecer
E o sorriso for banido
Da fria tristeza da noite.

Eu virei quando o real sentimento
Dominar por inteiro, sem resto
E minha influência sobre você crescer
O pesar mais fundo, a alegria congelada,
Levarei sua alma embora.

Ouça é bem a hora
O pior tempo para ti
Não sentes sobre sua alma
Uma corrente de estranhas sensações
Antecipando um poder severo
São meus arautos.

Pausa. Carmilla puxa Emily para si com ternura, tira-lhe os óculos de leitura, põe de lado seu livro e também a pequena máquina de escrever portátil de Emily, que ela pôs em uma estante (atravessada sobre o caixão da última!). Abraça Emily longamente.

CARMILLA: Com isso você fez bem ao meu senso de beleza, Emily. Onde aprendeu isso? Agora tenho coragem renovada para correr o risco de desagradar. Veja como me coloquei: Mobília! Mobília! Ah, minha querida mobília! Linda! Onde quer que o olho vagueie há traços da minha imortalidade. E quase tudo sobre quatro patas cada. Como um animal de caça em um escritório. Sou uma feliz dona de casa. Agora estou passando mal. Provavelmente acabo de adoecer.

EMILY: Totalmente imortal eu não serei. Infelizmente! Também só pela metade, como tudo que faz nosso desagradável gênero. Só pela metade posso agora pensar sobre o presente.

CARMILLA: Querem nos caçar com cruzes. Querem nos colocar num negócio assim. Um livro lhes disse. Inteligente: ser cristão significa ser contra o vampiro, por princípio. O cristão não deve beber sangue que pertence a outro, é pressuposto. Tenho uma febre de pelo menos 39 graus célsius. Acabo de ficar doente.

EMILY: Tem ainda o papa. Ele é representante. Ele voa e corre. Quem não o louvar será rasgado vivo! A multidão salta enlouquecida sobre ele! Por favor não jogar nada para ele! Por favor rezar agora! Ele ama até os dejetos. Ele fala. Agora fala o papa. Quem não gostar dele será recebido pela multidão com cuspidas.

CARMILLA: Também acho. Sim. Essa cristandade é vampira como nós. Ainda mais! Ela não vive, e também não está morta. Contemple-a numa televisão e tome conhecimento dela! Está com desconto. Ela deve enfim gentilmente se tornar uma morta honesta. Eu também gozo da minha doença!

EMILY: Os pobres se erguem contra nós, hostis. Como contra uma revolução. Eu, indomada, anseio sempre por algo tranquilo, inofensivo. Poderia ser uma repartição pública. Gostaria de comprar selos como todos os outros. Ou entrar numa loja de roupas. Num parque, pode ser. É um dia útil, um dia claro. Olho com prazer para as crianças.

CARMILLA: Isso não é bom. Não sou nenhum passeio público! Estou muito doente, o que consome muito tempo. Estou disponível nas lojas com desconto.

De repente uma luz clara e brilhante sobre a paisagem. Heidkliff e Benno Hundekoffer entram trotando em roupas de tênis e com raquetes, saltitando dinâmicos, passando por sobre a paisagem. Não ficam parados nenhum instante, explodem de tanta atividade. Pulos, saltos, batem com as raquetes no ar, batem em bolas. Aproximam-se do quarto que está na semiescuridão. Mal podem andar de tanta energia. As mulheres paralisam, agarram-se uma à outra.

2. Os dois homens, maniacamente, atravessados por longas risadas.

HEIDKLIFF: O enterro da sua mulher foi muito bonito. Obrigado por essa experiência!

BENNO: Sim, também acho: sepultamento bem solene. Chorei. Mesmo assim o reflexo involuntário, que de resto nos força a parar instintivamente diante de

uma mulher, não pode nos conduzir. O reflexo instintivo de procurar amparo numa mãe está avariado.

HEIDKLIFF *excitado*: Sim! Sim! Sim! Sim! A trituração da estaca ao perfurar o osso, o corpo se contorcendo, a espuma sangrenta diante da boca, o vomitado. Podemos nos lembrar disso: Tem que ser. Isso serve à humanidade. Como eu, enquanto médico. Passeamos por aí inofensivamente na tarde de uma quinta-feira normal. Assobiando tiramos veneno do pulmão. Nós existimos. O mundo encolhe.

BENNO: Nós engatamos. Nós agarramos. Nós partimos. Nós encontramos formas de viver junto, caro colega. Com isso apenas um único volta a viver? Os gases de escape nós não amamos. Eu filho de Deus. Nós esporteamos. Nós planaviamos. Nós bicicletamos. Nós tênis. Olhamos sombrios para os seres rodantes na natureza. Devem ser radicalmente desfeitos. Por motivos de saúde! Também queremos ser incluídos no ritmo da mãe. Calor e amor nos aguardam. Somos os receptores legítimos. E vamos lutar por isso.

HEIDKLIFF: Posso ceifar a cabeça de sua valorosa esposa? Posso costurá-la? Muito obrigado e não tem de quê. O seguinte fazemos imediatamente: despejar cerveja dentro de nós. Bater no crânio com um peso. Elas não merecem a maternidade. Não lhes é devido o paraíso do parto. Cortar fora a cabeça, encher de alho a boca e a boceta. Estaca no coração com um golpe e foi. Finito. Mas o senhor não deve levar isso para o pessoal, Benno!

BENNO: Elas dão leite de suas valorosas pessoas e nos envenenam o filho com ele. Elas atacam mais a carne inocente do que a elas mesmas. Elas nunca poderiam dar leite, não entregaríamos a criança a elas livremente. Não estou certo?

HEIDKLIFF: O processo de procriação é indispensável. O homem não precisa estar presente em pessoa. Mas o óvulo sim.

BENNO: Comprar sementes para as crianças. Em um banco. Em um supermercado. Em um estabelecimento legal.

HEIDKLIFF: O feto em sua carroceria sob medida pensa sobre outro carro esporte. Logo vai querer sair para um novo departamento. Ele já é vida! Úteros se arrastam com dificuldade sobre o cascalho. Poderosos de países distantes mal valorizam a vida do indivíduo. Mas nós a protegemos com violência!

BENNO *olha o relógio*: Rápido! Logo está escuro! Noite! Aí elas saem! Se retiram para fora da caverna dos seus corpos, que não quer mais guardar nada. As damas sangrentas. Não há apelido para elas. Não comem carne, cospem fora no babador! Não engolem o melhor! As perdulárias! Nos sugam. A nós! A carne cospem fora como cascas. Só aquele filósofo ousou se conduzir assim. O sujeito! Querem nossos sucos, não nos querem junto. De tudo só o melhor! O resto não aproveitam nem respeitam como deveria ser. Jogam fora! No lixo! Na lata sem coração. São guardadoras frias. Esse tipo de cuidadoras! Não arrumam nada depois. As barrigas delas crescem para a frente. Elas as carregam para fora de casa para nós, e se vão! O mundo é o que cai, no caso, e isso vale para todos. Sem exceção. Mas elas nem o percebem direito. Se recusam a levar a termo a vida em desenvolvimento. Sendo que ela já fala dentro delas, anda por aí, canta! Parcimônia é uma palavra estrangeira para elas. Onde é que está minha ferramenta boa? Onde ela escondeu isso de novo? Meu machado, por favor! Por gentileza, traga e coloque diante de mim. Será logo! *Procura ao redor mecanicamente, sem parar de saltitar.* O médico da família já chegou, o machado da família ainda não. Excepcional! Bem-vindo! Um depois do outro. Uma missão pela vida! Sem golpes baixos, por favor!

HEIDKLIFF: A isso respondo: no lugar. Sempre pronto. Sem criado. Rápido! Se apresse! Logo poderemos voltar a sentar tranquilamente em um carro. Logo poderemos voltar a olhar o trânsito e talvez até mesmo transar, digo, transitar.

BENNO: O homem se vale sozinho! Ele exibe o sexo a plenos pulmões. Como um documento. Ele o recebeu! Tudo deve ser produzido. Tudo deve ser legível. Tudo deve poder ser visto. *Procura ao redor em toda parte.* Ela escondeu meu machado. A cadáver, quer dizer, canalha! Ainda ontem estava aqui, a companheira afiada dos meus hobbies! Enquanto eu cortava lenha por prazer. Por acaso sei bem. Carmilla! Repulsiva desperdiçadora de sementes!

HEIDKLIFF: Como assim seus filhos ainda não estão em casa? É perigoso lá fora. Tenha medo! Também é perigoso aqui dentro. É perigoso no visível como no invisível, onde tem lugar a maior tentação. Cuidado! Quem faz algo mostra. Quem vive do sangue de um outro rouba desse outro o mundo e o transforma em seu contrário. O senhor deveria tomar mais cuidado, Benno! Como guardião legal.

BENNO: Eles gostam de assistir a rua, como as rodas passam girando. Eu sempre compro para essas crianças revistas de automobilismo. Agora eles buscam na rua. Homenageio o motor como princípio fiel. É mais confiável que minha fria cuidadora de aquário. Não entendo a Carmilla! Ela é como uma confissão, uma monstruosidade sempre pescada de novo. Mas depois a gente sempre fica mais esperto. Não podia ter confiado a ela minhas sementes. Não devia ter plantado nada na terra dela.

HEIDKLIFF: Mau, mau. É cinco para a meia-noite! Agora cuide dos seus interesses! *Joga tênis, nervoso.* Fareje por favor, veja se lá dentro, onde moram essas garçonetes inférteis, não tem um fedor de decomposição! Se nesse meio tempo não nos tornamos mesmo desconhecidos para elas? Mas não vão se arriscar a sair para o mundo sem nós, né? Coma! Coma mais vitaminas, Benno!

BENNO *uiva, ainda pulando*: Ah, Carmilla, se eu pudesse mais uma vez deitar minha cabeça no seu avental branco! Uma vez, por uma hora apenas!

HEIDKLIFF *do mesmo modo*: Ah, Emily, se eu pudesse mais uma vez deitar minha cabeça no seu avental branco! Uma vez, por uma hora apenas!

BENNO *uivando, mas pulando alegre*: Ela sugou completamente três filhos, entende?! E depois cortou de tal modo todo aquele monte de carne com minha serra, não é, cozinhou em panelas e então fora em embalagens não é colocou em embalagens de tal modo e no congelador, sim. E disseram então, para onde levar a carne não é! Fede tanto. Não dá para guardar. Tive que comprar um segundo congelador especialmente. O prazer também não mora no corpo, me ocorre agora? E o corpo não é trespassado até pelo olhar? Agora minha consciência me morde em algum lugar!

HEIDKLIFF: Ouvi que ela se alimenta inteiramente de carne humana desde então.

BENNO *chuta a porta do quarto*: Ela é obscena! Nada devasta seu corpo além do prazer, que horror. Meu olhar é sugado pelo vazio dela. Meu sexo faz greve. Ela não me seduz mais!

HEIDKLIFF *chuta a porta*: Ela se alimenta de pessoas e sequer chora. Sua matéria é indecisa. Ela deve ser má? Deve engordar? Deve ir visitar os alpes?

BENNO *chuta a porta brincando*: Em uma mulher todos devem ver o sangue involuntariamente. Gosto de voar a lugares desconhecidos. Faço uma excursão. O sangue aumenta. Uma vez vai tão longe que a esposa tira força daí. De repente não se enfraquece com seu sangue que corre. Esse mamífero! E não é o bastante: Agora busca o meu sangue, ainda por cima! Dos meus filhos! Essa beberrona. Ela se torna forte demais para mim, definitivamente.

HEIDKLIFF: Elas zombam de nós! De uma hora para a outra o sexo não é mais mortal e sério para elas! Não o veem mais como higiene corporal. Ele irrompe para fora delas. Uma fonte. De repente, para elas o sexo é só uma amenidade entre muitas. Não querem mais nada de extraordinário! Essas baratas! Ladras de tesão!

BENNO: Eu acho: agora que minha mulher Carmilla come sangue, ganhou um quê masculino que não me agrada.

HEIDKLIFF: De todo modo, neste país, isso que chamamos de mulher é meio um homem. Não é muito melhor que minerais. Está ressequido, sem vida. É uma crise de amor. Minha Emily! Ela não obedece mais ao ciclo mensal natural. É tão malvada comigo! Ela é contra. Quer me machucar! Fico diante do Paraíso e tenho boas chances de me deixarem entrar. Mas sozinho! Eu sou eu. Eu não me renovo. Não troco de pele. Não abro mão de nada.

BENNO: Sim, pessoalmente também acho que fui bem construído, como uma casa. Mas logo vou ficar irregular se não achar esse maldito machado! *Procura.*

HEIDKLIFF: Hoje estou negligenciando minha profissão criminosamente. Fico por aí. Já estou há tempo demais nessa expedição punitiva. Simplesmente não nos importemos mais! Não sejamos maus com elas! Não podem fazer nada, fracas como são.

BENNO: Erro! Essas quebradoras de ossos! Carmilla! Bruxa má! Por causa dela não dá nem para fazer as compras. Logo vou fumigá-la para fora. No fim terão sido só atrizes. Fora. Nunca mais vão rir! Nunca mais vão poder se inscrever direitinho. Vão ser trituradas entre nós. Onde está a ajudante familiar que encomendei da Associação Cristã? Hoje cedo ainda estava aqui. O que fizeram com ela? Vocês a viram?

HEIDKLIFF: Não. Não conheço.

BENNO: Agora odeio minha mulher Carmilla.

HEIDKLIFF: Agora odeio ambas! Elas fazem tudo! Mas ninguém deve ficar sabendo. Sobretudo os vizinhos. Maldosos e mesquinhos.

Benno segue saltitando, grita sons inarticulados através da porta fechada, atrás da qual as mulheres estão sentadas em suas camas-caixões, uma agarrada à outra, horrorizadas. Ele golpeia a porta, chuta. O Dr. Heidkliff faz igual.

BENNO: Vocês estão insuportavelmente presas às convenções, vocês!

HEIDKLIFF: Sou da mesma opinião. Não sejam como são! Sejam higiênicas! Sigam sua natureza! Limpem! Limpem! Limpem! Limpem!

BENNO: Abandonem esse ambiente infestado de bactérias! Raspem o bolor de vocês!

HEIDKLIFF: Vocês sangram horrorosamente, como seres sem casca. Qualquer um pode entrar em vocês. Dá para ver através de vocês. Nenhum de nós fica comovido por isso. Vocês são nuas demais. Não são nenhum estímulo para o amor. Eu gostaria mesmo de menos beleza e mais tempestades furiosas. Por favor, sejam mais aristocráticas! Atitude! Sentem direito! Não esqueçam de passar as roupas! Que diabo!

BENNO: Onde acha que estava o sexo, Heidkliff, antes de se falar disso?

HEIDKLIFF: A clínica nasceu. E o sexo depois também nasceu em algum momento.

BENNO: Por que o dinheiro tem um grande valor?

HEIDKLIFF: Emily! Emily! Saia! Por favor, por favor!

BENNO: Carmilla! Carmilla! Conceda-me sua visão roubada! Seja limitada! Não exista mais! Tenha crises! Você, fragmento de um corpo pingando.

HEIDKLIFF: Emily, somos quase uma família. Saia! Agora só o olhar vale. Olho você bem objetivamente. Eu me dou acesso puramente como espectador. Certamente fui seduzido pelo meu poder. Quero te alcançar. *Bate raivoso na porta.*

BENNO: Até na televisão as famílias conversam! Até na televisão as famílias conversam! Converse comigo também, Carmilla! Todos estão juntos. *Joga-se contra a porta.*

HEIDKLIFF: Sejam corretas! Sejam bem cuidadas! Sejam uma agência! Devolvam nosso tesão! Deem algo de vocês! Liguem-se a nós! Sejam femininas. Senão com o tempo nos tornaríamos igualmente seres obtusos de saias. Voltem a ser vazias! Nós ou vocês!

BENNO: Vocês são uma história geral da doença. Admitam!

Soa uma voz feminina monótona, que fala no estilo dos anúncios de tv: São exatamente vinte e duas horas zero minutos e zero segundos. *Ambos os homens paralisam e ouvem. Um momento de longo silêncio. Então a porta de entrada se abre de uma vez e as duas crianças restantes correm para dentro com seus patins, gritando, trazendo consigo o carrinho de bebê com o boneco, que jogam por todo o quarto selvagemente. Os homens tapam os ouvidos. Ao mesmo tempo o quarto se clareia estranhamente. Parece ter luz própria. Carmilla e Emily saem de seus caixões. Arrumam-se, penteiam-se, maquiam-se uma à outra, pois não podem se ver no espelho (que está pendurado). Lá fora as crianças correm por toda parte gritando. Os homens tentam, sem sucesso, capturá-los. Depois de um tempo as mulheres saem pela porta, radiantes e sem esforço, e entram no quarto. Vê-se seus dentes de vampiras. Emily deixou os seus para fora.*

3. Luz misteriosamente abaixada. Emily e Carmilla caladas no quarto. Então a boneca no carrinho de bebê começa a grasnar. Por favor uma fita com fala de verdade. Só por pouco tempo a voz do boneco na fita, enquanto as mulheres inspecionam o cenário. Então as duas mulheres saltam cada uma sobre uma das crianças como lobas, rasgando-as por inteiro. Há uma luta louca, pois as crianças se defendem. As mulheres mordem o pescoço das crianças. O bebê grasna: Mamãe! Mamãe! *As mulheres bebem todo o sangue das crianças, os homens ficam ali indiferentes. Balançam a cabeça, esfregam as mãos, impacientes. Comportam-se um pouco como o juiz no boxe. O seguinte os homens falam indiferentes, enquanto as crianças se contorcem na luta mortal. As mulheres sempre mexem apenas a cabeça, depressa, voltam logo a sugar.*

BENNO: Carmilla, ainda não revelou onde escondeu meu machado. O novo. Ontem ele ainda estava lá.

CARMILLA *interrompendo rapidamente*: Ele está lá onde sempre está. As crianças são mesmo crianças.

BENNO: Mas não está lá! Não consigo encontrar!

HEIDKLIFF: Isso não é mais uma mãe. É uma menina!

BENNO: Também não está no armário da antessala.

HEIDKLIFF: Emily! Fico envergonhado por você.

EMILY *interrompendo rapidamente*: O Poder é um circuito de sedução recíproca.

BENNO: Carmilla, te digo uma coisa: Em todo caso você não se tornará uma Medeia! É e seguirá sendo uma dona de casa. Se agora morrer, será uma dona de casa morta.

HEIDKLIFF: Você não se tornará predestinada, Emily! É e seguirá sendo uma simples enfermeira.

BENNO: Carmilla, permita-me lembrar o seguinte, pro forma: Eles são sangue do seu sangue!

HEIDKLIFF: Insetos grosseiros, é o que vocês são! Vocês são a terra-mãe. Não dá para deixar vocês sozinhas uma única vez, que se organizam como abelhas. Vocês ficam por aí. Cegas. Que efeito benéfico a fertilidade de vocês poderia ter sobre a humanidade! Nós estávamos comovidos. E agora estragam tudo. Tornam-se mulheres jovens novamente! Tornam-se retrógradas. Uma sociedade cinzenta de tias e sobrinhas. Irmãs. Onde está o belo sexo de vocês? Como vão apreciar vocês? Pode-se cobri-las ou olhá-las. Não é possível fazer de vocês aias solares. São um veneno para todos! Não sejam assim, grávidas! Não interrompam sem autorização o lindo ritmo do seu sangue! Todo mês! Gostamos tanto. E sobretudo: Não saiam para o mundo. Obrigado pelo bom conselho.

BENNO: Vocês, belas aparições. Mas ser bela não é tudo. Por muito tempo foram o que agrada ao homem. Agora ninguém mais vai gostar de vocês na idade avançada. Não saberiam sequer escolher direito os ingredientes. E eu que costumava me curvar educadamente diante disso aí.

HEIDKLIFF: Aí estão vocês, enrubescidas. Não sabem fazer mais nada. Mas em um parto, pff, aí rasgam as tripas, querendo ou não. Aí são fracas e gritam! Pude me convencer disso na minha profissão.

BENNO: Não é verdade, doutor, que uma enchente leitosa e suja irrompe do orgãozinho mutilado delas, se preciso? Que horror! Li isso num livro, horrorizado, e recuei. O senhor, como médico, já viu isso, é claro.

HEIDKLIFF: Como especialista, posso confirmar isso para você, plenamente.

BENNO: Uma vez vi numa ilustração, representado de modo esquemático, como o chamado útero chora sangue de sua rede sem fim de fibras vermelhas, que parecem fios de seda, cabelos púrpuras. Isso não era para ser uma piada.

HEIDKLIFF: Isso posso te confirmar, tendo visto com meus próprios olhos. De todo modo não consigo simpatizar. É horrível demais. Seria preciso inventar uma nova carne humana, que não fosse feita por uma mãe barata. Ficamos horrorizados. Elas não têm coração. Mas fingem conhecer o mistério da vida.

BENNO: Carmilla. Beijamão. Esses esforços que você empreende! Senão fica deitada na cama, no seu congelador refrescante. Esse é seu novo Hobby? Você colhe flores?

HEIDKLIFF: A mulher perde mais sangue mensalmente do que um homem poderia tirar com a boca.

BENNO: Pois sim. Vocês são as mais fortes na verdade! *Late brevemente.* E diríamos que éramos nós. Somos nós!

HEIDKLIFF *fala interrompido por curtos latidos, que então crescem*: Vocês têm essa felicidade de poder uma vez por mês desintoxicar por inteiro seu interior com a ajuda do sangue. Vocês, instâncias artificiais! *Late.* Não sabem nada de moderno sobre a técnica!

BENNO *latindo*: Bagunça! Bagunça! Papel com lacerações marrons. Sopra! Flutua! Se defende!

HEIDKLIFF *idem*: O delírio de uma empregada é o delírio de uma garçonete é o delírio de uma mulher de encanador é o delírio de uma cozinheira é o delírio de uma secretária é o delírio de uma barwoman é o delírio de uma designer industrial é o delírio de uma professora é o delírio de uma pedagoga é o delírio de uma faxineira é o delírio de uma aeromoça é o delírio da nutricionista é o delírio de uma fisioterapeuta é o delírio da assistente social é o delírio de uma vendedora é o delírio da enfermeira.

BENNO *latindo*: Gosto de inventar algo eu mesmo. E tem o tédio também. Gosto muito de pensar. Tenho a força da reflexão, que é recusada aos vampiros. O vampiro mentalmente é uma criança. Faço experimentos científicos. Eu penso. Ajo. Me dedico a um objetivo e aí não penso em mim. Mas vocês buscam sempre só a utilidade prática. Ainda quero uma coisa bem pequena, mínima: Por favor poder parir. Por fa-

vor também poder ser estigmatizado! Muito obrigado. Mas também produzo sons em instrumentos. Então por que não uma pessoa autônoma? *Late alto.*

HEIDKLIFF: O que estava aí primeiro. A galinha ou o ovo? Pois bem.

BENNO *latindo*: Vocês são simplesmente teimosas! São infantis! Sobretudo encostam onde acaba de ser pintado. Compramos joias para vocês! *Late alto.*

HEIDKLIFF: Sua pele natural não é mais suficiente. Vocês passam cremes! Seguem modas estúpidas. *Late.* Nunca encontram o amor. Acham que tudo que acontece com vocês é amor. *Late.* Vivem estúpidas nos pelos corporais de vocês. Vocês têm lábios e usam em quê? Para quê? Para falar! *Late terrivelmente.*

BENNO *ataque de latidos*: Por favor. Obrigado. Por favor. Obrigado. Vocês têm cabelo demais no crânio. Embaixo se separam, indecisas, em duas metades. São indecisas. Não são elétricas. Não brilham nem sob tensão. Fazem por merecer uma punição. Violam uma lei. Vêm quando querem, mostrar as chagas de Cristo. E o que fazem com isso?

HEIDKLIFF *latindo*: Não há um único remédio contra vocês. *Late. Tenta ainda dizer algo consistente, mas só pode latir horrivelmente.*

Agora as crianças jazem por aí, imóveis. As mulheres limpam as bocas pingando sangue, estão cheias de sangue por toda parte.

BENNO *latindo, aos golpes, eruptivo*: Vocês dormem em camas. Moram em casas de família. Au! Au! A maioria de vocês não cresceu. Au! Vocês andam com os pés no chão. Sequer se vestem vocês mesmas! *Quer seguir falando, mas só consegue latir. Ambos os homens latem raivosos para as mulheres. Elas se sentam no chão satisfeitas e sangrentas.*

Escuro, lentamente.

4. Cena como antes, apenas a seguinte diferença: Tudo agora deve parecer meio gasto, podre. À esquerda na paisagem erguem-se entre as cruzes destroços de equipamento militar. E por ora ainda isoladas, levemente estranhas. Até o fim a paisagem vai se encher de armas. As crianças jazem em suas poças de sangue. As mulheres, em cujos queixos escorrem riozinhos de sangue, apoiam-se cansadas uma na outra e não se movem. Os homens revistam a dispensa agitados e põem coisas em sacolas plásticas de compras.

BENNO: Agora estão quietasas. Se eu penso bem: Que ainda temos todas aquelas coisas pra consagrar pra dar na igreja.

HEIDKLIFF: Mais bolachinhas? Precisamos! Urgente!

BENNO: Das nossas hóstias de casa, santas, santas, a minha, a minha minha, queria fazer pavê. Queria gastá-las, vaca. Hóstia pertence casa de Deus. Nada contra domicilidade. O que eram essas mulhereses, antes de se falar delas? Sabe? Sabe resposta certa?

HEIDKLIFF: Se tivessenem me falado ontem de vampiro, eu teria rido. São devoradorasas! Mim ser agora grupos de risco? Um grupos comunistas radical? Perigo! Eu queriaria imediatamente excrementizar. Sim.

BENNO: Ouva só: Perigação por vampiro bastante subestimada. Muitas vezes acontecer em país livre atrás de fronteira.

HEIDKLIFF: Comprarar mim gás de alho a caminho. Ó lá. Nossas sacolinhas plástica autodestruir. Tá aí. Escrito. Entre no chão corajoso. Sem contraargumentos, como da mulher. Antes mulher enterrada, fala muito tempo. Parou falar. Mim consciente comprar boas sacolas pro meio ambiente. Sempre ter na mão! Ecolósgicas!

BENNO: Nossas mulhereses não ser melhor que tosse com catarro. Ouve? Precisa sempre me limpar delasas com papel.

HEIDKLIFF: Nossas honras significam lealdade. Nosso dever o tribunal. Punição. Execução. Limpar os detritos. Onde e quem ainda pode acreditar nisso: político, verdade?

BENNO: Carmilla: Aviso, advertência, placa, tá escrito: contradizem saúde e regulação. Bandeira de sangue! Querer te comprarar com dinheiro! Me sugousou até os ossos dentro! Junto com salário meu! Alto!

HEIDKLIFF: Noite volta. Passa pela floresta escura de pinheiros. Lá já são acesasas luz. A cidade! A cidade! Retrato de desejo bom! Trabalho e motores humanos, diz, quem fez vestibular. Uma música tão Brahms toca no meu coração. Eu digo adeus oh dor e dou a mão pra alguém aí. Eu mim agachar feliz e fazer meu chamado poderoso da natureza!

BENNO: Agora elas bem quietinhas, são eczêntricas, é, eczemas. Uma dizer ainda: tem que ser destruída quando conseguir fazer de novo! Não poder liberar as vampiras e sua vida proteger, como não dá pra libertar o trabalho e o dinheiro proteger. Verdade, é!

HEIDKLIFF: Profavoz ser agitação de gente revolucionáro, meu Benno meu amigo! Caber bem você, acho. Erínias mortas! Levar fora! Exportizar!

BENNO: Agora pro princípio bater com contar história! Com pôster outdoor pra comprar alho. Mim besuntar com tempo inteiro nós dois. Ainda não acabar pronto eu. *Late rapidamente, logo bate com a mão na boca assustado e volta a parar.*

HEIDKLIFF: Um poder grande e convulsa na calça. Até garganta embaixo. Nós todo devido! Resistência fica fora. Nosso jogo parecer melhor que o delas! No buraco delas tatear pra degeneração e gayzice maior. Mim viveu esse medo. Filhos! Filhos! Porcos! Mas logos de novo sem medo tudo no fluxo! Mudos! O que precisavo eu agora é arma igual caçador.

BENNO: Nada tão fácil demais. Meu segundo amor do meu amador: caçar, rasgar, agarrar cadáver assassinamente. Sim. Dois cãoçadores. Apita pra eles agora e agora apito pare. *Apita estridentemente. Dois cães vêm, ferozes. A partir daqui seguem os comandos.*

HEIDKLIFF: As balas também querem ser abençeadas! Pensar. Tiros normal nem risca crânio de vampira. Massa grande, ah, as pessoas nunca tão fermentano com o quejeirio. As ação sãos feita sempre por individeos como eus. A cidra também sai do pressionador.

BENNO: Munição. Aqui tá! Profavor. Enfia na sacolinhas tudo com cartucho igual. Nossa disposição contra a mulher é um atos criador. Sente! Épocas desmorononam. Fim disso! E agoras uns esporte pra nós cobrir. *Ambos trocam de roupa: traje de caça. Rústico.*

HEIDKLIFF *trocando-se*: Eu mesmo! Mim mesmosmes! Livresmente! Prúcio! Mais uma arma duas?

BENNO *trocando-se*: Kit de arma com tiros os caçadoros sempre têm pronta. *Pega duas armas de caça. As duas mulheres se movem delicadamente no sono.* Nós jovenzes poderemos logo também contar sobre guerra. Nós homem. O russo não é justo com a gentes. Ele não tem disso motivo pra isso. Gororoba!

HEIDKLIFF: O estrangeiro não vê o que debaixo dos nossos cobertores podres se esticam como carrapatos com sede. Eu jovenze ser antes pensamento, aliás, mas me arrancam de nós pro fazido!

As mulheres se levantam lentamente, lambem os beiços, seus olhos faíscam ávidos.

BENNO: Esforçar com força. Eu fazer ritual da morte todo de novo muito venerável. Nós podemos empacotar isso: munição. Balas. Voe balas. *Fazem as malas, continuam se vestindo.* Mulhereses com joelho abertos. Não punir por isso. Agachares. Esconderes. Elas pegam com as boca do chão seco. Ninguéns lá se importam. Murchar. Dentes mordendos nos ares. Comem nosso desejo completasmentes. Golpe! Agora a gente fazendo expedições. Amanhã nossos filhilhos deitado na camas deles morto de tossir. Quem sabem causas? Vocês! Mulhereses vocês em suspenseão. Ruins pra saúde. Machucam o ar. Devoradoras do ares! Mordedoras do sangue! Comendo tirando todas as coisas boas de oxigênio do ar! Mordendo a gente juntos, deixando nós com câncer de pulmão. Pegando por aí. Sujadoras! Alergias. Vocês sintomates respiratórias. Isso é indemocrático de vocês.

HEIDKLIFF: Vocês, medidas chegadas tarde! Eu me começo. Vocês causa pra morte súbita dos filhilhos. Mortes nos berço. Vocês doentes de civilização mas sem civilização. Vocês alarme de fumaça!

As mulheres ficam de pé num pulo, os homens recuam assustados. As sacolas caem de suas mãos. Só conseguem balbuciar sem sentido.

BENNO: Me peguei. Me pegaram. Agora eu quietou e cheio de suscetibilidade abençoada. Nós mulheres. Respira. Respira. Respira. Bom!

HEIDKLIFF: Ah eu também me peguei! Agora tô quieto. Bater aí. Ai. Agoras mim tudo novo e desconhecidamente bonito bem vindo senhor!

BENNO: Logo sermos mim uma flor, um poemas, um retrato do quê? Vivências!

HEIDKLIFF: Obrigado Deu! Obrigados Deus! Pra casa! Pra frente! Derrubar portas abertas! Cereja floresta negra.

Emily salta sobre Heidkliff, Carmilla sobre Benno. Os cães balançam os rabos, animados.

BENNO *quase sufocando*: Causar dias tranquilhos! Vem! Vem por favor! Quero realizar meu nome. Às armas!

HEIDKLIFF *igualmente*: Lutar firme com Deus e o Diabo. Desdescançar. Brilhizar. Brigar também com mulheres guiar capitão. Por que não encontro realização por que não por que nada? Vazio. Aos aparelhos. Pra localização, vai. Se necessário ir direto pra lás!

As duas mulheres mordem seus homens. Emily é a primeira a interromper, com um grito de dor.

EMILY *para Carmilla*: Está saindo algo para você?

CARMILLA *erguendo a cabeça igualmente*: Penso de modo bem prático. Mas não tem sangue absolutamente nenhum nessas veias.

EMILY: Aqui também nada disponível digno desse nome, infelizmente. Que costuma jorrar abundante.

CARMILLA: Acha que outra se serviu antes de nós?

EMILY: Difícil. Uma pregunta paira no ambiente.

CARMILLA: Benno. Você já é quase tão terrível quanto toda a Suíça.

EMILY: Também interrompo por ora o processo de sucção. Você é totalmente oco por dentro, Heidkliff.

CARMILLA: Agora quero tentar no mínimo me tornar sexualmente ativa. Pelo menos o que entendo por isso. Na verdade é aí que você entra, Benno. *Joga-se sobre Benno como uma Mênade. Nenhum resultado.*

BENNO: Mas isso é bem desagradável para mim, Carmilla.

EMILY: Isso me agrada ainda menos, Carmilla.

CARMILLA: Começo de modo simples e patético. Não dá certo para mim. Escondemos um forte paganismo. Somos passionais. Não temos nenhum sofrimento. Sem medo, temos compaixão, temos que nos esconder. Não temos poder.

EMILY: Agimos com o homem como a ideia com o instinto.

CARMILLA: Não podemos fazê-los sangrar, não sai nada quando os furamos. Seus pensamentos já nos ultrapassam. Agora desejam ocupar países estrangeiros.

EMILY *olha ao redor*: Tenho alguma coisa pesando na consciência por causa dessas crianças, Carmilla?

CARMILLA: Nós duas, Emily. Mas não podemos responder legalmente. Somos as partes dos nossos corpos, e eles estão sob guarda alheia. Estamos cansadas de tantos tribunais.

HEIDKLIFF *se metendo com avidez*: Exato! Isso faz perfeito sentido. Vocês desfazem e destroem todos os muros. Nada é forte o suficiente. Então no tiro nos confiamos a essas coisas, digo, balas abençoadas. São mais temidas por vampiras que o dia claro.

BENNO: Agora vocês são o alvo, digo, o alce selvagem. Deixar virar o espeto. Nós disputamos ter sido consumível.

HEIDKLIFF: Querem ser redimidas, amores?

BENNO: Acho tão astuto. O homem é eleito para dar a vocês de presente o descanso eterno. Nós fazemos!

HEIDKLIFF: Usamosos o garfo da ciência e do pensamento, proibido pra vampiro. Vampiro burro e astuto.

As mulheres recuam.

BENNO: Não podemos parir, então podemos sempre arquiteto. Não. Profanar cartas no envelope.

HEIDKLIFF: Mim pode falar a favor pro tio Deus. Num copinho.

BENNO: Mim pode redimir.

HEIDKLIFF: Mim podia também dirigir. Julgar salvar.

BENNO: Mim vai derrubar vocês com tiro. Aí mentiras tchau, descabeçadas, boca fechada. Jogar alho: vampiro impotente. Aí estaca nos coração, dor. Fim.

HEIDKLIFF: Podermos cortar fora cabeça das suas valorosas dona de casa? Grande, bonzinho! Obediente!

BENNO: Mas claro. Acordo mútuo. Minha pediu isso expressamente. Com certeza ela mesma ia implorar. Minha pequena condutora.

HEIDKLIFF: Antes a benção das balas. Pura formalidade. Paciência, minhas damas. Sem dramas.

BENNO: Logo sereseis libertas dessasas coisas salientes informes e desseses cabeços impróprios. Logo sereseis redimida dessa existência no próprio ares ruins.

HEIDKLIFF *joga-se sobre as mulheres*: Fiquem quietas! Esperenhem serenhem aceitas. Sentir já o futuro de vocês comigo. Guerra é luta ardente. Inquieto. Guerra é gás. Cospe!

BENNO: Eu sair pra mim fora dessa nossa caverna de aparensolidão e fazer terras de vocês. Vocês decompor em pó imediatas. Vocês mulher velhas!

HEIDKLIFF: Mim agora pega arma na corcunda e vai. *Põem as armas no ombro. Os cães de pé, obedientes, às ordens! Os homens pegam as sacolas plásticas.*

BENNO: Logo dá a hora de vocês blom blom blom.

HEIDKLIFF: Os pensamentos já em marcha marcha.

BENNO: Quem dá ordem pradiante? Eu dar ordem adiante. Bem dado. Bendito. Sou pessoa compaixonada! De vocês bestas.

HEIDKLIFF: Não, euzes! Euzes! Eu fazer sinal! Alistar! Alistar livre e espontânea! Adiante! Adiante! *Marcham para cima das mulheres.*

CARMILLA *grita*: Por favor, me dê sua mão, e sem mais, Emily!

Emily simplesmente desaparece, Carmilla grita por socorro.

BENNO: Mim não te odeiar não.

CARMILLA: Socorro! Socorro! Emily volte! Não vá!

HEIDKLIFF: A iluminação do espírito fala em mim. Volto a acreditar! Materiais artificiais! Plastiquilina!

CARMILLA: Socorro! Não me deixa aqui sozinha!

BENNO: Amanhamanhã escrevo um drama. O herói é a pedra é o Jesum Cristrum. Não sou receptivo a embriões. Mesmo assim proteger a vida! Embrião vida desde começo. Natureza florescer tão bonito. Aproveite! Me alisto com vontade livre pra natureza. Acordado pra natureza nascente. Me jogo sobre a vida e já! já! já! Proteção.

HEIDKLIFF: Vocês são responsáveis. Mas não puníveis. Quem punir vocês punirá a si mesmo. E tem que ser. Ruindade pra todosos!

CARMILLA: S.O.S.! S.O.S.! Aula de flauta doce!

BENNO: Pra que eu poder viver muiter, vocês tem que estar morter. Claro! Mim precisa mais espaço e tomar de vocês aqui mesmo. Um clima bom seré saudável.

HEIDKLIFF: Estou sozinho. Me dá náuseas. Quero foder até o absoluto fim.

BENNO: Mim vocês redimir agora mesmo! *Está perto de Carmilla, tenta apanhá-la, no último momento surge Emily e arranca Carmilla daí. Os homens ficam paralisados, as mulheres fogem em câmera lenta.*

HEIDKLIFF *indiferente*: Fota-se! Desagradável seria com tempo vem conselho de uso que vocês do banheiro público fazeram abortos! Tem que vocês limpar do sangue que escorra pra foras de vocês. Precisam espaço nós! Muito!

BENNO: Todo homem em sua palestra pode entender que os envenenamentos em seu corpo só podem ser causados por vocês.

HEIDKLIFF: Sim. Falar normal. Resposta descarada: descarreguem gente e florestas e natureza! Bom humor natureza! Estejam finalmente mortas! Mim precisisar de espaço! Mais espaço! Dá! Mais luz! Mais! Mais luzes! Mais escuta! Au! Au!

BENNO: Diz sobre isso: Lágrimas vêm aos meus olhos e na boca. Continuar! Continuar adiante! Falar normal. Solizar! Esportizar! Claridade! Saúde! Ventiladores! Peguem! Brinde! Hora de comer! Oba!

HEIDKLIFF: Falar como outros. Responde alto isso: Vocês meus irmanãos da mina e da usina: eu me redimo por vocês. Eu redigo oi pra vocêses! *Se joga adiante com armas e cães, começa a latir de novo. Persegue as mulheres.*

BENNO: Normales. Fala. Fala. Diz disso: faz bem! Maré alta e maré caixa. O gordo e o magro. Assado de pouco e bolinhos. Camilla e Hemelina. Eu tenho saudade direta do seu pãozinho orgulhoso na cabeça! Agórea não nos desgastar mais em briguinhazinhas por favor. O vento canta canção nas árvoros. Adiante. Normal! Adiante! Normal! *Se joga atrás latindo a duas vozes junto com o cão.*

5. Fica claro. À esquerda, o apartamento se tornou um banheiro feminino com sala de banho, visto de lado. Na antessala diante dos lavatórios e espelhos estão duas ou três belas mulheres em vestidos e chapéus maravilhosos, extravagantes. Com seus sapatos de salto alto furam a areia que cobre o chão alguns centímetros. Embelezam-se diante dos espelhos. Atrás das portas dos toaletes, vê-se duas privadas uma ao lado da outra. A paisagem à direita se transformou em um imenso monte de lixo. Detritos, sacos de lixo

etc. As armas também se multiplicaram. Clima de fim dos tempos. Uma pilha de ferro velho militar.

Emily e Carmilla correm de mãos dadas descendo o monte de lixo. Atrás delas a uma pequena distância os homens com suas armas e cães. Os cães marcham obedientes. No último segundo as mulheres alcançam o banheiro, abrem a porta e se jogam dentro. As belas mulheres não as percebem e vice-versa. Depois de algum tempo as mulheres com os belos vestidos se jogam no chão, rolam de um lado pro outro, sujam as roupas com areia, rasgam as mangas umas das outras etc. A bela composição é destruída. Benno e Heidkliff são repelidos pela porta fechada do banheiro como o vampiro pela cruz.

BENNO *respirando fundo esportivamente*: Aqui estamos, no lugar onde até o rei vai a pé. Para mulheres.

HEIDKLIFF *igualmente*: Aqui é um porto seguro. Para mulheres. O lugar onde não podemos entrar. Nossa atividade foi interrompida.

BENNO: Aqui é só para mulheres. Essa consagração das balas – uma vivência para vida toda! Velhas canções de Natal. Penso em estar em casa.

HEIDKLIFF: Ladies only. Penso bem parecido. Os cartuchos estão dentro agora? Para podermos abrir cavidades craniais e abdominais? Para podermos destruir crânios duros completamente?

BENNO: Sim senhor. Pelas mocinhas. Com munição de ponta oca, disponível no mercado e abençoada. Aumenta trinta e sete vezes o orifício de entrada. As feridas tremem, vibram. Isso derruba.

HEIDKLIFF: É maravilhoso como trabalham nos buracos corporais, os tiros! Explodem certinho na carne. Abrir um orifício com o armamento propício.

BENNO: Oh, montanhas! Torres de pedra! Faço um balanço: A mulher agora não tem mais propósito.

HEIDKLIFF: A isso digo: Pai, será completado. Vamos voltar à branca virgindade das montanhas. Lá vamos voltar a nos encontrar. Vamos respirar fundo. Dê-me esse cálice. Imediatamente! Vai logo!

BENNO: A isso digo: Só aqui não podemos entrar. Desaceleramos. Sem raiva, pôr fogo à árvore de Natal! Mas para quem?

HEIDKLIFF: A isso digo: Eu sou eu mesmo. Obrigado a você, que como camarada é meu consolo e minha força, Benno.

BENNO: A isso digo: Eu te agradeço igualmente. E se atirarmos pelo buraco da fechadura? Nós nos desgastamos nessas briguinhas.

HEIDKLIFF: A isso digo: Estamos próximos do espírito do mundo. Esperamos. Ouvimos ser cantada a mais antiga canção da terra.

BENNO: A isso digo: abençoada caminhada. Agradável descanso. Verde tapete no chão do bosque. Efeito que bebo! Som distante. Barulho dominante. Deliciosa ilusão de odor. Sensíveis caminhantes. *Aos cães:* Sentido!

As duas mulheres horrorizadas se jogam cada uma dentro de uma cabine e trancam a porta atrás de si. Encostam-se nas paredes dos cubículos. Os homens acampam diante da porta da frente, fumam etc. Mas sempre mantêm as armas engatilhadas nas mãos.

HEIDKLIFF: Nós não engravidamos. Nós não desejamos. Nós não convencemos. O alho que compramos fede tanto que pode acordar os mortos.

BENNO: A isso digo: uma boa refeição faz esquecer a preocupação. *Desembala um pão. Comem e bebem.* No espelho os não-mortos parecem o Nada que de fato são. Meleca. O alimento cai através deles. Logo vamos lhes consolar, fazê-las esquecer a provisoriedade da sua existência, somos tão bons com elas.

HEIDKLIFF: A isso digo: Esse alho! Acho ruim. Não, não acho ruim. *Fuma.* Um cigarro ajuda. Mas mesmo inspirar o ar pode fazer maravilhas. Respire, Benno, respire! Tenha um destino! Ande de esqui! Aproveite! Aumente os efeitos! Beije! Seja silencioso! Tenha preguiça de escrever! Admita honestamente os erros! Escale as montanhas! Apareça quem quiser!

Os homens fumam, testam suas armas etc. Os cães estão deitados, obedientes. E a mártir de fato aparece, envolvida em uma nuvem de luz. Em paralelo com o famoso santo, também entra em cena como um tipo de ícone, talvez traga os seios numa bandeja, ou sua roda. Hábito de freira?

MÁRTIR: Tenho muitos nomes. Nunca fui acariciada nos meus sapatos novos. Posso comprar eu mesma o que produzi na linha de montagem para o público geral. Meu marido no entanto diz: economize para o car-

ro. Subir na bicicleta ainda molhada do gozo da noite anterior, partir para a fábrica. Lá são como eu e constroem um cantinho para Deus em seus salões. Com dezesseis o primeiro filho, ainda ilegítimo. Não é um consolo saber que mesmo num trabalho temporário ainda se é uma pessoa, só mais burra? Agora quem vai pagar nossa casinha, se nossa força diminui aos poucos? Que ridículo, não tem creche, às cinco da matina trago os pequenos para a vovó. Já desaprendi como é na Itália. Uma vez férias, quando se estava em casa no mundo. O homem bebe toda noite, até que é como que arrancado da minha cama. Erva daninha! O médico logo vai vir me evacuar. Ele se dá tanto trabalho só por minha causa! O mais velho economiza para comprar uma motoca, para poder, entediado, lançar fora de si seus membros, ali, vejam, na ponte da rodovia! Agora acho que está fechada, única condição em que posso dormir, de tanta dor. Fora eu, não tenho mais nada sobrando, nem mesmo para o marido. Estou cansada e agora vou embora. Eu ainda tenho tanta roupa para lavar! Quem vai me compensar pelos danos causados por mim? *Volta a desaparecer.*

Agora as mulheres na antessala do banheiro começam a falar uma por cima da outra. Como o zumbido de abelhas. Montagem de som em uma gravação em off. As frases se sobrepõem umas às outras. As mulheres arrancam suas roupas, rolam na areia, que cobre os corpos. Espetam pela areia com seus sapatos de salto alto, sujam-se, rasgam as mangas etc.

VOZ DE MULHER *gravação*: Somos íntimas nossas. Recebemos cartas. Nós com nossas testas humanas. Não somos fáceis. Conhecemos a saída. Compramos algo. Não se deve nos segurar sem necessidade. Uma vez aconteceu algo conosco. Fizemos por merecer? As colunas de toda a cultura desmoronam imperiosas sobre nós. Andar se torna quase um prazer. Pode-se ler em nós, sem pesar no cérebro. Os pensadores só têm um sexo, o da ideia. São cadáveres secos. Não oferecem nada. Ainda temos que ir ao açougue comprar salsicha. Também temos que ser inspecionadas. Bem que poderíamos ser vermes em uma carne! Parasitas. Poucos conseguem tomar uma substância que lhes impeça de morrer. Nós mesmas nos tornamos implausíveis, ora isso, ora aquilo. Temos que ter algum segredo qualquer, que não seja suficientemente esclarecido só pela vida. Só poderíamos cobrir curtas distâncias. Não somos loucas. Colorimos o cabelo e gritamos, ilesas, sobre machucados. Ser genuína não é tudo. Ser alegre requer pouco. Cantando mal assim entramos oficialmente numa grande casa. As pessoas ficam admiradas conosco. Escolhemos gravatas e meias. O que cozinhamos? Nossa atividade se orienta para a suspenção do esquecimento. Vivemos de modo parecido com os órgãos no corpo: fixados em canais e hastes. Mesmo assim é possível ser bonita! Nos destacamos pela pele pálida. Também somos formigas. Muitas e ágeis. Nós, sociedade de insetos! Somos vistas: ousadamente despidas. Somos idiotas na família. Que prazer adicional para você! O que mais queriam era ser nossos criados. Guardiães de nossos segredos. Eles nos comem. Mas nós decidimos o menu. Sopa também. E sobremesa. Eles nos deixam de lado indefesas. Ouvem um quarteto de cordas de quem bem de Mozart naturalmente. Não reconhecemos só de ouvir. Beethoven, por outro lado, lhes revela, é o que acham, o fim. Mas persiste uma diferença em relação à morte de verdade. Tropeçamos. Puxam pelos nossos dedos vivos. A mulher e o corpo pertencem um ao outro inseparavelmente. Onde o corpo vai, a mulher também vai. Em muitos países a mulher pertence ao cotidiano da paisagem urbana. Em muitos países a imagem da mulher pode ser retraçada cotidianamente. O cotidiano da mulher se realiza por inteiro diante da imagem da mulher. Depois da mulher só vem mais cotidiano. Umas mulheres grandes, outras pequenas. Mais. Diante da imagem da mulher até o todo se desbota. As mulheres têm dias. A mulher é o pequeno ao lado de sua imagem. A capacidade da mulher depende do seu tamanho. O tamanho da mulher consiste nessa dependência da natureza. A mulher é natureza. A mulher natural, em virtude de seu suporte interior, representa a mulher que só entra em cena como imagem. Nenhuma mulher apresenta nada. A imagem da mulher é que traz o conteúdo. É a sua deixa, mulher. A natureza é a imagem. A imagem da mulher permanece muito tempo. O interior da natureza se encarna na mulher. O corpo da mulher vai para o interior. O corpo e a mulher vão juntos para a natureza. Nenhuma mulher mais. A natureza as força às imagens. Uma imagem não é toda mulher. A natureza nunca é cotidiana. Vai logo, mulher. A natureza conhece a encosta. A mulher é capaz. Em geral a natureza continua a existir na mulher. Fora com a imagem. Uma verdadeira encosta é o corpo da mulher. Naturezas encostadas, dependentes, saem da mulher. Vai junto, mulher! O corpo da mulher é mantido colado pela natureza. Dentro é menor. Da rua a imagem é diferente. O universo se tornou paisagem urbana. A mulher é capaz do corporal. Capacidade forma dependências. A mulher serve seu

corpo. Por favor trazer o conteúdo. Natureza conjunta. Nem todo encosto tem que sair. Grande natureza. A imagem precisa ir para o interior. Tamanho do corpo. A mulher precisa sair. Separem o corpo da terra. A realização amanhece. Todos os dias mulheres. Bem grandes. Naturalmente uma imagem do conteúdo. Fora com a mulher. Naturalmente a separação dos corpos. A imagem é vaga. As mulheres levam chutes. A correlação no universo. Natureza de dentro. Dependente de imagens. Nenhum conteúdo na natureza. Corpo na terra. Mulherzinha. Realização da natureza. Países cotidianos. O dia faz a imagem. Entra no interior da mulher, separando. Uma imagem a mulher. Vem, natureza. Fora, mulher.

CARMILLA *chamando através da parede*: Imagine, Emily, se estivéssemos cobertas por centímetros de larvas duras! Enxames de mosquitos nos circundariam. No escuro do bosque de Viena incharíamos até ficar com muitas vezes nosso volume.

EMILY *igualmente*: Sou lésbica, digo para o arcebispo que há aqui.

CARMILLA: Não estou mais aí para os outros. Benno por favor não me considere intrometida. Obrigada.

EMILY: Caríssimo Senhor Kaplan! Ponho-me sob sua guarda.

CARMILLA: Em mim um medo poderoso, cortante.

EMILY: Em mim uma fenda profunda. Indescritivelmente anseio por uma forma complicada de salvação.

CARMILLA: Em mim toda vontade de viver se foi, totalmente. Não tenho nada a confessar. Sou uma úlcera tenra em uma dobra na pele.

EMILY: Que horas são, por favor, Carmilla?

CARMILLA: Bem tarde. Um brilho no rosto! Sou o arbusto que se estende vivo sobre o pequeno morro.

EMILY: Um peixe se contorce aí para você, com um tumor maligno, talvez um câncer, um caranguejo no anzol? Muito bem. Por que nos tiraram do nosso elemento? Devem nos jogar de volta no mau cheiro de aborto.

CARMILLA: Eu me faço uma pergunta moderna. Posso abandonar a latrina? Obrigada. Uma comida. E Munique significa uma multidão única. O que é que eu queria saber antes?

EMILY: Nos separamos uma da outra. Teve que ser.

CARMILLA: É divertido seguir no corpo o caminho da comida!

EMILY: Por que não somos melhor habitáveis? Por que só tomamos?

CARMILLA: Gostaria de visitar meus filhos uma vez por semana por favor, e poder me alegrar com o comtato. Obrigada.

EMILY: Somos um exame de sangue.

CARMILLA: Somos um fator com que é preciso contar. Não morremos. Não nos matamos de trabalhar. Não compramos nada.

EMILY: Eu me sinto independente lésbica e sádica. Gostaria de compreender os sofrimentos. Gostaria de formar um catálogo.

CARMILLA: Eu salvo da morte certa. Eu mesma também não gostaria de morrer. Muito obrigada.

EMILY: É possível amar até um assassino, acho, se ele olha suas mãos sangrentas e estremece. Pode-se curvar por uma mulher. Pode-se dormir no leito conjugal. Pode-se ter lugar um ao lado do outro como espécie ameaçada.

CARMILLA: É necessário e seja feita uma vontade. É a vossa?

EMILY: Não. Eu gostaria de poder infligir sofrimentos sem controle. Muito obrigada.

CARMILLA: Eu gostaria de ser vista com compreensão, Emily. É pedir demais?

EMILY: Não. Eu gostaria que nada fosse colocado no meu caminho, quando por minha própria conta faço uso do meu direito de castigar. Não quero que nenhum pai me proíba isso. Só porque quer ele mesmo bater.

CARMILLA: Pessoalmente não queria estar totalmente morta. Queria que se pudesse seguir meus rastros na neve funda por muito tempo ainda. Gostaria de ser visível. Como uma poça de mijo amarela fazendo um buraco na neve no meio de uma pista de descida.

EMILY: Eu te permito isso, Carmilla.

CARMILLA: Obrigada! De coração!

EMILY: Eu, do meu lado, gostaria de viajar através do país num ônibus totalmente climatizado. Com muitos rostos atrás das janelas.

CARMILLA: Sim, bom. Eu não gostaria de ser turista em um pacote de viagem, obrigada. Sou mais individualista, prefiro assim.

EMILY: Às vezes erro a mira da privada de propósito. Para que algo aconteça. Eu gostaria de ser vista.

CARMILLA: Eu te vejo. Tinha um gosto bom. Pode-se dizer tudo! O tribunal e a autoridade dizem tudo.

EMILY: Como vai, Carmilla? Muito obrigada.

CARMILLA: A sua empresa me entregou alguma coisa que é abominável para mim.

EMILY: Tenho vontade de viver e por isso tenho que despertar a aparência de que eu teria pegado um lugar na janela para isso. Centro da cidade!

CARMILLA: O apartamento está cheio de vapor. Um poço de sangue. Benno está no balcão em roupa de banho e me joga para os cães mordiscarem. As crianças ainda não se decidiram. Basta não me odiar. Não sou uma gravata apertada que se poderia soltar.

EMILY: Ainda falta alguma outra coisa? Sal? Pimenta? Vinagre?

CARMILLA: Não, obrigada. Excelente. Não sei nada. Adeus e muito obrigada. O sol não deve brilhar por muito mais tempo, por favor.

EMILY: Eu faço isso, Carmilla.

CARMILLA: Agora gostaria de sugar novamente por favor. Não queria que me sugassem.

EMILY: Sugue você mesma! Entre em consideração! Despeça-se agora! Não marque mais encontro algum!

CARMILLA: Muito obrigada e adeus.

6. O toalete à esquerda está cheio de pilhas humanas cobertas com lençóis brancos. Nos lençóis grandes manchas de sangue. Sobre a pilha de lixo um brilho vermelho, como fogo. O sol nasce. Tudo brilha com armas. Ouve-se baixinho música de elevador, música constante típica como em mercados, de um pequeno rádio portátil. O rádio pertence, vê-se quando ela entra em cena, a uma mulher enorme, gorda, a CRIATURA DUPLA. Essa mulher (também pode ter enchimentos) é a gêmea siamesa Emily/Carmilla, costuradas em um traje único. A criatura dupla tem uma faixa da cruz vermelha no antebraço. A criatura passa por cima das armas e detritos se equilibrando. Traz uma cesta de piquenique e o rádio. O rádio toca. Depois de um instante a criatura se senta gemendo e desajeitada. Pega comida da cesta para si. Morde uma coxa de criança, como se morde uma coxa de frango. De vez em quando a criatura bebe sangue vermelho luminoso de uma garrafa de vinho de dois litros. Depois de um tempo os dois caçadores alegres entram com seus cães. Remexem os detritos com os canos das armas, interessados. De vez em quando pegam algo, mostram um ao outro e enfiam em suas sacolas plásticas. A princípio ainda não percebem a criatura dupla. Ela segue devorando.

HEIDKLIFF: Quem procura acha. Espero que tenham tido um bom espetáculo.

BENNO: As bactérias têm vidas próprias. Às vezes elas irrompem. Querem expandir seu horizonte.

HEIDKLIFF: Somos cavaleiros que retornam. Todo gênero tem um último exemplar. É o que diz a história natural.

BENNO: Somos pessoas genuínas. Como a eletricidade! Como o átomo!

HEIDKLIFF: O mundo das ideias não vai invadir a realidade por muito mais tempo.

BENNO: Nós mesmos somos! Eu me entrego, me ponho para fora. *Vomita*. Feito.

HEIDKLIFF: Que belo casaco sobre os ombros dessa terra! Veja só! O olhar ainda não conhece seus limites. Nenhum campo escapa ao meu olhar nesse nascer do sol. Enterro fundo minhas raízes, não podem me arrancar. Pertenço aqui. Antes de tudo pertenço aqui!

BENNO: Eu também, por favor, estou aqui presente de fato e de direito.

HEIDKLIFF: Simplesmente crescemos aí, selvagens. Olham para nós. Nós olhamos para fora de nós.

BENNO: Dependendo do temperamento o trabalho é feito para nós.

HEIDKLIFF: Nosso pescoço some imperceptivelmente na nossa estrutura corporal. *Benno alimenta os cães, que chamou para si, com pedaços de salsicha.* Posso

dar o sangue de milhões de pessoas por artigos de luxo. Com aprovação, coloco-o no balcão da loja ao comprar. Até recebo troco!

BENNO: Gostaria de ser um paciente conhecido. Gostaria que houvesse uma abundância de mim.

HEIDKLIFF: Na lama da minha linguagem técnica sobre o tema medicina, gostaria de fermentar, fétido.

BENNO: Gostaria de exigir vítimas. Gostaria de ser a guerra!

HEIDKLIFF: Gostaria de tomar de assalto, junto com outros, a história, como um campo de restolho.

BENNO: Beijar com a boca! Algo pequeno!

HEIDKLIFF: Lá dentro todas desapareceram de algum modo. Falam algo em voz alta para fora, para que escrevam sobre elas. Elas dizem muito e se dividem em muitos papéis. Enquanto insetos, peixes e répteis estão mudos de espanto pelo que os cerca. Não é pouca coisa aniquilar com tiros algo assim!

BENNO: Elas expiram um ar que não volta.

HEIDKLIFF: Uma distância monstruosa entre cabelo e entendimento é o que as caracteriza.

BENNO: Eu prefiro uma sulista fogosa. Por favor me deem uma Carmem!

HEIDKLIFF: Meu coração é mau. Ele nada com febre em mim. Tenho o desejo urgente de afeto e procriação.

BENNO: Sinto muito. Agora sei o segredo da vida e também não estou mais inteligente. Minha calça está terrivelmente cortada. Dou uma explicação e não a peço de volta.

HEIDKLIFF: Tenho absolutamente que passear. O caminhante precisa de contato com o mundo vivo. Vitrolas dançam. Olhar um vilarejo por ali. Sem andar bem que eu podia estar morto. Preciso de natureza!

BENNO: Permita-se caminhadas. Permita também relatar. O que não se vê de milagres da vida, quando se anda. *Percebem a criatura que come.* Eu vejo. O que você não vê. A natureza seria mais bela sem isso!

HEIDKLIFF: Eu pago meus impostos. Nunca vi algo assim antes. Não pagaria por isso. Amo meus deveres.

BENNO: Avalanches de banha. Delas escorre gordura.

HEIDKLIFF: Ter essa aparência – bom. Mas se vestir assim não. Desfavorável. Com fendas pelas quais a carne escapa. Melhor virem ao banco de correção. Nós mesmos projetamos. À direita visto daqui.

BENNO: Sebo. Monte de margarina. Mártir. Composto de colesterol. Amarelo e tagarela sob os sapatos. Vem como oferta pelo correio, cordão incluso. Especialidade regional. Um assado em uma rede.

HEIDKLIFF: Granadas de gordura. Bombas de gordura. Cortar desde já a comida. Se conter, e é para já! Melhor adiar a procriação, vocês!

BENNO: Nauseante. Monstruosidade. Excrescência na paisagem. Por fim, poder pôr fim. Bum! Refrear suas protuberâncias. Arrancar-lhe as espinhas da pança. Enrolá-la em um cordão contínuo.

HEIDKLIFF: Acabar com isso, com força.

BENNO: Pessoa rançosa. Bolinho do Tirol. Melhor manter distância e rápido. Ela não deve afrontar um soldado estacionando no lugar errado. Não montar um cavalo vienense assim. Não deixar para fora. Defenda-se, cavalo!

HEIDKLIFF: Bater uma. Com um mata-moscas.

BENNO: Arrancar fora os olhos, instrumentalmente. Futucar nas órbitas com dedos sangrentos como formigas. Dói! Tributos e tribunas emergem daquela região. Uma batalha animal. Mortos. Católico de sangue. Desligar os cátodos romanos. Apagar. Dói. Dói.

HEIDKLIFF: Ostensório inchado para o Corpus Christi. Logo entra em decomposição. Um verme gordo! Melhora o solo. Ousa se pôr e decompor em público

BENNO: Mas no campo aberto, que legalmente pertence a todos, queixar-se, isso ela pode! Impedir que organizações se instalem aí. Também podenhem!

HEIDKLIFF: A fala e o olhar devem vir juntos. Mim cutucar seus pacote de gorduras. Vocês pegar a fruta errada do ventre. Feliz, Benno?

BENNO: Feliz como uma criança na primeira comunhão. Também comemos as hóstias. Mas não tão impulsivos.

HEIDKLIFF: Logo dissecar seus ventres! Farrapos de pele jogados fora, com poros assim. Sêmen, acompanhado silenciosamente por um caminhante. Esse foi o

oficial reclamando alto atrás de sua mesa. Formações de nuvens notáveis cheias de tempo.

BENNO: A aparência não tem valência.

HEIDKLIFF: Minha genitália é falha. O ar aí em cima nos pertence. Até lá em cima!

BENNO: Derrubar as montanhas austríacas de carne. Depois será engraçado, divertido. Pena. Um destituído deve afivelar agora sua cinta-pau. O caixa fica feliz em pagar. Nos montes fora da cidade.

HEIDKLIFF: Sabem pegar o transporte? Com alegria jogamos nossa última cartada, cobiçosos.

BENNO: Seria bom atacar. Por favor venhanham cá! Rancar e rasgar vestimentas.

HEIDKLIFF: Cavarmos um buraco nas nossas partes moles! O que elas dizem sobre nós?

Investe com o armamento sobre a criatura. Os cães ficam parados. Benno investe igualmente sua arma.

BENNO: Grandioso. Voluptuoso. Trepadeira. Especialidade.

HEIDKLIFF: Eu me admiro. Erro. Irreparável.

BENNO: Queiram esperar, com prazer. Esperar de propósito, em ordem. Mesmo Goethe – como Deus – era impaciente quando queria alguma coisa.

HEIDKLIFF: Creditar essa quantia na nossa conta, broto de manteiga!

Ambos começam a atirar na criatura. A criatura vira, se contorce, jaz imóvel.

BENNO: Copos de porcos! Volta pro túmulo!

BENNO *e* HEIDKLIFF *até o final sempre os dois juntos, mas também um sobre o outro, cada um alternadamente levantando a cabeça. Eles dois sugam no pescoço da criatura dupla*: A um bloco opaco pertence uma corda firme. Mim terminou. Com cinquenta ser professor vai. Certeza. Ter quantidade de açúcar. Certeza. Tão pouco quanto o vinho de Brünnerstrassen. Admiração pra nós! Batendo palmas! Batendo os pés! Normal. Algo beloelo é sempre previsível. Muitas quereram respirar por oitenta anos. Muitas imodestas também a vida eterna. Nada aí! Bebendo de um balde. Como bichos. Senhor, nós agórea até a nossa morte vamos olhar ao redor, em um monte sob uma árvore. Até o fim estamos aí. Mim não conhece medida! Vamos lembrar os nossos. Viver bem! Mim vai lembrar muito tempo. Então obrigado. Mando saudações cordiais pra vocês! Também minhas. Adeus. Agore por favor vão embore. Acendam a luz e saiam pra claridade! Vai logo! Imediatamente! Corre, pra fora! Acendam a luz na sala e saiam! Saiam logo! Logo que agórea sair pra claridade! Vão embora! Desapareçam! Mergulhem! Vão à merda! Me errem! Luz acesa e fora! Vão rápido! Ainda não tá claro? Ainda tão aí? Então agora façam clarear imediatamente! Agora luz e imediatamente fora por favor! Agora! Agora luz e tchau! Agora!

PANO.

DRAMAS DE PRINCESAS
(A morte e a donzela I – V)

A Morte e a Donzela I
(Branca de neve)

Duas figuras gigantescas, como bonecos feitos totalmente de lã, tricotados e depois enchidos, um como Branca de Neve, um como Caçador com espingarda e chapéu, falam calmamente um com o outro, as vozes vêm em off, ligeiramente distorcidas.

Branca de Neve: Estou andando pelas curvas e voltas do bosque há eternidades já, e o que é que eu não acho? Anões! Dizem que eles parecem com a gente no agrado, mas não na forma. Você, meu senhor, por sua vez, parece alguém que só parece comigo na forma, mas que seria antes desagradável. Talvez pela responsabilidade que o senhor carrega. Dá muito trabalho, seguramente, clarear o ser e se encarregar do dever. A mim cabe antes o que é leve. Por muito tempo a minha aparência me levou ao sucesso, e então, no afinco de buscar ainda mais sucesso, caí na armadilha da minha madrasta, que me apanhou por um lado que eu não esperava, e de pronto me envenenou com uma fruta. Ela havia cavado uma cova para outra, e não caiu lá dentro ela mesma. Desde então sou uma buscadora da verdade, inclusive em matérias linguísticas. Tudo isso parece ser extraordinariamente interessante para as massas, pois minha história já existe há séculos, não faço ideia do que é que devia ser tão engraçado ou excitante nela. É como se eu tivesse que me erguer e então cair, sem cessar, por mãos de mulher. Uma bela exceção, é o que a morte não é. Ela sempre chega, no mais das vezes como homem, e então não é homem nenhum. Ela nos arma uma emboscada, ela chega indesejada, e justo quando a gente tem sucesso, como no meu caso, isso ela não nos permite e, sem consolo, nos tira de campo.

Caçador: Não seria possível que fosse o mau caminho, esse para onde a senhorita está se levando? Permita-me sugerir que a senhorita abra mão de si como último refúgio. E de fato para, assim, não se desencontrar da verdade, que por sua vez a senhorita já busca o tempo todo e com a qual já me deparei neste bosque muitas vezes, como uma pessoa indefesa – ou ainda na forma de covas secretas para homens e animais. As covas de animais não foram obra minha, pois eu levo minha caça sempre comigo. Ela é boa demais para dar para a terra. Uma vez que você não joga nada do que encontra para a verdade comer, e também nem tem experiência com a caça, uma vez que é você mesma caça, é natural que a verdade corra de você na primeira chance. Na sua versão da história eu simplesmente não acredito, senhorita. Em nenhum lugar há um desvio pelo qual ela poderia ter te escapado, a verdade, pobrezinha. Ponha-se no lugar dela, afinal: Ela deve mesmo se sentir como se os faróis de um ônibus a cegassem, se de repente se vê diante de uma mulher como você, e que veste – não preciso entender muito disso para ver – uma roupa completamente inadequada para um bosque. Então, agora essa mulher pergunta por um ou mais sujeitos vestindo chapéus tais que outras pessoas, na minha avaliação, jamais poriam. Que imagem! Seria melhor tomar o meu chapéu como modelo, a senhorita e também esses que a senhorita busca deveriam vestir um assim! E com a bela pena de galinha-do-mar, não é demais? Por favor, nada pontudo, jamais! E então, ainda por cima sendo tão pequenos quanto possível e querendo com algo assim parecer maiores! Salto alto, palmilha ortopédica, topete laqueado! Não admira que a verdade não queira se identificar com um ser desses. Por que, afinal, a verdade deveria entrar em cena como sete pessoas, se nem mesmo como uma só querem deixar ela em paz. Embora nesse caso tudo teria um fim, enfim, e se poderia contar contos de fadas novamente? Exatamente por isso é que ela se tornou tão tímida, porque todos buscam agarrá-la.

E eis você agora no caminho dela, ainda por cima. Vou te dizer uma coisa: A sua beleza, nos nossos círculos, dos que andam pela selva, não conta muito. Uma vez por semana, no lago congelado, tem prática de patinação para duplas. Beleza e Verdade também participam e podem assim se conhecer mais de perto. Não quer se juntar a elas, senhorita? Talvez encontre na verdade ainda mais prazer do que na beleza? Essa sim seria uma mudança para você! Pode-se sorver a beleza com força, como uma

vivência, mas então ela já se foi, junto com a verdade, uma puxando pela outra para não despencarem no gelo. Sete pessoas para a verdade, pensando bem, por outro lado até que não seria tão mau, pois pequena como ela é talvez pudesse se multiplicar para pelo menos uma vez na vida poder ser percebida. Só esse gorro já ia dar nas vistas com essa ponta. Ah sim!: A verdade como estante cheia de gorros. E então a beleza, que não quer pôr nenhum desses chapéus, para não ficar ridícula e se tornar assim inimiga de si mesma. A verdade como descaminho do ser. Você, senhorita, de resto está num mau caminho se acredita estar me vendo. Eu sou invisível. E se eu fosse visível não existiria, e do mesmo modo você não poderia me ver. Então tanto faz se você me distingue ou não. Provavelmente você se desencaminhou tomando-me por uma das suas verdades só porque não tinha me visto! Bem, em todo caso eu não pertenço às suas verdades! Faça o favor de olhar com mais cuidado o meu chapéu antes de não me ver e mesmo assim falar besteira! Eu sou a morte e só. A morte como verdade final. Vendo assim você até teria razão de me buscar! Gostei: A morte como verdade extrema, *in extremis*, e que por isso mesmo não quer saber de si mesma. A morte como nudez de um animal cego, e nesse olhar baço o ser humano se abandona, para finalmente não saber mais nada de si. Mesmo assim ele terá de morrer, ainda que já seja impotente. A morte como cegueira diante da tua nudez. Mas cuidado! Nem tudo o que você não vê já é a morte, como já expus. No que me cabe você jamais poderá estar segura disso. Caçador realmente não é uma fantasia particularmente original. Eu me arrepio vendo sua fé sem visão e ainda por cima cega. Você não devia me impor seus segredos, mas já sei que não posso evitar. Você crê que, se fosse possível ver a morte, alguém ia chegar perto dela nem que fosse, digamos, pela duração de um jantar servindo animais insepultos, que além do mais ele mesmo teria que oferecer? Pois é, veja só! Não poderia afirmar que por isso eu queira ter algo a ver com a verdade. Não, mas não mesmo. Para a verdade tudo é indiferente, tudo fora ela mesma. Mas por ora não há ninguém melhor do que eu para representá-la. Tenho então de continuar fazendo esse papel, nem sei se ainda estou representando. Já faz tempo que não quero mais, mas preciso. Teve uma, a última, que eu guardei como modelo, todas as outras verdades antes disso não puderam escapar de mim e da minha arma. Nisso eu fui meticuloso. A última é bem pequena. Eu sempre olho para ela mesmo assim, para saber quem sou. Mais ou menos tão pequena quanto os seus anões supostamente são. Com energia e empenho, porém, eu galguei meu caminho, como autodidata, e agora deslizo confiante pela vida, como os que patinam sobre o lago congelado.

BRANCA DE NEVE: Ah, a vida quer mesmo ser admirada e contemplada de muitos lados, o senhor não concorda? Mas ela é linda mesmo. Até os pormenores não deveriam nunca ser pequenos demais para nós. Não encontrando o pequeno que busco, poderia me voltar para o grande que você afirma encarnar. O que é que existe que possa ser maior do que a morte, que não nos traz nenhum ganho real, mas grandes perdas. Mesmo quando vem no delicioso sabor maçã-verde. Dentro da fruta jaz o verme, e ele dá a largada, a conservação da morte em um cofre onde pode devorar tranquilamente, abrindo caminho, e assim o fundamental se abre e ao mesmo tempo volta a ser fechado: o Ser ele mesmo, oi! É, não foi um bom negócio! Esse fruto embolorado desafinou algum órgão aqui dentro. Como o tom fundamental do meu ser. A corda esticada demais, uma dor aguda, será que é grave? De todo modo errei o tom. Um destino lamentável, um intestino irritável. Então: o montanhismo como grande tarefa da sociedade, mas infelizmente o mais das vezes não há montanha disponível. Essas montanhas são no máximo uns morros, uma cadeia de morros que daria para atravessar sem problema nenhum. Eu estou fazendo um aviso de sinistro para o meu seguro de Ser, e então ainda faço um aviso de pessoa desaparecida, porque estive sem poder me mexer por tanto tempo, que minha madrasta me julgou morta e sem poder. Ela se enganou. Além do mais: Justo o impotente dispensaria o poder mais do que tudo. Talvez seja por isso que ela quis me matar, porque ela devia contar com isso: Eu me levantar e imediatamente ser o ser mais ávido por poder, quer dizer, eu disputar esse negócio que ela gosta tanto de acumular ao seu redor. Tudo firula! Eis que de fato entra em cena uma sirigaita, que nem chega aos pés do meu charme, um tanto mais velha, o que com certeza atormenta ela até em sonhos, e quer seriamente me roubar da minha essência! Ela crê que a beleza vai então se transferir para ela, porque vai ficar entediada em uma morta. O que a beleza quer é permanecer sempre no mundo, de preferência em folhas de revista, que o folhear constante faz cair

mais rápido que a folhagem das árvores. A mamãe não se conforma com o que acontece, com a impotência diante da minha beleza, e tenta simplesmente me privar do expediente da minha potência valendo-se de uma maçã. Maçã versus maçãs do rosto! Imagine. Natureza versus natureza. Um duelo de titânias. E no entanto seria muito mais simples. É só se colocar na minha frente e meu poder já se foi, pois não posso mais ser vista. Só um anão subverteria isso, pois seria menor do que eu, então desde esse acontecimento busco apenas anões, isso não é um pormenor, posso lhe dizer. E para os anões eu me deitaria com prazer, para que eles também pudessem massagear o ego. Mesmo para irritar a mamãedrasta, que já nas suas perguntas pelo desconhecido pressupõe uma ordem hierárquica de quem pode ser e quem não. Ela pode. Eu não. Por causa da minha beleza excessiva e da inveja que ela tem da concorrência. Os anões só podem porque ela ainda nunca os viu. Mas ela me alerta contra eles!

O CAÇADOR: De todo modo não é comigo que você vai encontrar seus anõezinhos. Sou encarregado da clareira, não dos embrulhos e imbróglios que possam surgir aí. Naturalmente eu percebo se alguma coisa obstrui minha clareira, uma ponta, uma consequência essencial na forma de um animal – posso lhe assegurar que faz tempo que a consequência disso não me atrai mais tanto quanto à minha espingarda, que segue arfando, pingando e ofegando – não, muito pelo contrário, na verdade eu preferiria conservar e cancelar a clareira dentro de mim, como num tupperware. Por isso me tornei caçador. Por isso a verdade anã que você busca justo aqui no bosque não me interessa. Eu sou o gigante da inverdade. Apago tudo o que há com meu abrangente programa de apagamento de dados. Mas no meu tempo livre me graduei na verdade e por isso caso seja necessário também posso representá-la. De modo que nós, a senhorita e até eu mesmo, acreditemos que eu seja a verdade, e de fato a última disponível no mercado. Já faz tempo que me firmo com essa afirmação. Minhas circunstâncias de vida: desaparecer me entocando na tocaia, disfarçar a armadilha de armação, para não desanimar os animais, disparar contra alguns gigantes, como eu mesmo sou. E pronto, nesse processo acabou a essência. Veja, esse é um prato pronto de comida processada, e não precisa temer nenhum processo. Só quem não precisa temer nenhum juiz é a morte. Estou a caminho em toda parte e sempre legalmente, mesmo se gosto de passar o limite de velocidade às vezes, como quem passa de um lado ao outro do rio da morte com um único passo da minha perna.

BRANCA DE NEVE: Então diga-me, de uma vez: Por que é que eu ainda sou, e não sou ainda o nada que originalmente minha madrasta intencionou que eu me tornasse? Me bombardear de volta para a minha origem, por exemplo com o auxílio de uma maçã? Creio que é porque eu não tinha outra possibilidade senão apenas ser, só para mim. Minha madrasta queria sempre ser para os outros, por meio da sua beleza, que ela constantemente espelhava como se ela tivesse sido pelo menos duplicada. Que eu fosse, isso era um espinho no seu olho, que só queria olhar para si. O espelho não era o Por Quê. Ele era o O Quê. Ele era o O Que É Que Você Quer Mais? Uma vez que eu me espelhava do mesmo modo, estava lá, e de fato ainda por cima diante dela. A ordem hierárquica da beleza era Branca de Neve em primeiro, Madrasta a eterna segunda. O espelho se abria como um armário, escancarava as portas e se admirava com o que lhe aparecia. Sempre eu primeiro! Tão luminosa que ninguém via mais o papel de jornal velho no chão. Sobre ele, desbotadas antes do tempo, tantas como eu. Não se pode estar aí e estar fora ao mesmo tempo. Bem, você talvez possa, mas eu não. Isso apresentou toda uma série de questões para o espelho e a mamãedrasta, um catálogo de questões recém-aberto com ilustrações em cores, todas de mim, ela talvez tenha se azedado com isso, posso dizer! Um catálogo, enfim, que já trazia consigo a resposta e o prêmio. E as perguntas saíram todas soltando gritos, soltando os grilhões apertados, e se espalharam. Pois bem. As questões dessa mulher, que eu nunca devia chamar de mamãe, se dirigiam, sem me levar em consideração, por sobre o meu ser ali, direto para o vazio. E no entanto ela poderia ter estendido meu ser, pelo menos, como um tapete, e assim ainda lhe seria útil. O chão do castelo é tão frio nos pés, fique sabendo. Mas nem sombra disso. Simplesmente: Nem sombra minha deveria restar! Agora bem que o pensamento poderia entrar em cena com sua vozinha delicada. Afinal é um belo hobby, que só requer um pouquinho de admiração. Mas que mulher vaidosa, tão cheia de si que na verdade nem precisa do espelho, mesmo que não pare de interrogá-lo, porque ela bem sabe que é a mais bela, tem necessidade de penetrar no oculto? Pois é. Ela pergunta ao seu espelho o imperguntável e enfia o inesgotável como recheio na resposta,

sobre a qual desde sempre já tinha certeza sem ter que pensar duas vezes. Não tem como esse bolo dar certo. Isso eu podia ter dito desde o começo. O que é que lhe ocorre? Meu envenenamento mediante maçã. Há jeitos mais confortáveis de morrer, posso dizer, mas dificilmente algum mais original. O meu jeito de morrer foi nenhum. Isso lá é jeito de agir, simplesmente matar alguém? Além do mais eu, como pode ver, não estou bem morta. O que é que eu posso lhe ensinar, você que é o especialista! Então tudo de volta à posição inicial. Começo. Você fora! Anões aqui!

O CAÇADOR *mirando nela*: A um senhor anão deveria ser permitido o que a mim não é? O que quer que seja? O bosque tem lugar para todo mundo, mas originalmente foi previsto só para mim e para minha caça. Conhecer construções tão pequenas, disso eu bem que ia gostar, se tivesse um pouco mais de tempo. Mas não tenho nenhum e por isso tomo aos outros seres aquele que ainda lhes foi determinado. Eu digo quando o tempo acabou, e pego para mim o resto que ainda lhes sobraria. Sabe, a morte se alimenta do tempo alheio e por isso está sempre faminta. O próprio tempo, enfim, também nunca é o bastante. O passeio com o tempo dos outros também não dura muito. Os seres humanos acabam na humanização completa. Com isso quero dizer exatamente o que a senhorita está afirmando da sua madrasta. Tenho a impressão de que o que mais te incomoda nessa mulher, que tentou atravessar os meus negócios, é que ela parece acreditar que tem todas as respostas previamente, sem sobrar nada, e que seria possível se tornar a dona da razão com auxílio dessa mesma razão. Isso também me daria nos nervos, se eu tivesse algum, pois faz tanto sentido quanto um shopping que fecha no fim do dia mas de noite ainda segue se chamando de shopping.

BRANCA DE NEVE *protegendo os olhos com as mãos*: Mas realmente! Preciso lhe pedir, por favor! O que é que o senhor está me apontando aí esse tempo todo? Uma lanterna? Pense que meus olhos ainda estão enfraquecidos, porque eu vi a morte em sua versão especial, que você certamente conhece, como luz no fim do túnel. Ainda estou totalmente ofuscada por ela. Você não vê como tenho que apertar os olhos? Por favor dê um passinho para o lado! Talvez você esteja encobrindo já faz horas um ou mais dos pequeninos com quem eu marquei. Ou talvez o senhor devesse me dar o endereço exato, e agora está adiando propositalmente o momento de nossa despedida? Foi meu destino que te deu este número, alô? Eu só sei: por sobre as sete montanhas. As pessoas são tão descuidadas quando têm que ditar algo no telefone. Nunca esperam para ver se você entendeu. Além disso. aos poucos vou preferindo deitar a ficar sentada. Estou de fato cansada com o veneno. Minha perfídia há de cochilar. O povo há de abrandar um pouco seus atos e atingir suas metas. Pelo menos não há de ficar intranquilo se tiver perguntas profundas. O inexplicável deve repousar em seu chão de explicações, até que o brotar das flores o atinja por debaixo da bunda. Então queira por favor se levantar e nos explicar, para que enfim também possamos ter uma ideia do que é. Então, esse também seria o fim dos meus desejos. Uma pessoa bela pode se vestir com modéstia. Quem tem o caminho livre tem que dar uma ideia das coisas. Mesmo se sequer tem ideia de como as coisas são grandes. Já os anões são pequenos. E no entanto olham com desprezo para a minha modéstia. Ouvi dizer que só querem a mulher mais linda do mundo, só para poder alcançar algum conforto e dar em troca um comportamento sem restrições, também do lado de fora da casa, caso se deseje, sobre a relva, onde com o membro livre correrão para mim e pularão sobre mim, e de fato todos de uma vez só. Se você soubesse quantas vezes já ouvi isso! Foi o que a minha madrasta inventou para mim, com uma coisa dessas tentou por anos me botar medo! Afirmava que os anões, se conseguissem o que queriam, seriam ingratos como todos os outros seres também são. Que brilho desconhecido é esse que você continua jogando na minha cara? Comprido e fino? E como desliga?

O CAÇADOR: De lanterna eu não chamaria isso necessariamente. Serve antes para apagar a luz. Eis que emergem seres da escuridão do bosque, eles acreditam trazer à tona toda uma vida espiritual exuberante, mas isso para mim não é nada! Nenhum obstáculo! Na pista do autódromo local, a razão luta contra a fé, esse cão sem coleira, grito, grunhido, gemido, gargarejo, grasnado, pena que não posso te demonstrar, não tenho cão de caça, não preciso disso. Enfim, os dois se atracam e se destroçam, a loja da vida espiritual está aberta, lá você consegue comprar cadarços e orações destroçadas, bem como um terreno com cinquenta centímetros por cinquenta de fundo, é o fundo da não-fundamentação da verdade, agora ela lhe pertence, mesmo que você

talvez queira fundamentar a sua verdade você mesma desde o princípio, e não queira a minha, embora você, como já foi dito, seja o último exemplar disponível. Bem, e quem é que vence a disputa mercadoria versus fundamento, fé versus razão? O ANIMAL. Que conseguiu a mais alta confirmação da sua classificação presumida, até que venha um mais forte. Ainda arde a chamazinha na lareira do Ser, na escuridão da noite de domingo, como debacle semanal da noite de domingo aparece uma mulher em um tipo de camisola, me perdoe por não conseguir descrever melhor seus trajes, também tanto faz mesmo, a noite invade tudo, e eu a trago para você agora. *Atira e mata Branca de Neve. Ao cadáver:* Você também foi uma dessas mulheres que só põem no mundo figuras de cinema, porque querem ter a aparência de uma delas? Que se encolhem e recolhem diante da vida? Diante da morte seu encolhimento não lhe serviu de nada, ela vai atrás de você com a minha garantia. Você não foi nada mais que uma donzela que deixou que vissem seus pés nus sobre a relva, que estava fria demais para isso. Em trajes de caixão não se deveria passear pelo bosque. No seu caso, porém, foi prático, assim nem precisa se trocar. Por mim tanto faz, como já disse não entendo nada sobre as damas e os caprichos da sua moda. De todo modo, pela primeira vez essa é uma caça que não recolho. Foi só o tempo que eu tomei dela, teria que ser o bastante, e era mesmo o que havia nela de mais perigoso também. Mais cinco minutos e talvez eu tivesse me deixado persuadir a me tornar menor do que sou. Agora naturalmente ela está totalmente indefesa, pois a beleza pelo contrário não teme nada mais do que o tempo. Nada de terra cobrindo. Seria leve demais.

Põe no ombro a espingarda e sai.

Atrás dele aparecem os sete anões e circundam Branca de Neve.

OS SETE ANÕES: Típico. Aí vai ela, a Bondosa. E no entanto ela teria conseguido nos encontrar a tempo se não tivesse segurado o mapa turístico de ponta-cabeça esse tempo todo. O que a beleza tomou por vales eram, na realidade, montanhas. Só a bondade pode mover montanhas, às vezes também a fé, a beleza, em todo caso, não pode. Ela consegue errar as montanhas por muitos quilômetros, mesmo havendo sete delas. As montanhas estavam onde elas estiveram desde sempre, foi só que a beleza infelizmente estava no lugar errado. Tanto faz. Para nós sobra mais uma vez todo o trabalho e tal e coisa. Sempre temos que tomar uma atitude enérgica e nos livrar da sujeira de outras pessoas. Às vezes pensamos que seria bom estarmos nós mesmos mortos alguma vez, de modo que os outros ao menos uma vez veriam, em figuras engraçadas como nós, que a morte na realidade não é tão engraçada quanto parecem ter imaginado. *Colocam Branca de Neve no caixão de vidro e a levam embora.*

A MORTE E A DONZELA II
(BELA ADORMECIDA)

PRINCESA: Minha existência é sono, por isso a vida é meu limite lógico. Mas talvez minha existência também seja só esperar, até que eu seja beijada. Esperar como um aspirar por uma outra existência? Num intervalo do Ser? Não, antes na prorrogação! Sem morte súbita, por favor! Algum príncipe qualquer, um passo adiante, só mais um gol! Eu adoraria vivenciar algo, mas a incapacidade de acordar me paralisa. A pergunta é: O senhor é afinal de contas aquele que eu devo esperar até que me beije? Prefiro não fazer essa pergunta, afinal eu mesma não sei quem vou ser quando estiver acordada. No meio tempo terei estado morta. Isso quer dizer que por ora ainda estou morta. Mas não me permitem, como às outras, me dissolver na morte e fazer de mim uma nulidade, pelo contrário, foi-me imposta antes a tarefa de absorver a morte em mim até quase rebentar, ela é consultora e constante da minha existência, por assim dizer, para superar o seu abismo e assim a cada dia voltar a trabalhar em mim a possibilidade de SER. Como assim, justo eu devo labutar tanto assim até mesmo na morte, só para depois seguir sendo ainda só uma morta? Próxima pergunta: A pessoa acorda como o quê? Quem é que você vai beijar? Eu nunca vi você antes. Como devo saber quem você era previamente, afinal perdi meus laços com a vida. O

Ser é de fato incomparável, mas o que é que se pode fazer. Não há mesmo nenhuma possibilidade para comparação. Você simplesmente vem de lá e alega ser príncipe. Pois muito bem, tem que ser mesmo, pois eu neste momento pareço acordada, o que só é possível com a sua intervenção, como me informou por sua vez a Senhora F. Tanto faz quem você é, de todo modo tenho que pegar o que me dão. Eu não falo dormindo, de vez em quando dou uma acordada. Agora é nítido que estou realmente acordada. Essa Senhora F. com suas previsões, de que sequer minha alma ia aguentar muito tempo no meu corpo! E para dizer essas coisas essas videntes ainda cobram dinheiro, não dá para acreditar! Então como é que você vai aguentar, meu querido senhor príncipe, se nem mesmo minha alma conseguiu! Você quer me elucidar quem eu sou, sendo que eu já a partir desse beijo bem posso concluir quem você é? Mas nesse quesito estou um passo à sua frente. Você só se chama príncipe ou você é um? Que asneira. Você tem que ser um, ver acima, senão afinal eu ainda dormiria. Mas quem é você realmente verdadeiramente? Qual é o país que você tem intenção de governar? Aposto no meu. E é para isso que me furei no espinho ou o que quer que tenha sido. Ainda revolvi dentro de mim sem sentidos procurando a causa daquela dor tão violenta, embora eu pudesse ver o espinho, enfim o negócio pontudo, né? E então lá me fui. Fim. Acabou o filme. Corta. Quem sou. Onde estou. Agora me ocorre que você tem que ser príncipe, e eu me submeto a essa verdade do seu ser. Pois bem, muitas vão me invejar por sua causa, mas também por mim mesma, pois eu sou igualmente uma princesa. Eu surjo nas fotos de capa, mas elas também não podem provar para mim quem eu sou. Talvez todas as pessoas que existem sejam princesas e príncipes. Assim falam os padres, e o povo na sua luta pela sobrevivência é tão estúpido que acredita neles. De todo modo todo mundo que eu conheço é uma cerca-viva. Já é um passo na direção certa. E os grandes são inflexíveis com eles, como a natureza é com a natureza. Eu me recordo vagamente. Rosas. Só isso já dá para deixar a pessoa insegura. O que diz aqui? Uma mulher diz que foi uma forma de loucura. Ela diz: eu tinha esperanças de, graças a ele, finalmente poder viver. Ela diz: Eu só queria viver para ele, e foi como se só graças a ele eu tivesse encontrado pela primeira vez a minha alma, como se eu não fosse nada mais que uma casca vazia sem ele, e foi ele que me preencheu pela primeira vez, e foi com amor. Bravo. Essa mulher acabou de ser criada, e tenho o prazer de poder ser a primeira a lhe dar parabéns por isso. Agora ela olha para um homem e parece saber exatamente com quem está lidando. Agora ela se dispõe para enlatar e conservar o todo, ao invés de ruminar satisfeita o que tem e se contentar com o pasto suculento. E ela pergunta à sua conquista: Você ainda é a mesma pessoa que era ontem? E amanhã também ainda será o mesmo? Depois de amanhã? Depois que ele já é toda a alma dela, ela ainda quer saber dele quem ele é? Não dá para acreditar. E se então ele diz não, tudo desmorona sobre ela. Sobre mim pelo menos só pode desmoronar essa cerca-viva leve, do tipo faça você mesmo, da loja de construção. Mas como você tem mesmo que ser o Mr. Right, essa cerca-viva vai, pelo contrário, a qualquer momento se levantar e se tornar humana. Por favor não pise na linha se não quiser ser pisado, pois com toda probabilidade toda a minha corte vai agora trocar de corpo, abandonar a boa forma, a forma de cerca, e se enfiar de novo na original, do corpo. Esperamos que nesse meio tempo as entradas não tenham sido muradas, senão as pessoas não vão mais conseguir entrar nas suas próprias formas corporais, pobrezinhas. Não é um mundo cor-de-rosa, deixa eu te contar, embora feito de rosas. Acordar de uma situação e ainda não, isto é, não mais conhecer a outra em que se deve entrar. Eu olho o seu rosto bronzeado, Senhor Príncipe, o gel no seu cabelo escuro e os músculos sob a sua camiseta, busco o joelho e o traseiro na sua bermuda larga de surf, e pergunto: Então pode ser que você seja esse e esteja em algum lugar embaixo disso? Pode ser que você seja você? Pode ser que eu seja eu? Pode ser que você esteja falando de mim? Tem que ser assim, ou nós não estaríamos aqui. Quer dizer: Caso você não tivesse vindo, agora nós dois não estaríamos aqui. Quer dizer, sem que você tivesse vindo, agora eu não existiria ou pelo menos ainda não. Obrigada.

PRÍNCIPE: Disseram para mim que eu deveria ir até você e beijá-la e ver o que ia acontecer. Que eu já ia ver. Alguma coisinha sempre dá. Estou gostando muito do que estou vendo, valeu a pena, já dá para dizer. Eu sou o poder. Quem se coloca contra mim perde a si mesmo, justo ao persistir em si mesmo. Que bom que você reconheceu prontamente que só

tem a mim a agradecer pela sua existência. Como posso dizer: Eu sou eu. Como você bem sabe, eu também sou o que eu sou. Não se pode fazer nada. Eu adoraria ser o eterno, talvez eu seja, pois até agora ainda não morri, mas antes até despertei uma morta. Com um beijo. Deve ser um lindo despertar: tanto tempo encolhida, escondida, e então a primeira coisa que se vê é: Deus. A mim. Eu! Eu! Eu sou o que desperta os mortos. O tempo chama e diz também: eu, e eu agora estou aqui. Ninguém mais. Querida ratinha princesa, estou seguro de que até ainda agora, quando você ainda dormia e ninguém nem fazia as suas unhas, você não podia dar para o Ser o menor sinal de que estava ali. Também não podia me mandar nenhum postal, nenhuma carta, nenhum telefonema, dizendo onde eu te encontraria, embora meu celular estivesse sempre ligado. Mas afinal essa é justamente a graça. Não me era permitido saber onde você estava, e mesmo assim te encontrei. E fui o único. Então eu TENHO que ser Deus, muito simplesmente. Ele que sabe o que ninguém sabe. Provavelmente eu até criei você eu mesmo. Se eu sou Deus, posso fazer isso. Então. E agora ainda por cima suspendi o tempo, pois uma vez que você dormiu esteve fora, por cem anos, foi o que profetizaram, mas que para você agora são passado, nãonão, não se preocupe, o tempo não passou. Uma vez que o tempo, porém, não deixou em você nenhum rastro, você tem que ter estado nas mãos de Deus, que pessoalmente deteve o ponteiro do relógio. Sim. Porque eu sou Deus pude fazer isso então, dar um sinal à existência para que agora, quando te beijei, ela desse corda no relógio, soltando-o da coleira como um cão raivoso pulando sobre você, e é dada a partida para o envelhecimento! Em cem anos não vai ser mais beijinhos e carinhos, vai ser é *liftings* sem ter fim! Naturalmente aqui não queremos ver o tempo como adversário da eternidade, no máximo como adversário da beleza feminina, pois como Deus posso lhe assegurar que a eternidade não é nossa meta, e nem a irmã mais nova dela, a eternidade dos valores. Então que venha o rímel e as sombras, enquanto ainda é tempo, e que venha o coveiro, digo, as covinhas, digo, o corretivo, para as rugas. Devem ter te dado a informação errada. O tempo não dá para apagar nem maquiar, uma vez que chega. Quando chega o nosso tempo, de repente nos dá pena de ter um corpo, mas antes disso a gente bem que gostava bastante dele. Pois nossa meta é uma vida confortável, sobre a qual as revistas e a tevê queiram reportar. Na eternidade não tem disso, poder reportar alguma coisa. Aliás nada pode se dar, pois é sempre agora, e nunca dá para ler sobre isso como algo passado. Com certeza também é confortável para você e para mim não precisar examinar agora o que a eternidade nos destina, quero dizer, não termos que examinar o que a eternidade ia querer dizer para a nossa vida. Bem que poderia querer dizer que nós caíssemos mortos neste momento, ou então que tivéssemos que nos beijar por toda a eternidade, porque nunca poderíamos desligar este momento, e no entanto bem que queremos que mais tarde nos fotografem esquiando, e no nosso casamento também as queridas câmeras vão querer estar presentes, né? Claro que você também vê assim?

PRINCESA: Então. Vejamos... parece bom. Conservar instantes. Pelo menos agora finalmente temos alguns no estoque. Vamos pressupor que, enquanto eu dormia, eu tivesse tomado o eterno por uma realidade própria e genuína, e afinal tinha que ser algo assim, já que dormindo, sim, nessa eternidade sem tempo, eu me movia como um peixe na água. Fora isso o amor eterno, graças a um príncipe que me salvaria, foi profetizado para mim, o amor como mais um dos seus pobres valores eternos, perdão, esse não é um dos seus? Deve ser um dos meus? Enfim só quero dizer, uma vez que ele apareceu para mim, o amor, pois é, primeiro você tem que trocar o cupom, senhor príncipe, nisso a gente concorda, né? Então admito: eu estava na eternidade, fui de repente jogada na temporalidade, por você, meu querido, mas como é que o meu Ser e o tempo no qual eu sou EU ou digamos: no qual eu sou, enfim como é que eu posso compreender previamente o tempo? Só agora estou começando a me mover nesse sistema de coordenadas onde mulheres dizem: eu fiquei absolutamente fascinada com esse homem! Elas dizem mais: Ele irradiava uma força interior, etc. Ser não é simplesmente estar disponível, afinal, tem mais coisa aí. Eu como princesa empacotei, ou melhor, fui empacotada, fui apertada e depois despertada por um príncipe. Você acredita mesmo que é a mesma coisa se dizem: Deus está aí, ou: O príncipe está aí. Um príncipe afinal pode ser deposto pela sua mãe, a rainha, porque ele trepou com uma mulher má, mas quem deveria

depor Deus? Olha, talvez até eu, pois eu afinal, pelo menos por um tempo, fui igualmente eterna? Bela Adormecida como aquela que derrotou Deus! Ah, isso vai dar uma bela manchete, só falta cortar!

PRÍNCIPE: Já vi tudo: se eu não te esclarecer, você nunca vai compreender seu Ser, e quem poderia esclarecê-lo para você melhor que eu! Afinal você o recebeu de mim! Então eu, seu criador, te digo: seu Ser se dá agora, uma vez que o dei para você. Mas se você quer possuí-lo, como sua propriedade, então em primeiro lugar ainda tem que acontecer algo que já vou lhe mostrar *(veste alguma roupa de animal de pelúcia com um pênis muito grande)*.

PRINCESA: Mas não tem que acontecer mais nada, não! Se já aconteceu! Eu como princesa pude por todo meu tempo de vida poupar propriedades vitais que agora invisto na minha relação com você, senhor príncipe. Espero ter bons rendimentos nessa minha poupança. Comigo você está no acerto, eu não sou imagem e semelhança de outro alguém. As outras, na tevê, é que são muito mais imagens minhas. Elas não sabem que cada uma delas por sua vez é a única e que ao mesmo tempo, como eu, não é nenhuma outra, não, querem todas ser eu. Imagine só. Antes de eu adormecer me inculcaram que a melhor experiência deve ser a de um corpo que na medida do possível não deveria ser nós mesmas. Mas quando me disseram isso com certeza não estavam pensando no que você acaba de vestir. Isso é repugnante! Mas intuo que seria um equívoco ver a vida só a partir do meu ponto de vista. Talvez você goste do seu corpo. De todo modo dá para achar dúzias desses em qualquer esquina. Animais! Eu admito que você conseguiu se tornar completamente outro. Não parece mais nem um pouco consigo mesmo! Ou fiquei louca, ou então esse pressuposto, incorrigível e incorreto, de que seu corpo estava ligado à sua identidade, está me prendendo, mas devo me libertar disso. Você – um outro. E esse outro não estava o tempo todo enfiado em você, espero, porque senão eu jamais o teria beijado. O que é que estou falando. Se não poderia ter feito nada. Se foi você que me beijou! Com certeza a Senhora F. te comprou. Por isso você desejou ser um outro? Para não ter que estar aqui? Para escapar ao seu destino? Não ter que me beijar? Você vestiu uma fantasia. Eu te observei direitinho. Você fez isso especialmente para se tornar um outro? Ou para ser ainda mais aquele que você é, isto é, para sua individualidade ficar bem saliente? Só estou falando. Porque você agora ainda está me mostrando a sua alma, que evidentemente fica ali dentro de você como a lagarta na borboleta ou talvez o inverso. Mas isso também não era necessário! Você é mesmo um animal, senhor príncipe! Já eu acredito que sou um acontecimento, porque eu aconteço, não porque visto isso ou aquilo. Embora minhas roupas antes sempre fossem descritas minuciosamente, como se fossem o mais importante em mim. Eu sou sempre a mesma, senão nem poderia acontecer, senão ia sempre só me tornar, e não iam me reconhecer nas minhas fotos. Você, senhor príncipe, por exemplo, é agora um outro. Teria preferido se você tivesse permanecido aquele que era. Enfim, eu não tenho necessidade de me pavonear sabe Deus como para ser alguém, pelo menos isso é certo.

PRÍNCIPE: Mas você só pode entrar em cena aqui porque agora é minha propriedade, por vias de beijo. Com uma barba falsa ou um disfarce de plebeu eu poderia ter te enganado sem esforço, como qualquer recém-nascido. Para ele tanto faz o que o papai veste, para ele até o avental de médico parece chique. Aquele que eu sou agora só deve provar para você que eu, que sou Deus, posso escolher quem mais ainda quero ser. Quando vim até você, isso ainda não era necessário. Eu podia ser aquele que eu era. Simplesmente, naturalmente. Podia vir direto assim como era, como príncipe. Eu te despertei com o frescor revigorante de TicTac e completei o esboço de você que havia começado, por assim dizer pintando com a boca. De todo modo só encontrei o que esperava encontrar. Só criei o que de todo modo queria criar. Não me aconteceu nada, não te aconteceu nada. Retrospectivamente poderia dizer que te achei sem querer. Mas prefiro dizer que você é meu achado, meu bebê adotado, e te apresento à imprensa. Primeiro uma coisa é concebida, e então é mostrada. Essa é a essência da criação, minha especialidade. Se fosse estivesse morta, eu, como um criador que não tivesse previsto algo assim, teria me perguntado: Teve mesmo que ser assim? O que fiz de errado? Essa é a princesa ou não é? Se você tivesse continuado morta, vendo seu cadáver teria me perguntado o que é que há, não posso fazer os mortos viverem novamente? Como assim não posso mais? Essa coisa aqui sequer é um ser humano? Ou não? Não consigo me lembrar de tê-

lo feito. Tenho um cadáver diante de mim? Ou o quê? Bem, isso é o que nós vamos ver! *Estende para Bela Adormecida uma fantasia de pelúcia branca de coelho, com uma vulva bem acentuada, e indica que ela vista, e ela o faz. Quando ela também está com sua fantasia, ambos começam logo a acasalar como selvagens. A cerca-viva desmorona sobre eles e os sepulta sob si. Dela se levantam diversos animais, principalmente galinhas, que se comportam bem animalmente, imitar realmente animais em seu comportamento exato! Duas das galinhas desenrolam uma faixa elegantemente, onde diz:* "VISITEM A ÁUSTRIA! ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS!"

PRÍNCIPE E PRINCESA, *juntos, um tanto sem fôlego*: Bem, pelo menos não somos um império aviário financeiramente esgotado. Cadáveres na linha de montagem, que até mesmo lá se mantém juntos.

Lindo. Mas, para entender o que acontece com os mortos, no fundo teríamos que dar um passo além, teríamos nós mesmos que estar mortos. Não basta falar sobre a morte. Afinal seria preciso viver para falar sobre ela. Mas o que é que fazem os muitos pobres mortos? Eles não sabem que estão mortos, mas mesmo assim estão. Nós sabemos que um dia estaremos mortos e mesmo assim vivemos. Apesar disso agora conseguimos nos libertar de nossos corpos e não obstante não estarmos mortos. É um grande processo, pelo qual vocês podem nos dar os sinceros parabéns. Ainda não vamos tão longe a ponto de corrigir o pressuposto de que temos que morrer. Mas mesmo assim dizemos que estivemos mortos e agora vivemos. Provamos ambos – nem comparação! Provem vocês também! A comparação também vai lhes dar segurança no trânsito, quando vocês vierem.

A MORTE E A DONZELA III
(ROSAMUNDA)

Infelizmente a água penetrou meu corpo. Embora eu só quisesse dar de beber às minhas imagens. Muito me consterna que, só por isso, agora eu tenha que me afogar. Na bela terra do Senhor o tigre destroça o cordeiro. Só eu não posso me ajudar. Tudo me consterna, até o que não me concerne. Assim sou e assim permaneço, no mundo só vejo o novo e o turvo. Dizem-me mil vezes o que fazer, e então isso também me consterna novamente! Incansável conduzo a pluma, não falo línguas estrangeiras e, se falo, falo errado. Uma banhista num biquíni sexy, isso é que eu queria ser, soltando gritos de dor, doce veneno em sua própria língua. Mas da banhista de repente surge o sério, só porque tive de representá-la eu. Descarada me enfio no meio dos vivos, eu estava antes dessa senhora aí, já estou esperando há tanto tempo. Por favor me dê um par de boias de braço, pois me carregar e ainda fazer par comigo, isso ninguém mais faz. Quem interrompe o vociferar da verde vaga, do qual por ora ainda nem sei que vem do mar? Muito bem, agora vem, aqui, de repente, o oscilar dessa maré, que não freou para mim, embora o faça até para animais. E então esse dente da enchente se enfia forte na minha grelha, na grelha do meu radiador. Afiada, serreada, nãonão, não eu, no meu conjuntinho, onde estacionei minhas formas! Eu não! Num brilho púrpura luz ainda uma vez meu capô, o vale veleja suave por cima e se vai, num salto leve. O vale, envolto pela serra, deveria encerrar ainda a mim também, mas, estúpida consternação, você sempre volta a me lançar longe, quando eu bem que podia estar contente nos prados do meu próprio país. Lá longe uma felicidade em espaços dourados, sim ou não? Decida agora! Como assim, agora todo mundo, e eu também, se decidiu tão seguramente pela felicidade? Cedo demais, você devia ter esperado a luz vermelha e só então apertar! O martírio para você por acaso é um prazer? Também nisso o candidato adversário já ganhou. Agora mais do que nunca é tarde demais, agora outro é que está feliz. Mas a infelicidade também não é um bebê lindo, de uma outra mãe? Não precisa ser só horror vazio! Por que você não escolheu a infelicidade? Muito pode ser dito sobre isso, tudo que os vales encerram, o que ainda anseio, onde algo floresce e onde do dia moço a luz agora volta a cair, onde não a posso encontrar. Um infeliz acidente aquático, nada mal também, vejo cada vez mais claro,

contornado pelo fulgor da melancolia, ah não, era luz, era lhufas, sobre o mero reflexo da espuma das vagas. E no entanto: Aproxima-se de mim sempre mais rápido. Ondas cortantes, escrevo e escrevo, sou a rainha do mundo, só falta alguém alguma vez me ver. Já não tenho mais ar, sonhos inquietos me apavoram: no gume dessa água não vive então ninguém? Sendo que procurei tanto, vaguei pelo mundo, sem sair da minha escrivaninha, tanto tempo e tão sozinha, não tem alguém para vir no último momento morar, tão incômodo quanto eu, no gume dessa faca? Como assim, de repente moram aqui tantos incômodos? Muito mais incômodos do que eu? Não pode ser! Meu impulso de me deixar levar me trouxe até aqui, e aí também já tem muitos outros seguindo seus impulsos, pelo que vejo, não, não tem! As humilhações seguintes: A faca não está firme, a faca está afiada, de fato, e no entanto não é uma faca. É água essa adaga, e levanta orgulhosa a cabeça para beijar as estrelas, e me acerta! Justo a mim! Que mula! Não, não! Você é minha mãe? Não, não é ela, sua faca nula, inofensiva como o azul do céu, que é ele mesmo, quero dizer: ele simplesmente é azul, por ora não pode mais do que isso. Eu digo: vem aí uma tempestade, e então: silêncio sepulcral. Perdão, céu, não queria te ofender com meu sedã médio de dezesseis anos atrás. Sem mastro, vagueio faz tempo pelo mar, mas também posso vaguear mais confortável, se quiser, aqui, essa figura de cera, quer dizer, de sentinela, velando na minha escrivaninha, essa sou eu, uma filha que se aproxima para que possam lhe trazer tributos. Algum dia será rainha, e seu coração balançará mais que nunca, condenado a si mesmo, completamente sozinho sobre as ondas. Nenhum olho amigável olha aqui para baixo, nenhuma proposição, nenhuma propulsão nadando aqui ao lado, nenhum raio é lançado especialmente para ela, nenhuma nuvem costurada só para a ocasião dessa matéria cinzenta que adquiri porque estava tão barata. Não grite assim, ainda tenho toneladas dela no estoque! Vagas que me refletem amor, pelo menos elas olham para mim, ao menos foi o que acreditei, mas era um acidente de carro. Nem mesmo a luz de freio do sujeito da frente conseguiu me alegrar. Achei que fosse minha própria luz, que sigo há tantos anos, ansiosa e ociosa ao mesmo tempo, luz teimosa voejando diante de mim, e no fim era só a minha! Vejo piscar um sinal ensinando-me o caminho das cidades. Vou mesmo morrer sozinha. Então. Mas agora sinto muito por isso, que zombem de mim só porque me agarro a essa massa de água, sendo que ela só quer me puxar para dentro, onde toda flor vacila, onde nenhuma estrela indaga. Ao riacho quero dizer que gostaria tanto de conhecê-lo. Sim, eu o conheci pessoalmente exatamente assim, com pneus totalmente carecas, e agora esse acidente terrível, totalmente inevitável, bem que mereci. Qualquer um teria logo visto que essa água só estava esperando para me matar. Só eu mais uma vez fui cega. Eu afirmava ser uma vidente, mas tudo o que saiu de mim foram as horas da minha vida. Tive que ficar em casa como um cachorro que não tem um cordeiro para despedaçar. Leio lindos livros lá no vale, mas o que é que já estou fazendo aqui na água, eu, magnífica mesmo chorando amargamente? Apesar disso não vacilo em minhas convicções inquebrantáveis, criança chorona que não pode dizer, só: quê? Eu, corça acanhada que há anos a bala busca e então simplesmente a encaminha a um outro: não, não é para mim! Vejam só, o endereço está errado. Além do mais sou a única que estou aqui para mim, então como posso receber um pacote? Fora isso não tenho voz e nem ganho votos. Não posso mais dizer o que quero ou por quê. Então tento mais uma vez, carrego a mim mesma pelo escuro, pois agora os faróis também se apagaram, que burra! Por favor me deem algum gozo para meu desgosto! Como é frio, nenhuma luz da lua tão tranquila, nenhum sonho que me engane. Nenhum mundo luminoso que me ilumine, nenhum olhar doce que me endosse, nem sequer um acendedor de cigarro, como assim, se ele funciona a bateria? Então ele também se afogou? Ai de mim, a primeira ferida nessa luta que não busquei já é a ferida mortal, embora eu nem tenha entendido direito a pergunta. Agora tudo ficou claro para mim. Eu me dobro sobre mim e digo algo sobre mim e então despacho e me despeço e entro num espaço profundo.

Kinderovo para o meio-tempo:

A lua brilha sobre o cerro,
como ansiei por ti,
coração doce, e é tão belo
ter-te de novo aqui.

Pra que o amável mês de maio?
Você é a primavera,
Na noite teu sorriso é raio
e à morte impõe espera.

Ela surgiu com clara luz,
e com o olhar na lua.
“Se a vida longe nos conduz
na morte eu seja tua.”

The real thing

A passagem do trilho à rua
A passagem da água à rua
A passagem da água ao trilho
A passagem da rua ao trilho
A passagem do trilho à água
A passagem da rua à água

Os dois acabam um com o outro, mas de verdade!

FÚLVIO: Não, não desvie o olhar, ofereça-se por favor à situação que acaba de se oferecer aí, nesse bar, onde a luz um tantinho melancólica se apegou a pessoas confusas como você. Eu te vejo ainda hoje, como se fosse ontem. Eu te tomo ainda hoje, como se já fosse amanhã. Eu te tomo por tanto tempo, até que possa te ganhar de volta de você mesma. Então faço cair sua última couraça. O que é que você está reclamando? Se antes você mesma deixou cair a última couraça! Na sua escrita, como você diz. É o guarda-sol sobre o solo rochoso, pois se até do sol você tem medo. Mas olha, o que você achou que era a última couraça era só a tampa da sua esferográfica! Não tem necessidade. Outras têm muito mais destino, pelo menos têm o delas próprias. Você não tem nem isso. Sim. Você é o produto da sua própria reciclagem. Você era uma lata. Você era o terror do poder. Eu projetei você, eu produzi você. Minha você será! Eu te tomo e assim me sinto bem. A corrente conduz direto às suas pernas, como puro pavor. Você fala mal de mim. Mas pelo menos eu ousei me retirar do mundo com uma resolução única, e agora não vou mais longe. Não faz mal. Mesmo assim. Prefiro não mencionar você, com isso te faço mais um favor. Que mais? Sou o sol que reluz refletindo sobre a água. Existo pelo menos duas vezes. Um truque para a lâmpada, duplicar a chama por espelhamento. Mas de algum modo não está certo. Tudo fica mais fraco. Que mais. Aí já me vou ladeira abaixo, as flores caindo ao meu lado até o vale, um enxame verde, ligeiro, generoso. Mais gêneros! Cada flor quer ser a primeira a chegar lá embaixo. Veja como elas pendem lindas, amarradas de cabeça para baixo, na encosta do gramado! Lá balançam, beirando o abismo com as cabecinhas, mas ainda não totalmente lá dentro. Espírito esportivo. Que mais: ah, que nunca tivesse vindo teu maldoso esplendor! Você olhava sempre só para a glória, que supostamente te sorria. Você me ignorava, preferia descrever a força da minha insignificância. Porque você caçava um outro significado! Agora o tem aí! A própria corça, grande mulher! A caça é você! Simsim, agarre-se bem, estou disposto a te levar. Mas a amplitude do meu coração me leva adiante, para outra varanda mais bem fornida. De algum modo também mais dura, firme, uma hora depois de passar o creme: corre! O que sai de lá então daria uma boa base para construir, se não se tiver que queimá-lo antes, o corpo. Quê? O que dizem as dançarinas eróticas nos trajes folclóricos? Você se mantivera insuperável? Acreditava que era possível te procurarem e evitarem ao mesmo tempo, te tomarem e evadirem? Nisso você não consegue me desconcertar nem por dois minutos, vai ter que pensar em outra coisa! Sem correr não sai nada, tanto faz a direção. Você nunca vai conseguir se dividir em duas sem correr. Nem livrando-se de uma parte de si você ficou mais magra!

ROSAMUNDA: Monstro! Oh, minha mãe, peço perdão! Oh, minha escrita, peço perdão! Oh, minha obra, peço perdão! Natureza, peço perdão também! Minha escrita, peço perdão mais uma vez! Calça apertada, peço perdão! Blusinha sem mangas, peço perdão! Amor, peço proteção uma terceira vez! Vontade, peço que seja feita! Pelo menos se jogue no chão mais rápido, se vier uma mais forte! Pelo menos se jogue no chão se vier uma mais estimulante! Pise sobre mim se vier um estudante, um acadêmico, não, acadêmico não, alguém que faz academia, claro! E quem mais? Estranho que me sacrifica, peço que me esqueça imediatamente depois! Estranho que me sacrifica, peço que depois não me esqueça! De modo algum! Ouça: não esqueça! Fica inválido tudo o que foi dito antes! Proteção que me cerca, peço que também não me esqueça, ah, ah não, isso é um anel viário embelezando a paisagem, perdão. Paisagem, que apresenta sempre uma outra no outdoor, peço

perdão por não parecer com ela! Oh, minha coxa, minha bunda, peço-vos perdão por ter feito de vós o que sois. Medo de ser desprezada, peço perdão! Chão onde pisam pés de mulheres, peço que lhes perdoe por entrarem em cena atrasadas! Martírios que escavam meu peito, peço perdão! Sobretudo porque não encontraram nada lá dentro, perdão! Estranho, peço perdão por me tornar tua! Estranho, peço perdão porque não estou aqui para me tornar tua! Eu segui meu próprio caminho, que deve me perdoar, por favor, por doá-lo sempre a uma outra.

FÚLVIO: Enfim, eu ficaria contente de ver o mundo inteiro trepando, todos ficariam de bom humor. O resto pode esquecer. Normalmente eu só precisaria de uma, mas já se passou o tempo em que uma deusa do amor, por paixão e persuasão, era chamada de vagabunda. Não que eu tivesse acreditado ou mesmo só desejado que uma mulher extraordinária, magnífica, que chama a atenção com a sua inteligência, ia se satisfazer comigo como possibilidade, mas então ela fez isso mesmo, então ela fez isso mesmo, vi claramente seu brilho, vi a lâmpada puxando a própria cordinha, sem chance, a cordinha infelizmente estava em volta do pescoço dela. Afogada sem um único pensamento, nadando como um patinho, só que um patinho de chumbo, não, afundando como uma morta. No fim bem fechada como uma avenida infinita, quando olhamos pela primeira vez. Essa mulher com sua saia balonê, ninguém mais veste isso faz tempo. Tudo bem tudo bem, a Prada voltou com ela este ano, mas no ano que vem já vai ser outra coisa totalmente diferente. Quê, a mulher ainda continua procurando a cordinha? Para poder fingir que está rompendo as amarras? Para se levantar e brilhar, quando numa hora insólita alguém puxar por ela. Lá está o ponto de ônibus. Eu sou seu homem. E corto esse maldito fiozinho também se calhar, você vai ver, vou arrebentá-lo justo quando você mesma quiser puxar por ele. Rumor de água. Uma nascente. Não, nenhuma nascente. Água de outro lugar. O céu provém. Seja meu anjo da guarda. A festa nos chama. Sempre há uma festa nos chamando. Então. Rosamunda: Sua língua vale mais que esse discurso que ela solta, essa língua solta. Isso é só show. Corto fora essa sua língua, e agora, onde foi a palavra? Vê, foi embora! A palavra agora com certeza não vai ser mais tão má como você a educou. Agora não é nada mais que um convidado chato que não quer ir embora. Rosamunda. Eu te digo expressamente: Tudo tem que se decidir agora neste instante. E quem é que se decide por mim, realmente, dá para acreditar? Vocêvocêvocê! Eu jamais poderia pensar. Assim ou assado mas às pressas! Vapt vupt! Pois é, não adianta, simplesmente vou ter que tirar o melhor daí. Fora com o papo de menina! Minha você será, sua vida depende de um piscar do meu olho! Por favor venha um pouco mais perto com a câmera, sim, já vi, ela de fato se decide por mim e pelo meio milhão! Se ainda tivesse se agarrado a suas ideias poderia ter virado até três quartos de milhão! Um milhão inteiro! Mas a pergunta na categoria Música Séria é séria demais para ela. Por favor, essa mulher é uma piada! Sempre digo: Para um passeio feliz no barco dos sonhos tanto faz quantos passageiros estiveram nele antes. Mas nesse aí não esteve ninguém. Isso me deixa desconfiado. Afinal por que ninguém embarca nessa mulher magnífica, por que ninguém zarpa nesse barco glorioso? É o que me pergunto, criança iludida. Oh, seja boa comigo, e carinhoso eu me aninho aos seus pés.

ROSAMUNDA: Monstro! Inconveniente! Herege! Um par perfeito para mim! Quem me deixou de escanteio? Um serviço estrangeiro de namoro? Buscando uma totalmente diferente, que no fim das contas acabaria não sendo ninguém menos do que eu mesma? Eu sou todas. Eu mulher bem-sucedida, bem-aventurada. Eu feminista-fundamentalista solteira por convicção. Por muito tempo estive quase no caminho da ninfomania, mas agora isso passou de uma vez por todas. Desvio de mim o olhar. Exijo de uma vez por todas que as mulheres tomem para si cada vez mais o direito de viver sua sexualidade. Exijo de uma vez por todas que as mulheres tomem para si o direito de viver de uma vez por todas. Se deu certo com os homens, então também devia ser possível com as mulheres. Antes, escrevendo, eu ainda estava bem feliz. Agora, revendo, de repente não ficou mais tão bacana. Talvez seria diferente com outra, digo, em outra paisagem, uma montanha na costa oriental de Chipre? Quem sabe? Nas férias é sempre tudo diferente. Quando é preciso se despedir, de repente volta a ser como sempre. O ordinário. Afinal, o belo nem existe. O belo definitivamente não existe.

FÚLVIO: Fique! Pois tudo tem que se decidir agora neste instante! Na verdade, já tinha que ter se decidido no instante anterior. No instante seguinte

pode ser que se decida por algo totalmente diferente. Enquanto isso venço a mim mesmo. Mas o que faço no fim? Rosamunda. Por que você deixou as mulheres tomarem tanto do seu tempo? Isso também já me ocorreu: por que você fica tão assustadiça ao ser tocada por um homem? Lá se vai um conquistador e volta como conquistador, mas logo se vai de novo. Para de novo voltar como ele mesmo. Então ele salta feliz para o próximo negócio carregando sua caça, e ainda grava um vídeo disso. Lá tem uma muito melhor da qual também pode fazer um vídeo, e ainda vem com um celular grátis e com conversações também grátis e a língua grátis e a voz e o voto grátis e então a vitória eleitoral também grátis, afinal ele já escolheu levar tanta coisa que leva também a eleição, grátis. Pega essa! Soma a isso uma aparência e pega! Quê, não quer pegar? Não pegou que poderia me fazer o homem mais feliz do mundo? Que para você ser pega é inconcebível? Prefere pegar em palavras? Você se satisfaz com informações? Usa sua mediocridade como meio para aprender a falar? Ódio! Ódio! Não te ocorre outra coisa. Não te ocorre que você mesma foi a única a sofrer sob esse ódio? Por que não parar aqui, comigo, ao invés se amparar só em si mesma? Enfim, agora faremos um corte limpo e então vamos confessar que estávamos em um caminho perigoso. A mídia estava nos observando. Não tem nada para ver. Não, infelizmente a mídia não nos observava. Outras mulheres confessam terem feito um, dois, vários cortes. Mas você. Mas você, entre 18 e 80, para mim é impossível ver de qual fim você estaria mais próxima do que de mim, você está mais próxima do fim do que eu, você, mas você, uma pergunta não me deixa descansar, desde que estou diante de você: Quantos parceiros sexuais você teve até agora? Não, não diga nada. Diga o que estou acostumado: por que você é uma vítima e tem que se fazer de vítima e foi feita de vítima e, com toda sua existência em uma única mão, justamente quer se tornar uma vítima, quer se tornar justamente a minha vítima.

ROSAMUNDA: Então tenho que morrer assim, na relativa flor da idade?

FÚLVIO: Como pôde sequer imaginar que tivesse me vencido, mulher orgulhosa? Por Deus, é engraçado! Uma imagem de açúcar, uma marionete, um caniço pensante, digo, pendulante, nesse punho irritante! Perguntas todas: sumam imediatamente, saúde: suste de repente! Tudo de volta ao início, para você se entregar uma segunda vez, é o que te digo. Isso tem um preço! Ninguém deve suspeitar com que tipo de pessoas a gente está tratando aqui, senão logo chega a mídia. De todo modo, estamos em boa forma. Eu te digo como deram um impulso na circulação. Eu te digo, agora fechamos as páginas. Ah não, isso não digo. As pessoas devem sim ler você. Muitas operações teriam sido evitadas pela leitura, inclusive aquela no coração. Então de novo do início, o meu chamado: gozar! O meu direito: pegar! Dessa atividade: desistir! Tudo: inválido!

ROSAMUNDA: Amor o quê? O amor é um sonho infantil! Então. Carimbada com uma dor, está válido o passaporte, posso portá-lo e passar, e passar bem. Agora meu ódio deverá seguir errando ou piscando? Só estou perguntando porque pode induzir alguém ao erro ou à irritação. Por favor me diga finalmente o resultado da minha falha! Para eu saber quão longe errei o alvo quando mirava no erotismo. Consegui pontos suficientes dessa vez? De novo não? Eu atiro meu ódio no concurso de canção inocente e no estábulo dos músicos e no encontro mundial de música popular e na transmissão especial de aniversário de alguma coisa, tem tanto de tudo que sempre alguma coisa faz aniversário, e então atiro meu ódio na entrada da garagem e nessa casa que você, rapaz, deve reger em nome de meus pais, mas faz cinquenta anos que não rege, pois meus pais estão mortos há mais tempo que eu mesma. Bela imagem. Será que talvez eu deveria ter sido um homem? Teria sido melhor? Eu atiro e atiro o ódio, atiro e atiro esse ódio há muito envelhecido, vencido. Quê, você quer levar? Ele bem que se sentiria melhor contigo. Foi o que ele me disse pelo menos. Por favor, se a visão do meu ódio não acende o seu fogo, leva ele mesmo assim e vai se aquecer com outra coisa! Leva também a coroa que queimando adorna minha cabeça, ela ainda tem umas faíscas, por favor, está aqui, para você, acende ela de novo no meu fogo! Mas faça o que fizer – leva, mas não a leva com essa tranquilidade toda.

FÚLVIO: Ah não. Pode ficar com ele, tranquilo! Mas tranquila você não é e nunca será. Você algum dia ainda há de se jogar aos meus pés ganindo pelo meu amor, que agora desdenha leviana, na sua

frágil arrogância! Estou te avisando! Não provoque a fúria do tigre! É melhor seguir minha expressão com a sua, que nunca encaixa direito! Você tem motivos de sobra para se envergonhar disso. O segundo violino. Sempre. Mas também fica bem na foto. Só que para mim não basta. Expressões você tem de sobra, sua acusadora. Quê? Você não consegue se libertar da forma? Não admira, senão logo veria que não passa de um bolo ordinário, com um gosto bem diferente do imaginado, pelo menos bem longe da sua imaginação. E se você pudesse imaginar, então teria antes que trazer de outro lugar e enformar sua imaginação, senão nunca ia poder diferenciá-la do entorno. Você já quer fechar a cortina, tem razão. De toda forma você não tem uma forma própria. Simplesmente não foi feita para ser mostrada. E também não dá mostras de ceder em nada. Então para que a cortina? Inútil como um sol ofuscante diante de uma paisagem que ninguém queria ver e que de todo modo parecia totalmente diferente no folheto.

ROSAMUNDA: Imaginação fracassada. Tudo bem também. Faço eu. Levante os olhos para as montanhas, não, antes levante os olhos, então afaste o sol, só então a cortina, senão vai ficar cego, e então mirar as montanhas, daí olhar para ver se valeu a pena ficar com esses olhos levantados o tempo todo, até ficarem totalmente desbotados. Picos brancos de neve. Leni R. O que ela tem a nos dizer hoje? A maldita beleza gruda na gente como placenta. Todo mundo sai dela. Ninguém se solta dela. Usamos tecnologia laser e nos cortamos em uma forma melhor. Primeiro uma luz azul, depois: branco. Branco amarelado. Velho. Sem cor. Sem resultados. Essa luz tem a cor errada. E era isso que o tempo todo achamos que era o sol? É dura demais para enrubescer, a luz. A forma: eventualmente uma situação que só piora. Não. Não se trata de uma situação que ainda pudesse piorar. Qualquer outra é melhor, até mesmo como paisagem pintada ou como filme filmado ou como foto tirada direto um a um e nunca devolvida: toda outra coisa é melhor, e todos os outros sempre fizeram tudo melhor que eu.

FÚLVIO: Uma voz. Uma voz. Uma voz. Uma voz. Diz.

ROSAMUNDA: Acredito que agora você deva descer. Bem agora o ódio prega raízes no meu coração, já está de volta, de novo, eu o proibi terminantemente, ah não, ele não prega mais ninguém, só pega a mim! Justo em mim é que bate! Fico lá me esforçando para erguê-lo com os braços tremendo e quem é que meu ódio ataca? A mim! Sendo que coloquei à disposição dele todo um lindo apartamento totalmente grátis. Não foi o suficiente. Pois é, você não seria suficiente para ninguém que se visse diante da sua alma mesmo que por um piscar de olhos. Você diz que ele se recuperou, o ódio? Ódio ódio ódio, ódio familiar, ódio empresarial, ódio bilateral. Ódio ódio ódio! Linchamento de mim mesma. Isso não é um sorriso, essa espuma suave que se encrespa em meus lábios? Não, não é um sorriso. São rugas. Não, também não são rugas, não pode ser, se eu usei aquele creme. É o ódio, que avança sobre os campos, tranquilo, descontraído, seguro de si, semeando grãos com suas mãos. De algum modo isso também é positivo, né? Bosques, para o fogo! Pessoas, fora do fogo! Vocês já estão fritos. Vocês já são muitos. Basta.

FÚLVIO: Diz. Joga uma faísca no inferno. Totalmente supérfluo. Amando você, eu não poderia tomar de volta o céu. Tenho que descer. Enfim, essa hipocrisia da sociedade já está me irritando. Quero ter humor e um bom intelecto e devo ser caloroso e não vou para a cama com uma mulher depois do segundo encontro. Antes olho bem para ela mais uma vez e então mais uma vez e então mais uma vez e então olho ainda melhor e ainda melhor. E então não vou mais. Então não faço mais nada. É um ser humano o que vejo? É a imagem de um ser humano? É um ser humano de uma imagem? Sim, é o ser humano de uma imagem. Eu bem que reconheci! Não, se bem que não. Não, eu não vou não, eu não vou, eu não vou! Não, eu vou sim. Simsim, eu estou indo!

ROSAMUNDA: Minha voz. Minha voz. Minha voz. Minha voz. Não diz nada.

A Morte e a Donzela IV
(Jackie)

Colaboradora e colaboradores: Randy Taraborrelli, Elisabeth Veit, Roland Barthes etc.

Jackie deveria entrar em cena em um traje Chanel, penso eu (vocês teriam que ter motivos muito bons para fazer de outro modo!). Também se poderia

tomar por modelo essa última foto no Central Park (com o Maurice Tempelsman), essa no banco, com sobretudo, peruca (o cabelo se foi com a químio), óculos de sol e lenço Hermès na cabeça.

De todo modo ela deveria trabalhar duro. Imagino que todos os seus mortos, as crianças, bem, o embrião e os dois bebês mortos não são tão pesados, mas por sua vez os homens mortos, Jack, Bobby, Telis ("Ari"), isso já dá um belo peso, não?!, então, como posso dizer, esses mortos ela deve arrastar atrás de si como num cabo de guerra. Ou como um barqueiro do Volga arrasta o seu barco. Isso não vou poder facilitar para vocês. Pelo menos o sangue no traje rosa não é tão pesado assim, e de todo modo do crânio do Jack está faltando todo um pedaço. A atriz deve arrastar atrás de si com muito esforço os mortos (atados uns aos outros?) e por isso ficar cada vez mais sem fôlego ao falar, ofegar, até que em algum momento terá que interromper o monólogo, pois não consegue seguir. Dependendo da sua condição e de como estiver se sentindo no dia, isso vai ser às vezes mais cedo, outras vezes mais tarde. E então o monólogo simplesmente acabou e está acabado.

Mas claro que vocês farão algo totalmente diferente.

Jackie: Então eu marco a mim mesma como a minha silhueta, que não saliento. Visto roupas que não sobressaem. Minha silhueta é criada ao ser salientada, e simultaneamente cimentada. Ah é, não, o que escolho agora é essencial e escolho outra coisa: minha silhueta não deve ser cimentada, ela deve antes ser insinuada. Minha cintura não é o que eu mais acentuaria em mim. Eu macaqueio no meu macacão ou como é que se chama isso que as meninas vestem. Eu sou a menina dentro da mulher. Eu me suspendo educadamente quando falo com alguém, e ao mesmo tempo permaneço, lá de cima, firme no chão. Cubro um lugar inteiro. Prefiro ser pendurada em todas essas imagens de mim, e carregada, assim não tenho que cuidar de nada. Por outro lado, novamente uma atividade furiosa no campo da mobília e decoração. Americana clássica, coroada como um dente podre com tapeçarias Luís XVI, é isso que na época se chamava de bom gosto, imaginem só! Não. Melhor não imaginar nada. Pois não sabemos de que pote servem a imagem no sopão dos pobres. Aí eu teria primeiro que vir e falar com a população, que me deu sua confiança de presente, mas de mim não recebeu nada em troca. É preciso prover tudo com pompa e circunstância, só a si mesma é que não, é melhor você mesma permanecer simples, para isso é claro que é necessário, justo na maior discrição, no mais sussurrado tom de trivialidade, um jeito ousado, mas um que fique totalmente quieto quando você mesma entra em cena como um milagre de Maria. Um milagre que uma imagem como eu saiba falar! Você mesma tem que ser os passos que as pessoas ouvem diante da porta, fazendo-as paralisar de medo. Isso é soberania. Não é o quartinho ao lado da soberania, esse que sempre é retratado nas revistas. É a própria soberania, que joga fora seus membros delicados como roupas, e mãos invisíveis os agarram, mãos que, por assim dizer, caem de joelhos diante de si mesmas. A soberania é vista e também não é vista. É preciso fazer belos movimentos com a cabeça e então amarrar, prender esses movimentos em uma foto, como refém de si mesma. Como amante de si mesma. Por isso eu ligava tão pouco para as incontáveis amantes do Jack, porque elas não se ligaram. Você precisa ser o próprio cativeiro, só então também vai poder cativar os outros. Você precisa ficar quieta, mas na sua quietude falar o mais alto possível, para injetar sensações nos outros como remédio num doente. As pessoas precisam dessas sensações, porque não as têm, mas mesmo assim as conhecem. Elas lhes são constantemente descritas nas besteiras das páginas coloridas, nas bebedeiras das relações consigo mesma, essas são as menos perigosas que existem, a não ser que você mesma esteja no seu caminho. Os pais deles podem morrer, os filhos deles podem morrer, os cães deles podem morrer, mas, se nós é que morremos, todos arremessam suas próprias oportunidades como pedras em uma pilha, erguem os focinhos e uivam. Eles não estão preparados para pisar em falso, e ainda menos preparados para

pisar em nós. Preferem repisar nossas pegadas e ser como nós. E aquilo que eles mesmos não são de todo modo querem que seja descrito para eles, mas como algo conhecido, senão não iam entender. Então para quê, afinal? A gente deve viver para eles? De algum modo faz sentido que um tiro tenha terminado com isso. Não, o tiro foi só o começo! Olhar seus objetos com interesse, como quem vê a si mesmo no espelho, sim, é o que as pessoas sempre fazem. Elas nos veem, mas na realidade veem a si mesmas, em nós. Mas uma preciosidade assim como eu só vem a ter valor de fato estando ausente. No entanto posso ser vista em toda parte. Com uma jaqueta durante o dia. Compro delas em dúzias, mas sem desconto. Eu venho a ser via salientação e cimentação. Minha silhueta não. Ela não é salientada, e meu cabelo também não é cimentado. É laqueado. Também tenho uma peruca, embora tenha sempre negado. A Joan, aquela cachaceira, deu com a língua nos dentes, e foi rechaçada, isso também é mais uma forma de salientar. Mais que tudo! No entanto ela é a única que produziu uma prole responsável. A Ethel: quase que só descendentes irresponsáveis. Eu: metade metade. Assim uma metade compensa a outra. É bem verdade que só sobrou uma, mas pelo menos ela recita direitinho. Ela vive para recitar a mim e ao pai dela, nos resgatar não precisa, já estamos salvos, e não tendo na vida o máximo possível de coisas para fazer. Mas sendo. Pelo menos não recita histórias de outras pessoas. A Joan era a mais bonita de nós, mas ao mesmo tempo a menos. Mas esse Teddy também é realmente um canalha. Quando ainda existíamos como pessoas, chamavam-nos de personalidades, mas o Teddy nem isso era. Por outro lado, ainda está vivo. Nada mal, também. Mas realmente – se afogar enquanto trepa! Bem, pelo menos só ela, a secretariazinha, não ele. Mas ele teve que vir à superfície rápido enquanto o veículo afundava, parece que afundou na hora. Como se o carro fosse uma baleia que tivesse que passar depressa da terra ao mar porque tem pescadores com câmeras subaquáticas correndo atrás dela. O pobre peixinho loiro ficou para trás, lá embaixo, Mary Jo. Sim. O Teddy infelizmente foi nossa última chance, o único sobrevivente, mas não aproveitou a chance, se aproveitou de outra. E assim acabou a carreira da família. Sob demanda me tornei uma estátua, na qual se vê caindo um homem ensanguentado, cujo rosto nesses últimos minutos ninguém jamais vai esquecer. As pessoas também podem se, já que já estamos nessa palavra: cimentar, mas sendo rechaçados e desaparecendo, veja a Joan. Meu marido desapareceu e continuou existindo como uma eterna cicatriz de uma ferida, provida de uma luz eterna, para que não nos esqueçam, eu também estou jazendo ali com as crianças mortas. Mais tarde infelizmente não deixaram o Johnjohn entrar, porque ele não serviu. No cemitério militar: só quem faz o serviço! Agora ele é cinzas no mar, e os barcos da America's Cup passam e o transpassam, também é bacana, né? No pronto-socorro também não é exatamente agradável, para nós quase sempre tudo deu errado lá. O público reage a ambos absolutamente igual, ao desaparecimento bem como ao surgimento. Não é neutro, o público, afinal se expressa especialmente para se tornar o fator decisivo, a medida para nós soberanos, que desabamos em nossa própria cena, e muitas vezes fora dela, porque medimos errado, e então muitas vezes as pessoas jamais se livrarão dessa cena. De algum modo não consigo deixar essa cena, a cabeça despedaçada, da qual o cérebro escorria no meu colo, não consigo deixar exporem-na ao público, que tem direito a todos os detalhes. Os médicos compreendem isso, os homens do serviço secreto também. Todos têm que compreender o que fazemos, mesmo se nós mesmos não entendemos. Oh, Jack, oh, Jack, eu te amo, eu soluço. Também o que mais vou dizer? Não posso alegar que tinha marcado um compromisso aqui no hospital! Nós nos seguramos nos braços um do outro e damos tapinhas de leve nas nossas costas enquanto choramos baixinho, porque tantos de nós morreram e agora nós também, enfim, eu em todo caso estou morta. Está tudo bem, nos dizemos, está tudo bem, deixemos sair, vamos deixar sair cada mínimo pouquinho. Acabo de superar minha crise de choro, agora a Ethel começa com a dela, a Joan aparece sem lágrimas, mas então sim, também começa a chorar, não, no fim não, agora, com certeza, com algum atraso, finalmente suas lágrimas chegam, embora ninguém as esperasse, não, já vejo: elas são sim esperadas. Por nós todos. Em um riachinho claro. Levando as lágrimas para o mar de lágrimas! Onde desaparecem. Com essa expressão facial vocês não vão conseguir nada, melhor pegarem essa outra! Essa já provei em outro lugar, mas lá não ficou

bom. Essa é como um sapato com o qual a gente sobre a escada em silêncio, tropeça e cai lá para baixo de novo gritando. Ah, se tivéssemos colocado a tempo um desses antiderrapantes entre o tapete e o piso, como as pessoas agora fazem! E então tudo que chega é filtrado por um véu preto, vocês vão ver, o sabor é incomparável. Eu me aguentei bem até que veio a Ethel, então peguei meu autorretrato da minha galeria de quadros e fiquei lá, a woman in black até as cintas que me prendiam ao caixão. Os dois filhinhos dispostos diante de mim com seus rostinhos comportados, os sapatinhos vermelhinhos, os casaquinhos azul-claro, eu não os embonequei direitinho?, isso fica com as pessoas por séculos, na memória, vocês vão ver, não, vocês infelizmente não vão ver. Mas podem assistir em filme cinco mil vezes sem nunca se fartar, e no entanto não veem nada. Dei muito bem conta do recado, hein? Tudo feito por mim, convencer as pessoas dessa morte encantadora, em vermelho e azul-claro, a morte na figura de duas criancinhas, adorável, quase como um pedacinho do paraíso, a morte que também as aguarda, ela só não vai ser tão bacana então, temo dizer. Eles abrem as bocas para conseguir apreender. O cavalo sem cavaleiro, as botas vazias viradas ao contrário, com os canos para baixo, nos estribos. Sendo que o Jack odiava cavalos! Era alérgico ao lindo pelo deles. Bom, eu não. Hipismo, tênis, esqui, esqui aquático, esse é o meu modo de me dar um abraço. Logo o Jack começou a assediar essa ou aquela mulher, era só lhe virar as costas, mas isso era da cortisona. Dá tesão, sem nem ter que soltar a mão da mamãe. O mulherengo faz diariamente seus avanços, sem ter tido aulas, mas é um aluno desatento. Afinal, não tem que se esforçar. A montanha vem a Maomé. Nenhuma escapa à sua personalidade. Ele entra em qualquer mulher, mas não entra numa discussão comigo. A coisa com a Marilyn eu esclareci com o Jack, finalmente, ele me disse que já tinha terminado com ela antes dela morrer, enfim, ninguém pode responsabilizá-lo por essa morte. Ele disse que ela já tinha grandes problemas muito antes de ele se encontrar com ela. No fim cheguei à convicção de que realmente não se podia pôr nele a culpa pelo que aconteceu. Seu pai sempre paga. Se pagou para mim também. Se tenho que casar e devo permanecer casada, então seu pai também deve pagar. O meu não pôde fazer isso, pagar. Eu tive que casar, de outro modo não tinha como demonstrar meus encantos, eles precisavam mesmo de um endereço fixo, bem fixo. Não como essa Sylvia Plath que pôde pegar uma bolsa na revista feminina e por isso quase morreu envenenada com a maionese de lagosta que ofereceram lá para as moças, bem, ela teria sido poupada de um tanto, também. Para mim nunca teriam servido um negócio desses. Ninguém ousaria. Vejam, não preciso de uma bolsa de estudos para morrer, já sei como faz. Já sei desde antes. Sei como funciona. Tanto faz o quê. Alguém como a Plath nunca se torna um ícone, fora para mulheres estúpidas que pensam que lhes teria sido dado um intelecto próprio. Ridículo. De onde haveria de ter vindo?! Para que iam usá-lo, fora assuntos domésticos? A minha bolsa na Vogue eu nem pude pegar para começo de conversa. A mamãe foi contra. Você tem que casar com um homem rico, ela dizia, com toda razão. Não vai perder todo um ano. Esse ano pode usar para algo melhor. E então como é que a pessoa fica ali, na sala de espera do juízo final, quando ninguém te oferece um braço de apoio nos degraus, porque tiveram que esperar tanto até que Deus finalmente está aí para apertar a sua mão? Até com o De Gaulle e o Kruschev a gente chegou nisso mais rápido! Aprecie o fato de que mesmo sem isso você poderia ser apreciada por tantos homens! Tempo para um poema, absolutamente, mas melhor ser a sua roupa um poema! Isso mesmo. Você tem que se conformar! Só quando você chamar a atenção onde quer que vá é que de fato se conformou. Aconchegue-se na carne, mesmo que esteja estragada, importante é que a guarnição seja abundante para a carne desaparecer embaixo. Seria impossível no campo da educação de soberanas fazer melhor do que a mamãe fez comigo. Ela não me vê, mas tem razão. Ela mesma também fez assim. Eu sim me vejo, mas só o que vejo é ar com uma dor profunda, como água que se transforma num caminho para você no esqui aquático, dura como uma rua que jaz diante de você, mas mesmo assim é possível se afogar nela. Isso jamais seria possível com uma tempestade de chuva ou lágrimas. De lá você sempre pode sair. E por que é que o presidente deveria aprender, se as mulheres já vêm sozinhas? Esses homens. Os primeiros homens a ficarem sexy graças ao esporte. As irmãs também. Não, isso não bate. Só hoje, que mulheres esportistas têm que tirar a roupa. Elas começaram.

Essas líderes de torcida. Sempre rugindo, apertando, chutando, gritando, sempre botando lenha na fogueira e soprando o fogo, caindo umas sobre as outras, esportistas profissionais, jogadoras de futebol, mordendo, pisando, arranhando. Isso sempre souberam fazer, essas mulheres repulsivas, atirando seus nervos por aí como um arco-e-flecha, em todas as direções, mulheres que se empurram umas às outras como automóveis numa grande avenida lotada na hora do rush. Como se a fossem ser lançadas no ar qualquer momento se não se agarrassem firme à terra. Ou talvez faça sim sentido que nós, figuras femininas fibrosas como éramos, sem nenhuma carne nos ossos, tivéssemos nos tornado casas modelo, o showroom da nossa geração e de todas as seguintes? Especialmente eu. Olhem para nós e encomendem logo algo parecido, pois igual jamais vão conseguir! Parecia que jamais poderíamos ser vítimas de decomposição, afinal simplesmente não aparecia nunca nem um grama de carne nos nossos ossos. De algum modo éramos: descarnadas, saudáveis, sim, e no entanto nossas carnes sofriam os piores golpes. Se fosse realmente carne. Assim o destino nos pegava numa rede de proteção e nos lançava sempre de novo às alturas, tanto faz o que tivesse acontecido. Sim, o destino tomava nota de nós, e então nos passava a limpo, até o fim de nossas melhores páginas. Desde então ele só cola da gente, o destino, faz a cópia da cópia da cópia. Não lhe ocorre mais nada de novo também, ao destino. Um romance prolixo como que roubado da vida, não, éramos mesmo a própria vida! E nós que éramos roubados! E não era só um pouquinho! Ninguém tinha a menor vergonha. Ninguém mantém eternamente a forma, só nós não precisamos de reforma. Nos conformamos com o peso dos anos, mas pesamos tão pouco. Nem temos corpo. Por favor, destino, sirva-se! Um momento, só tenho antes que me enfiar na minha forma, que veio predeterminada pela roupa, e indiquei ao Mr. Cassini para preparar a roupa à minha medida, mas de modo que jamais encoste em mim. Em mim nada nem ninguém pode encostar se eu não quiser. Só o destino não se conformou a isso. Então agora ainda cubro minhas unhas roídas com as luvas longas ou meio-longas que me restam, e seria isso mesmo. Branco é minha cor favorita, eu a partilho com a morte, a alvejante final. A amada limpadora universal. Limpo assim nada fica, a não ser que ela ponha a mão na massa. Ela sempre só encolhe os ombros, e não como sinal de lamento. Com todos os meus vestidos preciosos, esses montes e montes de tecido, consistindo apenas de linhas de fundo, de onde são dados todos os passes, todos os chutes, bem na mira, mas só uma vez, não, duas vezes acertaram realmente o alvo, com todos esses trapos, metade planos, metade volumosos com enchimentos, quero simular que embaixo não teria corpo algum. Embora eu apresentasse um sim, atlético, tonificado, musculoso, nessa nova variante que desde os anos sessenta você podia comprar em todo lugar, se bem também que só poucas pudessem pagar, eu o apresentava por assim dizer como um conteúdo sem conteúdo, em incontáveis revistas. Na televisão. No cinema. Não sei mais onde, em toda parte. Eu era tonificada, quer dizer, eu dava o tom. Tonificar, salientar, não precisa ser aumentar, como já falei, também pode ser um aumento do que se retira, uma retirada. Sempre decente, isso é importante, sempre espelhar os próprios charmes, deixá-los surgir no espelho, só não ser você mesma charmosa, senão você seria um homem, afinal! A inventora do vestido de noite sem alças e da minissaia no serviço público. No meu estágio pré-linguístico, que também se poderia chamar estágio das roupas, enfim na forma em que ainda não se fala, mas que já está aí e espera sua declaração diante do tribunal das massas, mas os comentadores falavam ininterruptamente, sempre interrompendo. Sempre falaram sobre minhas roupas, quase mais do que sobre mim, e isso não é pouco! Ela era a minha escrita, a minha roupa. Meus vestidos eram mais individuais que minha linguagem, compreendem, e no entanto eram só linhas, afinal, a forma básica, toda a ornamentação só acrescentada, singela, essencial. Círculo, quadrado, esfera, cubo. A forma adequada recuava diante de mim, pois eu só banhava a silhueta assim, como as vagas a Vênus nascida da espuma. Mas eu era a espuma dos sonhos de outros, estranhos. Inúmeros estranhos. Que estranho. Como é que eu podia alcançar ainda mais longe? Ser os próprios sonhos? Por Deus. Estar em todo mundo. Que horror. Aqui estou sempre só eu, na costa que o vento sopra. Os veranistas se foram, só sobrei eu. I love the autumn, and yet I cannot say all the thoughts and things that make one feel this way. I love walking on the angry shore, to watch the angry sea; where

summer people were before, but now there's only me. Uma expressão desliza sobre meu rosto, ela corre, se esforça, mas mesmo assim é detida imediatamente, e apreendida por todas as câmeras. Nunca mais serei só eu aí. Nunca mais. Ela escapa, minha querida expressão, antes que eu possa cuidar dos pormenores, e agora está em toda parte, como uma idiota. Não, idiota ela não era, isso não. Faz tempo que não me desloco tanto quanto antes. Vou me deslocar para outro lugar, para a Grécia. Tenho uma notícia para você, disseram ao Bobby. Atiraram no presidente. Quê? Disse o Bobby. Ah. Eu... É sério? Sim, foi assim que ele falou, o Bobby, mas só uma vez, não precisava falar uma coisa dessas duas vezes. Na próxima vez já era a vez dele próprio. Acho que é sério, disseram para ele. Nunca mais eu conseguiria alcançar tanto quanto daquela vez! Quem poderia superar algo assim?! Dormir entre dois mares, quem é que consegue. Sequer consegui alcançar o pedaço de crânio no capô onde tinha subido. No dia seguinte não conseguia me lembrar disso. Uma fuga não foi, de modo algum. Só consigo me lembrar que podia ver uma parte da parte de dentro do seu crânio. Tinha cor de carne, enfim, na verdade como uma coisa mole, né. É parecido com as roupas, nas fotos parecem duras, imateriais, mas na realidade são bem macias, se podem te embrulhar toda, se você as permite. Eu não permito, senão me tornaria humana como uma noite que passou. Irrepetível. Nenhum segundo repetível. A morte já é absolutamente irrepetível. Também sei que pensei que o Jack tinha a aparência de quem tem uma leve dor de cabeça. Tinha uma expressão facial tão confusa, e levantou a mão, deve ter sido a esquerda. Também sei que gritei como antes só tinha ouvido minhas cunhadas gritando na praia. Eu escorreguei do banco e tinha cabeça dele no meu colo, disso me lembro perfeitamente. Sabe, mais tarde tinha essas imagens minhas, como escalei por trás para fora do carro. Mas disso não me lembro absolutamente. Atenciosa eu sussurro intimidades dentro do crânio do Jack, mas ele está factual e clinicamente morto. Mais do que é mostrado não dá para saber. Isso também é como as roupas: Mais do que se mostra não dá para saber. As roupas são absolutamente mortas, embora em mim pareçam viver. Ou eu só vivo através das minhas roupas? Tanto faz. De todo modo é uma característica bem peculiar. Só não sei se minha ou das roupas. Então nas fotos de novo: morto. Dá para intuir o que as move. Que é uma mulher que as move. Por isso me interessei tanto pela moda. Ela é o que ela é. E aí desaparece o ser humano. No meu conjuntinho tem sangue e nacos de cérebro, mas o conjuntinho rosa será lembrado, porque é um conjunto em que está metido o meu espírito, que não cessa de aprender até poder se tornar ele mesmo o revisor. Em uma editora. Também daquela vez atiraram de um depósito de livros. Os livros são depósitos de coisas, e o depósito está sempre e cada vez mais bagunçado. Aquilo que se acredita tem que ser imediatamente abandonado. Senão, os outros também vão acreditar. Mas um vestido por sua vez tem que ser comentado, senão não existe. O vestido surge na descrição, os sublinhados vêm de mim. Vocês têm que ler até as notas de rodapé. Essa nota diz que as manchas nesse conjuntinho são sangue e massa cerebral. O que há em volta é só ênfase e enfeite, mas o que conta é o conjunto, o conjuntinho. Sabemos sobre o sangue e o cérebro e que eu sou a roupa, não, a roupa é mais que eu, é maior, nunca se dissolve na minha forma, ela se afirma corajosa contra mim e permanece para sempre na memória humana. De mim permanece o rosto branco, a massa capilar preta, como uma montanha inflexível, e também, como é que se poderia flexionar uma montanha? Os olhos muito separados, onde nenhum óculos de sol encaixa direito, porque os olhos sempre tentam destroçá-los no meio como uma pantera com sua caça. A pessoa sempre parece tranquila demais em comparação com a sua roupa, na qual o vento sopra e soluça por si mesmo. Minhas roupas me circundavam como crianças chorosas, assustadas, elas fugiam de mim, mas sem mim não seriam nada. Não, isso não bate. Elas não precisam de mim. Elas têm uma grande inclinação, mas isso afinal qualquer montanha tem. Todos esses queridos. Nunca me davam as informações que eu desejava, por isso meu jogo era: dar-me um valor, e esse valor era cimentar o cabelo e suavizar a silhueta. E aquela Marilyn me parodiou na Vogue com aquela peruca de gesso preta com a curva para fora embaixo. E o colar de pérolas todo! Aquela louca. Não entendeu nada. Eu sou decalcada do espaço, do escuro, esculpida com a luz. Ela era a luz. Isso ela não entendeu. Mais frágil que a luz não tem lhufas. Um toque e ela se foi. Mas o

escuro permanece, afinal todo dia a noite vem. Não ficou mau como a Marilyn fez, a peruca escura, não lhe cai bem na realidade, mas a gente percebe a intenção e nem se incomoda porque tanto faz, ninguém está escutando, todos estão olhando, mas não significa nada. Eu que sou a significante, não ela. Uma pessoa não pode ser tão significante quanto eu. Ir atrás dela naquela casa onde sempre fulgura a luz eterna, isso o Jack não quis, não. Teria lhe saído caro demais. Mas me oponho a essa pobre coisinha maquiada, esse rochedo de giz: Ser magra, isso dá poder! É bem verdade que não sou magra, mas posso parecer, porque domino a arte de me vestir. Estou no meu habitat natural quando me mostro, pois não sou somente: luz. Não sou tão fugaz. E, se quero fugir, não me deixam. Sou minha roupa e minha roupa é eu, enfim ela é: mais do que luz. É aquilo que não pode ser mais. Não é aquilo que pode não ser mais, que não pode mais ser. Quer dizer, como posso dizer: não tem carne por baixo. O que ela é ela é, mas ela não é perecível, pois não é carne. Eu não feneço. Eu me permito me sentir totalmente em casa no meu corpo, porque ele está envolto em roupas que me dão segurança. Também não está dito corretamente. Pois bem, os olhos muito separados e a boca sensual, sobre a qual também vão pensar por muito tempo, mas também como se pensa em algo como as roupas. Meus olhos, minha boca são acessórios. Meu contorno é complexo, mas existem as suas abreviações que as minhas roupas expressam, e as emprego todas para me inscrever, me estenografar no livro da humanidade, no seu álbum de família, ali tem alguma coisa para todo mundo. Uma abreviação que no fundo é uma variação, sem identidade ou forma. Tudo é inseguro, por isso pareço tão segura. Só mulheres no fundo inseguras como eu é que parecem seguras no sistema mundo. De nós, figuras públicas, exige-se dureza, e nós endurecemos tudo. Mostrar as pernas! Isso nenhuma tinha ousado ainda. Nada de silhueta. Mas tudo de pernas, até os ossos! Mesmo no dia da posse, quando quase morri congelada no meu casaquinho de lã. Mas me distingui dos visons longos das madames. Você não entende isso, que alguém pode se submeter a isso? Então escute: Pode ser impossível que falte algo, senão faltaria tudo. Quer dizer, algo pode faltar tão decisivamente que sua existência mesma sequer está dada mais, mesmo que ainda tenha um resto dela aí, não, isso não foi dito corretamente, não sobra espaço de manobra para a existência, e por isso a própria existência se torna o espaço de manobra. Mas só nós escolhidos podemos fazer nossas manobras lá dentro. Os outros ficam na beirada e tentam se enfiar lá dentro. Não dá. Não tem peça de roupa sem costuras. Bem, vejam só. Se falta a costura – nada de roupa! Aquilo que tem que ficar junto não nasce junto afinal. Quem haveria de saber isso melhor que eu! E é assim que me conduzo comigo. Eu sou a costura, mas o tecido no meio está em falta, ai não, agora troquei tudo. Enfim: a minha existência só se torna significante conforme vario a ênfase. Logo vão falar mais do meu vestido Duchesse branco para o bem do voto e felicidade geral da eleição, minha camisa Vichy xadrez com shorts, na praia, para o bem das crianças, e do meu conjuntinho Chanel rosa para o bem-estar e bem-morar da morte, e do meu conjunto de lã vermelho que, depois do anúncio do resultado da eleição, quando os votos e as vozes chegaram no pico absoluto, cobre o rosto no meu ombro, leal, ou era o próprio ombro que cobria meu rosto? Tanto faz. De repente estou ali sozinha e começo a chorar. Isso das costuras, que eu sou, me ocupa: o, que eu sou, é para as pessoas colorirem. Cada um vê uma coisa diferente. As costuras são ou não são, não dá para ter uma colcha de retalhos, isso tem retaliação, dá para deixar saliente como uma silhueta, não a minha, uma outra, a minha não é o melhor em mim, tenho que despistar dela. Partos demais, mais da metade deles em vão. Tudo bobagem. Abortados ou natimortos. Da morte da pequena Arabella e da morte do pequeno Patrick nunca vou me refazer, nem mesmo na eternidade. Agora lhes dou o pai delas ainda por cima, uma criança precisa do pai afinal de contas, e de quebra mais um aborto sem nome, que eu justo agora precisava menos do que nunca. Um foi suficiente. Mas o segundo e o terceiro também. Eu simplesmente fui atrás deles. Não podia ter sido melhor para mim. Por mim a morte pode ficar com todos, agora finalmente ela também tem a mim, a morte, essa velha coisinha deslavada, essa velha calcinha desbotada de tanto lavar, essa vespa calminha e cansada, enfim. Um vestido assim também, dono de uma forte inclinação pela retórica, você pode descrever e você pode proscrever, como o Jack fez. O Jack era indescritivelmente atraente, para os homens tanto

quanto para as mulheres. Isso as drogas não lhe tomaram. Eu também as tomava. Por décadas. Um doutor específico para isso. Muito bem. As doces delgadas drogas, que sempre falam mais alto que tudo, mas a roupa tem a vantagem de ser e poder ser vista. As drogas nos dão suporte total, é muito injusto que não possam ser vistas, que sejam tão desprezadas, as pobrezinhas, que enchem nossa existência com algo tão maravilhoso! Maldade. Dá para ficar o dia todo acordado e animado e sem dar nas vistas. Dá para ficar dia e noite acordado e autoritário e sem dar nas vistas. Engraçado. As drogas são aquilo que a humanidade toda sonha, mas só poucos podem vivenciar realmente. Que bom. Nosso médico era o melhor. Sempre ficou de boca calada, esse homem maravilhoso, a quem demos o máximo de trabalho possível, enfiando na boca tantas dessas coisinhas delgadas e divinas. Nós ficamos iguais a elas, divinos, delgados e desenvoltos. Elas nos fizeram rijos, rápidos e resistentes. Deixo aqui meu muito obrigada, mesmo que muito atrasado, mas mesmo assim, ao senhor doutor na sala ao lado. Na sauna ao lado. Obrigada também por sempre nos seguir com lealdade. Os homens sempre falam eles mesmos, não gostam que falem por eles, a não ser que seja algo desagradável, aí empregam um porta-voz ou simplesmente deixam a droga falar neles e por eles, conduzindo-os milagrosamente. As lágrimas são só aparência, o riso só aparência, a energia só aparenta ser uma bebida, na realidade são as drogas, sobretudo esse estimulante, fantástico, como um vagabundo pode se mover rápido!, faz você saltar para fora de si, literalmente! Vocês têm que experimentar alguma vez! Vão rolar para fora de si mesmos como uma lágrima única, límpida, diáfana, mágica, que tivesse escapado de você mas sem nenhum esforço. De dentro de nós, mulheres, o que quer que façamos, sempre fala alguma outra coisa também, e mais intensamente, infelizmente, do que tudo, e acontece que é a morte. Porque a gente tantas vezes se desencontra da vida. Sim, a vida também fala de dentro de nós. Mas quem fala mais alto é a morte. Aí a pessoa quer pegar alguma coisa bacana para o almoço na prateleira do supermercado, e quem é que fala com a gente sem a menor cerimônia? A morte. A morte no legume, a morte no peixe, a morte na fruta. E a culpa é nossa. A culpa é nossa se tudo isso foi plantado, porque queríamos alimentar nossos filhos e maridos, e agora a culpa é nossa se as plantas se voltam contra nós. Se a natureza toda se volta contra nós. Por favor, um exemplo para a viagem de volta: Meu marido sofria, desde 1940, de uma uretrite crônica – uma inflamação do canal urinário como consequência de uma gonorreia. Sua doença de Addison impedia a cura, o sistema imunológico estava enfraquecido. Fora isso, na sua autopsia foi atestada uma infecção por clamídia. Ela é transmitida exclusivamente por contato sexual, bem, por favor, de quem para quem, meu bem? Porque eu garanto que não comprei essa doença, mas recebi a encomenda mesmo assim. As minhas pérolas verdadeiras só recebi mais tarde, do Telis, mas a doença levei na hora. Meus abortos e natimortos foram provavelmente consequência desse contágio. A clamídia pode, como se sabe, prejudicar a bolsa amniótica, impedir que a bolsa feche em alta antes que o investimento esteja maduro, acarretando abortos e nascimentos prematuros. Ninguém mantém a forma, já disse, outros também dizem, eu também já disse para as roupas, e elas me ouvem: elas se dissolvem totalmente na forma. Só sobra a forma aí, e ela permanece como que pregada. Então: não tem mais nada. Resplandeço com o sorriso forçado nos meus olhos, entre meus filhos mortos, um brilho eterno, luzindo pela casa adentro, sofrendo para o mundo lá fora. A imprensa está vendo. Nos meus braços a criança estava morta. Uma delas nem me mostraram, a outra eu nem consegui ver. Sim, o Jack me contagiou e me privou da informação necessária a respeito de por que e quem eu tinha a agradecer por isso. Eu tinha ele a agradecer por tudo, afinal. Ele beija como uma espécie de Casanova, tanto faz quem beije, do jeito que lida com sua clientela, o público. Ora, o Jack não precisava de costuras e não era uma costura, isso é bem certo. Era um pacote, um vazio, aberto muitas vezes, nada dentro, um pacote que só chega depois de ter despejado seu conteúdo secreto sobre tantas mulheres. Não sobra nada. Tudo sobra, mas não para mim. Nós nem existimos. E no entanto: Somos os comandantes do público, que nos dá de presente nossas casas e todos os nossos arredores, dos quais somos destacados, para a eternidade. Somos feitos para a eternidade, mas não sabemos por quê. E ainda que andássemos pelo vale da sombra da morte, somos feitos para a eternidade. E ainda que andássemos à procura de um marido,

somos feitos para a eternidade. A luz é falsa. Vejam, essa luz, que vem dessa mulher, a Marilyn, essa luz é falsa, e por isso essa mulher, pela qual não poderíamos estar menos interessadas, justo por isso é que essa pobre mulher morreu também. Todos morremos, mas essa mulher com bons motivos. Porque não poderíamos estar menos interessados nela. Até mesmo pelas nossas crianças mortas, que sequer chegamos a conhecer, nos interessamos mais do que por essa mulher. E por quê? Também não sei. Não me perguntem! Olho o retrato dela como olho uma cômoda no meu quarto. Eu proíbo ao Jack manter relações com ela, por pena dela, que não haja nenhum mal entendido, afinal ela jamais foi uma rival, sequer foi uma rival, não era nada nem ninguém, embora obviamente todo mundo a conhecesse. O Jack não vai recebê-la, eu digo, e ela não vai recebê-lo, tanto faz, melhor poupá-la, e mesmo porque ela mesma nunca aprendeu a poupar. Eu poderia ter-lhe ensinado, mas a mim é que ela nunca perguntou. Avareza nos gastos, é isso. Poupar consigo mesmo fingindo se dar de presente generosamente, ora eu sequer fingi isso, generosidade. Eu simplesmente era como que costurada a mão, ponto por ponto, não me desmonto tão rápido quanto as outras, embora tivesse bons motivos para tanto. Se o lado direito dessa cabeça já se foi totalmente! Até debaixo da orelha direita! O cerebelo balançando do lado de trás da cabeça por um único fio de tecido, ora, me ocorreu que assim também se poderia descrever meu novo vestido, que vou vestir só uma única vez, como todos. Talvez um com um botão solto. Tentei manter junto o crânio como fiz com toda minha família. Não tinha mais. Não tinha mais nada. Todos mortos todos mortos, esse é meu mundo assim simplesmente, a morte. Outros têm formação, eu também tenho, mais que as imbecis das minhas cunhadas pelo menos, esses centros de seus círculos de conhecidos, todo mundo tem algo assim, mas sempre que percebemos em nós a nossa formação lutamos logo contra ela, porque queremos seguir sendo nós mesmas, plenamente. É o que mostramos também para as massas admiradas. Que somos nós mesmos e não precisamos de nada nem ninguém diferente, nós, não, só eu, só eu, com meu cabelo num topete alto, o chapéu pillbox atrás, o vestido esguio com saiote, as jaquetas justas e curtas com botões grandes e casaco liso. Eu ainda digo a essa Marilyn que ela deve se poupar para si mesma, deve prestar melhor atenção em si, como nós ricos fazíamos e fazemos desde sempre, e também aqueles que fazem como se fossem ricos, eu por exemplo, naquela época eu ainda não era: rica, era até pobre, pobre mesmo, mas de uma família rica, não, apesar disso não precisamos poupar, nós ricos, mesmo que sejamos pobres, afinal sempre estaremos aí, porque poupamos a nós mesmos. Por isso há tão poucos de nós. Nós nos reunimos até que em nosso entorno domine um enorme vazio, o vazio da morte, essa faixa de névoa, essa tarde preguiçosa numa praia particular, essa noite bêbada com coroa e cauda. Esse é todo o segredo. Não tem mais. Não empilhar dólar sobre dólar, mas começar a poupar consigo mesma. Você também, Marilyn querida, mas infelizmente você só existia em duas versões, como luz e como sombra. Você teria precisado do vazio, não de luz e sombra, escuro e claro. Que tudo se encolhesse diante de você ao invés de todos irem te ver no cinema. Ridículo. O que é que vai poupar de si se todo mundo quer ter tudo de você? O que é que sobra na poupança? É relativamente simples poupar na conta de luz, mas quando se quer ver alguma coisa simplesmente há que se acender. Isso da luz é que faz toda a diferença. Você, Marilyn, não é nada mais que luz, a grande indeterminação, o puro nada, pior que a mesa no meu quarto, onde tem flores frescas. Pior que meu chapéu no cabelo chapado, ele mal se aguenta lá, sempre fica tombando, enquanto meu marido tem que aguentar o tombo bem do meu lado. De todo modo, você foi antes dele. Isso é tudo material, Marilyn – você não! Eu digo: Ela não é matéria, essa Marilyn. Ela é deterioração, pois ela é carne. Mesmo se a carne é feita de luz – tem que se deteriorar! Até já se deteriorou, quando o tufo loiro ainda escapou do caixão como espuma de um extintor de incêndio. Ele foi chumbado, meu chapéu, mas a Marilyn, ela naturalmente sempre esquecia de se segurar. O cabelo dela brotou do caixão e não voltava mais de jeito nenhum, a maior humilhação. Ela não podia mais mover um músculo. Com o meu cabelo jamais se daria algo assim. Meu cabelo era uma superfície pura fria preta absolutamente sem luz. Fundida numa forja. O preto prende a luz e não a deixa mais sair da jaula. Ela não estava acostumada com isso, a pobrezinha, e no entanto por sua vez estava acostumada, tinha que lutar contra sua carne

sempre voluntariosa, para poder se transformar completamente em luz. Isso não está certo. Naturalmente sempre ficava alguma coisa sobrando. Migalhas para a matilha, os cães latindo ao lado dela. Aquele cacho de cabelo. Não consigo tirar da cabeça. Saindo do caixão como o pompom balançante de uma líder de torcida. Ela vem do nada, essa mulher loira, que nem é loira, toda semana uma velha russa enfiava a água oxigenada nas raízes do cabelo dela, não admira que os cabelos quiseram sair fugindo quando acharam que era possível, uma vez na vida fugir!, não admira que no fundo ela seja feita de nada, a Marilyn, ela é nada, e permanece nada, mesmo se permanece ela mesma: esse corpo opulento demais, costurado em roupas cintilantes, ela só consegue sussurrar, a roupa, porque não consegue respirar. Happy Birthday, Mr. President, me poupe! Ela se vai, vai embora, definitivamente, por mais curvilínea e terrena, carnuda nos quadris, nos seios, nos ombros, já à beira do informe, acabada de ser pregada na roupa, mas no fundo: não acho seguro, não consegue se segurar, sem conseguir segurar realmente aquilo que lhe dava forma. Uma pessoa enfim que precisa urgentemente da roupa, ainda mais urgentemente que eu, que afinal SOU roupa!, ela foge inevitável e urgentemente. A Marilyn. O cabelo não vai escapar dessa com vida, já estou vendo. A forte corrente de ar, que sempre surge quando se aspira a um valor social novo, a apanhou e levou embora voando, para sempre. A Marilyn. Aí estamos vendo o primeiro nascimento natural, digo, no nascimento do natural, sim, da própria natureza, e então tão rápido já se foi. Dá para ficar assistindo a natureza por horas, mas quando ela estraga – fora com ela! Não se pode fazer nada. Em mim vocês podem ver antes o nascimento do artificial, que encobre a natureza com tal arte que logo é como se a natureza tivesse desaparecido e com ela a vida, como se ambas jamais tivessem sido algo natural. Vocês veem, o efeito é o mesmo, nascendo a arte ou a natureza. Elas estragam quando se encosta nelas, quando se passa o dedo nelas. Sempre ficar bem longe! A natureza bem como a arte muitas vezes se erguem de seus lugares com uma velocidade espantosa, aqui, nessa gangorra VIP, ora uma para cima, ora a outra para baixo, e vice versa, nessa gangorra enfim é sempre você mesmo que cai no chão com tudo. Você não pertence aos proeminentes, seja sincera. Claro que poderia enriquecer sua vida se pertencesse a eles, mas é melhor ficar só com o pensamento. Pelo menos não dá para vê-los, mas eles precisam de você, sem você não podem nem existir! Nós VIPs sim. Vai-se a natureza, vai-se a vida também, eu já disse, pois ambas são uma só, mesmo que nem sempre combinem, por exemplo esses peitos agora deveriam realmente se decidir se querem combinar com os quadris correspondentes ou não. E então também o rosto deveria e também as pernas deveriam se adequar, isso é pedir muito, mas nós ricos podemos pedir isso de nós. Podemos pedir tudo de nós, pois temos tudo. Sim, o artificial não tem que ocultar sua artificialidade, ele pode ser como é. Mas se é a natureza que está em cena, embora ela sempre esteja em cena, mesmo que nem sempre seja muito boa atriz, a pobre Marilyn, então a coisa é séria! Quando começa a brincadeira é que tudo fica mortalmente sério, acredite. Na universidade da vida é possível alcançar diversos graus de independência, o material, a carne, que fica por baixo, se tranca para fora ele mesmo e procura desesperadamente a chave, sim, com a Marilyn foi assim. Eu nunca me tranquei e muito menos me afastei da vitória da artificialidade. A pobre, como se não fosse suficiente, ainda perde a chave, ainda por cima jogada para fora da janela, para que ela não possa voltar a si. Ela sempre esteve um tanto fora de si. Eu mesma determinei o que e quem e onde queria estar. Pois é. A carne é sempre vencida, e fica vencida particularmente rápido quando vem do subúrbio. A carne corre para fora dos subúrbios, literalmente, vem na nossa direção, se ao menos pudéssemos fugir para a costa, mas ela sempre passa ao largo de nós, a corrente toda, correndo para uma banca para comprar fotos de nós, embora estejamos bem diante deles, em carne e osso, mas não, nunca estamos lá onde a massa está. Bem, nem sempre ela passa ilesa, a carne, mas a maior parte das vezes. Quem é que se interessa por isso senão outra carne? Ela nos escapa o mais das vezes e infelizmente tem que reconhecer rapidamente seus limites, quando não consegue mais entrar na calça do ano passado. O meu limite é feito de duchesse e lã, e lá ele permanece. O limite da Marilyn era a sua carne. A pobrezinha. A luz nos escapa, escorre entre nossos dedos. Ela era a luz. Era o fugaz, que já foi, mesmo quando ainda está aí. Ainda lhe são inculcadas sensações, mas é só por diversão. Isso

elas não entendem, essas mulheres. O proprietário do mundo livre ainda lhes diz rapidamente como despedida: tenho intenção de te machucar de verdade se não parar com isso. O irmãozinho dele também lhes diz isso, só que um pouco mais tarde, naturalmente, ele só chega em segundo. Elas só deixam ele entrar em segundo. Mas ela não para um segundo, já não ouve mais isso, a Marilyn, porque tem tanta pressa de se machucar ela mesma e ainda muito mais rápido. Ela nos serve com sua falsidade, a luz maldosa, criando manchas na tela, para a eternidade, que afinal é a coisa mais fugaz de todas, pois não tem começo nem fim, ainda mais fugaz que a luz que as pessoas jogam na tela e ali deixam morrer de fome, não admira que algo assim seja tão grudento e que meu marido quisesse imitar: deixar morrer de fome com os braços estendidos, e se quisermos algo dessa bandeja já não tem nada. Já se foi. Tudo que colocamos ali cai imediatamente no nada. Vejam só. Assim era a Marilyn. Você tenta pegar, não tem nada aí. Só esse cabelo se rebelou, ele não sai da minha cabeça, ele não entra na minha cabeça. Sim, comigo o efeito é exatamente o mesmo. Também não conseguem me pegar, eu não sou carne, sou seu revestimento, sou a roupa! Minha silhueta jamais muda. Sou imutável. E quanto menos é possível, isso de pegar, tanto mais claramente estou aí, mas não tenho luz. Joguei ela fora. Na tempestade de flashes, sem qualquer privacidade, sou totalmente privada, à medida que sou totalmente pública, e uma coisa não diminui a outra em nada. Posso ser provida com uma moldura preta de viúva, posso ser toda provida de preto e pendurar um véu diante do rosto, posso ser neve recém-caída ao lado do Pablo Casals ou do Isaac Stern, posso balançar a cabeça e arregalar os olhos espantada, minha pose favorita, posso sussurrar baixinho e chilrear como uma menininha do colégio que faz a primeira pergunta da sua vida, onde foi parar a cama do Abraham Lincoln, pois quero colocá-la exatamente aqui, já tinha planejado isso faz tempo, mas apesar de tudo isso: Ninguém tira nada de mim. Meu marido pode morrer, meu cunhado pode morrer, vinte mil, cem mil outras pessoas podem morrer, na selva? Sim, por mim também pode ser na selva, para mim tanto faz onde, quem se importa, de todo modo ninguém tira nada de mim, porque eu poupei tudo, investi tudo na minha roupa, e a mim mesma também. Eu sou e não sou. Sou como se fosse um vampiro. Estou morta, mas jamais morrerei. O desejo dos homens, sim, também por mim, onduleja em torno de mim, sou o navio nessas ondas, mas tudo está trancado e pregado. Lã de verdade. Elã e vontade, de verdade. Alto grau de independência material, não, isso ainda não, isso só muito depois. Simplesmente querer ser, sim, só querer ser, e ainda por cima querer ser mantida, isso não dá. Tenho que dizer isso à Marilyn. Ela só quer ser mantida, só espera isso. Ela espera um patrãozinho bacana. Isso não dá. Não dá para querer se perder para ser erguida e mantida por um outro. Disso só saem telefonemas, choramingos de medo, telefonemas, membros balançantes, telefonemas, uso de calmantes, telefonemas e ingestão de diversas substâncias ilícitas. Bom, isso também eu e Jack fizemos por anos, décadas, mas a nós isso não prejudicou. Muito ingerido e muito pouco devolvido. Assim é que se faz. Por sorte o Dr. Jacobson manteve um silêncio de ferro durante o processo. Eu tinha jurado para ele, nosso anfitrião despreocupado, silenciar a respeito do seu cardápio diante de todos fora nós, seus clientes regulares. Obrigada, Doutor Jacobson, por ter mantido a sua palavra. Não como esse Dr. Death, que só quer que falem dele o tempo todo. Mas afinal a morte também tem que vender seu peixe, senão quem é que o compraria voluntariamente? A pobre Marilyn, só posso dizer que ela queria se erguer novamente na vida, justo com o meu Jack! E para isso ainda abandonou sem permissão o seu local de trabalho, simplesmente! O set de filmagens, onde não dava para avançar mais, só andar em círculos. Devia estar louca. Foi demitida, não tem o que discutir. Disciplina é tudo, bem, isso eu tenho, isso temos todos nessa família. Eu sou, como dizer: sólida. Sou minha própria peça de mobília. Sobrevivo de um modo diferente, porque sou de carne e osso e ao mesmo tempo também não sou. Sou feita desse e daquele vestido, casaco, look casual, principalmente calças. Eu sou roupa. Sou diversas formas e variações de roupa. Sim. A luz também é necessária, é necessária para que eu possa ser vista na minha roupa e para que se reconheça os detalhes da roupa. É diferente com a Marilyn. A luz não precisa de detalhes na sua coroa de raios, Stella Maris eu te saúdo. Ave Maria nenhuma está aí para ajudar. Ela não ajuda as mulheres. Ela curte homens. Como todo mundo. Eu também. De todo modo me apoio em mim

mesma, para que pareça maior, embora não seja exatamente pequena, me apoio em mim como um abutre faminto e arranco nacos de carne de mim, para que as massas vejam que eu também sou carne. Elas realmente acreditam nisso! Não, não acreditam. Mesmo assim: apresentei um bom número, né? Tem alguma coisa que permanece, e que desconheço. De algum modo isso me irrita como uma farpa debaixo da pele, debaixo do meu pulôver de praia leve e listrado. Mas também dessa vez não me serve de nada. É uma dor tremenda expressar um movimento emocional para que todos também possam ver, acreditem. Olá? Alguém em casa? Eu te digo, conclui a Ethel a partir de mim e do meu comportamento, que não inclui nenhum convite a ela, o que a irrita bastante, enfim a Ethel diz por mim, sim, por mim, e então para a Joan: Você tem alguma ideia qualquer da pressão sob a qual essa menina se encontra, agora, tendo acabado de perder mais um filho? Eu te digo, essa menina está sob medicação ou algo assim. Ela diz isso, enfim, me bajulando, consolando, mas eu não vejo absolutamente nada, ela diz alguma coisa assim e mais alguma outra coisa qualquer sobre mim. Mas isso é o que os outros sempre são: não o inferno. Alguma outra coisa. Nenhuma outra coisa. Naturalmente estou pronta, sem sombra de dúvida. Nada mais para melhorar, nada mais para piorar. Todos estamos sob pressão, sem sombra de dúvida, mas eu não sou fácil de esmagar. Você poderia apertar e apertar, não sai nada, nem água. Eu fico sozinha, eu te digo o segredo: nunca chegar perto demais de alguém! O que eu preferiria seria me aproximar sempre de mim mesma, para me consolar, mas não tem ninguém lá. Não tem nem o cabelo lá, como com a Marilyn. Ele já se foi por conta própria faz tempo, por causa do maldito câncer. Engraçado né. Não tem nem mais cabelo para cair. Se eu fosse um corpo ficaria admirada. Eu aceno com a mão diante do rosto: Olá, alguém em casa? Mas só vejo a mim. Por que é que eu não deveria me ver? Os outros todos também veem. Não. Ninguém em casa. Nem mesmo meu cabelo. Céus, vejam só isso. Nem mesmo meu cabelo está em casa. Totalmente inabitável. Eu me encontro mais uma vez no meio de uma reforma. As cortinas eu já escolhi. Elas são tão bacanas que ninguém mais vai perguntar pelo meu cabelo. Sim. Assim é que vamos fazer. Sem dúvida.

A Morte e a Donzela V
(A parede)

ATO I

Sylvia e Inge abatem juntas um animal macho (um bode). Rasgam-lhe fora os testículos e se besuntam de sangue. Isso deve ter uma aparência muito arcaica e cruel, bem diferente do que é dito! No correr do que se segue suas roupas ficam então imprestáveis e as mulheres têm que se trocar. Então Ingeborg veste um traje típico austríaco e botas de montanha, Sylvia um maiô dos anos 50, mas também botas de montanha.

Quanto à distribuição do texto, está dada assim, mas as personagens também podem se duplicar ou triplicar, as divisões só indicam divisões no falar, não servem para diferenciar as duas personagens Sylvia e Ingeborg, ambas falam por muitas outras. No entanto dessa vez, Senhor Chefe, Senhora Chefa, vocês têm que seguir as indicações cênicas que dei para as ações no palco, pelo menos em linhas gerais, pois dessa vez são parte do texto. Sinto muito mesmo.

Aquieta. Não são de Urano essas sementes que você está arrancando junto com seus dutos, pelos quais ele se levanta para nos fazer frutificar finalmente. E você também não é Kronos, que simplesmente esparge seu negócio no mar ou na mãe, na buceta dela ou sei lá onde, e você não é a espuma na qual a carne imortal pode nadar, e o que você definitivamente não é é essa Afrodite, que acaba de subir ali no seu novo biquíni, entrando direto na tempestade de flashes, algo assim você jamais conseguiria. Com a sua silhueta. Tomara que a natureza volte a se acalmar logo. Não faço ideia do porquê de ela estar de novo tão excitada. Afinal qualquer um pode chegar aí passando sobre o mar e sem a nossa ajuda, simplesmente assim, espargir por aí a semente o quanto quiser. Nós é que não fomos. Nunca dá em nada quando a gente põe a mão. Nem mesmo se a gente pega uma foice

sai alguma coisa daí. Ração para o coelho talvez, mas mais nada. E também não tem aí nenhuma criança para comer e tal. Se ao menos gostássemos do sexo, do nosso sexo, mas por que haveríamos de gostar? Só porque a gente veio de um sexo? Mas se ali para onde a gente veio só tem pedra. E esse aqui, que você está trabalhando, é só o nosso gurizinho. As cabras estão esperando por ele. Elas ainda não sabem o que aconteceu. E lá na casa da Deméter também estão esperando por ele. Era para a gente fazer a entrega hoje na verdade. Dessa vez elas esperam em vão. As prateleiras do Extra estão e continuarão vazias agora. Para sempre.

Sim, claro. Sim, claro. Com a aparência que ele tem agora elas não vão mais querer.

Do jeito que nós o preparamos.

Do jeito que nós o preparamos.

Do jeito que nós o preparamos. É o que sempre diz a Rita, não, Reia. Mas a questão fundamental permanece realmente sempre a questão da coisa. Agora a temos ou não?

Agora temos, mas é a coisa errada. Tanto faz também: Nunca é o mundo que explode e espalha suas tripas diante dos nossos olhos embasbacados como uma melancia rachada.

Enfim, das sementes da melancia nunca saiu nada ainda. Mas olhe só tudo que a semente de Urano gerou! Figuras significantes. Você nunca viu algo assim! Cem braços fortes na axila e, por pessoa, cinquenta cabeças nos ombros! Todos se tornaram dublês. Não ganham mal. Foi espalhar somente a semente, simplesmente, e pronto. Os repórteres só tiveram que esperar até que os luminares, os deuses, dois a dois, entrassem no teatro em seus trajes brilhantes horrorosos. Faces coradas, bocas preenchidas, quero dizer os lábios.

Figuras heroicas? Nós é que não somos. Conduzir um exército à vitória? Não sabemos. Mesmo assim estamos, sob todos os aspectos, absortas num movimento ascendente, mas ainda não absorvemos direito o sentido desse movimento. Só queremos a coisa para nos lançar por sobre ela, é o que sempre acreditamos. Mas nós a queremos porque somos bonitas demais para morrer. Então vamos. Despedida do período pré-coisa. Apontando o dedo com a coisa para a coisa da coisa toda. Um flip flop por sobre a cerca, subindo a parede, e então caindo, como já sabemos, mas isso não cai na prova, só se for de psicologia, então temos uma recaída, é sempre assim. A coisa que buscamos tanto tempo se tornou supérflua faz tempo, como o conhecimento em si já se tornou supérfluo faz tempo, antes que se tivesse conhecimento. Na nossa escrita retumbam sentenças, uma loucura, um julgamento, uma detenção de nós mesmas, mas bum, eis que já tombamos de novo da nossa parede. Antes de conseguir chegar lá em cima. Antes de conseguir fechar um negócio ou pelo menos a porta. Também não conseguimos chegar a nenhum desfecho. Simplesmente esquecemos da porta da frente. Mal alguém nos pendurou e já estamos no chão de novo. A parede já está despedaçada das nossas tentativas de pendurar nossos retratos.

Essa parede é minha! Vai procurar o que fazer em outro lugar! Agora falo eu, e eu digo em pequenos trapos ensanguentados: Tanto faz como tento embasar minha escrita nos meus conhecimentos e em quais objetos, vide a parede, me apoio, tudo aquilo em que posso me apoiar afinal é o que vejo. Infelizmente ainda não tive muito o que ver. Gostaria de sair daqui e finalmente ver alguma outra coisa. Eu gostaria de viajar, conhecer terras e pessoas desconhecidas.

Escuta só, outra mulher, que não nós, imaginou simplesmente uma parede que seria completamente invisível! Aí enfim você teria seus motivos para não querer ir viajar. Poderia ficar aí, pois nem poderia sair. Não teria que sair para a vida!

Bobagem. Uma observação só pode se dar quando nos é dado um objeto para tal. E que não seja sempre o mesmo! Ou seja, se posso descrever o objeto, a parede, como estando dado e preparado como instrumento para observar algum pensamento, para preservar, não, para reservar, não, para conservar. Então poderíamos fazer uma conserva de nós mesmas.

Você provavelmente quer dizer consertar? Não. Consertar é inútil. Também para quê. Por quê.

Consertar o conservado usando as reservas, isso poderia ocorrer a algum jovem poeta qualquer, mas ele não tem nada a dizer a nós, mais velhas. Sim, enfim, aí você se confia a uma parede e então ela é

a fenda em si e engole a si mesma e se você se pendura nela não tem ninguém lá para te dependurar, quero dizer ou despendurar ou depreender ou depender ou sei lá o quê. Provavelmente só desatenção da parede. Nada além disso. Nós também não vamos além.

Uma parede com uma fenda ainda consigo imaginar, uma em que você desaparece, por mim, mas uma parede invisível, que durante a vida não se pode superar a não ser superando a vida, isso não posso imaginar tão bem. Não foi você quem disse que uma vez teria desaparecido nessa fenda? Era mentira sua. A parede ainda está aí, e você também ainda está aí. Cuidado, então agora você está tentando correr de encontro à parede, até que seu crânio estoure. Você está morrendo no deserto, está definhando na areia, que se esfarelou da parede invisível durante milênios, erodiu até virar farinha. Quem quer pão quemquerpão quemquerpão. Mas a parede ainda não é um dado observável, ela é e permanece invisível. Você capitula e se vai você mesma. Até desaparecendo você ainda estabeleceu uma meta a ser batida, uma meta para tudo o que existe, abaixo dela você não aceita. Menos não te basta, mesmo que menos seja mais, não te basta. A meta é a posição mínima que você aceita. Ela consiste em uma interioridade voltada para o interior. Dá para ver tão pouco quanto a parede, se quer saber. Importante teria sido ainda mencionar que se trata de um conhecimento humano. Mas não daria certo se o objeto do conhecimento fosse um outro ser humano. Mas nesse caso ele é uma parede. Do lado a sua cabeça esmagada, quem será que colocou ela aí, você não é nenhuma heroína caída! Tem tanto para conhecer, e você sempre quer conhecer só essa parede, e só quer conhecê-la para se enfiar nela. A pessoa trepa lá em cima e então: a sua cabeça decapitada sorrindo, eventualmente com uma cabeça de alho na boca, é isso que espera a pessoa lá. Ou uma lista de compras em branco. Com itens lá, indeléveis, até que o papel se desmanche debaixo de merda de cachorro, ossos de frango e miolos de maçã. Depois você mesma tem que ficar de vigia. Sendo ela invisível ou não, a parede, de todo modo você sempre está encostada demais nela, e não vê nada. E acredita, só porque não a vê, que ela seria invisível. E vai embora em silêncio. Cegada pelo seu sofrimento. Mas quando se desaparece é que se é particularmente visível, naturalmente, isso você já sabe. Só por isso, porque algo assim jamais poderia acontecer e agora naturalmente está em todos os jornais. Penso que no fim é só o fato de essa parede não se contradizer e não te contradizer que te provocou a ir se enfiar justamente ali, onde não tem nada. E então de repente fica estreito. Até essa parede deveria te amar! Para que você exista! Você é insaciável. Bem feito que você tenha sido devorada por ela. Como é que se pode conhecer alguma coisa se só tem a parede aí? Já sei como. Forçando-se e comprimindo-se na parede e então se tornando você mesma parede. Você tem que entrar lá de todo modo, ali onde não pertence, só porque lá não tinha mais ninguém. O que é que tanto gosta nela? Ouço ela te deglutindo. Não deve ser nada agradável. Ouço ela arrancando nacos de você, cravando os dentes em você, a parede do conhecimento. Maldade dela. Deixe-me entrar! Mal posso esperar que me seja emitida uma sentença! Já você não aguenta essas coisas.

Peraí peraí! Um momentinho! Um dia eu estava fugindo de mim mais uma vez, e até então sempre tinha dado de cara com o bosque, mas acontece que dessa vez não. Por isso o exemplo da parede. Eu não via o bosque por olhar só para as árvores. Acreditava ver árvores, como sempre, mas de repente lá estava essa parede, transparente. Só as mulheres descrevem esse tipo de coisa. Afinal elas também têm tanto medo do átomo. Os homens jamais iam gastar tempo com uma coisa que não se vê. Afinal se trata sempre de nós, mas não somos nós que somos de fato! Eles iam antes colocar a verga dura, digo, calcular a envergadura da coisa, conclusão: não dura muito! O raio de ação é bem limitado, embora nosso conhecimento se relacione expressamente ao assim chamado objeto. Mas como conhecer algo se o objeto é transparente, mas apesar disso supostamente está aí.

Com licença, janelas bem lavadas no fim ficam tão claras que são quase invisíveis. Afinal isso é bem melhor que ser clara como a sopa de macarrão por onde todo dia chegamos nadando, sob o ressoar e retumbar das ondas do Maggi! Não dá para se afogar nela. Nosso destino jaz em uma colher, se o marido não gostar. Sabemos bem, não se esqueça! Não esqueça que pelo menos para nós há que ficar claro o fato de uma coisa poder ser invisível.

Pensar significa conhecer um objeto. Não, não significa. O objeto, a observação dele, vem ainda antes de podermos compartilhar com os outros as nossas observações. Mas se alguém cria uma parede transparente, então é por motivos transparentes: para não ter que esperar e poder compartilhar sua observação imediatamente, já que não dá para ver nada. Não dá para superar, seja o que for, com ou sem bode. Eles imaginam algo assim. Não dá para ver, mas não dá para superar, e ainda nos aguardam martírios terríveis, isso é importante. Que haja um martírio, isso é o mais importante de tudo. Alguns heróis são pessoas muito bacanas na sua vida privada. Por que se martirizam – não faço ideia. O amor soa e consola, caso seja correspondido, senão só: motivo para mais perturbação e dificuldade para escrever, então o amor é prolixamente contestado, temos contas a pagar afinal, e nada mais conta. Contestado, se preciso até por uma parede da qual não se recebe nada de volta. Sobretudo se é transparente. Como é que se vai usar aí o medidor da determinação essencial de conhecimento humano, para medir se o homem é humano, não, se a mulher é humana, não, antes o homem mesmo. Não. Não, sim. O homem é simplesmente desumano. A mulher, pelo contrário, é humana. É a única humana. A parede é uma observação possível, quer dizer, seria se se pudesse observá-la. Ela é transparente porém. Nenhum eco, nenhum nada. A mulher está lá dentro, todo o resto fica fora. Assim imaginam os que escrevem, que buscam conhecimento, que testam suas habilidades mentais em tomografias computadorizadas, fazendo-se crer que elas existem, o que estou vendo aqui na imagem do projetor de procedimentos? Uma parede. Sua imagem agora foi embora. Pena. Uma parede sem conhecimento próprio, sem formato, sem forma, mas o conhecimento nós devíamos ter. O mais idiota é que você nem mesmo conheceu a parede.

O que é que eu posso fazer! Se não posso vê-la! Você se esquece que não foi a mim que isso ocorreu, a mim me ocorreu aquela outra parede lá, aquela com a rachadura na bacia, não, aquela com a bacia na rachadura, que só eu ouso, não, aquela com a bacia que coloquei diante da rachadura, para que não dê para ver como eu decolo, não, para que não dê para ver a própria rachadura. Para que não dê para saber de onde é que se descola e desaba. Quero me comportar com seriedade. Mas também quero: importar seriamente. Ser importante! E eis ali a parede transparente. Sequer é um fragmento, isso ainda daria, ela é O sujeito mau da nossa observação, é o sujeito normal da nossa observação. Mas como se diferenciam observar e pensar? De modo nenhum, se não se vê nada. Isso quer dizer que a mulher particularmente não vê nada? Provavelmente. Afinal ela lavou essa parede por tanto tempo até que não se visse mais nada. Passa um Veja e não veja mais nada. Também um Mr. Músculo, Pato Purific, Harpic, Cif não.

Mas escrever sobre isso, sempre podemos. Não temos que ter nenhum saber. Não temos que ter nenhuma experiência. Mas escrever podemos. Iluminamos o novo conhecimento com a luminária nova que compramos, parece custar mais que custou, esse conhecimento. A luminária também. Como é que nossos conhecimentos contraditórios vão gerar julgamentos sem contradição, não, o contrário, não, isso mesmo, enfim, como vamos chegar a um juízo sem contradições para mirarmos um conhecimento bem ordenado, se nem podemos conhecer nada além dessa parede?

Então por favor, não trepe na minha parede, eu vi primeiro! Eu fui a primeira a não ver! E já estou lavando faz uma hora, e só agora percebo que é um espelho. Se tivesse lido o modo de usar na embalagem antes, teria percebido que esse spray é só para vidros e espelhos. Para uma parede tem que usar uma coisa totalmente diferente. Mas se fosse um espelho eu poderia me ver afinal. No vidro só se atrás dele estivesse o escuro, isto é, se tivesse algo de escuro atrás. Mas não tem nada atrás. Nenhum problema. Agora o vampiro já acreditou por tanto tempo que não tem imagem no espelho, e simplesmente não era espelho algum isso aí! Talvez fosse simplesmente a parede azulejada da cozinha. Quando não se consegue se observar em algo, que no entanto não é nenhum espelho, isso ainda não quer dizer que se esteja pensando. Infelizmente. Pode-se observar algo, pode-se pensar também, como eu vejo, pela esquerda, mas invertido no espelho, então na realidade é direita, pois é, se era um quadro negro, para escrever e tal, o que você tomou por uma parede? A iluminação é que tira as cores, não, fui eu, e a minha luz não se apagou ainda. Então isso que estou lavando aqui fica transparente como nunca antes ou nem existe.

Alguém mais inteligente do que alguém que é mulher teria percebido isso logo.

Não, ela me pertence, a parede, mas tanto faz o que pretendo, afinal já desapareci nela. Eu a vejo, por assim dizer, não, assim sem dizer, de dentro. Aí se vê mais claro. A mulher lavou por tanto tempo, até que o objeto desapareceu. Pode-se dizer isso sobre nós? A mulher lavou o que estava dado e então os dados lhe foram tirados. Infelizmente não lhe foram dados. Foi uma experiência, posso dizer, quando deduzi isso! Quem eu Eu não Então quem foi que roubou pão na casa do João?

Você só está fazendo tudo isso para colocar a sua determinação como mulher que escreve acima daquela de outras mulheres determinadas. O que você mais gosta é se colocar acima das mulheres determinadas somente pela beleza. Você está excluída, naturalmente. Está excluída a possibilidade de você pertencer a esse grupo. Todas nós o somos, determinadas pela beleza, mas nem todas seguem o que lhes foi determinado. Tanto faz. Você se põe acima de todas. Você dispõe o autocorretor, a luz vermelha acende, a corrente está passando, tudo certo, e agora você determina o valor da sua capacidade de autocorreção e você corrige e corrige a si mesma. Aí liga um transformador e o procedimento de autocorreção é transformado, simplória como você é, é transformado em, bem, tanto faz, conhecimento? Não. julgamento. Desde já, julgamento. Bem que se diz que os juízos não devem se contradizer, só então vem o conhecimento. Aqui está o conhecimento sobre quais dentre as cinquenta topmodels são as mais bonitas e em qual ordem. Mas você não deixa nenhum tempo para os juízos se contradizerem. Você diz o que julga, sempre precipitadamente, mas nunca apressadamente. Eles não são condições, são aquilo que é dito e assim são seu próprio fim. Esses juízos se proferem sozinhos, à medida que é justamente você a proferi-los. Quero dizer, à medida que você os profere justamente. Mas se você os profere, já não são mais juízos. Os meus sempre me ocorrem só depois. Ah, sei lá. O que posso te dizer: Se você tomar por absoluta a essência do seu conhecimento, de que você pode desaparecer em uma parede, então é adequado que essa contradição, entende, parede, desaparecer, paradoxo, enfim que essa contradição se torne o verdadeiro conhecimento. Se não você teria ficado muito tempo batendo a cabeça na parede. Isso também você já fez, eu sei, eu sei. É que de algum modo você parece amassada. De todo modo é bonita de um modo bem diferente do meu, mas com certeza também é bonita. Naturalmente sou a mais bonita. Não preciso de madrasta ou espelho para saber isso.

Quê, eu não sou bonita?

Não, sim, você também é bonita, só que diferente. Eu sou bonita como se deve ser. Você não é tão bonita quanto acredita ser. Mais um conhecimento que no entanto não se refere a nenhum objeto, pois você não está aí. Está na parede e se foi. Ou diante dela e morta. Como esse irmão desse alpinista mundialmente famoso. Ou embaixo e recém-escapada. Mas nenhuma heroína, como já foi dito. Com certeza você vai nos descrever isso tão extensivamente quanto possível.

Não, sim, você também é bonita, só que diferente. Você é diferente, mas como eu. Quero dizer, no que tange ao movimento do seu corpo contra essa parede. Mas quando de fato subirmos a parede, espera até seu corpo não se mover mais da mesma forma do que no plano. Então terá logo esquecido a parede, quando estiver dependurada nela. Ainda vai desejar não ter visto o bosque por olhar só para as árvores. Pois aquilo que então não estará vendo não vai ser nenhum bosque e mesmo assim vai dar de cara naquilo. Com o batom novo e tudo. Ele então vai bicar o muro e apreender o dado, não, o dado apreende o batom, o nome dele é Terracotta da série mate-me da Clinique, quero dizer da série matte da Clinique.

Sai logo do meu sol! Não percebe que já estou deitada ali? Será que sou transparente? Mas estou deitada ali sim, então não vê, estou deitada ali estendida no penhasco, contraio e descontraio meu corpo no altar e sinto como o sol me desonra maravilhosamente, me preenche com o calor do Deus impessoal e imenso da Natureza.

Nem tudo onde você sse enta, digo, deita, é um altar! Se agora você ainda por cima quer afirmar que o corpo do seu amado jaz quente e perverso sob você e que a sensação do seu corpo escultural deve ser incomparável, não mole, não maleável, não molhado de suor, mas seco, duro, liso, limpo e

puro, se disser isso mais uma única vez vou embora. Aí vou embora imediatamente! Então! Estou avisando: vou levar o Apolo comigo! E então adeus, seco duro liso limpo e puro, de uma vez por todas. E então você também não vai poder escrever besteiras sobre ele. Ah não, desculpe, o Apolo já nem está mais aí. Se jamais tivesse estado aí, já teria ido embora faz tempo. Não admira. Se ainda estivesse aí, então estaríamos plenas, íamos rebentar para fora da parede, afinal não podemos simplesmente calar, e a parede também teria plenos motivos para ser transparente. Ela serviria para deixar passar o deus do sol no seu Porsche novo.

Desculpe. Mas o Sol naturalmente sou eu mesma. Isso que você vê não é ninguém senão eu. Você me vê! E se você mesma rebenta: você me vê no meu altar! Mas você afinal preferiu ver uma parede invisível. E isso deveria valer a pena? Bem, muito obrigada. Você imaginou isso de modo muito genérico, mas não compreendeu. Não conseguiu levar isso a uma compreensão e não conseguiu levar a compreensão a uma formulação e agora a formulação tomou a forma de uma parede diante da sua cabeça, e nem mesmo ela você consegue ver! Isso vem de ser sempre tão malvada com os homens, que afinal também nos pertencem. Eles jazem ali como as compreensões normais, diante de você, só precisa pegar, mas não o faz, prefere apreender alguma outra coisa. Bem, divirta-se! A compreensão talvez ainda tivesse sido um objeto, o homem teria sido um objeto para um romance ou uma peça radiofônica, a parede talvez ainda também fosse, mas vendo com auxílio do seu spray de limpeza, e vendo com desdém o seu spray de cabelo, bem, de todo modo graças ao spray é possível ver até o fundo, e vendo assim através dá para ver que nem o sentido e nem o percebido são um objeto no sentido estrito. Tão pouco quanto o sol. Você não pode escrever porque não pode descrever o designado e o desejado como objeto de conhecimento. Mas você designa e deseja errado mesmo. Simplesmente nada está certo com você. Você aponta o homem para suprimi-lo, e só então percebe: Ele está atrás da parede transparente, que você lavou tão lindamente por tantas horas, só para ver esse homem de perto, como se pudesse pegar, o seu papaizinho querido, mas não consegue pegar. Não dá para apreendê-lo. Pelo menos você não consegue. Não dá para apreender isso.

ATO II E FIM

As duas mulheres torcem juntas o cadáver do bode morto sobre uma bacia, o sangue pinga lá dentro, uma bela atividade de donas de casa. Nesse meio tempo se trocaram e claramente tomam cuidado para que não pingue ainda mais sangue em suas roupas. Só no rosto ainda estão besuntadas.

Gemem um pouco com o esforço, mas trabalham com segurança, com pulso firme, sabem o que estão fazendo. Conhecem o caminho.

1) Eu me decido por um aspecto corporal, com relações sexuais, como parte animal e libertadora da vida.
2) Não posso me satisfazer promiscuamente e simultaneamente manter o respeito e apoio da sociedade (essa praga!) – pois sou uma mulher: consequentemente: a raiz única da inveja em relação à liberdade dos homens.
3) Uma vez que sigo sendo mulher, tenho que ser inteligente e conseguir tanta segurança quanto possível para os anos insuportáveis da velhice, quando– com alta probabilidade – não vou conseguir mais conquistar nenhum parceiro novo. Então está claro: Farei de tudo para poder trilhar o caminho habitual para chegar a um parceiro: isto é, me casar. O que traz inúmeros problemas. Uma vez que sou madura a ponto de escolher para mim o casamento, tenho que ser muito prudente agora. Tenho que combater as fraquezas já mencionadas – amor próprio, ciúme, orgulho – de modo tão inteligente quanto possível. Não, me trair, isso não posso!

Não se pode responder uma questão dessas. Não se pode questionar uma resposta dessas. Os heróis estão todos mortos. O resto se lambe mutuamente. O que sobra também. Vamos lhes dar o que fazer, dando-lhes por exemplo o que comer! Vamos enfiar nas bocas deles outra coisa que não seus pintos, uma vez na vida! Não é uma boa ideia? Isso melhora os índices de saúde do reino dos mortos, o que reverte a favor de todos nós, e afinal queremos que tudo fique confortável para nós e para eles, né? No reino das sombras, que são eles. Sombras supremas, das quais de fato sobressaem, apoiadas no bode e balançando as pernas, mas esse cabrão está morto! Só percebem quando já estão pendurados sobre ele com as pernas abertas no ar. Então logo param de contar carneirinhos. A mulher

não tem mais com que contar, não tem onde se apoiar. Os heróis finalmente podem se lançar para fora desse seu aparelho implantado, mas só se antes tiverem comido da nossa sopa nutritiva, a boa sopa, nham nham, na vela instalada, estalando, do palato, essa sopa soa como o amor. Então. Agora lamberam o sangue! Queridos mortos, venham. Afinal essa sopa é de acordar os mortos, acredito, agora só falta provar! *(chama:*) Teresa! Marlene! Ô mulher, agora não sei se você é Teresa ou quem, tanto faz como se chama, estou falando da cega, é para ela vir! Os coxos esperam enquanto isso, mas não por muito tempo mais. Até eles querem sair correndo. Mas primeiro vem a Teresa, ela simplesmente tem que nos dizer a verdade, para podermos comprovar sob condições transformadas se ela também é de verdade. Para que ainda possamos também multiplicar, metastasear esses refugiados, esses pobres autoenganos, por favor, eles já estão correndo. Enfim, primeiro precisamos examiná-la, a verdade. Simplesmente somos assim. Falsas médicas. Curandeiras confusas. Confiando em procedimentos não confirmados, refutados antes mesmo de serem inventados. E se já não podemos conseguir nenhum conhecimento, porque também não podemos fazer nenhuma experiência e porque só raramente podemos estudar física e porque só raramente podemos estudar matemática e porque tão raramente podemos compreender a ciência, então só nos resta o conhecimento humano geral. E a natureza. Em ambos somos especialistas *(torce energicamente a cabeça de bode)*.

O sangue escorre para a bacia.

Exorto agora as sombras para a realidade. Já para a mesa, por favor! Ajoelhar e rezar, então devorar. Se embebedar de sangue. Deixar também o sangue correr em absorventes, internos e externos, se necessário no meio de uma alegação importante. É uma boa distração, como uma mosca na janela. A alegação então se torna alienação no caso da mulher com suas doces preocupações. Elas já se apressam para vir, as heroínas mortas, só por ora ainda não as vejo. Provocaram tudo isso e agora nem se as vê. Para que o esforço todo? Faz horas que estamos no fogão, mas só quando tivermos tirado a mesa é que vão se sentar hesitantes, do alto do seu cavalo derrubado, o Grane ou como é que chama, Iltschi, não, esse não, esse é outro, olhando abaixo para um vale de uma aridez inimaginável, onde as sombras se arrojam e se arrogam, de modo que logo se vê seu sexo, as sombras que são elas mesmas e que ainda por cima podem ver a si mesmas na tevê. Como se já nem fossem o bastante. Como se não fossem bastantes faz tempo. A tela as projeta de volta para elas mesmas, um eterno pingue pongue de bolas perdidas. Por isso a palavra Projetor, que já usávamos antes de existir algo assim, só que elas não se parecem com suas imagens, quando finalmente voltam. Elas são e também novamente não são. Se então o objeto que foi projetado nessa existência enfim fica parado, porque a mão se cansou, então passa a se chamar Entendimento. Elas se empinam, essas sombras, mas nem por isso ficam maiores. Isso só quer dizer que o sol está na posição errada. Ele não tem nada que mandar em nós. As mortas estão vindo agora. Do escuro. Do reino das sombras. Mandamos elas embora e agora voltam mortas para nós. Que sacanagem. A pessoa fica horas na cozinha e aí isso. Esse grito, está ouvindo? Todas querem comer antes da Teresa, mas não querem comer partes da Teresa, e nem ousam sentar à mesa antes dela. Quem sabe o que a Teresa vai lhes dizer, e vai dizer antes de acontecer, ou não mereceria seus honorários em sangue. Provavelmente têm medo de ter que ajudá-la a pôr ou retirar a mesa. Já vem. Mas para isso já temos nosso próprio retirante afinal. Já vem. Ele tem um caminhão e leva todas com ele quando tiver acabado com elas.

Enfim, ninguém aí ainda. Será que somos nós as sombras? Será que somos nós mesmas que temos que vir? Nosso animal sacrificial nos parece ainda olhar para nós como as vidraças de uma casa onde faz tempo que não mora ninguém. Só nos resta a parede? A parede era nosso destino. Caim era o destino de um outro. Você já está vendo a Teresa?

Não. Imagino ela se inclinando sobre nosso caldeirão do Huck e escolhendo uns nacos de carne que sobraram e comendo direto da panela. Você a conhece afinal. Sempre fuça um tempo na comida até pegar o melhor bocado. Senão não pega nada do que vai acontecer. O resto deixa ficar. Assim são as videntes. Fundam com a verdade uma empresa fantasma, e mesmo assim suas ações sobem. Sempre veem só o que querem. E se veem algo terrível alguma vez, então tem a ver ou com animais que pertencem ao deus do sol, que também não está em posição de vir para a terra trabalhar em

agropecuária, ou tem a ver com uma outra mulher qualquer, nunca conosco, tem a ver, já conhecemos essa história, com mulheres que são assediadas por clientes e por isso aparecem nas capas das revistas ou pelo menos se encapam, para escapar desses homens. Nas capas todo mundo pode pegá-las, mas elas não sentem. Oh sim. Mulheres também morrem! Mas sempre mais tarde. Suas imagens ainda duram mais que elas mesmas.

Você sabe, talvez os cegos não possam escolher o que querem ver e o que não.

Acho que mais cedo vi a minha mãe tentando se esgueirar até a tina e engolir tudo antes da Teresa. Para que não sobrasse nada e mais nada para a Teresa. Provavelmente a mamãe queria pelo menos uma vez comer algo que não tivesse ela mesma cozinhado. Mas se você recusa a comida dela, ela logo se ofende. Mami! Eu disse, primeiro a Teresa, mas ainda na porta de casa a minha mãe me proibiu de convidar alguém para comer. Nem mesmo alguém que já está morta, que falar então de alguém que ainda vive, seria uma concorrência insuportável para ela. Mas qualquer forno autolimpante já seria uma concorrência! A mamãe quer dizer que as mortas não sabem se comportar, eles não são boa influência para mim. Ou elas mandam ver tudo de uma vez e demais e vomitam tudo na gente, ou então são chatinhas porque talvez possam precisar da comida para serem por sua vez engolidas por ela. E aí é que entra em cena o gado. O Aquiles ou algum outro, acho que a Christa conhece ele. Ela queria me dar o telefone dele e o e-mail. Naturalmente amanhã ele pode vir até mim e com ele uma dúzia de outros. Se eu o alcançar até então. Quanto mais melhor.

Engolidos pela sopa! Ora, vamos, Sylvia!

Não, estou certa, acredite. As sombras afirmavam antes que haviam deixado a porta aberta a noite toda, mas o mensageiro com a comida e o rebanho, do qual podíamos ter escolhido o que quiséssemos, teria batido na porta errada. No vizinho. Agora queremos nós mesmas fazer a entrega, mas ninguém recebe nossa linda comida. Esse gado não pode ser evacuado. Esse gado ainda tem que matar muitos outros e rebocar e então pintar o muro de novo de branco e pendurar quadros sobre as sombras, para que não se veja mais nada.

Após terem jogado fora sem mais o cadáver espremido, enchem tupperwares com o sangue e os empilham cada uma numa mochila, no fim põem as mochilas nas costas e escalam a parede.

Se digo bom dia ao sol, ele então não me diz nada, o Hélio é bom demais para ser cumprimentado, mas pego essa pedra, está tão quente, então o sol, que não posso conhecer, tem que estar aí, senão quem mais teria esquentado a pedra? Repito a observação com clima nublado: a pedra fica fria. Giro um botão, ponho a sopa em cima e o sol a esquenta bonitinho para mim. Não giro um botão, ponho a sopa em cima e o sol deixa a sopa fria, totalmente. Determinei processualmente que o dado é variável, e de fato sob diversas condições nas quais coloco o dado. É assim mesmo: o sol brilha e esquenta a sopa, se giro esse botão... se não giro, não aparece nenhum sol e as árvores podem ficar olhando uma para a outra como umas imbecis, porque também estavam esperando pelo sol. Eu impedi que viesse. Mas também pode ser que o Hélio simplesmente não curte a gente.

Até as sombras estão indignadas com o seu falatório! Como aviõezinhos de papel de seda, que caíram na boca do povo e agora ficam aí ociosos na brisa depois que o microfone foi desligado. Fazendo ruído como asas de insetos mortos deixando os casacos ao vento. Mas hoje em dia até no concurso de canto se consegue um vento. Então. Onde está esse botão para o vento? Para acionar o botão do vento tenho antes que tirar a sopa do sol. Só tenho uma única boca, mas sempre deixo ela cantar a mesma música de novo e de novo. Já está ardendo, mas nem por isso fico entediada. Para isso mesmo é que casei, afinal. Agora é muito mais tarde. Agora tenho esse lindo fogão a gás e posso enfiar a cabeça lá dentro tranquilamente, até ficar bem passada. Não esquecer: antes ligar o timer! Meus filhos enquanto isso podem se fritar sozinhos no quarto ao lado, afinal agora já temos o fogão novo com mais bocas. Teremos até quatro bocas para cozinhar no nosso fogão se tivermos comprado o novo, fizemos essa previsão por anos! Elas todas também cabem nele, as crianças. Como chama o colega que depois ainda comeu os filhos? Ora, algo desumano assim eu jamais faria! Algo desumano eu sequer imaginaria, embora tenha sido feito muitas vezes. Tudo que existe já foi experimentado. E se agora eu experimentar outra

coisa, amanhã já vai estar disponível em todas as lojas. Olá! Aí estão as sombras, enfim.

Então as sombras vieram porque você não colocou o botão no número que dizia o livro de receitas e não acendeu o sol.

Mas quero mesmo que as sombras venham e nos digam o que fazem nossas amigas que partiram!

Elas partem para outra! O que mais iam fazer. Sempre fizeram. De resto você tem que posicionar o botão de modo que a sopa fique equilibrada na posição média, no três queima facinho. E então em algum momento o sol se vai, até por medo de se queimar, de se perder em uma doce inconsciência, ainda por cima perder sua posição e derreter, olá, gerações futuras!, derreter como uma torrada Havaí, se é que alguém ainda sabe o que é isso, e se entregar como a Britney Spears, se é que alguém ainda sabe quem é essa, não, ela não, todo mundo menos ela, e em algum momento enfim o sol se vai como um flash, não, como um raio que cai na sopa. Eletrólise. Mas disso sai alguma coisa! Então tudo sai. Hidrogênio e oxigênio. Invisível como a maior parte das coisas. A área de especialidade da Teresa. Mas talvez sejam finalmente nossa sombra que vêm aí, porque cozinhamos aqui algo de bom, mas não, ela não quer. Não quer vir. Teresa! (*ambas chamam:* Teresa! Marlene! Teresa! Marlene!) Você tem que nos dizer com quem estão andando nossas heroínas mortas! Para podermos espalhar a fofoca. Talvez até mesmo numa revista, quem sabe, talvez ela nos entreviste.

A Teresa seguramente ainda pode te dizer com quem elas vão andar. Não precisa ficar com inveja. Totalmente supérfluo, é o que será, pois até lá já não vai fluir super bem mais. Invado sua consideração e por isso não consigo mais reconhecê-la como consideração, agora ela está em toda parte à minha volta, e se tornou totalmente desimportante se corresponde à verdade em seu uso fluente, saltando alegre de pedra em pedra e logo escorregando tranquilamente, a verdade que a Teresa deve compartilhar conosco, mas ela não quer a nossa sopa. O sol também não quer esquentar a sopa, e acontece o óbvio: pane geral, e geral como sempre entrando em pânico porque tiraram as conclusões erradas. A sopa engrossa, conduz os pés de modo totalmente involuntário, logo o torce porque não esteve à altura da objetificação dessa verdade engrossada. Ainda agora ela corria fluida pelos lábios, a verdade, agora só sobrou uma lama meio gelatinosa empelotada. Tinha que ter mexido mais, agora quem ainda vai comer isso? Agora infelizmente me perdi, mas a Teresa vai vir, ou não também. Ela não nos diz o que há. Mas espero que ainda nos diga. Agora só falta a Teresa, só ela poderia prever o que vai dizer e se sequer vai dizer alguma coisa.

Ela só precisa observar essa sopa para não querer comer, se quer saber minha opinião. Com uma compreensão, digo, contorção, digo, objetificação, essa sopa nunca mais será objetivada. Por isso não fica quente, também, tanto faz o botão que a gente aperta. Não é própria para admissão no organismo humano, absolutamente, se quer saber minha opinião, e não devíamos perder tempo com ela.

As duas mulheres agora escalam a parede com seus recipientes cheios de sangue.

Elas chamam: Papai! Papai!

Elas berram insanamente alto: Papai! Papai!

Seu papai era nazista e você diz que era pacifista!

Seu papai era pacifista e você alega que era nazista!

Seu papai era pacifista e você alega que era judeu!

A coisa da sopa ainda não rolou. A sopa ficou muito tempo no entorno e agora entornou. Por favor desculpe. Você me esclareceu o porquê, mas ainda não entendi. Nós mesmas devemos meter a colher, porque não tem criança nenhuma e não tem casa nenhuma e não tem mais rebanho nenhum e não tem mais nada aí de que pudéssemos cuidar? Era disso que você estava falando, minha amiga fumante? Estou no forno, as crianças nas suas frigideiras, onde as bati como ovos mexidos. Então vamos nos deitar, não nos resta mais nada a fazer mesmo, que venha o entendimento, para que pelo menos pudéssemos ainda nos entender um pouco com ele. Ele é o único que ainda não jaz em algum lugar esperando a morte.

Medi errado, acho, deito o entendimento mais uma vez direitinho, mas simplesmente não dá para nós duas. Que bom que você está no forno. Não tem nenhuma boca livre onde eu pudesse me apresentar

mais. Vou ter que acender meu fogo eu mesma. Um método antiquíssimo. Mas comprovado.

Na hora de medir você tinha que ter calculado desde o princípio o desaparecimento.

Mas isso não tenho capacidade de julgar.

Mas você julga o tempo todo.

Sim, claro, mas meus julgamentos são notavelmente impotentes. Já me chamou a atenção.

Enfim, para um vivo, como percebo, não é difícil chegar até as sombras. Imaginava que seria mais difícil. Um fogão. Um cigarro. Uma camisola de nylon. A pele nua. Dá para pegar tudo isso e preparar um menu saboroso, mesmo que pareça não combinar. As sombras não vieram até nós, então vamos até elas. Para que pelo menos uma vez tenham motivos reais para reclamar. Não é do destino que reclamam, mas de ter que compartilhá-lo conosco desde já. Por outro lado, estamos lhes trazendo sua comida. Para que se lembrem. Para que se lembrem de que não estão sozinhas.

Do que quer que se lembrem, não vai ser da gente. Sempre trazemos só a comida, mesmo se somos nós mesmas a comida. Elas não vêm para casa, então vamos a elas e trazemos. O sangue. Para a sombra. Só vai ficar difícil quando nós, vivas, quisermos ir e depois voltar. Esse é um bilhete só de ida. Está escrito algo assim nele, eu chequei. E no check-in checaram de novo. Isso sim é o mais difícil, voltar viva de entre os mortos. Só para te dizerem: não pode entrar na cabine com esse carrinho! Até ressuscitar é mais fácil, pois o ressuscitado não está mais entre os vivos, não voltou totalmente, está num entremeio. Para que ninguém possa fazer observações idiotas sobre ele, porque ninguém o vê ali. Mas dá para ler um montão sobre ele. Bem ao contrário de nós, pois queremos justo depois da nossa morte sermos vistas especialmente! Uma parede invisível assim – isso não seria nada para nós! Queremos ser visíveis e servidas com uma guarnição apropriada e apetitosa, no caso da Inge a camisola de Nesso queimada, quer dizer, a camisola de Narciso, que ninguém lhe deu de presente. Ela mesma teve que comprar na Marisa. Essas mulheres sempre têm que comprar tudo elas mesmas. Desculpe, Inge. Mas estou falando a real. Seria realmente bacana se o ressuscitado tivesse realmente voltado para as pessoas. Para nós heroínas não é tão duro quanto para ele, só temos que ir bem pro oeste, até o Cabo Cod, digamos, o ponto mais ocidental, não é preciso ir mais longe, senão se cai no mar. Porque se esqueceu onde é em cima e onde é embaixo. E então temos sempre que cozinhar nossa sopa de sangue, que então novamente ninguém quer e que o sol não quer esquentar e que o botão não quer girar e que o vidente cego não quer meter a colher. Mas então. Mas então. Então vamos nós. Então se sabe que valeu a pena, então as mortas vêm até nós e nós até elas. Mas primeiro vem o papi *(ambas berram insanamente alto:* Papai! Papai! Ei homem! Papai! Homem, papai! O que é que você fez? Papai! *Etc.)*, então vem a mami, e então vem finalmente, tomara, não a Tamara, a Teresa. Tarde demais, como sempre, de modo que dá de cara com aquilo que vem e que ela devia ter previsto, e arrebenta a cabeça. Mas nenhuma heroína vai sair dali. Ela vê, ela vê o que você não vê. Não mais. Provavelmente vai vir bem quando já soubermos de tudo de todo modo. Quem está morto e quem não. Mami e papi vão comer só por educação, estou dizendo, mas a Teresa é chatinha. Ela ri por dentro como num quarto desarrumado, de onde quer escapar com ajuda de um ingresso para o cinema, ao invés de pelo menos dar uma arrumada. Ela ri por dentro como um senhor muito arrumado que quer encontrar com os braços abertos ao invés de se arranjar sozinha. Tudo ilusão. De repente paramos de descer as escadas com nossa comida, porque escalamos a parede que não vimos.

Mas quando a vimos, a parede, então já não pudemos mais contorná-la. Não pudemos confrontá-la. Era transparente, totalmente transparente, mas não transpassável. Então o melhor é subir. Não tem outro jeito. Levamos aos heróis mortos sua comida. Temos que levar. *(berram:* Papai! Papai!)

Meu papai era judeu.

Não, não era. Era nazista.

Não, não era, era pacifista.

O Pacífico? Não, não era, ele era um outro. Era o outro. O Otto. Não o Oceano, onde as estrelas vão se banhar, era apenas um diabético teimoso. Isso era pouco demais para você. Nem mesmo a própria diabetes ele queria reconhecer. Está comprovado.

Ele podia ter continuado vivendo tranquilamente. Nem todo mundo que quer acolher os heróis mortos depois de os alimentarmos é, só por isso, o Oceano Pacífico. E nem todo mundo que morre é um herói. O oceano é um que mata e depois engole os mortos. Mas qualquer outro também vai gostar de acolher heróis. Queremos ser engolidas por alguém, mas de modo que depois ainda sejamos vistas. Que sejamos vistas até mesmo ainda muito mais que antes, antes de sermos papadas. Os três no aviãozinho, olha só, também pegou eles. Que voaram ao redor do mundo. Mal dá para acreditar. Mal dá para fazer alguma coisa e já tem mil mulheres lindas olhando e pulando dentro. Mais um pretexto para tirar a roupa. Mesmo assim. Isso do aviador não pode ter valido a pena. Um golinho e só. E lá em cima quase duzentos. O que será de nós? Sentadas à mesa junto com as baratas diante de louças fossilizadas há séculos? E então deixar todo o oceano inundar? Não. Fora da cama, rápido, antes que ela seja feita, não, fora, cama feita, a roupa correspondente arrancada, despedaçada, recoberta e correta, as meias esquecemos de vestir. Tanto faz. Não tem mais ninguém aí com quem pudéssemos nos entender sobre nossa aparência.

Tem aí uma calcinha suja, lá uma meia, aqui alguém deixou o relógio, a pulseira totalmente manchada. Essa camiseta fede horrivelmente, como um cadáver de atleta despedaçado, que no fundo continua vivo. Senão não ia feder tanto assim. Posso designar como obra minha que eu possa confirmar que essa calcinha precisa ser lavada, e rápido, é para já, essa é a verdade, a falsidade, o conhecimento, o exagero, o menosprezo do nosso prezado inventário. Acima de tudo. Você acredita que aqui estiveram heróis? Você acredita que isso aqui eram heróis?

Espero que não. Senão teríamos chegado tarde demais com nossa comida. E a Teresa já não vem, pelo que parece. Sequer pediu desculpas. Acha que não precisa, com a gente. A versão mais amigável: ela acha que já sabemos de tudo de todo modo.

Então. Essa foi a versão um. A versão dois eu vou simplesmente perder. A versão três nunca vai existir. Tudo o que podemos ver são os conteúdos dos nossos tupperwares. Isso nos basta.

As duas alpinistas chegaram com seus potes de sangue ao topo do penhasco. Respiram ofegantes.

No alto, há um ser todo envolvido em ataduras, inclusive o rosto. Ao lado dele um bastão de esqui (ou dois bastões, como no Nordic Walking), e ele veste um óculos de sol bem escuro e moderno. Come em uma mesa de bonecas com louças de bonecas. As duas mulheres se encostam, depois de uma rápida pausa para respirar, no penhasco, tiram a sopa de sangue das mochilas e enchem com ela os copos e pratos de bonecas. Tudo transborda, o sangue escorre pelo penhasco. As mulheres pegam suas merendas de sangue.

O ser fala, mal dá para entender, afinal todo seu rosto está envolto firmemente em ataduras. Aqui, mas também no que se segue, é possível trabalhar com uma tela de projeção passando o texto:

É fácil o que vocês me perguntaram, mas lhes digo mesmo assim. São as sentenças mais terríveis que jamais foram ditas. Por isso peço expressamente silêncio, pois não as poderei dizer outra vez: Aquele, entre a multidão de mortos solitários, a quem permitirem se aproximar do sangue, esse lhes contará a verdade. Mas aquele a quem vocês o negarem, esse partirá novamente em silêncio.

Durante o que se segue continuam merendando juntas com as louças de bonecas. Brincam, por assim dizer, de "comer", como crianças fazem.

De um rádio portátil antigo ouvimos, lido por uma voz masculina fervorosa:

Dois companheiros seguravam firme o animal pelas pernas, de modo que a cabeça com o pescoço cortado pendia. Isso vocês bem viram, minhas senhoras e meus senhores. Odisseu, o pé posto no escavado da cova, o braço esquerdo sobre a coxa, no direito a espada com a qual mantinha afastadas as sombras, estava à escuta, esperando a figura venerável do vidente cego encurvado. Isso vocês bem viram, minhas senhoras e meus senhores. O cabelo branco revelava sua idade, o bastão na mão esquerda revelava sua cegueira. Isso vocês bem viram, minhas senhoras e meus senhores. Entre as sombras pálidas nos chamaram a atenção algumas mulheres de roupas amarelas e três figuras à margem. Isso vocês bem viram, minhas senhoras e meus senhores. As mulheres eram Anticleia, a mãe de Odisseu, com quem ele teve uma conversa dolorosa, e uma série de heroínas que foram as matriarcas de muitos heróis com quem Odisseu foi

para Tróia. Isso vocês bem viram, minhas senhoras e meus senhores. Mas os homens eram Agamenon, Aquiles e Ajax, com quem Odisseu lamentou os dias infaustos que os levaram ao fim. Isso vocês bem viram, minhas senhoras e meus senhores.

Ao mesmo tempo ouvimos, bem baixinho, e necessariamente em grego antigo!, com uma voz doce de mulher, talvez uma criança, uma estudante de uma cidade, seria ótimo se a atriz ou pelo menos uma delas pudesse ler ou falar as seguintes lindas palavras da Teogonia de Hesíodo (155ss.):

Quantos da Terra e do Céu nasceram, filhos os mais temíveis, detestava-os o pai dês o começo: tão logo cada um deles nascia a todos ocultava, à luz não os permitindo, na cova da Terra. Alegrava-se na maligna obra o Céu. Por dentro gemia a Terra prodigiosa atulhada, e urdiu dolosa e maligna arte. Rápida criou o gênero do grisalho aço, forjou grande podão e indicou aos filhos. Disse com ousadia, ofendida no coração: "Filhos meus e do pai estólido, se quiserdes ter-me fé, puniremos o maligno ultraje de vosso pai, pois ele tramou antes obras indignas". Assim falou e a todos reteve o terror, ninguém vozeou. Ousado o grande Crono de curvo pensar devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa: "Mãe, isto eu prometo e cumprirei a obra, porque nefando não me importa o nosso pai, pois ele tramou antes obras indignas". Assim falou. Exultou nas entranhas Terra prodigiosa, colocou-o oculto em tocaia, pôs-lhe nas mãos a foice dentada e inculcou-lhe todo o ardil. Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra desejando amor sobrepairou e estendeu-se a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice longa e dentada. E do pai o pênis ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo para trás. Mas nada inerte escapou da mão: quantos salpicos respingaram sanguíneos a todos recebeu-os a Terra; com o girar do ano gerou as Erínias duras, os grandes Gigantes rútilos nas armas, com longas lanças nas mãos, e Ninfas chamadas Freixos sobre a terra infinita.

A PRINCESA NO SUBMUNDO (NO LUGAR DE UM EPÍLOGO)

Nas cerimônias não há nada a que fazer objeção. Nelas se faz gestos que todos entendemos, ainda que cada um de nós os interprete de modo diverso. Por acaso a vênia da rainha da Inglaterra diante do caixão de Diana seria uma capitulação diante de quem em vida nem a própria rainha pode dominar e, com isso, diante de um desejo mais que evidente do povo? Ou, antes, se tratava de um ato de humildade diante de uma majestade de categoria mais alta: a morte, que impera sobre todos, inclusive os soberanos? Nos enterros se costuma sempre fazer uma vênia diante do caixão, e os homens devem tirar o chapéu. Tais chapéus se ajustam comodamente sobre todas as cabeças que há no templo: algumas adornadas com plumas de tal modo que, com tanta pedra e vidro, tudo parece mais atenuado. O duro e o suave. O círio ao vento e a rosa de Inglaterra e as verdes colinas da canção do Elton John. Os suaves corpos dos cavalos que puxam o duro ataúde. Um carro o teria feito melhor, mas teria sido muito cru: não teria produzido contraste algum, nem com a caixa de madeira, nem com a bandeira que a cobria. O pequeno ramo de flores com a faixa "*Mummy"*. Os gramados e as praças suavemente cobertos por pessoas, as ruas atenuadas em seus contornos pelos corpos, o balanço dos penachos de plumas, os suaves chapéus de pele de urso da Guarda de Gales. Nem sequer o ar parece a cada instante atravessado, desgarrado, mas como que atenuado pelo feltro de uma baqueta de tambor durante os breves intervalos de cada toque de sinos.

Uma mulher, que já em vida tinha transcendido para o sobrenatural, deve agora descer. Mas, antes de desaparecer definitivamente junto com seu sorriso (em seu discurso necrológico seu irmão se referirá ao brilho daqueles "maravilhosos" e sorridentes olhos azuis) e seus cabelos loiros – tendo a pensar que esse tom de loiro, essa luminosidade mais luminosa do que a natureza havia concebido e que há de baixar à terra – lhe devolve a uma multidão, constituída por indivíduos que, na maioria, não chegam a brilhar em suas próprias vidas, outra luz, ainda que agora como um resplendor semelhante à grossa mecha de cabelo

claro a que se referem explicitamente as testemunhas presentes quando Marilyn Monroe (de quem se tirou a canção de Elton John) foi introduzida no caixão, segundo as quais, ao ser fechada a tampa, a mecha literalmente escapava, como se não se deixasse dominar. A que arquétipo corresponderia Diana? A um que reconciliou o escuro e o claro, de modo que a imensa multidão dos aflitos por sua perda – cada uma e cada um deles – tivera que, acaso pela primeira vez, quase familiarizar-se consigo mesmo e, ao mesmo tempo, com seu poder sobre os poderosos? S., psiquiatra, menciona Perséfone. A filha de Deméter que tem de descer a um reino escuro (na presença de uma escura e "impiedosa" rainha e na de seu filho igualmente escuro, em um reino de sombras, onde os gestos que suas sombras projetam sobre a parede são mais importantes que aqueles que se movem ou os comovem); que, por razão de Estado (com o fim de ser fertilizada para assegurar a linha de sucessão do soberano) tem que descer "raptada" para onde logo acaba por se tornar a rainha de verdade, quer dizer, em quem domina as imagens, porque – de modo inteligente, consciente e seguindo uma estratégia – partilha sua imagem entre as gentes, por assim dizer, em pequenos bocados, com o objetivo de que essa imagem resulte também fecunda ao imprimir as gentes sobre aquela a sua própria: a este ou aquele fotógrafo, a este ou aquele *paparazzo* dá algo; a aquele e a aquele outro não dá nada. E mesmo assim, em um dado momento, a matilha dá uma mordiscada de verdade, porque já está acostumada a receber algo, mesmo que seja uns restos, receber algo da deusa. Na mitologia a rainha do submundo se funde com a donzela (*kore*), A Donzela por excelência, que só brinca de ser Mulher e que, no fim, continua intangível por mais que todos tenham tentado tocá-la. Levando adiante, por assim dizer, o trigo loiro de sua cabeça como um sacerdote católico o ostensório, e tendo dado prova de sua fertilidade na forma de dois filhos, se vê obrigada, antes mesmo da morte, a baixar uma e outra vez porque, mesmo que só para dar algum fruto, a fertilidade também exige a fertilidade do ser-na-terra: o escuro horror por excelência. A donzela da espiga que se entregou à violência de um príncipe escuro (e, decerto, também de um escuro amante de origem duvidosa, inclusive perigosa, letal – traficante de armas? – e da mais que "duvidosa" mudança de vida) para dar de presente às pessoas – graças a suas fotos – a vida eterna. E a donzela não quer que as pessoas morram, donde sua campanha contra as minas terrestres, as armas, que estão primordialmente a serviço da destruição da carne macia, civil, "desarmada", enquanto as outras armas podem destruir todo o resto.

Essa morte é certa, mas, como uma deusa é imortal, de certo modo é incerta. Aconteceu, pode não ter acontecido. O certo não é o real. Essa morte dentro do túnel é certa (ainda que alguns a ponham em dúvida e creiam mesmo que Diana e o amante estão agora unidos a Elvis, e os três com vida, naturalmente), mas também é o que parece? É, dito de outro modo, real? Não houve nela algo de estranho? Talvez tenha havido, do mesmo modo que, há muito tempo, o ouro resplandecente de seu cabelo (que era cada vez mais resplandecente!) já não era "autêntico": a realidade de milhares de fotos e filmes não o comprovava; só o garantia o fato de ter pertencido a um corpo que, além do mais, mantinha a distância que era intangível (ainda que ao mesmo tempo essa princesa tenha se esforçado para se tornar uma princesa do povo, uma que pudesse ser 'atingida; e 'atingir alguém' tem dois significados); um corpo que – mesmo ferido e quase morto de fome numa espécie de hibernação – voltou a ser lançado para cima, para a superfície da terra como uma flor na primavera e, imediatamente, passou a ser real, a ser corpo no sentido próprio. Uma princesa que passa a ser tangível e que, por um lado, pode conservar o status de princesa – do contrário não interessaria a ninguém, porque nós não somos princesas – e que, por outro lado, perdeu de algum modo esse status porque não só não mantinha a distância como também, nos últimos tempos, possuía um baixo ventre. O baixo que se atravessa, para poder ver algo, para que todos possamos ver algo; o príncipe escuro não foi capaz de fazê-lo: não era um amante, era um marido. Aí estão as fotos da academia, com as pernas abertas, quase nua, acariciada por uma capa de fibras modernas colada à pele, as fotos, em roupa de banho no iate, o abraço, e então a mão do amante nas costas, sobre o blazer escuro, registrada pela câmera de segurança do hotel pouco antes da viagem mortal até O Túnel (de volta à terra, outra vez!) e equivalente a tudo isso então durante o enterro, a bandeira do palácio de Buckingham que, pela

primeira vez na história, baixa no momento adequado e cai com suavidade, como o vestido de uma dançarina de strip-tease. O que quer dizer que todos os invólucros cairão porque todos querem saber e, por isso, têm direito a saber o que há por baixo, por trás. Como já se disse, não é certo só o que se vê: também é certo quando o que se diz concorda com o que se vê. Mesmo assim, nessa mulher todos viam uma coisa distinta e chegaram a dizer milhares de coisas sobre ela, e cada uma dessas coisas era certa para uns e outros, mesmo que a maior parte das vezes essas coisas se contradissessem entre si. De modo que para cada um algo do dito era verdade, ainda que a coisa em si não fosse. O que pode ser explicado porque, como dissemos, essa princesa não estava totalmente no presente, não era totalmente "deste mundo", mas também não tinha ido embora totalmente, talvez porque nunca acabou de chegar, ainda que para as pessoas fosse linda "que chega", e, ao afastar-se do mundo, estava na verdade voltando, de modo que cada um podia guardar um pedacinho dela, dela que durante muito tempo não quis guardar consigo nem mesmo o que comia. Contudo, no caso dessa princesa, essas contravenções da ordem (o cerimonial da corte, o matrimônio etc.) deram lugar à possibilidade de uma desordem máxima, quer dizer, à possibilidade de ser natureza e, ao mesmo tempo, outra vez à possibilidade da ordem máxima, porque aí estão essas fotos, fotos, fotos que podem ser recortadas, colecionadas, coladas num álbum, guardadas, cada uma na sua pequena ordem pessoal, como se os objetos, como se a vida apesar de tudo fosse planejável, ainda que não pela razão. Assim permitimos a nós mesmos a irracionalidade, enquanto essa mulher jaz em uma ilha sob uma pequena colina, de modo que não podemos segui-la com a vista (a colina, a ilha permanece fechada) ainda que, definitivamente, tampouco possamos contar com que se faça vista grossa para nós. Só podemos admitir como verdade o que coincide conosco. E assim – como disse o alto dignitário eclesiástico no casamento de Charles e Di – nos transformamos em princesas (nesse dia, pelo visto, todos pudemos ser príncipes e princesas, pelo menos uns para os outros, ainda que para ninguém mais), porque nos haviam dado as imagens daquela como modelo, ainda que se tratasse de um modelo que só nos ocultava a nós mesmos cada vez que o segurávamos no alto para estudar com mais precisão quem gostaríamos de ser. Mas de preferência não mortos. Pois queremos ter algo mais diante de nós.

FAUST(A)(NÃO TÁ)
Drama secundário ao *Fausto Zero*

Duas tvs, onde talvez passem cenas do 'Fausto Zero', que em parte poderiam ser representadas também no palco, filmadas e projetadas. Só uma sugestão. Duas poltronas de tv, em cada senta-se um coro-de-uma-pessoa-só: Espírito(a) e Faust(a), quem quer que seja. Mas ao menos Faust(a) deve ser uma mulher, então, sentam-se nas poltronas de ver tv, diante da tela. Nem preciso dizer que também pode ser diferente. Talvez o Fausto original só como filme? Também podemos fazer diferente. Só eu infelizmente não posso fazer nada.

ESPÍRITO(A):
Ensinar a dirigir, as mulheres? Tem muito mais motivo para torná-las inofensivas. Pois já faz tempo que elas dirigem! Elas seguram firme na mão o caderno onde se inscrevem, e só o delas é que deveria estar valendo. Só esse penteado deveria ser absolutamente arrasador. Hoje em dia elas dirigem a palavra em todo lugar. Aprender a dirigir com as mulheres. Mas tem desvantagens. Ninguém mais ousa nomeá-las. Esse ai e ui o tempo todo, qualquer entonação errada as dilacera, qualquer palavra dura as atravessa, qualquer observação desdenhosa sobre seu cabelo, sua silhueta, sua roupa, suas coxas, suas tetas atinge ela fundo, e aí ela nunca mais consegue esquecer. Qualquer um que faça observações ofensivas sobre o queixo duplo e a bunda caída dela vai machucá-la profundamente, ela não consegue mais esquecer isso. Algo apita fundo lá dentro, talvez o médico tenha esquecido o celular ali, de novo nada está certo, e elas já têm que voltar ao médico. Têm depressão e querem tratar. Trabalham nisso, e querem ser bem tratadas. Não fazem nada e sempre voltam para se tratar. O negócio delas, que nem é delas, vai à falência e elas querem um bom trato, porque não conseguem aguentar algo assim. O negócio elas não deixam tratar, naturalmente. Também não adiantaria nada. Ele é desenrolado como o fio que escorre das mãos das mulheres e com o qual se embaraçam, pois percebem tarde demais que são os fios do seu destino, uma hora eles acabam, e agora com que as mulheres vão fazer seus trabalhos manuais? Virar a mão, dos pés à cabeça? Trabalho cabeça naturalmente só pode ser uma piada, pois de novo: onde é que estão com a cabeça? Onde é que ela estava, agorinha mesmo? Acabar seria bom. Não podemos pagar nada mais barato, porque não valemos a pena. As mulheres são valiosas para nós, como o meio-ambiente, que se desvai, que nos distrai, porque na realidade não está nem um pouco ameaçado. As mulheres pedem ajuda, os homens não. As mulheres buscam tratamento. Ficaram velhas, e então buscam um bom trato mesmo assim. São alegres e jovens, para poderem ser tratadas sem motivo aparente. O motivo é psíquico e/ou subterrâneo e/ou está no ar e/ou sei-lá-o-quê. Voltam a se recuperar. Não se recuperam. Não se vê nenhum motivo, a água já está chegando no pescoço, mas em algum lugar há um motivo aí. Mas não dá para ver. Perdem controle do relacionamento, e vão no médico para serem tratadas. A roda fica parada, nenhum conselho mais, nenhum lugar onde ainda pudessem parar, e vão direto para o médico, e é por depressões. Nesse caso específico até sei. Isso teria que ser tratado, e a tempo. Depressões exigem tratamento, e a mulher vai a todo lado onde seja tratada, tanto faz como. Saem das florestas, as mulheres, das planícies, de longe, do deserto, de uma fazendona nas montanhas, de uma fazenda normal, de uma fazendinha, de vielas, quintais, lixeiras, garagens, escritórios de fundo de quintal, campos esportivos, do nada e para nada elas vêm, elas vêm, para empacotar e enviar mercadorias ardentemente desejadas, ardentemente imploradas. A empresa delas vai à falência, mas elas vão ao médico, ao invés de simplesmente seguir adiante em uma outra empresa. Fora que não tem nenhuma outra empresa. Então vão para o Nada. Passam, simplesmente. Um incidente lamentável é quando lhes roubam a roda com a qual teriam que dirigir para trabalho nenhum. Ficam deitadas na cama, até que venha o médico. Correm por aí com os pés como se fossem ao Monte das Oliveiras, onde já cortaram para elas uma cruz que terão que carregar. É isso que nos dizem, quando enfim vão

embora. Dizem quando voltam. Sempre têm algo a carregar. Compras. Muito provavelmente teriam tido sucesso, caso tivessem tido sucesso. As mulheres são Jesus, todas em um frasco, todas um fracasso, todas fracas, essas mulheres. Não têm nada. Não têm nada. Nem têm mais o que carregar. Não têm nada para vestir. Não têm nada. Não têm mais trabalho. Perderam. Se perderam. Atravessam as ruas e caminhos de seus vilarejos e cidadezinhas, como todo dia, em seus carrinhos enferrujados, que já engasgam desde a partida, no trem, no comboio para o trabalho. A enfermeira no carro francês moderno, que não se dirige a nada que ainda se conhece. Um carrinho, mas ele toca todas as peças, toca para ela a canção da morte. Ele se dirigiria a ela, mas não ao seu assassino. Seu assassino não pode dar a partida, pois no estudo do álcool não avançou até o pendrive que dá a partida nos carros modernos nesses últimos tempos. A essa mulher simplesmente ninguém mais se direciona. Mas o carro dela sim se dirigiria. O assassino girou uma chave, mas esse veículo só pega com um chip. O assassino nunca ouviu falar disso, mesmo assim mata a mulher. Assassina a enfermeira, porque quer ter o carro dela. Agora não tem nada, mas a mulher está morta. Ele se dirigiu à mulher, e agora ela está morta. Ixi. O carro não vai, não tem chave nenhuma disponível. Não precisa de nenhuma chave, mas isso o assassino não entende. Com o pendrive o assassino não está habituado. Não sabe o que é isso e como funciona. A morte da enfermeira não serve de nada a ninguém, nem mesmo ao assassino. Não faz o carro andar. A enfermeira está morta. O assassino agora pega o ônibus. A enfermeira está morta a partir de agora. As mulheres dirigem para o trabalho. Agora perderam tudo. Perderam seu lugar de sempre no comboio, aquele na janela, o lugar bacana que ocupa há anos com ela mesma, gostava desse lugar, podia olhar para fora, no lugar da janela. Lá podia se ocupar por muito tempo com os mistérios da vida, sem revelá-los a ninguém ou precisar se levantar para cuidar de coisas e com isso se sujar. Isso veio depois, muito mais tarde, veio depois de mais de trinta anos no mesmo negócio, primeiro bater o ponto, depois cuidar das coisas. Primeiro bater o ponto na saída, daí tomar cuidado direitinho. As sacolas de compras ainda na mesa da cozinha, ainda não esvaziadas, a massa já devia estar no congelador, esses dois ovos quebraram nos seus pontos fracos. Aí jaz a mulher. Foi arrastada pelos pés e tirada do seu lugar. Todos conhecem esses lugares bacanas na janela. Por tanto tempo tudo bem, por tanto tempo andando bem aí. Perdido. Tudo perdido. Também matam as mulheres. Mas elas preferem ir ao médico, se têm escolha. Tudo nelas seria curado nesse um ponto, nesse ponto fraco pelo qual se poderia pará-las, como a linha de montagem que contudo também está parada. Com um dedo é possível fazê-las calar, quem é que não quer isso, calar a boca dessas mulheres feias, das outras ainda se quer ouvir mais e para isso se lê as revistas delas. A política foi fundada para que as mulheres feias também tenham uma chance, mas as simpáticas, que não foram feitas para tudo, fazê-las calar, não, falar, pois o que está dizendo essa modelo que está grávida de novo? Fazer calar as mulheres mais simpáticas, fazer calar todas, umas por causa disso, outras por causa de qualquer coisa, e sempre porque se tem outros planos para elas, é isso que demanda o homem, é isso que demanda o homem, que salta exultante com sua presa, para se tornar responsável por ela, com um descontrole impressionante. A mulher é levada embora, na conexão doméstica sob a qual os números devem ser apertados. O telefone chamado não existe, isso também enfurece o homem. Tudo o enfurece, pois ele se sente oprimido. A mulher fala e domina. A mulher rege e regula o trânsito. Ela assumiu deveres. Assinou o empréstimo, e agora está dentro. Ela também é importante. É a mais importante, se faz importante o tempo todo. Tanto faz. Não se pode fazer, não se pode nada, não se pode fazê-las calar. Pode-se fazer muito com as mulheres. Ainda desencarregadas do transporte, dos tampões higiênicos e das durezas da reprodução, são por exemplo palcos ideais para mecanismos de precificação e orientação racional dos lucros. Agora ganham o concurso de modelo. Isso é tão legal! Eu me alegro contra elas, pois também queria ter ganhado, mas como poderia se nem participo? Se tivesse participado, teria tido uma chance de vitória. Entre todas as mulheres eu também. Elas são facilitações artificialmente realizadas dos livres movimentos do mercado. São novos postos de informação, onde algo cresce. Ah, se apenas soubessem quem foi o senhor hoje, que era tão bonito e que olhou para uma na cantina, então, vocês já sabem! Sabem, aqui a natureza em

sonhos leves formou o anjo nativo. Desculpem! Por favor perdoem, não vai acontecer de novo. Pode-se fazer parar a linha de montagem, pode-se fazer parar o carro no semáforo, pode-se fazer calar o rádio, a tv, não, por favor não!, pode-se fazer calar qualquer pessoa com uma arma, não, por favor não!, mas não se pode fazer calar as mulheres. Elas falam e falam. E então vão no médico e falam mais. Não se encontra o ponto. Não se vê o interruptor, mas se se visse então se teria tudo em harmonia, e na verdade: essa pessoa seria um médico. Então a mulher ia querer casar com ele. Mas isso não dá. Com esse título pode-se torná-las amigáveis, as mulheres, aí se aproximam de você como o pássaro se aproxima de migalhas de pão. O médico é intitulado e infelizmente casado. Não custa tentar. A mulher vai no médico. O homem menos. A mulher com sua depressão vai agora no médico, a quem amigavelmente se despe e se dispõe. A arte do médico supera todas as outras artes, pois sabe tornar a mulher amigável. A mulher vai a ele e chora e pede ajuda, se tem depressões. Clama e reclama. Outros olham das cascas dos morros e do pico dos pães para elas lá embaixo, veem os fios escuros no cabelo, não há tempo para retingir, veem os filhos em roupas usadas compradas ou trocadas revirando no parquinho, na areia suja, na qual os cães cagaram e mijaram e infestaram e gozaram, essas crianças não foram vacinadas, de fato criança é criança, e brincadeira é brincadeira, mas mesmo assim: esses cachorros não foram desparasitados, as mulheres são vistas, e elas mesmas veem, veem pessoas usadas, usadas como ela, o esmalte nas unhas está quase totalmente descascado, as unhas falsas quase totalmente arrancadas, elas se afastaram da natureza, as sobrancelhas crescem, mas nos lugares errados, pelos corporais também há onde não devia, o cabelo cresceu e perdeu o permanente, ou nunca tiveram isso, o cabelo cresce e perde o corte, feio, a criança é que não cresce, o cachorro está doente, mas não tão doente quanto elas, as mulheres, simsim, as mulheres!, elas percebem bem rápido que têm que ir no médico. E se não percebem uma revista as lembra. Dizem a elas: vá ao médico. E ele então pega as coisas dela. É para isso que existe, já ao dar as boas-vindas o médico pega a mulher. A mulher quer isso, só quer assim, só quer isso dele, se o homem é médico, um outro poderia rondá-la por muitos anos, mas ao médico ela se abre logo. Ele nem queria ter visto tanto dela. As mulheres sempre mostram mais do que se quer ver. O hobby delas: esse médico. Perseguem ele no fim de semana, fotografam com o celular escondidas. Esperam por algo que não recebem. Não vão receber isso desse médico. Espionam ele, olham a mulher dele, mas eu sou mais atraente, pensam consigo. Não, diferente. Sempre se mostram menos do que se poderia ver. Isso que a mulher faz, só pode fazer até chegar o médico. Aí acabou. Aí o médico está lá, e a mulher vai até ele, porque tem depressões tão fortes. De repente eu não conseguia mais olhar meu querido cachorro, e no momento seguinte já me cortei o braço com a faca. Isso exige tratamento. Ele sente o pulso dela e mede a pressão, isso vem com o pacote. Ele estudou, às vezes com a maior paciência, e às vezes o estudo o entediou, às vezes também o exauriu, mas finalmente completou, ele completou seus estudos, o médico, mas ei-lo aqui, pobre ignorante, não mais sabido do que antes. Segura aberta a porta do consultório. Sua recepcionista escreve num computador. Anota tudo que o médico não consegue notar. Nota a mulher com um olhar ardente e astuto. Ele a nota com um olhar cansado e desinteressado, porque não é bonita. Ele é uma pessoa como qualquer outra também. A linha de montagem machucou a mulher. Como é que o médico pode saber isso? Ele não tem nada com isso. A mulher quer que ele tenha algo com isso. A linha de montagem lhe deu a vida de presente. Ela só se lembra ainda da linha. Das alças das mercadorias embaladas, luvas de inverno, roupas de baixo, um urso para o filho, uma boneca para a filha, um massageador íntimo – na verdade é a primeira empresa que oferece algo assim, a primeira empresa que ousou, quando as mulheres ainda não tinham nenhuma parte íntima, pois eram responsáveis por tudo menos por si mesmas – um bastão a bateria, assim, para si e para a consciência de si, mesmo se não se é um si mesmo e/ou não se tem um si mesmo e/ou nenhuma consciência de si mesmo, mesmo se se está inconsciente, aí compramos algo do tipo faça-você-mesmo, não podemos comprar mais, nós mesmos temos que fazer, então as partes para fazer você mesmo também são empacotadas, por outras mulheres, que também têm que fazer tudo elas mesmas, então, algo bonito para vestir no verão também, juro para vocês, nesses pacotes tem coisas dentro, uma

princesa em folha de ouro para ganhar!, mais de uma!, não, ela não empacota para si mesma, essa mulher, está aí com muita frequência, não compra nada para si mesma, alguma coisa na moda para vestir no inverno, não, não para ela mesma, para as crianças, para as crianças não, para o cachorro, para o cachorro não, o cachorro ela não pode mais olhar, e já se corta com a faca, para o homem?, para o homem não, para si mesma nada de bonito, mas algo que já foi nomeado no folheto e tem que ser colocado na linha empacotado por outras mulheres. A linha agora está parada, e a mulher vai no médico. Primeiro vai para casa, troca de roupa, calcinhas limpas, o sutiã novo, e daí sim ao médico! A mulher tem que ir no médico. A mulher está doente. O homem não vai a lugar algum. A mulher vai no médico por causa das depressões, ele pega nos quadris dela, onde no entanto não acha nada. Não acho nada, diz o médico. O quadril com certeza não tem nada. O médico não acha nada nessa mulher. O médico não acha nada dela. Examina-a rigorosamente, mas simplesmente não acha nada nela. O estudo não foi fácil, mas ele não acha nada. Apalpa ela, mas não acha nada. Apalpa procurando a calcinha, mas não acha nada. Pois a mulher não está enlaçada. Só a nova calcinha para emagrecer aperta ela um pouco. Mas isso o médico não pode saber, pois hoje é aquela com os laços. Os laços estão aí, a mulher agora vem aí. Está psiquicamente doente. Ele apalpa por ela, não acha ela. Nem acha os laços que a mantêm ereta, não acha a costura e a postura dela, pois ela não tem nenhuma. O posto ela perdeu, ela não tem postura. Está psiquicamente doente. A vida dessa mulher está enlaçada, amarrada por falta de dinheiro, filhos, marido – igualmente desempregado – e além disso pelo desemprego generalizado. Mas não é uma mulher solta. Tem pontos de vista firmes, que no entanto abandona imediatamente caso se queira. Essa mulher tem muito trabalho. Ela se sente doente. Não se sente doente, mas está. Está psiquicamente doente. O médico não acha nada. Receita algo para ela. Não tem sentido. Mas a mulher está depressiva e vai no médico, em quem não vai acreditar se ele não achar nada. Está claro que ele não acha nada nela. De repente ela se sente como se estivesse sendo cozinhada viva. Essa não é uma boa sensação, desde que a linha está parada, teve isso mais vezes, ser cozinhada, mas não comida, e não ter nada de comer para as crianças, sempre só macarrão com algum molho, e apesar disso duas toneladas de comida de gato ou cachorro, o bicho tem que comer, as crianças não precisam, as crianças não precisam de nada, mas também não podem nada. Mesmo assim fazem. Nada de comer em casa, hoje não, esqueci, hoje não cozinhei. Esqueci de fazer as compras. Isso com certeza é uma depressão. Estou psiquicamente doente. Diz a mulher. Esse é o único sinal. Juro para vocês, ela está perdendo a cabeça. As dívidas e as crianças crescem acima da cabeça dela. Por isso tenho que ir no médico, o médico-chefe só tem que aprovar. A mulher se distribui e com isso fica doente, e por isso ela tem que ir no médico. Melhor que ir no filósofo. Ela nem conhece um filósofo. Toda mulher vai no médico porque tem depressões. Não vai no lógico, não vai no advogado, não vai no filósofo e não vai no metafísico, não vai no químico e não vai no físico. Não conhece esses todos. Vai no médico, porque é depressiva. A mulher acorda, se vê esquisita no espelho, não vai até o carrinho usado comprado dela, não dirige até a estação de trem, para ir com o comboio até a fábrica, não, hoje não, hoje não. Nada de café da manhã para as crianças. O que tem que ser feito não é feito. Nem as camas. Não, agora vejo, ela dirige sim! Ela vai embora! Vai a um cruzamento com a ferrovia onde não tem cancela, fica um tempão ali e espera o trem, porque tem essas ou outras depressões. Então vai mesmo no médico. Então não faz nada e vai no médico, que deve fazer alguma coisa. Em algum lugar no caminho ela perdeu o trabalho e agora não acha ele mais, embora procure tanto. Não acha nenhum. Mal sabe ler e escrever e fazer conta. Vem de um vilarejo remoto, que continua estando lá onde outrora foi assassinado. Não tem nenhuma loja, ninguém é alojado, umas balas de baixo calibre se alojam ali e assim é abatido. Lá ficam as montanhas, ali a floresta, uma rua dá a volta no vilarejo, mas até o vilarejo pode ficar bem barulhento. Lá atrás bem silencioso. Não se pode comprar nada, nesse vilarejo não tem sequer uma única possibilidade de compra, o vendedor vem uma vez por semana com a caminhonete, é preciso prestar atenção, para pelo menos pegar um vício. A maior parte das vezes não resta nenhum, nem um único. O que resta a essa mulher senão morrer de fome. Mas ela ainda pode encomendar um massageador, que sempre levam no abastecimento,

já faz muitos anos, e que uma outra mulher empacotou, ela mesma levada. Não, isso não é nada para mim. Nenhuma possibilidade de compra. Mais nada aí. Nenhum pedaço de pão. Nenhum queijo. Nenhuma carne. Nenhum detergente. Nenhum sabão em pó. Nenhum lenço. Nenhum papel higiênico. Isso tudo não cresce no quintal. Você não ganhou refrescos se não cresceram no próprio quintal. Então. Agora ainda tem o granizo que esmaga o canteiro de pepinos, o canteiro de abóboras e o canteiro de abobrinhas. Vou me mandar. Eu trabalho. Estou psiquicamente doente. Sou uma mulher. Mas a mulher não tem tempo de se deitar. O vilarejo sim. Simplesmente fica aí. O vilarejo tem uma vida boa, mas a vida nele não é boa. Não tem possibilidades de compra, e se tem, então seria apenas uma possibilidade muito vaga. A mulher tem que se deitar agora. Ela conta com o pior. Tem na frente um nó no corpo. De onde vem e o que significa? Preciso de um nome para o nó, para que a vida tenha um novo significado e então também passe mais rápido. Por isso vai no médico. A vaga no médico não pode ser comparada à vaga no ônibus, na pousada, no trem, no banco do parque, no parquinho, a vaga no médico é bem mais importante, pois a mulher agora vai lá direto, onde se espera que um lugar na sala de espera espere por ela, pois a mulher vai sempre no médico, para ser tratada contra depressões. O médico é insubstituível para ela. Ela pode facilmente ser substituída, mas não precisa, pois a empresa dela está falida. Ela faliu. A mulher não vai a lugar algum. Também aonde ir? Enquanto a empresa ainda ia, ela ia. Agora que a empresa não vai mais, nós também não vamos. As crianças não têm mais que ir no parquinho. Podem brincar em casa também. A mulher está psiquicamente doente. A vida não é uma brincadeira. Isso eles têm que aprender. Não há tempo. Não há trabalho, não há tempo. O médico não pode ser substituído. Não, diferente. Nenhum médico pode ser substituído por outra coisa. Um médico pode ser substituído por um garrafão de vinho. De repente ela não pode mais olhar seu querido cachorro, e no momento seguinte já se corta no antebraço. Tudo o que a mulher vê ou ouve a dilacera como se fosse com as próprias facas de cozinha, que partilham a comida em favor do homem, que faz tempo que já foi embora. Ele ganha o pedaço maior. Ele se foi e mesmo assim não paga pelas crianças. Talvez não tenha mais trabalho. Tem um novo. Mas talvez não tenha mais trabalho. Talvez ele não tenha mais seu antigo trabalho. Por isso a mulher vai no médico, porque aqui e ali corta tanto, incha tanto ou dói de qualquer outro jeito, tem que ter sido a faca de carne, tem que ter sido o pulso, que burra!, eu não devia ter segurado bem embaixo. Acontece algo incisivo, a mulher não sabe mais explicar. Tem uma incisão. Ali tem comprimidos que juntamos, que cortamos e juntamos, e agora colamos nesse cartãozinho aqui esses selinhos de desconto para nossa vida, então, quando o cartão estiver cheio, quando estiver todo colado, ganhamos algo em troca, não, não podem enviar pelo correio suas vidas com esses selinhos, podem enviá-la, mas não com esses selinhos. Enviem sua vida, então receberão em troca esse lindo conjunto de panelas, mas só se ganharem. Vocês nunca ganham, mas compram um cobertor contra reumatismo ou um cobertor elétrico ou um edredom ou uma pele animal. A mulher vai no médico, que no entanto recusa sequer tocá-la. Vai de ônibus ao médico na cidade, chama ele de terapeuta, para ser tratada contra suas depressões. Sabe que esse médico não vai tocá-la, nunca na vida, por isso não vai nele. Enfim alguém que não vai tocá-la. Infelizmente não vai tocá-la, embora ela quisesse tanto. Quer ser tocada por um médico, e justamente por um desses. Não pode escolher. Não, diferente. Não quer mais ser tocada, porque não pode tocar mais nada. Ninguém tocaria nela nem com um garfo de churrasco. Mas não que ela seja quente. Aí trabalham até estarem totalmente despenteadas e terem que ir no médico. Aí não trabalham mais e também vão no médico. Ninguém sabe o que fazer com as mulheres. A mulher vai no médico e foi. Agora ela vai no médico e foi.

UM SEGUNDO ESPÍRITO (UMA ESPÍRITA), TALVEZ UM CONSULTOR, ENFIM, ALGUÉM QUE SABE O QUE FAZER, ESTUDA A REVISTA COM A PROGRAMAÇÃO AO MESMO TEMPO, MAS TAMBÉM PASSEIA PELOS CANAIS UM POUQUINHO:

Então ele diz para mim, ouve só, você tem que conseguir essa moça para mim, essa que acabou de passar. Com certeza ela quer vir a mim, pois a mulher vai ao médico, elas vão sempre no médico, assim podemos pegá-las. Dizemos que somos médicos, e aí pegamos elas. Depressa, já vejo ela vindo! Na idade avançada vai-se sempre no

médico, caso além disso também se seja uma mulher. Só com a filha. Morta a filha, queimada e os restos enterrados de improviso na beira do rio. Essa filha já se mandou de casa pela terceira vez. A mãe não aguenta mais, mata ela, põe fogo e aí enterra. Não, ela não, ela não foi morta pela mamãe. Eles lá em cima. Morta, queimada, restos enterrados. Sepultados em um lugarzinho lindo à beira do rio. Mesmo assim foi desenterrada de novo. A mãe não aguentou mais com a filha. Se apenas tivesse ido mais cedo no médico! Na maioria dos casos é tarde demais, não sei o quê. As mulheres preferem ir no médico, e ali preferem expressar suas vontades. Os homens calam a maior parte das vezes. Bom. A filha nos interessa mais. Não, aquela lá não mais. Está morta. Não sei: Será que devo? O que aconselha à minha concupiscência? Poupar a bela e boa luz do dia, o meu incômodo e a paciência? Ah, o quê, não é incômodo nenhum! Simplesmente dizemos à filha, me ajude a levar lá embaixo essa coisa pesada, bom que você chegou, senão teria te procurado, vem cá, aí pode me ajudar, já já acaba, essa coisa dura tem que ir pro porão, decidi isso agora há pouco, mas já tenho semanas de escavações e outros trabalhos nas minhas costas, tudo por você, minha filha, e você não está disposta, então preciso usar a força, então vou usá-la, você não é como uma filha deve ser, não obedece, agora me ajuda com a coisa pesada, não vejo exatamente o que é isso, mas agora me ajuda, a coisa que vê aqui tem que ir lá embaixo, sozinho não consigo fazer isso, aí você tem que me ajudar, como minha filha, me ajudar, sim, aí tem que me ajudar. Me ajuda! Vai me ajudar agora, senão! Já vou te ajudar! Então vem, me ajuda logo! Só demora um instantinho! Um minuto. Mas essa é a última vez, papai, que te ajudo. As últimas vezes não foram muito boas, foram médias, não, foi tudo horrível, e fiquei feliz quando você acabou, feliz que você finalmente gozou. Com você isso sempre demora tanto. Não posso imaginar que aguente tanto tempo dentro da sua filha, até despejar a semente somente. Em troca me dá os brincos? Posso escolher algo assim? Não, não posso escolher. De que me servem a beleza, o sangue jovem? De que me serve meu sangue? Sempre que preciso dele não aparece. Só debaixo da faca, debaixo da gilete, aí ele vem então. De que me serve minha respiração? Sempre que preciso dela, não está aí. De que me serve uma joia, de que me serve minha juventude, de que me serve? Sempre que preciso delas, não estão aí. Tenho mais o que fazer do que ser fodida por você, papai. Sim, filha, me ajuda só mais essa vez, essa coisa pesada é feita de um material ruim, acho que madeira, ferro ou algo assim, de todo modo é pesado e difícil de carregar, ao contrário de você, minha filha, mas você ainda não está tão disposta a servir a sociedade, para mim você não está feliz o bastante em servir, tem uma resistência em você, talvez queira ir embora, quem sabe, eu sei, quer ir embora, quer ter uma profissão, já está aprendendo direitinho, os direitos vêm primeiro, a quem então poderia pertencer seu esplendor? Esse pensamento é insuportável para mim. Sou seu pai. Sou o pai. As pessoas louvam vocês, crianças, quase com compaixão, dizendo que não temos nada melhor que vocês, e algo melhor que vocês sempre podemos conseguir. Sempre podemos conseguir tudo. Nós conseguimos. Quer terminar a escola de hotelaria? Não vai dar. O estágio no restaurante? Não vai dar. Que você saia em público, isso não posso aceitar. É horrível rastrear seus maus hábitos antes de estarem totalmente formados, suportar suas calúnias e ameaças. Conheço um lugar onde gostaria de me exprimir, e é em você, sobre você, sob você, em cima de você, em você toda, isso dá para fazer, esse lugar é pequeno, eu mesmo que fiz, fiz tudo, sim, você também, e conheço um lugar, fiz ele também, lá é tranquilo, cabe tranquilo duas pessoas, nós dois, tranquilo, e agora por favor me ajuda, essa coisa, o que quer que seja, bem que poderia ser um banco, não, não o banco certo, ele não, lá pego emprestado o dinheiro para minhas realidades, não, não para a realidade, agora, uma porta também seria possível, se me pergunta o que deve ser isso, o que deve ser carregado para o porão, tem que ir para lá, o papai com a porta, você tem que ir para lá, todos temos que ir para lá, todos temos que ir para debaixo da terra, isso é certo. É isso que nos cabe. Escape? Escapar do papai, isso não dá. Um bilhete de loteria, isso cabe no orçamento, mesmo que não faça nenhum sentido, nenhuma chance, nenhuma chance, mas escapar do papai, isso não dá. Eu me dei ao trabalho e me absolvi a cada enxadada das acusações, que no entanto ninguém levantou por décadas. Nada foi levantado além dessa enxada. Você tem que pôr fim a tudo o que já viu e ver apenas a mim. Ninguém me perturbou quando cometi o pecado, e

ninguém vai perturbar nós dois agora também. Aqui ninguém perturba, aqui nada perturba, aqui não se é perturbado por nada nem ninguém. O senhor nada e o senhor ninguém não perturbam aqui. Espero até que sua forma surja na curva da escada do porão, sua silhueta já certinha de mulher, que ainda se esforça com a porta pesada e comigo também, desaparece um instante, então te agarro. Finjo ajudar a carregar, mas já cavei seu buraco no chão faz tempo, escavado para suas curvas, à luz elétrica a porta do porão já esboça inibir todos os seus impulsos vitais, exceto um. Para manter as aparências abro essa porta, algo tem que entrar, que você vai ter que carregar. Imaginei por muito tempo isso que se esboça. Não vou te dizer que as suas carícias me deixaram feliz, pois não há nada que me faça feliz, só algo que tenho que fazer. É uma obrigação, é mais forte que eu. Não há nada de que possa me abster. Não me deixa feliz, mas faço. Talvez eu não tenha o dom de ser feliz? Tudo isso dá tanto trabalho que depois nem dá mais para se alegrar direito. Cavei esse buraco, ou foi alguma outra pessoa?, para o bunker?, para todos estarmos protegidos?, e também fiz essa porta pesada, moldada em concreto, uma porta cimentada aqui em baixo, que ainda é muito mais pesada que essa coisa, porta ou banco ou o que quer que seja, que ainda tem que ir lá para baixo, a porta pesa cem quilos, cuidado para não cair de costas no chão enquanto me ajuda a carregar, se bem que seria prático até, isso não tem mais importância, papai!, bebê não é para cair!, senão vou ter que te carregar lá para dentro, você simplesmente tem que entrar no porão, mas ainda não sabe, agora me ajuda a carregar isso para baixo, e então está livre para fazer ou deixar o que quiser. Dois metros de liberdade é o que você tem para isso, para ir até um pote e comer de outro pote. Só o ser humano cava um buraco na terra para seu próprio prazer, pois também pode construir torres, casas, cidades, mas também quer cavar, esse é seu livre-arbítrio, seu arbítrio está livre, balançando nas calças, sempre pronto, sempre querendo algo, querendo aquilo que ele quer. Os animais também cavam seus ninhos, suas construções, tudo no chão, tudo na terra, o ser humano cava por prazer, um buraco no qual possa ter seu prazer, tantas vezes quanto quiser, porque na superfície da terra não dá. Sobre a terra se vai diligentemente no médico. Debaixo da terra se fode, até não vir médico nenhum. Ele não vem. Nunca. Ninguém viria a ter a ideia de cavar um buraco na terra só para seu prazer, para então perseguir ali o seu prazer. Mas eu sim. Uma pessoa precisa fazer alguma coisa. É um ímpeto. É uma obrigação. É toda a sua alegria. Fora ele não faz nada. Seu instinto o instrui a cavar um buraco para perseguir seu prazer. Sobre a terra não tem espaço para as pessoas. Vocês têm que pegar sua vontade, que não conseguem libertar, pois ela não existe, casem com seus professores, se não acreditam em mim!, as pessoas então têm que descer debaixo da superfície terrestre. Para ter um prazer consigo e com os outros, menos superficial que a maioria dos outros prazeres. Então. Agora entra aí. Como pai a gente faz algo assim. Como um pai amável a gente faz algo assim. Vai fazer isso pro papai sim! O que em cima não dá, com certeza dá embaixo. O médico vai confirmar que com as mulheres é assim e não de outro modo também, senão isso seria ir embora. Também dá de outro modo, mas assim também dá. O que não dá em cima, dá embaixo portanto, talvez não portanto, mas dá, e dá para descer. Dá lá embaixo. Essa moça devo conseguir como Espírito? Ah é, eu devo ser o Espírito, o Espírito deve ser eu, a moça não precisa ser nenhum Espírito nem ter nenhum, só precisa simplesmente estar aí. Ok. Isso é difícil. Mas não, não é difícil, mesmo que também não seja fácil, atraímos ela para o porão, ali a acorrentamos, batemos no crânio dela com alguma coisa, até que não se defenda mais, também podemos fazer diferente, mas esse não é um mau método, e então carregamos ela para dentro do porão. Sim, essa moça carregamos lá para baixo para dentro do porão e então rolamos a pedra para cima. A pedra em cima e pronto! Acolchoamos tudo com uma espécie de isolamento, com uma espuma de isolamento, para nenhum som passar, para nenhum som escapar, espuma de um frasco ou sei-lá-de-onde e nenhum som mais sai, nem um piu é ouvido. Pipi se faz no balde. O concreto é aplicado lá embaixo, assim não é preciso carregar lá para baixo a pedra de fechar de concreto que eu mesmo mexi e moldei. Não tem nenhum Deus ali que a role de volta para fora. Eis a punição por não acreditarmos nele. Como a filha é amável! Ela nós guardamos. Que bom que temos ela. Ela nós guardamos conosco. Ela nós guardamos para nós. Cai bem que ela já esteja a caminho lá de baixo sozinha. Ela vem ao meu pedido. Só eu venho a

estar aqui. Só nós dois agora devemos estar aqui. Ela deve nos ajudar a pôr essa coisa pesada no porão. Até que então pare de viver e pareça morta, isso vai demorar umas semanas e uns meses. Tempo demais? Mesmo nesse tempo não se colocam limites para o sentir. Nossos movimentos também nunca hesitam debaixo da terra. Uma joia! Uma gema! Onde quer a corrente? No tornozelo. Ok. Então no tornozelo. Aproximadamente dois metros de comprimento, a corrente, né?, dá tranquilo, ela senta intranquila, mas dá tranquilo, dá para a filha sentar, deitar, ficar de pé, cagar e mijar. Por sorte não está completamente morta, só parece estar, pois ainda precisamos dela, porque ela tem essa aparência, porque tem uma aparência tão linda, porque é simplesmente linda. Essa moça é simplesmente linda. Se eu a visse morta, então não poderia mais ser socorrida. Mas assim eu a socorro. O médico também socorre. Isso ele já faz. Ela já está vindo até mim, para o único senhor doutor. Não. Eu não sou aquele que eu sou. Essa mulher também vai no médico. Já tem mais de quatorze. Graças a Deus. Não. Tem dez e agora vem para o porão. Isso ela tem que ter bem claro. Não vai poder fazer nada diferente, com dez já se tem algumas coisas bem claro, com doze é inquestionável. Com dezesseis então tudo fica claro, mas ainda vai demorar para acabar. Na escuridão outras coisas ficam bem claras. Mais claro que isso não fica. A luz é desligada. Pego o ônibus da Volkswagen. Então ainda temos que cavar o túnel, o buraco na terra, para plantá-la lá dentro e aí encher. Então. Já foi cavado. Porta em cima, concreto grosso, a prova de som com a espuma e pronto. Um balde para merda e mijo e pronto. Um ventilador para cortar, circular e retirar o ar e pronto. Pode-se regular como um secador de cabelo, super prático, e está acabado! Sempre acaba cedo demais, mas com a respiração se pode domar qualquer um. As pessoas simplesmente preferem ar a comida. Não faço ideia por quê. O ar lhes é mais caro que qualquer comida: Com isso pode-se trabalhar. Com isso pode-se planejar. Com isso pode-se fazer algo. As pessoas preferem respirar a comer. É estranho, mas é verdade. Já conferi. Sem ar as pessoas simplesmente fazem tudo, só para conseguir ar. Se arrastam de joelhos na sua frente. Sem comer, ainda dá. A comida pode ser uma arma. Comida demais, bem como de menos, pode ser uma arma perigosa para a mulher e para seu corpo. Mas respirar todas precisam, isso eu confirmei. Pode-se tirar a comida delas, mas não o ar. Embutimos esse ventilador, o único suprimento de ar, só para essa moça, e sabe qual é o melhor?, o melhor é que ela teve que cavar junto o seu calabouço!, teve que cavar junto, a pequena, ordenamos expressamente com a respiração, mas ela também teve que cavar junto, no começo não estava preparada o suficiente, todos não estávamos preparados o suficiente, aí algo deu errado, ela teve que cuidar, teve que cuidar direitinho do seu calabouço, senão não teria ficado pronto a tempo. Com a respiração o calabouço fica mais elaborado, mais colaboração e labor para o ventilador, o ar, que contudo está sempre aí, precisa de preparação. Preparação elaborada. Sem preparação não tem respiração. Então ela já estava lá, mas o calabouço ainda não, a respiração estava lá, mas o ar ainda não, ainda não tinha chegado, o ar, o ventilador também não, a criança teve que ajudar a cavar o próprio calabouço, senão quem teria nos ajudado? Ela trabalhou duro no seu calabouço, a pequena, minha bonequinha, teve que labutar bonitinha no seu calabouço, ralar, rancar a terra, cavar, cavar, cavar, eles cavaram e cavaram, a criança e seu mestre, a criança e seu novo senhor, cavaram e cavaram, sim, éramos nós que cavávamos!, o calabouço formando e ornando o calabouço, sim, seu cabelo dourado, Margarete!, tudo só para ela, algum ar, insuflado só para ela, para outra moça embaixo, Grete no submundo, seu cabelo dourado, Margarete!, muito bem, Elisabeth também no submundo e mais várias outras no submundo, muitas quantas?, quem sabe?, ninguém conhece os nomes, ninguém as contou, não, nós também não, só conhecemos nosso próprio censo populacional, e a população cresce constantemente, ainda enquanto estamos contando ela já cresce, às vezes também diminui, às vezes um pedaço da população se vai, às vezes a gente perde um pedaço, mas de modo geral somos os senhores sobre o chão, o porão, o rádio, a revista e o ar. É melhor do que ser senhor sobre a terra. Senhor sobre o ar: Isso é o melhor de tudo! A soberania do ar, isso é uma externalidade, porque o ar sempre está fora, em primeiro lugar, fora quando a gente respira, aí está dentro um tempinho, mas também tem que voltar a sair, mas já está bom, essa soberania. Essa soberania superior sobre o espaço aéreo e o espaço do porão. O mais alto. Já provei tudo – nem

comparação! Elas precisam de ar. De vez em quando querem pegar um ar, é simplesmente natural. De comida ficam mais tempo sem precisar, para a comida há tempo, a comida pode esperar, não vai ficar melhor esperando, mas pode esperar, do ar precisam imediatamente, todas as pessoas. O ar de fato também não fica melhor, mas as pessoas precisam dele e só. Simplesmente não podem ficar sem. Estranho, mas verdade. Então. Colocamos lá para ela um fosso, um buraco na terra, já basta. Um balde como privada. É o que as jovens damas recebem. Isso elas recebem imediatamente. O que quer entrar tem que sair. O que quer sair tem que entrar de novo. O que quer entrar também pode entrar. Quem vai nos impedir? O que diz o livro?, o que diz aquele que estudou o livro, o Senhor Doutor de Direito, sim, quer dizer: estudou jurisprudência, o que ele diz?, provavelmente ela estava melhor lá embaixo do que em cima com a mamãe e o papai, é o que ele diz, não, com certeza lá embaixo no porão estava muito melhor, aquilo era o paraíso comparado com lá em cima com mamãe e papai, é o que diz alguém que decorou artigos e parágrafos, não diz: seu cabelo dourado, Margarete!, sim, mesmo só com a mamãe, só com a mamãe: nada bom!, embaixo melhor, o senhor doutor, que estudou parágrafos, o Heini, que nunca estremece, todo um estudo, para depois só dizer o que está no livro. O senhor mestre louvado, que deve nos deixar satisfeitos com a lei, mas não nos deixa, ele não nos deixa. Lá em cima era ruim, debaixo é péssimo, é o que se diz. Mas embaixo ainda sempre melhor que em cima com a mamãe. Aí o papai ainda tem uma palavrinha a acrescentar. O diabo ainda tem uma palavra a acrescentar, ainda quer palpitar, e o diabo não dorme. Ele diz: não é tão simples como vocês estão imaginando! E o que lhe diz o papai? O papai não tem vergonha de um doutor. Não tem vergonha de ninguém. Ele é um por todos. Ele é por nada. Ele é contra, quando lhe perguntam algo. Ele é o Espírito que sempre diz não. Diz não até quando não lhe perguntam nada. Diz curto e grosso: se o sangue jovem e doce não descansar em seus braços ainda hoje, aí sei lá o que vai fazer, aí sempre faz qualquer coisa, não teria que fazer nada, pois de todo modo vai fazer tudo. Já faz isso há quatro anos. Sim, ele já faz. Não, diferente. Não faz mal que ele faz tudo, senhor doutor de direito. O papai pode. O papai não precisa de livros para poder tudo. Quando você conseguiu fazer uma pessoa, pode fazer tudo com ela. Se ele tivesse apenas sete dias de descanso, não precisa do doutor de direito para isso, então seduzir uma criaturazinha, nisso estão de acordo, aí estão de acordo. Quem com quem? Até para o diabo é uma tarefa difícil, mas não para o senhor doutor de direito. Ele cura vocês de todos os seus direitos! Ele diz algo que sabe, lê um livro e diz algo que então sabe, lê muitos livros e diz que ali tem algo que já sabia. Digo o que está aí. E o que está no livro, o que está no livro do direito? Debaixo ela provavelmente estava melhor que em cima com a mamãe! Seu cabelo dourado, Margarete!, por favor, onde diz isso, não encontro o lugar, onde diz isso no livro por favor?, no livro isso não está, não está em livro nenhum, mas basta que eu diga. Mas os senhores estão com o livro errado! Claro que nele não tem nada. Os senhores têm que ler um outro livro! Digam-nos o que diz aí! Já sei, os senhores têm apetite mesmo sem isso. Mesmo sem francês. Mas leiam o outro livro, está lá! Está lá sim: Ela tem mais de catorze. Já tem mais de catorze. Então dá! Então dá! O que vocês estão dizendo? Lá em cima com a mamãe, lá era pior que embaixo provavelmente. Três vezes ela fugiu, duas vezes voltou, uma vez por conta de dificuldades com a fala, uma vez por conta de dificuldades com a saúde, duas vezes retornou de livre e espontânea vontade, para casa, para o calabouço doméstico, para a pátria, na terceira vez não, na terceira vez o galo cantou, na terceira vez então todo galo cantou por ela, e isso teria sido um cativeiro em ordem? Não foi. Não foi. As mulheres só trazem dificuldades, mesmo em cativeiro, mesmo quando o cativeiro não é nenhum cativeiro, mesmo no calabouço, e elas também têm algumas, agora estou falando especialmente da pequena Margarete, essa é outra, é outro sangue jovem, um outro jovem tesouro angelical, cujo local de descanso deveria ser visitado, cujo calabouço deveria ser enchido, ela mesmo deveria preenchê-lo consigo mesma, seu cabelo dourado, querida M., lhe cai tão bem, me cai tão bem! Só um problema, não, um outro, o lugar é o problema, aí pisa gente demais para mim, a gente consegue um outro, um local de descanso no porão, tranquilamente, um lugar tranquilo no porão. Por que todas lá embaixo, eu me pergunto. Por que todas as moças no porão? Por quê, simplesmente por quê? Também podiam ser mantidas em uma torre, mas uma torre não é

todo mundo que tem, e aí é preciso subir muitas escadas, possivelmente seria cansativo, o papai já está ficando mais velho, um porão também não é todo mundo que tem, mas a maior parte das vezes um porão está incluído e integrado na casa, seu uso já não, mas está aí, nem tudo que está aí se pode usar também, foi o que se disse aos inquilinos, esse porão só pode ser usado pelo senhor da casa, é o que o homem é em sua própria casa, ele de fato está aí, mas só pode ser usado pelo senhor em sua própria casa. E ainda tem mais uma vantagem, o porão: esse lugar no porão permite a qualquer momento levar o gasto para fora, levar para baixo, para dentro, não, levar cachorros não, não dá para levar cachorro sem ter cachorro, então só levar para dentro e para baixo, já está lá tudo que está lá, também é usado, usado para a esperança de alegrias vindouras, e então também usado para as próprias alegrias, para pastar em sua órbita até ficar cheio, no porão dá, no porão, com o balde, dá. Com o balde ela ainda vai ter muitas alegrias mais, a filha. Ainda vai se alegrar por tê-lo. Se é torre, sótão ou porão, de todo modo é tudo igual, lá podemos entrar, lá devemos tê-la, ela deve ser vista, deve ser possuída, as moças devem ser vistas, e então também devem ser possuídas. Senão qual seria o sentido delas? Você deve tê-las. Deve ver e ter. Ver e ter as moças é a mesma coisa. Tudo é uma só coisa. Elas todas são coisas pequeninas com seu ai e ui eterno. Todas mantidas pequenas como espécies de anãs. Preferimos elas pequenas. O porão também é pequeno. No porão são todas iguais, lá encolhem sob nossos olhos, mas para ninguém é igual, para ninguém é mais igual lá no porão, as moças no porão, ali uma, lá uma outra, moças de todas as idades: marchar para dentro do porão, fora com vocês!, lá pelo menos não podem mais fazer nenhuma estupidez com falsos amigos. E de todo modo provavelmente vai ser muito melhor lá embaixo do que em cima com a mamãe e o papai, e se morrerem de fome ainda é melhor, e se sufocarem é ainda melhor! Morrer de fome em cima é ainda melhor que sufocar embaixo. Aquela uma pôde até levar o papai junto lá para baixo, ou foi ele que levou ela? Agora já não sei. O papai tá lá deitado como um monte escuro, o papai levou ela, não levou ela para a terra dos pés juntos, não levou ela dessa para a melhor, ou levou?, tem uma melhor?, não faço ideia, mas não matou ela, levou ela para baixo, pois elas têm que ficar embaixo, todas têm que ir para baixo, todas têm que sair, não, entrar!, é como na guerra, mas uma guerra justa é o que isso não é, vocês não recebem nada em troca, mas têm que descer, para embaixo estarem melhor, moças, nenhum falso amigo, ficam muito mais resguardadas lá embaixo, isso ainda não sabem, o que estão perdendo, o que lhes falta, mas não tem nada de que sentir falta, estão melhor aqui, nisso o senhor doutor de direito também vai concordar comigo, infelizmente não vou mais vivenciar isso, mas acreditem em mim!, nada de fumar, nada de beber, nada de más companhias, pois lá em cima ainda podiam ter uma porção, um pratão disso, caso déssemos isso para vocês, não o pratão, o prazer. Seu cabelo dourado, Margarete. No porão profundo vocês se sentam, aqui, moças, é melhor que em cima, para alguns é melhor em cima, para alguns é melhor embaixo, sim. E podem cagar e mijar nesse balde aqui, que colocamos só para vocês, que colocamos só para vocês duas, esse aqui, outro ali, para fazer o que for, e isso de fazer as fezes vai vir, em todos esses fatos em que algo veio, em fatos que vieram, tem esse balde, esse balde é recomendado, esse balde é obrigatório, não devemos esquecer dele, esse balde é essencial, o que faríamos sem esse balde? Seria insuportável aqui embaixo. Com o balde dá. Se não se pode ir a lugar nenhum, um balde é necessário. Aqui embaixo é provavelmente melhor que em cima com a senhora mamãe, até mesmo com o próprio balde!, mas também não é tão bom assim. Bom, mas não é tão ruim como seria sem balde. Mas não segue assim. Não é bom, mas melhor aqui embaixo, e até vai ficar cada vez melhor assim que se acostumarem. Melhor que em cima com a mamãe: sempre! Teu cabelo dourado, Margarete!

Vai mesmo ficar tudo melhor do que teria sido lá em cima, onde era ainda pior, provavelmente ainda pior, diz o senhor Juris Doctor, que ainda nos parece estúpido, como se um moinho girasse na cabeça dele, o doutor de direito, não é nenhum doutor de esquerdo, que se preparou bem em casa, filho e neto de proprietários de bens, ele possui um bem maior, possui o Direito, e fez direitinho em se assegurar no tempo certo!, estudou, estudou bem os parágrafos, sim, o senhor doctor honoris juris ou seiláoquê, diz o seguinte: Embaixo provavelmente ela estava melhor do que em cima com a mamãe. Melhor no porão. Com um balde ainda melhor! Em

cima pior. Isso faz sentido no cérebro da pessoa. O cérebro da pessoa é exatamente tão grande quanto aquilo que deve entrar. Podem observar isso aqui. Esse cérebro humano é tão grande, e o que entra aí e o que não entra aí, há sempre uma palavra esplêndida a nosso serviço, e é essa. Esse verbo. Que no começo era. No início era o Verbo e a procriação. E só repetimos isso. Em cima pior. Embaixo melhor. Então. Deixamos o bom ainda melhor, esse sabão em pó já foi muito melhorado, nos últimos dez anos foi melhorado ao menos trinta vezes, se não mais, nada é tão bom que não possa melhorar, não é mesmo: Aí teria um vaso, pode cagar e mijar aí dentro. Você está aí no vaso. Não se pode fazer nada. Mas resta a esperança, sempre resta a esperança: Mais tarde até um banheiro. É o melhor de tudo. Não pode ter sido tão bom lá em cima que agora não nos alegramos com o próprio banheiro. É quase mais do que se pode suportar. Um banheiro próprio. Lá ela pode jogar seus filhos, a filha, não, não no banheiro, mas não tão longe. Aqui nada é tão longe. Aqui nada pode ser jogado muito longe. Não dá. Por favor, talvez ela gostasse disso, pois os filhos são meus, mas não pode, não tem espaço. A que foi partida, mesmo que não tenha partido, ainda não foi, ainda vai demorar, uma criancinha, um bebê!, eu lhes peço!, o que é que podem esperar de um bebê!, enfio no forno e tiro. Não podem deixar estragar abertamente num espaço tão pequeno, não dá. Ainda por cima sem nenhuma abertura. Não devia ter jogado, não devia ter jogado fora, mas me ocupo disso. Amo todos os meus filhos, alguns são até ao mesmo tempo meus netos. Não há espaço, mas é espaço que basta. Vai se acostumar. Lá não entra nenhum médico. Mesmo se precisássemos de médico, lá nenhum entraria. A outra mulher vive lá em cima e dirige a casa. Cuida das crianças. Come e bebe. Fica doente e vai no médico. Pega alguma doença e tem que ir no médico. Pode ir no médico. Vai agora mesmo. As outras crianças lá em cima também vão no médico. Antes preparou a comida, está na geladeira para quem quiser esquentar. Lá embaixo no porão: nenhum médico. Lá nenhum médico entra. Nunca! Então também não há nenhuma mulher lá embaixo. Então aquela lá embaixo não é nenhuma mulher! Pois a mulher tem que ir no médico. Se não pode, então também não vai no médico e por isso não fica doente também. Vejam, não é absolutamente necessário o médico, a mulher só acha isso. Não só, mas mesmo quanto está doente, ela vai no médico.

FAUST(A) *(sua tela fica escura):*
Então. Enfim chegamos. Abaixo a realidade da corporeidade. Encontrar enfim a própria corporeidade! Despir a coercitividade do Ser. A civilidade também. Me ofereço ao vulto em chamas. Me ofereço ao tear sibilante do tempo. Me ofereço do nascimento ao túmulo. Me ofereço ao ruído de um hálito. Me ofereço à ruína das paredes. Meu Deus, como é lento! Realmente! O que está aí na frente e não vai embora? A realidade? Fora com ela! O que é que vou fazer com isso aqui? Me ofereço ao lugar vago. Me ofereço à balsa para a morte. Mas não tem nenhuma aí. Não tem ninguém. Provavelmente os passageiros que convidei precisam primeiro vir junto, para valer a pena. Gente como eu nunca é esperada e nunca é convidada. Nunca nos convidam. Parece que eu mesma tenho que esperar que me contem os últimos segredos, mas que de todo modo já sei. Como assim ninguém me resgata? Não está previsto que alguém como eu seja resgatada. Mas o caixão é tão pesado. O que o mundo faz comigo, o fato de ele ser como é? Como explicar? Como me explicar, se só tenho eu para me explicar a partir de mim mesma? Outros também me explicaram só a partir de mim. Sou uma sádica psicopata. Sou uma pobre porca. Sou uma pobre coitada. A mulher domina. No fundo sou só uma pobre porca. Tenho problemas de tempo. Tenho problemas de saúde. Um homem não vai no médico com tanta frequência quanto uma mulher. O homem é mais inibido, mesmo que não sempre. Alguma coisa começa a aparecer para o homem. Parece-lhe que a mulher lhe é superior. A mulher só sobrevive porque é super considerada e considerada superior. O homem tampa um calabouço com espuma. Inibe o som. Nada escapa, e ele também não gosta de falar com um médico. O médico é para a mulher. O homem tem uma cabeça de educador e uma cabeça de broca e espuma, tem espuma de isolamento, para que alguém não ouça nada, para que ninguém ouça algo, o médico também não pode ouvir nada, apesar do tubo para escutar, apesar da faca para medir, um médico é o que a mulher precisa, o homem não precisa, ele puxa a mulher até ela caber nele, até ela ser cabível para ele. Não tem muito espaço aqui embaixo, mas ele ainda adapta a

mulher para ele, mesmo que demore até a semana que vem! Tem espaço até na menor cabana. A mulher não pode sair, então tem que ser esclarecida desde o interior, ela se esclarece a si mesma sob demanda também, embora não se entenda bem, embora também não se entenda bem com seu papai. Sob encomenda também se pode receber a mulher como autoexplicativa e abatedora de impostos, porém não na versão autolimpante. Mas não era necessário, esclarecemos a mulher com prazer. Pois é como se ela mesma tivesse se esclarecido. Nos declaramos a ela com flores. Se ela mesma quiser fazer isso – por favor. Mas ninguém a escuta. Nessa versão autoexplicativa além do mais ela não é lavável, tem que ir para a lavanderia. O estofado sai mais barato. Para poder arrancar a pele, quer dizer, a roupa, a mulher fica mais cara. Quero dizer, para poder tirar as capas. Podem escolher. Recebem a mulher que quiserem, quero dizer, recebem essa mulher assim, como a quiserem, isso é óbvio. Criamos do cheio. Ela está disponível em qualquer produto que compramos para ela. Também no produto especial: próprio para porões. Vamos bem fundo. Essa mulher não foi esclarecida sobre a sua sorte, mas já sabe tudo, explicamos para ela. Ela não vai tirar a sorte grande. Ninguém deseja isso: entender. A quem interessaria? Dá para entender que tem que existir algo como a mulher. Não, diferente. Como posso remeter a pergunta por mim mesmo de volta ao fato de que EU era, porque eu tinha que ser assim? Mas remeto sempre só a mim, também não tenho mais, nada mais pode dar errado, mesmo sem isso já mal dá para andar por aí aqui no porão, não tem espaço, vejam, e é como se quisessem esclarecer algo por si próprios, mas para isso se precisa de apoio, e de um ponto de apoio, e eventualmente da ajuda de uma empregada. Ajuda! Nada. Aqui a compressa de água quente, precisamos disso, se uma das crianças tiver dor de barriga, dor de dente ou cólica. Não tem médico. Tenho que ficar aqui. Não posso explicar. Nem sei o quê. Alguém pode por favor me explicar rapidinho essa peça de teatro? Obrigado. Eu já sabia antes que não dava. E a outra peça lá? Também não. É inexplicável. Colocaram a filha na posição de se decidir ou não se decidir, e ela se decide por não decidir nada. Ela deixa tudo me decidir. Também não teria que ser assim. Então ainda tenho que fazer isso. É difícil para o homem, pois a mulher lhe é superior, é só pensar um pouco. Aqui. Foi assim que fui planejada. Foi assim que fui pensada, para não ter que seguir pensando. Agora olho para dentro, empreendo uma visão interior, pois na tv, que conosco aqui embaixo também se encontra do lado de dentro, pois não tem um lado de fora, não para nós, não conosco!, sem querer ofender!, lá também me olho: na tv, só lá vejo meu mais íntimo. Também não tem um fora. Por causa da falta de chuva e da falta de sol e da falta de nuvens a tv e a minha vida interior, que vem da tv, têm lugar no porão, e na tv hoje não tem nada. Em mim também nada. Não é nada. O que está na tv não se pode resolver de passagem, pois aqui não se pode absolutamente passar, não se pode passar por nada. Tudo passa na tv. Na tv está tudo que dá para ver. A tv é tudo que é prazer. No rádio está tudo que pode ser ouvido. No livro está tudo que pode ser livrado. Nada mais. Faz tempo que não penso mais nas categorias da materialidade, mas nas categorias da necessidade. Tenho que respirar. Tenho que mijar. A criança tem que comer, o homem tem que comer, nenhum cão também tem que comer, e todos com um cuidado, é, um significado deficitário, deficiente. Mas não significo nada. Espero significar algo para alguém, para alguém criar minha vida. Não, diferente. Pulo por cima de tudo que não entendo, então: tudo. Até meu ser. Onde estou? Venho por último. Mas então como assim: Ladies first? Venho até mais baixo que o cachorro que pode comer antes de mim. Também comprei a maior parte da comida para ele. As melhores mordidas são dele. Juro. De repente não consigo mais olhar o querido cachorro, e logo me corto no pulso. Não sei como isso aconteceu. Não posso manter um cachorro aqui embaixo. Mas o imagino. Teria que entrar em outro lugar para poder ter um querido cachorro. Fico só eu, fico só comigo. Tenho que poder me explicar de fora, isso começa, mas não dá, pois só tenho a mim. Meu interior pertence ao papai. Meu exterior pertence ao papai. Tudo pertence ao papai. Ele fez tudo. Cavou o buraco. Expandiu o porão. Soluçamos por misericórdia, mas ele não tem misericórdia. Mas faz compras para nós. Pelo menos. Espero que volte logo e nos alimente. Espero que volte logo da Tailândia, onde sempre foi tão divertido. Espero que volte logo e nos alimente e também seja divertido conosco. Para mim é inexplicável. Um país tão lindo, a Tailândia. Já foi suficientemente

esclarecido. Declaro que a Tailândia está criada e é um país muito lindo. Lá trabalham pessoas. E a tv nos explica outros locais para as férias, que no entanto ela não criou, isso não pode dizer que fez. Alguém está na tv e se explica extensivamente, explica por que se entrou em contato com ele para começo de conversa. Mas nem posso me estender, me explicar. Não tem espaço. O porão não tem fora, fora o que está dentro da tv. É meu fora e meu dentro ao mesmo tempo. Ninguém deve dizer nada contra a tv, ou vai se ver comigo. Queria que tivesse que se ver comigo. Mesmo se a tv não me dá nada, ela me dá tudo. A natureza é explicada. Para nós não há natureza, mas mesmo assim ela nos é explicada. Isso é uma Graça. Então vou continuar sempre inexplicável e ter que me agarrar à minha própria consciência como alguém que se afoga agarra um galho de salgueiro na margem. Não segura. O goleiro também não segura. Quem segura? Essa porta ali segura, e ainda tem alguém que segura essa segurança infinitamente fraco em suas mãos. Ai! Deixou cair! E então: de novo nada! Então volto a não sair. A porta não se abre, e não se fecha, só quando queremos. É tão raro sair. Voltar a sair, isso seria algo! Teria que vir aí um Espírito para me carregar para fora. Tenho que carregar comigo outros seres, e então teria que ter outra aparência e na verdade ser outra, para poder me tornar apreensível. Aí há homem, crianças, cachorro, não, cachorro não tem, aqui embaixo não dá. Aqui nenhum cachorro ia querer viver. Aqui nem mesmo um cachorro poderia viver. Meus filhos: sim, um cachorro: não. Mas não me esclarecem, minhas queridas não me esclarecem, meu marido, que é meu pai, minhas crianças, que são minhas irmãs, elas só me esclarecem a guerra, sempre contra mim. Elas param com isso, porque não se pode fazer guerra contra a única coisa que se tem. Não leva a nada. Ninguém faz outro lance nesse leilão. Quem me quer? Silêncio. As ondas logo voltam a ser aplainadas. A conta mandei para fora. Como pendurar uma corrente em alguém. Minha única possibilidade. Pergunto a ela, talvez, se ainda está brava comigo. Mas sou orgulhosa demais, acho. Não gostaria de ser esclarecida por outros. Me sentiria próxima de qualquer outra, mesmo se ela só descobre a si mesma, mesmo se se encobre, mesmo se não pode sair da casa, de todo modo não sozinha, só com seu supervisor, só com cobertura, só com acompanhamento, só acompanhada por seu supervisor homem, só para acertar uma conta, como motivo para uma guerra, como enriquecimento, como pão diário no sentido amplo ela pode sair de casa, como labuta de dia e de noite, muito obrigada: não há de quê!, sinto-me próxima a todas elas, são como eu, elas são eu, são aquelas que são como eu. Não acho ninguém que seja como eu, pois sou única. Com certeza há outras na minha situação. Mas como jamais provar? Tem alguém aí? O pensamento me agrada, de que só tem eu e que só posso me esclarecer por mim mesma, já disse, só por mim mesma, como se eu fosse Deus. Mas sou a última de todos. Que realize e arrebate só o Nada que eu sou. Não sou Deus, só porque aqui nada mais tem lugar. Só Deus, eu, minhas crianças, nenhum cachorro. Mas ele não conta comigo. Deus não conta comigo, pois ele nunca me contou. Contam homem, crianças, cachorro. Ah sim, cachorro seria bacana. Ele não me incomoda, o homem, sempre faz tudo, então isso não pode nunca ser um incômodo. Ele sempre faz tudo. Faz sempre algo, faz tudo, mas nunca aquilo que quero. Mas o que deveria fazer então, não tem mais ninguém aí? Ele é Deus. É melhor e mais que um Deus. Mas nisso não é o único. Ele me diz que é o único que é Deus, mas não acredito nele. Por favor, sei que não sou Deus, mas tem que ter ainda outros! Ele diz que ele é isso, um Deus. A calculabilidade total do meu papai não pode se tornar o signo único do ente! No cárcere não há acasos, a porta caiu no fecho, e simplesmente porque meu papai e eu estamos aqui juntos no cárcere, mas isso não pode ser signo de nada! Não. A porta caiu e fechou. A porta caiu para mim. Toda a minha família caiu na minha vida. A porta está minada e ligada no gás, dessa porta sai gás, se for preciso, essa porta pode dar gás, ele fez isso, meu Deus. Embutiu isso aqui, o gás, a porta, a espuma de isolamento, tudo. Nos deu a eletricidade de presente, que presentemente usamos com habilidade. Pela expressão no rosto d'Ele, de Deus, quando ele vem, já vejo o que me aguarda. O que tem no estoque para mim. Eu calo ou vejo tv com meus filhos. Não consigo nada pior. O caráter de Deus não precisa de interpretação, embora nos aninhemos a ele precisando de apoio, para então interpretar infinitamente esse encontro. Também o que mais a gente deveria fazer? Tenho que interpretar sem preconceitos meu encontro com Deus, senão ele ainda me põe em desvantagem.

Meu pai é Deus. Ele me pega por trás e pela frente e por todos os outros lados possíveis também. Eu deito ali, eu leio ele, ele me deita lá. Ele quer assim. Se apenas finalmente me ocupasse dele sem preconceitos! Seria minha tarefa, mas ainda tenho preconceitos, sempre ainda. Outros também podem se ocupar só dele. Mas, para os outros, pelo menos um outro é o Deus deles. O que acontece em cima, na casa, na casa de verdade com as paredes cheias de verdade, cheias de estantes? Só posso contar com as narrativas. Mas preciso delas, senão me desfaço. Senão fico chupada e depois mordida de impaciência. Sou a exceção do que quer que seja. Estou embaixo. Esse é meu lugar. Essa é minha tarefa. Ah. Como consigo algum proveito sem preconceito? Cortando fora o coração de uma outra pessoa? Então entro aqui, mas nunca mais saio. Foi o que ele me disse, o Deus. Deus Pai me disse isso, Deus nos proíbe tudo que é divertido, fora a diversão d'Ele próprio. Fora ele, ainda tem uma segunda mulher, em outro lugar. Fora, ele vai primeiro até a outra mulher e só então para a sua própria. Sua própria: agora a número dois. Então isso é permitido. Deus permite mais uma, a outra menos. Tanto faz qual, ele quer se medir por mim, pois também só pode interpretar o seu mundo, que ele criou, a partir de alguém como eu, como um ente criado por ele e deparando com ele. Blá blá blá. Então como assim ele não me vê? Então como assim ele só me vê? Então como assim eu não sou? Então como assim não sou mais? Esse Ser me parece estar planejado, senão meu pai poderia me ter simplesmente terminado e enterrado, e pronto. Enterrar algo ainda mais fundo – não teria chegado mais a tanto. Meu pai era e tem o órgão executivo. Então como assim ele não me olha, e por que não posso olhá-lo? Deus! Senhor Deus! Claridade! Não, ele não me suporta. Só me suporta. As crianças também, pelo menos. Mas só comigo enquanto mãe e filha ao mesmo tempo. Enquanto sua segunda mulher, enquanto sua amante, que ele prefere em relação a sua esposa. Isso traz problemas, mas ele pode superá-los. Qualquer um sempre pode superar esses problemas. Sou uma trindade, para isso ele me treinou, eu sou, vamos ver, filha, mãe, irmã em uma. É mesmo prático. Quem é que é isso tudo? Sou muitas em uma? Quem é isso? Não sou valorizada enquanto tal, e no entanto existo três vezes de uma só vez. Mas por mim tanto faz. De todo modo sou melhor que Deus, isso é claro, pois sim, pelo menos tão boa quanto, pois posso olhar para mim mesma. Como se existisse até quatro vezes. Não, até seis vezes! Duas vezes três dá seis. Quem pode fazer isso, tornar-se muitas?! Também é bem exaustivo, admito. Muitas vezes obrigada. Finalmente ele me deixou um espelho, um desses de banheiro, com uns decalquezinhos, as crianças adoram aquele polvinho, mas o que as crianças gostam elas gostam de destruir. O filho arrancou um tentáculo dele. Quem foi? Pronuncie-se imediatamente. Temos livre escolha. Então. Agora o polvinho lindo está machucado, machucado para sempre e por toda a eternidade, pois agora quem vai me dar uma perna nova para o polvo aqui embaixo?, não vão trazer pro filho nenhum outro polvo, nem mesmo sua metade de perna. Ele berra, o filho. Lamenta. Perturba o pai-vô. Uiva. Esperamos que aprenda algo com isso. Queria que tivesse se preocupado antes de puxar e raspar e rasgar e arrancar a perna. Também estou aí. Sou o Também, pois não posso ser mais ninguém. Sou o Também e o Ao Lado, mas não mais. Sem espaço. Também estou aí. Sou a segunda, que agora é a primeira, a primeira esposa, ainda antes da segunda, mas ninguém sabe disso. Estou aí, mesmo que não sozinha. As segundas serão as primeiras. Meu pai gosta mais de mim do que da mamãe lá em cima, que sempre chora e mal ousa comer. Isso não seria visto no seu corpo. Seu corpo já bem vigoroso, com acréscimos de gordura, com bolas de gordura e bolsas de gordura. O papai agora tem outra, que no entanto é a única e a primeira. Ele a procura primeiro, por que procura, sabe onde ela está, foi ele que cavou o buraco para ela afinal! Mesmo assim ele não me aguenta. De forma alguma. Em nenhum outro lugar. Só me suporta à medida que não me suporta. Sou um fardo para ele. Isso ele naturalmente não pode: me reconhecer. Aqui embaixo talvez, mas fora isso simplesmente não pode me reconhecer. O que não dá não dá. Com certeza sou um fardo para ele, ele não está ficando mais jovem. As crianças também são fardos para ele. Posso vagar pelo mundo e ser eu. Não. Não posso vagar pelo mundo, e não posso ser eu. Não dá. O porão é simplesmente pequeno demais. Mas também não posso ser uma outra. A terra não é uma fatia do ente como um todo. Meu todo uma fatia da terra no ser. Meu ser partido em uma única fatia, uma parcela do porão. Somos

distribuídas pelo porão. Embora sejamos as primeiras para o papai, somos as últimas. A cada uma o seu. A cada uma o seu próprio lar, é, o próprio Ser. Ele não me deixa. Não me deixa sair. O pai não me deixa fazer nada fora o possível. O pai tem prioridade. Tem prioridade aqui embaixo. Minha noção do mundo está cravada na terra. Meu edredom e minha fronha estão convidados e cravados na máquina de lavar. Bem confortável com o tempo aqui embaixo. Sem brigas. Sem brigas por uma prioridade de algo ou alguém. Nós permanecemos aquelas que somos. Não tem outro espaço. Quem grita é posto para fora sem misericórdia. Sortudo. Quem grita ou briga pode respirar lá em cima por conta disso. Somos sempre aquelas que somos. Também Deus só pode ser aquele que ele é, e só pode se tornar quem ele é. Como eu. Também não posso me tornar nada fora aquela que sou. Não tenho possibilidades aqui embaixo. Mas o papai gosta de mim, ele goza em mim, mas me deixa gozar primeiro. Não, ele goza de qualquer jeito. Se eu gozei ele nem sabe. Não posso sair, então nada sai de mim. Sou a única que apreende a si mesma. Dizem-me sem parar quem eu sou. Sou uma buceta. Não sou nada mais que uma buceta. Sou um fardo para ele. Sou a filha e ao mesmo tempo a mulher do meu pai. Sou uma só, simples. Sou dividida em três e – rasgada. Sou rasgada uma vez debaixo dele, mas não tem problema. Ele diz que o que se dá debaixo dele não importa para ele. Não interessa quem manda debaixo dele. Não interessa quem faz o trabalho doméstico debaixo dele. Sou pressuposto de mim mesma, mas tudo o mais também é pressuposto de si mesmo! Não tenho nenhuma prioridade, e aqui também não dá para brigar. Não sou outra coisa senão a Outra. A cada um o seu. Cada um ao seu. A cada um as suas. Eu não. Queria ser todas. Mas aqui não tenho essa possibilidade.

ESPÍRITO(A) (*enfim achou um filme que quer ver)*: Sim, mas estou falando isso o tempo todo: Você se iguala ao espírito que apreende. Não a mim. A ninguém. Pois você não compreende nada. Claro. Não me olhe desse jeito idiota! Não tenho que me interpretar, e você não pode me interpretar, claro. Como Espírito não tenho que me decifrar, pois como Espírito já sou significativa o bastante. Sou inconcebível. Eu me basto. Para Deus não bastei, mas basto para mim. Claro. Todos podem me interpretar, mas eu mesma não preciso. Cada um só é concebível em seu próprio chão. Mas não tenho que conceber nada. Claro. Esclarecer é ver o incompreensível e viver o ainda incompreendido. Vocês não querem viver o fato de não poderem me ver? Mas ver o incompreensível também não seria absolutamente compreendido pelo esclarecer! Não se incomodem! Podem desistir, pois tudo fica no incompreensível, e o incompreensível nunca poderá ser compreendido pelo esclarecimento, está bem claro e claramente incompreensível, não? Agora cavo um buraco, para acharem onde morar até eu terminar com vocês. Está claro?

Bem e daí, vejo que vocês já têm o buraco! Eu querendo me dar ao trabalho e agora isso! O que querem de mim então? Para dentro com vocês e pronto! Precisam de um médico? Como assim justo agora? Não posso buscar nenhum, já sabem disso. Aqui não pode entrar nenhum médico. Vocês têm que ir até ele. Então vão no médico, se estão sentindo falta de algo! Pois bem. Agora vocês vão no médico. No lugar de vocês também iria. Como está lhes parecendo isso aqui? Aqui não podem trazer nenhum médico! Vão ter que ir até ele então! Não, também não podem se matar. Vocês mesmas estão vendo: não dá. Nos seus antebraços já não tem mais espaço de tantos cortes que tem. Onde querem cortar mais! Têm que continuar aí para seus filhos! Se baterem as botas, um médico não vai vir atende-las aqui. Do jeito que a coisa está parecendo, não podem trazer nenhum médico. O papai não permitiria. Não podem arrumar tudo? Vocês têm que ir no médico, pois ele não vai vir até vocês. Era de se esperar que com tão pouco espaço vocês iam pelo menos arrumá-lo. Acho que precisam de um médico. Mas ele nunca virá a vocês! Vocês sim têm que ir a ele.

FAUST(A):
Que burra! Já estou com mais de catorze anos. Já tinha mais de dez na época em que vim aqui para baixo. Agora mais de catorze, a outra dama lá já dezesseis. Já fomos preparadas para tudo. Minha bela senhorita, posso ter a vã ousadia de lhe oferecer minha van usadinha e minhas surras? Pode se dirigir desacompanhada para casa, vão se dirigir para importunar outra, inoportuna eu venho, não, muito oportuna, venho, acabo de passar, e agora estou aqui. Quem é? Como assim já vem isso de religião agora? Como lido com isso? Ah sei.

Como vocês lidam com isso! Obrigada. Isso já faz mais sentido. Sobre mim todos têm poder. Todos simplesmente. Primeiro Deus, depois qualquer outro. Deus talvez até depois. Primeiro um outro. Aí vem um qualquer. Não, sempre só vem ele. Eu venho justo do único ser que um dia conheceu Deus pessoalmente e imediatamente o imitou, o que significa o mesmo que: reconheceu, senão o papai não poderia copiar ele, macaquear, não é verdade, e qual foi o resultado? Que depois ele não queria mais ser como ele, mas sim mais que ele! Blá blá blá. Isso só acontece comigo, também, conhecer justamente alguém assim! Venho ao único que compreendeu o incompreensível, à medida que não queria ser Deus, o que na época bem que poderia ter sido. Ele teve a escolha. E aí isso. Mas Deus jamais poderia ser tão repugnante, para não quererem ser como ele por preço nenhum! Bem, por esse preço pode ser. Não vi antes que o preço estava na etiqueta. Paga-se, e então se é Deus. Paga-se, e então se está de férias na Tailândia. Paga-se, e então se recebe uma massagem. Lá entra-se em cena em massas, é o que me dizem. Lá não têm que conhecer nenhuma medida. É bem engraçado. Eles se divertem com mulheres e crianças. Se divertem com outras mulheres e outras crianças. Paga-se, e então se tem o carro novo. Paga-se, e então se tem o bem desejado, que bem que gostaríamos de ser nós mesmos. Mas não valemos a pena. Somos vendidos. Somos traídos e vendidos. Esse espírito impuro em sua ascensão híbrida nada ecológica de fato seria a imitação de uma imitação, pois Deus deve ser um bom imitador de pessoas, é o que se diz, no entanto nunca consegue totalmente, embora supostamente já deva ser bem perfeito, ele se aproxima direitinho das pessoas, quando se dá ao trabalho, mas isso ainda seria sempre melhor do que ser eu! Ser Deus, ser tudo: ainda sempre melhor do que eu. Blá blá blá. Mas Deus não vai acreditar em mim quando digo isso, não vai acreditar que vivo num buraco no porão, que alguém se deu ao trabalho de cavar especialmente, dificilmente já se fez tanto por outra pessoa. Mesmo assim, vivo aqui à força, mas com um papai que me ajuda a gozar dessa situação e que pode ele próprio gozar também. Mas ele vai saber, Deus vai saber, não vai poder acreditar mas já vai saber, ainda antes de ser dito para ele. Ele é onisciente. Então os outros devem acreditar. Ele quer ser humano e andar no mundo. Tive que andar para dentro e para fora do porão, não, fora não, só para dentro, entrei no porão e nunca mais saí do porão, como se o porão já tivesse sido a vida eterna. Mas é só uma fatia, que pertence à casa e está inclusa no aluguel. Preferiria que o mundo finalmente se abrisse para mim. Não que se partisse. Se abrisse! Fora do meu quartinho aconchegante, para o aberto. Reconhecer que o Ser é o Nada. Não vale a pena. Ah, seria lindo reconhecer algo! Gostaria de começar a estudar. Mas infelizmente… não tem iluminação! Iluminação: ainda não chegou. Deixo uma vela acesa para ela na entrada do porão, caso ainda venha. Sou possivelmente uma imitação daquele que imitou um outro só para me dizer quem devo ser. Deus diz. Qual? Sei muito bem que um homem assim experiente não pode corresponder à minha conversa pobre. Isso já sei por causa do meu papai. Todos os outros também, naturalmente. Eles acham, isso seria natural? Pois bem. Deus também não será muito diferente. Os homens são mesmo todos iguais. Só eles existem. Procuro sempre só o que necessita de interpretação, e só reconheço minha própria necessidade. Então pelo menos a semelhança Deus/Espírito não deveria ser disputável. Com o Espírito já estou falando esse tempo todo. Ele sempre quer ver um outro programa na tv, para se alimentar. Esporte, na maioria das vezes. Quando o papai está aí: esporte. Quando o Espírito vem sobre mim: Esporte. Meu espírito está bem alimentado. Eu muitas vezes não. Desconheço ambos, tanto Deus quanto Espírito. Tanto Deus quanto Espírito. Só o Pai. Só conheço o pai. E o que rolou com a natureza? Não preciso esclarecê-la para mim, ela é simplesmente linda. É verdade que faz tempo que não a vejo mais, mas sim, sim, a natureza não é uma senhorita, mas é linda, querem vê-la mesmo assim. Na verdade é vista muito raramente, a natureza, isso dizem as pessoas na tv, que cortam a natureza em porções pequenas para nós, para caber na telinha, é picotada no tamanho da tela, e então é mostrada, sim, na tv a natureza aparece como uma criança na escola, a única natureza que me é acessível, mesmo que não percorrível, lá não dá para não ver. Lá pode-se ver e não: não ver. Não dá para cansar de ver. Passa por nós muito raramente, a natureza. Mas sabe que não podemos passar por ela. O universo passa na tv, e eu assisto. Aqui comigo ele

nunca passa, mas posso ver na tv. Talvez a natureza venha passar a Páscoa? Bom timing. É quando sentimos falta dela particularmente. É quando ela é desejada. Seria sua próxima chance de se mostrar. Nenhum passeio infelizmente. O passeio este ano, como todo ano, fez água, fez tanta água que fez um riacho, que só quer sair correndo. A natureza não fica quieta. A natureza pode ser explicada, se apenas estudamos o bastante, se pesquisamos as leis naturais, mas o que vamos fazer se ainda mal a vemos, se só vemos as árvores e não a floresta, na qual contudo já perambulamos o tempo todo? Quer dizer, não posso perambular, sinto que isso é seguro. Sento aqui, que é seguro. Minha existência é dirigida em segurança de algum modo, mas também não posso dirigir. Aqui embaixo posso estudar e aplicar fórmulas, ok. Quer dizer, poderia, mas não posso. Blá blá blá. Quer dizer, poderia poder isso algum dia, se tivesse aprendido. E como fórmulas, com um supletivo, talvez se tornassem compreensíveis para mim, e mesmo assim aquilo de que elas falam, que elas interpretam, continuaria sendo o incompreensível. Por ora tudo incompreensível. Blá blá blá. Mi mi mi. Então já aterrissei de novo ao lado de um Criador, do meu pai, que é meu criador, cuidador e carcereiro, isso é confortável, para isso não preciso aprender nada. Meu pai e esposo aprende por mim. Não tenho que me preocupar com nada. Ele até busca as fraldas para o bebê, sim, aquele, o que sobreviveu, fraldas Pampers num supermercado distante das montanhas distantes só para um bebezinho. Se tivesse dois, ele teria que comprar o dobro da quantidade, um pacote gigante. Aí já ia chamar a atenção. Ah, o quê, ninguém presta atenção! Para onde quer que eu corra, um, dois metros quadrados, mais não tem, mas nesses um ou dois metros também posso saltitar, não saltar por cima, mas saltitar, isso poderia, onde quer que esteja, em toda parte um criador fica me encarando, meu pai, que me preparou essa vida e agora quer explicar seriamente que me queria assim como ele mesmo jamais quereria ser. Ele sempre realizou o outro, mas quantas vezes alguém como eu aparece! Como se eu pudesse espiar por cima da borda do meu prato e me apreender como um outro, que também realizou o feito de ser realizado! Os dejetos dele, o lixo do pai criador, mas também o nosso, preciso ser justa, as crianças também cagam muito, o lixo então sobra para mim, como existência, a terra e o lixo ficam para mim, as crianças, a terra, o lixo, nenhum cachorro, ficam para mim, pois o pai não me queria, de todo modo não assim, me queria como uma outra, me queria mas como filha, ou não, me queria não como filha, só precisou escolher, e então me teve, me teve, a mãe vinha antes de mim, mas agora venho antes dela. Ele me colocou antes da mãe. Por isso me colocou no porão. A mãe pôde ficar lá em cima. Sortuda! Mas continua sendo minha mãe. Ele me fez, e então me fez até um lugar para viver, no porão, no fundo do porão me sento, aqui, meu pai! Você sabe do que estou falando, hein! Fui desejada como uma outra, que eu mesma adoraria ter conhecido, mas era sempre eu que tinha que aparecer, sem poder sair para espairecer, sou eu!, na verdade nem sempre, mas pelo menos na metade dos casos sou eu que estou aqui, não, ainda tem mais crianças aqui, mas nem por isso tenho uma boa chance de não ser vista. E de fato o criador não deixa de ver nada, nenhum cabelo cai da cabeça que não seja visto pelo espírito criador, não adianta se dar ao trabalho, ele se despeja sobre mim e respira sobre mim, sinto o cheiro do que ele comeu, algo com cebola, algo assim sempre sai, eu nunca saio daqui, ele me faz, ele me faz!, embora eu já esteja pronta, pronta faz tempo, ele me aprontou, me terminou direitinho. E agora também terminou, finalmente. Se sacudiu. Bebeu e esporrou e balançou a arvorezinha. Blá blá blá. Mimimi. As outras metades seriam as piores. Eu sou a melhor. Me tornei a metade melhor do meu pai. Foi bem fácil. Da primeira metade ele não gostava mais. Foi bem fácil. Não, diferente. Foi terrivelmente difícil. Me faltam as palavras. Sei que vocês não se sentem mal por isso, pois já estão aí de novo, as queridas palavras, naturalmente, só deram uma saída rapidinho. Diferente de mim. Estou fora de mim de saber que minhas palavras voltaram para mim. Como também voltei para mim novamente, e não tive outro caminho e não tive outra saída, mal podia acreditar, onde e sob quais condições tinha que ser o meu eu. Sou um campo mal ajambrado, que da grade do portão, sob o brilho dos holofotes parecia bem diferente, mas não se viu o tamanho, simplesmente não se viu o meu tamanho. Ninguém mais viu nada de mim. Daria tudo para saber quem foi meu senhor hoje de novo. Ah sim, já sei! Agora lembrei. Não tenho muita escolha. Preencho o

campo agora, como esperam de mim. Eu também preencheria mais, mas não me dão o questionário, não me questionam o que quero e o que não quero. Fui encomendada e então enganei o comprador. Agora ele me devolve. Sempre me devolve. Mas só tem ele aí para me pegar de volta. E o lixo, que sou eu, ainda tenho que levar para baixo também. Todo dia descer a escada. Primeiro homem, depois criança, depois nenhum cachorro.

ESPÍRITO(A):
Você quer seu assassino como seu libertador ou o quê? Acredita que poderia escolher? Quer escapar do seu destino horroroso? Mas tem que trabalhar nisso então! Tem que trabalhar em tudo. Não dá para você não trabalhar, enquanto todos têm que trabalhar. Vida é igual trabalho. Tudo é igual trabalho. O trabalho não é igual às pessoas. Também não torna iguais as pessoas. O trabalho te incita com um brilho de mil luzes, isso está claro. O céu também trabalha, quando penetra em você com seu abraço na forma de um homem. Mas tudo isso dá trabalho! Até o beijo, como se quisesse te sufocar em uma morte voluptuosa, dá trabalho. Beijem-se! Isso já lhes dá trabalho! Seus lábios estão frios e você tem que aquecê-los: trabalho. Responder: trabalho. Dar de beber a um filho: trabalho. Dar a morte a um filho: trabalho. Uivar e bater os dentes: involuntário, mas trabalho. Foder: trabalho. Fazer com isso um ser humano: trabalho. Mil vezes trabalho. Libertar um ser humano: trabalho. Vir, não importa de onde: trabalho. Ir, não importa para onde: trabalho. Permanecer: trabalho. Cuidar dos túmulos: trabalho. A vida em si: trabalho. O lucro, que é arrancado da vida: sim, ele também, trabalho. E quem avalia esse trabalho? Como assim eu sequer digo isso? De onde tirei isso? Que valor tem? Pois se é trabalho, também tem que ter um valor. Como Espírito(a) digo: o capital financeiro, o capital financeiro, o capital financeiro nesse meio tempo é a única instância que pode estabelecer padrões de medida para o valor do trabalho. Não precisam mais trabalhar agora, pois o capital trabalha. De todo modo não o de vocês. Valor por nascimento, valor por morte, valor por trabalho, trabalho por trabalho, medida por medida, trabalho vira trabalho, e de volta outra vez: o trabalho agora também se torna: trabalho. O trabalho também aniquila: trabalho. Tudo isso não significa mais nada. De onde tirei isso? De mim mesmo(a), do meu trabalho, de onde mais seria? Isso tudo não significa mais nada, pois o trabalho é sempre trabalho, mas nem sempre tem trabalho. Mesmo assim: o trabalho é metade da vida, e agora ainda é a outra metade também. Vocês não vão notar diferença. Só o trabalho vai notar diferença. Trabalho é vida, e vida é trabalho. Trabalho é um banheiro. Trabalho é fluido, e somos mergulhados nisso. Somos embebidos e comidos. O trabalho nos devora, pois tudo é trabalho e por isso nada é trabalho. Espírito ocupado, como me sinto próximo(a) de você. Trabalho, trabalho, trabalho! Ah, pobres de nós! Onde está o seio que criou e carregou e cuidou de um mundo em si?, mas isso dá trabalho!, e com alegria crescerem os tremores para nos elevar, a nós, Espíritos?, mas isso também dá trabalho! Um mar de trabalho que engole qualquer ferramenta usada contra ele. Mas isso também dá trabalho! No rio da vida, na tormenta da ação, ando de cima a baixo, tecendo para lá e para cá! Isso dá trabalho, posso lhes dizer! Não podemos escapar da água exatamente como não podemos escapar do trabalho. A água é como sujeira. Toda sujeira é como água. Trabalho é sujeira. Trabalho é tudo. Quando se pisa aqui dentro, é preciso escapar. A sujeira escapa quando pisamos nela. Não dá para combatê-la. Combater o trabalho também não dá. O capital agora se tornou o socialismo, pois ele é o único que ainda realiza alguma coisa, quando trabalha. Mas não se torna sempre mais quando trabalha, também pode se tornar menos, embora trabalhe tão diligentemente. Todos os outros só trabalham porque não há mais nada além de trabalho. Mas o capital, o capital, o capital trabalha com um objetivo. Antes você também tinha um objetivo. Agora só o capital tem um objetivo. De onde tirei isso? O Espírito não sabe. A Espírit(a) também não sabe. Vivemos no trabalho, mas o único que realmente trabalha é o capital. O capital é seu próprio socialismo. As sociedades anônimas são hoje o socialismo do capital, do capital, do capital. Mesmo se não pertencem a todos. Não importa, pois tudo é trabalho. De onde tirei isso? Não faço ideia. O Espírito não sabe. A Espírit(a) também não sabe. O capital é igual. Tudo é igual para o capital. É desigual, e por isso tem que trabalhar, só para se tornar mais. Para se tornar tanto quanto os outros têm. Mas muitas vezes se torna menos. Quem pode trabalhar trabalha. Quem não pode mais também

trabalha. Na atividade social permanente, no quartinho de cima, no quarto de verdade, no porão. Em toda parte atividade social, mas trabalho real só se pode esperar do capital, do capital, do capital. Quem trabalha? Todos trabalham e ninguém. Só o capital trabalha. Ninguém consegue se excluir. Ninguém tem permissão para se excluir. Quem impede o capital de trabalhar ganha. Mas ninguém pode impedir o capital de trabalhar. Por isso ninguém ganha. Todos almejam isso, ele já trabalhou de novo um mês, o capital, onde estão os frutos para a colheita? É como se as mãos tentassem agarrar a água, é como se agarrassem a sujeira, todos querem mais capital, e para isso há que trabalhar, contra isso também há que trabalhar. É irrefreável. O trabalho do capital nunca termina. Nunca pode ser parado, pois todos têm que trabalhar e ninguém não tem que trabalhar. O capital está pronto para retirada, mas até aí ele trabalha. Trabalha em sua retirada. É retirado quando trabalhou. É retirado quando trabalhou, mesmo se não tiver se tornado mais. Também é tomado se se tornou menos, então se toma menos também. Tudo está pronto para retirada. Tudo trabalha. Ele é o único que ainda trabalha, o capital, não, é um de todos que trabalham. Ele ganha, bem, não ganha, embora tenha trabalhado tão diligentemente. Mesmo que se torne menos: trabalho. Mas não faz mal, absolutamente, pois trabalhar todos precisamos. Tudo trabalho. Tudo trabalho. Tudo trabalho ou o quê? Tudo: o quê?

FAUST(A) *(agora vê outro filme, que parece lhe agradar mais. Se aconchega na poltrona e tira o som da concorrente na outra poltrona com o controle remoto)*:
Meu lixo. O que quer dizer, Espírito? Então tenho mesmo que continuar empacotando mercadorias do estoque, com a etiqueta do endereço, já consigo colar mais uma, e foi para a linha de montagem. Minha fonte! Minha fonte são esses pacotes, ainda, mas a fonte secou. A proposta de manutenção é insustentável. De acordo com relatos o sortimento está desde já limitado, sem mim. O liquidador concorda? O liquidador não vai concordar. Esses pacotes que agora estão parados, coisas tão lindas dentro!, ah se vocês tivessem apenas uma vez visto de dentro como eu, como eu!, não enche o tanque do meu Ser-um-coto e nem meu Ser-um-com-o-outro, meu ser-no-mundo também não, como as pessoas vão se alegrar quando receberem esses pacotes no Natal! Pela última vez. A fonte secou. O fim está à vista. Mesmo carregado, o comprador se encarregaria, e os trabalhadores não seriam sobrecarregados. As mulheres todas juntas. Registradas para o cancelamento, para a queda no pouco que já antes também não tinham. Surgem empregados livres, livres livres livres!, os coros nos entoam esse discurso corajoso: Enfim livres, antes você podia ser preso por uma coisa dessas, querer ser livre. Agora é permitido. A liberdade é permitida. Já está aí. Já vou aí! Já chegou, a liberdade. Só esperamos que ainda sobre esperança! Os empregados não estão condicionados ao prazo, a qualquer prazo, a todo prazo e podem ser liberados a qualquer momento. Livres, finalmente livres! Infinitamente livres! Uma palavra dada não é cumprida, e caímos na liberdade. Não precisamos fazer nadinha para isso. Ela nos é dada de presente! O que significa: liberdade finalmente batalhada? Não significa nada, pois a ganhamos de presente! Nossas mãos de mulher não empacotam mais nada e não empreendem mais nada. Eu mesma também faço alguns, alguns pacotes só para mim, para marido, filhos, cachorro! No meu trabalho na linha de montagem, onde coloco os pacotes empacotados por mim, querem entrar todos que produziram as mercadorias. Mãos de mulher empacotam direitinho e nisso colocam tudo de si mesmas ali dentro e nisso colocam a si mesmas ali dentro, antes que outra pessoa o faça. Elas são sempre colocadas lá dentro. Você está sob consideração para a aposentadoria antecipada? Quem está sendo considerado? Quem for trabalhadora próxima da aposentadoria, no ano anterior ainda elogiada, agora sem, agora sem meios, agora nem é mais trabalhadora? Por favor busquem qualquer uma que esteja próxima da aposentadoria e construída não muito próxima da água! Vão encontrar só umas poucas que construíram perto da casa vizinha, na casa de família que ainda não foi paga, perto da estrada, perto da ferrovia, perto do aeroporto, perto da rodovia. Essas vocês encontram em toda parte, então por que aqui? Onde há ofertas de emprego? Aqui há ofertas de emprego. Nada. Mas não tem nada! Fora. Fora. Fora. Viemos de áreas rurais bem remotas, era nosso único local de trabalho, que secou, o vencedor leva o resto, mas não tem mais nenhum. Quando a água seca, nada

fica. Nossas rezas morosas não são ouvidas, nossos restos mortais estão cansados, mesmo assim seguiríamos adiante se nos deixassem. Temos lugar na linha de montagem, isso podemos, nós mesmas somos todas, já somos todas, nós mesmas somos mesmo todas como que produzidas na linha de montagem, uma como todas. Os pacotes não são perdidos. Não são como nós, embora cuidemos deles para os outros. Somos cuidadosas remetentes de pacotes. Somos cuidadosas, e cuidamos de tudo o que quiserem. Para nossos cuidados: pouco tempo apenas. Com cuidado vamos para o mundo, então nunca encontraremos tempo para aprender e nunca o encontramos. Nunca. Nunca. Nunca. Desde a infância não encontramos tempo algum, e se tivéssemos encontrado, então naturalmente teríamos suspendido. Pois teríamos tido mais disso, mais tempo, mais do tempo. Mas também não estava previsto. Vamos com cuidado para o mundo, querendo dar cuidados, para os quais com frequência não há tempo. Mesmo assim eles são cada vez menos. Falta de dinheiro. Revogação. Vazio. A fonte secou, mas os negociantes ainda querem continuar. Queremos continuar com ela, se a fonte de suprimentos secou? Estou só perguntando. Estou só perguntando. Seguir negociando com o investidor potencial. Não posso dizer nada a respeito. O mundo cuidou de nós direitinho. Ninguém entoa um discurso. Todos registrados para o cancelamento no sistema de aviso prévio. Não sobra ninguém. Essa é nossa última saída cuidadosa para o mundo, sim, tem que ser. Blá blá blá. Mimimi. Sabemos o que estamos fazendo. Fazemos isso todo dia, ir para o mundo, com cuidado, cuidando de algo, pois ninguém mais cuida de nós, direitinho, faz tempo que nem tentam. Somos só nós, mas infelizmente ganhamos muito peso. Muito pouco movimento, pois é preciso ver tv. Mas aqui tem um investidor que quer tentar. Que esse seja o fora definitivo, pura e simplesmente não faz sentido. Que alguém cuide direitinho de nós, pura e simplesmente não faz sentido. Que os liquidadores nos passem uma lista de exigências, isso faz sentido, só não faz sentido que ela nos tenha sido passada. Somos ultrapassados. Fomos ultrapassados. Está acordado. Uma oferta está acordada. Mas não conosco. A continuação dos negócios precisa ser assegurada. Não conosco. Nós só poderíamos assegurar a insegurança. Então estamos conosco, mas: Minha existência é uma coisa. E as outras, as coisas, as qualquercoisas ou o que quer que sejam as outras, elas, ah, o quê, elas ainda tão aí, as mulheres estão aí para foder, assim as moças cantam nas faixas de pedestres, que atravessam e extravasam com os rapazes, estão ambiental e instrumentalmente disponíveis, extensiva e intensivamente disponíveis, poderíamos dizer, caso pudéssemos mesmo dizer algo, então por que nunca estão aí quando precisamos dela? E agora tudo! Eu sou, eu sou, eu sou, não faço ideia de quem sou, mas de todo modo sou, eu sou, mas só porque os outros também estão aí, marido, filhos, cachorro, as colegas da linha de montagem. Ainda. Só por meio deles eu sou. Ainda. Meu próprio criador. Os outros não só aparecem ao meu lado simplesmente, eu faço eles. Eu faço eles. Eles se fazem bem. E faço pacotes para eles. Você já se sentiu às vezes como um criador, ao empacotar esses pacotes, não é?, eu não empacoto isso!, você já foi quase um Deus, foi como ele, ele não te amou justamente por isso, é o que me ocorre, quem é que quer cultivar concorrência na própria casa?, e agora você também aterrissou em si próprio novamente! Uma difícil aterrissagem. Quer avisar alguém? Colapso circulatório. Colapso circulatório da economia. Colapso circulatório da linha de montagem. Fim da circulação como um todo. Logo a linha paralisa. A última gravação, quer dizer, a última degradação. Nem um único pobre pacote mais à mão. Nenhuma alegria mais da parte dos destinatários. Os mercados são instáveis por princípio, e agora isso nos atingiu. Falamos de bolhas. O homem fala de bolhas. Só não sei para quem. Não, também não entendo nada de apitar, mas toco tuba como hobby na banda dos bombeiros. Não serve para nada. Toco no meu tempo livre. Não me serve de nada. Só tenho tempo livre, mas não posso chupar, digo, soprar o tempo todo. Muitos mercados são sobrevalorizados ou subvalorizados, são assolados por fatores externos, que têm todos a ver com as pessoas e suas características, os comportamentos ou delírios coletivos, impulso diletante, comportamento de jogador, ganância. Nada disso acontece comigo. Eu perdi meu trabalho como milhares de outras mulheres também. Ladies first. Nada a fazer. Pode-se ler na nossa testa que não podemos fazer nada. Também não teríamos sido tão atrevidas se pudéssemos fazer algo ou tivéssemos aprendido

algo. Essa moça quer se tornar vendedora de flores e nem sabe fazer adição. Não se pode fazer nada, e sem isso não se pode nada. Jogadoras demais, ações incompetentes nas bolsas, tendências sinistras, irracionalidade. As pessoas não conseguem se decidir se querem ganhar dinheiro ou perder dinheiro. Eu não decidi nada e mesmo assim estou desempregada, um joguete em uma situação econômica excepcional, na qual agora nada mais vai crescer por um longo tempo. Essa situação tem que ser abandonada. Qualquer um chamaria isso de descida, mas eu não. É uma subida, pois você aterrissou na própria criatura! Feito! Isso é a sorte grande! Eu aterrissei no meu amor, que paga pela mulher, que só paga a conta para a mulher, que paga a conta para a mulher só, a mulher que está sozinha, mal temos algo e já não queremos mais, por sorte nunca temos nada. Só o amor é que conta. Agora o homem foi embora. Foi demais para ele. Só as crianças já eram demais para ele, o cachorro nem veio ao caso. Mas eu, eu pago minhas dívidas. O amor paga. Mas eu pago também!, pago minhas dívidas. As subtraio do amor, que o homem levou consigo. Filhos e cachorro largou aí. Não, por isso não me largo faz tempo, não relaxo. Estou quase pirando. A criatura está sempre descontente, e o que foi criado é sempre maior que o criador, que a qualquer momento perde o poder de disposição sobre aquilo. Tudo implode: nuvem de poeira! Do homem só vejo ainda uma nuvem de poeira. O homem só é ainda uma nuvem de poeira. O namorado novo quinze anos mais jovem. Só sentamos no computador, cada um no seu! As crianças não ganham nada para comer. O cachorro às vezes ainda ganha algo, as crianças não ganham nada. Elas gritam, brigam e não limpam o quarto. Não arrumam. O namorado novo senta, como eu, sempre só no computador. Nós jogamos. Não cuidamos de nada. Criador e criatura a qualquer momento colidem de todo modo. Então por que arrumar? Neles só tem ar quente. Blá blá blá. O que estou dizendo? Não faço ideia do que estou dizendo! Quê? Quê? A criatura é o ente, que no entanto não tem o caráter de algo que está aí, de um ser-aí, de um estar-lá-fora, consumido por estar-lá-fora, consumido pelos bens de consumo lá fora, porque ele, esse ser, porque ele arranca um para fora de si, porque sempre tem que estar-aí para os outros, um para-os-outros, seria melhor um para-outra-coisa, mas esse jogo eles não jogam, então não se chega a nada, então não se chega a si. Ninguém chega até mim. Com a desordem que as crianças fazem, não dá mais para entrar pela porta. Meu novo namorado e eu, nós jogamos joguinhos de computador. Meu ser é apenas ser-com, pois os outros de fato aparecem, mais, na tv, mais, mas por muito tempo não vou mais conseguir fazer isso, pagar pelos outros na mesa da vida, liberar os outros da conta, é que agora eu mesma estou livre! Libertada! As crianças brincam com a comida e não arrumam o quarto. Como mulher: espaço livre batalhado, mas na liberdade isso não é mais necessário. Nenhum espaço livre é necessário mais. Tudo é espaço livre, imediatamente usado para joguinhos de computador e para o caos no quarto das crianças. Liberdade: tem que ter coragem! Algumas pessoas temem a liberdade. Eu também. Marido, filho, cachorro, linha de montagem. Ainda. A linha: ainda! Enquanto a existência é o ente que é compreensível por princípio, eu só sou compreensível para mim através dos outros, homem, filho, cachorro, linha, trabalho, trabalho ainda, sem o qual simplesmente não dá para me compreender, mas quem é que quer me compreender mesmo?! Pode-se compreender a liberdade? Não. O homem deu no pé. Posso compreender a liberdade? Não. Ou se a tem, ou não se tem. Não dá para me entender sem os outros, que agora foram embora, o homem, que agora foi embora, por isso tenho o de vinte anos, com o qual só fico jogando no computador. O rastro das crianças é derramado. Caos no quarto das crianças. Liberdade? Quem é que pode entender a liberdade? Eu sim, eu entendo a liberdade de algum modo, consigo entendê-la bem, pois, sim, pois!, não à medida que, mas pois a compreensão pertence ao seu próprio ser aí no mundo, seu Ser É compreender, senão teria ido embora. O homem foi embora. O novo namorado mal passou dos vinte, e nós jogamos no computador. Blá blá blá. Só rindo! Assim o mundo é compreensível para o ser-aí, o ser aí está aí no mundo mas sempre incompreensível. Espírito!, no caráter da significância você me encontra. É uma grande honra. Posso te oferecer algo? Chá? Café? Suco? Ou algo alcoólico? O quê? O quê? Você não tem nenhum caráter, sempre diz só não, Espírito negador, já me acostumei com isso por causa do marido, filhos, cachorro, até o pacote muitas vezes

nega minhas mãos fracas, que enfiam encomendas ali dentro como se essas fossem pertencer a elas, mas ele sempre teve que me abandonar, o querido pacote, tão cuidadosamente empacotado, a etiqueta com o endereço colada com tanto cuidado, isso tem que parecer alguma coisa, não é verdade. Para isso você agora tem a mim, Espírito, em mim pode ver Deus novamente, diante de quem, porém, fugiu daquela vez! Prematuramente. Lá teria sido melhor para você. Quando se tem uma posição, é melhor mantê-la o tempo que for possível. Você podia ter tido tudo, teve tudo! Seu Espírito estúpido! Mas não vou te exorcizar, sou fraca demais para isso. Seu idiota! Até isso você rebate? Prefere me bater? Agora ousa, porque o marido saiu e o namorado só joga joguinho! O mundo, que cada um de nós cria, e seria na tela que o cria cada um que ainda pode apertar os botões e o cano, que cada um cria, antes que criem alguém, ele iguala a imagem da divindade, quer dizer, iguala aquele que não existe, é igual a nada, é sem igual, quer dizer, sequer iguala uma cópia de alguém que não existe, não me igualo a você, Espírito! Mas fico com você, Espírito! Naquela vez, Deus diante dos olhos, era melhor você ter calado a boca! Acho. Eu nunca ousaria dizer não. Muito menos para Deus. Tenho que ser aquela que diz sim, ou nada dá certo. Sequer posso arriscar isso, estar-junto com marido, filhos, cachorro, no sentido do cotidiano, não posso arriscar um não-é-da-sua-conta, não posso me arriscar a não-parar-de-mexer, temos tão pouca comida aqui, temos que ficar de olho na comida, não parar de mexer, carne é um bem raro, e estar-junto com marido, filhos e nenhum cachorro – não, um cachorro sim!, aqui em cima dá para ter cachorro também, esqueci – toma algo, toma algo de mim, não só me deprime como me deprava, blá blá blá, leva algo meu, pois esse estar-com-os-outros é sempre um estar-dependendo-de-um-outro, e a fonte agora secou. E o homem também foi embora. Por favor retirem agora vocês mesmos o homem de tudo isso. Sabem subtrair, espero. Minha fonte! Blá blá blá. Meu emprego foi embora. Meu emprego foi embora. Sou igual ao que imagino sobre, não, sob você. Desde que a fonte secou, desde que a fonte da transportadora ficou seca, não ouso mais imaginar algo sob, não, sobre mim mesma. Sob ou sobre as mercadorias posso imaginar algo, empacotei elas por anos, e podia comprovar na realidade, mas sobre mim nem posso imaginar nada. Aí estão: opcionalmente marido, não, marido não mais, filhos, cachorro, pacotes. Mas isso era uma vez. Não é mais. Caí fora do meu mundo, e esse mundo era para mim pressuposto de tudo, desse um-com-o-outro, do meu ser-no-mundo. Para tudo. Para o homem, não, homem não mais, filhos, cachorro. Tudo. Mas me atormenta um possível erro que cometi, bem, agora é tarde demais, pois os pressupostos não fazem mais sentido, o erro foi cometido, a ponte desabou, a fonte secou, mas me atormenta por assim dizer retroativamente, pois poderia ter efeitos retroativos sobre mim, que não seriam previsíveis: O que é, se o ser não é? Se nesses pacotes não tivesse nada além de vazio? Se eu tivesse empacotado o próprio vazio, e todo desejo por um bem próprio, que ainda pode distinguir entre valor real e fictício, fosse sufocado imediatamente ainda no germe? Pois isso ele encomendou, sim, o real, mercadorias de valor real, pois sim, não para mim, mas para os clientes, troca monetária e precificação sob condições capitalistas, ok, elas valem para mim e para os clientes, confere, tira da lista, bom, agora já passou, bom para vocês, caso não tenham sido nossos clientes, não, na verdade tanto faz, ruim para mim, a ilusão de uma segurança graças a substância de valor: não vale mais, o ouro não é mais ouro, do ouro não depende, para o ouro não tende mais tudo, embora alguns loucos não queiram acreditar nisso e ainda continuam comprando ouro, embora alguns loucos ainda deem dicas de que se deve comprar moedas de ouro e até mesmo onde, melhor no exterior, impostos mais baixos!, pois o ouro também vive por conta própria, é o que acreditam, os que sempre compram ouro: pois é, ainda é bom, enquanto não se pretender com isso nenhuma segurança de valor e nenhuma segurada no valor, enquanto o ouro puder cobiçar e acompanhar seu solo ao violino, só o ouro: muito bem, mas nada mais depende dele, fora nós, e então dizemos, e fora nós ninguém, e realmente realmente, dizemos, a economia capitalista capitalista capitalista só só só pode ser entendida definitivamente como economia de crédito e o dinheiro só como crédito de dinheiro, não é verdade, ouro já foi conferido, ouro, ouro, ouro foi tirado da lista, não é verdade, os idiotas ainda compram e compram, mais do que nunca, mas faz tempo que foi tirado da lista, bom, ainda existe algo, quem ainda não tem, quem ainda

quer algo?, quem tem um caminhão para isso?, ouro pode ser comprado ou não comprado, mas foi tirado da lista, não é mais tema, realmente, mas é tão simples, mesmo se vocês não acreditam: o desejo da criança que abre um pacote empacotado por mim seria extinto, todo desejo se extingue assim que esse pacote é aberto. E o ouro se extingue assim que ninguém mais depende dele. O valor das modas, é, das moedas, não depende mais do ouro, mas vocês seguem fazendo! Vocês idiotas seguem fazendo! Então acreditam que seriam mais fortes que uma moeda? Vocês devem saber que não conseguem nada, que há muitas moedas valendo, mas vocês não estão entre elas, e só ganham ouro por ouro, um cancela o outro, do ouro depende, para o ouro pende e assim por diante, então, o que que é agora? Ouro dura mais tempo? Eu também duro, e um tempo até relativamente longo, e o que ganho em troca de mim? Nada! A criança, mal tendo aberto o pacote de Natal, já quer um novo. Sempre quer algo novo. É bem simples. Vale sempre. Que sempre se quer algo que valha para sempre. E se tem algo, quer ainda mais, a criança. Vejam, sou uma mulher simples, nem me deixam mais empacotar pacotes, o que eu fazia bem, também não é tão simples, mas eu aprendi, que todos que se dispõem a algo, que deseja qualquer coisa, compra qualquer coisa, pois então, que todos todos todos caem no futuro e com isso no vazio, esvaziam. Todos que se dispõem a algo caem no vazio. Todos que se dispõem a outra coisa não caem. Sobem. Quem se dispõe a outra coisa também pode subir. Isso sim isso sim isso sim. Vejam, senão têm que deitar aqui no trilho do trem, se a sua taxa de juros não sobe. A cada um o seu. Cada um artífice da própria sorte. Não posso fazer nada, mas mesmo assim perdi meu emprego, embora fosse bem adestrada. Isso sim, isso é assim, e de fato assim, e de fato porque agora a esfera da circulação está separada da esfera da produção, faz tempo, embora a parada ainda funcione e ainda não tenha sido rompida, e nunca mais nunca mais, de modo algum pode ser convertida em trocas simples. Nunca mais! Nunca mais! Nunca mais! Impossível retornar! Nada mais pode ser devolvido em uma troca, fora no mercado de escambo de roupas infantis, onde logo me encontrarão, se eu não achar um novo emprego e não puder comprar mais nada. Afinal as crianças querem ter algo para vestir, as crianças sempre querem algo novo, as crianças têm que ter algo novo, que no nosso caso, na nossa casa, pode ser velho também, tanto faz, as crianças têm que ter algo novo para vestir. As crianças querem ter algo para arrumar. No seu quarto sempre ainda caos, embora eu não tenha podido comprar mais nada para elas faz tempo. Esse caminho está fechado. Agora esqueci qual, então simplesmente: todo caminho. Esse pacote está fechado. E nem eu sei o que está dentro, embora tenha empacotado eu mesma. Agora isso passou. Peguem agora seu próprio pacote, vão ser despachados cinco contra zero, com esse pacote vocês cinco contra zero pegam um pacote! Agora lhes digo, como assim meus pacotes trouxeram algo para todos, enquanto ainda tinha correios, sim, o correio trouxe algo para todos, mas para mim na verdade não dá mais nada, não, mesmo a música, a arte, a tv não me dão mais nada agora, isso nunca me deu nada, nem a tv eu entendia direito, só meu celular eu entendia, mesmo que não tudo dele, ele pode fazer muito mais do que eu consigo, e agora naturalmente eu ficaria alegre se tivesse me dado algo, a televisão, então agora eu teria justamente isso, então eu teria a tal visão de algo distante, e ainda poderia ver, mas só apareci na minha família, isso me deu algo, ninguém mais me deu nada, então, isso tudo não me dá mais nada, tudo isso que nunca me deu nada não me dá mais nada, olho a tela e vejo: isso não me dá nada. Ninguém me dá nada. Embora a tv seja a única coisa que me resta. A tv não pode ser apreendida, ela é a vida, é e pertence à vida, pertence simplesmente a nós, é a própria vida. Mas não me dá nada. Ninguém me dá nada. Tudo tudo tudo fora a tv, onde nunca vou poder entrar em cena num show de talentos como modelo requisitada, porque ninguém me requer e muito menos como modelo, não, também não como estrela dançarina, tudo tudo tudo é uma promessa não redimida, até quando a promessa é cumprida, até então permanece não redimida para mim, pode ser cumprida, mas nunca redimida, pois tudo tem uma dimensão futura fundamental, tudo é deixado para mais tarde, e é típico que tenham que enrolar e prometer. Agora mais nada. No momento nada tem lugar. No momento tudo é apenas retido, bem, eu não, para depois ser emitido, é, eu não. O programa é emitido. Eu não emito luz. Tudo está no futuro, onde no entanto também não está. O futuro então será produtivo, mesmo que não para

mim. E no seu centro está o princípio de todas essas promessas não redimidas, por exemplo, se vou poder participar desse programa de auditório, agora tenho mesmo tempo, bem, naturalmente não me prometeram nada, as senhas já tinham sido distribuídas, o dinheiro também, e se tivessem prometido eu não teria acreditado; já disse, o futuro: nada além de uma promessa não redimida!, sim, para mim não, não recebi nada e sequer posso redimir, resgatar um cupom, e também ninguém me prometeu nada. Me enrolaram, mas não me prometeram nada. Ninguém me prometeu o que quer que seja, o futuro muito menos, nem mesmo em parte. Eu não poderia partilhar, o homem foi embora, o novo namorado está grudado na tela. O que me resta senão olhar a tela. Até o computador pode mais que eu. Pode mais do que posso imaginar. O que posso fazer nele não é nada, é muito pouco, ele pode muito mais que eu. O namorado grudado na sua tela, eu na minha. Não podemos fazer nada. Podemos muito pouco. Podemos pouco e ficamos grudados no computador, que pode muito mais que nós. Quem é que devia ter redimido uma promessa? Conhecem alguém? Por isso é uma promessa (e permanece também uma promessa vazia), porque não é redimida e assim permanece, e agora e agora e agora digo: o câmbio, isto é, comércio e mudança, uma invenção do Espírito que sempre diz sim, que sempre diz sim mas é sim o diabo. O diabo é aquele que diz sim. Mas no joguinho a tela me devolve ainda mais do que jamais seria fornecido pelo diabo. Ele diria sim, isso é claro. Prometeria tudo, diria: sim, pode ter isso, se apenas desistir das comidas congeladas e do fast food e das comidas prontas e do McDonald's e assim por diante e ao invés disso comer gafanhotos, antes deles te comerem. Mas todas as suas promessas seriam como um tumor cancerígeno, a proliferação de uma dívida impagável, só adiada adiada adiada através de si mesma. O diabo é a promessa que é adiada através de si mesma. E se o diabo jamais se recolher, é nos detalhes que o reconhecemos. Querem um crédito? Para o futuro? Acreditam que, com as garantias de vocês, que vocês não têm, vão conseguir de nós um crédito? Só consegue crédito quem já tem tanto quanto o crédito daria. Comigo, conosco, com todos, com ninguém vai a nenhuma parte, pois não dá garantias, só promessas. O dinheiro não é nada mais que uma promessa daquilo que já se tem, não, uma promessa daquilo que se poderia receber por aquilo que já se tem, ah, sei lá. Não sei. Deveria ir para o futuro, onde tudo isso será redimido, mas não dá, não se trata de morrer uma morte horrível, não dá para entrar aí. Essa vaca não entra no celeiro. Também não entra no quarto das crianças, porque lá domina uma desordem tamanha que ela não conseguiria passar da soleira. Então. Por princípio não dá para continuar. Blá blá blá. Pelo menos uma vez estou dizendo a verdade, mesmo assim não consigo um emprego, e mesmo assim o homem foi embora. O novo namorado não é ruim. Temos um computador cada um, e agora nos ocupamos dele. Ele precisa disso. Precisa que se ocupem dele. Mas também recebemos um tanto em troca. O computador nos dá muito nesse meio tempo. Mais ninguém nos dá nada. Mas talvez eu não devesse ter dito a verdade. Então, segunda tentativa: sou uma promessa que no futuro seguramente será redimida, pois no futuro tudo vai se passar, pois o futuro adia tudo, inclusive o pagamento dos juros sobre o novo sofá e a nova cozinha embutida, os computadores compramos com a minha indenização, que não recebemos, os computadores então adquirimos a prestações, não é mau negócio. O computador traz. Ele me dá mais do que meu emprego me dava antes. Oferece uma infância eterna. Jogar jogar jogar. Sim, o computador traz isso. Pequenas causas – grandes efeitos. Ele dá o que tem, o computador. Não toma nada, só dá. Todos trazem algo, todos são devotados, todos trabalham, mesmo quando não trabalham, agora só a tv não me dá mais nada. Todos os outros me trazem alguma coisa. Vejam: o carpinteiro, por exemplo, o carpinteiro também traz de algum modo, mas não tudo, o carpinteiro tem algo para tudo, mas precisa ser pago, pois o futuro adia tudo, inclusive meus pagamentos, mas esses escasseiam ou logo o farão, pois é, o banco não vai ver assim, mas sem dinheiro não tem música, não é verdade, tudo escasseia e carece, e o banco endurece e não acredita no meu futuro, não acredita que no futuro vou poder pagar. O banco não acredita em mim. Agora gostaria de me rescindir, por favor, e redimir já agora meu capital humano para o futuro, é o que digo ao banco, também estou pronta para abdicar aos rendimentos, veja, banco, abdico prontamente!, vocês me olharam de lado, e já abdico, enquanto você ainda quer ter ter ter!, eu

poderia por favor já ter agora o meu futuro?, não?, eita! Sim, também quero ter, mas não recebo nada, o banco diz não, não sou dinheiro, não sou bens, mas o banco me quer, quem me quer?, o banco!, ele quer algo de mim, e então quer tudo que tenho, enquanto ainda tenho algo, pois ele não recebe nada de mim e não me dá mais nada, pois então já não tenho mais nada. Merda, ai ai ai, do ouro depende, ah, já sabem, ah, pobre de mim, pobre de mim!, tanto faz de quem dependo, homem, recém saído, filhos, igualmente saídos, o cachorro também, principalmente ele, tanto faz tanto faz tanto faz, blá blá blá, tanto faz, minha promessa para o futuro não pode ser redimida, por ninguém, também não dei minha palavra, não tenho nada para dar, para mim também ninguém dá nada, para mim ninguém dá algo para meu futuro, não, para meu presente também não, pois só tenho o valor que um outro me atribui, e no meu caso infelizmente preciso dizer: nenhum. Não tenho valor nenhum. Não dá para contar com o meu cheque pré-datado, não tem data para que minha conta cheque. Não sou donzela e nem bonita. Melhor não fazer negócio nenhum comigo. Meu único valor é não ter nenhum. Ninguém me dá uma garantia de retirada, nem é garantido que eu possa reter peso, embora quisesse!, pelo menos ganhar cinco quilos, mas não ganho nada, não recebo nada, e também não tenho permissão para dar nada, nem mesmo a mim mesma, nem mesmo algo de mim mesma. Então nenhum contrato para minha retirada como mercadoria, minha retraída como mercadoria, para um novo emprego por vir, mas para uma taxa de juros predefinida. A última vez que olhei lá dentro, essa taxa já estava cheia, pena, bem podia ter me beneficiado dela!, pois é, e minha taxa também está no chão, mas de fato. Queria obrigar contratualmente um outorgante, que no entanto não tenho, a tratar de trazer para mim um futuro, o meu, mas ninguém me toma para si, quem me quer?, ninguém, e como ninguém aposta nem minimamente no meu futuro, nem mesmo um mínimo depósito seria realizado, também não posso obrigar ninguém para com o meu futuro, e não posso mais me obrigar a mim mesma a tratar do meu futuro. Sempre só obrigações, mas não tenho mais nenhuma. O futuro se tornou tão importante, importante tanto para os negócios quanto para mim, e aqui, justo aqui, justo aqui o futuro se detém. Súbita e abruptamente. Agora ele está aí e imediatamente se deteve, porque me viu. Não estou preparada para isso, caio dentro do meu futuro, sim, eu significo futuro!, como de fato jamais me disseram, mas eu simplesmente não sei mais o que sei, quando me disseram algo assim, provavelmente nunca, tanto faz, ninguém me busca, ninguém me pega, ninguém me tira nada, ninguém me dá nada, ninguém dá nada por mim. E ninguém dá nada por aquela que vou ser, no futuro. Só que ela já está aí. Se não tivessem me dado um empurrãozinho, eu não teria percebido. Se não tivessem me dado uma empurrada, eu não teria comprado o computador. Meu namorado e eu jogamos o tempo todo. Agora todos já sabem que não vale a pena apostar em mim. Como correu rápido a notícia de que eu só sento e jogo no computador. Meu namorado também não faz mais nada. Por que então eu não? Nós nos jogamos e nos perdemos no jogo. Perdemos um ao outro no jogo. O computador traz isso. Nos trouxe mais do que nunca. Não tem consequências. Temos tempo. Que gastamos nos nossos computadores. As pessoas pressupõem que o tempo, isto é, o futuro, seja um estoque inesgotável, que já foi investido, e no qual se pode assegurar negócios, no qual se jogam negócios, lá dentro do futuro, pois é, e eles voltam a sair como nada ou como mais, asseguram-se especulações com especulações, vagueia-se de pântano em pântano, mas só me asseguram que na minha velhice não terei mais nenhum lugar onde pudesse investir a mim mesma no meu próprio futuro, já faz tempo que não tenho nenhum lugar, nenhuma vaga, nem mesmo aquela na qual já estava, ainda não tenho lugar nenhum onde possa aparecer, lugar nenhum onde possa seguir alguém, ninguém dá nada por mim, não tenho lugar, onde devo ir?, onde há um lugar que esteja livre?, não vejo nenhum aonde pudesse ir, não tenho nenhum, pois mesmo um emprego é uma segurança de futuro, a gente investe a gente mesmo, não recebemos nada em troca, perdemos tudo, podemos perder tudo a qualquer momento, e assim o futuro também perde o sentido, riscos são criados para proteger dos riscos, para proteger o futuro, e então um futuro é criado para o futuro e descontado dos riscos dos futuros futuros, todos descontam e perdem a conta, mas continuam contando, tudo é descontado de tudo, para os futuros do futuro. Só comigo ninguém conta, para mim ninguém dá nada, paro meu futuro também

ninguém dá coisa alguma, nenhuma mínima vaga, nem mesmo algo mínimo, nem uma carcaça, nem uma carona, num avião talvez, antes da qual vão nos revistar por inteiro, nos apalpar, nos escanear, nos tornamos tão importantes!, bem, eu não sou importante, não sou digna dessas férias, também não tenho emprego. Tudo é férias, tudo está aí, mas só para mim ninguém dá nada, nem mesmo o detector de metais no aeroporto, que vai me mostrar totalmente nua. Ele me devolveria, me libertaria, pois para mim ninguém dá nada, me devolvem, mas não me dão nada. A um outro pode-se dar algo assim, só a mim não dão nada, nada me dá algo fora o computador, que me dá algo. Só comigo não se fazem negócios. Com muitos outros também não se fazem mais negócios. Comigo não! Comigo também não! Não comigo! Agora não, isso é certo, mas dizem: no futuro também não, ainda menos que agora, isso já sabem. Perdi meu trabalho e não recebo mais nada mais nada mais nada. Então naturalmente cometi erros, faltei ao meu propósito, e foi retroativamente que faltei, a algo que era uma promessa vaga, sem garantias reais. Meu propósito não é proposto nem confirmado por ninguém. Meu propósito não é assegurado por ninguém. Agora de todo modo perdido, tudo perdido. Mas eu também seria extinta pelas costas. Não pelas costas, como uma facada, mas de trás para frente, retroativamente. Eu teria, caso o Ser SEJA (que isso fosse possível eu nunca teria pensado antes, o que talvez tenha sido um erro), caso exista de fato algo assim tão idiota quanto o Ser, que determina o ente em si no seu próprio ser, cozinha-o no próprio suco, mas não posso deixar ele descansar aí, com homem, filhos, cachorro não posso deixar descansar, eles sim descansam quando cansam de mim, ainda me dão as costas! Blá blá blá. Balabala. Bolobolo. Idiota! Pode rir! A fonte secou, não posso mais escapar, e também não posso suportar marido, criança, cachorro, bem, o marido não, já foi embora, o resto só posso no máximo mandar para um seminário de suportivo, quer dizer, supletivo, um curso que invista no futuro, esses cursos não sobem e não caem, na verdade nem são cursos, e o futuro já está penhorado para outros futuros, que têm como garantia os quais, os futuros futuros do futuro, então absolutamente nada, me asseguram, desse curso, ele traz, com ele conseguem um emprego, garantido, mas só podemos assegurar isso para os futuros dos futuros desse futuro futuro, não para agora, não para o presente, não para hoje, só para amanhã, para amanhã podemos garantir que depois ainda vai ter tempo, algum tempo, precisamos de algum tempo, daí dá novamente, só precisamos de algum tempo, mas hoje não podemos garantir nada, pois nosso curso segue muito baixo, a taxa afunda, por favor, tem que ficar melhor algum dia, com certeza num dos futuros, muito provavelmente, um deles eu consigo!, um eu consigo mudar, mas agora não está bom, agora está até afundando, o curso, o curso da taxa, gostaria de um outro, gostaria de fazer um curso aprender a ficar mais alto, mas o curso da minha taxa só afunda a cada dia. Eles virariam as costas para mim, meus clientes da vida, homens, mulheres, crianças, cachorros, todos me virariam as costas, se eu os deixasse para trás sozinhos e só colocasse pacotes vazios na linha de montagem, até que não pudesse mais colocar nada na linha (nisso sou melhor que Deus, que viu que era bom, mas bateu as botas, digo, pendurou as chuteiras, também enviadas pela nossa transportadora, mesmo que não tenham sido empacotadas por mim, e não fez mais nada), eu teria que seguir perguntando sempre, o que diz isso que eu digo disso, o que diz isso que outros dizem, o que é dito de todo modo, o que é recitado e rescindido ao mesmo tempo.

A OUTRA FAUST(A), QUE AINDA VAI ENTRAR MAIS TARDE E TAMBÉM SE COLOCAR POR ALGUM TEMPO, PASSA CAMBALEANDO, TENTA FALAR, OCORRE UMA BRIGA, MAS A OUTRA É EMPURRADA RUDEMENTE PELA FAUST(A) ORIGINAL. A ORIGINAL SEGUE PAPAGAIANDO:

Vaca idiota! Ainda não acabei! Se manda! Vou continuar: E eu não poderia escapar do dilema – pois de onde é que entra agora a merda da filosofia? Mas ela ainda não entra, não! Mas aqui diz que entra! Não sabe ler? – de que o Ser seria determinável como ser-apreendido, e para isso eu teria que desistir imediatamente de todo sujeito que gostaria de interpretar, mas isso não dá, embora eu não tenha estudado filosofia, nem filosofia da experiência e nem filosofia da expiração, mas isso não coincide com a filosofia, que ainda esclarece todo o resto, bem, não a mim, mas todo o resto, e que esclarece tudo fora o nascimento e a morte, nos quais por minha vez sou expert, cuidei por muito tempo da minha sogra, feridas constantes

com a luz do sol, a boa luz do sol, com proteção UV plus, não custa nada, tratei, o sol, deixou-se entrar o sol para o seu decúbito, nenhum outro fez isso, e eu não podia deixar entrar nenhum outro nesse fedor, então, o esclarecimento, isso tudo também não dá, a interpretação não dá, o significado também não, pois todo sujeito, que eu quereria interpretar, estaria comigo no mundo, estaria comigo, estaria aqui dentro comigo, e através da sua interpretação eu poderia me apropriar dele, o que por minha vez não poderia, pois à medida que o interpretasse ele se tornaria EU, já que estaria junto comigo no mundo, cairia em mim e desapareceria em mim, seria eu, seria eu, seria passado já, mas isso só depende dos futuros dos futuros do futuro. Tudo cai para a frente, atrás o navio afunda, caímos para a frente para dentro dos futuros, e enfim eu não teria mais que me esclarecer a mim mesma, pois para quê?, pois para quando?, e o Ser seria sempre algo possivelmente reconhecível, pois é, não por mim, não comigo, blá blá blá e assimpordiante e etc e etc, bocejo, que bom que não estudei filosofia, nem me dei ao trabalho, absolutamente não, mas como isso é reconhecível, o quê?, o Ser naturalmente!, sempre quando e onde não se sabe mais continuar, é só inserir a palavra Ser, fundamos um circuito do Ser, então discutimos ali, no circuito do Ser, que às vezes cruza o circuito do sentido e a crise do sentido, então discutimos lá, e a filosofia já está pronta, não é preciso se dar ao trabalho, é bem fácil, blé blé blé, então o Ser teria sempre que ser um Outro, pois só quando é um Outro, afastado de mim, não é verdade, na medida em que o empurro um pouco para longe de mim, por assim dizer, empurro para a estação de deslocamento de pensamentos, para a estação de manobra de pensamentos, em direção à fronteira absoluta, em direção à minha fronteira, sim, isso dá, pois todo pensamento é deslocamento, se fosse explicável, se o Ser se tornasse um explicável, só para mim inexplicado, para os outros explicável, mesmo que ainda não futuro, ainda não digno do futuro, meu Ser indigno de qualquer futuro, antes um tipo de fossa séptica, uma fossa cética, um poço cego, seria uma fossa esclarecedora, na qual se chafurda, remexedores de merda, dizíamos quando crianças, no interior, onde mais!, sim, tudo que eu tentasse esclarecer, na minha subjetividade, perderia imediatamente o próprio status de sujeito. Tudo foi embora. Posso colocar tudo nesse curto-circuito curto. Não demora muito. Seu Ser pode ser só, ah como poderia ser feliz! Ah, o que eu sei?, nada!, pobre de mim! O que dirão homem, filhos, cachorro, pacotes? Pelo menos agora o homem cai fora. Tudo está vazio. Tudo é vazio. Tudo é vazio total. Minha fonte! Minha fonte seca! Tudo vazio. Eu me vou, tenho que ir, pois o curso é na cidade, o curso é em outro lugar, ele se encontra, mas não me encontra, não me acha adequada, ele se encontra sem mim, e está pendurado alto demais para mim, pulo, mas não o alcanço, tenho mesmo que ir, para me encontrar, é como os ativos tóxicos, que primeiro têm que ser imprudentemente assegurados, então imprudentemente vendidos e então imprudentemente colidem, são tão imprudentes, e no entanto e no entanto e no entanto: posso ser traída, vendida, não assegurada, e então colidir, sem por isso fazer tanta confusão quanto esses derivativos de crédito, pelos quais todos fazem tanto barulho, embora ninguém os tenha visto, já gritam antes, sim, fazer dívidas para eles está mais barato do que nunca, os outros não podem fazer nenhuma, eu posso sem problemas: fazer nenhuma dívida, pois não me deixam fazer nenhuma, nenhuma dívida, nenhum crédito para o futuro, pois lá onde eu estava agora já teria me encontrado faz tempo, caso estivesse lá. Não sou nada, e ainda por cima não estava em lugar nenhum. Upa! Upa! Upa upa cavalinho! Se meu Ser, se meu servo cai, ele grita assim. Mas eu não estava lá quando caiu. Sua queda me foi informada em segunda mão. A mão pertence ao mensageiro. Deve-se festejar as datas festivas quando caem. E não caem lá onde estou. A data de validade, a expiração, está lá onde estou, mas as datas festivas nunca caem lá. Então, agora pode vir! Já acabei.

FAUST(A)2:
Só entro em cena esta única vez, se enfim me deixarem! Para me manter de cara limpa, mas então vocês não verão mais minha cara, não podem reparar nela, minha cara, que já amanhã não poderei mais encontrar inesperadamente, no espelho ou em outro lugar, pois já amanhã estarei mais velha, um pouquinho envelhecida, talvez um pouco desvanecida. Ouçam! Minha mão cai na estante, cai em dois danones. Já estão guardados para jogar fora, pois a sua data, a data da expiração, a que todos estamos sujeitos, a data de

expliração passou com este dia, o danone não pode mais ser vendido, mas talvez sim, quem sabe, talvez se encontre alguém que não lê direito. Mas não, não não, esse danone está bloqueado para o público, mas segue sendo propriedade do supermercado para o qual trabalho. Então ele expirou como todos nós, só mais cedo, quem sabe, talvez nem mais cedo, vocês também poderiam já morrer neste instante, não é verdade. Eu pego os danones vencidos, que são propriedade do supermercado, e levo para meus filhos. O que tem aí? Não tem ninguém aí. Essa mercadoria não pode mais ser vendida, é levada para uma sala trancada e declarada vencida. Estão vencidos, os danones, e por isso são trancados para fora. Estão vencidos e são trancafiados apesar de inocentes, guardados para serem jogados. São trancados para fora e expiram ainda mais. Mas quem penetra na sala trancada do lixo será denunciado por roubo. Nada vale nada, disso que está aí dentro. Nada vale a pena ser trancafiado. Só a expiração vale. Trabalho aqui, não, não como uma enguia que se enfia em qualquer parte, mas como arrumadora das estantes e faxineira. Eu mesma declaro vencidos esses danones, mas a data diz isso também. Eu não os abandono, não os deixo para trás. São destinados ao lixo, mas propriedade do mercado, que me emprega, que é meu empregador. Opa! Ai de mim! Procurei tanto para encontrar algo firme enfim. Esse homem, que pegou os kiwis amassados que não estavam mais próprios para venda, mas para consumo sim, também não foi pego. A mulher com suas piras, quero dizer com as peras, que pegou sem perguntar, porque estavam amassadas, essa mulher também. Está em tudo. Por que não eu e os danones? Porque tenho que escapar. O homem é como a erva e tem que escapar. Esses danones são especialmente empacotados um a um. Lá fora vemos impresso o que então se imprime aí dentro, nos olhos de vocês. No meio um ar podre. Gases de escapamento. Aqui já arrumo faz tantos anos as estantes, separo, separo a mim mesmo e volto a me misturar, mas não tem mais estante, se nem quero me misturar. É a regra, que não se pode roubar. Aí está o nada. Lá estou eu. Eu quero me misturar, em algum lugar, quero cuidar de algo para mim, quero me jogar fora em algum lugar, para saber onde é o meu lugar, e aí faço o erro e levo algo para casa, de todo modo aqui não é mais seu lugar, pois está vencido. Vai ser jogado fora, é o seu destino, mas permanece propriedade, não minha, é o seu destino, mas propriedade do supermercado. Ele sabe seu lugar, a propriedade, o que é apropriado. Então. O danone eu peguei. Me pegaram, o diretor da filial me pegou, mas não para eu sair correndo com um danone vencido, me ocorre. Mas é preciso festejar as datas comemorativas, como o danone que expira, não é verdade. E é isso que ele está agora: expirado. Encolhida: minha camiseta depois de lavada na água quente. Expirado: o danone. Aqui não tinha nada em que se poderia confiar, só a câmera de segurança. Ela se moveu, diligente. Ela assiste a todos nós. Dá assistência a todos nós. Com meu salário mal posso me mover. Com ele eu não tinha nada de estável. Agora sou arrumadora de estantes e logo terei sido. É o que terá sido. O danone venceu, venceu a batalha mas perdeu a guerra, não dá mais, não pode mais ser vendido, vencido que está. Levo ele, pobrezinho, que mal vai poder encontrar mais alguém que o queira. Eu quero. Ele está vencido como eu mesma. Quase. Mas com certeza ainda está bom. Ainda está próprio para consumo sem prejuízos à saúde. Como eu mesma. Quase. Mas ainda está bom. Dá para mim, obrigada, bom. Tão contente com essas constantes, essas estantes, isso de arrumar estantes, finalmente um emprego. E passou a data de expiração. Aí o danone vence. Não, ele não vence nada, nem pode lutar, potinho intacto, danone vencido. Ainda está bom, mas vencido. Como um crédito. Ainda bom, mas expirado. Eu não seria boa para crédito nenhum. Mas esse danone com toda certeza ainda está bom, mesmo não valendo nada. Está seguro, está bom. Os créditos festejam as próprias datas, festejam novamente as datas em que caem, os créditos caem como se fosse de longe, caem, upa, caem assim, e na entrada dos funcionários revistam rigorosamente minha bolsa, se estou levando algo, mas quem ia querer ir comigo de livre e espontânea vontade?, nunca eu levaria algo de valor, mesmo se fosse algo mínimo, sem pedir permissão ao meu empregador, sem perguntar se tudo bem! Não me pergunte o que aconteceria se não fosse assim! Se querem ir comigo têm que entender palavras, aqui está, não sabem ler? Proibido roubar. Sou selecionada aleatoriamente, mas então revistada rigorosamente, mas isso só vale para os valores de verdade. Esse danone não tem valor, vencido assim, mas ainda vale algo para mim. Não pode mais ser vendido.

Estava na sala do lixo, trancado, onde é possível entrar a qualquer momento. Sempre, pois ela não tem horário de funcionamento. Fora quando vem o caminhão do lixo. Aí sim. Então agora pego o danone. Quem isso prejudica? É propriedade do mercado, mas não pode mais ser vendido. Escolhi a propriedade do meu empregador para mim mesma, e então meu empregador deve temer que eu não faça nenhuma diferença entre mercadorias para jogar fora e mercadorias de verdade, isto é, todas as outras mercadorias. Em que pode se apoiar meu empregador? Ele não me conhece pessoalmente. Não sabe que eu só pegaria o que não vale nada. Como vai saber? Isso é falta de escrúpulos. A propriedade sobre os produtos é do meu empregador, que os vende. O que tem de incompreensível nisso? Nada. Eu teria que perguntar, pedir. Todo mero CEO que arruína sua empresa também pergunta antes se tudo bem. Os milhões também não desaparecem assim tão simplesmente. Eles perguntam antes se tudo bem. A porra do danone para as crianças, agora cai na minha cabeça, quebra a minha coluna. Não foi pensado para isso. Eu não tinha nem considerado pagar, devo confessar. Esse danone, dois potinhos, é absolutamente sem valor, mas propriedade. Propriedade do supermercado. Vai ser jogado fora, mas permanece propriedade. Por que motivo deveria ir para uma sala trancada própria para isso, se não fosse propriedade? Eu sei: O julgamento do kiwi. O julgamento da pera. Quem sabe mais? Talvez também possa ser vendido mesmo sem valor? Pois tudo encontra seu comprador, mesmo se ele não pode pagar e se a mercadoria é sem valor. Mercadorias vencidas empilhadas no caixa: passou a data de vencimento. Pego para mim dois danones. Infelizmente eu estava nas gôndolas resfriadas e peguei o danone para as crianças, dois potinhos, com calda misturada, data: passou com a data de hoje. Só é idiota que o dia ainda não terminou. Também não perguntou antes se tudo bem terminar. Mesmo assim passou, sem dúvida. Então. A data de vencimento entra em operação, o produto entra em expiração, a doença entra em cena, gases começam a se formar. Antes tinha calda em cima, agora está misturada no danone. Alguns nunca se misturam, outros sim. Sempre depende! Essa calda conseguiu. Agora danone! Agora sou danone. Meus joelhos tremem. Não podia ter feito isso. Isso justifica minha demissão, senhor diretor da filial?, por favor! Senhor, senhora tribunal do trabalho? Por favor! O que dizem? Como é que faço uma coisa dessas, levar sem pedir mercadorias expiradas, ao invés de expirar eu mesma? Um pouquinho de roubo não seria permitido? Não, me diz o tribunal. Mas eu expirei, então não estão vendo?! Minha luta, eu mesma, vencida, acabada! Simplesmente levar um papel higiênico, papel do escritório, ou o julgamento da holandesa? Eu devia ter lembrado antes do julgamento do tiramisu, roubo de um pedaço de tiramisu, e acabou. Vinte anos vendendo tiramisu, então uma única vez ele mesmo tirou o misu, e acabou. Senhor, senhora tribunal, por que acabou aí? Por conta de uma vez? Mesmo que mínima? Tudo bem, outros também não eram mínimos. Outros têm valor e por isso não são julgados. Eu sim. Me dizem que isso teria a ver com falta de escrúpulos, que eu tenha pegado esses dois potinhos vencidos. Escrúpulos contra expiração. Como isso expirou, que os escrúpulos se perderam? Hoje já não sei mais. Esses dois potinhos de danone não eram mais liberados para a circulação de mercadorias e portanto também não para consumo. Nem mesmo para venda. Só para a sala do lixo. Trancar para fora e pronto. Mas quem sabe? Talvez entre lá alguém, para quem ainda valham algo, os danones? Mas então realmente ainda têm que valer alguma coisa! Há alguém para quem significam algo! A linha de montagem segue correndo, a esteira rolante segue rolando no caixa sem sentido, mas não rola mais para mim. Essa mercadoria foi tirada da esteira. Expirou. Mas se ninguém diz a vocês e vocês não olham direito, compram a mercadoria, se deu rápido, se deu em prol do supermercado. Por favor. Não, aí não rola mais nada. A esteira não rola mais, expirou. Fui demitida. Meu limite de crédito é nulo. Meu crédito está para sempre ausente. Minha posse é lixo. Os dois doces também lixo, lixo tóxico, plástico reciclado, sem valor para ninguém, para mim sim, admito. Não dá. O empregador então já tinha que contar com isso, que de repente um monte de coisas estejam no ponto para o lixo, se ele alguma vez deixa passar, não? Mas aqui, a data, estão vendo? A data não se pode falsificar. Essa mercadoria não pode mais ser vendida, mas com bastante frequência é sim vendida. Só digo: meu leite duas semanas antes. Vendido. Mesmo vencido. Mas agora também estou azeda! Por

causa de dois danones! Ainda queriam rolar com a esteira, para ter algum valor, mas foram afastados, vencidos os danones como eu, ainda queríamos valer algo, ainda queriam ser vendidos, mas não tem nada aí, não mais adequado para a esteira. Peguem esses doces, os danones da esteira, estão vencidos, vou já buscar para vocês uns novinhos, frescos, com garantia de frescor, um instantinho! Um momento! Novos danones saindo! Por favor desculpem. Peguei o sem valor e fui demitida. Nesse mundo do trabalho os empregados não podem ter permissão de simplesmente se servir dos restos. Devem eles mesmos servir, mas não devem: se servir. Esses danones, esses bandidos, agora me quebram a coluna! Chega! Por favor esperem! Eles ainda queriam pular na esteira e ter algum valor, mas não podiam. Eu também não podia. Como pude? Necessidade? Não! Tem a ver com falta de escrúpulos, diz o tribunal do trabalho. Uma senhora tribunal do trabalho diz isso. Uma insignificância – não, não a senhora tribunal! – mesmo assim motivo para demissão. Para a senhora tribunal. Despedida sem aviso prévio. De fato uma demissão por roubo plenamente justificada, embora a mercadoria não valha mais nada. Mesmo assim ainda e sempre propriedade do supermercado. Sentimos muito. Fora com você! Pegue seus danones e não volte! Venha junto! E vá! É definitivo. A data de validade era válida, definitivamente. Já tinha passado. Nada vai te adiantar. Não vai te adiantar nada. O danone não vale, mesmo que ainda possa ser valer para você, é o que diz o tribunal. Eu digo: Por favor, retire isso, não pronuncie esse veredito tão duro, por favor! Pensem no julgamento do kiwi, no julgamento das peras, por favor! Tudo corre, salva, foge. Os danones não podiam mais ir para a esteira, embora já estivessem, os dois desesperados, agora eu também desesperada. Você também não pode mais vir, você! Você nos roubou, roubou seu empregador, que sempre foi tão bom para você. Leve os seus danones, mas nunca mais volte! Demitida sem aviso prévio. Pegue as suas coisas. Ele sempre me observa, o senhor diretor da filial, agora ninguém mais me vê. Aqui nada foi pego de um anúncio. Foi feito. O anúncio foi feito, pois legalmente o roubo não depende do valor da mercadoria roubada, e se o valor é nulo, o roubo obviamente é válido, vale para você me demitir, vale mais, o valor da mercadoria vale mais do que você pensaria. O roubo não é nulo, mesmo se o roubado não vale nada. Depende de: para quem! Então ele me olhou uma vez e não uma segunda vez, o senhor diretor da filial, que me conhece. Agora sinto muito, mas tarde demais. Os danones totalmente sem valor, ainda e sempre propriedade do mercado, embora sem valor, invendáveis, ficam para mim, ficam para mim, como consolo! Não duram muito mais, já começam a se formar gases de decomposição. Os danones tornam-se sobras para mim, só os gases é que escapam. Já fui embora. A demissão continua em pé. Eu não continuo em pé. Meus joelhos tremem, as pernas todas tremem. Vou para outro lugar. A esteira está parada. A esteira paralisou. Os danones ainda queriam sair no dia de seu vencimento, rápido, no último momento, quem sabe!, talvez consigamos passar, hoje ainda não acabou, hoje passou, embora o hoje seja hoje! Data de expiração transcorrida. Tribunal: transbordando, meio de transporte: parado no trânsito, desejo: transação não realizada. Não podem vir junto, meus queridos irmãos danone. Eu ainda queria ficar, mas também não posso. Essa foi a última gravação, e foi rasgada. Agora está tudo parado como a esteira. Paralisação geral. Tenho que ir. Mesmo assim lá para onde eu viria agora, se talvez tivesse objetos suficientes para minha livre escolha. Só que: arrumá-los nas estantes, isso não posso mais. Cometi essa ofensa em uma posição de particular confiança, como arrumadora de estantes. O valor desses danones não é baixo, é igual a zero, mas são propriedades. Meu valor é baixo, é igual a zero, mas ninguém me quer como propriedade. Agora tenho que ir. O danone eu não empacotei, mesmo assim está no seu potinho, vejam: a embalagem é mais cara que o conteúdo, o conteúdo expirado, vencido, ainda não está podre, mas vencido, tenho que ir. Minha data passou. Tenho que seguir. A senhora tribunal do trabalho diz: quebra de confiança. Mas o que quebrou em mim, isso não interessa a ninguém. Mas isso é loucura! Isso é mercadoria, que está vencida mas não desajustada, afinal eu mesmo arrumei. Eu teria sido a primeira a perceber se esse danone estivesse desajustado. Arrumo durante o julgamento o justo valor, o valor mínimo, não existente dessa mercadoria roubada por mim. É a última que ainda posso arrumar. O potinho é mais caro que a mercadoria! Tenho que devolvê-la. Não se pode fazer nada. Está vencida, mas tem que ser

devolvida. Então. Desapareço. Não me verão nunca mais. Os danones eu olhei nos olhos, olho no olho por um piscar de olhos, uma mancha de calda na pele escura: seus olhos, nos olhos do danone tudo é tranquilidade. Tudo o mais: vencido. As pessoas são vencidas na luta por um emprego, eu tinha um tão lindo, próprio para uma força de trabalho sem formação, que no entanto não tem mais força, e esse emprego perco por causa de dois malditos danones vagabundos, que contudo já estão até vencidos. Só ficaram me olhando que nem dois idiotas, os dois espertinhos. Era tarde demais. Para eles e para mim. Ora, se isso não é engraçado, então sei lá. Bem, agora de novo você!

Desaparece e é substituída pela Faust(a) restante.

ESPÍRITO(A):
Por favor, estou vendo, agora você é uma outra. Mas fico contente, pois sua antecessora, como a minha, sim, justo essa de antes, ela já estava aí antes, mas até agora sempre tinha sido possível contê-la, reprimi-la, nós duas, ela e eu, as duas de algum modo eram inquietantes para mim. Sim. Ambas. Simplesmente nada acontecia com elas. Essa Espírit(a) de antes era como um espaço no qual até o Espírito perde seu poder. Mas você me é familiar. E eu também estou aqui de novo. Estamos aqui juntas na forma de mulher, no fórum da mulher. Sempre estamos lá onde se trata da mulher. Estamos na nossa melhor forma, mesmo que feminina. A forma infelizmente nos diminui. Queria que de algum modo nossas formas fossem ainda menores, mais magras. Mas tudo bem, não se pode fazer nada. Somos como somos. Só Deus é aquele que é, foi e será. Mas nossa silhueta se transforma. Se adapta à comida. A comida infelizmente não se adapta a ela. Onde estávamos? Você ainda tem algo para expirar, digo, expressar? Algo para engordar? Acredito em você, com prazer. Aí está você várias duras horas na caminha do seu pequeno capital, suas economiazinhas queridas, e olha preocupada, mal pode chover e já acorda, mal começa a se debater e já estuda as taxas, numa telinha que tem sempre consigo, enquanto troca fraldas, enquanto amamenta, enquanto cozinha, enquanto arruma não para de percorrer, infinitamente, percorrendo e percorrendo, as taxas também correm, como numa esteira, as taxas se debatem, se desgastam, só para nós, mas para você não tem nada dentro, nada aí. Para você nunca nada dentro. Não te serve de nada. Elas correm, e correm de você. As taxas fogem de você. Se mandaram. Se foram. Nada me serviu também. Sou a imagem e semelhança de Deus, só que pior, naturalmente. Infelizmente. Senão seria mais considerada, com certeza. Mas até eu sei que não se pode medir nem a beleza e nem a escalada do dinheiro. Tudo que acontece deixa a expectativa de que você dirige o que acontece, só de entrar aí. Nada é seguro. Nada é estável. Tudo é o que você espera, ops, não é, não, é o que espera sempre uma outra pessoa, que embolsa o lucro! Que imbecil! Ficou idiota! Como os futuros dos futuros do futuro ficam sempre piores, ainda que especulemos que ficarão melhores, afinal algum dos futuros tem que ser melhor, não?, sou uma péssima imagem e semelhança. Me assemelho a Deus de algum modo, já quase fui ele, quase teria conseguido, vocês não podem comparar, já que nunca viram ELE, mas acreditem: sou pior. Mesmo que não dê para ver. Pois é, também não sou nenhum objeto de novo, embora: para meu criador eu era mesmo só uma bola de tênis, lançada por uma máquina e de novo recolhida. Mil vezes eu, lançada por ele e de novo recuperada. Mas eu queria mais. Todos sempre queremos mais do que tudo. Agora infelizmente não podia me tornar tudo, só semelhante, uma imagem e semelhança. Nunca esqueçam disso se quiserem me interpretar! Pelo curso de suas taxas talvez até possam. Mas então! Mas então! De fato poderão me apreender, mas nunca vão me ultrapassar. Não, também não vão me superar. Querem esclarecer e declarar o mundo como ser-apreendido, e querem objetivar a realidade do real como conhecimento! E aí o que dizem a alguém como eu? Que ui, ui, ui, com muito esforço estudou filosofia? Vocês me dizem o que podem dizer sobre mim. Pois tudo que não é Deus é pior, e de todo modo o contrário. Isso nos martelaram. Tudo sempre pior que o original. E o ser humano de todo modo já é ruim o suficiente.

FAUST(A):
Quê? Nem a você me igualo? Claro que não posso me igualar a um espírito. Se nem sei direito fazer conta, escrever e ler. A quem então? Você não? À natureza? Sou realmente natureza? Mesmo? Então seria o incompreensível de modo geral, e justo porque seria explicável então! Sinto algo? Não. Ainda não sinto nada, pois o que deve ser

esclarecido nunca se aproxima de mim, quando só esclareço a partir do que está presente. Você, Espírito, pelo menos está ausente, à medida que está presente. Isso já ajuda imensamente minhas tentativas de esclarecimento, muito obrigada. Não posso escrever isso aqui, porque não sei escrever bem, obrigada pelos aplausos. Mas posso dizer: mas filosofia, falando sério! Agora ela vem, agora ela vem! Falo em línguas estranhas, mas mesmo a língua se enrola na minha boca. Vou tentar esclarecer a essência da ausência. Uma bela mudança, pois pelo menos não vou precisar vê-la. Senão fico sempre só esclarecendo a ausência da essência, da qual contudo sempre cuido, marido, não, marido não, filhos, cachorro. Eu sou. Eu sou. Eu sou. Acreditaram que não seria, mas sou sim! Eu sou sim! Se nem vocês acreditam em mim, então quem? Esclarecer o futuro, disso desisti, e dependeria disso! O que estou falando? Está em toda parte. Infelizmente não vai resolver o ser-sozinho do ser-aí, que o homem, não, ele não mais, crianças, cachorro, vários exemplares do gênero e de um outro gênero, mas semelhante, fiquei aí do lado e talvez ainda dez outros a mais, quando temos convidados pro lanchinho de aniversário das crianças, mesmo que todos esses seres estejam aí e eu tenha que cuidar deles, mesmo assim a existência pode ser bem solitária, não acha, Espírito? Aiai! Quem dera! Desliga! Então, desse jeito a gente teria cortado fora a filosofia, infelizmente precisamos para isso de pelo menos dez minutos, quê, quase duas horas, que teríamos podido gastar melhor, como meio analfabetas que tentam desesperadamente se tornar um todo, horas que podíamos ter gastado em outra coisa, quer dizer, em nada, em falar, não em escrever, ler e fazer conta, obrigada pelos aplausos!, cortada fora, à medida que avançava, a filosofia?, sim, ela, não vejo quem mais seria, ninguém mais se coloca no caminho dela, então por que ela avança?, cortada fora, à medida que damos corretamente a partida pela primeira vez e prevemos verdadeiramente o futuro, mesmo que não a verdade: quanto menos a minha existência é um sujeito sem mundo e um interior, pois tenho marido, não, ele não mais, filhos, cachorro, um interior onde sempre entra um pouquinho de mundo, então quanto menos minha existência recebe do mundo, quando empacoto pacotes e coloco na esteira, empacotados, colocados, quero dizer, tanto menos com isso se torna um ser-com, para o qual o marido, os filhos, o cachorro se fazem sentir e se deixam estar comigo. E como tenho que fazer esse curso do seguro desemprego, para poder ser empregada de novo em outro lugar, enquanto lá onde gostaria de ser empregada outra pessoa é liberada, liberada do serviço, mandada embora, tem que ser, agora isso também não me serve de nada, ops, então assim todas caímos gritando dentro do futuro, também os cursos das bolsas, tudo cai de um futuro para o próximo, só que ele nunca está aí, e agora perdi de fato minha vaga! Minha fonte! Seca! Vencida sem vencer! Mandou tudo à merda, a fonte. Seria preciso imitá-la! Agora preciso ir para outro lugar. A fonte secou e expirou. Tenho que ir embora. Tenho que aprender algo, reconheço. Para o marido, não, marido não, filhos, cachorro, tudo paralisado, não seco, mas paralisado, isso não teria sido necessário. Por favor, não precisam se incomodar! Porém, agora é necessário, aprender, é necessário, mas não vai me servir de nada, eu aprendo, mas não me serve de nada, eu aprendo a dirigir o computador e tiro a minha carta, para poder ser empregada novamente, para poder ser explorada novamente, venha para o seco, amigo!, vai lá para baixo, inimigo!, antes que o clima seco venha! Preciso de um emprego de mulher! Preciso, sim, pois do que é que preciso?, já vejo, essa frase nunca vou poder dirigir até o seu fim, nunca poderei dizer do que preciso, preciso preciso, agora vem o Se, e se o Se já se foi, não sei mais do que preciso, o que me falta, então, se o ser-com-um-outro significa um ser-com-um-outro em um e o mesmo mundo, onde todos são o que são, onde todos somos o que não queremos ser, num mundo que nos aplaina a todos, não, não nos deixa planos, muito mais invertidos, mas faz isso a todos, o que talvez também seja o inverso, tanto faz, então se, então se, então se esse ser-com-um-outro que já estabelecemos e definimos como um no-mundo, o qual necessariamente também pode ser indiferente e inconsciente para os indivíduos, bem, não para mim, mas talvez para o marido de antes, filhos, cachorro – para eles o seu Ser é a maior parte das vezes inconsciente, porque eu tenho que alimentá-lo, tenho que cuidar dele, eles não têm que se perguntar nada, pois de todo modo quem tem que responder sou sempre eu! – então se, então se, então se esse ser-com-um-outro, do qual já falei que seria um em um e o mesmo mundo, senão não

tem graça, não é verdade!, e se nosso Ser nos fosse totalmente inconsciente, embora não pare de nos arrombar, arrotar como se tivéssemos comido algo estragado, não é verdade, blá blá blá blá, então preciso de algo?, se é algo, preciso de algo?, sim, do que preciso se todos estamos uns com os outros, precisamos dessas balas de caramelo que grudam nos buracos dos dentes, que agridem o esmalte dos dentes, que nos fazem ficar mais juntos até que nos grudemos uns aos outros inescapavelmente, como nos é mostrado com imagem e som, muitas vezes em alta resolução, não, nem por isso a coisa se resolve, se dissolve, é mostrado como valendo o esforço, o frasco de gemada, a nova garrafa térmica, mais o óleo, mais o gás, para nos aquecer bem, do que precisamos, do que precisamos?, então se, então se, então se é assim, como não sei se é, inconsciente pros indivíduos, a vida totalmente inconsciente, como sei e como foi dito, então se a vida bloqueia para mim as minhas possibilidades, à medida que ganha forma, mas sempre para outros, então o quê? Isso tudo não oferece nenhum sentido. É totalmente sem sentido. Obrigada pelo aplauso que não vem. Nem ele vem. Estão cansados, posso entender. A filosofia diz – não compreendo, ela sempre segue falando, perdi ela uma meia hora atrás, mas ainda segue falando – também sempre fala qualquer coisa. Todos dizem algo, mas não nos dizem nada. A nós ninguém diz algo. A gente deixa o fone de lado e vai lavar a louça e as superfícies horizontais lá na cozinha, não, as verticais não, a não ser que estejam na frente, de modo que sejam vistas quando se olha, e quando a gente pega o fone de volta ela ainda está falando, a filosofia! Mas a mim não diz nada. Mas fala e fala e fala, e até repete a fala, não faço ideia de quantas vezes já repetiu isso enquanto eu estava sem o fone, que isso não oferece nenhum sentido, mas não diz O QUE não oferece nenhum sentido. Mas enquanto isso lavei toda a minha louça! Para nada. Espero que não fale mais, a filosofia. Como posso otimizar minhas possibilidades e ainda estar com os outros no mundo? Não posso. Ainda está falando! Bolobolo. Mimimi! Talvez otimizar o aproveitamento com o coração? Subaproveitado! O Ser como habilidade, que nos habilita para a verdade, de que então logo procuramos escapar habilmente? Alienação, cujas raízes jazem numa generalizada e irracional falta de pátria e portanto naturalmente também na natural falta de casa? A habilidade do Ser, que é decidida em alguma repartição pública, mas pela qual a apatridade só pode ser escondida por pouco tempo? Pelo menos trabalho? O que é então? O processo da produção incondicionada, a objetificação do real pelo ser humano, que só pode experienciar a si mesmo como sujeito? O ser humano um sujeito? Morro de rir! *(Começa a rir, mal pode falar o seguinte, que sai em meio a roncos de riso)* Pois como veem o ser humano, digam de uma vez! Vocês o veem como vítima da técnica, a metástase no cérebro, na mão o mouse, tateando pela essenciazinha mole que lhe dá tanta alegria? A técnica em sua essência é uma habilidade histórica do ser, da verdade do ser, dormente no esquecimento? Blá blá blá! É absurdo. Tudo é absurdo. Tudo. *(Grita de tanto rir. Só com muito esforço consegue se levantar)* E tudo só se relaciona a si mesmo, pois o que deveria ser o futuro do futuro dos futuros senão aquilo a que se refere no presente? E lá está agora meu ordenado miserável, de fato indisponível. Nada de ordenado mais. Nenhum ordenado sobre os quais valeria falar, mas a filosofia fala e fala. Nada mais pode ser valorizado, porque não se dá mais valor e não tem mais valor, o que quer que seja não tem valor nenhum. E de dia cedinho já está na máquina de lavar roupa, até que ela finalmente trabalhe sozinha, todos precisamos trabalhar, e na máquina de lavar prato, que não trabalha sozinha, embora ainda nem tenhamos acabado de pagar, então ir ao mercado e cuidar do fogão, e é sempre assim, hoje e amanhã. Aí vai, meu senhor, nem sempre corajoso, mas experimenta a comida e a paz. Cedo, quando os galos cantam e as estrelinhas baixam, tenho que estar ao fogão, tenho que acender o fogo. Pois é, então não iria tão longe, também não precisaria, pois o fogão está: aqui em casa. Ele não anda. Infelizmente não anda, o gás foi desligado, mesmo que não por mim. O moço da empresa já está a caminho. Vai pelo menos arrumar a máquina de lavar louça para mim, espero. O que estão falando? Eu com certeza teria sentido a mais pura felicidade com isso? Felicidade no trabalho? Bem, obrigada. Mas isso não tinha sido falado. Mas se vocês acham... Agora sei melhor. Já teria sabido mais cedo, teria deixado marido, filhos, cachorro morrer e a esteira parar. O marido talvez de todo modo já esteja morto. Mas eu não teria aguentado. Não tinha sentido. Tudo sem sentido. Como o mercado avalia algo presente, também avalia o

futuro depois. E mais nada é reconhecível, nem mesmo oferta e procura. Não tenho nenhuma oferta de trabalho, então sou avaliada no presente como nula, e daí tiram em geral a conclusão de que serei sempre uma nula. Bobagem. Apostam em mim, mas não vou trazer sequer pagar o esforço. Quem aposta em mim? Ninguém. Nem eu. Está certo. Não tem sentido. Meus sentidos também não têm mais sentido. E se têm, então ninguém diz qual é. Sempre que se precisa da filosofia, ela não está aí. Para que, por que sentidos? Leiam! Eu li. Li esse conselheiro, embora fizesse pouco sentido para mim. A leitura me traz dificuldades. Também ninguém tenta nem adivinhar o que eu poderia querer dizer, o que outros por sua vez querem dizer, o que outros dizem que outros por sua vez querem dizer, mas o que quero dizer não importa para ninguém. Não significo nada. Pois ninguém me daria um nome, um emprego, as parcelas para a casa, o dinheiro para o estudo do meio da filha, a contribuição com a taxa para a cremação do filho, ah, não, quero dizer com a taxa de crédito do filho quase crescido, que no entanto segue morando em casa. A garantia para seu crédito, quero dizer. Será que devo encontrar uma pessoa que passeia sozinha e, em retrospecto, que talvez se torne um futuro, olhar na sua cara? Bela mudança. Talvez. Mas o Mesmo permanece, embora na verdade o Outro seria mais interessante, permanecem marido, filhos, cachorro. Um deles permanece menos. Mas isso permanece. Quem ainda está aí também permanece. A fonte secou. De onde isso veio, marido, filhos, cachorro, lá não tem mais nada. Mas todo o resto permanece comigo. Não tem nada aí, e isso permanece comigo. O cachorro às vezes não permanece comigo, mas todos os outros permanecem. Rindo alto! Simplesmente me joguem fora e pronto! Me deixem! Não me preservem! Vocês, anjos, não, vocês também não! Não me salvem! Não me ajudem! Me julguem! Já me juntei tantas vezes, podiam tranquilamente me julgar por isso! Não, seis dos bons também nunca tive. Já tentei várias vezes, várias vezes me enfiei de manhã cedinho na tabacaria, cruzei uns números, com certeza não cruzei com eles, eu saberia, mas a três foi o sentimento mais elevado. Não sabia os números certos. Então. Estou salva. Estou preparada, mas para quê? Para quem? Marido? Filhos? Cachorro? Para quem, pergunto a vocês! Quê? Vocês não me deixam? O que não me deixam? De todo modo não sou deixada! Não me deixam? Estou acostumada com isso, que não me deixem! Com isso não me assustam. Vocês tiveram algo a ver com a minha salvação? Anjos? Querem preservar algo em mim, comigo? Então o que é, pergunto! Querem me preservar para meu próprio futuro? Tenho horror! Tenho horror! Tenho tanto horror, é realmente terrível. Pois é, o filme hoje à noite não é mau. Vamos dar uma olhada...

ESPÍRITO(A):
Devemos ainda por cima trazer aquilo da religião? Isso aqui já está longo demais! Obrigado(a) pela desatenção! Estou vendo, já não prestam atenção faz tempo. Não estão mais curiosos. Bem, então não agradeço mais. Devemos ainda fazer aquilo da religião, o que quer que seja? Mas vocês gostam tanto de fazer isso, se não sabem mais como continuar, se para vocês algo é alto demais, então logo vão até lá em cima. Um truque, mas as pessoas não conseguem perceber. Bom para vocês! Tudo isso soa ótimo, mas não é, pois não vão guardar muito disso. E se morrerem, se ela os tiver nas garras, já lhes digo antes. Se trazem algo de que não se guarda muito, então não se impressiona ninguém. Ninguém ainda. Não está certo, pois há que acreditar nisso. Eis o pressuposto fundamental, se não ninguém entende patavinas. O que acham, quantos então têm que acreditar nisso, todo dia! Tenho estimativas aproximadas. Mas é preciso que acreditem nelas. Todos têm que acreditar. Sou quem menos acredita em alguma coisa, mas tenho que dizer que é um número impressionante, que impressiona até a mim, quantos têm que acreditar nisso. É preciso? Sim, é preciso. Esses números não mentem. Todos os números mentem, mas esses não. São os números certos. Pode pegar. Sim, é preciso pagar sempre.

FAUST(A):
Pois bem, por mim. Resguardo sempre a religião, até que caia da minha mão. De todo modo não posso dizer muito sobre isso. Posso dizer que minha alma vaga por aí como na maior agonia, falando e perguntando a si mesma: Onde está seu Deus? Ela não ficou sabendo. Notável. Como se alguém pudesse se recordar de mim sem minha intervenção. Como se eu fosse o Espírito que sempre pode ser acordado, chamado, só para então dizer não! Estou sem dormir, como um pardal solitário no telhado. Deus é chamado aí, os anjos

são chamados aí, aí Deus muda de operadora, porque as chamadas para ele são caras demais, e sempre dá linha cruzada. Aí já está ele novamente, o senhor Deus, só que dessa vez existe mais barato. Clientes novos só pagam metade do custo básico. Clientes velhos pagam inteiro. Aí já mudamos de novo a operadora, ou inscrevemos outro membro da família como cliente novo. Enquanto espera pela sua ligação, a alma está numa situação, por um lado, nem está no céu, nem recebe consolo do céu, e por outro lado nem está na terra, nem gostaria de receber consolo da terra. Então está aí pendurada entre céu e terra, como que crucificada, e sofre sem que de nenhum dos lados venha ajuda. Está ficando louca! Pois a ajuda que tem do céu, e é o conhecimento de Deus, que supera de longe tudo que se poderia desejar, sempre cai no vazio. Desculpa, só estou dizendo o que li. Mas um pouco tonta, ou digamos melhor: simplória, isso ela é sim, a alma. É simples, não tríplice como Deus. Podem dizer outra coisa sobre isso, se quiserem. Na religião não tem importância o que se diz. Se não se acredita nela, tudo isso não adianta nada. Então digo justo isso. Vocês dizem outra coisa, por mim. Pois a ajuda que vem do céu só aumenta o tormento da alma. Com isso seu anseio por Deus cresce de tal modo que, pela minha modesta experiência pessoal, a intensidade da dor que daí emerge às vezes, mesmo que por pouco tempo, rouba a alma idiota dos sentidos, e sem sentidos a alma não tem sentido. Quase não dá para perceber, porque a alma é meio tapada. Como um lápis sem ponta. Mas essas situações se aproximam muito das agonias da morte. O que querem? Mas posso sim dizer isso. Isso ainda vamos poder dizer, não? É religião, e a religião ainda vamos poder praticar, mesmo sem ter praticado antes. Esse tormento amargo, mesmo que doce, ainda vamos poder vivenciar. Se podmos viver nosso impulso animal ou nosso amor pelos animais, então também podemos viver nossas necessidades espirituais, não? Tudo tem que sair. Todo impulso tem que sair. Não se pode conter nenhum impulso, pode-se cortá-lo, mas tem que sair, sempre sai. Tudo tem que sair do corpo, e se podemos nos vivenciar corporalmente então também podemos fazer isso com o espírito, então podemos exercer esse doce tormento do anseio por deus sem mais, sem vocês resmungarem. Não acha, senhor Espírito? Tem que achar, muito especialmente, mesmo que acredite que deve sempre dizer não. Você viu Deus uma vez, então queria ser ele, então não viu mais a floresta, só as árvores. E agora está aqui, apenas.

ESPÍRITO(A):
Nisso você tem razão de algum modo, sabe. O problema é que, quando já se viu Deus, como eu vi, então tudo que possa se apresentar na terra, na minha opinião também a alma, sim, também, então tudo de que talvez se cuide para ser doce e confortável, não é mais nada que a alma pudesse aceitar. Ela simplesmente não aceita. Que luxo, não aceitar algo! Justo isso consegui! Mas ela não aceita, a alma. Ela incha, ela se infla. Tudo que é quer se inflar, para pelo menos parecer mais. Mas assim alguém sempre parece mais claro, assim alguém sempre me parece ser ainda mais claro! Eu aceito, ela quer aceitar, a querida alma, mas não consegue. Eis o problema, quando você já viu Deus em pessoa. Então não quer ver mais nada, então não aceita mais nada, então não consegue aceitar mais nada, ou empurra tudo o que pode te encontrar no mundo para longe, imediatamente. A gente bem que reconhece que não amou nada que não Deus, infelizmente reconhece tarde demais, pois, à medida que queria ser como ele, ou seja, queria ser igual a ele, labuta em si mesmo como artesão, até que todo o gesso tenha caído para fora da gente, e então não aspira mais por ele em interesses particulares, e com isso não se dá mais satisfações, mas quer sempre ele inteiro de novo, todos querem tudo, a gente quer tudo, a gente quer Deus inteiro, se é para fazer faz direito, a gente quer ter o Deus inteiro, tarde demais, eis o problema, a gente sempre quer ele de novo tarde demais, já que uma vez o viu e teve, a gente quer ele, então sempre quer ele de novo, quanto mais longe dele mais necessária e urgentemente a gente quer ele, quer sempre ter ele de volta, sem saber qual parte dele a gente ama, a gente quer tudo, mas não poderia nem aguentar uma partezinha dele, não poderia nem aguentar o amor por uma parte de Deus. Por favor: a alma não pode imaginar nada de Deus na primeira tentativa. Eu o vi, e agora posso imaginar tudo, tudinho. Mas isso não é um estado da luz, da iluminação. Se a gente pode imaginar tudo e fazer tudo, isso podem ver em vocês mesmos, então a gente não pode imaginar nada nem fazer nada. Também nem quer. A gente quer voltar para Deus, mas ele não aceita a gente mais.

Nem se a gente queria ser ele, então ele não aceita a gente mais, naturalmente. Quem quer concorrência na própria casa? Mais alegria por um pecador convertido que por tantos e tantos sérios respeitados. Como tantos e tantos sexos retalhados. Mas não se a gente quer ser ele. Concorrência, na própria casa ainda por cima, ele não suporta. A gente anseia por ele, mas sempre só tarde demais. Assim também eu. O que outrora era graça se torna dor, o que outrora era lã se torna poliéster, o que outrora eram boas ações se torna falta. Assim também eu. Não sou o Espírito que sempre diz não, sou a falta. Sou a falta em si. Ah, nem posso começar a tentar dizer o que quero. Então já deu!

FAUST(A):
Eles não têm pena de mim. Nem de um fio de cabelo meu. Ninguém tem. Minha alma, podem esquecer. Eu já esqueci. Fiz um monte de acusações. É uma situação terrível ser esquecida, pense isso, oh, Alma!, ninguém pode me dizer o que é. A maior parte do tempo minha alma é atormentada pelo medo da morte, talvez com direito, talvez não, não sei. A suposta aproximação da morte – na verdade para quê? Como assim tenho que aguentar isso? E ainda por cima em breve, espera só, breve!, sob a terra! Eles vão para a luz, os espíritos abençoados, e eu? Sob a terra, sem nenhuma utilidade a não ser para o meu pai, pois para Deus não fui usada aqui! – me afasta com medo, pelo menos a minha alma, sim, todo dia medo da morte!, e não dá para eu cortar ela fora de mim, não dá para cortar ela do meu corpo! Cortar dói. É tão intenso que mal consigo aguentar. Muitas vezes não bate mais nenhum pulso em mim, por conta disso, não tenho mais pulso, tenho testemunhas disso. As crianças, minhas únicas testemunhas, sentem meu pulso e notam que não tenho mais pulso. Aí minhas mãos ficam tão duras que não consigo suportá-las e não consigo suportar nada com elas. Então, isso aí agora foi a religião. Está petrificada e tirada da lista. Mais religião não vão obter da minha parte. Meu papai é que obtém tudo. O que era e o que vem e o que é, é para o meu papai. Tudo me dói tanto, como se tivesse deslocado os membros. Logo estou aí, e não têm pena de mim. A passagem escura, o quartinho, um banheiro pelo menos, como bônus, com azulejo, não é preciso sair pela passagem para tomar banho, mas para todo o resto sim, como o meu papai fazia tudo isso? Deve ter sido monstruosamente difícil, carregar tudo isso para baixo. Só para nós. Só para nós cometeu esse ato, só para poder meter, digo, me ter quando quisesse ele cometeu isso. A que trabalho se submete para nos meter aqui embaixo? Mas ainda é meu papai, sempre, mesmo como marido é meu papai. Pai! As palavras ficam ásperas para mim, engasgo, preciso beber um gole d'água, senão não consigo fazê-las descer, as palavras, mas não devem vir para baixo, têm que sair. Falei o bastante. Obrigada pelo aplauso. Ah, não teve nenhum? Tanto faz. Basta. Se minha filha mais velha não tivesse sido entregue e admitida como paciente necessitando de cuidados médicos, teria continuado assim infinitamente. Poderia ter continuado assim infinitamente. Mas foi aberto de repente por motivos de doença. Nossa lojinha aqui foi aberta por motivos de doença. Essa criança se sacrificou por nós, talvez não voluntariamente, mas mesmo assim. Antes disso meu marido e pai se sacrificou por nós. Mas na sua idade não consegue fazer isso infinitamente. Pois tem que procurar supermercados distantes, para não dar nas vistas que ele é mais do que só alguns. Que ele é muitos. Que está junto conosco, porque também pode estar junto com outros. Que tem uma carga dupla a carregar, que um tem que carregar para outros. Eu bem que ajudaria ele, mas ele não me deixa sair. Ele conseguiu descer com tudo isso, minou e gasificou a porta, para nos gastar e expulsar, foi o que ele disse, ele confessou, confessou isso mas não era verdade não: Não foi gás, não tinha nenhum ar malvado no seu bom jogo, nenhum ar maldito, nenhuma armadilha que pudesse pular para cima, mas sempre só ele pode ir lá para cima, nós ficamos embaixo, infelizmente temos que ficar embaixo, mas era meu papai querido, não tinha nenhuma única mina malvada lá embaixo conosco. Ele só disse isso para nos dar medo da liberdade. Como se não tivéssemos de todo modo! Éramos a única clientela dele, a clientela do papai, ele podia ter lidado melhor com a gente, mas sempre nos alimentou, éramos sua família. Éramos sua segunda família. Tem gente que não tem nem uma, ele tinha duas. Minha língua acaba de encontrar uma palavra, ela não consegue encontrar palavras suficientes, mas agora tem uma, a palavra pertence aos poucos que podem se movimentar por aqui, tão pouco espaço, minha língua se agita como um peixe, encontra palavras, encontra as palavras

adequadas, uma vez se exibiu como se eu estivesse lá fora, agora diz o que a levou a fazer isso. O que a levou a fazer isso era tão bom e tão amável que ela gostou de ver, obrigada, gostei de ver, de nada. Se levamos ela a essa selvageria, me desculpem, não encontro as palavras, tenho tão poucas aqui, e são absolutamente transparentes, eu poderia facilmente achar uma outra palavra no meu estoquezinho, mas sempre encontro só essa: Se fomos trazidas para cá, por mais selvagem que tenha sido, não tão selvagem, em todo caso não da minha parte, fora que aqui tem muito pouco espaço para isso, não, só aqui tem espaço para isso, não tínhamos outro, então se fomos levadas juntas, então aqui não teria tido nenhum espaço para se evitar. Nenhum espaço para se inverter. Nenhum espaço para estacionar. Devíamos ter evitado os filhos, e os filhos a nós? Nessa rua minúscula? Mordido forte de todo modo as beiradas, o banquete de água corrente, de gás, de spray, de espuma, de sei-lá-o-quê? Deportados aqui foram só os doentes, os que gritavam, que recusavam a refeição noturna para continuar gritando. Ninguém aguenta algo assim por muito tempo. Os saudáveis aqui no penico, os doentes para cima. Acho que tinham pensado, aqueles que ficaram doentes. Gritaram muito aqui embaixo. Meu túmulo treme, meu túmulo aqui treme, é meu único espaço, meus filhos também não têm nenhum outro, nós todos só temos esse único espaço que o pai nos deu, ele quase não dá, não dá, não daria a ninguém, esse espaço, não dá para nós. Nunca dá. Tremem os túmulos e o teu coração, da paz das cinzas aos martírios da chama, o que estou falando, um fogo, isso ainda nos falta aqui embaixo!, aí a gente não precisaria mais do gás e do propulsor para nos impulsionar. Nós, de novo incluídas, de novo excluídas, incluídas, exclusivas, excluídas, mais um filho e mais um filho, concluído! Um não era suficiente para ele, um não bastaria para o papai, tinha que vir mais, as crianças emergiam exultantes, livres, da minha buceta, que pertence ao papai, como tudo, às vezes dois juntos, uma dupla, uma dualidade. Isso não basta. Fica tão apertado para mim, não admira o malogro, um milagre!, Deus, Deus, Deus!, por favor um milagre, por favor um milagre agora e depois mais um, se possível!, para mim fica tão apertado, os muros, a terra, a terra, meu buraco na terra, cavado pelo papai, só para nós, só para nós, para mim fica tão apertado, a terra me prende, nada se aprende, nada me prepara para nada, só os filhos, os filhos, é para eles que vivo, a terra me pressiona, a terra pressiona sobre nós, ar! Ar! Luz? Sim, por favor, luz também! Mas o ar é mais necessário. Respirar. Por favor respirem, logo serão obrigados. Ai de você, se para de respirar. Essa é a musiquinha de espera, mas mesmo assim você tem que respirar. O segundo, parecido com o primeiro ou exatamente igual ao primeiro, não respira. A criança não respira. O que tenho que fazer para ele respirar? Bater nele? Tentei tudo – nem comparação. Não respira. Mover o pobrezinho? Não respira. Pena para os outros aqui, quero dizer: minhas pernas por alguma outra pessoa aqui. O pobrezinho tem perna, pena que não respira. Ar! Vizinha! Não tem vizinha. Em parte alguma vizinhos, e se tem, então não nos escutam. Estão muito alto lá em cima. No segundo e no terceiro andares. Não tem nada para ouvir por causa da espuma de isolamento. O papai pensou em tudo, não só em se isolar. Ele não tem isolamento nem inibição. O porão: isolado. A criança não respira e é jogada no forno e queimada, para a família lá em cima ficar quentinha. Sim, nós também. A família aqui embaixo alimenta a família lá em cima com aquecimento barato, ecológico, feito aqui mesmo, e eles também vivem bem com o aquecimento da terra, o aquecimento global, lá em cima vivem com mais aquecimento que o que o aquecimento global tem para oferecer, embora moremos na terra e teríamos que saber. Esse calor vem de nós. Porque podemos respirar, podemos também aquecer. Testemunho que a criança foi jogada no fogo para aquecer a casa, mas não só. Uma criança tão pequena não pode aquecer uma casa inteira, é claro, é preciso somar mais um tanto de massa, somar biomassa. Como somos capazes de ter essa ideia, aquecer a casa com uma criança? Também vai se somar a isso, para o aquecimento, o calor da nossa respiração. Nós embaixo aquecemos a casa. Nós embaixo aquecemos a casa em cima, assim eles lá em cima economizam um tanto com o aquecimento e sequer estão cientes!, pois nós embaixo temos que respirar, inspirar, expirar, só às vezes não dá, mas temos que respirar, e o aquecimento global e a criança na caldeira e nós todos embaixo levamos o calor para as veias da casa. O pai vem para nosso porão como se fosse para sua morte. Aqui é aquecido, aquecemos a casa toda com nossa

atividade, não sozinhas, naturalmente não sozinhas, não poderíamos aquecê-la sozinhas nem por um minuto, mas nossa existência aqui embaixo economiza energia para a segunda, para a família de verdade lá em cima, duas verdadeiras, não é muito, não se recebe nada em troca, nem mesmo vale o esforço, quer dizer, isso sim, cada pessoa é um pouco de esforço e também se recebe em troca. Isso é tudo, isso é nada, somos execrados, os de cima escolhidos, uma energia de marca barata, isso sim vamos trazer, para a primeira família lá de cima, que também é a minha família, uma mãe, uma segunda mãe, os primeiros filhos, os segundos filhos, os segundos filhos que por gritarem demais são mandados para junto dos primeiros lá em cima, quem, se eu gritasse, entre as confusões dos anjinhos me ouviria? O papai te ouve, o papai te atende, se você grita pode sair, consegue o lugar ao sol, bem, pelo menos lá em cima estão bem, lá fora, e aproveitam o calor das nossas respirações, que mandamos para a casa de debaixo, não, não andamos no ar, a casa é nosso ar, nosso hálito, que aquece os lá de cima sem que saibam, aquece-nos embaixo, é nossa vida inteira, o ar, não é bom, mas mesmo assim é ar, e ar é nossa vida inteira. O pai diz que a alegria do céu não é nada nos meus braços. Nesses a alegria é ainda maior do que poderia ser no céu. Com certeza. Com certeza. Onde haveria alegria maior? Ah, pobres de nós! Respiro com cuidado, temos que respirar, ele não tem que ser aquecido, o papai. Nessa chama não é preciso mais soprar. Já arde sozinha, já arde por mim faz tempo. Já arde por mim antes de ele ter embutido a caldeira. A caldeira colocada depois. O bebê jogado dentro, o gêmeo. Um só de dois é suficiente. A natureza ainda pode uma vez, mas depois chega. Ela lançou um segundo dado, a natureza. Mesmo se o papai vai para a Tailândia, ele arde sob o sol só por mim. E antes de morrermos de fome aqui ele volta. Embora pudesse arder em toda parte, mas é só por mim e sobre mim. Queima tudo direitinho. O que se pode fazer. Ele arde, o refugiado, o desalojado, o bi-alojado, alojado em cima e embaixo, mais interessado no embaixo comigo, em cima tem tudo, comigo antes o embaixo, que o atrai, as profundezas, debaixo nas profundezas, disso ele tem, aí está dentro, totalmente, isso também tem, isso está dentro dele, o embaixo, que sempre o atraiu, nos seus, nos estranhos, em todos, papai!, as pessoas gostam de estar por cima, mas o papai sempre quer só descer. O abalo, o calor, ele gosta disso sim de certo modo, senão por que sempre voltaria então, até que uma hora a porta explode. A porta nunca vai explodir, foi só o que o papai disse. Uma vez que ficou bravo. Não é para ser levado a sério. Mas nós acreditamos. Mas ele disse. Para termos medo. Não tinha mais nada a dizer a ninguém. Ele disse isso. Para termos medo da liberdade. A porta não sai voando pelos ares, e nós também nunca saímos para tomar um ar, aquecemos a casa, aquecemos a caldeira de aquecimento com nossos filhos, bem, pelo menos um tivemos que sacrificar para o aquecimento ecológico, biomassa, biocombustível, sistema de aquecimento autoalimentado, não, onde pensam que estão indo? Queimar pessoas ainda não basta. Nunca basta. O que estão pensando? Pensam que uma criança tão pequena só poderia aquecer a casa por um segundo? Ela desaparece sem deixar rastros na fumaça, na fumaça, esse calorzinho ninguém percebe, que passou e acabou como nosso próprio fôlego, também pode ser sem fumaça, esse hálito não é nada, nem fumaça. A criança não é nada. Isso não é absolutamente nada! O pai, o monstro sem causa e sem paz, uma pessoa que chicoteia como queda d'água sobre o vale, um refugiado, um fugitivo que precisa justamente de nós para ter um lar, e que ainda por cima precisa de nós aqui embaixo para ter um lar. E embora tenha até mesmo dois lares – lá em cima também tem um – ele tem que descer até nós no chão, descansar conosco, descansar pesado conosco como pedras, como mineral, como guizos soando, chocalhando contra eles mesmos como uma bandeira congelada que se agita ao vendo, tem um nome, o nome do nosso senhor, o nome do proprietário, dois lares tem essa queda d'água, essa quebra na tubulação, isso nos faria falta aqui embaixo, mas o papai é um encanador habilidoso e impede que a tubulação quebre. Nenhum cano quebra nele, nenhum fôlego esfola ele, nenhuma eletricidade falha com ele, nenhuma parede desaba, a respiração estanca e é consertada, alguém estanca mas não pode ser consertado, por isso é usado para aquecer a casa, mas não tinha nenhum fôlego nele. O refugiado, que perde seu lar, não é contra, o desalojado, que perde seu nada, não é contra, pois cuida que o desalojado não receba nada, mas sempre perca, disso cuida o papai, o bi-alojado, ele tem mais de tudo, trata-se disso, sim, de ter mais de tudo! Ter

mais que todos de tudo. Mais que água: a queda d'água, a queda de ar, o desastre aéreo, o que cai, o anjo, papai, o anjo, Lúcifer, o anjo caído, de outro modo ele não teria vindo aqui para baixo conosco, para nos trazer a escuridão, só por uma queda ele veio, o único que cuida de nós, o anjo que nos provém de alimento, água, ar, ninguém pode entrar aqui, só ele, mas ele cuida de nós, caindo no abismo como água, ele é nossa providência. Nunca dá para ir mais fundo. Para a queda d'água não dá para ir mais fundo, ela não vai mais fundo do que o porão. Sinto muito, mais fundo não dá mais, estamos no chão, aqui somos o chão, nós SOMOS o chão, aqui já chegamos no chão do porão, que é rebaixado, a casa rebaixada como um carro esporte, só não tão dinâmica, aerodinâmica, não, isso não, onde dá para conseguir um ventinho aqui?, não tem nenhum, e não podemos cavar mais um pavimento embaixo de nós. Não podemos passear pelo pavimento, pois não tem pavimento para nós, só o porão. Conhecemos o mundo pela tv, mas sempre nos dizem, e repito aos meus filhos: ele não está certo. Meus filhos devem aprender a reconhecer o certo. Venho por meio desta atestar que há outro mundo, de cuja memória cuido com atenção, atenciosa como meus filhos, mas não é este. Este não é o mundo certo. O mundo é feito na tv, digo a eles. Mas não está certo. Não está certo e não é certo. Não é verdade, mas está certo. Na verdade é barato e saudável, digno e certo, te dizer obrigada por isso, papai. Não faço ideia pelo quê. Não existe imagem e semelhança de algo que não existe. Lá está a fábrica da realidade. Na tv. Lá tem cabanas nos campos alpinos, sim, lá, na tv, enquanto a criancinha arde e nos aquece, não aquece o pai, é ele que aquece o filho, o pai, odiado por Deus, quem se importa. Realmente criança é criança, e brincadeira é brincadeira. O que eu queria dizer com isso? Não sei. O céu não se move lá em cima? A terra não fica parada aqui embaixo? Não sei. Por mim o céu também podia ser embaixo, mas debaixo de nós só estamos nós, debaixo de nós não tem mais nada. O papai se esforça, quando está debaixo de nós, mas não dá para ir mais fundo. Um segundo porão não dá para ele cavar para nós. Não tenho nome para isso. Meu papai também tem sentimentos! E ele também não tem nome para isso. Sentimento é tudo, nome é só som e fumaça, fumaça a criança, a criança escrita na fumaça, som e fumaça que encobre o ardor celeste. Som não, mas fumaça, a criança. As outras crianças som, mas essa só fumaça. Nenhum nome, só fumaça. Não foi suficiente para ela? Que abraçasse a terra, colocasse de lado, embutisse a porta, embutisse a mim também, me embutisse como um aparador numa cozinha embutida, não foi suficiente? Ainda tinha que ter essas crianças todas, penduradas, carregadas, transportadas para lá e para cá?, ele as olha, olhos nos olhos, ouve seus gritos, então se decide, invisivelmente visível ao lado delas: os maus para cima, os bons, os quietos aqui embaixo, os tranquilos dos quais quero sempre mais. Os tranquilos ficam aqui e nunca mais têm tranquilidade. Satisfazem o coração do pai, que é abençoado pelo sentimento de ser o senhor deles. Senhor deles. Para aquela uma criança, embora senhor dos nomes, nenhum nome. O inferno enfim terá sacrifício, sacrifício aqui embaixo, lá em cima os seis bons, aqui embaixo só sacrifício, com o papaivovô encontram tranquilidade, ali encontram tranquilidade, mas já eram tranquilos antes, por isso puderam ficar, não tiveram que subir para ficar com os saudáveis, puderam ficar embaixo e tiveram que evitar todos os outros, não tiveram que evitar nada, não tiveram nada, minha tranquilidade se foi, ah, realmente se foi!, infelizmente temos que ficar embaixo, mas talvez outros achem a tranquilidade e a tragam de volta para mim, mas ela se foi, está quebrada, minha tranquilidade está quebrada, a traquitana desse treco, desse relógio, também está quebrada, a criança se foi, a criança foi queimada sem deixar traços, tão pequena a criança, quando sua cabecinha encontrou a saída, já tinha quase ido, um lá, outro aqui, um filho dentro, fora com os outros. O que não vê saída imagina que tudo é o fim. Essa criança: por um lado saiu, pelo outro entrou de novo, no forno, a criança foi. A meiga, desgraçada criatura: foi, se foi. Minha tranquilidade se foi, a criança também. Tudo se foi. Nós respiramos, respiramos, ah, pobres de nós!, respiramos, sempre, viramos os olhos para dentro da cabeça, mas sempre veem a mesma coisa, veem na cabeça o que vimos na tv, é muito mais longe do que qualquer coisa, vem de bem longe e chega até nós, longe, mas a tv não estava certa! Certo? Não! Sim! Eles veem o papai, as crianças agora veem um programa ao vivo com o papai. Ele nos traz nossa vida de cima aqui para baixo, na forma de alimentos não perecíveis, arroz,

macarrão, conservas, enquanto viaja para a Tailândia para foder. Não, não enquanto. Sempre um depois do outro. Mas um depois do outro, tem que ser. Tem que ser tanto tempo. O todo-poderoso, todo-abrangente e todo-sustentante não abraça e não sustenta, a mim, a você, a si mesmo, sim, a si mesmo particularmente bem, isso já é mais do que sustentar, quer dizer: receber. Ele vai para a Tailândia. O papai vai amanhã para a Tailândia. Lá supostamente tem tudo para o todo-abrangente e todo-sustentante e solo-viajante. Lá ele recebe algo pelo seu dinheiro. Lá recebe algo como equivalente pelo dinheiro. Lá recebe o maior equivalente. Ele ri. Ri. Ri e recebe. Ele ri e nós recebemos macarrão e conservas. Fez provisões, o todo-abrangente e todo-sustentante, que sustenta todos nós. Antes ainda mede nosso tempo aqui embaixo. Calcula metro por metro de tempo. A terra aqui embaixo é firme, isso ele fez, estrelas eternas sobem de vez em quando, isso não foi ele que fez, mas mesmo assim é verdade. Temos que acreditar nele, pois a isso nos impelem nossas cabeças e corações. Pois o que mais podemos fazer? Temos que nos deixar impelir. Temos que deixá-lo tecer segredos eternos, ou não nos dá sossego, pois só quando está na Tailândia ele dá sossego, só deixa um pelo pubiano invisível ao meu lado, invisivelmente visível o papai ao meu lado. Se algo acontece, aí não dá tempo para provisões. Tempo para provisões: tem que ser tanto tempo. Se algo alguma vez acontece, nunca tem tempo. Então nunca dá tempo de chamar o resgate ou os bombeiros ou a assistência ou o telefone de assistência. É preciso prever. Nem podemos nos resgatar, para que precisamos do resgate?, ele não se resgata também. Não nos ajuda a nos resgatar. Só o médico vai nos ajudar. Vai nos ajudar a nos ajudar. Ajude a si mesmo, então o médico te ajudará. Esse programa está certo, o papai entra ao vivo, é um programa ao vivo, nesse não podem trapacear, as crianças sabem, tudo está certo, embora aqui embaixo nada esteja certo. Eles veem a mamãe, ela está certa, veem cachorro nenhum, veem-se no espelho, nos vemos no espelho, nos aninhamos em nossas alegrias, aninhamos nossa comida durante o sono, aninhamos nosso filho dentro do forno, para enfim ficar quente aqui, mas não fica quente, lançamos nosso hálito alto no ar, não é necessário, pois ar e hálito dá na mesma. Quem pode nomeá-lo, quem professa aquele que nos deu de presente o alento. Papai. Acredito no que diz. Acredito nele. Posso dizer isso. Acredito nele, ele é aquilo em que acredito. É minha crença. Eu professo. Cada centímetro cúbico de ar já foi respirado por outra pessoa, pois é, tão parecido, desde então já foi de novo enriquecido com oxigênio, mas de onde pode vir? Como o oxigênio vem aqui para baixo? A escada do porão ele não consegue descer, fica genioso porque não pode mais ser oxigênio, ai de mim, desculpem, sou ainda mais profunda que esse porão, perdão!, mas o fato é: aqui embaixo tem muito pouco muito pouco muito pouco. Aqui embaixo tem muito pouco oxigênio. Fico tão geniosa por conta disso! E já que já estou aí: aqui embaixo tem muito pouco de tudo. Demais de uma coisa. Demais de uma coisa. Se não é demais para o papai depois de um tempo? Muito medo nosso e conosco e sob nós. Ele não é mais o mais jovem. Eu não teria precisado do papai. Um papai assim, dele ainda precisei. Ele ainda me fez falta. Oh, meu papai! Converta ele, espírito sem fim, pai, converta, o que quiser, por mim, converta o verme de volta à forma de cachorro, por favor por favor, pois gostaria de ter um cachorro aqui embaixo também, um cãozinho querido, eu sei, nunca tenho o suficiente. Não posso ter um cachorro aqui embaixo, então está bem, papai, não precisa necessariamente converter esse verme em um cachorro, eu aceito. Um cachorro não dá aqui dentro. Para nós também não dá direito, mas um cachorro, isso realmente não daria. Então não tem que converter esse verme, verta suas forças para outra coisa, mas não, não para mim, não para mim! Para mim de novo, tão cedo, não! Pendure as crianças no seu ombro, deixe eu me pendurar em você, deixe isso pender, pendente, pendurado aí, pelo menos uma vez, você sempre nos deixa pendendo, por que então seu pau está sempre de pé?, não pode pedir isso dele, também não peço isso dele, pessoalmente não gostaria que sempre ficasse em pé, mas por favor, não converta esse verme, não poderíamos aguentar um cachorro aqui, por mais que queiramos. E se você já converteu o verme, se já jogou o pobre verme no aquecedor, então converta-se de volta na sua forma predileta, que somos nós, que fomos todas feitas por você, somos sua forma predileta, mesmo que não tenhamos nos formado, também onde?, mas tudo que se forma em nós foi formado por você. Ele que tudo abrange. Que tudo sustém!

Somos o que você formou, você nos formou do seu corpo, a mim, a filha, e nossos outros filhos, que você formou, por que teria que converter um verme em um cachorro quando já nos fez, foi muito mais difícil que transformar um verme num cachorro, não é verdade? Fazer pessoas é o mais difícil. Nós rastejamos com o ventre na areia diante de você, papai, na terra, na poeira, rastejamos para você pisar ou não pisar em nós com os pés, mas por favor não converta nenhum verme. E o seu verme por favor também não deve se converter. Deve permanecer como está e onde está. Deixe o verme nas calças, papai, deixe o pobre verme em paz, pode antes jogar esse pobre verme no forno, mas deixe, mas deixe, mas deixe, não sei o quê, mas deixe isso! De todo modo: deixe isso! Aqueça a casa com essa criança, mas deixe o verme em paz! Pegue esse vermezinho, mas deixe o verme no chão em paz! Também não precisamos de cachorro aqui. Ele nos tira todo o ar para respirar. Dor! Dor! Incompreensível para a alma humana, que todas estejamos aqui embaixo, pelo papai trazidas, pelo papai criadas aqui embaixo, por quê?, para vocês também poderem estar aqui agora! Por favor leiam também a continuação amanhã! Estar aqui basta, Ser-aqui é tudo. Criaturas nas profundezas de nossa dor. Que esse bebê não caia na caldeira, que essa criatura não caia nas profundezas da dor, que a primeira se debatendo na agonia da morte tenha bastado para resgatar os pecados das outras. Então, isso é que é a religião! Que alguém faça isso para descarregar ou redimir todos os outros, a criança no forno, vamos de uma vez, nos redima! Vai logo, por favor! Alguém tem que fazer! Como assim continuamos não redimidas? Agora não acredito mais em nada. Diante dos olhos do Eterno não somos nem um bebê que acaba numa caldeira. Revira-me medula e vida, o sofrimento dessa única, da criança no forno, e tu te divertes solto, sobre o infortúnio nosso, não, não somos milhares, mas somos muitas para este espaço, nossa dor não te move, nossa dor não move ninguém, a criança no forno sumiu, em segundos, minutos, sumiu como a dor de todos. Diante do senhor Deus, diante do papai, um piscar de olhos, mais nada. Muito bem. Como ficamos com a religião? Ficamos com ela, mas ela não fica, não fica conosco. Sempre se vai novamente. Agora a pregamos, também podemos pregar o papai, mas ele nos prega antes, e antes disso já voltou a cair da parede, a religião. Nem mesmo a parede aguenta a religião. Como ficamos? Como aguentamos? Como aguentamos ficar? Salve-nos, papai, ou não nos salve! Salve-nos ou não nos salve! Para você a salvação é só um piscar de olhos, nada mais. Depende de você. Por que fez essa sociedade, essas relações conosco aqui embaixo, se nem consegue nos aguentar, se não consegue nos dominar, nem consegue ficar no porão? Você queria voar, mas está no porão! Queria rir e para isso vai ao porão e faz pessoas e mais pessoas ainda. Nós te forçamos ou você a nós? Nós te forçamos ou você a nós? Como acaba? Isso acaba? Salve-nos, papai, ou ai de você! Que a mais terrível maldição caia sobre você, se não nos salvar! Por milhares de anos! Em segundos, minutos a criança queimou na caldeira, nem queimou: derreteu, sumiu!, mas você pode nos salvar! Por favor! Simplesmente abra o ferrolho, desative o gás, estanque o explosivo e nos salve! Nos salve!

ESPÍRITO(A):
Quem as lançou na perdição? Eu ou você?

FAUST(A):
Ele. Ele. Ele! Você, então. Você é ele. Só que sem espírito. Para isso o fogo foi dado na mão dos homens? Para queimarem? Todos ardem por alguma coisa, mas a maioria queima sem jamais ter ardido. Minha mãe, a puta que lá em cima cozinha e cozinha e leva meus filhos para o grupo folclórico e para o ensaio da banda, onde assopram nuns instrumentos, meu pai, o safado que também faz alguma coisa, esqueci o quê. O que faz aqui embaixo? Faz algo, nos come, acho, mas não pode ser isso, ainda estamos aqui, menos aquele, o filho, que foi para o forno. Agora não sei se o batizou ou não, se fez o batismo de emergência depois de me estuprar de novo? Não sei. Minha pequena criancinha, minha filhinha, minha irmãzinha ergueu a perna num lugar mais fresco, não, a criança queimou no forno e acabou. Não voa embora, não voa embora. Também para onde? Também onde? Mais longe do que no forno não dá. Papai, tenha misericórdia! Agora não posso fazer sua comida, que tenho que dar de mamar a essa criança, a outra queimou mas essa ainda está aí e tem que mamar, ainda tinha acabado de fazer isso, onde está, onde está? Não vai ter ido para o forno, atrás do irmãozinho, né? Ah sim, aqui. Então. Dei de mamar. Ainda tenho que foder o

papai, foder e ser fodida, é o tempo de uma lavada, talvez hoje as crianças ajudem a limpar, aí vai mais rápido. Você pegou a criança de mim e diz que eu a teria matado. Então isso decididamente vai longe demais. Não pode ser para mim que você diz isso. Não é sobre mim. Sobre mim só meu pai. Nenhum céu. Terra. Terra. Terra. Sobre mim meu pai e marido. Em minha volta só terra. Mas para uma sepultura não bastou. Tanta terra, mas teve que ser necessariamente uma cremação. Para o papai: só o fogo é uma opção. Onde meu pai foi agora?, onde está, não pode ser longe, aqui não tem espaço, aqui só tem espaço para ele, mas também estamos aí. Aqui está ele, não podia estar longe. Aí está ele de volta. Traz com ele as compras. Fraldas, chás contra cólica, coisas que dispensam receita, uma compressa de água quente. Nenhum médico. Homem! Homem! Deem ele para mim, façam ele para mim, se não podem dar ele para mim, mas tenho que ter ele. Homem! Homem! Papai! Onde está? Ah, mas está aqui! Não podia ser longe. Aqui está, e estou aqui também. Voltou da Tailândia e logo repõe a nossa alimentação. Obrigada! Muito obrigada! Muito mais tempo não teria tido. Já estávamos quase. Quase sem comida. Já tínhamos TÃO pouco disso! Não digo do quê. Já tivemos que raspar as panelas, para não ir comer capim pela raiz. Que bom que está aqui, papai! Obrigada obrigada obrigada! Também cheguei lá, papai. Mas nunca fui embora. Que bom que mesmo assim você me busca na porta do porão, sim, aquela com a espuma na boca, a espuma de isolamento na toca, certinho, que bom que me busca lá embora eu nem tivesse saído. Você me trouxe e me buscou de volta. É assim que tem que ser. É você. Termino junto. Por que não? Chego lá junto. Fora com as correntes! Você me liberta. Eu termino junto. Quem liberta você? Você sabe? Estou chegando lá. Estou chegando lá. Não chego. Mas chego lá. Você está chegando lá, finalmente? Vai chegar lá logo, papai? Já chega! Por que tem que demorar tanto? Ainda tenho que preparar a comida das crianças. Por que demora para sempre para terminar? Vai logo! Goza logo e nos liberta! Sim, a criança já queimou faz tempo, não se preocupe, mas ainda estamos aqui! Ainda estou molhada. Se limpa logo, por favor, papai, te peço, goze enfim, se limpe, aí também me limpo, e daí todos podemos comer. Se finalmente terminou todos nós, as crianças, eu, nenhum cachorro, então todos podemos enfim comer. O que está olhando, papai? Você vai sobrar. Vai sobrar. Pois quem cuidaria do nosso túmulo se não sobrasse? O pai vai ficar. Ao lado dos mortos eu também gostaria. Gostaria de descansar em paz ao lado dos mortos. Então goze enfim, limpe-se, aí também me limpo, e então podemos comer. Me dá uma mãozinha, papai, gozando logo para a gente enfim poder comer!

ESPÍRITO(A):
Liberdade.

FAUST(A):
Lá fora? Não pelo mundo. Lá está a caldeira. Vê mexer? Mas eu não! Não vou lá fora. Salve o pobre verme, ele ainda mexe! O quê, não quer? Jogá-lo no forno? Corre! Rápido! Salve o verme para poder fazer dele um cachorro! Um cachorro seria tão legal. Pelo menos tente! Talvez uma hora funcione. É só cruzar a ponte, entrar direto na floresta, à esquerda no lago. Lá poderia nadar e caçar, o querido, bom cachorro, melhor que uma pessoa. Corre! Salvem! Salvem!

ESPÍRITO(A):
“Salvem”? Salve-se!

FAUST(A): Não está lá minha mãe numa pedra? Ah não, está lá em cima com os outros! Não acena, não sabe de nada, sabe, não se mexe, sua cabeça está pesada, mas ainda se mexe, não, não se mexe, sua cabeça está pesada, tem dor de cabeça. Está lá. Simplesmente sentada lá. Ah não, não está lá. Não nos acena. Ela pode dormir. Nós podemos nos alegrar. Ela pode dormir. Ela deve dormir, para que possamos acordar e nos alegrar todos juntos.

ESPÍRITO(A):
“Salvem”? Salve-se!

FAUST(A):
Grito bem alto, tão alto que todos vão acordar. Mas quem me ouviria? O forno? O verme? O cachorro que não tenho? As crianças? O dia, que está clareando, antes de nos ver. Mas aqui embaixo ele não nos vê, não. O dia.

ESPÍRITO(A):
Exato. Bem notado. É dia. Liberdade! Não te solto. Não te solto. A liberdade é tanto, que não se solta nada, mas se fica solto. Estou bem solto. Bom. O mais alto bem. Liberdade! Lá acena ela! Acena de lá da tela. Mas não creio que seja como liberdade.

Talvez disfarçada. Desgraçada. Aí no meio há uma rua bem movimentada. Mas deviam ter dito antes. Essa rua não está sinalizada em lugar nenhum. E o GPS sempre cala quando deve dizer algo. Como chego lá? Como chego do outro lado da rua? Sem faixa de pedestre. Sem passagem. É bem perigoso. Mas chego. Ainda chego lá! Digo que chego lá! Mesmo que demore até depois de amanhã. Liberdade! Já a vejo! Boa recepção hoje. Liberdade!

FAUST(A):
What?

From hell:

Goethe: Fausto Zero

Joseph Vogl: A penhora corrente do tempo

Sta. Teresa de Jesus

Martin Heidegger

Eu mesma

Outros

PAÍS.NAS.NUVENS.

Obrigada a Leonard Schmeiser (“A memória do solo”) e Daniel Eckert.

Nós sempre acreditamos estar totalmente fora. E então de repente estamos bem no meio. Santos, que luzem na escuridão. Estamos sempre aturdidos, mesmo que só uma pessoa nos guarde na memória, passado um tempo. Às beiras das estradas falam há anos e anos em segredo sobre nós. Isso não podemos imaginar! Um sentimento bom, dirigir de noite sobre nossas pontes rodoviárias, e lá embaixo a luz dos estabelecimentos locais: ainda mais gente como nós! Um brilho claro. As figuras, como nós estrangeiras, viajantes, desaguam nas rodoviárias, para se dividir, de lugar em lugar, e caímos sobre eles como a chuva, que de manhã cedinho molha os sapatos. Ou um dia numa encruzilhada onde nos represamos, águas humanas. Não há nada ali, mas aquilo transborda de sinais nossos. Depois de nós vêm outros, mas não somos pouca coisa! Nossa cabeça está pesada de tão cheia de nós. Dirigir assim, isso faz de nós pessoas singulares. Podem cruzar aí quantos trilhos forem, claramente colocamos, diante de nós e dos outros andarilhos, estradas boas e sinalizadas. Agora estamos em casa e nos levantamos calmamente.

Se se agita uma tempestade, se esfria o ano, sobre nossas cabeças acendemos a luz, estamos em casa, conosco. Onde mais vive a vida? É belo estar consigo. Como quando, em dia feriado, o lavrador vai de manhã ver seu campo após a noite abafadiça, em que raios refrescantes caíram o tempo todo, e longe ronca ainda a trovoada . Estremecemos diante dos outros. Seguimos por caminhos retos. Não saímos do caminho, pois pertencemos a nós. O rio volta a seu leito, e o solo reverdece. Belo estar e permanecer consigo, e os filhos da terra agora bebem o fogo do céu e vêm até nós na casa vazia. Nós existimos. Nós existimos. Estamos sós, mas é belo aqui conosco. Não nos queima o puro fogo do raio do pai, e, tocado fundo pelas dores do mais forte, permanece na tempestade do deus caindo lá do alto quando se aproxima de nós quando se aproxima de nós. Conosco estamos em casa.

Salvos. A luz brilha também para os defuntos, mas nós nos espalhamos ali embaixo, lindos jardins. A Liberdade a única Verdade do Espírito. Em nós temos nosso centro e estamos em casa. Se o vento do norte também nos ameaça, não caímos dos ramos em folha. Ficamos sentados. Sorrimos em paz. No nosso país. Não temos unidade fora de nós, a encontramos, ela está com e em nós mesmos. A liberdade. A matéria tem sua substância fora dela, mas o Espírito é o Estar-Consigo-Mesmo. Como nós. Como nós. Estar em casa. Estar consigo. Persistir e assistir a vinda! E o que vimos, o Sagrado, é nossa Palavra. E se nos conservássemos na noite, seríamos pacientes em nosso exílio, e sorriríamos para nós. Estaríamos habituados conosco e habitaríamos entre nós. Acreditamos em nós. Estar em casa, quando nutrimos alto desígnio, assim também o novo signo, os feitos do mundo de agora acendem um fogo. E nós, em disfarce de servos, mas senhores, dos quais nasce o grito da dominação, nós somos reconhecidos. Estar em casa, de lá ver os outros com seus rostos apáticos, sepultados no chão como ouro, mortos-vivos, mas nós estamos em casa, onde vagueamos entre céu e terra e entre os povos o primeiro. Lembranças do espírito comum findando-se em paz na nossa alma. Somos nossas testemunhas: estamos aqui.

A nós nós pertencemos.

Estamos conosco. Segundo firme lei, nascido, como outrora, do Caos sagrado, sente renovar-se o entusiasmo, o criador de tudo. Arrebata-nos, e caímos, vãos, de volta nas muradas da masmorra, mas aqui estamos. Tanto faz o que pende sobre nossas cabeças. Estamos aqui. Nossa casa, cheia da nossa linguagem, que descansa em nós como a natureza que nos embala. Linguagem e vida, o resto é sem sentido. Sentamo-nos felizes em meio à dor. Levantamo-nos, pois toda a espera e paciência foi em vão, e florescemos como o

choupo. Nossa palavra basta. Mas os anos do povo, um olho moribundo os viu? Nós os encurtamos, que agora se curvam mais baixo, que as cordas mais silenciosas se lhes calam diante de nós? Que diante de nós querem acabar com as alegrias? Ou bem viver também pacientes no pavoroso exílio, diante de nós? Quando todos aqueles com quem outrora nos enlutamos, quando nossas cidades estiverem claras e abertas e despertas, cheias do fogo mais puro e o lançarem sobre os outros, onde antes estavam as musas. Nós somos nós. Limitado demais nosso tempo de vida, estreitos demais os limites, jorramos para fora, nascemos como gritos do peito, não concedemos aos outros nem um olhar. Nós somos nós e enxotamos os outros de toda parte. O espírito escorre de nossas frontes. Limitado demais nosso tempo de vida. Os orientais não sabem disso. Eles sabem apenas que só um ser humano é livre, mas por isso mesmo tal liberdade é apenas arbitrariedade, barbárie, embrutecimento e paixão, e a suavidade um acaso. Mas nós mas nós mas nós. Nós adorados! Também de nós, ao que parece, ninguém pode tirar da nossa cabeça o sonho! Mas nós bons, também nós somos pobres de ações e cheios de pensamentos! Nós! Mas ele vem, como o raio vem das nuvens, ele vem, o ato, maduro e espiritual, talvez dos pensamentos? Segue o fruto, como das folhas escuras do bosque, do escrito silencioso? E o silêncio no povo, será o júbilo ainda antes da festa? Ou a calmaria antes da tempestade? Ou o vento que sopra antes da trovoada? Ou quem nos enxota daqui, aqui estamos em casa! Aqui estamos em casa.

Falamos audivelmente alto, nunca cochilamos. É nosso. Os outros não têm nome nem quem chore por eles. Temos direito de estar aqui! Em nossos vales nos acorda o nosso coração para a vida. Nós viajantes, mas nós voltamos! Fomos mais longe do que queríamos, como sempre, mas voltamos. Olhamos de cima, sem temer o vizinho, pisamos sobre sua cabeça. É bárbara e desmotivada e fria de preocupações a vida dos pobres, e mesmo assim estão em casa. É deles, eles seguem em paz em seus trilhos. E o tempo cresce. Em nossos vales nos acorda o nosso coração para a vida. Nós viajantes. Porém, quando observamos a história como esse matadouro onde foi imolada a sorte dos povos, a sabedoria dos Estados e a virtude dos indivíduos, onde surge ao pensamento, então surge ao pensamento imediatamente a pergunta sobre para quem e para quais objetivos finais esses extremos sacrifícios foram feitos. Quem começou? Quem trouxe a maldição? Aqueles que primeiro passaram do ponto, nossos pais, não sabiam, mas queriam isso, o seu Espírito os movia. Derivam por aí instáveis, como o Caos, os desejos do gênero inquieto. E eles os levam juntos, sorrindo maliciosos. Estendemos a mão ao vizinho, para guiar seus caminhos entre as nuvens agitadas e nos colocar em seu lugar e descansar. Temos que ter espaço. Temos que ser especiais! Ainda não estamos prontos. É nosso, não somos de ontem. De ilhas distantes, logo depois da colheita, volta alegre o marujo ao seu plácido rio. Assim voltamos nós à pátria, e teríamos colhido tantos bens quantos malhes colhemos. Margens queridas, pertencem-nos inteiramente, e um outono dourado transforma os suspiros do pobre povo em canções. Conosco estamos em nosso país. E o egoísmo descansa, distanciado e seguro, e admira o espetáculo das ruínas. Os outros não tem a palavra no próprio chão. Nós os lavamos para fora daqui com nossas mangueiras. Espertos nos sentamos em seus lugares e nossos olhos são claros. É nosso. Venerandos da pátria, da casa materna, dos abraços carinhosos de irmãos e irmãs, logo vos saudaremos, e vós, sempre leais, envolvei-nos para que, como enfaixado, nosso coração se cure! O teto das árvores envolve nossos pés gregários. Dia e noite nos sobrevoam e passam em silêncio, nós nos juntamos e nos olhamos e àquilo que os outros nos trouxeram. Alegramo-nos com as formas crepusculares dos vizinhos. Então descemos ao fundo do peito como ao fundo da terra, um grito colossal, e de lá extraímos um sentimento destruidor, frio como metal. Aí estão eles, os outros! Caçai-os, até que tenham se tornado lembrança de dias felizes. Eles devem abençoar o temporal. Como garrafas esvaziadas de bebida escorrem sobre o nosso chão, que nos recebe e cospe de volta para fora, mortos-vivos. Longe ronca ainda nossa trovoada. Estamos aqui. Lá estão os outros. Mas nós não, nós não! Nós nos pertencemos. E nossas mãos são, sempre de novo, como crianças, inocentes.

Os negros, olhemos para eles, desinteressados e sem interesse, num estado de ingenuidade imperturbada, devem ser considerados como uma

nação de crianças. São vendidos e se deixam vender, sem qualquer reflexão sobre se isso é correto ou não. O mais elevado que sentem eles não guardam, atravessa passageiro suas mentes. Florescem inconscientes em suas praias. Ah, quão frágil é o homem! Ainda ontem, no auge da vida, fazíamos grande alarido!

Jogados na neve, nós, jovens heróis, face a face, soando sem esforço nossa canção. E agora estamos de volta ao lar, nossas ações favorecidas por um sol mais calmo. Os outros estão embaixo, fundo no vale. Mas nós, mas nós! Estamos de volta ao lar, dormimos e congelamos na praia fria, pacientes, mas em casa. Os rebanhos se levantam à voz peculiar do estrangeiro, as florestas se movem, e no fundo da terra se ouve o espírito do rio, e estremecendo o espírito volta a se mover no centro da terra. Mas nós, nós deixamos todos descansar para sempre. Mas nós voltamos a nos levantar. Aqui é nossa terra e cuidamos de nós com amor atento. Nós não somos os outros. Nós estamos em nós, e mesmo Deus fica lá fora, ele troveja e não é reconhecido. Não precisamos dele. Para nosso espírito Deus precisa ser mais que um trovejador. Ele anda conosco, nos pertence, ou pode ir embora. Nós só precisamos de nós! Já entre os negros nada leva à consciência de algo mais elevado. O primeiro objeto qualquer que eles elevam à categoria de "gênio", seja um animal, uma pedra ou uma imagem de madeira, torna-se seu poder. Nós somos nós! Deus, lá em cima, ele nos pertence! Só nossos os lugares de salvação, não dos outros! Ou então ele pode ir embora. Os negros. Nada diferente deles mesmos, mas algo indiferente, o arbítrio permanece senhor de sua imagem. Mas nós, ele nos abençoa, pois conhece e pertence apenas a nós. Por que dormem, filhos dos montes? Não reconhecem os mensageiros do pai! Eles vêm a nós! Mas não éramos nós, não ressoou no peito de ninguém, de toda parte Deus vai embora, mas não por cima de nós! Nós o seguramos, para que nosso sonho não termine. E fundo se nos nasce, quando dormimos no alto dos rochedos. Em cólera nos purificamos, nós cativos. E com braços amorosos aguentamos o céu sobre nossos ombros. E como Fúrias destruímos a vizinhança onde outros cresceram. Eles têm que sair! Só para nós luz a vida sobre o chão firme.

Então se apresenta o mundo germânico, o quarto momento da história universal: comparado à vida humana, corresponderia à velhice. Sempre estivemos aqui! A velhice natural é fraqueza, mas a velhice do espírito é a perfeita maturidade e força, na qual ele retorna à unidade consigo, em seu caráter totalmente desenvolvido como espírito. Satisfeitos, amadurecemos em nosso calor e olhamos diligentes para o céu, para ver o que virá. Sabemos, pois nos enraizamos na terra. E jogamos todos, como crianças, as pedras no abismo, de rochedo a rochedo. Onde mais, procurados em toda parte sobre a terra, poderíamos nos estabelecer senão aqui, senão aqui. A terra faz bem em esfriar. Temos o longo caminho a trilhar. Até que estejamos entre nós, mas então, mas então, mas então, nós somos nossa meta! E nós estamos aqui. Nós chegamos. É nas trevas que moram as águias, e sem medo nós filhos cruzamos o abismo sobre vias estreitas. Por isso, já que se amontoam à volta os cimos do tempo, e os que amamos estão perto, enlanguescendo nos montes mais díspares, dá-nos, água inocente, depressa sobre nossas mãos, para que conservemos o melhor. Nós pertencemos a nós e conservamos tudo. Dormimos esse tempo todo, mas uma hora levantamos. E olhamos em moradas estranhas, tocamos tudo e nos acolhemos. É nosso. Espere só! O que o olho toca nos pertence. A duração do tempo é algo relativo, e o espírito pertence à eternidade. Não existe para ele uma duração real, e nós somos nós e perduramos, ainda estamos longe, mas logo estamos aí, anjos da história. Perduramos, na meia-luz, pois seguimos, no bosque sombrio, através dos riachos da pátria. Ela nos pertence. Nós! Nunca conhecemos as terras, mas logo floresce com fresco esplendor, misteriosa entre fumos de ouro, crescendo a olhos vistos, uma que não conhecemos. E nós a pegamos para nós. De repente somos estrangeiros. Mas nós a pegamos para nós. Nós a pegamos de repente. Ofuscados nos procuramos, os estrangeiros nos fazem sombra. Já estamos aqui! Encontramos também, no leste, a grande nação eslava, que não somos nós! Eles é que não somos! Uma parte dela foi conquistada pela razão ocidental. Todavia, essa massa fica excluída de nossas considerações, já que até agora não se manifestou como um momento independente na série das forças criadoras da razão. Mesmo que isso acontecesse em seguida, não nos diria respeito, pois na história

devemos nos ocupar com o passado. Não somos nenhum enigma para nós mesmos. Encontramo-nos adormecidos neste vale, que nos acolhe como um berço. Os ventos nos sopram por aí como plumas, uma deusa parece cuidar de nós, oh, amigos! Fiquem, se forem iguais a nós! Aí acordamos e olhamos para nós mesmos com a felicidade de um recém-nascido. E jazemos diante de nós abertos, como um belo livro que agita suavemente o espírito. E se ainda vamos tão fundo, não podemos apreender a nós e nem ao nosso comportamento. Já faz muito tempo que se incendiou nosso chão, que nos recebe e nos devolve. Não nos foi dado descansar em lugar algum. O chão não nos conserva, nos devolve para fora. Às vezes somos distraídos pelas exigências da vida, pois também os assuntos ordinários exigem um sacrifício, mas sempre retornamos ao espírito familiar, que através de nossos deuses, nossa linguagem, nos esclarece o mundo. Que nos pertence. E nenhum mistério nos oculta, só o mistério de nossa própria beleza, que tem de ser penetrado. Agora estamos aqui, cartas fechadas, mas aqui. Diante de nós estamos nós, mortos-vivos, no pó. E voltamos a sair do chão, crianças sentadas em cadeiras e bancos, eternamente, sobrepujados por nossa própria voz, balbuciando. O chão não nos apreende. Buscamos a distância e a apreendemos. Nós a apreendemos e ela nos pertence para sempre.

Estamos conosco, arrebatados pela terra. Sobre a terra não podemos descansar, continuamos presentes ainda enterrados, e retornamos, nós retornamos! O chão é nossa passagem para o fim dos tempos. O fim da história fracassou em nos atingir. Ela sempre retorna a nós, frenética sobre seus trilhos. Por que é que ela não morre? O que nós fizemos? O que nós fizemos? Por que sua mão sai para fora do túmulo? E gesticula em nossa direção? Queremos ser esquecidos. Só conosco estamos em casa. Mas os mais cegos são filhos dos deuses, visto que o homem conhece sua casa, e o animal sabe onde deve construi-la, mas àquele está dado o defeito na alma inexperiente de não saber: para onde? Pois, como começamos, assim seguiremos, por maiores que sejam a miséria e a cultura, de mais ainda são capazes o nascimento e o raio de luz que encontra o recém-nascido. Aqui estamos, felizmente nascidos de colo sagrado, em cidades que nós fundamos. E mesmo assim não podemos descansar na terra. Nossa história é a dos mortos, até que o chão se cale definitivamente. Não amamos, como outras crianças, chorar em nossos lenços. Sorrindo rasgamos as serpentes e nos despenhamos com o despojo e quando, na pressa, um maior não nos amansa, deixa-nos crescer, como o relâmpago temos que cindir a terra, na qual jazemos sem descanso, e os enfeitiçados correm pelas florestas atrás de nós, e as montanhas desabam. Aqui estamos. Chegamos e agora descansamos. Ninguém quer nos poupar a vida miserável. Em seu inferno buscamos o lobo. Não tem erro, acreditem em nós, vale para tudo que é sagrado e nobre, para a virtude, a honra, a mulher e a criança e a vida. Pois o carvalho doente e murcho aguenta a tempestade, mas o saudável ela derruba, pois pode agarrá-lo pela coroa. O homem não tem que aguentar todos os golpes, e aquele que é tocado por Deus, penso, esse pode afundar. Nós, nós homens não caímos por dinheiro nem para sermos vistos. Estamos aqui para nos infiltrar no chão como água. Atirados, ao longo dos anos, de penhasco em penhasco, até, lá embaixo, o Incerto.

Vá até seus amigos, aqueles que você escolheu, eis um homem que conheço! Mas volte! Ah, leve-nos, leve-nos em vossas fileiras, para que um dia não morramos de morte vulgar! Não queremos morrer em vão, queremos cair no altar do sacrifício, pela pátria, sangrar o sangue do coração pela pátria – e logo estará feito! Convosco, amigos!, vou, que me ensinastes a viver e a morrer, junto a vós descerei! O chão nos recebe a todos, e, ensopado com nossos corpos, tomemo-lo de volta para nós. Deixem-nos gritar, pois queremos nascer de novo! Da terra, que nos pertence, desde que expulsamos a noite. Ela nos pertence! Nós moramos aqui! É fraternal a estância aqui embaixo, conosco, e nos chegam mensageiros de vitória enviados por vocês. Vive lá em cima, ó pátria, nós aqui embaixo cuidamos de ti e chutamos os tesouros do chão em direção à luz com nossos pés cansados. Não conte os mortos! Que para ti não caiu nem um a mais, pátria amada. Já há muito tempo trabalhamos sob os pés dos outros, agora é hora, você nas nuvens escuras, deus do tempo! Agora chegamos e estamos em casa lá embaixo. A terra treme. Nós trememos lá em nosso próprio frio e esquentamos nossos corpos uns com os outros. Aqui estamos todos. E um dia então

finalmente aparecemos na claridade plena. Viver o novo ou ao menos deixar o fútil decididamente e ficar aí atentos, para ver se em algum lugar o rio da vida vai nos apanha ou, caso não tenhamos ido tão longe, ao menos ter uma ideia da liberdade e não odiá-la ou temê-la, mas amá-la. Nós nós nós! Todos esses homens originários como nós, um povo originário, dito simplesmente, o povo, por excelência. Alemães! Alemães! Alemães!

Mas os estrangeiros, que não nos pertencem, barulho esforçado de cidades distantes. Na ramagem se retruca e reme a luz. O chão onde jazemos vacila, um terrível golpe o faz vibrar. Vamos sair! Atrás de nós outros viajantes, eles seguem nossa lembrança. Não nos custam nem uma lágrima! Resignam-se ser secundários, e derivados. Um apêndice da vida é o que são, que se move por conta própria diante deles, ou ao lado deles, o eco devolvido por um rochedo de uma voz já ela mesma silenciada, eles são, considerados como povo, alheios ao povo originário, e por isso mesmo estranhos e estrangeiros. Não são como nós, não estão em casa aqui em nosso solo e as montanhas não os guardam. A floresta severa não os protege. A tempestade te molha com suas nuvens, ó chão escuro, lugar de repouso, mas o homem te molha com seu sangue. Assim cala, assim repousa, aquele que pergunta por seu igual por todo lado, em vão. Descansa. Onde se expressa o coração, onde repousa enfim? Conosco, no solo estamos em família. Onde se torna realidade aquilo que, dia e noite, há tanto tempo o nosso sonho ardente profetiza? Aqui, onde caem as vítimas em sacrifício, aqui embaixo onde caem sobre nós, aqui, amigos, aqui!

Nós nos vemos em nossos túmulos, não há dúvidas mais. Com uma sílaba falada no infinito, somos uma palavra, um começo, um pensamento ainda, mas já nos erguemos para o ato. Nós! Atrás de janelas, onde a tempestade nos agita as asas, presas sorridentes. Na nação que até este dia se chama o povo por excelência ou o alemão, e é originário nesse novo tempo, pelo menos venceu originário neste dia, e também mostrou poder criador. Novo! E quem acredita em um Ser firme obstinado e morto só acredita nisso porque ele em si mesmo está morto e, uma vez morto, não pode fazer nada senão acreditar nisso. A profundidade nos seduz, o solo fala de rochas em cujos nichos nós jazemos. Conhecemos a profundidade e o que cresce nela. Somos nós. A essa crença na morte, contrária a um povo originariamente vivo, chamamos “coisa de estrangeiro”. Essa coisa de estrangeiro, uma vez entre os alemães, também na vida real se mostra como calma submissão à necessidade do Ser, como resignação de toda melhora de nós mesmos ou dos outros pela liberdade. Temos que ficar aqui, na terra, as pedras caem aqui embaixo e matam. Pois não é aconselhável desafiar a nós, heróis. Já baixamos de nossos montes para o vale, onde audazes se alçam os assassinos, seguros de sua arte e de seu braço; mas mais segura vem a eles a alma da gente jovem, pois os justos golpeiam como se fossem mágicos, e seus hinos à pátria paralisam os joelhos dos desonrados. Ah, leve-nos, leve-nos em vossas fileiras! E deixe-nos ficar conosco!

Os alemães pensam por último nos alemães, em geral, seja por modéstia ou porque se guarda o melhor para o final. Ainda somos uma palavra, mas já amadurecemos para o ato. Assim o solo separa aqueles que se aproximam dele ignorantes, estrangeiros, daqueles que conhecem suas leis, os nativos. Só nós moramos aqui! Nosso solo é mortal para estrangeiros. Assim queremos usar o tempo, eles querem agarrar nossas cabeças, querem, agora, então rapidamente agarramos as deles! Como a maré na praia, ondulam mais e mais alto os inconstantes. Ó, gente boa, também nós somos pobres de ações e cheios de pensamentos! Mas ele vem, como o raio vem das nuvens, vem, o ato, maduro e espiritual, talvez dos pensamentos? Segue o fruto, como das folhas escuras do bosque, do escrito silencioso? Irmãos do trabalho, que nos extraem da terra como mineral. Do nada, para o nada. E nós mandrágoras gritamos quando nos tiram de nosso monte consagrado. Todos são irmãos, os que vêm do mesmo sangue e têm um destino comum. E o mais belo é que nós mesmos tornamos nossas palavras realidade. Nós jovens avançamos tateando. E então os estrangeiros não veem na Alemanha o que jaz sob as cobertas. Sob os cabelos do solo, lá embaixo, na terra. Somos nós! E nossa palavra está firmemente presa no solo, em nós. Nós nos sedimentamos em estratos, fósseis da história, formando montanhas sobre as quais se despeja a água em borbotões, como é que nós, as massas enormes, fomos estratificados, onde é que o riacho da montanha vai buscar toda sua

água, que jorra poderosa de uma fenda secreta? O que nos mantém juntos antes que jorremos para fora, inundando as planícies? Nunca mais contidos sob árvores e arbustos na floresta, sob penhascos e grutas do deserto. Só é preciso nos dar tempo, ainda não estamos prontos. Avançamos tateando, logo estaremos em casa. Quando você aparecer inteira, alma da pátria, fazendo-nos curvar mais baixo, fazendo mesmo a nossa corda mais silenciosa calar diante de ti, fazendo-nos querer, envergonhados, flores da noite, acabar alegres diante de ti, dia paradisíaco. Quando todos aqueles com quem outrora nos enlutamos, quando nossas cidades estiverem claras e abertas e despertas, cheias do fogo mais puro e as montanhas da terra alemã forem montanhas das musas, como outrora as gloriosas, e a alegria livre brilhar sob o céu dourado da pátria, então estaremos em casa. E os alemães têm coragem, essa totalidade do espírito em relação com a vontade, na qual o homem tem em si, de modo igualmente geral e indeterminado, a satisfação. Nós somos nós e em nós habitamos bem. Lá cintilam luzes. A cidade! Jazemos quietos e não podemos sair. Há que destruir, se o novo deve ser alcançado. Nosso tempo de vida tem mesmo limites estreitos, vemos e contamos o número de nossos anos, mas os anos do povo, um olho mortal os viu? Mas quando o próprio tempo se nos agita a alma, a nós videntes, então permanecemos tristes na praia fria entre os nossos e jamais os conhecemos. E também os futuros, eles, os prometidos, onde, onde é que os vemos, para ao menos uma vez voltar a nos aquecer em mãos amigas? Pois aqui entre nós faz frio. O que é que buscamos entre os mortos? A vida! Nós aguardamos o nosso tempo.

Ó, terra pátria, ceifam teu pensamento, teu espírito. Gostam de colher-te o racimo, mas zombam de ti, vide disforme! Você, terra onde estamos em casa! Presos sob o solo, somos o pedestal que sustenta as estátuas dos vencedores. Terra do amor! Sendo embora nós dos teus, muita vez choramos de raiva ao ver-te, sempre tola, negar a própria alma. Muita vez, de pé no claro monte, do alto dos teus ares, contemplamos o verde do teu vasto jardim e te vimos. Percorremos os rios teus, pensando em ti e estávamos em casa. Enquanto o tímido rouxinol cantava sobre o vime flexível. E nós embaixo, nossa linguagem é profunda, e falamos a linguagem do profundo. Tesouros elevados, de repente nos entronamos no topo da montanha. Olhamos de cima todo o campo, onde nós, sementes sangrentas da história, fomos espalhados para nascer de novo.

A vontade para a essência da universidade alemã é a vontade para a ciência, enquanto vontade para a missão histórico-espiritual do povo alemão, como um povo que se conhece a si mesmo no seu Estado. Ciência e destino alemão devem chegar juntos ao poder na vontade para a essência. E é o que farão se e somente se nós expusermos, por um lado, a ciência à sua mais íntima necessidade e se, por outro lado, suportarmos o destino alemão em sua mais extrema carência. O jardim sagrado de Platão não mais viceje à beira do rio, e um homem pobre lavre entre cinzas de heróis, e chore, sobre uma coluna, a ave da noite. Oh sacro bosque, contigo estamos em casa. E nós? De nossos jovens algum haverá que não esconda um anseio, um enigma no peito?

Quem não quer, pela ação ou pensamento, plantar uma semente que traga o aperfeiçoamento infinito e contínuo de sua raça, lançar no tempo algo novo e que nunca existiu antes, que ali habite e se torne uma fonte inesgotável de novas criações; pagar pelo seu lugar nesta terra e pelo curto tempo de vida que lhe foi conferido com algo que durará para sempre aqui embaixo? Povo e pátria, nesse sentido, como veículos e promessas da eternidade terrena, e como aquilo que pode ser eterno aqui embaixo, excedem em muito o Estado no sentido habitual da palavra. Saudações, pois, a ti, nobre pátria minha, com um novo nome, fruto mais maduro do tempo! Embebido do nosso sangue, o solo perde a memória. Somos demasiados. A pátria não é o solo. Está em nós. O resto pode se esvair em chamas, nelas nos esquentaremos. Nós somos nós! Lava com teu sangue a terra, teu país alemão! E nós, que jazemos embaixo, indícios de nós mesmos, saímos para as colinas e nos dispersamos. O vento nos leva consigo. Jazemos sobre o país e nos perdemos nas profundezas, espíritos da quietude. Ou esses insuportáveis encantos, todos esses enganos, para os quais um homem tem que fugir na sociedade atual – céu, confissão, seita, também porque ele tem uma alma, diferente do macaco ele pensa, e onde podia simplesmente se perder, enganar a si mesmo, se alienar, se tornar

um porco, asqueroso. No isolamento da tortura agora totalmente nu e cru: homem e imperialismo, mutuamente excludentes. O que sai daí é essa única força produtiva, que leva a: violência revolucionária, a capacidade de exercer contraviolência. Como se a velha água retornasse transformada em outra ira, terrível, para purificar, pois era necessário, assim amadureceu e cresceu e se ergueu de ano a ano a batalha inaudita, sem descanso, e inundou o país ansioso, espalhando longe a escuridão e a palidez no rosto do homem. Você me pergunta como a luta acabará, de modo geral? Respondo: com a vitória. Mas se pergunta especificamente, então respondo: com a morte. E haveremos de, rancorosos, cortar rente à terra as plantas que nós mesmos cultivamos, só porque se lançaram a florescer um pouco rápidas e opulentas demais? Estamos em casa, no país. O solo sobre nós compactado, o vale fechado, mas eis o dia.

Nós nos levantamos. Agora vem do bosque o cervo, das nuvens a luz do dia, alto no céu limpo olha o falcão ao redor. Mas embaixo no vale se estende confortável o vilarejo sobre o prado, abaixo dele jazemos nós. Está quieto aqui, estamos em casa. Um tapete feito de nossos ossos estendido no solo, onde água se infiltra. E nenhum combatente depõe as armas. E também, se você não aguenta mais o barulho, nunca vai poder abandonar essa luta pela política revolucionária. Simplesmente, e isso é o mínimo: porque a luta travada contra você só vai parar se nos trair, sobretudo aqui onde tem que lutar 24 horas por dia pela sua consciência. Estamos em casa? Ó, céu da pátria, nos receberá amigavelmente como outrora? E às mãos que colhem se oferecem os próprios ramos. Assim o tempo reúne e separa as coisas. E assim estamos sozinhos sobre a terra. Inverte-se a relação entre a vida na luz e a morte no subsolo. Nossos cadáveres se aproximam da superfície e lembram da decadência das glórias passadas. E muitos jovens, por isso, têm de ir para as profundezas, onde estamos, a história empurrou seus ossos para longe de si, agora estão quietos, antes do seu tempo. E são cada vez mais. Somos um povo abundante. Tão logo um possa ser liquidado como um cão, só lhe resta ainda restabelecer seu valor como pessoa, por todos os meios possíveis. Vem, amigo, para o aberto, vem para dentro da terra! Fica conosco! Deixa-te amarrar e alimentar com a mangueira! Aqui para baixo, conosco, e o céu nos estreita. Hoje está nublado, as vias e travessas cochilam, e quase quero crer que é como nos anos de chumbo.

As três vinculações – pelo povo à sorte do Estado em uma missão espiritual – são igualmente originárias para a essência alemã. Os três serviços que se originam daí – serviço do trabalho, serviço militar e serviço do saber – são igualmente necessários e de igual importância. Pois pode não ser grande, mas faz parte da vida, aquilo que queremos, e parece ao mesmo tempo adequado e alegre. Mas até as andorinhas sempre vêm ao país trazendo bênçãos, antes do verão. Só nós jazemos em silêncio, em casa. Vê como verdejam para ti as árvores que com amor cultivaste, e abraçam a casa. Tiradas do solo onde estamos e ficamos. Ao mesmo tempo nativos e estrangeiros. Já seus troncos são mais seguros. Estamos no nosso país, e sem suspeitar caminha acima um povo todo-poderoso, até que os jovens lembrem dos pais lá em cima e queiram sair da terra, mas tarde demais. E esse silêncio aniquilador – o corpo naturalmente grita, a mangueira lhe é enfiada na garganta – esse silêncio que aniquila o torturador! Deparamo-nos aqui, digo, com aquela antiquíssima lei que em qualquer parte da existência proíbe permanecer incólume quando o homem ao mesmo tempo exige e afirma a sua humanidade ilimitada. Estejam agora em casa como nós! Astro errante do dia, apareces tu, e tu também, ó terra, na qual jazemos, berço pacífico que és para nós, e tu, casa de nossos pais, enfim respiras novamente! Agora bebeis, pastos de meus arroios! Um momento, e se põem em marcha sendas retas, e como um soberano com esporas e consigo mesmo em casa. Astro errante do dia, apareces tu. Estejam em casa, passeai entre as nuvens dos animais selvagens!

Estamos em casa, nós, as línguas do povo, presos no chão. Gostamos de estar entre os vivos, onde muitos se juntam. E alguns gostaríamos de convidar para vir conosco, mas permanecemos sozinhos. Nosso pai, que segura as rédeas douradas dos descendentes, como crianças. E mergulha suas cabeças na água sagrada e sóbria. Deixem-nos dormir! Vivemos de preferência na interioridade da alma e do pensamento. Nessa solidão de eremita do espírito nos ocupamos, antes de agir, primeiro em determinar cuidadosamente os princípios pelos

quais tencionamos agir. Por isso acontece de nos aproximarmos do ato de modo um tanto lento, saindo de nossos santuários, das armas da palavra, que vocês ao partir deixaram para trás para nós, os mais inábeis dos seres. Onde vamos colocar a salvo os feridos? Na UTI – quer dizer, nesse circuito sujo, onde as fases com certeza vão ser cada vez mais curtas, com infusões, maquinário. Então de volta com a mangueira a mangueira a mangueira no isolamento por anos, na traição? A traição? Vitória ou morte era a frase. A outra vitória e morte – o que simplesmente significa: presos, extrema defensiva, totalmente cercados. O conteúdo é luta é luta. Mas os mais cegos são filhos dos deuses. Visto que o homem conhece sua casa, e o animal sabe onde deve construí-la, contudo, àquele está dado o defeito na alma inexperiente de não saber aonde ir. Já que, como começamos, permaneceremos. Em casa conosco. Mas até a morte o homem pode também trazer na mente o melhor e, então, vivencia o máximo. Apenas cada um tem a sua medida. Pois deve ser carregado pesadamente o azar, mas mais dificilmente a sorte. Mas em nossa casa mesmo esses não são estrangeiros. Vivem em triplo, do mesmo modo que os primeiros filhos do céu. Aqui nos amarram firme. Simplesmente se tornou uma ordem não deixar mais nenhum morrer sem poder neutralizar um tal desenvolvimento com todos os meios através de contrapropaganda. E essa, naturalmente, é a função da UTI na casa. Onde também a imaginação se atola, na agonia, nas últimas horas, talvez se quebraria nossa vontade e com ela a greve. Um prisioneiro que morre em uma clínica morreu como doente, em tratamento médico até o último socorro – e não na batalha.

Nesse meio tempo eles envelheceram, o gelo polar os embranqueceu, e no fogo do sul lhes caíram as madeixas. Estávamos em casa. De longe eles vêm, cansados até a alma, para voltar a ver essa terra. Mais uma vez teriam que se lhes arder as faces, e seus olhos apagados quase voltam a cintilar. Estão em casa conosco. Mas se agora o amor do coração convosco se queixa, água pátria, o que de diferente quererá. Pois a terra coberta de sombras jaz hoje cheia de expectativa, ó saudosos! Estai aqui conosco e habitai bem entre nós e inclinai a cabeça. Queridos nossos do passado! Vinde! Pois vossa bela visão, como se hoje fosse igual outrora, temo que seja mortal, e não é permitido acordar os mortos. Sentai-vos! Vosso bando azul não pousa mais no céu azul. Estai aqui conosco, nesse prelúdio de tempos mais ásperos feitos para nós. Não podemos evitar que matem alguns de vós. Podemos evitar que matem todos. Se mais um prisioneiro morrer, pois o desenvolvimento ainda não está certo, nenhuma negociação será possível. Aqui estamos agora. Entre dia e noite uma verdade tem que aparecer. E sem medo os filhos dos alpes cruzam, sobre frágeis pontes, os abismos. Por isso, já que se amontoam à volta, pela claridade, os cimos do tempo, e os que amamos estão perto, enlanguescendo nos montes mais díspares, dá-nos, água inocente, dá-nos asas para, de ânimo fidelíssimo, irmos até lá e de lá voltarmos.

Ciência como vontade para a missão histórico-espiritual do povo alemão, povo que se conhece a si mesmo no seu Estado, ciência e destino alemão devem chegar juntos ao poder na vontade para a essência. E é o que farão se e somente se nós se nós se nós suportarmos o destino alemão em sua mais extrema carência. Seguimos por conta própria e apressados em direção ao fim. Em casa estamos, jogados na poeira de nossa canção. Despertamos os mortos, que ainda são presa da matéria bruta. Porém esperam ver nossa luz muitos olhos tímidos. Aqui estamos! Servimos à terra mãe e servimos à luz do sol, mas ficamos conosco, internamente em paz. Sentai-vos! Para atingir esse fim a liberdade natural do indivíduo precisa, é claro, ser limitada de muitos modos, e se essa fosse a única meta e consideração a respeito desses indivíduos, far-se-ia bem em limitar sua liberdade o mais estreitamente possível, de modo a dispor todos os seus movimentos sob uma regra uniforme e mantê-los sob supervisão constante. E sobre o que se apoia nossa segurança? Em casa estamos em casa, e doces tílias exalam perfume ao lado das faias ao meio-dia, quando no milharal murmureja o crescer nas canas alinhadas, então estamos aí!

Também a vontade não é nenhuma posse, e sim o motor. Ela se fortalece, e tem de se fortalecer, à medida que se luta. Você tem que labutar na máquina todo dia. É insuportável e aguentar ao menos os primeiros dias é ainda mais duro que qualquer ação de fato imaginável – porque eles também têm tudo e você nada. Trata-se da despedida do pai. Nós! Os divinos se enfraquecem

para que a pureza se reconheça. Estamos conosco. Nós! Porém o último é, sobre escuro relvado, que o bálsamo da batalha, a voz nos brota da boca. Não queremos guardar silêncio sobre o Altíssimo, ali estamos em casa e falamos o que podemos aguentar. Esse tanto carregamos para casa. Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam! Venham a nós saídos da terra! A nós, eles nos pertencem! Assim o vento, assim tempestades e pancadas de chuva e luz do sol abrasadora terão embranquecido os esqueletos dos mortos, o hálito revigorante dos espíritos ainda não cessou de soprar. A nós! Ele também há de tomar os esqueletos do corpo morto da nossa nação, e juntá-los, de modo que gloriosos se ergam em uma vida nova e transfigurada. E nós entre eles! E nós! Nós abrimos nosso próprio peito e nos despejamos gota a gota na poeira. Aí estamos nós, e aí trazemo-los, nossas vítimas sacrificiais, os mortos. A terra precisa de sulcos e o rochedo de fendas. De outro modo seríamos inóspitos. Mortos em uma alta trilha. Homens errantes, caminhávamos juntos em cólera. Até nós, onde habitamos. Para casa. Para casa.

Para casa.

A antiga e plenamente conservada interioridade do povo alemão tem que realizar essa revolução partindo do coração simples e despretensioso. O que nos amarra às velhas praias da alma? De modo que permanecemos entre nós. Os olhos se nos escurecem. No torrão da terra pátria queremos nos enraizar e já estamos mesmo aí! Ela é a mãe de nossos pensamentos e anseios. Nas ilustres escolas alemãs trabalha-se muito, mas pouco se faz pelo futuro. São apenas serviços subalternos. Mas nós amadurecemos para o ato. O saber catedrático nunca poderá nos redimir. Esse povo trabalha sobre seu destino à medida que conquista sempre de novo sua história à medida que conquista seu mundo espiritual. Bem queremos nos tornar lembranças dos outros, mas seguimos sendo nós. Em casa. Mas no meio do tempo vivemos tranquilos e de bom grado, para a lembrança daqueles a quem nada falta. Desde o nascimento marcados por nossas estadias onde o raio não queima na sombra do bosque. Queremos dizer que em nenhum outro lugar seria melhor viver. Por isso, ó benevolentes, cercai-nos facilmente! O que é decisivo no liderar não é o mero ir à frente, mas a força para andar sozinho. Não por teimosia e desejo de dominar, mas em virtude de uma destinação a mais profunda e de uma obrigação a mais ampla. Semelhante força vincula ao essencial, produz a seleção dos melhores e desperta a genuína disposição a seguir daqueles tomados de renovada coragem. Vir até nós. E o solo se ergue conosco e sob nós. Ainda dormimos nele, mas logo levantaremos. Luz do amor! Aos defuntos, dourada, também brilha! Murada de masmorra, oco e vão, o céu. Pende-nos um fardo curvo sobre a fronte. Agora nos levantamos. Mas como é pesaroso esse tempo. Juntos nos agachamos para ficar em paz e descansar alegres sob as flores, em casa. Onde nuvens quietas flutuam ao nosso redor, ali nos admiramos e não sabemos interpretar. Num dia de verão em que buscávamos sombras. Em casa. Entre nós. Mas quererão novos titãs tomar de assalto o céu? Mas ficai conosco! Para vós não será o céu, pois sois nascidos da terra. Ficai aqui conosco! Mesmo a mera visão e influência do céu vos serão retiradas, e só a vossa terra vos restará como morada fria, sombria e infértil. Pois pertence a nós. Aqui nos sentamos e não saímos daqui. Nós nos estendemos e podemos fazê-lo. Como os cordeiros no campo sobre o tapete verde que a mãe lhe concede para seu divertimento. Pertence a nós. É verdade que todo dia marchamos, mas aqui permanecemos.

Viver assim a sós com os Celestes, e passa o dia e o rio e o vento e o tempo correm todos no rumo do seu termo, onde pisamos na cabeça dos vizinhos e brigamos pela soberania. Derivam por aí ao nosso redor, instáveis, como o Caos, os desejos do gênero inquieto. Mas bem guardados, e em casa, trilhamos com pés seguros os trilhos serenos. Sobre nós as nuvens espalhadas. E fica no país de bom grado quem no seio fiel do divino habita, e livremente queremos, enquanto pudermos, apontar e cantar todas vocês, linguagens do céu. Ali onde cintila uma luz segura. As dores, não sei bem, elas surgem da resistência. E deixe que você e o processo sejam examinados, o que é que querem provar novamente? O tubo fino por causa dos animais altos que estavam ali, forçados, serão aqueles que ordenam a desidratação. Isso dói! Dói! Nós é que eles não querem! As árvores perdem seu lugar. Mas ficamos aqui, aqui é o nosso lugar. A paz da criança se foi, e se foi a juventude e o amor

e o prazer. Mas tu, minha pátria! Tens santa paciência, vê, tu permaneceste. Silenciosos estamos diante do destino. E ficamos. Feitos para amar, para sofrer. Aqui! A salvo do destino, crianças dormindo, vivem os Celestes. E, ditosos, seus olhos contemplam a paz da eterna claridade. Mas a nós não é dado repouso em parte alguma, ou já repousamos faz tempo, no solo que não nos solta? Ou nunca estivemos lá fora? Será que nossa ordem só se funda na memória e nunca estivemos aqui? Arrancam-nos? De onde viemos? Mas ficamos aqui, aqui estamos em casa. Pois se todos os outros europeus tivessem se matado mutuamente em todos os mares e todas as ilhas e todas as costas: no meio da Europa o dique dos alemães teria se mantido firme e os impedido de se atracar, aqui a paz teria permanecido, e os alemães teriam se mantido, e junto consigo uma parte dos outros povos europeus, em paz e prosperidade. Aqui estamos em casa. Mas isso não se conformava aos interesses internacionais que só calculavam o instante seguinte, que isso ficasse assim. Eles viram utilidade na valentia alemã, para guiá-los através da sua própria guerra, e nas mãos deles, para com elas arrancar a presa de seus rivais. E trazê-las ao seu país.

Por isso, terra!, sua petulância te arranca do coração dele, e seus presentes são em vão e seus tenros laços, pois ele busca um melhor, o bravo! O estrangeiro, para ele é mortal o nosso solo. Do nada e para o nada, justo entre o nada e o nada. Estamos em casa, quem poderá nos agradecer? Bem faz a terra em esfriar. Uma luz amigável vem, e nosso forno quente incendeia o ar com sua brasa inofensiva. E à voz peculiar do estrangeiro se levantam os rebanhos. Nós não o vemos, e também se ele se juntasse a nós, ao vento tremeriam as bandeiras. Até hoje seria anônimo, para sempre desterrado, lá fora, na noite. Calado entre nós, vivos. Mas nós. Mas nós. Nós olhamos com olhos abertos e buscamos sempre somente a nós. Crescemos e nos tornamos floresta.

Os textos utilizados são entre outros de: Hölderlin, Hegel, Heidegger, Fichte, Kleist e das cartas da RAF de 1973-1977.

AS IMPLICANTES

Nós vivemos. Nós vivemos. O que importa é que vivemos e também não é muito mais que viver depois de deixar a pátria sagrada. Ninguém olha com piedade aqui para baixo, para nosso trem, mas nos olhar de cima para baixo, isso sim. Nós fugimos, sem termos sido julgados por nenhum tribunal do povo, julgados por todos, lá e aqui. Tudo o que dava para saber na nossa vida acabou, sufocado sob uma camada de aparências, nada mais é objeto de saber, nada mais é, de modo algum. Também não é mais necessário apreender nada. Tentamos ler leis estrangeiras. Não nos dizem nada, não ficamos sabendo de nada, fomos encomendados, mas não buscados, temos que aparecer, temos que aparecer aqui e depois ali, pois bem, mas qual terra, mais amável que esta, e isso não conhecemos, qual terra podemos pisar? Nenhuma. Então ficamos por aí repisando a questão. Somos mandados embora de novo. Deitamo-nos no chão frio da igreja. Voltamos a nos levantar. Não comemos nada. Mas temos que voltar a comer, pelo menos beber. Arrancamos pela paz essa ramagem aqui, esses ramos de palmeira, não, de oliveira, sim, e isso aqui ainda, tudo rotulado; não temos mais nada, a quem devemos oferecer essa pilha, escrevemos duas toneladas de papel, naturalmente alguém nos ajudou, seguramos no alto o papel, implorando, não, não temos os papeis corretos, os documentos, só esses papeis, a quem podemos entregá-los? A vocês? Por favor, aqui está, mas se não forem dar início a nenhum processo com eles vamos ter que copiar tudo de novo, imprimir de novo, entenderam? Oh, vocês divinos, juntamos as mãos obedientemente, sim, vocês mesmos, só olhem aqui para baixo!, imploramos a vocês, sim, vocês, a quem pertence a cidade e a terra e a água brilhante do Danúbio e também e mais ainda a vocês que nas repartições públicas aplicam punições severas: vocês uma vez nos dizem isso, e então nos dizem aquilo, e nada podemos fazer direito, mas vocês também não estão no direito, vocês anjos, mais você, amado pai que estás no céu. O que haveríamos de fazer contra vocês?, vocês podem fazer tudo, vocês podem tudo. Você aí: pode por favor nos dizer quem, qual deus habita e manda aqui, aqui na igreja sabemos qual, mas talvez haja outros, em outro lugar, há um presidente, um chanceler, uma ministra, então, e naturalmente também há esses que aplicam as punições, já percebemos, não lá embaixo no Hades, todos estão logo aqui ao lado, por exemplo você, quem quer que seja, você quem quer que você seja, você, você, Jesus, Messias, Messiê, tanto faz, você que protege a casa, a raça, todos os fiéis, você não nos acolheu, é verdade que viemos por conta própria, viemos para a sua igreja, na forma de um trem de suplicantes, por favor nos ajude, Deus, por favor nos ajude, nossos pés vieram pisar as suas praias, nossos pés ainda pisavam praias bem diferentes, quando tinham sorte, mas como vai ser agora? O mar quase nos aniquilou, as montanhas quase nos aniquilaram, agora estamos nesta igreja, amanhã estaremos naquele mosteiro, graças ao Senhor Deus, graças ao Senhor Presidente, eles foram apontados, eles nos apoiaram, mas onde estaremos depois de amanhã e depois? Onde nos será negada uma cama, onde poderemos negociar uma cama, onde vão voltar a nos jogar para fora, onde vamos poder enterrar nossos próprios ossos, quer dizer, quem vai fazer tudo isso?, quem vai fazer isso por nós? Quem vai cuidar para que nós, que somos, também sejamos vistos, e sem repulsa? Os escorraçados das margens dos rios, da beira do mar, dos arbustos dos bosques da pátria, lamuriando-se em luto pela pátria perdida, enlouquecidos pela ira da mãe primordial, esses podem ver aqui, ninguém aqui se vangloria de descender de ninguém, também não serviria de nada, e como assim, por favor, como assim vocês aqui também estão irados conosco? Não entendemos. Faz tempo que somos amigos da dor, sim, mas o que fizemos aqui para vocês quererem nos manter com medo, em toda parte medo, medo dos meus, que perdi, de ter que voltar, mas ainda mais medo de vocês, de ter que ficar, de não poder ficar, agora têm que concordar, agora vão concordar: se vocês têm medo em toda parte,

vocês dirão, por que vieram para cá então? Para ter um medo novo, já de novo? Só que agora na língua de bárbaros que não conhecemos e não falamos, é sempre assim quando se está no estrangeiro, entre estranhos, o que acontece agora, o que acontece só agora? Chamamos, suplicamos nessa língua que não conhecemos e não falamos, mas que vocês dominam como dominam a si mesmos, a menos que estejam na plataforma da estação e nos vejam, por favor se esforcem um pouquinho para experimentar o que jamais podem saber, por favor!

Olhe aqui, senhor, sim, você!, suplicantes nos voltamos a vocês, alguém qualquer nos gerou e alguma qualquer nos pariu, compreendemos que vocês querem provas, mas não vai dar. Onde é Outro Lugar, lá nada sabemos, pois talvez tudo esteja totalmente diferente e de todo modo sempre em outro lugar, e lá nosso conhecimento não é nada. Mandaram-nos vídeos, para minha família, quando eu ainda tinha uma, agora todos mortos, todos mortos, nem um único sobrou, sou o último, no meu velho horizonte nenhum sol se põe, ninguém se opõe a eles, todos se foram, todos mortos, só eu que não, agora estou aí, e o que é que vocês fazem comigo? Estou aí, o que é que vocês fazem comigo agora? O horizonte não é mais nada, ele termina nas montanhas, o mar é um buraco, um barranco, uma garganta, ninguém mais aí, ninguém mais lá, mas aqui, que eu me lembre, todos mortos, mortos em outro lugar, mesmo assim mortos, sou o último, dura sorte, lamento em voz alta, tirei a mais triste sorte. Vejam, ali dois dos nossos parentes sendo decapitados, depois sobraram ainda uns poucos, fotografado com o celular quando ainda havia tempo para isso, agora não tem mais tempo, não tenho mais eles, só tem eu, mas essa fortuna difícil de decifrar, pois por que é que as pessoas fazem algo assim?, não me permite pouso aqui, vejam, imediatamente rasgo o jeans que me deram, o suéter que me deram, corto na hora a mochila que me deram, devo estar louco, se as coisas pertencem a mim agora!, deixo-me levar por ondas invisíveis, mas isso me serve de algo? Não me serve de nada! Dois dos meus primos perderam a cabeça, fujo para cá, sei que isso vocês não me fariam, não poderiam, mas meus primos não falam a meu favor? Com suas gargantas cortadas e sem cabeça? Não fala a meu favor que eu tenha vivido algo tão difícil, você não nos quer, sim, você? Nosso bando escuro, acostumado ao brilho do sol, então retrocedemos, só que: para onde? Para outros entrevados pela terra, entrevados pelo tempo, de todo modo entrevados todos, tudo perdeu a lucidez, lá onde não estamos, mas para onde devemos ir, também queremos ir, tem esse Senhor Presidente, ou o que é ele, tem o Senhor, o onirecipiente? Não, ele não existe. Não tem ninguém que receba todos nós. Poderiam receber antes todo o universo, do que todos, do que nós, nada nem ninguém nos recebe, é uma vergonha! E nós também permanecemos vergonhosos.

Vamos recordar vocês em discursos raivosos, mas para vocês tanto fará, já sabemos, pois nossa estadia será ilegal, aliás essa é sua palavra favorita, ilegal, legal, ilegal a estadia, podemos gerar filhos, nossas mulheres podem dar à luz, podemos nos matar de trabalhar, vocês não dão a mínima, pois desviam o rosto de nós, apesar de nossas súplicas vocês nos viram o rosto, não faz sentido, vai sujar de novo, mesmo assim suplicamos, suplicamos, vocês lá em cima, olá, se não nos querem, mesmo assim ficamos aqui como uma obrigação para vocês, pelos motivos acima elencados, sim, aí está o elenco, que não deveria estar aí. E sequer nos é permitido definir a direção do nosso recuo, da nossa retirada, que não desejamos absolutamente, vocês que exigiram, o regresso, tanto faz a direção, fora, simplesmente fora! Esse documento, esse documento assinado, ordena nosso regresso para a terra enevoada de que viemos, onde é que vocês estiveram por último? É lá que têm que apresentar seu requerimento! É isso que vocês querem para nós, sempre querem algo! A cabeça, cortaram a cabeça dos meus dois primos, disso não há testemunhas, há um testemunho, hoje todo mundo tem câmera consigo, levada à toda parte, pregada, tudo pode ser provado na hora, podem ver aqui, ver a prova, nesse vídeo, como dois homens têm as cabeças cortadas, não é horrível? Não acreditam que esses são meus primos? Tenho testemunhas. Vocês não acreditam. Mas podem ver, estão vendo aqui, minha família tem o vídeo, mas ela não existe mais, a família, todos mortos agora, mas sobrou o vídeo, ninguém se envergonha por isso, vocês só se envergonham por mim, e a imaginação de vocês não tem força suficiente, nada é suficiente para vocês, e nada é suficiente em vocês, só enxotar pessoas que um dia foram geradas e paridas,

mandar embora, isso vocês sabem fazer. E a história da decapitação, isso não é nada comparado aos outros sofrimentos que já houve em toda parte e que, é lógico, duraram ainda mais. Os sofrimentos duram sempre mais que tudo. Só o sofrimento dura, e vocês durões nem ligam. Está todo mundo cagando para isso. Mataram pai, mãe, todos os irmãos e irmãs, mas isso não é nada, absolutamente nada, todas as nossas representações são referidas a um objeto, os sujeitos não valem nada, os mortos não valem nada e não são nada. Não podemos nos reportar aos mortos se queremos conduzir um argumento asseverando um direito à estadia, querem nos conduzir severa e diretamente daqui, nos desviar como rios, para lugar nenhum, rios onde não podem mais entrar nem sair, um mar onde entram fora da lei, onde não pisam mais as praias, onde não pisam nos calos de ninguém e onde também nós não podemos pisar em nada. Desviar, jogar fora, e então fora com eles e fora conosco. Todos mortos, de todo modo, por que então eu deveria, como último, viver ainda? Isso vocês não entendem. Eu também não entendo. Pois se o tempo também inclui o triplo, o trino, se ele também nos inclui, não, Deus não, não é a Trindade, nunca são uma unidade, estou falando do tempo triplo, que nunca unificou nada, que nos reuniu como grupo, um bando de nadas e ninguéns jogados juntos, em que ninguém com certeza tinha nada, mas se o tempo, como estava dizendo, não posso dizer, mas se o tempo é o todo triplo de presente, acontecido e futuro, o pensador, que não conheço, mas ele pensa mesmo assim, o pensador, mas agora ambos, como modos comprovados da síntese formadora do tempo, acrescidos de um terceiro modo, qual, qual?, que ficamos e por isso estamos fora do tempo, que podemos voltar a sair desse tempo?, qual?, um modo, então, um terceiro modo é acrescentado, como assim, se já são três, presente, passado, futuro, tanto faz, se é assim, como eu disse, eu não, como diria se também pudesse pensar assim, não sei o que significa esse Assim, então se e ainda por cima se todas as representações, então também o pensamento – e ao nosso pensamento vocês não dão nenhum valor, ele não lhes serve de nada, não existe, nem está aí –, se esse pensamento, o pensamento de vocês, deve então estar submetido ao tempo, então esse terceiro modo da síntese tem que formar, fazer, constituir o futuro, quem não tem formação não tem futuro, mas quem tem formação também não, não tem nada para ninguém, então o tempo tem que produzir o futuro como uma roupa. E daí? E aí, e agora? Poderão os regentes desta terra, poderão os senhores dirigentes da terra, os que encabeçam as decisões nesta terra e que ainda têm suas cabeças ao contrário dos meus dois primos, poderão os senhores da terra e os representantes encabeçadores dirigentes da terra, poderão eles, atraídos por esta breve mensagem, por essa longa mensagem, tanto faz, poderão eles mesmos se aproximar para nos ver? Não poderão. Aos senhores nessa terra e aos representantes dos senhores nessa terra e aos representantes dos representantes dos senhores nessa terra gostaríamos, não podemos, mas gostaríamos, gostaríamos de, como condiz aos estrangeiros, contar compreensivelmente de nossa fuga, de nossas mãos sem mancha de sangue, contar de boa vontade a qualquer um, nem precisaria ser um representante, nós faríamos isso, palavra de honra, contamos a qualquer um, contamos a todos, todos que queiram ouvir, mas ninguém quer, nem um representante de um representante quer ouvir, ninguém, mas nós contaríamos, contaríamos da nossa fuga inocente, que vocês sempre apresentam como fuga culpada, contaríamos da fuga dos inocentes, na nossa voz não haverá insolência, na nossa voz não haverá insolvência, vamos ser calmos e amigáveis e moderados e compreensíveis, mas vocês não vão nos compreender, e como poderiam, se nem querem ouvir? Não vão entender, e nossos discursos cairão no vazio, sem gravidade, nosso grave destino de repente não terá gravidade alguma, porque vai cair no nada, no espaço sem ar, no absolutamente nada onde então ficará suspenso, permanecerá em suspensão, na água, no vazio, sim. Com nossos olhos despretensiosos olharemos, dóceis, e pediremos um cobertor e algo para comer, vejam, os representantes dos representantes, todos esses que no entanto também não estão aqui, representam em outra peça, eles dizem: Seus olhos não são nem um pouco despretensiosos, mesmo que afirmem isso, eles têm, sim, muitas pretensões! Hoje querem cobertores, água e comida, e o que vão exigir amanhã? Nossas mulheres, nossas crianças, nossos trabalhos, nossas casas, nossas moradas? O que vão exigir amanhã. Talvez hoje ainda exijam pouco, ou não muito, mas amanhã vai ser muito, já

sabemos, por isso afinal é que somos os representantes dos representantes de representantes, todos sabem, todos sabem tudo, e agora nós também sabemos, embora desde antes já soubéssemos, desde antes. Como? O que estão dizendo? Cuidamos para ao falar não sermos indiscretos demais e nem prolixos demais e nem pormenorizados demais e nem demorados demais e nem rápidos demais e nem lentos demais. Não podemos ser nada disso, infelizmente não falamos a língua de vocês, cadê o intérprete?, onde ele foi?, vocês nos prometeram um, cadê ele, onde está, onde está o homem que lhes diz que não devemos falar demoradamente demais e nem lento demais e nem rápido demais? Quem é que lhes diz isso? Tanto faz, pois seres como nós são muito odiosos para vocês, isso nós vemos, isso está claro. Vocês têm que ceder, como nós cedemos e saímos da igreja finalmente e vamos para o mosteiro, onde é quente e apodrecemos mais rápido, nos decompomos mais depressa, nossos seres debandam dali como ratos. Nós cedemos e agora fomos embora, estamos fora do seu campo de visão, fora das vistas do público, levados embora, nos disseram e após um certo prazo também nós o fizemos: Vocês têm que ceder, disseram-nos, dizem-nos constantemente, dizem-nos ainda agora, têm que ceder, fugitivos, estrangeiros, necessitados aqui, assim, como estão, têm que ceder, vejam, isso vocês sacaram, já cederam, fugitivos, estrangeiros, necessitados, alguém assim não pode falar aqui, alguém assim não pode ficar aqui. Pois discursos descarados nunca condizem aos desafortunados. Senão onde é que vamos parar! Como é que vamos parar com o descaramento, se nem somos mais nada! Vamos ser razoáveis, e vocês vão arrazoar que nós finalmente somos razoáveis e nos mudamos da igreja para o mosteiro, que está vazio justamente, aqui, já mostram na tv, já dizem no rádio, logo estará nos jornais, é verdade que a igreja também está vazia, mas ela também é estável, ainda melhor aí, lá a qualquer momento poderia entrar o crente em seu Deus, nós o incomodaríamos, compreendemos isso, nós mesmos já estamos em dívida com o nosso Deus que, como o de vocês, ama exclusivamente os que não devem. E daí? O que isso nos traz agora? Tenham compaixão, antes que o perigo nos esmague, por favor por favor por favor! Não? Já imaginávamos. Ali está o Deus todo-iluminado de vocês, ao redor, milhares de estátuas dele, ouro, brilho, êxtase de cores, blim blom, por favor, ensaiamos dizer, talvez ele nos ajude, embora não seja responsável por nós, mas esse representante de um representante de um representante de um Deus, que penduraram ali, simplesmente, para ficarmos pendentes, esperando, não, não foi por isso, simplesmente está pendurado ali, pobre sujeito, também não teve muita sorte na vida, tanto faz, agora somos trazidos a essa água toda-iluminada, não, não está certo, não é águia nenhuma, a águia é a pequena lá em cima, em cima dele, olhem, daqui podem ver direitinho, lá em cima, não é águia nenhuma então, o quê?, é para ser uma pomba?, bem, o que é que se pode esperar de uma pomba! Dá na mesma. A pomba é uma representante de uma representante de uma representante, de todo modo um pássaro, voar ela pode, e a chamo em oração, oro chamando por ela, afinal tenho que chamar alguém, então, depois chamo meu advogado, mas agora estou chamando em oração a pomba lá no teto, suplicamos a ela, suplicamos, olho solar todo-salvador da trindade, pomba trinando, você, sim, você mesma!, você ouviu perfeitamente bem, é justamente a você que suplicamos! Também não tem mais ninguém aqui. Não tem motivo para trinar trincando de raiva! O trinco trincou, os tigres tristes estão sem trigo, é trivial, o que podemos fazer?

Do fato de que todos agora estejam mortos, a família toda está morta, não se pode deduzir nada. Ficamos aqui sentados, cumprimentamos, para nós tanto faz quem, qual Deus, já nos disseram mas esquecemos, mas a boa educação exige que cumprimentemos com devoção todos os altos senhores aqui em suas imagens e aquele ali na frente, sozinho no seu altar, Deus o abençoe ou como é que é para eu falar. Nós nos estabelecemos em locais sagrados como uma revoada de pombas, mas os daqui só conhecem essa uma pomba, aquela lá em cima no teto, que nós com certeza não vamos alcançar, tão alto, ela não precisa temer nenhum falcão, a pomba, e nós? Nós temos que temer a todos e a qualquer um. É simplesmente assim. Os inimigos, parentes de sangue, maldição da nossa linhagem, todos foram sacrificados, mas quem recebe esse sacrifício? Teria que ser uma multidão de deuses, para conseguir receber tantos sacrifícios! Não tem mais ninguém aí, ninguém

pelo que vejo, ninguém de nós. Mataram todos. Eu fugi, desde então o último, o último de todos da minha grande e querida família, um resistente matou um outro resistente, até que só sobrou um, supostamente isso é costume entre nós, entre nós isso é hábito, que todos matam todos, cada um mata cada um, mas isso é mera suposição, e mesmo assim sobram mais de uns do que de outros, mas acima de tudo os uns e os outros eles matam, mas e quando não tem mais ninguém aí? Bom, agora não vamos poder passar por toda a sequência da imaginação, de todo modo vocês não poderiam imaginar, ninguém pode, a não ser que tenha um vídeo; a sequência da imaginação foi rompida como minha família, como a corrente da minha família, despedaçada, assassinada, e aqui, será que na condição de último posso pelo menos me sentar aqui? Só sentar? Nem preciso deitar. Ou é melhor ali? Se para vocês for melhor eu sentar ali, eu faço isso! Não tenho lugar mesmo, então podem me indicar um lugar, tranquilo, apontar um canto onde possa me encostar. Aqui domina a liberdade de encosto, digo, de residência, mas para nós não. Para nós não. Para os mortos isso também não vale, e fora eu estão todos mortos, todos mortos. Então podem tranquilamente me contar entre eles. Já ouço suas risadas, vocês sabem que os mortos não pedem mais nada, mas eu ainda peço algo, suplico-lhes habilmente, uma habitação, comida, bebida, uma roupa. Temos mesmo provas de que todos os outros estão mortos, não, ninguém mais vem, não tenham medo!, ninguém mais fora nós, ninguém fora nós vai importunar vocês, temos vídeos, os assassinos têm aparelhos modernos para tudo. Nós não somos modernos, mas os assassinos são modernos e ao mesmo tempo primitivos, são tudo, porque assassinos sempre são e podem tudo. Estamos em posse de um conhecimento, mas o que é isso, a quem interessa um conhecimento, não é nada interessante, nada que não pode ser mostrado é interessante. Nada para nós também. Olhem só, agora vocês também veem: no horizonte surge uma resistência contra nós. Nós nos escondemos na igreja, no mosteiro, mas não devemos permanecer ou não seria mais nenhum esconderijo. Essa igreja é um esconderijo aberto, a tv já veio aí, lançou luz sobre tudo, luz que ela mesma trouxe. Ali jaz um, mais para lá também, coberto de nomes da eterna fatalidade de ser estrangeiro. Ele não deve permanecer como o único que ainda não está morto, que restou, mas também não deve poder permanecer, diz a resistência, cujos faróis nos cegam, ele deve deixar estar. Mesmo se alguém vier na direção dele na rodovia, na contramão, ele não deve se esquivar, e também não deve se esquivar a nós, deve recuar perante nós. É difícil recuar diante do motorista na contramão. Às vezes só dá para esquivar. Não. Sim. Não dá. Perante nosso enxame de bárbaros todos recuam. Todo mundo, tanto faz onde, recua diante das roupas e véus, diante desse enxame de selvagens que somos, recua involuntariamente, para poder abrir espaço para o voluntarismo, ele também tem que fazer alguma coisa. Agora buscam sua ajuda. Teria sido mais fácil nos ajudar, ainda mais fácil não nos ajudar, mas por favor. Vocês recuam, por favor, arbítrio, tome conta! Não temos véus à medida do seu hábito ou gosto, simplesmente nos cobrimos, como todos se cobrem, mas sabemos, mesmo se parecêssemos com vocês: Vocês nos reconheceriam, saberiam nos distinguir entre milhares, nos reconheceriam em toda parte. Vocês saberiam que não pertencemos a esse lugar.

Nenhum apelo é possível mais, nem mesmo aos mortos, não adianta apelar. Uma convivência harmônica é exigida, não, não pelos mortos, eles já se foram, por nós, pois nós devemos contribuir para o bem-estar comum. Como é que isso funciona, como é que funciona? Qual bem-estar? É verdade que já ouvimos falar dele, até já o vimos, também não somos idiotas, olhamos ao nosso redor, mas como funciona isso do bem-estar? Se ele é comum, então nós também tínhamos que estar bem? Pelo menos poder ficar, poder ficar bem! Depois que os monstros assassinos entre nós, não, vocês não têm culpa disso, não estamos jogando isso na cara de vocês, nos jogamos nós mesmos diante de vocês, depois que nos levaram tudo, teríamos mesmo de poder voltar a ter algo, algum bem-estar, não? Algo teria que nos ser acessível, teríamos que conseguir alguma coisa qualquer!, ao invés disso vocês nos chamam de maldita praga, praga, praga! Como animais! Praga estrangeira! Assim nos chamam e aplicam os recursos de expiação deste país, onde não houve nenhum pecado a expiar, em um país que não tem mais recursos. Das antigas dívidas de sangue, pavorosas, escorridas do útero da terra, e justo em nossa direção, em direção à minha família,

ninguém pode se libertar, não podem ser feitas exceções, exceto por mim, fora eu, eu estou fora de mim, todos mortos, todos mortos, pavorosas dívidas escorridas, mas vocês estão cagando, não dão a mínima, um, agora não consigo ler isso, um gene assassino que aniquila tudo? Não, não sabemos nada de genes, éramos fazendeiros, éramos engenheiros, éramos médicos, médicas, enfermeiras, cientistas, éramos algo, pois sim, o que quer que fosse, e agora temos que seguir esse folheto que existe em diversas línguas, enquanto nós não podemos existir nem uma única vez, agora temos que ler esse folheto de uma vez e então outra vez e mais uma. Por isso celebramos agradecidos nossa memória, à qual servimos, pois vemos sempre apenas os mortos e somos distraídos como motoristas falando no celular, por isso não podemos entender esses folhetos. Nós nos esforçamos tanto, por favor sejam pacientes, alguém nos dirá de quem somos diferentes e quem, sem nunca ser esperado, se mostra aqui e o que é que tanto se mostra em nós que somos estranhos para vocês, que a dívida de sangue cai sobre nós e não sobre a cabeça de nossos inimigos e assim por diante!, mas vocês não querem saber de nada disso, e no entanto com o tempo também isso se apreende, o que quer que seja. Uma hora as pessoas sempre sacam. Ou não, também. Por favor desculpem, naturalmente sabemos que discursos prolixos como o meu não são populares. Muito obrigada. O folheto é curto e claro, e não é limitado pelas meras relações temporais, é ilimitado, vale para todos, donde sua superioridade em relação a nós. O que vocês dizem vale para todos, para todos, para todos, portanto também para mim, vocês despejaram suas visões nessa fôrma, e agora não conseguem mais tirar suas visões da fôrma. Puxam e puxam e puxam suas visões, mas ninguém vê nada, pois a visibilidade é muito limitada, e o motorista na contramão surge da neblina muito repentinamente. Sentimos muito, verdadeiramente, por vocês! As relações temporais, os representantes, os representantes das suas relações vocês também limitam muito, ao lado das horríveis limitações do código de trânsito. Não se pode empreender nada contra a direção dominante. Isso nós estamos vendo.

Além disso aqui diz, sim aqui diz! Estamos deitados no chão frio da igreja, mas isso diz aqui, aqui está dito, irrefutável e irreconciliavelmente despejado nesse folheto como água, que imediatamente volta a escorrer para fora por baixo, como água jogada de rochedo em rochedo, transformado ele mesmo em água, derrubado como estátuas, quase elegante, com as mãos erguidas pro alto, mas não, de barragem em barragem, e para fora, para o indeterminado, para a pequena usina, tanto tempo, anos, nós sumimos, sumimos, mas nos multiplicamos, engraçado, mesmo assim sumimos, embora nosso número suba, nossa coragem não some, nós nos multiplicamos, mas sempre somos menos, muitos nem conseguem chegar, os sofredores caem como a água dos rochedos, sobre as lixeiras, sobre as montanhas, através do mar, sobre o mar, dentro do mar, sempre jogados, sempre expulsos, nadando por anos, se afogando, tombando, sufocando no caminhão-frigorífico, morrendo no ventre do avião, caindo no banheiro de beira de estrada, caindo da varanda, sim, pessoas exatamente como nós!, são todas como nós!, a maioria cai bem, caem no desconhecido, exatamente naquilo que vocês desconhecem, caros anfitriões, valorosos motoristas, frequentemente oprimidos pelo limite temporal, ah, se apenas ele não existisse! Atrapalha tanto! Perdão, já disse isso em algum lugar, com certeza. Igual dignidade, eis a base da ação, mas não, o que estão dizendo? É isso que pensam de nós? Vocês dizem que não queremos dignidade, só queremos vir para cá, vir sempre, nunca ir, é o que vocês dizem: E uma vez estando aí, vivem às nossas custas, isso vamos impedir, e já impedimos, ah, eles caem, são intocáveis, nós não os pegamos, eles se afogam, se tombam, se tremem, terremotos, estão, independentemente da linhagem, de idade, de formação, de modo independente, totalmente independente, a caminho daqui, de nós, tanto faz a aparência e a origem, futuro inútil, passado acabado, mas eis aqui, diz aqui!, mas não, aparência e origem não tem nenhum lugar aqui, onde chegam, e faz sentido!, entre nós não há lugar para aparência, discriminação e racismo, nenhum lugar para procedência, pelo menos nenhum de que ela abriria mão, a procedência não abre mão de nada, não abre mão do que tem, o racismo também não encontrou lugar entre nós e agora tem que ficar de pé, bem feito para ele, bem feito para todos, não importa, quando se está de pé cabe mais gente no vagão, ah, e mulheres e homens estão em pé de

igualdade, desculpe, esqueci de dizer antes, seus votos contam igual, uns como os outros, quando votam são contados igualmente, ambos votam, diz aqui, também as crianças têm direitos, mas não contam, não sabem contar, ainda não, mas mesmo que saibam contar não contam nada, são protegidas, são protegidas por nós, a atenção, atenção!, requer um tratamento não-violento, elas tropeçam, caem, sim, as crianças também, afinal também se tornam pessoas mais tarde, o que possivelmente deveríamos impedir, se não são as nossas; o importante é: Tudo cai, não tem ninguém para repor a armadilha depois que disparou, para parar a queda, para registrar a queda, embora todos tenham seu smartphone consigo, preparado, o tempo todo, para mostrar tudo e testemunhar tudo, sempre pronto para fotografar, isso vale para o tratamento com nossos companheiros humanos, que nós os possamos registrar a qualquer momento com nossos smartphones, que são mais espertos que nós, o que não é dizer muito; todo mundo pode registrar todo mundo, todos ficam, tudo gruda, tudo fica grudado e é registrado, nós os mantemos no alto, nossos celulares, assim como o Estado mantém em alta estima o tratamento igualitário de todos os cidadãos, todos mantêm algo no alto, o que é isso que vocês têm em alta conta? Ah é, isso que todos empunham, a câmera do celular, é o fundamento da sua decisão sobre para onde ir viajar, ir passear ou ir comer. Muito bem. Diante da câmera todos são iguais, mesmo que nem todos tenham câmeras iguais, mas todos têm uma, sim, também as crianças, e também as crianças têm direitos e mais suas câmeras do celular e mais o touchscreen, a tela sensível ao toque, algum dia todas serão grandes artistas, de tanta sensibilidade, e tocarão as pessoas, e ainda fazem uma foto, atenção, a dignidade humana! Atenção, agora também está vindo a dignidade humana, está vindo!, tirem uma foto, rápido, antes que vá embora de novo! A dignidade, atenção, é preciso prestar atenção nela, na dignidade, prestem atenção na dignidade, senão vão perdê-la, segurem seus aparelhos preparados, a dignidade, sim, ela ali, tirem logo uma foto!, exige ao Estado tratar igualmente pessoas que se encontram em situações também iguais, assim, e como assim agora ele, esse estrangeiro, tem um lugar para sentar no metrô e eu não, como assim ele embarcou antes de mim?, deveria sempre apenas desembarcar!, não é como com os valores?, como com as quedas?, como com qualquer coisa, como com tudo? Então o empurro da plataforma, na próxima oportunidade o empurro lá embaixo, e vai ser como se ele nunca tivesse sido, caso não seja resgatado. Se for resgatado estará de novo em liberdade, mas eu não estarei, ei, será que esse resgate era realmente necessário? Já entendi: a liberdade pode ser um sentimento, eu lhes digo, um sentimento que nem todo mundo tem, o esporte conhece esse sentimento, a natureza também conhece, o esquiador nas montanhas o conhece, isto é, todo mundo conhece o sentimento da liberdade, todos o conhecem, todos a conhecem: a liberdade. Bem, nós também precisávamos dela!, sim, precisávamos dela, deixem-nos fugir, sem coerção, de suas escrivaninhas ordenadas permitam-nos uma fuga ordenada!, precisamos da liberdade para o tempo livre, a liberdade, precisávamos dela, sim, justo dela, precisamos dela, ei, nada sobrou, eu ainda queria guardar um pouco para vocês mas simplesmente não tem mais nada. Pego para mim essa liberdade e também aquela, e de repente não sobrou mais nada, não deixo sobrar nenhuma liberdade para mim, que burro, não, a outra é mais bonita, vou levar aquela, o que, outro já levou? Inaudito! Pego para mim a liberdade ao lado, mesmo que um outro já tenha reservado, sou livre demais para precisar de outras pessoas, não, é, para usar outras pessoas, não, errado, uso a liberdade, e é verdade que preciso dela para me atentar à liberdade dos outros, mas outras pessoas não, não preciso delas, da liberdade sim, reconhecer, atentar e respeitar a liberdade que pode se exprimir como liberdade de opinião, se espremer como um limão, não sobrou nada, uma vez expressa a opinião nada mais sobra, mas mesmo antes já não sobrava muito, peguei para mim a liberdade de ter certa opinião, mas agora não sobrou mais nada, mais nada aí, nada da minha opinião também, ei, desculpe, será que peguei para mim todas as liberdades? Mas ainda tem algumas, que joguei fora antes, essas vocês podem pegar, por favor! Na lixeira também deveria ter mais algumas. Eu não sou assim, podem pegá-las, com certeza ainda estão bem boas. Podem se afogar, sufocar, congelar, morrer de fome ou espancados, todas essas são belas liberdades, mesmo que não sejam de vocês, mas talvez vocês sejam tão generosos a ponto de passá-las adiante? Obrigada. Muito

obrigada. Vocês já sabem, têm toda liberdade para não compartilhar da minha opinião. Bom. Eu não a compartilharia, de todo modo não com vocês! Pois ninguém decide sobre mim, minha opinião e minha vida além de mim mesmo, e eu decididamente não decido que vocês decidam sobre mim e compartilhem minha opinião, não vão receber nem um pedacinho dela, que bem posso decidir com quem compartilhar! Deviam ter esperado isso, quando a luz piscou lá na frente antes de se extinguir. Agora também me vou. Em toda parte sou chamado. Ninguém chamou vocês, vocês eternos entrevados, voltem com seus malditos ramos para o seu Deus, por favor vão embora com seu clã, morram mudos enforcados, em Fortaleza, onde for, ou onde preferirem, se liguem, enfiem algo nas orelhas. Está alto demais, não podem tocar mais baixo? Não podem? Inaudito, vocês Deuses no alto, não dá para ouvir vocês! E o que quer aqui o ódio horrendo? O que quer aqui? Está errado em vir aqui! Aqui diz que aqui está errado. A liberdade termina ali onde a de vocês começa, pois sim, mas a de vocês não começa, vocês cuidarão disso, e a minha não termina. Então. A de vocês termina antes de começar e a minha começa sempre e nunca termina. Assim. Não. Assim não! Por favor, não me venham com essa!

Mas diz aqui, realmente está aí, lá, onde também estamos, então você não nos vê?, não nos vê deitados lá onde caímos?, deitados, mas está aqui, diz aqui, temos que ler que não podemos deitar aqui, talvez em outro lugar, mas aqui não. Aqui é proibido deitar, estraga a grama, estraga a água também, caso houvesse água disponível, estraga o mar, caso estivesse aqui, ele vai se cuidar!, deve estar lá onde deitamos, em algum lugar temos que deitar, e finalmente estraga as pessoas como tais. Vocês escreveram isso, alguma coisa isso representa, e agora também estão aí, amigáveis, não, vocês não têm que ficar de pé, mas também não têm que voltar a se deitar, então, nós nos deitamos no chão da igreja, pois Deus está aí para todo mundo, esse limite foi o legislador que definiu, o Deus de vocês termina lá onde o nosso começa, é bem parecido com a liberdade, ninguém pode mexer nela, e o Estado só pode quando tem uma necessidade, mexer no nosso espaço livre, ei, agora tem justo essa necessidade, quer faxinar o espaço em que estamos, e o Estado abre a torneira e joga a sua água sobre nós, ainda mais água, muito obrigada, precisávamos mesmo disso!, ele sempre tem a necessidade, justo agora necessita muito, muito especialmente, e se precisa então é obrigado, ele tem que, ele respeita a vida em comum, mas determina em comum com quem, diz quem pode ou não viver junto, e então respeita isso, mas só até um certo limite, aí não tem mais que respeitar, é o único que não precisa. Por exemplo a natação. Esse exemplo foi escolhido aqui expressamente, mas o que quer expressar? Não, agora me parece estúpido demais. O que tem a natação? Uma corrida disputada? Para que depois possamos exprimir nossa admiração mútua? Por que é que para isso temos que primeiro entrar na água, oleosa do diesel derramado, submergir, escorregando de dedos estrangeiros como peixes, para sermos admiráveis? Também podemos nos afogar, ou sermos abatidos ainda no barco, jogados ao mar, adoecer, simplesmente morrer assim, ter um natimorto, e o morto voa para fora, jogado ao mar, sim, essas coisas também acontecem às vezes, empurrados da plataforma, na porrada, de porre, não, isso não, região errada, religião errada, podemos ser espancados de modo comum ou especial, por que é que além disso temos que entrar na água? Por favor, alguns de nós saem da água, onde só por um acaso não morreram de fome, sede ou afogados, mas não querem entrar de novo. Não querem voltar. Quando já se viu tanta água não se quer voltar a mergulhar para lutar pelas mesmas regras do outro que fez as regras, sim, reconheço o desempenho de vocês, não foi ruim, sempre desempenham melhor que eu, admito, no esporte, na família, no cotidiano vocês sempre desempenham melhor que eu, isso é necessário para nossa vida em comum, entendo, por que é que é assim? Porque vocês são simplesmente maiores que eu, por isso o desempenho de vocês também é maior. Viver esse jogo limpo, podendo um morrer a qualquer momento, e o outro também, não a qualquer momento, mas no seu tempo, tudo tem seu tempo, sim, viver assim é pressuposto para a justiça. Estamos prontos para a convivência harmoniosa, de bom grado estamos prontos, trata-se da responsabilidade de cada indivíduo, somos como todo indivíduo e de bom grado estamos prontos para isso, não estamos mortos e por isso estamos prontos para viver sobre uma base comum, caso ela não seja pequena demais, não

somos monumentos, não somos bustos, ninguém busca nada aqui, simplesmente ficamos aí, sobre a base comum, só que ninguém quer subir conosco na base comum, é um fundamento dos valores chamados de equivalência, sim, resume-se assim os valores, por que vou me levantar se todos têm o mesmo valor? Eu me deito aqui dentro da igreja no chão frio de pedra e valho exatamente tanto quanto vocês! Vocês acreditando ou não. Vocês respeitam nossa multiplicidade, eu respeito sua clara unanimidade, mas para mim não está claro que vocês estejam lúcidos, por isso é um por todos aqui, isso é a unanimidade, uma única luz daquela lâmpada ali, só a liberdade da luz, a conta foi paga, o resultado foi unânime e muitas vezes comprovado, no momento ainda estão comprovando, e logo de novo, logo verão!, que está claro, e primeiro a unanimidade do tempo!, que também vale para nós, o tempo, não a clara unanimidade, pois nesse meio tempo já ficou escuro de novo, essa informação é grátis, sim, o tempo também vale para nós, é justo, estou dentro, totalmente dentro quando o assunto é justiça e, mesmo se fosse possível esclarecer a morte do outro estando dentro da situação, não seria apreendido o modo dessa chegada ao fim, vocês não apreenderiam o meu fim, talvez o causariam, mas não o apreenderiam. Podem experienciar a morte nos outros, a própria infelizmente só em vocês mesmos, e aí não é mais uma experiência, bem, não sei, poderia contar a vocês coisas sobre a morte, sobre decapitação, sobre fuzilamento, espancamento, esfaqueamento, aí logo ia passar a alegria com a própria morte, bem, fim das referências à morte do outro, e agora de volta a vocês: Com a própria morte não podem fazer absolutamente nada, não, não podem fazer nada a respeito, com ela não dá para fazer nada, não daria mesmo, e nem poderiam contar para ninguém como é morrer, ninguém acreditaria em vocês. Jamais vocês aí em cima, nesse penhasco, aí em cima, nessa montanha de vocês, poderiam entender como nos colocamos em risco, pois se vocês mesmos se arriscam, ops, já é tarde demais. Vocês não entendem, mas isso constituiria o pressuposto, uma condição de possibilidade da convivência conosco, e isso significa que um teria que poder defender a existência do outro, então. É indefensável que sejamos sempre defenestrados, só porque queriam que entrasse um ar de fora e não olharam se alguém de fato estava na frente da janela. Não temos defesa, nós somos desfeitos, mas julgados pelas mesmas regras, a sentença nos é lida, nós lidamos com isso, respondemos perguntas, assinamos algo, escrevemos algo, tanto faz, todos os homens são iguais perante a lei, ela não diferencia, mas ela mesma é indiferente para vocês, iguais perante ela, só não sabem iguais a quem. Vocês ficaram na iguaria, isso era importante para vocês, era na verdade o mais importante. Vocês não passaram muito daí. O dinheiro de vocês se foi. Que todos sempre queiram tanto ir, isso a gente não entende. A gente queria tanto ficar.

Bem, ninguém quer subir nessa base, nesse rochedo, do qual devíamos ter sido jogados há anos?, ninguém quer partir nesse barco, para não ficarmos tão sozinhos lá, pois estamos inteiramente preparados para subir nessa base feita de pessoas, sobre a qual fomos espremidos juntos, tantos de nós, tão amassados que precisariam de um machado para nos separar de novo, peça por peça do nosso monte. Fomos amassados e assados juntos como um pão, como vão simplesmente nos tirar daí pelas janelas, nos tirar do casco que somos nós mesmos?, nós homens cascudos, nenhum indivíduo mais, um bolo de gente, um bloco grosseiro de gente sob a sua cunha grossa de gente. Para cada coisa que se pode imaginar há uma essência diversa, um ser, mas somos seres essencialmente diversos que se tornaram uma única coisa, que não insiste mais em nada, que tem que persistir aqui, pois nada mais nos separa, nada mais nos arranca uns dos outros. Pois quem passa muito tempo no estrangeiro perde a relação com a pátria? O que isso quer dizer? Quem diz isso? A falta da relação é em si uma intimidade própria a essa relação, isto é, a dor da nostalgia de casa. Que dor? Antes nem sabíamos o que era uma dor, não, só sabíamos isso e nada mais. Em outra pátria, no estrangeiro, nenhuma dor, foi o que pensamos. Foi o que imaginamos. E a falta da ligação com a pátria, na qual ninguém nos enfronha – não somos travesseiros, temos só nossas pobres cabeças sem apoio –, a falta da pátria ainda pode continuar existindo por conta dessa ligação. Só isso. Simplesmente assim. Quem diz isso? Ninguém responde. Os mergulhadores vêm nos buscar. Agora se preocupam conosco, muito obrigada!

Ficamos juntos, o que resta de nós, antes de nos separarem. Mas não mais indivíduos, nunca mais, mesmo se nos levarem à tona individualmente. Quando voltaremos a ser alguéns? Somos todos e nenhum. Abraçamo-nos para sempre. É o fundamento da vida em comum, e viver juntos, isso queremos, tanto faz com quem, até com vocês, se tiver de ser, se nos deixarem, quero dizer, se puder ser, isso nós bem que queremos, significa tudo para nós, significa que todos nós somos, que somos algo, que somos um Algo diante desse horizonte claro, sobre essa base, sobre a qual construímos, sobre a qual não podemos construir, mas construímos mesmo assim, a autorização sempre vem só depois. Vocês nos propiciaram o conhecimento dos seus valores, muito obrigado, agora podemos saber sobre eles e subir sobre essa base dos valores comuns, queremos conhecer o fundamento dessa sociedade, por favor nos digam como podemos chegar a esse fundamento, para que de lá possamos subir e pisar na base dos valores antes que os valores cobrados subam e pisem sobre nós. Talvez eles queiram subir ainda mais alto. Precisamos escalar o primeiro rochedo, precisamos nos segurar a ele. Senão seria um passo grande demais para nós ignorantes, ignorados, o degrau entre nós e vocês alto demais; queremos ser parte disso, queremos ser parte dessa sociedade, sim, exato!, queremos ser convidados de coração sem pensar que foi por puro impulso, sermos empurrados da base dos seus valores de volta lá para baixo, como um rochedo, é, como de um rochedo, obrigado, não teria sido necessário, já estamos em outro lugar e mais outro lugar e de todo modo empurrados para baixo de um outro lugar totalmente diferente, já conhecemos o esquema, aqueles emperrados, querem nos empurrar para baixo, claro. Precisamos de um impulso, mesmo que não esse, sim, com uma bola, senão ficamos parados, senão ficamos empacados, queremos de todo modo os seus valores, no trabalho, na escola, nos trabalhos de escola e nas escolas de trabalho, na família, que eu não tenho mais, todos mortos, temos vídeos de dois deles, como foram decapitados, queremos defender os seus valores onde vocês quiserem, pois sabemos que vocês jamais decapitariam ninguém, não nos decapitariam e nem a ninguém além de nós, a não ser que alguém venha até vocês de um jeito muito errado, mas teria que ser realmente muito errado, pois dá muito trabalho, não é pouca coisa, mas no fim vem o sucesso, sem cabeça ninguém pode viver, é um sucesso duradouro, e durabilidade é importante para vocês; também queremos usar as piscinas de vocês, e se não nos matarem a tempo, estaremos lá também, vamos mergulhar de cabeça e então nadar, então vamos respeitar as regras para a competição de natação, então vamos respeitar outras regras, então vamos respeitar a faixa prioritária, também podemos fazer isso, podemos fazer isso, não é perigoso, queremos isso tudo, queremos de verdade, queremos preencher o trabalho, a escola, o tempo livre com vida, mesmo que não seja com a nossa, pois temos pouca e já abrimos mão de muita sem com isso conseguir mover nem um moinho, nenhunzinho, e de todo modo muitos se foram. Nós, os mortos, familiares dos mortos, que viveram entre mortos, queremos agora preencher seus valores com vida, para que pelo menos eles vivam, queremos preencher com vida os valores básicos, que se baseiam na variedade, de todo modo, de todo modo, sim, queremos isso. Todos mortos, mas queremos preencher a base com vida, para ela ter uma base, queremos, queremos, estamos acabados. Queremos ser. Queremos nos livrar de nossa problemática interior, e então queremos nos apoiar sobre seus valores, sobre os quais no entanto já nos apoiamos, sim, também nos apoiamos sobre seus valores, está absolutamente claro. Nós mortos nos apoiamos particularmente sobre valores, já que não temos mais nada. O que nos resta. Quais fundamentos nos restam senão a dignidade humana? Todos mortos. Todos mortos. Iguais em dignidade, mas mortos, decapitados diante da câmera, são pequenas e leves, essas cams, menores e mais leves que a terra de vocês acima ou abaixo de nós, tudo se torna leve para todos, até a terra, até a água sobre nós, da qual nos tiram, não resistimos, tornam tudo leve para todos, caso ainda não seja, por isso nunca deitaríamos aí embaixo, pois o que passar sobre nós talvez possa não ser tão leve quando pensávamos. Mas nossos familiares enfrentaram isso, colocaram-nos diante de uma câmera, e então filmaram, ligaram e miraram neles, e então cortaram suas cabeças. O barco estava cheio, e então partimos nele rapidamente. De que disposição dependemos agora para encontrar nosso caminho através de toda essa opacidade, desse monte de água? Vocês estão vendo, não, por sorte

não estão vendo, mas mesmo assim é verdade: a dignidade humana é importante no começo e no fim da vida, não é nenhuma propriedade, não, nenhuma propriedade, deve-se apenas a nossa existência como seres humanos, e se não somos humanos também não temos dignidade, se não temos dignidade não somos humanos, ei, nenhum ser humano é um de nós, sorte dele de novo!, ei, mas justo isso gostaríamos tanto de ser. Cada um de nós! Não dá. Os olhares mais profundos luzem até na escuridão, e eles veem: não dá. Queremos estar aqui, sim, temos diversos talentos, nós os lançamos como dardos, quero dizer, como dádivas, como as cabeças dos mortos, como os nossos mortos, apresentamos nossos talentos, são nosso modo de pagar vocês, não temos outro modo. Esse já está em desuso faz tempo, não funciona mais como os nossos pés.

Nossa existência é nosso modo de pagamento, não temos outro, curto e grosso, não temos nada, temos nossa existência como modo de pagamento mas não somos o modo de enriquecimento, não, isso não somos, essa é a Sra. Iumasheva, espero que o nome dela esteja escrito corretamente, a filha do Iéltsin, uma filha, sim, uma filha, uma naturalizada instantânea, ela tinha, ela tinha como pagar, ela pagou, e se não pagou alguém pagou por ela, sempre é preciso pagar para respeitar e reconhecer a singularidade de uma pessoa, paga-se por isso, tem que se pagar por isso, paga-se por essa filha, mesmo que não seja ela mesmo quem pague, alguém qualquer já vai ter pago, pela possibilidade de justiça em larga escala, não só na pequena, de modo que agora ela pode morar aqui, essa filha do Sr. Iéltsin, nesse meio tempo ele empalideceu, antes ainda era rosado, talvez, não, antes avermelhado e radiante, mas acho que não, teria que recalcular, não tenho tempo para isso, provavelmente também teria que pagar por isso, para fazer as contas, alguém tem que pagar para montar uma fábrica de automóveis junto com o banco russo, para montar automóveis é preciso pagar, e é preciso pagar de novo para então comprar o carro. Eu respeito todo tipo de pagamento que é realizado para que essa filha possa morar aqui, respeito isso planejando minhas ações de acordo com isso e não pagando, nem poderia pagar mesmo, por isso não tenho direito nenhum de estar aqui, não pago e não posso, não posso pagar e não o faço. Ou a outra, a todos os estrangeiros nós a dedicamos, façam bom proveito dela, apreciem com moderação. Coroada de louros, ela não partilha meios nem medos: Pois um corpo sonoro equilibrado, redondinho, como o dessa outra filha precisa de muitos votos, muitas vozes falando a favor, mas só um valor, que por sua vez foi pago com a voz; mas queremos todos soar harmonicamente uns com os outros, sim, todos, não é verdade, e para isso não precisamos só ter voz, ter voto, o que não temos de todo modo, mas da voz dessa segunda filha, sim, exatamente ela que vem de longe; o bosque na montanha da pátria não crava mais os olhos sobre ela, agora ela está conosco, ela chegou, ou não? Ainda não? O pedágio dela foi pago, e ela veio, não rodeada de vapores fugidios, não cuspida de nuvens que se entrechocam, não aspergida como orvalho nas florestas, e definitivamente não com barulho, não, isso ela não ia querer, não com esse barulho cansativo. Melhor o silêncio. Agora aqui é sua morada e seu lugar, eis os aposentos, mais um casebre no leste da pátria, nem mesmo o dono jamais a viu, nenhum dia; então, bem depois, algo qualquer turva minha visão, não há de ser o medo, mais tarde o seguro contra roubo para nãoseiquê, casa, apartamento, mansão, tudo pago, mas isso vem depois, quando realmente estiver aí; a princípio habita lá agora, sozinha ou não, com o marido, com filho, sem ninguém, com ninguém, tanto faz, não está aí mesmo, lá vem ela a cavalo, virá a cavalo depois de concluído o litígio de acordo com o costume da pátria e chegada a decisão sobre a cidadania da pátria, lá vem ela surfando sobre os fluxos de capital acumulado do seu país, sem saber se encontraria consolo com o pai, que talvez já esteja morto, parabéns, com toda certeza não ia morrer por isso, antes viria a nós graças a quem pagou, mas agora ainda está lá, por favor paciência um instantinho, primeiro lá, logo aqui, conosco, para onde queria vir, onde queria estar, simplesmente, sempre sobre bases legais, ninguém tem nada contra ela, lá está ela, onde um anseio selvagem a trouxe, não faço ideia do por quê, está sempre lá, mas aqui está ela agora, afinal, e ficamos admirados, não, não é o final, ela ainda é tão jovem, e isso com marido e filha, e nesse meio tempo ela provavelmente nem está mais aqui, tanto faz. Pagaram por ela, e agora está aí e talvez também já tenha ido embora de novo, a perdida, a

achada, eu falo para as sombras, eu falo para a água, que por isso cospe em mim, eu sei, eu sei, ela está no bosque sagrado da pátria, que não pode se tornar o nosso, não, não estamos falando dessa mulher, não sabemos mais de quem estamos falando, mas sim, agora sabemos de novo, estamos falando com toda certeza de uma pátria segura, que nós não conseguimos, mas a mulher já conseguiu e já a deixou novamente, simplesmente partiu, talvez sem jamais ter estado aí. Um Deus, fundo na escuridão secreta, não no cárcere, não, lá não, pagou por ela, mas só há um Deus, o nosso não conta, não foi pago, não por nós de todo modo, não por uma pátria, feliz a filha, a sortuda!, que ainda tem a dela, talvez já tenha se mudado de novo, no passaporte o carimbo da nova pátria, pago e carimbado, a sortuda, compraram para ela, a pátria, isso também é trabalho duro!, de todo modo é o trabalho de outros, não importa, o que importa é que é pago, e foi pago. Não fujam de mim! Por que eu deveria, diz a filha, pobres dos que fugiram, que pelo mundo afora se atiram! Terra estranha atravessando, terra natal olvidando, casa materna odiando, bobagem, a esses aí eu não pertenço, com certeza não, se não tivesse tido essa casa materna não estaria aqui agora; e também tenho certeza de que afinal pagaram por mim e pela minha segurança, casa materna? Casa paterna? Florescer sem solo? Objetos que nos fazem objeção? Sem nunca nos fazer jus? Lembranças, colhidas em uma escola, uma sala de ginástica, um centro comunitário, na nave de uma igreja? Singularidade, sem ninguém que a leve em consideração? Nós, sem ninguém que nos leve em consideração, só nos levam cobertores, sacos de dormir e abrigos esportivos? Iéltsin. Um soberano. E é bom assim, e também não a conheço, também não, não, não conheço, nunca ouvi falar, quem será? Amigos abandonando, nenhuma benção, ai!, os segue no seu caminho! Pelo contrário! Não conheço, não posso afirmar nada, mas para mim isso não vale, nenhum Deus impede minha fuga, eu nem sou nenhuma vaca, não sou Europa, não sou Io, nada me impede, uns e outros me fodem, ou não me fodem, podem decidir, foi pago, e aqui estou agora, exatamente onde queria estar. E se não estou enganado, estou sendo ofendido! Não, não sou eu quem diz isso, e ninguém me ofende também.

Vejam, aqui está ela por quem se pagou, aqui está, a nova, ela desceu do céu para a terra, não, desculpem, veio de avião, numa aeronave, sim, da noite escura da sua pátria para a luz do dia da nova pátria, que não pode ser a nossa, mas já é a dela. Nenhuma palavra expulsa de nós a névoa, nós a vemos nitidamente, nítida e clara, essa mulher que desceu à terra com a aeronave, nenhuma palavra nossa expulsa de nós a névoa, toda palavra dela expulsa a todos, só resta o dinheiro, o dinheiro com o qual ela compra, esse fica aí. Mesmo na forma de vaca ainda seria bela, mesmo transformada, transitando dessa forma sobre nossos campos, até como vaca ainda bela, por favor, a qual pasto, a qual pastor você pertence, mulher? Ela diz de bom grado: gerada da terra, mas agora aqui, legitimamente aqui, ela, a cidadania lhe foi agraciada, engraçado! Mas ninguém se importa, a vergonha, que aqui ninguém conhece, sempre cede ao amor, pois foi pago, papo reto, não, arredondado como o valor posto sobre a mesa, e agora está aqui, ela não gostaria de se parecer com uma vaca, e também não é nenhuma vaca, apesar dos flancos macios. Que essa mulher possa cantar conosco, não, não conosco, nós não podemos cantar, clamar ou reclamar, nem mesmo ficar aqui, mas a mulher sim, talvez também pudéssemos cantar, com o corpo sonoro no corpo sonoro dela, talvez pudéssemos, então, vamos experimentar, ensaiar, as massas corporais se empurram como montanhas, a terra treme, as casas desmoronam, os parentes morrem, são enterrados sem instrumentos, só com as mãos e assim voltam à terra, mas essa mulher soa, ela ressoa, a bela seduzida, a quem a terra sucumbiu, ela soa! Soa como que iluminada por centenas de olhos, quero dizer, a outra, as duas filhas de outra terra, ambas claras e por isso mesmo agora aqui, ambas podem confiar em nós, a terra nos assiste vigilante, mas deixa ambas de fora, essas filhas não têm de apresentar nenhum documento, pois têm algo a apresentar, ambas, sim, uma dinheiro, a outra voz, a voz maravilhosa, já está aqui, simplesmente pertence a este lugar, nem dá mais para imaginar ela fora daqui, imaginem só essa voz ressoando em outra terra, o que também faz, mas pertencer só pertence a nós, a filha, vindo veloz com a voz de veludo, pura volúpia, por favor desculpem, isso foi pior que o normal, para mim tanto faz, não tenho que me ouvir mesmo, bom, então ela conseguiu o direito

de residência aqui, pode repousar onde quiser, agora entra em toda parte, sim, a outra também, naturalmente. De dia deixamos que ela paste, mas mesmo depois que o sol se põe os vigias não a trancam, não é como nós, as duas filhas podem fazer o que querem, nenhum laço indigno as prende pelo pescoço, de modo que não precisam matar a sede no riacho barrento nem morrer no mar como nós, as queridas, as adoradas!, nenhuma das filhas deve sofrer, devem ficar aqui e devemos deixá-las quietas ou deixá-las cantar, elas que escolhem, já foi pago para elas, pago por uma delas, a outra chega à praia onde a música costuma tocar e ela mesma canta, que maravilhoso, ninguém viu chifres assim, ninguém ouviu uma voz assim!, por favor, aqui, podem sentir se não quiserem ouvir, mas a ela com certeza querem ouvir, garantimos! Ela vocês querem ouvir, alguém se aproxima dela fascinado, mas nós, mas nós, um trem falante para o nada, mas nós, marcas dos pés na poeira, mas não fica nenhum rastro, estamos marcados, marcados na poeira, grudentos de água do mar e combustível, grudados juntos pela estreiteza, soldados juntos pela proximidade excessiva, mas nós, pendurados no pescoço alvo da vaca que suspira, vendo os motoristas corajosos na neve funda, intocada, tudo intocado, tudo mais branco que o branco, mas nós, nós não tocamos ninguém, e ninguém quer nos tocar, então temos que calar, é razoável, pois todos nos negam resposta. A nossa palavra, só suspiros, espremidos do fundo do coração, negam resposta, damos tudo ao porta-voz, damos a ele todas as informações, mas ninguém quer nenhuma, só querem ouvir cantar essa filha e a outra nem precisam ouvir, por ela já foi pago, ah, nós ignorantes!, então. Essa filha canta agora entre vocês, em coro, alegrem-se! Nós nos alegramos por vocês, se não querem se alegrar! Podem ouvir. Magnífico! Aproveitem! Mas nós? Os portões fechados da morte nos estendem da eternidade à miséria eterna. Ouça, curta e clara, ouça a canção, é a nossa, e por isso provavelmente não vão ouvir, e o motivo será: Não podemos nos orgulhar de sermos estrangeiros, enquanto a neta dessa vaca sagrada, ah não, qualquer parentesco já vai servir, só esqueci qual, filha?, arrastada para pastos remotos mas abundantes? E nenhum vigia, sentado, nenhunzinho, observando do topo do monte o que ela está fazendo, o que está tramando, o que está vestindo; mas nós, somos vigiados, somos observados, pois escorregamos por entre os dedos do mar, pois nos enviamos para o endereço errado, onde nunca chegamos, onde teríamos arrumado uma casa, um quarto, que teríamos arrumado e aonde teríamos rumado, estamos sob observação porque amassamos a grama diante da igreja com nossas tralhas, estragamos seu lindo penteado verde, para sempre. Por favor, pelo menos uma vez, só uma vez, prestem atenção em mim, que estou agora mesmo, de verdade, inventando a verdade desse relato, tudo mentira, por um pequeno preço conveniente, e mais não me convém também, acreditem ou não. Naturalmente nisso vocês acreditam. Não tomaríamos vocês por amazonas desintoxicadas dos homens, viciadas no sangue humano, é o que diz alguém que sabe, que já esteve muitas vezes na famosa Babel, um político, ele fala, muitos falam, ele também fala, não sei seu nome, não tomaríamos vocês por mulheres, diz ele, até mesmo porque são homens, também são homens, são o que quer que sejam, se quiserem também são mulheres, se quiserem também são crianças, vinde a mim as criancinhas, habilmente lhes tiramos seu Ser, se gritam pela mamãe nós os afogamos, e colocamos um ursinho no caixão, sim, ainda colocamos um lá! Cinco caixões, cinco ursinhos! Isso deve lhes bastar. Provavelmente nunca tiveram algo assim antes. Nunca tiveram caixões para brincar e nem bichinhos de pelúcia. Nós nos privamos deles e a eles de nós, habilmente conseguimos evitar o que nos enviaram. Entrega recusada. Se vocês fossem arqueiros, se simplesmente fossem arqueiros, se essa mulher não fosse a filha do Iéltsin, se fosse uma filha e pronto, qualquer uma, não uma atingida pelo raio ou submersa na água, seria por princípio como nossos parentes, só que diferente, não decapitada como meus primos, é o que quero dizer com isso, uma naturalizada, é assim, é assim, uma cidadã, não uma suplicante por proteção, disso ela não precisa, não precisa de vigilância, não precisa ser perseguida por um pastor em pastos selvagens, já é cidadã, já se tornou cidadã, rapidamente, mas para sempre, a pedido do chefe que no caminho a sequestrou e mexeu os pauzinhos corretos, ele não é nenhum empalador, só mexe os pauzinhos, ele a apanhou, a filha, não a dele, uma filha, não qualquer uma e não a dele, simplesmente: a filha, pois ele quer a empresa

automobilística, não a qualquer preço, mas a um certo preço que ele pode pagar. Sua própria empresa, o fornecedor, que de modo algum forneceu ele mesmo, pelo contrário, ela não lhe basta mais, todos querem mais, muitos querem tudo, ele também, sim, ele também, quer tudo, estamos vendo, ele a apanhou e pagou, pois em nenhuma parte é mais viçosa a grama, e ao pastor agrada toda sombra que sobre ele cai, não, isso não lhe agrada, para ele tanto faz, o homem da empresa que agora está sentado e cristalizado, pois sua vida é doce, ele é cândido, não, desculpa, é candidato, uma cereja candidata sobre um bolo enorme que ele mesmo também é e construiu, um homem entre bolos de prédios, dizem, seu apartamento não está realmente na planta, que vaso ia aguentar tanto?, tanto faz, ele está na planta, sim, justo ali, até perdemos o sono, lá está seu apartamento, mas não é nenhuma moradia, afinal ele nunca está lá, seu sono suavemente embalado nunca tem abrigo e cuidado ali, ele não está lá, o homem está em toda parte e em lugar algum, mas lá de todo modo não está, não mais, provavelmente nunca, sobre esse supermercado na planta, lá com certeza não está, nunca foi visto ali, como a filha que deve trazer a empresa nunca foi vista em sua pobre casinha, ela tem uma melhor, é o que me conta um deus, cujos olhos, de entorpecido e entediado, porque sempre acontece a mesma coisa, já estão baixando, sempre o mesmo, sempre o mesmo, embora em outro lugar, é sempre em outro lugar, onde uma outra parte dos olhos vigia, mas não na planta, a planta não tem parte nesse homem, mas ela recebe sua parte, recebe sua partezinha própria, e não a compartilha, pois aqui conosco ele teria que pagar mais, lá menos, perguntem a ele, simplesmente perguntem quem o descobriu, como foi descoberto, ele foi descoberto, mas ninguém se importa, lá onde estamos ninguém se importa com nada. Lá no trem, não, não no nosso pobre trem, no frio, mas lá, no trem bonito, estão muitos, mas lá no apartamento por sua vez não está ninguém, de todo modo esse homem não está, ele deve deixar a terra, pode voltar depois, mas só por um certo tempo, então deve ir embora novamente, também só por um certo tempo, não estamos preocupados pois sabemos que voltará; então ele vem, aqui está, está na TV, está no campo de golfe, está na pista de corrida, correndo, não, mas está lá também, e então foi embora, foi no momento certo, tudo isso deve ser ajustado, justo para ele!, os caras do financeiro querem assim, até mesmo exigem, não importa, dentro, fora, dentro fora, por que não, é bonito quando tem mudança, a justiça é mais importante, mas a mudança também já é importante, uma banda, sim, nossa banda municipal inteira é enriquecida por esse músico incrível, e também é assim em muitos outros âmbitos da vida cotidiana. O homem é rico, e agora também nos enriquece, não, naturalmente não a nós, nem pertencemos a este lugar, não temos direito nem pretensão, nem a suas montanhas, nem aos seus mares, e também não nos querem ver aqui. Ele também poderia fazer outra coisa, esse homem, que apanhou a vaca nas frias montanhas, onde mais eles querem morar, os deuses, senão no bosque sombrio quando esquenta e nos campos frutíferos quando têm fome, onde então, onde então morar? Ele? Morar? Por favor, aqui ou lá, podem procurar no trem, podem procurar no Canadá, na Rússia, podem procurar em toda parte, ele também estará em toda parte, ele faz tudo isso por nós, bem, não por nós, mas por todos os outros aqui, quer enriquecê-los consigo, para poder se enriquecer, mas não esses, não, não esses que fogem em nossa direção através de desertos inatravessáveis, correntes tranquilas, terras arenosas e mares absurdamente profundos. Mas nós, nós. Nós, sim, nós.

O homem que deve espalhar essas palavras elaboradas, e a quem toda palavra enunciada se espalha como um fogo, ele é tão valioso como concidadão, tão absurdamente valioso, só ele pode imaginar, o que quer que faça vale pelo menos tanto quanto esse chocolate ao leite, tanto quanto um copinho de leite, um bem pequeno, valioso, a questão é para quê e para quem, valioso para todos nós, para a comunidade, toda contribuição é valiosa, e se o homem não foi embora, se está aí, é valioso para nós, em outro lugar é valioso para outros, talvez para si mesmo, quem sabe, por que não, por que não? Não conhecemos nenhum chefe de empresa, não conhecemos ninguém, nem a nós mesmos, quem é que se conhece, quem conhece o caminho? Não basta, nada basta, embora sejamos bastantes e bastante fáceis de contentar, ninguém nos naturaliza, não temos ninguém conosco, ninguém que tenha uma empresa, sequer temos alguém conosco que tivesse uma moradia, sim, sim, talvez isso sim, alguém assim talvez sim, que

também quer ter seu papel no ambiente, um momento, ele ainda está buscando esse papel, logo encontra, mas talvez o encontre justo em nós, quem sabe? O empresário tem seu papel no gás natural, digo na naturalização dessa filha de uma vaca, não, de um touro, não, não tem touro nenhum que ambos tivessem encontrado. Ou essa vaca foi criada de qualquer outro modo? Por uma metamorfose? Quem sabe. Só resta espalhar as palavras enunciadas, entregar essa ninfa, se entregar na repartição, para as autoridades, aqui cessamos, como o caminho da vaca interrompido pela água, quando foge, mas por que faria isso? Se já está aqui? Para que fugir? Outrora o broto novo de um útero, agora ela mesma um útero. Vocês! Olá! Vocês fugitivos bem que parecem ter tido parte nessa terra originalmente, ah não, foram outros, agora somos interrogados, e não devemos nos dirigir a outros, desculpem, seriam apenas desculpas, eles interrogam e anseiam por respostas como por oxigênio, pois a resposta não lhes interessa, é como vento sopra sobre eles, como água que já lhes cobre as cabeças, revoltosa sobre eles, até que voltem a ser descobertos, retirados, torcidos, esticados, nenhum pensamento transmitido por eles, embora existisse um. Agora são coisas, igualadas a outras coisas, reguladas ao vazio, à água, uma luta desigual contra esse elemento, sabendo nadar ou não, eis a questão, e eles questionam: Mas o que lhes fez fugir da casa dos pais? Sim, também nos perguntamos isso. Não são só vocês que nos perguntam isso, nós mesmos já perguntamos, só que para quem? Todos mortos. Agora todos estão mortos, e quando ainda era tempo de perguntar não tínhamos tempo. Agora ainda não temos. Temos tempo, mas mais nada e ninguém. Por favor. Por exemplo, é só um exemplo, nada mais, sequer temos um domicílio-fantasma nesse oásis paradisíaco, nesse paraíso fiscal, sobre o supermercado, onde há muitas pessoas, nenhuma no apartamento, deviam se distribuir melhor! Mas nós nos distribuímos aqui, onde são distribuídas esmolas, não foi assim que imaginamos, mas foi assim que aconteceu. Enquanto um Deus escuta em êxtase a recém-inaugurada arte musical da cantora, que se tornou cidadã, mas já era cantora antes, ela tem uma sorte, o quê?!, nossos suaves sussurros não alcançam seus ouvidos, naturalmente, nossas queixas ciciantes não alcançam sua escrivaninha, e também como poderiam, como é que poderiam? Pois não sentamos diante do fogo em nosso próprio palácio, que era uma barraca, que era uma casa muito engraçada, sequer era pequena, era qualquer coisa, tanto faz, isso não conta aqui, de todo modo não sentamos mais lá onde estávamos, por isso toda a cidade conjuntamente nos põe a culpa por tudo.

A água é que leva a culpa, graças a Deus, culpa, obrigado por me pagar mais do que juros, por me pagar com seu capital, com pessoas que apareceram aqui como modos de pagamento de si mesmos, eu os meto nos bolsos, você não tem mais desses? Ou já teve o bastante deles? Essa pergunta se apresenta a mim, e assim me ponho a caminho, no caminho que me segue, à querida água, ou é o contrário? Sou eu que sigo um curso? Bem que poderia ser, tantos me perfazem e se desfazem e então se extinguem. Acabo com eles e acabou. Eles passam por mim e saem e seguem. A cidade leva a culpa, graças a Deus, querida culpa, eu sou a cidade, que bom que você existe e que bom que posso te levar. Nada se pode tirar disso, nenhuma corrente elétrica e nenhum fio telefônico e nenhum cabo de fibra ótica. Simplesmente não se pode tirar nada disso nem pôr nada nisso e ninguém se dispõe a ser posto nesse caminho, ninguém se dispõe a se deixar guiar. Eu também poderia dizer algo totalmente diferente. Essa mulher se naturalizou há muito tempo, sim, já dissemos isso, e sim, aquela lá também, pois a aproximação com a arte musical deve ser trazida ao povo e deve ficar, sim, também já disse, a quem interessar possa. Transcorrida essa disputa conforme os costumes nacionais, ou seja, sem disputa alguma, ela foi mesmo naturalizada, a outra também e pronto, nós não, isso é certo. Ela se naturalizou, foi naturalizada mediante uma quantia, a outra mediante cantoria, a primeira mediante pagamento e amortização de uma determinada soma, a outra mediante pagamento com bens imóveis e uma abençoada voz. Ela se naturalizou e pagou, a mulher, a filha, não me recordo seu nome de donzela, digo, de solteira, donzela já não sei, acho que nunca soube, o nome, não, soube sim, antes o escrevi aqui, mas não estou mais achando, o lindo nome, tanto faz, agora ela está aí e também pode ficar, o tempo que quiser, embora nem esteja mais aí pode ficar, com passaporte e carimbo, sem afundar diante dos nossos olhos, pode ficar de pé, imóvel, pois nunca moveu ação contra esse país.

Nunca mesmo. Não é como nós, nós nos movemos, temos nossos motivos, nossas razões, mas não de direito. Onde começa o direito, acaba a razão, toda razão, trata-se do direito racional à propriedade, e a linha demarcatória é exatamente aqui. Exato! Fiéis ao direito julgai agora sobre mim, sobre a justa proteção dos deuses, aqui, bem como a dos homens, que podem se ajustar a isso. Nós não. Julgai-nos. Não podemos fazer nada. Não se pode fazer nada. Mas a filha, a filha do Iéltsin, pelo que sabemos, ela, o nome dela está aí, infelizmente esquecemos, ela também estava aí agora há pouco, por pouco tempo, até conseguir o passaporte e um pouco de passatempo, também podem ler em outros lugares o nome dela, se quiserem, cansei de procurar, outros estão me procurando, sim, aqueles de quem se compra o direito de ficar, digo, o direito constitucional, o empresário compra, sim, ele que agora quer se tornar algo, não sabemos bem o quê, mas logo se saberá, você, empresário, você, chanceler?, pode ser, por nós, não temos nada a dizer mesmo, mas sim, seu nome também, Iéltsin, não, excepcionalmente não, você, e é sim, é agora e será no futuro, sim, eu o conheço, você produz som e fúria, mas custa muito, afinal: A produção é difícil e complicada, a venda ainda mais cara, e essa carra, esse carro, essa cantora, de todo modo não vai conseguir, perdão, às vezes me deixo levar, mas a vaca fica, provisoriamente ela fica: Você não quer cuidar do nosso caso? Sim, cuide de nós! Faça um seguro! Traga seus seguranças, se assegure de que tenhamos um sentimento de felicidade, tanta felicidade quanto tem a filha na casa vazia no leste, ela cumpre seu período de espera pela candidatura em outro lugar, mais cândida ou mais dura, ela não é burra, espera onde seria de se esperar, na sala de espera, mas lá onde é mais bonito. Essa é sua circunstância específica em relação à naturalização, sempre lá onde é mais bonito, e se o apartamento na Suíça for pequeno demais, vazio demais, perto demais do supermercado, então não vamos morar ali, mas é claro. E também: por quê?

Você, senhor, senhor na Suíça, no Canadá, na Áustria, senhor das peças de reposição, senhor de toda parte, digo, de todas as partes que fazem parte, já que o todo você infelizmente não conseguiu, não podemos fazer nada se não pôde metamorfosear a moça em uma vaca, é, transformar as peças de reposição, as partes todas, à parte, no carro todo, todas as vítimas pela fábrica, de graça, digo, inutilmente, o inútil é nosso fado, infelizmente, pois a cogestão, a participação não significa apenas que você pode ter voz nas eleições, melhor não ter nenhuma, então nem é preciso ir votar, pois a democracia de todo modo é muito mais do que isso, você já reconheceu isso no seu partido, nós não reconhecemos nada mas tanto faz, de todo modo não podemos votar, sequer podemos escolher onde colocar nossas camas, você, senhor fracassado comprador de carros, digo, senhor da compra fracassada da fábrica de carros, você não conseguiu, não deu para comprar a fábrica apesar de todos os sacrifícios, nenhum deles foi presente, só um, um presente para a filha do Iéltsin, um belo presente, e afinal você é nosso senhor, embora não nos dê nada, você não nos dá nada, não como Jesus, mas sim nosso senhor, de todo modo de um certo modo, sobre o qual não podemos cantar, mas essa mulher sim, pode. Ouça rápido essa que está lá acenando, que acena para tudo, assinando embaixo, também ao tirano, também ao encaixe, ali onde o pescoço faz fronteira com a cabeça, lá se produzem seus sons, seu canto maravilhoso, e nós, sangrando, somos lançados do penhasco, de veneração ao ouvir aquilo, abaixo a gente, para baixo do penhasco, precipício pintado de vermelho, até que estejamos lá embaixo na água. Você, senhor da casa vazia, do castelo em algum outro lugar, aquele que parece um bolo de casamento, onde mora toda essa doçura: Seja justo conosco, como foi com essa filha, que agora é conterrânea nesta terra graças a uma decisão-relâmpago, você senhor de tudo, que cuidou dessa decisão pelo interesse especial da terra, que corresponde perfeitamente ao seu interesse. A terra é você, não, aí não, a terra permite que você introduza a qualquer momento suas ideias, mas só você, não só você, mas você também, sobretudo você, nós não temos essa permissão, não somos nada e nada nos é permitido, embora gostaríamos de participar, é melhor que assistir, não é verdade, para que a justiça também parta de nós, para que a justiça também parta do povo, que então também seremos, mas a justiça não faz parte, e se ela parte não volta mais, está bem lá, à parte, ela se espalha, mas não podemos nos juntar a ela, nem nos deixam entrar lá, não é

justo, apesar de a justiça também partir de nós, pelo menos poderia partir se tivesse um tempo livre para passatempo e tivéssemos nosso passaporte há tempos sonhado, nosso passe, ó lá, o Alaba deu o passe, ou preparou o passe?, de todo modo agora já passou, estou falando do passe, da passagem, já se fechou, se foi, não dá mais para pegar, o Senhor Alaba está lá abafando, em Munique, mas a justiça bem que poderia partir de nós, de mim, por mim, de nós, se pertencêssemos a esse povo dos sonhos, que faz os passes dos sonhos, desses que desejamos tanto mas não conseguimos, mas você, senhor, senhor, você senhor você, você também não conseguiu a fábrica, não, não conseguiu, você queria ela com o banco russo, era para ele ter conseguido ela para você, nas profundezas sombrias do sono você ainda ganha dinheiro, mesmo quando não faz nada você ganha dinheiro, mas naturalmente não está certo, você tem que ralar por ele, também faríamos isso, mas não nos deixam. Essa filha de Zeus, não, do Czar, você lhe conseguiu abrigo e depois cidadania, você quis comprar mesmo assim, a gente nem pode comprar um pão sírio, também não precisamos, ganhamos de presente, ganhamos comida de presente, doações boas mesmo se não estão boas, mesmo se estão estragadas, e naturalmente isso perturba os cidadãos, que recebamos comida estragada, claro que não devíamos receber nada, mas você, senhor, já estragaram e perturbaram seus planos de criar, você não pôde criar pois não é nenhum criador, não, não foi por isso, não pôde criar porque aquela que te criou, a mamãe, a mãe querida, a empresa-mãe, a matriz, a General Motors, a general dos motores, a de mais alta patente entre todos os motores militares do mundo, bem, quase, ela não permitiu, ó senhor, está vendo como é e como pode vir a ser, mesmo que a filha agora seja cidadã, você pagou mas não recebeu nada por isso, ah não, você jamais faria algo assim, você não investe em coisas incertas, só em negócios inegáveis, só investe com toda sua ira lá onde vale a pena, a filha talvez também tenha pago algo, não sabemos, não podemos saber, entre as faíscas das suas pedras ela já terá pago, todos pagam, todos que podem, todos pagam por tudo que podem receber, mas nós não pagamos e nem somos meios de pagamento, ó senhor, você, meio de enriquecimento de tantos, por favor também pague por nós, seja o Estado, conduza-o, pague por nós, mas não, você não faz isso, você consegue realizar uma naturalização-relâmpago mas não consegue a fábrica, vê, senhor, para isso trouxemos sacrifícios, para que você não a consiga, não faz sentido nenhum, sabemos, afinal já dissemos pelo menos três vezes até agora, mas mesmo assim não é justo. O ferrão da loucura entra fundo em nosso peito, ai, isso nos lança novamente selvagens pelas terras desse mundo. Nada é justo, Estado, pelo menos você é justo?, aqui, em nós você teria um objeto para tanto, em nós você teria, você pode praticar a justiça, por favor, a qualquer momento, estamos prontos, muito obrigado, então talvez em algum momento já esteja craque e não precise mais praticar, mas ainda não está e também não quer praticar. Estado todo-poderoso, seja também todo-justo, o quê, um pouco justo já basta, todo-justo seria ainda melhor, pois então seria justo para todos nós, obediente e fiel, querido Estado no qual queremos entrar, abrigo nosso que ainda serás! Por favor nos ajudem!

Não traiam a nós, fugitivos, por favor, por favor não!, assim, sim, assim como você não traiu a fugitiva, a filha, com dinheiro não traiu, sobretudo não traiu o quanto, não revelou, como ela estava lá, o joelho dobrado e o pescoço torcido para trás, mas comprou, com quanto?, você não diz!, queria comprar com o banco a empresa de carro, a fábrica, a melhor de todas, a maior que há, acredite, bem, quase, mas de todo modo bem grande, a querida gigante GM olha de longe sobre você com boa vontade, mas vir aqui ela não quer, diferente de nós que adoraríamos vir, e então ela te deixa cair, a maior, muito maior que você, sempre tem alguém maior, vê, conosco também é assim, só não nos olham com boa vontade, nem nos olham de modo algum, não querem nos ver, não querem ver o pasto com que nos alimentam, os sofás gastos doados, não, também não são sacos de palha, sobre os quais descansamos, não querem ver tudo isso, não querem ver nada, como nos preparamos para participar na democracia, se apenas pudéssemos ver essa democracia, pelo menos dar uma olhada!, ombros e mãos murchos, nossas mãos estão secas de não fazer nada, uma democracia, seus cascos correndo sobre nós e indo embora, mas mesmo assim estaria bem pois saberíamos o que nos aguarda e para que devemos nos preparar, ó senhor, senhor das peças de reposição, pois o todo

você não conseguiu embora tenha lhe custado um tanto, junto com a cidadã, a vaca, nada da vaca restou nela agora, só a forma branca em algum lugar, não faço ideia, ó senhor, então não traia a nós, fugitivos, assim como não traiu a fugitiva, a ninfa, agora novamente contente e naturalizada, é natural que gostemos de belas mulheres, também dessa ninfa com pés emergentes, a naturalizada, ela hesita em falar, não a vemos, quem sabe onde estará, cidadã desta terra, mas não sabemos onde aparece e qual sua aparência no momento, seu berreiro bovino ainda não ressoou até nós, mas nós, mas nós, calando por medo as nossas palavras, não nos traiam, nós fugitivos que só estamos fugazmente nesta terra, para nós não se precisa desembolsar muito, também não permanecemos muito, prometemos, embora naturalmente queiramos, nós expulsos, por favor desembolsem também por nós, como outrora desembolsaram por essa vaca, sua fala desengonçada, mas não sua fortuna, por favor desembolsem, não só pela bosta de vaca, por favor paguem o preço também por nós, não é nada para vocês, comparado à fábrica, nem vou falar da sua mamãe, a empresa americana, seria cara demais até para vocês, não podem comprar, mas a nós sim, como compraram o direito de estadia e a cidadania para a vaca, em um curtíssimo prazo, sempre tentando novamente, ó benevolentes, não, funcionou de primeira, tudo sempre rola de primeira quando se paga, assim se traz a deusa para o povo. Mas comparados com a filha, com a filial, tanto faz, senhor, tanto faz, comparados a elas somos baratos, e talvez ainda consigam um desconto massivo, ai conseguimos trazer a massa, ainda estão vindo mais, centenas de milhares estão vindo, já estão todos aí, chegaram, mesmo que ainda não estejam aqui, mas podem vir, talvez venham todos, é o desejado, pelo menos por eles, por favor venham todos, por favor, venham para cá, vinde a mim as criancinhas!, centenas de milhares, venham por favor!, se necessário ali no mar, lá ainda tem lugar, bastante, muitos ainda podem entrar, vinde a mim as criancinhas, diz o mar, que já é bem grande, venham à vontade, um grande encontro, embora não venha ao encontro da vontade dos grandes. A vinda mede o espaço para o encontro, e lá eles se encontram, agora ficam parados, as coisas como coladas todas juntas, como uma coisa toda grudada, um único bloco humano na água, já compramos a cunha grossa para ele; no momento ainda estão vindo, eles vêm em bandos claros, não, escuros, vêm em marcha, não, em massa, o medo ainda os refreia, mas para o futuro não podemos garantir, pois eles vêm, pois aqui há tudo, aqui está, aqui dá, aqui tudo se baseia na participação, tudo vive de falar junto, fazer junto, formar junto, decidir junto e se responsabilizar junto. E para isso muitos são mais que poucos, muitos são muito mais que poucos, isso é bem óbvio. Pois bem, nos EUA decidiram que você não vai conseguir comprar a empresa, ó senhor, embora quisesse, você já empreendeu muito por isso, embora a quisesse, quisesse a fábrica, quisesse tanto, tanto, erguendo o rosto ao céu em oração, mexendo os seus pauzinhos, mexendo na panela com os pauzinhos onde cozinha agora a sua raiva, o senhor, dai-nos borracha, dai-nos carros, sou o senhor certo para isso, assim você falou, compreendemos bem, e você ainda tem uma compreensão fundamental para o mundo automotivo, já nós só para o mundo autoritário, sem motivo, você, senhor, para o mundo automotivo, você que estabelece os fundamentos, que queria ter instalado a pedra fundamental para uma nova fábrica automotiva: De todo modo a vida não é só poder lucrar, só o lucro não bastaria, há muitas fábricas, ainda mais de carro, ainda mais essas, agora estão sendo fechadas, estão acabando, mas não queremos ser fechados, não queremos ser presos e acabados, queremos nos confrontar com antecedentes e conjunturas, antes que sejamos confrontados conjuntamente, porque falamos, porque tagarelamos durante a aula. Não ficamos quietos embora devêssemos, isso aqui é uma igreja!, afinal podemos pelo menos apontar problemas e soluções, não, não podemos, pois ainda não pertencemos a este lugar, e nunca vamos pertencer, já entendemos, embora já tenhamos formado uma opinião, mas quem é que quer ouvir, e afinal a que é que ela se parece? Embora não tenhamos juízos prévios, vocês acham que queremos prejudicar vocês, por isso nos julgam, por isso somos levados a juízo, muitas vezes, o tempo todo, inesperadamente a maior parte das vezes, somos levados como animais, escorraçados como selvagens pelos caminhos do país que não é o nosso. Mas diz aqui, sim, diz bem aqui!, que devemos nos expressar sem preconceitos, ah bem, sem juízos prévios, não sem prejuízo, que somos

alguém, que seríamos alguém que tem uma opinião e a expressa, expressa expressamente, não devemos ter receio de nos expressar, os soluços, as lágrimas, a melancolia aborrecida, isso devemos deixar em casa, agora devemos nos expressar livre e abertamente, pois com uma atitude aberta é mais fácil aprender a entender, e isso significa possibilitar a democracia, mas não significa possibilitar que você compre a fábrica, senhor, nem mesmo com o banco russo, nem mesmo com o BNDES, nem mesmo com a poupança, que poupa nosso dinheiro, aquele que não temos, mas não o dele, não o do banco, esse não é poupado, nem mesmo se tivermos uma poupança russa vizinha que graças a vocês e com a ajuda de vocês foi instantaneamente naturalizada, sim, a cantora maravilhosa, a bela, sim, ela também, que de fato canta maravilhosamente, que nem veludo, ela mereceu de fato, quem se não ela, mesmo para o futuro, ela mereceu para sempre e recebeu também, ah se pudéssemos deitar ali um instantinho, não, não sobre ela, não sob ela, o que é que estão pensando, só teria que ser um pouco macio, por uma hora, pela qual pudéssemos nos acamar até a hora em que talvez conseguíssemos uma cama. Nós aguardamos, sempre só aguardamos, nossa vida é aguardar, incontáveis carros também têm que ser guardados, aguardando a manutenção, desculpa, mas isso encaixa aqui, não?, aguardamos ajuizadamente pela avaliação judicial, nos mostramos de modo prejudicial, é o que dizem, sempre nos dizem, agora dizemos nós mesmos, pois nos foi dito. Se não ouvíssemos o lado errado já tinha acabado a cota de punição para nós coitados, mas não acreditamos nisso, já calamos tantas vezes, e o que aconteceu?, nada aconteceu, ouvimos o lado errado mas não vemos mais esse lado, então também não podemos mudar de lado, querem saber qual é o lado errado, desculpe, senhor, talvez vocês sejam o lado errado, que alguém quer julgar? Não, não podem ser vocês, o senhor é tudo, está em todos os lados, em toda parte, acima de todos, pode ser interpelado a qualquer momento, e também ali nos mostrará o senhor e se apropriará interessada e criticamente de algo, diz aqui, podem ler também!, depois que já tiver se apropriado de tudo, o senhor, também pode se apropriar da arte e da cultura, a quem interessar possa. A ele não. Ele seria o último. Ao senhor não interessam arte e cultura, mesmo se diz que sim. É assim. O círculo dos olhos se estreita, os pés não se erguem mais, o berro não ressoa mais, se a arte ressoasse seria inútil, não se ouviria mais nada nem ninguém. Se de medo a palavra se cala, tentamos mais uma vez, simplesmente. Você, senhor, está aberto ao novo, ao estranho, ao estrangeiro? Não, não está. Mas nós devemos estar, senhor, lá vem, você não é presidente, mas sinceramente lhe dizemos: Pergunte o que você pode fazer pelos outros, não o que os outros podem fazer por você! Diz aqui. Não foi suficiente? Talvez. Mas diz aqui. As palavras nos faltam. Também não precisamos delas, pois está respondido, respondeu-se a si e por si, já foi respondido sem interrogatório nem julgamento, é evidente, de verdade: você naturalizou a princesa-presidente da Rússia, e os outros devem fazer qualquer coisa por isso, não faço ideia do quê, mas os outros estão nos EUA, e não fizeram absolutamente nada por você. Você abraçou e carregou para cá a presi-princesa, cuja presença aqui ainda jamais ouvimos, conseguiu trazê-la, ela ainda hesita em falar, não diz nada, não mora aqui onde deveria morar, só alugou aquele lugar, para isso não teve que aparecer, não está aí, não está nem aí, nunca esteve aí e agora foi embora de todo modo. Ninguém a viu. Se alguém a viu deve se reportar às autoridades imediatamente.

Mas nós, nós poderíamos fazer algo, até gostaríamos de fazer algo, mas talvez fosse a coisa errada, mas faríamos algo pois não poderíamos impedir a fuga dessa jovem, que nesse meio tempo com certeza já está bem longe. Então. Tudo começa com o sol e com a chuva, mas sem casamento de viúva, seria uma bela festa, mas não nos é permitido festejar, não podemos nos agitar de modo algum, justo nós que gostaríamos tanto não podemos nos agitar, nossas viúvas não podem fazer festa, e essa chuva daquela vez, essa água de séculos, foi a prova de que não podíamos fazer nada, de que chuva e sol não casam nenhum espanhol, tanto faz se fazemos algo ou não, então continuamos falando, mas não alcançamos ninguém: alerta de catástrofes, corpo de bombeiros, forças armadas, auxílio da vizinhança, sim, diz aqui, tudo vai se encaminhando, tudo vai de vento em popa, tudo se agita, tudo se move, para impedir as inundações, sim, também as inundações de gente como nós, logo inundaríamos vocês se nos deixassem, mas enxugaríamos as

inundações também, se necessário com nossos cabelos, e também arranjamos umas galochas, é sério, se a água descer do éter para a terra desligaremos seu motor e a pararemos, vocês têm razão, tudo, tudo se vai, para impedir inundações e impedir algo ainda pior, nos impedir, impedir que pessoas, trens de pessoas alaguem vocês, um verdadeiro, não, um falso mar, um mar sobre o mar, um mar no mar, onde têm fim, onde finalmente têm fim, e já são alguns poucos que estão aí, por isso sempre vêm mais, em trens varando o país, em barcos vários e já avariados na água, eles vêm, e isso deve ser impedido, compreendemos, pessoas como nós devem ser dobradas, não, dominadas, desculpem, domadas é o que devem ser, essas selvagens, para que não inundemos vocês, não, não, isso não pode ser, isso mostra como é importante a ajuda e a colaboração solidária contra nós, sobretudo nas crises, sim, também no dia-a-dia, sim, mas sobretudo nas crises, aí nós enchentes humanas precisamos ser impedidas, aí vocês são solidários com vocês mesmos, têm que ser, com quem mais seriam, em primeiro lugar com vocês mesmos, sim, e aí colaboram e se ajudam entre a vizinhança, para que não submerjamos vocês como a água, aí são solidários, prontidão total para o que der e vier, naturalmente, nem precisa dizer, pois ela não é mais natural, não vem da natureza, sim, e eis aí essa prontidão, bravo!, pois vocês sempre estão de prontidão quando se trata de nos represar, nos trancar e finalmente nos finalizar e nos afastar de avião, aquele que balança tanto porque a boca nos foi ameaçada, digo, amordaçada, e então sufoca, simplesmente, aquele um, o outro com certeza também. É assim quando não se pode respirar, é bem simples, na água também não se pode, qualquer um entende isso. Aí vocês têm que ser solidários e estar de prontidão, sempre prontos para lutar por vocês mesmos, e se ainda houver lugar, se ainda houver força e energia em vocês, vocês barras de ferro, vocês barras de cereais nutritivos, vocês mesmos se nutrem, só não vemos de quem ou de quê, se ainda houver alguma força disponível em vocês, então ajudem-se mutuamente a nos escorraçar, é importante para a paz social de vocês e para a coesão da sua sociedade. Também compreendemos isso. Nós sacamos. Vocês já sacaram faz tempo. Agora nós também sacamos. Isso pressupõe prontidão para a ação, e isso vocês têm. Nem precisamos ficar falando sobre isso. E também, quem ouviria? Nem mesmo as águas dos pântanos estígios nos ouviriam, e elas ouvem a todos, a qualquer um que queira entrar, e então o seguram firme lá dentro. Entre vocês: pelo contrário, vocês cospem todos fora. A vaca também deve prestar atenção para não pisar dentro do pântano, com esses sapatos ela não vai muito longe. Mas nem assim suas curvas se tornarão nem um pouco mais humanas, é o que diz aqui, diz aqui nessa revista.

Nós somos muitos mesmo, mas ao mesmo tempo poucos, somos o líquido que mais tarde escorre para fora dos caminhões frigoríficos, quando finalmente congelamos e então derretemos de novo, arrastados, lavados, não, isso não, mas lançados na estrada entre belas construções da cultura de vocês, cada vez mais altas, cada vez mais longe, servindo para proteger do barulho, não para nossa proteção, isso não teria sido necessário, erguer construções que não vemos, mas que pena, esse veículo tem paredes por todos os lados, não dá para olhar para fora, não se vê nada, nadinha, e mesmo assim somos tantos, e mesmo assim também não somos vistos por nossa vez, as pessoas se esforçam por um esforço, mas não por nós, pois sim, diz aqui, está escrito aqui, nesse livro sagrado está escrito, eu sou Deus, seu senhor, não, eu sou o seu Deus, seu senhor, não, também não, você deveria acreditar em um Deus, pois bem, mas em qual? Tem um aí que nos tem nas mãos, que tem nosso caso nas mãos e também causa nossa queda. Um. Bom. Mas nós, nós temos que nos dividir, temos que dividir o senhor entre muitos, pois muitos querem ser nossos senhores e nos expulsar, querem nos mostrar o senhor, de fato ainda nunca o vimos, também não podemos ver, como vamos reconhecê-lo?, esse veículo não tem nenhuma janela dos lados, não, tantos querem mostra-lo para nós, esse senhor e sim, aquele lá também!, mas é que só tem um, só esse um senhor, e é ele que sempre querem nos mostrar. Como é que ele vai ser suficiente para todos? O que é que ele está dizendo? Entenderam o que ele acabou de dizer? Eu sou o início e o zé-fini, o céu e a terra, perdão, naturalmente a água também!, isso ainda é necessário, precisamos disso para o túmulo aquático, é assim que também gostam de chamar aqueles que estão a caminho na estrada, rumo ao

afogamento, nós conseguimos!, agora até conseguimos ainda melhor. Pois nosso belo mar, ao qual tínhamos nos confiado de tal modo, agora se foi, mare nostrum, agora já foi e acabou.

O novo mar de fato ainda não chegou, mas sem medo, logo vem Tritão resolver isso, logo logo, por favor aguardem!, agora sim, quem quer que seja logo estará aí ou até já chegou, muito bem, ouçam: antes ajudar, depois julgar, ajudado – julgado, está claro?, agora primeiro julgar, pois a ajuda é algo supérfluo, isso é novo. As pessoas já estão no fluxo e lá são dissolvidas, sim, somos dissolvidos como sopas de saquinho, e o melhor é que não temos mais que nos preocupar, fomos dissolvidos e resolvidos, não somos mais nenhum enigma para esses que nos recebem, mas nada nos cedem, eles já nos conhecem antes de sermos apresentados, mesmo assim vão nos julgar, por isso mesmo vão nos julgar, rápido como fast food, e então vão nos soltar na água, e quem não se soltar do barco a tempo eles vão soltar e solucionar, somos café solúvel, finalmente então estamos resolvidos e removidos da velha pátria sem sermos absolvidos e absorvidos, absolutamente sem valor para ninguém, nem para nós; somos dissolvidos, mas ninguém quer nos sorver, nem seria bom, os países não engolem mais isso, ninguém aguenta mais. Mais de nós não dá. Salgado demais! Intragável. Devemos ser solúveis em água, mas por quê?, beber a água conosco dentro, uma bela ideia, com certeza ninguém teve essa ainda. Primeiro julgar, então não ajudar mais, isso lhes poupa muito dinheiro, como não tiveram essa ideia antes?! Já podiam ter feito isso desde sempre! Simplesmente nos dissolver. Teríamos que saber que vocês assim iam se safar de um jeito muito mais barato, mas aí não íamos nos safar mais. Poderíamos ter lhes poupado muito. Faz tempo que poderíamos. Bem. Assim não vão mais ter que perder mais tempo com nossa triagem e colheita de dados, se já nos dizimaram antes, e o mar colhe o resto, que nunca encolhe, é cada vez maior, o mar acolhe tudo e todos, o mar não se queixa, sempre colhe todos e qualquer um, e o Tritão nos espeta com seu garfo, como frutas enlatadas. Não temos que fazer isso nós mesmos, o mar faz por nós, Tritão vai ajudar, com seu tridente, ele nos será útil, o mensageiro do mar, messenger of the sea, mas ele não nos entrega nada, não somos sequer cracas no seu rabo, somos entregues. Os correios é que entregam algo para todos, então o Tritão escarafuncha na água e então nos tem, alguma hora nos apanha a todos! E ele mesmo nos leva, nos leva embora, nos esmaga na água, sai pingando espuma do tridente, lavou tá novo. Próximo por favor. Nós nos barcos lançados ao mar, é muito pouco, ele nem percebe, o Deus, vapt vupt, pisa, limpa e foi! E vai o correio. Sem mais quem, onde, por que, quantos, mas sim a rápida dissolução no mar, a resolução de todos os problemas para todos. Não vamos deixá-los, já fizemos o despacho na água, tudo certo, tutti buona gente, não vão mais precisar investigar nossas vidas, isso acabou, nossa vida já vai acabar, para quem faz falta? No máximo para nós, e não vamos ter oportunidade para tanto, não poderemos nos enlutar por nós, já teremos desaparecido, talvez não sem deixar rastros, mas mesmo assim desaparecidos na água, como rastro, sem rastro, espuma, escória, com, sem, tanto faz. Partir dói, mas tem de ser assim. Não vão mais nos ajudar, vão logo nos julgar e nos tirar da mesa antes que possam nos olhar e mandar embora de novo. E eles, eles ainda estarão aí, primeiro julgar, depois não ajudar, exatamente!, assim é que é bom, então talvez os deixemos em paz finalmente, foi isso que pensaram, ou não também, tanto faz, seremos menos do que somos agora, seremos cada vez menos, viremos sempre e seremos dizimados, seremos menos do que éramos antes, não seremos nada, é isso mesmo que eles queriam e que agora nos é dado. Paz. Finalmente vamos dar-lhes um tempo e descansar e ficar em paz.

Ter paz é mais importante que fazer, essa é nossa opinião pessoal, pois senão o feito será desfeito de novo em pedaços, também já aconteceu conosco, aconteceu conosco frequentemente nos países dos quais viemos, onde nos matam, porque quem faz pode também desfazer, todos devem fazer sozinhos sua sujeira e limpá-la sozinhos, é lógico, isso até nós entendemos, que tenhamos que ser jogados fora na limpeza, já que nós mesmos nos trouxemos, acusando a dureza de nossos senhores, um pouco arrastados, é, talvez, arrastados para cá até que qualquer coisa nos carregue de volta, uma outra enchente que então nós mesmos nos tornaríamos, e muitas vezes até nos esfriamos bem para chegar fresquinhos e prontos para o consumo. Alguns nem se levantaram mais, e também para

quê. Mas o Estado protege todos os direitos, todos, de todos, de todo modo não os nossos. O Estado faz um regulamento legal, mas essa regra não vale para nós, nós não pertencemos a ele, a esse valioso Estado, a que viemos por acaso, mas nada se aplica ao nosso caso, todos implicam conosco, mas nada se aplica ao nosso caso. A mão pública que protege e provê, nós a mordemos, quer dizer, morderíamos se jamais conseguíssemos vê-la, se vocês contribuíssem com a nossa saúde, caso conseguíssemos alguma comida mofada, estragada, apodrecida, nesse pasto, nessa porra, nessa porra desse pasto, mas por favor nos desculpem, estamos em uma igreja aqui, não, agora não estamos mais, estávamos, lá também quase congelamos, como no caminhão frigorífico, mas não profanamos o senhor de vocês, e não o prejudicamos, não prejudicamos o sistema de saúde de vocês, não prejudicamos ninguém e nem conseguimos nada, talvez tenhamos danificado um gramado, mas não prejudicamos a mão pública de vocês, só pegamos o que nos ofereceram: lixo, lixo, lixo, mas o recebemos de bom grado, pois é, meio de bom grado, afinal veio de vocês, reclamamos mas pegamos o lixo, afinal nada mais nos foi oferecido, e congelamos quando o vento passou suspirando pelos canos, não sem semelhança com os lamentos sussurrados, mas sem calor. Vamos começar de novo do começo, não tem sentido vocês gritarem não!, começamos de novo e de todo modo não chegaremos a lugar algum: deve existir coesão e cooperação da base até o chefe de Estado, deve existir, aqui diz, aqui existe, vocês insistem, por nós tudo isso pode existir sem problemas, é o que faz desta terra uma exceção, esta república excelente, excepcional, é uma terra excelente. A água: também excelente! Mas não temos tanto dela para poder deixar tanta gente entrar, um número tão grande não vai dar, se fazem tanta questão de partir vão ter que ir para outro lugar. Mas nós, mas nós, mal tendo embarcado na razão já expulsos de novo para debaixo d'água, expulsos como animais, um atrás do outro, mas nossos senhores não querem ir atrás de nós, nem os conhecemos, não sabemos quem neste momento é nosso senhor, tanto faz, mas nós, nós não pertencemos a este lugar, pois não pertencemos a ninguém, não pertencemos à comunidade, não podemos contribuir, somos responsáveis por nós mesmos, ai. Não somos responsáveis nem por esse extintor de incêndio, ele também nem está aí, o que podemos fazer, se pegarmos fogo não poderemos extinguir nada, ele já foi experimentado tantas vezes que não se pode mais fazer nada, também somos mesmo irresponsáveis, pois não achamos outra pessoa para isso, vocês não acham ninguém irresponsável, também não acham nenhum responsável que se responsabilize de modo que acreditem; teríamos nos alegrado tanto, teríamos nos alegrado como um Deus com a arte musical recém-inventada ou com o recém-inventado rapto de mulheres, teríamos nos alegrado loucamente, todo dia damos a nossa contribuição, feita da nossa própria carne, por sorte não daquela que recebemos, sabemos que vocês não querem nos arrancar nada, pois não dá para tirar leite de pedra, nem o rei Artur vai conseguir tirar nada dessa pedra, sim, nem o senhor presidente de vocês, não vai conseguir nada, mas em compensação todos sempre conseguem algo, todos menos nós, somos muitos mas valemos pouco, contamos pouco e não pagamos a conta, isso nos deixa sem credibilidade, sem crédito, mas vocês, vocês podem pagar, provaram isso no caso daquela que fugiu de vergonha, ímpia, uma vaca, não, isso não pode ser agora, dane-se, ela fugiu, simplesmente fugiu de algo, essa russa, que não conseguiu trazer carro nem banco, nem um nem outro, o banco não trouxe os carros, nem o contrário, claro que os carros não podem ficar fugindo de vocês, eles vão aonde vocês quiserem, é o que a empresa quer também, mas aí ela já era cidadã, não a empresa, não, a vaca sagrada, agradável, se tornou cidadã graças à colaboração desse senhor, juro, agora é concidadã de vocês, de todo modo teria vindo, este Estado a toca suavemente nos olhos lânguidos com seu bastão mágico e ela já é uma de vocês, está pronta para a operação, a cooperação com vocês, se preciso aqui mesmo nesta igreja, exato, exatamente como a cantora maravilhosa, com seu cabelo maravilhoso e sua voz maravilhosa, sempre com o vestido majestoso, com as joias caras, sim, essa é uma que não precisou nos dar o tom, pois já tem o dom, o da voz. Ela não tem que dar para ninguém para conseguir um visto provisório, uma permissão para trabalhar, ninguém tem que dar para ela nenhuma permissão, mas sim implorar para ela, implorar de joelhos, pois ela tem o dom dessa voz única de soprano, que vocês buscaram por tanto tempo, claro que era a única, não, o que é que estão

pensando!, não vão encontrar algo assim na bolsa. Nada pode deter de repente essa voz, nenhuma anestesia, ouve-se de todo modo, ela só fica mais forte com isso. Ninguém tem mais voz, ninguém mais tem voz, além dela não existe nenhuma outra voz, e nós também não temos voz aqui. Nenhuminha, nem uma voz fraquinha. Talvez tivéssemos tido uma voz, mas agora se foi, quase já tivemos mas isso ninguém sabe, e por isso não nos dão mais nenhuma, nenhuma segunda voz além da que já temos. Nenhum voto, nenhuma voz. Nenhum de nós, nenhum do nosso bando possui mais o que quer que ele também possua. Ninguém tem essa voz, e nem nenhuma, nem mesmo uma. Bem que gostaríamos de ter, mas não temos; bem que gostaríamos de oferecer com nossa voz uma contribuição para o bem comum da nação, sobretudo gostaríamos de oferecer algo para essa nação que se sente bem consigo mesma como uma porca que chafurda na cova, na lama, chafurda bem, ou como essa vaca que nem está mais aqui, então também não podemos ver o que está fazendo, talvez também chafurde, mas com certeza está bem, descansa em alguma luz qualquer, oferecimento do seu novo passaporte, descansa bem, descansa, brilha, ilumina, e volta a se apagar, e se diverte na noite que ao mesmo tempo encobre os cem olhos, assim, assim, um bem comum assim nunca vimos, agora também não o vemos, ela já partiu em viagem de novo, teria que ter estado de fato aí pelo menos rapidamente, mas agora se foi, quem sabe?, talvez esteja bem do seu lado, quem sabe?, ela deve ser um modelo para nós, e mesmo que possa ter vivenciado coisas terríveis a gente não acredita, mas por favor, não somos só nós que vivenciamos algo ruim, admitimos, mas também poderíamos ser admitidos, seria tão bom, ah, tão bom, admitidos entre vocês, bem, já pensaram nisso, o quê?, já pensaram em algo contra isso, embora queiramos isso pelo menos tanto quanto a cantora fantástica! Queremos exatamente tanto quanto, pelo menos exatamente tanto quanto ela! Ela possui o dom da natureza, nós, não, nós não, a filha, a compatriota, a filha da vaca Europa, ainda preciso pensar em algo para isso, mas infelizmente nada me ocorre, não caiu a moeda, digo, a ficha, Zeus, para os romanos Júpiter, e Io são o mínimo que deveria me ocorrer, e um moscardo que foi enviado como nós não fomos, nós viemos por livre e espontânea vontade, sim, um moscardo, talvez seja isso que nos prende, que nos detém, que não nos deixa entrar, culpa desse moscardo!, ah não, já estou confundindo alguma coisa de novo, a filha, tanto faz qual, vê-la ser arrastada embora pelos adornos em cachos coroando sua cabeça, pelo vestido, pela sua grande e obediente voz, arrastada como nós! Não, agora me confundi totalmente, perdi até essa pobre frasezinha, pelo menos o começo dela, que de todo modo vai ser igual ao fim, por favor me desculpem. Aquilo que eu mesmo posso realizar deveria fazer por conta própria o melhor que posso, é o que lemos aqui, qualquer um pode ler isso, qualquer um que possa, mas eu não posso, o que quer que seja, não posso nada, também não posso incluir todos esses gregos e no fim os egípcios, que já têm suas próprias preocupações, nem Zeus, nem Europa, nem Io, nem o moscardo que nos segura tão firme aqui e conseguiu que cavássemos esse poço de lama, não, essa cova, não, esse buraco, essa cova no solo, porque esse moscardo, essa mutuca nos refreia tal modo, quero dizer, porque freamos de tal modo essa motoca, que as rodas já giram como nós e já se enfiaram fundo no solo, ai, onde é que vamos conseguir lenha agora, galhos de oliveira, o que for, para poder voltar a flutuar, para nossa frota voltar a navegar, nossa cidadezinha, nosso barquinho, possivelmente de madeira para que o radar não nos veja, mas não vai nos servir de nada, já estamos vendo, antes mesmo dele nos ver; não vai ajudar em nada, logo já estão disponíveis nossos astros, nosso céu está disponível para radares por satélite, aí dá para ver até o que há de menor, o menor barco de madeira, folheado de carvalho, imitação de carvalho no laminado, um barco de papel?, não, de lixo de plástico, tudo junto, vão nos ver, vão nos ver! Vão nos ver em toda parte. Nós nos escondemos mas não dá, nos encolhemos para o golfinho não ver, esse DOLPHIN querido, brincalhão, atento, que deve nos farejar, vigiar, para que nós pobres não possamos ser mostrados e desmontados por ground positioning systems, para que também nos detectem clara e nitidamente nos open seas lá dos Earth Observation satellite-based systems, ai de nós, pode dar merda, mas sem pânico, eles cuidam de nós, de que nós pobres possamos ser salvos em caso de acidentes estúpidos no mar. De fato só viemos para ele poder nos localizar, quem quer que seja, para ele nos apanhar, nos ver claramente,

afinal alguém deve poder nos olhar nos olhos, alguém lá em cima, que sempre otimiza os services in the area of Border Surveillance da combinação das informações dos cooperative positioning systems (VTS/AIS, VMS, and LRIT) e remote sensing observation systems (radar in particular), sempre com sucesso. Com ele não tem erro. Que bom que temos ele, que bom que temos todos eles, sim, também os drones zumbindo, que nos vigiam, observam, velam por nós, sim, é isso, velam por nós em nosso caminho por todo o Ser? O mar não tem peneira para o nosso Ser, nenhuma triagem nos segura quando temos que descer, nenhuma grelha de ralo, simplesmente escorremos, assim simplesmente, de outro jeito não dá; o mar logo volta ao normal depois de nós, até que venham os próximos, sem demora e sem problemas, ou ele lançou suas ondas, não, não estou dizendo que nos aliciou com suas curvas, para que nos perdêssemos em suas vagas, seria muito infame, humor barato, seria ir muito baixo, e já afundamos tanto, já chegamos no fundo do mar, mas o que há para mim, para nós, senão o mais baixo, o mais infame, o mais barato, faz tempo que não há mais nada, tanto faz!, as pessoas são ainda mais baratas, dá para comprar baratinho e levar para casa, isso vocês não fazem. Não nos compram e não nos recebem, porque não podemos pagar por nós, nosso nome está sujo, e porque nem temos nome, e porque também ninguém mais paga por nós. Claro que temos nomes, mas de que é que nos servem? Vocês não querem saber quais são, e vocês são nossa régua. E não nos trocam por nada, nosso Ser não tem liquidez, faz sentido. Enfrentamos as correntes, como moeda corrente, mas nessas águas não temos liquidez. Estamos na clareira do Ser, diz o pensador, não, digo eu: da água, que é ela mesma clareira, que é uma clareira imensa, sem nenhum limite além da nossa morte, do nosso Não-Ser, sim, pode-se dizer, pode-se ver assim; lá nadamos, sem sermos mencionados, sinceramente ousados, audazes, mas sem sermos mencionados, não temos escolha, somos os indesejados, os desviados, enviamos o barco trôpego, tonto, sim, tantos de nós jamais chegarão, nunca vão poder cortar lenha na clareira do Ser. Estamos na clareira infinita do Não-Ser, os enviados, os empilhados no tempo-espaço livre, um ínfimo espaço no infinito. Do que estamos falando? Mas diz bem aí! É só olhar!

Os filhos ajudam a mãe na velhice? Outra mulher? Não, obrigado! Também nenhuma mulher nos basta. Mesmo a vaca já nos bastou. E nossa mãe também já mataram, faz tempo, nossos irmãos, nossos parentes mais distantes, e mais os nossos parentes totalmente distantes, todos, todos, e dos nossos primos cortaram as cabeças e nos enviaram os DVDs disso, será que já dissemos isso? Já dissemos tudo pelo menos cinquenta vezes, quem dá mais, sim sim, eu sei, para vocês já deu, e ainda assim não ouviram nada. Mais uma vez pedimos desculpas. Antes estávamos e ainda estamos ao lado das mães e dos filhos na velhice, não, dos filhos que nunca envelhecem e com as mães que estão mortas, não, nos debatemos aqui com nosso limite espiritual e precisamos considerar a necessidade de ajuda profissional, isto é, dos funcionários desta igreja e agora os do convento onde vocês nos viram deitar, sim, boa gente, pronta para ajudar, podem espalhar! Divisão de tarefas e apoio são importantes, isso não vale só para a responsabilidade pela família que não temos mais, não admira que nos chamam de irresponsáveis, parasitas no corpo de vocês, que está sempre pronto para denunciar sanguessugas, espalhando sua sujeira por toda esta linda terra, sim, nos denunciar, ainda nos denunciam mesmo quando já afundamos, nos denunciar só porque estamos aqui, presentes, embora teríamos responsabilidade pela família, mas tudo que temos de família está aqui, aqui conosco, ou seja, nada nem ninguém, e também não temos nada. Estrangeiros por estrangeiros. Medida por medida. Uma lanterna pela noite.

Adornos em cachos, isso também já dissemos muitas vezes, de novo vezes demais, como sempre demais, tanto faz também, essa senhora cantora que mostra o senhor a outros que não nós, ela mostra ao senhor Putin o senhor, quero dizer, ela demonstra e diz que o senhor Putin deve ser o senhor, ela diz isso com seus adornos em cachos cativantes, e seus dentes brilham tanto que temos medo de sermos atingidos ou cegados por um raio. Então vê-la arrastada pelo vestido, isso jamais íamos querer, sequer poderíamos imaginar, isso que aconteceu com nossa mãe e nossas irmãs sequer queremos imaginar para essa mulher incrível que nos dá sons, onde o pescoço faz fronteira com a cabeça, já falamos disso, não

podemos dizer o bastante, e sequer podemos imaginar isso. A princesa e a outra princesa, tudo em russo, por ordens nossas tudo agora será falado totalmente em russo, a gente embarca nessa, para conseguirmos a marca de carro, e chegamos aqui em um carro que funciona, ou então só aqueles que sabem falam, e todos sabem, até nos campos de golfe tiroleses, em toda parte falam russo, nós sequer falamos a língua daqui, as pessoas nos censuram por isso, e com razão, obrigado por nos dizerem isso mais uma vez, nós também dizemos tudo vezes demais, e não sabemos nada novo. Essas princesas naturalmente sabem por natureza falar russo, não é preciso mais, embora muitos ainda saibam muito mais, bom para vocês, ficamos contentes. As duas! Naturalizadas como um relâmpago, desde o começo elas eram bem nascidas, então ficaram sendo como que nascidas bem aqui. Por favor esclarecer, mas vocês não precisam disso, já têm isso, e até muito disso: Essas são duas mulheres diferentes, por favor, e ainda temos mais, temos ainda mais, no Tirol, em Viena, em todo o mundo temos estoque, mesmo que não sejam centenas de milhares como nós, estão simplesmente em todo lugar onde é bonito, e isso são muitos lugares, e estão em toda parte, talvez até mais, muitos, chamam atenção sobretudo suas condições, quero dizer suas companhias, suas companhias russas, que as acompanham, não ao piano, não, os acompanhantes das filhas, naquela casa naquela rua movimentada e poeirenta à beira-mar, lá não há sinal de vida, ela não está lá, a mulher, nunca lhe daria na telha morar nessa barraca, mas mesmo assim ninguém morreu, isso garantimos, nenhum morto, tudo vive, ninguém acorda sozinho, tudo isso é em outro lugar, em outro lugar também ninguém acorda, o sinal de vida aqui, o nosso, não interessa a ninguém, lá não há sinal de vivos, no mar também nenhum sinal, na casa desgastada, que não precisa mais de ninguém morando lá, pelo contrário, seria prejudicial, talvez desabasse, quem ia querer morar aí, bem, elas com toda certeza não!, de todo modo ela não está morta, com certeza não, juramos pelas nossas vidas, senão como poderia se naturalizar?, então garantimos que ninguém morreu lá, nessa espelunca, nem a filha, a vaca europeia, perdão, isso ela só se tornou agora, uma residência foi oficialmente registrada, uma dessas que nós não temos, mas ela sim, mas lá também ninguém mora, ela também não mora lá, vocês têm o voto, vocês têm a voz, vocês têm a nação, pelo menos têm a caução com vocês, mas nem sinal delas, deles, agora nem mesmo sei de quem estou falando. Os outros. Eles. Elas. Lá onde deveriam estar, lá não estão, simplesmente foram embora, as russas, sim, é como as chamam, se escafederam, provavelmente quando viram a casa, não, nunca viram, nós as perdemos, também não precisava, foram embora e fim. Nós estamos aí, mas também não estamos mais, não temos nada, mas também não estamos mortos, ainda não. Essa divisão de tarefas é importante. Mortos ou vivos, cada um precisa fazer a sua parte, compreendemos, quer dizer, alguns estão mortos, outros não, nós ainda não, mas muitos de nós, talvez vocês consigam ainda mais se trabalharem direitinho, pois a distribuição de tarefas no Estado exige que não estejam mortos, mas nós possivelmente sim, então a gente finalmente estará acabado ou pelo menos dizimado, o que os olhos não veem o coração não sente, de todo modo seremos menos do que éramos, então a luz, brilhando, vai dar para mais gente, para mais, a luz vai dar para mais se nós formos menos, mas é claro. Nós nos esforçamos, estamos nos esforçando, por favor um pouco de paciência, esse moscardo infelizmente nos atazana tanto que a gente não consegue continuar, não ousamos, é como a picada de um deus, ele tem sempre as cartas certas na mão, sim, você, senhor, estamos falando de você!

Essa casa vazia, também nenhum morto dentro, a casa está alugada, mas fica vazia. Esse apartamento em cima do supermercado, na Suíça, está alugado, mas também vazio. Cheio e vazio ao mesmo tempo. Parece ser um costume que ainda não conhecemos. Prontos para dar parte a qualquer momento, mas ninguém caído aí que se possa olhar nos olhos. Mas e o locatário, e o arrendatário, o que Deus diz sobre isso?, agora não consigo procurar, não tenho tempo, preciso escrever. Mas o arrendatário, então, agora estou vendo o que ele faz. Mas o arrendatário, que não é pastor, a quem as ovelhas não são próprias, vê o lobo, ah, ótimo!, isso do lobo a gente bem que pode usar, João 10:13, mas o arrendatário foge, pois é um arrendatário e não cuida das ovelhas, pois é um arrendatário e não se importa com as ovelhas, o estrangeiro não se importa com as ovelhas, ele as come talvez e enterra seus ossos ao lado da asa,

onde infelizmente são encontrados, mais tarde, mas não se importa com elas, as ovelhas, não, com seus ossos também não, pois aceitou o serviço de pastor pelo pagamento. A nós ninguém paga nada, embora nos cairia muito bem esse serviço com as ovelhas, ah, não, com todos que queiram um serviço, mas quem se importa? Também não se trata do serviço, nem do arrendamento, ah, mas como gostaríamos de ter alguma renda!

Então aquela na casa no mar, a locatária, a naturalizada, a localizada e então nacionalizada, sem que sequer tivesse que mostrar seus olhos profundos, a vaca russa e a outra, esqueci os nomes, agora ela também comprou sua residência, bem a tempo, antes dela desabar, estou falando da casa, o que é que eu queria dizer?, então não paga mais, ela reside, já mora, mas ainda não vive, quero dizer, na verdade: Vocês já moram ou ainda não vivem?, o que essa gente, essas mulheres, têm que nós não temos? Elas têm o fato de serem mulheres? Mas se também são homens, bem, não as mulheres, mas homens também podem vir, pois chamam-nos de empresários e então também vêm, sequer podemos falar seus nomes em voz alta, dá azar. O corredor agora corre às suas custas, digo, ele pilota, ai, já não pilota mais, essa atração especial foi rápida!, acho que ele nunca sentou na cabine, nunca sentou, e de fato foi o empresário que pagou por isso, não pagou por nada, mas está aí, e agora ninguém corre mais, e ninguém mais habita o estádio de fudi---, de futebol é o que eu queria dizer, eles têm a bola sempre diante dos pés mas nunca sabem o que fazer com ela, e ninguém habita mais, pode até viver, o quê, não vive mais?, ah, que pena! Se alguém deveria viver, então essa pessoa é ele, viva!, mas agora de repente não mais, agora sua mão poderosa caiu do volante, da bengala? Nem o corredor corre mais? É uma pena, mas a questão se impõe: Por que eles podem e nós não? Eles têm algo e não estão aí. Nós não temos nada e estamos aí. E também não há recibos, por mais que nos recebam, não estão vendo?, por favor, mesmo assim não há recibo algum, não dão comprovante para nada, porque não se trata de nós, e não vamos precisar de recibo, também nenhum comprovante do compromisso do condomínio, desta casa, daquela lá, da outra casa, naturalmente não a casa de Deus, só uma casa simplesmente, nenhum comprovante que prove que a filha mora nessa residência que ela usa, pois sim, uma assim, como nós não temos, nenhuma prova de que ela sequer tenha se detido por lá. Ela não pode ser detida! Ninguém a conheceu, nem mesmo o proprietário, ninguém a conhece, ninguém sabe os nomes, perdão, seus nomes são conhecidos, só os nossos é que não, ninguém conhece nossos nomes, lá na nossa terra agora todos estão mortos, e agora aqui também, que estúpido!, mas isso é realmente idiota! Ninguém mais nos conhece, e realmente isso não fala a nosso favor, não fala nem um pouco a nosso favor, pois somos aqueles que falam por último, não somos aqueles que riem por último. Pela filha fala uma voz, mas basta, ela não está aí mas uma voz fala por ela e por isso ela também tem voz, ela tem voto; além da voz que já tem, ela tem voz e voto. Ela não é vista mas tem voz e é instantaneamente naturalizada, é cidadã com todos os direitos e deveres, podendo configurar e desfigurar e transfigurar, perdão, é só figura de expressão, mas caso alguém seja mulher e bela tudo imediatamente é mais fácil, é uma bela sensação, mesmo que não para nós, e agora também não sei de que sensação estou falando, mas toda colaboração e toda contribuição, eu já disse, com prazer!, pois diz aqui, é valiosa para nossos companheiros, mesmo que não sejam vistos, é importante para nossa comunidade, tudo é valioso, tudo se enriquece, todos enriquecem, claro, essa voz foi comprada e aquela lá também, agora está entre nós, uma entre muitos, mas uma que conta!, ela habita entre nós. Habitou entre nós mesmo que nunca tenha sido vista, agora habita sobre nós, num loft, e continua não sendo vista. Mas tem uma voz, de todo modo tem uma voz, está valendo, mas não é verdade que toda carne também tem uma data de validade como a grama diante da igreja? Vocês veem que essa mulher tem até duas, tem uma voz e uma voz, um voto e uma voz, ela tem validade, então simplesmente vale tudo. Valendo. O que eu digo vale. Pois ser um participante é melhor que ser um espectador.

Nós escolhemos uma igreja, e depois um convento nos escolheu, então, agora realmente moramos aí, podem tranquilamente vir olhar, bem, afinal também poderíamos morar em outro lugar, podemos escolher um. Podemos morar no fundo do mar, na água, no deserto, sem água para variar, nossas experiências nos serão enviadas a tempo

para que já as tenhamos quando as fizermos, e então terão se tornado supérfluas. Não precisamos mais delas. De todo modo na água qualquer experiência é completamente supérflua! Hoje talvez não possam mais vir, hoje talvez já não estejamos mais aqui novamente. Não estávamos habituados a habitar, e agora habitamos aqui um pouquinho, o que não interessa a ninguém, somos os esquecidos, já não nos conhecem mais, depois de termos aparecido fomos alojados e fomos embora, fomos embora da igreja, é o principal, todos realmente trabalharam nisso, muitos saíram de seu caminho por isso, e conseguiram!, também não moramos em uma acomodação de fachada em uma casa, não moramos em um domicílio-fantasma na Suíça, o que é que estão pensando, é verdade que dissemos isso mas não moramos lá, lá mora Deus, o novo senhor, o naturalizador, o nacionalizador dos carros, o da multinacional de carros, o aparafusador, que senta à mesa e gira, tanto faz o que ele faz: o quadro tá torto, sabemos. Ele mora em vias movimentadas, mas não mora lá, naturalmente, não mora sobre o supermercado com milhares de pessoas e mercadorias dentro, todos sem ele, pobrezinhos!, sentem-se talvez órfãos sem ele, quem sabe, mas não, lá ele naturalmente não mora, tudo vazio, apartamento vazio, casa vazia, endereço completo, diz aqui, aqui está o endereço completo na Suíça, a residência na Suíça, no Cantão de Zug, assegurada, bem guardada e assegurada, naturalizado na casa assegurada em segurança, na mais absoluta segurança, onde nada de seu cabelo ainda abundante é despenteado nem arrancado, pois nunca ninguém viu vivalma ali, mas foi naturalizado sim, não, habituado, habitando ali, habitante, mesmo que não seja visto habita, e além do mais habita tão rápido, tão rápido se habituou a esse lugar onde não está, que acreditamos que no fundo só há habitantes naturalizados ali, desculpem, queremos dizer habitantes naturais, pois ele não tem tripla naturalidade; a tripla natureza só Deus tem, três em um, então ninguém, quem é que abraçaria um pântano?, infelizmente não sabemos mais o que queríamos dizer com isso do pântano, com certeza não aquilo que vocês entendem com isso; quem é que desaparece ali?, quem está aí e não está aí?, sem recibo para comprovar, a mulher simplesmente naturalizada, sim, ela mesma, a russa impropriamente apropriada, mesmo que com os impostos apropriados, até mesmo duplamente naturalizada, é melhor prevenir do que remediar, processo iniciado pelo chefe da empresa, que agora começa seu partido, um só seu, não importa, devem imperar a empresa e a presteza, afinal alguém deve imperar, até mesmo sobre nós mortos vivos é preciso ainda imperar, na igreja, no convento, tanto faz, lá deve simplesmente imperar, o que impera pendurado na parede, mas há muito tempo ele já não tem mais nada a dizer. Contudo nos perguntamos de quem vem o domínio, não o domínio próprio, o outro, e também já recebemos aqui a resposta, pois tudo é partilhado, como as pessoas enviadas a toda parte para espalhar a palavra de Deus já que não tinham nenhuma delas próprias, como as pessoas distribuídas em todos os países, como esse país é dividido em estados, assim também a gente daqui tem seus lugares divididos onde podem fazer lucros ou dívidas, depende totalmente deles, de nós não depende nada, mas depende deles se ficam ricos ou não. Têm todo direito, todo dever e tudo de tudo, pois leva-se em consideração suas capacidades e propriedades particulares. As nossas não são conhecidas, talvez também tenhamos capacidades, nós mesmos não sabemos. Fomos cegados por vocês e atormentados por nós mesmos, porque nossas capacidades brotam em algum lugar onde não temos acesso a elas. Não ficamos quietos, mas não querem nos ouvir. Se vocês hesitam em entrar em campo sozinhos, então é só acampar em outro lugar! Podem escolher. Nenhum Deus segura o cetro celeste diante dos narizes de vocês, até aqui e nem mais um passo, esse que não reside lá onde procuramos por ele. Procuramos por ele no mapa da cidade, com o GPS, com aquele aplicativo que sabe calcular até os caminhos a pé entre os trilhos, de acordo com como você anda, devagar, médio ou rápido, e você anda e anda, ou nada e nada, dirige e dirige, você afunda e já está quase no fundo, aí é resgatado, não, você morreu! Não foi salvo. No fim trata-se do que você é, se seu destino é ou não, e você não precisa mais ser tratado, qualquer tratamento seria supérfluo como a água sobre você, qualquer ação, a resposta é não. Você procura Deus, mas lá onde vocês o procuraram não está, o senhor injulgável, que é a cidade, o povo como um todo, tudo de um modo geral, ele chama o altar o seu fogo, o do país, bom, bom, não duvidamos, só lá onde diz no envelope é que ele não está, não

mora, não reside, não resiste, a isso podemos atestar. Estamos no nada, e esse maldito moscardo infelizmente continua nos prendendo, ele pica e pica, e a Europa sai daí, não, preciso procurar isso de novo, foi totalmente diferente, poderíamos dizer a vocês se não chafurdássemos na cova, sempre tão preguiçosos. Mas digam logo!, não dizem?, embora possam googlar isso tanto quanto a gente, teriam os aparelhos para isso, esses que vocês de fato têm, pois é, pois é. No mar não precisam de Waze, lá ninguém sabe o caminho, nem mesmo uma máquina, ou sim, só as máquinas sabem o caminho!, mais ninguém, o mar é grande demais para vocês? Vocês experimentaram, mas era grande demais para vocês? Ora, isso a gente já podia ter lhes contado. A gente sabe disso por experiência própria. É simplesmente grande demais. Não dá para ver o outro lado. Um mar que fosse do tamanho certo para vocês não existe no mundo inteiro. Agora sabemos disso por experiência própria, pois tentamos experimentá-lo todo. Não se conformou a nós, o mar, e também ele mesmo foi feito conforme o projeto. Não, sem ladrilhar, seria desnecessário, de todo modo para nós não tem chão. É assim, como tudo é assim. Firme ali onde se pode construir, pois a nação sabe melhor com quem pode contar e com quem pode construir, e é o que ela faz, pois é necessário construir espaço para moradia aí. Comer também, mas não queremos ir tão longe a ponto de pedir por comida. Estamos cansados, fomos até a capital, nos deitamos em uma igreja, nossas poucas coisas, nossas tralhas doadas, nossa sujeira, que também somos nós mesmos e que devemos jogar fora, pelo menos uma parte dessa pobre sujeira, a escavadeira juntou em poucos segundos e pronto. Nem tivemos que fazer nada. Nem tivemos que ajudar. Pronto, acabou.

Nenhuma tarefa de nenhuma área que ainda pudesse ser realizada. Nenhuma área mais para nós, que o gerente da área nos concedesse. Nós devemos ceder, confessamos: todo ser humano é ilegal. É verdade. Todos nós. Nenhuma garantia em que pudéssemos acreditar, nenhuma especialidade regional que pudéssemos provar, nenhuma influência que pudesse promover a diversidade, bem, isso vocês vão impedir, está claro, nenhuma única diversidade e nenhuma mínima unidade individual. Isso já seríamos nós se necessário, poderíamos ser isso, sim, exato, poderíamos fazer nosso dever, mas vocês não entendem, nenhuma tarefa que pudesse ser realizada, talvez por nós, mas vocês estão cagando, nenhuma divisão de tarefas, e então também não podemos assumir nada nem empreender nada. Ao contrário de vocês e das suas relações, agora não sei o nome dessa dama, acho que Europa, não, Io, eu, o homem do sul, o sulista, eu então, só eu, mas não basta, meu valioso nome não basta. Pobre de mim, diz ela, picada e emprenhada, não presa pelas picadas, mas perseguida, emprenhada por um Deus, não, não está certo, o Deus emprenha todas, mas não a mim, não a vaca, o que é que ia sair disso! Queremos antes entrar do que sair, mas não dá. Fora sim, dentro não. Vocês ouvem o barulho e a briga no apartamento vizinho? Tem um conflito? Nós chegamos e fazemos isso, fazemos barulho, briga e conflito, fazemos isso sem esforço. Pois a qualquer momento vocês podem pedir ajuda e chamar a polícia, que está aí para vocês. Para nós não, para nós não. Para nós também, mas de outro jeito. Ela está aí para nós também, mas vinda de outro lado, pois conseguiu nos alcançar, antes derrubou a porta, antes atravessou a água, que não oferece um apoio firme, mas não importa. Por muitos discursos aprendemos que a polícia está aí para nós, veio especialmente para nós. Só que para nos levar embora e evitar o pânico, óbvio. Falta-nos a permissão para intervirmos nós mesmos, nunca somos aqueles que fazem a intervenção, somos o alvo da prevenção, da intercepção ou da intervenção, olhem aqui por essa escotilha, por essa braguilha, podem pôr a mão! O que encontrarem podem levar. Nós não podemos, a retroescavadeira já vem! Essa mesa bamba foi uma doação! Não é nossa! Mas a retroescavadeira não se importa. Não evitem esse conflito por medo, então qual?, bem, aquele lá!, podem intervir no conflito, podem se servir! Vai valer a pena para vocês. Se virem alguém passando necessidade, tenham colhões, façam alguma coisa! Se nos virem, recolham-nos! Apanhem-nos, recolham-nos e consigam segurança, um pouquinho de segurança para seu Estado, para seus concidadãos, para seus vizinhos, e nos joguem fora daqui. Removam-nos como uma mancha de gordura. Removam-nos, mandem-nos embora! Salvem-se de nós! Sim, assim está bom. Só assim uma sociedade na qual os direitos humanos sejam varridos, juntados,

jogados num monte e recolhidos por uma escavadeira, quero dizer: onde os direitos sejam respeitados, será uma! Como? Será uma sociedade, naturalmente, deve se tornar uma. É o que querem, não? Ser um só com vocês e consigo mesmo, então também não precisam fugir, não sobre desertos e não sobre montanhas. Nós simplesmente não somos nenhuma sociedade, ou só uma bem pequena, o que significa nenhuma ainda, talvez esse seja o problema do pastor arrendado? Que ele não pertence ao seu rebanho? Que só foi alugado? Até para os animais, só contratado? Somos muitos, simplesmente, não tantos quanto os animais, mas até que muitos também, pelo menos mais, mas nenhuma sociedade, e só assim podem fazer de vocês mesmos uma sociedade segura, nos afastando. Fora conosco! Nós nos perguntamos como é que sequer fomos descobertos, foram cães que nos descobriram, os amigos dos pastores, os ajudantes fieis! Ajudem vocês também! Nossas coisas já foram jogadas fora mesmo, nós as seguimos de bom grado, também seguimos vocês sem demora, já fomos. Vocês têm que garantir a segurança nacional, a polícia também tem que fazer isso, vejam, vocês já têm companhia, cuidem da segurança e nos levem embora. Tanto faz como procedem nesse sentido, tanto faz se há processo ou não, tanto faz se há qualquer coisa ou não, simplesmente nos escorracem! Nos tirem daqui! Tanto faz como vai o processo contra nós, façam-nos partir! Ou simplesmente façam-nos deslizar para a água. Sim, lá onde já estamos. Façam-nos ir, não é difícil, lá se vai o correio! Ou talvez não? Façam-nos partir juntos de uma vez, seria bacana também, fujam junto conosco!, mas não, isso vocês não querem, querem partir, mas não assim, mas não desse jeito em que não conseguem imaginar de onde. Nosso espírito perturbou vocês, estranho, se não temos espírito algum, nossos pés danificadores de grama, esquecemos disso, não, sim, já muitas vezes, provavelmente vezes demais, com certeza centenas de pessoas chamaram, informamos que também a grama diante da igreja agora se foi, amassada, destruída, aí não vai crescer grama nova mais, e olha que tinha acabado de ser plantada na primavera passada, fresca e viva!, aí de todo modo não cresce mais grama nenhuma, ninguém mais colhe, nossos pertences doados levados pela retroescavadeira, tudo se foi, não podemos pedir que vocês olhem nossas terríveis deformidades humanas, nossos corpos meio-animais meio-gente, como essa Europa ou Io, mas qual delas duas agora?, meio donzela, meio vaca, as gentes admirando o milagre. Hoje as pessoas não fazem mais isso, mas veem pela televisão, tranquilas, pois ao lado delas está sentado o Deus atlântico, não, não o Atlântico, também não precisamos de um mar tão grande assim de novo, um pequeno já está bom para nós! Dá e sobra para todos nós, esse Deus promete e os protege, com sua fala ele salva o dia e nos tira a vida. Querem nos mandar embora? Por favor, é para já! Fora. Ah, deus, quem se compadece do nosso, quem se compadece de nós pobres enlouquecidos, meio animais, meio gente, sem nada de humano, nadinha mesmo, quem se compadece? Bem, vocês também querem carregar um fardo e talvez se compadecer um pouquinho? Não querem? Entendemos perfeitamente.

A filha, a jovem desavergonhada, não, com certeza ela também não tem vergonha, na casa, na casa abandonada, naturalizada vapt vupt, meio de qualquer jeito, a locatária russa nunca vista, nunca conhecida, mas a nós eles podem ver, vocês podem sempre vir nos olhar, se quiserem, mas não querem. Não temos valor, estamos fora dos valores que os outros conseguiram, que geraram a empresa, que a empresa gerou, a naturalização da filha que canta na empresa, não, queremos dizer da outra, que não sabe fazer nada, mas isso talvez seja uma vantagem, já temos nosso veredito, então por que não julgar os outros?, de todo modo temos juízos de sobra, sempre, não importa. A firma de carros não foi comprada, mas o homem queria comprar, a fábrica-matriz impediu, a empresa, que por um tempo eterno infinitamente impera sobre nós todos, não o redimiu, não redime Deus, nosso senhor, de seu hálito divino, ainda precisa dele, precisa dele para fundar todo um partido, já que já não pode produzir todos aqueles carros, o fornecedor, mas só nós é que somos entregues; essa fábrica, um peão da empresa, do Deus, um Deus ainda maior que Deus, algum é sempre maior, até maior do que todo Deus, e o desejo de mais, esse maior desejo dos homens, aquele que faz eles serem algo, bem, nós não, mas todos os outros, faz eles fazerem mais de si, esse peão de Deus que se trouxe sem truque no útero como Io carregou Europa, como o mar não nos carrega

mais, ele simplesmente não quis, o barco também não quis, o que é que se pode fazer?, não fazemos nada, o barco não nos carrega, não nos suporta, o mar também não nos carrega, fermentamos nele como massa de pão, nossa gordura incha, se ninguém vier agora nós ficaremos para sempre escondidos como Io com Europa, já não era sem tempo!, e as duas sequer existem!, nunca existiram! — tudo bem também!, o que não existe não pode se perder ou algo assim, não, com certeza não tanto assim — algo é gerado, algo é produzido, que infelizmente não pode ser produzido ou já se perdeu antes da criação. Ou só foi dividido em partes, foi repartido, de todo modo não para nós. Então nada vai sair daí. Nenhum carro. E carros são o que de mais elevado existe, o barco é o mais baixo, mas mesmo assim necessário, também para nós. Só que não nos serviu de nada. Nossas coisas, nossos trecos se foram, nossas coisas doadas foram juntadas, quebradas e jogadas fora, só nós ainda restamos, e por toda parte os países vibram de alegria e agora dizem a verdade, palavra de honra! Mas não precisam dizer, já sabemos de todo modo, mas dizem mesmo assim.

O filho de Deus não podemos ser, outros têm de ser ele, não sabemos quem, pois já temos que ir embora, talvez não assassinados, mas embora, fora, assim. Essa raça aqui pode se gabar: Enfim foram embora, e agora também não tenho mais vontade, não precisam me agradecer, não é necessário. Talvez eles também não tenham mais vontade de entrar, de arrombar a porta, de fazer um buraco no muro, de partir o mar, mesmo que só passando por cima, não, não a pé, jogar gás lacrimogênio, verter lágrimas, jogar fora toda a porcaria, nenhuma vontade mais, simplesmente não querem mais, pois a boa vontade valeu para a fábrica, e já faz tempo que naturalizaram outras; naturalizada a filha do Iéltsin, magnífica, nem teríamos acreditado que era possível, só que infelizmente não vai adiantar para nós! A firma naturalizada, o banco já estava aí, o banco disponível, senão nada de naturalização. Mas não deu certo. Não tem problema. Bem, não tem problema para vocês, nisso bem que acreditamos, mas talvez não seja justo com o senhor da empresa. Essa naturalização já está completa, cedo demais, mas mesmo assim, infelizmente não trouxe nada, um investimento equivocado, a naturalização da filha do Iéltsin contudo perfeitamente completa, já está aí, no seu campo, onde nenhum animal selvagem ousa entrar e nenhum caçador, não, lá não, ela está em outro lugar, tem que estar em outro lugar, não sabemos onde, as cortinas fechadas, o conhecimento sobre isso estreitamente transcrito só preencheria poucas páginas, e quem é que escreve sobre isso, quem é que canta sobre isso, quem faz qualquer coisa, quem faz alguma coisa, quem força as pessoas aqui e seus olhares bobos confusos, confusos de tanta bobagem que nos contam, quem os força a se juntar aos outros assassinados, teríamos nos ajustado direitinho a eles, achamos, talvez não direitinho, mas mesmo assim? Não importa, não importa. Formamos o horizonte para algo que também poderia acabar alegre e feliz, mas não é o que acontece. Não formamos nada, não imaginamos nada, já estamos mortos, ao menos parecemos. E diz aqui também, não, não diz, não diz aqui que mortos podem ser naturalizados, não, também não diz nada de mortos vivos, nada, nada daqueles cujos mortos ainda vivem e cujos vivos estão mortos, nada disso, não queremos ouvir isso. Ao último não vem nenhuma luz, não tem luz no fim do túnel, o último apaga a luz. E somos nós.

Mas não podemos fazer nada! Nós mostramos respeito, demonstramos respeito, aí vem o respeito, e também mostramos o nosso, eles se encontram no meio do caminho, mas o nosso não é colhido, demonstramos diversos talentos e forças, mas infelizmente não são colhidos. Nada é colhido, de todo modo não da nossa parte. Somos apenas recolhidos, é claro. É o que faz a retroescavadeira. Não somos acolhidos, não há se se tomar a parte pelo todo, por toda a empresa, a empresa está aí ela mesma, mas não pertence a ninguém, nem a nós, o que quer que tenhamos feito, antes, agora está oculto na escuridão, e ninguém mais nos segura em suas mãos poderosas. Não tomamos nenhum banco russo, não tomamos partido de nenhuma indústria automobilística, sequer damos a partida em algum carro, nem numa motoca, sempre freados pela mutuca, não podemos nos livrar dela, senão estaríamos em lugar nenhum, pelo contrário, senão talvez poderíamos dar a partida, mas nos enfiamos fundo demais no solo materno de vocês, essa maldita mosca, a única que funciona, senão sequer ficaríamos aqui, a gente já teria partido; não fujam de nós!, nós mesmos fugiríamos se pudéssemos.

Não temos credibilidade nem crédito, também temos fraquezas, temos apenas fraquezas, não somos nem nos tornamos compatriotas, também não temos compadre para ser nosso fiador, não temos nada, ninguém fala por nós, também não falamos nós mesmos, não, nossos mortos também não falam, e muito menos por nós, do mesmo modo nossos atos, talvez eles falem, mas não por nós, e como deveriam, já se foram faz tempo, nossos atos e nossos mortos já estão longe, mais longe impossível, suas cabeças foram cortadas, não, não dos atos, isso acabou de se dar com meus primos, não por acaso registrado em vídeo, um vídeo ou foto sempre está por perto hoje. A princesa russa não se pode deter, em lugar algum, não nessa casa na rua movimentada no leste do país, não é detida, ninguém a viu, talvez ela nem exista, não, tem que existir, pois agora é cidadã, o senhor Deus providenciou, todo-poderoso ele domina tudo de mais elevado e não tem que olhar servilmente para ninguém acima dele, só seus princípios olham para ele, e aquilo que ele principiou, quem empreende algo tem princípios, mas eles não pertencem a ninguém, e também o senhor, sim, esse aí, que queria principiar algo que trouxesse altos valores, digo, princípios, ele não conseguiu, claro, o que quer que lhe brote na ideia já está feito, não, dessa vez não, pena!

Nós não somos providenciados, por ninguém, só estamos aí, simplesmente estamos aí e só, e todos estão mortos, nós também em breve, vocês verão, podem se alegrar desde já, de fato sempre há tempo o bastante para se alegrar depois, pois quem ri por último realmente tem que ter algo de que rir. E se fomos embora vocês podem se alegrar de novo e voltar a se alegrar por termos ido, por terem resolvido esse conflito sem usar a força, pois outra força o resolveu por vocês, mas isso não querem admitir. Nós mesmos assumiríamos isso, mas aqui há sempre, sempre mesmo, um substituto para fazer o trabalho de pisar nos direitos dos outros, de cortar essa mesa doada com os copos de plástico, de pisotear as cadeiras de praia, também doação, de destruir nossos pertences, os poucos, que nem são nossos, e jogá-los fora, a retroescavadeira faz isso, ela ajuda vocês, e mesmo que não esteja viva: Isso é coragem moral viva, vivida, mesmo se vocês mesmos tivessem desvantagens a temer com isso. Mas não têm, vocês não têm nada a temer, e muito menos desvantagens, não têm nada a temer, por favor podem entrar e pisar e pisotear tudo, isso tem um efeito a curto prazo que podem facilmente alongar se também nos pisotearem, nem somos tão duros quanto essa mesa bamba de plástico, nem tão duros quanto esses móveis de jardim que alguém não quis mais usar porque já estavam muito usados. Se fizermos tudo isso, se nós todos fizermos tudo, viveremos em um país seguro, pois bem, de todo modo seguro contra nós, mas já é alguma coisa. Às possibilidades de Ser do Ser-com-o-outro, já dissemos isso, agora repetimos caso não tenham acompanhado, pertence a insubmissível substituibilidade de uma existência por uma outra. Mas vocês naturalmente não querem ser substituídos por nós, compreendemos, nem querem que pisemos na grama, isso estraga o belo gramado ainda mais, cada vez mais, já dissemos isso, porque vocês nos disseram, o gramado que justo agora (quem é que disse: na última primavera?) foi posto fresquinho como o filho no seio da mãe, pois, ouçam, a ampla multiplicidade dos modos substituíveis do ser-no-mundo, isso também já dissemos, mas nos diverte tanto!, estende-se não só para as possibilidades desgastadas no com-o-outro público, mas diz respeito igualmente aos limitados a ambientes determinados, limitados em tudo possível, diz respeito também a nós, sim, também respondemos a isso, pois também somos possíveis, mesmo que não acreditem, também somos pessoas, é verdade que somos outros, talvez sejamos os uns e os outros, mas também temos profissões, não, agora não mais, posições, não, agora não estamos mais bem posicionados, pois onde estaríamos?, e expectativa de vida, sim, expectativas nós temos, pois sim, então as possibilidades, podadas a isso tudo, de cuidar, o que tem, ah é, sim, isso diz respeito a tudo que acabo de mencionar e pronto, ela se estende e se aplica. Podem escolher! Essa frase não termina nunca, não é minha, o domínio de vocês também não termina, mas ele vem de vocês e volta a vocês, ele sabe a quem pertence, por favor afastem-se, favor se afastar, aqui vem a corrente, por favor afastem-se das beiradas!

Nós demonstramos respeito e jogo limpo aos outros, isso nos é exigido, devemos tratar os outros assim, como nós mesmos queremos ser tratados. Por favor, fazemos isso, mostramos, demonstramos

respeito, ele até mesmo vai à nossa frente, o respeito, então faz a volta e vem na direção contrária, isso nos deixa muito contrariados, pois nós também contrapomos algo, contradizemos, demonstramos mais uma vez respeito a ele, pois também recebemos respeito mais uma vez, não nos lembramos quando foi a última vez, mas recebemos algo, acho que foi uma garrafa térmica, porque na igreja é tão quente, e queremos ser tratados do mesmo modo, assim queremos que nos tratem, não como a filha do presidente russo, que não precisa de nenhum respeito mas consegue tudo, mas nós o demonstramos por livre e generosa vontade, mostramos respeito, onde podemos colocá-lo, fomos tão decorosos e demonstramos respeito, porque respeito também nos foi oferecido, agora onde podemos colocá-lo, onde devemos colocar o respeito? E então onde devemos nos colocar a nós mesmos? O respeito se espalhou demais. Não sobrou mais espaço. Onde devemos o e nos colocar? Devemos colocá-lo ao lado dos nossos talentos e forças, para que também o tenhamos quando quisermos recorrer aos nossos talentos e forças? Então estará bem ao lado, o respeito, que nós compramos, ou não? Não o roubamos, palavra de honra! Sim. Compramos honrosamente. Sim, nós fazemos isso, fazemos isso! Fazemos agora! Também mostramos jogo limpo, demonstramos respeito e jogo limpo, sim, lá também já estão nossos talentos e forças lado a lado, já os guardamos antes, queríamos ter as mãos livres, não precisamos disso aqui, não precisamos dessas coisas, da mesa dobrável precisávamos, as pessoas também querem poder sentar juntas, não?, mas agora ela se foi, ninguém precisa disso aqui, do jogo limpo, não, do respeito também não, de nós mesmos também não, mas talvez traga algo, nós deitamos juntos, assim, deitamos tudo isso junto, então ocupa menos espaço. Deitamos juntos o que temos, talvez então possamos comprar algo com isso? Tomara! Tomara que nos deixem entrar nesse Lá que nos foi preparado, Acolá, onde estão Aquele lá e Aquele outro, onde supostamente devemos ir todos, onde devemos nos juntar a eles. Mas não podemos. Não podemos. Deitamos junto o que temos, e então a escavadeira, se esquivando do frio gelado diante da igreja, na grama congelada, ela mesmo congelada, todos nós congelados, mas pelo menos dentro, na casa de Deus, então tudo isso é levado embora e pronto. Foi e pronto. Queríamos ser habitantes deste reino, mas não podemos. Uma moradia, impermeável e silenciosa, que tivéssemos junto com os outros, isso seria incrível, mas não agrada vocês. Não há nenhuma casinha pronta para a gente morar, só esse convento, aí podemos ficar, pois podemos ser mandados embora a qualquer momento, talvez já tenhamos sido, pois mandar embora para nós significa ficar, só que em outro lugar, e sim, também estamos a serviço de vocês, podem eleger, podem eleger talvez até mesmo nós! Elejam a qualquer momento! Para que vocês têm eleições?! Vocês não querem ser nosso abrigo. E todos os cidadãos que tomaram essa decisão de nos afastar, de nos tirar das vistas de vocês, agora estão bem diante da urna e elegem seu bem-estar; com balanças igualitárias nos olham os partidos, eles querem ser justos, não, não querem de fato, e ninguém é justo conosco também. Estão esperando amigos ainda melhores do que nós? Quem estão esperando? Melhores que nós? Não teríamos envergonhado vocês, teríamos nos envergonhado, de bom grado, sempre, se nos tivessem pedido, pois rapidamente tudo que sai da boca cai na boca do povo, e facilmente o falado se torna famigerado e odiado. Assim é. Assim é. Advertimos vocês de que teríamos nos esforçado, teríamos nos queixado de nosso duro fardo, mas então teríamos nos esforçado muito, prometemos que íamos nos esforçar, só não sabemos para quê, para quem, pelo quê, fazemos o que podemos, não teríamos machucado nem mesmo um animal, nem uma pessoa, isso não nos pertence, mas não podemos pertencer a esta terra, vocês se protegem de nós. Vocês toleram tudo, só a nós não toleram. Não evitam xingamentos, nos tornamos alvo de gozo e troça dos nossos inimigos, bem que gostaríamos de ter evitado isso, acreditem, não foi possível. Perdoem-nos. Bem que gostaríamos de uma moradia pronta, o que quer que a cidade quisesse nos dar. Encargos e deveres teríamos assumido de bom grado. O que quer que o pai Estado nos tivesse aconselhado teríamos resguardado, fiéis e confiantes, pois decoro e vergonha nos são mais caros que a vida, que de todo modo não podemos continuar. Então. E agora também elogiamos algo, pode ser o deus de vocês também, estávamos na sua casa mesmo, tinha boa aparência e estava bem arrumada, pelo menos até que chegamos montamos acampamento e apanhamos uma

pneumonia e algumas greves de fome. Elogiamos a cidade, que jamais seja inundada, nunca acontecerá pois não tem mar, mas tem essa corrente, está precavida, a cidade tem corrente e rede elétrica próprias e uma área de várzea, possivelmente até outras áreas e outras redes, mas só um gerente de área, infelizmente não o conhecemos. Ele não veio, também não precisou, já estava aí. Precavida para tudo, para tudo e não só para a gente. Bom, compreendemos, vocês não podiam saber que viríamos, não nos reportamos às autoridades, aparecemos sem sermos anunciados. Somos os não-anunciados. Os suplicantes. Os crucificados, não, isso não, algo assim não deixaríamos fazer conosco. Por nós o Deus de vocês pode fazer isso, nós não fazemos. Poucos olham para nós com compaixão. Outros se entronam sobre nós e não nos veem, embora estejam bem em cima da gente, deveriam nos ver, até de um avião deveriam nos ver, até como águias. Mas não. Dão as costas! Olham para outro lugar, mas olham atentamente como sempre. O desejo de caçar é mais forte, sempre mais forte, mas não nos veem, a balança balança, ela afunda conosco, somos pegos da geladeira, a caçada já acabou faz tempo, então estamos aí, uns pedaços de carne, nada mais. E agora acontece, talvez já tenha acontecido enquanto vocês veem isto, o que nos foi imposto pelo destino, isto é, o fim. O desaparecimento. O virar o rosto para nós, e de fato as duas faces, depois de uma face virar e oferecer a outra face, virar as duas faces. Isso nos mantém em movimento. Bom. Permanecem sem comoção os comovidos, facilmente comovidos por vídeos de gatos, comovidos por filhotinhos de cachorro, o futuro já se aproxima de nós, disfarçado, sim, mesmo disfarçado o vemos, também já nos enfiamos no fundo do poço, do abismo, não foi tão ruim assim, mesmo não tendo fundos para isso, quando até o oceano tem um, em algum lugar, só queríamos olhar, simplesmente, sim, também já vemos o futuro, sim, ele ali, ainda oculto na escuridão, digam-nos de que é que ainda devemos fugir e sobretudo: por quê? Para quem? Que nos seja feita a justiça, rezamos por isso, que a isso conduza minha reza por um salvo-conduto, pela sorte grande, por uma sorte melhor, mas não vai acontecer. Não vai acontecer. Não é. Nem estamos aí. Nós viemos, mas sequer estamos aí.

Ésquilo: "As suplicantes"

Ministério do Interior, Secretaria da Integração: "Conviver na Áustria"

Ovídio: "Metamorfoses"

E uma pitada de Heidegger, tem que ser, sozinha eu não consigo.

OS CONTRATOS DO MERCADOR
Uma comédia econômica

Talvez pudesse ser assim aqui: o salão sem janelas, pouca luz, paredes e forros pretos, chão e fileiras de cadeiras cinza escuro, as pessoas vestidas em cores escuras. Bem na frente um estrado, as mesas sobre ele cobertas com toalhas pretas. Onde estou? No encontro anual dos nargóticos anônimos? Do fã-clube dos agentes funerários, eu não tinha uma ideia melhor? "Annual General Meeting, 16 July 2008, St. Helier/Jersey ou St. Peter Port/Guernsey, tanto faz onde, nossa sociedade convida". É o que diz na projeção na parede de trás, no fundo do salão. Falta um vocábulo: Extraordinary. Assembleia geral extraordinária. Trata-se de um negócio milionário. O banco, a sociedade imobiliária de um país distante, inalcançável para nossos pés, querem aqui ver selado o que acordaram. Muitos acionistas temem perder mais dinheiro ainda. E é o que vai acontecer. Com algumas centenas de milhares de votos no bolso, sentam-se no salão, representantes de pequenos investidores, que não conseguiriam sequer encontrar o próprio banheiro se não houvesse placas mostrando o caminho pelo apartamento, do qual logo serão implacavelmente removidos, porque compraram ações dessa sociedade. Venderam tudo para comprar ações dessa sociedade. O que há por aí? MacBooks ou outros notebooks nos joelhos, vocês também de joelhos, três Voting Machines eletrônicas, pastas, Blackberry, máquinas fotográficas, documentos, material de escritório, uma pequena garrafa de água mineral. Sem mesa. Tudo no chão.

O texto pode começar e parar em qualquer ponto que se queira. Tanto faz como é enunciado, imagino que três ou quatro homens o gritam o mais alto possível. Não precisam fazer isso com precisão, quer dizer, não têm que ficar sempre no mesmo ritmo necessariamente, podem tranquilamente surgir defasagens e imprecisões, mas por favor não de propósito! Também é possível gravar e pôr para tocar nos banheiros ou no guarda-volumes, tanto faz… Se é para encenar, grandes cabeças de políticos feitas de papel-machê, como usam nas manifestações contra a cúpula do G8, seriam bem engraçadas.

Obrigada a todos vocês, posters, digo, posers, também não é isso, enfim, vocês que fazem posts! postadores, ó, vinde a mim! Ainda tem muito espaço no presépio!

PRÓLOGO

Toco vocês como quem toca um instrumento, em algum momento vou conseguir tirar de vocês a nota certa. Entendo que vocês não são videntes nem especuladores, acima de tudo são inocentes, ainda têm algo a acrescentar? Quase alcançado e no entanto fracassado, quase que conseguíamos recuperar o banco, se apenas não tivéssemos fracassado – uma coisa dessas você não consegue apagar do currículo nunca na vida, mais fácil apagar a própria vida! Não querem explicar para mim? Eu não consigo explicar. Não consigo explicar que o sindicato, por meio de uma série de empresas de fachada, que foram incorporadas informalmente na forma de uma fundação em Liechtenstein, o nada no nada, do nada ao nada, bem ali entre nada e nada, fosse proprietário da Refco!, isso não sei explicar: Eis lá aqueles que têm tudo, quer dizer, um sindicato, e eis aqui os outros que não sabem explicar onde foi que conseguiram isso. Como apreender? Um sindicato, que por alguns meses foi até acionista majoritário da Refco! Como algo assim pôde acontecer? Opa, como aconteceu? Como pode acontecer que um sindicato possua uma dessas pragas que devoram tudo, um gafanhoto, e o adestre para não cantar, embora ele poderia fazê-lo, cantar como um animal doméstico, como um grilo que sentou na grelha quente do forno?, e então ainda por cima se engalfinha com outro gafanhoto, que também já se sente mal, mas ainda tem um monte de comida na frente, e no entanto o come também? Muitas vezes esses grilos ainda fazem ouvir seus gritos, digo,

seu canto, quis dizer que esses canhotos, ai que gafe, esses gafanhotos muitas vezes ainda continuam cantando dentro da barriga dos gatos! Ele tem que praticar aquilo que está dentro de suas possibilidades, o gafanhoto, ele quer fazer picadinho desse banco, mas só daqui uns anos. Um banco sindical, que se ocupa das pequenas economias dos pequenos, de traduzi-las para a língua dos grandes, é para isso que foi contratado, para isso é que o sindicato foi criado para começo de conversa e floresceu esplendidamente, como nós quando o clima está belo e quente. Esse sindicato, confortável no seu banco da praça, come nosso almoço, para o qual não ousamos mais ter tempo! Ele devora nossa comida na forma de um grande incesto, digo, inseto, pelo menos por ora; vejam, há empregos de fantasia e há empregos de fachada, e no meio há pessoas que trabalham de verdade para não perderem seus empregos de fato, mesmo que não sejam de fato empregos fantásticos. Os que podem fantasiar não podem disfarçar um leve bocejo. Por favor atentem agora para o dever de diligência: vocês trabalham com o próprio dinheiro, que enfim deve trabalhar, ou não trabalham absolutamente, mas então seu dinheiro também não trabalha, e não é só porque vocês não têm nenhum. Vocês também não seriam o melhor dos exemplos para ele, mas nem por isso teriam ferido nenhum dever de diligência, pois não poderiam estar devendo contas do próprio dinheiro, quando a gente é dirigente não tem que ser diligente, exceto quando se está dirigindo. Você é quem está perdendo!, o banco ganha sempre, mas um banco trabalha com dinheiro estranho, de estranhos, ele também ganha sempre?, não, o banco até distribui o seu próprio!, esse banco é bom demais para nós, esse banco é bom para tudo, sim, o sindicato também, o sindicato dá tudo de si para se tornar um estranho como seu dinheiro, que já passou por muitas mãos cujos donos se estranhavam mutuamente. Mais valia, digo, melhor seria jogar fora. Vocês, sim, vocês!, só se tornarão ganhadores quando outra pessoa vir em vocês aquilo que vocês não são. Enfim. Quando ele vir o que vocês são, vai sair correndo. E em troca, justamente, se bem que talvez não seja uma troca justa, o especulador agora tem vocês nas mãos. Mas só porque vocês puseram algo nas mãos dele, e então ele perdeu tudo, vocês perderam, e ele também perdeu, e ele também perdeu vocês. Mas vocês não vão se afastar dele! Em compensação algo se afasta de vocês, algo que na verdade vocês de todo modo não possuíam. Quando é que vão poder ser proprietários e usufrutuários de um novo sofá agora? Este ano não mais! Vocês não se afastam das suas sugestões sobre como seria possível ganhar. Circunstâncias atenuadoras? Não é um pouco ridículo que, no caso de um administrador que ordinariamente já ganhava quantias extraordinárias, e cuja indenização é maior do que o salário de toda a vida da maior parte de seus subordinados, uma conduta ordeira seja vista como atenuante? Atenuando a pena? O homem estava em uma posição da qual podia conceder a si mesmo aumentos e indenizações quase que sozinho, para que se daria ao trabalho de cometer um crime nas contas? Cometer o delito aqui julgado, embora sequer teria precisado disso, isso deveria ser avaliado como fator agravante, não atenuante! Por outro lado, naturalmente também se pode levar em consideração o trabalho que deu aos acusados cometer um crime, pois esse trabalho saiu do seu tempo livre, para o qual tinha dinheiro o bastante para perder no jogo. Tudo perdido. Tudo um jogo. Jogado alhures. Que o tenha feito profissionalmente também deve ser avaliado como fator atenuante. Afinal ele não precisava, afinal não precisava disso, não precisava ter especulado com o dinheiro, sequer se deu ao trabalho de esbanjá-lo ele mesmo, entregou de mão beijada para mãos alheias esbanjarem, isso deveria atenuar a pena, não? A idade avançada também tem efeito atenuador? Então não sei, se ele não vivenciar mais o fim da sua pena, o que é que sobra da pena? Sua pena fica suspensa. A pobre pena sempre paga o pato. Na verdade, ele recebeu a pena de morte, pena que isso não vai ser levado a ferro e fogo. Afinal ele nem cometeu o crime para enriquecimento próprio, por isso é irrelevante se precisava disso ou não, não? Isso não se sustenta, a sentença não se sustenta. Não vai se sustentar nem o suficiente para passar pela próxima instância, já antes isso desaba. É uma sentença desmedida. Nem para pessoas que assassinam cruelmente outras pessoas, ou os deixam aleijados para a vida toda, é aplicada uma sentença dessas! É perturbador! Onde é que pessoas que cometem um tal crime não são punidas? Em nenhum lugar elas não são punidas. Isso não está certo. Não agravante também não é simplesmente atenuante. Se quiser

atenuar, não pode antes agravar nada. A verdade já é grave o bastante, mas ela não pode ser contada como fator atenuante. Não sabem fazer contas? Enfim, não devem contar com a verdade, quando estão diante do tribunal. Diga sim e é o seu fim, diga não e te soltarão. Lembranças na defesa podem no máximo ser consideradas subterfúgios, à medida que não existem de fato, pelo menos não servem para fugir, não, essas defesas não precisam de refúgio, e mais valia, digo, melhor seria defender a lembrança como recurso natural, antes que desapareça totalmente. Esses subterfúgios não são avaliados pelo tribunal, e nem o fato de o acusado não ter feito tudo sozinho, não poderia ter feito tudo sozinho!, isso não dá em nada, não dá em nada essa defesa, em nada, pois naturalmente o acusado distribuiu tarefas para os andares de baixo, até que esses desabaram sob o peso. O chão simplesmente desmoronou. O desmoralizado não desmoronou, o chão desmoronou. E então naturalmente os andares de cima e a cobertura e a piscina, tudo seguiu e caiu no abismo, que afinal era obra humana e não resultado de um terremoto ou algo assim, todos se molhando de medo na queda, a piscina se derramou, e no fim sobrou só um monte de destroços, todo um campo de destroços, e todos tiraram seus cavalinhos da chuva. Sim, entre secos e molhados perderam-se todos. E tudo isso só por causa de dinheiro! É demais para mim. Não, o dinheiro não. A pena só por conta do dinheiro já é bem alta, pessoas piores recebem bem menos, mas às vezes também têm mais e recebem ainda mais, isso é injusto. A justiça não é justa, o Direito não tem direito de vingar algo assim, ele nem deve vingar nada, o princípio de vingança nos é estranho, nunca ouvi falar!, é inaudito!, um tribunal tem sempre razão quando fala a voz da razão, isto é, do Direito, exceto se a sentença não se sustenta, então talvez pelo menos a base que a sustenta se sustente, não, também não?, mas não, ela se sustenta!, e, vejam, um assalto na rua afinal muitas vezes também é por dinheiro. Muitas vezes é só por dinheiro. Muitas vezes também é só por dinheiro. Toca-se o dinheiro como um tipo de bandolim ou violão ou acordeom, e então deixa-se de lado novamente, e quando se quer tocá-lo novamente percebe-se que não era instrumento algum, pelo menos não um instrumento financeiro que merecesse o nome. Todos querem cantar, mesmo que não no tribunal, e nem todos têm voz, alguns têm que dividi-la, sofrimento dividido é sofrimento diminuído, dinheiro perdido não é dividido, e se é, então não sei quem fez a divisão, agora e para sempre ele se foi e já foi e foi tudo. Eu também já fui! Eu sou quem eu sou. Eu estou onde estou. Agora só falta você iê iê. Onde já ouvi isso? Eu sou onde estou. Sempre estou bem longe disso tudo, não, disso tudo não, só bem longe! Não é dividido, esse dinheiro, é perdido! Por isso é que não se deve dividir nada para começo de conversa, pois senão realmente tudo se perde.

O DE FATO

Primeiro de muitos atos, só não sei onde um começa e o próximo termina.

Como projeção ou de algum outro jeito deve sempre aparecer, em intervalos irregulares, o seguinte: "Esses são apenas alguns poucos dos delitos. Vale a presunção de inocência."

Despidos de tudo, nós, pequenos investidores, guardamos aqui os lugares onde nos escaparam os meios para obter comida, bebida, roupas e eletrodomésticos e casas próprias e condomínios no leste e no oeste, principalmente no leste onde ainda dá para conseguir algo. Sobre o chão agreste apoiamos agora nossos próprios membros, pois não podemos arcar com um novo sofá, embora custe quase nada: fora de questão! Fora das nossas próprias casas estamos sem conselho ou auxílio. Pois muitos amigos, vejo, não são amigos de fato e verdadeiros, não são ações, são apenas certificados, mas também os certificados não são nossos amigos, como acreditávamos até agora, quando o porquinho quebrado nos apareceu na tv e junto com ele uma orgulhosa mulher, a quem nada poderia acontecer em nenhum bosque, nenhum lobo, nenhum improbo faria nada com ela, tão orgulhosa é essa mulher, trazendo para casa a logomarca da empresa na sacola com as ações imobiliárias da bolsa de valores, valores, valores que deveriam estar em todas as carteiras e agora também estão, sim, nós os temos, os eternos valores das ações, pois são ações de imóveis e não vão a lugar algum, mas nossos fundos não são um saco sem fundo, mas também não podem afundar, pesam tão pouco, os valores pesam pouco, mas o

fundamento pesa bastante. Ociosos, nós menores, que ainda não temos direito a voto, nos recostamos no balcão da cozinha, ainda temos que trabalhar vinte anos, pois nossa aposentadoria agora se foi, agora está lá, está longe, apostamos no cavalo errado, temos os certificados, que no entanto nunca nos dão relevo, somos relevados, nossos preços não são elevados, eles são tabelados, mas não somos nós que preenchemos a tabela, lá estão esses preços tão prezados, eles são abaixados, estão tão perto do chão que nós tropeçamos e caímos e caímos, ah!, devíamos ter nos assentado antes deles caírem, antes de cairmos, mas não nos assentamos, aceitamos o jogo, sentamos em outra carruagem e açoitamos os cavalos, apostamos nos cavalos, ou na verdade não sentamos, não tínhamos vaga nem voto, não cabíamos no painel onde nossos nomes foram registrados em giz, nós registramos prejuízos e pagamos e fomos apagados, e como eu disse: deixados de fora, está fora de questão nos deixar lá dentro, nós mesmos adentramos, mas só num banheiro, não podemos entrar em nenhum lugar mais, então sentamos diante da própria casa, justamente trancados injustamente para fora da nossa própria casa, não da nossa casa própria, infelizmente, pois muitos amigos, qual é a deles?, essa logomarca da empresa no saco, ela que era nossa amiga, ela nos prometeu muito, esse mouro da embalagem de café, que cumpriu seu dever e já se foi, a querida logomarca nos prometeu muito, pelo menos até agora, há tanto tempo que já moramos juntos, esse bom amigo com suas compotas e bolos e variedades de café, tantos, seu campo é vasto a perder de vista, o merceeiro como banqueiro, o fazendeiro como milionário: muito prometido, nada cumprido!, promessa é dúvida, a dívida fica para nós, nós é que perdemos, e perdemos de vista o campo desse esperto proprietário, já o nosso não se perde de vista mas foi perdido, perdemos nosso campo de trabalho e não recebemos nenhum outro, o que é que eu queria dizer? Ainda agora eu sabia, quando olhei a minha carteira, ainda tinha algo lá dentro, agora ainda tem algo dentro, mas não vale mais nada, não tanto quanto pagamos outrora por isso, teríamos dado nosso sangue pelos certificados, e com certeza teriam aceito, teríamos enfrentado os céus até, teríamos enfrentado de todo modo, mas só para sofrer pena maior. Pois muitos amigos, amigos como esse mouro, que se foi, mesmo que não tenha sumido, sim, sumiu com nossas poupanças, nosso criado, que se alçou a senhor, o que é que eu queria dizer?, enfim, muitos amigos não são de fato ou verdadeiros, os leais não têm poder para nos apoiar, o senhor representante dos pequenos investidores, representante de tantos impotentes, ele está empenhado em nos apoiar, mas seu poder é limitado, já temos certificados até o pescoço, eles nos puxam para baixo, neles está escrito o nosso valor, mas o que está escrito não interessa, o que conta é o peso da pedra amarrada nos nossos pescoços, a conta escrita na pedra amarrada no nosso pescoço conta também, mas a pedra conta mais, ela afunda, balança os braços e então afunda, e nós morremos por não termos refletido bem, se tivéssemos refletido antes, não teríamos ficado irrefletidos e ainda viveríamos. Nosso valor é nada, nosso valor não é nosso, abrimos mão do nosso valor de mão beijada e ficamos de mãos abanando, com uma mão na frente e outra atrás, agora damos a mão à palmatória, não temos valor e nem valores, nossos valores não valem nada, e nosso valor na verdade não é nada, o que é que eu queria dizer, os leais, não, isso já disse antes, que eles são impotentes para nos apoiar, nós, pequenos investidores, e nem isso somos, somos só um pouquinho investidores, mais não temos, mais não possuímos, tudo o que tínhamos empenhamos como caução por nós, caução por algo que não valia nada, e se possuíssemos mais teríamos investido em grande escala, naturalmente, não seria essa pequenez. Desse modo a necessidade serve aos mortais, como prova podemos nos matar agora, nossa aposentadoria se foi, garantiram 15% ao ano, com garantia, pelo menos!, e o que temos agora? Agora deu merda e aqui embaixo já está fedendo. Somos o cocô do cavalo do bandido. Oh, que jamais ninguém que tenha tido mesmo que meio amor por nós... não faço ideia o que ele jamais deveria fazer, além do mais onde está, esse que meio que nos amou? Se escafedeu, creio eu, não tem mais ninguém aqui que nos amasse pelo menos parcialmente, antes ainda tínhamos um, pelo menos um, pois éramos parte de uma sociedade, a sociedade dos pequenos investidores, que ficava junta, antes, quando ainda tínhamos certificados e crédito e títulos securitizados, um nada assegurado por um muito, um muito assegurado por nada mais que um vácuo que tudo suga, mesmo que os

seguros fossem palpáveis era só merda o que apalpávamos, no melhor dos casos apalpávamos o nada, que não nos dá segurança como dá segurança ao alpinista a querida corda, que lhe é e permanece fiel, espera-se, mas nós não temos salvação, ninguém nos salva e ninguém nos assalta também, é inútil, e nós também somos inúteis, queremos uma previdência privada para não temos que recorrer nós mesmos a assaltos, e onde foi que saltamos? No nada, no melhor dos casos, se bem que mesmo no nada ainda há cobranças, e se o nada finalmente quisesse nos pagar, porque precisa, porque um nada que temos nos força a reduzir a nada o outro nada que somos e a fazer ainda mais cobranças, eu já disse isso, e antes de mim outra pessoa disse, então, sim, então, então não acontece nada também, pois esse nada já está gasto, quem é que ainda dará algo por ele? Talvez esteja até gasto demais, gastamos tanto e gostamos tanto, mas nós, que não somos bons para nada, não precisávamos necessariamente do nada, enfim, esse nada entre nada e nada, o grande nada, que foi investido, ele ainda teria que estar aí, e ei-lo!, o lucro líquido consistindo apenas em juros e nada mais, ele ainda teria que estar aí, pois dos projetos onde investimos nada reflui de volta para nós, tudo flui, pelo menos se tem fluidez, se tem liquidez, montanha abaixo, não é verdade? Mas nada flui de volta, nenhum lucro e nenhum líquido, nada volta, do nada nada vem, do nada nem o nada vem, mas ele vem, o grande nada, onde nós, que não temos nada, nos sentamos e roemos nossas unhas, as que ficaram nos dedos quando se foram os anéis, mais que isso não temos mais, então, se o nada quiser nos recompensar, precisamos deixar claro que só para o nada é que compensou, que é só o nada que não paga nada, que para nós não valeu a pena comprar valores securitizados, oferecidos por uma colaboradora freelancer do Promotor Investment Fund S.A., a essa senhora recomendaram expressamente a obtenção de um empréstimo para a compra de certificados, lindos e firmes, seguros como as raízes de uma amoreira se seguram na terra firme, e que além do mais oferecem segurança e seguros, sim, ela nos serviu, praticamente nos agraciou com eles!, mas agora perdeu a graça, o serviço não serviu para nada e nem o seguro segurou as pontas, não se pode ter segurança demais, não é mesmo, mas a verdade é que nada é seguro, e a pessoa fica aí, aí a pessoa fica lá, como se ela mesma tivesse raízes, e o dinheiro floresce e frutifica, mas é em outro pomar, não floresce nos títulos securitizados que compramos, eles por sua vez se enraizaram em outro lugar, só vão voltar a dar algo quando as dívidas forem pagas, as dívidas se engatam e acumulam, uma dívida é garantia para outra dívida, essas dívidas são nossa única segurança, é mais fácil arrancar do solo uma amoreira adulta do que amortizar essas dívidas, e esses títulos securitizados – transferidos para as chamadas sociedades de propósito específico, o que na verdade quer dizer que elas não têm propósito, enfim, para essas sociedades de propósito específico, que por sua vez são financiadas pela emissão de títulos de crédito a curto prazo, do nada nada sai, com nada consegue-se tudo, é só transferir os riscos bilionários para fora do balanço do banco a tempo, colocar numa fundação, que terá então a cornucópia da abundância para alimentá-la e que ela alimenta, enquanto nos crescem raízes de tanta impaciência, porque nunca conseguimos uma compensação, raízes que no entanto infelizmente não encontram solo fértil depois de terem nos sugado tudo, ao invés de sugar os nutrientes do solo de dívidas – dívidas seguras são sua segurança, na segurança do solo, que não é nenhuma, pois esse solo é inseguro, é que nós nos apoiamos; as raízes crescem mesmo assim, mas não nosso dinheiro, que foi embora, que desapareceu faz tempo, de algum modo as dívidas ficaram mesmo assim, continuam aí mesmo que tenhamos perdido tudo, em algum lugar elas se mantêm firmes, as dívidas, o banco se mantém firme em suas cobranças, e nós também as seguramos, embora também quiséssemos ir embora!, embora outrora olhássemos com prazer para essa fundação com a qual ninguém enche os bolsos, essa fundação não alimenta seu homem, também não alimenta sua mulher e filhos, não alimenta ninguém, pois é feita de nada, mas nós compramos, compramos esses títulos como nada, com nada como nada, não, não com nada, com um nada negativo, com um menos-nada, com dívidas que devem então preencher o nada, ei, de onde é que tiramos isso? Tanto faz. Compramos esses títulos mesmo assim, pois nos embalaram numa segurança enganosa, nós, bebês chorões gritando em suas fraldas, mas sem poder livrar-se de si mesmos, que querem segurança mas não se

seguram, de todo modo sua segurança não é nada, não existe, a segurança, não há segurança alguma, os títulos têm dívidas como securitização, nós os compramos, nós, trouxas, os compramos e compramos a ideia de estar em segurança, mas estamos numa falsa segurança, em uma segurança negativa, estamos falsamente cobertos, estamos enrolados até o pescoço, se nos embalam na segurança é para enviar a embalagem para fora da segurança, a segurança nos deve algo que não pode pagar, mas no fim estamos mesmo na maior insegurança, ainda que nos imaginemos em segurança, acreditamos que esses seguros valem algo, e afinal os seguros não nos seguraram quando descobrimos que nosso Ter, que acreditávamos ser algo permanente, as posses que acreditávamos ser algo que permanece, que perdura para o futuro, o Ter se tornou Dever, assegurado apenas por dívidas, não apenas não assegurado, mas assegurado por dívidas, pois é, o que é que eu queria dizer, talvez algo novo sobre nossas dívidas seguras e lucros inseguros, com os quais acreditávamos poder contar, os riscos do crédito voltam, pois é, voltam para nós, ajuda!, salve-se quem puder!, eles vão nos atropelar, de tão baixos que são, nossos seguros de repente não valem mais nada, e o valor vai baixar ainda mais, afinal nós os trocamos por insegurança, mas como riscos eles nos atropelam, como perigo constante de cair, de desabar, não como prejuízo mas como risco, isso é mais que prejuízo, pois ainda se pode esperar e ansiar, enquanto o prejuízo é prejuízo e pronto e ponto e já era e já foi. Pelo menos não tem mais nada depois. À medida que acreditávamos ter algo, não só não tínhamos nada, mas tínhamos prejuízos, pois é, obtínhamos prejuízos que no entanto tomávamos por lucros, já registráramos erroneamente como lucros para o futuro e acreditávamos poder ignorar as dívidas que tínhamos com a vida de então, o que é que eu queria dizer, enfim, temos prejuízos, não é mesmo, só não sabemos disso ainda, o banco também tem prejuízos mas não dá o braço a torcer, o banco não dá nada, com ele nem a dívida é uma dádiva, e mesmo assim tem prejuízos, o banco, só que ele planejou isso exatamente assim, para que acreditássemos que nós, perdedores natos, acabaríamos por finalmente ganhar alguma coisa com ele e nele, quando todos perdem são então chamados de ganhadores, quando todos têm prejuízo então são outros que ganham, mesmo que não todos os outros; como ganhadores temos unidade, não trindade, pois não dá para três de nós serem ganhadores, Jesus se perde em nós, não é mesmo, é um pouco como na comunhão, você recebe uma hóstia sem gosto de um pacote entre os lábios, nem gosto sobra, nunca teve nenhum, mas nisso consumimos todinho o pobre Jesus sangrando, não é mesmo, não, não é mesmo, faz sentido, não é assim, mas acreditamos ter apostado no cavalo certo e posicionado o cavalo no caminho certo, e onde é que estamos agora?, teve mais gente apostando em outras coisas?, não podemos fazer nada, mas temos que pagar o pato mesmo assim, não é mesmo?, não, não é mesmo, a crise se espalha e alcança todos os segmentos do mercado financeiro, cujos vencedores julgávamos ser, nós sortudos, os pobres podem continuar pobres, mas nós pobres agora nos tornaremos ricos!, pois bem, nós pobres somos os únicos pobres que agora se tornarão ricos, mesmo que não por meio de nosso pobre trabalho!, podemos contar com isso, que não possamos contar com nada e já nos entreguem a conta, pois um velho ditado diz: quem conta com os outros está com os dias contados, mas sabemos em quem confiamos, e vamos pertencer aos ganhadores, não é mesmo?, não, não é mesmo!, nem mesmo os bancos compram mais dos outros bancos, eles compram menos dos outros bancos, mas nós ainda seguimos comprando, não podemos perder, vamos ganhar, porque não podemos perder, porque já perdemos, e agora simplesmente temos que ganhar, seríamos maus perdedores, como perdedores ninguém nos aceitaria, mas afinal não podemos perder, pois como perdedores seriamos péssimos, mas precisamos, pois não conseguimos mais diferenciar um bom risco de um mau, não importa, não importa, os bancos mesmos não conseguem mais, apesar de terem sido eles que outrora inventaram isso de que se deveria conseguir diferenciar um risco do outro, seria o mínimo que se deveria poder exigir dos bancos, pois o dinheiro de volta não conseguimos deles praticamente nunca, nem uma moeda, e se conseguimos então é má moeda, um mau investimento, se bem que aconselhado, bem aconselhado. Mesmo assim um erro. Mas quanto menor é a diferença entre nós, seres humanos, tanto maior é a diferença entre dinheiro e dinheiro, o dinheiro que se perde daquele que se tem,

daquele que se ganha nem se fala, mas nós, nós falamos agora, de nós ninguém fala, então falamos nós, somos todos iguais, comparando-nos com o dinheiro, que sempre é distribuído desigualmente, nós porém somos todos apenas humanos e iguais, nos igualamos uns aos outros como uma dúzia de ovos e falamos, como convém a pessoas comuns, que não ouvem as advertências alheias, não falamos de mais nada, nenhuma corda ressoa em nós, nenhuma mão a faz ressoar, nenhuma mão dá corda no mecanismo e ele não acorda, obstinados nos casamos, obstinados fazemos filhos, obstinados morremos, não é mesmo?, não, não é mesmo, investimos, ouçam, investimos e agora me vem aos lábios um canto de lamento, ele brota involuntariamente por entre os lábios secos, queimados de tanto gorjear e regurgitar, se apenas abrimos a boca, investimos em algo que consideramos seguro, mas queimar o dinheiro teria dado na mesma, pois o que consideramos seguro, o que nos venderam como seguro, e nós compramos o discurso, não o é, isso é que isso não é, não é seguro, mas segurança de todo modo não existe, nós insistimos, investimos, e investimos o nada, o nada é a nossa vida, periodicamente interrompido por viagens de férias belas e excitantes, com as quais uma grande obra se completa, a qual nosso país nunca atestaria, por isso é que vamos para o estrangeiro!, onde também podemos ficar excitados, saímos de férias, mas agora não mais, não podemos mais pagar nossas férias, no máximo férias do eu, ah, se apenas não tivéssemos sido esses!, se apenas tivéssemos sido outros!, investimos muito, investimos tudo o que não era a nossa vida, mas nossa vida só seria a partir da aposentadoria, na velhice, investimos esse nada que seria nossa velhice, se não tivéssemos nos poupado para a velhice, que é quando a vida começa, embora já tenha passado. Se tem que ser o nada, então que seja confortável, por favor!, mas a velhice não vale nada mesmo, o velho de todo modo não vale nada, mas esse é um nada tão seguro quanto a morte, esse no qual investimos, nesse nada que seremos, esse nada bem entre nada e nada, já dissemos, investido em títulos securitizados, em pedaços de papel que não apenas nada assegura, mas assegurados por um nada negativo, um menos que nada, uma dívida a ser cobrada de outros que não conhecemos, mas o banco naturalmente os conhece, naturalmente!, o banco só usa cosméticos naturais para seus balanços, cosmética cósmica da natureza, e ele conhece muito bem seu nada, mas nós não conhecemos o nada que nos reduzirá a nada, enfim, investimos no nada a partir do nada, mas para nós isso não valeu a pena, tudo esbanjado no nada, que foi insegurado por mais que nada, não, menos que nada, estou falando do nada negativo que consiste em dívidas friamente maquiadas, pois é, dívidas que também eram nossas, minhas, coitado de mim, como assim na verdade minhas, nossas? Se nós demos de livre e espontânea e generosa e corajosa vontade! E afinal nós mesmos temos cobranças, temos sempre, o tempo todo, mesmo que não sejam para nós, onde é que isso vai parar, sempre só cobranças? Não vai parar nunca! Temos que disparar todos, pois todos estamos seguros apenas pelas dívidas do nada para com o nada, no máximo por nenhuma dívida do nada para com o prejuízo do nada, o que é que isso deveria ser? Não, não é nada. Como tantas outras vezes, não sei o que devo dizer. Pois é ainda menos do que não ter segurança! É menos que nada. Pois a insegurança também tem suas cobranças, pois é, a insegurança não se dá por satisfeita sem mais inseguranças, ela tem cobranças também para nós, que já temos cobranças suficientes, mas justamente para o nada, e primeiro naturalmente o nada, que tem cobranças para nossos seguros, tem que ser pago, a dívida do nada para com o menos que nada primeiro tem que ser compensada, não é mesmo, e então entramos nós, para finalmente ter nosso nada amortizado. Que amor! Temos nada! Valeu a pena, não para nós, mas tem que haver alguém para quem tenha valido a pena, o nada, que primeiro tem que amortizar o nada e cujas cobranças, e as cobranças do nada para conosco não são nada, digo, são algo, não são sem mais, não são sem juros, em dez anos ainda vão tirar cobranças desse saco, e vão ter que ser pagos juros pelas cobranças não pagas, e quando esses juros finalmente forem amortizados, então os juros de verdade, das cobranças originais, vão vencer, e então nós já estaremos vencidos, então podem nos levar grátis, mesmo que ninguém nos queira, porque já estamos amortizados até a morte. Então podem nos levar inteiramente grátis, e isso ainda é melhor do que não poder ser levado absolutamente, pois o Ser e o Ter são títulos securitizados, são fundações nas quais nossas dívidas não podem estacionar, só as dívidas que

outros fizeram depois de terem recebido todo o nosso capital, elas foram estacionadas ali, o tíquete de estacionamento já está vencido faz tempo, não importa, continuam lá paradas, algumas deitadas, e ninguém pergunta, ninguém pede o tíquete. O nada, o vazio está estacionado em uma fundação, e então até o nada ainda vai fundar algo, então o menos que nada vai fundar ou afundar algo, e então surge uma bela fundação, que se acha bela demais para nós também, e o que temos nós? Nada. E o que encontra a nova direção, eleita penosamente pelos pequenos investidores, todos jovens recém saído das fraldas, das fraudes, dos frascos, quê? fracos, fracassados!, o que é que ela encontra, quando assume esse trabalho para aqueles que a elegeram, para os pequenos e diligentes investidores, que colheram seus grãos, por anos juntaram cupons de desconto, pequenos investidores que também querem seus direitos, mesmo que nunca façam nada direito, quando quer assumir o trabalho para os pequenos investidores que só fizeram merda, mas que mesmo assim essa nova diretoria representa, eleito é eleito, é uma pequena revolução que os pequenos investidores tenham eleito uma nova diretoria, e afinal uma revolução precisa de dirigentes, é um costume antigo, não é mesmo?, um diretório com duas câmaras severas, pois bem, em ambas somos debulhados como trigo, e o que é que o diretório encontra quando quer assumir o trabalho, o trabalho a serviço dos pequenos investidores? Não encontra nada. O diretório não pode nem mandar cortar cabeças, cabeças não podem rolar, porque o diretório não encontrou nada, mas também não procurou nada, simplesmente ficou ali e botaram lenha na flama da inflação, alguma coisa afinal tem que manter o motor funcionando, o diretório nos superaqueceu direitinho, não, ele não mandou ninguém para a fogueira, ninguém foi decapitado!, ninguém perdeu a cabeça, ele não tem escritório fixo, não tem computador, não tem secretária, não tem nadinha, pois a empresa da qual os pequenos investidores agora se envergonham, e mesmo assim elegeram para ela uma diretoria, a empresa, que agora incubou diretores, novos diretores, não consiste de nada senão do próprio nada, todo esse esforço por nada. Em vão. Não, não foi por nada, não foi grátis, o esforço consiste de dívidas, pois a empresa não existe, iurru!, investimos em uma empresa que sequer existe, em nada!, mas que antes era algo, nomeadamente nosso pequeno capital, nossa polpa, nossas poupanças, que pudemos poupar porque por décadas não nos poupamos, mas poupamos, investimos, e agora isso! Investimos em uma empresa que só existe no papel, assim como sua diretoria, que na verdade existe, mas não dirige! Um dirigente teria que ser pago a parte, e de onde sairia? Do nada? Não admira que tenham encenado essa farsa! Os departamentos dessa sociedade na qual investimos foram por sua vez fechados por sociedades administrativas, e agora a firma é simplesmente fechada, a sociedade me fechou para fora da sociedade, pois é, não é tão simples, mas agora fechou, não tem diretoria que mude isso, mas como é que se pode fechar algo que sequer existe?, que escancarou as portas para nossos investimentos, mas não eram portas de verdade, não eram nada, era o nada, cuja vida só era sustentada pelas taxas pelas transações feitas com a nossa vida?, só que infelizmente agora isso não nos sustenta, não nos mantém em vida, agora que precisaríamos mesmo disso ele não contribui nada para nossa sobrevivência, já aplicamos toda nossa vida nisso, por décadas abrimos mão e poupamos de nossas vidas para poder comprar esses títulos, esses papeis, e agora isso! Os departamentos das sociedades administrativas fechados, os velhos diretores fechados para fora, substituídos por novos depois de um golpe dos pequenos investidores, tomara que a nova diretoria faça melhor!, os velhos diretores sequer respondiam o telefone, eles mesmos não tinham nada!, eles mesmos não tinham nada! Os pobrezinhos! Agora tudo isso vai mudar, eles não tinham nada, os velhos diretores, mas os novos devem nos trazer de volta algo daquilo, os diretores dos pequenos investidores, eleitos por nós, pequenos, e no entanto não acharam nada grande o suficiente para poder fazer picadinho, os novos agora vão receber uma linha telefônica novinha, além do mais não é um fixo numa rede fixa, é o mínimo, afinal esse é um negócio sério, na verdade um achado, não, não é o mínimo, talvez sim, não, também não é um negócio e, se for, é um mau negócio, como o João que trocou sua vaca por meia dúzia de papeis, digo, de feijões, mas se o mínimo era o nosso dinheiro, com que compramos esses papeis acreditando que fossem mágicos, nosso dinheiro que agora sumiu, como por mágica, então qual é o

mínimo? O que seria o mínimo agora? O mínimo seria isso, mesmo que seja pouca bosta, poder lançar sua bosta em outros pastos, na condição de gado de pequeno porte. Na forma de gado de pequeno porte, diferente daquele outro gado, marcado pelo fato de não ter voz, de não ter voto, povo marcado, povo feliz. Do nada, porém, nada sai, mas se ele vem direitinho na direção certa, que não é a nossa, pois estamos sem direção, sem dirigente nem orientação nos mercados, então talvez algo venha também, mas o quê?, não sabemos se devemos comprar abóboras, limões ou pimentões, o principal é que outros sabem, mas ai, agora o que é que devemos colocar na nossa sacola de compras, que a inflação mastiga lentamente, que nos dita lentamente a inflação para que anotemos?, antes que a inflação deflacione, desmorone?, temos que nos apressar para ainda pegar um teco dessa inflação, antes que tudo fique barato demais e então entre em colapso! Onde podemos conseguir uma sacola de compras, um carrinho de mercado, e o que podemos colocar dentro? Não achamos nem o mercado, e o mercado nos evita, por isso é que não o encontramos, embora esteja indicado em todos os ingressos, mas não temos ingresso, cambaleamos por aí sem orientação e sem participação e sem sacola de compras e sem carrinho de supermercado, pois nossos títulos de participação não valem mais nada, e também não podemos participar mais, não podemos ter parte em mais nada, podemos dar parte aos mortos de nossas condolências, não, antes aos vivos, só podemos ter parte no nada, no puro nada, lá podemos participar, podemos competir nas paraolimpíadas do nada, nós que não temos pernas, que não temos cabeças, que não temos margens, que não temos nome, que não temos lugar, que não temos consolo, que não ganhamos nem o prêmio de consolação, sim, podemos até comprar um consolo, por mim, mas ganhar é que não vamos, nunca, nunca, nunca. É, e a inflação agora também acabou, é o que nos cabe.

CORO DOS ANCIÃOS: A bolsa caiu, ai, ai, ai! Para nós, na verdade, tanto faz, mas talvez para os nossos clientes não, o que vamos lhes dizer agora? Dizemos a eles: Mas a Substância persiste inalterada. Ela não existe, nunca existiu, mas nunca foi alterada, ela inexiste inalterável. Ela está inalterada, pois nenhum dinheiro foi tirado da empresa, quer dizer, nós tiramos, mas ninguém mais pode empreender nada contra essa empresa, eis a verdade, a verdade é: Nada foi empregado para fins alheios aos da empresa, foi extraviado para nossos fins próprios, pois somos nós a empresa afinal, nada foi feito sem finalidade, e nossa finalidade é tirar de vocês, mas também dar. Mas dar o quê, se não temos mais o que tirar? Então não teríamos mais nada. Por favor deem-nos algo para que possamos dá-lo a vocês! Quê, vocês não vão nos dar mais, não confiam mais em nós? Então também não damos nada. Confiança por confiança. Nossos índices correspondem aos do mercado em geral, e o mercado está enfraquecido. Está cronicamente fraco. Quando quer que lhe perguntemos como ele vai, ele nos responde que se sente fraco. Fraco demais para responder, até. Se for para seguir a lógica de vocês, que querem ter de volta o que pagaram, mais 15% de lucro naturalmente, que lhes prometemos que seria fixo e fácil e infalível, então vocês também poderiam perfeitamente fazer suas trouxas, vocês sempre podem fazer as malas, seus malas, seus trouxas, seus idiotas incorrigíveis, que não sabem que todas as coisas grandiosas são simples, mas nem todas as coisas simples são grandes, nós lhes prometemos 15% ao ano e vocês acreditaram!, por favor perdoem minha pequena digressão, pois agora esta sentença já não está mais fazendo sentido, mas o que é que faz?, logo logo vou me imiscuir nas suas bolsas novamente, como antes fiz negócios escusos na bolsa! Por 15% vocês deveriam nos dar tudo, por esse tanto vocês tinham que dar tudo! Mais que tudo! É só pegar mais um empréstimo! Então já terão mais do que têm! Enfim, se querem receber de volta pelo menos aquilo que pagaram, porque era dinheiro fácil, era bico, então têm que fazer o seguinte, têm primeiro que fechar o bico!, e agora não sei o que têm que fazer depois, mas vocês não me obedeceriam mesmo, então, se queriam encher o bico, e por que haveriam de querer?, bem, tanto faz, vocês queriam então bicar em segurança e dormir no seco, debaixo de um teto, mas isso não é para o seu bico, para que é que vocês precisam de segurança?, e as ovelhinhas que contaram para dormir já foram tosquiadas e postas na chuva para lavar toda a sujeira, mas isso não apaga as dívidas que vocês contraíram, só um deus poderia perdoar vossas dívidas, tanto faz qual, o que lhe resta, à ovelha, ela não tem celeiro, não teria como pagar

por um, hein?, o que foi? Qual é? Quê? Bem, o que é que foi agora? É uma sinuca de bico. Caíram de boca, de bico no chão? Bateram a cabeça, estou seguro disso! Para que precisam de seguro, o que precisam para sua segurança, quer dizer, para vocês mesmos? Isso não lhes prometemos, não prometemos que ficariam seguros de si, no máximo um investimento seguro, mas tanto faz, pois não vão receber nem uma coisa nem outra, não terão nenhuma segurança, nem para o investimento e nem para as vestimentas, vão ficar com uma mão na frente e a outra atrás, e não adianta fazer bico, nem bico próprio vocês têm mais, têm que comer com o nosso bico, nosso bico impenetrável, até o cu fazer bico e ninguém querer penetrar, também é impenetrável, e o investimento, e a vestimenta, que na verdade vocês não têm, também não precisa de nada de vocês. Podem precisar de segurança para escalar um pico ou dirigir um carro, mas não para fazer negócios conosco, não vão ter segurança porque já nem precisam dela, e mesmo se precisassem de seguro não teriam, pelo menos não da nossa parte. Mas vamos examinar mais de perto as acusações de vocês, na verdade nem vale examinar, é trabalho duro explicar isso para vocês, pois já temos seu dinheiro, o dinheiro de vocês, pequenos investidores, vocês que talvez tenham sido abençoados pela sorte outrora, pelo pai, que lhes deixou de herança um sobrou-sozinho, digo, um sobradinho ao pé da serra, encerrado pela serra, como vocês se prometeram, enfim, nós lhes prometemos algo que não podíamos ter prometido, perdão, quando prometemos metemos os pés pelas mãos, foi um deslize!, e essa casinha não tinha segurança nenhuma de que a serra não ia desabar sobre ela, a ameaça da serra era a única segurança, ameaçando, num deslize, um deslizamento de terras violento, arrebatar consigo a casa, como foi arrebatadora sua ação no Roadshow, quando você nos passou esses papeis, num passe de mágica!, num negócio de mestre, mas pelo menos nossa casa tem um bom alicerce e jardineiras nas janelas, e vocês se permitiram uma piscininha na frente, na morada do ser, que é negativa, ela suga, seu ser é um bebê sugando avidamente com a boquinha, o biquinho, com o qual suga vocês, o sanguessuga, a serra está lá atrás, agora já está em cima da sua casinha, a hipoteca que fizeram para, com a nossa ajuda, com a ajuda da nossa sociedade, adquirir terrenos no leste, ela está aí também, mas agora diante de vocês estão as agruras da planície, os agrestes da existência, e as hipotecas pesam sobre a casa, vocês voltam a pesar no bolso dos seus pais, mesmo já estando bem grandinhos, nos nossos bolsos não pesam tanto quanto nos dos seus pais, onde deitam como chumbo, nem dos juros, nem da entrada vocês dão conta, ou será que têm como herança um apartamento em uma região mais barata da cidade?, isso vocês têm que admitir, sua herança não estava num bairro caro, num bairro descolado, mas poderia valorizar com a construção da nova estação central, o que é que eu queria dizer, poderia valorizar se não tivessem vendido e investido nas nossas pequenas ações, nas nossas ações, que certificamos para vocês, asseguramos!, a insegurança de vocês é a nossa segurança, e também podem comprá-la de nós, com 15% de garantia por ano, que a sua casinha nunca poderia lhes dar, lhes garantir, um lucro assim a sua casinha sozinha nunca conseguiria, não, conosco também não, nem em cem anos, aí já foi, aí ela já vai ter ido, e em cem anos vocês esperam que suas posses valham cem vezes 15%, alguém tem que fazer as contas disso, eu não consigo, mas em cem anos vamos, já que investimos tão bem, investimos tão certo, possuir a cidade toda, e começamos com nossa pequena casinha, que vendemos e usamos a renda, para nossa redenção posterior, investindo em títulos securitizados por dívidas, pois a vida nos deve essa, a vida realmente nos deve uma, e essa dívida ainda não foi redimida, pelo menos não até agora, mas essa promessa é dívida e será cobrada da vida com juros e correção, até que o redentor nos redima a todos, e quando pudermos receber essa renda, quando finalmente estivermos redimidos, quando finalmente estivermos livres, livres da casa pois investidos em algo melhor que a casa, algo muito melhor!, a arrendação é mais rápida, a redenção virá mais rápido, vejam só, não, melhor não, por ora só verão cobranças, nenhuma redenção, pois é, só olhem então, vocês não têm mais nada para olhar além da própria imagem no espelho: Uma casa só vai te custar reformas, que custam manutenção, que custa um tempo de vida custoso, valioso, o que não vale a pena, a sua vida não vale nada, a sua vida não vale nem para viver!, não é possível!, no entanto 15% por ânus, por fundo, por defunto, isso oferecemos e garantimos,

papo reto, bem, isso não saiu lá muito bem, não faz mal, a nós não faz mal, a vocês talvez, enfim, vocês outrora foram sortudos abençoados pelo pai, e agora estão assegurados e abençoados com a sorte de ter encontrado o nosso banco, sorte nossa naturalmente, sorte para nós, seus donos e donatários, donos de banco porque temos um dom para isso, e também uma vocação, mesmo que tivéssemos outra ocupação: vendedor com suas próprias vendinhas. É simplesmente natural que o proprietário embolse algo ao não desembolsar mais nada pelas suas propriedades, suas propriedades afinal têm que permanecer suas, não é verdade?, sem redução se possível, com adição se necessário, o banco ganha sempre, não é verdade, então agora vocês já amadureceram graças ao azar, foram abençoados pela má sorte, a má sorte faz sentido, assim não precisam escalar montanhas só para cair lá embaixo, a má sorte faz sentido, agora os vastos campos sem frutos lhes pertencem, onde antes ainda podiam comer frutos dos pés, pois agora só nossos erários é que frutificam aqui, nessa fazenda sem ministério, era o que eu queria dizer e estou certo, os erários de vocês nós gastamos, os que vocês herdaram dos seus pais, para protegê-los, agora nós os temos, nós os temos agora e também ficamos com eles, e somos valorizados por nossas fortunas. É nosso o trono, sempre cobiçado por longas lanças gananciosas, nós acusamos, acusamos vocês também, acusamos todos, os outros também querem acusar, mas de nada lhes adianta, somos nós que acusamos, que se necessário comparecemos diante do tribunal, mas também oferecemos um pacote de crédito justo, olhem só, podem olhar tranquilamente, podem pegar nas mãos, podem olhar na luz do dia, pois agora isso se tornou público, não, nunca será público, mas algum dia virá à luz, nosso pacote de crédito justo, que lhes oferecemos para suas pequenas ações, nunca virá a público, não, nunca virá a público, continuará no pacote, com esse pacote de crédito justo vocês miram a cabeça dos afortunados, nossa cabeça sortuda, vocês miram mas não nos acertam, não nos alcançam, não nos encontram em casa mais, tivemos que vender a casa, não, esses foram vocês, os que tiveram que vender. Mas vocês, vocês, outros, ainda miram em nós, ainda nos admiram, nós que permanecemos os mesmos, que permanecemos os velhos, que somos sempre os mesmos, vocês seguem apontando para nós, clientes, vocês ousam fazer isso, realmente, se atrevem a mirar nas nossas cabeças? Ah, vocês vão ver! Logo verão, já estão vendo agora, só não acreditam, minha tagarelice me dá muitas alegrias, pois enquanto falamos como banco vocês não podem falar como indivíduos, não, nem como representantes dos pequenos investidores, vocês não têm nada a nos dizer! Nós temos algo a lhes dizer! Guardamos seu dinheiro, como a galinha, sob as asas, no peito seguro. Eu já lhes disse: Todas as coisas grandiosas são simples, e muitas delas podem ser resumidas com uma só palavra, creio que já lhes disse isso, mas não lhes disse a palavra com a qual isso, que vocês não têm, não conhecem e não podem nomear, finalmente pode ser exprimido, então, atenção!, aqui vem ela: Liberdade, Justiça, Honra, Dever, Perdão, Esperança, é o que diz o prólogo do nosso relatório financeiro novinho em folha, que cobre tudo e cobra tudo, e se o prólogo já é assim, tão maravilhoso, quão maravilhoso não será o próprio logos, o Verbo que era no início e sempre será e estará em toda parte, pois pode-se dizer qualquer palavra e ela já está em Deus, e logo também vocês, libertos de tudo o que mundano, dos bens materiais que vocês já não têm, já não possuem faz tempo, estarão com Ele, filhos de Deus, isso vocês seguem sendo, isso não custa nada, só acreditaram durante seu tempo de vida que um dia receberiam, que receberiam e ouviriam vocês na Assembleia de Investidores Vencedores, chamada AIV, melhor que HIV, é mais positivo, enfim, já a palavra estava com Deus, não com vocês, veja bem, mas vocês nunca veem nada direito, é um desperdício total gastar minhas palavras com vocês, que já desperdiçaram todo seu dinheiro, tanto faz, pois nossos clientes e nossos funcionários representam quase todas as posições políticas, pois é, algumas estão faltando, mas seguramente serão substituídas a tempo, podem ser preenchidas, e eles também representam muitas comunidades religiosas europeias! Podemos descrever nosso desígnio com uma única palavra: Europa. Ó, Deus, agora me falta novamente essa palavra, acabei de desperdiçá-la despropositadamente com ignorantes! Sorte que a pronunciei quando ainda a tinha, e não admira que agora ela falte, eu já estava tão acostumado com a palavra, mas agora ela está com Deus, e agora já está voltando dessas férias celestiais, foram as últimas, o avião caiu, a bolsa

também, por isso foi a última viagem celestial na terra, ou não também, de lá a palavra não volta mais, porque gostou tanto de lá que não quer mais se distanciar de Deus, a palavra, e ela não dá mais garantias ao banco, que nos vendeu os títulos securitizados. E a palavra agora silencia. Aos poucos as palavras nos faltam. Europa. Dinheiro do nosso Deus, com o qual estamos, só o dinheiro é que não vamos voltar a encontrar ali, embora seja um crucifixo de ouro. A Europa já encontramos, já estamos bem no meio, recentemente seguramente sem dinheiro. Europa. Uma verdadeira fronteira para tudo o mais que existe, enquanto nossa expectativa de lucros naturalmente é sem fronteiras, ilimitada, mas já vamos lhes mostrar os limites de vocês, por ora ainda lhes mostramos os da Europa, e são muito maiores do que os limites da ganância de vocês, pois é, vocês querem o melhor e nós garantimos o melhor, garantimos que vocês vão desta para a melhor, se quiserem, só não vai ser fácil, e não vai ser num belo sanatório ou em casa com uma bela enfermeira, doce e dócil, também não vai ser numa clínica de eutanásia dessas caríssimas, e vocês não têm nada mais caro do que a vida, e algo mais caro do que essa clínica não vão poder pagar, pelo último suspiro, quê?, vocês aspiram pelas nossas garantias?, querem gozar a vida?, quando já não puderem mais comer de tudo?, mas quem são vocês afinal? Onde está seu seguro? Já está chegando? Ele não vai estar securitizado por dívidas? O peso das dívidas já devorou completamente a sua segurança! Agora vocês estão totalmente inseguros e sem seguro. Bem, se é assim, então lhes mostraremos logo seus limites naturais, que naturalmente não podem calhar com os da Europa, vocês são bem menores. Mas vocês e seus planos para o futuro vão mesmo encalhar, tanto faz quais planos tinham, vão encalhar, mas a Europa não, a Europa não vai encalhar, teria que acontecer muito mais do que vocês pessoalmente não terem mais segurança e terem que devolver o carro que alugaram. A Europa tem limites naturais que vocês naturalmente também têm, só que menores e mais estreitos, mas não faz mal, vocês não têm mais carro mesmo, então, os limites estreitos, bem apertadinhos, eu lhes digo, a verdadeira linha de demarcação entre a Europa e a Ásia não é uma cadeia de montanhas, não é uma serra e nem um serrote, não, é muito mais um sistema de crenças e ideias que chamamos de civilização ocidental. Ora, não é uma boa ideia? A Europa como conceito espiritual? Não vai nos custar nada, vai lhes custar tudo! Mas vale a pena investir na Europa, talvez algum dia isso se apresente para vocês, já que vocês não podem se apresentar lá, pois estarão impedidos, pois não terão mais carro, pois a gasolina terá se tornado cara demais, não, barata demais, não, cara demais, não, barata demais, de todo modo a falta de dinheiro impedirá que façam isso e tudo mais também, em compensação agora uma parte da Europa lhes pertence, vocês não têm mais que ir até lá, basta que nós já estejamos lá finalizando a grande obra que a nossa European Land, dividida em pequenas porções, pequenas ações que vocês podem comprar, significa, a Europa significa tanto para nós!, imaginem só, e vocês também podem comprar a Europa!, o carro foi entregue, mas vocês podem se entregar e descansar, pois agora uma parte da Europa lhes pertence, como mostra esse certificado de ações. Se deixarem de carregar esse conceito da Europa em seus corações, ele morrerá. Por isso: certifiquem-se de ter seu certificado consigo! Devemos proclamar decididamente que esse conceito espiritual da Europa não morrerá, como alguns preveem. Declaramos, pelo contrário, que ele deve resistir e reluzir e trazer luz ao mundo, onde reinam a intranquilidade e o terror. É o que diz também nosso relatório financeiro, isso já diz até o prólogo do nosso relatório financeiro, e também estará escrito no epílogo, mesmo que não façamos alarde, mas espere só para reler o relatório revisado! E não vai haver episódio dois no tribunal, e se tivesse diria exatamente a mesma coisa, até que nossa meta seja cumprida e nossa esperança correspondida. E então temos o bem-estar e o bem-estar nos sustém, sim, nós!, e naturalmente também vamos sustentar o bem-estar que nos sustenta. Até que se torne sustentável, até que tenhamos algo com que poderemos nos entreter. Obtemos algo e nos entretemos, por exemplo, à medida que retemos uma porcentagem para isso, para quê?, por quê?, para isso!, à medida que repassemos tantos porcento a uma firma que nos pertence, que traz nosso valioso, sim: valioso nome, mas não tem nada a ver conosco, pois é, ela traz nosso nome, nosso bom e velho nome de mercador, mas não nos pertence, vocês também têm um nome apesar de tudo, um nome a pesar nos

seus ombros, pois há algo pendurado nele, não é mesmo?, mas isso não lhes pertence, porém nós carregamos nosso nome e carregamos vocês nas costas também, arrastamos vocês e arrasamos vocês caso não consigamos carregar mais, só nosso nome, sozinho, já vai carregar vocês, vai sustentar vocês acima de tudo, passando por cima de tudo, nosso nome será como um avião que transporta vocês por cima de tudo, mas não é apropriado que se desprendam de nosso valioso nome e se despeçam da Europa, vocês nem são mais sua própria propriedade dessa vez, nem em dez vezes vocês pertenceriam a vocês, nem em cem vezes, vocês pertencem cem vezes a nós, vocês realmente acreditaram nos 15% ao anormal, nomen est omen, então gostaríamos de parabenizá-los!, vocês pertencem ao banco, mas não se chamam O Primeiro, Banco naturalmente, não é? Se se chamassem O Primeiro Banco, não, o Último Banco, a última saída, o último suspiro, seriam os primeiros a chamar-se assim, mas não chamam nada assim, nós lhes mandamos embora, pois vocês não são aqueles que eu chamo de vocês, também não são aqueles que acenderão a nossa chama, os que nos foram prometidos, vocês são aqueles que se chamam de algum modo qualquer e que para nós tanto faz, o importante é comprarem esses títulos, que têm o nosso nome, mas não nos pertencem, eles são da sociedade como um todo, não, de uma sociedade na ilha de Guernsey, onde vocês jamais porão os pés, a não ser que peçam um empréstimo para uma viagem até lá, o que não vamos lhes conceder, não vamos conceder que venham para nossa assembleia combater pelos seus direitos, não vamos impor à nossa firma, que não aceita nada de imposto, justo vocês! Uma firma que afinal tem o nosso nome, mas não somos nós e também não é nossa, embora o nome possa enganar, como se fôssemos nós, mas não somos nós, é só o nosso nome, já dissemos isso, é pura coincidência que nos chamemos assim, gerações de mercadores já se chamaram assim antes de nós, e agora somos nós!, também é puro acaso que vocês tenham o nome que têm, não por acaso vocês são anônimos, podem acreditar no que quiserem, na Europa cada um pode acreditar no que quiser, estamos na Europa, a cristandade formou e martelou e dobrou e comparou sua história por séculos, arte, ciência, trabalho duro, indústria, pesquisa, influência, sucesso, Europa, podem acreditar nisso, tranquilamente, ou não, não tem nenhuma influência sobre nós, mas onde é que estariam se não tivessem aproveitado essa chance de comprar nossos títulos, com nossos nomes, que não significam nada senão nós, que não significam nada, mas trazem nossos nomes, porém não somos nós, e vocês também não são nossos. Vocês só trazem nosso bom e velho e leal nome, que nos segue como um cachorro. Nós o mandamos embora, mas ele volta, o cãozinho bonzinho. O bom nome. Pertencem-nos muito mais, sim, faz sentido, pertence-nos ainda muito mais!, pertencem-nos muito mais as porcentagens, que caem para nós antes de vocês caírem, essas porcentagens caem todo dia na nossa conta, os valores não caem, eles voltam a ficar de pé antes mesmo de poder cair, e agora devem cair para nós, e vocês também devem cair, é evidente, mesmo que não seja visível para vocês, mesmo que não entendam por quê, vocês cairão neste instante, caso não cumpram com a data de vencimento, quando nós vencemos, o que é que eu queria dizer, assim ainda lhes fazemos um favor, mas na verdade eu não queria dizer isso, enfim: Nosso banco, que se chama como nós, mas não chama a atenção, que só se chama como esses certificados comprovados e documentados por documentos, o banco lhes vende belos títulos já de antemão securitizados por dívidas de vocês, e todos os documentos permitem determinar que até 80% dos ganhos operacionais do nosso banco foram finalmente pagos com essas porcentagens!, o importante é pagar, pagamos nossos pecados, que então não têm mais importância, não para esse banco, não têm importância no banco com o nosso nome e que somos nós, somos o banco, mas a firma, a sociedade, a sociedade anônima, que tinha que ter o nosso nome justamente, essa não somos nós, de todo modo não mais, são duas coisas completamente diferentes, o banco e a sociedade, vocês precisam entender isso, simplesmente têm que entender, mesmo que não seja simples!, mas seria simples se não tivessem comprado esses papeis! É só por acaso que eles têm o nosso nome, como nós também temos nosso nome, os papeis receberam nosso caro nome, caro para nós, caro demais para vocês, não é mesmo, assim como qualquer um pode pôr seu nome nos seus papeis, assim ficam mais pessoais, tão especiais, tão próprios, como se fosse seu próprio proprietário,

qualquer um tendo a posse de si, seria ótimo!, mas naturalmente não lhes demos de presente, claro que precisam pagar por isso, e a sociedade também tem que pagar, naturalmente, essa da qual vocês são a menor parte, a sociedade que não nos pertence mas que tem o nosso nome, ela tem que pagar para poder conduzir os negócios com nosso valioso nome, como vocês podem conduzir o de vocês e nós podemos conduzir vocês, pois vocês não são bons condutores, vimos isso desde o primeiro encontro, vocês são seguidores, vocês são mulheres obedientes, vocês nos seguem, nos seguem aonde quer que queiramos, aonde quer que os conduza nosso nome, que vocês conhecem desde pequenos, que iam comprar com a mamãe, quero dizer, com que a mamãe podia ir às compras, com um nome dado por Deus, que me alegra desde pequeno, de quem recebemos esse nome no santo batismo, e o nome nós passamos adiante para essa firma que se chama como nós, sim, a essa sociedade que se chama como nós, que somos nós, a sociedade, mas que não somos nós, mas isso é tão simples, e o banco que se chama como nós, mas que não somos nós, tem até 80% de ganhos operacionais, não é mesmo, não, não é mesmo, mas é mesmo!, o que é que estou falando!, enfim, 80% de ganhos operacionais das atividades comerciais com a firma que se chama como nós, por acaso, seguramente é por acaso que ela se chama como nós, mas há nomes piores, não é mesmo, não, não é mesmo, mas nomes que não somos nós. Nós não somos essa firma. Somos a sociedade, isso sim, mas essa firma nós não somos. Só nos chamamos assim, existindo a firma ou não, tanto faz, ela existia, e seu nome reluz longe, tem uma luz, esse nome, que ainda será caro para vocês e já nos é caro. Vocês não se chamam nada, por isso precisam de novos títulos, precisam de papeis que no entanto estão no nosso nome, mas não somos nós. É verdade que estamos nesses papeis com nossos nomes, o papel recebe tudo o que lhe é imposto, não é mesmo!, mas quem é que paga o imposto, e não somos nós, não somos nós. Atenção: Não somos nós, o que vocês não podiam saber, naturalmente, pois é verdade que esse é o nosso nome, mas não se deve confundir nosso nome conosco. Cuidado por favor! A água neste ponto só tem um metro e meio de profundidade, não vão mergulhar de cabeça ou perigam ficar paraplégicos, e isso não é para vocês, deixem isso para outros, vocês são melhores que isso. Como nós. O banco se chama como nós, todo um banco foi nomeado em nossa homenagem!, se bem que nossos títulos também se chamam assim, são nossos filhos afinal, nossos prodígios, os títulos, mas não se chamam nada. Vocês compraram esses papeis porque trazem o nosso nome, mas o que é que trazem agora? Nada! Na verdade vocês não compraram nada, porque se fiaram no nosso nome, compraram algo em nome do nosso nome, mas se ferraram, pois não pensaram, tanto faz no que é que não pensaram, pois não pensaram em nada absolutamente, e nós também não lhes dissemos nada, em compensação estamos dizendo agora, dizemos que é tarde demais para uma compensação, bem, talvez tarde demais para vocês, mas para nós infelizmente é cedo demais, pois com muito prazer teríamos continuado a fazer negócios com nosso caro nome, que demos para essa sociedade, que tem o nosso nome, mas não significa nada, pois não é nada, em compensação dizemos-lhes agora que a igualdade nominal é um acaso, que essa firma, que nossa boa firma só por acaso tem o nome do nosso banco, que somos nós, perfeitamente, para aguentar firme nesta terra, nestas terras, registradas no nome da nossa firma no registro universal de comércio da sociedade humana, que por sua vez consultam todos os registros, sim, o de vocês também, esse registro cuida para que se mantenha o tom certo, o tempo que quisermos, pois temos mais voz aqui, e o tom também é nosso, todos os tons, nós damos o tom e o registramos no órgão da economia, cuidamos para que soe bem, seja de bom tom, o nosso nome, que pertence ao nosso banco xará, mas não à firma xará, listada enfim no registro em branco da ilha de Guernsey, a trilha deserta, a filha pródiga, onde vocês jamais pisarão, a não ser que possam pagar, e já cuidamos para que não possam, afinal vocês compraram nossos títulos, que têm nosso nome mas não somos nós, mas não importa nada, os títulos também não são verdadeiros, pois o banco, que se chama como nós e que nós perfeitamente também somos, nisso vocês estão certos, o banco sim somos nós, nomeadamente, e também se chama como nós, logicamente, nós somos esse banco, a sociedade não somos nós, ela surgiu sem nossa colaboração, não temos nada a ver com ela, absolutamente nada e, se outrora tínhamos, agora não temos mais, agora até temos outro nome, mas

ainda somos nós, não somos isso, ainda somos nós, somos o banco e não a firma, embora ela se chame como nós, pelo menos antes se chamava como nós, bons mercadores, mas vocês não deviam se fiar nisso, pois agora tem outro nome, a firma, chama-se Héracles, nomes são só palavras, mas para nós são capital, esse nome é o nosso capital, esse bom nome é nosso vasto capital, saído do forno, que temos em estoque e agora mandamos para o campo de batalha, tendo ou não um nome, em nosso nome ele vencerá, sabendo ou não o nome de vocês, chamamos vocês para trazer seu dinheiro, depois de longa batalha, a esse belo lugar de descanso onde o banco se encarregará dele, caso nos encarreguemos dos custos administrativos, onde ele descansa, seu dinheiro, mas não floresce, não cresce, por favor, mais para nós, para vocês não mais, para vocês não mais, para vocês não mais!, por enquanto continua sendo nossa firma, nossa sociedade, só deixou de ter o nosso nome, mas ainda é nossa, lá, sim lá dorme seu capital, e trabalha até enquanto dorme, mas não para vocês, vocês devem comprar, sim, mas não tirar nada disso, pelo contrário, nós tiramos de vocês, o que quer que pudermos, enquanto ainda pudermos, e em vocês se esconde muito mais do que vocês imaginam!, é só se permitir!, permitam-nos também!, podem acreditar em nós e nosso relatório empresarial quando dizemos que sempre puderam confiar em nós, e agora pertencem só a nós as porcentagens cobradas de vocês entre agosto e o fim de 2007 só pelo nosso caro nome, estou tão só!, que ordenhamos para vocês nos estábulos de Áugias, que para vocês é idêntico a nós, mas que não somos nós, jamais!, afinal vocês também não são seus nomes, não é mesmo, é verdade que se chamam assim, mas são muito mais que um nome!, são pessoas, pessoas completas, é o máximo que se pode ser, nós somos só um banco, não é verdade?, só nos chamamos assim para poder lhes dar abrigo em tempos difíceis, e essa firma pagou uma porcentagem por isso, para vocês também poderem ter o nosso nome, mas nós, nós não temos nada a ver com essa sociedade, só temos que ver o dinheiro caindo na nossa conta, podemos prever o que quisermos para essa sociedade de irresponsabilidade ilimitada, que ela não vai cumprir, pois não tem nada mais que nosso nome, sem que sejamos nós, como lembramos vocês de novo e de novo, e também lembramos de vocês como nossos queridos clientes fiéis, que devem uma porcentagem pelo uso do nosso nome, e com essa porcentagem nós evisceramos a firma, que se chama como nós, pelo que ela pagou direitinho, o que ela apagou direitinho, e só vocês, vocês, vocês é que caíram fora, nós não caímos, por que é que vocês caíram antes da hora?, imaginem só, se uma árvore faz isso, você nunca mais consegue controlar!, cair antes que você pudesse colher os frutos, desfrutar como nós?, agora já podem cair, já fizemos isso por vocês, já colhemos os frutos por vocês, agora o banco tem o usufruto, é proprietário de vocês, e podem descansar e descansar ou marchar e marchar, de nada lhes adianta, vocês caíram, vocês caíram fora, ao invés de colher como nós. Se apenas vocês tivessem feito como nós! Mas não fizeram, donde a queda, fiquem contentes por alguém ainda ter uma quedinha por vocês, nós gostamos de vocês assim como são, a Europa aceita vocês assim como são, agora vão e levem a mensagem da Europa, que não somos nós, aonde quer que vocês queiram! Se fôssemos a mensagem da Europa, se a Europa também levasse o nosso nome, e pudéssemos colher porcentagens por isso também, porcentagens também pelo nome de Europa, de todo modo vamos investigar melhor, talvez sobre algo para nós, talvez ainda reste algum fruto para colher, mas o que lhes resta, vocês serão no máximo investigados pela Receita, de tempos em tempos, de país em país, mas o dinheiro que outrora tiveram agora nós é que temos e fizemos desaparecer, vapt vupt, sim salabim, onde estaríamos hoje se não tivéssemos aproveitado essa chance? Onde estaríamos se nossos clientes não tivessem acreditado em nossa ideia de ampliação e da Europa Oriental? Mas estou me desviando, digo, estou desviando para a Bratislava, onde também temos um escritório, sim, também em Györ e até em Praga e em Budapeste, o que é que eu queria dizer, o que vocês na verdade não deviam ter ficado sabendo, mas escapuliu, sempre escapa, por sorte tarde demais para vocês e para nós sem consequências, não percam a sequência, alguma coisa tem que se seguir, nos seguir, e é a sequência que segue, e ela pode vir, tranquilamente, por nós ela pode vir, por ora ainda estamos no primeiro episódio, no projeto piloto, não é mesmo, projetamos tudo isso, de todo modo pilotamos, vocês são nossos parceiros, nossos passageiros, em nossas mãos podem relaxar, seu

dinheiro também já está relaxando, não é mesmo, e somos movidos à alegria da vitória, ela é nossa própria alegria, ela estoura de nossas gargantas como rolhas de champanhe!, somos os deuses, movidos a nós mesmos, e vocês serão removidos, serão removidos por isso, já removemos seu capital, era pequeno demais, não demorou muito para acabar, mas nos deu muita alegria mesmo assim, o capital, o pobre capitalzinho, que vocês outrora possuíam, conosco ele foi movido, e pela nomeação do nosso caro nome, que é idêntico a nós, mas não a essa firma, que só se chama assim, que só comprou o nome, idiotamente idêntico, temos que mudar isso, mas enquanto nosso nome for nosso capital, e acrescentamos ainda o capital de vocês, nós nos chamamos como essa sociedade ilimitada, sem limites, sem fronteiras, sim, que no entanto não somos nós, por favor não confundam!, nomes são só palavras, e as palavras nos pertencem também, nosso banco, cujo nome já é um capital, talvez nosso maior, colheu porcentagens no valor de 23 milhões de euros, sem nem contar vocês, o querido capital de vocês nem altera as contas, ele já desaparece nas porcentagens que colhemos, acham que isso está inflacionado? E está. Essa porcentagem foi afixada alto demais por causa de uma cobrança irregular, mas não pode ir alto demais com as nossas asas, sob as nossas asas, quando se apresenta sob nosso caro nome, caro no sentido próprio da palavra, não é mesmo, nosso banco afinal também tem que sobreviver, vocês não têm que viver, são pequenos demais para viver, vocês são prematuros, nós somos sua incubadora, mas vocês é que nos engordam, nós nos nutrimos de vocês, e tem uma função turbo essa incubadora, nos incumbimos de tudo e encobrimos as contas, mas lhes apresentamos a conta, enquanto não se derem conta. O capital de vocês nós já temos, afinal, talvez não na ilha, mas bem perto, afundou no mar, o capitalzinho de vocês, esse capitulozinho chegou ao fim, mas nossa firma, nossa sociedade, não capitula!, a sociedade que somos todos nós, mesmo que nem todos recebamos dinheiro dela, só uma parte, a sociedade que somos nós todos não capitula, viva! Ela vive ainda, isso já é muito! O capital de vocês segue vivendo, vive para sempre, vive depois da morte de vocês, e é na nossa sociedade que vive, essa que é a sociedade de todos, vocês foram só o hospedeiro, o abrigaram temporariamente, o seu lindo capitalzinho, mas esse capítulo terminou, agora ele mora conosco permanentemente, o banco exigiu uma porcentagem sobre a porcentagem, mas seu capital ainda vive!, do que estão reclamando?, ele vive numa bela ilha, isso não lhes deixa felizes, que ele viva?, vai viver, enquanto vocês morrem, vive o seu capital, e vive conosco, e gosta de viver na nossa companhia, aqui ele tem companhia, com vocês estaria sozinho, mas conosco tem diversão, jogo, lazer e esporte direto, na diretoria, que tem sede do seu Ter e lhes devolve um Dever, nosso banco afinal tem que viver de algo, não é verdade?, não é verdade?, como é verdade!, já dissemos muitas vezes, e ele vive das firmas que trazem seu nome, mas não são ele, as firmas recebem, recebem de vocês, vocês são firma!, vocês reconheceram firma, nós somos firma, todos são sociedade!, o banco colhe, e o mais lindo é: ambos têm o mesmo nome! Não é ótimo, não faz sentido, não foi bem pensado? Bem pensado, se bem que não pensamos duas vezes para saber que nome emprestar ao banco e à sociedade, pois tudo na vida é só emprestado, sim, a própria vida também e o nome também. O nome se foi faz pouco, mas todo mundo ainda o conhece. Todo mundo ainda conhece esse nome. Ninguém conhece ainda o nome Héracles, mas logo saberão, logo todos saberão que Héracles é nosso nome agora, mas não somos nós, antes nos chamávamos como nós, é verdade, mas não éramos nós, agora nos chamamos diferente, mas somos nós, somos nós, somos nós! Não é ótimo? O homem põe e Deus dispõe, mas Ele não nos impõe nada, nós dispomos de nós mesmos e das firmas que têm o nosso nome mas não somos nós, já disse isso muitas vezes, e digo ainda, vocês ainda não acreditam, é bem verdade que o controle de plausibilidade revelou que poderíamos deduzir porcentagens num montante, mas é um montão!, não é mesmo, numa monta de um milhão de euros, mas quem é que vai cobrar que saibamos fazer contas? Podem contar conosco, e também sem nós, mas vocês não acreditam, não acreditam que conosco, no nosso lugar, com nosso nome, vão poder contar muito bem, e como lhes faria bem se vocês fossem nós! Isso vocês não são, isso vocês não são. Isso vocês vão compreender, que foi com o nosso e sob o nosso nome e sob o nosso valor que tiveram direito a uma bela fatia, à qual não tinham direito, mas agora tiveram direito, e vocês veem: não têm

direito a nada!, vocês não têm direito a nós, isso lhes asseguramos, mas naturalmente não há seguro nenhum para isso, os ganhos já se tornaram altos demais, mas é uma boa ideia, seria uma boa ideia, ainda criar uma seguradora com o nosso nome, que naturalmente também seríamos nós, e onde você poderia se assegurar em nosso nome contra as perdas que teria feito e ainda faria com os investimentos em nosso nome, é uma ideia absurdamente boa, não acham, uma seguradora que tivesse o nosso nome mas que também não seríamos nós, assim como tampouco somos o banco e as firmas que trazem nosso nome. A igualdade nominal é puro acaso, mesmo assim colhemos porcentagens por ela, afinal temos que dar um nome ao acaso, e é o nome dessa firma que não somos nós, absolutamente. Uma criança precisa de um nome, não é mesmo?, não, não é mesmo. Até um prematuro, que não será nada, infelizmente, recebe um nome antes de ser trazido à cova. Só a igualdade nominal casual das firmas, e talvez também em breve da seguradora, com o nosso banco é e seria puramente casual e negligenciável, mas não negligenciamos nenhuma porcentagem, nenhuminha, os porcentos nos pertencem! Nós os calculamos. Calculamos essas porcentagens pela igualdade nominal casual, puramente casual, não é mesmo, não, não é mesmo, não casual, simplesmente não nos ocorreu nenhum outro nome, e nossos processos de controle – isso eu ainda gostaria de dizer – são absolutamente suficientes, isso vocês bem veem. Nós nos controlamos, e é o suficiente. Pensem só em quantas vezes já não conseguiram se controlar, e então agradeçam por nós conseguirmos e até nos deixarmos controlar, e nosso controle próprio, nosso autocontrole é o mais forte!, nos deixar controlar, isso não teríamos que fazer, mas fazemos. Consentimos ao controle. Consentimos até ao controle pelas nossas próprias mãos! Onde estaríamos, onde estaríamos, onde estaríamos, se nossos clientes não tivessem acreditado em nossas ideias de ampliação de nós mesmos, na igualdade nominal entre nós mesmos, em nossa semelhança com a santíssima paridade?, não, errei, nem mesmo dois deuses jamais seriam uma unidade, quanto mais três!, um Deus a quem no entanto nossos clientes também são um tanto semelhantes, mas controle não existe, Deus, não existe nenhum controle, Deus É o controle, ele é o controle de si mesmo, Deus controla a si mesmo, e isso significa que ninguém o pode controlar, ele é a instância máxima na estrada de pedra de instâncias até lá embaixo, pois Deus ama sobretudo os pobres, a nós ele não ama, mas, diga-se de passagem, a nós ele não pode controlar, nós mesmos nos controlamos, como ELE, e ele não gosta disso, pois quer ser o único que se controla e isso quer dizer que não tem que se controlar, ELE é quem ELE é, nós somos o que somos, então, nossos clientes formam uma unidade, também não lhes resta mais nada, eles concordam entre si, mas não adianta nada, a Receita os controla, o sócio os controla, as autoridades o controlam, o cobrador do ônibus os controla, ele não tem mais nada a fazer, não é verdade?, verdade! Assim se evita que vocês, que podem se sentir cada um como um pequeno deus, sem saber como o Deus realmente é, cada um um pequeno Deus, todos como Deus, isso lhes prometemos alto e santo, santo, santo!, depois que tiverem comprado nossos títulos, o que é que eu queria dizer? Onde estávamos? Onde estaríamos, onde estaríamos, onde estaríamos, se nossos divinos clientes não tivessem comprado nossos títulos, nossos clientes que despejaram uma cornucópia de abundância sobre nós, pois acreditaram que éramos o banco homônimo, e no entanto é só casualmente uma firma com o mesmo nome, uma sociedade que deveria ser responsabilizada, mas cuja responsabilidade ainda é limitada, não totalmente inexistente, só limitada, nossa sociedade, nossa sociedade limitada, que deveria ser responsabilizada, já que vocês mesmos não assumem a responsabilidade, ai, isso não cola, o adesivo é uma porcaria, e a sociedade não pode ser fixada, não pode ser presa, mas repassa os ganhos com transporte para nós, mas nós não portamos nada, isso não nos importa, não pagamos impostos, recebemos dinheiro mas não o repassamos, quem nos passa o dinheiro são aqueles que já são passado, passa repassa e paga, para nossa emissora, nossa ejaculadora, que faz o mercado, faz desfaz e refaz o mercado, claro que tem custo, porcentagens por transações e serviços que nos são pagas, porque nos chamamos aquilo que não somos, serviços de market-making e serviços de management são prestados, precificados, apresentados no nosso altar, não sabemos em que consistem e para que podem convir e onde vão conseguir chegar, mas, como

somos nós que os prestamos, as prestações são emprestadas a nós, e vocês apresentam as porcentagens, para nós, vocês prensam todo um cachorro-quente de porcentagens e por isso prensados e cortados, é o que se chama tática de fracionamento, de salsicha nós entendemos, já fomos mercadores, ainda somos, só que agora também vendemos nosso nome, que não somos nós, então não vendemos nada, pois já vendemos tudo, foi uma liquidação, nosso nome também foi liquidado, porque perdeu a liquidez, só porque nos chamamos daquilo que não somos, não somos mais, fomos, mas não somos, e porque nos chamamos daquilo que não somos é que fazemos tudo isso por vocês!, em compensação vocês não recebem nada, porque nunca reparam em nada, mas repagam suas perdas em prestações, suas perdas mais que compensam as prestações que faltam, mas nós, mas nós, mas nós queremos que o balanço compense, e alcançamos isso com nossos serviços, que consistem em nos chamarmos como nos chamamos, simplesmente, não é culpa nossa, não podemos fazer nada se nos chamamos como nos chamamos, simplesmente, mas isso custa algo, cobramos algo por esse serviço que prestamos, pelo serviço que prometemos com nosso caro nome e em nosso caro nome, só porque nos chamamos como nos chamamos, mas não somos; agora somos nós que chamamos seu dinheiro, com a chama da paixão, estamos em chamas!, o negócio é quente justamente porque nos chamamos assim, não, não como vocês, vocês não têm chama nem nome, nós temos o nome do banco, a sociedade tem o nome do banco, o banco tem o nome da sociedade, a sociedade toda é um banco, e alguém tem que bancar, e quem banca embolsa, e somos nocivos, digo, somos nós, nós, nós!, embolsamos as alíquotas, liquidamos os vivos como organismos nocivos, as alíquotas são organismos nocivos na pele de vocês, na carne de vocês, mas elas têm que ser apresentadas, para nós, prensadas, espremidas, não vocês, as alíquotas, isso vai liquidar vocês, podem acreditar em nós, é melhor nos dar dinheiro do que ser liquidificado por organismos nocivos, pois nosso nome significa algo e vocês não significam nada, então lhes convém não ser inconvenientes, nosso convênio é pela sua conveniência, se quiserem sair com vida é melhor se convencerem!, é só liquidar para tudo fluir melhor, com liquidez tudo flui e se esvai rapidamente, rápido, rápido!, ainda mais rápido!, para que tudo flua para longe, para que as águas levem tudo embora, anda, anda, correndo!, não somos o correio, somos um banco que tem o nome de toda a sociedade mas não é ela, então, o que é que eu queria dizer?, onde estaríamos, onde estaríamos, onde estaríamos, se vocês não tivessem tomado para si nossas ideias sobre a Europa Oriental, se nós não os tivéssemos tomado nos braços, se não tivéssemos acolhido vocês como crianças, pois seu dinheiro nos é tão caro quanto nossos próprios filhos, sangue do nosso próprio sangue, ele já está correndo no nosso sangue, circulando em nós, mesmo que vocês que tenham parido e criado, agora ele nos pertence, onde estaríamos, onde estaríamos, se vocês não tivessem se aberto, se não tivéssemos aberto vocês como perus de Natal, se aqueles que abrimos não tivessem vindo de peito aberto para nós como um chester, sim, tudo isso também é possível conosco, podemos lhes dar asas, e se preferirem as coxas também podem comprar conosco, ainda!, mas só sobrou uma única filial, o resto virou banco, o resto é banco, o resto de nós é banco, e o resto de vocês entram no nosso banco onde serão assessorados, serão assados, estamos aqui para servir vocês, é bem verdade que estão meio magrinhos, mas vamos levar mesmo assim, vamos levá-los mesmo assim, não levamos vocês, levamos vocês na conversa para levar o seu dinheiro, vocês quebraram o cofre de porquinho e nos deram tudo, o pobre porquinho, agora ele foi abatido para nós, mas o gado suíno, mesmo sendo de pequeno porte, também faz merda, também caga, não é mesmo, e antes que perguntem: Não, no nosso banco não podemos incluí-los, temos regras de inclusão estritas, e vocês estão excluídos delas, mas podemos com prazer lhes vender nossos certificados, que se dirigem a vocês bem como a nossos incontáveis pequenos investidores, sim, isso podemos fazer, e fazemos com prazer, e recebemos até a merda, até seus salários de merda, juntamos os pequenos dinheirinhos de todos vocês, assim como vocês todos se juntam agora contra nós, pelo menos tentam, o que é injusto, e até ilegal, pois vocês seguramente têm segundas intenções, e o seu representante dos pequenos investidores tem até terceiras e quartas intenções, quando ele lhes quiser vender um terreninho como uma estrada, um aeroporto, uma usina, e vocês nem podem arcar

mais com a gasolina para fazer uso disso tudo, não, está errado, ainda podem pagar pela gasolina, e vão oferecer como brinde o carro onde seria colocada, mas vocês não vão querer. Vão querer ficar com a casa meio construída, mas não vão poder. Vocês têm quintas e sextas intenções, se é que sequer é possível que alguma intenção ainda lhes sobre. Nosso representante dos pequenos investidores, que não é idêntico ao de vocês, é um outro, eu também é um outro, afinal, nosso banco é um outro, embora tenha o nome dos seus investimentos, da sua sociedade, que é uma única grande irmandade, uma única grande maldade, não, da nossa firma, mas que não somos nós, e o seu representante dos pequenos investidos, o seu representante dos pequenos invertidos e envelhecidos, seu representante oficial de invencionices, enfim, ele ainda tem mais intenções escondidas, ele tem intenções escusas, atrás da primeira intenção há uma segunda intenção, ele não está à frente apenas de vocês, pequenos investidores, mas tem muito mais atrás dele, nós temos um pé atrás com ele, mas vocês confiam nesse aí!, pois bem, isso é problema de vocês, vocês são os pequenos investidores, correto?, mas não são tão corretos, seu representante não é a pessoa correta que diz ser, que alega ser, pela qual se faz passar, ele também vai cair, esperem só, isso não lhe trará tantos danos, pois ele é pequeno como vocês, ou seria o representante dos grandes investidores, não é mesmo?, mas atrás dele há outros, isso nós juramos, juramos tudo, juramos que há segundas intenções, e que se tornarão as primeiras. Vocês não perdem por esperar!, até porque já perderam, um momento!, o representante dos pequenos investidores, e vocês bem sabem que tipo de representação pode esperar, não é mesmo, ele age por comissão de mais fortes, de muito mais fortes, isso nós sabemos, não é mesmo, pois agora já somos muito mais fortes do que vocês, sempre fomos, fomos sempre autossuficientes e não precisamos de representante, de todo modo esse representante dos pequenos inventores tem algo na manga, o representante dos investidores é um representante de enganadores, ele tem algo na manga, por favor, por nós tanto faz, afinal ele não nos representa, é um representante por quem os pequenos se fazem representar, eles acreditam possuir investimentos, e não possuem sequer um instrumento com que comprovar seu investimento, nós possuímos os instrumentos financeiros, mas vocês não possuem instrumento com que fazer algum barulho, com que se defender, mas um representante vocês têm, que vai represar vocês, mas não representar, vai reprimir e comprimir e espremer!, estou me exprimindo bem?, vocês verão logo logo, vocês não são nada, não são ninguém, mas querem se fazer representar! Típico de vocês, um representante para nada, é o que vocês têm, vocês que não têm nada, por quem se deixam representar como pequenos investidores, por trás de quem, portanto, por trás do representante, que vocês elegeram, por trás de quem ainda há outros muito maiores do que nós, e já somos bem grandinhos!, por trás de quem há um exército de gafanhotos, de aves de rapina, um exército de animais que saltam sobre seu dinheiro, ainda pior do que jamais poderíamos fazer, sim, quem pode pode, nem mesmo nós poderíamos tanto, nós que só tínhamos em vista o bem de vocês, e ainda temos, já que vocês também contribuíram para nosso bem, não é mesmo, e por isso estamos avisando: Por trás de seu representante dos pequenos investidores há outros ainda maiores que nós, estejam preparados, estejam avisados!, sabemos bem quem são, se bem que não possamos provar, mas sabemos, e ousamos lhes dizer, não é tanta ousadia, afinal também somos maiores que vocês, e isso realmente já é muito muito grande, mas os fundos multimercado, os fundos de cobertura estão por trás de seu representante, esse tratante que vocês contrataram, quatorze tipos diferentes, ou até mais, de fundos de cobertura, sem esquecer os fundos do recheio e os da massa também, enquanto vocês vêm com a farinha eles voltam com o bolo, e os ingredientes vocês encontram no nosso multimercado, digo, no nosso supermercado, por preços absurdos – mais absurdo seria um mercado não poder vender mercadorias – enfim, eles estão lá e vocês não veem. Vocês nos veem, nos veem como uma farpa no nosso olho, mas a estaca enorme no olho do seu representante, isso vocês não veem, os fundos, o plano de fundo, os corredores de fundo induzindo e conduzindo seu pequeno investimento como um carro, por trás do homem, por trás de seu representante, que representa vocês e aquilo que vocês não têm mais, enfim, eles estão lá, os fundos, outros estão lá também, atrás desses fundos, outros fundos estão lá como um firewall, como um número um com

muitos zeros, mas os zeros lá atrás, e vocês também lá atrás, vocês estão ainda mais atrás, nem um zero vocês são, estamos vendo, senão não teriam contado conosco, justamente, bem, vocês devem ter feito as contas esperando juros justos, contudo, como já lhes foi contado, como não têm mais o que contar: Seu dinheiro, atrás dele há outros, atrás dele há predadores, tão grandes que vocês nem podem imaginar, sim, quem sabe se atrás dele não, se atrás do suposto redentor de vocês, estamos falando dele, enfim, do seu representante, que representa vocês, que só representa o papel de os representar, mas não vai apresentar resultados, esse tratante vai tratar vocês ainda pior do que nós tratamos nossos contratantes, apostamos que, apostamos que vai lhes trapacear tão logo tratarem com ele, bem, talvez não também, mas acreditamos que é um tratante, atrás dele há outros maiores do que vocês sequer podem imaginar, ou não também, de todo modo acreditamos que sim, há outros maiores lá, que já podemos ver de longe, enquanto vocês ainda estão longe de ver, já vimos quem está vindo, que redentor finalmente os redimirá, mas vocês não, vocês não veem nada, é verdade que estamos no meio do caminho, por favor, pelo menos podemos imaginar, mas vocês não, que no fim ele vai se voltar contra vocês e contra nós, afinal estamos no mesmo barco, e vocês têm que remar conosco e não com ele, ao lado dos mais fortes, e eles não remam, isso não precisam fazer, eles nem têm que remar de volta, isso eles deixam para vocês, também nem faria sentido, vocês já nem têm mais remo, digo, rumo, e o seus representantes dos pequenos investidores vão acoplar um motor no seu dinheiro e dar a partida, e partir com ele para longe, mais longe do que alcançaria a pedra que jogamos atrás deles, aí vocês ficam só olhando, mas aí estarão realmente olhando, e nós remamos adiante, ainda remamos adiante, nós arrematamos mas não adianta, vocês remam para trás, vocês remam para trás, com toda força para trás, somos compreensivos, compreendemos que se sentem mal porque perderam seu dinheiro para nós, mas em compensação nós o temos agora, não acham ótimo, podem visitar seu dinheiro aqui conosco a qualquer momento, não é mesmo?, podem ler nos nossos balanços como um vidente lê o voo dos pássaros, o canto dos pássaros, não, não é mesmo, podem se convencer de que ele vai bem, seu dinheiro, melhor que com vocês, pois conosco ele tem amigos, exercício, esporte e excitação na ilha, que todo homem é, mas nem todo homem pode ter, ele pode ser uma, mas não pode ter nenhuma, não, não podemos lhes devolver seu dinheiro, vejam bem, aqui ele tem férias, pelo menos férias, na ilha, por que ia querer voltar para vocês?, ele não quer, não é mesmo?, não, não é mesmo, não quer voltar para vocês, vocês têm que nos dar um crédito, como nós lhes demos toda uma linha de crédito, crédito para crédulos, a firma também teve que acreditar em nós, não é verdade, sim, não é verdade, faz sentido, ela teve que aceitar uma porcentagem incrível que creditamos, que debitamos, que cobramos pelo seu dinheiro, pois, sejam sinceros, vocês só nos deram seu dinheiro porque essa sociedade carregava nosso belo, velho, muito rodado e muito respeitado nome, no qual já instalamos rodas novas pelo menos cem vezes, além da grelha do radiador, onde vocês são grelhados, pobres salsichas, e ele também ainda nos carrega, o nome, talvez não por muito tempo, mas ainda nos carrega, pois a firma, com rodas sempre novas e sempre redondas e sempre rodando, sempre puxou com tanto entusiasmo a carroça, que no entanto não éramos nós, se disserem que éramos nós vamos nos queixar, vamos dar queixa, agora nos chamamos Héracles ou Hércules também, como quiserem, alguma coisa vocês ainda podem querer, mas não somos nós, ou será que somos um pouquinho nós?, somos nós sim?, isso já foi processado?, sim, podemos processar, naturalmente, temos vários processos, afinal vocês querem ver o que é que seus meios, seu capital, que não merece esse nome, o que é que foi feito do seu dinheiro, sim, estou vendo, o pássaro saiu voando, as entranhas caíram no nosso livro, mas quem se entranhou nos mistérios do mundo sabe ler tudo: Agora somos nós, sim, e não faz o menor sentido se queixar, seu dinheiro, disso vocês podem prescindir, Hércules ou algo assim, é assim que nos chamamos agora, mas também não somos isso, somos ainda menos do que éramos nós mesmos quando ainda éramos nós e ainda nos chamávamos como nos chamamos, isso precisará ser provado, de todo modo não com muita precisão, não é mesmo?, não é mesmo, recebemos uns belos milhões pela marca, que agora foi danificada por vocês, e a longo prazo, talvez para sempre, não é verdade?, é verdade!, vocês mesmos

têm culpa se a marca foi danificada, aquela que nos deu nosso nome, mas agora não dá mais, mas que éramos nós e agora ainda somos, não, agora não mais, é verdade?, não é verdade?, na próxima assembleia geral, que na verdade agora já passou, de tão próxima que estava, mas vocês não perceberam, e agora passou, não é verdade, não muitos de vocês poderiam ter participado, verdade?, não é verdade!, riscamos de lá nosso próprio nome, de tão generosos que somos, riscamos nosso próprio nome danificado, já quase estragado, cuspido e vomitado, tiramos ele do jogo, pois não foram nossos produtos que os fizeram vomitar, não é verdade?, é verdade, delas vocês não podem se queixar, de queixo erguido é que falamos delas, elas não fazem mal a ninguém, vocês devem ter comido alguma outra coisa, que não saiu da nossa loja, do nada nada sai, e será que nossa marca ainda é uma marca afinal? Nós já somos uma marca, isso podemos lhes dizer! Uma bela marca, nós! Será que nossa marca, que indica a borda da margem de lucro, é mesmo uma marca?, mas sim, sim, sim!, essa marca indica nossa margem, com a qual já ganhávamos no supermercado e juntávamos pontos, no superbarato – não, isso nosso mercado não é – tanto faz se agora temos um nome ou não, tanto faz se temos nosso nome ou não, tanto faz o nome pelo qual chamamos vocês ou não, tanto faz também como vocês se chamam ou não, como é que se chamam afinal? Tanto faz, era justificado ser uma marca, ser uma ótima marca indicando o lucro, era a nossa marca, pois temos o nome dela, mas nosso banco tem esse mesmo nome, mero acaso? Nenhum acaso, a firma tinha o nome do nosso banco, agora não tem mais, mas o nosso banco é o nosso banco, um homem é um homem, não é verdade?, uma marca é uma marca, com ela pode-se despachar tudo, é só saber para onde, um homem é um homem, voltaremos a isso, depois que formos despachados, é sempre assim que começa, e assim é que está começando, e a história de sucesso continua, agora ela chega em nós, mas depois de nós não continua, o que nós temos nós temos, o que nós temos mantemos também, não é mesmo, e um imóvel não pode ser movido, um imóvel é um imóvel é um imóvel, não é mesmo? O homem e seu dinheiro são móveis por direito, isso é direito!, os imóveis não o são, não é mesmo?, eles têm que ficar onde estão, em velhas pequenas cidadezinhas no leste, em novas modernas renovadas metrópoles, tanto faz, eles têm que ficar, alguns acharam bom, outros menos, depende do lugar, não é mesmo, nós nunca os achamos, mas achamos vocês, quando vocês investiram em nós e então se perderam, digo, perderam, o que é que eu queria dizer, enfim, nós investimos em imóveis, não é mesmo, no leste, onde ainda são baratos, não é mesmo, enquanto ainda eram baratos, enquanto não eram mais legais, mas ainda eram baratos, enquanto alhures os recursos ciosos, ociosos, ainda dormiam sem serem perturbados em suas caminhas e nunca mais pretendiam acordar, provavelmente já estão mortos, não é mesmo, mas conosco não, conosco os imóveis inamovíveis não estão mortos, conosco eles ainda trabalham e representam um valor para vocês, ao qual ainda se acrescenta o valor de vocês, afinal vocês investiram nas nossas imobilidades, essas imobilidades têm um nome, que nós também temos, que sempre tivemos, mas isso é mero acaso, como o amor, um acaso, pois não são eles, eles não somos nós, nós colhemos, será que finalmente entendem, só recolhemos as taxas pela administração de seu dinheiro, o dinheiro tão pervertidamente vertido por vocês, assim que ele é investido, agora já foi investido, já está nas nossas mãos, e agora levanta a mão contra nós, não se pode fazer nada, então recebemos as porcentagens pelo dinheiro investido no lugar errado, no vestido errado, que nos traz porcentagens sobre as porcentagens, que talvez lhes pertenceriam, mas vocês não recebem, são porcentagens pelo dinheiro que vocês inseriram ou ainda vão inserir na nossa imobilidade, vocês têm que vir até nós, afinal somos imóveis, como tudo o que é grande, exceto por exemplo a majestosa baleia, que pelo menos sabe nadar bem, pode ser, mas seu dinheiro não é e, se fosse grande, então vocês não o teriam, e ele nem ia querer trabalhar para vocês, agora ele trabalha para nós, para quem mais, embora tenhamos esse nome e sempre tenhamos tido, logo não teremos mais, mas por ora ainda sim, agora sua grana tem o nosso nome, sua grana agora tem um nome valioso e um valor nominal, vocês deveriam se orgulhar da carreira que sua grana fez conosco, não?, com vocês ela sequer teria sido contratada como trabalhadora doméstica, obrigado por terem nos contatado para contratá-la, orgulhem-se!, afinal foram vocês mesmos que deram esse dinheiro para nós, e ainda

se admiram? Admitam, vocês não podem se admirar que ele agora trabalhe conosco, já que foram vocês mesmos que nos deram esse dinheiro, vocês é que apertaram o gatilho, pois é, nem estava tão apertado, bum!, e caiu morto o capital de vocês, agora ele não lhes serve de mais nada, mas para nós, sim, ele nos serve, porque ele trabalha, ele trabalha para a sociedade com o nosso nome, que não tem mais nome, com um novo nome, a sociedade anônima, tanto faz, ele trabalha para toda a sociedade, não, não toda, só para a nossa, e nós embolsamos por causa de um contrato administrativo que fechamos com vocês, mesmo que vocês não saibam, mesmo assim está fechado, afinal alguém tem que cuidar do seu dinheiro, não é mesmo?, não é mesmo, como vocês não conseguem, passaram para nós, porque não queriam cuidar do próprio dinheiro, agora, é o que fazemos, simplesmente, cuidamos do seu dinheiro, e primeiro embolsamos taxas pelo nome e taxas administrativas e taxas estatutárias e taxas estacionárias e taxas pelo uso do nosso estacionamento, do nosso estabelecimento, onde estacionamos seu investimento, e pelo uso do nosso elevador panorâmico, pois agora temos um bom panorama, mas vocês entraram no outro elevador e agora não tem mais nada em vista, nenhuma perspectiva, em algum lugar ele tem que descansar afinal, o dinheiro, senão começa a se acotovelar como quem luta por um ingresso para a final do Campeonato Europeu ou da Copa do Mundo, ele se atropela diante do estádio, se atropela diante da tv, se atropela na praia, se acotovela, empurra, só para vocês é que não faz mais nada, ele se arrebata por uma nova ordem, se arrebenta para pôr ordem nessa tempestade arrebatadora, nesses dentes arrebentados e arreganhados. Seu dinheiro não se estafa mais por vocês, vocês o esqueceram, estraçalharam os documentos antes da investigação da Receita, esfalfados como estão, podemos imaginar, como seu dinheiro agora tem um lugar ao sol conosco e está se bronzeando com os juros, antes que vocês se queimem como a mariposa na lâmpada, antes que vocês queimem os dedos em nós, eu sou a lâmpida, enfim, juros, pois é, juros, ele traz, ele faz, mas isso não faz diferença, pelo menos para vocês não traz nada, juros dos quais vocês não verão nem um pingo, nem para uma pinga, e quem é que verá? Quem viver verá. Por que vocês são tão negativos? Por que veem apenas os prejuízos ao invés dos juros negativos? Quem é que os verá, quem terá prejuízos, se nós só vemos lucros? Quem fará qualquer coisa se não fazemos nada? Se não nos apresentamos para o serviço, que na verdade vocês deveriam ter assumido, a administração do seu dinheiro, que agora está conosco, de férias na ilha, exercício, esporte, excitação, vôlei de praia, perfeito, é perfeito o encaixe no nosso caixa, insistimos no seu saldo de caixa, somos tão insistentes que reinvestimos imediatamente seus investimentos, como fazemos isso?, bem, vocês sabiam perfeitamente, quê? Investimos tudo em que conseguimos pôr o dedo, aquilo que lhes escorreu por entre os dedos, damos a eles, aos investimentos, nosso caro nome, o nome do nosso banquinho, que nós levantamos, vocês agora não podem levantar mais nada, não é mesmo, nenhuma casinha no campo, nenhuma casa de férias na Riviera, não é mesmo?, não podem porque nós podemos, e o que nós podemos vocês não hão de empreender nem repreender, depende do caso, não é mesmo?, afinal vocês não são empreendedores, não é mesmo, até gostariam de empreender, compreendemos, vão andar de bicicleta, nadar, jogar no computador, nos surpreendam!, também esse empreendimento lhes tomaremos com prazer, faremos algo com isso, também fazemos um serviço regular com seu dinheiro, que agora é nosso, e para tanto naturalmente tiramos uma taxa de serviço, não é mesmo, a oficina mecânica de vocês faz o mesmo afinal, e quando se serviu o suficiente, quando as mesas já foram servidas e tudo já foi parar nas suas fuças gulosas, pequenas, mastigando sem parar o nada infinito, sem limites e sem preconceitos, então a oficina fecha, e até a oficina tira mais que nós, tiraria mais que nós se vocês ainda tivessem algo, se ainda tivessem mais para investir, podemos lhes segredar isso, mas também poderíamos dizer em voz alta, em suma é uma soma somando 160 milhões, e se puxarmos aqui um valor de comparação, pense bem!, um valor de compensação pelos valores compensados no ano passado, quando o dinheiro ainda valia algo, exceto o de vocês, que já então não tinham mais, se puxarmos ele vem, contra a vontade, mas vem, então podemos afirmar que no ano anterior o valor de comparação sob cálculo das provisões para dois aumentos de capital, nos quais vocês nos

auxiliaram, não é mesmo, enfim, o valor resultou numa importância de 147 milhões. Em apenas dois anos, portanto, em que seu dinheiro tirou férias na ilha, nem precisam olhar o horário dos trens, nem o horário dos voos, nem o horário dos barcos, nessa ilha vocês jamais porão os pés!, enquanto seu dinheiro fazia uma colônia de férias na ilha – pois agora seu dinheiro trabalha para nós, vocês sequer sabiam disso? Caso não saibam onde e para quem trabalha o seu dinheiro: para nós! –, enfim, enquanto seu dinheiro trabalhava na ilha, depois de também ter feito belos circuitos conosco no seu escasso tempo livre, sempre circulando, andando em círculos, não é mesmo?, seu dinheiro ainda treinou esforçadamente, treinou vocês a treinarem sozinhos, mesmo!, enquanto vocês ainda dormiam a sesta na varanda, seu dinheiro estava conosco se esforçando e perdendo peso, podem acreditar, dizemos a verdade!, não, seu dinheiro não dorme, isso não existe, conosco isso não existe, com vocês talvez dormisse, conosco não, nunca dormirá! Na ilha, depois do trabalho ainda tem que fazer exercício, ele entra em campo com o uniforme da firma, contra vocês, vocês acreditavam poder ganhar, mas agora seu dinheiro entra no jogo para ganhar, ele joga, mas não no time de vocês, vestindo a camisa da firma, que tem o nosso nome, mas não somos nós, e que agora realmente não somos nós, porque agora temos outro nome, não é verdade?, não é verdade, seu dinheiro cuidou bem de nós, de vocês não teria que cuidar tanto, pois agora vocês sempre estão folgando na varanda lendo o jornal, antes não tinham tempo para isso, e mesmo o tempo tomamos de vocês agora, agora claramente não é mais o tempo de vocês, talvez o tempo de vocês ainda chegue, mas não é este, podem finalmente descansar, ler só o caderno de esportes, divertido, o caderno de política, cansativo!, mas está ótimo, podem abrir o guarda-chuva, mas não vai chover dinheiro, só sobre nós, aqui é um aguaceiro, já aguardado, e agora bem guardado, mas vocês não, vocês passaram a guarda para nós, ainda devemos lhes dizer algo? Talvez não devêssemos, mas dizemos mesmo assim, que não recebemos nada por essa colocação, também não levamos embora a locação, nem os talheres com o guardanapo de pano, uma tacinha de vinho, o marketing, o licenciamento, o brasão na garrafa de vinho pintado por um artista famoso, não é mesmo?, tudo isso ainda vem de brinde pela lealdade, não é mesmo, pela lealdade ao seu dinheiro, que por sua vez não permaneceu leal a vocês, mas a nós sim, por quê?, porque sim!, culpa sua, culpa sua, e agora conosco está muito mais feliz e contente, por favor, às vezes ele nos olha com um olhar interrogativo, pensativo, mas logo o tranquilizamos, logo tranquilizamos seu dinheiro, é verdade que ele tem que trabalhar, mas também tem direito a exercício, esporte e excitação na nossa bela ilha, não é mesmo, em compensação vocês agora não têm mais direito a uma aposentadoria complementar, não é verdade, é verdade!, senão ele já poderia ter ficado com vocês em casa, na varanda onde vocês águam as plantas e aguardam a aposentadoria que não colherão mais, que não crescerá mais, não é mesmo, senão ele não teria que ter ido embora, o dinheiro, pelo qual vocês são famintos e sedentos como pela justiça, mas o dinheiro tem sua própria fome e quer comer outros dinheiros e crescer e se multiplicar, mas nisso acaba sendo devorado por um outro dinheiro mais forte, tudo tem um custo!, só a administração dos seus dinheiros, que afluem para nós de toda parte como riachos que se juntam em um rio que corre para o mar que rodeia nossa ilha, rodeia nosso paraíso na terra, rodeia nosso éden fiscal, molhando nossos tornozelos, naturalmente a administração custa algo, custa um montão, e se o dinheiro chegou na nossa ilha abençoada, então tem lá o exercício e esporte e excitação mencionados e pode socializar com gente da mesma idade, com dinheiro da mesma idade e da mesma opinião, que tem que trabalhar querendo ou não, vocês não precisam mais, seu dinheiro sim – grande benefício para vocês, grandes benefícios para o seu bolso, na bolsa, na carteira, no cartão de crédulo, divertimento puro e trabalho duro aqui conosco, mas fazemos com prazer, por favor, não tem de quê, pois é, tem um pouquinho de quê, mas como se diz, de grão em grão etc., e em compensação tem todo tipo de exercício, excitação e esporte, vocês querendo isso para o seu dinheiro ou não, não faz diferença, pois ele já não lhes pertence mais, e só essas mãos leais, fortes, confiáveis, com as quais apertamos seu dinheiro, que agora não tem mais o nome de vocês, que assumiu o nosso sobrenome, porque vocês o confiaram à nossa firma, fiaram-se na nossa boa sociedade como fiduciários, fieis vocês o deixaram nas nossas mãos fortes e flexíveis com as quais

apertamos apaixonadamente seu dinheiro agora, com o qual vocês querem saltar e passar por sobre a vara, mas essa vara, esse varão só acordou ereto e logo murchou, bem, de todo modo não teriam conseguido saltar longe com isso, enfim, para nossa sociedade fiduciária o nosso banco, que nós nomeamos e também somos, enquanto a firma não tem mais o nosso nome, mas continuamos sendo ela mesmo assim, nós, não é mesmo?, sim é mesmo!, nós almejamos dois terços da renda bancária corrente! Almejamos e alcançamos! Na mira! Na mosca! Que beleza! Saltando de ilha em ilha no barco dos doces sonhos – não é engraçado? Seu dinheiro quer se afastar de vocês e ir para uma colônia de férias, talvez até fazer um estágio de férias, ele quer vir a nós, e lá vem ele, lá vai ele, ele vai longe, muito mais longe do que jamais iria com vocês, sim, vocês ficam espantados com a distância que o dinheiro pode percorrer, não julgavam seu dinheiro capaz disso, ele nunca foi muito atlético, sim, vocês se espantam com seu dinheiro se espalhando e expandindo, mas não com vocês, conosco, que temos o nome do seu dinheiro, que não significa nada, porque vocês não podem fazer nada com ele, mas nós fazemos algo com ele, agora já o amamos, antes mesmo de tê-lo visto, vocês levantam graves acusações, mas nem as ouvimos mais, estamos jogando badminton com seu dinheiro, pois ele é tão leve e voa como que sozinho, pois todos esses títulos parcialmente amortizados agora pesam como chumbo, de repente não querem mais se exercitar, querem finalmente se deitar em paz por todo o mundo, como foram sempre securitizados e segurados por cobranças extenuantes que lhes fazemos, que todos lhes fazem, mas por quê, por quê?, por que vocês também estão nos cobrando? Sendo que ninguém mais recebe nada do que cobra, no mundo todo!, na verdade não sabemos o que estamos cobrando, mesmo assim temos cobranças, e também não conseguimos mais nada, pois já temos, já embolsamos taxas sobre taxas, elas nos seguraram, eram nossa segurança, o capital ainda é inseguro, agora ele se foi, e nós temos cobranças, por favor, obrigado, vocês deram-no a nós, e os títulos parcialmente amortizados que carregam nosso nome, ainda carregam, pois logo receberão outro nome para carregar, enfim, esses parcialmente amortizados vieram, por via de uma sociedade em uma ilha do Caribe Aruba Aruba Aruba, à zona de influência do nosso banco, que tem nosso nome e também somos nós e ainda somos nós mesmo que não tenhamos mais esse nome, esse é um segredo bem guardado, é o melhor guardado de todos os segredos, mas parece ter escapulido de seu guardador, já que agora até vocês sabem, mas não lhes serve de nada, o que é que podem fazer? Não podem fazer nada, ele está lá onde estamos, tanto faz que nome temos agora, e guardamos nosso gado no estábulo, não temos mais que limpar a merda, quem é que o fará, quem é que reavaliará esse gado, que de repente é mais numeroso do que era, o gado se multiplicou desimpedido, como assim, isso aqui não é a arca de Noé, hein!? Se o gado faz merda, se mesmo o gado de pequeno porte aduba nossa grama, e de grama em grama o gado enche o papo, o nosso, como sempre dizemos, pois disso nunca fizemos segredo, guardamos muitos segredos, por princípio, mas disso não fizemos segredo!, se animais pequenos também cagam, junta-se tudo num saquinho, agora essa é a lei, não é mesmo?, então junta-se tudo, assim se mantém limpo o solo, assim se mantém o solo europeu, que carrega o nosso nome, mas não somos nós, somos todos nós, mas nós é que não somos, isso mantém o solo limpo. Alguém tem que fazer isso, limpar a merda, tanto faz seu nome, alguém tem que fazê-lo, seu nome agora é Héracles, ou popularmente também Hércules. Então. Qual o próximo assunto, seu dinheiro?, não, ele não está próximo, já foi longe, vai muito mais longe que vocês. E não é só seu dinheiro que pertence à firma, e a firma é a sociedade toda, nem mais, nem menos, sim, vocês também são firma, que por muito tempo teve nosso nome, mas que já não éramos nós, ainda que ainda acreditassem nisso, mesmo quando ainda tínhamos o mesmo nome, mas já não éramos, e que agora de todo modo já tem um outro nome, não, não se pode dizer que seja uma sociedade anônima, o nome simplesmente é outro, não é mesmo?, a firma nos ofereceu dois terços dos ganhos bancários correntes, que têm o nosso nome e somos nós também, porque podemos nos identificar com eles plenamente. Uma bela oferta, podem perguntar a qualquer um, podem se perguntar também, como assim? Como assim tudo isso acabou agora. Não acabou, isso não tem cabimento, acabou de começar, começou a acabar, mas ainda não acabou totalmente. Não cabe na nossa cabeça que seu

dinheiro tenha durado tanto, não achávamos que fosse capaz de tanto, mas ele recebeu um empurrãozinho nosso, não é verdade?, não é verdade. Como já estão perguntando: Ninguém vai lhes responder. Desnecessário responder. Não precisam esperar, seu dinheiro jamais voltará para vocês, aceitem isso!, preferimos aceitá-lo entre nós, ele gosta muito mais daqui, surpresa!, afinal para nós ele tem mais valia, digo, mais valor do que para vocês, que o jogaram fora, vale taxas nominais e taxas fiduciárias e mais algumas taxas que inventamos de boa-fé, sem que ninguém disputasse essa invenção, o ser humano é livre para pegar ou largar, nós pegamos. Vocês largaram, dois terços dos lucros do nosso banco são às custas do seu capital, que originalmente era bem pequeno e nem valia a pena para vocês, mais valia aplicar em maior quantidade, é preciso juntar, então, coube a vocês aplicar e a nós multiplicar, não é mesmo, dois terços dos nossos rendimentos bancários e mais!, pois tínhamos, para pensar em grande escala, não é verdade?, não é verdade, em escala continental, europeia, que só nós reconhecemos, primeiro tivemos que alcançar essa grande escala, tivemos que inflar um pouco para aumentar a escala, nós fomos escalados, vocês não, vocês jamais reconheceriam essa escala, a escala Europeia, no máximo fazem uma escala lá para pagar menos nas férias na Hungria, no Lago Balaton, ou uma balada, ou um tour de bike na República Tcheca ou em outro país que vocês já conhecem, onde a viagem sai mais barata, mesmo assim é um barato!, podem passear até passar a vontade, até vocês se tornarem passado, sim, podem caminhar, podem ir a pé, mas não vão dar conta da escala europeia, nós sim damos conta, damos conta e damos cabo do seu capital e com ele demarcamos as dimensões da Europa, onde vocês ficariam marcados para sempre, porque seu dinheiro não trabalha com vocês, não é mesmo, com vocês ele não se multiplica, só conosco é que ele trabalha, nisso temos apenas o bem de vocês e da Europa em vista e em caixa, primeiro em vista, depois em caixa, nós enchemos bem o caixa, até a boca do caixa, mas não afundamos com o peso, precisamos nos lançar ao mar, mas voamos alto e sobrevoamos o mar até nossa ilha, a boca do caixa abocanhou seu dinheiro, mas não dá para encher a pança, nunca é suficiente, e foi por uma boa causa, foi um jantar beneficente, um Charity Dinner com celebridades, foi para uma causa nobre, foi sinceramente filantrópico filar essa boia nos trópicos, senão o dinheiro cairia nas mãos erradas, melhor pegarmos para nós, aqui podemos dizer isso em voz alta tranquilamente, não é verdade?, não, não é verdade. Estamos vendo que isso tudo são nossas raízes, mas também nossa coroa, nossa cara, encaramos vocês, damos a cara a tapa, mas ninguém bate, somos imbatíveis!, já vocês, ouçam!, onde estaríamos, onde estaríamos, onde estaríamos se não soubéssemos onde estamos enraizados, arrá, ei-las aí, nossas raízes, já achávamos que nunca as encontraríamos, cavamos e cavamos daqui de cima, e de onde mais seria?, até ficarmos todos pretos, cavamos até as covas em Viena, e agora finalmente sabemos de onde viemos; de onde veio o dinheiro, isso sabemos, mas agora sabemos de onde nós viemos, achamos nossas raízes, elas têm o nome do nosso banco, mas só por acaso, as raízes do nosso banco alcançam longe, afinal já faz anos que as lançamos, antes de ter que fechar a conta de vocês, então, sua conta não existe mais, de todo modo vocês nunca tiveram uma conosco, pois fechamos pontualmente e vocês como sempre não estão lá. Em compensação podem estar lá por nossa firma, por quê?, porque sim!, estar lá com a nossa firma quando compram nossos certificados e com isso dar ao banco, que tem nosso nome e somos nós também, dois terços de seus rendimentos e mais um chorinho. Por que estão choramingando? Se vocês mesmos quiseram isso, quando confiaram seu dinheiro a nós. Esse dinheiro tem raízes em vocês, mas agora o passamos para cá. Não passamos vocês para trás, palavra de honra! Seu dinheiro é seu pequeno representante, e se apresenta onde mandamos, é para isso que o mandaram para nós afinal, arrancaram seu dinheiro pela raiz e agora ficam aí com esse olhar de bobo, mas sem ver nada. Obviamente estão excluídos de nossas raízes, das nossas raízes nada cresce para vocês, vão procurar suas próprias raízes, não podemos nos arriscar a pensar de modo europeu ou questionar a Europa antes de lhes ter tirado o último centavo, pois vocês são a Europa, caso ainda não soubessem: Todos nós somos a Europa, mas vocês especialmente, ainda tem muita coisa aí. Por isso também lhes oferecemos um pacote de crédito justo, vejam só tudo que tem dentro! O banco, que tem o nosso nome, mas não somos nós,

agora está pronto para abdicar de uma parte substancial dos pagamentos contratualmente acordados! Sim, acreditamos que vocês não acreditam nisso, mas é verdade! Oferecemos até um pacote de crédito justo, pois nossas sociedades caíram muito além dos verdadeiros valores de nossas sociedades, os valores caíram, por sorte não tínhamos nenhum na nossa carteira, lá temos imóveis, eletricidade e aviões, pode até ser muito, pode ser pouco, pode não ser nada, tanto faz, pois vocês pagaram por isso, não nós, não, valores não temos nenhum, nós mesmos. Por isso precisamos dos de vocês! Então. Assumimos seus valores, mas isso não é nada! Chamam isso de valores? Não podem estar falando sério! Por favor, por nós podem até ser valores. De todo modo somos só os guardiões desses valores, sim, guardamos valores; enquanto vocês só aguardam nós montamos guarda, guardamos grandes valores, só as porcentagens que vão para nosso banco já são pelo menos dois terços dos nossos rendimentos correntes, melhor se for mais, isso sim são valores!, e esses rendimentos não nos escapam, como vocês agora nos escapam como clientes, seu dinheiro é mais inteligente que vocês, ele continua conosco, continua conosco, continua nosso. E agora reagimos à crítica construtiva de alguns investidores, não muitos, alguns, e bolamos esse pacote de crédito justo, que infelizmente nos deu um bolo, o que é que se pode fazer. A partir de agora essa sociedade passa com efeito, para todos os efeitos, a ter um nome diferente do banco, que éramos e ainda somos, mas não temos nome, quero dizer, ainda temos o mesmo nome, mas a sociedade agora se chama, ouçam bem: Héracles, também chamado de Hércules, porque trabalhamos sobre-humanamente para vocês. Assim todos os outros nomes deixam de valer. Na Europa agora nos chamamos Héracles por causa de nossos trabalhos, que realizamos para vocês, por conta das listas de tarefas que preenchemos para vocês, pois preenchemos o que está vazio; não há nada de estranho em nós, não há nada de estranho nisso, nem as taxas, nem os lucros, nem os prejuízos e nem mesmo a firma sediada em Guernsey e nem a firma cedida na Europa, a que ainda não existe, mas seguramente logo existirá, embora na Europa não exista mais lugar seguro, bem, para o dinheiro talvez exista, se todos nos reunirmos, mas para as pessoas seguramente não mais, nenhum lugar mais, exceto para o dinheiro, na Europa, pois a Europa está em todo lugar, todo lugar na Europa é a Europa, não, em outro lugar não é, em outros lugares pode haver pessoas, mas que não pertencem à Europa. Em toda parte há lugares que vocês não possuem, mas em compensação vocês possuem a Europa!, não, não têm que comprar as pessoas, se quiserem comprar a Europa, as pessoas não fazem parte do pacote; se querem pessoas, precisam fazê-las vocês mesmos, pois não aceitariam os outros nem de graça, não aceitariam ninguém que não fosse europeu, e mesmo entre os europeus ainda têm preferência. Mas vocês, vocês sim são europeus e têm valores, e têm raízes, raízes submersas, a que ninguém quer se submeter, basta cortar tudo lá em cima, não é mesmo, enfim, também temos posse de vocês, vocês nos pertencem em algum momento, agora já pertencem a nossa grande família de investidores, cuja camisa gostamos de vestir, onde investimos nosso tempo e, se possuem uma fatia nossa, logo possuirão a Europa. A Turquia não, ela só entrega o café, e muitas vezes nem é o certo, a África entrega os mouros, mas são vocês mesmos! Não, o mouro não, o mouro somos nós, e agora podemos ir. Quem vai querer, quem ainda não tem? Somos a Europa! Vocês têm que ser também! Vocês são o maior projeto de paz do nosso tempo, a Europa!, e estão aí tão solidamente quanto nós, onde o dinheiro jamais desaparece, podemos apresentar o dinheiro que temos, se nos for pedido, um pedido quase incessante, vindo de vocês, mas chegando a nós, e lá ele constrói uma saudável base de capital próprio, somos saudáveis, muito obrigado, muito obrigado, esperamos que vocês também, se a economia estiver saudável vocês também estarão, não precisarão de médico mesmo que já tenham sido chamados a ele antes da data de validade, pois foram colocados aqui com o cuidado de um mercador e então oferecidos e recomendados ao público como uma receita, onde diz que não se pode tomar tudo, e vocês confiam seriamente na opinião pública, que com certeza não vai ter uma opinião muito boa de vocês? Antes mesmo de serem descartados, pois agora nem mesmo seu cartão de crédito funciona mais? Onde estão os certificados certificando que vocês têm direito a isso? Só pode nos espantar, que vocês ousem ir a público, onde não podem provar nenhum fluxo monetário, por favor, obrigado, nós temos fluxos

monetários, lançamos nossos barcos na água e seguimos o fluxo, cujo leito nós mesmos escavamos, nosso barco os segue cegamente, os fluxos monetários, que confluem em largas correntes correndo apenas para o seu bem, quando finalmente desaguam no mar e podem circundar a ilha caribenha de Aruba e a ilha de Guernsey, podem circular, então por que não nos deixam trabalhar em paz para que seu dinheiro finalmente tenha paz?, por que não nos deixam trabalhar em paz com seu dinheiro, já que vocês mesmos são a paz, trabalhar com nosso banco, com invés de contra o nosso banco?, afinal vocês são um projeto de paz, o maior que jamais existiu, o maior objeto de paz de todos os tempos, a Europa, não, não Aruba, isso foi um desentendimento, mas o que é que vocês entendem disso afinal!, vocês estão na lama, e fundo! Europa!, isso é bom para os negócios, pois todos que prestam esse enorme serviço, de fazer que um projeto europeu de paz que preste, serão honrados, mesmo que não por nós, com certeza não por nós. A Europa os honrará. Nós mesmos nos honramos, não se preocupem. Deem-nos seus honorários, e então serão a Europa, como nós, então serão como nós, mas não serão nós, nós pagamos nossos honorários in loco, num local onde vocês não entram, vocês compraram nossos títulos securitizados por cobranças, nossos certificados, nossas boas notas, ao invés de trabalhar, e agora vêm nos cobrar! Não era para ser assim. Não foi isso o que planejamos. Não foi assim que pensamos. Mas vocês deviam saber como é isso de cobrar e não receber nada. De nada nada sai. Bem entre o nada e o nada, e o nada pode vir, por nós ele pode vir, mas nada vem, para nós nada vem disso aí, talvez o nada venha até vocês, mas até nós ele não vem, embora por nós até pudesse vir, mesmo que não até nós. Quem quer vencer nos dá seus vencimentos. Esse projeto da Europa traz em si mesmo sua remuneração, ele tem esse nome mas não é isso, por sorte, pois a qualquer momento vocês podem se ver na situação desconfortável de que os certificados que adquiriram como ações para sua carteira, de que todo mundo precisa, todo mundo precisa de uma, talvez não da de vocês, enfim a situação é que esses certificados mencionados, amortizados, não são ação nenhuma, e além disso estão vencidos: e a carteira naturalmente agora fica precisando de um sentido em si e encontra mesmo um sentido em si, e mesmo dentro de si, pois ela tem um conteúdo, não é verdade?, é verdade!, estão buscando conteúdos?, por favor, aqui em sua carteira têm agora os conteúdos, mas eles não contêm nada, sua carteira sim os contém, os detém, mas ela busca, é uma buscadora, sua carteira, a diabinha, não é mesmo, é um buscador de sentido, seu dinheiro, vocês ensinaram isso a ele, e agora buscam, esvaziados de dinheiro como estão, pelo menos um sentido nisso, sim, seu dinheiro também busca um sentido, mas não em vocês, um sentido que não consegue encontrar, que também não consegue encontrar em vocês, mas conosco seu dinheiro passa a ter um sentido, pois o sentido tem que ser suplementado, o sentido teve que lhe ser sussurrado, pois títulos imobiliários não podem faltar em nenhuma carteira, dizíamos isso a vocês o tempo todo, até na tv, quando ainda se aferravam ao seu pobre e inocente cofre de porquinho, nós os persuadimos, persistimos com vocês como quem persiste com um cavalo doente, essas ações securitizadas, enfim, que vocês tinham adquirido como ações, mas que não o são, que choque, hein?, agora infelizmente se machucaram feio graças ao comportamento de vocês, e por isso simplesmente vão embora, não, não é tão simples, mas elas se vão, não querem mais ficar com vocês, não valem mais nada, e se valem não é para vocês, o que vocês fazem em Aruba com seu dinheiro, o que vocês fazem em Guernsey com seu dinheiro, se estão aqui, só seu dinheiro não está mais aqui, epa, o dinheiro agora sofre de retenção, mas vocês nem percebem, afinal ele foi mandado para Aruba para um estudo do meio, isso tudo é meio culpa de vocês, vocês que o ensinaram assim, ele não flui direito mais, e se flui vocês não têm um vasilhame para recolher, e para onde vai fluir, o pobre dinheiro?, bem, para nós ainda flui, para vocês não mais, ele só flui para o projeto Europa, mas o projeto Europa flui direto para essa firma no Caribe, onde ela não tem mais o nosso nome, mas somos nós, bem, talvez não direto para nós no Caribe, ele faz suas próprias curvas e desvios, não é verdade?, é verdade, ele quer desviar de vocês, não é verdade, então o desviamos, ele flui, ele flui para longe de vocês, tudo flui, ele escorre por entre os dedos de vocês, ele foge daí, nisso ele se parece conosco, esse projeto enorme, grande demais para vocês, arranjem um menorzinho para vocês e recomecem aos poucos, do zero, como o zero que

são – quem poderia duvidar de seu grande futuro, o futuro do projeto Europa, do qual vocês farão parte ou não também? A pergunta agora é: Se esse futuro de fato terá lugar?, se todas essas novas ideias que vocês podem ler diariamente no jornal de fato terão lugar? O projeto de paz europeia terá lugar agora ou não, eis a questão aqui. Ele vai ter lugar, assim como encontramos uma cidade, uma via, uma vazão, uma evasão, que no entanto não pode vazar, afinal está cercada água em todos os lados, um refúgio na ilha de Guernsey, assim como fundamos uma firma no Caribe, longe, tão longe!, só por causa de vocês, lá naturalmente não é Europa, mas não importa, Jersey, Guernsey ou mais tarde Aruba, precisamos de Aruba também, para nós simplesmente faz parte, tanto faz, para nós todas fazem parte da nossa família, as belas ilhas, ah, os paraísos onde podemos realizar nosso próprio grande projeto, com ajuda de um banco que pensa e compensa e no momento ainda está no meio da Europa, lá ele está bem, lá vai muito bem, e tem o nosso nome e também somos nós, embora a partir de agora nos chamemos Héracles, isso só significa que agora podemos trabalhar o dobro de antes, não, três vezes, quatro vezes, cinco vezes, seis vezes!, para vocês, sim! Temos orgulho disso. Precisamos logo de novos grandes acionistas, e mesmo cortar o cordão umbilical do banco, que ontem ainda tinha nosso nome, mas hoje ainda tem esse nome, quero dizer, que nunca deixará de ter um bom nome, tem hoje como ontem e anteontem, mas não mais o nosso, temos outro nome agora, não temos mais opção, agora nos chamamos Héracles, nomes são só palavras afinal, pois tudo serve para tudo; apressem-se, já vamos terminar, o nome pode nos determinar, mas agora já podemos terminar sem sermos determinados pelo nome, pois agora não temos mais outro nome, quer dizer, temos o nome que sempre tivemos, só essa sociedade, que nos recebeu tão amigavelmente, agora tem outro nome, mas ainda somos nós, nome e sobrenome são palavra apenas, palavras pequenas, não é verdade; que agora nos chamemos Héracles, isso não conta, mesmo assim entra nas contas uma porcentagem, mas não conta, para vocês talvez conte, pois vocês amavam nosso antigo nome, pois já estavam tão acostumados com ele, mas para nós não conta, não importa como nos chamamos, mas quanto podemos lucrar, o assunto aqui não é Lúculo, nem lúpulo, não queremos fugir do assunto só porque também gostamos de uma cervejinha, mas o assunto são os trabalhos de Héracles, o assunto simsim, nãonão, são trabalhos gigantescos, e vocês também podem participar do nosso grande projeto, só precisam se manter pacíficos, só precisam manter a paz, mantenham-na!, detenham-na!, senão ela pisa no seu pé, sejam pacíficos!, pois esse é um projeto de paz, não é, enquanto não sairmos do caminho, que também tem o nosso nome, pois o caminho é o destino, que também tem o nosso nome, mas não somos mais nós, mas ainda somos nós mesmo assim, somos Héracles, agora somos Héracles e podemos fazer tudo, podemos fazer todos os trabalhos, mesmo os pequenos, os grandes é claro que sim, com ajuda do dinheiro de vocês, que vocês nos confiaram corajosamente, podemos partir a qualquer momento, nesse caminho, melhor que partir-lhes o crânio, esse caminho os leva diretamente a nós, o caminho, inevitavelmente, ele tem o nosso nome mas não somos nós, quer dizer, o caminho de algum modo também somos nós, somos o caminho, a verdade e a vida, mas ele só tem o nosso nome, e nem isso ele tem mais, mesmo assim partam nele!, podem pegar tranquilamente esse caminho, ele é nosso!, e quem nos segue, a ele não seguiremos por muito tempo, quer dizer... Eu sou o caminho, a verdade e a vida, diz esse senhor, que tem o nosso nome, mas não somos nós, pois ele agora se chama Héracles, mas ainda somos nós, somos o caminho, a verdade e a vida, quem acredita em nós que nos acompanhe, mas de nada vai adiantar, pois já temos acompanhante, que tem o nome do nosso banco e também é ele. Já temos nosso acompanhante. Agora podemos adotar outro nome, tranquilamente, pois ainda somos o que somos! Façam seu próprio nome, ele vai valer tão pouco quanto vocês. Só nós fazemos valer. Nós ganhamos, mas já temos tudo de todo modo, e também temos um acompanhante para tudo isso. É nosso legado. O que eu queria dizer? Sim, nosso legado, que tem o nosso nome e somos nós também. Que agora tem outro nome, mas mesmo assim continuamos sendo nós. Todo mundo tem direito a trabalhar, todo mundo tem o direito de trabalhar para nós, como quiser, como quisermos, de gastar o que ganha, de nos dar o que ganha, de ter propriedades, de ter o Estado a seu serviço, pois é, a seu serviço, vocês ouviram certo, pois o Estado, que é nosso serviçal, afinal nós o tivemos

primeiro, nós formamos o Estado, nós demos forma e formação ao Estado, chegamos primeiro, Deus ajuda quem cedo madruga, o Estado como servidor de vocês não vai lhes dar esmolas quando precisarem, como seria isso?, mas ele é nosso funcionário, e nós servimos vocês, obrigado por terem escolhido o nosso estabelecimento, seus filhos e netos podem vir brincar aqui também, pois vocês não terão mais apartamento e nem casa, naturalmente, nem mesmo uma casinha, na melhor das hipóteses esse estabelecimento ficará diante de um conjunto habitacional!, podem fazer seu requerimento, como quiserem. De todo modo não damos nada, não estamos aqui para dar esmolas, o Estado é que dá, pois o Estado está a nosso serviço, nós somos os que servem, os que se servem, bem, tem alguma coisa errada aí, tanto faz. De nada lhes serve que nós lhes sirvamos, que vocês tenham nos confiado de corpo e alma, nos entregaram sua alma, a que o povo, que não entende nada mas sempre fala, chama popularmente de dinheiro, dinheiro, poupanças, economias, não se preocupem, suas preocupações agora são nossas, entreguem a nós suas preocupações, nós nos ocupamos delas, nós cuidamos de tudo, somos o cordeiro de Deus, mas também somos todo o resto, não damos nada, não damos nem o equipamento básico para o seu capital subnutrido, em todo caso, e deve ser o caso, é o caso e a noite cai, tudo cai!, isso é bem menos do que vocês nos deram, isso não é muito, isso é natural; naturalmente Jesus Cristo deu mais, vocês dão o que têm, não é muito, é normal, o resto é o Estado que deve dar, nosso fiel servidor de seu senhor, não é verdade, somos o Sr. M., é como nos chamamos e o que somos também, não, não é verdade. O Estado também é importante de algum modo, pois o Estado nos esquadrinha sempre, somos esquadrinhados, somos enquadrados e encaminhados, porque já fizeram tantos esquadrinhamentos, e o que foi que se descobriu? Nada foi descoberto, não deu em nada, pois já faz tempo que não damos nada, não temos nada para dar, nada aqui em casa; os bufões do Estado não encontraram bulhufas, eles que também não valem nem o chão em que pisamos, não merecem nem morrer pisoteados por nós, não são bons para nada, nem para encher nossos copos, nem para preencher nossos sudokus; o Estado é a mão que nos dá um empurrãozinho, ele esquadrinha a todos rigorosamente, mas a nós sempre com maior rigor, mas o Estado também somos nós, é bem verdade que nosso nome é outro, sobretudo agora que mudamos de nome, mas ainda somos nós! Pois sim, o Estado esquadrinha todos com dureza, o banco nacional da nação nos esquadrinhou com dureza para o estado da nação, não, a nação do estado, não, o banco central da nação, o que importa é que nada seja estatizado, o que importa é que o Estado também não seja estatizado, aí já estamos contentes, aí já evitamos o mais grave, pois a nação tem as competências, o Estado tem as competências de uma nação, enquanto não for estatizado, isso seria realmente péssimo, bem, por nós não, para nós não, para nós nada seria péssimo, mas nós não transferimos para ele essas competências, afinal não temos nenhuma, como poderíamos ter transferido para o Estado se não as temos?, mas ele as tem mesmo assim, o Estado tem competências enquanto ele mesmo não for estatizado, só deve ser estatizado quando estiver falido, só se pode estatizar um Estado quando está completamente arruinado, arruinado como vocês logo estarão ou talvez até já estejam, que apressadinhos! Agora vocês também são Estado. Que estado lamentável. Quero dizer, agora finalmente pararam de se lamentar, pelo menos tiraram o microfone de vocês, embora agora, como Estado, vocês sejam ao mesmo tempo também políticos, representantes do povo. Será que não foram um tanto precipitados ao escolher esse caminho, o caminho de não ter mais nada, de não lhes restar nada? Assim teremos que estatizar o Estado bem mais cedo do que previámos, não é verdade?, não é verdade, apliquem sua lógica a nós, é um convite que lhes fazemos!, se nos esquadrinhassem tão rigorosamente quanto somos esquadrinhados, arrancariam disso, não, não aquilo que aplicaram conosco, mas então arrancariam daí que até mesmo no caso do maior dos grupos imobiliários registrados, digamos por exemplo: em Viena, não menos do que oito bilhões foram perdidos, pois é, se no caso deles pode-se perder oito bilhões sem que alguém esquadrinhe, quanto pode-se perder no nosso caso!, e podem esquadrinhar isso bem, mas não o fazem. O Estado tem a competência, o chanceler não tem a competência política, mas a competência pura e simples ele tem, pelo menos acredito que sim, é o mínimo afinal, mas isso também temos, também temos a competência, tanto faz qual, temos mais

competência que vocês, temos até mais competência que o Estado, que não pode nos ultrajar, e nem precisamos trajar nada, não temos que estragar nada, não temos que levantar um dedo, afinal o imperador também estava nu, embora todos tenham visto suas roupas, não é verdade, vocês compraram nossos certificados infames, mas vendemos como se fossem infalíveis, isso está claro, isso é evidente, vocês precisam de segurança afinal, isso está claro, isso não está em causa, e poderíamos nomeá-la a qualquer momento, a causa pela qual lhes vendemos insegurança como segurança, não é verdade, vendemos as novas roupas do imperador, que todo mundo de fato vê, e que no entanto não estão lá absolutamente, mas a competência para isso vocês receberam de nós, como Estado receberam de nós a competência para nos completar, não, nos complementar, não, nos compensar, não, controlar, exato, era isso que eu queria dizer! Controlar! Essa é a palavra que nos faltava, mas não nos falta mais nada, obrigado. Estamos contentes por termos podido vender-lhes esses certificados!, por termos tido o que quer que fosse para vender!, outros teriam vendido sua última camisa para adquirir nossos certificados, mas nós também lhes tiramos sua última camisa, sua mortalha, pela qual vocês ainda teriam que pegar um empréstimo, para alcançar a vida eterna, com ajuda dos nossos certificados, que podem certificar sua pureza de espírito e sua ingenuidade natural e seus ingredientes naturais a qualquer momento de suas vidas, certificados que podem testemunhar a qualquer momento toda sua existência inclusive diante de seu criador, foi bem assim que vocês imaginaram!, certificados que cobrimos com essa roupagem de ações falsas e ainda por cima ociosas, tanto faz, Deus vê através de qualquer roupagem, que de todo modo lhes foi arrancada, se é preciso chegar a tanto e lançar vocês no vácuo, pois ainda tem o empréstimo da mortalha para pagar, não?, ainda nos devem algo pelos últimos certificados e serão sugados diretamente do banco para o nada como um feto abortado, onde foi?, já se foi! Astuto, hein? Por favor, dispam-se, podem despir tudo na nossa frente, se quiserem se multiplicar, diante de seus senhores, os invisíveis, que de repente aparecerão diante de seus olhos, caso precisem, a mortalha não tem bolsos, mas podem confiar tudo a nós, mesmo aquilo que não está aí, que vocês nem possuem mais; somos mais que sua família, somos mais que seus famosos, ainda mantemos vocês muito tempo depois de já serem maiores de idade, muito antes de vocês poderem ter fama, tiramos o melhor de vocês, o valor completo, o mantemos no alto artificialmente por um tempo, até que os braços comecem a tremer, um trabalho de Héracles, de quem ainda vão ouvir falar, porque ainda nunca ouviram falar dele, também vão ouvir falar de seus outros trabalhos, nós mantemos vocês, pois o Estado tem a competência mas nós é que conduzimos, o Estado põe e a gente dispõe, o Estado deduz e a gente conduz, por nós, cá por nós!, do nosso ponto de vista não se pode chamar isso de competência, essa pequena direção que giramos, isso não é competência nenhuma!, mas o Estado se afirma contra nós, valentão, nós apontamos a direção e o Estado segue esse direcionamento, essa competência pela qual até o chanceler se esforçou em vão, ele não conseguiu, mas nós a temos, por aqui não encontrarão nenhum relatório de esquadrinhamento largado numa gaveta sem consequência convidando para a leitura!, não, não, eles não convidam, deveríamos saber disso, quando há um convite para a leitura somos afinal a empresa que faz o bufê, temos que pôr a mesa para vocês, sendo que até agora ela só foi posta para nós, mas só nos informariam quando alguém nos convidasse para a leitura de relatórios de esquadrinhamento, então cuidaríamos dos comes e bebes, fazemos isso com prazer, afinal tudo sai da mesma tigela e acaba na mesma tigela! Quê, é a pressão midiática que chegou de penetra na nossa festa de investidores, na nossa casa de investimentos? Jornalecos! Divulgam qualquer vulgaridade, contanto que seja contra nós, essas colunas só publicam calúnias, mais mentiras do que conseguimos colocar nos papeis que vendemos, essas vulgaridades impressas impressionam o vulgo, nós fazemos isso melhor, fazemos isso em um Roadshow com ex-ministros clarividentes e previdentes, muito melhor!, — claro que ele tem boa aparência!, sua aparência afinal era seu melhor investimento, mas em sua aparência não podíamos investir, não podemos adquirir ou ter sua aparência, podemos ter muita coisa, mas isso não podemos ter, pois como podemos ser como eles e ao mesmo tempo vender esses papeis?, como vamos impressionar as

pessoas com esses impressos?, afinal não podemos imprimir o rosto do ex-ministro com batatas, né? – bem, esse homem já foi alguém, investiu em seu rosto inteligentemente, e agora não tem que ser mais ninguém, pois já foi alguém, pois tem essa aparência de quem pode ser alguém a qualquer momento, e como ficamos nós, que nem podemos ter essa aparência?, o que nos falta? O que ele podia nós podemos muito melhor, sabemos vender muito melhor, afinal todos fomos traídos e vendidos pelo menos uma vez, sabemos como é! O ministro só estava à frente dos demais, o mercador o empurrou, os jornais o empurraram, e nós também o empurramos para frente, sim, no fim das contas ele só estava à frente, para que não vissem nossos rostos sombrios de inveja, para não aparecer essa nossa aparência, só a dele, mas na verdade só o rosto, é o rosto do capital, é o rosto simpático de um vendedor nato e inato, um vendedor de carros, que começa um novo capítulo, quem vende um carro consegue vender qualquer coisa, começa com carros, a ganância, e acaba nas sociedades petrolíferas, afinal também somos ele, agora também somos esse ex-ministro que nos subrepresenta, mas mesmo assim nos representaria se pudéssemos ter a boa aparência que ele tem, ele é nosso menor representante, mas também não precisamos de um maior, afinal nós mesmos também somos alguém!, nós mesmos somos muitíssimo mais!, mesmo nós somos bem mais!, mas ele não tem o nosso nome, ele não é ninguém, mas ele é nós, ele não é como nós, mas é nós, que agora também temos outro nome, para que as pessoas acreditem que somos alguém. Não, agora temos outro nome, mas ainda somos nós. Ainda somos os mesmos, e permanecemos os mesmos, porque precisamos, mas não somos mais ninguém. O ex-ministro com seu semblante maravilhoso, reluzente, em meio ao fulgor dos flashes, quanta energia se gasta com ele!, daria para abastecer uma casa com três pessoas com luz e gás!, bem que ele nos seria útil, o ex, marido ou ex-marido de alguém qualquer, de alguém que não é uma qualquer, e nós também seríamos úteis para ele, afinal ele tem que trabalhar como o próprio dinheiro, não é verdade, não, não é verdade, não é tão ruim assim!, ele tem que trabalhar para o nosso dinheiro, mas nosso dinheiro já trabalha sozinho, ele não precisa se ocupar com isso, disso não precisa cuidar, tem que cuidar dos futuros investidores, que não se vestem tão bem quanto ele, que no quesito puramente ótico não oferecem tanto, não é verdade, já podemos nos preparar para isso, ele também não vai oferecer nada, não oferece nada em nosso nome, só nosso nome oferece algo, caso alguém lhe ofereça algo em troca, mas tanto faz, levamos tudo, de grão em grão a galinha enche o papo, não é verdade?, já ouviram isso muitas vezes!, de mim ainda podem ouvir isso mais cem vezes, não é verdade, é! É! O pupilo quer ser tutor, já dissemos isso, e antes de nós um outro disse, um maior, tanto faz, o pupilo quer encher o bico de dinheiro, e muitos sequer acertariam esse bico, mesmo que fosse tão grande quanto a porta de um celeiro ou ainda maior. Vocês desbocados, todos desbocados, caros desbocados, usem suas bocas e digam o que querem, não vão conseguir, mas mesmo assim, usem as bocas que vocês não têm, como o imperador que não tem roupas, suas bocas só servem para comer, não para falar, só nosso porta-voz é que fala, ele fala por sobre a fala de vocês, não falem, comam, venham para nossa reunião, onde no entanto mal poderão se reunir, afinal vocês que se reunir ao mesmo tempo na nossa matriz em nossa terra-mãe, e não podem se dividir, também não querem dividir, sejam sinceros!, assim é que caíram no nosso papo, assim encheram nosso papo e nos engordaram terrivelmente, o que não importa para nós, o que nos importa é ficarmos cada vez mais gordos, crescer e multiplicar no menor tempo possível, é, o que é que queríamos dizer?, assim vocês ficam presos lá onde queriam buscar seu dinheiro, na pátria, não é mesmo, trazê-lo de volta para casa com vocês, mas o que é que o seu dinheiro haveria de fazer com vocês em casa? Ver tv o dia todo? Não vão querer exigir isso dele, né. Vocês não são parasitas afinal, mesmo que fiquem o tempo todo parados no sofá, sentados diante da tv, não lhes resta mais nada, vocês não podem se dividir como um organismo unicelular, preso na sua cela porque não tem mais dinheiro para sair, o dinheiro é que saiu ele mesmo, e o dinheiro é indivisível, pois não queremos dividir, queremos ele inteiro, não é verdade?, não é verdade, vocês não podem estar ao mesmo tempo na nossa matriz e em Guernsey, têm que decidir para onde vão, vir para Jersey ou Guernsey é decididamente difícil e depende do mau tempo, que sempre domina, fiquem em casa então e

continuem totalmente improdutivos!, produzam em segredo! Não produzam nada! O importante é que não vejam vocês. E de fato não veem, ainda não nos ocorreu que ninguém vê vocês, então também não veremos vocês na nossa assembleia! Pena! Vocês iam ver só uma coisa! Nós enchemos o bico com o seu dinheiro, o dinheiro recolhido, que você nos deu de colher, o dinheiro que você abandonou conosco, para que tomássemos conta, para ficar seguro conosco, não se preocupem, já tomamos conta, já descontamos, pois não tem mais nada aí, ele não está mais nem aí para vocês, nós estamos aqui para vocês, mas seu dinheiro não mais, pois vocês o perderam, pois vocês perderam, por isso talvez com vocês seja mais seguro, pois não tem mais nada aí para perder, o dinheiro não está mais em casa com vocês, seguramente, vocês encheram nosso bico com ele, e agora não vão vir ter conosco na nossa linda ilha! Sendo que convidamos vocês! Seu dinheiro já veio na frente! Olhem só, ele se foi!, seu dinheiro se foi!, o empréstimo que fizeram também, tudo perdido!, ele prefere ficar seguro conosco, seguramente, e seu pequeno capital, do qual amortizaram um adiantamento, para não terem que adiantar suas mortes, quer se tornar maior, conosco está mais seguro do que no apartamento de vocês com portas trancadas e contratos entre as pernas, para colher o que pinga, não, convites nas janelas, tapando mal as correntes de ar, mas as cortinas, as persianas estão fechadas, para ninguém olhar lá dentro e ver como vocês se espremem, como exprimem dor, que dor, que dó!, agora exprimam, espremam!, quê, não conseguem?, então já sei: experimentem, saboreiem!, como, o quê?, não conseguem? Não conseguem mais saborear? Nem por isso precisam sabotar nosso bufê e nossos produtos, com ingredientes naturais, nossas geleias naturais, nossos sucos naturais, pois é, tudo!, saboreiem, sim, naturalmente!, podem saborear nossas geleias e sucos naturais, e então regredir para a natureza, vão colher umas frutinhas!, lá estarão em casa, mas não na nossa casa, na natureza é que estarão no lugar certo, só lá!, mas conosco estariam errados, nós abrimos totalmente nossos banquetes, em compensação agora podem ficar a céu aberto, onde não precisam de dinheiro, precisam de conchas para trocar, não, conchinhas pegas na praia, frutinhas colhidas no arbusto, lá não precisam mais do dinheiro, que está guardado conosco, lá vocês têm a pura natureza, como nossas geleias leais, o que é que eu queria dizer, agora o dinheiro recolhido vem voando, voa direto para a boca escancarada de vocês, olha o aviãozinho!, foi assim que vocês imaginaram, né?, para uma alimentação natural e orientação financeira, mas que na verdade é um financiamento, podem contar conosco, para que depois possam nos devolver algo, nutrimos e criamos vocês com nossa rede de supermercados, que originalmente tinha nosso nome e também éramos nós, digo éramos porque não somos mais, agora nos chamamos Hércules, mas ainda temos seus financiamentos, ainda temos suas finanças, ainda temos seus finais, e finalmente ainda temos nossos finados, digo, refinados produtos alimentícios orgânicos, totalmente seguros, que seguramente encontrarão o caminho para o seu organismo, mas mesmo nossas geleias e sucos ainda têm um nome, um nome qualquer, o mesmo que o nosso, mas não são isso, não somos nós, nós somos esquadrinhados e divulgamos abertamente nossos ingredientes, 100% fruta, então chupa essa manga!, a procedência dos ingredientes garantimos com nosso nome, com nossa honra, que não temos mais e não somos mais, que não tem mais bom nome, que agora tem o nome de Héracles, e somos nós, ainda somos nós, podem contar conosco!, só não esqueçam nosso caro nome!, ou não vão saber sob que nome seu dinheiro foi investido conosco, sim, no formulário!, tudo regular!, não, nós não o esquecemos, o nome, não tenham medo!, o Estado deve garantir a segurança dos menores, e o faz, surpresa, o insuportável senhor ministro, prosperando em seu gozo sem fim, mas que agora trabalha inclusive e exclusivamente para nós, depois que o excluíram do governo, está fora, está fora de questão que ele volte a ser ministro, ele é como um joão-bobo, olhem, sempre volta a ficar de pé, mas nunca fica aprumado, nunca fica parado, sempre tem que trabalhar, mas não vemos no quê, não, nada está excluído, tudo pode acontecer, mas ele não vai voltar a ficar de pé!, porque sempre fica de pé, é verdade que balança, mas fica de pé, e se cai, cai sempre de pé, esse ministro é o contrário de um excluído, pelo contrário, é desimpedido, e é decidido, está firmemente decidido, o ex-ministro é firme, é simpaticamente decidido, logo ficaremos sabendo a quê, quero dizer, pelo que ele se decidiu, é a

primeira vez na vida que ele trabalha, e é justamente sem trabalhar!, fazendo o dinheiro trabalhar por ele e ainda o instigando como numa carruagem, fustigando o dinheiro com seu chicote, e ele corre, corre, para se colocar em segurança conosco, é verdade que esse dinheiro não tem seguro nenhum, mas conosco pelo menos está em segurança, ele fugiu para ter conosco, sim, ele também, o ex-ministro, uma vez e nunca mais!, antes ele já foi mais, agora é mais, mais uma vez, correu mesmo sem ter um motor particularmente potente, sem nem ser um carro, ele se move por conta própria, tem que obedecer o próprio chamado, pois ninguém mais o chama, agora está imóvel, segue sendo o motor da economia, mas isso alguém tem que imitar dele, nós não o imitamos, até o limitamos!, pegamos carona na carruagem da economia, e ela nos leva longe!, ele se move e aí nos move, nos carrega, nos conduz!, não era essa a ideia!, então, depois de nos carregar por tanto tempo, ele nos joga na lama ao invés de nós o jogarmos, pois os seres humanos é que movem a economia, não é a economia que move os seres humanos, que bom que não somos isso!, não somos humanos, e isso é bom, somos os pequenos espinhos que furam os pneus da economia, até que estouram de raiva, mas não se sabe por quê, o que queríamos dizer, enfim, o ex-ministro empregou o examinador, que embalou a criança chorosa no lençol com que nos enlaçou, depois de ser ele mesmo enlaçado, esse lençol tem mil e uma utilidades, e dura gerações, que também são enlaçadas como a criança, por isso trazem lençóis e balançam a criança em segurança, o que é que eu queria dizer, enfim o ex-ministro, até agora estão acompanhando, né?, sigamos com o texto!, ele, e isso não lhe custou nenhum centavo, o ex-e-já-e-foi-e-fim-ministro, enfim, indicou o examinador, o esquadrinhador, ele mesmo rigorosamente esquadrinhado, porque tem tanta coisa para fazer, mas não faz, para o banco de exame, que tinha emplacado um empacotador junto a ele, pessoalmente, o exilado-ministro, uma vez ministrante, sempre ministrante, emplacou especialmente, servindo uma causa maior sob pompa e trompas e trompetes, o examinador, que deveria examiná-lo!, e lá está ele até agora, o examinador. Sim, vejam só, ele não envelhece, desse que foi substituído por uma estátua, pelo menos parece não se mover! Também não podemos movê-lo, demovê-lo, nem comovê-lo. O examinador não nasceu aqui, não é indígena, mas indicado. Esse é o examinador nato! Algum laço o detém, esses laços são firmes, estamos vendo. Juramos: Ele ainda está lá, sentado com seus laços. Bem, talvez logo não esteja mais, mas por ora ainda, por ora ainda! Ele foi esculpido de material mais duro que vocês! Pois! Não, ele não precisa se sentar, ele é de ferro!, não, não está ferrado, não vão conseguir ferrar ele, seus inimigos férreos, o ministro não se ferrou, ele mesmo é de ferro!, pelo menos parece. Ele nunca precisará se sentar para aquilo que nunca fez, aquilo que fez justamente ao não fazer nada, ele só era a pessoa certa no lugar certo, isso já é muito, ele também poderia ficar de pé, mas ainda está sentado, não, ele não deita, jamais fica deitado nem detido, ele se senta, pois sim, agora senta sem compostura em sua cadeira alta, no posto de vigia, e esquadrinha e esquadrinha e esquadrinha. Ele é de ferro, mas mesmo assim esquadrinha. A criança rigorosamente esquadrinhada do ex-ministro esquadrinha até a si mesmo. E então nos esquadrinha. Claro que perdemos contra eles! Esquadrinham nossos espólios, que ainda não pusemos na boca, pois só então podemos espoliar, quer dizer, deixar algo de espólio, não é verdade, mas neles ele já vê o que comemos antes. E o que faz com isso? Enfia no cu. Fica bem nele! Um belo cu. Mas isso era nossa herança!, não, não o cu dele, nosso patrimônio criado e esquadrinhado por ele, que talvez pudesse ser uma segurança para nossas crianças, nossos pupilos, que não temos, e que poderiam até ser tutores, pois o que vamos comer sem essa pensão adicional, se o futuro irromper e nos interromper com uma tempestade de granizo e raios e trovões?, mas para nós não, para nós a criança ainda não está segura o bastante, embora um ministro de verdade tenha feito dela seu pupilo, com a segurança que ele mesmo nos garantiu, no que concerne a esses títulos, que deveriam ser o nosso futuro, que não temos, mas ele não pode ficar brincando com isso assim!, o pobrezinho!, esse pupilo não vai chegar até o ataque, então não atacamos, mas o pupilo deveria mesmo chegar e atacar, para aguentar a mudança, estamos falando sério, isso que tenho entre dois dedos é toda a soma da herança de nosso filho, da nossa própria criança, que se chama e é e permanecerá como nós. Ele é Héracles, ele é como Héracles, ele cumpre as mais cabulosas tarefas, os

mais cabeludos trabalhos, conserta as torneiras, limpa os rios esgotados e os esgotos, o filho, um Hércules, mas com o nosso nome, e o que ganha com isso? Tem que matar seus filhos, porque não basta mais para eles aquilo que ele não poupou, ele tem um nome, o Hércules, isso podemos lhes dizer, ele se chama como nós, e é o que ele é! Podem nos dar suas heranças, temos a nossa, vocês têm as de vocês, já cuidamos delas, cuidamos disso, que seus herdeiros não herdem nada! Garantimos com nosso nome! É nosso serviço grátis, exclusivo para vocês, todos os serviços extra exclusivos, digo, excluídos! Livramos vocês de todas as preocupações, até que esqueçam o próprio nome, o principal é que ainda sabemos o nosso, é o mesmo do banco homônimo e da firma homônima, é unânime o nome, em nome de Deus prometemos lucros altos para nós, digo, para vocês, o lucro é nosso deus, ele mesmo pode prometer o que quiser, inclusive nada se quiser, nós temos outro nome, queremos o de vocês, pois vocês se deram bem, fizeram tudo bem, desfizeram nossa aposentadoria muito bem, e agora estão bem aí, se bem que com outro nome, não têm mais o nome do banco e nem são mais ele, ai de mim, o que é que o banco está fazendo agora, o que é que ele ganha com isso? Ele escapou só com um arranhão, está estável, isso é algo, e prometemos a vocês o estábulo de Áugias, onde conectamos o gado, que fica lá paciente chupando sua graminha, nas máquinas de bombear leite e mel, que agora chupam tudo dele, todo dia tudo de novo, bem cedinho, quando a névoa ainda se espalha lentamente, vemo-la se espalhar, vocês já veem o espelho da riqueza, mas a névoa não se espalha diante de seus olhos, não se dissolve diante das nossas firmas, cujo conjunto tem o nosso nome, para que lembrem mais facilmente como se chamam, mas não devem chamar a atenção, não significam nada e não somos nós e agora nem têm mais nosso nome, em compensação nós somos, não temos mais o nome de vocês e nem somos mais vocês, mas ainda somos. Como jamais poderíamos ser algo sem um bom nome? Impossível. Nosso banco se chama como nós, e é também. Nossas firmas se chamam como o banco, mas não o são. Ufa. Um momento!, agora elas também têm outro nome, mas somos nós, ainda somos nós. Não se preocupem, ainda somos nós! Talvez ainda possamos oferecer um panorama, mas acho que não. Perspectiva demais só pode fazer mal. Vocês não se reconheceriam mais nessa paisagem. Fiem-se na nossa visão, temos uma visão panorâmica, com o nosso nome, sem sermos nós, agora com outro nome, mas ainda somos nós, mas não é para vocês, essa grande visão faz vista grossa a vocês, a vocês e à maior parte dos outros, por que precisaríamos de visão, não faço ideia, não temos a menor necessidade, pois já temos nossa vista, já temos nosso visto, agora não precisamos mais ver nada. Ufa. Temo que teremos de dizer isso ainda outra vez com palavras diferentes. Bem se vê que não nos falta matéria-prima para nossas falas, ainda que não sejamos bons com as palavras.

ANJO DA JUSTIÇA: O trabalho é a fonte de toda riqueza e toda cultura, e como o trabalho produtivo só é possível na sociedade e pela sociedade, o produto do trabalho pertence ilimitadamente, de todo direito, a todos os membros da sociedade. Isso tudo não é verdade, tudo não é verdade, tudo não é verdade, cadê o anjo da satisfação para retificar isso novamente? Sou apenas o anjo da justiça, afinal, não preciso ficar satisfeito, só posso retificar, aquilo é uma rocha ambulante, quando você olha – inalterada, a rocha! Quando para de olhar por um tempo, e aí olha de novo – a rocha permanece inalterada, mas em outro lugar. Mas podem fazer uma objeção a qualquer momento, pois o trabalho não é a fonte de todas as coisas, todas as riquezas. A natureza é igualmente fonte dos valores de uso, dos valores escusos, dos, é... do que é que deveria consistir a riqueza material, se não dos valores de uso?, o que é que eu queria dizer, por favor usem seus cérebros, pois não sei onde pus o meu e agora já não sei como continuar, isso aqui está mais parado que uma rocha ambulante, de fato!

Enquanto o anjo fala, entra uma pedra ambulante e dá passinhos em círculo pelo palco, como algo tirado do pior teatro infantil, o anjo não se deixa incomodar. Depois de algum tempo a pedra, tornando-se cada vez mais agressiva, empurra de lado o anjo e continua falando por ele. Diante dele podem passar de vez em quando maçaricos-do-campo, rolando bonitinhos pelo palco.

ANJO E PEDRA: No Death Valley, perambulam rochedos pesando centenas de quilos, de verdade, palavra de honra, alguns se movem até ladeira acima! Por que e como ninguém sabe, pois à

primeira vista sempre reina a imobilidade, e é assim com nosso dinheiro, meu cérebro não perambulou para outro assunto, meu cérebro também não está aqui, bobagem, meu cérebro está longe, nele reina uma dinâmica notável, mas ela não é visível, nada se move na minha cabeça, mas as pedras sim perambulam, as pedras perambulam, então por que é que meu cérebro não haveria de sair para trabalhar também? Ainda ninguém jamais viu esses rochedos perambulando, ainda ninguém jamais viu meu cérebro trabalhando, meu cérebro, meu cérebro, meu coração, meu coração, ele também trabalha, seguramente ainda trabalha, não, sim, já sei, rastros de centenas de metros evidenciam que ele trabalha, no caso do dinheiro de vocês não há evidência nenhuma, mas ele trabalha, trabalha em mãos alheias, mas nas de vocês não, que bom que o colocaram em mãos alheias a tempo! Até pedras podem, uma vez que estão perambulando, alcançar sete quilômetros por hora! E o que seu dinheiro alcançou com vocês? Nada! O que ele alcançou no Caribe? Um recorde mundial de nado costas, mas não encosta em vocês, não dá nem as costas a vocês, não deixa nenhum rastro, o que até as pedras deixam, no Death Valley, só não são vistas, no vale da morte não se vê como as pedras se movem, isso comove até mesmo um coração de pedra.

Mais ou menos por aqui a pedra mesma poderia falar, sempre cortada de novo pelo anjo e vice-versa.

Não, elas não se comovem, por ninguém, só se movem, perambulam, as pedras ambulantes, é verdade, até as pedras são mais dinâmicas do que seu pequeno capital era nas suas mãos, peguem como exemplo a Karen, a Karen é a maior rocha, com 320 quilos é a rocha mais pesada, e ao mesmo tempo alcança apenas 18 metros, vocês dizem apenas, mas experimentem alguma vez ser uma pedra e fazer como ela!, seria comovente assisti-los, não, nada comove a Karen em sua travessia do Vale da Morte, e no entanto se move, ela se move direitinho e relativamente rápido, e todas se movem, essas pedras, se movem por solo seco ou úmido, com elas fracassa toda teoria, exceto a teoria econômica, não, ela sempre fracassa com uma pedra, também não foi feita para pedras, é para aquilo que vocês produziram, fizeram, uma teoria própria, comovente. Por que é que agora vocês não têm mais seu dinheiro? Porque ele perambulou, perambulou como uma pedra, mas mesmo no caso de uma pedra pesando centenas de quilos no Vale da Morte ainda se pode reconhecer rastros de sua perambulação, e o grande enigma é, já sei que para vocês tudo é um enigma, mas esse é o maior, como assim, como assim, como assim até mesmo algumas das pedras vizinhas, e é uma vizinhança boa, receptiva!, enfim, como é que algumas pedras bem próximas umas das outras se diferenciam entre si tão marcadamente em seus trajetos, os caminhos do senhor são inescrutáveis, os caminhos do nosso dinheiro também, nunca poderemos segui-lo, persegui-lo até consegui-lo de volta, até recuperar os sentidos, se mesmo o caminho das pedras, de pedras bem avizinhadas, talvez até amigadas, é tão diferente, algumas deixam até pistas em círculos! Em círculos! E vocês se perguntam como o dinheiro da nossa sociedade pôde se multiplicar, naturalmente porque lhe demos o nosso nome e lhe demos a nossa palavra de que seus caminhos podiam até mesmo ser circulares, como se vocês tivessem sido pegos por um furacão, vocês já estão esperando: como se tivesse escapado um peido por um furo e ninguém vem, não, nem mesmo um vento vem nos levar embora, sim, vem um vento e nos leva para o pronto-socorro, a nós, esquecidos e sem socorro – podem nos esquecer porque essa firma desvalorizou o que era para ser nossa aposentadoria, nossos vencimentos, como vence uma carteira de motorista, mais valia ter a carteira, vencida ou não, se vencida ainda se poderia dirigir por um tempo com ela, se não vencida mais ainda, agora não podem mais dirigir, a natureza é tão enigmática, nela até uma pedra dirige em círculos, em círculos onde vocês também enfiaram, enviaram nosso dinheiro, não, fomos nós mesmos, não, foram vocês, foi para outro círculo que mandaram, uma mandala da prosperidade na qual ninguém prospera, na verdade uma pirâmide financeira, e por que quem está em cima daria algo a quem está em baixo? Vocês mandaram o dinheiro para o ringue, nossos vencimentos, para ele ser o vencedor por vocês, para vocês ganharem algo com isso de termos lhes mandado nosso dinheiro, como aprendiz que deveria voltar como mestre, e como é que volta? Não volta! Até os ricos podem cair nessa. Até os ricos podem cair. Até os ricos podem cair fora! Até os ricos podem

perder suas riquezas! Vocês podem perder parcialmente, mas ainda têm outras partes. Outros não têm nada. Não têm nada, e não conseguem nada. Até as pedras podem perambular, mas não têm nada, não conseguem nada, podem correr por aí o quanto quiserem. Nosso dinheiro, por sua vez, foi mandado para o circuito, e agora chegou de volta aqui conosco, só que agora mais valia, não, um momento por favor, agora não vale mais nada, está exausto, não é nada, não é mais nada, dá para ver de cara, afinal o conhecemos bem, mas não o reconhecemos mais, depois de muito perambular ele não vale mais nada, morreu, acostado aos mediadores entre mundos, acabado entre compradores e vendedores de ações, definhou miseravelmente, nosso dinheiro, depois de ter sido enviado a um circuito, um ciclo sem fim, ele perambulou, o dinheiro, para se assegurar em toda parte dos critérios éticos que a sua empresa, que enviou o dinheiro nessa viagem massiva e maçante, supostamente sempre seguiu, e é o seguinte, não sobra nenhum desejo mais aberto, não, ainda há sim desejos abertos, deixando entrar uma corrente de ar, quem é que os fecha agora? Enfim, agora ele perambula, o dinheiro, bom, ele perambula, mas não chega a lugar algum, pois anda em círculos como numa névoa, sempre girando, rodando, e a cada volta ele diminui, um dinheiro já se solta, não é verdade, para pagar o dinheiro do próximo, que também gostaria de fazer seu circuito de fitness, infelizmente tem que ser assim, o dinheiro tem que ser pago, nem que seja com o nada que se tem, mas não se deveria pagar com dinheiro que sequer existe! Mas acaba sendo assim. Agora sabemos. Tarde demais. Vocês nos prometem algo que sequer existe, só existe no papel, como o dinheiro, que deve pagar dinheiro novo, de novo, mas em algum momento não pode mais, pois alguma coisa se perdeu, e agora há um buraco aí, e no buraco tudo cai. Podemos pedir de volta o que quisermos, não há mais nada aí, o dinheiro não existe mais. O dinheiro nunca existiu, o dinheiro só existiu enquanto insistíamos, enquanto investíamos, ah, não sei, entendo, mas não sei, não sei! Bobagem! Os rendimentos parecem então ser o dinheiro tonto de tanto cambalear em círculos, ao invés de crescer em linha reta, pois se ele corre em círculos, esse dinheiro estúpido, se mandam-no circular, então ele não tem objetivo, não tem começo nem fim, então não alcança nenhuma linha de chegada, não chega a nenhum rendimento, mas paga, sim, tem que pagar, até o dinheiro tem que pagar, tem que pagar e ser pago consigo mesmo; mas o dinheiro não quer que sempre se pague só com ele, ele quer ele mesmo pagar, quer pagar por conta própria, pois sempre em círculos, como é que ele vai se dar assim?, ele já conhece o caminho faz tempo, conhece todo o comércio no caminho também, ele não pode dar nada, o dinheiro, só pode se gastar por um outro, que infelizmente não seremos mais nós, e esse outro então será pago com o dinheiro do próximo, com o nosso, naturalmente!, somos sempre o próximo na fila, mas nunca chega a nossa vez, um dinheiro paga o outro, um dinheiro paga pelo outro, o dinheiro pode ser generoso e se gastar, ele é o que é, ele é Deus, ele não é nada senão o que ele é, e um dinheiro paga, enquanto ainda ofega no circuito, o outro, o dinheiro anterior paga o próximo, não, o próximo dinheiro paga pelo anterior, o ganhos aparentes de um investidor são pagos com a aparição, não, com a aparência do outro, um dinheiro é pago com outro dinheiro, que outrora nos pertenceu, para vocês isso não é só o que parece, é o que é; um dinheiro é em si e para si, só faz sentido para si mesmo, mas não faz sentido, o um é o outro também. Um dinheiro é ao mesmo tempo o outro, pois o outro o comprou consigo mesmo, ele é Deus, ele é o que ele é, os ricos podem tropeçar, os ricos caem, isso acontece até com os ricos, isso acontece até com as pedras de rico, digo, os podres de rico, e então eles caem, algo não faz sentido nisso, sim, faz sentido, um dinheiro paga para outro porque ele mesmo, sempre circulando, não pode comprar mais nada para si mesmo. Um dinheiro, que já não pertence ao seu dono, foi pago com o outro dinheiro, que ainda pertence a alguém, caramba, ele o está pedindo de volta!, então tudo acaba, então o dinheiro não paga mais, o dinheiro não libera mais nada, o dinheiro não liberta mais ninguém, agora ele não é mais desse um, e não é mais daquele outro, não é mais de ninguém, o dinheiro não existe mais, ele é muito mais sem se tornar muito mais, enquanto circulava até irromper, até romper algo, até romper com vocês, infelizmente conosco também, e ainda vomitou em cima de nós até não sobrar mais nada, até o vômito ainda aceitaríamos, mas não vem nada, não sai nada daí, não, pois vocês nos tiraram até nosso vômito, e por que

não?, mas ele não vale nada, até as pedras podem perambular, e elas também não valem nada, é um enigma, como assim elas conseguem fazer isso no Death Valley, no Vale da Morte, onde contudo são bem cuidadas, enquanto nós agora sequer podemos pagar uma cuidadora para nós mesmos, até as pedras perambulas, de grão em grão a galinha vomita tudo, mas seu trilho, o trilho do nosso dinheiro como o trilho dessas pedras é e permanece um enigma, esse resultado é fascinante, por que as pedras se movem, por que nosso dinheiro se multiplica, só conosco é que não, mas alhures, por que é que agora ele se foi daqui, sem motivo, é um enigma, o resultado é fascinantemente enigmático, nomeadamente: não há nenhum. A natureza, que faz andarem até as pedras, mas não o nosso capital, nosso capital agora está morto, ele pagou um outro capital e agora se foi, e o que se vai nem sempre está morto, mas dessa vez sim, o rico caiu, o reino caiu, isso não me caiu bem, mesmo assim caio na risada ao saber que o rico também cai, é simplesmente justo...

O anjo finalmente arrasta a pedra para fora do palco e segue falando sozinho.

ANJO: A natureza é a fonte da riqueza tanto quanto o trabalho, que naturalmente é apenas exteriorização, i.e., alienação de sua força natural, e embora a natureza seja mais forte que vocês, sempre mais forte que vocês, pode até fazer andarem as pedras, mesmo que só no Vale da Morte, por onde talvez até vocês poderiam perambular, se tivessem uma força motora a energia eólica de aproximadamente 800 quilômetros por hora, que também poderíamos muito bem usar para os nossos carros, que agora seguem sozinhos rio abaixo, mas uma tal força motora não existe, muito menos como força natural, a força de trabalho humana não é uma força natural!, sim!, enfim, embora a natureza seja mais forte que vocês, vocês ainda vão conseguir dar cabo dela! Mais forte que vocês? Vocês podem fazer isso, é só fazer algo! O trabalho como força natural, que adoraria se exteriorizar contra vocês, se tivessem algum? Sim, é isso, é o que é, também é uma força natural, mesmo que uma bem pequena, uma mínima, uma a ser empregada minimamente, se comparada à natureza, que é cada vez mais forte e será ainda mais forte depois da mudança climática, então, depois dessa mudança, não poderemos mais perambular pela natureza, pois o solo será quente demais para nossos pés, mas não para as pedras no Vale da Morte, não, não, afinal lá, à primeira vista, reina a imobilidade, e só à segunda há movimento, mas não é seu dinheiro que se move, pelo menos não lá onde estamos. Com seu trabalho vocês também não movem nada! Quê? Trabalho produtivo é apenas possível na sociedade e pela sociedade? Primeiro o trabalho deveria ser a fonte de toda riqueza, o que já achamos completamente absurdo, pois nesse caso a lógica seria que o dinheiro é a fonte de nossa riqueza, e já não temos dinheiro nenhum, demos ele todo para vocês, vocês já não se lembram, claro, não poderiam lembrar de cada um?!, e então? E então? Já não me lembro o que acontece então e quem é que fala agora, mas podem escolher, alguma coisa vocês também podem escolher, e é justamente onde querem investir seu dinheiro, mas tanto faz onde, agora ele se foi, agora não vale mais nada, agora tornou-se nada, o trabalho não é mais nada, e o salário por esse trabalho também, e é graças a vocês, e como é que uma sociedade vai ser possível sem trabalho, já que o dinheiro pode e até deve trabalhar sozinho, mesmo que não com vocês e sem nós, que mandamos o dinheiro circular, e como vamos lidar com o fato de que nenhum trabalho produtivo deveria ser possível sem sociedade? Podemos lidar muito bem, afinal seu dinheiro trabalha para nós, para isso é que vocês trabalharam! Mas também se poderia dizer que só na sociedade o trabalho improdutivo e até mesmo prejudicial pode se tornar um ramo de negócios, e muitas vezes se tornou mesmo, que só na sociedade é que se pode viver do ócio etc. O que ganhamos com isso? Não ganhamos nada! Não temos novos ganhos. Não recolhemos nem nossa própria colheita. Talvez outros ganhem algo, mas nós: nada. Zero. Um zero grande e gordo. E no fim o que é dito, acho que ouvi errado?! Como o trabalho produtivo só é possível na sociedade e pela sociedade, o rendimento do trabalho pertence à sociedade – e ao trabalhador individual só chega disso o tanto necessário para sustentar a condição do trabalho, a sociedade. Primeiro chegam as reivindicações, depois chega todo o resto. Conosco não se pode reivindicar mais nada, já lhes repassamos tudo, já respondemos pormenorizadamente em duas, três cartas do leitor, e agora nos interrogam sobre o que

foi feito dos frutos do seu bem como do nosso trabalho, pois ambos são a mesma coisa, não é verdade?, não é verdade, vocês trabalham, conosco trabalha o seu dinheiro, o que foi feito dele?, interrogamos, e somos interrogados, se nos questionam onde seu dinheiro está agora é realmente uma ótima questão, pois, ó Coro dos Trabalhadores, agora por favor cantem em voz alta: Entregamos a vocês os frutos de nosso trabalho, nosso dinheiro, nossas poupanças, que agora finalmente nos serão poupadas, e a pergunta agora seria: onde ficou nossa riqueza? Obrigado, caro coro! Basta! Já chega! Quero dizer, isso já sabemos, agora está com vocês, nós mesmos entregamos a vocês afinal, foi essa a nossa resposta, e àquilo que escrevemos no dia tal e tal vocês não responderam mais, quando ainda eram responsáveis pela nossa riqueza. Primeiro há as reivindicações do governo, pois ele deve guardar a ordem, e o que guardamos para vocês? Nada, não, o Estado, o governo também não vai resguardar vocês, Deus me livre e guarde, sim, Ele talvez, afinal em algum momento ele nos leva como guarnição, mas fora ele ninguém nos guarda, e há tipos diversos de proprietários privados, aos quais vocês de todo modo jamais pertenceram, que em algum momento naturalmente também quiseram receber alguma coisa, pois no fim todos querem guardar alguma coisa, nem que seja só para se resguardar, então eles receberam algo por conta própria, os proprietários, com eles é simplesmente assim, em termos de propriedade, senão que tipo de proprietários seriam, e agora o pouco que vocês, sim, e vocês também!, tiveram outrora não lhes pertence mais, pertence a nós, proprietários desde sempre, e estamos acostumados, conhecemos o caminho, fazemos o que queremos com isso, pois a vocês não é possível confiar isso, só para que vocês façam com isso o que quiserem, mais valia nós fazermos, e nós fazemos, nós fazemos, nós fazemos. Pois os diversos tipos de propriedade privada são a pedra fundamental de nossa sociedade. Então. A fonte da riqueza agora jorra, vejam só que linda!, as pedras perambulam, perambulam como que de longe, não gostariam de fotografá-las com seus novos celulares, esses esmartefones mais inteligentes que vocês? Mas jamais vão apanhar essas pedras em movimento, podem ficar à espreita por dias, só podem fotografar o resultado, que essas pedras terão avançado mais uns metros, mais uma vez. Então pelo menos terão uma imagem disso, e podemos igualmente imaginar quem ainda tem algo e quem não tem e quem foi para onde, como pedra, como uma pedra. Nós colocamos as condições, vocês colocam suas reivindicações. E agora ambas, condições e reivindicações, têm uma colocação, mas não vão receber nada! Vocês não concebem nada, então não recebem nada.

SEGUNDO ANJO DA JUSTIÇA: Vocês não pensaram que a justiça tem sua fonte, eu disse: fonte, não foz!, pois vai na outra direção, entenderam bem?!, entre sujeitos com poder aproximadamente igual. Um lado não pode sobrepesar claramente o outro. Um lado não pode sobrepujar reconhecivelmente o outro, ou cada luta significaria um prejuízo mútuo e improdutivo, tudo levaria ao prejuízo como uma corrente, uma corrente de dentes afiados, e isso não queremos, não é verdade?, não é verdade. Cada um satisfaz o outro recebendo algo que valoriza mais que o outro. Dá-se a cada um o que ele quer ter como sendo agora seu, e por sua vez recebe o desejado. A justiça, enfim, é uma troca, é dar o troco, com o pressuposto de uma relação de poder mais ou menos simétrica. Eis sua fonte. Mas para onde escorreu? Onde se escondeu, essa bela e promissora fonte? Agora não estou vendo, não vejo onde deságua esse rio para o qual a fonte fluiu. Vocês estão querendo dizer que toda ação justa é egoísta? KKKKK! LOL! Hahaha! Então alguém convenceu vocês de que tudo que tem grande valor é comprado com esforço e sacrifício? E que o valor aumenta ainda mais, o valor do esforço e da fadiga empregados por cada indivíduo que se esforça aumenta o valor da coisa valorizada?

O anjo não pode seguir falando. Sempre tem um novo acesso de riso e sai cambaleando, entre os tropeços só consegue lançar farrapos de frases.

Vê-se que ao homem nobre nunca falta matéria-prima para falar, ainda que não seja bom com as palavras, são palavras apenas, palavras pequenas. Levantem-se novamente contra nós, com palavras orgulhosas! Em compensação, uso contra você a boa e velha ação, digo, a má ação. Enviem homens aos desfiladeiros do vale, que tragam lenha para mim de troncos *(o anjo chora de rir)* de carvalho, quando ela então chegar à cidade *(o anjo soluça)*,

amontoem-na numa pira sacrificial, onde assaremos e tostaremos vocês, disponham a madeira à sua volta e acendam o próprio forno, onde vão fritar, onde vão mijar, mas não conseguirão apagar o fogo. E assim chamuscam todos, assim queimam para mim, mas antes ainda arrastam para cá a lenha!, senão não dá *(ainda se contorce e se debate involuntariamente no chão)*, ou será que nós mesmos devemos buscar lá na cabana a lenha onde vamos cozinhar e assar vocês? Hahahaha! Melhor vocês mesmos buscarem, afinal querem ficar bem lindos e douradinhos, né? Busquem a lenha e se queimem bem, mas não demais, isso diminui o prazer, aqueçam bem o forno e então aquecemos vocês lá dentro, para que saibam que neste país não é um político qualquer, mas somos nós, nós, nós os senhores!

O anjo colapsa totalmente e fica deitado tremendo.

TERCEIRO ANJO DA JUSTIÇA: *(como uma escultura tumular, curvado amorosamente, um lírio branco na mão, sobre o caído)* O dinheiro não é tudo. O dinheiro não é tudo. Também não é tão ruim termos perdido tudo. A comunidade sobrevive facilmente a essa perda que vocês nos causaram com seus títulos ociosos. Afinal o que é um milhão quando invisto quarenta, em verdade, em verdade vos digo, quando o senhor prefeito, que não tem nenhuma dessas partly paid shares, mas que em compensação adquiriu certificados mal disfarçados de ações, já meio esfarrapados, que certificam que ele as comprou e então perdeu, simples assim. Em verdade, em verdade vos digo! Não. Não vos digo nada! Digo, é antes verdade: Aqui vai ter uma nova fonte, e ali construiremos então um café com uma claraboia! É verdade que a piscina está imunda e vazia e interditada, mas vocês também não são lá grande coisa!, também estão interditados e esvaziados, mas no salão comum vai haver uma terrina nova, não, uma antena nova, não, um terraço novo e cadeiras totalmente novas. Em um, dois anos o projeto vai estar terminado. Assim até o último traço de feiura vai ser apagado do centro da cidade. O dinheiro não é tudo. O dinheiro não é tudo. É bem verdade que mais de um milhão afundou no pó com seus certificados, se tornou pó, do pó ao pó, mas dinheiro não é tudo. Porém, enquanto as pessoas não souberem disso também não será verdade. Não é verdade?, não é verdade. E as pessoas não sabem nada disso. Ninguém sabe nada. Mas o que sabem é: o dinheiro não é tudo. Não têm nada, mas sabem que o dinheiro não é tudo. Não, não é tudo, é simplesmente todos. O dinheiro agora é todos. Mas não é tudo. O dinheiro não é tudo. O dinheiro é todos, mas não é tudo.

O PRIMEIRO ANJO DA JUSTIÇA: *(volta a entrar contra sua vontade, empurrado adiante por mãos invisíveis)* Justa é uma situação social que possa ser reconstruída como resultado de regras por meio de cuja aplicação cada indivíduo seja tratado igualmente. As diferenças começam na construção dessas regras, de modo que, por exemplo, um imposto per capita – e isso quer dizer por cabeça e não pelo capital, então todo mundo paga a mesma coisa – pode ser justificado como sendo tão justo quanto um imposto progressivo, onde cada um contribui de acordo com sua capacidade. É... *(se manda discretamente.)*

VÁRIOS ANJOS DA INJUSTIÇA: *(expulsam o segundo e o terceiro anjos da justiça com queixas e atrito, digo, com feixes de trigo, e falam eles mesmos)* Agora, que esperança, que caminho a fortuna oferece para a salvação, ó ancião ou quem quer que seja ou o que quer que seja, da sua fortuna média? Pois seus meios estão esgotados, vocês estão esgotados, como só o ser humano pode se esgotar, um velho ainda mais cedo, talvez o gado, sim, o gado também, pois bem. Os seres vivos estão esgotados, muitas vezes, faz parte de seu ser, estão esgotados por toda a vida, seus meios estão esgotados, isso já dissemos. Esgotados. Olho para você, ancião ou quem quer que seja, as fronteiras do país, e os limites da Europa já demarcamos previamente na escola da vida, enfim, essas fronteiras não poderíamos ultrapassar em segredo, mais fortes que nós são os guardas ali. Com a capacidade de proteção dos nossos amigos não podemos mais contar, pois isso só se pode assegurar com cobranças, pesadas como uvas maduras no pé, no pau, no apoio do ancião. Que visão você nutre agora?, você, estrangeiro, mas nenhum estranho no banco, pois quer empréstimos mas não os consegue, pois os empréstimos que infelizmente conseguiu, outrora, numa maior necessidade, antes da construção da casa, empréstimos antes da viagem para o Caribe, onde seu dinheiro já tinha faz tempo sua residência principal – e você só queria ir ter com ele, só queria visitá-lo, só queria vê-lo mais uma vez antes

de morrer, antes da operação de risco, estar com ele, ter com ele, sem qualquer segurança, na vida não há segurança mesmo, diga-se de passagem – esses empréstimos se somaram em correntes, ninguém quer ficar sozinho, então por que os empréstimos deveriam ficar sozinhos?, correntes com coesão mais forte que a vida com seus corpos, você, estrangeiro, para quem o próprio corpo já se tornou um estranho, um estranho dentro de um estranho, em todo estrangeiro esconde-se outro estrangeiro, essas correntes, sempre coesas, essas correntes de empréstimos encadeados, essa conexão em cadeia, de algum modo isso vai aguentar, aguenta e não cede mais!, pois o nada dá coesão a esses empréstimos, que outrora você recebeu, meu querido estrangeiro, meu querido, querido por alguém, com certeza, só não por mim!, para mim você já nem está mais vivo!, e mesmo esse empréstimo hoje não conseguiria mais, tarde demais, com empréstimos que não consegue mais, o que é que um estrangeiro sabe, de todo modo sabe que é estrangeiro e que não está num bom Estado com seu empréstimo, não, que o empréstimo não está em bom Estado, que o Estado ainda é bom, o Estado ainda é um bom e velho trabalho braçal, qual a diferença de bom e mau? Vocês a conhecem, bom, e você, estrangeiro, também a conhece, então não tenho que explicar, também já cansei. Mas será que o banco também sabe a diferença, agora esqueci qual? Entre quem e quem? Entre nada e nada? Você não precisa saber, o banco não tem que saber a diferença, precisa muito mais criar diferenças, pois seus órgãos executivos, que nunca falham, nunca entram em falência seus múltiplos órgãos, podem entrar em cena como acrobatas financeiros no circo, naturalmente com rede de segurança, sim, poderiam fazer isso, não, nesse meio tempo os órgãos também falharam, onde está o médico, por favor chamem a ambulância, ou ela não vem! Ela vem, ela vem! O médico tem que vir até que o médico venha, o jarro tem que ir ao poço até que quebre. O médico vem ao banco até que a agência feche, ahn, e a primeira coisa que faz é privatizar, quem?, tanto faz, o Estado?, não faço ideia, ele privatiza os rendimentos de vocês e socializa, não, democratiza suas perdas. Algo tão banal assim eu nunca disse, e olha que já falei coisas muito banais, como bem sabem, por sorte foi outro que disse isso antes que eu, que não sou nenhum grande pensador, pensasse nisso! E então ele acabou com vocês, o Estado, a empresa Estado na qual todos temos parte, ahn... E se agora algo lhes falta, também já podem chamar o médico, todo mundo pode chamar o médico, todo mundo é livre para chamar o médico de sua escolha, todo mundo é livre para consultar um médico no consultório privado dele, mas também é livre para consultar um outro e chamá-lo, e logo todo mundo terá tempo para todo mundo novamente e o médico logo terá um tempinho para te receber! Pois no fim também o sofrimento humano se esgota: Nem sempre sopra tão forte o alento do vento, e quem hoje tem a fortuna ao seu lado não a terá para sempre. Pois tudo se transforma, nada fica como é. Mas melhor é aquele que na esperança sempre se fia: só o mau é que se acovarda.

ANJO DA JUSTIÇA, MAS AGORA NÃO SEI MAIS QUAL: É tempo de falar de conteúdos, é tempo de falar de grandes feitos, vamos nos elevar com nossas palavras orgulhosas, não nos falta matéria-prima para fala, ainda que sejamos inábeis com palavras, assim podemos mandar homens com troncos como os do carvalho, mas antes devemos fechar um seguro de responsabilidade civil, e numa soma assegurada de 20 milhões de euros, temos que fechar, temos que fechar isso, finalmente, ou isso continua assim para sempre, temos que fechar um seguro de responsabilidade civil antes que nos responsabilizem e para que não tenhamos que responder e para que não tenhamos mais o dever, é bem compreensível, que possamos nos assegurar com um seguro de responsabilidade civil contra a responsabilização, contra a responsabilidade familiar, que arrasta pela lama nosso velho nome, que adquirimos com café, geleia, queijo, presunto e salsicha e etc., e assim nosso nome é muito mais sólido que nós, nosso nome é rijo, nosso nome se enrijeceu para nos enriquecer, nosso nome se enrijeceu para enriquecer vocês também, para aparecer na tv, elegante, para arrancar no capital do nosso nome mais capital ainda, para acrescentar ao capital do nosso nome um outro capital ainda maior, um banco que se nutre do capital do nosso império de queijos, salsichas, geleias e café. O império nós dissolvemos, e quando um império cai a água respinga bem alto, a espuma voa, pois ali onde se aplaina caem raspas, caem restos, carcam rostos, tudo decai, surge uma queda d’água, ahn,

vocês vão ter que descascar esse melão, vão ter que descascar esse ovo, vão ter que descascar esse queijo, essa salsicha também, sim, por nós também a salsicha, e também deveriam descascar esses certificados antes de comê-los, deveriam descascar e ver aquilo que somos capazes de servir e aquilo que logo saberão, logo sofrerão, que sofrimento vão saborear graças a nós, que sofrimento seu serviço sofrerá graças aos nossos serviços, quando se descascar, digo, se descobrir que sofrimento lhes causamos quando nós, o banco que se chama como nós e somos nós também, lhes tiramos tudo, diferente daquilo que lhes vendemos, que também se chama como nós mas não somos nós, senão teríamos que nos vender para vocês, e isso não podem esperar seriamente de nós, é bem verdade que vocês não nos receberiam, mas o que recebem é nosso caro e leal nome, foi ele que vocês compraram, não, a nós não podem comprar, só o nome. Não estamos à venda, só nosso nome é que está. Pois agora é nossa vez de comprar. Agora nós compramos! E por que é que deveríamos comprar o que já temos? Pois é. Não devemos, vocês é que devem, vocês devem fazer com que nós recebamos muito mais do que tínhamos. Já pagamos a responsabilidade civil, para que jamais possamos ser responsabilizados e jamais respondamos pelo que fizemos, pagamos no prazo esse seguro de não responder, e se sim, então não somos nós que respondemos, é a seguradora que responde, que responde por nós, que não podemos ser responsabilizados. E assim compramos na conta da nossa sociedade, que tem o nosso nome mas não somos nós, é constituída por vocês, mas também não são vocês, milhões e zilhões, mas um milhão não é muito afinal, não é verdade?, não é verdade, por isso vamos chamar os milhões de milhões de fato, vamos chamá-los de zilhões, quase 90 porções de zilhões, mas também são milhões!, que seja, nós os compramos de volta do mercado no qual os havíamos lançado há não muito tempo, quando ainda nos chamávamos como nos chamamos e também ainda o éramos, compramos todos os milhões do mercado, do lugar no qual sempre pudemos nos fiar antes desse tempo que agora se encolheu no nosso tempo, no nosso grande tempo, ainda grande mesmo agora. Bom para nós. Mas agora ele tem lugar em um banquinho, em um único banco o tempo assume seu lugar. Afinal o tempo tem tempo. Antes ele tinha muitas filiais, tinha muitas filhas mais, o tempo que sempre foi nosso, para o qual sempre estivemos preparados, não é verdade?, é verdade!, em verdade vos dizemos que é muito mais verdade, a verdade é muito mais!, agora só há uma sobrando, o tempo agora tem tempo, em compensação tem seu próprio banco como complementação, onde todos têm lugar, todos que quiserem se sentar e descansar. Só o dinheiro de vocês é que não tem mais lugar no nosso banco, ele simplesmente chega aqui e quer se sentar conosco, mas o mandamos embora na hora. Outros tomam-no de vocês, mas nós o mandamos embora. Nós o deslocamos para lá onde ele não pode mais incomodar vocês. Nem um instante de desassossego mais! Entendemos que não querem mais serem importunados pelo seu dinheiro, se querem se sentar calmamente em nosso banco, por isso mandamos o dinheiro, que lhes roubaria o ar para o suspiro final, afinal, que lhes raptaria a razão se o deixassem, que lhes tiraria o belo ar do oceano ou dos Alpes ou da lagoa azul, aquele de que acreditam necessitar, mas não precisam de verdade, o dinheiro que só os constrangeria, constringiria, bem quando quisessem estar bem soltos, que lhes tomaria o lugar herdado no banco, portanto agora mandamo-lo embora, para o Caribe, despachamos isso, tudo?, sim, tudo!, um trabalho de Hércules, de verdade, em verdade vos dizemos, e por isso nossa sociedade agora tem o nosso nome, esse Hércules, foi assim que a nomeamos, mas naturalmente também poderia ter outro nome diferente, completamente diferente, em toda parte estaria completo, o dinheiro, o principal é que se foi e agora não importuna mais vocês no nosso banco, agora podem se sentar tranquilamente ali no lugar do dinheiro de vocês, o dinheiro não vai mais disputar o lugar com vocês, nós o pegamos desta vez, não é verdade?, é verdade!, o resgatamos numa sociedade de resgate, e assim o compramos do mercado, passando necessidade, queremos dizer: em caso de necessidade, e mandamos o dinheiro dos investidores, que antes ainda se sentavam e tomavam sol calmamente no nosso banquinho, para fora do perigoso sol, fora do sol com seus raios perigosos para a pele do seu dinheiro, não para o seu casaco de pele. Deus é quem manda, mas nós o mandamos embora. Mandamos seu dinheiro embora de nosso banco o mais gentilmente possível. Mas, quando de repente

o lugar nesse banco ficou vago, pois tínhamos vendido e despachado nossos certificados, que tinham nosso nome mas não éramos nós, dinheiro com dinheiro, do dinheiro ao dinheiro, certificados por dinheiro, isso é menos que dinheiro, é menos que uma ação, mas não é mero nada, para vocês já é muito, para nós muito pouco, o que é que queríamos dizer?, enfim, quando o banco de repente ficou liberado do seu dinheiro, que tínhamos entregado pelo nosso próprio nome e pelos certificados que tínhamos entregado especialmente, não é verdade?, elevou-se uma grande gritaria, é claro. Sempre grita alguém. Mas de algum modo temos que salvar nossas especulações, e como é que se salva o dinheiro? Com ainda mais dinheiro. O dinheiro tem de ser salvo com dinheiro. E, como temos muito pouco, pegamos o de vocês, afinal tudo acaba na mesma panela, não é verdade? Não é verdade, no final das contas tudo dá na mesma, tudo sai da panela de vocês e vai parar na nossa panela, não é verdade?, é verdade, o dinheiro agora foi salvo pelo dinheiro, um dinheiro na forma de dinheiro, o outro dinheiro na forma de papel, mas também é dinheiro, é um papel que representa dinheiro e pelo qual vocês deram dinheiro também, pois demos certificados que tinham nosso nome mas na realidade não tinham muita importância, mas isso vocês não podiam saber, não é verdade?, é verdade, como é que esses papeis, que agora valem menos que o dinheiro que vocês deram por eles, os papeis que nós entregamos, não é verdade, não é verdade, como é que devemos agora vender esses papeis para que vocês também continuem nos entregando seu dinheiro? Esses papeis tem que ser entregues, para que vocês valham o papel onde foram impressos, afinal foi para isso que os entregamos, para isso é que entregaram seu dinheiro, não é verdade?, é verdade!, e primeiro foram os papeis, que tinham nosso nome mas não éramos nós, só estávamos impressos ali, foi só uma impressão, só para impressionar com nosso nome e do nosso banco que os imprimiu e os comprou de volta, primeiro saíram os papeis, então, quando os papeis não saíam mais, saiu o homem, Deus dá e Deus tira, quem mais?, senão o homem logo pega para si, não é verdade?, e verdade!, o que o homem mais gostaria seria de pegar tudo para si, tanto faz de quem, agora, assim nos adiantamos a ele e pegamos tudo dele, tiramos dos vivos, não tiramos do Deus vivo e doutrino, digo, trino, bem, já temos três concordando aí!, Jesus fucking Christ!, não tiramos nada de Deus, e não somos Deus e nem trinamos em acordes, não concordamos, muito menos com vocês, nunca concordamos, mas estamos vivos, isso sim, e como!, vivemos e temos um nome a defender, que nos pertence e também somos nós; podem se sentar no banco, mas nós no nosso banco ficamos de pé, nosso banco que já tanto nos ajudou, ajudou como Héracles, que agiu ao invés de ficar só falando, e agora alocamos os papeis, os títulos que não pudemos vender, embora tivessem o nosso nome, embora tenham sido mostrados até na tv, e isso é o mais longe que vocês jamais verão, os papeis que tinham nosso nome e que também éramos nós, não, que não éramos nós, perdão, éramos nossos erários, talvez, perdão, mas mesmo assim nada disso era verdade, tudo era verdade, nem tudo era erário, e vocês não podem se apropriar de qualquer erário a qualquer horário, digo, a qualquer hora, quando quiserem, o que quiserem ter, mas esse aqui sim, isso aqui podem comprar, isso que tem o nosso nome, que afiança a qualidade, e por nós afiançamos nós com nosso nome, que se chama como nós e também somos nós, finalmente algo que somos, todo o resto não somos, pode até se chamar como nós, mas não somos nós, e esses papeis, que se chamam como não, digo, como nós, mas não somos nós, agora eles partem corajosos rumo ao Caribe e foi. O Caribe, onde as pessoas deitam ociosas no sol e se batem nos tanques que são suas próprias barrigas, podem deitar lá junto, lá as pessoas não trabalham, vocês afinal também não querem trabalhar, por isso compreendem tão bem essas pessoas, todos fazem férias, todos que não fazem mais nada e nem podem fazer, animais pequenos também cagam, de grão em grão a galinha enche o papo, não é verdade, quantas vezes ainda vamos ter que dizer isso?, que se trata justamente do pequeno?, e a sociedade no Caribe, ela poderia mandar seu dinheiro em um lindo passeio para aprender mergulho, o seu dinheiro, que vocês nos deram, que creditaram em nosso banco na crença de que lá se tornaria mais, mas acreditamos que se tornou menos, mas vocês não acreditam que lhes diríamos uma coisa dessas, mesmo que soubéssemos, não é verdade?, não, não é verdade, e assim pagamos os títulos que já estão tontos de tanto passear em círculos, de todo esse jogo das

cadeiras, dos bancos, o dinheiro que com vocês era real e que só conosco é que ficou tonto, o dinheiro que outrora era tão saudável agora está doente, emagreceu tanto, não tem mais peso, mas o aceitamos mesmo assim, esse dinheiro tem o nosso nome, mas tanto faz se somos nós também, não o dizemos, não dizemos a ninguém, mas com que dinheiro deveríamos agora comprar os títulos que têm o nosso nome mas não têm mais significado?, bem, assim os papeis se compram sozinhos! Não é ótimo? Não precisamos de um Hércules para levantar esses papeis, para liberar o lugar no banco de novo, se necessário com violência, pois os títulos agora partem para o assalto, tomam de assalto de modo assertivo a iniciativa por aqueles que outrora o possuíam, mas agora não mais, pois agora nós os possuímos, e esses títulos se compram sozinhos! Eles tinham o nosso nome, têm o nosso nome, mas não somos nós, mas estão no melhor caminho para ser, para se tornar nós, os papeis agora têm um nome e um significado, pois adquiriram a si próprios, quem não quer trabalhar não coma, quem não arrisca não petisca, e assim assinamos empréstimos em certificados, ahn, assim assinamos com o nosso nome, que se chama como nós mas não somos nós, certificados, isso nos assinala que nós mesmos podemos nos comprar a qualquer momento, só não sob nosso nome, que nos pertence, é verdade, mas não somos nós, compramos esses títulos, que não se sentam mais lá no banquinho, mas se deitam lá no Caribe, ficam deitados por lá, inativos, fazem um pouco de esportes e tiram férias, afinal eles mereceram, e agora nós os compramos no atacado, afinal sempre tiveram o nosso nome, mas agora somos nós, não é? Não, é? Não importa o nome deles, eles não importam, mas somos nós, e se vocês tentam assinar esses papeis com o nome de vocês, então não vão ter sorte, não ficamos encostados nos nossos papeis, vocês também não podem mais se acomodar em seus papeis, vocês se acomodaram neles, mas não para ficarem acomodados, não é verdade?, eles nem estão mais aí, não é verdade?, vocês querem se acomodar em seus papeis e de repente não estão sentados, vocês tombaram!, pois não tem mais papel nenhum aí nos quais pudessem se apoiar, verdade, não é verdade?, mas agora temos um problema. Temos um grande problema. Não temos o problema de não termos mais nome ou de termos o nome que temos, senão. Senão. Senão. O que queríamos dizer? Esses papeis são uma coisa! Com certeza! Eles se mantém no curso, seguem curso para o Caribe, seguem todo curso, não precisam de curso para saber o que têm para fazer, não têm que saber tocar nenhum instrumento e nem ler nenhum instrumento, já sabem qual é seu curso, sabem para onde têm que ir, eles honram seu nome, pois nossa honra agora também é nosso nome, que se chama como esses papeis, mas não somos nós, não somos nós, e não éramos nós, só éramos nós lá com nosso banco, onde vocês não podem sentar, mas no qual podem depositar, forçosamente, sim, fomos forçados a comprar de volta títulos que se chamavam como nós e também éramos nós, para que vocês pudessem recomprá-los por sua vez por esse preço revisto e ampliado, sem pausa, para que na compra não surja nenhum impasse, o que é que estão dizendo?, se também revendemos? Naturalmente, nós lhes vendemos seus papeis, para que possam logo recomprá-los no curso garantido por nós e nosso caro nome, que naturalmente não tínhamos que frequentar, o curso, mas vocês sim, vocês o frequentaram, para investigar se as bases se sustentam, elas não se sustentaram, e agora vocês estão sem sustento, mas sempre é bom se vocês frequentam nosso curso pelo menos enquanto ainda puderem, afinal nós o subvencionamos, esse curso é totalmente sustentado por nós, fazemos isso sós, só para vocês!, os trabalhos de Hércules são pouca bosta perto disso, nós sustentamos o curso conosco, se necessário, e foi necessário!, esse trabalho, digno de um Hércules, de um Héracles, precisam reconhecer, pois dessa maneira não só sustentamos bem nosso caro nome, que não é só caro, não só caro a nós, mas também para vocês, afinal foi mantido no alto artificialmente por nós, que nos chamamos como nosso nome e carregamos esse nome como Hércules carrega o pesado teto do nosso banco, que se chama como nós e somos nós também, e desse modo mantemos no alto, com as mãos tremendo do esforço, o nosso próprio banco, que naturalmente fica cada vez mais pesado, pois tem cada vez mais coisa dentro, para o nosso banco portanto mantemos a cotação assim tão alta, nós a sustentamos para o nosso banco, que não está vazio, onde só vocês não podem se sentar, devem se apoiar em nós, não é verdade?, é verdade!, mas não devem sentar no nosso banco, nós já estamos sentados nele, a qualquer momento poderia entrar

alguém!, então vocês liberaram para nós o lugar de vocês, que no entanto nem cabia a vocês, não tem cabimento usar um nome que não lhes cabe, vocês fizeram a coisa certa, pois esse nome não lhes pertencia, mas a nós, mas vocês o compraram, o que não significa que agora vocês signifiquem algo, de todo modo não se chamam como nós, só porque foram comprar nosso nome e em nosso nome, compraram com nosso bom nome de geleia, compraram papeis de valores por um valor baixo, mas com um bom nome, compraram sob o nosso, mas acima do valor de vocês, e o que é que reivindicam agora? O que é que querem de nós agora? O que é que deveríamos fazer agora? Estamos assegurados, então podem fazer o que quiserem. Vocês, por sua vez, poderiam ter se assegurado se nosso nome sequer éramos nós, e é, somos nós, ele é nós também!, nós nos apoiamos nos certificados como vocês no banco, mesmo que não no nosso, mas de algum modo sim, afinal procuraram nosso banco, para comprar algo, não, até procuraram bancos completamente diferentes, para nos comprar!, algo de nós, a sujeira debaixo da nossa unha, o preto da nossa unha, algo que se chamasse como nós, mas jamais fomos nós, pois nunca fomos pretos como feijão, nunca, nunca, nunca!, agora somos nós, e somos assegurados até mesmo contra nós mesmos, naturalmente também estamos assegurados contra vocês, simplesmente contra tudo, contra a responsabilidade civil também estamos assegurados, pois é, podemos lhes assegurar, tanto faz o que façam, não vão conseguir fazer nada, pois nossas medidas estabilizadoras de curso bastaram, agora isso nos basta, para vocês não basta nunca, ainda querem mais? Não vão ter mais! Querem ter o nosso nome? Nunca terão um nome! Então. Até aqui tudo bem. O que querem fazer? Se até aqui tudo correu bem. Mas só até aqui, nem um passo a mais. Para além daqui não correu bem. Mas para o mundo como um todo nunca correu tão bem até aqui. O que é que querem então? O que querem de nós? Já têm nosso nome, mas não podem carregá-lo, e também não o são, talvez o sejam, mas não são nós, mesmo que nosso nome esteja nos seus títulos – vocês não são nós, e jamais serão nós!

AINDA MAIS ANJOS, QUE ATÉ AGORA NÃO TINHAM ENTRADO EM CENA, OU ENTRA ALGUÉM TOTALMENTE DIFERENTE, POR MIM TANTO FAZ:

Eis as essências, eis os essenciais de um país realmente livre, e dessa liberdade dependem as liberdades de todos nós. Gostaríamos de ter uma economia completamente livre, não só porque garante liberdades, mas porque também é o melhor caminho para produzir bem-estar e prosperidade para toda a nação, para a nação europeia, para a nação que tem o nosso nome e somos nós também, produzir prosperidade, e o bem-estar é nosso único recurso para nosso florescimento, para o florescimento de vocês, não, para o florescimento de todos nós, o bem-estar em si é próspero, mas só se ele prospera, se cresce e se multiplica, não é verdade?, é verdade!, e ele cresce, do pequeno cantinho de terra que tem o nosso nome mas nunca fomos nós, dessa pequena terra europeia, só comparativamente pequena, mas na verdade grande, dessa pequena terra com mania de grandeza, não é verdade, é verdade!, podemos almejar melhores desempenhos, e melhores desempenhos também para aqueles que nos são mais próximos do coração e do bolso, da bolsa, à qual até vocês tiveram acesso!, a única à qual até vocês tiveram acesso, mesmo assim, não é ótimo: melhores desempenhos para aqueles que têm necessidade, que necessitam da nossa ajuda, que necessitam dos nossos títulos, e os recebem também, os títulos! Podem vir resgatar seus títulos! Agora podem resgatar seus títulos com a vida, com a vida de seus filhos, com a sua própria vida na velhice, mas ainda melhor para os filhos, para quem esses títulos foram pensados, afinal para isso é que pouparam, eram suas economias, agora são as nossas economias, é a nossa economia. Oh, já vimos, não seremos poupados, mas estamos assegurados! Temos seguro contra vocês, é claro. Não vamos perder suas poupanças como vocês perderam! Para nós. Mas é exatamente como se ainda tivessem suas poupanças. Não as têm mais, mas conosco, que poupamos vocês de muita coisa, podem descansar, sentar confortáveis no nosso banco. Fomentamos o espírito empreendedor privado, e vamos seguir fomentando, sempre em círculos, até que volte para nós, o espírito, o espírito, o espírito empreendedor livre, tremam ao verem o espírito! É nosso conselho para vocês. Pegamos tudo e não lhes damos nada em troca, pois é para isso que somos livres empreendedores, afinal também nos libertamos de vocês, que compraram nossos certificados, e por isso não

conseguimos mais nos libertar de vocês, então nos libertamos do nosso nome, que nunca fomos nós, embora nos chamássemos assim, olhem só!, lá vem seu dinheiro já de volta, correndo, correndo, lá vai ele!, rápido!, talvez ainda consigam alcançá-lo!, foi o que lhes prometemos expressamente, em algum momento ele voltará do Caribe, é o que diz na etiqueta de bagagem, ele corre sempre em círculos, pois ele é e carrega uma carga pesada, sempre descarregada, uma carga pesada que seu dinheiro carrega, e para essa carga pesada emitimos uma etiqueta de bagagem, que agora podem cobrar. Seu dinheiro voltará para vocês, sem dúvida, a esteira de transporte está rolando, alguma hora vai chegar, um navio vai chegar, já chega, ele chega, bem, já não chega imaginar que o querido dinheiro vai voltar para vocês? E ele se apressa!, onde fica o motor do seu dinheiro?, não estamos vendo! Não é comovente! Sim, isso não move vocês, como ele quer voltar rapidinho para vocês? Ele volta! Sim, ele vem! Quando tiver ficado tão pequeno que nem conseguirão mais vê-lo, aí ele volta, talvez não pelas próprias pernas, talvez num carrinho de bebê, talvez não direto para vocês, mas volta, então não podemos fazer nada por ele, com ele fizemos algo que paga melhor, isso nos rendeu satisfação interior, e o que vocês ganharam? Ganharam na loteria? Não? Mas que pena! Mas é a pena de vocês, não é verdade, a nossa pena é que não deve ser, também não deveria ser a pena de vocês, mas é, seu dinheiro é bom para os velhos, doentes e deficientes, e também é bom para nós, mas não pagamos a conta, só pagamos o dinheiro que nos deram outrora, esse pagamos, mas nós mesmos não pagamos a conta, contamos tanto com o nosso nome, vocês também, também contaram e também pagaram, mas agora vocês não contam mais e também não têm mais com que pagar a conta e nada para contar da viagem ao Caribe, pois com ela só podem sonhar, mas onde é que ficou o dinheiro? Ahá, está aí! Tudo em ordem. Temos o rendimento no bolso, temos as porcentagens sobre o rendimento, que também nos pertencem, no bolso, temos vocês no bolso, e ensinamos seu dinheiro a trabalhar, finalmente, antes ele não sabia, antes só podia desperdiçar suas forças, não aplicá-las corretamente, mas agora seguramos as rédeas, seu dinheiro agora puxa, o clima também puxa, todos puxam, todos puxam uma corda, para que também haja o bastante para os velhos, doentes e deficientes, para isso todos temos que puxar uma corda, isso leva a investimentos mais altos na economia, pois nenhum rendimento significa nenhum investimento e significa falecimento. Não fortalecer significa falecer, morte, Vale da morte, pedra ambulante, cinzas, significa mundo de ontem e menos empregos. Cinzas, Cinzas, Cinzas. Sacrifício e cinzas e cortes. Nunca podemos nos tornar números em um computador estatal, melhor nenhum número na mão do que dois no computador do Estado! Melhor um numerozinho conosco do que um número no computador do Estado, o desalmado! Somos todos individuais. Vocês também são individuais, também devem ser. E como confiam em indivíduos como nós, talvez porque nos chamemos como não somos? Talvez porque se iludiram conosco? Sem vocês não haveria nação. Sem vocês só haveria um computador desalmado, sem vocês, apesar de estarem nesse mau estado, só haveria o Estado, nada mais que o Estado, ahn... algo não está certo! Nós nos enrolamos bem! Nos extraviamos pelas vias judiciais, nesse processo que não podemos ganhar. A liberdade de escolha é algo que tomamos por dado, por isso vocês deram-na a nós, nos escolheram, tomaram por dado que lhes daríamos mais do que nos deram, e foi até o momento em que estamos prontos para tomar para nós, para tomar tudo, para perder, sim, também para perder, afinal somos indivíduos e não computadores estatais desalmados, ahn, por sorte temos a liberdade de perder, sem nós vocês perderiam suas liberdades para o Estado, mas conosco também não ganham, nunca vão ganhar, não vão ganhar nada além da liberdade de não ganhar nada, mas isso vão ganhar! Digo até que vão ganhar com toda segurança a liberdade de não ganhar nada! Isso vão ganhar! Ganhar não é a palavra adequada, primeiro porque vocês não ganham, e segundo, só podem ganhar se tiverem enfim ganhado a liberdade de ganhar. Não seremos responsáveis e, se fôssemos, naturalmente também estaríamos assegurados contra isso. Vocês, porém, serão cidadãos responsáveis, descobriremos nós mesmos todas as resoluções, antes que vocês nos descubram, não precisamos de outros que nos descubram. Nós mesmos queremos nos descobrir e sermos cobertos. Assim está bem. Enfim está bem assim. Até aqui, tudo bem. Bem.

Os trabalhos de Hércules entram em cena bonitinhos, podem ser simbolizados por objetos domésticos, mas também embalagens de produtos alimentícios, latas de chá, pacotes de café etc., que os atores e atrizes afixaram a si como homens-sanduíche, como murais vivos ou algo assim. Mas também se pode fazer de outro jeito. Sempre podemos fazer de outro jeito também, podemos como sempre fazer de outro jeito.

Cantamos ao senhor uma pequena canção, uma canção alegre, não vamos nos queixar, não vamos prestar queixas contra ninguém, e ninguém se queixará de nós também, e também para quê? Não faria sentido. Não podemos despertar os mortos, e o capital morto não se levanta, o capital tem que trabalhar, que bom que não o temos, mas então quem tem? Quem o tem? Onde está trabalhando agora? Que posição tem agora? Não faço ideia, não faço ideia. A crise é que o tem, nós recebemos a crise, e então reestabelecemos a confiança pública, e então começamos de novo, podemos desregular mercados inteiros como rios, e então voltamos a regulá-los, a nosso bel prazer, e se eles se deitam quietinhos nas suas caminhas, os mercados, então desregulamos tudo novamente, e saem voando novamente, e espirram o leite bom nas nossas caras, das tetas que mantemos no alto para que não seja só o bezerro a beber dali. Mal o mercado se acalmou, já sai voando novamente do seu motel, onde troca de quarto a cada hora para ninguém pôr as mãos nele, enquanto ele mesmo, aberto a tudo, se deita lá. Então. O mercado agora se deita um pouquinho, de livre e espontânea vontade, bem, talvez não tão livre, mas não se pode forçá-lo, não, também não se pode forçar sobre ele um esquema, de modo que vocês possam avaliar melhor seu risco. Na noite da terra a sombra dos urubus se eleva, seus esforços com gritos festejando, urubuzando a falência alheia, desconhecido, um esqueleto de tão emagrecido, mas ainda segue cantando a canção de louvor ao mercado, prêmio por atos grandiosos, o mercado para o qual vos empurramos, gado eleitor, velhos bovinos, bêbados embevecidos! Pois o prêmio por atos grandiosos é uma estátua tumular. Os mortos não querem mais nada afinal. Enquanto vivem, querem algo do mercado, mas quando estão mortos de repente não querem mais. Os mortos não nos contrariam, não contrariam nenhum veredito, e não os contrariou que Hércules outrora tivesse libertado do leão um bosque sagrado, a libertação do mercado de animais selvagens também só podemos lhes recomendar calorosamente, nos perturbam terrivelmente, esses animais, um animal perturba o outro, por favor libertem nosso mercado, para que ele finalmente seja livre!, então nós, uma vez livre o mercado, já estaremos alhures e devorando e devorando e devorando e vendendo e vendendo e vendendo. Comprando também, naturalmente, as duas coisas vêm juntas, a compra redime a venda, como a vítima no altar sacrificial redime o assassino. A política vai receber agradecida essa sugestão de libertar o mercado de nós, e então vai abandoná-la novamente. Afinal ele já está punindo os pecados. É só um pulinho. Ela vai entregar a si mesma a uma agência classificadora de risco, a política, afinal não pode fazer tudo sozinha, não é verdade?, não é verdade!, não pode, ela se dispõe a si mesma para uma agência que dá notas aos títulos, as nossas são boas, as de vocês ruins. Livre então o sagrado bosque de leões e outros predadores, e já cobrem nossas cabeças, nossas cabeças de muitas cabeças – um momento, isso das cobras vem só depois, ou nem vem – nossa cabeça cobre a pele do leão, que dividimos antes de ter, tarde demais, agora a detemos, e jogamos a pele do leão, que não vamos e nunca quisemos dividir, sobre as costas. Enquanto isso vocês, caros correntistas, correm pelas montanhas e põem todos ao corrente, mas ninguém escuta, nas montanhas para onde as bolsas não podem desviar seu curso, não é verdade?, e então sequer escutamos o eco de vocês, que é o que se espera de uma montanha, não é verdade, por ora a bolsa prefere manter seu curso rasante, ela pratica a corrida rasa, corre e recorre no raso, por hora os cursos não são mantidos, não saem do chão, não decolam, as bolsas, não, isso elas não fazem, isso não, e se elas ficam lá deitadas, pobrezinhas, então nós compramos, enquanto vocês se arrastam pelas montanhas e querem se recuperar, é legítimo, é legítimo, é justo, podem fazer isso, enquanto isso compramos, e o que vocês não podem, o que não podem é derrubar o povo dos centauros, dos cegos, entre os quais quem tem um olho é rei, derrubá-los com esse arco sangrento, enviar a morte com um tiro súbito, isso vocês não podem, só nós podemos, esse trabalho só nós podemos realizar, enquanto a pele de leão se lhes escapa, a pele do urso e a pele do touro, do

Minotauro, junto com suas participações em nada, em nada, em nada. No nada não havia também cavalos, não havia ginetes? Seus campos vastos e infrutíferos veem seus esforços vãos e infrutíferos, pois fatiamos essa firma antes que vocês pudessem ver, e as fatias já são nossas, já estão conosco, não vão encontrar nem esse campo, pois nos seus campos infrutíferos mal tem uma área, ah, não faço ideia do que seja, não é, não é legítimo, não tem legitimidade para a desregulamentação e nem para a regulamentação, essa corrente enorme e violenta, não tem legitimidade nenhuma. Vocês não têm legitimidade para entrar no mercado, esqueceram de trazer um documento legível? Então não podem comprar nada, então têm que se regular vocês mesmos, como o mercado se regula a si mesmo e depois se desregula de novo, a nosso bel prazer, pois agora tomamos nas mãos esse assunto, e agora é assunto nosso. Podem os pinheiros proteger seus braços, não vão nos deter, podem os pinheiros balançar os bracinhos: Aqui!, aqui!, quem mais quer, quem ainda não tem?, podem chegar nos seus carros, podem chegar nas suas mountain bikes, podem chegar como quiserem, podem chegar nos até seus cavalos, mas podem tirar o cavalinho da chuva, não vão ter nada, não vão nos deter! Nunca vão nos deter, nunca vão nos deter, assim como vocês ainda não detêm a corça dos chifres de ouro, também não vão nos deter, não vamos entregar o ouro, e caso a regulamentação dos fluxos ameace falhar, caso o sistema de regulamentação ameace falhar, então simplesmente mudamos as regras. Dizemos à política que ela deve mudar as regras, e ela já muda, e em nossos cavalos conquistamos a corça, que matamos, não, deixamos viver, amarrada para o transporte, a ladrazinha suja dos campos, e enaltecemos os ladrões, os ladrões são simplesmente lendários. Não são lendas, mas são lendários. Nós somos. Não foi Hércules, nós só o empurramos na nossa frente, agora ele está no nosso lugar, é como se chama agora nosso fundo de imóveis, que finalmente se move, mas não na direção de vocês, que não se chama mais como nós, mas ainda somos nós, não, que não somos mais, ou somos?, agora nos perdemos, nos perdemos em nós mesmos, como é que vocês deveriam se achar então? Também conquistamos seus carros, brincando, é um modelo de cinco anos atrás, de anteontem, conquistamos como se não fosse nada, comprem um novo para dar vida ao mercado automobilístico, senão ele vai morrer!, a marca do carro não é indiferente, o mercado do carro também não, no momento veículos menores são os favoritos, mas nós dirigimos carrões, sempre os maiores, conquistamos os cavalos debaixo do seu capô brincando, temos mais cavalos de potência debaixo do nosso capô do que vocês são capazes de imaginar, não queríamos nos gabar, mas escapou, e acabou, vocês vão para casa tirar o cavalinho da chuva que molha vocês, nós deixamos vocês de molho para depois comer, devoramos seus cabelos e vocês acham que foi o destino e a calvície que deixou vocês carecas?, não tem mais um fio aí! Nada aí. Nossos cavalos avançam gritando e relinchando e balançando a cabeça, não são as nossas cabeças que balançam, nossos cavalos avançam berrando rumo ao banquete sangrento no berço assassino, avançam para dentro, nenhuma criancinha deitada no berço, há um banquete sangrento, um banco sangrento, que apesar da nossa maior boa vontade não conseguimos engolir, e nossos cavalos de potência também não conseguiram, são muito potentes, os cavalos sob o nosso capô, mas também não conseguem fazer tudo, nem o nosso novo fundo consegue, o Héracles, Hércules, Cavalos que comem carne humana! Cavalos de potência que pisoteiam humanos! É horrível o que acontece diariamente, horrível, horrível, horrível! Tanta carne! É de arrepiar! Então traduzimos, digo, então transpomos, transpomos o rio de prata, então transpomos o rio de ouro, o preço do ouro sobe, o preço do ouro sobe, ei, agora voltou a cair, mas fizemos a travessia a tempo, então, e depois que o preço do ouro, esse rio que cintila à luz do entardecer, foi traduzido a tempo, digo, depois que foi transposto, pois o ouro não se pode traduzir, sim, o ouro pode ser traduzido no preço do ouro, que nós lucramos, então vamos até as donzelas cantoras, no crepúsculo chegamos até essas lendas das canções, a essas donzelas cantoras, não é verdade?, é verdade!, para colher das folhas douradas os frutos da maçã de ouro, também como maçã o dinheiro é belo, é o que achamos, sim, o principal é encontrarmos as maçãs de ouro, tão belas, realmente, e desafiamos um dragão, desafiamos a fiscalização do mercado financeiro, ainda antes desafiamos todas as instâncias de controle, não desviamos pelos atalhos das instâncias menores, vamos direto para a próxima

instância, e a desfiamos então, já dizemos isso antes da primeira instância, desviamos verbas, mas não nos desviamos do caminho, sim, desfazemos as instâncias, aguenta que isso pode demorar; o dragão não aguenta, esse que vigia as maçãs de ouro, já o desafiamos antes, já desviamos da fiscalização, já deslocamos ela do caminho, para fora do caminho, e ali, as profundas enseadas do mar, o silêncio marinho, chegamos longe, até aqui tudo bem, mas o que fazemos agora? O que fazemos agora? Serão amazonas essas que cavalgam contra nós, mulheres furiosas, horrorosas? Pode ser que sejam, pode ser que não sejam, pois essas ainda têm todos os seios, cheios como fraldas os seios, entupidos como vasos os seios, como é que algo vai sair daí? Por onde sair? Não vai sair nada, podemos retirar nosso exército, podemos retirar nosso exército tranquilamente e recolher nossos papeis e reembalá-los com outro nome, nomes são palavras apenas, e o que fazemos com as palavras pequenas, contra as quais pouco se pode empreender, nem mesmo como empreendedor se pode empreender muito? Onde jogamos essas palavras? Ao vento? Debaixo do capô? Deixamos escapar pelo escapamento? O que fazemos com as palavras que são o nosso nome? Não fazemos nada. Não fazemos absolutamente nada! Nada fazemos. Não fizemos nada e não fazemos nada, fazemos os trabalhos de Hércules, por favor, isso sim, mas de resto não fazemos absolutamente nada. Fazemos nada então. Fizemos algo a vocês? O que dizem? Fizemos seu dinheiro diminuir, fizemos seu dinheiro pelo menos uma cabeça menor? Teríamos encolhido seu dinheiro por inteiro, subtraído exatamente a soma total? Onde é que estão vendo seu dinheiro aqui, do qual pudéssemos tirar algo? Não, não poderíamos! Não podemos. Podemos fazer os trabalhos de Hércules, mas simplesmente não podemos tirar nada do seu dinheiro, ficamos fracos. No que diz respeito ao seu dinheiro, ficamos fracos. Agora não podemos mais enfrentar o cão de mil cabeças, a Hidra de Lerna cuspindo morte pelas ventas, não podemos fazer nada com ela, teria que ser amortizada, digo, morta por fogo, mas não ateamos fogo, não alimentamos o fogo, isso nós não fizemos, foram vocês, foram vocês mesmos, que outrora tiveram o fogo, não faço ideia quem trouxe para vocês, mas agora não têm mais nenhum fogo para suas pobres cavernas, não é um pastor de três corpos, de três corporações? É um pastor que representa três corporações em um só, nós também representamos três corporações, esse pastor é um de nós, tem o nosso nome, mas não somos nós, isso das corporações que têm o nosso nome, bem, uma não mais, as outras duas logo também não mais, mas por ora as outras duas ainda sim; é um de nós, o senhor é seu pastor, e nós somos os senhores dos pastores, não controlamos nenhum banco hipotecário, controlamos logo as próprias hipotecas, enquanto mais acima os bancos entram em colapso, um conseguiu se salvar, mas isso não foi mérito nosso. Um está salvo a partir de hoje, um banco hipotecário, não, agora ambos já se salvaram até!, não vai ser tão ruim, já não vai ser tão ruim não podermos percorrer a trilha vitoriosa de outras batalhas, por favor, uma vez dá para aguentar um naufrágio, é preciso contar com isso, mas quando se consegue fazer as contas então não é tão ruim, na média ganhamos sempre. E assim por diante e etc. Vazia de amigos vossa casa se enluta. Não se pode fazer nada. Na estrada da morte, da qual ninguém retorna, já está à espera o barco de Caronte, já está à espera dos filhos dos heróis. À espera de vocês! Vocês nos deram uma boa briga, mas não podiam ganhar. Teriam que ser um Hércules para ganhar contra nós, e isso vocês não são. Sua casinha olha para vocês, mas vocês não vêm. Vocês não vêm. Nós é que vamos. Vocês não vêm. Talvez a casa aguarde o errado que vocês são? Essa casa aguarda que venha o errado, que nunca acerta seis números, nem cinco, nem mesmo quadro, no máximo três. É muito pouco. Alguém assim sua casa não aguarda. Sua casa aguardou vocês! Ela aguarda o banco, que somos nós, nós somos tudo, e estamos juntos, somos o coletivo que colhe frutinhas no bosque dourado, em nós a juventude ainda floresce com força, mesmo que já sejamos velhos. Velhos, tão velhos, a vocês, queridas crianças, não podemos mais dar proteção, vocês não podem proteger sua propriedade, e nós não podemos proteger vocês. Seu cachorro talvez possa, mas o cachorro foi roubado, e agora estão completamente desprotegidos, como o barqueiro Caronte no seu barquinho. No fim das contas vocês sabiam o risco das suas ações, enquanto nós carregávamos o nosso, ou ele é que nos carregava. Então, e eis que também se acaba a primavera da feliz juventude, ainda por cima, e como é que vocês ficam agora? Não ficam! Nem conseguem

mais ficar em pé! Vocês nos oferecem matar seus filhos para nós, mas o que é que vamos fazer com a carne dos seus filhos? Será que devemos fazer deles carne moída, hambúrgueres, grandes méquis? Tivemos a opção de sermos vegetarianos. Para que é que precisamos da carne dos seus filhos? Para que é que precisamos de suas hipotecas ociosas? Seus empréstimos novos, frescos e cheios de graça? Do que precisamos? Primeiro precisamos pensar no que precisamos, e então vamos buscar. Buscamos a vítima sacrificial, pronta para ir em direção a sua morte, quê?, estamos prontos para a morte? Foi um erro de comunicação. Naturalmente não somos nós as vítimas, as vítimas têm que ir, isso está bem claro. As vítimas vão primeiro, por favor sem empurrar! Nós seremos os senhores, nós seremos os senhores, enquanto vocês têm que trazer vítimas, nos oferecer seus filhos, sua casa, seu carro, seu seiláoquemais, vocês sabem melhor do que nós o que ainda têm, vocês nos oferecem algo só para poder se sustentar? Não se sustentam mais de pé e nos oferecem lixo podre, justo a nós? O que é que vamos fazer com isso? O que vamos fazer com esses títulos podres? Nós os dispusemos, estávamos bem dispostos, mas não podemos fazer nada com isso, não dá para fazer nada com eles. Mas vocês, mas vocês, vocês podem, vocês podem tudo, é só querer! Em todo caso somos aquilo que queríamos, vocês são aquilo que deviam, vocês pagam os direitos em dívidas, digo, em deveres, vejam, ó, vejam! Abalada pela tempestade treme a casa, o teto desaba! Ai, agora já desabou. Da lástima as sombrias nuvens vos encobrem, não é verdade?, não é verdade!, de modo algum lastimamos com lamentos seu destino, pois foi sua própria loucura que abalou a casa, que abateu os filhos, que vendeu o carro, com que vocês buscaram os filhos, antes de abatê-los, no colégio particular, e agora estão completamente infelizes. Nós sabemos. Sabemos que estão completamente infelizes e nunca mais vão poder ser felizes. Sim, as crianças também. Elas muito menos, afinal estão mortas. Onde, movidos pelo delírio, vocês foram pirar, digo, parar? Vocês se lembram? Onde vão parar e expirar? Não vão? Por muito tempo ainda não? Tanto faz. Em que ponto vocês piraram a ponto de colocar tudo em jogo e então ainda perder o jogo e então ainda matar as crianças ou pelo menos uma criança, essa uma criança, quê, vocês não têm mais?, não têm mais, senão teriam sido mais que teriam sido mortas, abater a criança, isso era necessário, era mesmo necessário?, sim, era necessário, depois cobrir direitinho, colocar o ursinho do lado, matar a mulher com o machado, o modelo mais barato, não custa nem dez euros cada, assim é que é bom!, acertou o cabo do machado brutalmente na boca da vítima, porque não aguentavam mais os gemidos dela?, estou vendo, não é um assassinato simples, é um assassinato múltiplo, que exagero, é de matar!, ainda há alguns vivos, que também querem sua vez, talvez não queiram, mas ela chega mesmo assim!, massacrar os pais, isso era necessário, mesmo, a mãe também geme, geme tanto, como se tivessem matado suas esperanças, o sogro dormindo diante da tv, trucidar o sogro diante da tv com o machado, basta!, vocês não são homicidas comuns, são homicidas qualificados!, basta!, sim, basta, era o último mesmo, o sogro, ele mesmo já bem abatido pela idade avançada e pela doença, não, ainda era saudável para sua idade, tinha algo separado para sua velhice, pelo menos acreditava que tinha!, caso típico de Era o que você pensava!, ele podia se recostar tranquilo diante da tv, e agora foi abatido? Onde estavam quando isso aconteceu? Ah é, vocês mesmos fizeram isso tudo!, um trabalho digno de um Hércules, não se pode reclamar. Não foi movido por motivos baixos como ódio, inveja ou ganância, foi por contenção, essas pessoas, pequenas e grandes, todas abatidas por motivos de contenção, pois a alguém assim e assado nada mais conteve, nada mais deteve. Valeu a pena. Eles tiveram o que lhes coube, pois não nos cabia mais nada, e o que nos cabia acabou, ou melhor, nós perdemos! Não tem cabimento! Porque nada nos coube das nossas especulações, mas, pelo contrário, acabamos com o capital da família toda, caiu-nos do bolso, perdemos na bolsa, coube-nos a solução cabal, acabar tudo, com a família toda. Então tchau, família, tchau, tchau, tchau! Deveria ser totalmente normal, até o fim, o assassino não vê outra possibilidade, ele tem que libertar a filha, a mulher, os pais e o pai da mulher. Libertar de quê? Da desonra que o assassino trouxe sobre eles com seu fracasso, mas pelo menos com eles ele não vai fracassar, ele tem seu leal machado, os dois não vão fracassar, eles encaixam como a tampa na panela, não é em vão que se perde o dinheiro da família toda, da família nuclear, pois em toda família há um núcleo bom, mas o assassino, o

núcleo da questão toda, o assassinato não lhe falha, os negócios na bolsa já lhe falharam de todo modo, tudo falhou, o dinheiro dos acionistas, cujo dinheiro era uma ação, uma ânsia a ser acionada, racionada, 300 000 euros, as ações adicionadas, o Nada acumulado que resultou da adição, não se pode acionar mais nada, as boas ações – tudo se foi! Acabou!, isso teria trazido um sofrimento infinito para a família, é claro, por isso vamos acabar com a família, como fizemos com o dinheiro, que foi perdido, e agora a família que o siga, ela deve seguir o caminho do dinheiro, deve seguir o caminho de tudo que é terreno, para fora! Para o fim!, um depois do outro, um atrás do outro, somar prejuízo ao prejuízo, acompanhar com a perda trágica da vida humana a perda trágica de dinheiro, melhor estarem mortos antes de sequer ficar sabendo da perda, e melhor os pais e o sogro também estarem mortos, pois a perda da perda, a perda da sua família, uma perda que ainda se soma a outras perdas, uma acumulação, uma forma de lucro portanto, pois não teriam suportado a perda da perda. Todos mortos, todos mortos. A família nuclear está morta. É um azar quando uma certa célula, chamada espermatozoide, se encontra com certa outra célula, chamada óvulo, um azar que ainda pode ser reparado ainda que tardiamente, pode ter reparação ainda que tardia, perdas na bolsa não se deixam reparar tão facilmente. Não é nenhum acidente. Conceber um filho é um acidente, é um acidente inconcebível, mas perdas e prejuízos não são mero acidente, mas obra humana. Seria melhor se a concepção dessa criança não tivesse acontecido, o que vale para todas as pessoas, deveríamos abdicar de conceber, e também deveríamos abdicar de todo conceito. É um crime pôr uma criança no mundo, e isso só pode ser remendado e retificado pela destruição da criança, já reparou?, só pode ser reparado pelo assassinato da criança, quando as perdas são irreparáveis. Não se pode parar as perdas, não se pode reparar as perdas, não se pode amparar os perdedores. Não se pode reverter as perdas. A vida, sim, pode-se reverter, com violência se necessário, mas as perdas permanecem, tanto faz o que se faz. Propriedade é melhor que aluguel, propriedade já é metade do aluguel, mas quando é perdida, esbanjada, aí não é mais nada. Então não temos mais nada. E então também não é mais propriedade, ou é propriedade de algum outro, o que é ainda pior. Pela compra e venda de pequenos valores imobiliários, que se acumulou com muito esforço, foi possível adquirir um imóvel de luxo, para nos sentirmos bem, para a família se sentir bem. Ela fez por merecer, mas nós botamos tudo a perder, perdemos tudo, perdemos o direito de ter uma família, perdemos definitivamente, tudo perdido, é ainda mais definitivo que a morte, bem, digamos que tão definitivo quanto. Depois de termos passado por entre as vítimas, passado entre eles com o machado, nossas vítimas se foram, nossas vítimas tardias, todas as nossas vítimas tardias, cobertas por patinhos de toalha, simbolicamente enterradas, as dívidas infelizmente não cobertas, as perdas descobertas, passamos pelas vítimas como uma revoada de gralhas, mas sem som, silêncio total, nenhum barulhinho!, senão os vizinhos vão perceber alguma coisa, todos deitados sob nuvens de toalhas, simbolicamente enterrados, pois por eles foi feito o melhor, foram poupados da perda de todos os seus recursos, era esse nosso objetivo. Objetivo: total apagamento. Consigo mesmo o esforço já é maior, afinal trata-se do protagonista: Uma mochila cheia de facas, toda uma mochila cheia de facas, é o que carregamos, bufando, boa ideia: Bufunfa!, acabou a bufunfa!, a ponta da enxada apoiada na boca, para que possa entrar, a faca pendurada na caixa torácica, que trabalho que dá!, e é em vão, em vão como os investimentos, tudo em vão, e então batemos com a cara, com o carro na parede, a carroça da vida, então nos batemos, nós e as facas, contra a parede de tal modo que as facas penetram em nós, nos trespassam, o machado, cujo fio foi parar, como uma palavra, na ponta da nossa língua, deve penetrar na nossa boca e nos fender e a parede ainda por cima quebra nosso crânio e pronto. Mas a morte lenta, sobretudo a da mãe, não foi uma bela visão, ver isso não foi bom, por isso mantemos distância da disposição de nos matar, mantemos distância da parede, com o carro, observamos a boa distância entre a parede e o carro, a distância entre a faca e o peito, a distância entre o fio do machado e a boca, por favor mantenham distância de nós e da mochila com as facas!, preferimos manter a distância de segurança, sim, em relação ao machado também, melhor mantermos a distância de segurança em relação a nós mesmos, sim, preferimos também, afinal vimos como morrer é doloroso e demorado e como

matar é trabalhoso, vimos isso em nossa própria mãe, pudemos observá-lo em nossa filha, nossa mulher, em nossos pais e nosso sogro. Agora todos estão mortos, não podemos reverter isso, a morte é uma via de mão única, e nem sempre é a mais rápida, por essa via não se sai do lugar. Então. Agora estão todos mortos, alguns mais rápido, outros mais devagar. Coitados deles! Coitados de vocês! Os juros dispararam, como esperado, enquanto sequer podíamos correr contra a parede, não podíamos bater contra a parede, não com toda a força, o impulso de sobrevivência foi forte demais, estúpidos demais!, os juros despertaram, primeiro tinham que se lavar, o machado outrora brilhante, saído fresquinho do mercado de utensílios domésticos, da loja do mercador, com o qual vocês abateram sua família, abateram como uma máquina, não tem que ser lavado, agora não vão mais precisar dele, não sobrou ninguém, também não sobrou nada do seu dinheiro, não sobrou mais dinheiro nenhum, nenhum titulozinho de participação mais, nenhum certificadozinho que pudesse dar e tomar parte, toma lá dá cá, dá mais do que toma, era a ideia, há maior felicidade em dar do que em receber, mas isso não faz parte da peça, não está no roteiro, vocês estão totalmente sozinhos. Sozinhos. Por que é que poupam a própria vida na verdade, se já mataram seus entes mais queridos, para agora terem que sofrer o luto?, tiveram momentos tão belos juntos!, por favor, não é por nada, só estamos perguntando porque nos interessa. Como assim pouparam a própria vida, como não se jogaram do alto do precipício? Gostaríamos muito de saber. Por que não destruíram o corpo nas chamas? Gostaríamos muito de saber. Abater a si mesmo com o machado, por favor, entendemos que no fim não ousaram fazer isso, embora tivessem cumprido com todos os outros trabalhos também. Mas, leal amigo do capital, que exterminou a própria família como Hércules as serpentes e outros animais, alguns deles capturados vivos, amarrados e transportados, o que tornou a tarefa mais difícil, pois se debatiam com força contra as amarras, leões furiosos, gigantes e tifões de três corpos e centauros de quatro patas, uma hidra hidropônica, selvagem, muito selvagem a hidra, com suas cem cabeças, maligna!, maligna mesmo!, e tudo isso com um único machado!, é, amiguinho, e agora? Direto para o reino dos mortos com o machado e com sua colheita!, nisso está certo, talvez ainda precise disso, do utensílio, para o cão-de-guarda de três cabeças no portão do Hades, pois é, e ainda matou seus filhos, não é? É, Racles, Héracles, Hércules, vemos você e o horror desse infanticídio no jornal, o que é que seus melhores amigos têm a dizer sobre isso? Não conseguem compreender? É compreensível. Agora o quê? Não faz sentido começar mais nada agora, já que você já terminou tudo. Não faz sentido. Não, também não dá para escapar do seu sofrimento, nem voando para os céus, nem mergulhando na noite da terra, a noite vem por conta própria, não se pode fazer nada a respeito, não se pode fazer nada contra, não se pode fazer nada. Não temos nada contra vocês não fazerem nada. Afinal já fizeram todo o possível, e agora o que cobre os cadáveres de seus entes queridos é a terra, que não lhes pertence mais, a casinha meio pronta vai ser leiloada, o apartamento vai ser vendido, não tem mais ninguém para morar lá dentro; agora tirem seus cavalinhos da chuva, não precisam se molhar mais, já basta, desmontem do cavalinho, senão lhes passaremos a perna, e se tiverem a perna não precisarão de cavalo mais. Então podem andar por conta própria, mas outra vez não sabem para onde ir. Não sabem para onde? Bem, vão simplesmente para o ventre da terra, do qual saíram. Sobre a terra tudo nos pertence, mas o que há debaixo da terra – por nós podem pegar para vocês. Podem pegar, a não ser que encontrem ouro ou gás ou petróleo. Lá podem então entrar e ficar à vontade, a não ser que encontrem algo. Lá ninguém os perturbará. Lá o tesouro do solo não os perturbará. Mas se tinham que estar lá embaixo os tesouros, petróleo, gás, energia, luz, material radioativo, vasos de flores, irrigação, então nem mesmo a terra debaixo do nossos pés lhes pertence, então não lhes pertence nem a sujeira debaixo das nossas unhas, então não lhes pertence nada, nada mais, nada mais. Absolutamente mais nada. Nada.

Agradecimentos, agrados, agravos:

Obrigada, jornais e revistas, todos, e também obrigada a você, querida internet!

Obrigada, Helene Schuberth, obrigado, Europa, digo, Eurípides (“Héracles”).

Obrigada, Meinl Bank, pela verdade e pelo prefácio ao relatório financeiro de 2006.

ULRIKE MARIA STUART
Drama de rainhas

A cena, em suma, com um belo aceno, um merecido acinte da parte da autora: Haverá o problema de que a fala quase sempre "amarrada" do texto (iambos, troqueus) produz uma "elevação", que tem necessariamente que ser contrariada pela encenação. As figuras devem ser, por assim dizer, arrancadas de si mesmas a quase todo instante, para não se tornarem idênticas a si mesmas. O objeto, elas mesmas, ao qual querem sempre de novo retornar, embora elas mesmas o tenham feito e deveriam saber que ele é seu próprio construto, uma armação de tábuas tortas e mal ajambradas, tem que ser quebrado em muitas partes, como os galhos de uma casa da árvore, onde de resto o todo bem que poderia se passar, pois essas figuras não são "elas mesmas" afinal, mas sim, não, também não simplesmente superfícies de linguagem, as famosas, que agora já faz tempo que me aborrecem, mas sim produtos da ideologia. Então isso tem que ser encenado de tal modo que as figuras meio que correm ao lado de si mesmas, que uma diferença é produzida, e é em relação a elas mesmas. Não é o ser humano puro que está aí diante de nós, mas sua excreção e sua exceção, como um fedor que o envolve; de modo algum pode ficar requintado ou poético, tudo deve vir abaixo abaixo abaixo. Abaixo as calças, abaixo as saias! As rainhas podem vestir por cima dos vestidos calcinhas bem sujas, manchadas, que arrancam rasgando, é só um exemplo. Elas têm que, de modo assustador, mas também cômico, até chegar no grotesco (pensar nas artes visuais em um Mike Kelley e Paul McCarthy!, as cabeças gigantes, que elas puseram ao contrário, de modo que carregam a si mesmas de cavalinho, afinal elas não são elas mesmas, elas se carregam, mas simplesmente: ao contrário), limpar consigo mesmas o chão, onde não conseguem ficar de pé, pois até ele é torto, elas se agarram, mas sempre voltam a cair e ao longo da ação vão ficando não mais puras, mas mais sujas. E até a sujeira escorrega (e as atrizes nela). As figuras podem se lançar umas sobre as outras com tudo o que têm, sobretudo consigo mesmas. Eu gostaria que restasse caos, imundície, desordem e que o belo ou elevado dos ideais nos abandonasse sucessivamente, até que por fim até a ironia desapareça (de qualquer jeito ela o faz) e as figuras busquem diante de si a amplidão, mas só há uma cela e uma forca feita de trapos. Na elevação da ideologia, que afinal é falsa e uma mentira, essa é sua característica geneticamente programada – ela não pode fazer nada a respeito, por isso nunca será inocente, e afinal também não quer isso, trabalha contra isso, contra a inocência – na elevação da ideologia, da qual as figuras se va-leram, só resta então a cruz de uma janela, na qual se pode atar a forca de trapos. E qualquer coisa corre e escorre das figuras. Busca simplesmente: a amplidão, mas isso não há, deve ter um efeito bem hermético, com lixo e fedor e tudo o que vem com isso. Elas devem chafurdar na própria merda! Então.

1ª parte

Uma jaula com os Príncipes na torre, diversas vozes cuja fonte não se vê.

OS PRÍNCIPES NA TORRE
Pais, dizei-nos, está morta a mãe?

CORO DOS ANCIÃOS
Não, crianças. Ela se tornou uma casa assombrada, mas nem sombra dela nesta casa, e creio que no fundo ela nunca quis estar aqui. Seu endereço se perdeu, quiçá para sempre. O cadafalso ela teme, e por outro lado não teme mais também. Quem pode ver o que há dentro de sua cabeça? Só a forca, e mesmo a forca a vê de fora. Seu semblante de papel agora ocupa molduras em vosso quarto de dormir, também nos correios pode ser visto e em delegacias, e pelo menos de lá não pode mais escapar, eis a punição, e a barra vai pesar ainda mais. Ela, a mãe, é uma união a quem ninguém mais dá a mão. Nunca escapa à deterioração dos

incontáveis que encontraram a morte numa curva da estrada, devorados pelos porcos, essa mulher com olhos perfurados, que sempre só podem ver a miséria, até porque foram cegados também, não sei mais por quem, talvez tenha raiva de si por não poder ver nada. Nenhum de seus olhos quer seguir o outro, imaginem só o que seria uma aflição assim! Mesmo que não vejam nada além de muros, esses olhos, também não se deveria superestimar, vossa mãe, suas teorias foram erigidas sobre areia, quiçá não tem nenhuma e afirma tudo sem pensar duas vezes, pois para as mulheres o problema do sentido se coloca muito mais inevitável e severo do que para os homens, sim, as mulheres têm além disso um problema de emancipação, como vossa mãe, que finalmente se livrou do esposo, isso não traz felicidade, é o que nos parece, pois somos velhos e sabemos melhor: A pobrezinha tropeça por aí sem direção, quer dizer, direção, isso ela tem, e ela bem sabe também, só que não a reconhece depois de tantos anos em que a descreveu para ninguém que quisesse saber. Só os condenados desta terra (ou aqueles que gostariam de sê-lo, mas só puderam conservar o humor e nada mais) a seguem, pelo caminho que ela aponta, mas quem é que reconhece por conta própria o caminho que ela descreve, afinal ela não é nenhuma guia turística! Bem, minha amada Alemanha, num momento tens estados irmãos, e no instante seguinte sequer tens irmãs, rubra apenas onde riscada com sangue, que escorre do compasso, e nem és riscada da lista de todos os estados que não existem mais (quem é que vai se dar ao trabalho de contar!), és expulsa enfaticamente do lugar que, coberto de cinzas rubras, caso algum dia se queira praticar esportes ali, foi previsto para ti. Fora nós, os mais velhos, ninguém mais olha pelos teus, ninguém que queira sair de si, pobre querida pátria. São sempre expulsos para alhures, os condenados, essas pobres criaturas que brincaram com Cuba, Chile, Vietnã como uma criança com blocos de construir, lá ela os visita, a mulher querida e engajada, aquela uma que foi vossa mãe – quem a engajou? E sim, ela os insulta, esses completos idiotas, que sua ridícula revolução – até mesmo para ela foram preguiçosos demais aqueles que tocavam o terror e acompanhavam a si mesmos como um instrumento – deixou tão fascinados que não podiam mais ver nem a própria imagem. Por isso agora esses despatriados de seus países visitam o nosso, se lhes dá vontade, como outrora vossa mãe viajou na direção contrária, não, eles nunca mais podem vir até nós com esse papinho, graças a Deus, dele nos livramos, o que eu estava querendo dizer antes, por isso agora aqueles que não têm lar nos visitam, já disse, mas aqui não há nada para eles, nós mesmos ainda não temos o suficiente, ainda falta muito para enchermos o bico, o bico que, suportando o peso das perseguições, não aguenta mais o peso-pena da vossa mãe e lhe espreme fora a vida, mãos ao alto!, afinal somos bem mais condenados do que eles, condenados a uma dura inadequação, sim, também a uma inação, para não dizer uma infração, e isso tudo sem salário, pois somos velhos. O que vamos empreender, o que devemos fazer? Em seu meio os traidores estão misturados, então ela fugiu do reino, rápido. Mas em algum momento voltou, ela deve estar louca, isso é comum entre os fanáticos.

ULRIKE:
A mãe, queridas crianças, com certeza não protegeu nenhum afortunado. E também nenhum desafortunado e ainda por cima um completo idiota de esquerda, que ninguém quer proteger e por toda a vida só se sentou com os colegas, quem mais senão o colega de classe, que não estava matriculado, e que não faz nada senão dar a conhecer aos outros a raiva que nele ferve. Assim discutia, sem sentido e sem objetivo, a mãe com o grupo. Agora levantai e dai-me ouvidos, não, por mim podeis ficar sentados! De todo modo não podeis vos levantar. Postura enjaulada, amarga negra e trágica, mas necessária para vós, senão também vós correríeis para longe de mim. Para vossa mãe nem mesmo vossa morte estragaria o trono, esse onde ela se sentou, mas justo pelo trono reina sempre uma competição selvagem, mesmo que por isso tenha que haver novas eleições, que nunca trazem nada senão o velho! Então ficai quietos, onde estais! Não vades para aquele orfanato horrível e lotado lá na Jordânia! Ficai, crianças queridas, ficai! Nesse inferno acabareis por vos tornardes brutais, como em todo o mundo apenas os israelitas são, outrora eram chamados judeus, agora não se pode mais falar isso, lá sereis abatidos, quero dizer na Jordânia, todos os dois, caso excepcionalmente fiqueis juntos, vós crianças, de modo que uma só bala vos possa atravessar

todos os dois, ou o campo todo logo de uma vez, e vós com ele, com tudo o que está nele e que vai pelos ares, isso já hoje posso vos garantir, portanto sede obedientes, ide aonde vos chamam, pois vosso nome permanece para sempre convosco! Portanto deixai-vos apanhar, só não fiqueis lá, ou ficareis para sempre, jamais retornareis a vosso desafortunado pai, que tem coisa melhor para fazer com o tempo do que cavar vossas covas! Pois o pai diz, como outrora a filha: Insepultos não ficareis, é proibido!

OS PRÍNCIPES NA TORRE

Por que tanto chorais e bateis no peito, velhos queridos, que ainda a conheceram? Afinal mais cedo ou mais tarde ela mesma teria ficado velha. Agora não fica. Por que chamais inutilmente: Oh, Ulrike Maria, infeliz? O que vedes quando olhais para o canto esquerdo? E sobretudo: Por que nos chamais pobres órfãos abandonados se afinal ainda vive nossa nobre mãe?

CORO DOS ANCIÃOS

Vós, crianças boazinhas, não nos compreendestes, é nisso que dá terdes sido educados por vossa mãe em período integral. Não é vossa culpa. E eis que toda noite algo é incendiado, apesar de que durante o dia também, mas noite e dia são um só para a economia em frangalhos. Quem consegue trabalho vive na China ou na Índia, e não vive mal, comparado a todos aqueles que já estão mortos. Agora é para lá que rasteja o trabalho, sua mala pesada com os custos salariais, e no caminho joga tudo fora, principalmente esses custos, até que finalmente aterrissa, libertado de tudo. Agora, aqui conosco isso infelizmente não acontece, aqui todos são livres, mas ninguém é libertado, nem mesmo de si mesmo. Agora vive lá o trabalho, esse turista indeciso, ainda não sabe onde vai armar sua barraca, em trinta, quarenta anos, o quanto ainda durar, e ainda não chegou – também hoje, entra sempre no barco errado, com o pé errado e ainda por cima no rio errado, o bom e comportado trabalho, ainda vaga sem rumo pelo mundo e vê onde o clima está melhor; mas mais cedo ou mais tarde, na Índia, na China, em Bangladesh, lá então pode espairecer, já se pode apostar nisso, e tudo então cai vítima da ganância generalizada, ganância dos empresários é claro, e as pessoas se queixam disso, mas é inútil, pois não há ouvidoria que os ouça e nutra suas esperanças. Por nós tanto faz, somos uma empresa, com espírito empreendedor até a onipotência das férias que damos a nós mesmos. Logo só vai haver uma única Alemanha, as opiniões não estão unificadas, por isso tem que ser armada, não faço ideia que tipo de armas vai ter, provavelmente uma bela duma dívida pública bem gorda e um déficit e um alto desemprego e uma miséria atroz, que contudo entra em cena numa BMW, obediência incomparável sem amigo nem inimigo, um país horrível e sombrio, haha, as pessoas ainda acreditam nisso! Seria melhor duas, como naquela época, pois aí seriam justamente duas a enfrentar todas as outras com seus batalhões mortais, seguidos pelos batalhões de mortos, cabeças mortas em toda parte, onde quer que se olhe, no aeroporto uma vala comum, então quem é que jaz lá dentro de novo?, tanto faz, a esse país unificado queremos nos voltar no futuro, ele ainda não está vencido, mas já foi comido faz tempo, engraçado, nós nos devotamos a essa dupla pátria Alemanha, pois não temos nenhuma terceira, bem, isso ainda nos faria falta, duas já são demais, mas mesmo assim as temos, pois bem, as levamos para o ocidente, claro, lá é lindo, pois além de praias nas férias nos sorriem montanhas bem como mais praias, tudo confortável, mesmo que não dê pra chegar a pé, a não ser que se more numa estância turística no norte, ou mesmo no sul, essa é a maior oposição que há hoje na Alemanha Ocidental. O trabalho é duro, vossa mãe já fez mais uma lista de leitura, composta da própria montanha de material impresso onde seu fogo arde sem que jamais a queime. Mesmo assim os trabalhadores não querem isso tanto assim. Eles podem meter numa enrascada quem lute por eles, e aí pode haver dificuldades no trabalho, esse trabalho, quer dizer, no caso da vossa mamãe e na marcha agitada de seu grupo terrorista: a Revolução, dai uma lida, se é que já sabeis ler, nessa coleção amarela que uma editora bem politizada, porque é a moda do momento, publica, a troco de nada, mas não em troca de nada! Sindicatos, sim, eles distribuem um panfleto, nós também fazemos isso, todos fazemos, nele há coisas importantes, é o que diz aqui, nenhuma relação é privada, isso vos ensinamos, e a do pai com a mãe não deve mais ser politizada, isso se queimou como a carne humana com a febre. Seria importante sobretudo, isso ela também disse, que finalmente esclarecêssemos as relações, a

relação, ainda antes de se ter uma, já é politizada, também vai ser política, só que um pouco mais tarde. Uma coisa é certa: Simplesmente há que se ler livros sempre, como já foi dito, onde se aprenda sobre a vida, para que se possa desaprender. Não queremos ler livros nem brochuras, quando vemos como alguém tem uma relação e um fogo no coração. Não queremos mais ouvir o que ouvimos o tempo todo, oh, a economia está metida em dificuldades, não é possível!, quê, outra vez? Dessa vez isso significa revolução? Não, de novo não, pois quando e onde ela não faz isso, a economia, de verdade, nós, nós velhos vos dizemos: Nada se mete tão frequentemente em dificuldades quanto a economia, pois a economia É a dificuldade em pessoa, ela sempre sofre com algo, só os donos dessa cacareconomia, os donos nunca sofrem, sim, ela sempre tem alguma coisa, pois de novo não tem nada, mas só rapidinho, talvez seja hipocondríaca, essa economia, ela floresce só em outro lugar, onde não estamos, é o jeitinho dela, então não conseguimos nada com isso, ela não nos quer nos deixar preocupados, e que sequer ainda viva, só isso já nos admira. Ela morre, quando é que ela não faz isso? O hipocondríaco é o último que morre, mas um dia ele morre, quando é que não faz isso?, ele já morre mil mortes sem nem estar doente. Também a economia há de morrer, provavelmente, mais cedo ou mais tarde, ainda não estou vendo qual, mas afinal ela está doente e mais cedo ou mais tarde tem que morrer na luta sangrenta das coroas e das moedas, como assim ela ainda vive, a menos morta das mortas, como? Ah é, ela vive porque muitos outros vivem dela?! Isso é um conto de fadas em que todos querem acreditar, até a mamãe respeita ela, a economia. E de fato morre, no supermercado da velha discórdia, a infeliz brasa das marcas, que outrora se casavam pacificamente nas prateleiras. Até a avareza algum dia vai ser um tesão, por ora somos só nós com nossas revistas, que apreendemos com um clique das nossas armas oculares, só as muitas mulheres nuas, que sorriem tanto, como se amassem o próprio corpo! Talvez amem, e talvez seja a única coisa, o corpo, que no fim lhes pertence, o que é que elas podem fazer, apesar de tudo é sua propriedade. Mas talvez outros também o queiram, querem um exatamente igual, só precisam ainda fazer as contas do custo e se no fim das contas vale a pena pagar essa conta, pois a maioria dos corpos não dão retorno algum e precisam ser dados de presente, isso se alguém os aceitar gratuitamente. As pessoas jogam dinheiro ao redor de si ou querem poder fazê-lo pelo menos uma vez, mesmo que só no papel, é como com as viagens. Catálogos são abertos e de novo fechados, mas quanto compramos deles, essas mercadorias estão num mau caminho e apertam o passo, como a lei, mas não há lei que prescreva nada às mercadorias. Só a Europa, a Europa toda vai conseguir isso, mas ainda vai demorar, ainda vai demorar anos, até que o sono infinito saia da área do repositório e o ser humano da área do dormitório, pois enfim tem um emprego, só ainda se pergunta quais áreas, sim, ainda vai demorar até que a Europa esteja unida e no entanto não queira mais viver, pois vive bem demais nos sapatos de completos estranhos, que, como bandeirolas, esses elementos de sinalização, vão junto desses sapatos, pois eles mesmos foram calçados no lugar dos sapatos (sim, mesmo quando ela estiver unida, a Europa, jamais haverá união, diga-se de passagem, ou também podemos nem dizer) e ninguém mais vê necessidade de revolta, nem mesmo um germe que se pudesse sufocar, é um natimorto. Ah sim, e o terror então não será mais terror, ele será chamado, ao ser estatizado, mas por ora ainda se fala em privatização, de terrorismo, o que nada mais é que a petulância de gente jovem que não quer fazer nada além de beber Coca-Cola em países distantes e pertencer a eles, nós velhos não temos ideia de quem quer pertencer a quem, mas por favor, podem pertencer à vontade, contanto que não seja a nós, nós somos a morte, a ela vocês com certeza não querem chegar, com certeza pegaram um atalho errado, pois ninguém quer vir ter conosco e com nossos semelhantes. Não credes em mim, pequenos príncipes? Quereis experimentar por conta própria? Ainda lembrareis de nossas palavras. No mau caminho, em direção ao sempre igual, rumam fatalmente as mercadorias, hoje isso já é previsível como as fronteiras da Europa, das quais vem a inundação, um mar de mãos sem sangue, que se sepultam no cimento, no gesso ou na tinta ou também na carne tenra, por uma tal morada ninguém quer pagar, o assassinato é uma solução para muita coisa, vossa mãe mais os camaradas sabiam muito bem disso. Já naquele tempo, como hoje sabem, até nós mortos outrora acreditamos nisso. Mas vemos subir no horizonte as chamas de novas guerras civis, dessa vez isso

não significa cidadão contra cidadão, mas cidadão contra o nada nu, contra aquilo que eles não têm e também não vão conseguir, contra aquilo de que sequer a nudez se pode ver, mas não temam, já voltam a afundar, não os cidadãos, sim, eles também, mas mais ainda as guerras, é só aguardar tempo suficiente ou igualmente aguardar a guerra com um galão de gasolina ou apagar com água o que arde, melhor seria uma aguardente, framboesa ou cereja, Chechênia ou Irlanda em algum lugar no norte desta civilização, se olhai para outros países é tudo igual em toda parte. Não, eles não sobem, os preços, por ora eles caem, talvez queiramos dizer uma coisa bem diferente com esse sobe e desce!? De todo modo sobe a tiragem das folhas coloridas, uma folha dessas representa todas, assim como todo ser humano, toda revolução, e também as ações, algumas, outras não voltam a subir. Nãonão, ela afunda, ela afunda, a tiragem, o que fazeis agora, vós fazedores? O que fazem afinal, logo nos livramos da DDR, que por ora ainda paga aquilo que nossa esquerda pode ler, já hoje vemos isso vindo, e então ninguém mais nos paga nada por isso, por sermos contra isso, pois contra isso só há uma placa de pare ou um muro, ou se quiser uma árvore. Tudo segue igual, no fim segue o esforço de ser um ser humano, já desistimos disso e decidimos tranquilamente pela morte, pois: Para que ser um ser humano, um ser humano já se é sozinho. E seres humanos vagam sem direção, ao contrário do capital, que só conhece uma direção: Só para fora dos nossos bolsos! E tirem esses dedos de todas essas coisas lindas! Ou vão ver só. Mas alguns tem uma, eles têm uma direção certa, há tantas direções, cada um acha a sua, se alguém lhe explica direito e lhe dá um plano. Para onde quer que se dirijam as pessoas, para lá ruma junto vossa mãe, em direção aos perdidos, lá ela não faz isso, para também eles receberem uma direção e então ficarem quietos, como nós. E onde as massas estão, onde elas enfim encontraram sua direção, por lá erra vossa mãe agora, essa errante, as massas também erram, quiçá por falta de massa, de quem as meça. Ou a medida que elas já têm é grande demais para elas. Onde os perdidos estão, lá também ela quer estar, é lógico. Se você lhe diz Casa, ela pensa em Casa de detenção, e não na dela, linda, que agora ela já tem, só os móveis novos e a casa de campo no rio Elba! Ela oferece a mão a completos desconhecidos, vossa mãe, para logo salvá-los com diligência da indigência, corre, para fora, de onde quer que seja, pois ela tem que libertar quem quer que seja. Se ela sente vida estranha com suas antenas desatentas, desatinadas, e que ainda por cima estão ao contrário, infelizmente não na cabeça: Se lá ela encontra a morte ainda em vida? Corre, se apressa! E vós, tomai isso por exemplo, jamais ficai onde estais, ainda que não voluntariamente, ainda sois crianças afinal. De todo estrangeiro ainda tão estranho retornais a nós, por sorte, podemos afirmar. Sabeis o que vos esperaria no campo de refugiados? A morte apenas, voaríeis pelos ares, nada vos teria podido salvar ali, bem, rejubilai-vos por agora estardes aqui de novo! Nós, pessoas velhas, previmos isso e vos trazemos de volta para casa, quer dizer, mandamos que vos nos tragam, para então pelo resto da vida ver em vossos olhos vossa luta pela mãe, que agora se foi, a luta da vossa alma, pois da vossa mãe a boca ousou enunciar o desejo que os outros sempre mantêm oculto, desejos apenas por outros, na verdade por si mesma, é o que afirmamos, pois o revolucionário é o parente consanguíneo mais próximo do egoísta egocêntrico incurável, e como ele mais cedo ou mais tarde se afoga no próprio sangue, o hipocondríaco só crê que logo há de morrer, mas quem é um lutador de fato morre e é para já e também em pessoa, não, não deixa outros morrerem por ele, sim, até que deixa, mas só para que então ele mesmo possa morrer neles a cada vez e lamentar terrivelmente, a longo prazo isso é um tanto exaustivo, não achais, tantas mortes, olhai só para nós!, e já houve tantas, pois a morte é criativa como uma aula de artes para crianças. Isso ninguém mais ignora. Dizemo-lo de novo a vós: O lutador é ele mesmo um hipocondríaco incurável. A espada de juiz, com a qual nos condecoramos, é odiosa em mãos femininas, e justo as mulheres são as mais militantes, pois seus corpos precisam suportar muito mais, em geral e especificamente, elas se acostumam a isso desde que são concebidas, por terem que conceber, e por isso são abrigadas de nós homens e amimadas por nós homens o resto do tempo que ainda têm; seguramente é mais difícil para o homem dar provas de serviço nesse quesito, às vezes isso vai bem longe quando ele tenta. E lá vai ele de macacãozinho vermelho, rastejando pela areia, lá na Jordânia, Deus, como é quente e seco, onde

acho uma água mineral, vejam só, já está desistindo, tínhamos previsto antes de ele começar, pois também nesse caso a mulher é ainda muito mais militante do que ele, e então ele prefere continuar criança ele mesmo, e pode continuar, uma criança para sempre para a mulher, que pode se tornar sua mãe, e isso também para sempre, até que ele vá para essa escola de revolucionários, a mãe besunta o pão para a lancheira e ainda acrescenta uma maçã cheia de amor e cheia de orgulho do seu pirralhinho, para enterrá-lo debaixo de tanta comida. Criaturas, pensai nas diferenças, pensai também na pirâmide do poder, nós anciãos estamos bem lá embaixo, por isso conhecemos bem, considerai todos os mecanismos e as coerções fundamentais no processo de educação, e de fato a coerção para ser uma criança, não é preciso coerção para se tornar adulto, eis o xis da questão, e que a prisão seja a escola para vós revolucionários. Então, queridas crianças, frutos daquele ventre, dessa mulher, ela deve viver ou o quê? Não, viver ela não deve, já faz tempo que não acreditamos nos direitos das mulheres, nós velhos só acreditamos na Alemanha, como antes, e mais nada. Esse país nos parece ser, por ora e no futuro, um ideal, e o processo contra os criminosos de Estado, com sua pompa festiva, não nos parece um sacrilégio arrogante como tantos outros, nós aguardamos o processo, de verdade. Assim que uma mulher se torna a vítima, aí nunca mais um juiz pode falar de justiça, aí é melhor ser criminoso! E isso vale em geral! A mulher não tem consciência, e essa, vossa mãe, menos ainda. Daquela vez ela perdeu a disputa contra o átomo, naquelas manifestações, agora isso realmente não é nenhuma vergonha, contra o átomo todos perdemos, é um adversário forte demais, melhor procurarmos um mais fácil. Agora só a clemência pode ajudá-la, e ela não a terá, queridas crianças, podeis esquecê-las, ambas, clemência e mãe, de quem só um Deus ainda pode ter clemência, esquecei!, mas o que fazemos agora convosco, somos velhos demais para vos educar, quem vos confiaria a nós? Um outro teria que vos acolher agora, não temos tempo. Afinal já cuidamos das associações de refugiados do leste, eles já nos mantêm ocupados, já nos embrulham, as associações, para as quais no futuro escreveremos com força renovada, advinda da mais profunda convicção, afinal ainda conhecemos a velha pátria, é ou não é? Não tinha algo lá? Provavelmente não, não temos convicção alguma, muito menos provas, isso ficou para trás, e mesmo como direita somos quase totalmente ignorados, bem, o que importa é que a pátria nos satisfaz, a nós, pais de todos os pais. O que estais fazendo aí? Saí logo dessa distante cidade estrangeira, bem, também não é tão distante, voltai para cá, pobres crianças, que já hoje sois refugiados. Sempre gostastes de voltar a Hamburgo. Como assim justamente Hamburgo? O que vedes de tão bom nessa cidade? Isso do hambúrguer, isso é ambíguo, né? O luxo dessa cidade é lixo perecível, por mais que também seja aprazível, quando se pode aproveitar, a mãe pôde pelo menos por um tempo, isso é certo! De todo modo não seria Hamburgo se pudésseis ver algo lá, pois lá simplesmente tudo já está lá, antes da criação. Lá reina a névoa a maior parte do tempo, pois há muitas revistas, tudo lá, pois é, as muitas folhas coloridas estalando, folhas monocromáticas, árvores sem folhas, besteiras com molho ou sem, ao gosto do freguês, e todas as lojas de fábrica chiques e notáveis (pois sem que alguém vos notifique de algo, vos dê a nota de tudo, jamais encontrareis!) da moda, onde a carne morta congela na sua boca, num italiano onde ela é servida com trufas na massa, o que com toda certeza não vai fazer que dure mais. Na boca o bocado murcho e mole, em compensação a salada crocante de fresca, antes de sequer poder atravessar seus lábios ávidos e crispados e inundar tudo, inclusive as blusas, até o garçom trazer a conta, tocando suas trombetas para anunciar o prejuízo final. Depois vira tudo um bololô só, principalmente o que falais. Nós pais pudemos originalmente compartilhar a crença de vossa mãe em reformas que agora deve-se cozinhar com mais azeite que manteiga, e aí não a seguimos mais adiante, não nos foi mais possível. Afinal ela é que tinha que nos seguir, a experiência está do nosso lado. O que dizeis disso? Sequer estaríeis em Hamburgo se não vos tivessem trazido à força? Por que não ficastes lá longe? Não queríeis ficar no orfanato? Nisso estais com a razão. Aqui no asilo conosco é muito melhor. Que bom que retornastes. Agora vos mostramos tudo, vos damos o tour completo, para que agora já saibais como se parecem as coisas no além, e para que a burguesia e seus prazeres, que são tantos, que gostariam tanto de esbanjar, se pudessem, tomariam sob seus

braços débeis, esses prazeres, para quem sabe os braços aprenderem a voar. Um pouco de impulso já bastaria, um ventinho já passaria por baixo das asas, debaixo das quais o feio nunca pode te pegar. Mas justo ele é que faria bom proveito.

ULRIKE:
Por que vos deixardes comprar tão barato, crianças queridas? Por que eu vos despachei para o mercado assim simplesmente? Não creio de modo algum tê-lo feito. Jamais vos despachei, eu vos trouxe comigo. E por não terdes mãe chorais, no italiano de Hamburgo, o Cuneo, onde outrora nos sentávamos e ditávamos até sermos lidos, ou não, dava na mesma, embora eu tenha que dizer que naquela época gente de verdade nos lia, naquela época informação era discussão, hoje é uma mercadoria sobre a mesa onde noutros tempos, ainda antes de sentar e escrever, até que não parasse mais em pé, conversávamos interminavelmente, nada que se pudesse apresentar como evidência num tribunal, e nada contra, nem teria sentido trazer nada. Há um sentido profundo, quiçá, nesses velhos costumes, embora já fossem desde sempre sem sentido, ou melhor: esvaziados de sentido, simplesmente imaginamos que algo tivesse um sentido, mas já fazia tempo que não sabíamos qual poderia ser ele afinal: fazer as pessoas felizes. Comprar, comer, e daí para o italiano, comer de novo, sim, mesmo que não se precise de nada, mesmo assim a gente compra, mesmo que só um Porsche ou uma Mercedes. Ir comer. Ir comer. Então acabou, de fato comíamos antes de qualquer jeito, para conseguirmos a concordância das massas com a luta armada e então travada e para que a emancipação das massas finalmente pudesse ser posta em marcha, quando é que é finalmente, finalmente? Então é o contrário de temporariamente? Pois só com tagarelice não se pode transformar a cena do político, de todo modo não radicalmente, e muito menos pela luta de alguns poucos com armas, mas não queremos saber disso, também não precisamos, pois nada deve distrair os lutadores de seu processo e do modo de proceder, que consiste em simplesmente nos preceder. E aí foram embora. Viram de longe os guardas vindo e os embolsaram como trocados que não servem mais para nada.

CORO DOS ANCIÃOS:
Bem, então reparti logo as belas mercadorias, antes que sejais vós mesmos partidos, e então deixai que lutem por elas, é divertido! Senão como é que a revolução vai ser posta em marcha, mas já agora podemos dizer que o terror da vossa gente e essa variante mais radical, vosso terrorismo, não poderá ser considerado socialista, não, isso não é política de esquerda, isso é, pelo contrário, pôr em risco a política de esquerda, pôr em risco sua própria possibilidade de existência e de ação, o que é que queríamos dizer ainda agora, fora essa filosofia de botequim? Vós mesmos não tendes a impressão de que eles mesmos intuíram isso em algum momento? É claro que não podiam admitir, não podiam admitir nenhuma intuição, nenhuma interrogação, pois na cadeia não tem prorrogação, no máximo a morte súbita, lá não tem nada extra, o que não se compra não entra em campo, e isso segue até que o campo esteja arado, essa semente provavelmente jamais será plantada, o campo segue sem frutos, logo estão todos mortos, isso não é difícil de profetizar. Quem é que já buscastes outra vez, a inveja sempre vai perseguir os vencedores afortunados, é ou não é? Por que vos buscaram? Para nós é que não foi! Teríamos prescindido de vocês tranquilamente! Preferimos mil vezes brincar na cova com nossos próprios ossos.

ULRIKE:
Nunca se extinguirá meu ódio contra os pais, diante de cuja pretensão jamais poderei ficar tranquila. E mesmo meu insucesso tem muitos pais, e lá atrás vejo mais, ainda mais pais, creio que fora eu todo mundo é pai. Isso digo eu, a mãe, que como mãe não quer se portar, pois o importante é competência do pai o mais das vezes. Por que vos buscaram, ele já está falando essas coisas outra vez. Só porque estáveis lá, isto é, longe? Essa rainha, como sempre bem ela mesma, que eu não gostaria de ser, também cometeu esse erro. Buscar uma blusa branca, só porque estava bem ali, e bem que lhe agradou, justo a gola redonda que ela queria. Agora ela a tem, não, a blusa não, ainda não, agora ela tem que mendigar por aí, espero que tenha seus próprios pais para comprar-lhe uma, também por esses meiões quentes ela precisa se arrastar, simplesmente mendigar sem parar, sem reparar nas aparências, é algo concreto, é o que se chama concreto aparente, não, na verdade não, concreto aparente quer dizer

simplesmente que não tem nenhuma vista para fora, e também tem uma tela contra mosquitos na frente, e assim você não pode sair ou se curvar muito para fora na luz, então é como num avião, pisar fora é estritamente proibido, e também absurdo, os voos mais altos estão cancelados, e as embaixadas alemãs também não são postos avançados, pois logo nem haverá mais o estrangeiro, haveis de ver, então aqui onde estamos será a Europa, e então seremos todos europeus. Como tal nos portamos por aí, por toda parte, como sujeira que resta nos sapatos, pois nós mesmos não somos nada, somos os restos da Europa, e o trabalhador não é ninguém, afinal ele é o primeiro a se tornar um resto descartável, é o último que pode se ocupar da disciplina, ainda mais em um grupo. Ah, que maluquice! Já já faz um mês que estou morta, claro que mais cedo ou mais tarde qualquer um pode dizer isso sobre si, que logo fará um mês que está morto. E a rainha deseja uma jaqueta nova, e é essa Lumber-Jack, sabe, com aquela malha no pescoço e nas mangas e na cintura, de camurça preta, isso não é negociável, no tamanho 46, agora tem em várias lojas, por exemplo na Selbach, mais algum desejo? Não está sentindo falta de mais nada? Seria preciso algum esforço de quem quer comprar essa jaqueta, pois espero que uma, pelo menos uma peça de roupa quente e decente possa ser acessível até mesmo para mim, assim fala a rainha, e o preço dessa jaqueta justamente não deve ser tão acessível, a isso não estou acostumada, algo que possuo ter um preço acessível, pensa ela. Fora isso ela não tem nenhuma outra questão? Quem é que fala nesse texto, quem é que tenta apagá-lo com a própria voz? Agora não estou mais me achando, quem fala, é tudo inútil, incompreensível, na verdade, aí só se pode ainda mostrar as armas e a bandeira, caso se tenha alguma. Queridas crianças, dizei ao jornalista, se ele já acabou com o treino de tiro com aquela espingarda de pressão ridícula, do menor calibre possível, aqui acaba o treino, senão vai começar a danificar o carro no qual ele atira. Mas de qualquer jeito ele já foi. O que pretendem depois, queridas crianças, não, agora podeis me dizer vós mesmas: Eis esse escritor agora, mas é claro, de Hamburgo, de onde mais, de novo ele!, que não é mais submetido a nenhum combate verbal, pois todos os outros já foram submetidos por ele, o homem vos buscou, a vós, crianças, podeis ser gratos, como hoje sei, e lá, olhai lá, de tanto medo ele até comprou uma arma, mesmo que de um calibre tão pequeno! Então cadê o problema dessa vez? O pobrezinho vive disso, de ver problemas onde até há alguns, mas infelizmente ele sempre só vê os errados. De qualquer jeito, ali sempre há problemas em abundância, é só ele se servir, afinal a burguesia quer ser servida, e isso dia e noite, eis a tarefa do escritor, não, atirar é que não é, nesse ponto ele é seu próprio calibre, que é pequeno demais, isso tem que lhe bastar. E bastou, pois nunca mais ele treinou com uma carcaça de carro como alvo, só dessa vez, a polícia fez vistas grossas, ele sempre pode contar com as vistas grossas, pois jamais teria mirado em pessoas, o querido, o bondoso. Além disso não teríeis precisado ir junto! Mas ele ainda não tinha a espingarda, quando vos encontrou, e ainda éreis pequenos demais para reconhecer uma espingarda. Então ficai contentes por ainda estardes comigo, aproveitai! Quem de fato fala aí? Provavelmente sou eu mesma! Em nome de vosso pai: Agora podeis de todo modo crescer em paz e escrever vós mesmos, se quiserdes e o que quiserdes e contra quem quiserdes, mesmo se nem quiserdes, e não tem ninguém de quem tenhais que ter ciúmes. Vossa mãe mal pode ser vista com vida. Agora tendes o pai, não faz mal, ainda sois crianças queridas, que a mãe não estragou, e ao resto também vos acostumareis, pois bem. Já vou parar. A mulher sempre precisa julgar, sem nem conhecer a lei, isso vem de sempre ter que arrumar tudo em casa e na vida, pois o pai nunca tem tempo para isso. A mulher se lança ao inaudito, por isso tão raramente é audível. De todo modo eu tive que vos educar exatamente assim esses anos todos, crianças, então sei do que estou falando. Esse homem vos buscou, dizei obrigado. Sempre dizer obrigado direitinho, mesmo para aquelas pessoas menos convencionais, justamente para elas, pois para elas é particularmente duro fazer alguma coisa! Em nome e em proveito de uma pessoa qualquer, a direita abdica à coroa – em prol do promotor público ou de um terceiro que depois será abatido –, pois foi processada judicialmente, mesmo assim dizer obrigado, porque o escritor vos salvou. Nem quero imaginar o que teria sido de vós sem ele, sangue e lodo, e ninguém vos teria reconhecido, nem mesmo o próprio pai, esse sou eu? Provavelmente. Não, na verdade não, talvez eu

seja a mãe, não faço ideia. E o chefe do escritor escreve isso então, para que enfim se torne verdade. Mais cedo ou mais tarde o próprio escritor bem que vai poder escrever, já que seu chefe estará então morto. O que por ele não é mostrado, dito e estampado lindamente na capa não pode ser bem assim. O que não é dito concretamente nas nossas folhinhas coloridas não pode ser o caso. O que nunca foi escrito jamais teve a menor chance de ser fato, não adianta amenizar, não vai harmonizar no coro da matilha, que persegue a si mesma porque se acha tão importante. Mas não é. Pelo menos o próprio escrito é o caso. Como pode? E qual então? Ninguém o lê. Então também poderia ser o caso, perfeitamente. Nem precisa se dar ao trabalho de estar errado. É engolido. De modo que os corações partem diante dos tormentos de estranhos, com os quais adornamos a própria vida como a parede com a foto de vossa mãe. Perseguir os culpados até na morte, e uma vez que está comprovado, tanto faz, como assim já estais aqui de volta? Como assim o escritor realizou seu trabalho patético, essa merda, essa maldade, enfim, seu objetivo maldito, convosco, e ainda por cima vos trouxe de volta? Atirar, isso é um direito! E naturalmente pode-se atirar! Afinal também se pode atirar de volta, em legítima defesa. Então por que não atirar primeiro? É perfeitamente natural que o reino da vida, como o da morte, pertença a ela, à rainha, ali onde ela agora agoniza desavergonhada, prisioneira, fez por merecer.

UM ANJO DA AMÉRICA, DESGARRADO, VINDO DO FUTURO, BATENDO AS ASAS FEROZMENTE, AINDA QUE INUTILMENTE:

Agora gostaria de vos expor a tese de que o terrorismo individual desse grupo e também de outros grupos de guerrilha urbana não pode ser compreendido como variante radical da política de esquerda, mas que ele faz muito mais o jogo da reação. E de fato eu gostaria, sobretudo com o exemplo dessa gente há muito já silenciada, de vos referir ao erro fundamental e às distorções delirantes da realidade que fundamentavam o terrorismo como forma desesperada de uma práxis que nem merecia o nome de socialista ou de uma práxis que pelo menos se pretendia socialista, desde os primórdios elas o fundaram, antes de ele afundar enfim, e então eu gostaria, em segundo lugar, de apontar alguns mecanismos que contribuíram para isso, isto é, para que uma forma que outrora talvez se pretendesse socialista no fim desviasse para a práxis clandestina, aproximando-se também objetivamente em direção a nada mais nada menos que, não posso dizer de outro modo, da criminalidade violenta da direita, olhai para vossos pais, crianças, para quem ele está escrevendo?, agora escreve para a Prússia Oriental, que nem existe mais, e o que restou de seus homens, todos já sem vida, também não existem faz tempo, e para um país que igualmente, felizmente, já faz tempo que não existe mais, e no entanto ele acredita, como vossa mãe naquele tempo acreditava por sua vez, o pai acredita que essa maravilhosa Alemanha tenha que ser unificada, bem, também viveremos isso, provavelmente, todos que ainda viverem, sim, e ainda mais uma porção de Alemanha, e então: Querem mais uma porção, sim por favor, adoraria, a porção de chantilly da qual já faz tempo que ninguém mais ouviu falar, ninguém mais a quer, essa nação, ninguém mais briga por ela. Pois é um lugar que há décadas não está mais aí, imaginai só, e esse palerma, vosso pai, mal posso acreditar, justo a esse homem que só entoa o conhecido, mas conhecido de quem, isso ele não pergunta, a ele quereis retornar, não, não quereis, mas precisais, eu não consigo sacar, o que ele fará de vós, é o que me pergunto. Digo que prefiro o erro à ilusão de que os movimentos de base no Terceiro Mundo, eu vos juro, de que eles funcionam, de certa maneira pelo menos, não, já vejo que estão mortos, empacotam ainda antes que eu possa escrever que morreram, até os pobres cocaleros, ou por causa dos mesmos, um aqui, outro ali. Que os modelos, então, lá conquistados para os movimentos pela liberdade, jamais poderão ser aplicados nas metrópoles e relações das sociedades altamente industrializadas, parlamentares e ainda por cima democraticamente orientadas, e fim. Quanto aos cocaleros e os representantes ilegais que eles apontaram ou pegaram lá como reféns, pode ser o caso, pois o milho, todos os frutos do campo, não dão em nada, só dão em fome ou, mudando um tiquinho, dão um bom lucro para a Monsanto, o famoso cartel alimentício – naturalmente isso não quer dizer que se possa engolir! –, todo o socialismo campesino, quero dizer, não é aproveitável para as cidades grandes. Lá é preciso

fazer algo diferente, mas o quê? Só as estações do ano passam amenas pelos explorados. Da nossa parte seria de se esperar algo melhor.

ULRIKE:
Ah, agora devo lhes dar a Medeia, a puta que vos pariu! Bem, então dou e pronto. Afinal já lhes dei tudo, por que não a maternidade também? Estais vendo a mim mesma, crianças, logo vereis apenas minha imagem, como diz vosso pai. Ah, que tesouro ele guarda, o corpo bem treinado! Ele guarda a si mesmo, e isso já lhe basta! Aos pés da rainha quero me jogar imediatamente, ou jogar algum outro do grupo, quem eu conseguir pegar, quem estiver passando, no fim não tem muito espaço para eu me debater no chão, não faz mal. Sim, Lord Leicester ou como é que chama, pego ele também, se estiver passando, não importa como o chamais, o tio Hans, esse oportunista de si mesmo, principalmente ele, e tomara que me atenda, não, infelizmente não, ele sempre dá preferência à rainha, maldade dele, ele nunca me atende e nunca está atento, pois não ouve absolutamente nada. Perguntar ele pode, ouvir infelizmente não. Ele só quer falar, sempre, e então quer sempre fazer algo que nem faz ideia do que possa ser, ativismo cego!, agora saiam todos, mesmo que pela janela, o que quer que esteja aberto, é por lá que se tem que passar. Não é para sair para o aberto, mas passar pelo aberto, se preciso pelo vidro, pelo entremeio. É para mostrá-lo a mim pelo menos uma vez, cara a cara! Aí é que vamos ver. Compreendo que não possam me dar a liberdade de presente, mas talvez eu ainda possa receber algum respeito deles, João e Maria, Hans e Grete: seus nomes. E os muitos outros nomes, só de disfarce, eu mesma me chamo Anna. Afinal uma rosa com qualquer outro nome, como outrora os muitos que desapareceram, mas primeiro há que se queimá-los, e isso, em primeiro lugar, dá trabalho, em segundo lugar, trabalho, e em terceiro lugar ainda mais trabalho, quer dizer: caso se consiga. Eles bem que poderiam me respeitar, os dois, Hans e Grete, não achais? Não achastes, então está bem também! Eu mesma insisto urgentemente na execução da minha sentença contra mim mesma, mas algum respeito bem que ainda poderiam ter por mim, que escrevi tanto! Tanto escrevi e escrevi e escrevi e pensei e escrevi e pensei e escrevi! E escrevi antes de pensar e ainda pensei antes de excretar, não, escrever, antes de pensar, escrevi até durante corridas de cavalo, escrevi por dentro, sem chapéu, ele acabaria se perdendo, mas branca, branca de neve com minhas belas luvas e com a corrente escura no pescoço, igualzinho como foi depois, pois outrora eu aparecia para as pessoas como ornamento, de que sequer precisavam, só está ali para enfeitar, quando eu aparecia valente no caminho deles, como depois nunca mais, aí me enganei, pois tinha alguma coisa em volta do meu pescoço, só que era uma corda, e não vi mais ninguém, nunca mais, aconteceu aos poucos, nem percebi. De repente eu tinha ido embora, separada até de mim. Aí quem ainda quer saber de mim? Ninguém, meu bem. Quanto poupou o cárcere da minha radiosa beleza, perdida de todo com certeza. Mas ainda me cingem luz e vida, mesmo que não haja luz de fato aqui dentro, pois o que é artificial não é luz nenhuma. Também não posso mais ler, nunca mais ponho os pés nesse umbral, é alto demais para mim. Eles não falam comigo, os dois, Hans e Grete, quem quer que sejam, me cortam. Estou totalmente isolada. Até dos outros. Não me ouvem. Não podem mais ouvir, pois o Baby proibiu, sim, a criança cresceu, a mãe dele não tem mais nada a lhe dizer, só tem a comunicar, nada a dizer, no caso das pessoas lá fora é o contrário. Elas dizem muito, mas não têm nada que comunicar, são mantidas sempre em reserva como um extintor de incêndio. Que terrível a decisão que de mim se aproxima, mais sombria que a sombra, mais mortal que a morte. Nunca mais enlevada pelo prazer de vos ver, crianças! Com cada hora se avizinha o perigo. Mas a rainha. Sabeis o que ela ainda quer? A rainha quer uma foto, engraçadinha se possível, do próprio filho, da criança, deve ser tirada, como que arrancada da vida com avidez. Até o filho ela deixou para trás sem remorso. Em compensação chama o Andreas de seu Baby, o que é que eu ainda queria dizer? Ela chama o seu Andi, esse covarde, como todos o chamavam num grande coro lá na Jordânia, de Baby, ela chama seu Hans de seu Baby, e o chama assim, deu-lhe esse nome, agora ele é sua criança, as mulheres afinal são sempre mais fortes que os homens, e o auge de sua força é justamente como mães. Elas seguem sendo mães. E também como revolucionárias elas são fortes, é o contrário de uma mãe, que deixa de lado o orgulho quando o assunto é o filho, que esquece

de si antes mesmo de se conhecer, engraçado, aqui essas coisas vêm juntas, no caso da rainha isso vem junto, sim, ela consegue, e ainda por cima o nacional, a luta pela Alemanha, ela pode unir esses opostos sem esforço, eu a admiro por isso. Essas mulheres! Sempre têm que ser mães, tanto faz de quem. No caso da camarada Grete foi seu Baby Hans, que não podia dizer nada do jeito que queria, e também não podia dizer de outro modo, não podia dizer nada de maneira nenhuma, antes teve que aprender com ela, a mamãe, a falar, mas ela o amava justamente por isso, por ele não ter fala, dizer sempre só buceta buceta buceta, como um caixa automático quando a gente aperta o botão, isso ele sabia, posso testemunhar, vós bucetas, pois sois fortes apenas se podeis gritar com vossos homens, então ele disse isso, seu Baby, berro berro berro e grito e guincho e berro e grito em tons indescritivelmente quentes, que eu nem saberia pintar, se soubesse, nem se precisasse, gritar, berrar era o principal para ele, era essa sua língua materna, nem mesmo a rainha, não, era para fora dele mesmo que ele sempre gritava como a maré alta, quando vem e a gente vem também, excepcionalmente, o que só acontece com sorte, então o Hans era a contradição primária e secundária em um só. Sim, o Baby Hans, era a criança dela, viveu somente dela e ela dele, pois ninguém, nada jamais é mais forte que A Mãe. Mas é nojento, me desculpem, odeio mães, e embora eu mesma seja uma não posso mais responder às crianças, de repente não posso mais, mesmo enquanto eles fazem para mim uma linda colagem, um calendário do Advento, com as próprias mãos, e ainda por cima fui eu que pedi. Não o podeis mais receber, recebimento recusado para o pobre enfeite de parede feito a mão, cujas janelinhas deveriam contar os dias até o Natal, nunca vi, tenho minha própria contagem regressiva, não olho para fora de nenhuma janelinha, recebimento recusado, o que é que pode alguém que não tem janelas fazer com esse enfeitezinho para o menino Jesus? As crianças são tão burras que colam janelas onde não há nenhuma, provavelmente é porque não têm mãe, com toda certeza estariam em melhores mãos no orfanato junto aos refugiados palestinos do que com o pai, onde devem empregar o parco tempo livre fazendo porcarias para as paredes da cela da mãe. Simplesmente não dava mais para responder, para as crianças nenhuma resposta, a colagem foi devolvida, recebimento recusado, volta para o remetente. A mãe não fala, mas manda, e o mais das vezes manda embora, pode ser também que ela guarde, mas essa aqui não pega nada mais, não pega nada e só manda embora, ela ensina as crianças a falarem elas mesmas incessantemente, só para então uma vez na vida não poder fazê-lo ela mesma. Ou só para que falem como se fossem o Estado, pessoalmente, oficialmente por assim dizer. É bem como se fosse tirado da vida: sempre para fora, uma vez que se está dentro. Quando se está fora, quer entrar na vida outra vez. Para mim é tarde demais. Tudo isso já faz tempo que não é vida, pois um outro a tirou fora, e para nós foi a teoria. A historicidade sempre faz sentido, pois ao mesmo tempo é para sempre o passado, agora o que a mãe tem a dizer sobre isso? Ela diz que aprender a falar é fácil, mas tirar a vida é difícil, justo isso que é difícil nos interessa particularmente. Leiam Freud, minha vida querida, então logo verão que o burguês que leva o humanismo a sério, o que de todo modo ele nunca faz, pois só leva a sério a si mesmo, enfim, que o burguês tem que perceber, caso queira ser humanitário, que falta ao humanismo qualquer medida de realidade! Como vai levar o que falta? A rainha demonstrou, abandonou o próprio filho e em compensação pegou outro, o Hans, como filho substituto, para ele aprender algo sobre a historicidade, o que naturalmente só quer dizer que ele vai acabar como todo mundo, como todos nós, e só então vai poder considerar sua vida, em retrospecto, quer dizer: de modo algum. Pois aí o mundo cessa para ele como para os burgueses, e ele vai sozinho para o Nada. Tirado para fora da vida, e também isso ainda quer fazer ele mesmo, esse Baby foi mimado demais para se emancipar, então a emancipação nunca chegou para ele, naquela época o Baby já morava em outro lugar, não, isso também não leva a nada, qualquer um percebe. Tirar a si mesmo para fora da vida! Há que se pegar a si mesmo antes que a sociedade nos pegue de modo tão brutal, ah, crianças, deixemos para lá! O que é que ainda quero convosco? O que é feito da vossa foto, não posso ficar com ela? Não, não preciso dela. Só os anos de ciúmes do vosso pai, naturalmente só por causa dos meus muitos leitores, já foi aos poucos me entediando. E agora vós! Pulai essa cerca, como deve ser, arranhai o

joelho brincando de revolução, cães felizes e desgrenhados? Mas a revolução nunca é brincadeira, a liberdade nunca nos é dada de presente. Maus-tratos, isso podemos ter, e ainda por cima grátis, mas liberdade nunca. Aquilo que nos custaria menos que tudo, essa liberdade, que só fica deitada por aí preguiçosa, não queremos e também não recebemos, então temos que levar o mais caro, e o mais caro de tudo é sempre a vida. Então. No cárcere eterno querem me guardar junto com minha vingança, enterrando meu justo direito junto comigo na noite escura da prisão. Rainha, socorro! Fale comigo! E então me socorra! E fale comigo, sim, uma única vez! Por que não fala mais comigo, Grete? Hans? Quem quer que seja? Falai! Onde estais? Na cela vizinha? Sob a minha, sobre a minha não dá, sobre a minha sob a minha não se vê nada! Falai comigo, pelo menos brincai comigo na janela, rainha, onde estás que no momento não te vejo? Você já está falando como o seu Baby, quer dizer, tão cheia de ódio como todas as crianças contra os pais? Não. Por que quereis acabar comigo agora? O que vos fiz? Jamais acreditei poder me salvar com falso testemunho, então do que me acusais agora?

CORO DOS ANCIÃOS:
Também tínhamos crianças! Até fomos nós mesmos crianças um dia. Sabemos como é, só que faz tempo! Vós, crianças! Onde quer que estejais agora, sempre voltareis, mesmo que não exatamente de livre e espontânea vontade. Dois bumerangues. Não podeis enfim uma vez na vida ficar onde estais? Lamentamos a doença de vossa mãe, e vossa perda nos preocupa. Esteja viva ou esteja morta, mal o luto não pode fazer.

OS PRÍNCIPES NA TORRE:
Pois sabei, pais, anciãos, ela está morta! Ou não está morta, ou está morta? Ou não, sim? Ou sim, não? Morta viva? Viva morta? Quem podemos xingar pelo fato de agora ela não estar aí? Ela devia estar no meio da gente, a querida mãe. Mas não dá. Ela nunca se vai. Não consegue, infelizmente está trancada. Então talvez a saída lhe fosse possibilitada, se apenas não estivesse trancada no cárcere. Se apenas não estivesse trancada, então a saída seria possível. Se a cela apenas fosse um ônibus, entrar e sair seria possível. Mas ela não percebe. Ela é confrontada com testemunhas oculares, mas ela nem olha, precisam fazer cócegas no seu pescoço para ela virar a cabeça orgulhosa para a câmera do Estado, para seu serviço de reconhecimento, o nó, o nó da forca, isso fazemos depois com toda calma, quando as testemunhas já foram embora. Em compensação, agora nos olham perplexas as testemunhas! Por que recusar uma graça, um direito, que não se pode negar nem a um assassino? Que maldade, sobretudo contra nós, afinal também somos assassinos! Mas todo mundo é um assassino, não tem nada de mais, isso vai bem rápido. Estamos sozinhos e assim é que ficamos para trás. Todos saberão que ficaram para trás, invocam com direito a força do Estado, para presidiários ela não é tão vantajosa, se as pessoas decaem, se a luta é esquecida.

ULRIKE:
Eu sou a fraca, eles os poderosos, quem quer que sejam, Hans e Grete, ou como quer que se chamem agora. Eles se valem de violência, eles me matam. Eles me matam. O Estado nem precisa fazer nada. Eles mesmos me matam, os camaradas, debatem à maneira clássica, e então matam. Quem se fia na historicidade e em suas leis terríveis, esse está perdido, pois não tem mais nada disso, do que quer que elas determinam, as leis, hoje está certo, amanhã errado, Hans ou Grete, quem quer que seja, logo eles mesmos estarão mortos, eu vos juro. Essa rainha, ela não deve se reportar à força do terrível Direito, eu já disse: O Zé Ninguém, que ela considera típico, ela sempre desprezou, ela disse que ele é um e sempre o mesmo e tudo sob um mesmo pavimento, cujo pavio ela queria considerar queimado. E no entanto sempre dirigiu suas palavras a esse Zé Ninguém. Os outros sabiam do que ela estava falando de qualquer jeito, só aqueles que ainda não sabiam deviam ouvir e então, em caso de necessidade, sentir. Uma coisa dessas até ela sente, a elevada senhora. E para apresentar o acusado ao acusador ele já está de volta aí, Senhor e Senhora Modelos, graças a Deus. Quem terá virtude e consciência, onde tem para comprar? Se tivesse a coisa para comprar, muitos a teriam, em todas as faixas de preço e qualidades e em grande quantidade, a coisa querida, onde se faz necessária. Até nosso ódio um dia se extinguirá, vamos conseguir, só não sabemos ainda a quem dirigir a espuma branca nas rugas de nossa boca, não, não sabemos mais, mas com certeza absoluta

já soubemos quem é que odiávamos. E eram muitos. Não faz mal. Deus há de vingar. Ele já faz isso por nós, ele vai e faz no nosso lugar, bem, se apenas pudéssemos crer, mas simplesmente não vemos mais, pois também estamos mortos afinal. Ouço das crianças que elas querem entrar nele, no seu Deus, quem quer que fosse, com suas rezas fervorosas só por uma única coisa, pela sua mami! Ainda hoje os ouço choramingar! Mami, ouça, por que você nos deixou chafurdar na lama por horas e ainda por cima sem galochas, enquanto lá dentro você falava sem parar? Ah, quantas vezes ouvi isso, já entupiu meus ouvidos, esse choramingo! Hans e Grete, batam na minha cabeça para que eu acorde, minhas lágrimas, esse terrível poder feminino, não os comovem, pois sim, quero dizer vos, o soberano e a soberana, por vossa segurança não fazeis sacrifícios, certos estais vós. Eu mesmo sou a vítima sacrificial, e o próprio sacrifício, esse faz-tudo em seu próprio corpo, nesse meio tempo ele já delegou essa tarefa ao seu torturador, ele não quer mais se torturar, sim, já sei, nem precisais me dizer, como se falásseis com todos os mais ínfimos que tivésseis diante de vós, quanto mais ínfimo mais orgulho tínheis! Mas não orgulho dos ínfimos! De vós, só de vós! Por que você nos escorraçava sempre de seus aposentos por causa de suas convicções, é o que me diziam meus filhos, agora é tarde demais, sempre exerci justiça sobre as crianças, nunca o mero poder como você, senhora rainha, sobre nós todos! E afinal qual é a do seu filho, o biológico, o verdadeiro, sangue do teu sangue, é o que te pergunto? Afinal você também o teve e o jogou fora como aquela pele da salsicha que as pessoas não querem comer, ainda que devorem com prazer o conteúdo. Se não tem mais nada dentro, comem só a pele, e também grama e raízes, pois as pessoas têm fome, sempre, não faço ideia do que elas querem! Afinal a revolução também devora o próprio filho, o idiota, um mais esperto ela não conseguiu, bem feito, pois eu no lugar dela cuspiria a revolução como uma espinha que a gente cuida de colocar no canto do prato. Por que no fim você se meteu até com uma mulher, mami, sério? Perguntam-me assim. Não está indo longe demais? Perguntaram seriamente. Não, essa pergunta, eu não a respondo, é pessoal demais para mim, queridas crianças, com a mulher, estou falando de mim mesma, pois é meu bom direito, meu direito de amar, não a vós, vós dois, o casal real! Livrar-se da execrada inimiga, não, da ex-amiga, isso bem que lhes conviria. Sim, isso lhes convém, confesso. Quem é amiga, quem é inimiga, e quem é que ainda deveria saber, não dá para diferenciar.

OS PRÍNCIPES NA TORRE:

Você se trancou com ela, mamãe, por horas, o que fizestes tanto tempo lá dentro, em silêncio, apenas silêncio, já sabemos?! Conosco você nunca se trancou, sempre só com essa mulher! Isso foi novidade para você, que lindo para você, isso você pode guardar como uma joia preciosa, até que você mesma seja guardada vinte e quatro horas por dia. Você sempre nos trancou para fora, pois não éramos seus iguais, estávamos abaixo de você, mas não como subalternos. Agora você mesmo vê vantagem nisso: Você não tem mais filhos, Medeia. Pois não te visitamos mais, e isso de todo modo por desejo expresso seu! Agora você é a Medeia a quem seus filhos sobrevivem, bem feito. Por que perseguiu seu objetivo pelo mau caminho, querida mamãe? Por que a querida mãe, você, sempre estava ausente quando precisávamos de você? Por que não cuidou mais de nós? Diga-nos! Por que nossas conversas nunca seguiam pelo rumo desejado? Escorriam para a próprio escuridão? Mamãe! Por que nós mesmos escorremos para a escuridão, como você, só que diferente. Ah, como gostaríamos de ter vivenciado nós mesmos os aparelhos ideológicos repressivos, mas essa posição ofensiva só existiu para você, não tivemos essa opção. Senão teríamos podido nós mesmos escolher a clandestinidade. Se você tivesse sabido que trinta anos depois a clandestinidade se extinguiria por completo, quando alguém sequer se lembra que ela existiu, então de todo modo só é permitida ao capital, que saltita em maravilhosas praias offshore, onde o sol jamais se põe, mas não para aqueles opositores que eternamente, sem ter alcançado aquela terra de liberdade, se tornaram apátridas, quem sabe qual teria sido sua decisão nesse caso. Talvez todos tivéssemos ido para offshore como o dinheiro na sua linda selva, onde se balança de árvore em árvore, nunca saboreado por nenhum predador, pois é ele mesmo o animal mais rápido de todos e desde o princípio mais sabido que todos nós, jamais alcançado por nenhum outro, e se reproduz até em meio à sujeira que os pobres todos fazem,

que além do mais respiram, pois não sabem fazer nada melhor com isso, pois ele não se deixa domar, o animal. Mas vós, como diz Gramsci, não achamos tão bom assim, simplesmente não sacais, o Gramsci já está lá nos trinta, não nos seus trinta anos, nos anos trinta, do século, o século ele não alcançou, e nós também não vamos alcançar, bem, tanto faz quando, bater as botas trancado na cadeia, você, mamãe, diz que nesse meio tempo algo seguiu seu curso, todos teríamos seguido, bem, você está louca! O Gramsci já não era nenhum guerrilheiro, e se fosse teria sido na selva, como o capital, sim, teria se juntado a ele, afinal o revolucionário secretamente deseja estar entre os vencedores, mas não temam, ele nunca está. Ela nunca vence, a revolução, e se vence, aí de repente quer dizer outra coisa e dá meia volta diante de si própria, por conta própria, mas sem nunca lidar consigo própria. Você bem sabe, mamãe, afinal lá na selva é bem mais bonito, quem além de nós, que não podemos, não quer passar as férias lá? Nada de slogans comunistas recauchutados para as massas, só silêncio e mais uma vez, estais ouvindo, gritos de todos os animais que se alimentam do capital que dejetam outros animais, no estrume um se alimenta do outro, sem parar para olhar o que ou quem está devorando, pois sim, isso então serve um bom propósito, o capital, pelo menos algo que se entende, algo que infelizmente não contribui em nada para a teoria do movimento trabalhista alemão.

VOZ DE ULRIKE:
(off) Isso eu não queria – por Deus pai todo poderoso! Quando eu teria desejado isso? Onde estão as provas? Qual o problema?

OS PRÍNCIPES NA TORRE:
Ah, já provamos, mãe! Provamos, mas não sabemos que roupas são essas, é o figurino de qual peça?, só sabemos qual é o cenário, é sempre um tribunal. Obrigado. Nada nos consola. Só o fato de que a rainha vai tropeçar numa jaqueta de camurça azul royal, com a pistola dentro. Isso é problema só dela. Quem põe de lado a linda jaqueta, como você nos deixou de lado? Presa e capturada! As partes vermelhas foram coloridas para indicar tártaro grave, mais tarde cáries, e isso quer dizer: perigo! A jaqueta é pesada para cacete, diz a vendedora para a rainha cliente. Rainha, onde está o sangue no sapato? Ainda está na arma. A rainha encarna a clientela, é a clientela em si, a soberana, quase soltando faíscas de tanta informação, nem se confiaria mais a ela novas peças de roupa, a essa rainha, de calça de veludo cotelê e bota de cano alto, e ela prova e prova, não sabe fazer mais nada. O que está provando? A blusa xadrez branca, que gostou tanto na vitrine. Ela bem que queria voltar à pura inocência, como antes, essa vaca. A vaca real. Esculachou tanto e por tanto tempo a nossa mãe, o comprimento aqui vezes a largura ali, e aí segue vivendo um tantinho, mesmo que não tão quieta, ainda viveu um tanto e produziu: grito e escrito e grito e escrito e grito e escrito. Foi a vaidade que a levou para a loja Linette ou o medo de ser reconhecida? Ninguém saberá, e a rainha sempre mentirá quando o assunto for esse.

ULRIKE:
Bem, enfim silêncio. De fato acreditamos que algo mais viria. Só um senhor podia mandar nessa rainha diante de todo o grupo, e de fato só esse um, o único que existia para ela! Com olhos azuis, esse rei que na realidade é uma criança, sim, uma criança, minha criança, minha criança, minha querida criança, assim fala a rainha, ela diz: Ele só tem a mim, mais ninguém, esse rei infante, como que nascido para mandar, meu Baby! É o que ela sempre diz. Por mandato e para mandar é que seu Baby nascia sempre de novo, para isso ele nem tem que encostar no chão, esse querido Baby-rei, pois o revolucionário no fim das contas não quer nada além de mandar no seu pequeno exército lutando uma pequena guerra, por isso chamada de guerrilha, porque é pequenininha, e naturalmente só ela manda nele, só ela, a rainha, pode fazer sua gestão, não, sua gestação, do redentor de todas as nossas necessidades, que na verdade é filho dela. Essas rainhas sempre têm filhos, tanto faz como os conseguem, isso simplesmente faz parte do pacote, elas simplesmente precisam de sucessores, que ao mesmo tempo ainda por cima vivam com elas, para que elas, essas rainhas, tenham algo de seu. A soberana não vai notificar o mau comportamento dele, do rei infante.

OS PRÍNCIPES NA TORRE:
Você não foi bacana com a nossa mamãe, é verdade que nossa mami não estava destinada a ser rainha, infelizmente, agora todos definham no cárcere, todos nós, que diferença faz. Ela é uma buceta, diz o rei, às vezes ele escreve com dois ss,

mas o mais das vezes ele só diz. A ousadia sangrenta da força crua, tal malabarismo não engana o mundo, não, sim, o mundo, ele quer ser enganado, também pelo poder, sim, justa e especialmente por ele também. Matar ela pode, essa rainha, o rei também, matar, mas jamais mandar!

ULRIKE:

Não se preocupem: vou me mandar eu mesma, sozinha, só não sei para onde, antes sempre sabia essas coisas, agora não sei mais, tanto faz também, peço emprestada a forca e mando me enforcar, não tenham medo, faço direitinho, ninguém mais precisa se ocupar disso, bem cedinho vão me encontrar, pendendo sem vida na grade da janela esquerda da minha cela, o rosto voltado para a porta da cela, quando a gente precisa de um médico ele nunca está aí, é bem típico, mas agora, só seis minutos depois, ele chega apressado e enojado, o Dr. Helmut Henck, agora de repente ele pode se apressar e constata que esse corpo, que apesar de tudo me pertence e sempre vai me pertencer, mesmo quando restar só um saco cheio de ossos, mesmo quando não respirar mais faz tempo, já totalmente frio, além disso essas manchas cadavéricas o desfiguram, com certeza é uma visão bem nojenta, sorte que eu mesma não preciso ver, mas até dez e meia ainda me deixam pendurada ali, pois querem coletar evidências e fotos, ainda uma última vez de todos os lados, há meses, sim, anos já, para ser exato, que minhas fotos estão penduradas em toda parte, em cada agência de correios, em cada delegacia de polícia e em cada repartição, todos me conhecem, posso dizer sem exagero, mas essas não seriam as fotos mais recentes, essas que acabam de ser tiradas fresquinhas, são as mais recentes e as últimas, essas não podem ser mostradas a ninguém, para que serviriam, já faz tempo que eles nos tem em pessoa! Não foi nada fácil me posicionar para as fotos, a cama debaixo da janela tive primeiro que empurrar para o lado, aí deitei o colchão diante da janela, pus em cima o banquinho que eu tinha, um banquinho uma violação, dá na mesma mesmo, ambos seriam de confiança ali, aí rasguei uma toalha azul e branca da instituição, cuidadosamente, em tiras, amarrei umas nas outras, essas tiras, atei firme no meu pescoço. E por fim subi no banquinho, amarrei o fim dessa corda faça-você-mesmo na grade da janela, e aí saltei fora rumo ao desconhecido e com isso provei que nas curvas bem armadas desse imperialismo metropolitano, não faço ideia do que era para ser isso, mas é o que diz aqui, que nas covas, é, quero dizer curvas dessa trincheira tornou-se impossível, não tem mais espaço para isso, se mover, simplesmente foi o que se deu, historicamente, acabou, e fora comigo, historicamente já se deu antes mesmo do tiro de partida, e nenhum vencedor cruzou a linha de chegada, nenhum atingiu o objetivo, um objetivo existia, isso sim, mas ninguém o via, fora nós, não se pode fazer nada, então, saímos correndo, mas corremos sozinhos, os muitos que ainda conseguem andar agora também saem correndo, mas na verdade ficaram parados desde o começo. Essa guerra de posições eu perdi, e a clandestinidade também não me caiu bem. Eu me pendurei naquela toalha como uma pérola na corrente desses muitos que também já estão mortos, dessa vez eu me mandei e só eu mandei em mim, afinal não tem mais ninguém aí. Agora desisto de reconciliar os frutos do crime com essa aparência sagrada de virtude. Agora me reconcilio comigo mesma, sozinha, na corda feita em casa, enquanto outros preferem ouvir um quarteto de cordas, como eu também fazia outrora e não poucas vezes, afinal não me queríeis, não me queríeis viva, queridos alemães, sim, então o que quereis no lugar disso? Preferis a guerra total dos mortos, isso já tendes e olhai no que deu! Uma vitória dos vivos, não é bacana?! No que quer que tenha dado, para mim aqui não tem lugar. A revolução agora devora um filho seu, e sou eu, a isso digo, bem feito! Talvez no fim ela se entenda comigo, a querida revolução, eu nunca pude. Nunca me entendi comigo mesma, então me ofereço à revolução, talvez ela possa fazer bom uso de mim, e o povo se levantará, quando eu estiver morta, disso estou quase certa, é ou não é? Quê, vós vos quereis levantar, e no momento seguinte já não? Bem, então, por mim, não precisa. Por mim tanto faz. Nunca me entendestes, que pena. Éreis jovens demais, queridas crianças. E vós, camaradas, vós encheis a cadeia com boatos feios sobre mim, simplesmente acabais comigo, sabeis disso? Vós dois? É vossa preocupação, rei, rainha, que essa padroeira do infortúnio que é o pensamento ainda não tenha morrido, ainda não tinha morrido, antes ainda que seus filhos

pudessem revolver o chão do deserto como outrora o espírito, uma nevasca espiritual como numa guerra de travesseiros, e todo esse espírito não leva a nada, o esforço não leva a nada, é em vão, só mais uns anos, com certeza não muitos mais, e aí ninguém mais vai pensar sobre como uma revolução, qualquer revolução, poderia ajudar, nem mesmo a palavra será conhecida, tudo vai ser pura bobagem, conversinha, descuido em relação às expressões que antes nos eram sagradas, e a justificação estará fora de questão, para sempre. E o que eles são, a rainha, o rei, isso também ousam parecer, eu já não apareço mais, desisto. Sim, realmente é complicado. Quem lê supostas tensões entre mim e a rainha e o rei, Hans e Grete, não faz nem ideia. Agora, o que disso é verdade e o que não? Isso ninguém sabe. Mas não me penduro nessa corda sem razão, me penduro ainda mais no escrito, eu o afasto como teias de aranha, leva um tempo, e mais cedo ou mais tarde foi, enfim, e me sinto como renascida, quando as palavras todas se foram, raspadas fora por mim, como eu no fim sou raspada fora por elas. Pois é, enfim estou livre das meras palavras, agora elas têm a alternativa esclarecida e a Caritas verde, que preferem uma prisioneira como munição para suas espingardas caridosas do que elas mesmas, e até eu mesma agora sou meramente eu mesma, nada além de mim, não possuo mais do que eu, estou despida de tudo, só sobrou uma casca, mas para mim elas não são meras, as palavras, nem despidas, para mim são belas e maravilhosamente vestidas, sempre novas, como eu outrora, belas palavras, bela palavras, e ei-las aí, belas palavras às quais me agarro porque não tem mais nada aí, então, ei-las aí então, cada uma delas, e não tenho mais nada além delas: Então cala a boca, me dizem, as palavras e o grupo, fecha o bico até ter transformado alguma coisa, ou vá para o inferno de uma vez por todas! Sim, é o que diz aqui, essa frase, tão amorosa e livre e disciplinada, como o revolucionário de modo geral com toda certeza pelo menos deveria ser, como está escrito. Então simplesmente me penduro na grade da minha janela, meu mirante na mira do Estado, uma cruz que não existe, a grade vai aguentar como o escrito não aguenta, é mole demais, e vejam só: O segurança fala as palavras, diz, que não pode ver a Sra. M., porque agora a Sra. M. está morta e fora do seu campo de visão. Como se em algum momento tivesse de fato desejado me ver! Para ele eu era simplesmente transparente, então por que ele sempre transpirava tanto para me revistar? Tanto faz, nunca encontrou nada. Não sabia que teria bastado simplesmente olhar através de mim, teria sido tão fácil, me olhar até o meu fundo mais fundo, que eu jamais tive, ele poderia ter visto mas não sabia, mas talvez tivesse visto o fundo mais fundo no meu lugar, teria sido interessante, teria sido possível me deixar olhar um pouquinho também, só uma olhada em mim já teria bastado. Infelizmente ele não me diz nada, não diz: Pena que ela morreu, pois ele não fica penalizado, enfim acabou, acabaram os xingamentos repugnantes e, olhando pelo meu lado agora, embora ele não interesse a ninguém, acabou o isolamento. Quem acorda hoje em sua cela por causa do meu último disco, que soa como cantado pelos próprios anjos, meu disco favorito, que pus para tocar, quem ainda fala de identidade ou consciência? Mais ninguém, agora ninguém fala mais, todos falam mas então são ninguéns, pois me reprimiram e me repeliram para esse pedacinho de nada que ainda por cima vedaram. Caso eu ainda queira respirar mais um pouquinho, isso não é permitido, é compreensível, mas não temam, já não respiro mais absolutamente, pois não desejo isso nem mesmo ao meu pior inimigo, ter que respirar e respirar respirar respirar, agora paro com isso, com toda certeza é bem melhor assim.

OS PRÍNCIPES NA TORRE:

Por que você sempre nos interroga, mamãe? Por que nos indaga, ainda que sem adaga? O que podemos dizer? Temos aqui uma rainha, que no momento por acaso é uma cliente, é a rainha, diz a vendedora na butique, mas com uma pistola na jaqueta de escaramuça, ou é camurça que fala? O que devemos fazer? Como devemos agir? O que fazer agora? O que fazer então? Nós a enrolamos, aí alguém já vai vir buscá-la. A polícia logo vem, ela foi chamada. Não é uma sorte que ela espere por isso, que a polícia venha, essa rainha? Que fique tanto tempo girando na frente do espelho? Ah, que sorte! Primeiro ainda temos que atender outra cliente, que também é rainha, aqui toda cliente é uma rainha, por princípio, sim, também fomos criadas com princípios, e eles dizem que cada um deve fazer o melhor do seu corpo, não, não do seu corpus, só do corpo, do seu próprio. Assim fala a vendedora, e continua: Espere um

momentinho, já vamos te atender, mui valiosa senhora rainha e cliente fiel! O que se passa aqui? Onde está a mulher com a pistola? Passe-a para cá imediatamente, a mulher, sim, a pistola também! O tira tropeça nas tiras, todos devem ficar parados diante dele. Outros também tropeçam, na passagem para o nada, lá também há rodas sob as quais o homem pode ir parar. A rainha, não você, mamãe, estamos falando da rainha em pessoa, de quem ainda vamos falar o bastante, agora que você está em paz, morta e enterrada e ainda cimentada, para que o cadáver não seja roubado, por exemplo, e aí ainda por cima profanado, onde estão os tempos de antanho, em que para enterrar o próprio irmão era preciso lutar como um antígeno contra, ah, perdão, uma Antígona, que piada ruim, onde estávamos, não estávamos bem aqui? Nos perdemos no conto-de-fadas, que no entanto tem garantia: Essa rainha ainda tenta, com a expressão indiferente, passar empurrando de algum modo os dois oficiais, que só estão fazendo seu trabalho para o Estado no qual chafurdam até os joelhos almejando promoções dia após dia e noite após noite. Então, ela vai se espremendo para passar e ainda pergunta: Que foi? Como se não soubesse perfeitamente! A rainha pergunta mesmo assim, e quando ela pergunta há que respondê-la imediatamente, é seu direito constitucional, por isso afinal é que ela escreve todas as cartas para a imprensa já suficientemente estressada. Bem, que fazer? Não precisam fazer nada senão responder, o cartão-resposta já está pago. Eles todos, o grupo todo, embora poucos o saibam, são um produto e simultaneamente a vítima dessa operação ou ação Wasserschlag, quer dizer Drenagem ou algo assim. Nisso mobilizaram tudo o que tinham no Estado, até os bombeiros tiveram que entrar e todo carro usado que já tinha visto um uniforme mesmo que de longe, tudo de tudo, e os batedores golpeiam as árvores para que os animais saiam dos esconderijos encontrados pelos intermediários, a maior parte das vezes um depósito de colchões, mas ainda mais comum é se esconder num provador, para provar só um bocadinho desse prato, com móveis de verdade para camuflagem; os batedores puxam a comitiva, eles puxam a rede, aquela rede feita de perseguidores, para, o objetivo é, que aqueles que já viveram muito tempo na clandestinidade finalmente fiquem nervosos e agitados, cercados como estão por todos esses veículos que não conhecem. Já estão presos, só não sabem ainda, já presos antes mesmo de serem algemados. E agora só lhes restam delírios de liberdade. Bem, agora eles pegaram, mas não a liberdade, da liberdade ainda ninguém conseguiu fazer uma necessidade, eis a fatalidade de toda a miséria das metrópoles onde as forças produtivas crescem até o céu, alguém precisa delas lá, hoje não, e amanhã já não serão necessárias absolutamente, nunca mais, as pessoas se tornam supérfluas, mas não são mais super fluidas, infelizmente, agora quem paga as parcelas da geladeira e do home theater? Quem paga por isso que a opinião pública deseja da parte do Estado? A quem compete, isso está claro faz tempo, mas a competição nunca empata. O Estado agora faz a próxima jogada e já leva, o Estado leva tudo, tanto faz a ordem, sem industrialização não há revolução, isso está claro, mas logo estaremos totalmente industrializados, só das pessoas não precisamos mais, já hoje estamos vendo, as pessoas estão mais mortas que vivas, pois mal há o bastante para viver, mas viver não é tudo, a vida nunca estará completa sem universidade, teatro e ópera, essa vida, pois o homem não vive só de pão, ó Deus, onde isso vai dar, quem tem a carta que ainda falta para um Royal Flash, um Royal Crash? Passem para cá, ou não sabemos mais o que dizer, alguma coisa sobre pão e sobre só, sendo que nada fica em pé sozinho, perdemos totalmente o caminho!, apesar do Estado do bem-estar social, que não dá mais, absolutamente não dá mais para ser financiado, onde estávamos ainda agora?

ULRIKE:
Não faço ideia, ao invés de fazer o necessário o Estado agora dá o passo posterior ao seguinte ainda antes do seguinte, ele puxa a rede devagar, com a Grete vai mais rápido, comigo também ainda vai de algum jeito, ela puxa devagar, mas sempre, a rede, como já dito, na tal da Drenagem, eles nos pegam a todos dentro de dias, semanas, dentro de pouco tempo, estimo umas três semanas, aí somos pegos pelos dentes afiados que pertencem ao Estado, que pela última vez investe, e nós somos seus rendimentos, pois ele pode investir sobre nós todos, se necessário, ele já investigou todo mundo e já instigou todo mundo por muito tempo, não contra si, somente contra nós, seres desumanos, pois ele já está sobrecarregado, o Estado, das preocupações de todas as pessoas, é o mínimo ele

poder apanhar os maus, sim, as piores entre essas pessoas, e somos nós. A fortuna ninguém encontra na rede desse Estado, então ele se alimenta do nosso infortúnio, que é o seu, ele só ainda não sabe disso, não tem bote salva-vidas que o resgate das redes sociais, digo, das redes da sociedade, e leve para uma melhor, que não seja uma furada, podem perguntar aos peixes, se é que se pode achar algum fora do seu prato! Agora estão presos, e ficam lá também, não passam do umbral, embora ele acabe de ser varrido, o que lhes resta senão dar meia-volta, mas já estão esperando ali também.

OS PRÍNCIPES NA TORRE:
O Estado consegue tudo, e consegue seus cadáveres, é só querer de verdade, e dessa vez ele quis, aí mobilizou tudo o que até então ainda não havia sido mobilizado contra ele, embora tivesse ótimos motivos para isso, o quê e quem quer que fosse. A senhora rainha, ela só consegue entrar em pânico ao se ver completamente cercada por batedores, tanto faz se é isso mesmo ou não, ela se precipita para dentro da butique, mas por que precisa antes provar a blusa, bem, mais um enigma insolúvel, de todo modo eles a teriam conseguido, mais cedo ou mais tarde, mas talvez ela tivesse atirado antes, ninguém sabe. De todo modo ela teria precisado de tempo para pagar, qual é? Ela não se atreve a afanar a blusa branca na Linette, simplesmente, daria na mesma, o roubo já está incluído no programa de fidelidade dos criminosos, e outros roubos com certeza compensaram mais, esses valeram a pena. No ar livre é que fica o caminho da águia bem como de quem está de férias, que ganhou aquela viagem ou outra, mas essas pessoas, que queriam tirar férias de todas as outras, agora foram pegas, quer dizer, pegas não foram, agora as apanharam, lá no xadrez vivem como outros num chalezinho no campo, e isso o ano todo, o que na verdade nem é permitido, sua merda descartam em saquinhos plásticos. Hoje em dia não há crime maior do que ser a rainha e não cometer crime algum, assim veem muitos que se concentram no possível, sem saber, no entanto, que tudo é possível, só não mais para eles, pois naturalmente toda tática ofensiva ainda se dirige contra eles também.

ULRIKE:
Nesse meio tempo ficamos sabendo que agora quem quiser ainda pode levar a análise do Sartre, esse veterano pensador dândi, se bem que para um dândi ele não dá, é feio e malvestido demais para isso, esse pensador, que nos visitou na cadeia com esse advogado, o que ele diz sobre o Vietnã, isso é passado, já não é mais verdade, mesmo enquanto o Vietnã ainda queima e fervilha sob ácido e sob fogo, mas justo sobre o passado deveis falar afinal! Pois o passado é terrível, e o futuro, esse ainda muito mais tenebroso, e de fato pelo simples motivo de que no futuro não existiremos mais, infelizmente, por isso ele já hoje é tão árido para nós. O Vietnã também não, por sorte, então tereis dois, três, muitos Vietnãs nesse meio-tempo, se encontrardes os ingredientes para isso, pois não tereis mais nada a fazer, está certo, e aí já não se vê mais o primeiro, no fim ficou tão feio e desfolhado, mas finalizado ainda não está e também nunca estará, o resto dele está morto, como em breve estaremos todos. Tudo o que fazeis aí, que os outros não acham assim tão bom, agora está feito e acabado, pouca coisa vai chegar até as gerações dois e três, do número três nem se sabe se não foi criado suplementarmente pelo Estado com fins de intimidação, mas mais cedo ou mais tarde tem um fim, quem se importa com quais acabam antes, sim, um fim, isso com certeza tem: Esse fim será o vosso. Os pecados dos pais – apesar de tudo pobres e futuramente apagados, como se jamais tivessem sido!

OS PRÍNCIPES NA TORRE:
A rainha se defende com toda a força. Ainda enfia a mão direita no bolso da jaqueta, o oficial lhe puxa para cima o braço. O que é que ele está pensando? Pondo as mãos na soberana! Só depois que a segunda viatura chegou é que se conseguiu dominar essa rainha. De sua jaqueta puxa o objeto de ódio dos tiras, que já bem se veem como sua vítima, um revólver Smith & Wesson calibre 38 especial. Da bolsa da rainha uma pistola FN High Power. Da rainha ainda vão tirar as impressões digitais, sim, do resto ela abriu mão, teve que. De fato não acreditamos nos nossos olhos, só acreditamos nos dedos: É ela, a rainha. A verdadeira, na embalagem original! Ela não teve mais tempo para se trocar. Jamais teríamos pensado que a pegaríamos assim sem esforço. Ela só se rege pelo benefício alheio, pelo menos é o que alega. E que o próprio nunca a interessou. No provador ela se reclinou tempo demais, para o

espelho poder testemunhar se a blusa realmente ficava boa nela. As aias, trabalhadoras, diferente dela, fazem um motim. Ousam se amotinar! Pois como essa mulher nos trata? Se trabalhamos para a Linette! Não trabalhamos na Renner! Não na C&A, nem na Riachuelo ou no shopping! Também não somos umas quaisquer! Ao invés de puxar-lhe a blusa por sobre a cabeça, não somos umas quaisquer o tempo todo e então perdemos o momento de às vezes ser mais do que alguém qualquer, às vezes mais do que alguém específico.

CORO, QUALQUER UM QUE AINDA ESTEJA DISPONÍVEL:

(off?) Eles não podem mais viver, isso é certo. Tanto faz como o façamos, se eles mesmos não o fizerem nós faremos. Não podem mais viver, nunca mais. Isso, só isso, é que inquieta a rainha, isto é, que um outro viva e ela não mais. Ela escorraça a rival pensante, mal dá para acreditar: ela também pensa!, ela a escorraça daqui como o vento faz com a folhagem, ele desfolha, mas tem desforra, isso nem mesmo o agente laranja e o napalm, esse veneno, o terrível, pode desfolhar, carbonizar, vocês hão de convir. Ela quer que essa mulher se torne uma vítima, pois bem, então ela se torna, é para já. O mundo não acredita na justiça se ela vem das mulheres, como qualquer criança vem, só precisa conhecer a entrada e a saída, e para duas delas também não há espaço, duas mulheres são demais, mesmo que fiquem bem juntas, então simplesmente nos livramos de ambas. É inútil os juízes sequer falarem de acordo com a consciência, o que de todo modo nunca fazem, se quer saber minha opinião. Só deixam falar as leis, a ferro e fogo, e forra ou fuga nem há mais para nós. Até o sono foge diariamente de nosso campo, noturnamente também, foge e fora e foi e fim dessa mulher, em seus olhos a luta de sua alma, isso jamais queremos voltar a ver, não, é nojento!, de todo modo não vemos, não há mais visitas conjugais, ela está sozinha. Ela está sozinha. Ela está sozinha. A louca está sozinha, e com um olhar silencioso pergunta significativamente onde estamos todos. Bem, onde haveríamos de estar, uma vez que ela está sozinha, conosco ela naturalmente não estaria sozinha. Sim, exato, aí não estamos, aqui não estamos em casa. Será que entre todos esses guardas não haverá nenhum que nos poupe a odiosa decisão de simplesmente nos livrar dela?, que nos deixa tremendo de eterno medo de seu pensamento? E quem é que pode pensar quando as paredes retumbam, quando o crânio ressoa, quando os comprimidos no sangue retinem tanto que não dá para entender o que se está falando para si mesmo, os comprimidos com os quais nos dopamos, nos dopam? Então não há ninguém aí que simplesmente os liquide, aí enfim teremos sossego dessa gente, há pessoas de fato dizendo isso e replicamos: Não vos preocupeis, esse sossego já vem sozinho, mais cedo ou mais tarde, se necessário depois de trinta anos, pois sempre sobram alguns depois de acabado o tempo. Primeiro uma cai na forca, nãonão, não no tempo, isso afinal seria um erro, na verdade ela queria cair em outro lugar, a Maria, talvez sobre os joelhos, e aí no ano seguinte, exatamente na mesma cela que a outra, pobre grade da janela, que fardo tens de aguentar! Rainhas, todas as duas, não, a outra decididamente era mais, a uma já não era mais nada, a pobre mulher, a primeira das duas, a Maria, que foi pega primeiro, mas infelizmente: A nós pertence o trono, já tem dono, só a Maria é que não sabe, agora ela faz carreira solo! Ainda não sabe que logo também estarão mortos todos os outros, só mais um pouco de paciência, bem, quase todos, só mais um instantinho ainda, a sociedade não é reformável, e a violência tem ainda menos poder de mudar alguma coisa. Por ora o trono nos pertence, só a violência não nos pertence, ela fica com o Estado, legalmente, indiferente o quanto puxemos por ela, e de que outro jeito deveria ser também, pois é, assim continuará, e assim continua também, antes que da viela abarrotada das nossas ações seja feita uma pequena prisão própria para abrigar a bala e a forca, essas queridas coisinhas para homicídio próprio, e de fato em buracos cortados pelos advogados, pois é, os espaços ocos, estamos falando deles, ali entra a garrucha facilmente, e então o reboco da parede é rapidamente lixado, esse muro é uma boa obra de mãos alemãs, nem batendo nele a gente ouve o espaço oco por trás, cavamos ocos nos rebocos, onde batemos o tempo todo, não conseguimos parar, isso mostra que ainda estamos vivos, fizemos buracos, pois onde é que vamos guardar nossas armas? E naturalmente os tiras batem com força no reboco do lado deles, podem bater o quanto quiserem, jamais acharão nosso arsenal! Fingimos nos submeter, o Jan, o mais leal dos

leais, é um gênio técnico, ele consegue vos fazer de uma vitrola um aquecedor, um ar condicionado, uma nova arma, um rádio também, uma tv e ainda por cima um forninho para a comida, que senão fica insossa, simplesmente gosto de nada, e ficamos exigentes com a comida ao longo dos anos em que os bancos jogavam dinheiro nos sacos que lhes mostrávamos, como se fosse lixo. Onde a pistola fala, onde ela segura a blusa mortal, a mortalha, até que enfim deslizemos para dentro, todo o resto vira lixo. Nós nos submetemos, já dissemos, mas só de mentirinha, só nos submetemos à História e a mais ninguém. E todos os outros também o fazem, sim, todo mundo, mas todos os outros já estão mortos faz tempo, mesmo que estejam vivos, já foram submetidos, totalmente abandonados pela historicidade que nós mesmos lhes fizemos e então mostramos, mas para eles deu na mesma, no fim nunca precisaram de nós, também nunca acreditaram em nós. Não se pode fazer mais nada a respeito. Agora é tarde demais. Diga-se de passagem: Isso é o que nossa sociedade-Spiegel, caso não saibam trata-se de uma revista, com a boca cheia como sempre antes de cuspir tudo fora, chama de determinismo, mas só dizemos isso de passagem. Nãonão, tudo já está bom assim como está. Tem que ser exatamente assim. Nãonão, na verdade tudo está mau assim como está. E tem que ser exatamente assim. Nãonão, tudo já está bom assim como está. E tem que ser exatamente assim. Nãonão, tudo na verdade está mau assim como está, e tem que ser exatamente assim. Logo estaremos todos mortos, hip hip hurra!

A RAINHA:
Não posso reclamar. Eu mesma só tenho merda na cabeça. Não batia bem. Na loja eu só tinha merda na cabeça, causei, suei etc. Tinha que bater bem, bater a hora certa, mas dormi no ponto, também logo saí dos trilhos. Fico provando por uma meia hora, e daí de repente tudo sai dos trilhos. A bolsa deixo do lado de fora. O ferro deixo dentro da bolsa. O outro ferro deixo na jaqueta. Uma blusa tão linda, mas foi minha perdição. Às roupas jamais pude resistir. Ao chamado penetrante de olhos azuis também não podia resistir. À necessidade dos explorados jamais pude resistir, embora quase nunca tenha visto um deles. Pois nos meus círculos eles nunca circulam. Aos desejos, quando vinham da base, jamais pude resistir, e também às relações que a propriedade privada traz consigo jamais pude resistir, tinha que criticá-las, querendo ou não, pois na bela face da propriedade sempre fui viciada, não tinha mais nada na cabeça além do carimbo que se chama beleza e se queima na pele como os animais de abate ainda são marcados antes da morte, como tudo é marcado desde o começo para a morte, e a saúde que ainda vem antes da morte de todo modo já é marcada. Ao grupo revolucionário, qualquer grupo, jamais pude, quando os via, resistir. E à violência de modo geral bem como de modo específico, a ela também não pude resistir de jeito nenhum. Não, simplesmente não posso, mesmo hoje não posso. Creio que seria tudo. Então. Não me ocorre mais nada a acrescentar. Aqueles lá dizem que tinham as melhores intenções com seu Estado, com sua Rainha, não sabem do que estão falando, e mais isso! Incorruptível, vigilante, incansável, e mais isso! Nunca ela age em proveito próprio, a rainha, o proveito da comunidade é que a governa, também chamado de bem comum, para abreviar. Só tomai cuidado para que o proveito do Estado não vos pareça igual à justiça! Apenas tomai cuidado! Infelizmente eu não tomei cuidado, só por um instantinho. Dormi no ponto, senão a moçoila agora estaria morta, essa vendedora, toda a equipe trabalhadora e esforçada, morta morta morta, eu também morta, um, dois tiras, um, dois tiros – também eles estariam mortos agora. Todos estariam mortos. Talvez não todos. Talvez só alguns. Eis a descrição fidedigna do aprisionamento da rainha. Em suas próprias palavras, mesmo que ligeiramente modificadas, naturalmente em favor dela.

OS PRÍNCIPES NA TORRE:
Por que sequer tivemos que conhecer o seu horroroso círculo de conhecidos, mamãe? Teríamos passado muito bem sem essa! Queremos rezar! Deus do céu! Diga qualquer coisa! Não admira que não podemos te ouvir, se a mamãe fica sempre falando, não se pode ouvir mais ninguém!

VOZ DE ULRIKE:
(off) Ei, ratinhos! Não pensai que precisais ficar tristes por ter uma mamãe que está na prisão! De todo modo é melhor ficar com raiva do que triste.

CORO DOS ANCIÃOS:
Silêncio, crianças, silêncio! Pois nós, os reis, mesmo que aposentados, agora vos amamos duplamente. E a metade dos pais, consistindo na experiência de laboriosos anos de ficar aí parados aguentando novos costumes medonhos, isso terá que vos bastar. Pois é a metade melhor, a que só se encontra depois da morte. Vós crianças inocentes, inofensivas, em vossa simplicidade não podeis adivinhar a quem deveis culpar pela morte de vossa mãe: ela mesma e ninguém mais. Os pecados de vossa mãe, sim, também os da Maria, principalmente esses, vêm assombrar os filhos, naturalmente também não encontram pouso ali e seguem correndo e grasnando em direção aos pais, aos velhos, e meia-volta, correm por aí decapitados, os pecados e os filhos, aí, agora encontraram a cabeça, que os carrega e então se coloca na forca. O peso dos pecados é pesado demais para um só, para isso precisamos do grupo todo, e agora todos puxam juntos pela raiz da qual vieram, foram talhados de madeira alemã! Ainda é o melhor que se pode dizer deles.

ULRIKE:
Estais de acordo com o sistema porco dos traidores e seus colegas assassinos, todo dia um assassinato, toda semana sete assassinatos, pelo menos, e de dentro do cárcere dirigimos propositalmente a conspiração, é disso que nos acusam. Crianças queridas! Brincai bonitinhas! Olhai como brincam bonitinhas! Agora vou amarrar vossos joelhos, isso ainda posso fazer. O que quer vossa mãe?, pergunta ele o tempo todo, vosso pai. Então não estais bem com ele, queridas crianças? Não sei o que ela ainda poderia querer, vossa mãe, sendo que tudo está em harmonia. Eu, a própria mãe, não sei o que quero, mas sei que tenho que fazer isso, só esqueci ou nunca soube o que é isso. As pessoas morrem de qualquer jeito, as que matamos, ninguém sabe quanto tempo ainda teriam vivido sem nós. Outros são mais espertos e não podem compreender que aquilo que fazemos, a guerrilha urbana, deveria ser vista como uma forma particularmente radicalizada de política de esquerda, é uma pouca vergonha, agora cada vez mais ouço dizer que entre nossa estratégia e a da esquerda, como se essa jamais tivesse existido!, deveria ser traçada uma clara linha de separação, para não reduzir a possibilidade de ação da esquerda pela solidariedade conosco, então seria melhor reduzir a nossa possibilidade de esperança, pois isso não machuca ninguém além de nós. Mas estamos cagando para isso, quando se precisa de uma esperança é que já se está perdido e derrotado pelo inimigo interior. Eu de todo modo não tenho nada a ver com essa esquerda que simplesmente se chama assim e não age, pois bem, de mim podeis ouvir tranquilamente, vós, os incorruptíveis, que têm medo até de uma agulha de costura que cutuca os outros, e seu grito de indignação, se é que ousam gritar, só sai no banheiro, espremido de suas gargantas redondas e marrons, que ainda por cima estão presas com um elástico, pois nada nunca sai dali, e seus olhos, esses estão abertos, voltados para a imagem da tv, enquanto o inimigo lá fora já se arma e se ergue. Mas não cabe a nós dar o sinal para a revolução! Se o povo não se ergue por conta própria nada faz sentido, e por que acordar o povo, simplesmente não faz sentido, o povo não dorme nunca, nós também não dormimos, e quando dormíamos acreditávamos que o inimigo cairia morto de seu galho, abatido como um passarinho, pararia de cantar, bastaria olharmos para ele, pois só um olhar nosso já é fatal. Bem, a que ponto chegamos: Confrontem-me com as testemunhas para que eu possa sair depressa ao vê-las! Mas espera! Quem me segura aí? Elas devem ser confrontadas para que eu jamais me salve. Onde está a rainha, quero falar com ela! Mas essa é uma mãe que só fala com seu Baby e mais ninguém, só com seu filho, o sagrado, já antes de nascer, sim, já então ele acabava com as mulheres, literalmente as emporcalhava. A mulher é uma boceta ou uma porca, outra coisa não é, isso nos cospe seu Baby, como que puxado pelos pés, essa pasta não digerida, além disso só uma mãe ela ainda pode ser, mas só a própria, digo, a de sangue. Essas mulheres são todas bocetas, só a rainha não é, pois é a única que tem uma, mas que não expele o Baby, senão toma-o para si para sempre, e então prepara para ele direitinho, no seu fogão quentinho, a tão ardentemente desejada, digamos: historicidade, como se ela em pessoa tivesse mexido a história para fazer esse molho, porque a história ela mesma não mexe nada, não move ninguém. Como se tivesse tricotado a história para ele como um casaquinho quente, por favor, se ficou assim, pois nunca antes foi assim, ficou porque o próprio ser humano é capaz de fazer

história, é só querer, mas ninguém a engole de livre e espontânea vontade, para ela, para a cozinheira preta, tanto faz. O que ainda quereis aqui, na verdade bem podeis fechar a matraca, para os soberanos isso é plenamente certo e necessário de todo modo, um primeiro passo é tricotar e tecer e costurar a historicidade, e mexer também, por mim, pois a arma de toda república é o medo e a arma mais afiada não é a agulha, não é a colher, mas vossa virtude, então o que haveria de ser isso, a virtude? Sem essa virtude o medo é muito perecível, esse que espalhamos todo dia, mas esse tipo de virtude não queremos, não toleramos que da nossa virtude o medo escorra, só permitimos corrimento nas nossas calcinhas, quando estamos mortas, prisioneiras de guerra no cárcere dos déspotas, que com seu dócil chicote acariciam vossas macias costas coletivas, até que beijeis o chão: Pois qualquer blusa dura mais do que a pessoa para quem foi feita. Ora, a dialética, ela não é nenhuma linha reta, é simplesmente um fio no qual as pessoas se enroscam cada vez mais, até se tornar a própria blusa, sob ela pode-se desaparecer tranquilamente, ali embaixo se está livre. Não fará falta, essa pessoa, também não faremos falta, hoje já sei. O mais importante: a consciência de escravo está quebrada, a contradição principal está superada, a contradição secundária não conta, isso não sacia o revolucionário nem o oprimido. Ou você faz parte dessa comissão anticolonialista ou daquela, ou você salta fora e se torna revolucionário, essa é a decisão fundamental do sujeito, e no nosso caso a decisão já foi feita faz tempo, pois para todo o resto pode-se cagar, sim, também para os aparelhos trabalhistas tradicionais, também chamados de sindicatos, que se sentam entre os instrumentos e emitem um som na flauta, pois não sabem: Esse é seu próprio fôlego que se esvai, e puxam pelo fio como podem, mal, o mais das vezes, pois em outra parte jamais aprenderam: A situação da esquerda, em toda parte apenas inimigos, não é boa, pois tudo, tudo só serve para a consolidação da dominação, na legalidade, como a vemos, não é possível alcançar mais nada. Então agora está bom, teço mais alguma coisa nesse fio da vida, e então corto ou mordo o fio e foi e a partir daí reinará a inconsciência, que no fundo já agora reina, é só olhar.

VOZ DE ULRIKE:
(off) Posso vos pegar no colo, meus ratinhos? Sequer posso isso? 50 centavos de semanada é um escândalo! Quero que recebais pelo menos 100 marcos por mês, para que sejais financeiramente independentes! Mas ninguém me ouve mais. E muito menos o capital.

OS PRÍNCIPES NA TORRE:
Sabemos, queridos pais, quem é que vai pôr em quem a culpa pela morte de nossa mãe, pois não quer ter culpa de nada, com certeza não somos tão idiotas e tão criancinhas como parecemos! Então aconteceu o seguinte: O rei usurpador, espicaçado pela rainha, inventou queixas, enviou carros, para ser ele mesmo preso. Enviou gente armada. Enviou snipers. Enviou espias. Enviou simpatizantes acadêmicos e outros de um coletivo de pacientes, juntou doentes e doidos como outras pessoas juntam selos ou torres feitas de fósforos colados, primeiro é preciso juntar os palitos, para então erguer essa torre sob mãos hábeis e diligentes, demora anos, mas sempre acabam coladas elas mesmas, grudadas com cola essas mãos ligeiras e tão apaixonadas por torres, justo torres. O que é que todo mundo vê nessas malditas torres? São obcecados por elas! E o rei, nosso pai, na verdade onde ele está, o que é que ele fez? O que está fazendo? Enviou jornais. Por anos. Ele queria isso, as imagens de mulheres coloridas e nuas, que nunca correspondem à imagem que temos de uma mulher! Mais o pai jamais fez, também nunca foi preso, pelo menos até onde sabemos não, pois nunca cometeu uma injustiça. É um homem bom e acredita na nova Alemanha, bem, talvez não na nova, talvez comece com a velha, que quer ajudar a alcançar seu justo valor depois de anos, não, décadas de injustiça. E depois disso ele quase acredita no novo, assim está bem. E enquanto você, pai, nos dizia isso outrora, chorava como depois só choraria pela pátria, pela cara. Lamentava nosso fado e beijava nossa face. Fez-nos confiar em você como um pai. Queria nos amar, o que é natural, como seus filhos. E para esse fim o que fazeis, velhos, culpados pela nossa (e daqueles antes de nós também, diga-se de passagem) educação? Mandais matar nossa mamãezinha! Bem, talvez não façais isso vós mesmos, mas permitis que façam! Simsim, já sabemos, nunca podeis, nunca pudestes fazer nada!

Olhai por exemplo vossas declarações de hoje! Que maldade. Assim você está traindo nossa mamãe! Devíeis saber melhor, tendes responsabilidade por muitos anos mortos! Não, nem uma única palavra convosco, estais mortos para nós, quê, estais de fato? Tanto melhor, pois mais tarde, intuímos, só teremos ainda mais a te dizer. 100 marcos de mesada ou nem uma palavra mais. Não se sente generoso hoje, pai? Então vamos pedir para os vovôs, de todo modo eles ainda estão aí o tempo todo! Entre nossas suplicazinhas e o pensamento desgastado pela idade um martelo golpeia inutilmente o ar, na falta de bigorna. E o pensamento é o martelo sob o qual ele mesmo se encolhe. Crianças, vossa mãe pensa, agora pensa de fato, só não podeis perturbá-la, dizem eles, os velhos, quando eles mesmos querem ficar em paz. E cai o martelo.

Luz radiante sobre os príncipes na jaula da torre.

Está feito o tirânico ato sangrento, o mais cruento horror de um morticínio deplorável de que jamais este país foi culpado. Os empregados nessa infame brincadeira de carnificina, por mais que fossem vilões inveterados, cães sangrentos, ao mesmo tempo se derretendo de ternura e leve compaixão choraram como nós, crianças, diante da triste história. Ai, assim jazemos, par franzino, sem mãe, assim assim, e apenas nos cingimos com braços inocentes de alabastro: quatro rosas de um só galho nossos lábios, com que nos beijávamos em nossa beleza de verão. Mamãe! Isso quase faz você mudar de ideia, estamos certos ou estamos errados? Por favor volte para nós, esperamos há tanto tempo! Mas ah, os demônios! Eles nos arrancaram a doce obra da amável natureza, a mãe, tudo o que jamais foi feito desde o princípio da criação. Sequer tendes a consciência pesada! Porcos! Mamãe! Como assim não temos nada a dizer? Mamãe! Quem vai lá contar ao sangrento rei? Vedes vós mesmos que estamos mortos? Que bom, se vós mesmos o vistes, mais tarde podeis também contar.

2ª parte

GUDRUN:
Agora nem sei mais quem fala de dentro de mim. Sou essa uma ou aquela outra? O que tenho certeza é: Sou a rainha. Por ora deslizei totalmente para fora do meu melhor papel, escorreguei como se fosse um papel-manteiga, foram-se os papeis, mas não ficaram os dedos, o rei infante foi salvo por mãos de mulher, está livre, graças a Deus, mal valeu a pena, pois logo, logo logo já estará morto, como nós, eis a liberdade final que ainda temos, a pensadora também já há muito capturada, porque não bate bem. Não saca nada, é o que vos digo. E eu. Padroeira do infortúnio, de fato. A rainha. Aqui somos os primeiros a serem atingidos pelas maldições, pelo ódio do povo, então joias vestidas e portas abertas e vai para a varanda!, ou para a guilhotina, podem fazer isso conosco, as princesas já estão de joelhos aos montes, de todos os tamanhos, sim, até em ofertas especiais nas imagens coloridas, naquele tempo sempre estávamos apenas em preto e branco, como se não houvesse tintas como brinde por conta da casa para as duas rosas, não, Lancaster não, Leicester não e York não, estou falando de rosas normais. Pois quem mistura hoje o sangue dos mortos, quem o distribui, separa todos os lutadores no leito estreito do rio lá embaixo no vale, eles também estão mortos, nossas mãos estão no ferro, somos afinal nosso único amigo e ao mesmo tempo o inimigo, pois é, somos também o que ataca este país, que de todo modo sempre já anseia pela aniquilação, a aniquilação nos trilhos tortos com as curvas nos declives, ou por avalanches, bloqueios de estradas, ora outra coisa, bloqueios contra a natureza, que é desumana demais. Eu não sou desumana, só faço o necessário. Fora que tenho ofensas pelas quais perdoar esse ou aquele, que também gostariam de ter algo a perdoar, mas não têm nada, absolutamente nada a perdoar, e a culpa é deles mesmos, assim como também nunca são perdoados, e afinal nós mesmos só perdoamos por último aqueles que não nos compreendem, ou nem perdoamos. Está morta aquela, como dizer de modo educado: aquela, ah sim, assim a chamam: Classe trabalhadora. Estou cheia disso, a escravidão, escuridão, que me rodeia. Estranho como nos basta, o serviço prestado ao povo, que não me quer. Governar, o que eu também não quero. Não quero nada. Nadinha. Fazer algo em prol dos dominados e para eles, que vai além, mas também só um pouquinho, do autodomínio, disso estou totalmente cheia. Não quero. Não me quero mais também. Sou a última coisa que me resta.

Fico entregue a mim mesma, antes de entregar qualquer coisa aos outros. Eles têm meu corpo. O que quer que eu toque se perde, inevitavelmente. Sou simplesmente uma péssima médica. O que quer que eu toque apodrece assim que encosto. Apesar disso, preciso tocar adiante, agir, para que todos me ouçam, essas ações estão abertas 24 horas, o resto do tempo é só para mim, de que tempo?, tanto faz, o direito à ação é destrancado só para isso. Só eu tenho a determinação para essas ações, as outras estão fechadas desde já e por tempo indeterminado. Afinal ninguém quer agir, mas é preciso, eis a conclusão desta frase, que de todo modo recebeu mais tempo do que precisava. É preciso se lançar sobre estranhos como um presente lançado para fora do jipe, e abater bibliotecários ou tiras, depende, fazemos tudo o que nos é encomendado, pois sim, por mim ainda abatemos também todos os funcionários, se depender de mim, e os choferes também e os seguranças, melhor ela mesma acabar consigo, a humanidade, que alega que o mundo todo precisa justamente dela em primeiro lugar, no Mar Vermelho, no qual transformamos o povo só para que então se separe uma vez na vida, e é de nós justamente. Para dentro então, isso foi feito especialmente para nós, por nós, ninguém vai morrer, fora eles, eis a situação atual das classes, há o proletariado, a proletarização, desclassificação, então degradação, difamação, desapropriação, dominação e também pobreza, sim, ela também existe entre nós, é só olhar ao redor, onde as latas de lixo dormem em paz na sua casinha, mesmo que alguém esteja revolvendo dentro dela, sim, lá, pelas suas costas portanto, em esquemas espúrios, olhem só, sim, é só olhar!, como os últimos cavaleiros diante do juízo final, ou é o primeiro?, quero dizer diante desse juiz Prinzing ou algum outro, tanto faz de quem, olhem só, já não sei mais nada, talvez o atravessamento completo de todas as relações humanas no imperialismo pelo mercado e no processo de avançada estatização, queria dizer de privatização, mas já faz tempo que o Estado é privado, graças à repressão do aparelho de Estado, que passa zumbindo sobre os morros até que sejam planícies, ainda mais planos do que o planejado, pois hoje tudo é plano, o que não é tem que ser nivelado, tem que se aproximar no nível do chão, mas nem o chão é plano para todos igualmente, alguns deslizam, outros tropeçam de novo e de novo, o resultado no fim é sempre o mesmo. E não há lugar e nem tempo onde você ainda pudesse dizer: Eu parto daí. O que é a história afinal, o que deve ser, pois quem a fez, se todos têm pavor dela e nem nós a queremos tomar nas mãos? Agora vou para lá e acolá. Só a clandestinidade existe, e então ainda existem planícies libertadas onde nos vertemos, não, não onde nos convertemos, e a clandestinidade como ofensiva para os revolucionários também não vão encontrar, pode tirar o cavalinho da chuva, pode enfiar o cavalinho no cu, essa clandestinidade é um monumento do ataque, e ele não precisa de monumento nenhum, ele passa por aí rápido demais para ser retido em pedra, então é preferível atirar a primeira e também a última pedra em nós, no fim colocar a pedra tumular em cima e fim, é assim que eu vejo, não, espera!, na verdade era para ser o momento do ataque, um momento não é nada, não está disponível, eu diria, mais ou menos. Os libertadores não precisam me levar nada, nenhuma pilha de livros, é completamente desnecessário! Trago comigo uma arma para usar ao ar livre, e de fato para que o ar fique ainda mais livre. Ela já está cuspindo de novo. Mas o que foi que ela comeu? Será que engoliu as manchas do meu parto no convento, os restos da minha placenta, ainda pingando? Ou o que, irmã, nossa criação comum lá no convento, cada um no seu, essa criação de um monstro, que somos nós, dessa monstruosidade, dessa aberração que nos tornamos, o que foi que isso nos trouxe? O que quer que tenha sido, ela cospe fora, a irmã. Eles espalham isso, e não descansam, os conventos, querem por princípio o bem-estar para todos, mas como é que isso haveria de funcionar? Os servos de Deus, que querem aniquilar os servos do capitalismo, fisicamente e com as próprias mãos, como é que imaginam isso? Pois alguém tem que fazer isso! Agora sobre nós: Arrancaram-nos a psique do corpo, ainda pingando, sangrando, como uma placenta, mas a mãe está saudável, por sorte, saudável como uma freira. Mas foi arrancada de nós, a alma ou psique ou o que quer que seja, e a serviço do interesse universal de todos, entre os quais não constamos, sim: de todas as pessoas estacionadas na garagem do nosso corpo, e gananciosamente também fizemos desses interesses os nossos, devoramos com lábios ladinos tirados dos lábios de outros

ladrões. Nunca era o bastante para nós, escorriam pelos nossos queixos, os interesses de estranhos. Vimos nossa chance e a tomamos: Éramos todos! Por tempo demais ficamos olhando como idiotas, nós líderes da pastoral da juventude, como ao nosso redor as pessoas, por elas mesmas, sem qualquer consciência, se criavam e imediatamente procriavam com suas raízes, o que mais haveriam de fazer, o sangue faltou, já está aqui, pois muito bem, será que algo mais te ocorre, as pessoas não fazem nada por conta própria, não acha?, eis a única nudez que nos anos seguintes sempre quisemos cobrir fazendo nós mesmos alguma coisa e inaugurando festivamente um tribunal interno, no qual nós mesmos éramos os juízes, com nossos carros velozes venustos elegantes ilegais, de modo que todos podíamos chegar em nossas filiais dentro de uma hora, sim, mesmo com o carrinho de bebê, vai no porta-malas, pois ainda vamos precisar dele com urgência, pois o carrinho de bebê é o sustentáculo do amor filial, qualquer criancinha o ama muito mais do que a nós, até motoristas profissionais freiam para ele, automaticamente, e se arrependeriam bastante e imediatamente se apenas pudessem, pois agora sabem, mesmo que não possam dizer a ninguém: Não só as crianças, também adultos não valem muito sob certas circunstâncias. E aquela nudez, tão logo aparece, já é coberta, e erros terão que ser evitados, ouçam-nos, incorruptíveis, ouçam como apunhalamos no meio das muitas pobres nudezas alheias. Sim, no fundo somos tão desavergonhados assim. Nós duas idealistas. Ambas queremos beijar um dos bandidos, mas só um deles aceita o beijo. Andreas. Hans e Grete. Onde enfiei o código secreto, o da lagoa dos patos? O que fiz com isso? Aí ele entrou no jogo, meu amado rei, até o fim e não saiu mais, de todo modo não sem primeiro levar o prêmio. Sem ele essa cabeça cairia do meu pescoço ou ficaria cheia de buracos. Não quero ter paz nenhuma! Invejo você por ele, invejo você por ele. E não quero dar paz nenhuma! Dou-vos a minha paz, diz Jesus e mente para si mesmo e é pego de calças curtas, digo, de tanga curta, suado no sudário. Posso perfeitamente prescindir disso, da paz. Essa coroa de espinhos não me cai bem, prefiro a peruca com os cachinhos. E digo: Não vos dou paz nenhuma! Pois sem curiosidade vagueio pelas prateleiras onde minhas ações ainda jazem para uso único, cada uma das ações inaugura imediatamente uma nova, ações são sempre neutras, o ser humano escolhe e leva o que quiser, e sua intenção, o que ele faz com isso, não tem nada a ver com a história, pois ele pode utilizar as coisas assim ou assado, mas o mais das vezes elas acabam em inimizade para com a liberdade que ele mesmo escolheu, sim, digo liberdade, não digo dependência, pois ela o ser humano não escolheu, ele escolheu a mercadoria que tira sua liberdade e o incita ao abuso, pois não tem uso para tanta coisa quanto originalmente imaginou. Por isso é que para qualquer adicto a liberdade é tão perigosa, porque com sua adicção e com as coisas que tem que comprar para essa adicção ele tira a própria liberdade, pois essas mercadorias, aparentemente elas lhe prestam serviço, mas na realidade é ele que serve ao serviçal, para poder comprar de novo novas mercadorias. Não, não foi uma boa ação, comprar essa blusa, agora vejo clara e nitidamente, mas é tarde demais. Só o Andreas, que não tem adicção, pois não adiciona nada, prefere subtrair, já fiz essa piada muitas vezes, sorte que não preciso ouvir, então ainda dou ao Andreas as minhas ações, ele pode ter tudo o que tenho e ainda mais, isso está claro. Em ninguém mais conselho ou consolo para assunto tão grave, isso também já está claro. Me abandonam sozinha comigo mesma, e eu me abandono ao Andreas, meu Baby! Isso tudo está bem claro para vós, agora teriam que lembrar disso e mais nada. Deixando-me comigo mesma deixam-me também com o Andreas. E deixam o Andreas comigo, só comigo. Meu Baby para mim, só para mim! Das boas graças do povo não preciso, disso posso prescindir, mas do Andreas preciso, a antiga líder de meninas, agora também posso liderar os meninos, tirei um certificado extra para isso. Somos os mesmos que jamais fomos. Ninguém pode ficar perto de nós. Nem você, irmã. Sim, recuso-me a ver sua recusa, irmã. Irmã. Irmã. Só vejo seu desejo de estar por perto, conosco, o povo escolhido especialmente, que encomendamos do catálogo, só que infelizmente é grande demais para que pudéssemos ainda por cima caber todos nesse povo, nossa integridade não aguentou. Então vamos, já que não nos deixam entrar, para longe dele, e mesmo que hoje sua alma queira exigir isso de você, irmã, você não iria embora. Você gruda tanto na gente! Não dá para remover você com nada, irmã, contra você não há corretivo nem tira-manchas! Mas não quero você, o que posso fazer.

O Andreas também não te quer. Ninguém te quer. Nem é possível te socializar como meio de produção, pois o que você produz no começo nem queríamos, e hoje também não queremos mais, por que haveríamos de precisar justo agora da maldita escrita que você excreta como cachorros excretam urina em todo canto. Irmã, veja, assim, eu rasgo seu papel ao meio, nós dois rasgamos, eu e o Andreas, cada um do seu lado, antes mesmo de a coisa ficar feia para o nosso lado, não queremos isso que você espalha por aí, além disso outra vez você não cumpriu o prazo em que esse paper específico era desejado e exigido. Afinal não queremos mais muita coisa, mas isso quer dizer: tudo. Mas você queremos menos que tudo, isso é certo, não tem discussão. Você quer ser uma indústria de uma mulher só. Mas sempre foi só uma esposa artesã, que se enrolou em assuntos alheios no clube de tricô. Para nós você se tornou pesada demais, irmã. Mal dá para te empurrar para longe, você com a secreção amarela no forro, de onde vem isso, ainda vão se perguntar por muito tempo, quem haveria de te querer? Quem haveria de te estuprar com essa infiltração que todo mundo vê que você tem? Pois bem. Agora você está morta e pela sua própria mão. Deixamos você na mão, com toda certeza. Assim, simplesmente, mas não faz mal. Os que disseram que viram você lá pendurada foram outros, neles não confiamos, nunca, sabemos dessas coisas, mesmo que não saibamos mais nada. Não podíamos entrar lá como essas manchas do seu pobre corrimento no forro da sua calcinha, elas foram, hoje sabemos, sua última marca sobre a terra, quem ainda vai ter alguma desconfiança ali onde não se aceita fiança, nós também não, e se é assim então é assado, se é para fazer faz direito, todos então temos que viver com o desconforto, clamando pela nossa ajuda, mas não vamos, temos que nos conformar com o fato de nossas lutas terem sido sem consequências, e lutas sem consequências a longo prazo são impossíveis, como suas pobres necessidades vaginais, que você chama de desejos, onde estão agora, bem dentro das calças, os desejos ou carências ou o quê? Você quer sacrificar tudo o que faz por um único objetivo, a sobrevivência, mas eis você aí deitada torta nesse barco, que é o nosso próprio, afinal embarcamos todos, mesmo que não ao mesmo tempo, senão o barco do tempo teria virado, e o tempo junto, poderíamos olhar a nós mesmos de baixo para cima, o que vamos poder de qualquer jeito em breve, ouça, Anna: Você não vai obter a ordem que sei que espera de nós, pois não cativamos ninguém que não queira o cativeiro, não, não fazemos mais prisioneiros, nós mesmos o somos, perceba, não precisa de ordem nossa, isso já ficou claro para todo mundo, pois você não faz nada além de se estilizar como vítima, isso nos deixa, o grupo todo, loucos. Se o presídio de Stammheim é o idílio, a Maria só pode ser o quê? Uma vítima, talvez simplesmente maluca também, talvez tenha algum parafuso a menos – eis sua linha desde não sei quando, mas do seu lado já faz semanas que só vêm más notícias, sem parar, é essa, já dissemos, a sua linha, irmã, mas já faz tempo que ela se rompeu ou enroscou. Com certeza já foi pega. De repente você avançou com sua linha contra nós, o grupo, você deu meia-volta, você baba como crianças no berço a quem o leite escorre pela face ao invés de correr para dentro da boca, e na batalha o seu lado se volta contra o nosso. Agora então tudo está invertido, e os milhões que queríamos contar para que todos pudessem contar conosco permanecem incontados para sempre, caem sob essas foices afiadas que nunca poderiam deixar um martelo mais afiado do que elas já são. Onde estaria então nossa própria fuga, correndo da desconfortável morada, ela nos trouxe aqui, é a corrida final, e você a escolheu: a corrida e o corrimento. Não quero. Tenho que cobrir minhas próprias manchas, e são manchas de nascença, não conheço outra expressão. É preciso simplesmente não estar mais aí, não ter nascido, muito menos amado, já que a humanidade toda não tem mais perspectiva de amor. Para ter alguma perspectiva as pessoas teriam que escalar colchões, como você, ou montanhas. Sua cabeça deve cair na corda primeiro, ainda antes da minha, mas a minha também já vai atrás, é um ceifador chamado morte, até agora nós o pagamos, só que acabou saindo do nosso controle e balança de lá para cá sem rumo, não faz mal, as massas mal percebem quando falta algo a alguém, quando algo escapa do nosso quadro, onde deveria estar. Somos muito poucos, eis a questão, e a moral é como uma febre alta, tudo tudo cai sob a faca ou na forca. Por favor, minha própria cabeça, por mim pode cair, mas se é assim a sua vem primeiro, e aí, por mim, a minha, e na verdade ambas na mesma cela, imaginai só, só um ano depois na mesma cela, não é incrível e uma

coincidência, não, uma coincidência com certeza não é. Assim acabam todos mais cedo ou mais tarde, pois o ser humano insiste no ser humano, para ver se dali sai alguma coisa, se ainda cai alguma coisa, umas migalhas, o importante é que ele possa se aconchegar aos outros, não faço ideia do que o leva sempre de volta a eles, que no fim das contas nem o querem. Ninguém nunca vai embora, e ninguém fica. Falta à maioria coragem para a decisão, mas isso temos, coragem, eu mesma às vezes me admiro. E levando em conta a situação aquilo que chamamos de solução não pode querer dizer nada senão o suicídio, ainda vamos ter que entrar em acordo a esse respeito, e podeis estar certos de que temos meios de acordo bem como de comunicação, pois para nós ambos são praticamente uma só e a mesma coisa. Aquilo sobre o que mais cedo ou mais tarde entramos em acordo também é comunicado, e já amanhã aparece em algum panfleto, incontáveis panfletos, todos rabiscados até as bordas, que não conseguimos conter. Nem sem voz ficamos calados. Não fizemos nada senão ajudar a indústria do papel, pois preenchemos tantos panfletos. Não tendes medo da morte, nem mesmo a lei da morte deve nos governar, pois queríamos que não houvesse lei nenhuma, nenhuminha mesmo, isso ainda posso vos sussurrar, pois matando afastávamos a morte de nós, totalmente! Somos o povo, falamos pelo povo, que hoje infelizmente não pode mais falar por si, parece que ele desaprendeu e hoje não está em casa, nunca está aí quando se precisa dele; os telefones estão quebrados, queremos, como já foi dito, que não haja lei, portanto já essa vontade, mal a pronunciamos, é a lei, em nome da lei não há mais lei. Esse medo, o medo da nossa, de toda morte, deve acabar. Afinal nenhum medo de toda vida pode eliminá-lo sem substituto, não, digo, substituí-lo, a qualquer momento, e então isso também seria lei, pois nós é que dizemos. Recusar eu também posso por conta própria, mas a quê, se não há mais lei, para eliminar tudo não preciso de você de modo algum, irmã, isso já faço sozinha. Eis a causa de eu precisar quebrar a cabeça. Mas é por uma boa causa, vinda de nós incorruptíveis, a causa é meu investimento, meu capital, a causa rende juros. O capital humano jaz diante de mim, grande demais para as pessoas, pequeno demais para o humano. Para você, irmã de morte sem esquadrão que te protegesse, não tenho mais nada, você tem que compreender, pois já gastei tudo com os outros e sobretudo com meu Baby. Eu já me recusava enquanto você ainda estava sentada no frescor quentinho lá dentro, na sua casa, irmã, sentada no vespeiro bem protegida pelo anonimato, ainda por cima falando de cima para baixo com sua inteligência superior, sim, isso você sabe fazer, ou é subordinada como outrora o líder alemão? Seus discursos, despejados todos na forma, foi a forma do sofá, onde pode se esticar e escrever discursos? Discursos que duram o bastante, se esticam por uma página até que nós também esticamos as canelas. Sempre discursos nos lábios, sob a minissaia, saem jorrando como mentiras do discurso, o salto agulha mesmo por toda Hamburgo e por toda a cercania dessa cidade, até para correr, muito, muito elegante, isso você sabe fazer, você sabe o caminho, sabe como tinha que se vestir. E eu também sei. Nem com toda essa roupa dá para cobrir a nudez de toda injustiça, mas é importante, essa roupa, pois só com roupa é que somos vistas. Butiques são particularmente importantes, aliás, para que possamos ser reconhecidas, quando voltamos a sair de lá de dentro, enfim nos reconhecem, somos reconhecidas por todos, só não pelas massas, pois elas são e permanecem cegas. Mais cedo ou mais tarde temos que voltar a sair dessa loja chique, mas das massas temos que sobressair como nossas jaquetas de couro ou os carros velozes do meu Baby. Nossas roupas são novas, quer dizer, até que chafurdemos com elas na poeira e na sujeira da rua e não alcancemos o copo de cicuta que no fim queremos beber, pois os tiras atiram justo onde ele está, nesse balcão elegante, justo ali eles têm que praticar o seu tiro ao alvo. O que quer que aconteça lá: Depois vamos às compras. E a Linette é simplesmente de todas as lojas o meu ideal, é a mais chique, mais bonita, como se fosse minha filha, pois a própria filha é sempre a mais bonita, ou também como se fosse minha própria mãe, de quem no entanto não consigo me lembrar, o sangue dessa santa escorre sobre mim mesmo assim, bem que combinaria com essa blusa branca, essa blusa da Linette, que eu agora provavelmente nunca terei. Antes eu nem teria ousado, mas agora já somos conhecidos há muito, estávamos todos os dias no jornal afinal. Eu e meus cabelos loiros brilhantes de Rapunzel alemã somos respeitados, mas talvez as admiradoras fossem apenas um tipo muito especial

de líderes de pastoral da juventude no convento onde eu vivia, só elas não podiam prescindir nem parar de me adorar, valorizar, admirar também, talvez, porque eu era bem capaz de me afirmar, e isso bem no sentido delas. Desde então levamos isso bem longe, isso não podemos negar, irmã. Veja só onde você foi parar: Toda a recusa vem de mim, naquele tempo você ainda estava de acordo conosco, agora não estamos mais de acordo contigo. Já me desgastei tentando me destronar, então fui na direção contrária e me assentei ali, por um tempo, você já estava lá em cima e celebrou e também foi celebrada pelos outros. Você, boazinha, para quem o sol brilha! Todo dia você era passada a ferro pelo seu marido e arrumada de novo, nãonão, assim não dá. Não faz sentido e também não existe sentido algum. Ah sim, já tive uma criança, mas no fim, bem no fim, meu destino chegou pelas mãos de uma simples vendedora, por cujos direitos sempre quis lutar, originalmente, quando é que foi isso mesmo, isso ela não sabia, essa traidora da sua classe, ela trabalha na Linette a troco de quê. Assim me pegaram, através dessa mulher, a quem minha jaqueta de couro pareceu pesada demais para o meu corpo, que a carregava. Esse ferro na nova jaqueta de couro arruinou meu disfarce, revelou meu esconderijo. Eu tinha que mostrar para ela! Sim, então eu estava louca? Por que é que eu tinha que levar esse último acessório, que eu mesma inventei para mim, para passear justo numa butique! E lá dar-lhes ideias que de outro modo não teriam, nada além de o que combina com qual sapato ou qual sapato combina com qual conjunto, criado há muito tempo, muitos anos atrás! Sendo que uma respiração dessas vadias, dessas vacas do bem-estar, já significa a agonia da nossa revolução. Então. E agora abaixo você! E abaixo minha servidão na forma de outros servos, abaixo abaixo abaixo! Abaixo a porta! Abaixo a lata com o lixo! E na lata a gente sempre tropeça! Sempre falando, segue falando. Enquanto palavras se acumulam nos cantos da sua bela casa, onde dos sacos sai um cheiro horrível, como favoritas desse poso exclusivo, sim, abreviação para o povo de Pöseldorf, ainda por cima um casal burguês disposto em camadas grossas, mas que naturalmente nunca consegue fazer o espacate entre o chique revolucionário da burguesia e a realidade, que sempre e no melhor dos casos são os clientes e estão cientes do que acaba de ser dito e o que não, eis o tique da realidade, mas sua toca não é mais o nosso toque, o tic-tac do relógio da realidade, que nunca bate sem sugar o hálito cansado das pessoas, hálito que vem dos pensamentos dessa humanidade, é o último, fraco alento, mais do que isso a humanidade não pensa, um suspiro e está suspenso! Pensamentos eu mesma já não tenho há muitos meses. Só sei: As pessoas querem ser magras, e mais ainda, querem ser significativas, e nunca são, nunca são suficientes para toda a massa que, de modo confuso, é distribuída pelos massivos abatidos, mas mesmo assim em massa, a eles de fato jamais podemos bastar, então temos que combatê-los, mas mesmo a ruína dos incontáveis não é sequer uma gota no olho do capital, que nunca chora, pois não quer chorar e não precisa chorar e por isso também não precisa de gotas para produzir lágrimas, para escorrer para fora de seus próprios limites, onde não há fim em vista. Esse pobre capital, ele não pode fazer nada absolutamente, exceto se tornar mais e sempre mais. Assim ele não consegue cuidar da silhueta. Muitas vezes o encontramos pessoalmente, ele não exatamente nos afastou quando nos viu, mas também não nos afagou. Nem mesmo uma escadaria pode me impedir quando quero subir, nem um elevador pode atravancar meu caminho, nenhum limite pode, e o limite de matar, então, pode menos ainda, mas existe, tão nítido quanto invisível. E já passei por cima e fui. Montanha nenhuma pode me encobrir, isso é nítido e dessa vez visível também para todos sobre os picos nevados. Então faço os feitos, e me seguro firme e forte, como deve ser, rodeada de inimigos, quanto mais deles melhor, que maravilha, acabam de me dizer que o mundo todo é meu inimigo. Para mim está certo, e se fosse mais do que um só mundo eu ficaria ainda mais contente. Já estou vendo à distância os faróis de furiosas guerras de distribuição, e nós flutuando por cima como destroços, belos como uma brisa delicada, uma espuma sempre flutuando, quando já não se tem a menor noção de nada. Nos mantemos por cima com um ritmo rápido, quando ela nos puxa para baixo, a profundidade do pensamento ou alguma outra profundidade, tanto faz. Quem não se faz útil me atrapalha. Ocorre a nós duas, irmã, não precisar pedir aplauso a ninguém, só o aplauso de um alguém, sempre só um, o pupilo, mas a quem em compensação no fim provavelmente falta

seriedade. Mas só ele, só esse um, ele nos entende totalmente. Mesmo assim não nos leva a sério, pois não leva nem as próprias decisões a sério, sim, ele não as toma seriamente. Esse aluno da vida, o que não significa aluno por toda a vida, com seus olhos azuis, que nem veio lá de baixo e também nunca se comportou como se viesse, que nunca quis ser trabalhador, isso compreendo bem, enquanto o trabalhador ainda não tem consciência de si, por que então deveríamos querer ser trabalhadores, o que ganharíamos com isso, se não existe algo como uma recompensa para o trabalhador? Meu Hans, meu Baby, teria podido se tornar tudo, pois era tão dotado quanto qualquer criança que pertence apenas a nós, à mãe, e o sentimento de humanidade e cuidado ele também poderia espelhar e espalhar, a qualquer momento, mas não refletiu bem, logo não poderá estar enterrado fundo o suficiente para todo mundo, e até a cova deve ser mais funda para ele do que para nós, é o que me parece. Mas talvez eu esteja enganada, e ele logo esquecido. Não é o fim? Ele poder ser esquecido? Isso não ensinei a ele, realmente não, que ele não apareça assim na nossa frente, mas então logo ele volta a sentir raiva e então pode fazer tudo, contanto que não se abra uma fenda entre nós! Andreas não quer nada, nada meu Hans quer menos que assumir de livre e espontânea vontade o papel de estar por baixo de uma pirâmide humana, ele faz tudo de livre e espontânea vontade, nada por obrigação, bem, se tem que ser, então ele quer estar por baixo de toda a humanidade, mas nunca quer carregar nada, também no deserto, no seu macacãozinho vermelho sem cueca, já era muito cansativo para ele, ele não achou lá nada bonito, nada divertido, é compreensível. No deserto raramente passam carros, e como ele só quer tocar o primeiro violino, mas também os outros instrumentos, nenhum posto fora o dele jamais será ocupado, pois ele mesmo ocupa tudo consigo, e fica sob o mais luminoso holofote, mesmo que não possa falar nada, se pudesse eu saberia, sou sua mãe, então, o papel do baixo por ora e por um bom tempo não está ocupado. Não temos ninguém para isso. Não temos um suporte de papel que possa fazer o de cima ao mesmo tempo que o de baixo, mas justamente isso seria necessário, pois nós dois já faz tempo não sabemos diferenciar. Sim, se alguma vez duvido, sigo lendo: Há o de cima e o de baixo, aqui nesse livro diz isso. Mas não podemos ocupar os papeis aleatoriamente e de qualquer jeito com qualquer pessoa. Precisamos primeiro de material, que em primeiro lugar vem fazer o teste para esses papeis. Quem quer brilhar de habitualidade e quem quer no fim morrer pela força do hábito? Ambos seriam necessários. Nós provamos, e de todo lado. Esse primeiro ato pelo qual a violência entrou no jogo, violência aplicada, já me atou as mãos, eu insensível, sem a menor noção. Esse amor, que também nos ata, justo porque é cego e não vê como hoje o Andreas está lindo, de novo, com seus olhos fundos de aço, esses olhos cortantes afiados, e ele mesmo é cada piscar de olhos e ainda por cima se representa a si mesmo, cresce para fora de si mesmo, e não precisa alcançar nenhum conhecimento, nós fazemos tudo por ele, que para nós é também todos os outros, filho e camarada. Nós mulheres, também os homens no grupo fazem com prazer, como é maravilhoso, com os óculos de sol também, é um prazer tamanho, é importante o tamanho, e agora ele vê como do meu lado sou linda com minha maquiagem do olho sempre retocada, por favor me passa o rímel, sem pelinhos, o de sempre, e um bom creme também. Para finalizar a peruca black power, pois ela combina bem com meu rosto esguio e expressivo, com meu corpo infantil emaciado pela greve de fome, quase translúcido, isso sim é um corpo, por ora moderno, por isso não me incomoda, mas o bem-estar social é o dever maior, quer dizer, o estar bem e livre com os outros, bem, eles vão ver. Estamos bem no nosso BMW ou Porsche, pelo menos, não, digamos antes: no máximo. Eu sigo a mim mesma, sem carro nenhum, ah, é bem cansativo, me arrasto atrás de mim como uma placenta, para que também possam me ver gemendo por causa do esforço pelos fracos. Isso então é feito o mais silenciosamente possível, mais cedo ou mais tarde, quando podemos cuidar deles direito, por ora ainda não temos a possibilidade, ainda temos que cuidar de nós mesmos. Muitos, sim, o Estado inteiro, nos ajudam com isso.

ULRIKE:
(off?) O que queremos fazer e ao mesmo tempo mostrar é que esses confrontos, também armados, podem ser levados a cabo, que é possível: fazer ações onde nós vencemos e não onde o outro lado vence. E onde naturalmente é importante que não

sejamos pegos, faz parte, por assim dizer, do sucesso da história. E precisamos do sucesso como qualquer um que faça o terror, pois senão o que se tiraria disso? Que não nos peguem mesmo depois, mesmo que já antes nos tivessem no gancho desse Estado, faz parte, é pressuposto. Naturalmente eles tinham que pegar aqueles que levavam adiante a guerra. Que somos o braço forte para levar Andreas para fora desse castelo, que antes abrimos para ele com o ferro. Quem sabe da liga? Certamente alguém sabe dessa liga? Sempre tem alguém que sabe e conta para os porcos. Então deixamos passar a manifestação, e aí nos integramos. Como assim devo enfiar meu carro nesse buraco? Para que os entregadores do jornal não consigam mais passar? Para isso devo sacrificar meu lindo carro? Esse carro? Cara, preciso mesmo dele! Depois ele quebra. Presta atenção, Ulrike, diz o sujeito, tenho uma ideia inicial que não é nada má, você faz assim, coloca o carro bem lá atrás naquela calçada, bem pertinho do muro da casa, assim, exatamente. Aí de algum modo ela já faz parte da barricada, mas não bloqueia diretamente a saída, então não podem te enquadrar, você não vai receber nenhuma pena, nenhuma multa (a pena você vai ter que tomar nas próprias mãos, mas ainda tem tempo), o Estado não pode te acusar, aí essas peruas, carregadas desse jornal repulsivo, dessa agência fascista, não consegue mais sair, e todos ficam contentes. Agora já posso imaginar que a rainha então dirá que se algo a incomoda nesse negócio é essa disparidade entre nossa cabeça e nossa ação, mas essa sempre já foi a contradição fundamental, e também o é no mundo do trabalho e da divisão de trabalho, e ela também não vai mais existir pois aqui o trabalho não tem mais lugar, se alguém perguntar, o trabalho, obrigado por perguntar, agora chegou bem à China, nem teve atraso, e já começa a trabalhar no tênis esportivo, o Estado tem que parar imediatamente, então ele também não tem mais que ter lugar, de todo modo não aqui entre nós, o Estado é apenas uma excreção da dominação burguesa e inteiramente dispensável sob as condições da democracia socialista. Pois é, e agora presta atenção!

O ANJO DESGARRADO, O LAÇO DA AIDS JÁ EM VOLTA DO PESCOÇO E NUM BANQUINHO, PRONTO PARA O SALTO, DÁ UM PASSO E GRITA O RESTO SE ENFORCANDO SOBRE O PALCO, MAS NO FIM CONSEGUE SE LIBERTAR DO LAÇO OUTRA VEZ:
Tem aí um erro completamente catastrófico, um erro que tem como consequência que a substituição do modo formal por uma forma material de democracia não leva a nada senão o impedimento do socialismo, que no entanto já desejávamos tanto há tantas décadas! Mas no fim das contas também se trata da forma da autodeterminação, e agora ela deve ter que ser completamente redefinida, politicamente, agora, o que foi que aprendemos? Uma forma de governo democrática não vai nunca nunca nunca nunca, digo pessoalmente: jamais cumprir sua promessa de autodeterminação de cada ser humano, por isso agora pode ser deixada sem receio para a direita, e isso quer dizer para o terror de direita, pois ele com certeza virá, podeis contar com isso, já vai ser embalado para vós, já está sendo preparado, isso posso lhes dizer, sim, no fim trata-se do seguinte: A esquerda poderia de uma vez por todas escapar à criminalização se distanciando de maneira crível da loucura e das ações violentas, tanto faz de que lado venha esse terror. Ela é que não foi. Não foi ela, nem agora nem nunca. Ela é democrática como todos nós, santa santa santa, santo não é apenas o Senhor, mas ele é particularmente santo.

GUDRUN:
Mesmo que eu não deva ser vista, tenho que ser vista, ainda mais então! Sou um bem público, já sou quase parte do folclore. O povo todo busca me exterminar ora aqui ora ali. No fundo você sempre se manteve de fora, Anna, não me contradiga, na realidade os pensadores, sim, vós sempre vos mantivestes de fora. De fora, tanto faz se salvos ou já perdidos. É verdade que eu mesma também sou uma pensadora, mas lutei contra isso em mim mesma. Eu mesma sempre só escrevi, seu erro foi ainda por cima acreditar no que escrevia, e eu também acreditei, quem acredita será abençoado, bem, não foi erro nosso, muitos erraram, tanto faz, pois chega uma hora em que há somente o ato! Com as pessoas não há conselho nem consolo nesses grandes assuntos, é como sempre digo, e já não querem ler, se é que sabem ler. Não leem nem a nós, imagine só! O papel do senhor trabalhador a partir de agora não será mais ocupado, e seu posto fica vazio, um espaço vazio, o modelo lindo e colorido que eu mesmo lhe dei, ao meu Andreas,

meu amado Hans, agora está borrado, ilegível. Ele é quem menos quer o armistício, pois qualquer um que tenha a possibilidade só se preocupa com a exploração e o lucro que então quer aumentar pela especulação para além de qualquer medida como se já não tivesse o suficiente consigo, e na água fria desse horror que é o fato de o dinheiro sempre se tornar mais para os poucos e sair do bolso dos muitos como que empurrado pela tempestade, chorando como o Hans procurando sua mamãe, todo esse lindo dinheirinho, ali me afogo, meu coração imediatamente para. O ser humano é sempre resfriado por todo esse dinheiro que está em circulação como um animal que nasceu cego e continua cego e circula e circula, e com o ser humano também é assassinado o anseio por qualquer tipo de justiça, e chega uma hora em que ele nem se importa mais, pois se pudesse torturaria e tiranizaria os outros sem pensar duas vezes. Seu papel é exercido pelo trabalhador, o protótipo do trabalhador, esse é meu Hans, que se alista voluntariamente, agora ele mesmo também o exerce, e ninguém o tira dele, e ele te amaldiçoa e me quer e entrega seu reino para as tempestades e você está sozinha. Agora está completamente sozinha, Maria. Nem mesmo o honrado e corajoso povo te entende, por favor, ele também não entende o meu Hans, mas ele também não quer que o entendam, nisso está certo, ele não quer nada senão ser um grande exemplo selvagem. Você está sozinha, isso eu te digo, porque quer sempre mais, não possuir mais, mas alcançar mais, mas para nós não há mais, tanto faz de quê! Falta a você a disciplina de grupo, você na verdade não serve para absolutamente nada, já faz tempo que te digo isso, e te digo sempre de novo, e o Hans também te disse muitas vezes, você engole sem resistir, prova de que estamos certos. Somos a liderança, disso de fato ninguém pode duvidar, não, nem você, você enfim tem que nos reconhecer como liderança, tanto faz como se chama nosso filme, digo, nosso grupo, Hans diz isso toda vez na sua cara, para isso não precisamos de reunião, e se tivéssemos chamado essa reunião só para uma bobagem dessas agora já estaria concluída, cada conclusão que teríamos tirado dessa reunião teria sido suspensa mesmo antes de ser absorvida, pois de todo modo estamos por nossa própria conta. Meu Hans é a favor da ação, e até esse papel ainda poderia ser melhor preenchido do que com ele, mas eu não saberia com quem, e de fato porque cada trabalhador não quer nada mais, e a isso é forçado, do que pôr um curativo nas suas esperanças, de modo que está sozinho, é bem verdade, mas não parece sozinho, de modo que pelo menos possa ficar com seu sangue e suas entranhas, mas não, espremem dele o que quer que tenha, e isso no trabalho temporário, para ser espremido mais rapidamente, de modo algum precisam de muito tempo para isso. Nenhum trabalhador jamais reconheceria nosso Hans como um líder, nunca vai dar certo, afinal absolutamente nenhum trabalhador ia, só para pegar um exemplo aqui, dirigir um Porsche na contramão, como o Hans sempre fazia, quando ainda podia, como assim insistimos em lutar nesse mundo, como assim? Muito simples, não dá, ou se dá então só bem aos pouquinhos, assim como nos desprendemos da vida, nenhum trabalhador teria um Porsche, a não ser que trabalhasse na fábrica do Porsche e pudesse provar só rapidinho um deles, talvez Porsche venha de prova, de pochê é que não vem, e a prova não vem antes de estudar, e aí o carro com toda certeza não lhe pertence, àquele que o fabricou, dai uma lida na teoria da mais-valia, então sabereis, mas agora até isso é em vão. Agora não se vê mais ninguém que possa usar a mais-valia, mais-valia, isso simplesmente desaparece, escorre em algum lugar para o nada, e ninguém a vê, trens anônimos como outrora aqueles com as coroas de ouro e os dentes de ouro, dessa vez cheios de bens apenas simbolicamente carregados, e o dinheiro no fim das contas também é apenas um símbolo para o nada que com ele se pode preencher, com lixo é o mais barato possível, os trens, enfim, cruzam o país, se alguém quiser embarcar, já tem um supervisor da estação, não, da situação, que nunca tem tempo para explicar essa situação para começo de conversa, dando o sinal para a partida, esse alguém de todo modo não conseguiria entrar, justo ele que gostaria tanto de embarcar, mas as portas não abrem, antes também era totalmente normal, já que dentro dos trens havia pessoas tais, o que é que eu queria dizer, sangue e merda e urina escorriam por debaixo das portas para fora. Vejamos como é hoje, sim, o que o presente tem a dizer sobre isso? Segue vazando sangue nas ligas de trabalhadores, elas são mesmo simplesmente ridículas, não ligam nada, corre o sangue dos explorados, como antes escorria dos vagões. Sindicatos ainda tentam

estancar com velhos trapos de tecidos, de carne humana, human tissue, mas é tarde demais para tudo, ele corre e corre. O trabalhador hoje simplesmente não é mais impermeável, de tanto apertar os músculos acaba sempre saindo tudo para fora, e ele está acabado e na merda com ou sem liga. O resultado é que ele confia nas ligas de trabalhadores, isso segue fazendo, ele teria que saber finalmente que elas não podem segurá-lo, não querem segurá-lo, se ele cair no abismo, nesse caso é agendada uma reunião com a gerência da empresa e pronto. Sim, essa vida é como a morte. De repente, rápida e instantaneamente tem que acontecer a conversão entre o temporário e o eterno, a força de trabalho tem que ser convertida em dinheiro, o maior anonimato, escondido anonimamente como a merda numa privada sob papel neve ou de outra marca, em papel sobre o qual estão escritas cifras, infelizmente não consigo ler, mas vejo: O papel não vai poder esconder toda a merda que existe. No fundo posso compreender bem o trabalhador, mas ser um, isso eu preferiria não. Sua vida é um único longo dia de trabalho, estranhos dirigem orgulhosos o produto que ele fabricou, e ele mesmo senta no meio da sua classe particular séria e grave, aí ele dirige com chave de ignição super, bem, até que é um progresso em comparação com o normal, pois quem não tem trabalho também não pode dirigir e não é mais explorado aquele cujo corpo nunca mais será um único calo como o corpo do trabalhador, seu corpo logo já desaparece sob corredores coloridos, que são tão alegres que já voltaram a ser invisíveis, o uniforme do desempregado, e também seu suor, o suor do cansado como do trabalhador como de quem corre no tempo livre, que só corre através do tempo que outros conseguem para ele, não, ele não, o esportista não, esse eu odeio, o suor então é o sal sobre cada mesa de cada conquistador que tem um ovo nessa mesa que precisa salgar com o suor. Todos precisamos aprender a esquecer aos poucos quem somos, pois não somos mais ninguém, e ninguém é por nós. Hoje qualquer um fala disso, mesmo assim, quem hoje é um ninguém, dele mesmo assim se fala, mas o falar não nos basta, queremos ver ação e entrar em ação. Falar não basta, mas vamos esperar, em alguns anos ainda só se falará e nada se fará. Até através desses muros do nosso cárcere vaza já hoje alguma coisa, escondida nos bilhetes ou enfiada em documentos ou livros ocos, assim chegam pela contramão até nós aqui dentro. Enterrado fundo sob a argamassa, não, não fundo, para cavar fundo não temos ferramentas. Para empilhar alto, para isso sempre temos um instrumento à mão, agora bem que poderíamos fazer bom uso de um faz-tudo, mas também nosso Jan é insubstituível, ele simplesmente sabe fazer tudo. Então. Agora reconstruímos sozinhos mesmo todo o aparato técnico para as necessidades que ainda podemos ter, empilhamos o que ainda precisamos. De uma vitrola sem porra nenhuma de especial, por exemplo, com a qual podemos até grelhar ou assar ou ouvir rádio, também telefonar pelos canos de água, uma técnica antiga na prisão, só não serve para andar de bicicleta, a vitrola, por ora ainda não, o Jan ainda não encontrou nada aí de que pudesse nos construir uma bicicleta ergométrica para enfim podermos andar sem sair do lugar, mas fora isso ele sabe fazer tudo mesmo, essa linda vitrola também faz pipoca e batata frita, que para nossa glória vão poder destruir como a nós mesmos, mas voltaremos a nos levantar, tanto faz de onde, não se preocupem!

ANJO QUALQUER (O QUE SE PODE FAZER, ELE NÃO ESCUTA E NÃO ESTANCA! SIMPLESMENTE DEIXEMOS ELE ENTRAR EM CENA NA TV, É O ÚNICO LUGAR ONDE DE FATO NINGUÉM O ESCUTA AGORA):

Com asas negras o inimigo de classe cobre, do meu ponto de vista, que do alto sei tudo melhor e vejo tudo melhor, enfim, ele encobre tudo, a nós todos, pois a partir de agora também me incluo na conta. Eu também sou todos! Mas o que nos enobrecerá e eternizará é a última coisa concedida aos náufragos lá no fundo: não um tempo para chorá-los, mas pelo menos não deixar a reputação póstuma totalmente nas mãos desses porcos que só conhecem seu sistema porco, no qual fecham (e não é com chave de ouro) o povo crédulo e convicto, exatamente como tentaram fazer conosco, mas dessa vez não deu certo, sentimos muito, só que o povo não sabe, e não acredita em nós absolutamente, infelizmente, pois nos estados capitalistas os promotores públicos com suas convicções não são nada senão apoiadores do Estado, não admira que de fato carreguem o Estado nos ombros, hoje não se decapita mais, mas todo o resto permaneceu igual, mesmo que atenuado, sim,

isso também é bem obra sua, que agora estejamos mortos, no seu eterno juízo combatente pode-se confiar, eles nos julgam e nos condenam à morte, nós é que temos que executar, isso é novo, nós nos matamos de fome, ou pegamos a morte em outro lugar, onde ela se senta e devora e suga cabeças humanas, o que importa é que a temos, ela está do nosso lado, agora é nossa melhor amiga. Já faz tempo que tentamos consertar o tempo, pelo qual não podemos fazer nada, mas continuamos culpados diante dos homens, não há nada que pudéssemos lhes dar, pelo menos é o que dizem na sua imprensa porca, da qual nos elevamos livres e leves, a cada instante pode-se agora ir tão longe, imaginai só, os seres sem ser, como parecem no papel, elevam-se alto no céu como anjos, e vêm para cima de vós de todos os lados, não só da América. Eles pisam na fronteira da eternidade, sim, hoje isso ainda é na América, amanhã será em outro lugar, mas passando essa fronteira eles pisam diante do seu mais alto juiz, é aquele, não, por ora ainda presidente dos Estados Unidos da América, com seus desejos devotos e ardentes que ele despeja sobre esse mundo o tempo todo, sem que ninguém tenha pedido, como lama, estrume, mijo. Sim, vedes, já hoje faço planos para o tempo morto de depois, quando nós mesmos estivermos mortos, pois nenhuma testemunha ficará ao nosso lado na hora da nossa morte, seja a morte um amigo leal ou um inimigo particularmente duro, isso ninguém ficará sabendo, de todo modo com certeza não por nós, já faz tempo que estamos nas mãos de nossos inimigos e nossos amigos não podem mais vir ter conosco, pelo menos são revistados antes de virem, rigorosamente revistados, e pegam a melhor parte para eles, tudo pode vir a ser útil lá na guarita, onde todo mundo, mais cedo ou mais tarde, como o ser humano que é, vai ter que passar pela qualificação preliminar, isso pressupõe estar ciente de que o ser humano ainda faz aquilo que deve fazer, isto é: pensar, com isso quero dizer que ele tem que poder separar a causa da consequência, a consequência é que, aonde quer que eu olhe, só há a psique destruída, sim, estamos arrebentados, no nosso caso separa-se o seguinte: cabeça e sentimentos, e aí ainda por cima cabeça e mãos, aí cabeça e buceta, tudo é separado para todos os demais. Não faz mal que não nos deem nada, não deixem passar mais nada para dentro da nossa cela, nesse meio tempo nos tornamos nossas próprias armas, e, se apanhamos de nós mesmos, conosco vamos atacá-los, esses porcos, e por isso esmurramos suas fuças, não tem mais ninguém aí, eis um circuito de todos os bens dessa terra, mas não é circuito nenhum, pois os bens sempre correm só numa direção, para longe daqueles que os desejam. E eles controlam tudo, não faço ideia de quem são eles, eles controlam também os mercados, mas apesar disso não conseguem, não importa o quanto se esforcem, nós temos o controle, nós nós nós, nós nos sentamos como aranhas dentro de seu sistema porco, pelo menos é o que imaginamos, deve ser seu único tesouro, que fizeram com suas próprias barrigas de porco congeladas, essa rede na qual fomos pegos, é exatamente a mesma que teceram para eles mesmos, obrigado por nos deixarem usar, não, não temos ações, pelo menos as ações não podem mais cair, pois não temos nenhuma, mas a rede, e com certeza não é a social, ela consiste apenas de buracos. Simplesmente esqueceram-se da porta, aí teria um buraco a mais, mas não tinham meios para isso, para o buraco, o dinheiro não dava. Para nós aqui não há saída, para nós não há nada. Não temos nem entrada, nem saída, só a rede em que somos chutados como bolas. Tanto faz. A palavra já se chuta sozinha, até no próprio peito, a palavra despeitada, nesse peito débil da qual ela veio, sozinha e nua, nada virá dessa palavra, ela é, como toda palavra, uma eremita cega, que produz ainda mais palavras para nada, as palavras não veem para onde deveriam ir, essa foto de capa da revista, na qual o Hans está impresso em alto brilho, tão lindo, um achado, eu adoraria ter para o meu álbum, digamos que é meu último pedido, só essa foto linda vale mais que uma palavra, que qualquer palavra, pois o rosto do Hans é produto e instrumento da sua soberania apenas, não da de estranhos a quem ele não se curva e nunca se curvará, isso ainda vejo nele. Como ele me olha de dentro da foto com o olhar glacial, que lindo, uma vez você teve que dobrar na metade essa capa, para caber nesse envelope padrão A5! Só uma digressão. Não é um mundo em armas o que temo, enquanto estiver em paz com o meu povo. O que, o povo também não me quer? Sim, é uma possibilidade! Não foi essa minha experiência, sempre me disseram outra coisa. Pois sim, no fundo também não quero isso, pertenço apenas a mim, um dia vai ser um hit, quero dizer uma

canção de um musical, até para canções vale o mesmo que para nós. E ai e ui e vai e foi e aí é esquecido. Quanto isso ainda vai seguir assim, sem nenhuma esperança, e os sentimentos são uma sujeira que se esfrega do chão da cela, não que nós mesmos jamais fizéssemos algo assim, afinal isso ainda não quer dizer que se tente materializar, martirizar e manipular esses sentimentos para si mesmo, o que significa vesti-los como uma blusa, assim, e eu também quero essa jaqueta de couro, é a mais nova no mercado por agora, só por pouco tempo, eis o sentido do mais novo, logo vem o próximo mais novo, e o antes novo fica então parecendo velho. Mas hoje só pode ser esse modelo, que parece gasto, de certo modo, mesmo antes de alguém vestir. Tudo de novo tem que parecer velho e gasto, exatamente como nosso pensamento, senão ninguém poderia bancar, e nós mesmos também não pagamos muito por isso. Os outros, quais outros? Os que para nós são os outros, eles sempre pagam o preço inteiro, esse é o segredo. Velhas teorias em novas roupagens, debates clássicos entre tais socialistas e os outros, que também se chamam socialistas, mas não são, pois no fim das contas está claro que o objeto da história sangrenta não pode automaticamente, como com um clique, também se tornar o sujeito dessa história, o revolucionário tem que trabalhar sobre si, não, de modo algum lhe bastaria passar para a concreção, pois é, quero dizer passar ao ato, mas é uma merda, é sempre uma merda, que jamais pudesse haver um sujeito, e de fato fora o sujeito, nem mesmo falar uma vez como sujeito o ser humano pode, ah merda, quem é que pode falar como ele mesmo, isso mesmo, em si, para si. Eu sou CEO dos explorados, esse tanto é certo para mim e portanto para vós também, a partir de agora deve ser esse o meu papel. Mesmo que nem um único pensamento pré-pronto saia mais de mim, sai rolando aqui da minha liga, para mim isso é certo, mesmo que eu só o anuncie no silêncio da minha cela, não chega longe o suficiente dos lábios, agora me tornei tão calada, em compensação escrevo, para meu irmão, para quem quer que seja, que talvez me escute, sim, também a bissexualidade por mim pode ser utilizável, tudo é utilizável, o que ninguém mais já tenha tido na boca, deve ser dado para mim ou deve cuspir fora, eu falo para ele, por ele, preciso fazer, pois ninguém mais fala além dele mesmo, quem é quem, de todo modo é uma lástima ser alguém. Falamos sem parar, mas não sabemos mais quem é o assunto. Some-se a isso: Quem é que conhece a si mesmo? Pois ninguém se conhece. Ninguém sabe nada. Ninguém é ele mesmo, só tagarela inutilmente para si mesmo, isso vem do fato de que a qualquer humanismo, tão logo é afirmado, falta qualquer realidade. Onde quer que eu olhe, em toda parte só há um monte de miséria, sangue e merda, e contra isso não há meios, pois o soberano deste país não é soberano em seu próprio país, nem mesmo em seu próprio corpo. O ódio não será extinto até que finalmente, ah, não sei o que tem que acontecer para que enfim aconteça alguma coisa, experimentamos tudo, mas todos se unem fraternalmente apenas contra nós, por ora simplesmente não há ninguém que pudesse ajudar a enfim pôr de pé uma, qualquer perspectiva de classe de um europeu, ninguém sozinho é uma ilha, foi o que pensamos, mas também ninguém quer se unir tão fraternalmente a nós como, digamos, com o sindicato, que então ainda por cima com certeza não faz nada por ele. O trabalhador nunca fez pressão, faz anos que não, mesmo assim chama isso que fez em uma associação de trabalhadores de trabalho sindical. Ah sindicato, onde foi parar sua pressão de outrora, que braço forte você tinha, composto de muitos cortados, arrancados, como a guarnição recém-preparada e bem arranjada de um trem infinitamente longo para distâncias infinitamente distantes, mas um trem que no fim só murcha e apodrece como qualquer outra guarnição de vegetais originalmente frescos e crocantes. Bem, pelo menos o um braço que te deixaram, sindicato. O outro já estava amputado desde o começo? Só nas oficinas de impressão ainda aparece, panfletos tão ridículos que ninguém lê, metros de poeira acumulada, só sob pressão ainda se pode ter essa pressão! E mesmo lá ela ficou borrada, ilegível. O sindicato é composto apenas de bundões. A liga transforma camponeses em trabalhadores, não, os camponeses ela não fez, eles não contam, hoje os camponeses são trabalhadores fabris, exatamente assim, ou empreendedores, logo vão construir os campos verticalmente, em prédios tão altos, vão pendurá-los como módulos campestres, onde eu estava, me perdi nesse campo estrangeiro, o camponês não me interessa em nada, não estamos na China, que sorte temos!, dizem: A liga é que faz os trabalhadores para começo de

conversa, senão nem seria possível vê-los, mas uma vez montados lhes amarra as mãos, pratica a justiça por tanto tempo até que a saiba, até que tenha aprendido, para não precisar dela, da justiça, pois ele determina o que ela significa, e se há justiça, então é sempre contra as próprias pessoas cuja incumbência muda a liga jamais compreendeu, pois o mudo nenhuma liga mais quer ouvir, pois o que é que ele haveria de dizer ao jornal ou na tv? Então, daí simplesmente corre o sangue, como sempre correu, eis uma constante da humanidade, é isso ou nada, é isso que espremem os para fora, sempre espremido na hora, pelas manhãs para o café, ou algo tão bom quanto, pelo menos tem gosto de fresco, pois há polpa de verdade dentro, o que poderíamos fazer a respeito, a boca que nos deram para falar ainda ousa pronunciar desejos, mas ninguém nos escuta, já disse isso muitas vezes, ninguém se admira, pois nem mesmo o próprio desejo o ser humano escuta, como assim outros então deveriam ouvir os seres humanos ou o que desejam, se o fluxo da bolsa lhe dita, e isso melhor do que qualquer outro ser humano jamais poderia? Então já basta. Mas sempre sigo falando, ninguém pode me parar, por favor por favor? Bom. Aplauso neste ponto, bem, logo já termina de novo, e podemos seguir. Olha: Em nossos olhos eles, os trabalhadores, poderiam ler as lutas da nossa alma, se quisessem, bem que gostaríamos de estar mais confortáveis do que estamos aqui agora, mas o trabalhador não nos reconhece como seu igual, na sua imagem de si ele não pode ver que alguém possa querer livremente e sem coerção se igualar a ele, assim como ele se parece no macacão de trabalho onde afunda como numa fenda glacial, sem ruído, sem rastro. Para que precisamos de uma liga de trabalhadores? Se sem ligadura suas chagas curam do mesmo jeito! Melhor não pôr ligadura nenhuma, aí pode respirar. As ligas só servem para sufocar. O povo mesmo sabe o que quer, assim vemos, fundamentalmente, e mesmo assim ditamos para ele. Ei-lo ali na beira do caminho com seu trator fedido, esse de autoignição, que não puxa nada, nem ele mesmo, o camponês ou trabalhador. Ei-lo ali já de volta, nosso trabalhador, pode entrar, você é bem-vindo entre nós! Mas ele permanece e tudo para ele permanece indiferente, e ele não vai para lugar nenhum, talvez ainda para Caorle, é o que me dizem, também vai para as Maldivas, até para as Seicheles, mas nisso já não consigo acreditar, já nem sei onde elas são, logo todos saberão, mas isso é tudo, as viagens distantes virão mais tarde, tarde demais para nós, quem sabe então a gente levante voo uma vez na vida, como se fôssemos uma pilha de cartas embaralhadas para um jogo, mas com certeza não na nossa década mais, na qual infelizmente temos que morrer. De algum modo é bem prático que haja o sindicato, pois todos lá são exatamente como um, e é esse um que é, como Deus, aquele que ele é, e some-se a isso um montão de humanismo, acho que vou vomitar. Não vão pedir para ele voltar para seu posto de trabalho mais uma vez, simsim, exatamente, para esse posto de trabalho, esse é como aquele e aquele outro lá também, são como todos, e também são todos, mais do que eles são não existe. Mesmo assim sempre volta por conta própria, esse homem de ação, do reboque, e a mulher do soldado, não, da solda, ela também, por mim. Pode vir. Mas não compreende, também já prevejo que não vão querer nem precisar dele, do trabalhador. Pois nenhum trabalhador é necessário lá onde já está, mas em outro lugar, onde não está. Ei-lo ali então, com suas chagas, que ele mostra, só que essa chaga, muito diferente das chagas de Jesus, lá naquele homem pelado, nãonão, a chaga é mais lateral, ninguém quer ver, pois nenhuma chaga jamais impressiona ou interessa ninguém, pelo menos as chagas do nosso worker, desse universal worker, que ninguém quer, pode e nem deve ver, pois senão ele não quer de jeito nenhum um band-aid aí, onde estamos então, não estamos no hospital. A economia não é nenhuma casa de repouso! Quero dizer o seguinte: O que todo mundo poderia ver ninguém quer ver, preferimos dirigir para longe e ver exatamente o mesmo, só que em outro lugar, pois lá nos parece como novo, e de todo modo só por pouco tempo. Exige-se demais dos aprendizes, só não sei por que, se não sabem fazer nada, se de todo modo para cada coisa só se precisa de um trabalhador, que recebe uma formação bem abrangente na máquina, esse trabalhador universal da Unilever ou qualquer outro conglomerado, Gillette, Procter & Gamble? Não faço ideia, como sempre, um universalista, bom e querido, que apesar disso não produz nada mais que a própria dissolução, sem se tornar internacionalista. Passo a passo é devagar demais para ele, mas também não consegue mais rápido.

Ele nos pergunta, caso tivesse a oportunidade e a vontade para isso, que não tem, em qual mundo vivemos, realmente, sim, nos perguntaria algo assim antes de nos bater, ao invés de nos perguntar pelo próprio destino, que só nós conhecemos e podemos interpretar para ele. Mas ele simplesmente acha que temos concepções totalmente irreais, isso não teria mais nada a ver com a realidade brutal do trabalho. Então respondemos com ameaças, na nossa cela minúscula não encontramos mais nada, trata-se de decisões irreversíveis da parte dos prisioneiros, trata-se de horas, no máximo dias, e trata-se de nós! Em alguns dias no máximo ficareis sabendo o que terá sido de nós, nossos nervos agora já estão à flor da pele, na verdade já faz tempo, estamos quase morrendo de fome, e isso por livre e espontânea vontade. O que o trabalhador diz disso? Como sempre, não diz nada. Só uma coisa ele sabe com certeza: simplesmente tudo, menos qualquer ação. Eu pelo contrário a quero, a ação, não, na verdade o certo é: Fora ela não quero absolutamente nada. Pois não me abandono mais à mera historicidade, que me sorri, e ao seu curso imperioso, agora isso acabou. Logo estarei morto, então posso dizer isso, para tranquilizá-lo sobre minhas próprias pretensões. Já desse um universalista, generalista, graças a Deus que é só um, a revolução exige demais! Como exige demais de todos. Não conhecemos nenhum outro modo de lidar com a história além do burguês. No que isso deu já sabemos faz tempo: Nenhum milagre. Apenas a realidade. Afinal seus camaradas da liga condicionam sua situação ao seu conforto e seu balanço do medo das consequências! Então são eles, os sindicatos, os autodeclarados escravos, eles nem se declaram senhores, de sujeitos autônomos nunca ouviram falar, por isso tudo o que empreendem só pode, já que não são empreendedores, ser inútil. Você sempre aterrissa, logicamente, clara e simplesmente, entre as condições gerais, e você as descreveu aqui, só falta assinar na linha. Cada linha desse código de barras significa que no íntimo do trabalhador só mora a paz interior em relação ao carro de classe média e à casinha, e é na paz que conseguiu para si com seus cotovelos feridos que ele quer seguir trabalhando. Embora o trabalho todo mais cedo ou mais tarde se esgota, aí simplesmente não tem mais nenhum, desapareceu. Mas ele segue labutando todo dia, o trabalhador, e no fim de semana na sua própria toca, que além do mais só tem uma saída, como a nossa cela, e a saída significa a morte, e uma vez por dia ele tem lá uma saída como nós e logo vem até nós, nisso ele tem razão. Nosso íntimo, a saber, ele se chama violência, violência e morte formam uma unidade. E todo trabalhador tem uma consciência muito mais afiada da violência do que a nossa, decididamente, só que não sabe disso, ele a recebe de presente, cultivada da sua autodeclarada falta de consciência, o pobre sujeito, o mais tardar quando uma viga de ferro cai na sua cabeça. Por esse motivo também não queremos ser trabalhadores mais, pois logo não mais existiríamos, não, queremos ser mais e também ser como eles, mais ou menos, só trabalhadores de fato é que não queremos ser! Eles devem nos ouvir, mas ser como eles, isso não queremos jamais! Queremos ser afiados e endurecidos e bem apertados como as porcas nas rodas, duros como o aço da Krupp, isso nos soa familiar de algum modo. Ver fábricas Krupp, hoje Thyssen, Mannesmann e AEG, é a própria dureza, mas até a dureza, toda dureza não vai existir mais por muito tempo, mas só a dureza nos resta, pois é, a dureza fica, o capitalismo devora os próprios filhos, como a revolução também faria se apenas tivesse a oportunidade, mas nunca consegue, olha como todos se devoram mutuamente e nem perguntam como se chamam, alguém os chamará de gafanhotos ou de algum outro nome ou alguma outra pessoa, tanto faz também, eles devoram tudo, tudo eles devoram depois de terem devorado todo o resto também! Mais do que tudo não existe. E então, no fim, eles mesmos estão no prato, hmmmm que delícia! Espera, onde eu estava mesmo, eu me esqueço tão fácil? Sim, verdade: O problema secundário é quem ele pode e também quer foder, também isso o trabalhador tem que resolver, diga-se de passagem. O corajoso pai do trabalho, o empregador, que lhe dá todo o trabalho, é o primeiro que lhe bate, aí a sociedade como um todo se debate, entre nós o proletariado aburguesado, para escapar, e exclusivamente às custas do Terceiro Mundo, um preço que não queremos pagar, não, não pagamos nada, deixamos que paguem outros, que não impediram Auschwitz, quê? Eles não pagam? Querem dizer que nós devemos pagar, porque nós é que causamos o dano? Mas qual dano afinal? A quem devemos

pagar pelo quê? A esse construtor de trabalhadores da raça humana, que põe um ponto final na impotência econômica e imediatamente cai ele mesmo na impotência, pois ficou tão assustado, nunca chega o ponto final! Ainda tem mais um morto aí! Engraçado, hoje só vejo mortos quando fecho os olhos, logo estarão fechados para sempre, os estúpidos olhos, estúpidos óleos da minha alma! Agora já não consigo mais diferenciar os mortos, socorro!, tenho medo, para os mortos tanto faz do que eles morrem, isso não deve acontecer, temos sempre que lhes martelar de novo, quando esquecem, que é como sujeitos e não como predicados, digo, como vítimas, que devem morrer, assim por exemplo, me ocorreu agora, eu ouço, como se ainda fosse ontem, claramente, essa demanda de mostrar o que ele carrega sob a jaqueta, nisso nosso homem abriu a jaqueta bem aberta como o anjo abre as asas e apontou a pistola direto para o policial, fez pontaria, não, não fez porcaria, isso foi só depois, primeiro rolou um tiroteio louco, cego, durante o qual o chefe de polícia Sippel foi alvejado na cabeça, com esse ferimento grave na cabeça logo caiu no chão e lá morreu logo. Com que arma esse tiro foi desferido, depois, na investigação, não foi mais possível determinar, as pessoas sempre fogem do local do crime depois da troca de tiros ao invés de esperar, bem, eu também não fico lá! Nessa fuga roubam veículos com os quais então escapam sem serem reconhecidos. Melhor um morto a mais do que um a menos. Afinal há pessoas demais, e a maioria é de traidores, só alguns poucos pertencem a nós, mas não demonstram, e então o processo no tribunal, diferente de muitos outros, transcorre sem os acusados, que, se colocam, como por hábito, e não sem culpa, bem entendido, num estado, como dizem, que exclui a capacidade de negociação, conscientemente, e assim propositalmente bloqueiam e impedem a realização de um, de qualquer, de todo julgamento. Não entendo nem uma palavra disso. Como vai continuar? Pois quem jamais viu uma coisa dessas! Simplesmente jaz lá, o morto. E mais para lá já tem mais um. Aí também jazemos em algum ponto do nosso caminho, e esse caminho foi liberado sob balas, mas não nos adiantou nada, o Estado, a pista de dança liberada junto com a música insinuante, foi mais forte, nossos pés o pisotearam por anos, ele grita, mas nada acontece, o Estado vai ficar para sempre, e dentro de muitos anos ainda será chamado de Estado. Acreditais que somos idiotas, que já não batemos bem faz tempo? Agora temos essa vista para as maravilhosas montanhas à distância, não, não temos, está gradeada e pregada e bloqueada, como nós mesmos estamos, a distância e a vista. E assim jazemos aí, pasmos de respeito. A Espanha quer se armar contra nós? A Itália? Grécia? A Toscana? A Argentina? A Palestina? Gaza, a Cisjordânia? Tanto faz de que montanha, de que vale, de que deserto vai se tratar, já somos estrangeiros em nossa própria pátria, e o Andreas, nosso Hans, ele com certeza é o cume de qualquer montanha, sim, é o cume, seja na pátria ou no estrangeiro, seja a pátria agora estrangeira ou esse estrangeiro há muito repatriado na Europa. Onde quer que esteja ele pode tranquilamente, ele tem que ficar perto de mim, de sua mãe, daqui não nos escapa mais, pois ao redor dele gira tudo, no fim também ao meu redor, o filho gira ao redor da mãe e a mãe ao redor do filho, já está disposto assim no universo. Uma metade da história está bem elucidada, agora podemos passar para a outra tranquilamente. Essa agora pelo menos é a nossa? Não tema, posso apenas dizer, infelizmente. Que a doença nos abateu no cárcere, poderíamos ter poupado ao país muito infortúnio, era só o acaso da natureza nos levar e conosco todos os pensamentos, então quem seriam nossos assassinos, se nós mesmos é que não fomos, isso vai dar muito o que ruminar por algum tempo, espero. Pois bem, não se pode impedir as pessoas de pensar o que quiserem. Só que pensar, tanto faz no quê, não é algo que gostem de fazer, senão já teriam sacado que o governo, e só ele, é responsável pelos cinco anos e meio de tortura, assassinato e isolamento, o julgamento midiático, o monitoramento eletrônico absolutamente total, dia e noite, e ainda a tortura via drogas, isolamento e também alimentação forçada, isso vocês têm que ver uma vez na vida, o que pode acontecer aí com as cobaias, onde eu estava, que todo esse ritual deplorável, para quebrar nossa vontade e também a consciência de modo geral em nossos crânios, responsável também pelo excesso da concepção desumana, o que eu queria dizer, o isolamento social e acústico perfeito em relação a todas as massas que clamavam por nós, por nós gritavam, balançavam as mãos, rugiam, bramiam, sim, escreviam também, por mim pode ser, que os

assédios e as torturas que deveriam acabar conosco, mas onde é que eu estava, já estou gaguejando, ah sim, tanto faz, agora só falo, falo falo, mas não lanço mais ameaças, as ameaças são feitas por outros, para nos libertar, mas não dá certo, pois só é possível libertar a si mesmo, temo dizer, mas é uma digressão, onde eu estava, a consequência das nossas ações significaria afinal para esse país a escalada forçada, escalada de não sei o quê, da petulância, agora o ar já acabou, sinto claramente, o que eu queria dizer, o para quê da República Federal da Alemanha, ela nunca será uma República, posso vos, olá, onde estais?!, assegurar sob juramento, ao invés de assegurá-la, para que nunca mais ninguém venha destruí-la, a República agora ainda não é e também não se tornará uma república alguma, o que eu ainda queria dizer, então, a Alemanha, mãe doente, uma mãe já é demais, temos duas delas, aqui por favor, duas porções de Alemanha, estamos sentados à beira da cama de hospital e seria melhor que fôssemos brincar lá fora, com toda certeza seria bem mais saudável para nós, duas porções de Alemanha, cortadas do grande pão do capitalismo e suas expressões nacionais, aqui são as duas pontas tortas, então, e adicionamos uma boa salsicha: Devo embalar para vocês, ou vão comer assim mesmo, não importa que tenha ficado muito grosso ou se vocês mesmos estão dentro?, sim, você, mãe, tem ainda mais medo dos seus filhos do que do pai, sim, mesmo o seu, exatamente, o pai que com mãos ossudas te empurrou para fora do entulho e dos escombros, antes de entrar lá ele mesmo, muitos filmes vão segui-lo até o futuro, e também muitos livros, artigos, panfletos, todos vão tratar disso, ele, o pai da Alemanha moderna, nosso herói de guerra, isso ele segue sendo para sempre, pois inventou sozinho uma forma completamente nova para a história e então se despejou e derrubou na forma, e eis aí o bolo, não, a salada não, o bolo, e eis que cortam um pedaço, pois esse líder de todo modo será ainda mais imortal do que nós, não é tão difícil, pois logo também estaremos mortos, isso conseguimos, o caminho para a história infelizmente já está bem pisado por gente demais, pois por lá marcha alguém que solta a história da coleira, mas com certeza não consegue mais virar as costas para nós. E a história também com certeza não tem nada a ver com a razão, é puro desaforo e como tal totalmente impossível, não pode existir, a finitude da razão coletiva resolve o problema da possibilidade, da qual outrora fizemos uso, agora o domínio da razão é que combate, que a liberdade seja necessária contra a servidão, a forma servil do espírito, como é que isso jamais poderá entrar em acordo? Por acaso prestamos algum tipo de serviço às pessoas, um serviço pelo qual o Senhor Entendimento se torna seu próprio serviçal, e assim apenas trai sem cessar a finitude? Não sei, pois o entendimento ao fazer opor seu serviço às pessoas, o que é que eu queria dizer com essa digressão, sim, verdade: Esquecemos que estamos a serviço, nos tornamos nós mesmos líderes, talvez seja mesmo imperdoável. De todo modo, é isso que eu queria dizer, justo nessa profunda finitude, nessa rasa infinitude, nessa improfunda finitude daquilo que chamamos simplesmente de razão, deixemos simplesmente assim, de todo modo já faz tempo que vocês não estão ouvindo, nessa finitude o pensamento faz com grande esforço seu sentido, ele puxa o arado da razão crítica, com isso trai a própria finitude e anuncia a mais originária necessidade humana, que sua essência, não, acho que não é a essência humana, mas essa essência esquemática da razão, eu mesmo não compreendo, pois essa essência, tanto faz qual essência, qualquer essência, enfim, no fim das contas tem um fim, é finita, e por isso terrivelmente carente. Com regras é possível se aproximar de qualquer essência, e também há essências de que não se deveria aproximar, ver jaula, predador, serpente da razão. Todos são carentes, não é preciso distinguir. Nós também somos. Carentes. Agora quietos! Já sacamos. O líder tomou toda a Alemanha, e ainda por cima debaixo dos nossos olhos, não, o pedaço, a trave não fura nosso olho, mas o vosso, bem que gostaríamos de um pedaço do resto, um pedacinho de bolo por favor, feito em casa, cortado fresquinho do país, seria um prazer, pois nunca pode ser um prazer, não importa o quanto o Bernward defenda seu maldito pai-nazista-poeta, e os filmes podem o quanto quiserem, uma vez rodados, girar em torno desse líder, desse Führer, e de seus homens, o que eu quinda queria dizer, então, o terrorismo, essa palavra, a nova, esse assim-chamado terrorismo, sempre dissemos só terror, o terrorismo, ele significa a premissa da decisão, que o que quer que o governo possa decidir sem perguntar ao povo, pois o que se

pergunta ao povo nas eleições é ridículo, o que eu queria dizer, enfim, o terrorismo, isso significa que o que quer que esse governo patético queira decidir a respeito de nós e de outros, para nós não tem sentido, não tem significado algum, e se tiver, então para nós é como se não tivesse, para nós isso tudo não vale nada, isso que o governo diz, o que eu mesmo ainda queria dizer, sim, era isso: Esse governo concorda por princípio com toda opinião dos governados, a qual ele mesmo produziu no fim das contas, a opinião, e sempre concorda com os satisfeitos, todos os outros, esses muitos insatisfeitos, que só se tomam por satisfeitos e se dão por satisfeitos, serão sempre vencidos pela inveja, perseguidos pelos mais satisfeitos, mas essa espada de juiz, da qual já falei muitas vezes, só que com outras palavras, essa espada com a qual agora o homem ainda se adorna – a mulher já se adorna ela mesma, consigo mesma – para o homem comum é odiosa em mãos de mulher, mas não para nós, aqui a mulher empunha a espada da palavra, e dela não é feita nenhuma relha, mas nunca! Ela fala e fala e fala, sim, eu falo, o que era mesmo que eu queria dizer esse tempo todo, simplesmente parem de gritar, vou continuar, tanto faz o que vocês berrem ou joguem em mim! E com prazer se dá passe livre à lei, pois as massas, que por ora erram, e de fato sempre contra nós, conosco também teriam errado, mas pelo menos aí seria em interesse próprio, o que é que eu ainda queria dizer, toda semana um de nós vai se matar, então. Ainda há outros caminhos da razão, mas esses não trilhamos. Mais sobre isso talvez depois, quando for a hora da partida, pois não trilhamos todos esses outros caminhos. Ei-lo já aí, senhor advogado, pode entrar, o que fez nesse meio-tempo, seu porco, como assim você não é pontual, o controle de visitas não pode ter demorado tanto assim. Não devem ter gostado que a sua calça, querido Arndt, tenha essa saliência peculiar na região genital, não, ninguém jamais teria pensado isso de você, haha, e então você crê que esse Matusalém, o funcionário da prisão que atende pelo nome de Götz, pensou que você, meu querido advogado, poderia ter um órgão sexual particularmente avantajado ou estaria vestindo uma cueca particularmente apertada que marca tanto assim a genitália, mas que imbecil aquele lá, ela teria que estar realmente bem espremida e não inchada com todos os documentos onde nossas próximas operações, por exemplo a “Margarina” ou “Big Money” ou também a “Big Fuga”, muito particularmente essa última, foram checados e arrumados em todas as tediosas disciplinas do pensamento? Foi assim que imaginamos para esses brigões do cartel, que formatam o Estado, que é ele mesmo um cartel, bem de acordo com suas concepções, de acordo com o arbítrio dessas brigadas do cartel, mas a concepção agora vem de nós. Já vem, e aí já vai, mas mesmo assim ela vem, e não muda a Alemanha, já sei desde já, e o que não sei posso prever pelas nossas instalações, onde nunca mais podemos nos despejar, no verde claro, nas cores todas, agora todas as lindas instalações estão perdidas para nós para sempre, proibidas para nós para sempre, e o que ganhamos com isso? Por agora não podermos nunca mais pôr os pés na terra? Pois quem quer ser responsável pelo fato de nós, os filhos da Alemanha, estarmos mortos como os mortos das guerras, que também foram projetadas pela Alemanha, enquanto nós só rabiscamos uns bilhetinhos que nem se tornaram projetos, não poderíamos escrever tanto assim, no máximo se farão projetos daquilo que sobrará de nós quando tivermos acabado convosco? Ah, tanto faz, não sei. Também como poderia saber, se muito antes já acabastes conosco!

3ª parte

e: ação!

GUDRUN:
Quem foi então que nos anunciou uma mulher prostrada? Uma ainda e sempre orgulhosa é o que encontramos, de modo algum abatida ou amansada pelo infortúnio! Bem que gostaríamos de ter sido mais eficientes naquele tempo, mas não conseguimos, isso a Anna sabe muito bem. Somos culpados por muita coisa, também a nós mesmos ficamos devendo muita coisa, sou mesmo a primeira a admitir, mas atacamos, e disso tenho orgulho, o Quartel General da CIA e também o Quartel General do 5º Batalhão Americano, e também o Quartel General Americano em Heidelberg, e daí, não tinha outro lá. À medida que já desde 1970 estávamos bem organizados e também já lutávamos no grupo, participávamos do processo de concepção e da política e da estrutura,

não consigo compreender por que éramos responsáveis pelas ações do comando, só por uma não fomos, e digo explicitamente: O ataque contra aquele grande jornal, cujo nome não preciso pronunciar, pois todos o conhecem, bem como ao prédio correspondente, desse ataque nunca soubemos nada, não fomos nós, nós nos distanciamos explicitamente, daquela vez não fomos nós, já naquele tempo foi uma concepção com que não concordávamos e cuja realização em todos os seus detalhes só podemos repudiar. E também nunca escrevi a carta de confissão, foi aquela outra, que desde então rejeitamos, foi você, Ulrike, e todos sabemos que foi você. Deu merda. Só uma vaca estúpida como você pode combater uma adversária num jornal. Esse jornal, e também outros – eles estão aí para serem usados! Por exemplo esse artigo no Die Welt, está ligada? Se o presídio de Stammheim é um idílio – a Ulrike só pode ser o quê, só o quê? Uma vítima, claro: uma vítima!, louca, com defeito – sua linha, Ulrike, desde que não sei quando, mas já faz semanas que do seu lado só vêm ataques contra nós, ataques férreos e incessantes contra nós! Da sua parte tudo é contra nós nesse último dos combates. No lindo jornal – lá todos poderíamos publicar facilmente, todos teríamos lugar, se tudo não girasse sempre em torno só de você! Nunca pensou nisso? Como assim só de você? Como assim só a sua opinião, como imaginam essa opinião de uma terrorista, e de alguém eles têm que obtê-la, e é de você! E aí posar para as câmeras como pobre vítima dos porcos! Porca vitimista! Não concordamos, sempre fomos contra isso ocorrer como correu. Eu me distancio explicitamente desse atentado estúpido que atingiu esse jornal, nem se pode chamar isso de atentado, foi puro caos, transeuntes demais por perto, que não faziam ideia de nada, com esse atentado eu e o grupo não temos nada a ver, você sabe, irmã ou o que quer que agora seja ou apenas pense ser, mas não pode pensar, creio, não quer mais ser minha irmã, pelo que expressa, ou não. Agora está muda, não oferece declarações, logo estará morta, para nós é completamente irrelevante se hoje ainda está viva ou já está morta. Você não comparece ao tribunal nesse dia em que me distancio explicitamente do que você fez em relação àquele jornal, e por isso se enforca? Deve haver outros motivos. Ah, por mim, pode ficar à vontade e se enforcar! Nesse ínterim até sua morte você não serve mais para nada, não nos rende mais nada. Então dou a ordem: Fecha esse bico e fica no buraco e enfia esse teu cérebro no cu e aí vai se enforcar nas toalhas listradas rasgadas, pois não tem mais nada a oferecer. Ou faz logo qualquer outra coisa de que ainda for capaz, não é muito, você não serve para mais nada, o espinho na carne que é nossa e que somos nós é: você. E olha, seu cadáver já pende lá, como foi rápido, por acaso você mesma se pendurou? Que ótimo, talvez na morte ele pelo menos ainda nos seja útil, quem sabe.

ULRIKE:
Então a mais essa quero me curvar, irmã, mesmo que me seja bem pesado, orgulho, longe de mim, fora isso já não tenho mais carro, nem apartamento, nem filhos e nem casa, então por mim você também pode ir embora, querido orgulho, e minha alma também vai, algum dia, e vai ser logo, partir em um pequeno barco a vela por sobre todas as águas engarrafadas, agitadas, gramados e cocôs de cachorro, dando a volta nas flores da nossa cidade, águas que outrora eu amava, quando ainda me sentia parte dela, não da água, mas do iate-clube, ou era outra coisa? Ou nunca fiz parte? Devo esquecer e ter esquecido onde estava e quem sou, não consigo imaginar outra possibilidade. Quero me jogar aos seus pés, irmã, sim, faço isso já, para mim não importa mais, o chão sob meus pés já perdi faz tempo, não sei onde estou me jogando, e seu Baby também não está aí, o querido Hans, quando despenco no chão, aí me deixo cair mais cedo ou mais tarde na forca caseira, até que as lágrimas cessem e nenhuma vista, nem mesmo a vista bela e livre para o nada, me consola. Quando te disse daquela vez que tínhamos que ser mais cuidadosos e precisávamos de mais medidas de segurança e não podíamos seguir rumando sem sentido de uma cidade para a outra, ainda mais desconhecida, começando ações sem estarmos familiarizados com o lugar, com toda certeza eu tinha razão, mas não me escutastes, quisestes sempre seguir adiante, mas nunca vistes para onde. Esse correr sem plano para lá para cá para lá, daqui para lá e de volta e de novo, toda essa correria, se aqui não rolar, nem lá, então simplesmente vamos depressa para outra cidade e lá fazemos algo, o que quer que seja, simplesmente nunca se parava para pensar por que não rolou, e

nada tem sentido nem lógica, é agir por agir, disso nunca saiu nada. Mas compreendo que no grupo ninguém quisesse me ouvir, agora retrospectivamente compreendo perfeitamente. Não precisáveis mais de mim, e não preciso de vós, estamos aqui nos nossos poleiros, uma igual à outra, e cacarejamos para os ovos não chocados que outros já nos levaram faz tempo pelas costas, substituídos por papel-machê, farrapos de papel colado que não se pode mais ler, é tão inútil, tudo inútil. Agora sofri tanto tempo, e minha paga é não pertencer mais a vocês, eis a conclusão! Oh, sinto muito, pois agora não sou mais absolutamente nada, o grupo me fecha para fora de todas as maneiras que sequer posso imaginar. É a parte que me cabe. Vós me lançais abismo abaixo, antes mesmo que eu mesma pudesse saltar, não me deixais escolha. Faz sentido, infelizmente não pude mais acabar o jornal para vocês, mas só porque sempre acabastes comigo antes, nenhum outro motivo, por que não podeis sequer ter misericórdia de mim, se abdiquei de tanto por vós, ou não é? Quem na verdade decidiu isso tudo por você, irmã, uma audiência decente e um julgamento justo, isso não pode ter sido, eu saberia! Perguntastes aos outros membros antes de me desprezar? Não, não o fizestes. Coroada com tua vitória está agora tua cabeça, fica bem em você, quase melhor que teu próprio cabelo que cochila debaixo da peruca, liso como um linguado. Rogo a uma divindade ou também ao diabo, que te elevou, você e o Hans, rezo a quem quer que seja, irmã, que te colocou acima de mim, e ainda por cima tão alto, e beijo a terra sob teus pés, se você sequer tiver interesse numa coisa dessas, sim, por mim posso fazer isso. Por favor sê generosa, irmã, talvez até mesmo grandiosa, como devo chamar o que anseio de ti, por favor por favor! Sim, suplico, deixo-me cair tão fundo e ainda mais fundo, é um prazer poder aprofundar algo, mesmo que seja a si mesmo! Nãonão, ainda não salto, quero saborear isso, tento novamente, uma última vez: Coroada com a vitória está agora tua cabeça e por favor não me deixe jazer aqui humilhada, tua mão, estenda-a e estenda para mim teus direitos monárquicos, Gudrun, sim, eu também tenho direitos, mas você tem mais deles, quer dizer, você tem todos os direitos e eu não tenho nenhum, só umzinho que te adianto como imposto e nunca mais vou ter de volta, para mim já está claro. Compreendo, fracassei, admito, me dá tua mão para no último instante me salvar da profunda queda nessa corda, ela jaz frouxa em torno do meu pescoço e quase que já me esmaga, até que meu olho, até então tão cego, me afogue sob a visão de toda a injustiça desse mundo. Para mim a desavença entre nós já é como morrer em vida, pois não quisestes que eu ainda pertencesse a vós, e assim me perdi no nada, me perdi em mim mesma ou também nos outros, tudo isso é o mesmo aqui nesta cela, que sou eu mesma, exatamente como você na sua.

GUDRUN:
Você fica no teu lugar, que você mesma escolheu, e que fica fora de nós, Ulrike, é definitivo! Agradeço ao grupo, e o grupo sou eu com meu Baby, que não quis que eu agora estivesse no seu lugar aos meus pés choramingando porque mais uma vez não dei conta do recado. No fim das contas só significou: ou você ou eu e Hans, está bem claro como algo assim acaba. Pois a tua coisa, antes de acabar, inclusive de acabar vazando para a imprensa, passa uma impressão óptica incrivelmente dilapidada, vou me corrigir e dizer as coisas como são: estragada, eu datilografo novamente antes de deixar sair, sim, outra vez e deixo essa firula, que se contrai como o músculo que dá o pulso desse texto, saltitando por aí com nosso próprio pulso generosamente, então deixo essa firula de fora, teu sangue estanco, pois essa expressão é completamente ambígua. Só eu sozinha determino isso, pois só eu tenho a perspectiva da totalidade, que por ora consiste em dois bons e fiéis pares de meias, pois um não me basta, de vez em quando há que se trocar, e têm que ser quentes, tenho que insistir nisso nesse chão frio aqui da cela em que consiste meu espaço vital, você não se importa, minha irmã, ou não troca mais as roupas de baixo? Se te encontram assim vai se envergonhar, se ainda pudesse, posso perfeitamente me pôr no teu lugar, pois o elástico das minhas meias é igual a nada, elas não aguentam, não aguentam, e o que aguentam não sou eu. Por isso risco também duas ou três dessas palavras vazias, frouxas como as meias, longas demais para sua função, luxuosas demais em seu caráter, não são necessárias, fora com elas, por exemplo a palavra “simplesmente”, de que simplesmente não precisamos, pois a coisa é como é, muito simplesmente, veja só! Esses expletivos

também podem ser meios, também argamassa, só é preciso dominá-los como às pessoas que infelizmente nunca têm autodomínio. Veja: As palavras são mais difíceis de dominar do que a própria vida, totalmente esvaziada de pessoas, uma vez que saíram, essas palavras, nenhum comerciante as aceita de volta, elas simplesmente têm que comunicar com precisão, o que as pessoas não conseguem, elas são efêmeras e frágeis, nada mais que um monte de lixo, quem haveria de saber melhor do que nós duas, irmã. Pois então não acabo de escrever eu mesma a palavra "simplesmente" aqui, então simplesmente a risco fora novamente, veja, isso se chama democracia, pressuposto que você tenha um diploma em Letras e saiba o que está fazendo e esteja sozinha para não ter que perguntar a ninguém.

ULRIKE:
Graças à renovação de tudo que há de humano, já vivem alguns que um dia hão de vingar a arrogância que você mostra! Isso me é permitido te dizer. Agora você deveria aprender a temer essas mãos terríveis manchadas de sangue, como nós também as temos, tais mãos, veja!, mas só eu, a Ulrike, não posso mais fazer tua vontade direito, pois é evidente que não acredito mais direito nas nossas coisas. Agora não acredito em mais nada, as muitas gotas de sangue que agora estão misturadas na nossa panela, que enchemos com elas, não enrubecem mais as faces de ninguém, a única coisa que ainda pode fazer isso é a barrinha de cereais e os ursinhos de goma no rosto exemplar de uma loirinha e mais outros doces que são como ela e ele ou algo parecido, ursinhos de goma com o rosto de Hans e Grete, não seria algo? Eu talvez ficasse lisonjeada. Mas não podem fazer, pois o sangue gruda em nós, e esse sangue até escorreu de nós lento demais, éramos apenas aquele único grupinho, pequeno demais, o influxo nem pingava, até que secou completamente, nem pingava tanto quanto o sangue nas ruas aos fins de semana, gruda em tudo, o sangue, e ainda brilha sob a luz dos faróis antes de estancar. Eu também estanco, as armas são lentas demais, nosso sangue se foi, talvez esteja grudado nos livros, não corre mais, não no nosso tempo de vida, e para seguir adiante precisaríamos de uma tempestade de sangue, pelo menos um aguaceiro purificador, em massa, o que eu ainda queria dizer, irmã. Então estou aqui jogada aos seus pés, pois aqui você tem a maioria, você tem seu Hans, e eu não tenho nada nem ninguém. Ainda tento me honrar em você, eternizar seria dizer demais, tento me pensar dentro de você, para que pelo menos essa uma mulher, que outrora foi minha irmã e a partir de hoje não quer mais ser, me faça as honras. Por que você é tão cruel e brutal comigo, se não te fiz nada? Ainda vai me esfregar na cara as minhas dúvidas, são a única coisa que eu mesma me esfrego na cara, para conseguir me mover, são como a cenoura diante do burro, sigo sempre correndo atrás dela como um animal estúpido, não admira que vocês também me tratem como tal. Eu corro, embora já com um afinco que desaparece como a luz que vejo através do meu próprio laço. Não conspurque o sangue que nós mesmas vertemos por tanto tempo, sim, outros também, mas em nosso nome! E não se esqueça, depois de nós já vêm outros que esperam ser úteis! Ou não tem mais ninguém aí? Se agora você me trata de maneira tão incrivelmente má, conspurca assim nossos próprios atos, que são a última coisa que ainda nos resta, ah, Deus do céu ou quem quer que seja! Não fique aí tão dura e inacessível, você é minha irmã, não fique aí como um rochedo que se ergue e se impõe diante de seus iguais e naturalmente diante de todos os cidadãos em suas próprias lixeiras, agarrando-se no nada. Você acreditou que o povo, esse grande malcriado, quer que não haja mais lei, quer dizer que o povo seria deixado só consigo mesmo, pobre povo virtuoso – é o que são todos menos nós –, eu caio e morro de rir, como ainda dizia o poeta, povo, você não faz mais que a obrigação, isto é, sacrifica seus inimigos, que somos nós, pois é, a senha que antes tiramos desse caixa automático, antes de nos colocar na sala de espera da história, a senha agora é chamada, aparece por escrito lá na frente, nítida e luminosa, sim, veja só, logo já mudou, essa senha, já é a nossa vez? Eu me pergunto, pois a porta já se abre, o que é que ele gostaria de fazer conosco, esse povo? Se o deixarem, ele sobe, tenho certeza, sob relâmpagos, trovões, tempestade e fumaça e bombas, por conta própria, e aí gostaria de permanecer ele mesmo, ileso, para um tal povo é melhor que seja a vez dos outros, a não ser que se trate desse ou daquele subsídio de Bruxelas, mas ainda não chegamos nisso, isso já é um outro momento. Ele nos encarrega disso tudo, o povo: A lei, que sequer tem validade, lavrada em pedra e

em papel, a lei que nunca valerá, de presunto e queijo, sim, por mim também a lei que nunca entrou em vigor, de leite e pão e bolo e ofertas especiais: Carne que é esfregada muitas vezes, cuja data de validade, desde que o bezerro, o porco, a galinha foram mortos, já foi modificada tantas vezes que esse pobre animal nem poderia mais se lembrar do dia do seu nascimento, caso ainda vivesse e tivesse memória, bem, comemos tudo, as pessoas comeriam os próprios filhos se estivessem morrendo de fome, caso tenham filhos, se não têm, azar o delas. Diga, ainda lembra por que é que começamos a ajudar o Terceiro Mundo e assim também a nós mesmos no nosso próprio mundo? Sequer ainda se lembra, afinal faz tanto tempo? Afinal não basta dizer que em nome da lei não há de haver mais lei nenhuma, pois isso já seria uma lei, de algo assim mais cedo ou mais tarde saem novos preceitos, contra os quais então temos que nos bater outra vez, eu por sorte não, pois já estou morta. Sou pedra que se tornou carne, não seria algo para uma nova religião, eu bem que poderia ser seu Jesus, ou não é? Afinal ambas viemos do convento, não do mesmo, mas ambas, ou já esqueceu? Não fique aí como essa rocha que outrora foi carne e nunca mais será carne, essa que o náufrago, sim, eu, luta para alcançar, em vão. Você está me empurrando para longe, não pode ser?! Tudo meu pende, depende disso, minha vida, minha vocação, as minhas palavras que escrevi aqui tão lindamente, mas você não as suportava, você ainda me tira minha palavra, com a qual me dirijo aos camaradas, mas já de novo soube mais, você viu muito bem, deve ter visão de raio-X, irmã, para ver isso na sua posição. O que houve conosco? A força das minhas lágrimas não pode mais tocar teu coração, quer dizer, o coração do grupo, já pressenti faz tempo. Quando me olhais com o olhar glacial que tanto treinastes, mesmo que não comigo, mas sim, agora também comigo, fecha-se a mim o coração com um arrepio, a corrente das lágrimas seca, e o horror gelado amarra as minhas palavras no peito. E se as deixo sair, as duras, escuras, penosas palavras, cada uma um trabalho gigante, elas não chegam direito até vós, e vós as mutilais ainda mais, sendo que penei tanto escrevendo, e a escrita é a única coisa que ainda tenho, a escrita e o grupo, e ambos me escapam das mãos, imediatamente e tenho que me curvar para pegá-los. Não, não é possível pegar nada quando se anda no escuro. Só de vez em quando ainda tenho saudade dos meus filhos, mas tais acessos de fraqueza são atacados por você especialmente, rainha. Sua buceta burguesa, você diz o tempo todo, não ouço nada com mais frequência que essa palavra, que causa bolhas e arranca uma espuma purulenta da minha xana, que se encontra nas dobras dessa calça. Uma pequena mancha amarela. O que mais me resta fazer? Nada. Pois não há absolutamente mais nada aí.

GUDRUN:
É isso o que você tem para me dizer? Não é muito, você mesma tem que admitir. Você quer me falar, mas aí quando me vê, só fica tagarelando sem parar, mas não diz nada, nem mesmo o consolo da minha visão te traz algo. O impulso de grandiosidade por princípio não sigo, você bem que devia saber depois dos anos que passamos juntas! Infelizmente tenho que te expor à justa reprimenda, também faz parte da disciplina de grupo, só que você sequer entende esse termo, e no entanto faz parte que eu e Hans, nós dois possamos repreender, e mais ninguém, agora é assim, senão só sai merda. O povo, a cujos melhores amigos do mundo todo nos alçamos, não nos quer, não nos entende, quiçá tem amigos melhores, por tanto tempo o persuadiram disso, pois ainda não chegou até aí, aí até você sacou, mas se mata na sua fúria, para quê? Só porque não te queremos no nosso grupo ou o quê? Imaginação sua! Se antes até você mesma disse que o povo não precisa de liderança na revolução, ele mesmo sabe o que tem que fazer, você não tem a força para se impor a ele, então deixe conosco, por gentileza, vamos conduzir tua mão como as mãos desse povo, mas no fundo isso não nos interessa mais, pois nossas mãos a partir de agora se fecharam por conta própria, e não só para você, as mãos desse povo, em compensação, são inescapáveis, com toda certeza, o que são as nossas em comparação? Nos pegaram, nos apanharam, o povo nos quer, mas nos quer amarrados e de preferência mortos e bem-passados, postos em exibição na vitrine de um supermercado. Veja você mesma, irmã, digo pela última vez que esse povo prefere nos ver mortos do que os inimigos que ele de fato tem, o povo ainda vai se dar conta, mas para nós será tarde demais. Nenhum de nossos irmãos, nenhuma de nossas irmãs abrirá os braços para nos acolher, também

não vamos instaurar um tribunal interno, afinal nem tem mais ninguém aí que ainda pudéssemos matar, lá fora os camaradas ainda vão tentar, por duas breves gerações, que vão ficando cada vez mais breves, aí mais cedo ou mais tarde se dissipam, eu profetizo, é um breve instante e nem isso para a humanidade, mas para nós já deu, esse assunto, só você ainda está aí, também não bate bem mais, matemos você logo, antes que possa fazer o mesmo conosco, é o que se chama um tribunal de sangue para todos nossos inimigos, com toda certeza nós mesmos somos nossos piores inimigos, é o que já vejo em você. Quem quer que assassinemos, uma coisa é certa: Temos que descer do pedestal da nossa humanidade, você simplesmente ainda não sacou que não somos humanos, absolutamente, somos muito mais, queremos redimir a humanidade no futuro, hoje ainda não dá, desculpem!, eu digo: infelizmente, e poderíamos também, se você não ficasse sempre, como já te disse, enfiando os malditos expletivos no meio como gesso ou palha ou pedra, onde quer que se abra um espaço na argumentação, lá vai você se enfiando no buraco como um OB. Quem é que haveria de amolecer com isso, não, eu queria dizer: endurecer, pois na verdade é esse o alvo almejado. Se você fala de ódio, e ô se fala, mesmo que nunca use a palavra, então posso te dizer que pressinto: Sim, você nos odeia! Antes nos teve, nos usou, agora de repente nos odeia, não sei por quê, e também estou me lixando, também para nossa parcela de culpa nisso estou me lixando, isso se tivéssemos alguma, pois nós somos o grupo, nós nós nós! E você não é nada, absolutamente, sem o grupo é um zero, um nada, até você sabe disso. Para o ódio que sente contra nós há todo um saco de sinais, você não pode negar, não consiste tão simplesmente apenas em passividade casualmente demonstrada, num se afastar, na sua gramática falada ou escrita absolutamente escangalhada, agora só vejo aí o conteúdo totalmente escangalhado, só destruição, mal-entendidos, que você sozinha produz e etecetera. O problema é que você e seus apoiadores, caso ainda tenha alguém aí além da porca terrivelmente desorientada que você é, se tornaram um verdadeiro fardo para nós. Agora quer o quê? Agora quer autocrítica? É sério? Não podemos, simplesmente, criticamos sempre os outros, é nosso objetivo e nossa tarefa, criticar os outros, e eles podem ficar contentes por não terem que se encarregar sozinhos desse setor da autocrítica, de criticar. Se nos criticássemos a nós mesmos o grupo todo ia desmoronar no instante exato, você precisa entender, pois no xadrez não temos nada senão a coesão interna, que você quer detonar, sua puta estúpida! Com isso que você chama pateticamente de autocrítica, não quero nada com isso, não, nem meu Hans, e só eu posso falar por ele, e nós dois não queremos isso, pois obviamente enxergamos através de você, vemos suas intenções, e que tivéssemos que nos criticar, por favor não acredite nisso, não faria o menor sentido! Sois vós, especialmente tu, Maria, que gostaríeis de acabar conosco, mas nunca conseguireis, somos mais fortes, com certeza ainda aguentamos um ano, pelo menos um, se não mais, só aí é que acaba, você acaba conosco, o que a justiça sozinha nunca conseguiu, ela já prepara os instrumentos da execução, mas são as instruções minhas e do Hans que você deve executar, exclusivamente. Tanto faz quem conduz teu julgamento, nós te conduzimos e já te condenamos à morte, perceba de uma vez por todas! Veja a marca negra na tua testa! Diz afinal, qual é? Do jeito que as coisas agora são não tenho mais nada a te dizer, mas nada mesmo, então cala a boca até ter transformado alguma coisa ou vai para o inferno ou para os últimos camaradas que ainda estão do teu lado, por mim pode ir de volta para o teu bofe, que você tinha antes, sim, por mim até para a vadia que você tinha antes, algum bofe qualquer ou para os filhos que são só uma mercadoria e mais nada, eles têm que parar com isso mas alguém precisa ajudá-los, todo o resto é merda assistencialista, vai para a puta que te pariu, irmã, já peguei a passagem para você, ela já não vale mais, assim como você de modo geral já está pega e não vale mais nada! Nem o grito de indignação você arrisca mais, sua conformada, sendo que viu o inimigo tanto quanto nós e ouviu seu barulho e cobriu seu barulho com outro maior, o nosso, os jornais gritam, mas não fomos nós que demos esse alarme ao povo, pois o povo só faz o que quer, ele quer vigiar a si mesmo, matar a si mesmo, também entregar a si mesmo ou pulular como vermes no próprio assado de domingo, que não puseram na boca, como quiser, o povo é o maior dos terroristas; mas a nós, que estudamos tudo por tanto tempo, ele não permite isso, então tem que se atingir com a própria arma, não consigo ver de

outro jeito. Pregamos muitas peças contra os parasitas, os exploradores das massas lentas e cansadas, agora nós mesmos estamos cansados, especialmente você, irmã, estou vendo, agora cada peça que pregamos atinge primeiro você. Então se proteja! Quer esquivar ou não quer? Não quer se render? Mas se já estava morta antes de nos ver, de ver meu Hans, pela primeira vez! Agora te digo, com cada olhar, com cada palavra que sai de mim, dentro ou fora, tudo está em jogo, o que não precisa mais ser descrito. Pois entre meu Hans e eu não passa nem uma folha de papel. Na tua garganta sempre ainda passa um laço. É seu erro fundamental, que você ainda descreva alguma coisa, não há nada a descrever, tudo é indescritível, enquanto as relações entre os homens não forem mais que mercadorias. Ninguém vê, ninguém acredita, todos acreditam amar ou não amar, tanto faz, o que se pode fazer com as mercadorias é jogar fora essa merda, lutar contra seu produtor, ou deixar como está. Ou também transformar, tudo dá na mesma. Não tenho mais nada a vos entregar, muito menos a você, irmã, não tenho mais nada, não, também nada a escrever, pois aquilo que está escrito, as toneladas, muitas milhares de toneladas de escrita, essa merda velhas de centenas, sim, milhares de anos, todos os tonéis cheios de escritos, também chamados tonéis de lixo e dejetos, só servem para se tornarem, e já não era sem tempo, eles mesmos expressão do ser humano em si, e com isso ele já tem muito o que fazer. Então sai da rua e senta diante da tv. Só assim volta a tirá-las da pilha de lixo das palavras, olha só, ó Deus, estão usadas, que nojo! Bem, não importa, pelo menos foram grátis. Eis meu negócio, esse estúpido escrever sobre algo que um outro cuspiu, e, se não era esse o negócio, agora é. É o que sou, A Palavra em si. E o que não escrevo mais, o que escrevo, o que os outros já escreveram ou não, tudo isso sou eu. Não a paz, mas a guerra – a quem ainda quiser saber algo de mim, se ainda tiver perguntas.

ULRIKE:
A RAF ou a morte, fora isso não há mais nada, pois não sei quando foi o começo, quando me divorciei e estava tão contente comigo e todos os outros também, sobretudo meu ex, estava livre dele, onde vim parar, como dispor minhas palavras, que soam tão miseráveis, pois você, minha irmã, deve ficar tocada e não me machucar! Mas é inútil arrancar esse coração do seu peito e trocar por um outro, qualquer outro motor, que talvez tenha mais cavalos de potência, Deus, dá força ao meu discurso e tira dele qualquer espinho que pudesse ferir, mas que a verdade fique, não posso mudá-la, e a verdade é a capitulação. Eis o comunicado que no fundo só veio de vós e do qual agora não consigo escapar. Isso me abriu os olhos, se já não estivessem faz tempo abertos e voltados para vós, ali parados como soldados que guardam a porta contra qualquer estranho. Sabe, irmã, o verdadeiro nome da traição? Conhece as condições sob as quais uma pessoa trai todas as outras? É no instante exato em que a pessoa se rebaixa tanto que até coloca condições, justo isso nunca quisemos fazer ou só se disso dependesse a libertação dos camaradas! O que você me disse, o que respondeu? Como se eu mesma tivesse cometido traição contra vós, assim me falou, sem qualquer solidariedade, amizade nem se fale, diga, em que mãos me encontro agora? Afinal eu poderia ter ficado com meu marido na nossa casa de campo! Realmente não sei, você, irmã, ainda vai se superar em poder, e termina como eu, já hoje posso te prometer, mas você não me presenteia com tua audição, estou vendo. E agora buscando teu olho, você foge de mim e foge do olhar. Se naquele tempo tudo tivesse sido diferente, este último dos encontros que houve entre nós não aconteceria neste triste lugar, mas em outra parte não haveria lugar onde nos encontrássemos, fora talvez algum convento onde o círculo de mulheres, ocupado como estava com trabalhos manuais ou arranjos florais, se reunia uma vez por semana, mas isso acabou, acabou, você líder de mocinhas, diga qual foi minha culpa, se tem coragem, ou cala! Outrora fui uma rainha como você, mas como você falou comigo? O que me disse? Será que realmente me disse: Tanto assim não se deve descer nunca, até a classe errada, à qual nunca se pertence e nunca se pertencerá, isso tem que ser arrancado com talo e raiz antes de sequer aparecer sobre essa terra. Sua buceta burguesa, você me disse isso, disse, sim ou não? E você era outra coisa então? Fala uma rainha à outra, que ela assim destronou, você disse isso, sim ou não? Disse, não tem escapatória, nenhuma escapatória para nós duas e também nenhuma para qualquer uma de nós, pois ambas precisamos morrer, a diferença: Eu já sei, você ainda não sabe,

até intui, mas não sabe assim como agora já sei, eu me rasgo, me arranco do chão da cela, uma vez, quero me levantar ainda uma vez. Faço para mim com as toalhas um galho mole, e então me arranco da grade da janela, dessa cruz eu mesma me arranco, para jamais florescer, nem mesmo na próxima primavera ou na seguinte. Verdade que não posso falar por mim mesma sem te acusar gravemente, irmã, e isso não quero fazer, você não quer nada além da minha morte, mas ela você quer o tempo todo, e por isso me tratou como nunca poderia estar certo. Não aguento mais, tua maldade, tua dissimulação, ai, desculpa, tinha esquecido, e até aí ainda tem tempo, mesmo que não muito! Você me diz completamente séria que o verdadeiro estado de coisas seria que ao invés de Ulrike, tua irmã, que agora não é nada além de uma colunista desclassificada e humilhada na ratoeira para gente, essa gentoeira para a gentalha, também para a genitália?, sim, e naturalmente mãe, esposa e buceta, engraçado que minha buceta possa falar por último o seu segredo, não, sua secreção, pobrezinha, o que eu antes ainda queria, vitória ou morte, RAF ou morte, outra coisa não te ocorreu além de me falar como se eu fosse a inimiga de classe em pessoa! Agora não venho mais até você como suplicante, isso já era, quem me diz algo assim para mim morreu, vou me enforcar já já, está decidido, no fundo não sei o que ainda quero de você, com toda certeza não é que você ainda me chame de irmã, se não for sincero. No xilindró não há direito de asilo como lei sagrada, disso os muros da prisão já zombam desde o princípio. Tudo me foi arrancado, meus filhos, simplesmente tudo, e me colocam diante de um tribunal vergonhoso, que não posso reconhecer, mas isso vale para vós igualzinho. Agora vou à frente de vós, assim, assim está bom. Um mau espírito subiu das profundezas do subsolo e nos deu o solo para nossas proezas, vejo mais claramente que você que isso é em vão e lutar inútil. Loucos fanáticos que contra esse Estado maravilhoso, uma estrutura que não se pode quebrar, mesmo que seja menos um milagre do que um simples fato, infelizmente, fanáticos que pegam em armas contra o Estado em que eles mesmos vivem para destruí-lo, estão perdidos desde o começo, esse Estado é derrubado em silêncio, provavelmente nunca, e se for não será por nós, ele implode sozinho. Só a Europa inteira como sociedade de direito público, que vem de bolsos privados, só essa empresa, o truste Europa, em que todos vão confiar e com razão, ela tem o poder, pode cuidar da chama infeliz dessa besta alemã, que segue sempre ardendo, se houver alguém para abrir o gás, ela pode fazer parar a besta, a empresa Europa e mais ninguém. Às vezes até acredito que essa besta Alemanha teria se levantado novamente em nós, lá, olha só, nas nossas mãos em chamas, que ninguém chamou, nem mesmo a maldita imprensa, nem mesmo o chanceler, nenhum desses funcionários, nem o exército dos dessangrados, que nunca quiseram que outros sangrassem por eles, pelas vítimas, de suas gargantas cortadas escorre apenas vômito da tv, nem sangue, eles já o deram faz tempo pela nova tv que só tortura seus olhos e os esvazia com muita cerveja para ajudar a descer, mas para eles vale a pena. Para eles, nós nunca: valemos nada, e olha que éramos seus próprios filhos! O que os pais fizeram no fundo eles também não queriam saber. Sim, eu te digo, o espírito mau se ergue do chão para inflamar o ódio em nossos corações, mas o que sobrou disso agora? Uma mulher frustrada envelhecendo, que ao invés de lavar suas toalhas ou seus filhos e seu carro, amarra essas toalhas num laço, mas esse laço de modo algum é um laço de amizade, nisso concordamos, irmã com o suéter novo, mas nem isso vão te deixar. Talvez tenha sido a habilidade do grupo para a fuga, esse tensionamento dos nervos e das forças não há ser humano que aguente, nem mesmo um animal, talvez tenha começado aí, mas minha saída para fora da burguesia talvez tenha sido muito pouco refletida. Ela se deu catorze dias depois de enfim finalizado o divórcio do escritor, que logo, em alguns anos, posso apostar, eu o conheço, vai escrever a favor de associações de realocados, a favor dos direitos nacionais ao invés do direito de todos nós, depois de me expulsar como mulher da casa. Quando mal começava a curtir direito a saída, já afundei na dissipação diária que se chama amor, toma conta do meu ser, dia a dia, pouco a pouco. Nem eu mesma tinha consciência direito. Mas eis que já vinham as fúrias da discórdia na minha direção, essa discórdia contra todos aqueles para quem vós, e apenas vós, empurrastes alguém como eu, eu não sou assim, sou completamente diferente, ninguém jamais saberá como sou e fui. Eu mesma não sei, onde estava mesmo? Ah sim, agora não há mais nenhuma boca estranha entre nós, irmã, não

há beijo, há apenas esse brilho escuro do anjo que veio me buscar, ele me jurou de pés juntos, com certeza é bem mais confiável que você. Agora eis-nos aqui uma diante da outra, o fato é que me afastei terrivelmente de você, o ano bissexto se tornou ano-luz, de tanto que me afastei do interruptor do grupo, vós mesmos o reconhecestes. Só posso dizer: Erro e me desculpar por ele, o que credes, quantos ainda vão se desculpar depois de mim e por nada, por menos que nada, isso porque a Alemanha se desculpou ainda muito menos do que qualquer um se desculpa pelo que quer que seja. Não o perdoamos, e se todos os outros já perdoaram, nós não perdoamos, isso é certo. Tenho consciência de que cometi para convosco esse erro que enumerei, que em mim, em certa medida que não posso descrever como grande o suficiente, mora a profundidade da traição, pois não vos posso crer, não mais, e de que já nem tenho total consciência de todos esses fatos na medida, na profundidade da traição. Sou mesmo uma desertora, digamos em voz alta como as coisas são, no fundo eu não tinha consciência dessa fuga, até estar no fundo. A fuga não era de vós, mas também de mim mesma, eu era mesmo uma vaca elitista, não posso nomear de outra maneira o que era e sou, queria saber tudo melhor e por mim mesma, sozinha, ao invés de vos ouvir, uma maldita putinha intelectual, sim, é o que eu era, tendes razão, não posso falar de mim de outro modo, nesse meio tempo creio em tudo o que dizeis, também minha politização fracassou, boiando impotente rumo ao nada, pois politizar significa lutar, significa quebrar as pernas do próprio tira, aquele dentro de si, sim, é isso que significa. Ser da RAF significa só trabalhar sobre si a cada dia, isso não consegui, RAF ou morte, então a morte é o mais adequado para mim, a RAF é que não foi. Não é possível excluir e despachar totalmente a concorrência dentro da própria família, mas isso é uma outra página, que não vai ser mais virada, pois ainda há que se lutar contra sentimentos de concorrência, dentro bem como fora da própria família, em que todos entram, em concorrência com todos que começam a deixar a família. Antes a concorrência não tem nenhuma importância. Só quando se quer sair ela é relevante.

PELA ÚLTIMA VEZ, BEM, EU NÃO TERIA TANTA CERTEZA!, O ANJO DESGARRADO:

O que eu ainda queria dizer é que a greve de fome não deve ser levada tão literalmente, aqui um frango, aqui um assado embrulhado num lenço que o advogado me trouxe, em toda parte comida, já está apodrecendo, está fedendo, e outros morrem de fome, mas sem fazer greve, os idiotas, podiam conseguir tanta coisa com isso, se legitimassem retroativamente sua fome como greve, esse assado, diz meu senhor advogado ao guarda que destranca a porta, é seu, é seu próprio café-da-manhã, fica frio, é fricassê, é só frango desfiado para ocupar menos espaço. Estou cercado de putinhas liberais que não abrem nem fecham nada, só a Grete é a exceção, ela me segue por toda parte, onde quer que eu vá, não vou a lugar nenhum, e ela vem comigo para o Lugar Nenhum, pois agora não há mais espaço sobre a terra, mas me agarro à Grete tanto mais, a Ulrike, a Maria é uma buceta buceta buceta burguesa liberal, isso também digo na cara dela, quando a vejo, mas ela já sabe, não sacou que só a luta pode libertá-la, não entendeu nada, mesmo que ela minta dizendo que já sacou faz tempo, nunca sacou, é o que digo, é o que sei perfeitamente, e mesmo na luta ela ainda se volta sobre si como um pião doido que não consegue parar de girar em torno de si, quem é que lhe dá o impulso?, tanto faz, ela é assim, tudo sempre gira só em torno dela. Naturalmente isso prejudica sua produção para nós, agora ela negligencia o trabalho, ela praticamente desistiu, essa vaca, a estúpida buceta buceta buceta, ela não saca, como todas as mulheres, que só sabem resmungar e gritar com os caras, não sacam que só há uma única solução, que significa produção e produção e mais produção, não, não de mercadorias, isso devem fazer outros que podem fazer melhor, que podem viver com a exigência de fazer algo que nunca lhes pertencerá, de que jamais poderão viver, pois o uso da força de trabalho é o próprio trabalho, e eis aí o comprador dessa força de trabalho, que a consome deixando o vendedor realizar o trabalho para ele. Esse último se torna, por meio do trabalho que ele realiza, trabalhador, e é de verdade, não de mentirinha como nós. Nós só nos chamamos assim, e nem isso, só nos solidarizamos. Para então apresentar seu trabalho como mercadorias ele precisa antes de tudo representá-lo como valor de uso, esse trabalhador, pois a mercadoria tem que estar aí para a necessidade de qualquer um, para então poder satisfazer sem devorar, não é preciso

geladeira, é simplesmente lógico, pois então o trabalhador não precisa dela, embora ele mesmo a tenha produzido, mas então não tem nada para pôr dentro dela, pobre porca, não encontra outro porco para o seu freezer, então, e isso é tudo pessoal, a produção do talkshow de hoje, a de amanhã, a de ontem e assim por diante, uma vale por três, a próxima então por quatro, até que de novo surja um terrível choramingo de horário nobre, eis enfim um tipo de coletivo nas palavras, um choramingo como antes as rezas para o Deus que infelizmente logo será meu chefe e provavelmente sempre foi, embora eu nunca o tenha visto, é isso que se chama eternidade, não quero ele como chefe, não acredito nele, conspiro contra ele, mas bem que tenho que reconhecê-lo, como tenho que reconhecer a prisão, e as rezas, que são um choramingo e um resmungo, sobem como o veneno que transborda de um navio de carga clandestino ou o equivalente de um desses, transborda dos canais para as ruas e inunda tudo mais cedo ou mais tarde, pelo menos espero. Então é muito específico esse, digamos, valor de uso, que o homem manda seu produtor de mercadorias fazer no Caribe ou em outro lugar offshore aqui, todos esses farrapos para as vadias, todas as mercadorias, alguém tem que fazê-las, seja na China, na Índia, em Bangladesh ou no Vietnã, por mim tanto faz, essa produção, tanto faz onde ela se dê, muda quase toda hora, com isso essa produção não muda sua péssima pérfida, sim: natureza, o fato de ela trabalhar para o rico, o proprietário do capital de produção ou pelo menos sob o controle desse sujeito, minha mensagem diz: O processo do trabalho deve ser encarado em primeiro lugar de maneira totalmente independente de qualquer forma social e determinada em que apareça esse trabalho, agora já esqueci outra vez o que queria dizer, mas antes estava falando da produção, mulheres idiotas, sem vós também não haveria as roupas produzidas pelos explorados, e me perguntais por que estou nervoso? O que quero dizer com tudo isso é a busca, sim, estou falando da busca, não, não estou falando da busca, estou falando da escrita e da luta, de algum modo isso também é uma busca, ou estou vendo errado, pois não há para as pessoas outra coisa além de buscar, animais muitas vezes buscam árvores, o ser humano não tem abrigo para buscar. Busca significa: Escavar as armas da terra, descobri-las de novo e então conquistar como se ainda fôssemos reis e guerreiros, ah! O que vos espera é a morte, primeiro para essa buceta e depois a próxima, aí também as outras, um ano depois, a primeira vaca nem acerta o pericárdio com uma punhalada de longe, teria simplesmente que atacar mais de perto, e mesmo que aumentassem o coração só para ela, ela não o acertaria, estou me lixando, enfim, elas são levadas e não é por uma carroça, já estão esticadas ali na frente, nem se sentam, pois mal se sentam já caem outra vez, não são levadas pela carroça do carrasco, ninguém se dá ao esforço por conta delas, também não é mais necessário, para elas não precisamos nem de sacola de compras, elas mesmas se buscam, simplesmente, e também se levam. Assim correm atrás do próprio rabo. Pois muito bem, se precisam necessariamente ficar de escanteio, então também devem se lançar elas mesmas ao gol, aí esse gol não vale, é a regra, nem mesmo se elas se lançam da área morta para o gol morto, nem aí vale para meu senhor, o Deus, o maior inimigo do ser humano é sua memória, mas viveis muito bem dela, ao que me parece, afinal é tudo o que vos resta, posso compreender-vos de certo modo, devo dizer quase contra minha vontade. O lugar ao qual chegais deve ser o último quarto seguro pelo qual buscais, eu vim para encurtar vossa busca de apartamento, esse lugar seguro que é ainda muito mais seguro do que essa área que só finge ser segura para vós, pois na verdade já nasceu assim, morta, especialmente para vós, e mesmo assim todos ouvem e olham para dentro dos quartinhos, tão pequenos, para que saibais como será mais tarde vossa morte e o caixão, pois esse lugar agora já está morto para vós e também para a memória que vos resta, mas não temais, lá estareis seguras, seguras também de todo pensamento, pois esse é o mais importante, tenho a impressão quando vos ouço, sim, o túmulo protege, não meramente do pensamento e da lembrança, protege também, agora ouçam todos aqui: do próprio esquecimento! Não sei o que quero vos dizer aqui com isso, mas o esquecimento mata a memória, sim, também de vós, eu vos juro, é verdade que em trinta, quarenta anos ainda vão estar falando de vós ou talvez fazendo exposições ou também simpósios e congressos e workshops, de todo modo então vossa memória com certeza não vai viver bem lá em sua miséria sorridente, pois mesmo agora ela não vive nem em vós, então finalmente estará morta, como

sereis assassinadas, e de fato por vós mesmas, e o esquecimento irá junto convosco, só o esquecimento está ao vosso lado, ah, tanto faz quantas vezes ainda desejais ficar, não vos será dado, e eu também não posso vos presentear com isso, nem vos negar, acabou, a resposta é bem fácil, e mesmo assim não vo-la dou, tereis que achar vós mesmas a resposta, a vida bem como a escrita é um barulho vazio, agora também sabeis, bem, então, ninguém vai me assustar, eu simplesmente saio voando, vós me seguis, mas não me deixeis esperando muito tempo, pois a luz se vai como o povo, que prefere ir e sobretudo de noite, quando um monte de luzes iluminam o caminho de volta ao lar, mas ele não tem lar, ainda não quer ir para o lar, pois agora ainda vamos beber mais uma, né? Ou duas e três, o fim, sim, também o da chama, é o lugar onde é ainda mais silencioso, escuro e invisível do que tudo o que jamais viram nos aparelhos, que são a única alegria dos desempregados, assim vai acabar, miserável, triste e pobremente e no entanto novamente grandioso! Acreditastes que vossa ideia poderia exterminar tudo aquilo, e vós mesmas ajudastes diligentemente, uma ideia tão forte quanto a lei da grande bomba, mais forte que qualquer lei que a física nos impôs, que a ideia da luta metropolitana poderia trazer todos os explorados e todos os que são sangrados completamente pelo desemprego para o vosso lado? Tenho que ir embora, senão ainda vou morrer de rir. Temo que só um único dos meus membros, e talvez nem o membro mais forte, já poderia vos fulminar. Eu me contorço diante do meu Deus quando volto a ter com ele, me contorço no chão de tanto rir, mas o que ele me diz? Ele me diz pura e simplesmente que criou todos os homens iguais, mas esqueceu, lhe digo eu no subsequente debate, que, como todos, é para inglês ver, enfim, eu lhe digo que ele só esqueceu de criar as relações de modo igualmente igual, esse pateta, esse é meu chefe, ainda não consigo conceber, grito para ele, as diferenças têm que ser descontadas, só que ele não entende, eu refiz os cálculos e está certo: Se todas as diferenças são descontadas nesse cálculo final, e Deus só imaginou que seriam diferenças que a natureza, que também é ele mesmo, à qual ele mesmo pertence, já que ele a criou e a si mesmo junto, não sei mais onde estou, haha, que por assim dizer criou a natureza nele, mas talvez também sem ele, o senhor, elas precisam ser descontadas, não pode haver vantagens nem desvantagens das diferenças, que afinal a natureza, e isso no nosso escritório quer dizer apenas Deus, é indiferente em que roupagem ele hoje entra em cena, fez, haha, eu me derramo, eu me mando!, nem um indivíduo pode se alçar, pois só O Anjo pode alçar voo, isto é, eu, myself, meu valioso eu, eu anjo posso, como foi dito, e mais ninguém pode, ninguém mais vem para o alto; não pode, assim me doutrinaram, mas não creio, não pode, ouçam logo, nem um indivíduo nem uma classe inteira cheia de indivíduos pode se alçar por sobre os demais, assim como eu faço, e de fato agora e ontem, amanhã, todo dia, sem esforço nenhum, pois cada membro desse princípio de igualdade e liberdade, caso queira ser aplicado à realidade, o homem o membro, o anjo ou Deus, que tudo criou, pois cada membro desse princípio, tão logo é cortado fora, já não serve mais para nada, aí é gesso ou madeira ou cimento, não sou nada mais que um pato manco, e antes já paguei o pato por tanto rir, paguei o preço de quase cair da minha nuvem lá embaixo, pois me contorcia e não conseguia bater as asas, agora tenho que ir, tenho que sair, tenho que me alçar, exatamente como vós também tentastes, mas o tempo de muitos anos que essas coisas exigem ninguém vos dará, nenhum oficial de justiça, nenhuma enfermeira e nenhum socialismo, nadinha. Pois do nada nada vem, e mesmo o nada conhece diferenças, não vos iludi, eu já fui, podeis então tranquilamente convidar todos os inimigos secretos de toda tirania, seja na Europa ou também em todo o globo, tanto faz, urbi et orbi ou como é que se fala, onde estiverem esses inimigos, podeis convidá-los a partilhar convosco o instante, não faço ideia qual, tanto faz, era o que eu tinha para vos transmitir, já fui! *(Anjo dá o fora.)*

GUDRUN:
Gira gira gira bom bom bom! Agora papo reto, irmã, você ainda abre as portas aos tiras, nós mesmos vimos agora, o sujeito com as asas, que estava aqui agora mesmo, enfim, eu não deixei ele entrar, então digo que foi você, você deixaria entrar qualquer um de que ainda esperasse alguma coisa, mas isso já era: A faca nas costas do nosso grupo é você, porque você não aprende, porque você não aprende, porque você não aprende! Espera só, as vestes do teu cansaço, como estou cheia delas, como as engoli embora cheia, como

me voltaram à garganta dez mil vezes e mais, se quisesse eu poderia pendurá-las em volta de todo o mundo como uma guirlanda de carnaval, pois não passam de penduricalhos, purpurina, papel e porcarias infantis, essas vestes, fantasias ridículas, enrolando-se dez, cem mil vezes ao redor de todo o mundo, paralisando-o, assim é teu cansaço, teu agir sem vontade, teu enrolar, arrastar, discutir, irmã, você me estrangulou com sua inacessibilidade e inadequação, cansada e cansativa, como me estrangulou na forma da irmã lá do convento: pastores murmurantes, escoteiros, tiazonas, mulheres que só sabem comer, jovenzinhos, seres super velhos, totalmente sufocados sob a maquiagem mas ainda vivos, como já já não estaremos mais, seres super velhos – sem nenhum ser! Como estou cheia disso! Fome fome fome! Se quer saber, agora estou no cinema, não, lá não, no cinema com certeza não estou, só preciso te olhar e já sei: No cinema eu não estou, ou estou como, estou onde, estou em um filme, eu, ou uma sopa de tartaruga, ou o que é que eu sou eu sou eu sou? Luta! Luta! Luta! Sua maldita buceta liberal, minha irmã, sim, é dela que estou falando, Maria, mãe de Deus ou mãe de quem quer que seja, ah sim, é mesmo, você tem gêmeos, nada mal, faz esforço uma vez só e já tem dois, ah, bem que poderíamos transpor isso para as forças produtivas, mas não dá, e também não precisa dar, pois de duas peças viçosas de força de trabalho, que estariam bem dispostas se apenas as deixássemos, por princípio uma delas já é apartada e apagada, para que a outra então volte a obedecer direitinho, pois é, em compensação a outra faz o dobro, para que não desapareça ela também, essa segunda metade que todo ser humano tem, pelo menos na maioria dos casos, aí não a encontra e cai no nada, igualzinho a você, você agora não produz mais nadinha, eis a prova, nem mesmo os papeis de que cuidamos até o menor pedacinho, você não é nada, e agora vai para lá, e assim está certo, o anjo também disse, ou aquele ser de antes, não faço ideia de quem era com aquelas penas duras, você bem que ainda deve conhecê-lo da redação ou de outro lugar, de quando você ainda estava viva. O mundo é um caos, e o laço que espera teu pescoço como a panela espera pela tampa, cada uma tem a correspondente do seu tamanho, bom, o laço por mim pode zarpar, o meu ainda tem o tempo de um ano, mas o que se fecha não é o sistema, é sempre só o laço em torno do nosso pescoço como o colo do útero, e o que é que ele dá à luz, o maldito laço no pulsar da vagina e seus músculos pélvicos ativos? Nada e nada e nada e nada. E não há mais do que nada, sobre minha cabeça ainda pende a ameaça do laço, ainda podem me pregar essa peça estúpida, mas a tua não escapa, ele já prega, já pega a cabeça da autoproclamada pensadora, que queria promover a paz com os inimigos, pelo mero pensamento, você acredita mesmo que a paz estaria apenas no pensamento, é ridículo, digo eu para a cabeça que logo, em apenas poucos minutos, estará vazia de sangue, de cérebro já estava vazia desde antes, digo: Queria promover a paz em algum lugar num canto escuro, antes você do que eu, mas não se preocupe, eu também já vou, magra como uma criancinha como estarei daqui um ano, pois vou me livrar da minha gordura, o peso desse corpo emaciado, desse corpo de Terceiro Mundo, mal pesa na balança, mal pesa no bom laço o suficiente para quebrar essa delgada coluna vertebral, o corpo de criança que tenho, melhor seria se não conseguisse, pois já passou tanta fome, e ainda tem que morrer, se afinal já mal sobra mais nada dele e nada nele? Eu vos digo, a maioria dos corpos morre a contragosto, sim, esse pobre corpo também, isto é, o meu, ah, se ao menos eu pudesse esquecê-lo por um instante! Mas ele se pendura em mim de tal forma, se agarra em mim como nunca nenhum outro, e lá fora está a amizade, não na minha cabeça, agora está lá fora, você está lá dentro, no laço, a cabeça está fora. E também permanecerá de fora. Ou o corpo está fora e a cabeça permanece dentro? Quem vai decidir, quem tem tanto dinheiro assim? Quem encomendou isso? Quem se juntou a nós?

ULRIKE:

Sem me mostrar outra vez a carta redatilografada, você já a enviou, possivelmente ainda antes na tua cabeça, à qual logo vai faltar sangue, como você bem disse, pronta e concebida a carta com que pela última vez quis instigar esse povo que já não é o meu, e agora me tiram isso. Não, não o povo, a carta, o fruto dos meus pensamentos, já mexida num iogurte que só tem entre um e meio e zero porcento de gordura, qualquer um pode comer se não quiser acumular gordura ou mais-valia. Não movimentamos nada, é o que muito temo. Sou apenas uma sombra agora, tenho apenas pouca luz

para rasgar a toalha e encostar a cama na parede, mas faço, o que mais posso fazer. Nossos corpos às vezes fazem barulhos horrorosos, como será então ao morrer, temo desde já, mas não muito, o corpo então não será nada mais que um equipamento esportivo, eu já disse, não se pode repetir o suficiente para as massas, que algum dia isso com toda certeza virá. Por isso agora já devem pegar seus corpos e usá-los como armas. Ainda tivemos que pegar armas estrangeiras, nossos corpos eram bons demais para isso, o que quer que planejássemos para eles, ainda mais alto, mais alto chega meu hálito com meu alento, então desaparece no mesmo escuro que reina no ouvido do anjo que não nos ouve, ah soluços, como é triste, agora ponho um fim, me apronto, já está pronto meu fim, já cheguei ao fim, não preciso de tribunal e muito menos desse grupo, que nem é mais o meu e nunca mais será, na verdade só ainda não sei exatamente por quê, mas que ele chegou vejo pela rainha, que antes veio a mim e disse que tinha tirado algo, simplesmente cortado algo do meu texto. Mas por que ela faz isso? Ela diz que o objetivo era me atormentar, pois supostamente só estaria devolvendo os tormentos vindos de mim. Diz de mim que eu teria me tornado simplesmente desconfiada e ressabiada, eu não confio nela, ela crê que eu creio que ela mente, ou é o inverso? Como quer que se gire isso aí, está invertido. Uma vez que você se torna uma líder de grupo, que seja na igreja, continua sendo isso para sempre, simplesmente, é o que ora digo para o vazio onde logo estarei. Não há mais palavra que ainda termine, por isso prefiro não ouvir mais palavra alguma, tanto faz de quem venha. O medo é exclusivamente reacionário, faz sentido, mas o que fazer, é o medo que me impede de me revoltar contra ela. Eu aguentei o que um ser humano pode aguentar, agora vá, serenidade e paciência sofredora! Eu me enraiveço como uma criança, que sob golpes de vara grita como um porco, golpes que recebe para mais cedo ou mais tarde poder ser saboreada pelos pais, para que sua carne tenha sabor melhor para a humanidade, pois ficou macia e tenra com os golpes. A única coisa que me impede de exigir que o Jan ao invés da Gudrun controle minhas coisas, tudo aquilo que ainda posso escrever, é puro medo. Tenho medo da rainha, simples assim. Tenho medo. Não creio que ela o aguente melhor que eu mesma, a rainha seu próprio medo. Não consigo mais ver através dela, ou não quero. Também não é problema meu. Também estou com problema. Ou a rainha me estrangula, quando excepcionalmente consigo algum ar, alguma coisa qualquer que por dias, semanas tem o efeito de um veneno, ou, é o que me parece, eu sufoco sob sua soberania, apoiada pelo seu Hans, me parece que o povo, que de qualquer jeito não nos ouve, é enganado também por nós revolucionários, pois termina assim, é enganado por uma malabarista esperta que apenas se chama de rainha, mas não é uma de verdade. Caso reinasse o direito, prescrito apenas por nós e valendo apenas para nós, para o grupo, aí seria ela a jazer no chão à minha frente, pois então seria eu a rainha, isso nunca digo em voz alta. Mas sufoco apenas sob ela, como sob o poder sufocam todos para quem ele é inalcançável. É essa afinal a estrutura na qual a humanidade estrebucha e na qual me encontro sempre só à margem, estou aqui para ser sua provocadora e mais nada, até ceder, o que é inevitável e objetivo e verdadeiro e absoluto. Então aqui também não se trata de uma acusação, nem de culpa, mas tudo isso grita por uma solução, tomara que essa corda aguente e no fim não se desfaça como nós enquanto grupo. E o que faz a rainha? Ela diz que eu quero estar quebrada, por favor, essa ela pode levar, pois logo estarei mesmo, quebrada como um manequim sem mãos, mas que quisesse enfim ter uma para enfim poder se tocar. Ela chama isso de autodestruição, a rainha, a irmã. Que me diz que só quero estar quebrada, como se isso fosse algo bonito, como se essa destruição fosse só meu escape da comunidade de luta e assim o caminho para o total isolamento no isolamento do isolamento, é como uma dessas bonecas em que se escondem muitas outras, uma menor que a outra, isso é o isolamento, sempre tem algo mais dentro, mas só se chega lá dentro desmontando-se e chafurdando na própria merda até feder como ela. A pessoa se puxa de dentro de si mesma e o que tem lá, o nada vazio! Só traição e fracasso pessoal, e a traição consiste em duvidar de si, sim, isso já basta para ser traição, pois quem trai a si mesmo trai o grupo todo, ou como Jesus disse tão lindamente, isso que fizestes ao menor dos meus irmãos, a mim o fizestes, e com certeza sou a menor das tuas irmãs, que já lutaram tanto tempo pela soberania, e agora desisto, fora, fora, fora conosco desse lugar! Não, só fora comigo! A

rainha ainda pode ficar, mesmo que só um pouco, ela não pressente que ao me apunhalar enfiou nas próprias costas a faca que eu dizia que era ela, ela dizia que era eu, mas não, não está certo, somos todos punhais e eu mesma sou a primeira a me apunhalar, boa noite, queridos qualquer coisa. Coloco tranquilamente o grande cobertor sobre mim, não é tão grande, não está certo, só cobre a cela de cima, minha pobre caminha, mas a janela basta para o laço, para que não batam ainda mais corações e não se fechem ainda mais olhos e não se eviscerem ainda mais corpos, então, ganhamos uma linda noite, e se não for linda dá na mesma, afinal nem a vejo, pois quem é que vê no escuro, quem é que vê todas as nuvens, o céu da noite e as sombras pálidas dos camaradas que afundam um depois do outro, se as pessoas tivessem sabido que não iam ganhar nenhum novo, nenhum deus novo, fomos os últimos, mas isso ninguém jamais soube, que quando matam seus deuses outros novos não ressurgem, ou, como dizer?, dessurgem?, pois desde o começo já estão condenados, tanto faz como se queira chamar o que eles fazem. Somos os últimos desses deuses, e outra ninguém terá sabido ou feito nada disso, o que quer que seja, e então vai tranquilo para a cama, pois ninguém mais sabe o que mais poderia fazer, e nem na tv tem mais algo de interessante. Aí eu venho e aí eu volto, em silêncio, sem beijar ninguém, afinal não tem ninguém aí, estou sozinha, não há nenhum hálito de alento fora o meu, só mais uma, duas flexões, levantar a cama, amarrar um nó na grade da janela, e então tudo se vai e se esvai nas vagas desse nada, que depois de nós ninguém vai poder conduzir numa cama quente, apesar de que os que vierem depois de nós com certeza saberão como se deitar na cama que se fez. O que eu ainda queria dizer? Não queria dizer mais nada, mas com certeza ainda vai me ocorrer algo, agora precisa ser interrompido, esse rio raivoso fervilhando de pensamento, pois tantos – isso são peixes? – moram nele, mudando de cor o tempo todo, os peixes sempre morrem, e outros novos sempre vêm. Eu vou em silêncio, como disse, mas não vejo ninguém a quem poderia ter dito isso, e se houvesse a rainha por princípio já teria me corrigido, então simplesmente não digo mais nada, não beijo mais ninguém, nem meus filhos, pois nem um suspiro deve me acordar do meu sono, dorme, dorme, dorme dorme! Dorme bem, minha querida, digo ainda, pois senão ninguém vai dizer, não, já faz tempo que não, ninguém me diz essas coisas, talvez tivesse sido bem bacana, mas agora eu mesma tenho que me dizer: Dorme bem, sim, dorme, dorme dorme, mesmo nessa situação desconfortável nesse laço que ainda por cima eu mesma tive que atar, nem mesmo essa mínima obrigação alguém me tira, de mim ninguém tira mais nada, é simplesmente assim, tanto faz, o mais importante é um sono sadio, por ele as pessoas preferem sacrificar tudo o que há de bebida e comida, afinal tudo só serve ao objetivo de dormir. Dormir dormir dormir, não, as folhas não sussurram, não sobre você, elas não estão aí, ou dormem elas mesmas hoje, não estão estampadas na tua cabeça, nãonão, estrelas também não, você tem cada uma, onde é que vou arranjar estrelas assim de repente, que se tornou um rompante, tão rápido vai tudo agora, dessa corrente agora ninguém mais me recolhe, agora ninguém mais me pega pelos cabelos como antes fizeram outros, quando ainda havia outros, para me salvar ou só para um cafuné – ai que bom, simplesmente fico lá dentro, se ninguém me retira, para mim não há retiro. Para mim está bem. Com meu cadáver podem fazer o que quiserem, de todo modo é um esterco em que só cresce uma cobertura de cimento, para que nossos cadáveres, pois os outros logo vêm se somar, para que nossos corpos mortos, que de fato não significam nada para ninguém e que ninguém quer, não possam sequer ser roubados ou profanados, como se alguém jamais pudesse querer! Sim, o cobertor dessa cobertura vai ser pesado demais, caso alguém ainda venha nos buscar retroativamente, pois de fato há pessoas na posição de fazer uma coisa dessas, pois é, e seria só por diversão, temos que ser regados com cimento, por inteiro, mas isso é só mais tarde, agora vem primeiro o sono, que me deixa tão contente, mas não temam, ninguém vai se esborrachar bem em cima do nosso sarcófago, embora ele vá ser de cimento como tudo o mais, como esse muro, como esse céu, como esse inferno. Então agora vou dormir dormir dormir eu eu eu eu vou agora dormir, para não poder dizer mais nada. É tudo simples assim. Dormir, dormir muito, gostoso, mesmo neste lugar tenebroso, ei, alguma coisa está errada, bem, tanto faz, quem quer que encontre vai ficar com isso para sempre, para mim tanto faz como tanto fez, é meu último

rastro, não posso deixar muito mais para trás, quero só dormir, dormir no ar com ajuda de uma corda, que lindo! Já fico contente com isso. Só dormir é o que eu quero, dormir dormir dormir. Isso já foi, isso já foi muitas vezes, que tédio. Mesmo assim não quero nada mais do que quero dormir dormir dormir, muitas vezes obrigada.

O ANJO NA AMÉRICA, O ÚLTIMO, CUJO NÚMERO CHAMADO ESTAVA DESLIGADO OU FORA DA ÁREA DE COBERTURA, ENTRA EM CENA, DESSA VEZ COMO DEVE SER, DE COSTAS PARA O PÚBLICO:
Eu vi num filme, eu disse na tv, eu disse em vários talkshows, eu digo agora outra vez: A escuridão do bosque me atrai. Mas tenho que honrar minha palavra e percorrer milhas e milhas antes de dormir. Bobagem. Qualquer um pode dormir. Qualquer um pode estar morto também. Tanto faz onde. Perdoai os irados, os muito irritados! Ou não os perdoeis também. Por mim tanto faz. Como posso ter uma consciência, se não sei nada? Sempre planejo o proibido, como se pode sequer cogitar outra coisa? Pois o que quero ter só pode ser proibido. Eu venho dar em nada, pois agora já não posso dar nem mais um passo, e o basilisco perfura o ovo e vem para fora em direção ao desespero, assim se chama a ilusão da ilusão do futuro. Não pense muito nisso, não pense nem um pouco em nada! Só escreva algo ou não escreva! E não amolo mais ninguém. Outrora fui o tentador, ninguém nunca se sentia seguro comigo, eu sempre perguntava alguma coisa sobre a qual não sabia nada. Então me disseram o que ninguém sabia. O que é fato é que sempre tivemos um apartamento, sempre dinheiro, tínhamos uns aos outros e com gosto, sim, gostávamos de nós, cuidávamos uns dos outros, pois éramos amigos, nada mais nada menos. E quem crê será abençoado. Todos que crerem fazem parte dos abençoados. Agora finalmente sei tudo, pois esse tempo todo perguntei por mim e também me recebi como resposta: Morte por enforcamento, parcialmente tiro. De acordo com as descobertas disponíveis até agora, não há evidência da interferência de estranhos. Quem haveria de ser um estranho? Não se pode fazer nada. Por favor, agora ponham na minha língua uma flecha envenenada! Os raivosos ninguém gosta de ouvir, só nos envergonham, são tão-somente constrangedores, ridículos, às vezes é uma tortura como se jogam sobre você, te invadem formalmente. Fora com eles, fora! Saiam! Saiam os raivosos desse, de todo infeliz lugar, fora com eles! Pois estão fora de si e nunca se encontram em si, é totalmente inútil vocês tocarem a campainha, acreditem em mim, eles não vão ouvir! *(Anjo sai, desliga-se tudo, sai daí, sai!)*

Os deuses: Schiller, Shakespeare, Büchner, Marx.

Então os restantes, os textos e bilhetes originais da RAF e seu entorno, correspondência de Gudrun Ensslin (“trace a linha divisória, a cada minuto”), Stefan Aust, Butz Peters, Albrecht Wellmer e vários muitos outros mais.

RECHNITZ
(O anjo exterminador)

Um castelo na Áustria. Troféus de caça nas paredes. Mensageiros e mensageiras chegam de todos os lados, em parte com trajes de noite acabados, em parte vestidos como ciclistas dos correios, entram correndo em intervalos cada vez mais curtos, até que em algum momento a sala esteja lotada. Ninguém deixa essa sala. Todos estão vestidos de modo completamente contemporâneo. Por favor nenhum eco do passado, no máximo pequenas citações no penteado etc.! Um homem de cueca (da Calvin Klein ou Hugo Boss) é revistado por dois mensageiros enquanto seu chofer assiste. De vez em quando alguém chega com seu grande traje de noite um tanto desarrumado, mas muito elegante, mas armado. Essa pessoa se acotovela entre os mensageiros, que são empurrados do caminho, até uma janela, e de vez em quando atira lá fora.

De vez em quando, sobretudo quando se fala da Alemanha ou dos alemães, um ou outro mensageiro realiza uma representação de tentativa de suicídio, que no entanto deve ser imediatamente reconhecida como não sendo a sério. Talvez essa pessoa coloque um saco plástico na cabeça e tente amarrá-la no pescoço ou algo assim, enfim, tentativas de suicídio irônicas.

Só os mensageiros e mensageiras falam (também pode ser só um ou só uma, fica por conta da direção). Um de cada vez, tentam deter o homem armado ou empurrá-lo para a frente, para a janela, para que se possa atirar para fora. Naturalmente também se pode, como sempre comigo, fazer tudo totalmente diferente.

MENSAGEIROS E MENSAGEIRAS, UNS AOS OUTROS OU SOZINHOS:

Você quer nos dizer que viu alguém que foi tirado da fortaleza do ventre materno pelo relampejar de um raio como se tira um osso de uma galinha? Não se dê ao trabalho, eu jamais acreditaria! Você viu as ruínas de uma fortaleza, um castelo, fumegando, mesmo antes de vir, e apesar de ser proibido fumar, o que nos pesa tanto sobre a alma? Não? Então ainda está por vir! Incendiado, como tudo que foi incendiado desde Hefesto e Prometeu ou os russos, por mim tanto faz, afinal os russos foram os últimos que ainda nos trouxeram um pouquinho de fogo, que ainda nos acenderam um fogo no rabo. Então lhe digo: Se ainda não estiveram aí, é que ainda virão. Virão e será mesmo logo, diz um mensageiro, como você também é, bem sabe como se pode acreditar em nós. Nos russos há agora o orgulho dos conquistadores, mas sempre estragam tudo o que conquistaram, e o resto roubam, e aí acabam com isso também. Os russos são os deuses do fogo, mas de onde vem esse chamado insistente? Seu júbilo à distância nos soa como gritos, de onde é que isso ressoa, quando é que estarão aqui? Quando? Espera só, logo logo! Quem vai tocar o órgão de Stálin com todos os registros?, que enxame furioso, envolto nas peles dos uniformes e dos relógios alheios e das vidas alheias e do sangue próprio e da própria carne destroçada, nas peles dos próprios cavalos destroçados e dos próprios sapatos destroçados, correndo sobre a própria terra destroçada, passando sobre mulheres alheias estupradas, pois é, as próprias eles deixam em casa para serem estupradas pelos alemães. Uma mão lava a outra. Mas, fora esse único caso, os russos sempre fazem tudo eles mesmos e têm de fazer eles mesmos. Marcharam através de si próprios, pois o russo só conhece a si, como agradecimento sempre voltará a estuprar nossas mulheres, sempre voltando a marchar e enquanto isso sempre olhando no relógio que roubou de nós, que horas são e será que ainda dá tempo para mais uma: e se dá! E se daquela vez, fugindo furioso, o Reich gastou as solas do sapato? E os bárbaros do Reich, pois é, Marianne, você descobriu, os bávaros, obrigado!, os bárbaros do Reich, os raios dos bávaros, os bárbaros bávaros pelo menos tinham sapatos mais ou menos decentes. Você nunca viu nada assim, sapatos bons! Ainda não viu como é que é quando o russo vem, e ainda por

cima todos os russos de uma vez, uma correnteza enorme que faz tanto barulho que parece uma manada batendo os cascos numa chapa de metal. Todos ao mesmo tempo. Uma aglomeração enorme de gente. Daqui umas décadas você só vai vivenciar uma coisa assim numa estação de esqui suíça, onde os cavalos jogam bola e as pessoas deslizam por canais de gelo ao invés de correr. Não estou querendo dizer que todos de repente têm medo e fazem as malas e se mandam, mas com um golpe, quero dizer, de uma vez, só uma vez, de repente bem dessa vez! É o tipo de coisa que só acontece uma vez. Com certeza não vamos vivenciar algo assim de novo por toda a vida. Depois tanto faz, podemos esquecer imediatamente. Além disso não adianta nada eu dizer: Ninguém poderia imaginar que ainda sobrou alguém depois da vinda do russo. Estão todos aí? Não! Mas muitos sim. E no fim ele ainda vai derrubar os preços. O russo vem para a estação de esqui, quando está são, no dia de são Nunca, santo santo santo! – vamos embora. Correndo. Somos tão cativantes que poderíamos mesmo ficar aqui, mas ligeiros corremos, apenas corremos, pedindo socorro, com um sorriso ligeiro por conta dos cativos.

No fim será a nossa última refeição, é para servir aqui ou entregar? Intrigar, mas contra quem? Isso não serve de nada, aí você está mal servido. O Senhor Professor de História lhes serve, pelo acesso traseiro – pois durante a fuga só se vê as pessoas por trás –, via supositório, suas suposições, de que as pessoas que têm que salvar as próprias casas das chamas do infortúnio enquanto fogem em enxame não têm tempo para orgias e bebedeiras para todo lado nessas terras cristãs, desde o ocidente, onde o sol se põe, até a terra do sol nascente, até o crepúsculo da humanidade numa foda matinal e noutras besteiras onde a gente toma no cu e acaba na merda, ou tem que tirar o cu da merda, ou tem que tirar o cu da calça do paletó todo ensanguentado. Numa casa onde todo tipo de gozo e vício se sente em casa, aí dá para ficar um bom tempo, daí você não vai simplesmente embora só porque o estrangeiro chegou cedo demais, na nossa opinião todo mundo sempre chega cedo demais, antes que estejamos prontos. Pelo menos você fica até o último momento. Não tem mais nada a perder e ainda gostaria de ganhar alguma coisa até o último instante, mesmo que fosse uma experiência única na vida, que no entanto desde então se repetiu milhares de vezes. E sussurram para você: Será que nós todos já não estivemos aqui antes, para agora ficar tanto tempo, até o último momento, e ainda saboreá-lo, lambendo-o de um ou mais dessas pessoas pingando aí? Foi uma festa para seguidores fiéis, claramente uma festa para seguidores, um se seguindo ao outro, até que às onze da noite se seguiu o chamado, no meio da festa. Então quinze pessoas saíram. É o que diz o mensageiro. É só soltar essa língua enquanto ainda dá! E lamber, ser mal entendido e voltar a cuspir. Bom apetite! Um professor de histórias, que todo dia desembrulha o embrulho do lanche vegetariano e procura alguma coisa de comestível ali dentro, naturalmente não pode imaginar isso. Deve mesmo ficar horas pensando onde ainda poderia ter carne e como vai conseguir limpá-la da sua lancheira térmica com soda cáustica. Aí a cal tem que ficar lá, não vai sair mais. Não vão sair mais. 27 vezes o caminhão passou de lá para cá, aí todos foram entregues. A carne tem que sair. A lua tem brilho próprio. Dá para ver o gado durante o abate. Alguma hora toda diversão tem que acabar, e aí você volta a sentar em casa comportadinho. Sem tempo para ganir gritos de gozo. Sem tempo para ficar atirando para fora da janela sem sentido nenhum. Só há tempo para fazer as malas e se mandar. É o que imagina esse Professor Historiador no seu tupperware hermeticamente fechado, que tomou espontaneamente a forma de uma Mercedes-Benz, ele imagina isso depois de ter lido muito, e escrito ainda mais, a respeito. Mas eu também já fui um pote, podem me reciclar também! Quem vai me querer? Eu poderia virar um relógio de pulso! E isso antes de o Senhor Professor ser burro como uma porta, mas que também deveria ser reciclada! No entanto quando alguém tenta, não tem mais nada aí. Caso o russo venha de fato, e isso é mesmo inevitável, todos correm, isso é certo, isso ocorre a todos, isso é recorrente ao longo da história mundial: O russo é um inferno para os pensamentos solipsistas, pois sempre vem no atacado, e ataca sem pensar duas vezes, porque a primeira já lhe basta. Aquele ali tem uma foto do Gogol, não, do Gorki na carteira. Ele não é um, um dos russos, há muitos dele, são por princípio muitos, pois não têm tantas máquinas que pudessem lhes poupar o trabalho. Não é

notável que sejam tantos, let me be no nearer!, sim, esse é o lugar para fugas em massa, mas na outra ponta, de onde tudo vem, fora o gás. O gás vem só depois, depois que tiver sido adestrado como um cão e destramente encanado numa tubulação de nome Nabucco ou seja lá o nome disso que ainda nem existe. E depois até os gasodutos vão se dispor uns contra os outros, pois só pode haver um condutor. Sobre o semicondutor Irã eu estou avisando expressamente, e só essa única vez. Mas agora a guerra acabou, é fato, ela lambeu a saliva dos nossos queixos, e são sempre os mesmos que ganham mesmo, também são os mesmos que perdem, não entendo por que então travar guerras para começo de conversa, o Espírito se torna um jogo de palavras, o Capital uma doação de armas para os desprivilegiados, seus donos se encontram num país estrangeiro neutro, afinal é por isso que o estrangeiro ficou neutro esse tempo todo. Enquanto deixaram e aprovaram, ele apenas aproveitou a deixa: valeu a pena. Tudo o que ainda se move agora se move para lá, para onde deixaram, pois na terra natal tudo deve ser abatido, não só os primogênitos, só porque nasceram primeiro, os nascidos depois também, todos os nascidos, só não os bem-nascidos. Elas já prosseguem, as massas, se perseguem e nem sabem para onde. Então, o comboio dos senhores já vai seguir viagem. Encheram o tanque como sacos de supermercado antes do exército chegar, como puxa-sacos diante dos seus tanques, que encontram os mercados vazios. Tudo que ainda pode ir vai indo, mas não vai longe, pois é só devagar que se vai ao longe, e nós temos pressa. A aristocracia, refúgio dos grandes sentimentos e das grandes façanhas, escapa de limusine, eu como mensageiro sou sempre ultrapassado, eles me escapam e me fazem engolir os gases do escapamento. Pelo menos é uma limusine grande, afinal a Senhora Condessa também tem que levar junto seu amante e ainda mais um senhor, que também é amante, amante de vinhos caros, alguém que carrega a responsabilidade e ainda mais alguém que carregue não só responsabilidade, mas também as malas. Não, é o contrário: Eles têm que fugir à responsabilidade, hoje chama-se essa responsabilidade de imposto, há que se agarrar, assumir a responsabilidade, ela não vai sumir, o que te permitiria resgatar o seguro de vida, antes vai te consumir, ela nos agarra se não nos encarregamos dela imediatamente e assinamos o recibo do mensageiro que a carregou até nós, e então se consome e ficamos devendo tudo a ela. Sempre podemos pagar da próxima vez.

Com olhos fixos à frente eles cruzam o Reino da Morte, esses cruzados da quinta-feira santa, quero dizer, viajam num cruzeiro, ou cruzam mesmo? Lembrem de nós, se é que vão lembrar, não como almas violentas perdidas, mas pensem em nós apenas como os hollow men the stuffed men, eles estão cheios, nós nos enchemos, então por que eles, então por que nós estamos ocos, cavados, mas por que eles têm essa caverna dentro de si e nós não? Homens cavados? Homens das cavernas?, sei lá o que é isso que somos. E também precisamos levar os senhores P. e O., tudo no mesmo pacote, pois são esses os verdadeiros homens ocos, cabe tudo dentro deles. Ou são os outros que são ocos, porque já quase morreram de fome? Oco contra oco. Sua estrada os levou à necrópole. Se o russo não consegue se comportar, a gente vai ter que descontar de antemão do salário todas as pessoas de que ele poderia precisar, para que depois não fique matando elas em vão. The stuffed men. Os empalhados. A árvore deles balança ali, mas eles não balançam numa corda pendurada nela. O dinheiro deles descansa tranquilo em outro refúgio, onde a mãe preocupada não tem que buscá-lo sempre no fim do dia, só se vai buscar quando se precisa dele e quando se tem tempo. O dinheiro não fede, o dinheiro não grita. Os horários de funcionamento não precisam ser respeitados. Afinal o banco nos pertence, os horários não nos escapam, não precisamos ter medo. O banco é nossa fortaleza, nosso castelo, não, não esse aí que acende o céu com a luz vermelha do fogo que o incendeia, agora que a Senhora Condessa e os cúmplices da sua arte já se foram.

Mas antes vamos acender direitinho esse fogo, para que o russo tenha aquecimento quando chegar. Sobre isso os pobres silenciam, sempre. Já estão ocupados o bastante com a própria salvação, desperdiçam o tempo com coisas assim, não é de estranhar que continuam pobres e vão continuar para sempre e sempre. Os ricos não precisam se salvar de todo modo, já estão a salvo, de qualquer perigo possível, na fuga se dirigem aos estoques preventivos do próprio sangue, que em tempos de crise são deixados lá junto com seu dinheiro

sangrento, para que os donos não sejam vistos lá, alguma coisa poderia lhes acontecer. Como se debatem fora d'água e abrem bem as guelras, porque lhes faz falta agora o seu elemento natural, o Capital, o Capital aberto e o Capital dos terrenos abertos, e ainda não podem pedir a restituição! Logo o receberão de volta, só um pouquinho de paciência por favor, resolvemos cada solicitação de uma vez. Suas almas esperam, infelizmente impacientes, não, naturalmente não as almas dos bancos, esses não têm alma, não são pródigos, e nem têm próstata, mas bem que gostam de uma apóstata, digo, uma aposta, e funciona, eles se apoiam e logo já estão a postos, novamente de pé, os bancos, por sorte o dono é paciente e pode esperar e é humano e é húngaro e temporariamente é holandês ou sueco e por isso não vem até a Sibéria, que por sua vez se dá ao trabalho de vir até nós. Como se já não tivessem neve suficiente lá. Bem, esse membro da direção do banco aqui está indo na direção contrária, muito sensato, tem que ir para lá de qualquer jeito, tem que chegar na Sibéria, enquanto a maioria vem na sua direção, quero dizer, a maioria dos siberianos, mas são muito mais os que têm que ir na direção contrária. E na Sibéria, onde a gente congela até as artérias, o diretor fica lá uns anos, vai aonde mandam. Não, o dinheiro fica aqui, naturalmente. E as almas dos mortos? E as almas mortas dos vivos? Quem é que os manda no ônibus escolar, no da escola da vida?, bem, o que é que há com eles? Elas pendem para fora das suas bocas como trapos sujos, enquanto o chofer limpa as velas de ignição. Então, agora notaram nossas línguas, e nos cortam fora mais esses trapos. Não estamos aqui para ouvir essas piadas de religião, estamos aqui para dar um jeito de ir embora daqui. Por isso essa história não pode fazer sentido, diz o historiador, que planejou uma colonoscopia na história, pelo menos planejou, e quase conseguiu ver a história pela outra ponta, mas estava escuro ali no átrio, não, na Áustria, aqui é assim faz tempo, tanto faz, por qualquer lado só teria visto sombras. Não veria nada mesmo que lhe mostrassem numa foto, pois está acostumado a saber de tudo por fotos. Será que ali veria enfim o nada, depois de já ter visto o fim? Não. A história ainda não começou! Pelo menos ainda não terminou, caso tenha começado. Voltem amanhã, aí talvez já tenha! Aí talvez ouçam: This is the way the world ends This is the way the world ends This is the way the world ends Not with a bang but a whimper. E se perderem o começo também não tem problema, é bem verdade que o começo é um poema, mas não tem problema, a história começa de novo especialmente para vocês a todo instante, mas dessa vez, furiosa, ela ataca outras pessoas e, na falta de outras pessoas em quem pudesse fazer uma falta, outras cidades. Em cada história que se preze o proprietário, the stuffed man, o empalhado, tem pelo menos um representante, que toma no cu no lugar dele, digo, que toma cuidado de tudo no lugar do senhor. Ela sempre só afina o instrumento, a História, mas raramente chega às vias de fato. Life is very long. De todo modo hoje é um desses dias em que ela chega às vias de fato conosco, como se a vida nunca fosse acabar. Somos seus instrumentos. Tocamos em consonância. A História toca em consonância conosco. Nossos testemunhos devem ser tocantes e nenhum pode ser dissonante. Não. Não tocamos ninguém, afinal ninguém nos ouve. Então é melhor observar a História retrospectivamente, com tranquilidade, e enquanto acontece também seria melhor deixá-la tranquila, melhor nem olhar para ela, ou logo se vira pedra sob seu olhar de basilisco. Ou talvez seja melhor arrastar a História para um quarto aquecido para descongelar, para o júbilo geral, nós mesmos devíamos finalmente descongelar, não dói nada, ali é quentinho e aconchegante. E é uma bela visão, quando as pessoas finalmente se descobrem e descongelam. Sentimos falta delas. Mas mal chegaram e já estragaram nossa vida. Aqui a História teve a oportunidade, que não vai se repetir, a oportunidade, a História sim, ou não também, tem a oportunidade de ser ouvida tranquilamente. Ela profere uma palestra, afinal ela própria deve ser quem sabe melhor. Between the conception and the creation between the emotion and the response falls the shadow. Não necessariamente é preciso vê-la enquanto fala, pois qualquer coisa que pode ser vista também pode ser perdida. Pois existe. Logo vem a luz do fogo, brilhando para dentro da nossa cama, e então a cama se foi, e nós vamos em seguida. Esses arrombados, digo, os convidados dessa festa de arromba querem jogar as pernas para o ar rapidinho, mais rápido, corre, corre. 15 pessoas deixam o castelo depois de distribuídas as armas e recebidos os mortos, não, a distribuição dos mortos só pode ser feita depois. Não pode ser que a

coragem, a melhor matadora, que mata imediatamente qualquer covardia, de repente se expresse tão grosseira e de fato exultante, afinal já tiveram oportunidade suficiente para isso pelo menos mil anos antes.

Nunca tinha imaginado que ainda receberiam esses últimos pelados aqui!, até os pelos caíram, sem que tivessem que limpar a sujeira, ah, não, pelo contrário, deu até para fazer um pulôver com eles – já que já estavam despidos, despedidos da Hungria e despidos da cidadania, tinham-lhes ordenado explicitamente – por favor, tirem tudo!, é o que diz essa ordem branda, não foi preciso mais do que isso, não precisavam de mais do que isso, afinal não tinham como se defender, e o corpo já se recusa faz tempo a ficar recluso esse tempo em casa. Só queriam sair. Não aguentaram mais. Simplesmente caíram! Nem precisavam de ajuda, nem era preciso o esforço das armas de fogo – matar esses últimos indefesos ao invés de pensar primeiro em salvar a própria pele, que afinal vale muito mais in death's twilight kingdom, e também o tempo vale muito, e já não era sem tempo, é bom comprar créditos de tempo para não ficar no débito temporal! Livrar-se dos maus feitos! Rápido, para longe desses mercados! Se manda! Não, antes de pôr esse castelo em chamas e mandar o sol para umas férias, não precisamos dele agora, o que ele pode a gente também pode faz tempo: mais brilho que conteúdo, brilho tão ofuscante que nem se vê mais o conteúdo; enfim, enquanto os outros já se desfazem em sono e descansam os ossos, ainda temos algo a fazer. Temos alguns afazeres. Acabou a alegria, o fogo sai do tubo oco, os seres celestes rejubilam de alegria porque finalmente venceram os corretos, mas não são ouvidos, só se ouve os homens, como agora não rejubilam mais, e já faz tempo que não. Caem calados como castelos de cartas. Também não têm mais muito peso, e nunca tiveram. Quem sente falta deles? Hão de passar para a eternidade, mas antes ainda precisam de um trato. Vontade de poder, sim, temos, em ordem, em estoque. Mas se os de cima anseiam por descer até o poder, à vontade! Não tem nada de doente nisso, realmente. Melhor eles mesmos resolverem isso, os poderosos, pois amanhã provavelmente já não serão mais isso: poderosos. Terão que se acostumar com essa possibilidade de se isolar aqui nesse plano, sem amigos para convidar para tomar um vinho e atirar no ar com uns canos ocos, até que a montanha venha até o vale e as folhas do alto caiam até os de baixo, que folheiam os jornais do partido para se preparar. Nessa situação nada aprazível que se aproxima só se pode confiar em si mesmo, e isso é preciso poder. Nós também sofremos, para valer! Fomos os valetes do Führer furioso! Perdemos tudo, no fim até o próprio Reich. Na hora de dividir tivemos que riscar o Reich, mas não sabíamos de quem ou de qual ou para qual conta. Que algo assim tenha acontecido! E aconteceu pela primeira vez e com certeza não vai se repetir. Prometemos. Nos comprometemos. Perdemos tudo fora aquilo que por sorte ainda tínhamos. A sorte é só do forte. Ele não tem outra escolha senão ser forte e afortunado. Ou conhecem algo melhor do que conservar aquilo que sequer se perdeu? Afinal não se pode perder mais do que tudo. Então só se pode conservar. A escolha é sua. A culpa é deles, estúpidos mortos – então não tinham voz para ordenar nem força para obedecer? Ah, enfim, teríamos matado eles de todo modo, não importa quanta vida ainda houvesse neles, era uma liquidação total. Da face o último rubor tem de ser tirado (um tira-gosto?), o sono tem de ser afastado antes de sequer chegar, e se chegar então que seja direito!, então: sono eterno. Também não é tão diferente do adormecer diário. Não nos dá trabalho nenhum, dormir, então por que não morrer logo, se o sono é tão aconchegante?, bem, muito obrigado. Essa poderia ter ido com um aceno de mão. Para que o trabalho de erguer o cano? Mas o encanador, digo, o caçador faz isso com prazer para os proprietários, de todo modo também para o próprio prazer, para qualquer proprietário, de preferência eles próprios, que são donos de si. Os senhores têm de ser bem estudados. Só é preciso dizer quem é que manda, e fazem de bom grado, aqueles nomeados guarda-caça, erguem qualquer cano ainda antes que alguém possa encanar, e depois negarão tudo, vão negar até mesmo a própria propriedade e todas as outras também, vão negar jamais terem sido donos ou sequer terem conhecido pessoalmente ou terem visto de longe essa propriedade, de nada, não há de quê. Baixando ao chão esses membros trêmulos, marchar! O russo se aproxima, o grande, ainda que não único filho do Stálin, ele tem milhões de filhos em um!, e vai derrubar esse castelo aqui e aí pôr

fogo ou as duas coisas ao mesmo tempo dos dois lados ao mesmo tempo.

Onde foi que deixaram a presa? Suas presas ainda estão enfiadas na carne? A coroa, digo, a coroa dentária, a húngara, aguentou? Não tinha mesmo, como garantido, nenhum metal dentro que pudesse causar uma reação enérgica, digo, alérgica? Os húngaros são especialistas nisso, e por que não, a fronteira finalmente caiu, melhor para nós, o tempo também foi renovado, várias vezes até, na terceira vez mudamos um pouco o ponto de vista, e agora não estão mais tão proeminentes, os dentes da frente. Além do mais já faz tempo, já desde que estourou sua segunda troca de história, que não se vê mais diferença nenhuma em relação ao seu próprio dente com sua própria história de retenções de traços faciais! Vamos fazer para vocês um preço especial incluindo hotel e uso do nosso spa, não, não o spa para quem sofre de espasmos, aquele para quem está saudável é claro, com sauna e jacuzzi. Se quiserem, os húngaros ainda podem fazer para vocês um rosto novo extra ou dar uma esticada no antigo, naturalmente essa nova aparência menos natural tem um custo extra, mas vale a pena. Por enquanto. Espero que possam ver aí uma diferença clara em relação ao seu próprio, à sua própria natureza! Vejamos se essa coroa dourada de condessa ainda dá para o gasto ou se também aceita dinheiro de plástico, sim, fazer o gasto nesses cartões que agora são aceitos e sempre são bem recebidos, vamos ver se um outro não vai ter que assumir os gastos pela viagem de volta! Ah! A gente acabou se acostumando a esse agastamento! Com um gasto adicional são oferecidos: implantes para os seios, transplantes para a história, implantações de dentes e plantações de gente para o cultivo de peças avulsas. Que afinal têm que vir de algum lugar. Garantimos que essas plantações são sempre replantadas e repostas, sim, como o seu maxilar superior, esculpido do osso da bacia ou todo criado artificialmente a partir de algumas células. É construído do zero, o maxilar. Ou conseguiram outra presa? Ou usaram suas próprias presas? Ou atiraram nesse homem que teria visto e também contado tudo? Então também atiraram no cachorro dele? Por favor, mas isso realmente não era necessário, o cachorro não sabe falar, não é, não, não é. Essa testemunha estaria perdida agora. Ainda tem outra? Ainda tem mais um candidato a ser presa na caçada? Sim, aquele ali no carro, o único que sobreviveu. Podem se livrar dele com calma, agora têm todo tempo do mundo. Naquela ocasião vocês se deram tempo, foi uma pressa louca, era uma presa boa, sim, naquela ocasião, mas sobrou esse um, e agora o matamos no carro dele, então não pode dizer mais nada. Não, cachorro ele não tem, tem carro. Matamos todos, um mais cedo, outro mais tarde, e agora não tem mais ninguém aí para a gente caçar e matar. Só sobraram os turistas que vieram comprar dentes e rostos. E são muitos. Não admira, nosso dente está enfiado na carne de um estrangeiro, então precisamos de um novo! Não admira que não tenha aguentado, o cimento dentário já estava soltando, é a única explicação que posso imaginar. Mas vocês mesmos também têm culpa. Por que têm que morder tão forte? Já explicamos claramente que deviam preservar essa presa por um tempo, até que o esqueleto seja esquecido, porque não dá mais para diferenciar do resto do seu corpo! Nisso vocês deixaram para trás um rastro claro, e deveriam desaparecer o mais rápido possível, enquanto ainda é tempo! Não admira que já precisem de dentes novos de novo! Não admira que tenham que se livrar das últimas testemunhas da sua caça para ter lugar para novas presas, vamos proporcionar os dentes necessários, e muito mais barato do que você conseguiria com aqueles austríacos estúpidos. Mas não dá para continuar nisso para sempre, sem fim, em algum momento toda essa história se acaba engolindo a própria saliva venenosa, e aí seu maxilar nunca mais vai aguentar, nenhum deles mais, nem o artificial mais, o pobre maxilar, tão-paciente, totalmente passivo, agora só aguenta carne moída coberta com purê, no fundo nem isso, pois os fundos da casa já estão cobertos de carne. A carne jaz no fundo da terra se ninguém resolveu ainda desenterrar e voltar a enterrar em outro lugar. É bem possível. Ainda hoje nessa região austríaca o presidente precedente conhece todos os construtores condutores, conheceu até o próprio Führer, mas faz tempo que já não estão com ele, com ele não tem mais ninguém faz tempo. Nada fica muito tempo com ele. Ele expulsou manadas inteiras de gente, mas sempre vinham novas. Um fenômeno, esse homem. Havia que acreditar que em algum momento a terra estaria toda vazia, mas nem sombra! Nem sombra do vazio! Não vai esvaziar, pois agora estão enterrados em outro

lugar. O Senhor Governador e o Senhor Presidente da região e o Senhor Capitão da Legião de Honra e o Senhor Capataz da Região de Horrores, todos numa só pessoa, todos uma só pessoa, eles não aguentam o vazio, só aguentam tudo de uma vez, um fenômeno, esse homem, que veio como se fosse mais de um, como se fosse muitos, eu digo, faz tempo que esse Senhor Governador não aguenta mais governar sua região, seus correligionários desgovernados, devia comandar outra região, mas não importa, também mandava nessa daqui, sem ser comandante, como os dentes não aguentam mais muito tempo nessa cova bem cuidada, tão chique, nesse chiqueiro, embora cuidasse tão bem deles. Ou não. É possível ele ter que ir para a Hungria também? Até seria compreensível, com essa presa que não aguenta. Ou sua presa foi levada a outro lugar pelas escavadoras da empresa Mengele, cavaram algo em outro lugar? Quiseram a cova em outro lugar? Posso imaginar perfeitamente, de todo modo é bem possível tecnicamente, com umas boas máquinas de construção é um nada, cascalheiras temos de sobra, e o Senhor Governador Regional é um amigo querido da construção. E os construtores, não, eles não, as construtoras são amigas queridas suas. Agora ele só sente falta da presa, o Senhor Ex-Governador Regional, seu dente canino, esse lhe faz falta. Ele pode desenterrar tudo, pode voltar a enterrar tudo, mas o dente faz uma falta danada, e como não? Apesar de só usarmos a melhor cerâmica e o melhor ouro da Áustria, da empresa Ögussa, antes chamava Degussa e levava gás para pessoas, ou estou me confundindo?, com certeza, sempre confundo tudo, no fundo, ou no raso também. Mas logo me apontam o erro, sempre. Lógico que apontam para mim, sempre. Apontando para a saída, me expulsando. Mas com os húngaros nunca dá para ter certeza, o que usam, confundem as duras moedas que colocam nas nossas bocas, muitas vezes não fica, o que enfiam ali. Nem mesmo usando o martelo. Quem é homem conhece o problema, pode se colocar no lugar deles, ou então colocá-lo no seu lugar, mas a mulher também conhece, esse problema tão difícil, muitas vezes ela teve que experimentar, e nós, e com isso quero dizer todas as pessoas, devemos então dar um jeito de deixar cada coisa no seu lugar, sendo que nem um dente fica no lugar mais! Devemos ordenar tudo, senão ordenam nossa expulsão, os vencedores, que já faz tempo que são perdedores, mas ainda agora seguram nas mãos trêmulas nossos freios, só não conseguiram frear nossos trens. Chegaram tarde demais para isso. Do que é que estão reclamando? É o modo mais sofisticado de aquecimento, com gás, naturalmente, pensam o que, para que é que a gente teria construído todo esse encanamento, parte em território que na época era inimigo, parte em território que no futuro será inimigo, o que é que deveria ser encanado aí? Pois bem, simplesmente não dá mais para melhorar esses fornos, e simplesmente não cabe mais nada neles, colocam lá por cima, como tabletes, o gás, e aí sai embaixo, mesmo, não é mesmo, não poderia ser mais simples, não, não poderia passar mais nada, não passa mais nada nesses canos, não adianta encanar, os cães passam por vários países, dos quais voltamos a ser amigos ou pelo menos queremos ser, pois lá é mais barato, e oferecemos também – we are from Austria! – garantia pela sua coroa, para os húngaros não poderem passar também! São mais baratos, por favor, tenho que admitir, não admira, mas não admito que tenham mais nada e não tenho mais nada psra dar, pelo menos não dou muita coisa, dou ainda menos, não, mais nada. Não oferecem garantia por nada, os húngaros, eles são assim, excepcionalmente oferecem garantia para a cidadania de um herói de guerra alemão, mas não tem nenhum, pois os alemães não venceram a guerra, como bem sabem, vocês têm minha compaixão, mas alguém que primeiro queria ser vencedor e depois não queria ser perdedor, existe esse tipo de gente, mas não é assim que o jogo funciona. Embora até que seria uma boa!, só esquiar é ainda melhor, ganhar no esqui é o melhor, por isso é melhor morar na Suíça ou na Áustria e poder ir ganhar em Adelboden ou Grindewald ou Arlberg, se gosta de esquiar, mas mesmo que não goste é bem confortável lá, mesmo no verão. Sim, no verão também. Sempre, aliás. Não importa se não conhecem mais o lugar, dá para aprender rápido, cinzas são cinzas, ruínas são ruínas, sujeira é sujeira, tem gente que conhece bem, e de bônus ainda vem um título de nobreza junto com esse vinho ótimo feito de uvas nobres, mas isso é pouca nobreza para esse magnata, cuja coleção de quadros magnetiza as massas famintas, não, desculpe, errei totalmente, essa coleção de arte atrai as massas bem-alimentadas, pois a arte não gosta de ser colecionada, prefere ser

dispersada, como nós, também prefere dispersar os outros, primeiro é preciso ter o trabalho de prendê-la, para as massas, cujos olhos por sua vez nem estão aqui, os olhos não estão nem aí, vagueiam por aí mas não olham para a arte, não, não há olhos aqui, negamos tudo, os olhos não vieram junto com toda essa beleza que veem, os olhos simplesmente não vieram porque estavam embevecidos, porque beberam toda a beleza que os cílios podiam aguentar, e ninguém mais vem junto, não, olhos aqui não temos nenhum, não. Negamos tudo. Se perguntarem, negamos logo, antes de terminarem pergunta. Notem que eu não disse: de ter minado. A arte é algo para as massas, mas não dá para explicá-la a elas. A arte é por princípio inexplicável. Só duas ou três pessoas entendem. É um fenômeno, ela é cega, inútil e sem sentido. Os olhos sempre voltam a passar por ela, mas em vão, querem ver algo, mas não veem nada, pois a arte se recusou a ser colecionada, sightless, unless the eyes reappear as the perpetual star multifoliate rose of death's twilight kingdom the hope only of empty men. Os vazios. Sim, os vazios que foram enterrados em algum lugar, está tudo claro, mas na verdade não era necessário. O que está vazio está vazio e não precisa ser enterrado. O que é oco é oco e não pode ser arte. Ser oco não é arte nenhuma. E não é arte nenhuma ser vazio.

Claro, isso permitem, que alguém se torne cidadão por meio de casamento, morte ou transfiguração, mas de outro modo não vão conseguir garantias dos húngaros, para nada, podem fazer o que quiserem, não vão conseguir, embora a Hungria tenha voltado a ter sua plena independência faz tempo, em suas planas dependências, as planícies cheias de planos de saúde com direito a dependentes, se o pagamento não estiver pendente, mas de preferência apenas para pessoas saudáveis e independentes, cheias de um egoísmo saudável e pleno, nesse país saudável e plano, em plena luz da lua cheia. Por que é que lá seria diferente daqui, onde há escuro ou claro, onde você é claro ou escuro? Por que é que lá deveria ser melhor? Em nenhum lugar é melhor. Só aqui conosco é que nunca é bom. Vão para outro lugar! Aqui conosco não é bom e nunca vai ser bom. É o que digo!

Se aqui não é diferente de como é em lugares diferentes, digo, diferente de quando estávamos em lugares diferentes, lugares distantes onde éramos distintos, digo, por que é que então esse homem, um verdadeiro alemão, deveria se tornar justamente húngaro, o que é que ele tira justamente disso, para que isso lhe serve, que bem isso lhe faz? Pode ser húngaro ou holandês ou belga ou sei lá o quê, mas é melhor não ir para a Hungria ou Holanda ou Bélgica, pelo menos não enquanto o tempo ainda não é propício, pois quando o tempo for propício, aí esses países te cospem fora, de repente não gostam mais do nosso gosto, mesmo assim têm que nos engolir. Não lhes caímos bem, mas somos tudo o que lhes cai no prato. Temos os recibos disso tudo, trouxemos as notinhas. A história acabou de me ornar mais uma pilha! A história não nos honra, seria melhor ser húngaro ou holandês, então agora somos, também. É mais tarde do que pensamos, mais tarde do que planejamos. Agora estamos na África do Sul. Agora estamos na Argentina. Tanto faz, pois quando chega o alemão, podem estar em toda parte, só não ali onde está o alemão, qualquer alemão, como somos, pelo menos éramos, mesmo que não sejamos agora, não sejamos mais, e naturalmente também não devemos ir para a Alemanha, na Alemanha menos que tudo: em primeiro lugar em qualquer outro lugar, em último lugar lá. Suspiros, sem estrondo. Mas se a Alemanha também suspira, é algo estrondoso. Mas se logo duas Alemanhas desabam uma sobre a outra com um leve murmúrio, um gemido de milhões de vozes, então não há estrondo, há justo esse suspiro, e depois ninguém mais ousa suspirar. E muito menos ousam falar alto. Não, não está certo. Ouço os alemães falando alto em toda parte, eles berram a plenos pulmões. Então percebem que ainda há pessoas a uma curta distância deles, e então usam sua fala contra eles como um cortador de grama. Nem uma folha vai ficar de pé depois disso. E também mais ninguém. Não se fala mais nisso. Por que é que ele vem então, o alemão, se gosta tanto da terra dele? Por que é que ele vem e simplesmente fala em toda parte, sobretudo sobre coisas que não são simples, ao invés de sussurrar? O alemão é o viajante e falante mais fervoroso que conheço, só para depois poder voltar para a Alemanha. Justamente. Ele viaja e fala por toda a vida. Viaja e fala pela própria vida. Mas, quando vem, é melhor estarmos em outro lugar. Senão vai voltar com essa história de guerra para cima de nós. Foi assim com todos os outros. Então, quando

está aí, o alemão, devemos estar lá, lá onde não seja esse aí, mas isso só vale durante o período do perigo, é o que quer a consciência alemã, essa consciência pesada. Se a virem, não tentem segurar, senão acabam se quebrando e não dá para se curar, deixem cair, aí todo o resto dele também quebra! E quando o resto também se foi, então suas ruínas jazem por todo o mundo e dão trabalho para arrumar, sempre dá trabalho, o diligente alemão, ele entrega em pedacinhos, dos quais se pode fazer um todo, um todo com um bom tamanho, não necessariamente um todo formado ou uma forma, mas entrega o trabalho, sempre, estou falando bobagem, obrigada, como sempre, por esse aplauso tão desejado, pelo menos uma vez!, o alemão então jaz aí, quando foi todo formado e de novo despedaçado e de novo construído pela viagem, pela enésima vez, então está aí com óculos de sol e calção de banho e biquíni, está por aí, em toda parte, onde quer que seja mais bonito do que na casa dele, com restos de roupas, é o que restou da humanidade, o alemão, pois ainda tem em si um restinho de humanidade. Não conseguimos tirar isso dele, do alemão. Desse oficial alemão, esse oficial da palavra ariana, sob essa tormenta verbal, pois todo alemão é atormentado pelas palavras, só não aceita nenhuma palavra de interrogação, nenhuma dúvida, jamais. Ele treme diante do bem feito aos demais. Também estremece diante de tudo o que poderia se passar. Ele aprendeu. Que devem ter medo dele. Tudo que pode passar através dele e tudo que passa para dentro dele. Ele aprendeu. Então fiquem calmos aí na Alemanha, não na tormenta, na calmaria, pois se o alemão também está aí e finalmente pode ser deixado quieto e também pode ficar quieto, então garanto que não há perigo. Então todos se sentem no sétimo céu, se sentam lá em cima, então são fáceis de encontrar, de lá veem tudo menor do que veem os de baixo. Uma situação desconfortável para nós que sobramos, que eles deixaram sobrar para trás, os alemães, mas não ficam com as sobras. Somos nós que jazemos no chão, não eles. Mesmo que a Alemanha esteja no chão, ainda está aí, grande e de pé, o que é bem estúpido, pois assim é um alvo fácil. Todos os alemães são um alvo e não desviam a mira. A voz deles, essa voz do pensamento, de grandes pensadores, soa bem, ressoa sempre antes que o alemão, que completa seu poder com violência em partes iguais e então ainda mistura um pouco de moral, antes de enfiar milhões no forno, sequer possa pensar.

Um mensageiro excepcional:

Um momento! Um momento! Um momento! Afinal hoje podemos ter uma distância cognitiva em relação a essa era de extremos, e não deviam apostar essa distância no cassino do pensamento simplesmente assim. Agora que aprenderam o pensamento e a ação independentes, finalmente. Pelo menos não deviam apostar tudo no mesmo número, na mesma distância, nem o conhecimento sobre essa distância, como que era, apostar isso assim. Fiquem contentes por finalmente terem conseguido, o conhecimento! O que estou falando? Infelizmente mesmo um mínimo de imparcialidade é impensável para mim, já é um esforço tremendo lembrar de tudo que tenho que reportar. Foi uma mulher totalmente cheia de si que me encheu a cabeça com isso. Sorte que vocês antipatizam tanto com ela! Enfim, não lembrei de tudo. E sobretudo se ninguém governa e só cada um governa a si mesmo, aí é um caos, não dá para cobrar isso dos mensageiros. Para mim não se trata aqui, para começo de conversa, de converter ninguém, de uma convicção ideológica, como vocês sempre acusam em relação a mim e a essa mulher, que sopra o texto para mim, mas das pessoas e das suas relações, até porque a maioria das pessoas age contraditoriamente e porque com os anos suas visões se transformam, de acordo com a situação. Então as pessoas podem transformar suas visões, tranquilamente, por mim tudo bem, mas como repórter eu tenho essa visão, mesmo que atrasada, afinal não posso reportar algo antes de acontecer, não é mesmo, já calibrei essa visão para vocês, seguindo o desejo de uma mulher, que no entanto por sorte não conta, e podem ficar com ela, essa visão, assim, estou dando ela, de mim para vocês, podem ficar com meu caráter também, por mim tudo bem, pois meu caráter é mais resistente que minha opinião, que de todo modo não posso deixar interferir com o relato, foi o que a mulher pediu expressamente, ela não sabe cozinhar então sempre pede algo em casa, mesmo assim você sempre sai da casa dela com fome. Vocês sempre me acusam de só recitar falas decoradas, assim como acusam essa mulher de só reciclar declarações falaciosas, e o que ganho com isso? Ela pediu de volta o guarda-chuva, minha guarida? E como fico agora?

Agora eu me vejo com a guarda baixa. Pois essa visão originalmente era só um empréstimo dessa mulher, eu tinha que devolver antes de poder ver direito a minha origem. Ela, essa mulher, e algumas outras mais, que não contam mais, me deram suas visões, e agora quem é que vemos aí? Vocês mesmos, protegidos da chuva, sob a minha guarda e o meu guarda-chuva, que eu mesmo só peguei emprestado! Nunca tive uma guarida própria, nem mesmo para o mais fraco dos meus membros. Vocês me acusam de ódio contra os alemães? É sério isso? Germanofobia? Mas afinal posso lhes dizer, não importa o que eu disse antes: Tenho orgulho de ser alemão! Nós alemães com nossos limões, os limões corretos, é claro, deveríamos nos limar de toda vergonha, devíamos enfim ter a coragem de alimentar um sentimento patriótico, mesmo que não sejamos alemães de verdade, é o que digo aqui e agora, não só porque me deram essa tarefa, mas porque essa coragem estará perdida por um tempo e as vítimas, os mortos, os que ficaram para trás dos mortos, sim, eles também, as vítimas, como estava dizendo, as vítimas então vão trabalhar mais que as outras pessoas com certos golpes baixos para conseguir o que querem. As vítimas sempre querem alguma coisa afinal, mesmo quando não são mais vítimas faz tempo e não são trazidas outras. Mas sabemos que justo em condições extremas alguns indivíduos podem desempenhar um papel enorme, cada indivíduo com seu papel conta, é importante, e aqui também desempenham algo, numa grande ópera, um tenor, digo, um terror, um papel de vítima, grande papel que desempenham até que seus papéis fiquem grandes demais para eles e precisem ser reciclados. Até que estejam com a barriga cheia de tanto poder sobre os outros. Até que estejam cheios de tanto foder, digo, fazer. E então fazem o que todos os outros fazem. Sim, agora também voltam a fazer isso, antes que o futuro tenha começado. Os alemães não têm medo de si, eis sua grandeza. Eles têm uma bússola interior que sempre seguem, os alemães, mesmo que seja arriscado. Seguem a agulha da bússola interior. Quem sou eu para julgá-los, não posso mudar onde fica o norte! Eles se aproximam dos outros, os alemães, mas não os atormentam mais. Aprenderam com a História, aprenderam de bom grado, pois queriam ser felizes, e quem não quer? Tudo o que terei dito sobre o massacre vai estar certo, mas não atualizado. Se soubéssemos então o que hoje sabemos! Não teríamos acreditado. Tivemos que aprender na marra. Não teríamos acreditado que nos fariam perguntas típicas de quem nasceu só depois. Mas agora já pretendemos nos voltar contra a pretensão moral da posteridade. Agora estamos nos voltando, agora já nos voltamos, agora voltamos e nos voltamos a vocês e falamos com vocês, nossa atenção não está voltada para vocês, mas não adianta se revoltar, é um caminho sem volta, mas sim, nós nos voltamos, mas não estamos muito envolvidos. Vocês exigem receber de volta o nosso envolvimento, não podemos lhes voltar as coisas nem por um instante, não acredito! Como é que se poderia voltar e evitar o que já aconteceu? Vocês exigem envolvimento! Exigem que digamos que isso aconteceu assim e assado, mas se isso que aconteceu acontecesse hoje poderíamos dizer: é claro que teríamos escondido pessoas perseguidas ou qualquer outra gentalha assim. E é o que fazemos. Faríamos. Teremos sabido como pais e avós deveriam ter se comportado, hoje somos enfim capazes de chegar ao nosso próprio julgamento e enfim, enfim!, como mensageiros, não precisamos mais papagaiar o que nos ditaram, o que nos encomendaram. Não temos mais que nos esconder. Não estou pronto para lhes poupar do esforço de pensar por conta própria! Acima de tudo, como mensageiro, não preciso pensar por minha própria conta. Agora está na conta de vocês. Muito bem. Onde estávamos? Aqui. Não nos cabe o papel de juiz, e nem a vocês. Nós sempre, um momento, só preciso me aliviar dessa minha bagagem histórica tão pesada, colocá-la em algum lugar onde não fique no caminho, será que não têm um quartinho para ela, pode ser um bem pequeno? Obrigada, um momento, obrigada, um momento, não me empurrem assim, não me puxem assim, antes só tenho que pousar minha bagagem, como podem ver. Bem sei que estão hipnotizados pela história desses tempos horríveis, já não se interessam por mais nada, estou vendo, e conforme cravam os olhos no terror que esse país cometeu vocês fazem com que a Alemanha volte a ser o umbigo do mundo! Isso já não está claro para vocês? Por favor, para mim, como mensageiro, tanto faz, só vai aumentar minha importância afinal, mas não é bom que a Alemanha volte a ser um umbigo, seria melhor que fizessem dela uma bunda, pelo menos poderiam sentar nela, por favor

me desculpem, pois muito bem, umbigo, mas agora umbigo num sentido negativo. Não é bom. Seria melhor bunda, muito mais prático também. Quando nós mensageiros podemos nos sentar e descansar em paz?, entendo bem a Alemanha então. Mas umbigo não é tão bom. Bom, por mim também, todo mundo tem umbigo, e alguns acham que o mundo gira em torno dele, valsando, que absurdo, mas por mim. Mas para evitar essa fixação no passado deveriam no futuro, caso vivam para vivenciá-lo, passar umas décadas em outro lugar, talvez na África do Sul, na Argentina, sim, Argentina é o melhor, lá estarão bem, não importa o que acham da Alemanha, não importa quem foi achado na Alemanha, e depois vocês continuam reportando. Sempre podem ir aportar na Argentina. Esperem por lá, e só então reportem! Sim, eu sei, eu devia cuidar da minha vida, da minha casa, mas tem tanta merda ali, trazida pelos mensageiros dos correios, principalmente folhetos de propaganda, embora eu tenha proibido terminantemente. Enquanto jogo tudo no lixo reciclável, ouço recitar uma voz lá em cima, que provavelmente não vem de um mensageiro autorizado, e a voz clama: Vocês também jamais deveriam se pôr no papel de legisladores alheios! Não, não deveriam. A voz está certa, a voz da mulher e a voz do homem, as duas estão com a razão, são a voz da razão. Conheço mais alguém que sempre faz isso, produz leis, ainda enquanto fala, cada voz é uma lei em si, mas agora sente muito remorso. Há décadas remói o fato de tudo o que fala virar lei. Tem muito a remoer, inclusive o fato de ser uma mulher, sim, ele também remói isso, é bem desagradável, mas sobretudo remói ter feito por tanto tempo as vezes de legislador do que os outros devem pensar. Não cabia a ele. Como ele é uma mulher, nada lhe cabe, é claro, mas que ele queira fazer leis, isso não lhe cabe mesmo. Pois na Alemanha pululam apóstolos morais em seus postos de vigia moral, pululam como num formigueiro, papéis são encontrados e jogados fora de novo, também já joguei fora uma tonelada de papel aqui, nem olho mais, já antes sei que é material publicitário, chega mais rápido do que se consegue jogar fora, o material populacional também é feito e distribuído mais rápido do que se consegue jogar fora. Somamos a isso nossos próprios papéis, nos quais lemos sobre tudo isso, assim simplesmente, para o lixo tanto faz, ele nem nota, não sente, de todo modo não o bastante para nós, cujos sentimentos ainda valem algo; de fora não dá para ver se esse papel no lixo foi grátis ou se foi colado um selo, será que doeu para colar o que estava quebrado, perdão, segui a linha errada, bem sei que não me desculpam. Ainda mais papel! Mesmo que vocês, muitos de vocês, não queiram admitir: Já há mostras de cansaço. Depois do trigésimo anúncio que jogo fora, porque o futuro transcorreu de modo diferente do anunciado, faço uma pausa. Se em algumas décadas perguntarem ao formando o que é que mais lhe atormentou na escola, vai dizer que foi esse período aqui, que nem vivenciei e só conheço por meio de relatos de mensageiros. Esses anos terríveis dos quais fala o mensageiro, se é que chega a isso, pois não pode mais ver nossa porta de tanto papel e não vê a abertura na qual introduzir sua mensagenzinha, então o mensageiro tem que admitir que esses poucos anos tomaram, na distribuição de suas mensagens, um lugar desproporcionalmente grande. Agora, se elevamos um pouco esse lugar, pois ele tem lugar sobre trezentas toneladas de papelada, é um pesadelo, um papesadelo?, não, uma papelada que não foi arrumada, então sabemos cem porcento como é que outros teriam se comportado e como nós mesmos teríamos nos comportado, isto é, como uma exceção. Faça você mesmo, é cada um por si. Isso ainda não é resistência, excede a resistência, e com certeza é o que você teria feito naquele tempo. Se sequer tivesse feito algo, então teria sido uma exceção. Moralmente não é tudo preto e branco, temos que admitir!, mas nesses anúncios tudo é bem colorido, é verdade que não dá mais para ver quem era o algoz e quem era a vítima, mas nem é preciso ver, é só uma fronteira que pode ser mudada a qualquer momento, peguem uma caneta ou uma canetinha, e mudem! Nem têm que pintar dentro das linhas que desenhei, tanto faz, hoje tanto faz, isso já se sabe, quem foi liquidado e quem liquidou, mas nesse anúncio vocês também podem ver em cores todos os tons intermediários, e em liquidação. É só comprar, todos têm que ir, têm um compromisso para comparecer. Lá onde vivem os homens saudáveis, têm que ir para lá agora, se comprometeram, e quem promete tem que cumprir, os tons intermediários. Não, vocês mesmos não têm que comprar nem cumprir nada, nenhum compromisso com a verdade, pois também não tem mais verdadeiro e falso, só uma área cinza no

meio. Fora com os tons intermediários, fora com os meios-tons, também não tem mais rico e pobre, o que mais não tem eu esqueci, e o que tem agora também já foi. Então.

A voz que ouvem agora, essa voz é a voz do motor, não, do promotor, do poeta que só quer se promover, não nos avisaram para tomar cuidado então agora a voz dele ressoa nos restaurantes, se eleva nos elevadores e se aloja nas lojas, sim, vem soando a plenos pulmões de todos os lados pelo ar, essa voz, não dá para escapar dela, e a sua hora, a voz da hora, ahn, a hora da voz é a toda hora, e sempre acabou de chegar. Talvez para falar com palavras de bem e mal, para fazer disso um tema para as próximas gerações, que já estão por aí trabalhando duro para levar um pouco de amor ao próximo para seus próximos, incansáveis como a chama de velas com a quais não é necessário vacilar, pois não podem ser necessárias em casa, então, o amor pelo vizinho atrás de cercas de alambrado, o que é que eu queria dizer, o que é que eu, como mensageiro, posso lhes dizer sobre os alemães, os grandes criminosos dos velhos tempos? Mas em nosso novo tempo temos criminosos novos, melhores. Os alemães dizem que hoje não podem vir mais, porque justo agora se encontram no pico mais alto, de onde não querem descer tão cedo. Têm que aproveitar a visão do vale, onde os outros estão, e só então querem voltar a descer de velho pedestal nos ares, onde têm ar de quem sabe o que seria bom e o que seria mau para as pessoas, e por isso sempre é sua hora, a hora dos alemães, o programa dos alemães acontece sempre e sempre é transmitido. É só girar o botão e já ouvem uma transmissão alemã. O alemão emite, o austríaco bem que gosta de ser remetido pelo alemão, só precisam indicar o endereço do remetente e do destinatário, o enviado é o abençoado, que aprecia ser destinado ao seu destino, até ser mais destro que aquele que lhe trouxe o destino e torceu o pepino, quer dizer, o pescoço, e naturalmente mais destro que aquele que ele enfiou em seu destino, então, os fios já estão escondidos, estou confiante que não vai dar para ver, os fios já foram enfiados, então você vê os bonecos se movendo sem ver o que os moveu e o que é que se enfiou neles, talvez contra a vontade deles, pelo trabalho de muita gente, gente demais. Dos fios da trama do destino não vão querer saber nada, pois nunca querem saber nada, no melhor dos casos vocês depois, mas antes também, não sabem de nada, então o que há de importante, que não querem saber, já estará enterrado, eles estão enterrados, estão na terra debaixo de nós, mas não sabemos disso, não é mesmo, não, não é, não, é mesmo, tanto faz se é ou não é, tanto faz mesmo, o austríaco tem mais destreza em se adestrar que o alemão, que percebe tudo e fica sempre repetindo e repercutindo para não esquecer. Para que não se perca no percurso e possa enfim ter repercussão. Mas o alemão também nota tudo e anota tudo, por exemplo todos os destinos em que já esteve de férias, e foi tão lindo que bem que gostaria de ficar lá para sempre, mas nada do que anota é para sempre, só nota que gostaria de ter férias para sempre, mas então nota mais rápido que os outros o que tem de errado ou injustamente distribuído nesse lugar. Ele quer distribuir de novo. Quer destruir tudo de novo. Já o austríaco sempre esquece tudo, mas não esquece que é contra, por princípio, contra esquecer qualquer coisa. Isso é divisão do trabalho. Quem esquece é feliz, mas só se esquece que esqueceu. Se esquece sem saber, então também nada mais acontece. Hoje pediram para lhes dizer, mas infelizmente esqueci quem foi que esqueceu o quê: É claro que terão uma garantia para as águas termais, para além da próxima hora, sim, nos negócios o alemão cresce para fora de si, se propaga, procura respirar e paga pelo ar quanto quer que custe, o campeão mundial de exportações, in this last of meeting places we grope together and avoid speech, não, isso agora não, os alemães, eles falam e negociam, conseguem fazer as duas coisas ao mesmo tempo, conseguem até falar inglês, quase sempre. Aliás, ele não vai ser campeão mundial de exportações por muito mais tempo, o alemão, logo vão alcançá-lo, não, dessa vez não o alcançamos, nós austríacos, dessa vez ficamos onde estamos, ficamos bem como já somos, não temos mais que virar alemães para estar bem, já estamos bem de certo modo, e sempre estivemos, já desde nossa língua, que foi criada para que pudéssemos falar em inglês nos outros lugares, e dessa vez até a China vai entrar no jogo, agora é a vez da China, o Império do Meio, e ela acaba de vez com nosso Império da Mediocridade, a China não fala, mas age e negocia tanto mais. A China é que está dirigindo os negócios agora. Com certeza querem saber mais sobre essa garantia da Europa,

que acrescentamos no pacote para que não precisem ter medo: Ela garante que as águas termais dentro da Europa, que mencionei há pouco, funcionem sem germes estrangeiros prejudiciais, mas claro que só se não deixarem entrar nenhum estrangeiro, podemos garantir também o spa, embora o calor faça germinar os germes nas áreas úmidas e mornas de *Regina Coli*, rainhas e reis do céu, foi o que ouvi falar, eles crescem sem limites, for theirs is the kingdom, por mim tudo bem, de todo modo estamos todos na merda, por que então não germinar, se queremos gerar uma raça superior, isso em princípio qualquer um pode ser, um superior, e castigar seus escravos, esses em princípio qualquer um pode ser também: escravos, até acabar? Mas é um tiro no pé! Estúpidos!, não conseguimos concordar nisso, só conseguimos concordar sobre quem é senhor e quem é escravo, mas com esses germes é preciso começar cedo, combater e enxotar. Afinal para que os compramos e trouxemos para casa? Não fizemos isso, não! Então. Agora já sabem. Perdemos o comprovante da garantia, não temos provas de sequer termos comprado e levado para casa esses escravos. Já apagaram todos os rastros, é lógico. As vítimas foram jogadas ou caíram em covas em ziguezague, parte delas com certeza ainda vivas, pois matar dá muito trabalho, nem imaginam quanto trabalho, então jogamos as vítimas mortas ou vivas lá dentro, umas sobre as outras, uma massa de gente, se amassando, mas a pergunta era: como enterrar, não, enfiar a maior quantidade possível de pessoas no menor espaço possível, e não são só as companhias aéreas que estão se perguntando isso. O que é certo é que essa cova em ziguezague pode ser esvaziada de novo a qualquer momento, de preferência à noite, mas com máquinas pesadas o trabalho é leve. Aí não vão voltar a encontrar as covas, pois nós p.ex. reciclamos covas de cascalho como covas de gente, qualquer construtora saudável conhece essas covas, toda construtora tem ou conhece uma pessoalmente, senão de onde tirariam esse material tão importante para construir o futuro? O cascalho, a bufunfa? Toda economia saudável quer fazer o máximo possível de cascalho, o máximo possível de bufunfa, e naturalmente gastar. O pão de cada dia. Poderia até ser que jazessem ali, mas não sei. Não tenho garantia. Bem, até a Degussa oferece garantia nos produtos, mas onde foi que coloquei?, quero dizer a Degesch, vimos que os produtos funcionam, experimentamos milhões, queríamos ter plena certeza de que não poderiam continuar vivos, mas nada mais é garantido. Não tem garantia se o produto não é o nosso, não é alemão, não é da Áustria alemã, mas de outros, da Hungria ou outros desses países recém-formados, que antes não existiam, é o que quer dizer recém-formados, ou estavam malformados, na forma de serviçais ou criadas, essa gente precisa de um fórum!, esses países eram totalmente dependentes de nós, ora de uma coisa, ora de outra, outra hora ainda de quotas de exportação, e então de cotas para imigração, só para poder conceder ou negar a cidadania, de modo que as pessoas então são diferentes daquelas que nasceram e diferentes de como eram quando nasceram. Por favor me digam: Que alemão se torna húngaro de livre e espontânea vontade? Da Hungria só se vai embora, voluntariamente ou não. Todas têm motivo também. Mas também são buscadas sem motivo, pelo menos parte delas, levadas até a estação de trem, seu fim é vigiado, estão no fim, estão acabadas, aí acabam na cova. Só alguém que com isso quisesse permanecer alemão iria visitar a Hungria nessa situação tão precária! Melhor trazermos os húngaros para cá, aí não temos que nos deslocar. Quem poderia de todo modo ficar, esse é que vai para o estrangeiro, ou fica também, não teria sentido ir. Não seria abrigado. Seria uma briga e seria obrigado a trabalhar até morrer e ser enterrado e acabou. Alemão no estrangeiro: é o melhor de tudo. Assim se distancia de si e vai para outro lugar, quem ele quer ser? Quem o alemão quer ser? Seu dinheiro fica na Alemanha, onde pode ir fazer compras sozinho, é bem prático, estando ali num belo banco sem ter que ter medo de nada que possa acontecer com ele. Tudo isso outrora nos pertencia, sim, e agora de novo tudo, sempre tudo de novo, sempre a Áustria de novo também, e isso é e continua até o fim para sempre alemão, agora sabemos por quê, sim, os dentes também, outrora todos também nos pertenciam. Quando éramos mais jovens e ainda tínhamos dentes. Naquela época tudo era regulado e centralizado. Simplesmente é preciso haver uma central, a pessoa de repente está numa pradaria em algum lugar como se fosse a terra prometida, mas não era a terra programada. De repente a pessoa é húngara e ela mesma nem sabe por quê. A pessoa não tem absolutamente nada a ver com a

Alemanha, talvez tenha vindo ver a Alemanha, mas justo durante a guerra, aí a pessoa perde a sacola de ginástica, daí a escova de dentes, daí a raquete de tênis, daí os bastões de esqui, daí a vida, sempre tem alguma coisa faltando, de modo que a pessoa tem que faltar, e acaba sentindo falta de si mesma. Sentimos falta de algumas pessoas. Já encontramos! Encontramos todos. A central é em Berlim, outra em Düsseldorf, o diretor logo estará na Sibéria, já no próximo trem, mesmo assim vai demorar um tanto até que chegue lá. O dono da porra toda, ou pelo menos metade da porra, está na Suíça e ficará lá por ora, não vai embora, pois naquela época a viagem ainda era perigosa. Nós terceirizamos o bom e o mal para lá onde não estamos. É assim que deve ser, é o que se chama outsorcing, pelo menos acho que é, os bons na sua panelinha, cada um puxando a sardinha, mas sou só o mensageiro. Às vezes esqueço disso. Preciso vomitar. Então tombam as sombras, e volto a saber onde estou, vejo no chão o que pus para fora.

Até eu consegui para mim, quando já estava quase congelando, um aquecimento central, só que o mensageiro infelizmente não costuma estar em seu apartamento com aquecimento. Sempre tem que correr ou pedalar, o que também aquece. Vá lá e faça o mesmo! Quê, não têm carro? Até na Hungria tem carros, até na guerra, mesmo que não muitos. Devia cuidar melhor desse dente, senhora condessa, diga-se de passagem, mas também como assunto principal, senão vai precisar de uma nova coroa, possivelmente vai ter que rodar um pouco para conseguir, pois a coroa do conde você já adquiriu com o casamento. E olha que era um condezinho bem pequeno, mesmo assim um conde. Os húngaros são e sempre foram mais baratos, por que pagar mais?, se já dá para conseguir uma coroa húngara, coroa é coroa, e as húngaras sempre foram mais baratas e ainda são!, mas não mais, e também não é de graça. Fomos agraciados com ela pela União Europeia, o que nos alegra muito. Mas ainda não chegamos aí, isso ainda está longe na névoa. Ainda reinam preconceitos mesquinhos e privilégios medíocres e pensamentos mofinos, todos querendo ser empregados. E os empregamos, mesmo que não queiram.

Devo relatar que as espingardas foram trazidas para a sala, onde podem pegá-las desde já. As armas serão entregues e se destravarão e se entregarão até que os canos brilhem quentes. Devo informar-lhes por meio desta que ofereceram as mãos voluntariamente, que suas faces coradas, acima mencionadas pelo caro colega de botas pretas, não perderam a cor, na verdade não vimos nenhuma face corada, fora a da senhora condessa, condessa, como já dito, única e exclusivamente pelo casamento, que cuida para que a pessoa se torne única e exclusiva, e tudo isso na Hungria, onde a pessoa sequer queria morar, se ainda existe Hungria, quero dizer, existe a Hungria em múltiplas formas e muitos lugares, sim, na Áustria também, mas lá ninguém quer viver, melhor na Suíça. Como húngaro na Suíça, isso é o melhor, mas, como dito, só podemos ostentar uma coroa de conde bem pequena, por isso foi barata, o preço foi reduzido, não foi retirada, nunca pode ser retirada, o preço é que foi reduzido, ela mesma já era reduzida, não se trata da linha principal, mas de um trem secundário, que vai ser abandonado, se apenas tivéssemos os selos corretos, mas mesmo assim é uma tarefa grandiosa, não faço ideia de qual, com que as pessoas serão confiadas. De todo modo não queremos fazer dívidas por uma coisa dessas, preferimos dividir as espingardas e as pistolas, não, as pistolas não, essas trazemos conosco, presas firmemente, distribuímos as armas, as armas longas, não dividimos, distribuímos, e a cor nas faces coradas da senhora condessa talvez fosse tão artificial quanto seu batom, essas faces reluzindo de fato com brilho interior ou outra coisa?, sim, creio que era ela, pelo menos foi como a chamaram, senhora condessa. Não deu para localizar claramente no meio de tanta gente alta armada vestida de preto. Não é brincadeira. E você? Armada também? Bom. O preto, qualquer um pode te dizer isso, deixa a pessoa maior e mais assustadora, como um quadro negro em branco, digo, sem nada escrito. Tudo o que se poderia escrever nele parece menor, digo, o quadro logo parece menor quando algo é escrito nele. De todo modo o preto é indescritível, mas sempre algo é inscrito nele, parece mesmo pedir isso. Algo arranha o quadro. Tudo alemão aqui, tudo alemão, e ainda por cima nesse preto elegante, com botas, mas para sua sorte não estão na Alemanha, onde os primeiros quadros já se quebram ou só podem ser preenchidos pela metade, como cacos de cerâmica. Relíquias de homens das cavernas. De homens cavados, ocos. Não dá mais para ler nada. Não dá

mais tempo. O novo tempo está acabando, então o que fazer?, gastamos o velho precipitadamente, quando recebemos o novo, logo que foi anunciado. Mas chegou uma coisa diferente. Logo que a senhora condessa pegou ela mesma uma arma soube que era ela. Convinha a ela. A arma vinha e convinha a ela. Naturalmente também queria atirar. No tiro há uma ordem hierárquica, o superior atira primeiro, na presa superior, que não é o homem, é o cervo real, com dois chifres que acabam em seis extremidades cada, o homem só acaba uma vez por mais extrema que possa ser, e quando o primeiro acabou sua caça, então os próximos podem acabar com as outras presas. Tem suficiente para todo mundo. Só vi muito mais tarde, quando a revi depois de anos, que devia ter sido então uma mulher tímida, reservada. Terá sido afinal a banalidade do mal, da qual já ouvi falar tantas vezes, mas de todo modo só tarde demais, senão poderia tê-la reconhecido pela sua banalidade, essa mulher, não? Na verdade sequer cheguei a vivenciar isso, que o mal pudesse ser banal. Deitar-se de costas, fingindo estar confortado e conformado e acovardado, dependendo do que querem as mãos que tateiam, mas desprezar a sabedoria humilde e adestrada e piedosa e conformada –bem que gostamos disso, mas isso já temos! É o que parece, quando os poderosos se diminuem. E sempre sabem quando têm que se diminuir, sem de fato se apequenar, claro, senão não teriam que fingir. Se desaparecem por completo, como se estivessem mortos, pois muito bem, é o que querem, e desaparecem sempre somente enquanto querem. Diferente dos mortos, sempre reaparecem, aparecem no hiato entre ideia e realidade, entre o movimento e o ato, sim, justo lá aparecem, ali aonde a luz não chega, onde tomba a sombra, podemos ficar ali. Podemos pelo menos tirar uma foto ali. Muitos de nós acreditam serem eles, os poderosos, pois deles é o reino, a vida é tão longa, mas não percebemos a maior parte do tempo. A humildade também pode ser sábia! Só desaparecem para retornar novamente, os donos do poder. Seu dinheiro já desapareceu antes, para mais tarde poder reaparecer, quando precisarem. Por sorte pode ser posto no microondas a qualquer momento, o dinheiro congelado. Para os donos do poder é a vida é para a vida é esse o seu modo, que esse mundo é o modo que acaba, esse mundo é o modo que acaba, o mundo que acaba não com um estrondo, mas com um vocês já sabem o quê.

Por sorte não somos humildes, o mensageiro pode lhes relatar, digo o que é, digo o que me disseram, palavra por palavra: Odioso é para nós aquele que nunca quer se defender, e são justo essas pessoas que agora enfileiramos. E nós mensageiros enfim leremos essa mensagem. Nós, corajosos, deixamos que os humildes nos sirvam, com prazer, deixamos que eles se sirvam. Já se entregaram, e agora se servem para nós. E depois ainda servem para tirar a mesa. Naturalmente nos repugnam, mal podemos engolir uma garfada, porque nem se defenderam quando nos servimos deles. Esses homens nus realmente engoliram tudo que fizemos a eles, o cuspe venenoso, o olhar maldoso, foi esse seu modo servil, anulados pelo trabalho, meu gosto prefere outras vítimas, mas não as consegue, só consegue essas que já estão meio mortas e apodrecidas, e justo assim é que as queremos, também. O que mais cedo fervia de raiva agora está cozido. Mesmo assim não queremos comer essa carne. Nem encostar! Surrar, por mim, atirar, tudo bem, abater, não me importa, mas não encostar! E a mera quantidade basta para compensar a falta de qualidade humana. Entre minha concepção da massa e a criação da massa (quero dizer a criação do mundo?), entre a emoção e a reação tomba a sombra, da qual falei antes, já no escuro. Ficamos de lado para ela não cair sobre nós. De repente fazemos brilhar o fogo das nossas mãos, das armas que carregamos nas mãos, que foram carregadas antes do disparo, brilhando em disparada para o céu e para a terra e sobre essas pessoas, é maravilhoso. Uma palavra frequentemente usada para isso, no momento não me ocorre outra. Como mensageiro eu sempre deveria dispor de várias palavras, que teria que ter na ponta da língua, mas as palavras se amontoaram e se amassaram e se amalgamaram tanto, como já relatei, que agora não consigo mais separá-las. É que usamos argamassa de secagem rápida. Naquele tempo tudo tinha que ser rápido, rápido, rápido! Matar duas, três pessoas, não precisa ser um Michelangelo, mas 200! Um momento, me disseram aqui: 180, quase 200 indefesos, deveria antes dizer: perfeitamente indefesos, para enfatizar a perfeição disso tudo com acertando a conta e o que conto, não sobrou nada nem ninguém, todos

caem como pinos de boliche, esses homens ocos, não, não eram homens poucos, são homens ocos, sendo que nós somos os homens cheios, plenos, recheados de palha, pelo menos a cabeça. Infelizmente o maldito computador não traduziu tão bem o poema, até eu poderia ter feito melhor, mas dá para entender a mensagem, é como um mensageiro que vem anunciar o poema antes que ele chegue. Tudo perfeito como um poema! Na verdade esses homens cavados parecem homens de verdade, só que ocos, porque nunca comeram nada, suas vozes dessecadas, quando juntos sussurram, são quietas e inexpressas como o vento na relva seca ou pés de ratos sobre cacos em nossa adega evaporada sem sentido. Então agora estourou o fusível do computador. Não dá para fazer mais nada com essa gente. Por isso os trancamos lá, no nosso sótão. Mas era um lindo sótão, pintado de branco até, na verdade era onde ficavam os cavalos, sim, exato: branco e lindo e limpo, o sótão onde foram detidos, um antigo celeiro enorme que foi pintado de branco, whitewashed, e isolado, pusemos lá os homens ocos e, embora ocos eram completamente humanos, com tudo dentro, fôrma sem forma, sombra sem cor, força paralisada, gesto sem vigor, foi o que fizemos com eles, e mesmo assim: humanos completos, como nós, no fundo completamente iguais a nós – completo, isso é só uma palavra, como o amor é só uma palavra, mas dessa vez a palavra está completamente certa, melhor que nunca, acompanha bem muitas coisas, obrigada, tanta completude já me basta, tem que ser tão completo assim, tem que ser tanto tempo assim, não dá para demorar tanto mais! De todo modo não compensa atirar em todos, mas temos que fazer, agora já estão aí, onde nunca pensaram parar nem passar, mas foram obrigados, nascidos para o trabalho, não, não nascidos, feitos para o trabalho, não se nasce mulher, faz-se mulher, assim é a vida, cada um cospe no outro se tem a oportunidade de encontrar alguém. Mas atiramos e do mesmo modo acertamos, não precisa ser um Michelangelo, infelizmente, não é tão difícil, pois os homens foram trazidos até nós especificamente para esse fim, houve um chamado, e então, à uma e meia, duas horas: gritos. Aí por mais que se fechasse janelas e portas e ouvidos: gritos gritos gritos, berros horríveis, será que não podem ter um pouco de consideração, estamos querendo dormir essa hora, todo mundo essa hora quer dormir, fora aqueles que não querem ou não podem, o chamado veio, as armas foram distribuídas, vai demorar décadas até os trocados políticos poderem ser coletados, e sem juros, pois não foi planejado, foi simplesmente feito, e podemos eliminá-los, estão aí, precisam não estar mais, simples assim, não tem muita coisa aí, mas aí estão, encomendados e entregues, eles que cruzaram conosco com olhares diretos, lembrando de nós até o outro reino da morte, mas não terão essa oportunidade, foram-nos dados, confiados, para atirarmos, e praticamos o tiro, eis nosso privilégio. Eis o privilégio dos que não são ocos, que estão tão cheios de palha, stuffed, ao contrário dos outros que não estão recheados, pelo menos não com palha. Não são animais empalhados cujas peles servem de suporte! Um momento! Eu os vejo, eu os vejo, os homens, os homens ocos! Eles que cruzaram conosco com seus olhares diretos, lembrando de nós até o outro reino da morte, e depois não mais, se de todos, se lembram de todos, então de nós também. Fora com eles. Fora fora fora. Embora não seja divertido. Só é divertido se você antes se embebeda corretamente, tem que demorar tanto tempo assim e demora, chegou a hora. Mas então tudo nos diverte, até foder, é como a luz do dia em uma fenda defeituosa que se fecha, é uma árvore que cresce, não, uma árvore que balança, e há vozes no vento, que canta mais longe e mais grave que uma estrela apagada, agora não sei, estamos falando de uma estrela do rock ou de quem ou de quê?

Vocês acabam de ouvir nossa transmissão diária da banalidade do mal, já a conhecem, de ontem e de anteontem, e agora voltamos com um pouco de música. Essa música é mesmo de anteontem, não conhecem nenhuma nova, não têm nenhuma nova, a mais nova? Então coloquem. Então se coloquem. Também temos ainda outra música do ano passado, é mais nova que essa, mas já tem aquela de amanhã e de depois de amanhã, já baixamos elas hoje. É exatamente igual à que passou, toda música está aí e já passou, quando é colocada a tocar, música é tempo que a gente ouve, em geral o fato precisa primeiro ser feito, primeiro precisam fazê-lo, mas há fatos que não devem ser feitos e também nem podem mais ser feitos. O que aqui cometeram, seria melhor que desaparecesse, deveria ser omitido, mas nunca mais cometido, devia ser apagado para que nunca mais ninguém

pudesse cometer. Por favor, de novo não! Mas amanhã também voltarão a poder ver e ouvir uma transmissão bastante banal, que sequer trata mais do mal, mas mesmo assim será incrivelmente banal. Não dá para acreditar! Quem puder acreditar que acredite, mas É inacreditável. Fora com os olhos! Joguem fora seus olhos! Como assim? Nesse buraco não tem olhos nesse buraco aqui nesse buraco oco. Mesmo assim fora com os olhos! Joguem fora! Mesmo assim continuem assistindo!, justo agora vai ficar interessante. Não, na verdade não. De novo nada. Então vão se catar!

Essa é a festa em que é morto o verdadeiro cordeiro, cujo sangue protege as portas dos crentes. Ora, nada faz sentido nessa fala. Não só eu não tinha que ter falado, para começar, também nem tem sentido. Pois quem espalhou essa tinta vermelha em todas as janelas e até na porta? O mensageiro deveria olhar antes de pôr a mão. Estou me sujando todo, só de bater na porta, toc toc! O que acham, em quantas portas e janelas tenho que bater diariamente? Se todo mundo espalhar sua porcaria aí, como é que vou ficar? E afinal que matança é que se deve prevenir aqui? Nenhuma, ué. Antes o contrário é o caso, a matança deve ser prevista e então praticada, pois o homem não sacrifica Deus, não, Deus também não sacrifica Deus, e Deus também não se sacrifica ao seu pai, não nãonão, já vi muitas vítimas sacrificiais, essas aí de fato não, mas tantos mensageiros me contaram sobre isso que tenho que acreditar. Mas não faz sentido. Deus não se sacrifica nem se vitimiza. Deus se dá de presente. Não vejo a diferença, mas entendo Deus muito bem. Antes de me espancarem e me crucificarem, também prefiro me dar de presente! Não posso ver o que está por trás de Deus, muito menos acima dele. Mas antes de mandarem me espancar poderiam me ter mesmo de graça. Poderiam me receber grátis como brinde que vem junto com Deus. A senhora condessa também se sacrifica, mas não sei por quem. Creio que se sacrifica pelo seu cavalo, foi o que me disseram. Logo vai embora com o carro, seus dois adjuntos, não, ajudantes, não, agitantes, não, agitadores, com certeza não, para que tanta agitação, o que teriam para festejar? Quase 200 já foram, ok, 180. Só aconteceu uma vez e acabou, acabou de acontecer. Então não tem comemoração, no mínimo daqui dez anos, quando já vão ter outras preocupações e outros motivos para comemorar. Os aniversários só vão vir muito mais tarde e não serão motivo para comemoração, os olhos não estarão lá, os olhos nunca estarão lá, na rememoração do cometido, na comemoração do arrependido, na cova desse maxilar oco quebrado, do osso quebrado. E ainda temos que enterrar tudo isso também, enterrar nesse fundo, nessa fossa, nesse último dos pontos de encontro procuraremos 60 anos depois ou algo assim, talvez 70, 80, 180?, estimo que uns 60 anos, mas também pode ser mais, procuraremos esse último dos pontos de encontro, vamos procurá-lo, tateando juntos, falando sempre e de novo para evitar falar, até ser carregado por esse rio da memória, na margem desse rio túmido, sightless hoje, sightless amanhã, a não ser que os olhos reapareçam, mas nem mesmo em sonho esses olhos nos aparecem. Sem sacrifício – sem sagração! Consagrações depois, e então paradoxalmente os sacrificados é que serão comemorados, e não nós, não nós. Vamos comemorar com as vítimas, pois a vítima é o dom é o sacrifício é o filho. O pai é liberado, o pai é liberado do sacrifício, graças a Deus que em algum momento o pai foi liberado, pelo menos sabe como é difícil. Sangue tudo bem, mas por favor não aspergir na porta e nas janelas, alguém pode pôr a mão sem olhar, sempre sem olhar, e muito obrigado! Então Deus não sacrifica Deus, a si mesmo não, ele se oferece, se dá de presente, é uma doação de si por amor, não é nenhum sacrifício. O cristianismo não sacrifica nada vivo, por princípio, vê se aprende de uma vez por todas! Isso ele nunca fez, sacrificar vidas vivas, e aonde é que a gente ia chegar? Íamos chegar exatamente aonde estamos! Com esse monte de ruínas aí, acabou de chegar. Uma vítima a mais ou a menos, melhor uma a mais no Reino em sombras da Morte, só a esperança dos homens vazios se levanta, dos homens vazios, qual a diferença? Estavam vazios e ainda estão.

Então o que a senhora condessa faz para mim não é nenhum sacrifício, não, para ela também não, ela faz de bom grado! E o que a pessoa faz de bom grado é bem feito, ahn, não feito, ahn, não, mas simplesmente é melhor do que o que se faz contra a vontade. Por favor, foi um prazer. Não há de quê. Mas mais tarde haverá de quê, e não será

prazeroso. Engraçado. A esperança dos homens vazios não permite que se levantem, por mais que seja leve e frágil como uma pipa.

Sim, a senhora condessa! O tempo todo não falou nada, mas fez muito. Já sua família fala tanto mais e tanto mais alto, ela ainda tinha décadas diante de si, para serem preenchidas com alegria e alarde, mas de modo algum com aflição, depois de preenchidas as covas, agora fala a senhora condessa, silêncio!, quanto mais morta essa mulher estava, não se preocupe, isso foi anos depois!, tanto mais alto falavam seus parentes, facilmente cobriam a voz da senhora condessa. Mas hoje ela tem voz novamente, e quer ter voz em tudo, mesmo sem entender nada, e também hoje, e também no dia que devemos relatar, e então no dia que não podemos relatar de modo algum, ela era e é muito atraente, pelo menos para os senhores P. e O., os homens de preto, Men in Black, recheados de palha, agora separo os homens ocos dos empalhados, dos espantalhos, que ninguém pode responsabilizar, pois são justamente espantalhos, quer dizer, não são recheados de carne debaixo da pele, e não sabemos como chamam. Sem carne. Com palha. Palha. Os ocos sem nada. Os outros com palha. A condessa sem nada, então, para mim é o bastante. Ela é sem corpo, uma dessas sombras que sobram, como sua sobrinha mais tarde, décadas mais tarde, será algo, vai ser alguém, não pode fazer nada, mas será mais do que nós, estará melhor e em outro lugar em relação a nós, por acaso estará lá onde também estamos, será tudo, será tudo para si, será tudo para os outros também, uma estrela perpétua, uma star, a multifoliada estrela do reino em sombras, mas dessa vez não da morte. Sim, sua sobrinha, décadas depois, sobrinha da senhora condessa, nem toda sobrinha é da senhora condessa, só se levanta a esperança dos homens ocos, uns vinte centímetros, imediatamente, não, a deles também não, ninguém mais se levanta aqui, outrora uma estrela dos não-nascidos, a sóbria sobrinha, a sobrinha sombria ainda não vista, uma star entre outros não-nascidos, é até mesmo o contrário da sobrinha, ela não é nada, não, é o contrário de nada, o contrário da sombra, é o mais alto que existe, bem, talvez não tão alto, mas o mais alto que conseguimos imaginar, mas sem galho, não é um galho alto que se pudesse serrar, ela entrou na árvore genealógica só pelo casamento, mas ela mesma também é um galho em que ela mesma se senta, mas em algo que pudesse serrar ela não se senta, não, jamais sentaria, ela se assenta na árvore genealógica alheia, assim, está tudo no jornal, aí vai ela, e lá vamos nós e olhamos a foto, no jornal, olhamos a bunda nua dela, na revista, essa bola de espinhos bola de espinhos, bola de demolição?, que damos a volta nessa bola de espinhos às cinco horas da manhã, e às seis tudo já foi feito. Nessa revista. Está aí, a mulher está aí, a mãe não está aí, a tia está aí, ainda não vejo quem é, em todo caso uma irmã, tia, mãe? Não, não está aí a mãe, sim, a mãe também está no jornal!, agora vejo que ela também é mãe, e com certeza também filha, não?, não tem outro jeito, está aí, está no jornal e olha entre o desejo e o espasmo entre a potência e a existência entre a essência e a descendência, onde tomba a sombra, olha de um lado para o outro, olha e olha, mas não vê onde deve se estabelecer, não tem uma árvore genealógica onde pudesse trepar ainda mais alto, quando fica muito quente lá embaixo, mas ninguém deve perceber isso, que primeiro ela ainda tem que chegar lá em cima. Então agora já achou uma, agora já subiu. Está bem lá em cima. Nesse meio tempo conseguiu uma, uma árvore, um cacto um cacto. Ela se senta no galho mais alto, uma arquiduquesa, se esse tipo de coisa existisse mesmo. Não, não existe. Não temos. Uma parte-duquesa? Não, uma duquesa à parte? Uma biscate duquesa? Uma educada princesa? Edulcorada? Condecorada? Arrancada com alicate? Qual parte? Mas é impossível! Parcialmente? Que isso não exista, isso também não existe! Provavelmente só foi arrancada, retirada, realocada e rebaixada na selva da imprensa, não é muita coisa essa selva, nem é uma selva, pelo contrário, é um espaço onde se pode ver bem longe, muitos querem vir para cá. Muitos querem ser duques e se mudar para cá e para mudar as coisas um pouco, mas poucos são acolhidos, digo, escolhidos, para poder vir. Fixar residência aqui, conseguir uma autorização de residência. Senão, o que seria dessa bela mulher? Pois é, ela queria ser bela, e é. E é. Isso basta. Seria o bastante para mim. Para mim já seria suficiente. Já que não há mais aquela arquieducação, também não há mais os arquiduques em suas peles douradas, e quem é que os esquenta agora, pois um animal simplesmente tem que se esquentar com seu pelo, senão se resfria ou se resseca como um

cacto no deserto. Hoje não vão mais encontrar nenhuma pele decente, pois o meio-ambiente foi envenenado e os animais têm que comer grama poluída, e se encontrarem alguma pele, depois de muito viajar, então não presta mais nem para o animal que a vestia antes e de quem foi tirada, o animal não aguentou, mas a pele também não, e sobretudo: Então antes só se caçava animais, antes um homem pegou para si outra mulher, então pegou dois exemplares de crianças, daí três, depois levou tudo isso embora de novo, daí pegou outra mulher e mais outra, mas por princípio tudo sempre é levado embora, de um jeito ou de outro, e trabalhamos contra esse princípio. Esse animal que teve a pele roubada outrora pulava sobre riachos e rochas e covas, lindamente animado por um espírito, não, nada de espírito, tanto faz, animado por alguma coisa, que fosse só um pensamento, só pensar na Alemanha, mas também pode ser qualquer outro pensamento, quase qualquer outro pensamento serve, quase qualquer outro pensamento funciona, está aí, daí se vai, quero dizer, os pensamentos sempre se vão, não posso segurá-los, provavelmente nem são pensamentos, aliás tenho certeza disso. Mesmo não estando lá ainda se pensa na Alemanha, nessa terra morta, nesse deserto, onde se erguem imagens de pedras, de tão fortes que são aqui. Um momento, estou vendo, não é nenhum animal, o mensageiro deve primeiro olhar o que está aí antes de dar o tom com um diapasão, é um grande dom, encontrar o tom certo, não, é um diminuto, e um tom que depois de algumas décadas ninguém mais retoma. Mas claro que seria muito melhor se a Alemanha ficasse na Hungria ou na Suíça, ficasse lá deitada, não, de pé, para permanecer ereta e para ninguém poder fazer nada contra ela, o que todos sempre tentam, mas não conseguem, não conseguem diminuí-la, dizimá-la, esse reino da morte, não conseguem, só a própria morte consegue, por último, é quem melhor consegue, mesmo assim, só o mero pensamento sobre a Alemanha faz a pessoa se erguer, mesmo que a Alemanha deva cair. Então não precisa que a Alemanha inteira venha até nós apresentar seu caso aqui, deve lamentar seu caso em casa, no próprio país, e se por acaso quiser lamentar seu caso que seja para si mesma, por favor sem mais esse encontro no reino em sombras, no crepúsculo! Também pensamos assim, que o crepúsculo dos deuses já aconteceu e depois alguém voltou a acender a luz, e quando você salta, quando ousa dar o grande salto, não, não a longa marcha, isso demora muito, e também tem muito pouca gente para isso, e no país errado, mas o grande salto, esse sim, o salto dá, e quando você ousa dá-lo, pousa no presente, do passado para o presente em um único salto, e afinal também precisamos dos alemães no presente, alguém tem que fazer o trabalho afinal, não é mesmo, e alguém tem que ter o trabalho feito no lugar dele, quer dizer, alguém tem sempre que trabalhar, ser bem trabalhador, e não vão ser os alemães que vão construir, vão ser outros que não foram destruídos, que não foram varridos da face da terra, mas que serão destruídos só agora, quando uma crise ameaça, tanto faz qual, então vão esclarecer tudo, os alemães vão nos esclarecer tudo, os alemães podem aclarar tudo melhor do que quaisquer outros, podem até declarar guerras, não, esse salto não dá, talvez pela terra, em ziguezague, essas covas podem ser evacuadas facilmente em uma noite, com máquinas pesadas, mas não dá, o salto, não vai, sim, esse aí na terra, em ziguezague, ele salta, seu nome já diz, ele mesmo não diz nada, não se expressa, esse salto do homem ao animal é inexpressivo!, e faz tanto tempo!, e o salto do animal ao homem também não diz muito, então, estávamos querendo saltar, e no mesmo momento vemos alguém sentado num pinheiro, naturalmente também era um nativo, um estrangeiro não ia crescer aqui, e então algo nos segura, e olha que ainda agora nada nos segura de tão seguros que somos, vimos o sangue na porta, imperativo como um sinal vermelho: Anjo, por favor circulando! Aqui não há nada para ver, circulando por favor, atirando e circulando, e agora repetimos isso umas duzentas vezes, não, mas o sangue diz sim, não, o sangue não diz sim, o sangue diz não, por favor não atire, não precisamos de mais sangue, já temos o bastante, por favor, achamos o pinheiro pro Natal e um outro tronco pro pau de sebo na festa junina, são velhos costumes, mas o que fazemos com eles? E o que fazemos com o sangue? Afinal não podemos fazer uma transfusão com qualquer sangue. Todos os lenços estão sujos, então vamos simplesmente passar nas portas e janelas, ah, que nojo! Se alguém põe a mão sem olhar! É a nós mensageiros que vai acontecer primeiro, para mim está claro, infelizmente vamos ser os primeiros a ter que sujar as mãos. Mas esperamos que ninguém

olhe e que ninguém mais ponha a mão na sujeira ainda úmida. Nós nos encarregamos disso, está nas nossas mãos. Jogamos pedrinhas com efeito, mal alguém se senta na árvore e já jogam umas porcarias nele, então simplesmente arrancam os galhos dessa linda árvore, que cresceu aqui com tanto esforço, e lançam ao ar seus braços como bastões, os braços com os ramos, senão por que haveriam de se erguer?, para reger o trânsito?, por que erguer os braços balançando as armas como um tenista, digo, como um tenente, se não têm nada contra essas pessoas, essas 180 pessoas nuas, nada que deponha contra eles, nada que teríamos que relatar?, um momento, se contra nós não há nada!, primeiro erguem as mãos assim, simplesmente, tanto faz quem, simplesmente assim, tendo algo na mão ou não, não faz diferença, erguem as mãos, mas aquele a quem erguem os braços simplesmente assumiu uma posição muito elevada e muito firme para que possamos entender, não podemos mudar sua posição de modo algum, isso entendemos logo, mas a senhora condessa entende essa posição, as mulheres sempre entendem tudo, é a profissão delas, e se não entendem alguma coisa, então pelo menos querem entender. Lá em cima senta-se ereto o espião, temo que não vai poder me dizer mais nada, temo que agora estou na peça errada, por favor me desculpem, mas me deixo levar, não posso fazer nada, as presas fugiram com pressa para o bosque, que bosta, agora estão no nosso campo, no nosso campo também se encontra a Áustria, mas esses animais também entram lá, aqui, onde não são vistos, bem aqui estão as presas, não querem ser vistas, para não serem abatidas, mas tem que ser assim, então é preciso conduzi-las até a árvore ou até a clareira, para serem apanhadas, assim, e agora muitas mãos tocam as armas, e não são as armas do espírito, são armas para fazer espíritos! Logo farão. E então ainda vão acabar com o que sobrar do espírito. Agora disparam, os brotos são aparados, separados do tronco, que não para, não pode ser arrancado, pelo contrário, continua gerando vida, germinando até apodrecer, até perecer, parece que sim, esses homens vão perecer antes que apodreça o ventre que germina a semente, temos só um cada uma, um único útero, o último, que perdurará mais bastante tempo, mas não produzirá mais aquilo para que foi previsto, mais um caso da falta de empatia no coração das mulheres, que são capazes de tudo, do mais extremo, até com seus órgãos, não podem fazer nada, têm que fazer isso, ir até o extremo, pois as pessoas não têm mais coração, e para que precisariam de empatia? Coisa de empata-foda! Mas se não é o coração, de onde vem essa batida? Dos ouvidos delas, de onde escorre música como o veneno espumoso das cobras, não, não como chantilly, sobretudo se o ouvido não fica parado, quero dizer o fone de ouvido, tem que ser plugado no aparelho previamente, um lado no aparelho, o outro no ouvido, que espera-se que fique parado, senão toda essa bela música se espalha por aí sem sentido algum. Não. Senão nada sai dali. Não dá em nada! Não. Não existe mais nada desse tipo. Não existe mais. Eles já têm tudo. Mas a respectiva mulher, que clama aos céus, mas não recebe mais de lá nem um relampagozinho, na boca dela também tem uma espécie de espuma, acabei de ver, não, também não é chantilly, olha lá, e os olhos dela estão virados e vazios, temo que esteja inconsciente, mas ainda é melhor que estar morta. Com as mãos ela, a senhora condessa, quero dizer, a senhora Margit, a senhora condessa Margit, com certeza não se deve falar assim, enfim ela pega seu braço esquerdo, o braço esquerdo daquele homem ali, não é mesmo, não, não é!, também poderia pegar o direito, mas já faz tempo que ele não tem direito nenhum, então ela pega o esquerdo, coloca o pé nas suas costelas, pode fazer isso, afinal já atirou nele mesmo, e puxa o braço até sair do ombro, da articulação do ombro, mas por favor, que desnecessário! Não foi pelo poder dos músculos que ela acabou com esse homem, não, também não foi pelo poder do coração, mas por poder usar uma arma de fogo, o poder de fogo de nenhum deus, nenhum deus estava presente, adoraria poder contar a vocês sobre um deus presente ou ausente, mas não vi nenhum, no meio da confusão dos homens, todos bêbados naturalmente, por que é que a gente deveria recolher toda essa merda pros russos, se a gente nem os acolhe no nosso castelo?, então, o que é que eu queria dizer, agarramos e arrancamos a carne e pronto e fim. Claro que as balas também dão uma bela mãozinha, mas também temos que pôr a mão na massa, sem nossa mão as balas não fazem nada. Do cadáver destroçado ressoam gritos, gemidos e lamentos, ai, deve doer, isso também deve doer, mas com a arma de fogo vai rápido,

relativamente, os homens ocos ainda tiveram sorte nesse quesito. Se já não tivessem sido anulados previamente pelo trabalho as balas teriam acabado com o que sobrasse deles, mas quando acabou só ficaram as sobras para nós, eles foram trazidos ocos para nós, antes que pudéssemos acabar com o que sobrou deles, e agora naturalmente estão completamente cheios de nós. Ocos de fome, mas cheios de nós, já sabemos. Sempre cheios de nós. Como se todos nós alemães tivéssemos algum tipo de responsabilidade coletiva, só porque fomos nós que fizemos isso. Mas nada acontece com a gente. Tudo passa por nós como se não fosse nada. Deveríamos enfim parar de nos insultar. Os gritos se confundem todos, eu mesmo ouvi, senão como saberia?, ele ainda respira, não, se me perguntam, já não respirava há muito tempo, não importa, e uma levou o braço embora, outra o pé, nenhuma roupa mais disponível, tiveram que se despir antes, talvez ainda dê para fazer alguma coisa com isso, isso nos excita, as pessoas totalmente peladas e nós totalmente embebedados. As janelas totalmente aspergidas com sangue, as portas também, nós também, por favor, agora também poderíamos atirar por aí os membros dos mortos, feito bolas, não, não: feito balas, bobagem!, ou poderíamos fazer outra coisa totalmente diferente com eles, pois Deus dá destreza aos nossos braços, o Deus que fizemos só para isso, saúde!, mas sim, já estamos saudáveis, e sabem o que eu ainda poderia lhes dizer? Ainda poderia lhes dizer onde é que, nas profundezas da densa floresta ou na terra lá pelos estábulos, mas mesmo esses são dois, dois estábulos, não dava para ter menos, onde estão enterrados, onde poderiam estar enterrados, onde teriam que estar enterrados, pelo menos ao lado de um deles, mas de qual?, pois bem, agora não eles não tem que nada mais, antes sim, depois não, então em qual estábulo é estão? Falem logo, ou calem-se para sempre! O que estão falando sobre minha teoria da cova de cascalho, para a qual não tenho nenhum apoio, mas não tenho que me apoiar, consigo ficar de pé e andar, livremente, mas talvez não por muito tempo. Não é possível que tenham comido todos, os 180 homenzinhos, assados no fogo do castelo? Desenterrar, enterrar, desenterrar, enterrar, até os cadáveres acabam se aborrecendo!, eu ainda poderia lhes dizer onde não vai ser fácil achar esses corpos, não vai ser nada fácil, mas não digo nada, senão seria fácil demais e seria o fim. Então, agora esses 180 homens finalmente também caíram. Esse seria o fim, então. Eu nunca soube como deveria relatar isso. Agora também não sei, mas continuo relatando, embora não tenha continuação para a história. Eles arrancariam as vendas do rosto, mas nós não os vendamos, só os desertores são vendados ou um promotor adversário ou um adversário no processo geral dos adversários de processos. Ou a própria Justiça, ela também tem uma venda. Foda-se. Esses homens não recebem nada de nós, não pediram o direito à vida, não entregaram o pedido de direito à vida no prazo certo, não têm direito a pedir a vida e nem uma ida para nenhum lugar, só têm direito aos nossos galhos, paus, balas e tiros, isso podem receber. Aí esse homem nu fala: Mãe, sou eu, seu próprio filho, que você mesmo gerou! Também sou todos os outros, que você gerou também, não, que não gerou, desculpe, me confundi, te confundi com outra pessoa, se tivesse dado à luz a todos esses seria uma bela multidão. E o que não foi gerado, pelo menos não por você, mãe, seriam ainda mais. Por que histeria? Que exagero! O que é que tem as armas? Fora com elas! Abaixo as armas! Não, nada a dizer. O filho não é morto pelos seus malfeitos, afinal ele também é um filho, mas não da senhora condessa. Ele é todo filho. Ele é um filho. Mas não dela. O que é que você tem?

Por favor, posso dizer uma coisa também? Ela não precisa mais disso, desse título, pois já tem um, mesmo que tenha ficado pequeno nela. Uma reputação a precede, mas ainda pode ficar sozinha, ajudada pelo título, arruinada pelos comunistas, não mais pelos senhores austríacos da foice e do martelo, os grandes filhos da pátria, mas também com verdadeiro talento para o belo, só elogios. Ela morde com uma boa mordida, a duquesa morte com uma boa mordida, como um pastor que corta com os dentes o cordão umbilical de uma ovelha. Acho que sou eu a ovelha, pois sempre tenho que correr e comer e me corrói a sede, pelo menos me rói. Ah, pobres de nós, mensageiros! Ah, pobres de nós! E do meu lado a fome também, a fome pela vida, que outros conseguem aplacar mas eu não, não a minha. Ao meu lado só outras ovelhas. Nós todos apenas ovelhas. Ainda melhor que os humanos, pois os animais são muito melhores que todos os homens. Mas isso de todos os homens não existe mais, estão faltando alguns, sempre faltam

alguns, ou estão vendo homens por aqui? Sim? Ainda? Mas sentem falta de alguém? Ah, então! É porque faltam que são homens, pois homens sempre nos faltam. Mas de todo modo não deveriam ser muitos. Estão sentindo falta de algo, para estarem vendo coisas que não estão aí? Então fiz alguma coisa errada. Ora, eles ainda existem, sabia que tinham mentido para mim! Como mensageiro eu seria mesmo supérfluo se não tivesse mais mensagens para ninguém. Só teria enigmas e amargura no coração quando fosse de novo a algum lugar qualquer para trazer minhas mensagens. Não sei mais o que está acontecendo, pois os que aí estão, vitoriosos e firmes, não são aqueles a quem eu tinha que relatar alguma coisa. Não, talvez não existam afinal, o que estou vendo?, não, não é nada nem ninguém, estou sozinho de novo e quero estar, sozinho com o céu limpo e o mar aberto, e de novo entardecerá ao meu redor, e de novo não terei relatado nada a ninguém, e amanhã tentarei de novo, quando terei achado meus amigos, mas aos meus amigos não tenho nada a relatar, eles sempre já sabem de tudo previamente. Enfim, a luz agora fica mais parada, isso é bom para o inanimado, existe isso, o não animado, e existe o não amado, isto é, a arte: mal-amada porque não é animada o suficiente, só amamos a animação, nós que só de olhar já podemos incutir vida, enquanto ainda e sempre temos que matar outras pessoas, para que enfim fiquem paradas de acordo com nossa concordata, com nossa moratória, um momento, afinal um momento não conta quando se fica parado, já vi muitas vezes essa arte, mesmo que de longe, ela existe, pode ser comprada, pelo menos por quem pode comprá-la, mas as pessoas ainda existem também, e naturalmente também podem ser compradas. Sempre haverá pessoas, é só procurar bem, ainda haverá milagres, sim, eles também, enquanto a arte só pode ser encontrada, nunca procurada, por favor, também sempre vai haver arte, que sempre poderá ser comprada, mas haverá mais pessoas, e as que não existirem mais naturalmente não poderão mais ser compradas. Em todo caso, com isso não terão mais valia, e sim menos, é o que apontam os indicadores, que depois de apontar apertam o gatilho. Os vivos sempre estarão em excesso, mas sempre podem ser sobrepujados pela arte, até cair, por favor, não vão ser os mortos que vão perturbá-los, pois já se foram definitivamente, são impotentes, saíram do caminho definitivamente. Do nada, nada sai. E há mortos que vivem, eu mesmo os vi, embora na verdade devesse ter relatado obre eles, você só tinha que empurrá-los com o dedo mindinho e já caíam, essas pessoas, sim, principalmente essas aqui, 180 cabeças, jazendo aí, e nada mais nelas, horas de trabalho sovaram essas pessoas, como pães, mas nem por isso cresceram melhor. Quem não consegue sujar as mãos não presta para governar, e também não sabe dar ordens. Uma casa sem sangue nas janelas não presta mais para ficar, falta-lhe a coesão interna que só um banho de sangue oferece. Mas aqui abrimos uma exceção. Essa casa tomba, essa mão tomba, as mãos não se erguem em súplica, as mãos que naquele tempo se agitariam como folhas no bosque agora não emitem nenhum som, nem mesmo um de animal. Esses homens que sequer espionam com os ouvidos alertas, para quem nada disso importa, que não lançam mais o olhar de um lado para o outro freneticamente, não erguem mais as mãos, esses homens estão cagando, estão caindo, já caíram, não são nada de especial, isso é para todos, todos no fim seremos anulados pelo nosso trabalho, por que esses homens também não seriam? Mas vão ser anulados de um jeito diferente para variar. A senhora condessa acerta o que é certo e direciona o que é direito, o que lhe é de direito, direitinho, ela endireita o direito, que no entanto não precisa de direção, só eu não entendo o Direito e por isso não julgo ninguém, nunca, não julgo para também não ser prejudicado, não posso avaliar e aquilatar, só relatar o que os outros enlataram, não tenho habilidade para o estrelato, eu só relato, querem que eu relate, e cão que relate não morde, porque ainda sou mensageiro, até há pouco ainda era mensageiro, e já estava relativamente bom, eu posso relatar e retaliar, mas os outros preferem realizar alguma coisa, o mais das vezes, uma refeição, sendo que não conseguem referir nada mais, essa é a tarefa do mensageiro, então fazem e refazem uma refeição, essa é a sua tarefa, nós pagamos a tarifa, mas os outros também não são melhores, se eu apenas soubesse quem são naturalmente lhes diria: eles não vão segurar, não conseguem assegurar nada, por isso são baratos como essas próteses húngaras, e sequer vale a pena recolhê-los. Lá de onde vêm ainda há muitos mais, só nós não teremos mais enquanto eles ficarem lá.

Pois bem, nesse meio tempo é claro que é possível pegar o próprio carro e ir para lá. Não há mais fronteiras. Sempre é possível conseguir algo de novo, consumir algo novo, mensageiros, próteses, dentes, o acervo é inesgotável, mas não o acervo de obra de arte, só na Hungria elas ainda são mais baratas, lá tem substituto para tudo, lá tudo é provisoriamente ainda mais barato, então levamos para a Áustria esses mortos vivos, pagamos e levamos, pagamos para que venham para a Áustria, os mortos, que outrora viveram, por isso nos são caros, se ainda vivem são mais baratos, precisam simplesmente vir, por vias secundárias, nas vias principais, podemos tranquilamente autorizar a vinda, em compartimentos com janelas vedadas, em trilhos sem impedimentos, passagem livre para os impróprios!, é necessário fazerem as necessidades na tigela da comida, arrancamos tábuas do chão e esvaziamos a tigela lá fora, podemos tranquilamente autorizar o que está vindo, não vai nos fazer mal, liberar o caminho para o que está vindo e nos livrar dos que já vieram. O que quer que façamos será invisível e seguiremos invictos, e até esses mortos, que um dia não terão existido nunca, vão pousar literalmente no nada, temo dizer, vindo da Hungria para lugar nenhum. Já estão se recolhendo sozinhos para chegar a algum lugar, nem é preciso ajudar, é só dar uma ordem e a luz fica paradinha de tanta alegria, porque de novo apanhamos tantas pessoas lindas, sim claro, nem todas são lindas, mas pessoas em si já são algo lindo, não acham?, sim, as outras também, não, com toda certeza é melhor, é melhor e mais certo, é absolutamente melhor, de modo geral e especificamente melhor, e mesmo mais certo, não, é incerto, é possível errar a mira, mas em princípio é mais seguro, colecionar arte. Depois ninguém vai poder jogar isso na sua cara. A não ser que tenha sido roubada, aí vêm as acusações, elas tardam mas não falham. Aí vem os mil ais e uis de que essa arte foi roubada. Também não é fácil, não é fácil colecionar arte e apanhar homens, apanhar arte e se recolher diante dela, pelo menos uma vez por dia, não é fácil tudo isso, mas dá. Tudo dá. Onde procuro homens só encontro arte, onde procuro arte só encontro homens, ficam perambulando por aí, são difíceis de apanhar, você não consegue, simplesmente não consegue, nem por todo o dinheiro do mundo, e no entanto não valem nada, é um enigma. Não admira que não consigamos resolver o enigma da existência humana, esse sudoku para os prósperos e proficientes, não, para profissionais, enfim, para desenvolvidos, não, para desprovidos não, esses não precisam de enigmas, não admira que no fim tenhamos nos voltado para a arte, não, não no nosso fim, por favor, a duquesa também acha isso, ainda hoje acha isso, ontem mesmo me afirmou, quando achou isso em Nova York, anteontem, quando achou isso na Croácia e na Eslovênia, onde ninguém jamais achou nada, de onde ninguém jamais achou nada, devo relatar-lhes sobre ela, sim, ela acha arte lá onde está, e não lá onde não está, quero dizer lá onde ela e a arte por acaso estão juntas ao mesmo tempo, ambas as duas, ela e a arte, e se não está lá, não sei mais quem, então ela a procura até achar. Procura o que acha belo. Acha algo. O que acha? O que acha disso e daquilo? Bem que gostaria de saber. As pessoas ficam perambulando por aí, pessoalmente isso me perturba, mas fico aqui, embora anseie muito pelo riso humano, um riso que não se move, isso poderia me acalmar um pouco, a duquesa também com certeza também sente um anseio, uma excitação, uma incitação, e até tem seu próprio, seu próprio riso, criado especialmente para ela, ontem mesmo voltei a vê-lo numa revista, faiscando e relampejando inconfundível entre seus lábios como algo atirado por Zeus, um tiro, uma instalação luminosa, ali, mais um!, lá, projetado sobre a montanha, toda essa linda luz, meu Deus, como você se esforça para que haja luz!, isso tudo tem que vir de alguém. E você diz, vem de ti, Deus. Certo, certo. E é para a gente acreditar? Essa dama pagou por isso! E de você, Deus, não recebemos ainda nem a conta de luz. Essa gente é fogo, sim, nunca vi mais fogosos. E o animal mais repugnante, o parasita, de algum modo sempre no meio, em toda parte. A elite dos nossos mais dedicados, dos desditosos, que ainda têm que esperar, que só tiveram uma opção: serem maus animais ou maus domadores, naturalmente optaram pelo segundo, eu que não ia querer construir minha cabana ali, onde as pessoas querem domar e dominar, os de preto com suas caveiras e suas copeiras e suas botas e seus lambe-botas, ainda precisam esperar, mas não por muito tempo, então vem sua presa, que eles mesmos deviam ser, mas claro que não querem. A presa já está disponível e disposta no curral. Estão acima de tudo, os

homens-caveira, que fumaram as pessoas correspondentes em seus cachimbos, que andam, correm, sobem, dançam, depois disparam. Depois disparam. Alguém tem que ter se encarregado das armas e carregado as armas. Fui encarregado de fazer este convite. Sim, isto é um convite, caso ainda não tenham percebido, sim, naturalmente, se não arregarem vamos carregar as armas. Quem primeiro ensinou os homens a voar, para Nova York, para Londres, para Bombaim, para Tóquio, tanto faz para onde, essa pessoa embaralhou todos os marcos de fronteira, agora tem que se dedicar à arte, que é a única que não conhece fronteiras e jamais conheceu, a arte pega os marcos de fronteira e joga todos no ar, então, agora temos que ir lá, temos que tê-la na mira, temos que admirá-la, temos que superar nossas fronteiras interiores, para chegar à arte, que é ilimitada, e nos atirar nela, mas só precisamos de uma espingarda ou uma pistola para nossos tiros chegarem em algum lugar onde têm algo para procurar e obviamente encontram. É preciso que se estabeleçam fronteiras, onde?, não faço ideia, de todo modo um dia serão removidas novamente. Melhor desconhecer fronteiras desde já. Vejam, devo lhes relatar que a arma de cano longo tem muitas vantagens, pois alcança longe, como o mensageiro também, mas ele às vezes não tem muito alcance, mesmo com botas de cano longo, pois pode estar cansado ou doente ou sei lá, não é disso que estamos falando agora, desencana, nesse cano longo o projétil fica exposto mais tempo à, como posso dizer, à força da explosão, à força explosiva que deveria acelerá-lo, sim, a explosão é desencadeada, a mistura explosiva, esse gás ou o que quer que seja, empurra o projétil pelo cano e o acelera cada vez mais, no cano longo o gás tem mais espaço para fazer efeito, é como num carro, que às vezes acelera mais rápido, às vezes mais devagar, e depois que se completa a aceleração, o projétil corre o mais rápido possível, o quanto pôde ser acelerado, para fora do cano e acerta como um relâmpago, vejam, a velocidade no bocal (já lhes digo isso agora, pois depois de desembocar o projétil é tarde demais, e tudo vai rápido demais, por isso já dizemos previamente, porque o projétil sempre vai me alcançar, a mim, pobre mensageiro), enfim a velocidade bem como a energia no bocal dependem de muitos favores, como o comprimento do cano, o tipo e o peso do projétil, a quantidade e a qualidade da pólvora, e o respectivo cartucho. E sequer estou favorecendo algum tipo de cartucho, sou a favor de todos os tipos, de acordo com as características desejadas da munição, querem uma listinha curta? Não, não querem. Para nossos fins já é o bastante. Não, o clarão não vão ver, que pergunta estúpida, seria um desperdício de energia, clarão vocês veem numa pistola, não com uma espingarda, pelo menos acho que não, mas o que quer que se dispare do cano, em disparada, o mensageiro enquanto isso permanece calmo, espera até que a carne dos indefesos se rompa, a carne dos desamparados, dos exaustos, dos esvaziados é estraçalhada, efeito quase colateral, pois quem acredita que o Pai está neles e eles no Pai?, neles não há mais ninguém, nos homens ocos, neles há agora a munição de ponta oca, lá onde tem que estar, agora seria bom munir os ocos de uma manta, não acham?, mas estão nus, a munição, qualquer que seja, foi toda atirada, todos atiraram, eu vi, só nós mensageiros não, só temos que sentar e esperar o que nos dizem, o que nos encomendam, e então correr, contar os caídos e contar sobre eles, mas os indefesos não podem ser contados entre os caídos na guerra, não é mesmo, seria uma desonra para os caídos, que não eram indefesos, e o alemão precisa de honra, olha, realmente, deixem o alemão em paz, agora! E aquele que é atingido sabe que chegou a sua hora, a sua sina. Por quem os sinos dobram. Alguém é deixado para trás, órfão, e podem ir para casa, para o pai. Feito, foi, fim. Mas ele sabe tão rapidamente, na verdade quase antes de nascer, que não vai mais poder fazer nada a respeito. Pode regozijar e gozar em tantos dias e noites, numa mulher também, por mim ok, por mim podem até ser os dois juntos, pessoalmente não quero ser a mulher, mas agora é preciso partir novamente, o que é que se pode fazer. Outros virão e também partirão novamente.

Os caçadores já estão esperando com o aglomerado extasiado de mulheres sagradas, à frente naturalmente a senhora condessa, que já tinha uma nobreza natural antes mesmo de poder casar com um conde, mas que não é todo um aglomerado, essa mulher, não, também não é um arado, se bem que parece, a multidão se abre sozinha diante dela, como a terra lavrada, não como o mar vermelho, esse foi um erro de tradução, o mar de terra se abre, o que não precisa ser um Michelangelo,

talvez um Moisés; essa mulher traça um enorme sulco onde quer que vá, então, agora carregou as armas, as de cano curto e as de cano longo, e seu Sistema de Segurança, para abreviar SS, sua tropa está ao lado dela, pelo menos dois soldados, mas outros também, um certo Senhor P. e um certo Senhor O., estão aí, então já devem ter sido umas 30 pessoas, mas só 15 delas receberam armas e puderam atirar nesses ocos, sim, a senhora condessa também, por mim tudo bem, tudo ótimo, e o que é que eu poderia fazer se não fosse tudo bem? Então: tudo bem por mim. Como mensageiro terei perdido a voz e o valor. Não vão me liberar. Está falando aí um senhor que quer liderar o assalto, para isso costurou uma caveira extra na jaqueta, ou só pregou, e também precisa de uma boina, a boina dá a impressão de que você é maior, e serve para que ninguém te tome por delicado: Agora vamos abater todos, berra o homem, sua voz já desequilibrada faz tempo, então também corta o cordão que o une à humanidade, um acórdão contra a natureza, um acordo dar um tempo de qualquer carinho, e durante esse tempo precisamos de um passatempo, nós os abatemos, podemos dar cabo deles, não, naturalmente não dos carinhos, só daqueles que queriam trocar carinhos, mas não possuíam nada que ainda pudessem trocar. Com certeza absoluta nenhuma mulher jamais os carregou no ventre, pela aparência que têm agora. E se foi uma mulher que os carregou, então não dá mais para ver isso neles, feito esqueletos ainda em vida. Feios e desfeitos na morte. Mas tenho que olhar, senão mesmo um mensageiro profissional não poderia descrevê-los. Isso não vai te matar, é o trabalho que vai. Só o trabalho faz do homem um animal, nisso Marx tinha razão, se me perguntam. Obrigado por não perguntarem, senão teria que explicar mais a fundo, e não quero me afundar nisso, de modo algum. Nem quero saber exatamente. Já me basta agora. Agora é hora de arrumar. Não precisamos de um sexto sentido, não precisamos de nenhuma insensatez sem sentido, não temos que nos esgueirar até a mamãe natureza, a condessa já distribuiu as armas, por favor, podem pegar, não precisam fazer cerimônia, mais uma arma para você? Mas é claro! A pele de visom pendurada no ombro, ou é do amante, ou é ela que está nos ombros dele?, não, senão como ia manejar a arma?, talvez no outro ombro?, não, ele também é necessário, o homem totalmente bêbado, se me perguntarem, mas ainda pode atirar, talvez não acertar o alvo, não, eu também não ia querer me acercar dele ao vivo, nem mesmo sob a alva luz da lua, como hoje, eu ia querer dar com ele no escuro, pode me encontrar no claro, mas não faz, pois se está tão claro não há mais escuridão, por favor, a lua alva está fazendo a sua parte, mas como esse homem nesse estado ainda vai conseguir acertar o alvo?, bom, de 180 cabeças pelo menos consegue atingir uma, mas atinge várias, mesmo que não bem na cabeça, não bem no alvo, vários deles ainda vivos quando são levados até a cova, para dar uma olhada nas covas firmes, nas escavações da firma Thyssen, interessante o que se passa numa dessas covas, obrigado por não me perguntarem, lá fora está frio, preferimos atirar lá fora, aqui dentro não precisamos de toda essa porcaria e de todo esse fedor, aplainamos os montes e elevamos os vales, cavamos uma cova que ninguém acha, que ninguém vê, eu vejo, vejo desde antes, não vai ser nas nuvens nem nos ares, a cova fica bem aqui, fica ótima aqui, bem aqui conosco, fica conosco, a cova. Mensageiro na montanha, nada mal, poderia avistar tudo melhor do alto desses pinheiros, poderia vigiar melhor esse alvoroço vergonhoso, mas alegre. Está bem, vou fazer um milagre então. Dobro o tronco de um pinheiro enorme, assim, e o que é que faço com isso agora?, dobro e puxo o galho mais alto com as mãos até o chão e sento nele, ninguém mais senta nele, nada mais se assenta nele, sento-me nele e deixo o topo voltar para cima de novo, lenta e cautelosamente, para não me lançar longe antes da hora como a arma lança sua bala, no alvo, pois sem um alvo seria contraproducente, eu devo assistir um tanto, e me ergo num instante de tontura nessa altura, e vou ficar tonto sempre quando falar disso depois, é natural, naturalmente vou ficar tonto, melhor, não vou falar disso absolutamente, não vão permitir que eu fale mesmo, então para que me dar ao trabalho? Não é possível mais do que atirar com toda a munição que se tem, e nem é necessário. Agora vá, vingança, ardendo furiosa. Rasga em duas a garganta dele!, trucida sem dó, filha deste solo! Assim. Mas agora calminha de novo, ok?

Agora o mensageiro faz ouvir sua risada, que não é um riso de gente, ele mesmo não ouve, senão teria medo de si mesmo, teria medo ainda enquanto ri, e acabaria se engasgando. Os cães perseguem um

cervo, que corre levando um homem amarrado. Enfim, ele se pendura, esse homem. Não dura muito, mas se pendura. Não pode ver nenhuma deusa nua, esse Acteão apressado, que quer tirar tudo o que der dessa ação, pressionar para fora tudo o que tem aí dentro, não pode olhar em quem atira, são tantos que de qualquer jeito alguém vai ser atingido, mesmo que o alvo fosse o cervo, mas o homem é que é atingido, um alvo difícil, inquieto, se me perguntam, e como recompensa ele não vai ser estraçalhado como se fosse o cervo pelos seus próprios cachorros, animais burros e bobos, mas bons farejadores. Antigamente ainda se permitia essas extravagâncias, e nem tinha que ser na Antiguidade grega, hoje isso é feito rápido e indolor, sem toda a bobagem de riachos cristalinos, cervos e deusas e ninfas ninfomaníacas e um caçador sexy, hoje você só junta as pessoas num embrulho e põe fogo direto ou atira vários ao mesmo tempo com uma só bala, tantos quanto possível, são bem moles mesmo, e se depois alguns continuarem vivos também tanto faz, pois bem, não em toda parte, mas nas partes decisivas já deveriam estar mortos, seria melhor para eles, senão vão entrar ainda vivos para essas covas, mas têm que entrar, senão para que teriam sido cavadas as covas? Pegamos esses homens como vieram, vivos ou mortos, e o que quer que implorem em seus próprios nomes vai ser deplorado, não vai ser atendido, quem quer que venha a gente leva, então eis o cervo, sobre ele o homem, não é mesmo, um antigo criminoso ambiental, mas não tem mais ocasião para crimes nesse cervo, em cima dele, sem decência nem distância do alvo, afinal isso devia ser uma punição, mas uma coisa assim ainda suscitou a compaixão dos condes e príncipes, não se preocupem, mais tarde eles não se importaram, os arquiduques também não se importaram nos seus castelos ancestrais, heranças matrimoniais ou calabouços matriarcais, ou masmorras de casais ou casas mortas e mortais, ou o que quer que seja, de todo modo alguma morada no bosque. Casa no bosque. Casa murada no bosque. Castelo no morro do bosque. Casa acastelada no bosque. De todo modo tem que ter um castelão, alguém tem que cuidar desse bosque afinal. E o que diz o príncipe? Quem atingir o cervo sem machucar o castelinho, perdão, sem machucar o castelão, esse que acaba de afrontar toda a civilização, que ficou meio louca, quero dizer inteiramente louca, tão louca quanto se pensa, não, bobagem, não pode ser tão louca quanto pensávamos, é só meio louca, meio não, mas nesse caso não muito louca, o que se pode fazer?, e o preso não devia se apressar para ir para a Prússia, antes que a presa viesse para ele, espera, me perdi, então o caçador se coça, não, se caga, não, ele caça, o atirador atira, o cervo tomba, e o ladrão de caça, arranhado por alguns espinhos, de resto saiu ileso. E quem sou eu? Aposto que nem vocês sabem isso, embora possam me ver claramente aqui, ou estou errado? Desde então os aristocratas cumprem pontualmente todos os seus deveres, sem contar as contas de taxi, pois é claro que não se trata de dívidas de jogo, é uma tarifa mais fixa, arredondada para cima, posso lhes relatar por experiência própria. Eles não pagam, preferem coletar. Coletam um quadro e então mais um e então mais um. Por que não coletam também o dinheiro? Sim, coletam o dinheiro também. Isso posso relatar porque vi com meus próprios olhos. Também coletam dinheiro, mas não se vangloriam disso como o cidadão ordinário, pelo menos dessa vez ele não quis ser tão ordinário. Já houve uma coleta de dinheiro, outras devem acontecer ainda, e agora foi coletado tudo que ainda não foi abatido. E para as famílias dos abatidos ninguém coleta nada. Ou sim? Temo já estar me confundindo de novo. Acho que recolher dinheiro é mais fácil do que recolher-se a si mesmo. Quando você se recolhe acaba de repente numa pocilga como Purkersdorf ou Mauthausen, onde hoje nem tem mais pedágio para pagar, mas a entrada é paga sim, acho, sim, não, não, sim, de todo modo em um lugar onde as celebridades cantam e tocam alto na estalagem por uma boa causa e tentam passar uma impressão de gente ordinária, sem jamais terem sido extraordinários ou impressionantes. Ficam diante de uma parede com seus desejos, uma parede mole, uma parede de gente que não tem o que quer, mas recebe o que merece. Essas pessoas são exatamente o que queremos, mas não merecemos. Vêm direto para nós e nos servem direitinho. Esse também é o motivo pelo qual seus rostos fizeram uma expressão tão inexprimível quando nos viram. Bateram contra essa parede, por sorte foi só na volta para casa, pelo menos é o que parece. Eles se reuniram e se acolheram, mas não se recolheram. Isso vem só depois, a coleta. Mas a colheita dos escolhidos é afinal o sentido disso tudo, de todo modo ainda falta muito para o fim.

Ainda tem tempo depois a meia-noite, até as primeiras horas da manhã. Então, o dinheiro já foi coletado e colecionado também na forma de pinturas. Que forma o dinheiro tem, isso é o proprietário atual que determina. Como imagem o dinheiro é mais belo do que a imagem impressa no dinheiro. Sem discussão. Ponto.

E quanto ao resto... para que se tem uma equipe? Ela olhou para fora da janela sobre os seus vales e perguntou ao vizinho, que também já havia se despido completamente de suas roupas e responsabilidades, e mais de uma vez, que portanto também trazia uma espingarda e mais nada: Você sequer sabe a altura dos meus picos? Pode olhar para eles, meus picos, também posso tocar os sinos, como essa Heidi K., que nos sorri tão atraente e atrevida e animada e absolutamente alegre nesse espelho que mostra o nosso futuro. Também ficamos bem nele. Então ele responde: Quais picos? Heidi deu nomes a deles, e os chamou de sinos! Só me diga por favor qual é qual, para eu não confundir os dois quando o senhor me chamar para a missa, o senhor que é o caminho a verdade e a vida, é coisa demais de uma vez, não?

Por outro lado também há que se admitir que não é com um sorriso no rosto que se deixam atar e prender, esses homens, que vieram como forasteiros e não necessariamente queriam se despedir como companheiros, mas em todo caso com certeza não queriam se despedir da vida, e no final foram abatidos como caça. Deve ter sido um mal-entendido, não, aqui ninguém é mal-intencionado, aqui é a senhora condessa que tem interesse ir à caça e depois tenciona repousar, então por gentileza vão criar tensão em outro lugar! Antes eles mesmos tiveram que cavar uma cova, os homens nus, não, não são cervos, por favor olhem de novo!, ainda antes perderem todo o sangue e a própria forma, lentamente, embora teria sido tão mais prático, digo, seria mais prático se de algum modo, como posso dizer, fossem menores, mas de todo modo não tem mais nada dentro deles mesmo. Não têm que ser subtraídos só para isso, já são zeros, sem nada na frente, sem nada em cima, sentem tanto frio, esses zeros, é horrível, porque não têm nada além dos corpos nus para apresentar. Eles mesmos têm que se responsabilizar por si próprios e se representar a si próprios. A terra estava particularmente dura, grande ou pequeno, tudo tem que caber, ou tudo tem que acabar na liquidação?, bem, em algum momento é claro que tem que acabar, vão ter que cavar e carregar tudo para longe, senão vão acabar sendo encontrados, os mortos, 180 cabeças, não é pouca coisa fazer a mudança deles todos, mais tarde podemos pensar nisso tranquilamente, agora vamos primeiro colocar todos dentro, bem que antes o sangue poderia ter amolecido um pouco essa terra dura, realmente, ali está aparecendo uma mão saindo para fora e lá um pé ou o que quer que isso seja, sim, a terra, mas não nós, nós não nos deixamos amolecer, nem mesmo pelo sangue, mas em algum momento a cova está pronta afinal, não tem que ser feita com tanto cuidado, em ziguezague, uma forma propícia para quem não quer ser descoberto e ao mesmo tempo precisa armazenar o máximo possível em um espaço estreito, pois depois ninguém mais poderá saber onde ela está, a cova, só uns poucos, mas esses não vão dizer nada, e se disserem matamos eles também, sem problema, é até mais fácil matar uns poucos do que 180 cabeças, quem dá conta de 180 dá conta de mais um ou dois. Já que não devem ser reencontrados, não há que se gastar muito esforço com eles, com ela, com isso de cavar, com essa cova em ziguezague, guerreiros com guerreiros cavam zigue-zigue-zá, e está pronta a cova, na qual naturalmente logo caem, todos juntos, em grupos, que seja, mas para dentro!, ainda que desajeitados, e deveria formar uma trincheira! Por favor, não tem sentido, mas tem que cavar. Nem todas as covas são sem sentido, pelo contrário, são necessárias, mas muitas covas são simplesmente sem sentido e não vão deter o inimigo, enquanto algumas covas sequer conseguem deter a deterioração, outras por sua vez sim, depende do solo. De todo modo não teria dado em nada, esses homens nunca teriam sucesso na cidade grande, esses macacos de Zaratustra, esses bobos espumantes, que não poderiam ter escolhido uma descendência melhor, a culpa é deles mesmos. Isso eu já podia ter dito a eles antes, que daqui não vão mais poder sair, por que é que a senhora condessa e os senhores P. e O., sobre os quais a história vai ter que calar por tanto tempo, até que estejam mortos, e continua calando, sempre, talvez um deles ainda viva, ou até ambos, não, acho que já estão mortos faz tempo, pois a vida deles era um trabalho árduo, e no fim seu trabalho foi em vão,

pois também poderiam ter deixado os 180 viver, talvez estejam mesmo mortos, e só a história é que não foi informada a respeito, nós mensageiros não podemos ficar fazendo hora-extra, de modo algum é injusto, pois a história cala de qualquer jeito, não importa quanto se cave, quão fundo, quão raso, ela cala, ou fala sem parar, orgulhosa dos próprios pecados, ninguém pecou tanto quanto esse e esse e esse, e é deles que falamos, e assumimos uma parte da culpa com prazer, não, não assumimos, naquele tempo nem tínhamos nascido afinal, por que é que deveríamos?, e no entanto temos orgulho de nossos pecados e falamos sobre eles, pois que sentido teria pecar se depois você não pode falar sobre isso, e não importa quanto tempo se faça cavar, ela cala, a história, ou fala conosco, fala que deveríamos nos envergonhar, tanto faz quem somos, eu digo: Foram eles, e tenho tanto orgulho como se eu mesmo tivesse levado os tiros disparados por eles, é muito importante, esse orgulho da penitência e do arrependimento, senão por que os moradores do castelo teriam feito essa gente cavar?, se depois não pudessem se sentir orgulhosos e penitentes e arrependidos? O que aliás não é o caso, vocês sabem como é possível as duas coisas ao mesmo tempo, orgulhosamente penitente e orgulhosamente arrependido? O que é? Não ouço nada! Alguém bate no chão com um bastão oco, e se mesmo assim nenhuma fonte de vinho austríaco autêntico jorrar, então achamos o lugar certo, onde nos arrependeremos de ter vindo até aqui. Mas se tem vinho aí, não temos mais nada a lamentar, íamos até preferir, mas sem chance. Então vamos cavar aqui, poderíamos perfeitamente cavar lá também, de todo modo ninguém vai achar a cova, e ainda menos os homens nus, we are the hollow men we are the suffed men leaning together headpiece filled with straw. Ai!, até os nus na cova já devem ter entendido as regras do jogo, e que não faz sentido cavar, não faz sentido caçar se é em outro lugar que está a presa, que no entanto são eles mesmos, e que ainda precisam ser abatidos, e eles só sabem que não podem mais ir a nenhum outro lugar, o que não é motivo para se penitenciar orgulhosamente e se arrepender orgulhosamente, precisamos voltar a isso e é o que fazemos, nós os rememoramos com orgulho e contrição e nem sempre com discrição, mas não por muito tempo, o relógio da torre do vilarejo acaba de bater, mas sem abater, só bateu a hora e nem foi a certa, gostaria de saber, e como mensageiro também deveria, onde tudo isso vai parar. Não pode ser, e não pode ter sido, mas eles continuam cavando, não acredito! Que simplesmente não escavaram nada, mesmo tendo cavado tanto tempo! Mas enquanto cavam no lugar errado estou me lixando. Tudo aconteceu conosco, não, sempre só com os outros, senão daríamos pela falta de algo, nos faltaria a penitência e o arrependimento, e só nos restaria o nosso orgulho. Sei que todos os lugares onde se cava estão errados enquanto não se encontra o certo, talvez um segundo estábulo? É comum se confundir ao fazer o sinal da cruz, os próprios cruzados queriam chegar na Palestina e acabaram na Faixa de Gaza, de onde naturalmente foram expulsos, é que lá já estava bem cheio, o barco lá já estava cheio, ou algo assim, mas faz sentido, de lá todos são expulsos, até aqueles que têm que continuar lá sempre ou derrubar a cerca, e quando a pessoa se confunde nem sempre pode apagar seus erros como essas covas aqui, na linda Áustria, pois é, aqui não tem só montanhas, tem buracos também, esses escavadores sondam as mais profundas profundezas, então podem ficar no fundo e se enterrar, por mim. E então apagar as pegadas, enquanto o jovem pastor se contorce de vergonha por não conseguir reencontrar a cova que antes conhecia. Ninguém a encontra, ele não tem que ficar acanhado. Essa cova não quer ser encontrada e não será. Pois, pois é, todo mundo já percebeu: Do jeito que estão cavando hoje, de novo não vão escavar nada, nada mais pode ser escavado, ou só muito rapidamente, e então de novo enterrar, muito bem, de novo e de novo, sempre de novo, tudo sempre de novo, e sobretudo cavar, os cachos exuberantes balançando ao vento, infelizmente no lugar errado, eu já disse. Como mensageiro digo o que me encarregam, e bem vi que ali jaz um homem, e ali também, e lá também. Essas pessoas já me viram vindo de longe, em geral é assim mesmo com os mensageiros, sempre são vistos já de longe, então gritam e também caem mortos, possivelmente, e antes mesmo de sequer poder receber as más notícias, quanto mais passá-las adiante, um tanto precipitado, se quiserem saber minha opinião; aí uivamos, aí esbravejamos, aí escrevemos novamente, pelo menos eu escrevo novamente, será que isso nunca vai parar?, e aí finalmente dizemos o que temos a dizer, o que nos disse uma pessoa que não existe mais, mas mesmo

que exista, já está gritando por ajuda como um cão, então todos gritamos uns aos outros, de todo modo estamos mais acostumados com pessoas gritando por ajuda do que com cães. Mas esse cão aí também bem que gritou. Todos gritaram uns por cima dos outros, como é que o mensageiro sequer vai conseguir entender alguma coisa nessa barulheira? Como é que vai se concentrar? Deve relatar sobre a ajuda de que o cão precisa ou primeiro sobre a ajuda de que o homem precisa? Ele não sabe. Ele hesita. Não devia fazer isso, ou uma cobra pode vir e morder seu calcanhar, e então não vai poder mais dizer nada. Estranho. Mas depois nunca vou dizer-lhes o lugar certo, só para que esses homens continuem cavando!, elas não têm nada melhor para fazer mesmo, as futuras gerações, na sua solidão árida, da qual se destacam em seu orgulho pecaminoso, digo seu orgulho do próprio pecado, esses homens destemidos, no seu lugar eu nunca ia querer desenterrar mais nada, mas me arrepender tranquila e orgulhosamente, mas eis que já estão cavando de novo, cavando no lugar certo como no errado – só dá para perceber depois, qual é certo e qual é errado –, de onde querem escavar alguma coisa, e seriam essas covas, que no entanto já foram cavadas, não precisa mais cavocar. Eles cavam pelas covas. Lá os homens tiveram que engolir o orgulho, coisa que não faremos, naturalmente teremos orgulho dos nossos pecados, da nossa natureza. Afinal é nossa natureza. Para elas terem algo de que falar, as futuras gerações, que futucam geral, que gerenciam fundos, que só geram futrico. Para elas terem algo de que calar. Ou para elas terem algo de mau para falar sobre nós, para isso não precisam mais de mensageiro, pois todos adoram falar mal de nós, faz tempo, até o rádio e a tv, e nós mesmos somos quem fala pior de nós, nisso ninguém nos supera. É tão desagradável que os outros sequer tentem, que sequer queiram começar a atacar o nosso remorso! Esses homens continuam sem desagravo, não é possível!, nenhum desagravo, até hoje! Justamente esses tagarelas corredores curativos, quero dizer, quando começam a correr logo têm que colocar curativos no calcanhar e nos dedos do pé, porque são tão sensíveis, as gerações futuras, muitos até fazem o curativo antes, antes mesmo de ir correr, para não se desgastar na corrida da História, que serve à memória do passado, do qual ninguém sabe o que terá sido, por isso é que passou também, simplesmente, sem que ninguém o impedisse, pois bem, também não foi tão simples, o que é que eu queria dizer, foi-nos dito que aqui hoje vai ter uma festa, pessoas vão ser mortas e depois o melhor é acabar com tudo!, acabar com o castelo também, e o banco por sorte fica em outro lugar. Afinal isso não é gado, são pessoas, arrancadas de suas casas e arrancadas as suas roupas, como animais, de qualquer jeito já foi, já vieram, para nos servir de alimento, só falta agora tirar a pele, digo, apelar para o tiro, digo, desacoplar os pelados e copular com eles, não, a gente não come gente, pelo menos ainda não, enterramos essa gente, talvez aí fiquem mais tenros, e então tombam como bois pastando nas nossas mãos armadas, não, nas nossas mãos amáveis, abertas, sim, fazemos isso com as mãos nuas, não, continuamos tendo as espingardas, o que é que eu queria dizer, ninguém escapa desse nosso estraçalhar e perfurar e esvaziar e escavar ou como é que devo dizer, como mensageiro eu devia saber, já devia por princípio conseguir diferenciar os diversos tipos de morte, devia ter aprendido isso no curso de massagem, não, de mensagem, onde há um nó sob a pele e como ele se mostra na superfície, se é que se mostra, nós mesmos estamos vendo um ser humano malnutrido (eis a diferença em relação ao bezerro, entre o homem e o bezerro eis a diferença, que o bezerro é alimentado, essas 180 pessoas porém não tiveram isso: alimento) nas suas vestes de carne, pois bem, de carne e osso e sangue, como encomendado, e uma vítima deve estar viva antes de ser imolada, a faca bem amolada, menos carne, mais sangue, pois então estamos vendo como o escolhido, digo, o que escolhemos, é estraçalhado pela força dos nossos músculos, que são minúsculos, mas ficam maiúsculos pelo uso dessas armas másculas, vemos a carne se descolar dos ossos, costelas, pés, sem a proteção de cascos bífidos, infelizmente, e então jogados na cova, que eles mesmos cavaram e cavaram e cavaram. Cada um se deita na cama que faz, em outras palavras, eles cavaram a própria cova, são velhas expressões populares, não dá para tomá-las literalmente, senão eu não teria nenhum valor como mensageiro, tudo seria como sempre, não seria necessário ouvir novas velhas expressões, as feridas seriam produzidas como sempre. Então. Já viemos até aqui. Essa bala voa para dentro da carne, sim, por mim pode voar tranquila, não

precisa ir a pé como alguns pobres mensageiros, e aquela lá também, tem licença para pilotar, tem uma energia que é medida em joules, a massa do projétil m em quilogramas e a velocidade do projétil em m/s. Mas o valor calculado da energia não é motivo de alegria, quer dizer, não explica o efeito de um projétil (aqui diz algo que não posso escrever no meu computador, é um v com um zero em baixo, será que estão falando de mim, um zero com o moral lá embaixo? Mas se fui laureada e elevada! Só que ninguém percebe. Engraçado...), então um projétil a uma certa distância, pois é claro que a bala perde energia enquanto voa, não é verdade, e seu possível efeito de deter gente, estou falando da sua eficácia contra nós, nós que somos alvos blindados contra tudo, ou seja, não somos nenhum alvo que traz algo a alguém, mas os alvos devem pelo contrário receber algo, e sem esses dados não dá para querer pormenores, só sei o número de 180, é muito ou pouco, depende, não é o mensageiro que dá os pormenores, embora: Ninguém terá visto fora eu, um desses mensageiros distintos que vêm de terras distantes, mas um que não diz tanto mais. Então fico quieto. Com certeza não serei eu a jogar a primeira pedra, pois pode muito bem pode cair de volta em mim, pois é bem verdade que consigo correr bem rápido, mas no momento decisivo simplesmente não ia conseguir escapar. Ia errar o caminho, e eles matam qualquer um que saiba alguma coisa, e o resto já mataram antes. É o que todo mundo por aqui pensa. Podem perguntar a qualquer um. Primeiro morrer, depois falar. Acho que os serviçais também ficaram de boca fechada, afinal têm que saber e sabem que têm que se portar corretamente. Nós ficamos ainda mais fechados, hermeticamente, sim, por mim, eles suportaram pintores, pois seus produtos têm algum valor, e dariam suporte também ao poetas, os mais herméticos, se é que conheciam algum, mas não conseguem suportar os poetas, esses senhores, que foram destacados para compor um pelotão, eles mesmos compõem, compõem, não faço ideia qual pelotão, talvez seja só um postilhão, um portador que passa a tocha adiante porque sua honra é a lealdade? É também por isso que ninguém deixa cair a tocha, exceto nessa casa, e é por uma boa causa, para os russos não encontrarem nada mais, nem mesmo a casa. Para mim isso é claro como o fogo. Eu também bem que gostaria desse fogo todo. O russo encontra a cova e a tapa de novo imediatamente. Um pouco mais tarde já não vai dar para encontrar cova nenhuma. O castelo logo vai poder se acender no próprio incêndio. Não encontramos nada aí, e o que encontramos nós levamos. Senão o russo leva. E a senhora condessa, com seus leais seguidores, eles também não vão achar. Só vão achar o castelo como ruína. Quem consegue fazer desaparecer milhões, não vai ter problema com uns dois idiotas. Afinal não se trata de provincianos, como disse nosso líder provincial Portschy, esse homem ameno e amigo, que é claro que não é tão estúpido a ponto de morrer cedo demais, prefere morre tarde demais e na própria cama. E o que diz a esposa? Diz que não deviam ficar nessa cavocação sem fim pelos mortos, mas sim pelo ouro que os mesmos enterraram antes e que naturalmente tiveram que imitar, porque não queriam viver sem ele. Eles se agarram ao ouro, já se sabe. O judeu e seu dinheiro, eis uma unidade indivisível. Onde há judeus, há também ouro, todo o ouro. Embora seja anti-higiênico apodrecer ao lado do próprio ouro. Bem, pelo menos não danifica o ouro. E eles cavaram, e cavaram, e cavaram. Mas isso não me concerne, sou só o mensageiro do que passou, é verdade que vejo o que está por vir, mas não digo nada, mais tarde já vão querer ouvir um passado totalmente diferente, isso posso lhes confiar, até mais ver, digo, ouvir. Vão virar a coisa de um modo, que vão se arrepender e se penitenciar, mas poderão se orgulhar de terem podido ser orgulhosos ainda que culpados. Assim demonstramos que o passado é o presente, até que o presente também seja passado, e então, justamente, volte a ser igual ao futuro, que então por sua vez será presente. O que mais posso dizer? O emissário do futuro em breve vai trazer sua mensagem, por favor deixem seus telefones na caixa postal se não quiserem estar aí quando o mensageiro do futuro vier lhes profetizar, o que a princípio não tem que fazer, pois o futuro vai ser como o presente e também o passado. Se de todo modo ainda tiverem um tempo, pelo menos umas três horas, para esperar até conseguirem ouvir isso, então apertem jogo da velha e depois um. Aí é só esperar essas três horas e, quando pedirem, apertar o número certo. Podem escolher o seu preferido!

Eis aqui a voz de um outro distinto mensageiro, que vem de uma terra ainda mais distante e que talvez não consiga mais sair daqui. A campainha já

foi desligada, obrigado, estou pronto. Senhoras e senhores, por favor um momentinho, vamos parar de atirar, sei que é divertido, mas antes é preciso que o homem, o animal mais corajoso de todos, faça os preparativos para os outros animais menos corajosos, que não ousam saltar no abismo. Não é um abismo de verdade, é só uma cova!, é mesmo ridículo, nem dois metros de profundidade, já tem uns N milhões jazendo aí dentro, bem, talvez não exatamente nessa, mas numa outra, em várias outras, em muitas, mesmo assim jazem, mesmo que não nessa, não tem que ter medo, todos vão caber, por favor sem empurrar! Por favor esperem a hora certa e então para Sim apertem o um, por favor, para Não por favor o dois. Vão ter que esperar, não tem jeito. Pois primeiro têm que ser cavadas as covas, para começo de conversa, pois abismos não vão conseguir cavar, para que nossos bravos rapazes, nossos jovens de sangue azul, não, não os azuis, eles estão do outro lado do mar, estou falando dos outros, com seus olhos videntes e armas cegas, não, com os olhos cegos e as armas videntes, para poderem celebrar esse novo Deus, quem quer que seja, pois bem, todo mundo sabe quem ele é, só esses homens não saberão até apertar o gatilho, esses rapazes simplesmente esplêndidos mais uma dama, uma verdadeira lady, com seu marido, criaturas que jamais serão criadas, afinal não existe nada grande o suficiente, o criador teria que ser maior que elas, que ousam perscrutar esse matagal denso e escuro, como só os mais obscuros escritores ousam, e então já não sabem mais por quê, não sabem nada, e, com essa amargura no coração, eles, que tiveram que suportar a dor, que porém não sentiram, pois naquele tempo, sim, naquele tempo, eram jovens demais para isso, uma dor que tiveram que suportar ignorantes e inconscientes, como ilhas abençoadas num monte de farrapos, enfim, com essas lembranças amargas, no entardecer de suas vidas, é que tiveram que ser, não, puderam ser bibliotecários ou carteiros ou professores ou médicos. Mas todas são belas profissões. Essas pessoas também serão úteis, sempre serão úteis. Os mortos naturalmente não podem mais ser usados, mas essas sim, ainda estão vivas, de modo que vamos poder arder em penitência e voltar a ter orgulho de nós mesmos, pelo menos tanto quanto tínhamos outrora. Podem continuar sendo médicos, p.ex., por muito tempo, até quarenta anos depois ainda tem procura, e olha que custa uns 50 000 euros ou algo assim, mas isso não vale mais a pena, a gente naquele tempo desempoeirou bem mais, e mesmo assim aquilo afundou de novo na poeira como Atlântida no mar. Um médico tão velho assim não pode mais praticar o assassinato para o qual se formou originalmente! Agora ele é inofensivo! Aposentado faz tempo! Pode ficar com seu dinheiro, Estado! Assassino e médico, médico e assassino, Dr. Jeckyll e Mr. Hyde: provei os dois – nem comparação! De noite com frequência nos sentamos juntos e bebemos uma cerveja, nossa sociedade não-mista, com certeza sem mistura, a gente cuidou bem disso, de não se misturar com esses tais, mas quais? Povo, que povo?, o mensageiro vê: Aqui já tem um encolhido e ali o outro na praça pública, se oferecendo aos homens por prazer, sim, esse povo é tão rico que tem prazer para dar e vender, tão ricos desse lindo, tanto faz quem, de modo que podem rechear bem as covas, mesmo que não seja o melhor recheio. Esse não firma. A gente segue firme. Senão vamos trabalhar por tempo indeterminado, sendo que ainda temos que terminar essas 200 cabeças e naturalmente ainda exterminar algumas antes, para não poderem resistir a essas acomodações tão estreitas. Não sei o que dá mais trabalho, com certeza cavar as covas, quer dizer, das covas de cascalho, claro, naturalmente deixamos eles mesmos cuidarem disso, já que suas cabeças desventuradas caíram nas nossas mãos. Também queríamos ter alguma parte nisso. Em casa não tem mais lugar, mas esses possuídos destruíram a terra lá fora totalmente. Cavaram buracos como loucos, cavaram e cavaram. Qual o sentido de cavar se depois você não encontra mais o buraco? Tanto faz, agora os buracos estão acabados, nós não nos acabamos neles, deixamos cavar aqueles que precisavam deles. Lá estão eles, entrando. Poderiam mesmo entrar lá, não acham? Mas não é assim que é. Já que já estão nisso, também podiam tirar as peles e amarrá-las em torno dos seus corpos, antes de enterrar esses animais, pois gente eles não são mais. Nunca mais serão gente. É verdade também poderíamos enterrar gente, mas só quando não precisássemos mais dela. Ou se nos deixassem de livre e espontânea vontade, quê, mesmo? O que querem? Ah, que conveniente! Não precisamos mais deles, e eles não aguentam mais, então juntamos a fome com a vontade de comer. Que

conveniente! Por favor, o mensageiro só relata, não pode se intrometer, quando no canto do bode as chalaças sagradas se fazem ouvir e as bolachas salgadas se esfarelam na cama, até que ninguém mais consiga dormir nela. Ainda ouvi meu colega dizendo ao primeiro que caiu na cova: Estrangeiro, não tenho prazer em te prender, mas tem de ser, pois recebi ordens de fazê-lo. Naquela época ainda havia ordem e se ouvia ordens! Pois hoje quem protege quem no caso de um acaso infeliz? Pois é! Alguém tem que ser responsável, a liberdade cabe mal em mãos sacrílegas, mas é necessária, ou se é levado à pequenez na noite escura e solitária do cárcere. Mas tanto faz como se é levado, o que importa é que se chegue lá dentro. Não, melhor empurrar os outros lá dentro e ficarmos nós mesmos aqui fora por toda a eternidade. Temos que acostumar a mão à arma, temos que acostumar a água ao manancial, pois até a água de vez em quando quer dar uma escapada, para nosso próprio bem. Meu colega encontrou da parte de sua vítima plena compreensão. Afinal de contas era uma ordem. Mas outros que foram recolhidos parece que desapareceram, sumiram sozinhos sem sinal, tanto faz, de todo modo se foram. Primeiro os vi, depois de novo e depois não mais. Provavelmente foram em júbilo atrás do seu Deus, quem quer que seja, tanto faz, de todo modo ele é o que é. Fala uma única palavra e parte. Mas não diz nada. Por favor, só por um instante, parem com isso de não falar nada! Além do mais é cedo demais para atirar! Mais tarde podem fazer isso! Estou falando. Já dou o sinal, mas por favor me dá só um mínimo sinal de impaciência, por favor! Eu sou o sinal! O mensageiro pensa consigo: Aquilo que entre todas as coisas PODE acontecer, será que não TEM que ter alguma vez acontecido, sido feito, se passado?

Então o seguinte: Vocês mesmos já veem como eles enlouqueceram. Não se pode fazer mais nada. Também não se pode fazer nada se o sol nasce ou se põe. É uma força da natureza, eu lhes digo! Só faltam coros de mulheres no pé do morro, mas a senhora condessa sozinha não é nenhum coro. Mesmo assim tem que cantar junto, até que jorre dela um brilho quente, mais claro que mil sóis, não, desculpem, peça errada, quero dizer mais claro que uma lâmpada de 40 watts. Hoje ela não dorme, a senhora condessa, não se deixa dissipar no sono, descansando a cabeça num tronco de carvalho sobre o solo, é assim que prepara o gatilho, e começa a se rejubilar, e rejubila um pouco mais, puxa e atira. E atira. Eu a alerto para não se machucar. Depois já não vai ter sido assim, que ela mesma também tenha atirado, não se preocupem! Nós mensageiros cuidamos para que depois não tenha sido assim! Vamos nos contradizer uns aos outros, alguns nem dirão nada, mas sem nós vocês não saberiam absolutamente nada, sem os outros saberiam mais, então fiquem contentes por não saber, de todo modo não por nós, mas por outros, que a senhora condessa sequer esteve aqui, pois logo terá ido embora. E então todos os fios da vida terão um corte limpo. Ela varre das pálpebras a sonolência, sem hesitar, abre mão de dormir, totalmente, deixou de lado qualquer pressão, necessidade, objetivo, vontade, bom e mau, afogou tudo na bebida, pisoteou tudo dançando, pois toda essa leveza exigiu que o mais grave também estivesse pronto e presente, sim, o grave e duro também fazem parte, e então também atirou, a senhora condessa, é verdade que agora os relatos se contradizem, como isso pode continuar e sobretudo: com quem?, e ela atirou, e atirou, ou nunca atirou ela mesma? Só atirou de dentro para fora do castelo? E então teríamos nos confundido por causa da sua aparência e da nossa ausência?, afinal não estávamos lá. Ela deixou o lindo cabelo cair no ombro e atirou para fora da janela ou de onde quer que seja, os homens caem, caem como que à distância, de onde vieram, mas a Hungria nem é tão distante quanto poderia ser, não é nada distante. Essa mulher antes ainda põe sua pele de corça no lugar, põe seus cavalos de corrida em segurança, põe seu amante em segurança, mas só depois, naturalmente os outros também, não, isso só mais tarde, é bem depois, agora ele ainda deve estar inseguro, o amante, sem saber se ela ainda o ama, e ela só atira depois que lhe assegurou, atira só quando os cavalos estão em segurança e seus amantes na insegurança, na incerteza, no escuro onde ficarão a não ser que alguém os tire de lá, para que possam voltar a atirar, e que berrem as trombetas militares, não, melhor sem esses berrantes, de chifres já bastam os do senhor conde, seguimos sem chifres e sem corrupções, digo, interrupções, agora vamos! Nas montanhas e penhascos arde amanhã a afortunada guerra, mas hoje queremos nós mesmos gozar da fortuna, não queremos deixar na incerteza esses homens-pedra,

esses homens-perda, esses hollow men, pois não vão encontrar nenhuma certeza tão cedo, antes têm que merecer. Apesar de já termos revirado tudo, ainda não a encontramos, a certeza, não, muito menos na nossa consciência, afinal não fomos nós. Quantas vezes vou ter que dizer: nós só relatamos. A senhora condessa franze a testa. E tudo que ela podia ver era o prêmio do seu cano certo. De noite ela trouxe rica presa e, como devido à própria sorte, ameaçador para o assassino, se acendeu seu olhar amoroso. Ou algo assim. Quando de novo a noite desterra e renova terror da manhã, já pela segunda vez, o eco e o penhasco hão de ressoar, um momento, de manhã começamos, aí vai ser o dia todo, e continua de noite, daí paramos, então melhor dizer, quando de novo a manhã desterra, nenhum de nós verá essa manhã. Então a senhora condessa decide que não precisa mais de nenhum terror e que em outro lugar seria melhor do que aqui, na Suíça seria melhor. Lá ela não tem que ser medida pela humildade, nem humilhada pela mediocridade, não tem que ficar tímida, pode ter esse ser efervescente e irascível, é até esperado, ela tem que ter uma mente orgulhosa e dominante, assim como nós mensageiros temos uma mente dominada pelo pecado, mas não deixam. Só nos deixam relatar, somente com isso podemos ocupar nossa mente, sem isso não temos sentido. E se a chuva e a neve se derramam sobre nossas cabeças, somente um guarda-chuva tem sentido.

Também não tem que ter sentido. Ela tem que sentir e ser sensata, a senhora condessa. Ah, o que é? O sentido é ela ter estado aqui. Tem que bastar. Tem que ser isso. Tem que demorar todo esse tempo. Se não tem mais ninguém aí, ela não tem razão para ter estado aqui. Ela adorna seu vestido de noite com umas cobras ou o que é que é isso, parece uma cobra, não fica procurando com a língua a pele malhada dos animais, atira direto nos homens, um momento, sim, já!, agora!, ela pula de alegria, só acena para a folhagem, para a folhagem a saudação amorosa. Nenhuma força sinistra a enreda, nenhum desespero a encontra, nenhuma troça a importuna, também nenhum raio de luz atravessa essa noite, só o disparo das armas, então é o destino cego que comanda aqui? Não, olhamos dentro do cano, através do visor, mas as vítimas estão bem à vista, foram trazidas diante da espingarda, da pistola, nenhum Deus vive? Essa pergunta posso responder com um inequívoco não. Um ser irascível, essa condessa, não quer fazer nada, não quer fazer nada de grande nem de pequeno, não quer fazer absolutamente nada, não quer fazer nada mas faz, não, ainda não foi feito, mas logo, em breve verão como algo é feito, faz-se a si mesmo, é como se se fizesse sozinho, as pernas brancas balançam, avançam, atiram, para ela não é nada, já está acostumada de caçar veados, andar distâncias no crepúsculo, não, ainda não veio o ímpeto, a nenhum de nós, de informar sobre isso. O mensageiro cala. Outros mensageiros o dirão, mas não vão acreditar neles. Ninguém informa isso. Nenhum mensageiro está aí quando você precisa dele. Então. Isso vale para todos os tempos a partir da data de hoje. Mas de onde pode vir o orgulho dos pecados, se ninguém sabe? Vem bem do fundo de nós, acho. É algo muito profundo. Essas covas não são nada em comparação.

Devo informar que há lugares em que não há nada a ser arriscado e tudo a ser ganho. Vieram da Suíça até aqui, como o colega antes de mim já disse, e então voltaram, bela viagem, não, eu diria: bela vantagem, ouvi dizer que na Suíça há regras específicas para brigas, mas não regras para abrigos. A Suíça não se obriga com nada nem ninguém. Ela desobriga, qualquer valor abaixo de 100 000, mas não se obriga. Os negócios precisam de tranquilidade para poderem prosperar, silêncio, silêncio, silêncio, que a criancinha quer dormir! O dinheiro dorme na Suíça, essa aranha lenta que só se move quando uma nova presa se aproxima, mas aí é super rápida. O dinheiro também dorme em Frankfurt, em Düsseldorf, em Berlin e assim por diante, tanto faz em qual cama, pode dormir em qualquer lugar, sem ser perturbado, enquanto todos os outros estão longe ou mortos ou tão machucados que o dinheiro não lhes pertence mais, não podem mais ampará-lo. A lei bancária é que têm que dar amparo ao dinheiro agora. Durma na mais sagrada paz, meu dinheiro, meu amor, que me ampara na alegria e na tristeza, se preciso. Mas não dá para chamar isso de dormir, pois para a reprodução os envolvidos precisam estar acordados, é sabido, o desejo sábio dos proprietários explode para fora deles gritando e rindo e rindo, esse desejo não nasceu nos mais altos cumes, nasceu nos cofres e nos cofres foi acumulado. Ele se alastra, ele tem lastro. E depois as largas asas dos bancos já se

cerraram novamente, que dureza. Nem parece que jamais estiveram abertas para o que der e vier. Fechadas. O gozo e a inocência são as coisas mais envergonhadas, adoram se esconder: Ambas não querem que as procurem, pois quando as achamos só atrapalham. É preciso tê-las sem procurá-las. É preciso procurar dor e culpa, mas não gozo e inocência. Há que se amar os que caem, mas eles não percebem mais. Vem um trem, vai vir um navio, e a porta volta a se fechar. E logo a lua aflora atrás das macieiras em flor, num silêncio de morte, sobre a casa, agora há pouco ainda estava parada, agora se foi, todo o castelo ardeu, queimou por muito tempo, e agora se foi, agora vocês não o veem mais, o castelo, ele se foi, para ouro lugar, para o Ticino, não, naturalmente essa é a mansão, uma verdadeira favorita, favorecida pela fortuna, ainda hoje está lá e faísca por todos os canos, não importa, então: O castelo é grande, e agora não é mais nada, podemos concordar nisso? Assim me poupam muito trabalho como mensageiro, enfim estava lá, o castelo, no qual alguns queriam entrar mas não podiam, já outros não queriam entrar mas precisaram, marchando, no porão, no celeiro, no estábulo, é lá que moram, os hollow men, é lá que ele estava, o castelo, ficava em torno das pessoas, ocioso, bem, agora naturalmente não fica mais, ficava parado como se fosse uma propriedade, o que no fundo era mesmo, pois quem tem fundos pode ter propriedade, inclusive na forma de um terreno, e no caso quem tinha tudo isso era a senhora condessa. A família dela comprou especialmente para ela, e agora é propriedade dela. Essa família compra mesmo muita coisa, com muito gosto. Só o peso poderia ser um limite, apesar de que não se compra quadros por quilo, mas por aquilo que os torna ilimitados. Mas se der a gente compra os mais limitados também. Essa é a lição da história: limitar-se na hora certa. O cão aterrorizado lá onde estava, tão imóvel quanto o próprio castelo que, depois de arder, descansa agora, como se nem fosse mais uma propriedade, o cão atende pelo nome de Nero e aguarda a ordem Nero, não segue outras ordens, e o céu fica claro como o dia com o incêndio, mas se me perguntam eu mesmo não vi, e como mensageiro correto que se recusa a ficar se corrigindo – outros devem cuidar disso – por isso não posso confirmar, então se me perguntarem, se já me perguntam, então lhes digo: nada. Se me perguntam diferente, lhes digo: Eles mesmos é que puseram fogo, de acordo com essa ordem de Nero, que foi inventada por cães para cães e que entendi originalmente como uma ordem que se referia somente a cães, sim, entendi assim, sinto muito, os animais só atendem a essas ordens curtas e diretas afinal. A ordens feitas sob medida para eles, por assim dizer. Nós mensageiros compreendemos missões mais complexas também. Pobre Nero, é horrivelmente maltratado, e no entanto só o que fazia sempre era cantar e tocar violão. Se não tivesse medo de se afogar, teria pulado no rio e até mesmo continuado a cantar ali. Só entendem esse tipo de ordem, os animais. Que é para pegar alguém. Até que entendi, mas não peguei de fato. Mas queria ser culpado e ter orgulho disso também.

Ora, ouvi que deveria haver certas estações do ano, são chamadas de defeso, em que não é permitido isso, atirar, caçar. Deixe os cachorros chorarem pela casa do chefe, só porque se foi ou porque a brilha a lua, mas não deixem a casa para mais ninguém. A casa desconhece defeso, tanto faz seu tamanho, ela atira quando quiser, ela por exemplo se atira nas chamas, ou simplesmente se retira, é tão bom quando alguém se atira no fogo da paixão, naturalmente também vale para castelos. Aqui não existem essas regras de defesa do meio-ambiente, e, se existissem, de qualquer jeito só valeriam para animais. Aí está um que perdeu a razão, e outro ali, e mais outro lá, o resto por sorte foi amarrado a tempo, antes que também pudessem sair procurando uma razão. Não, uma vez que já estão perguntando: para esses animais o defeso não vale. Estão indefesos, de fato, diferente de outros animais. Então em seguida você vai residir nas montanhas na Suíça, interessante, e tem certeza de que lá é de fato melhor que aqui? Foi o que pensei! Devo lhe transmitir o recado do senhor barão, outras montanhas só moderadamente lhe interessam, pois estão parcialmente em terras inimigas, em mãos inimigas, de um inimigo sobre quem não se sabe o que vai acontecer, talvez em breve amigos em terras amigas, vamos esperar para ver, temos tempo, o dinheiro já está entediado, mas vamos esperar, quem sabe, sim, quem sabe quanto tempo vai durar até que volte a ser uma terra amiga. Não creio que seja em tempo recorde. Vai demorar um bom tanto. Mas já estão morando aqui, os amigos, no castelo dos sem razão,

perdendo a razão em razão do som da flauta, cheirando a incenso e jorrando como leite do solo, ou não tem leite? O que é isso que jorra do solo, descobriram uma fonte de champanhe?, quer apostar que vão poder comercializar em no máximo 50 anos? Mas agora vamos deixá-los em paz. As provisões de champanhe são o bastante, se canalizadas, por pelo menos um ano ainda, ou seriam o bastante. Não bastariam para nós, mas seriam o bastante para os abastados, que são inquietos e não aguentam muito tempo em nenhum lugar. Quando partem em viagem, a fonte de champanhe também voa para outro lugar. Entendo. As últimas provisões precisam ser gastas afinal, antes que essa casa, esse castelo, esse castelo com cave e homens das cavernas, homens ocos, cavados, que se curvam em conjunto como um combinado, baixando a cabeça cheia de palha, os homens empalhados, até que tudo se acabe em chamas. A palha pega fogo tão fácil, qualquer resistência é tão fútil. Foda! Suas dessecadas vozes, quando juntos sussurram, são quietas e inexpressivas como o vento na relva seca ou pés de ratos sobre cacos em nossa adega evaporada sem sentido. Mas isso tudo todos já tramitamos, traduzimos e transmitimos! Essa mensagem sobre os homens ocos já transportamos, e agora não tem mais nada a transportar. Na cave. Os homens da caverna, os homens ocos, sim, ali dentro, na cave, pelo menos até que o castelo seja incendiado, mas aí já se foram, quem não tem cave não vai a lugar nenhum, quem não tem boca que vá embora, fora, fora! Nada como viajar! Fora com os invejosos.

É frequente a pessoa se sentir mais solitária em dupla do que sozinha, por isso ainda enfiamos mais umas pessoas aqui no carro, é um Daimler? Está ocupado, meu senhor, por favor dirija-se ao trem de carga, que nos encarregamos de repartir! Não, agora não tem mais ninguém na cave. Nenhuma dessas almas perdidas violentas ainda está presente na cave. O carro está presente, mas não por muito tempo mais. Temos que partir. Tenho que olhar para trás, para ver o que me espera adiante.

Em algum momento não vai existir nada além desses homens ocos, mas por ora não existem mais. Não estão mais disponíveis. Também não conseguimos trazer nenhum novo. Fôrma sem forma, sombra sem cor, força paralisada, gesto sem vigor, agora fora! Aí eu levo um susto, porque digo fora e eles de fato saem! Agora não lhes digo mais absolutamente nada. Senão provavelmente correria perigo, sendo que já tenho que correr bastante, como mensageiro, sem precisar de mais essa, correr perigo, até mesmo de voltar a encontrar um monte de palha mofada no meu trilho, que sequer perdi. Só saíram dos trilhos por um instante, os trens. A palha poderia ter tido um efeito sobre o andarilho, brilhando em chamas. Sua centelha de vida poderia ter me acendido. Por isso ralho, por isso me talho, digo, tolho a minha língua que fervilha, melhor parar o estribilho, sim, melhor. E sim, também descarrilhamos, não, descarregamos o trem. Tem que demorar tanto assim, para encurtar o tempo desses homens. Se a pessoa conhece pessoas como eu com certeza depende também do seu próprio sistema de valores e da sensibilidade em relação a esse tipo de coisa. Posso imaginar muita gente que nunca na vida ia ficar pensando sobre essas coisas. Então também não fico. Todo mensageiro sabe quando tem que calar. Isso ele aprendeu. Isso ele aprendeu neste país. Neste país todos sempre fecham o bico, até as bicas, pelo menos essa é a prescrição, para que a agricultura ainda possa ter água por mais um tempo, pois não temos canalização, por favor, tínhamos caves, não canos, nenhum canal. E para que o meio-ambiente fique protegido das nossas emissões, as fossas, nas quais afundamos tudo, afinal também têm um solo hermeticamente vedado. Nosso solo não precisa da sua poesia hermética, já somos herméticos o suficiente. Então querem dizer que ainda não tinham ouvido tudo isso que lhes relatei já faz tempo de outro mensageiro? Ora, nunca ia acreditar nessa história de História se um outro não me relatasse, e ela também nunca conta a ninguém a verdade. Então quem diz isso que não pode ser a verdade? O mensageiro! A última instância do poder arrebatador da verdade. Exatamente! Nesse aspecto vocês estão à mercê dele. Por favor aguardem, se merecerem receberão em breve seu mensageiro. É esse com os jarros cheios em torno, mas nenhum é para ele, é esse que partiu em viagem prevendo voltar e se pronunciar, é esse imprevidente que toma as providências e nos providencia sempre novos relatos absurdos, o mensageiro, estou falando dele, antes mesmo de saber do que ele próprio está falando, é esse que viu com os próprios olhos como a senhora condessa, na noite antes do Domingo de Ramos,

enquanto todos provavam umas salsichas para se aprontar para as chacinas, deu uma festa para a qual foram convidadas entre trinta e quarenta pessoas destemidas, não, nós não, somos só os mensageiros, fomos encomendados aqui e ninguém nos buscou, encomendados mas mandados embora de volta, o serviço secreto local e a juventude do partido e a juventude da liga da juventude, mesmo que meio desligada, todos já estão presentes; todas já estão ensanguentadas, as ligas. É o mensageiro que relata que há personalidades importantes da direção do clubinho entre eles, do Serviço de Segurança, os Sinalizadores da Sina, correio sem nada para entregar, cuja honra é a lealdade, se sequer soubessem o que isso é, e se todos acabaram sendo ileais ainda teriam lealdade ao clube, balançando os punhos e berrando como animais no metrô, indo para um subúrbio a oeste, onde eu infelizmente moro. Xingando sem parar qualquer estrangeiro, é assim que vão para lá, o trem vai também, pois é sua função, o mensageiro não pode ir embora antes de chegar, é verdade que deve ser objetivo, mas às vezes dá um golpe meio baixo nos fios do destino, para eles não poderem se enrolar no seu pescoço antes de ele sequer poder desembaraçá-los, a velha mamãe Terra amarrou seus fios nos pulsos dele, para tramar um destino, para enrolar fazendo, como é a palavra?, uma novela, não, um novelo, de todo modo é uma enrolação, resultando num futuro todo embolado, de cujo embalo ninguém mais consegue sair, e então se envolver fica impossível, impossível se implicar, simplesmente, quer dizer, não é nada simples, e agora ele os arranca fora, o mensageiro, os corta no meio, os fios, as linhas do destino, as cordas do destino, ele luta, esperneia com as pernas apertadas pelas calças do destino, skinny como dita a moda. E assim lá foram eles, foram e foram, e para ser exato até o dia 29, ou melhor 30, de maio do mesmo ano, quando encontraram surpreendentemente pouca resistência, sem que devolvessem os golpes e empurrões, o que o mensageiro viu perfeitamente, o que eu vi e até ouvi clara e perfeitamente, antes da chamada para a parada final, estação Hütteldorf, minha estação final, mas não só a minha, chamada por uma voz invisível, quem me chamou aqui? Eu te sigo!, uma gravação, não da minha voz, nem da do condutor? É o mensageiro que testemunha que a festa durou das nove horas da noite até o amanhecer, ora, a esse respeito eu tinha antes, mais uma vez, como muitas outras vezes antes, relatado a vocês algo errado, é que eu acreditava que a festa já tinha começado antes do meio-dia e só tinha terminado depois do fim do dia seguinte, não admira que nunca fui convidado, e agora estou aqui com meu ingresso, que eu mesmo tive que comprar, ainda essa!, e nada começa, na manhã seguinte, é quando devo voltar supostamente, enquanto isso no centro da cidade se estilhaçam os ossos podres e os olhos vítreos, inocentes que antes ainda olharam para nós com carinho e que nos eram caros, mas não viram mais nada. Não havia nada a se perder, agora eles sabem, pois já perderam tudo muito antes, e todos os outros não tinham perdido nada aqui, a única que que podiam fazer era justamente: perder. E foi assim que só houve perdedores então. Perdedores todos fora nós. Vocês ouvem nossa mensagem, mas falta-lhes a fé? Como diz o filósofo: Creio porque é absurdo. Não importa. Se são surdos, simplesmente não podem nos ouvir. Não importa.

Não, não faz sentido. Loucas pelo deus do destino, não, enlouquecidas pelo deus do deslumbre, as pessoas não ouvem mais a nós, mensageiros, que falamos e falamos, a boca espumando, ninguém nos ouve embora nosso relato esteja afiado, nossos instrumentos afinados, os que nos foram dados e não afanados, tudo está acertado, tudo correto e verdadeiro, e enlouquecidos pelo deus do destino eles não ouvem nada. Os que têm posse, digo, os possuídos pelo deus do destino, deles ninguém tira nada. Sobre eles faz-se relatos. Deles nada é tomado, fundamentalmente, ou não teríamos nada a relatar. Ou seriam um nada. Eles se esconderiam, embora não tivessem nada a esconder. Teríamos todos as mãos ocupadas em escolhê-los, recolhê-los, mas não iríamos acolhê-los. Eles não têm capacidades, mas têm atos e ocorrências, e agora estão correndo para a Suíça. É exatamente esse seu destino, que esse deus lhes destinou. Que devam se tornar objeto de nossas investigações explanatórias e interpretativas, mas o mensageiro não interpreta nada. Disso vocês mesmos vão ter que cuidar. Vocês mesmos têm que cuidar de ter cuidado.

Ouçam, fiquem todos juntos, que ninguém se afaste de mim! Que ninguém saia levando um braço, um pé com sapato, que ninguém me arranque as costelas e leve embora! Tudo isso faz parte do mesmo conjunto e tem que ficar junto! Os

hollow men primeiro ainda parecem bem vivos, como se ainda fossem providos da nossa respiração intensa, mas não pode ser, pois já faz tempo que não são providos nem deles mesmos, e também não têm mais nada, e agora jogamos todos, sim, todos nós, seus membros, como bolas, por aí, sim, é o que fazemos agora. E aliás é supérfluo, eles mesmos já estão quase fluidos, de tanto que atiramos neles, mas fazemos mesmo assim. E mesmo que antes tenhamos que colocá-los num recipiente, para não se desmontarem totalmente. E é só um boato isso de que a senhora condessa teria pego a cabeça de um dos homens das cavernas que abatera e fincado num bastão de caça e levado consigo como se fosse a cabeça de um animal selvagem. Eu teria que ter ficado sabendo! Ela não ia ser tão idiota de ainda levar consigo triunfante essa presa sacrílega, justamente para a Suíça, para onde só o dinheiro caminha, pois é demais dele, pois é demais para ele ficar só deitado, ele quer praticar esporte, o dinheiro, quer foder, talvez até possa se multiplicar sem trabalhar. Então o mais tardar na fronteira nada vai se passar, eles, a dona condessa e seus dois homens, vão passar onde ninguém vai pará-los, essas crianças grandes que querem se divertir e sempre se divertiram, se não os pegarem então depois não pega nada, se os pegarem depois, enquanto tudo seguir seu curso, enquanto ninguém conseguir um recurso, onde é que vão parar sem serem parados, isso eu não sei. Essa caça miserável, uma cabeça humana aqui, outra ali, with direct eyes, to death's other kingdom, o que é que vocês querem, se estão lá faz tempo, remember us – if at all – not as lost violent souls, but only as the hollow men the stuffed men, o que é, ninguém se lembra, na fronteira suíça, o mais tardar lá, alguém com certeza teria lhe tirado a cabeça, teriam confiscado. Teriam confiscado seu troféu, mesmo que ela dissesse que era um troféu de golfe. A entrada de homens ocos e cabeças recheadas é proibida. Só a entrada de dinheiro é permitida, mas esse já está lá. E os companheiros de caça, os Sócios no Sistema, enfim, os dois senhores com ela no carro, que ela trouxe junto, para quem pagou uma viagem para a Suíça, para não poderem dizer mais nada na Alemanha, para não poderem falar na Alemanha, mas só no exterior, esses homens assustadores, que sustaram os homens das cavernas, cavados, ocos, afinal não iam sustentá-los para sempre, e assim tudo fica mais leve, todos ficamos mais leves, como antes, tão leves quanto antes, o que é que eu queria dizer? Sim, seus companheiros de caça, responsáveis pelo sucesso da empreitada, os vencedores, não, agora os perdedores, não, mais tarde os vencedores, agora só os perdedores, tanto faz, a longo prazo os vencedores, mesmo que ainda demore um tanto, desviam todo olhar choroso e chegam a um apartamento na Suíça. Um mora num apartamento em cima de um bar em Lugano. O outro: sei lá, mas com certeza há quem saiba onde viveu quando ainda era um perdedor. Como vencedor esteve num lugar diferente, pois vencedores têm uma aparência diferente. Então a gente não o encontra. Porque o tempo todo procuramos um vencedor. Mas estou me antecipando, porque ali onde estou não achei nada. Não posso dizer nada. O que é complicado para um mensageiro. Ele corre e corre, anda e anda, e o tempo passa, com o tempo tudo passa, é o melhor remédio, não é nenhum médico, mas também não pode contar qual é a sua formação. Foi formado para contar, para os velhos contos de fada, que contam sobre nossos pecados. Podemos nos orgulhar, tanto faz de quê. Eis a senhora condessa, e lá onde está é a Suíça ou um haras perto de Bad Homburg, ou tomando uns ares em outro lugar para purificar o sangue, mas isso vem só depois. Mas isso vem, nós não mais. É mais confortável deitar na palha do que na boa mãe terra, mas não precisamos da palha, não precisamos dela para rechear e nem para deitar confortavelmente. Os homens ocos foram embora. Não precisam de mais nada, muito obrigado. Modéstia e uma devota aversão a tudo que é santo, e se o santo grita tão alto não é coisa deles, nem coisa dos homens cheios, que são homens ocos, que são homens recheados, embora essas características, modéstia e aversão, repito, são a coisa mais linda e ao mesmo tempo a mais sábia para as pessoas deste mundo.

Pois bem. Então ela que cale, a senhora condessa. Noite feliz, dorme em paz, e cala. Ela cala na Suíça e ela cala na Alemanha e ela cala na Inglaterra e ela cala na Hungria e ela cola onde quiser, porque ela tem aquilo que importa, vários quilates daquilo.

Longo as sombras dos verdes pinheiros tombarão sobre o oco descoberto do castelo incendiado, logo nada mais tombará, pois o próprio castelo já terá tombado, melhor que ser tomado, sabe lá por quem

seria. Lá os homens nus, são só uns 200 ou por aí, a gente dá conta deles, para eles não precisamos de uma câmara escura, sobre a qual ninguém fala, da qual não há fotografias, da qual não há nem um nome, pois se não há rosto também não pode haver um nome correspondente, vocês acham que tem que haver pelo menos um nome?, porque não há luz e, sem luz, sem foto, o que eles também fazem é morrer, isso eles fazem na escuridão, na obscura escuridão, calados, ninguém deve entrar mais nesse escuro, e ninguém mais deve entrar nesse assunto, nem tem onde entrar, nenhum vagão para levá-los para a floresta, como um de nós aqui será levado, e ainda mais um ou outro, mas esses homens conseguem andar por conta própria, de todo modo não por muito tempo mais. Só mais um pouquinho. Não precisa de mais. Eles têm sorte, não têm que ficar para sempre na fila da câmara, nessa foto ainda dá para ver a moldura escura, a foto foi tirada justamente olhando para fora dessa abertura aí, aí tiraram, atiraram?, por muito tempo, por favor façam fila, não, não por favor!, façam fila para entregar suas vestes e sua vida, uma coisa depois da outra. Vocês já sabem. Depois voltam para a luz, mas aí ninguém os vê. Eles também não veem mais a luz. Não podem se sentar entre nossas visionárias, mas com isso também não precisam ter a visão desses muitos se contorcendo e engasgando como pastorinhos, os rostos distorcidos tremendo, todos esses muitos com as línguas pretas pendendo pesadas para fora da boca. Não temos que ver o horror no rosto e podemos acreditar que seria tecnicamente impossível. Mais fácil acreditar nisso do que em Deus. De cada um deles, nus como estão, pende a língua preta como uma cobra para fora da boca, eles arrancam as cobras, arrancam um a língua do outro, as cobras, devem estar dormindo para não perceber!, enfim, as mãos arrancam as línguas, há um contorcer e engasgar generalizado, arrancam mas a língua não sai, não dá. Aí vem um grito do mensageiro: Morde! Morde! Mas a língua serpentina não vive mais, a cabeça entalou e ficou parada no meio da garganta, não, ficou parada no meio do caminho, não, sim, agora estou vendo, é no meio da garganta, pois o caminho acaba aqui, não tem mais para onde caminhar ou saltar. Morde! Morde! Arranca a cabeça! Morde! Soa o grito da garganta do mensageiro, do fundo do seu coração, podem acreditar em mim. Quem viu algo assim não se amansa mais, é uma coisa imensa, mas ninguém viu. Ninguém. Ninguém. Ninguém. E quem viu hoje está em outro lugar e orgulhoso disso, embora pecaminoso e de algum modo criminoso, não sei como. Por favor finjam que não viram esse incidente. O que viram de fato não era verdade. Disseram às pessoas que fossem para o chuveiro, mas então foi tudo ao contrário, pessoas esperando diante de uma cabine de chuveiro que não é isso, é pequena demais, não dá para entrar tantos, não, errado, pessoas esperando diante de um vestiário que é uma cabine, as vestes entram, não saem, os homens também entram e não saem mais, o que é que eu queria dizer, no filme vocês viram tudo ao contrário: as pessoas aguardam a câmara, essas pobres pessoas, como até o guarda pessoalmente disse, eu mesmo ouvi com meus próprios ouvidos, eu não tinha outros, mas não foi nada pessoal e nada penoso, embora as mulheres estivessem todas nuas, então agora estão aguardando a câmara, as mulheres já despidas, os homens já vão também, mas mais tarde, esperam diante da câmara, que na verdade é um chuveiro. Como isso não existe, não aconteceu, por isso não me esforço muito no relato. Afinal também não se refere a nada, o relato.

Vi com meus próprios olhos, pelo menos suponho que fossem os meus, afinal foram tantos!, e então mais tarde mais nenhum, eu mesmo vi e ouvi também como esses homens foram levados, sendo que nenhum dos convidados e nenhum dos serviçais do vilarejo e nenhum dos guardas florestais do bosque e nenhum dos lírios do campo foram levados dali, só aqueles que estavam lá para isso, levados no pelo de sua humildade, e o que mais deveriam ter feito? O que poderiam ter feito? Aqueles com línguas pretas na cara, as cobras na boca, quem é o pastor que ainda tem que vir? Quem é o senhor que é o meu pastor, isso eu não sei. Mas quem é o pastor com a cobra da língua, a língua de cobra, não, com o fogo e então a coisa mais preta e pesada pendendo da boca? Como mensageiro tenho que me informar e pedir para soletrarem os nomes, de tão complicado que é seu modo cacofônico de escrever. Muitos nomes sequer conhecemos, são indizíveis, mas não indizivelmente valiosos, mas gostamos de aprender. Nas suas câmaras os pastores de preto mordem, mordem com uma boa mordida, aquilo que cozinhou a cozinheira preta, e a cobra cospe

longe a cabeça deles, não o contrário, o pensador viu errado, a maioria dos pensadores veem tudo errado, porque só olham e veem as coisas invertidas ou nem veem, os culpados se tornam inocentes, os inocentes culpados, pois na verdade os pensadores não querem ver absolutamente nada, mas só pensar a respeito, o mensageiro porém as retifica e relata corretamente. Porém ele não viu, o mensageiro porém não viu como os pastores cuspiram fora as cabeças de cobra, as línguas, o mensageiro novamente não vê nada, mas lê e relê, e relembra, e relincha, e relata, não sabe nada mas despreza os pensadores e relata, e afinal só relata, ele não tem culpa, nós não temos culpa, poderiam vir aí centenas de nós e não teriam culpa, pois ninguém vê nada, não tem ninguém lá que poderia ver algo, todos estamos aqui afinal, e daqui não dá para ver nada, não, ninguém volta de lá, onde viu alguma coisa, a morte não transforma ninguém em alguém transformado, que no último momento terá algo de que rir, o melhor seria ele rir, quero dizer, ele vai rir melhor, por último, e então vai ir para um lugar melhor, como consultor, e então ele – quem quer que seja, terá sido um de nós – vai pendurar um céu provisório sobre as pessoas provisoriamente criadas, e então vai ver se isso é bom, e então tenta transformar sua poesia, pois é isso que é, em um relato factual, ele coletou todos os fatos direitinho, sim, e então pode determinar o que é que, no homem, é fragmento e enigma e acaso terrível. Quem faz diariamente o mal pode ser absolvido se combinarmos a mentira direitinho, não é difícil, provavelmente todos conhecemos esses homens (ou mulheres) ocos no seu próprio círculo, não acham? Bom, eu conheço um, não, dois homens, não conheço mais homens de todo modo. E por isso não faz sentido isso, o que foi, agora soa vazio, trata-se dos homens ocos, nesse último ponto de encontro, nós procuramos lá, juntos, procuramos os homens, tateando e evitando falar, não devíamos ter feito isso, devíamos ter relatado, nós mensageiros, nós mensageiros afinal também podemos redimir o passado perfeitamente tão bem, não, melhor!, e transformar tudo, não, transtornar, contornar?, não, até que só nossa vontade tenha voz. Foi assim porque eu quis assim! Foi assim porque nós mensageiros quisemos que fosse assim! Alguma coisa até o mensageiro pode querer, algo de belo, só não deveria ser pesado demais. Quem ri por último ri melhor, e seremos nós, mensageiros, que sabemos tudo, dizemos tudo, mas é em vão, pelo menos também é grátis. Nós mensageiros temos todos desejo desse riso que virá depois que as pessoas tenham engolido suas próprias línguas no escuro completo. E então o riso certamente não vem. Não conseguem cuspir de volta as línguas. Eles não riem, nem gritam, ou sim?, e que não riam, isso nos corrói, a nós mensageiros, eles nem riem por último, sendo que poderiam até atrair alguma coisa e se tornarem atraentes com a risada, mas não temos culpa. Não aguentaríamos isso de morrer, mas vemos isso todo dia, vemos todo dia como é. Não temos mais nada a relatar. Está escuro demais. Não conseguimos ver nada. Ninguém conseguiria ver algo. Dessa vez não temos o que relatar. Em algum momento qualquer vou até essas pessoas pela última vez. Mas já estou por aqui com elas! Elas já não estão por aqui.

Enfim, nunca vi algo assim, só se foi com outros olhos, o mesmo. Aquele que vi falou: está preso. Ainda não está humilhado o suficiente, ainda tenho que te tirar da rua, e as pastilhas do freio já estão totalmente gastas, vai ver a próxima vez que frear o que acontece, sim, vai ouvir também, certeza, está enferrujado o chassi, não funciona mais o farol, como quer dirigir isso de noite, e a noite sempre chega? E as cordas segurando a carga têm uns cinco centímetros sobrando na caçamba, e você caçoando enquanto a carga sai voando para a rua e pode matar várias pessoas que ainda querem chegar lá, depois de você, mas mesmo assim. Tenho que apreender seu carro, só repreender não adianta com você, não é o que eu queria, mas a placa já vai ser desaparafusada, o veículo vai ser confiscado, em todo caso para todos os casos suas paredes e chão são finos demais. Mas sua humildade é o casaco mais duro, apesar de não ser casaco nenhum, agora já vi, você diz que esse caminhão é sua única fonte de renda, e se eu o tirar de você, você vai se enforcar? Não sei, talvez essa humildade seja mesmo como um carro, será que vai ter um upgrade para uma categoria superior? Mas por outro lado, se é um carro, não pode ser a humildade. Ambas simplesmente não se dão. A não ser que a pessoa tenha que viver do seu carro, aí é bem precário. Mal a pessoa tem um carro, já fica presunçosa. E se então alguma vez o carro é vistoriado por conta de avarias, aí ela fica humilde

novamente. De fato a humildade quer um mundo saudável e solar, mas o carro quer assolar o mundo. O seu fará isso sem o menor esforço, se eu não o apreender imediatamente e tirar da rua. Quem tem carro não é mais humilde, pois logo quer algo maior e mais potente. Você já estaria contente se pudesse continuar com o seu, sei, e pode continuar, mas não conduzir. O condutor gosta de humilhar os outros com seu veículo potente, mas você não pode mais fazer isso, embora sua posse, não, o seu possante fosse o mais potente de todos. Ainda vai ser nossa ruína, o carro, de todos nós, junto com muitas outras coisas, junto conosco também, mas de todo modo estaremos arruinados, e não temos a sorte de ter uma câmara específica para isso, a não ser que alguém nos coloque no banheiro do hospital, porque você teve um acidente merecido e todos os outros leitos estavam ocupados. Mas são os outros, os que têm mais espaço para isso, que perecem, mesmo se não merecem. Por que tão cedo?

A senhora condessa e seus espertos arados humanos é que devem saber, com uma jogada ressoante superam todos os pudores e todas as dores, mas nada os machuca. Por favor, seria melhor que por um momento não fosse esse carro a conduzir o caminho, ele nem consegue, pois prefere lançar as pessoas para fora do caminho. O carro é nosso infortúnio. Ele também nos tira o fôlego. Antes outra coisa era nosso infortúnio, mas agora por sorte é só o carro. Como mensageiro, que tem que andar ou pedalar muito e por isso mal tem fôlego, falo demais, se o dia é longo e o fôlego curto, minha palavra ainda não moveu montanhas nem rodovias, mas estamos contentes de estarem aí, o que faríamos sem elas?, todos ficaríamos parados, embora nós mensageiros não possamos usar as rodovias. A despeito disso. Por despeito sempre voltamos a tentar. Sem chance. Nenhuma roda rodaria. E o que faríamos sem crianças? Todos sairíamos correndo, pois não teríamos responsabilidades. Conosco o presente chegaria ao fim. De um jeito ou de outro, sem elas nada vai, sem elas tudo vai, sem roupas a morte vai duas vezes mais rápido, porque ela não nos pesa mais. Mas eu também iria, e de fato totalmente nu, até os homens, para relatar-lhes aquilo que os nus têm a dizer, um homem nu não tem bolso, não tem por onde segurar, mas também não pode esconder nada, tem que relatar o que viu, tudo depende do contexto. Se tudo ficasse parado, nós correríamos, o relógio correria, os ponteiros dos segundos continuariam andando sozinhos, mas mesmo correndo não chego, mesmo se corro não há socorro, o tempo também não chega, embora o ponteiro gire e gire, enquanto a bateria ainda tiver carga. Só estou aqui para fazer o relato. Deixem-me entrar! O chefe me mandou dizer que aceitou o dinheiro de vocês, só respondeu: O que é que você sabe disso? O orvalho cai sobre a relva quando a noite é mais quieta.

Vi pessoalmente como os homens nus, os outros, não os mensageiros, esses têm a roupa de ciclismo, é melhor que nada, melhor que nude, pelo menos tão bom quanto, nu como esses homens nus, sofreram a avacalhação mais grosseira, de mãos grosseiras e pés grosseiros, não vi motivo para isso, mas mesmo de noite encontraram o caminho sem esforço, os caçadores e a senhora condessa, e diante deles eram conduzidas algumas vítimas desempregadas ou inválidas ou beneficiárias da previdência ou de direitos trabalhistas, esses sempre são vítimas, todos!, se arrastavam protocolarmente, agora nós também, não dá, não dá para todos serem vítimas!, alguém também tem que querer ser o bandido, por favor um passo à frente, precisamos de qualquer criminoso que pudermos conseguir, pois então podemos nós mesmos nos incluir nessa conta, sem que ninguém perceba, precisamos urgentemente de criminosos entre os quais também possamos estar, se apenas nos esforçássemos um pouquinho mais, sobretudo depois que acabou o sacrifício, e então é se retirar, se estirar, atirar, então dizem que da próxima vez mas com certeza vão querer estar aí, mas como criminosos entre as vítimas abundantes, para terem algo de que se arrepender, por favor, não sei bem de quem querem ser vítimas dessa vez, mas da última vez que os vi, uma outra vez, cavaram direitinho, naturalmente um trabalho totalmente clandestino, naturalmente o empregador não os registrou, e por isso perderam todos os direitos, e o empresário vai ser indiciado, mas antes disso dissolve a empresa e nada mais resta. Não lhes resta mais nada, querem lhes negar até o salário-mínimo. Acreditaram finalmente ter encontrado o próprio caminho, esses trabalhadores clandestinos das covas e das trincheiras, construções

semelhantes mas diferentes, eu sei, mas não encontraram o caminho, ainda não, para cavar a própria cova, até que então, como dito, no fim tiveram que cavar essa coisa com essas dimensões estranhas. De todo modo esses ocos que vi lá não eram mais aproveitáveis para o trabalho. Na realidade suas pernas provavelmente tremiam, eles estremeciam de medo, posso imaginar, isso se não estivessem cansados demais até para isso, mas atestar eu não posso. Quando já se tinha atirado algumas vezes e alguns já haviam desaparecido nas covas, mas ainda faltavam muitas covas, ainda tinha pessoas demais, o que é que foi então?, quando se atirou, alguém gritou pela primeira vez, mas sempre alguém grita, acho que agora é a vez dos próximos cavarem, o próximo grupo, por favor um passo à frente, no total são quase 200, acho que 180 ou algo assim, já é um bom tempo para cavar, e ainda mais nesse solo duro, que produziu homens igualmente duros, já faz séculos, força, força!, quem é que se admira, são uns cabeças duras, eu pensei, se alguém depois me perguntar poderei lhe dizer: eles esqueceram o caminho, aí esqueceram também como caminhar. Trabalhar já não conseguiam faz tempo. E foi assim. E assim ainda lhes fizemos um favor, que caminho terrível lhes esperava se não tivessem caminhado para a cova na hora certa! Mas eu me calo por um momento, um momentinho!, embora seja mensageiro e na verdade falar seria minha tarefa. O mais calado dos homens serei eu, e isso então será minha fala, um momentinho!, não é isso que se espera do mensageiro. E no entanto eu ainda teria algo a dizer e algo a entregar, alguém mandou embora cerca de dois quilos de dentes de ouro e esqueceu o endereço pelos próximos 50, 60, 100 anos, vi perfeitamente, ele endereçou para si mesmo, para nosso estúpido orgulho dos pecados, que no fim vai colar, é tão certo quanto dizer que no fim da reza vai colar o amém, porque em outro lugar não acha colo nem colocação, mas não sei mais quem é ele, o mensageiro, foi assim que se nomeou; tudo é de fabricação própria e nomeação própria, sei como tudo foi, como tudo é, como tudo será, e vejo também: a mãe Terra, a natureza eterna, te adverte. Três das filhas, incriadas, gerou seu útero. O que vejo os jornais nos dizem diariamente, quero dizer: dizem noturnamente as Nornas, não, as normas da União Europeia não nos dizem nada, só indicam a magnitude do tremor, um momento, eu disse Nornas, não normas!, pois é, depois da previsão do tempo elas chegam, as mitológicas Nornas, o informe meteorológico é verdade, o mito só vem depois, não, pessoalmente ainda não ouvi nada, talvez ele ficou com ele, com o ouro, com aquele ouro todo? Vamos esperar pelo meu informe, pelo meu relato, mas não sei o que devo dizer. Não sei o que posso dizer. Eu tenho tanto para lhes falar, mas com palavras não sei dizer, e de todo modo todo mundo só ataca o mensageiro. Então peguem enfim minha mochila, sou andarilho e alpinista no fundo do meu coração, não amo as planícies, e parece que não consigo mais ficar parado por muito tempo! Mal posso esperar até que enfim meu próprio ser volte para mim e eu também possa voltar à vida de civil, sem essa malfalação toda, para mim é importante, eu mesmo tenho culpa e orgulho da minha culpa, não precisam me dizer, o que me resta senão dizer isso eu mesmo, mal posso pagar os impostos que me cobram, sim, agora quem está falando sou eu, o mensageiro, que sempre segue e fala tão bem, nunca fala mal de ninguém, ele relata e então retorna novamente. Eu gostaria de sempre permanecer eu mesmo nisso tudo. É muito importante para mim, pois tanta gente foi tão diferente por tanto tempo que nem conseguem mais lembrar de si. Comigo não vai acontecer. Sempre vou ter esse tempo na memória como o mais emocionante, e a memória é tudo que fica. A memória e o amor, e no amor não se deve ser modesto. Tem um povo aí que quer arrastar gente pelada pela floresta usando de violência e armas, pelo menos foi o que ouvi, mas não pode estar certo. Mesmo assim devo transmitir, sem emitir julgamento. Não vejo floresta nenhuma, só todas essas árvores indiscretas. Por favor, vejo as covas, mas não vejo floresta. Provavelmente desmataram a floresta por conta das covas. Tinha um que queria se revelar como Deus ou se revelar para Deus, não deu para distinguir direito. Não roubarás! Não matarás! Essas palavras foram sagradas outrora, e não precisaríamos de mensageiro, e não precisaríamos de julgamentos, se até hoje ainda fossem. Mas onde no mundo jamais houve melhores ladrões e assassinos do que justamente essas palavras sagradas? Ao sacralizar essas palavras, não foi assassinada a própria verdade? Não, não foi. Pois admitimos tudo mesmo, admitimos que fomos ladrões, homicidas e omissos, e é tudo, tomara, definitivamente, e

tomara que definitivamente. Depois de termos admitido homicídio e omissão de cadáver e roubo, podemos finalmente quebrar as velhas tábuas onde isso está escrito. Não precisamos mais delas. Podemos ter orgulho de nós mesmos. Somos os novos homens, que não precisam mais de tábuas, pois lembram as coisas de cabeça. Somos os mensageiros dos tempos vindouros, oferecemos ainda mais, oferecemos ofertas. Temos compaixão para com o passado, pois como mensageiros somos os primeiros a ver como o que passou foi passado para trás. Justamente pessoas como nós. Cada mensageiro conta uma coisa diferente. Um grande tirano teria vindo, mas também teria partido de novo, depois de ter visto os presságios de que em algum momento ele iria embora. Com os presos, que haviam feito de presas, não teriam podido fazer muita coisa, se esse novo tempo tivesse vindo. O passado é passado para trás ou é passado adiante, mas primeiro temos que determinar o que afinal ele é. O que foi feito? Qual a finalidade? Pois somos nós que relatamos. Atirar é prático. Quem retorna do tiro vai ser arrastado de volta à matança pela senhora condessa e seus adjuntos, pessoalmente. Agora que já estamos nisso, não vamos mais parar! Todo mundo vai ter sua vez. Sem empurrar! Mas procuramos um país onde não cresça a pior de todas as árvores: a cruz. Num país dessas não haveria nada para louvar. A sombra dessa árvore cobriria tudo o tempo todo. Só as armas de fogo levam a algo. Nenhuma árvore nos leva a nada. Nenhuma árvore conduz nada. Nenhuma árvore move nem produz nada. No máximo dá para produzir móveis com ela.

Retirada para a Suíça! Se atirando na Suíça! Dos bancos ninguém escapa e o banco de sangue precisa ser reposto. Tudo é de uma organização fantástica. O que diz o porco, com o celular numa pata, na outra o palm para anotar compromissos? Diz: sexta? Não, na sexta é bem ruim! Na sexta vou ser sangrado no abatedouro. Antes ainda queremos arrasar, e depois também vai ser um arraso, tudo arrasado. O importante é não fazer dívidas com a vida! Nem em dinheiro nem em si mesmo, quer dizer, consigo mesmo, nesse caso a pessoa fica pertencendo ao banco. Então voltam a vestir formas humanas como quem veste a camisa, digo, uma camisa, como se nunca tivessem sido animais devorados, mas estou me adiantando, ainda não posso relatar isso.

A cultura ainda não chegou. Olho o relógio, agora era para chegar a coleção de pinturas. Certo. Já está aí. Nós também estamos aí, mas ainda tem que chegar o museu para abrigar essa arte, o abrigo do ser, por assim dizer, mas ainda vai ser construído. É preciso dar tempo ao tempo, e dar abrigo à arte. E dar arte ao abrigo, e construímos um abrigo, e até lá pegamos esse, já está bom, ela ainda tem que entrar, a arte, esse abrigo vai ser seu lugar favorito, é uma poupança, lá enfiamos o dinheiro e a arte, primeiro o dinheiro, depois vem a arte. Não, ele não chama Orestes, o irmão, que por sorte não pereceu, muito pelo contrário, ele persiste, não desiste mesmo durante todo o tempo horrível na Suíça, ele existe e até mais do que antes, cada vez mais, ele insistiu e investiu e isso ninguém pode dizimar, não teve que perecer, não foi sepultado nem suspeitado, sabemos onde está, onde gasta seu tempo e seu dinheiro e se desgasta, Orestes não é seu nome, para ser preciso se chama Heinrich ou algo assim, dele ninguém tem medo, obrigado, não tem por quê. A meu ver ele não faz nada direito. Mas agora vem uma barulheira lá da direita. Vocês mesmos podem ver, não tenho que relatar muito. As armas atiram com um estampido claro para fora do castelo e assustam os cavalos, o haras todo, estão ouvindo, ouvem os passos e gritos, veem o branco dos olhos deles, não, isso simplesmente não veem, para isso precisam de mim de novo. Ou podem imaginar. Poderiam imaginar se quisessem. Pelo amor de Deus! Só isso não! Sem assustar os cavalos! Então, agora o estampido percorre o espaço, estão ouvindo, também isso não preciso relatar. As outras senhoras e senhores por favor entrem na dança e na comilança e na bebedeira.

Eu, por exemplo. Quarto de hotel, Capri, noite, lua, estrelas, uma sangrenta, digo, sangria. Não, Cuba, igualmente quarto de hotel, uma mensagem enviada ao endereço errado, os mensageiros lá não são tão bem treinados, imagino que os envelopes tenham sido confundidos de algum modo, em algum lugar. Uma mensagem para o papa, o senhor barão o recebeu, não, a recebeu, e dentro um extrato bancário, Banco di Roma, 500 dólares de dividendos para um produtor americano de preservativos, que Deus me proteja, isso significa que Deus guarde, e não que Deus preserve.

Preservação é uma coisa, preservativo é outra. O papa deve ter entendido mal, pois também tem seu senhor, como todo mensageiro por princípio traz o seu consigo. Pois bem, talvez prevenir um acidente. Não é tanto dinheiro. Em uma hora, o senhor barão ganha mais, em um minuto. Acho que se pode desculpar o papa, mas não foi para achar nada que me tornei mensageiro, mas sim para transmitir algo, isto é, entregar um relato que me foi confiado. O senhor barão me disse que estudou no ETH em Zurique e no MIT em Cambridge, mas mesmo assim, embora também tivesse muito a relatar, a partir de agora não vai mais deixar seu quarto de hotel. E nem precisa. Já tem tudo aqui, já tem tudo lá, praias cubanas, pinturas, objetos de arte, o sem fim, o fio solto, que ninguém vai juntar, espera, por favor, eu mesmo não vi, também só me foi relatado, mas o mensageiro também deve passar adiante o que um outro lhe confiou, mas sua fala, a fala do senhor barão no telefone já foi de certo modo uma pressão, causou uma impressão, fiquei contente quando consegui sair da linha sem nenhum arranhão. Mas o senhor barão não foi cobrado. A ligação foi cobrada, ele não. Não ligo para posições de liderança, se me perguntam, essa cobrança prefiro não sofrer, não sou a pessoa certa para isso. Mais tarde poderiam me obrigar a prestar contas. Não. Não poderiam. Só o pessoal da limpeza tem acesso a esse quarto de hotel, mais ninguém. O senhor barão, um outro barão, obrigado, já temos, já temos o bastante, já temos barões demais, por favor barões não precisam mais se apresentar!, enfim ele vivia, quero dizer, vivia lá com mulher e filha adulta e um baú bem fechado com uniforme da SS e cruz de ferro, sempre bem passado a ferro, e foi passado mesmo depois de ele passar dessa para a melhor, a equipe morreu de tanto passar esse uniforme, pressionando a prega, para não passar vergonha, o uniforme duro como um caixão, duro como o prego que prega o caixão, como se ele tivesse acabado de passar a foice em pelo menos vinte pessoas, habilmente, o senhor barão, não, naturalmente não passou pessoalmente, por que vocês insistem nessa pergunta, quem fez o que pessoalmente?, isso fica acobertado sob um grosso cobertor, que também pode ficar sem passar, tranquilamente, e mesmo assim sempre totalmente liso, o senhor barão, impressionado ele mesmo de conseguir passar batido, mas: Do que tem medo? Não tem causa. Não vejo causa em parte alguma, vejo calor. Doze anos em Havana, no hotel. Não lhes relato isso para vocês imitem, o que nem seria possível para vocês, e talvez nem tenham mais doze anos. Nem teriam se lhes dessem de presente, os anos que foram roubados de outros. Teriam que fazer 500 anos de idade ou algo assim. Não poderiam simplesmente deixar tudo pendente e ficar lá, com suas filhas, totalmente dependentes de suas doações de sêmen mesmo antes de nascerem. Não é tão simples. Vocês precisam de alguém que conduza seus passos, e encontraram aqui esse alguém. Mas eu também infelizmente sou só alguém cujos passos são conduzidos. Azar o de vocês! Pelo menos já tenho meu marca-passo, todos os mensageiros receberam um. Também pode ser implantado, aí ninguém mais vê quem ou o que move esse mensageiro. É uma descarga elétrica no momento certo, satisfação garantida para seu coração. E todas essas três pessoas, o senhor barão, a senhora baronesa e a senhorita filha, cada um deles tem seu próprio corretor, e todos jogam todos os dias na bolsa, de novo, impertinentes e pertinazes, apostam quem é que vai ter o maior lucro nas apostas. Voltaremos a isso mais tarde. Não, nada mais sobre isso mais tarde, infelizmente não temos tempo para isso. Agora o tempo pertence a outra pessoa, que não gosta de compartilhar.

Por que não compartilho o relato, que no entanto produzi especialmente e então conduzi de volta para cá? Vi como um deles tremia e dizia: Eu não quero! E houve uma risada em torno dele. A senhora condessa pisou com sua espingarda diante dele, mas vejam vocês mesmos!, a embriaguez produz verdadeiros milagres, os portões e cadeados são feitos por mãos humanas e também podem ser incendiados ou desmontados a qualquer momento, para não caírem em mãos estranhas, sobretudo os castelos, são desmontados, os donos têm que levá-los embora, senão um outro pode se instalar ali; vejam vocês mesmos que mãos tombam aí! Pois é! Justo essas! Nenhum cadeado a segurava. E aquela ali também. Quem é que não gosta de incendiar castelos? Quem não gosta de pegar doenças? Quem não gosta de tirar a tampa do ralo do tempo? E por isso o tempo ficou ralo, raso. É assim com a água: ou inunda tudo e não se vê mais nada, ou desaparece no solo sem deixar rastros, exatamente como o tempo. Mas depois tudo mofa. Depois

nunca mais se pode ser mofino e ficar mofando no sofá, porque precisa começar de novo a trabalhar nos alicerces. Esse mofo fedorento precisa ser tirado daqui de algum modo para podermos viver de novo em ar limpo e saudável. Vejam! Ouçam! Podem me dizer por favor o caminho para a grandeza, ah, está lá, deve ser esse, já que não é caminho nenhum. Qual caminho afinal não tem nada atrás de si, mas só adiante? Quê, você alega que foi meu próprio pé que apagou o caminho atrás de mim? Ele se desencaminhou, o caminho, e por quê, isso vocês não sabem? Merda! Então isso aí não é mais caminho nenhum, se só você mesmo consegue caminhá-lo. Porque você já o trilhou, ou o quê? Porque o traçou de modo que ninguém possa segui-lo, como o agradecimento que deve seguir você para sempre, mas mal você olha para o outro lado e o agradecimento já se tornou mal-agradecido? Então agora aquilo que em você é mais brando tem que se tornar o mais duro, e então já temos, então também não precisamos mais do maldito caminho, então podemos atirar diretamente da janela, a espingarda acabou de sair do fogo, quentinha, recheada e pronta. Mas também podemos mandar embrulhar e levar para viagem.

Quem se preservou demais acaba cansado de tanta preservação. Louvado seja aquilo que endurece. Esse milagre as pessoas, sim, mesmo a senhora condessa e os seus dois capangas, os senhores P. e O., seus amantes, um depois do outro?, um ao lado do outro?, tanto faz, o amor não faz perguntas, não pergunta para onde e para quê, não pergunta pelo que é seu, nem ganharia nada com isso, ele pergunta: Por favor onde estão P. e O.?, e onde é o banheiro por favor?, então não sei se é um depois do outro ou ao mesmo tempo, e que palavra, capanga! Capaz de ninguém entender. E ambos têm que vestir um uniforme negro. Ou não têm. Tanto faz. Uma rainha sempre tem isso, um desses capatazes, um desses capazes de tudo, ah, que excitante!, uma ou duas cabeças, melhor duas, vamos levar duas, me vê duas, não se pode fazer nada, às vezes até para mim, como mensageiro, me faltam as palavras, e quem ainda haveria de ter palavras se nem eu encontro nenhuma?, vejamos onde pus a lista de palavras para mensageiros? A palavra para o mensageiro diz que a senhora condessa teria ficado no castelo para gozar da atenção dos oficiais, para gozar da reputação lendária de uma coleção de arte, para gozar de si mesma, para gozar de suas riquezas, que no entanto já se encontravam em outro lugar há muito tempo, foram realocadas bem a tempo ou então sempre estiveram, deixa eu pensar, não, nunca estiveram aqui, a arte ficou na Suíça, não quis vir junto, pois o que é que o russo não poderia fazer com ela?, nossas riquezas nem trazemos, o russo não saberia o que fazer com elas, a não ser surrupiá-las, algo que nós alemães jamais faríamos, pois temos a possibilidade da reflexão e do reflexo a respeito de como os músculos flexores podem ser ainda mais inflexionados, digo, dobrados, todos nos dobramos e dobramos todos e bem na hora!, então, somos os únicos no mundo a alinhavar uma linha de raciocínio, com toda a força, e o que é que essa força-tarefa aí, por exemplo, ainda teria para nos reforçar? Que tarefa eles podem realizar que possa nos interessar? Que tarifa podem oferecer? Lá está ela, bem diante do castelo, essa força, essa tarefa, essa tarifa de solo escavado, lá onde as tormentas atormentam o lago de Neusiedl, não, por favor me desculpem, é outro lugar, mas também não é tão longe, onde a fralda da montanha se banha nas ondas, não, por favor me desculpem, não é lá, lá cada qual deverá estar de sentinela dia e noite, para SUA prova e reconhecimento, não, por favor me desculpem, ganhar conhecimento não é tarefa do mensageiro, é tarefa do destinatário, está escrito claramente no envelope. Desistir é a tarefa e o destino do destinatário, por favor assine aqui. Então a coleção de todo modo é uma segurança, senão para que alguém teria colecionado obra por obra? Pois colecionar significa justamente: trazer para segurança, o que de todo modo não vale para o transporte de pessoas, durante o qual sempre pode acontecer um acidente, e o que vem depois é melhor nem perguntar! E a arte está em segurança, posso imaginar que estavam preocupados, não, onde, isso não vou dizer, a coleção também não lhes diria, para que suas partes não possam ser apartadas de novo. Desde o começo essa coleção só podia se desenvolver à medida que, com as próprias capacidades de conhecimento de si, ó Deus, estou falando de uma coleção totalmente diferente, me desculpem, troquei as anotações, na minha dizia que ela mesma se forma com o saber-de-si, a reflexão sobre si mesma, até entrar na incondicionalidade da identidade enquanto tal. Mas essa coleção não se formou sozinha! Essas formas

pintadas não se formaram sozinhas! Se recolher cuidadosamente e segurar a respiração é previsto para todos os objetos de valor que precisam respirar, e também os que não precisam mais respirar deveriam talvez pensar melhor e se recolher. Com as pessoas poderia se dar, sem nem se oferecer antes, o caso de que elas mesmas têm que se colocar em segurança, só para poderem continuar respirando. Para obras de arte vale a lei da integridade, que para seres humanos tem a menor validade. Por isso a arte vale e dura para sempre, com frequência, ela nos vale mais e mais tempo do que a data de validade dos seres humanos. Nas minhas muitas andanças como mensageiro me encontram esses selecionados, que em si não têm nada de tão seleto, eu, respirando eu mesmo com dificuldade, eu, rasgando o ar, tenho sempre que saltar pro lado, se me encontra alguém que segura a respiração e então puxa um novo ar. Escapo dessas pessoas o mais depressa que consigo, esquivo, senão ainda vou acabar levando um tiro ou uma paulada ou sendo inalado no lugar do ar, não, peça errada, salto pro lado o mais depressa possível, me abaixo num arbusto, me encolho numa cova, subo uma montanha, não, isso não, não precisa tanto, basta se encolher quando os carros passarem voando por mim no caminho para a Suíça, na fronteira terão que parar rapidamente, mas só rapidinho, ainda não tem União Europeia, falta um bom tempo para liberarem as fronteiras, isso é só no presente, mas quase, para os corretos é quase, para os outros nem um pouco, não, claro que também não é de presente esse país, lá ainda vamos ter que mostrar o documento, que esperamos que valha e prove quem somos, mas depois já podem acelerar de novo e mandar gás. Digo, gasolina. É só um salto. Por aqui e por mim, podem ir direto para Lugano. Mas quem será por mim? Eu, pobre mensageiro, infelizmente não tenho carro para seguir esse rastro, e por isso vou perdê-lo, porque vou demorar demais para conseguir chegar a qualquer lugar com meu infeliz fardo de mensageiro. Vou perder o rastro antes de tê-lo encontrado. O rastro vai continuar perdido. A arte no entanto vai sempre permanecer na coleção. Por que me chamam, e como se chamam mesmo?

Posso tomar conta, espero dar conta, ah, enfim, logo vão me apresentar a conta: Só um dia antes esses entusiastas extasiados se divertiram atirando relâmpagos de suas armas, e de fato estavam reluzentes, vejam só!, lá embaixo dá-se um último suspiro, não é possível, tanto ar desperdiçado, simplesmente jogado para o ar, do ar ao ar, só para viver, eles também respiram ar usado, que em geral evitamos, não são tão frescos, o que importa é ter ar, nem precisa ser ar fresco. Mas antes já não precisavam disso, respirar, se me perguntam digo que só achavam que precisavam, e como mensageiro sou especialista em respiração, isso posso lhes sussurrar, pois eu mesmo estou meio sem ar, e acabei de sair do forno, não, do castelo, que se foi, cinzas às cinzas, mas eis-me aqui agora, um Deus morando na Suíça, onde tradicionalmente moram os deuses desde sempre, isso se não moram em outro lugar, esse é o endereço que consta no cadastro, porque lá podem ficar entre iguais sem serem perturbados, já vão ver!, já vão ver, estão todos na Suíça agora, onde mais, como?, a maioria já estava lá antes?, então eu também poderia ter ficado lá, aí não teria que ter corrido tanto. Esse outro mensageiro, que não conheço, ou também é um Deus?, tem algo a esconder no lombo, não vi o que era, mas ele tinha que colocar a uma distância segura da sua mulher, com quem vive em uma constante separação, não admira, nunca está em casa afinal, e com alguns outros, por outros motivos, também em separação, até que esteja cansado demais até para se separar, enfim, esse mensageiro tem que esconder de sua mulher o que possui, pois no seu caminho passando por terras e fronteiras os mensageiros podem perfeitamente trazer algo, mas esconder ele não consegue, pois não dá para esconder nada da mulher, o senhor barão com seus pequenos mensageiros, que excepcionalmente dessa vez não tinham nada a transmitir, porque a entrega foi feita por um outro, um outro, sim, o esperma também era de um outro, não, não sei o nome, mas sei que é alguém que se gabava orgulhoso por conta da sua presa, que no entanto não pode mostrar, porque ainda está em nascendo, é algo que não compreendo. Se a presa ainda está nascendo, como ele já a cravou na presa? Como pode ter ficado cravada, a presa? Antes ele a enterrou como ouro, para ninguém encontrar, sua boa presa. Sim, ele pegou mais uma presa! Não, isso de que um deus em forma de touro teria vindo ao mundo, cujo pai com certeza não é o senhor barão, mas um outro, isso é tão habitual aqui, que o trabalho sobre para outros, um certo

senhor conde deve ser o pai verdadeiro, mas é só um boato, isso não nos preocupa. Que o filho teria uma cabeça de touro é um boato, e mensageiros não lidam com boatos, por princípio, pois então o que é que não teriam para dizer, seria infindável, ainda estaríamos falando até hoje, ainda agora, se ainda tivéssemos que transmitir boatos! Simplesmente não dá. Assim não dá. Também que a senhora condessa teria enfiado o cabelo dos alvejados por ela dentro de um travesseiro, isso é um boato com o qual não me ocupo, também que a senhora condessa teria mandado trazer uma escada para pendurar a cabeça de um dos agravados, que ela trouxe da caçada especialmente para isso, ele deve ter lhe agradado, isso também é um boato, não teria sentido nenhum, afinal o castelo logo ia ser incendiado. Eu vejo e relato: a senhora condessa botou, digo, vestiu brancos tufos de arminho, um colar de brilhantes, brincos de brilhantes e uma pulseira de brilhantes, para não falar do anel de brilhante, antes de finalmente vestir, digo, botar fogo no castelo, dez anos bem vividos, para muitos já é o bastante. Aqui podem ver a terra dos mandantes, que vão se mandar imediatamente, naturalmente, assim que os russos vierem, mas antes o sangue tem que sair, senão vai sujar os bancos do carro, senão vai sujar as janelas e portas, senão vai sujar as mãos, se por engano botarem a mão ali, então nos mandamos, primeiro mandamos ver, mandamos bala, depois nos mandamos, e assim acabam os mandachuvas, os desmedidos, foi uma medida emergencial, provisória, mas que logo se tornou definitiva. Os desmedidos foram feitos sob medida para si mesmos, e os desaparecidos buscam uma paragem que nunca encontram. Tanto faz. Afinal quem quer segurança? Salve-se quem puder. Essas pessoas podem querer o que quer que seja. Se assim quiserem o mensageiro pode guiar os bondosos patrícios, o bando de patrões, pelo bosque, para a montanha, onde talvez espere um bando feminino. Mas por ora ainda estão aqui, no salão de baile. Devo dizer que, embora ninguém possa imaginar, ainda dois dias antes da vinda dos russos, teve lugar essa orgia, cujos participantes não são vocês, os nomes de vocês não estão na minha lista, sinto muito!, na lista de convidados vocês não estão, e recebi a lista de convites, talvez estejam na lista de vítimas?, mas isso com certeza não querem saber. Ninguém pode esclarecer de onde vem esse júbilo luxurioso diante da ruína. O mensageiro sabe que os ricos são diferentes, mas uma coisa ele não sabe: diferentes de quem?

Desgraça desmedida! Lástima que lágrima alguma aplaca! Ó sangrento assassínio levado a cabo por mãos infaustas! Sacrifício sem igual, vitimado para os deuses, para cuja celebração você quer convidar toda Rechnitz, que exagero, metade de Rechnitz?, bem, uma boa parte dela, mas não a melhor parte, isso é certo, metade como serventes, a outra metade como outros serventes, e a mim, não, não toda Rechnitz, uma parte deve servir, a parte maior, toda Rechnitz tem que servir e acabou, enquanto nós que sobramos só somos servidos. O resto já foi tirado da mesa. Ai, ai, o infortúnio, primeiro o teu, depois o meu, não, primeiro o meu e depois o teu! O Deus nos aniquilou, foi cruel e infelizmente barato, a nós parentes próximos, o trovejante. Ora, nada disso é verdade. Estou na peça errada! Por favor um rápido aplauso! Os videntes cegos nós precisamos diante da televisão, onde também estão aplaudindo, a cada três minutos mais ou menos, às vezes com mais frequência, naturalmente não pode ser cega a televisão, ela precisa da visão. Mas de qualquer jeito aqui não precisamos das suas imagens. Por favor coloquem a tv mais lá para baixo, abaixem o volume e vejam se conseguem uma imagem constante e um som minimamente decente, pelo menos condizente, qualquer coisa que nos mostre as condições é benvinda, se forem boas condições, condições decentes, condições dignas, que com isso enfim poderemos conhecer. Não vai ser difícil, diferente de antes, pois essa tem receptor digital. Se antes também tinham só uma recepção muito limitada, com a transmissão digital podem ver tudo diferente, até o que antes não viram. Então podemos tranquilamente nos omitir do emitido, para ver muito mais, ver muito, e inclusive onde nos reunimos por acaso, só não se preocupem, o castelo logo vai ser só um mito, livre desses montes de mentecaptos, mas logo outros montes virão, livres estarão as mãos para tudo pôr em segurança, ainda não é na Suíça, e para o resto... o resto... como é aquela palavra especial para mensageiros, que precisaram inventá-la e só eles podem usá-la? O resto: devastar. É uma sentença devastadora. Então, devastar o resto, mas tudo mesmo, foi o que a senhora condessa me ordenou,

mas creio que o castelo foi incendiado para que não sobrasse nada que contasse a história, as contas estavam mesmo todas negativas, quem ia querer?, a promoção para cliente premium seria impossível se alguém visse essas contas. De todo modo não temos que trabalhar, nos apresentamos como um conto da carochinha, e acreditam em nós. Para que contador? Como mensageiro obviamente teria prazer em lhes fornecer provas contando o que testemunhei, mas então seria uma testemunha, e não um mensageiro, e possivelmente me tornaria eu mesmo passível de punição, pois só seria mais um que teria visto essas coisas, ênfase no mais um, pois havia também outros lá, vocês mesmos podem ver que outros também viram aquilo, e aliás foram pessoas muito mais visadas e vistosas que eu! Eu talvez sequer receberia o relato, então para quem poderia repassar? E para quem deveria transmitir? Não tem mais ninguém aí. Não dá, no fim tenho que conseguir provar quem sou. Para poder reprovar os outros, você mesmo tem que ter uma prova válida, que vale para um e não vale para os outros. Ser mensageiro prova que a pessoa tem uma origem não muito próxima, mas distante, como a senhora condessa, senão você logo alcançaria o fim, o fim do caminho, e não se tornaria um mensageiro, alguém que tem um objetivo, que naturalmente tem sempre que estar antes do fim, senão não daria nenhum trabalho, e nesse caso o objetivo é justamente um belo trabalho, uma obra, de arte por assim dizer. Se não tivesse objetivo em mira, o mensageiro não poderia dizer mais absolutamente nada e jamais chegaria. Ou erraria a mira, se não visse o alvo. Sua origem seria o chão, seria um dragão, criado num instante milhares de anos atrás. Mas nós mensageiros infelizmente fomos criados por seres humanos, the hollow men, sim, mais ou menos, isso nós também somos, a esperança só nasce aos homens vazios, pois estão justamente tão vazios que ficam leves, têm que ser amarrados numa cordinha, com uma cordinha, mas como não poderíamos ver nada nessas cavernas, já que somos nós mesmos totalmente cavados e também não podemos acolher nada, não podemos acolher ninguém, como a Suíça. Que no entanto já acolheu tantos, talvez até demais, que não olhou direito antes, não, não olhou nos olhos vazios, olhou em olhos cheios, em olhos cheios de esperança, mas como não podemos acolher mais ninguém nos levantamos sozinhos, e podemos testemunhar que foram cavados buracos na terra da nossa mãe, quero dizer: na mãe terra, no solo materno, para poder empilhar pessoas lá dentro, na terra, sobre a terra infelizmente não cabe mais, afinal existem as más mães, e a terra é uma delas, mas mesmo as piores mães têm que enterrar seus filhos, só que onde? Quem souber ganha um prêmio. Em malas, caixas, sótãos, vasos de flores?, sua imaginação é limitada, mas as possibilidades também, e com certeza também não querem ficar lá, os filhos da terra, onde o ambiente já é tão venenoso, quando nasceram ainda não faziam ideia, essas crianças, de que um dia haveriam de ser envenenadas, mais isso devo lhes transmitir, resumindo, tiveram que abandonar seus amigos, essas criancinhas!, não faço ideia de quem eram esses amigos. Meu dever é só transmitir. Não posso dizer o que vai ser, só o que vi, isto é, o que foi feito. Não o que é fato.

No meu caminho, como mensageiro, ainda notei o seguinte: Era possível ser criança, era possível ter se tornado jovem tarde demais, era possível ter envelhecido tarde demais, era possível se envergonhar ao ter que se despir, ou não, o orgulho de uma pessoa jovem, o cansaço de uma pessoa velha, a beleza de uma pessoa do sexo feminino, a juventude de uma pessoa insegura, que só deverá ficar segura quando tiver tempo para isso, pode estar dentro de si, tanto faz, vergonha ou não, quem quer se tornar criança tem que primeiro superar sua juventude. Então, como mensageiro, ouvi um riso estrondoso, parecendo vir de toda parte, e então tiros, um riso de rasgar as entranhas, se já não tivessem sido rasgadas pelos tiros. A senhora condessa tinha visto ainda antes de mim que esses frutos estavam maduros, as entranhas rasgadas e o coração perfurado. Seus frutos estavam prontos, e ela estava igualmente pronta para seus frutos. As pessoas estão sempre fermentando por dentro, e quando fermentaram o suficiente, então estão maduras, ou é o contrário?, primeiro amadurecer, depois fermentar?, e então pode-se fazer algo com elas. O álcool jorrava. Eu mesmo vi. E de novo a condessa riu e fugiu, vi isso também. Vi como ela riu antes de fugir. Então houve um silêncio geral, mas antes estava bem barulhento, e eu não soube mais onde estava. A senhora condessa me parecia ser a empregada dos embriagados, mas ela mesma estava bêbada como

um gambá. Ninguém consegue dela o que ela não quer, mas ela sempre faz isso com seus cavalos, no entanto essa é minha observação pessoal, minha opinião não conta aqui, num relato de mensageiro a opinião própria não é bem-vista. Até me revistaram na porta, procurando especialmente isso, alguma opinião pessoal que eu pudesse estar fazendo passar despercebida, no meu cinto por exemplo, e se eu tivesse uma, então já me teria sido arrancada lá fora diante da porta, para que eu não a trouxesse aqui para dentro como uma sujeira nos sapatos. Ainda vi com meus próprios olhos, mas não sei se devo dizer: Na escura força do cárcere a senhora condessa e os jovens alegres se apresentam na forma original dos homens, chamada por muitos de informe, pois é só o uniforme que dá forma ao homem, mas não chamo assim, não me permitem tanta liberdade, não posso, não posso olhar ao mesmo tempo para frente e para trás, mas não vejo nenhum fim, nem à frente nem atrás, e acabam com outros, outros são reenviados a um estado inacabado, senão como poderiam acabar com tanta gente, se eles mesmos não estivessem acabados faz tempo?, eles não são da minha conta, os jovens homens, esses disformes desimportantes, obrigado, Werner!, não tem de quê, Elfi, já estou morto mesmo e não posso me defender, homens a quem ela se rende de bom grado, a senhora condessa. E se isso render, então ela manda buscar esses outros homens nus, que mantém presos no castelo, afinal nunca se sabe quando podem ser necessários, amarrados na casa, no porão empoeirado, ou sem celeuma no celeiro, mais não digo, isso dos tiros já falei, muitas vezes já, provavelmente já até demais, isso vocês já sabem. Mais não digo, pois na mesma escura noite do cárcere já tinham prendido os companheiros das minhas fileiras, que também eram mensageiros, mas não conseguiram chegar até o relato, e agora lutam pela vida. Senhora condessa, pode se elevar ao Olimpo suíço, pode levantar a bunda e levar para lá, afinal é onde todo mundo investe, sua veste você ainda vai achar!, mas vamos logo, corre!, senão eu mesmo vi o que te espera, onde está o russo nada mais prospera, então por favor coopera, vamos impedir a teimosia do russo ainda antes de poder vê-lo, pois quando o vir vai ser tarde demais para qualquer esperança, então esse ano não vai mais dar frutos, e portanto nada de vinho. Não, nem um malbec, e aliás nem um bom beque. Mas sou só o mensageiro. Por favor sem bater! Meu papai já dizia isso, e para ele adiantou tão pouco quanto para mim.

Os senhores e proprietários por aqui por favor, ali perto do coro de mensageiros, lá estarão seguros, e vão ter que gritar se quiserem se fazer entender. Só a cova está sempre silenciosa, tão silenciosa que nunca será encontrada. Todo o vilarejo silencia, a gente na taberna com seus claros rostos, o chão na madrugada com seus claros astros, o pélago, o lago, desculpem, não, esses dois não, não dá para vê-los de lá, ah, essa noite grave e grávida, alguém tem que fazer algo a respeito! Precisamos submergir! Para o mais fundo da dor onde jamais se foi na tocaia, de onde vêm as mais altas montanhas? Quando eu descobrir vou encomendar umas para mim, assim podem estar lá para a gente não só na Suíça, mas aonde mais haveríamos de ir? Precisamos dessas montanhas para que do lado delas possamos parecer menores do que somos. Afinal é guerra, não dá para ficar neutro, mas a Suíça fica, ô se fica! Mais negra maré, não, mais neutra maré, maré da Suíça! Guerra! Também é guerra na Áustria, que só depois vai ser totalmente neutra, mas que por sorte, pelo menos a sua, para sua sorte por ora ainda nem existe. Já existiu uma vez antes, só que muito maior, então muito menor, então não mais. Curto e grosso. Pequeno, mas meu. Não temos nada, não damos nada. Depois sempre vai poder afirmar isso, esse país, e vai ter a beleza da verdade, o que quer que afirme. Sim, vai ser perfeitamente verdade. Por isso é o país mais inocente de todos, pois quem não existe não pode pecar, obviamente. Pode talvez vir a nascer, uma Áustria livre com certeza algum dia vai nascer, surgir das cinzas, mas por enquanto ainda não a vejo. Do passado não se pode contar nem prestar contas se não há propriamente nenhum contador ou se o contador agiu de modo impróprio. Esse conto está lavrado em pedra na paisagem austríaca, digo, no passado da Áustria, como uma censura, gravado para que nunca mais possa farejar o perigo e se esconder nos arbustos, caso em algum momento um país mais forte apareça e queira devorá-la, minha Áustria, minha Pátria, o que você fez com meu papai, filha da puta? Mas agora aceito isso completamente. O que mais me resta? Demorou muito, mas de algum modo agora consigo aceitar. É verdade que, andando por esse país, estou

sempre cansada e ainda mais ansiosa que antes, mas como o país existiu por tanto tempo e depois não existiu mais e eu também logo não vou mais existir, como esse pais insiste em não me assistir, também não posso simplesmente ir embora. Mas sim, agora já posso. Por mim o país que fique onde está. Por mim pode ficar. Agora consigo aceitar. Também, o que mais me resta? Por isso não quero ficar. É um paradoxo. Para mim ele não dá assistência, não me assiste, para mim ele não tem existência, mas também não consigo simplesmente ir embora. Tenho que ir, mas não posso, tenho que abandoná-lo, mas se nem existe, quê? Bem, para mim não. Ah, nesse meio tempo já voltou a existir? Pois bem, talvez agora me suporte, me dê suporte, teve tantos que não suportou, mas talvez me suporte se vier sem meus parentes mortos, venho só eu, não peso muito, por favor me aguente, pátria querida!, oh, que lindo!, finalmente!, pena que agora não quero mais! Não quero esse país, mesmo sendo tão legal comigo, com o hálito quente, posso sentir, mas quem está respirando, isso não sei. O que está respirando é um país verdadeiramente vivo, é o que me dizem. E agora não respira mais. Ai ai ai! Olha que a longo prazo isso é um tédio, ficar ouvindo as pessoas não respirando. Melhor ajudar as pessoas na sua inatividade. Mas temo que minhas mãos não sejam fortes o suficiente para não fazer nada. De todo modo: não procurar nada, esse era meu sentido, era o mais sensato, mas também não sou tão sensível, nem tão sensual. Pena. Talvez algum dia isso volte para mim.

Do lado de lá, na sociedade de caça dos senhores, ficaram um pouco inseguros agora, temos que fazer alguma coisa. Como senhores do castelo deviam saber quando é hora de escapulir, melhor antes de incendiá-lo, o castelo, que vai para os russos, mas não consegue ir para lugar nenhum. Do contrário seria bem estúpido: pôr fogo ainda antes de se mandar. Se apenas ainda voltasse a viver, o lindo castelinho! Viver, como a Áustria toda, que fez o pedido de troca de nome, mas depois de uns anos já quer reverter o processo! Então vir seria dispensável, se aqui está pegando fogo! Mas então... Por favor, antes, isso devo lhes transmitir da Suíça, onde vocês todos, vejo, já chegaram novamente, por favor uma contagem!, um, dois, três, três pessoas então, não precisamos de mais do que isso na Suíça, mas nós três chegamos, pois na guerra entre dois lados esse país é um terceiro absolutamente seguro por princípio, um país para terceiros, primeiro a nação austríaca, que não existe, nem mesmo um terço dela, depois a nação suíça, que por sorte existe por mais tempo do que sequer existirão as pessoas, porque é tão totalmente segura e por isso as pessoas se amontoaram lá, tantos quantos couberam, se permitíssemos viriam ainda mais, nós três também já entramos, no primeiro e segundo país mais seguro, pois é um terceiro, que terceirizou todo conflito, ninguém mais sabe como meu relato de mensageiro começou, mas aconteceu nessa ordem cronológica e hierárquica, infelizmente não conheço bem nenhuma das duas, nenhuma dessas duas nações onde se está sempre abrigado, sempre em segurança, a não ser que se seja uma vítima, aí não, naturalmente, de todo modo não sempre, e por isso também é bom que não perguntem se também estão em segurança ou não, senão vão ficar ainda mais inseguros, enfim, entrando na Suíça não dá para ver as tochas relampejantes que a senhora condessa atirou na casa, no castelo, para depois prontamente botar na conta dos russos, o incêndio, dos russos que também queriam entrar, bem feito, quando finalmente chegaram, entraram no país, armados, porque não tinha ninguém mais na porta para revistá-los, isso já estava claro desde antes, que eles viriam, os russos, então o lindo castelo já estava totalmente queimado. Depois de entrarem os alemães, é claro que os outros também quiseram entrar. Depois de saírem os alemães, todos ficamos queimados. Mas não demora para limpar. Faça algo e não tema ninguém, é o que sempre digo. A senhora condessa queria, é claro, compreendo perfeitamente, destruir o palácio, depois dela o dilúvio, quero dizer o incêndio, é uma bela mulher, e é original, inteligência, isso ela tem e sempre provou, depois dela o incêndio do castelo, célebre por seu efeito, sempre eficaz, até um mensageiro pode dar o braço a torcer, especialmente se tiver um sobrando, e o palácio, o castelo vai ser totalmente destruído, isso posso dizer antes mesmo que aconteça, embora na verdade o mensageiro deva primeiro ver e só depois relatar, como se tivesse acabado de acontecer, mas o que acham, quanto tempo demora até a Suíça, e no meio tem a fronteira!, nesse palácio não viveu nenhum Deus, mas a condessa foi endeusada pelos seus comparsas, endeusada, é o que digo, mas tudo foi

incendiado então. Lançaram as brasas. Não sei como poderia dizer de outro modo. Atiraram naqueles senhores nus, não, seus nomes não me disseram, e então, como se suas mãos covardes quisessem tatear um fio para ver se ele os tiraria daquele labirinto, simplesmente pegaram os carros e se mandaram. Lugano, um apartamento em cima de um bar, muito bem, o contrário disso seria soltar a língua e descongelar o coração ouvindo a história, como nós mensageiros sempre fazemos.

O que querem ouvir de mim? Ser transformado em dragão, a mulher tornada animal, assumir essa forma réptil, o vagão de gado, acho que era um Daimler, mas não o vejo em lugar nenhum, quero dizer, não vejo em lugar nenhum que tipo de carro é esse com o qual se mandaram, que leva todos os três, a senhora condessa mais Podezin mais Oldenburg, P. e O., o Podezin era terrível, disso há indícios. Esse indecente era levado, e foi levado. Deixou-se levar por um entusiasmo passageiro. Então, agora o entusiasmo já passou. Faz tempo, já foi. O castelo foi incendiado, quase no fim!, até que enfim!, vocês saquearam o sagrado oráculo de Febo, ah sim, nem sempre foi isso, só depois Febo o incendiou, como fez com nosso desejo, o oráculo saqueado e então incendiado, o oráculo jamais terá um miserável regresso. O melhor é ficarmos todos longe dele. Mas os senhores do castelo, a senhora, os senhores na Suíça, os senhores em geral e os senhores específicos também, que sempre mudam, que sempre se mudam para a Suíça, que emudecem, os senhores que se alternam e desertam, como vamos lembrar de todos esses senhores?, os respectivos senhores são salvos junto com sua gaita, digo, suas gaitas, de fole e de boca, ambas em harmonia, tudo tem que ser feito em harmonia, são salvos antes mesmo de estar em perigo, são salvos antes de sequer ver o perigo, seu Ser é transportado para a morada abençoada, antes mesmo de morrerem. Falo como mensageiro, não, como filho de um pai humano, não, como filho de um deus, mas os humanos são filhos de deus, e de fato todos, todos, todos. Fora eu. Pena. Não se pode fazer nada. Estou fora de mim, mas isso tem suas vantagens, já que fora eu não tem ninguém aqui. Todos estão dentro de mim e querem sair, e ainda por cima todos de uma vez. Mas fora eu: ninguém. Ninguém escuta. Ninguém está aí para poder escutar alguém. Pobre de mim, mensageiro. E se esses senhores, e se a senhora condessa, não gostando dessas belas paisagens, tivessem escolhido a humildade, ainda lhes restaria a fortuna, e poderiam ser afortunados! Quê? São afortunados, esse tempo todo afortunados? Algo não está certo nesse conto, e não só isso. Um momento, estão me passando um bilhete, pois o mensageiro também pode dar uma lida quando esqueceu alguma coisa. Aqui diz: é preciso não reconhecer nada para não ser duramente punido. É preciso não reconhecer absolutamente nada. Eles vão bem e se vão e isso não é impossível para eles. Pois a qualquer momento podem ir para outro país onde não vão ver os monstros e os monstros não vão vê-los nem usá-los para fazer um bolo, e as montanhas não os veem e eles não veem as montanhas, e onde nenhum olhar os vê e eles não têm nenhum olhar para ver.

Mensageiros todos saem, tudo é desmontado.

Uma cabana de caça nas montanhas.

Aqui pode-se fazer várias coisas diferentes. Proponho o seguinte, sem compromisso, é claro: Um presépio alpino é enfeitado por pessoas com trajes de festa bastante desfeitos, mas os animais não são bois e burros e carneiros, mas animais selvagens. Arrancam os chifres de cervos e corças e penduram na parede junto com pássaros empalhados etc. etc. Quando querem voltar a abrir as portas e sair, os animais em roupas de pelúcia lhes barram o caminho e não os deixam partir. Mas claro que também se pode fazer totalmente diferente. Seria ótimo usar o canal austríaco de previsão do tempo (TW1), com a música regional que sempre tocam como trilha para as belas paisagens e os respectivos pacotes turísticos.

Então os atores eles mesmos se voltam uns para os outros em tom de conversa.

Por favor esteja à meia-noite na garganta do lobo.

À meia-noite na garganta do lobo? Não! A garganta é mal falada, e à meia-noite se abrem os portões do inferno.

Me perdoe se ficou acordado por minha causa!

Você parece mal-humorado. De novo sem sorte?

Não não, pelo contrário! Olha! Acertei a maior ave de rapina lá no meio das nuvens. Agora não vai mais bicar meus olhos!

Desculpe! Mas o que é isso? Seus cachos estão cheios de sangue. Jesus Cristo! O que te passou?

Nada. Já está melhorando. Já melhora.

Ouviu? O relógio da torre do castelo lá em cima da montanha mal começou a bater, e já parou. Mal deu para notar que bateu. O mais das vezes noto quando algo me acerta ou eu acerto alguém. Como se tivesse se acanhado com a própria batida. Mas normalmente não é tão acanhado!

Curioso. Deve ter sido bem na hora que atirei na águia lá no alto. *(Mostra uma cabeça humana cheia de sangue, que tirou de uma mochila de alpinismo.)* Acertei a águia lá no alto. Não posso voltar atrás, meu destino chama!

Bem, então venha!

Já estou aqui. *(Tenta pregar a cabeça na parede)*

Viu como se juntaram as nuvens de temporal? Viu a previsão do tempo? Viu o abismo – que horror! E as nuvens do céu estão olhando, não faço ideia onde, mas de todo modo lá para o alto. Afinal todo mundo quer subir. O que seus olhos acreditam ter visto? Por favor me diga!

Bom, se quer mesmo: Viram como as nuvens escuras se juntaram, como a lua perdeu um pouco do brilho, como formas fantasmagóricas de névoa tremeluziram, como a pedra ganhou vida, mal seria possível acreditar sem ver com os próprios olhos, como eu vi, e eu mesmo não acreditaria. O que acredito mais e também vi é em todos esses pássaros noturnos voando para o arbusto.

Eu bem que sabia que tinha algo no arbusto!

Exato. E vi como os galhos retorcidos vermelho-acinzentados esticaram para mim seus enormes braços. Meu coração se apavorou de verdade. Mas tive que seguir, apesar do pavor.

Foi bem malvado da sua parte, me deixar tão só!

Desculpe, mas teve que ser assim, simplesmente. E não foi simples.

Você teria preferido que o sol tivesse ficado parado no alto do céu, excepcionalmente, que excepcionalmente uma vez não tivesse anoitecido? Que o mundo não servisse ao acaso cego? Que o olho, eternamente limpo e claro, percebesse amoroso todos os seres? Teria preferido isso?

Bobagem! Eu queria exatamente como é.

Saltar no abismo? Mas nunca! Seria o fim.

Calado, calado, para ninguém te alertar!

Alguma vez você já ficou tão excitado que pegou uma seringa e tirou o próprio sangue para beber?

O gosto do teu sangue te agradou, penso. Ou não teria feito isso.

Foi delicioso. Uma vez, usando a minha Black & Decker, a furadeira escapou e cravou na minha mão, é uma iguaria.

O sangue afinal é o néctar da dívida.

Da vida.

Contém tudo o que se precisa na alimentação.

Também se pode comer gente. Esse pensamento já te ocorreu?

Já me escorreu. Mas carne viva é algo mais resistente do que assada ou cozida.

Mas eu consigo. E depois ainda sobra um lindo enfeite de parede. É um brinde.

Seria bom se isso fosse legal.

Mas o quê? Já entendi. Só tenho que fazer umas compras. Tenho que comprar seus acompanhamentos. Quero dizer, tenho que comprar algo para acompanhar você.

Não estou nem um pouco nervoso, só com um tesão animal. Mal posso esperar.

Imagino como vai ser te morder o pescoço, o ombro, a barriga, a coxa. Que então você vai comer junto comigo, essas carnes nobres.

Mas não só morder, por favor, quero ver e sentir como você arranca com os dentes esses pedaços do meu pescoço, dos meus ombros, da minha barriga, do meu peito.

Sim, mas não tudo de uma vez!

Também pode devorar minhas bochechas, para ter acesso direto à minha boca, que então poderá abrir bem. Então por favor coma minha língua inteira até a raiz! Pegue e coma minha carne, esse é meu corpo, aceite-o e coma! Esse é meu sangue, aceite-o e beba! Também vou aceitar um pedaço. Aceito tudo. E com certeza me dá um enorme prazer.

Adoraria provar um pouco de você. Poderíamos talvez cozinhar ou assar algo e então comer juntos?

Deveria ser o suficiente para um bom tempo. Estou partindo desse princípio.

Eu mesmo também gostaria de comer um pouco de mim, talvez um pedaço de coxa ou uma maminha. Se pudesse escolher. Se me fosse permitido querer.

Mas em geral não se debate com animais de abate.

Tem razão. Então deixo isso com você.

O mamilo não, ele é protuberante, mas sangra muito, aí acaba rápido demais. Melhor pegar um pedaço mais para baixo ou mais para cima.

Mamilo. Ok. Claro. Se bem que não vai ser difícil de tirar e engolir.

Caso não queira comer algo cru, na minha boca encontrará um cliente ávido. Caso queira me alimentar com minha própria carne. Bem que poderia ser o caso, que você quisesse isso. Para mim é muito importante realizar a sua vontade.

Claro que também teremos que fazer um buraco para tirar os miúdos. Se morder algo, deixe ainda pendendo no corpo pelos últimos ligamentos, enquanto come isso devagar, ainda pendurado em mim. Não engolir imediatamente. Primeiro mastigar, então devorar. Só no fim cortar a ligação.

Quando uma pessoa mastiga, gosto quando deixa os lábios o mais abertos possível em cada mordida, para também poder ver bem seus dentes mastigando. O ideal é ver como os dentes trabalham. A carne crua tem uma firmeza muito maior do que a cozida. Estou falando em geral.

Mas também com os olhos se come, não esqueça! Tem que ser bonito. A visão deve agradar. Então talvez deixar para depois o preparo, que pode deixar a carne pior de ver, mas melhor de comer.

As costelas precisam ser assadas separadamente. Seria bom se a caixa torácica ficasse inteira. Mas vai depender do tamanho do forno disponível. Numa cozinha de hotel daria. Então depois de descongelar a caixa torácica é assada ou cozida inteira.

Será que vai sobrar alguma coisa para o enterro?

Sim, e pode ser uma bela festa, não tenho nada contra. O que quer dizer? Como quer que seja? Imagino assim: uma cova é cavada e tudo que não foi comido é colocado lá dentro. E então enterrado.

Uma cova é cavada no escuro e tudo é colocado dentro. Então é lido o salmo 23. Esse é bonito. Creio que você também vai gostar. Depois rezar o pai nosso. Então tapar a cova de novo com a pá.

Depois a cova vai ser marcada de algum modo?

Não, daria muito nas vistas. Talvez possa-se pôr uma flor, mas fora isso mais nada, não. Os outros ossos que ainda sobrarem podem ser enterrados em outro lugar. Mas depois não vão saber onde, e é melhor a própria pessoa esquecer também.

Esses lugares vão ser marcados de algum modo?

Não, daria muito nas vistas e nem seria necessário. Sei o lugar. Em algum momento não vou mais saber. Eis o curso do tempo, um momento, deixa eu olhar o relógio, e sim!, o tempo já está correndo. Se ainda quiser entrar na corrida, é melhor se apressar! Enterrar os ossos sem cerimônia então. Os corredores, toda a corrida, vão passar correndo por cima deles. A galera toda. Não pode ter nada lá para tropeçarem! Então certeza absoluta: Os ossos vão ser enterrados sem rezas.

Os proprietários mencionaram alguma proibição, algum espaço não pode ser usado?

Bom, os espaços no subterrâneo não encontramos de todo modo. Mas em casa sempre pudemos nos mover livremente. Isso nos foi permitido. Só devíamos cuidar porque a casa do pai tem muitos quartos, ele nos disse que devemos tomar cuidado, porque alguns deles têm o piso podre e podem quebrar sob o nosso peso. Com isso deviam querer dizer os tetos da casa. Por esse motivo ficamos quase sempre no térreo e no primeiro andar.

Creio que o certo é: Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não, eu teria dito: Vou lá preparar um lugar para você? E se for lá e preparar o lugar para você, aí volto e tomo você para mim, para que também esteja onde estou. E onde vou, lá você sabe o caminho. E se alguém diz: Não sabemos para onde você vai. E como poderíamos saber o caminho? Então diz o senhor: Eu sou o caminho e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim. Estão todos convidados. E aí a festa tem lugar, e foi até de noite, e assistimos aquele filme "Armageddon". Os proprietários da casa nos disseram que por eles podíamos passar lá a qualquer hora e também p. ex. assistir filmes de noite com eles.

Em cada um desses apartamentos, creio, é preparada especialmente uma mesa contra os inimigos. Os assados vão ser besuntados com óleo, e os copos vão ser enchidos como um presente. Tudo vai ser dado de presente. De presente. Tudo presente. Isso vai me acompanhar por toda a vida. Vai me acompanhar por vontade própria. Não, não vai me acompanhar. Não vai me acossar minha vida toda. Não, infelizmente não vai me acompanhar, pelo menos não por vontade própria. E se pedirem algo em meu nome, não o farei.

A ação de graças começa agora:
Então.

David R. L. Litchfield: "The Thyssen Art Macabre"

Giinter Stampf: "Entrevista com um canibal"

Friedrich Nietzsche: "Assim falou Zaratustra"

Eurípides: "As bacantes", tradução da internet

T. S. Eliot: "The Hollow Men", traduzido por um simpático computador, muito obrigada!

Friedrich Kind: "Der Freischütz"

Obrigada a Hans Magnus Enzensberger pela bela entrevista!

E mais umas ninharias a que também tenho muito a agradecer e que também ainda tenho que digerir. Mas tem tempo. Por ora ainda estou mastigando.

SEM LUZ

A: Ei, não ouço bem sua voz, não pode fazer algo? Não pode fazê-la soar mais alto? Gostaria de não ouvir a mim mesmo, você tem que me abafar de algum jeito. Aliás já faz tempo que acredito que também não posso me ouvir, embora tenha a orelha colada no painel de controle, onde tento apreendê-los, os sons. Você bem que pode me fazer esse favor de amigo! Tocar mais forte, não pode ser tão difícil. Aqui só tem esse ruído, sei lá, de um matadouro? Foi uma falha no sistema? Se o sistema falhou, por que gritar tanto? Interrompido no auge da força? Automaticamente desligado? Mas não significa que tudo esteja em silêncio. As forças, que não podem desaparecer, porque nunca nada desaparece, gritam ainda na barriga do monstro, como cigarras, muito tempo depois de terem sido comidas, nas barrigas dos gatos.

B: Você assim sem fôlego, não admira, ofegando já abafa o som que quer caçar. Vai fazer esse animal fugir! Aí você corre atrás dos seus sons, mas esses são os meus. Está correndo na direção errada! Como uma saída deveria ser possível? Esse caminho da floresta não leva a nenhuma parte, as paredes têm metros de altura, íngremes e escorregadias, e embaixo luzem as risadas em sua própria e bela luz, que no entanto nós, só nós, jogamos nelas. Bem que esperamos que isso também jogue uma boa luz sobre nós. Mas luz, raios, calor não se pode ouvir. Que tipo de assobio é esse? Estão roubando nossa energia! Os mortos irradiam, eles não apelam e a eles não se pode apelar. Eu te empresto meus sons, assim não tem que ouvir os seus. É isso que você quer afinal. Que alguém intervenha no último momento e arranque seus sons de você. Seus sons não funcionam como gostaria? Acredita que os meus conseguirão penetrar? Mas eu só toco o segundo violino, eu te acompanho, mas não vejo para onde, por isso vou tanto mais empenhado e mais rápido. Para lá. Mas não sou o condutor, quer dizer, não estou falando do hardware, o condutor do ônibus, me refiro antes a um condutor de coração mais mole, como o dos animais que não caçamos. Eles acham que ele é o seu pastor. Mas não é. Ele entra nas casas e põe fogo em seus traseiros. É isso que eu chamo de Energia! E os outros também chamam.

A: Eu também queria ter uma máquina de expulsão. Ainda quase não ouvi minha voz, logo quero ouvir só a sua, para ela me manter afastado da minha. Agora todos gritam e ninguém mais ouve nada. Talvez a sua consiga de algum modo se esgueirar no meio disso tudo? Com a minha tenho sempre a sensação de que um corpo estranho entrou em mim. É igual com as lágrimas, sim, exatamente! A gente chora por coisas tristes, por exemplo se alguém morreu. A gente chora ainda mais se um grão de poeira entra no nosso olho. Mas é um choro involuntário, sem tristeza, sem desespero. Um choro que expulsa do olho algo que não devia estar ali. Será que não daria para fazer isso também com os meus sons? Não estou fazendo nada, nem ouço a mim mesmo, mas mesmo assim na plateia agora todos choram, porque joguei areia nos seus olhos, mas também nos ouvidos! Enquanto isso eles se deitaram na areia sob o sol escaldante e olharam o mar, brilhando dourado, mas não é o crepúsculo que o faz brilhar! Alguma coisa está diferente. Até agora não vieram ao mundo muitos dias assim, mas esse dia grita particularmente alto, me parece. Mais alto que nós, de todo modo, que não somos ouvidos.

B: Todos vocês se fazendo de surdos, queiram agora ficar de pé, por favor, para uma contagem aproximada. Agora é o momento de expulsar os sons também da cabeça. Seria bom. Os sons queiram agora abandonar suas casas, pois senão não podemos mais lhes garantir alimento e segurança. Ninguém quis ouvir, agora são obrigados. O estranho no ninho, que aí começou a assobiar como o fogo dos infernos, ainda bem pequeno, mas vai querer ter tudo o que nós, por outro lado, não queremos guardar, embora pudéssemos ter sabido: Esse estrangeiro recém-chegado tem que ser expulso, mas nossa expulsão revela clara fraqueza. Como jogá-lo no mar e

depois tirá-lo do mar novamente? Dentro, fora, dentro, fora. Sons são invisíveis mesmo. Mas o que também se vê e ouve são os preços, que ultimamente sempre aumentam, e sobem ainda, como podemos jamais escalar até o topo? Com essa escalada dos preços acabamos perdendo eles. Não são os nossos, mas se tornarão nossos por força. Pois bem, o estrangeiro sempre esteve entre nós, ele nos aquecia: deixe, apenas para isso nenhuma mulher tinha que ter sido estuprada. Não, parir ela também não precisa. Flutuar aí sem membros, nada mais é exigido.

A: Sim, exato, quando a gente se faz de surdo naturalmente é difícil expulsar os sons daí. Então esses corpos estranhos no ouvido incomodam terrivelmente. Do olho precipita-se a enchente, dos ouvidos a inundação com seus sons bem próprios, então tudo se choca desimpedido com a terra firme, que não é nenhum impedimento. Para nada e ninguém. É como se não houvesse mais nada de firme. Movem-se aí milhares de pessoas que se puseram em perigo, ou não, creio que o perigo os fez desaparecer completamente. Mas isso não ajuda em nada! Não ouço nada. Está alto demais. Não quero meus ouvidos também aí no meio! Desse barulho! É uma hiperexcitação terrível. Aí esses raios, esse calor produzido quase involuntariamente, nada mais que um efeito colateral, nem reparamos nele!, já bastaria. Agora os ouvidos estão zangados, indispostos, não querem os sons. Comoção? Fala sério. Uma excitação é como o grão de poeira no olho. A gente chora mais do que com a morte da mãe. E como é então com a risada, o processo inverso? Se seus ataques não são neutralizados então ela nos sacode involuntariamente, como que de nojo, horrível! Não riríamos se não tivéssemos internamente a sensação de podermos a qualquer momento voltar a expulsar o que nos faz rir, transformar essa ameaça em uma piada. Alguns atores até riem quando deviam chorar. Para eles não faz diferença. Não conseguem diferenciar quando precisam profissionalmente, como o mar às vezes não consegue mais diferenciar seu leito da terra.

B: A natureza também não precisava reagir sempre tão exageradamente, eu acho, afinal ela mesma também tem culpa, não posso aliviar para ela. Ela me destinou ao segundo violino, de todo modo ela também não fala alto o suficiente para ainda se poder ouvir através dessa água, mesmo abafado. Mas originalmente a água devia apenas esfriar e com isso nos dar uma pequena alegria. É sua única tarefa. O resto do tempo pode dedicar à diversão. Deve esfriar o que já foi abandonado, mas como demorou até que abandonasse sua tarefa! Devia trabalhar ainda, algo ainda devia funcionar aí. Agora não mais. Também o meu instrumento está quieto faz tempo, embora eu toque como louco, mas em algum lugar os sons ainda se refletem. Tem que ser assim, a natureza não perde nada. Em algum lugar simplesmente têm que estar, embora essa melodia que você toca não seja simples. Eu me aconchego a você, mas você nem percebe. Água, pela qual foram conduzidas palavras por um guia turístico verbal, conduzidas para o vivente, no qual depois não se vê mais o que houve. Vivente, siga seu caminho! Sons. Queixas. Estou ouvindo. Você não ouve os seus? Como assim?

A: Só minha opinião. Algo inaudível me acompanha. Não confundir com o inaudito! Devia ser mais alto. Então de repente ouço algo inaudível: Sou eu mesmo! Sou a primeira voz, que é acompanhada por você. Todas as outras vozes fora a minha podem gritar tão alto quanto quiserem, seriam só acompanhamento. Sim, você também! Todos acompanham algo que não ouve a si mesmo, mas também a mais ninguém. Tudo está tão silencioso justo porque está tão ruidoso. Já não ouço a segunda voz, só ouço a minha, me aproximei um pouco de mim. Mas não quero. Ou é você que não ouço? O que soa aí que não posso ouvir? Não pode ser eu? Só não ouço o acompanhamento, só não ouço você.

B: Mas de repente você pode ouvi-los, mesmo que só na língua das notícias terríveis. Para elas precisamos de tradução simultânea. Que sons você tem! Você tem ainda mais sons? Também não mudariam mais nada. É tudo tão horrível. Eu toco aqui minha voz, mas não a ouço, só ouço a sua. O que ela diz? E o que você diz? Você em troca não ouve a minha? O que diz esse pastor, minha voz, que sigo como se eu fosse meu próprio rebanho? Ai, por que ela está me batendo? Por que me chamou para o meu bosque? O que volta a mim? Como assim só ouço você com seus produtos de fissão de vida curta, a meia-vida abaixo do limite do audível? O que ouço já é a próxima voz, pois a primeira já se desintegrou. Você não me diz quem

a cindiu. Ninguém me diz nada. Não me ouço mais, não ouço nada mais, socorro! Quem é que diz alguma coisa?

A: Devo tocar mais baixo? Devo talvez me conter um pouco? Por mim tanto faz, de todo modo não ouço. Então, se eu só te ouvisse e você só a mim, quem se eu gritasse me ouviria?, isso eu já disse muitas vezes, e antes de mim um outro disse isso, então, quem é que ouve qualquer coisa que não mero ruído difuso? Você não, eu também não. Então nós dois talvez nem estejamos tocando. Pode ser. Então para que trabalhamos? O que é que não ouvimos como sons, mas como outra coisa? O socorro? Por acaso vem aí socorro contra o mar? Contra a terra? Contra o grito que seguiu um chamado, mas que também não ouvimos? Nós dois gritamos no bosque porque nada volta a nós? Quem sonda nosso som invisível-ornamental? Quem vem, se gritamos? Quem vem, o que quer que façamos?

B: Os físicos, não, os fisiologistas dizem que as lágrimas de algum modo lubrificam os olhos. Ou não? As lágrimas molham as mãos dos olhos para que funcionem? Será que também tem algo assim para nossos ouvidos? Quero só dizer... Também tem algo nos ouvidos que engole o que falamos, o que tocamos e o que gritamos. Tem que ter algo! Se estabeleceu aqui por muito tempo? Sim, fez seu puxadinho, mas me puxou por engano, o que quer que seja. O que acontece ali? Não ouço nada.

A: Então. Então. Então. Aí eu sou agora o primeiro violino, e o que ganho com isso? O que ganho com esse cofre, essa caixa-forte em mim? Agora eu preferia um forte para me abrigar. Nenhuma dominação, de nada. Tudo transborda. Não acredito nesses números. Deve ser um erro de digitação, de outro modo não posso explicar. Meu som antes tinha uma meia-vida de uns 50 minutos, então eu tinha que ouvi-lo ainda, até mesmo em meia hora eu ainda tinha que ouvi-lo. Ainda tinha que durar, eu ter tocado meu som. Mas o que há com os outros sons? Eles também já desintegram depois, não, antes, não, depois de 50 minutos? Isso significa 50 minutos antes de sequer serem tocados? A ressonância corre de trás para frente? Então você só pode encontrar meus sons enquanto meu reator-gerador-de-som ainda funciona, enquanto minhas turbinas ainda giram em seus atalhos, onde ninguém as vê e nas quais o inaudível se torna audível e finalmente chega, mas o criador, os reatores, enfim os reagentes, pois criador não há nenhum, só reagentes a algo que não se vê, reatores que não são criadores, mas só reagem a algo, isso já diz o nome, tanto faz, eles eu já desliguei faz dias. Não, devem ter se desligado sozinhos. Então como é que não há silêncio? Ou já é parte do silêncio que não nos ouçamos e nem aos outros? Então como é que você ainda ouve algo? Ah é, não, você não ouve nadinha. Como assim como assim como assim? Nos contiveram, mas como assim? Não entendo nada. Você não ouve nada, eu não entendo nada. Obrigado.

B: Sou só o segundo violino mesmo, mas que não pode fazer é nada, se não escuta chamar o arauto que é o primeiro, acordando-o: cinco compassos para a cifra C, com prelúdio, só as cordas por favor. Sou acompanhamento, mas de que acontecimento? Pois você não é nenhum evento! É o efeito de um evento, que produziu uma abóbada oca que armazena o som, mas das fendas não escapa nada. Os acontecimentos vêm sempre de fora e nos cobrem. Não quer finalmente me fazer o favor dos seus sons?

A: Já estou tocando por todo esse tempo que chamam de Finitude, só que no fim nada vem. Como assim eu toco e ninguém me ouve. Como assim não te ouço? Sempre só esses gritos. O que viram de tão belo para gritar assim, ou de terrível? E afinal quem está gritando? Não consigo mais me orientar. Pelo menos você, meu acompanhamento, deveria sim me ouvir! Julgo que deveria se dirigir por mim. Para que não sejas julgado! E que fosse por atalhos, pelos quais ponho meu corpo em segurança. Sim, sou aquele que fica na varanda e acena. Sou o cachorro no telhado, resgatado depois de cinco dias. Não sou o cavalo que passa fome, emagrecido até as costelas, ali no pasto onde sempre foi tão lindo. Sua voz agora poderia, por exemplo, infiltrar-se em mim sem impedimentos, sem que ninguém percebesse. Tudo já está cheio com a sua voz, e ninguém percebe. Tudo já está cheio com a minha voz, e ninguém percebe também. Como se um espírito dirigisse nossos carros. Como se um espírito acionasse nossos radiadores. Como se um espírito ligasse nossos motores. Como se um espírito desse as ordens, mas

ninguém mais está aí para segui-las. Como se fôssemos nós mesmos espíritos.

B: Pois bem, de todo modo é possível chorar. E é só entrar no olho um corpo estranho, pequeno como o alvo na mira apontada para nós, que as lágrimas despejam em cascatas, em volume maior que todas as notas publicadas após algum acontecimento terrível, notas trocadas por moedas cada vez menores depois do grande já ter sido perdido. Até que o acontecimento se foi, trocado vezes demais, ninguém mais se dá ao trabalho de contar. As lágrimas têm a tarefa de expelir o estranho que nem vemos. Esse uivo! E tudo só para expulsar alguém! Que ainda é invisível. Por que sequer se dar ao trabalho? Expulsar alguém que veio em silêncio e já escapou de novo. Mas algo dele fica sobrando. Tem algo aí, não percebe?

A: Sim, tem algo aí, agora também percebo. Mas não é o que você toca. Pois isso não ouço. Tenho que tocar sem acompanhamento. Em compensação você também não me ouve. Farejo com o nariz para o alto. Nada a cheirar, nada a ouvir, nada. Mas tem algo aí. Tem que ter algo aí. Os fugitivos perdem a vida, os viventes perdem a conta e acabam perdendo a cabeça. O enfermeiro nessa hora está ocupado com as fraldas, porque deixamos tudo escapar, deixamos tudo, só não podemos deixar tudo estar. Não podemos impedi-lo, tanto faz de quê.

B: Tem que entrar em cena aí alguma coisa em grande quantidade, mas não percebemos para onde escorre sua água. De todo modo a água está aí, sem dúvida. Ou o que está aí, que veio aí. O que entra aí, por Deus? É algo que só evapora em altíssimas temperaturas, como se diz, mas antes ainda se infiltra em nós e na terra e na água e no ar. O que o que o que? Pegadas de animais invisíveis, de manadas que correram por sobre nós? Como nos comportamos? Por que nos curvamos até o chão quando caçamos, ficamos deitados? Não se nota nem mesmo o vento, mas ainda vai se notar, com isso podemos contar, nós coitados. Tudo para lá, por onde nossos sons trilharam antes de nós, mas perdemos a trilha de novo e de novo, para que existe então a trilha, se a gente sempre acaba caindo nos arbustos? Então temos que voltar e segui-los, seguir seus rastros, se for preciso forçá-los a uma melodia. Até que não possamos notar mais nada. Mas em algum lugar têm que estar, os bons sons! Se não nos ouvimos, talvez alguma outra pessoa os ouça, não, tem que haver alguém que os ouça! Sem falta! As pessoas, agachando-se com as duas pernas atrás de árvores, na partida, ao partir-se, seus narizes cheiram o ar, farejando uns aos outros, se tem algo aí que ainda seria aproveitável. Mas nós somos inodoros, insípidos e impermeáveis como nossas roupas. Antes e depois. Não se vê nenhuma diferença. Nem mesmo podemos diferenciar fumaça e vapor, uma preta, o outro branco, mas não faz mais nenhuma diferença. Eles não ouvem, não veem nada, não semeiam, não serram, mas sabem que tem algo aí. Tem algo aí. Lá, para onde nossos sons fugiram, lá tem que ter algo. O que é que calamos? Não tínhamos razão? E de que adiantou? Nada. Não temos nada a decidir, pois não vamos ficar. É outra coisa que fica. Isso é outra coisa! Se tivéssemos podido decidir, então não teríamos isso que temos agora. Não teríamos nada, mas então também não teríamos o Nada. Quando quisemos conseguimos levar alguma coisa, que agora consegue nos levar tudo embora. Como poderíamos decidir sobre aqueles que vêm até nós? Mas talvez agora ninguém mais venha até nós? Tínhamos tanto tempo para isso! Eu poderia chorar se parasse para pensar em quanto tempo tínhamos daquela vez, infelizmente só uma vez por vez. E então de repente mais nenhuma. Agora daríamos nossa casa se pudéssemos voltar o tempo, o vagar desde longe, o ar tóxico, o grito dos afogados, o fedor dos queimados, de tudo isso abriríamos mão só para poder viver tudo mais uma vez, pois então nós também ainda estaríamos vivos, por uma fração de segundo em que o tempo corresse ao contrário. Mas não deixam, também isso é tirado de nossas mãos. Abriríamos mão de tudo, mas tudo já nos foi tirado, é o que faz o tempo. Vagam por aí loucos de medo, terrivelmente doentes da cabeça, mas nós tocamos. Nós tocamos. Já vão nos dizer o que aconteceu, mas também isso não vamos ouvir. Vamos nós mesmos ser as causas, pois não vamos ouvir o que causamos. Infelizmente também não ouvimos o que tocamos, simplesmente, talvez não toquemos nada? Senão ainda teríamos espaço para tocar, se tocássemos algo. Isso ainda nos teria sido dado, não é? Lá com certeza iam nos ouvir, não é?

A: Como primeiro violino eu assumo a busca, essa é mesmo minha tarefa. É preciso prestar atenção para não perder, a divisão, o solo, a cadência, a última repetição no desfecho, o que quer que seja que é produzido e imediatamente dobrado para dentro. Para que possamos então ficar com isso para nós? Então para que é que o ruído perdeu tempo nos assustando? Mas nós sim temos tempo. Pare! Acabam de me dizer que não teríamos mais nenhum tempo, no máximo uns milissegundos. Não pode estar certo. Eu ainda estou tocando, e antes acertei a afinação, como sempre. Então tem que estar certo! Seu segundo som soou muito mais alto que o primeiro, se é para ser condescendente, também estava certo, mas depois disso não ouvi mais nada, absolutamente nada. Só os dois. Eles se encolheram, ou foram engolidos? Foram postos em superposição, ainda que só por uns milissegundos? A posição do meu som no ar já está fixa? Já tão fixa que você pode pegá-lo? Podemos (ou um outro já fez isso?) pôr nossos sons em superposição, para que não se perceba mais sua sobreposição, seus brotos em forma de vermes, seus brotamentos, seu apodrecimento? Seria lindo se finalmente voltassem a se enroscar uns nos outros graciosos como os braços dos desocupados, não, descontentes como os dos desempregados, que de todo modo não tem nada a fazer senão ver tv ou ouvir música. Mas essas pessoas reagem como tudo o que produziram de fluido bem como de supérfluo, especialmente, muito especialmente sensíveis a perturbações. Sinto que logo os enroscamentos serão destruídos novamente, nossa música, nosso soar junto, que sempre parece terminar inevitavelmente, como uma cadência, uma decadência na piscina de decaimento, ahn, na piscina de resfriamento. Um ressoar que sempre é ao mesmo tempo um rescindir. Exato, tem que ser assim: Quanto mais sons, tanto maior a sensibilidade para perturbações. E nesse meio tempo nós dois parecemos ter nos tornado uma única perturbação, como assim?, até mesmo o sol agora volta a aparecer! Para ele tanto faz. No meio tempo alguém nos informou do que aconteceu. Por que deveria fazer diferença se quando tocamos sabemos quem, por que e para onde? Tanto faz, não te ouço mais. Talvez a terra abafe nosso som com seu carrilhão apoteótico? Nem uma palavra sequer nos alcança. Talvez o tempo tenha nos atropelado, na sua pressa de ir embora? Não consigo encontrar essa palavra, que deveria ter nos tocado e agora toca a terra, mas tocar não lhe basta, ela quer beijar, quer penetrar, eu não conseguiria escrever certo essa palavra, o que ela quer, nem que eu lembrasse. Não posso dizer isso. E se o pronuncio, ninguém me ouve, pois o tempo me tirou da minha própria boca. Ele tirou a palavra da minha boca, porque ela queria dizer o que eu ainda não podia saber. Música é tempo, e isso não temos mais. Talvez seja isso? Talvez debaixo da terra, que balança como um sino, alguém faça soar esse glorioso carrilhão? Só que o Deus teria ido embora faz tempo. A terra para de falar e para de balançar como se quisesse semear a si própria, sem chão, em seus próprios sulcos, que antes riscou com muito esforço. Esses sulcos não têm mais chão e nem oferecem um. Em algum lugar soa um apelo, que imita o som de um animal. Alguma rês qualquer deveria mesmo entrar em cena agora. Não ouvimos nada, não tiramos nada disso. Não conseguimos cortar para nós nenhum pedaço disso. Nem mesmo os animais ainda estão à escuta de algo, seja amigo ou predador. Provavelmente, uma teoria completamente nova: nós ouvimos uns aos outros, só não sabemos e por isso acreditamos que não ouvimos mais também a nós mesmos? A música parou de tocar, agora nós mesmos tocamos a correr, mas para onde? Nossos sons não nos acompanharam, então quem? Embora os tenhamos produzido, eles só queriam ir para longe de nós. Mas em algum lugar eles se espantam, não, estancam agora, traçando outros sulcos com seus cascos, que também não servem para nada, sim, em algum lugar têm que gastar suas longas meias-vidas biológicas. Essa pele animal agora seria excelente. Poderia nos proteger das ameaças e da violência, valeria a pena, não, penas seria ainda melhor, talvez um pássaro, poderia simplesmente voar por cima disso. Com os pássaros tudo parece bem fácil, mas nós não poderíamos fazer isso. Onde e quem quer que seja, não teremos sido nós, não teremos estado lá, não teremos feito parte.

B: Como não ouvimos nada, nem os que gritam, nem mesmo os suplicantes, eles podem ainda não ter partido, podem ainda não ter começado a atingir essa meia-vida, seja de frente para trás ou de trás para frente. Se música é tempo, então agora é o tempo da meia-vida, mas ninguém nos diz qual é, não está em nenhum painel, e ninguém nos tira

de campo, não, a meia-vida não está escrita aí, mas não ouvimos sequer metade dos sons, não confundir com os meios-tons!, que produzimos. E nossas semínimas, e nossas colcheias: então o que elas devem fazer? Elas não entram mais no arranjo, qualquer que seja. Em comparação com o valor, o tempo da meia-vida, o nosso tempo de vida não tem nenhum valor. Sim, talvez seja por isso que não ouvimos mais nada, porque a meia-vida já nos levou em meias porções para longe no futuro? E além? Talvez nosso futuro tenha sido desviado para um lugar qualquer, porque não foi desviado por causa de palavras estúpidas, provavelmente só uma palavra a mais. Então talvez tenha sido rebaixado, demovido para uma mera mesa de informações: por favor ainda vai sair algum trem hoje? Qualquer coisa ainda sai hoje? Já estou pregado aqui faz quatro horas, mas nada sai. Por que nos tratam assim? Bem, o trem não pode sair do caminho, ele trata de seguir os trilhos, então temos que fazer isso, encontrar um novo caminho, e antes que possamos sair dos trilhos, somos tratados assim, mas a gente não toca mais, quer dizer, tocamos sim, mas não nos ouvimos, por favor, talvez outros sim nos ouçam, olá!, isso era para ser algum tipo de castigo que nos foi imposto? Ora, para isso vocês não precisavam ter enviado o mar todo, quem quer que vocês sejam. Foi demais. Ouça: por quanto tempo você sustentou a mínima há pouco? Você nunca sustenta essa nota o mínimo que tem que sustentar, e essa é só uma mínima! Uma semibreve estaria (em breve o arco simplesmente acaba!) fora de nosso alcance, tanto do seu como do meu. E é exatamente o que acontece! Toda uma nota ruim, uma nota toda ruim. Nossa vida já não alcança sua meia-vida. Tudo isso está ao longe, todas as placas apontam para isso, que nossos sons, que se adiantaram muito a nós, antes que ainda pudéssemos tocar nossas melhores cordas, esses fios feitos de intestino, essas hérnias, bem, simplesmente as melhores cordas de carneiro, enfim, que eles não podem ser ouvidos em parte alguma. E antes que se tenha que ouvi-los em qualquer parte, eles pulam voluntariamente do penhasco, de vergonha, porque não servem para nada, esses sons covardes, que já estavam no próprio caminho antes mesmo de poder partir. Ou se deixam voluntariamente afogar, não, não têm vontade de viajar. Não se pode afirmar isso sobre eles. E eles mesmos não podem afirmar-se contra nada e ninguém. Nós também não recebemos nenhum feedback de um outro reino de outros sinais, onde também não se reconheceu esses outros sinais, que afirmam que talvez lá nossos sons possam se harmonizar, mas só por pouco tempo, e em um aparelho portátil, nessa sala portátil de interrogatório aí, não, lá, para a qual os sons seriam transportados porque precisam deles lá, mas só por pouco tempo, lá eles poderiam ser ouvidos, nós mesmos seríamos mais portáteis, pois o MP3-player logicamente sempre está lá, onde quer que estejamos. Sozinho ele não vai embora. Mas talvez sejam então sinais demais para um lugar tão pequeno, ou os sons já não encontraram os postes com os sinais, que de todo modo não poderiam ler sozinhos, nossos sons, eles já têm que ler a si mesmos, frutos de uma batuta invisível, não, estou certo: não somos só nós que não os ouvimos. E nós podemos ler partituras, podemos controlar os sons, eles têm que passar pela nossa inspeção final! Ninguém nos ouve. Nós posicionamos o arco, tocamos, passamos o arco pelas cordas e para fora delas, mas a natureza nos passou para trás ainda antes de qualquer um ouvir qualquer coisa. Inaudito! Nós os produzimos, os sons, mas não os ouvimos. Acreditamos poder ler em todos os sinais que também ninguém mais os ouve. A natureza nos tirou de campo, ela pensou para si, esses brutos selvagens não vou mais alimentar! É óbvio onde isso vai acabar.

A: Sempre se acaba em algum lugar, mas não se encontra mais a saída. Em algum lugar se chega. Chega, emperra, emudece, embora tenhamos tocado, embora nos tenhamos tocado por tanto tempo, não ouvimos um ao outro. Você não a mim, eu não a você. Veja só! Escute só! O corpo pode trocar nossos sons com alguma outra coisa e então incorporá-los até os ossos, é o que se diz. Então teremos nos tornado nossos sons! Talvez nossos corpos já tenham armazenado isso que produzimos como sons em seu esqueleto, e nem notamos nada. Absorvemos sem notar. Que algo se despejou aí, selvagem, isso já notamos, por um instante a água se tornou totalmente sólida, um muro, mas então já foi embora novamente. Agora ninguém mais nos faz esse muro. A água estava dura como concreto, a água talvez tenha se enganado, pois ali havia o muro de uma barragem contra o qual rebentou, foi a própria água, pois ela mesma teve que construir

um para si, feito dela mesma. Exato. Quem mais poderia se despejar de modo tão selvagem como a água, antes de matar alguém? Tenho o maior medo da água, mais do que do fogo, mas o fogo também pode se tornar bem desconfortável, seu pensamento se dirige à destruição, e a destruição está sempre inclusa nesse pacote barato de viagem de ônibus que é nossa vida, está escrito claramente no folheto: Inclui um dia livre na praia para lazer. Só nós não sacamos. Mas não dizia que um muro viria na nossa direção quando chegássemos à primeira parada. Mal juntamos ou jogamos no lixo as peles de salsicha, papéis, cascas de queijo, caixas de isopor, bonzinhos como sempre, logo vem aí esse muro e nos engole. Também nossos sons foram embutidos ali faz tempo, possivelmente, nossos sons vêm até nós retrospectivamente como uma muralha e nos esmagam. Nem notamos mais, e é porque já morremos antes e o mar voltou do futuro em nossa direção, de novo e de novo, pois o tempo está suspenso, eu só ainda não consigo ver onde. Então música é tempo, mas onde ele foi?, não ouvimos nenhum dos dois, em algum lugar ele foi embutido antes que pudesse dar um pio, acho, essa opinião se fortalece em mim, e nós mesmos também temos cabeças de concreto, temos em oferta, é claro, pois acreditamos que com elas tínhamos que conseguir absorver a música. Cabeções de concerto, duros como botões de concreto, saem de nossos players pendurados em nós como se eles mesmos fossem membros, e vão direto, sem atalho, aos ouvidos. Mas de audível, também aqui: nada. O que ainda volta a escapar da audição, o que escapa para os outros, é tão baixo, como se nunca tivesse sido tocado. E nós também não temos nenhum direito a esses sons, se apenas nós os tivéssemos!, então teríamos que deixá-los ir novamente, e faríamos isso também, mas aonde foram? Gostaríamos de saber. Talvez baixa qualidade?, então reclamem com o vendedor, que no entanto não vai reagir. Antes reagem outras coisas umas com as outras, que não vão nos fazer bem. Que talvez nos deixem doentes. Nós produzimos sons, mas não temos o direito de ouvi-los também. Eu ainda volto lá atrás, mas agora tudo é um Lá Atrás, e não vamos lá, e temos que ficar lá na frente, como vanguarda de algo que não compreendemos.

B: Não são audíveis porque estão em outro lugar, como outra coisa. Foram embutidos em nós como tijolos ou argamassa, mal tendo ressoado. Talvez também nós já estejamos em outro lugar? Quem sabe? Talvez ressoemos lá onde ainda estávamos. O lugar agora se foi, órfão. Devíamos tê-lo detido, ao invés disso ele quis nos reter. Como corremos! Devíamos talvez ligar esse emissor de raios beta, encostado ali no canto, inútil, para não passarmos tanto frio tocando com as mãos congeladas pela inundação? Algo deve ter decaído aí, acho, decaído em si e conosco sem esperança, fugiu ligeiro como um elétron do núcleo, que contudo não estava aí antes, só surgiu com o decaimento. Não como nós. Nós: antes disponíveis, agora desaparecidos. Nossa música? Também nos abandonou, junto com algo incomensurável. Tudo sai do núcleo! Ninguém sai da sala! Para podermos tocar mesmo nessas condições? Assim sem proteção? Vejo que nossos dedos se movem, as mãos também, segurando o instrumento e conduzindo o arco, cada mão idiota faz uma coisa!, e uma como se não soubesse o que a outra faz. O importante é que fazem algo, ferramentas estúpidas do corpo. Até vejo as notas, eu: segundo violino, você: primeiro, mas talvez não toquemos nada? Tudo é invisível, porque não vejo nada. Tudo já se foi.

A: Melhor não ligar o emissor!, ele não nos faz nada, espero, mas não temos nenhum aparador, e então os raios nos encontram despreparados. Talvez nós também sejamos o produto de uma produção de par, fracos como somos, como a trindade, três de um, três em um, e no entanto o número de partículas se mantém, bom, se é assim devemos ter perdido totalmente nosso terceiro na terceira partida! Ou foi na partida que o produzimos? Então onde está? Talvez tivéssemos que conseguir ouvi-lo? Nunca saberemos. Talvez nossa antipartícula, a negativa, também tivesse sido contada negativamente, dois mais um, que está contra nós mas disponível, para que nossa trindade pudesse se manter? Bem, tanto faz, mas um agora desapareceu, ou você o vê em algum lugar? Nós dois lepidópteros, não, léptons, nós nos mantemos juntos tanto mais firmes, nós dois, e esperamos por um vento favorável! Então por favor deixe em paz o emissor! Não fique mexendo nele o tempo todo. É só uma sensação, quem sabe, por que tudo amolece? Melhor congelar, não é?

Pois se o ligarmos seus raios possivelmente decairão, faz tempo que não é ligado, já teremos ido embora quando isso acontecer, possivelmente, e então sairão raios fortes, raios fortes demais para nós, possivelmente, e então danos pesados, possivelmente. Melhor não ligar o emissor, tenho certeza: melhor irradiarmos nós mesmos, em dupla, para nos divertirmos em nossa sociedade de sons malcriados. Isso nos deixa de bom humor, isso forma nosso tamanho futuro tão certo, que nos tornaremos como fomos pensados, possivelmente. Criaturas radiantes, descansando no braço dócil da natureza. Mas também a natureza não é isso que nos disseram antes, antes de a estragarmos assim; é como com nossos sons, que produzimos, mas que não querem nos seguir e, se o fazem, claramente não nos alcançam. Alguém esqueceu de dar à luz a eles, provavelmente, pois gerados eles foram, isso é sólido como esse muro. Está aqui em nossas vozes, primeiro na minha, depois na sua. Ou não? Nada é sólido. A natureza existe. Mas aonde foi?

B: Se até agora não ouvimos nossos sons, o que fala por eles? Por que seguimos tocando? Você tem ideia? Algo justifica seguirmos tão firmes? Que nossa casca exterior ainda aguente? O que fala a favor, e contra? Ainda estamos firmes ou não?

A: Bem, essa é minha grande esperança, que a casca aguente. Sem casca os dedos não se movem, sem a casca, que somos nós mesmos, sim, até a casca precisamos ser!, escorreríamos até o último resquício. Ninguém mais escuta, se ouve a voz de alguém. Precisam simplesmente acreditar em nós, que há aí uma voz, não, duas vozes, eu e você, que ninguém ouve. Mas na caçada por nossas vozes nos deixam agora de fato completamente sozinhos.

B: Lágrimas, minhas lágrimas, que falam tão alto! Por que gritam assim? Quietas! Ao menos falem mais baixo! Não faz sentido, de todo modo não ouvimos vocês! Vocês só mancham o radiador, sua sombra cai sobre ele, o emissor fica molhado e quebra numa chuva de faíscas. Por que choram? Não tem fundamento. Já se foi o fundamento. Se você as absorve, terra, para com elas se adubar, em algum momento ficará bem cheia, e corpos são lavados aos milhares na água, que flui radiante graças a eles. Até vir algo novo. O mar pegou uma grande presa. Lágrimas, o que vocês ganham? Da água à água. Subir e cair. Ganhar o quê? Subir e cair, como o curso dado aos homens para que soubessem quantos são, quanto têm e quanto ainda têm que aprender. Onde está o vazamento de onde vocês correm, lágrimas, onde está a fonte do que não se ouve? Tem que vir de algum lugar!

A: Lama. Lixo. Gemidos. Ganidos. Em nós, não ouvimos o que estava fora, e lá fora nada mais se ouve do que ocorre em nós. Farrapos por toda parte. Pedaços de tecidos humanos, de gente que pereceu em plena atividade. Com os quais não poderão abafar as risadas. Isso aqui, e tudo mesmo!, trata-se desde já de nossa vida excessiva, arrancada da fluidez, da vida no lixo, na lama, no vazamento de gasolina, diesel, água potável, pelo menos puderam todos vazar daqui na hora certa, de todo modo não foram longe. Sim, de algum lugar tem que vir, voltar, o que quer que seja, não, a água, engarrafada em nós frascos, não recebemos hoje, a água acabou, a água está em outro lugar, e não, também a vida nunca vai voltar, se acaba de partir, mas não somos nós que ainda vivemos, então não podemos contar o que sempre fomos, sempre ocupados, cheios de assombro e espanto, agora cheios de escombro e, não, não pano, algo mais duro, agora não me ocorre nada, apenas potável? A água normalmente sim, mas essa não, mesmo que pareça, ou que pareça água, de algum modo. Sim, isso a água parece, se esconder, como nossos sons, sim, exatamente, a água está perdida para nós, perdida dentro do chão, embora esteja em toda parte, se dividiu por toda parte, mas nós ficamos sem nada. Por isso estamos sempre criando algo, sem resultado, mas agora já faz horas que tocamos!, mas continuamos sem nada. Com direito nos chamamos de pobres, mas há mais pobres. Em algum lugar algo nos é tirado, mas não vemos onde é produzida a nova panela em que se pode cozinhar, para que pelo menos sejamos mais aproveitáveis para nós; já começaram a construir nessa bacia, tornam a terra permeável para a própria água, à qual dão mais sabor com suco de frutas, é o que ela queria, a água, mas o que quer a terra? À terra não se pode recusar nenhuma água, nenhum veneno, nenhum nada. Mas não nos apoiam na caçada por nossos sons. Na verdade, deveríamos ser muito mais que dois, não? Nossos sons agora são o grande vazio. Nossos sons são o vazamento. Onde está? E para onde veio? Aonde chegou? Eis a questão. Um buraco não pode se

mudar, como um morto não pode mudar. O que estão dizendo? Ele pode sim se mudar? Vocês chamam isso de fatos, incontornáveis, mas vocês sempre entornam tudo! Então e agora? Se muda ou não? Pode se mudar. Ok. Por mim. Se é o que ele quer. Um buraco que transporta uma carga elementar? Todo um buraco condutor à nossa disposição? E onde algo está faltando, onde surgiu um buraco, o que falta, o elétron, é substituído por um outro chamado Elétrica? Ótimo! Tudo isso deixa para trás lacunas dolorosas, mas esse buraco que nos foi deixado, porque o elétron se foi, produz logo a Elétrica. Mas isso é positivo! Não, negativo! Não, positivo! Essas cargas pulam por aí como se não tivessem mais nada a fazer depois que foram carregadas, não, convidadas. Como se não fossem encarregadas de nenhuma tarefa. É uma migração de cargas. E nós somos uma migração de gente. Então. Em toda parte onde há um buraco assim, surge um excesso positivo de carga, e se esse lindo buraco se muda, chamam isso: estar energizado. Então isso é a famosa Elétrica, que permite que a música saia berrando das caixas como numa largada de Fórmula 1, sim, justo a elétrica que vocês também têm em casa, para permitir que a música grite como o canto de maus espíritos sobre a água, enquanto vocês podem viajar em paz. A elétrica é tudo que precisam para que algo espere por vocês em casa enquanto estão fora. Se um buraco migra, então vem a corrente, mas se uma corrente marítima migra ninguém mais vem, todos correm para fugir, embora o mar sempre lhes pudesse ser útil. Fizeram bom uso dele. Tantos chegam, tantos e tantos chegam ao fim da vida. E se nós mesmos migramos, não se sabe onde estamos, e se nós mesmos não nos ouvimos mais, tudo é possível, até mesmo que a corrente volte a cair e que por isso a turbina se desligue de medo. É sabido onde as coisas estão, apesar dos buracos migrantes tudo tem sua ordem: o vazamento aqui, os mortos ali, nós no meio, mas não a esfera terrestre, ela não é mais uma esfera, há agora muito pouca gente para conseguir desenhar uma esfera. Isso que vem não é música, por favor, se vem de alguma outra pessoa, de alguma outra coisa, então não somos responsáveis: é antes um uivo, é possível que venha de nós, não sabemos, ouvimos outra coisa, não sabemos o quê, não, não ouvimos nada, o blecaute nos atropelou, não sabemos mais nada. Onde estão nossos sons? O que é que gritamos um no ouvido do outro? Esse uivo pode mesmo vir de nós? Isso foi verificado? Não pode ser, de nós só vinham os sons, não somos responsáveis por mais nada. Nossos dedos dobrados tateiam pelas cordas, eles têm que estar ali, os sons, foi o que aprendemos, mas tudo o que se ouve é uivo, rugido, gemido, choro, soluços de pessoas preocupadas consigo e com muito mais. Eles só estão preocupados ainda – não é uma boa condição para escutar a música, mas de todo modo ela se foi e parece que não vai voltar. Talvez também ela tenha se enervado demais, para não produzir mais nenhum som? Bom, de todo modo de nós é que não vem nenhum. Bem que gostaríamos, mas não se pode fazer nada. Essa gritaria ninguém pode chamar de música, pela qual éramos tão valorizados. A música é a autonomia controlada do seu criador, mas logo ela está aí escapando de nós, se despindo de nós, ela se torna incontrolável, embora tenhamos aprendido e praticado como controlá-la. É como com a risada ou as lágrimas de antes, ambas não podem ser reprimidas, nem o chorar ou o migrar pela areia, nem o riso que pode nos assinalar como superiores: quem ri imediatamente tem razão. Não é que abafem nossos sons, aqueles que gritam aí, é que de fato tocamos mas não ouvimos nada. Essa inaudibilidade, que produzimos tão diligentemente, mesmo assim já começa com o buscar dos sons, o tocar das cordas. Sons, aonde foram? Algum lugar aí embaixo, sim, debaixo do uivo, debaixo do barulho, aí é que devem estar, pelos meus cálculos. Você já tem os seus? Já tem pelo menos um deles?

B: Sim, eis a grande questão. Ainda não se achou o lugar onde agora nossos sons estão?, aonde foi nossa linda música não interessou a ninguém, ou não se procurou por ela? Com certeza não somos só nós que nos interessamos por isso, voltar a encontrar nossos sons. Mas você toca o primeiro violino. Diz você! Deixe-me saber se está pronto para alcançar minha grandeza, embora eu ainda seja o número dois! Sei o meu lugar. Mas o maior não permanece o maior, enquanto o pequeno permanece pequeno como uma pedra no rio.

A: Ninguém procura exatamente os nossos produtos. Talvez seja por isso que eles se foram? Outro motivo possível por ora não vejo. Então venha agora, musa, não, ventania, venha, filha do vento, não, antes da terra, não, agora já sei: da

água! Você mercadora de espuma! O que fez com nosso solo? Onde pisamos hoje? Será que foi deslocado para outro lugar pela ação remota de algum fantasma? É mesmo espantoso! Você revolveu tudo, musa, faça tocarem as cordas, você sabe fazer isso tão bem, tem até dois arcos para escolher, lhe emprestamos de bom grado, comece, comece enfim, comece novamente seu lamento melodioso! Vocês vêm, ventos, de bem longe, ah, do rapaz... o que estou falando! Venham, de onde quiserem, ventos, mas não abafem o tempo todo nossos sons, ou quem quer que possa vir, pode vir agora e levar de nós a sombra, a assombração que sufoca nossos sons, puxe para cima, terra, puxem para cá, ventos, ah é, a terra já puxou para si? Lá de baixo, não? Puxar as cordas! Juiz, ao telefone! Sabemos onde você estacionou seu carro! Pois bem, dessa vez ela também pode trabalhar, mas o que aconteceu que nos encheu de assombro e espanto?, só porque a boa terra é tão grande, o que de outro modo não teríamos percebido. Ventos, que pressão doce fazem sobre esse coração, não, não são vocês que fazem! Não até chegar o homem, ele nem pode chegar para isso, antes já sofre pressão, quando ainda está nascendo. Mas talvez o homem também nem exista? Muitos objetos teoricamente postulados mais cedo ou mais tarde se provaram inexistentes, como o éter eletromagnético por exemplo ou a concepção do calor como um tipo de matéria. Talvez também nós não existimos? E de fato, suponho, porque nossos valores são tão contraditórios. Algo assim como nós não pode existir. Se parâmetros ordinariamente em funcionamento também apontam valores inverossímeis, então é uma violação, uma violação dos valores que nos criaram, também uma violação da sensibilidade estética do nosso criador e ainda uma violação contra nossos intérpretes, que finalmente querem nos dizer quem somos e o que fizemos, para que nossos produtos possam ser avaliados e ordenados novamente. É inverossímil que algo como nós possa sequer existir! Estúpidos demais! Nós que nos alegrávamos tanto conosco! Mas o que se deseja nunca basta, em contrapartida a terra é mais do que o bastante, ela chega para todos, e então ela chega ainda mais, ela não tem vergonha, chega tão longe, se espalha, empurrando tudo para fora de seu caminho a cotoveladas, provavelmente também engoliu nossos sons, que sussurramos nas cordas, na verdade queríamos tocar baixo desde o começo mesmo. Mas inaudível – isso é ir longe demais! Só me pergunto quão longe é. Mas tanto faz, mesmo que pressionemos o arco tanto que ele quebre, não nos ouvem. As pessoas têm outras coisas a procurar e outras coisas a encontrar que não a nossa música. Em algum lugar em uma parte do corpo, nessa alma repleta de complexos e nesse corpo decadente, certamente já infectado, deve estar esse órgão de expulsão, de que se falava no lado da terra por uns minutos, não mais. Algo terrível se passou e alguém chora sem que um grão de poeira tenha penetrado em seu olho. Deve ser uma necessidade expulsar algo de nós, lágrimas, sons? Lama, lama! Lamentável! Lixo. Merda. Mistura estúpida com água. Para nossas lágrimas uma fração disso já teria bastado.

B: Acredito que o corpo mobiliza seus órgãos, que de fato, tendo igualmente se transformado em lama faz tempo, são totalmente inadequados para absorver ainda mais daquilo que não se pode ver, exato!, exatamente daquilo que não se vê, mas que lhes foi servido de colher maternalmente, embora não queiramos mais ser crianças e a lama já nos escorra do queixo pro babadouro. Mas ela é obrigada a comer mesmo assim, a pobre criança. Embora crianças hoje não sejam mais obrigadas a nada. Elas obrigam seus pais a reagir. A cobiça obriga todos a reagir. Mas a terra não nos obrigou a nada, e veja o que ela fez sozinha! Inaudito, como nós! Inaudível, também como nós. Tudo precisa entrar, tudo precisa sair, não o contrário. Ou sim? É impressionante quantos órgãos o corpo pode ter quando precisa deles, mas são completamente inadequados para tudo, de todo modo para aquilo que lhes é exigido, e apesar disso tentam, bonzinhos, dar sua colaboração, com sua burla em ação. Decididamente a natureza exagera quando reage a tudo, mas a nós ela não reage nem um pouco, mas que estranho, na verdade algo de nós tinha que dar para ouvir, não acha?

A: Não acho, e não acho nada. Mas de repente o vento sopra mais violento, como a terra também se debate mais violenta, como nós sopramos no chifre, ahn, batemos nas cordas, tanto faz, um belo grito é emitido por alguma coisa, até os ossos, como poderíamos ouvi-lo quando todos aqui ficam gritando em consonância?, como, como como?, repete com terror tão doce a repentina agitação da minha alma? Ah, quê! Não, não da minha alma.

Alguma coisa que também não se vê. Já mencionei isso várias vezes. A terra se agita sob mim. Não fui eu, palavra de honra, não fui eu que a agitei! Alguém regulou errado, mas nada se agitou. Ou o errado. Eu só toquei. Nós dois somos tocadores. Não seguradores de cordas, mas tocadores. O que foi que fizemos? Somos os intérpretes inaudíveis, inauditos, mas também não ouvimos o solista. Somos acompanhamento de nada. O solista nem veio para começo de conversa. Ou já deixou sua obra, de algum modo, em algum lugar, mais cedo, uma obra que ainda não atingiu sua meia-obra, não, sua meia vida em obras. É como querer nadar nessa lama! Por que não, ali já nadam milhares de carros novinhos, saídos da fábrica, também de fabricação própria, ainda que não seja a nossa! Em dez mil anos talvez se ouça o meio tom do solista e os meios tons das nossas meias porções, da orquestra, como acompanhamento, e só como eles somos autorizados, por favor prestem atenção nos nossos números! Sim, os valores das notas, que nos mantiveram ocupados sem descanso, como se não houvesse nada mais importante – sua publicação não pode ser exigida, para não serem perturbadas de novo. Aos valores das nossas notas as pessoas simplesmente reagiriam de modo exagerado. A reação nuclear aos valores das nossas notas estava totalmente em ordem no núcleo, mas uma reação exagerada por ora não podemos abrandar. Em 24.000 anos talvez ouçam os sons inteiros, produzidos desde Plutão, desde debaixo, pisados contra sua vontade, pegadas de uma enorme horda de migrantes: Tudo o que vem de baixo é ruim. A terra fez algo aí que não se deve dizer! Indizível. A terra vai tirar os chãos dos prédios, e então vai afluir uma quantidade insana de água, depois que a terra já tiver vazado tanto que nunca mais poderá parecer vazia. Essa reação exagerada e apaixonada na natureza revela pela primeira vez a necessidade, que outrora tínhamos, mas não podíamos nomear. Recebemos o que precisávamos. Só temos a ver com o que foi usado e precisado. Mas talvez já tenha sido usado dez mil anos atrás, mas só nós o vemos agora pela primeira vez. Nossos sons talvez já tenham sido produzidos uma meia-vida de 24.000, 40.000 anos atrás – o que é que sei disso, sou míope, não vejo longe – desde Plutão, agora teriam mesmo que poder vir de nós lentamente, isso teriam que ter aprendido nesse meio tempo, nossas Sônias, nossos Antônios, não conselheiros, não, esse não. De todo modo, por mais que toquemos, vem exatamente: nada. Somos a consequência da consequência da consequência. A continuação também não nos segue. Nada mais nos seguirá, e também nada mais se seguirá a nós.

B: Você quer dizer que devíamos ter pensado nisso antes, que talvez não fossem nos ouvir? Talvez nunca? Pois se agora já não nos ouvem, como deveriam nos ouvir no futuro? Por que devemos tentar nos superar, e quem é que diz que devemos fazer isso? Há outras coisas aí que também não podemos fazer, mas o vento pode, ele pode passar por cima de nós, passar por tudo, e só nos damos conta vinte anos depois que nos tocaram, não, nos destacaram, não, antes nos atravessaram, porque seguíamos um rastro que nos prometia uma presa, mas na verdade era o rastro de ladrões. Eles nos roubaram tudo! Atrás deles! Vamos logo! O vento: se ergue com esforço, mas, uma vez que já está aí, então não para mais de passar-por-sobre-nós e passar-pra-além-de-nós. Passa por nós, por cima, mas para além de nós. Nada mais deve acontecer para que nada mais possa acontecer. Onde não há nada, o rei perdeu seu direito. E a terra? A terra fez algo que nos fez perder, desaprender o domínio sobre nossos instrumentos? Bom ou mau? Nossa autonomia e nossa maestria crescem muito mais, não, não crescem muito mais, não se preocupe!, mas na medida em que outros, não nós, outros, como acontece com a risada ou com o choro, perdem o domínio sobre si, ela cresce, nossa paixão por fazer algo que não conseguimos, não, não nós, outros, sempre outros! Os outros não conseguem nada, nós não podemos fazer nada a respeito, e aliás onde estão, esses outros? Você vê outros aqui? Suas pegadas, como nossos sons talvez, foram invertidas de algum modo, talvez tenham ido para lá, de onde vieram, mas voltar é que não voltam, eles andam para trás, nos próprios rastros, quer dizer, simplesmente param, olham para trás, e então vão para lá, atrás de si mesmos, só que invertidos. Mas isso é bem próximo de nós. O que ia para frente agora foi para trás. Loucura, incurável, nos mantém presos. Fomos nós mesmos que roubamos nossos sons? Teríamos que saber, se tivéssemos sido nós! De todo modo cresce nosso domínio imperioso, também, praticamos bastante mesmo. Quem é que ganha alguma coisa com isso? Que nossos elementos, com os quais ardemos pela

arte, a partir de agora chamados combustíveis, possam ser danificados tanto que nossos sons não consigam mais parar de rir, porque alguém lhes faz cócegas, e essas cócegas são sempre uma ameaça! Os sons se quebram de tanto rir, porque ataques contra eles são conduzidos, de todos os lados, como em uma guerra, com a maior velocidade e imprevisíveis. Não admira que nossos sons estejam ocupados em esquivar-se e procurar cobertura! O que quer que seja, agora foram embora, eliminados para fora do nosso círculo. Foram cozidos com agulhas quentes, isso perceberam logo; cozinharam um combustível quente para alimentá-los, e se alguém não esfriá-los logo, vão estragar, e nós com eles. Não. Eles vão nos estragar. Vão nos estranhar. Aí há um fogo, provavelmente é com ele que ardemos pela arte, pois bem, então tudo arde, agora simplesmente tudo arde. Antes ainda estava frio, porque estávamos tão estragados que nossos elementos provavelmente tinham se estragado junto conosco. Nunca poderíamos ter sonhado que iríamos queimar pela arte, e então nada sai daí! Antes era diferente. Quando nos alegrávamos tanto em ressoar! Quando nossos corpos estão sob uma tensão tão terrível, como se nós mesmos fôssemos as cordas afinadas porcamente, que são tocadas por um arco. As cravelhas para afinar caíram de nós. Domina uma tensão que vai até a crosta terrestre, até as raízes dos cabelos da terra, na grama, nos legumes, nos cogumelos, na carne dos animais selvagens, sei lá o quê, de todo modo está valendo: simplesmente não comer mais nada!, em hipótese alguma!, ela puxa não só por nossas cordas boas, essa tensão, que não pode mais ser detida com autodomínio e habilidade. Não produz nada. Não é nenhuma alta-tensão! Pelo contrário: A tensão alimenta a corrente que passa voando por aqui, sim, também em direção ao mar. Mas então, antes de finalmente deixá-la ir, ela se esquenta e consigo todo o resto também. Aliás, é assim com você também? Você fica escutando o tempo todo para ver se alguém está vindo, alguém que você tem que manter afastado do seu corpo? Mas sempre vem, você ouvindo ou não. As pessoas armazenam logo seus preciosos filhos no estrangeiro, por favor não atrapalhem o caminho deles, eles passam direto por cima de vocês, isso aí precisa ser preservado! Não, não tudo, só eles precisam ser resgatados, antes que o resgate possa sequer começar! Estão certos! Fazem exatamente o certo! O único certo! Devem morrer aqueles que não fizeram o certo no tempo certo. Rapidamente avançam, o voo reservado, o quarto de hotel alugado, rápido, rápido, ceifar tudo o que houver no caminho! Os raios sobre a pele não se pode notar, tuitar sobre eles sim, ainda é possível, mas melhor, o melhor de tudo é que nos colocamos em segurança. Segurança: a única saída desse tempo. Segurança em primeiro lugar. Só a segurança ajuda a longo prazo. A segurança deve então permanecer, incondicionalmente, uma vez que estiver aí finalmente. Aí só a fuga para a segurança adianta, junto com todo o bando de filhos. Aqueles que já estão aí se tornam um fardo para eles, porque estão tão carregados. Mas aqueles que ficam, que não vão ajudar, precisam voltar a sua produção nuclear, quero dizer, ao seu trabalho central, a produção de novos homens. Por atalhos secretos, para que ainda não sejam pegos também, só porque são tão novos. Naturalmente todos querem isso, o mais novo!

A: Como primeiro violino, para mim já está claro desde o princípio que sou o caminho que a melodia abre para si, mas ela fica comigo por apenas um piscar de olhos, e no entanto nele se produz água, que é dirigida através das turbinas das minhas pálpebras para a esfera ocular, para expulsar os corpos estranhos. Ela também vai embora levada, lavada pela água, a melodia. Por ora ninguém ouve nada, nem mesmo nós ouvimos um ao outro. Ninguém ouve nada de nenhum outro. Todos ouvem nada. Equipamentos ouvem uns aos outros, nós não. O que eu queria dizer. Sim, comigo é bem assim, mas então todos voltamos à teoria da emoção, cuja fonte não é o corpo, cujos sons há muito já não se ouve, como deveria ser possível reconhecer aí emoções, não, nossos corpos não são as fontes de duas emoções, o primeiro e o segundo violino, que tocamos, antes são acompanhamento. Não, não acompanhamento nosso, também, têm que vir sempre conosco, mas no sentido musical acompanham algo inaudível. Mas tanto faz, não somos ouvidos mesmo, e o invisível inaudível também não é ouvido. O corpo acompanha no piano, para isso já tem que poder mais do que apenas vir conosco, simplesmente. Então também acompanhamos assim sentimentos com lágrimas, com nossas lágrimas quentes, que saem do frio, do circuito de refrigeração, e então ficam quentes. Porque esse circuito não funciona mais.

B: Se nossas lágrimas correm, esse elemento deveria poder ser encontrado, o elementar, sim, isso ainda tinha que estar seguro aí. Sempre segura a mão. Tudo em quantidade. Somos nosso próprio e único estoque. Ou nossos sons ainda estão estocados, ou estão direcionados a algo distante de nós, ou: retificados?, alguma coisa tem sim que ter culpa. É como com o rapaz, o soldado, o soldado universal, múltiplo, com mil e uma utilidades, que traz consigo mil e uma pílulas de viagra. Isso lhe deram para que na terra conquistada ele pudesse violar as esposas e outras mulheres dos vencidos, que pena. Não, não é: pena dele! Pense nisso, faça estoque! É assim com nossos produtos também. Temos um estoque ilimitado, e para além do nosso estoque há ainda mais, é infinito quantos sons existem, e chegam novos o tempo todo, atrás dos quais tateamos, como um cego atrás do seu cão. Muitos se recusam a ficar conosco, infinitamente muitos nem sequer conhecemos, os poucos que conseguimos tocar, já uma quantidade desprezível, mas sempre um após o outro, um atrás do outro, por favor em fila, também vêm aí, cada um desses sons que esperam, não só esperados mas desejados, agora é maltratado. São propriamente tensionados. Nem sempre os encontramos direito, mas apesar disso desmoronam atrás de nós, o que quer que toquemos, bom ou mau: O tocado imediatamente volta a se desmontar atrás de nós, e os próximos já se colocam aí, vemos nas partituras, não seria possível vê-los mais claramente, preto no branco estão aí e esperam. Empurram, se acotovelam, num golpe duplo ou num acorde às vezes se atravessam, mas sua direção é inevitável: para frente, então ressoam, e então os deixamos para trás e podemos cuidar dos próximos. Estão parcialmente cobertos de lama, apesar disso ainda podemos distingui-los bem, antes que possam nos desligar; mas agora se tornam cada vez menos claros, não dá para comparar com o grão de areia no olho, a pálpebra, o corpo estranho ali, os sons deslizam para fora de nossos corpos como água, e nós os dominamos também, melhor do que a nós mesmos. Mas o que ganhamos com isso? Sons, meus sons, onde estão agora?, você os tem, não sei, nós os tocamos, mas onde estão, têm que estar aí se os tocamos! Por favor, sou só a segunda voz, mesmo assim, isso são sons? Não podem ser sons, se não podemos contatá-los e nem concordá-los, digo, harmonizá-los. Tocamos, mas não fazemos contato com nada. Nenhuma impressão digital em nenhum banco de dados. Não rende nada, embora tenhamos investido tanto. Talvez não se desfaçam atrás de nós como de hábito, mas sim já na nossa frente, se os tivermos sob os dedos. Mas também poderia ser que fossem o efeito de algo que fizemos com a mão, um efeito que não vemos mais e não mais queremos ver. O que se foi se foi. Não é por aí.

A: Os meus com certeza ainda estão aí, não sei onde, de todo modo não me servem. O que eu seria sem acompanhamento? Uma vozinha fina, um vento assobiando quase inaudível, nada mais, e você sem a primeira voz, isto é, a minha, seria muito menos ainda! Os sons estão mortos, eles morreram? Estão contaminados, doentes, chafurdam no próprio lixo, no próprio molho? Podem ser recuperados? Podem ser pescados para fora desse armazém enorme onde estão estocados? Difícil resgate. Quem nos ajuda? Socorro! Socorro! Eles pulam como carpas! Os sons devem ser resgatados, mas parecem não poder ser resgatados, ou alguém já teria aparecido com umas ferramentas, não? Nessa área restrita até a busca por eles é proibida, ouvi falar. O que fazer? Não fazemos ideia, só pelos efeitos – inaudibilidade – vemos que nossos sons ou não vieram ou não foram, pois só ao ir-se talvez fossem ouvidos, e fora isso: Como nós que ficamos poderíamos tê-los ouvido? E então aqueles que poderiam tê-los ouvido não teriam sido os que ficaram. O que fizemos sai de nós e só depois faz efeito, para que não ganhemos nada disso, não? Ou quer dizer que só nós não os ouvimos, mas outros sim? Por ora não temos nenhum sinal de nada. Sorrimos para nossos sons, mas talvez não dê certo? E não devíamos antes aumentar, não, adubar esse sorriso? Aí, acredita, esse é um deles, era um, era um agora?, afundando inaudível, ou talvez só inaudível para nós, na direção de sua caminhonete, com a qual queria carregar fertilizante, o pobre bom som, mas não pode fazer nada a respeito do fato de ser só um som, passageiro, em vias de desaparecer, mas até que bem carregado, se me perguntarem, não pode mesmo fazer nada a respeito, mas também não sabemos exatamente o que devíamos poder fazer. O som sentou então, como todo dia, ao volante da sua minivan ou da sua picape Toyota, um instrumento testado em diversas guerras, por isso nosso som valente, de que nos valemos muitas

vezes antes, comprou usado o seu companheiro, a caminhonete amiga na qual tinha carregado terra para o jardim, sim, ouçam bem!, e então o próprio som, junto com seu companheiro bem carregado, foi arrancado antes que eu pudesse tatear por ele, pudesse trazê-lo à vida sob meus dedos, nenhuma ressuscitação possível, nem mesmo uma busca é possível. Ele estava realmente lá? Como assim agora se foi? Se foi na nossa frente ou atrás de nós? Onde essa sequência foi interrompida? Onde está agora o cadáver sonoro? Quem o traz embora? Quem busca por ele? Não poderíamos cuidar de mais isso ainda, nós pescamos nas trevas, não, nas tristezas, e são tão entrevadas que não vemos mais alegrias, tocamos inabaláveis, mas não ouvimos se algo veio daí e voltou ou foi antes de vir. Não ouvimos nada, mas trabalhamos nisso, ainda trabalhamos em nossa audição, no tocar já trabalhamos o bastante, por favor paciência um instante, mas também pode demorar mais. Alguém nos ouve? Alguém está prestando atenção? Seria de grande ajuda para nós se soubéssemos! Talvez não nos ouçam de propósito, para não podermos capturar ninguém com nossa presença musical, para então não ser preciso resgatar mais ainda se possível, milhares, dezenas de milhares? Mesmo se nossos sons já se encontram em abrigos sobrecarregados, talvez já contaminados conosco; agora nós os contaminamos ou eles a nós?, não, nós a eles, pois eles têm que passar através de nós, não nós através deles!, é assim que eram outrora, outrora se levantaram plena e simplesmente, com suas bagagens culturais na mão. Sim, naquele tempo eles ainda a tinham na mão! Com barulhos que nenhuma pessoa jamais escutou, essa pessoa desapareceu. Nossos sons lhe foram dados como provisões para o dia, do seu toca-fitas, do CD-player, do seu MP3-player, do iPod, de um aparelho de som tão minúsculo que é quase invisível, e mesmo assim toca música, e bem alto também se necessário, para fora desse negócio quase invisível. Essa pessoa se foi, o aparelho de som ainda guarda seus sons, ou guarda rancor dela por causa deles. E esses sons com certeza não desaparecem. Mas não podemos ter certeza disso, não com nossas consciências incertas e nossas certezas inconsistentes. Como assim nossas? Como assim nossos produtos? Como assim justamente nossos sons e não outros? Foi? Fodeu? E também não podemos saber ao certo se em algum lugar ainda há outros, dispersos, isolados. Que medo temos de um barulho, já que não podemos ouvir nossos próprios frutos, que de fato causamos? Qual barulho? Animais covardes que somos! Mas não tenhamos medo de nada. Só tenhamos medo do inaudível e invisível! Ainda produzimos sempre alguma coisa, mas isso não leva a nada, é o que vocês dizem? A menor das miudezas já nos intimida, mas para onde deveríamos ir? Talvez para lá onde se ouve algo? Não faço ideia onde é isso. Só nos disseram que um deles foi encontrado, irreconhecível de tão desfigurado, não se viu mais nada, se era um som, nem a altura, nem a nota, nem a duração, nem o volume, não se viu nadinha mesmo. Supostamente o trouxeram para um prédio abandonado na vizinhança, lá deve ficar por agora, o pobrezinho, de todo modo não se pode fazer nenhum contato com ele. Mas isso foi só o que eu ouvi. É um rumor. Qualquer contato com ele poderia ter efeitos imprevisíveis. Só nós não vemos os nossos efeitos. Outros sim. Talvez.

B: Em nós mede-se valores elevados, temo dizer.

A: O que você teme? Logo vai estar tocando sem ímpeto e sem estilo e sem sentimento de honra, só porque não ouve mais a si mesmo. Isso é o que você deveria temer! Não é para relaxar! Pois o que já está perdido não se pode mais perder. Deveria, pelo contrário, demonstrar zelo redobrado, radiações elevadas, sim, deveria trabalhar no seu brilho! Vale a pena! Com mais brilho também vai poder fazer mais efeito, talvez até mesmo poder tocar alguma vez o primeiro violino! Senão ainda vão nos ver como estômagos, como línguas e rabos. Dirão de nós que ao tocar éramos muito zelosos, mas que evitamos as ações. Mas você não quer que digam de nós que nós evitamos as ações?

B: Que ações? Se tudo já foi feito faz tempo! Alguma outra pessoa cuidou disso para nós. Já desistimos de tudo faz tempo, o destinatário não paga, e agora podemos dormir. Não é? Dormir nos abrigos frios e úmidos que recebem as massas de sons, ao lado do que produzimos, eu como segundo violino sou apenas uma nota auxiliar, por assim dizer, mas necessária, necessária para te auxiliar. Mas minha autonomia cresce à medida que outros perdem o domínio sobre si. Vamos nos deitar agora? O que ainda há a fazer? Tantos já estão deitados aí. Vamos nos deitar com nossos sons?

A: Para isso teríamos primeiro que encontrá-los! Tem alguma ideia? E se os encontrarmos – em que condições estarão? Também não sabemos. Mas já que parecem se esconder de nós, depois de terem passado por nossos dedos e nossos arcos como flechas, disparados como caça, antes que pudessem se levantar, sim, também contra nós? Poderíamos desintoxicá-los, se os encontrássemos, mas não é mais possível averiguar quais sons são. Não terão mais rosto, de todo modo não aquele que estava na partitura. Não terão mais valor, nenhum lugar nas cinco linhas, sim, aquela com a clave colocada ali do lado de modo bem prático, e os sons recebem o que merecem, esperando pacientes com suas cumbucas, por quaisquer dois morangos, mas será que eu poderia por favor pegar mais uns dois para uma filha minha e para outra filha e para a sogra na cadeira de rodas e aí também a nora e aí também as outras noras?, se aos sons já foram distribuídos os valores, por que não consigo também? Fizemos tudo, só não trancamos tudo com essa chave, não, charada popular para crianças: Que chave não fecha nenhuma fechadura? Que arco não abate nenhum animal? Às crianças de hoje não se faz mais essas perguntas, ao invés disso agora exige-se delas mais do que nunca. Seus pais fazem esforços sobre-humanos só para chegar até elas. Mas nós já somos grandes ou pelo menos aspiramos à grandeza. Não somos nós que estamos fechados, e muito menos contra nossos sons, pelo contrário, fazemos tudo!, apesar disso alguém tem que ter fechado ou pelo menos batido, pois, já estamos dizendo o tempo todo, por favor acreditem em nós: Não ouvimos nada, então possivelmente não vão mais se encontrar, esses sons estúpidos. Tememos por eles, embora não saibamos mais se sequer existem ainda. Um retorno a nós, talvez para tocá-los mais uma vez?, isso envolveria novos riscos que ainda não conhecemos também. Talvez fosse melhor que ficassem lá onde estão agora, é isso que quer dizer? Por outro lado, as notas, que colocamos e fixamos no cavalete, para o vento não as arrancar de nós, e que com isso deixamos queimar, embora não deixemos queimar mais nada, sim, mesmo que uma parte delas ainda desse para usar, apesar disso temos que queimar as notas atrás de nós, quando marchamos adiante através da terra queimada, destruí-las totalmente, senão empesteiam o mundo. Elas podem ainda por cima espalhar seu veneno, articulando os raios de suas partículas radiantes. Podem sofrer fissão, uma semínima em duas colcheias em quatro semicolcheias? Isso não estava previsto. Não. Provavelmente estão em toda parte, só aqui, onde as produzimos, não vejo nenhuma. Quando precisamos delas, não estão aí. Mas estão em toda parte, seguramente, mesmo que não estejam seguras em toda parte, nos carros, nos trens de passageiros, nos rios, sob os destroços, nas ruas. Estão em toda parte. Talvez outros as ouçam, talvez elas ouçam outros, só nós é que não, só nós é que não. E se as encontrássemos, já que as produzimos, se as encontrássemos não estariam mais disponíveis quaisquer sinais de identificação. Sequer saberíamos de que peça vieram, elas vêm em muitas, em todas, múltiplas, diversas, como aqui por exemplo, e com frequência também elas, as menores partes de uma melodia, não são mais divisíveis, e no entanto estão mutiladas! Muitas vezes nem estão mais disponíveis. Nem mesmo mais. Sequer uma única vez. Mas não podemos saber. Nem sabemos o que não sabemos. Vamos nos pôr a caminho e procurar no necrotério, talvez reconheçamos algumas nossas? Mas então nos dirão talvez que não se pode buscá-las, porque o perigo que emanam seria muito grande. Pois bem, mas como algo que nós criamos pode se tornar grande demais? Não entendo. Como pode se tornar tão maior que nós, se fomos nós que o fizemos! Gostaria de ter isso sob controle. Mas por onde pegar? Esses sons não têm alça pela qual pudéssemos apanhá-los e enfiá-los de volta nos nossos instrumentos! E nossos controles não nos trazem nada, claramente. Não trazem. Nossos sons não são palpáveis. Depois ou antes? Em que ponto se tornaram impalpáveis? Em que ponto do caminho? Impalpáveis? Em que ponto? Gostaria que os buscassem. Mas não dá. Não dá aqui nessa sala de ensaio em que nada se ouve, questão de acústica talvez, talvez em outro lugar nos ouçam sim!, mas já ensaiamos tantas vezes aqui e nunca aconteceu nada. Pois bem, mas não no mar, onde não podemos procurar, pois também lá também estão sendo medidos valores elevados, e nós nem alcançamos nossos próprios valores, que nós mesmos estabelecemos, como as notas não alcançam mais os valores que foram estabelecidos para elas, sim, e nem os valores das notas que nos foram estabelecidas! Foram estabelecidas só para nós! Não, só para nós não foram, não faz sentido.

De todo modo nós os retocamos na mesa de som, nas nossas vozes, correto, como sempre. Nota por nota. Mas também as notas não alcançam mais seus valores, e transmitem isso aos sons, mas: nada! Nada. Deveríamos ter estabelecido valores mais baixos como objetivo! Senão vamos ter que incorporar em nós esses valores, mais cedo ou mais tarde, para que não se percam mais, mas com isso também não vamos ressoar, quer apostar?

Então. A partir daqui, esse longo trecho até as vozes voltarem a se separar, ambas devem gritar juntas – ou elas que dividam seus textos elas mesmas. Também podem se sobrepor, de modo que em alguns trechos não se entenda mais nada.

A/B: Pois bem, quando tivermos incorporado nossos valores, ninguém mais vai poder falar nada da gente. Então não voltaremos mais a cair para baixo desse nível em dez mil, não, em quarenta mil anos. Ainda irradiaremos, é mais do que a maioria dos outros pode fazer. Nossas espinhas e ossos são todos estruturados de modo bem parecido, então poderíamos esperar que também os animais que comemos tivessem nossos valores. Os animais, como os sons que tocamos e que talvez tenham se igualado tanto a nós que se tornaram nós, que se tornaram seus próprios criadores, se deitarão pacificamente nos pratos e nas tigelas, mas vai ser como se nem estivessem aí, e tem alguns entre esses criadores que são pequenos como nossas unhas, nós em comparação somos grandes até, mas em compensação perecíveis como toda carne, como a grama, como o espinafre vindo de um solo totalmente sem som, sem um único grito, alagado e contaminado, como vegetais em folhas que balançam os bracinhos de desespero, destinados ao consumo, inadequados ao consumo, talvez não perecíveis, mas já perecemos ainda dentro do prazo de validade. Dentro do prazo de matrimônio. E tudo isso vai ser como se não fosse nada. Só o que se pode fazer é jogar tudo fora. Mas não vamos ter jogado fora nossos próprios sons, né? Isso ainda seria uma possibilidade, mas antes teríamos que tê-los ouvido, descartado e eliminado! Então só tem aí a preocupação se eles se igualaram a nós e nós a eles. Tudo ou nada, né? Sim, não se preocupem: tudo e nada. E se nós dois e todos os nossos sons temos que desaparecer, se temos que ir para onde nossos sons já estão, se temos que ir embora, para onde então finalmente alguém ouve alguma coisa. Ou se nós mesmos nos tornamos nossos sons e por isso inaudíveis, pois ninguém nos ouve, talvez nem existamos, se nós mesmos somos nossos próprios sons? Sons, que sempre ainda grudam nos sapatos das crianças, mas ainda não podem andar. Ouviu alguma coisa? Eu não. Mas sou mesmo só o acompanhamento de nada, pois também de você não vem nada. Nada, nada, nada. A combinação de você e eu, de nós dois um com o outro, faz tempo já não produz nenhum sistema. Primeiro e segundo instrumentistas, uma sequência hierárquica, sem dúvidas, sempre assim, e isso tudo agora se dissolveu, não só a hierarquia, mas também a sequência, e também esse instrumento detector de radiação não vai poder nos ajudar, temo dizer, bem sabemos que somos só dois, sozinhos. Nós violinos traseiros agora perdemos nosso sentido, nosso objetivo e nosso objetivo de vida. Mas talvez a vida não tenha mesmo nenhum objetivo? Então estaríamos certos, justo aqui. Então estaríamos certos. Então. E isso tudo agora, tudo que não se ouve, ou seja, tudo mesmo, em silêncio, sem martelo, serrote, furadeira, reator nuclear, vai ser incorporado em nosso sangue. Então isso vai até nossos ossos. Para que nos dê nos nervos até sangrar. O que ainda não é o caso, porque não nos ouvimos mesmo. Todos aceitamos tudo que está aí de uma vez. Também aceitamos os colecionadores de autógrafos, que vieram com a ideia equivocada de que nós seríamos stars. Mas era só por acaso a mesma sala, e éramos no máximo, se tanto, estrelas em ascensão, ainda em confecção, na verdade incompreendidas. De fato não ouviram nada de nós, no entanto sempre nos viram, éramos até mesmo tudo o que viram, pois sim, nesses tempos é melhor coletar autógrafos do que cogumelos ou frutas silvestres! Isso já lhes bastou, aos coletores, bastou que qualquer um estivesse ali. Onde há stars vêm os coletores, não os coletores de cadáveres, não os coletores de sons, simplesmente: os coletores. Não os comedores, os coletores. Buscam o superstar, e se temos azar acham que em nós os encontraram. Hora do autógrafo. Justo agora! Só nós dois somos os únicos que ainda restaram de todos os outros, e então acreditam, porque não veem mais ninguém e nada, que éramos as estrelas de que no entanto só por acaso ninguém tinha ouvido falar ainda. Creem que nós ganharíamos porque não tem mais ninguém aí de quem ainda – agora não por acaso – não se tenha ouvido falar.

Exato. Não tem mais ninguém aí. Não se ouve nenhum som da nossa parte, e contudo creem que nós, justo nós, seríamos stars! E a multidão atrás de nós, únicos restantes, seria tão grande que seria esmagadora, mas seríamos os primeiros a serem esmagados, infelizmente, só me pergunto: De onde então vêm todos, se só há nós dois?, não podemos saber, já dissemos isso, de todo modo a multidão, caso ainda existíssemos, como únicos, seria tão grande que causaria pânico. Pânico por nada. Por absolutamente nada. Por nós. Por nada. E mesmo assim, pânico. Pânico em massa por causa de músicos que não dão nada de si e também não conseguem ouvir nada! Não, eles visavam outros músicos, só pode ser, esses que aparecem com uns cantores. Com crianças cacarejando, com outras crianças gritando, descendentes de pais cultos ou elites incultas, que arrancam um volume inacreditável de suas pequenas caixas incubadoras, não, de suas caixas torácicas. Sons inacreditáveis, nunca ouvidos, que jogam longe os sapatinhos de criança, a criança nelas permanece apesar disso, aprendendo a andar grosseiramente, um formando em andar, cambaleando em nossa direção mal lhe estendemos uma mão, para apoiá-lo um pouquinho em seu voo para a amplidão. Praticaram por muito tempo diante do espelho, e agora batem-se por eles e suas paixões tocadas desajeitadamente, das quais ainda não querem saber nada. Jogam os bracinhos no ar, como se pudessem construir casinhas ali. Como se pudessem de fazer algo interessante. De onde todos vêm eles? De outra forma não são vistos, pois de pura curiosidade não saem de seus quartinhos! Bem, de algum lugar devem vir. Ridículo! E contudo: causando pânico, pelo menos em moderação. Um pequeno pânico, comparado ao pânico em média, quero dizer o pânico em massa. Quem somos? Quem é que somos mesmo? Ninguém. Para que praticamos tanto, se essas aparições ondulantes nos escondem completamente, como se estivéssemos atrás de árvores? Mas um nada já pode causar pânico, se ainda restarem participantes suficientes para isso. Pelo menos três pessoas com ossos quebrados! Quem ainda está contando! Por nossa causa! Não, não por nossa causa, nós nem contamos, mas por causa da música e desses mimadinhos berrando, esses filhotes de ratinhos luxuriosos, que antes ainda viraram de uma vez um rum-cola, para que pelo menos alguma coisa descesse pelo cano certo, e dos quais toda a grande música sempre nos separa, dois oceanos costurados juntos, pelo menos, antes que ao menos pudéssemos de algum modo juntar esses viciados em entrar em cena. Ei, as massas sonoras estão vindo! Estão vindo, estão vindo! Contusões de muitos de nossos jovens fãs, só por nossa causa! Não, isso não. As portas poderiam ser fechadas, porque a multidão seria tão grande, e de fato já logo antes do começo de nossa apresentação, nossa representação, por favor, permitam-nos nos apresentar, mas não chegaríamos tão longe, a emissora privada para a qual tocamos esperava no máximo cinco mil pessoas, mas eram muito mais, eram incalculavelmente muitas! Aqui a música é enviada, um momento!, ainda não tem nenhum endereço nisso! Muitas fãs, predominantemente mulheres, elas são mesmo as mais desinibidas, se jogam com seus pãezinhos ensopados (cada uma tem o seu, mas um carro ainda não têm!), que tiram de uma pobre salsichinha, mas para isso parecem ter se equipado com amplificadores adicionais, imediatamente, no primeiro contato visual, justo quando a energia começou a correr, sobre esses insonoros, inofensivos, impotentes, nós, por enquanto também inominados, mas logo com fotos e vídeos, sent from my iPhone (o racional ainda é só um sistema entre muitos, esse provedor também é só um entre muitos, que todos sempre são melhores que o meu), nós que representamos começar, não, começamos a representar. Sim, exato, nós dois! Ou veem mais alguém aqui? É terrível, sempre esses olhos, bocas, vozes, cabelos! Sempre os mesmos, só que diferentes! Mas não, também não somos nós que vocês têm em mente! Mentes tão cruéis, que nem nos tinham em mente? Ou éramos sim nós? Não podemos acreditar nisso! Vocês têm que nos ter em mente! Quem mais? Não tem mais ninguém. E para que a realidade seja dominável, alguém tem que estar aí, senão não há nada, pois sem um sistema, mesmo que fosse tão ilógico (e nada poderia ser mais ilógico do que alguém querer um autógrafo justo nosso!), complicado ou notavelmente dividido em si e em desacordo conosco, teríamos que improvisar, conseguir fazer algo em que só nós ainda nos reconhecêssemos, e mais ninguém, um caos de sons, tanto faz quais, não os ouvimos mesmo, também não os fazemos, e essa mistura de caos e sem-sentido estaria ligada a todas as possibilidades

da reprodutibilidade técnica ilimitada, qualquer Nada pode ser repetido à vontade e repetidamente produzido, continua sendo um nada, mas poderia sempre voltar a ser repetido com aparelhos técnicos, o caos repetível, e não se saberia mais nada, se ainda dura ou se já é um outro caos, improvisações bem sucedidas com frequência são extraordinariamente duradouras, sim, então nós teríamos que improvisar sem parar, e a técnica teria que reproduzir isso também, e logo voltaríamos a produzir de novo, a técnica já está à espera, ela arranca isso de nossas mãos, toma tudo e não olha para trás, para ela tanto faz, ela repete o que lhe jogamos, o que colocamos diante dela, e então repete alguma outra coisa, mas que seria igual a antes, para a técnica tanto faz o que repete, até que tudo seja igual, completamente igual, o mesmo, um e o mesmo. E assim todos se jogam do mesmo modo sobre nós, gritando, e não podemos fazer nada a respeito, não fizemos nada, queríamos fazer alguma coisa, mas não deu em nada, nenhum som, talvez um tenha sim aparecido, pode ser, mas no meio do pânico geral ninguém o reconheceu, ninguém percebeu, senão talvez tivessem pedido um autógrafo dele, dele, do único som audível (e identificável, pois infelizmente os outros sons eram todos errados!), um conseguiu se salvar, o único que teria escapado de nós, acho, um sol sustenido, embora nenhum de nós o sustenhamos, talvez o tivessem cercado por um autógrafo, e antes tivesse esse único som entrado aqui do que esses milhares de fãs com seus desejos, pode acreditar em mim! Não, prefiro que você acredite em mim! Não, você em mim! Acredite em mim como eu em você! Então teria sido assim. Temos que parar, porque vieram mais do que pensávamos. Cuidados rápidos em tendas de enfermagem, ferimentos banais, curativos, bombeiros, polícia, resgate, mas nossos sons, pelos quais essa gente correu para cá, deles naturalmente ninguém cuidaria.

A: Sentimos muito que tenha chegado a tanto, mas não podemos fazer nada a respeito. Vamos refletir sobre como podemos fazer as pazes com os feridos, que pisotearam uns aos outros por autógrafos, as pazes com eles mesmos e conosco. Como podemos consolá-los. Atualmente a série de sucesso segue temporada após temporada, já está na oitava temporada, ela nos segue, corre atrás de nós, para nos prender, nós, por causa de quem foram espancados, os últimos músicos dessa terra, não, provavelmente não os últimos, nunca se é o último, simplesmente porque não se vê mais ninguém, em outra parte ainda devem ter uns sobrando, talvez até se possa ouvi-los!, então a temporada segue, a temporada é transmitida, a temporada é vomitada, já vai na oitava temporada, quê? Tanto faz! O quê? Tanto faz! O que é que é isso?, um jantar comum, de todo modo um tipo de pão branco, mas de um tipo diferente, como na comunhão cristã, nós todos levamos tudo exatamente assim, ávidos, sem jamais descansar, tudo o que as estrelas fazem dá no mesmo, não somos nós, são outros, dá no mesmo, e talvez seja até mesmo um cadáver pingando sangue, o corpo de Deus?, sim, bem que poderia ser, só que isso dá para ver tão bem quanto dá para ouvir nossos sons.

B: Já disse isso muitas vezes, mas talvez seja isso mesmo? Talvez nos ouçam em outra parte, onde se recusam a ver, mas não se recusam a ouvir? Eu sei, já fiz essa reflexão muitas outras vezes, apesar disso não deixa de ter seu charme. Assistimos aos resultados desse show de talentos, no qual ao que parece também nós tomamos parte extra, embora não soubéssemos nada disso, não temos mais que provar nada e nem há nenhum outro competidor, e também nós já acabamos, e vemos por esse show que alguém tem que ter ouvido algo de nós. Antes. Nossos sons entraram em cena em algum outro lugar sem sabermos, e lá encontraram amantes? Ou todos esses são fãs de alguma outra pessoa, cujos sons talvez ainda se possa ouvir? Não faço ideia. De todo modo 14 jovens amigos da música tiveram que ser levados ao hospital. Mas lá não são nem percebidos, efetivamente toda a população já está lá. Apinham-se em leitos com colchões sem lençol, só sobraram trapos como cobertas, só roupas de papel para vestir. E muitos nem se reconhece mais. Talvez nossos sons estejam no meio deles? Eles se escondem entre os ouvintes? Não neles, mas no meio deles, entre eles? São tantos! Infinitamente muitos! Provavelmente nossos sons procuraram esse lugar onde não se pode mais diferenciar os vivos e os mortos, as caixas de som, que as pessoas encaixam no pescoço, como os próprios sons.

A: Alguém aí? Estão ouvindo algo? Para nós pode ser um problema se não ouvem nada! Então não ouvem nem mesmo o que já se depositou na carne de vocês, sem que percebessem? Não ouvem

nadinha? Podem medir uma radiação, quero dizer um raio, mas não ver? Podem medir os sons, mas não ouvir? Alguma coisa aí não faz sentido. Olhem aí em vocês, se não se trata de covardia! Olharam por que tantos reclamam sem motivos disso que nos faz brilhar pela primeira vez? Encontraram algo? É isso que encontraram?

B: Foi um apito o que acabei de ouvir? Ora, não posso ter ouvido o apito, se nem sequer ouço minha própria tentativa de soar, meu tatear por sons. Não pode ser. Alguém aqui está engolindo tudo. Não podem ter dado início à formatação de um sentimento, não, isso nos teria sido informado. Reboot? Olhos, lágrimas, fora com isso, logo, corpo estranho ou sentimento, tanto faz, as lágrimas vão correr! Temos essa necessidade de processos de purificação, que na verdade são também processos de eliminação, não é verdade. Queremos que algo que está aí vá embora. E isso já aconteceu com a nossa música.

A: Sim, o que está aí deve ir embora, exatamente isso se chama purificação! Lágrimas, puras, marchar! Queremos que tudo seja purificado, sim, também pelos nossos raios. Limpeza: já não era sem tempo! Onde está o raio de água que nos decompõe, determina, descontamina, descomposta? Bem, acabou...

B: Se estamos vestidos, vai ser difícil nos achar depois. Fato. Nenhum braço que nos segura, que balança o nosso berço, fiel dia e noite. Assombro e espanto é o que vão ter aqueles que nos acharem. Se estamos vestidos, vamos nos ocupar então dessa pergunta fundamental, que de todo modo logo nos faz descer até o fundo, se estamos vestidos, confessamos, acontece o seguinte: A chance de nos encontrar boiando na água não deveria ser muito grande. Pela regra corpos descem na água até o fundo, essa é uma regra de ferro. Soa confiável, como temos que fazer soar nossos instrumentos, mas ainda mais precisos, pois tudo isso é natureza! A regra diz: Ainda nos agarraremos ao desejo de algum pai, que sempre explorou e admirou nosso som invisível-artificioso. Ainda nos agarraremos, mas algo já se esgueirou aí, o arco do nosso interior atraiu ela, a besta. Somos como animais mortos repletos de desejo, receptáculos para o uso dos invisíveis, enfim, o que eu queria dizer: o invisível usa e abusa de nós, não o contrário.

A: Somos a coisa mais próxima de um animal quando estamos nus, só: O que é que ressoa em nós então, realmente não tem mais nada aí? Agora nós estamos aí! Tanto faz. Se a água está particularmente fria ou se estamos muito fundo, digamos mais que vinte metros, pelo menos, então por causa do frio não emergem mais os gases da decomposição, então nossos corpos não são empuxados para cima.

B: Eu ouvi que em águas mais quentes ou mais rasas nossos corpos depois de poucos dias podem voltar a emergir, então ficamos dois, três dias na superfície e fedemos e afundamos então para todo o sempre. Foi o que ouvi. Repito: O que ressoa em nós? Tinha algo aí? O interior ou o exterior? Ou vem de fora para dentro? De onde vem o perigo? Não de dirigir, nesse caso. Também não de andar. Mas com certeza de fora, isso é certo. De nós não pode vir. Sentamos aqui e tocamos, mais nada, e não se ouve nada também. É como com os joguinhos de computador: Na rua nunca nos espancaríamos por aí como no jogo. Só quando os riscos reais são reduzidos a um mínimo, mas parecendo ainda consideravelmente perigosos, é que sentimos, já que só está acontecendo na tela (não desviem os olhos!, a mão no joystick não tem nada a ver com isso, nadinha, ela já sabe por conta própria o que faz!, seu punho quase sonâmbulo é de um outro, enquanto nós com o nosso também temos que minimizar os riscos para que mais nada aconteça, de todo modo nada de sério, mais não deve haver, então deve haver menos, o que quer que seja), então se os riscos estúpidos foram enfim reduzidos a um mínimo, porque um mais não é mais possível, sentimos o maior deleite, como num jogo, quando brincamos de ser espancados e espancar os outros, até que estamos chorando de rir, pois não era nada de sério, não, o que é que eu queria dizer sobre a risada, um processo involuntário, que não se pode dirigir? Esqueci.

B: E o que é que você queria dizer sobre para onde nos dirigimos? Como corpos vestidos nos dirigimos para lugar nenhum, pois então seremos particularmente difíceis de achar, já que as roupas molhadas vão empurrar nossos corpos pro fundo. Lá estaremos difíceis de encontrar no meio dos sedimentos, plantas e outros objetos desagradáveis, mesmo com sonares e câmeras subaquáticas.

A: Mas a água vai estar quente!

B: É possível, mas ninguém de fora vai perceber nada na água, já nós sim.

A: Então num raio de 30 quilômetros nem se vai poder procurar por nós, nem mesmo se pregarem pregos pesados em nós e mandarem ímãs para nos encontrar. O que não se procura também não se acha. Nossa música já foi embora, e logo nós também vamos embora. O que ainda poderia ressoar em nós, já que os violinos não ressoam? As vértebras dos bois que ninguém mais pode comer? As peles dos sapos, que vamos ter que evitar? As tripas estendidas das nossas cordas, ao lado das quais as nossas entranhas não serão nada além de lama? Um buraco cheio de lixo? As vértebras com as quais nós ressoamos, embora nada mais soe certo? Os nós que alguém nos atou? O quê?

B: Se vamos passar por isso novamente, que o som se erga ruidoso de seu lugar? Que rostos nascidos da terra floresçam do som radiantes? Que voltem, aqueles que não se vê mais e não se salvam mais? Porém a ação que nos conduziu neste caminho, mas que não concretizamos, outros concretizaram, não nós, não nós, quem quer que tenha sido praticou a ilusão aqui, quem, quem?, essa ação, esse feito agora é fato, gerado há muito tempo em um buraco que nesse meio tempo foi transformado numa sala confortável na qual a luz arde. Então não pode estar vazio. Mas não tem ninguém aí que a tenha acendido. Nunca tem ninguém aí. Ninguém além deles é um ladrão de gente! Quem quer que seja! Eles! Eles! Sim, exatamente: eles!

A: Mas não fiquemos com raiva ou irritados com isso. Mesmo que não nos procurem. Não vão sentir nossa falta mesmo, pois nossos sons não são mais ouvidos faz tempo, não nesse ginásio, não nesse asilo, não nesse teatro. E para que mais seríamos úteis? Mas não éramos mesmo nem bons nem úteis. Somos supérfluos. Algo irradiou mais forte que nós, mas dessa vez não vieram os colecionadores de autógrafos, atrás dos radiantes, para os quais ninguém vem. Pelo contrário.

B: Seria irresponsável nos procurar, e ainda mais irresponsável trazer para a terra nossos corpos radioativos. Somos só dois nesta zona onde se estima haver pelo menos mil outros. Dois tocando entre muitos, movidos por mãos invisíveis, tocadores que são na verdade tocados, e ainda por cima inaudíveis.

A: Mas então o que ainda se ouve? Tocamos mais cedo sim!, agora estamos reduzidos ao status de ouvintes e espectadores, o que nunca quisemos ser. Ouço trabalhadores buscarem algo, há dias, mas alguma coisa não funciona. Ah, agora funcionou! Vejo que agora finalmente funcionou. Nossas cordas vocais são espessas. Nossos poetas vociferam e concordam.

B: Acha que alguém impediu nossos sons de alcançarem o meio ambiente incontrolados, e então impediu que nós mesmos alcançássemos o meio ambiente? Somos os últimos? Então apague a luz!

A: Então o que você acha, de onde a luz devia vir? Acha que ela surge sozinha, acha que vem da casa da sua mãe e foi roubada da natureza? Acha que a luz simplesmente nasce, é criada e então vive de algum modo entre nós na lâmpada vazia?

B: Nem ideia sobre a luz. Mas não a vejo. Nada aí. Não dá para pedir mais luz, se não há nenhuma aí para começo de conversa. A luz talvez continuou criança, fraca demais, não pode se levantar, não consegue se vestir, se afundar até o solo vai ser mais fácil de achar, a pobre luzinha nua.

A: Não a vejo, a luz. Também não vejo nenhum túnel no fim do qual ela possa surgir. Talvez devêssemos cavar um túnel para nós, para poder ver a luz no fim?

B: Mas nós mesmos vamos brilhar! Imagine! Eu previ isso! Então também não nos ouvirão, seremos ainda menos que inaudíveis, se é que é possível. Sim, mas vamos brilhar. Vamos poder dar luz! Vamos emitir luz azulada radiante! Não é ótimo! Talvez melhor que ficar tocando sem sentido. Nem tem ninguém aí para quem tocar.

A: Vamos explodir de orgulho e brilhar com as faces coradas. Se você diz! Vamos mesmo brilhar! Não vamos poder fazer nada senão brilhar, sequer teremos opção, então brilhamos simplesmente porque não podemos fazer mais nada, pois temos, teremos isso em nós, é como a guerra das cócegas: quando nos fazem cócegas, não se pode resistir, começamos a rir sem parar, como uma guerra que um outro trouxe para dentro de nós.

B: Nada pode ser saciado. Nada ainda pode ser saciado, mesmo roubando a mãe. E se algo foi roubado, o leite da mãe por exemplo, então dê uma olhada debaixo dos pobres comensais, se eles engoliram esse leite luzente do impensável! Veja e você o encontra! Revire tudo, sim, mesmo como primeiro violino também não deveria ser bom demais para isso! Procure a origem do que te rouba! O rico não vai roubar. Ele vai te envenenar, contaminar, radiar, mas não te roubar, pelo contrário, te dará algo. Te dará luz. Mas logo você vai ser independente dele, exato, vai brilhar! Você mesmo vai dar luz como a mãe dá leite!

A: Sim, vamos ser ao mesmo tempo filhos e pais da luz. Idiotas radiantes. Bom. O filho um ladrão? Nunca mais. Seremos filhos e mães igualmente. Vamos dar luz e usar luz ao mesmo tempo. Somos os filhos que foram trancados aí dentro e passam algo pela fissura brilhante da porta e com isso notam: É de nós que vem o brilho!, os de fora ainda vão notar.

B: Somos a luz. Nos expulsem se puderem! Lá no fundo. Luz? Nós! Olá! Olá! O que éramos e dizíamos nós?

A: Então ajudamos aqueles que dão algo, e nós mesmos damos. O leite da alvorada. Alguma bebida do crepúsculo: bem vindos em toda parte! E somos nós mesmos a luz, nós a fazemos e somos! E ajudamos as vacas com o leite e a luz, iluminamos o estábulo para elas, somos a fenda radiante, somos a fissura na porta, fizemos a fissão de algo, e agora luzimos por essa fissura, sim, eu cumpro... eu cumpro... o quê?

B: Eu acompanho, tanto faz quem. Acompanho aquele que foi cumprido, e eu mesmo cumpro, cumpro minha parte do acompanhamento, acompanho a luz para fora. O pagamento? Então devíamos ser pessoas livres no futuro, não é?

A: Encolher. Ficar curvado. O quê?

B: Um veredito por favor. Seu veredito por favor!

Entre outros, Sófocles: Perseguindo sátiros.

René Girard: A voz desconhecida do real.

(Vespasiano? Não, ele não! Cola di Rienzo? Aí já é melhor! Mas não, vejo a foto: ele também não!)

Miss Piggy, caracterizada como vidente cega, os olhos sangrando, como quer a tradição. Gostaria sobretudo de ter em seguida figuras dos Muppets. Mas como não dá, talvez só ecos daqueles seres, talvez uma fantasia psicótica, não, uma fantasia de pelúcia pendurada em alguém, uma cabeça removível, um belo sapo etc. Fantasia, por favor fique ligada! Todos são cegos. Alguns são videntes cegos que entram em cena com suas bengalas de cegos, os outros são reis cegos que entram em cena com suas coroas.

De quem é que eu quero falar aqui afinal, é isso que ainda tenho que entender comigo mesma. Primeiro seria preciso calar, para mim seria melhor, não dá trabalho. Ser cega: bem prático também. Me deixem em paz, isso vocês já fazem de todo modo, me deixem, pois estou doente e não entendo nada, não vejo nada, eu vejo o nada, não, não vejo, diante da visão mais um portão! eu, pobre cega, não entendo o que encomendei, é uma casinha de passarinho ou uma nova garagem, pelo menos algo para cobrir o carro, um toldo que vou deixar a trepadeira cobrir, se é que é isso mesmo que encomendei. Se é que encomendei isso que levei. Não sei o que é que vai vir. Da minha mãe não quero falar, nunca, estou cagando para como ela vai levando, também não vou levar isso adiante. O que é que provoquei sem querer? Nesse aspecto o placar do rei está mais alto, ele está ocupado agora, ele tem que marcar milhões de pontos na sua pistola, não no cano, claro, é duro demais; mas ele não encanou, ele deu duro, e deu certo, inacreditável! Realmente ninguém acredita. E seus parentes todos não foram comprados, eles mesmos vão às compras. Se por acaso querem ver o sol, vão lá e veem, simplesmente. Não, não vou mencionar minha mãe, a assassina do pai, é bem verdade que eu colaborei, talvez tenha sido até mais que uma ajudinha. Atenção, aí vem o novo rei, liguem logo esse aparelho, rápido!, olha aí, sua porca estúpida, não vá cobrir ele de vergonha e desonra! Cuidado para ele não correr com você para fora do país! Mas na verdade é outro país, esse onde estou! Ah, já lhe ocorreu algo! Não, ele não vai comprar o outro país, está se concentrando no próprio lar. Ponho a mão na frente do seu rosto, ele não a vê. Já antes não via nada. Eis a prova. Aí está ele, e para mim não sobra nenhuma luz. Uma pena. E no entanto: eu falo. Não. Faço profecias, não, profilaxias, não, também não. Só digo: mais ninguém fez isso. Não faço ideia do quê. O rei não me parece ainda querer fazer qualquer coisa. Além de fazer dívidas, mas nós também devemos explicações. Ele pegou dinheiro emprestado na certeza de que vai pagar com desconto. O desconto vai abrir um novo buraco. Tudo correu muito bem com as dívidas, diz ele. É claro que ele correu um risco, mas para ele valeu a pena, foi bom para ele.

Vão, crianças, ou não vão, não sou nenhuma Medeia, não, também nenhuma Electra. Eu não mataria crianças, a mamãe sim, mas essa tarefa eu deleguei para um irmão, que nem tenho. O rei também delega tudo, mas há o mesmo tanto de coisas que ele toma nas próprias mãos, não isso que vocês estão pensando! Ele paga na mesma moeda quando alguém o engana, aí ele também engana, mas dez vezes pior, isso é tão bom, cara, que sensação! Ah, façam o que quiserem. Da boca do homem vão ouvir que ele não quer matar, mas construir. Muitas casas. Ainda mais casas. E o que é que esse lugar está fazendo aqui? Se ele tem buracos! Buracos? Que porca! Por acaso ele também comprou isso, esse lugar? Com certeza foi bem barato, com um lugar desses não dá para fazer nada. Agora ele vai ligar para a Escócia, porque gostaria de comprar um outro lugar lá. Antes ligou para a Argentina, ou foram eles que ligaram para ele, agora é sempre ele que recebe as ligações, ele não precisa se preocupar, todos querem manter contato com ele, e logo ele pergunta de novo se também pode construir algo lá, afinal. O dia brilha dourado, a casa também brilha dourada, tudo que reluz é ouro. O que, aquela casa lá também? Ela parece que não ia aguentar nem chuva nem sol

nem luz. E é feita de ouro puro. Alguma coisa teria que ser arrancada antes, mas agora não dá mais para ver, claro que não, porque as pessoas dependem do ouro e se dependuram no ouro como enfeites na árvore de natal. Aí o que fala o Deus, o que ele diz, agora já podem vê-lo finalmente, ele prevê e prediz para vocês um futuro brilhante, isso vocês já sabiam, para isso não precisam de nenhum Deus: um futuro que agora não é mais futuro, e sim presente. Seus presentes vocês vão receber, em compensação, não em ouro, isso vocês já têm, nada pode recompensar o que vocês representam, e nem isso compensa o que vocês apresentaram.

Tudo tem seu peso, mas quem é que vai levantar isso? Só a miopia e a rabugice poderiam pretender que o que se faz valer aí é uma visão de mundo determinada, mesmo que arbitrária, de alguém bastante violento, que faria sua visão ser aceita à força a qualquer momento. Ele já está começando com isso, já tirou o porrete do pacote. Socorro, minha autoconfiança agora também está viva! E ainda vão se acostumar a essa sensação de se sentir bem, também. Por segurança ainda damos uma cara popular, folclórica, para isso, e lá se vai o correio. Do lado de lá são distribuídas essas moedas, olhem só!, com os autoconfiantes é igual dos dois lados, essa moeda sempre vale só para o portador, mas ele não consegue comprar nada com ela. Ele mesmo é comprado e ainda teve que pagar por si! Um truque único. Só a beneficência em nome do pai e dos seus dois filhos, que cresceram como árvores em direção ao céu, e ninguém percebeu, afinal tem um custo! Também deve ser alcançada alguma coisa. Todo mundo tem um pai, conhecido ou não, mas esse pai vocês podem ganhar, se o ganha-pão de vocês der para isso. Isso tudo anda junto, ambos são detidos, um se arrasta para cá, outro para lá, de modo que o ouro chova e nos traga bênçãos. Essas mãos estão sempre abertas. Os donos delas não. Eles só pegam.

Não, não, por favor repitam, aí vamos entender melhor isso que não deve ser entendido. Fora. resmungões! Não me encham o saco, chorões! Abram espaço aí embaixo, entre vocês, mas já não tem mais lugar. Vocês mesmos são o mais baixo. O que se deu aqui, se ninguém dá nada aqui? É o que sucedeu, não, é um sucesso, não, uma expressão subsequente, expressão ou erupção?, e agora?, do desejo de ser, não, do desprezo de ser da subjetividade do sujeito, dos sujeitos que todos juntos não têm nenhuma consciência, e quando não se tem consciência então qualquer um pode chegar te cortando, espetando, furando, arranhando, e você nem percebe. Algo está tateando por aí, agora continua tateando ali ao lado, infelizmente, mas tateia incansável, tateia totalmente tudo o que se sente, pois não é mais do que sentir, não podem nada mais do que sentir, esses que vocês quiseram e elegeram. As visões de mundo agora se tornam, para eles, que não conhecem o mundo, porque nunca o viram, nunca olharam para ele, bem, o que é que se tornam?, digam logo!, se tornam, vamos ver logo de uma vez, não faço ideia do que deveria ser isso, de todo modo tenho outra coisa, uma outra visão de mundo, o rei agora vai dizer o que já foi dito muitas vezes: A idade é um massacre, agora não dá mais para olhar para você, não merece ser vista, horrível!, então sempre me escondo atrás da minha visão de mundo, da qual já me gabei tantas vezes. As visões de mundo agora se tornam elas mesmas a visão de mundo única e definitiva, a que temos, afinal não temos mesmo nenhum outro mundo que pudéssemos ver, e agora mostre-se logo, afinal você é tão vistoso, por que se esconde? Oh Deus, agora entendemos por que se escondeu de nós! Por causa do penteado! Precisa de um cabelereiro novo! Você é uma abominação! E melhor ainda, sua boca fica fechada. Melhor nos voltarmos aos que não têm de se esconder, aqueles sobre quem a sombra da morte ainda não pôs a mão, que ainda não foram arranhados, será que ainda vão aguentar um pouquinho mais. Quem são esses que de repente aparecem aí! Eles se espalham, se enroscam, se excedem, não, isso não, encobrem nosso silêncio e gritam. Gritam bem alto tudo o que sabem, por sorte não demora muito para acabar. Só até que a tinta branca esteja seca, essa com a qual se pintaram, caso tivessem uma outra cor originalmente. Tomara que cubra tão bem quanto diz na lata. Então. Aí estão. Nem um minuto atrasados! Finalmente! Eles se mostram, e a visão de mundo deles, isso que alguém como você nem tem, se encontra debaixo da pintura. Será que precisamos providenciar uma segunda demão, pelo menos procurar uma segunda opinião?

A opinião, digo, a visão procura alguém que esteja precisando de uma. A maioria já tem. Pagaram o bastante por ela, agora vale alguma coisa, enfim.

Que tipo de forças são essas em ação agora? Não diga, tem alguém pendurado numa árvore? Isso não pode ser violência coletiva, não, não, e ali manadas inteiras atravessam a fronteira, multidões inteiras, armas para as massas humanas!, mas ainda faltam alguns homens para contrabalançar. Pois tem mais armas que homens. Ou não, também. Não sei. Se forças coletivas agem, então já se juntaram e começam a avançar, lá vamos nós! A violenta unanimidade, foi ela que provocou isso? É evidente. Mas essa unanimidade desaparece completamente por trás dos mitos e mentiras que brotam da tv, o homem fala, ele é sua própria religião, já podem jogar fora a de vocês. Deus está aí. Não o subestimem! Ainda vão precisar dele, e então ele deve sim ser bem poderoso, por favor. Senão vocês estão perdidos. Agradeçam ao Capital todo, não, isso não, isso não podem conceber nem agradecer, melhor agradecer ao potencial de ódio acumulado, à desconfiança acumulada, e, se disso se cria algo, surge uma nova criatura, surge o Rei, que está sempre preparado para a violência de seus vizinhos e por isso vai mandar os vizinhos de volta para a vizinhança deles. Obrigada. Tudo que o vizinho faz só nos confirma que esse vizinho tem tendências agressivas. Nós o expulsamos. Ou somos agressivos com ele na mesma medida ou mais ou mais vezes. Já que ele planeja fazer o mesmo conosco, é simplesmente justo. A violência para a qual nos preparamos, voltando-a contra os violentos antes que se voltem contra nós, a violência tem tal força que não poderá desaparecer por conta própria. Ela está aí e permanece aí.

A vida corre, as pessoas avançam, a vida é inexplicável. Para mim é inexplicável que a vida se mova, por que é que não há descanso e sempre tem algo querendo ser visto. A visão se espalha, tudo é rápido demais, para ganhar uma tal visão, uma tal ou uma outra, que no entanto não conta, nessa loteria já perdemos. Tire das pessoas a violência e logo se voltarão contra você para recuperá-la. A violência é o hobby preferido delas, e é também uma bela profissão. É verdade que elas votam, mas não sabem quem elegeram, apesar de terem sido elas mesmos que o fizeram. Elegeram um certo alguém com uma certa visão, na esperança de que ele lhes permitiria a violência, a única coisa que têm e exercitam e exercem. Elas se espalham, se empenham, se impelem contra todos e depois isso será coberto com silêncio como se cobre bosta de cachorro com folhas. E então que entre o próximo. Cão que ladra não morde, verdade, pergunta para o veterinário. A inexplicabilidade da vida explica por que não podemos ver nada sem que nos expliquem. Por quê? Nas redes antes parecia tão vistoso, mas agora tudo acabou, até mesmo a vista de uma visão, mesmo aquela que tanto esperávamos, o Rei tem exatamente a mesma!, do alto dessa arrogância só podemos ganhar algo que ninguém mais quer. Quem é que está com ela então, onde ela está, alguém deve estar com ela, por favor, quem?, o mundo simplesmente precisa ser visto para que se tenha uma visão de mundo, você não tem nenhuma, e também como é que haveria de ter, só fica em casa com medo até do sinal vermelho, apesar de estar justamente diante de um verde, que com certeza achou que quase tinha te atropelado. Com a gente não pode acontecer uma coisa dessas, sempre contamos com um ataque, para antecipá-lo, nos guiamos pelo Rei e agora adotamos sua visão, sua opinião, era exatamente igual à nossa, só que eram mais, mais opiniões, assim ele tem algo para trocar. Como cuecas. Ele fala com a gente, antes já tínhamos pensado como ele, que nunca pensa. Tudo que já tínhamos tido antes volta-se contra nós como ameaça: ainda mais violência. O Rei tem a violência e a traz consigo também, e não é a favor de dividir. Foi o que acabou de decidir vigorosamente, e assim coloca vocês em vigor decididamente, e todos os outros tombam. Tombaram. A violência não é nada exterior, caso tenham podido observar como as crianças dividem suas pazinhas e baldinhos de areia, de livre e espontânea vontade, e depois, no instante seguinte o balde todo já voou junto com seu conteúdo na cara do coleguinha. A violência não é superficial, por mais que quiséssemos acreditar nisso, ela se funde, já se fundiu faz tempo, se infiltra bem fundo e lá embaixo, de lá saem então forças sombrias e se fundem com o seu câncer, com suas perdas humanas e na bolsa de valores, no terremoto na Itália ou onde quer que seja, ela encontra a sua própria violência, que também está sempre pronta para irromper e derrubar tudo, embora essa grama que vocês não querem ter, e que por isso também não querem que o vizinho tenha, essa grama inocente e irrepreensível, que não faz nada senão crescer, sim, infelizmente também os dentes de leão ali no meio, ela nunca fez nada para vocês

fora simplesmente ter estado aí e o dente de leão deu no seu jardim também, e você não gostou. E lá vamos nós com o cortador, com o aparador, que faz uma barulheira tamanha, é movido a gasolina, e ninguém confere o escapamento, o que sai dele, afinal também se faz isso com os carros, conferir e fazer a revisão do motor, tudo nos conformes, afinal a revisão não pode se conformar ao motor; vejam vocês, mesmo em mim podem ver, como em mim a violência gera violência, essa que sempre está disponível e à espera. Ela espera poder sair. As folhas da minha árvore voam nos ouvidos do vizinho, ótimo, bem-feito para ele, é o que recebe em troca da sua grama idiota. Não sei por que é que a grama haveria de ser idiota, de fato minha compreensão não vai tão longe, eu mesma idiota!, de agora ficar me plantando, não, me explanando, nenhuma compreensão vai mais a lugar algum, nós perdemos, minha compreensão compreende por que a grama é assim, como cresce, mas essa grama junto com as ervas-daninhas correspondentes claramente vai mais longe, ela me vem e me vê e me provê com uma arma, que imediatamente direciono contra as ervas-daninhas. Isso tem que acabar. Tudo tem que acabar. E fogo! Digo, dar a partida no aparador, não é verdade, nisso já fiz outra bolha de sangue pisado na palma da mão, lá onde a mão acaba e os dedinhos começam a querer trabalhar e não podem, não há nada que possam fazer. Não entendo uma coisa dessas. Estou totalmente fora da minha área, era essa mesma a minha intenção. Onde está a violência? Vai buscar, Totó! Grrrrrrrr! Olha ela aí! Ótimo. Ela pode nos ser bem útil, todo mundo precisa de um viciozinho.

Caso estejam procurando a visão de mundo de vocês, não está comigo, eu não pude ver o mundo, mas nós a temos, podem confiar!, podem compra-la a qualquer momento, ou uma parecida, que acabamos de receber, podem adquirir a visão de mundo, não, esse mundo não é para ser visto!, terrível!, peguem nossos óculos da nossa ótica de marca, não da outra, que de fato até tem uma marca, mas todos já se esgotaram, os modelos foram todos para o esgoto, mas o que resta para as classes mais pobres quando também querem ver algo que não compreendem? Olhem através dessa lente certificada, tanto faz a armação, podem até perdê-la, a lente é decididamente decisiva, então verão melhor; outra vez, mas não lembro de nada da primeira vez, disso que já aconteceu várias vezes e se pôs à frente como se fosse novo de novo ou como novo: podem enfiar esses vistosos mundos, não, isso vocês também têm, mas agora era para ser as visões de mundo, que acabam de se tornar uma visão de mundo, podem enfiar no cu, e assim se mostram ao mundo agora, para que possam ser expostos e claramente vistos no mirante. Essa visão parece de fato boa. Melhor que as nossas visões. Se vamos adquiri-las? Não. Hoje o mundo não se mostra a vocês. Voltem amanhã.

O lutador campeão se mostra, mas não sabe para que lutou, por que deveria estar à frente de todos os outros, como assim, isso ele não entende, não pode ser nenhum campeão, nem sabe pelo que luta. Com certeza muitas vezes, junto com sua mulher vistosa, ele lutou pelas belas visões, e também as conseguiu a maior parte das vezes, ele consegue todas e enfia o dedo nelas, pode enfiar o dedo em toda parte, pode conseguir tudo e todos. Ele se mostra para nós, vejam só, não desviem o olhar, terão coisa muito pior para ver!, como campeão de uma tendência política e popular específica, bobagem, popular não, pois não tem que enfatizar o popular, de todo modo só há um único país, um único povo, claro, não estamos entre alemães!, estivemos lá, agora acabou. O popular é eliminado novamente, ele pode dizer eu ou nós, talvez diga também: o povo, mas esse já somos nós, perdão, naturalmente somos um outro povo, nenhum que tivéssemos sido, mas também não somos um e unido, tão pouco como o povo, o império e o novo líder. Que ele seja novo mostra que não é perigoso, pois os líderes perigosos já tiveram sua vez, tantos tiveram que se guiar por nós, para nos guiar, o que de todo modo acabou, não podemos fazer nada. Pois bem, o campeão finalmente está aí, chegou, as urnas o apontaram, quando foram esvaziadas, nada de cinzas lá dentro, estranho, ele lutou, abriu a boca e voltou a fechar, é assim com todos nós, e agora ninguém mais pode lutar contra ele, ele está muito à frente, mal dá para ver, vento e névoa são seus aliados, não se vê nada, novos ventos nos sopram como seu discurso, bem, talvez logo volte a desaparecer, então não será mais visto de modo algum. Mas há ainda outras possibilidades de não o ver, pois procuramos no lugar errado. Então, povo, elejam agora seu campeão, a campanha não importa, só o resultado da luta, e ele o contesta, ele

contesta tudo, agora é o momento certo para contradizer tudo, sim, também a faculdade de corretor imobiliário, que no entanto sempre só vendeu e entregou pessoas, agora isso é pago, liquidado, mas também isso ele vai lhes pagar na mesma moeda. A qualquer momento também será a vez de vocês, garanto, se ficarem bonitinhos na fila, se se comportarem direitinho, onde quer que seja, mas aqui está o campeão de vocês, fui eu que o fiz falar, pessoalmente, desde então só ele fala, agora têm que ficar só ouvindo ele, depois podem correr atrás dele, por mim, e a questão é, quem me ama tem que me seguir, mas todos os outros também. Mesmo que não queiram. Já escolheram? Nós já, muito obrigada. Amanhã é a vez de um outro, de todo modo vai demorar um pouco até que seja amanhã, e aí outro ar da manhã vai se fazer sentir e vir até nós, não é bacana da parte dele.

E no fundo também os opositores e os retrógrados de algum modo progredirão, mas sem saber para onde; não, não precisam se virar, esses são do tipo que afixaram os faróis nas costas ao invés da frente, para que ninguém os apunhale pelas costas enquanto cultivam seu terreno, que agora pertence ao banco, sim, a casa também, os progressistas já levaram, esses que queriam tanto ter isso tudo e lhes tiraram tudo, porque de outro modo não conseguiriam nada, não conseguiam captar, do jeito que era outrora e para onde, teimosos, querem voltar, ainda têm o carro, carregado de pertences que não têm onde colocar, eles não têm mais casa, agora ela é do banco. Melhor assim, os impostos eram mais altos que a casa, não, mais que o valor da casa. Vocês! Para empilhar ainda mais coisas no teto do carro, vão precisar de um arqui-teto. Ou tudo se esvai em chamas, porque o carro não consegue mais respirar. Não faço ideia de onde vai pegar combustível então. Para que precisam de um campeão, se afinal só querem voltar para onde o tabique de madeira com a placa torta de “Vende-se” lhes obstrui a vista? Sua própria casa não vão querer comprar de volta, vão? Sem casa mais, sem proteção mais, sem verdade, sem propriedade. Digam, estão me testando? Psso explicar como todos acabamos pertencendo aos bancos, esses que antes tiveram que ser salvos, pois, se não tivessem sido salvos eles, então teríamos sido salvos nós. Vamos seguir viagem, de todo modo temos que seguir, só que é um tanto cansativo com essa bagagem pesada, nosso veículo é fraco demais, embora os velhos tempos nos acompanhem na mudança também. Os novos não vemos mais. Os outros não os veem ainda. Nós não os vemos mais.

Podem atravessar a multidão tranquilamente, ela não vai se dividir diante de vocês e não vai dividir com vocês. Por enquanto ainda não podem ver o líder de vocês, porque avançam correndo tão cegamente. Porque acreditam que ali há algo grátis, mas não sabem o quê, só sabem que algo é dado de presente ali, um presente antes das eleições, não um presente eletivo, mas quem é que pensa duas vezes quando a coisa é grátis. Isso do presente ele faz para que vocês acreditem que podem correr atrás dele, quando faz tempo que ele está atrás de vocês. Se ele abre caminho até a frente empurrando, há uma coesão, uma coalisão?, não, isso foi antes, agora há uma violenta colisão, um choque entre os que empurram para trás, pois seu líder está atrás deles afinal, e os que empurram para frente, porque ainda não sacaram que ele está pressionando de trás, se apenas soubessem para onde, bem bem, não vão fazer bode expiatório dele só porque não sabem onde está, ou ele evaporou lá de trás? Mas não pode ser verdade! Onde é que ele foi? Nós o fazemos de besta, como antes nos faziam de besta de carga pela vila, pois não chegamos até a cidade, odiamos a cidade, pois ela não nos acolheu, nem mesmo nas suas redondezas nos permitiu ficar. Agora exercemos violência, eis a essência da violência, exigir dedicação, máxima dedicação, sim, exercício também, senão não poderíamos exercê-la. A violência está em nós, já está dentro de nós, nos dedicamos a ela, e então ela não era nossa amante, absolutamente. Nunca íamos querer alguém assim horrível, viram seu rosto, seu cabelo? Não queríamos isso, isso não quisemos, mas foi o que recebemos, e agora se encontra em nós, nos sacrificamos por isso, nos consagramos a isso, dedicamos muito tempo para isso, mas esse sacrifício não basta. Ele quer seguir com a cabeça nas nuvens, digo, morando no seu arranha-céu, lá onde todo o ouro está, acho que não está certo, pois é tanto. E de lá nos ordenará ordem.

Por favor, motores de arranque do prazer da sensação, podem pisar fundo!, pois não queriam justamente ir para lá? De volta? Para trás? Por que estão empurrando assim? Não entendo, mas o que é que eu entendo também. Alguém é arrastado por

aí. Nem ideia. Deve ser o opositor e o retrógrado, que busca suas aspirações, se não cai, pois elas são carregadas pela visão de mundo de cada um, não é verdade, não, não é verdade, bem que já sabíamos que algo não era verdade, mas afirmamos mesmo assim, então a pessoa carrega sua visão de mundo nas costas, tanto faz se é visível ou não, o mundo está sempre aí, melhor, ele vê tranquilamente o mundo antes de chegar o dono e nos ameaçar com uma arma, mas temos nossa própria arma, pois todo mundo tem uma, cada um a sua. Cada um tem seus fatos, e cada outro também tem seus fatos, mas são outros. Claro que não são iguais, mas ambos são verdade. Então todo mundo tem uma arma contra todo mundo. Uma obviedade. Dizem-nos que ele nunca será eleito, e acreditamos! Ele mesmo vai poder eleger, mas nunca será eleito, vocês nos garantiram, e agora já acabou o prazo da garantia?, só acaba depois de dois anos, quando o aparelho cai aos pedaços, é projetado para isso, podem observar, como as ideias mentirosas de que algo duraria para sempre se desfazem desde seu próprio ponto fraco, e também podem reconhecer que força elas tinham, agora que é tarde demais e vocês têm que jogar fora o aparelho, que não quebrou por causa da sua violência, mas sozinho. E então ainda têm que cuidar de outras coisas. Agora tudo isso é passado, repara só. Não tinha passado pelo reparo, pois senão estaria como novo de novo.

Eles puseram na conta o seu vencedor, afinal quem são eles? E quem é o vencedor? O homem da violência, que ele mesmo encara indiferente, ele a emprega, mas ela não é empregada contra ele, disso ele pode estar seguro. Eles o puseram no cargo de vencedor, e aí está ele, o vencedor e toda sua família, ela ainda vem de brinde, mesmo que talvez alguma vez não venha, embora a tv sempre esteja aí, já estava antes, ela tem que se adaptar ao vencedor, tem que se concentrar nele, o que hoje é bem rápido, o Rei já é concentrado o suficiente. E a inconsciência da conta dos seus seguidores, esses que o elegeram, aparece nesse recibo recém-impresso que brota do caixa claro como o dia, e não confere, o recibo, muito pouco foi apontado e pago, pois só os seguidores é muito pouco, qualquer um pode ter um seguidor, é só ter força suficiente para arrastá-lo atrás de si, a reboque, não vejo para quê, ahá, continuo não podendo ver nada, mas ele cuida para que essa partezinha debaixo do para-choques fique protegida quando ele estaciona, essa onde engata o reboque, para que o siga, então protege dela os outros veículos, muitas vezes a gente acha que está se protegendo e então protege os outros, que desagradável!, muitas vezes ele não consegue trazer o seguidor a reboque, não faço a menor ideia, já disse, se o motorista é muito fraco, então o seguidor é que puxa o carro, não é?, e não o contrário. É possível perder um seguidor, é só conceder-lhe expressão, foi o que aconteceu aqui, não tenho mais a dizer sobre isso, sim, e essa impotência, não, naturalmente quero dizer essa inconsciência, como já disse antes, a inconsciência impotente que agora constatamos foi disfarçada na tradição histórica, como esses palhaços de hospital com seus narizes postiços vermelhos, não dá mais para ver direito o impostor que se posta ali atrás, mas dá para intuir caso se conheça a pessoa em questão, a luz fica difusa, cada um vê uma coisa diferente no fundo da cena, através da névoa, algo que aparenta já ter estado ali sempre, como se fosse eterno o poder que se posta ali atrás, e que é ele, como se isso tudo não existisse desde sempre. Como se a verdade de um outro já fosse desde sempre conhecida e julgada e com isso a própria verdade jamais reconhecida. E contudo a verdade só está aí para ser reconhecida, tanto faz do que ela se disfarçou, e mesmo que fosse só num lugarzinho insignificante onde torres desmoronaram.

Essa foi uma boa lembrança, de todo modo não foi minha, como assim a tradição não foi trazida? de novo não?, mas se já pagamos faz três semanas com nosso cartão de crédito, apesar de nosso crédito já ter se esgotado faz tempo e não pudemos comprar nada com ele e tivemos que nos trazer e entregar nós mesmos, preguiçosos de preguiçosos para preguiçosos, uma vitória do conforto? Mas a inconsciência é sem sentido, paciência, perdemos nossa consciência sem motivo nenhum, e quando ficamos cientes, então isso não nos serviu de nada, ou então é tarde demais, a ciência nunca serve para nada, é como pegar de volta um chiclete que já foi mastigado até o fim e mastigar de novo, junto com a sujeira que grudou nele. O que foi transmitido não pode mais ser trazido, acabou, não apagou, já está aí, mas de todo modo de outro modo, diferente de como já esteve. Não dá para reconhecer. Perdeu completamente a forma. O que diz o Rei? Devemos nos livrar dele, esconder, matar, jogar no

mar, sei lá o que mais. Ele não está falando sério. Não se preocupem. Só devemos nos acostumar com a intenção dele de fazer exatamente isso com outros. O Rei emprega violência contra si, só para nos acostumarmos com essa violência que mais tarde será usada contra nós. E nenhum sacrifício vai nos redimir. E a ideia, não, a ideologia, de que cada pessoa pode ser homem e mulher ao mesmo tempo, é só querer, como quiser, afinal nada está escrito em pedra, só que pela eternidade a mesma coisa nos ameaça a todos, essa ideia hoje tem lugar em um outro auditório, só não vamos dar audiência, não vamos ouvir, e nem ver o powerpoint. A aula foi cancelada, e mesmo que não fosse ninguém diz mais nada.

A única diferença entre o Rei e seus opositores, e aqui um não pode ser o outro, dou minha palavra, e pelo preço do menu infantil: hip hip hurra!, tem a ver com o fato de na sequência temporal o Rei ser o primeiro a entrar em cena, e a partir de agora vir antes de todos os outros. Isso foi firmado por nós, de modo que está confirmado e conforme. Nada mais a declarar. Querem ouvir o mais novo oráculo? Não, não querem. Ainda têm que acabar de mastigar o de ontem, que hoje mais uma vez não se realizou. Foi o que pensei. Também não precisa, pena! Por que deveríamos saber algo, se o saber não serve para nada e não traz nada e não faz sentido e de todo modo. Ah, antes jamais tivéssemos vindo! Mas agora já estamos aí e preenchemos o lugar e berramos e sacrificamos e agimos violentamente, afinal de algum modo há que se agir. É bom para o seu corpo, para os outros corpos infelizmente não. Quem nos comanda? O outro comandante não conhecemos nem queremos. O que queremos não conseguimos. O pensador quer dirigir o dirigente, mas o perdeu em algum lugar, no meio do caminho, porque ignorou o sinal que todos os povos ouviram, só ele que não, então o perdeu em um lugar onde não tinha perdido nada, pobre pensador. De todo modo não teria dado, um espírito deu de ombros e partiu, ofendido por não poder dirigir, sendo que tirou essa habilitação especialmente, mas não para veículos pesados, e agora ele mesmo é um peso para o líder; ah, isso ele não queria!, ele é tão mais, não, não é tão mais, é aquele que é sempre dirigido pelo dirigente, ou vice versa. O pensamento desmorona sem que o pensador perceba. E quando precisa dele não tem, não funciona direito, no certificado de garantia diz a data errada, não vestimos o sapato, antes precisa ser registrado, assim, e o pensador agora já está estragado antes que pudéssemos ouvi-lo. O vidente cego, por sua vez, pode ser conduzido, é disso que precisa, sem guia ele não consegue, já que não vê nada, exato, naturalmente não vê nada. É sua natureza, simplesmente, nada ver, como nós todos nada vemos, então quem vai guiá-lo até que se livre de suas maldades? Já até vejo, naturalmente não vejo, mas vejo de um modo interior, com olhos que brilham para dentro: Esse homem possui a verdade, que é um segredo, que não é nenhum segredo, já ficamos sabendo dela faz tempo e infelizmente transmitimos errado, de todo modo não como soubemos e também não entendemos. Ainda não temos habilitação, só temos os protetores para nossa cama não passear debaixo de nós e para que fiquemos em casa durante a noite e possamos exercer violência contra nossos entes queridos como Medeia, mas já estou desviando de mim outra vez, coisa que não deveria fazer. E as crianças nem me foram entregues para começar, a Amazon diz que se perderam no estoque. Eu mereço. Ah, tenho sim uma habilitação, tenho o trapo com o qual posso limpar a antessala, a banheira e o banheiro e a mesa da cozinha, com um e o mesmo! Agora há pouco eu tinha esquecido totalmente. Logo soubemos que sabemos o que quer que seja, e isso nos serve para algo, e tivemos necessidade do vidente cego para isso? Não.

Então uma coisa agora eu já sei, esse homem não matou nenhum parente, sabemos com segurança, ainda estão todos aí e ficam enfileirados diante das câmeras como cães na escolinha de cachorros não fazem, com eles é preciso gritar. E, isso eu vejo no vidente, não, nele não, isso vejo no Rei já de longe: É totalmente impossível que tenha casado com a mãe, seria velha e feia demais para ele, ele não ia encostar nela, o que é que essa mulher afirma?, que ele teria encostado nela?, ele nunca faria isso, todo mundo vê que não é o tipo dele e aliás está morta, e além disso ainda é parente dele. Ele não precisa disso. Só os mais jovens e belos é que casam, a gente logo reconhece esses em toda parte, para isso não precisamos de vidente e também não lhe pagamos para dizer o que ficou sabendo, que todos já sabemos faz tempo e podemos ver pela face, não, pelo Face. A verdade correspondente ainda

vão conhecer, vão ouvir, talvez não de mim, aliás com certeza não de mim, pois eu não a conheço, conheci outrora, quando ainda era desse tamanhinho, mas agora já não nos vemos faz tempo. De todo modo vão ouvi-la. Vão ouvir como a verdade despenca, já que ninguém lhe ofereceu apoio, só insultos, sempre. Não poderão mais vê-la, pois estarão cegos, e nem sua cegueira vai crescer na merda que vocês falam, ela lhes será infligida. Quê, querem uma cegueira exatamente igual à do vidente, só que de outra cor? Não temos. O Rei comprou toda a cegueira no atacado, porque viu vantagem nisso. As pessoas acreditam em tudo que sai da boca de um cego, ele não pode mentir pois nunca conheceu a verdade. Tudo isso saiu do seu cérebro? Ou é invenção de um outro?

O cego crê que a verdade possui poder e força, imagina isso porque é o único que fala o que é fato. E na miséria somos todos lançados, de todo modo. Assim, e o Rei elimina o vidente, para que ele, The King, possa ele mesmo ficar cego, para que enfim possa ser o único cego. Nem mesmo a cegueira ele concede a mais ninguém. Não concede aos outros nenhuma voz, ele mesmo vocifera sua canção e cantarola, mais que cem vezes por hora, afinal ele também tem algo a dizer. Então, quando o Rei fala, tanto faz o que vê ou diz. De todo modo ele tem a voz da razão. Se o Rei é cego, o que é que querem ver, se até mesmo o Rei não vê nada? Não tem mais nada para ver. Ele já viu tudo, olhou tudo e se decidiu. Por que se tornar cego então? Nem vale a pena, são apenas umas moedas de valor baixo pagas pelo destino, mas se observarem seus extratos – não, não os retratos, naturalmente, os extratos!, depois de terem se mudado das suas casas ainda vão receber mais extratos, no endereço que for –, então perceberão: O destino não aceita dinheiro vivo, só pagamento virtual, então é dinheiro sem vida? Para onde foi todo o dinheiro? Sim, isso é uma cédula, mas agora ela não cede lá mais. Não, estou falando das muitas moedas, que pelo menos pareciam muitas, que também não servem mais para nada, já não servem. Quê, todos cegos? O Rei cego e seus súditos, todos? O vidente também cego? Pois quem ainda vê algo nesse Estado, que domina tantos outros, domina todos os outros países, a seu bel prazer, o que não é muito prazeroso para eles, mas ele não se importa. Um ele expulsa, os outros empuxa para onde são necessários, os próximos nem deixa mais entrar, mais outros ele empurra para frente, para que não tenha sido ele; já foi dito e mostrado em imagens quem é quem, mas se não se vê nada, então não podem ser um outro? O que sabe um cego? Como eu? Então acho que uma vidente cega já é uma transformação digna de nota, de ver para saber, sem jamais ter visto. Eis meu destino. Tanto faz, todos têm que sair, então nós entramos, esperamos na fila pacientes e idiotas, assim quer o Rei, mas ele quer ser imprevisível, como ele diz isso, como sempre melhor que eu?, ninguém jamais vai nos atingir, tanger?, alcançar? Eu queria me juntar aí, pois sou tão imprevisível e já posso ver, mesmo com a colher, ainda não me atrevo com a faca, foi um outro que não eu que a cegou, sou antes uma cegonha, digo, uma sem-vergonha. Por quê? Porque sim, diz ele. Mas vamos todos dizer: Bom Natal e um feliz Ano Novo! Não tem mais ninguém que não acredite no nascimento do Senhor, graças ao qual teve início a fatalidade. Mas disso ele não pode se lembrar. Do seu nascimento, a que se seguiram coisas terríveis, ele não pode se lembrar. Nisso se baseia nossa vida, no fato de que não vamos poder nos lembrar. Até a proteção da natureza vai desaparecer, e vai aparecer a dos nascituros. O muro na enorme fronteira, não, ambos são enormes, muro e fronteira, vai ser feito de cimento de Heidelberg, o melhor do mundo, pois ele anseia tanto se formar, não, se firmar, esse muro vai segurar, estou segura disso, mais água e cascalho, sim, cal também, com que mais querem cobrir os muitos buracos?, já temos, o muro, maior do que podemos imaginar, ele vai nascer para que os outros não possam mais nascer, de todo modo não entre nós. Nós somos um americano. Somos um americano. Mas agora não mais. Esse caminho não vai ser mais fácil, e além do mais vai ser fechado. Vamos estragar isso para vocês, ou entornar no Rio Grande. Vamos retornar isso para vocês, e o dinheiro destinado a isso, que não vamos pagar, pois é o vizinho que vai ter que pagar, esse dinheiro vamos dar aos nossos veteranos, que lutaram tão duro por nós e mesmo assim perderam, os idiotas, mesmo assim recebem, eles recebem seu dinheiro, tendo merecido ou não, não mereceram, pois foram feridos tão fortemente. Eles não perguntaram o que seu país pode fazer por eles, eles fizeram pelo país deles. Foram feridos, os babacas, como é que se vai fazer guerra

com esse tipo de gente, se sempre se deixam ferir! O Rei vai mostrar para eles quem manda aqui e como as coisas são, vai apresentar queixa contra todos eles, mas todos mesmo. Mas se um outro se queixa, então naturalmente nós também, mas não sabemos por quê. Não vamos acreditar no que nos foi assegurado e vamos acabar com isso, vamos acabar com o próprio seguro, vamos parar com tudo, tanto faz o quê, vamos começar com alguma outra coisa, tanto faz o quê, e tanto faz quanto tempo vai correr por sobre os acontecimentos que ainda temos que determinar, senão os acontecimentos não sabem onde devem acontecer. E uma unanimidade portadora de paz vai reinar, na forma de um portentoso Rei único e exclusivo.

A partir de agora, marchar, rumo ao positivo! Mas talvez as crianças sejam incluídas no seguro, é o que o Rei nos assegura soberbo e soberano. E por quê? Porque eu digo, mas eu não sou eu, não tenho filho, nenhum filho vai ser morto pelo Rei, o Rei não vai ser nenhum filho que morre, não sei, vocês têm três opções de caminhos, podem escolher um, então partam tranquilamente, não, façam o parto intranquilo do Salvador, então amarrem seus pés e o joguem, vejam, é assim que se faz, pegam ele pelos pés como uma mala pela alça, não é verdade, e então podem ir com ele para uma cordilheira intransponível, meu Deus, não tem nenhuma?, então procurem uma e pronto!, qual a dificuldade? Qual o problema em abater o indefeso, cujas mãos estão atadas, sim, agora os pés também? O que dizem? Não querem se tornar assassinos dos seus filhos, são muitos, e ainda precisam de alguns para o governo, pois sempre se pode governar os próprios filhos, pode-se tê-los nas mãos, mas o que fazemos com o resto, com os menores restantes, esses desbocados? Eu diria que é melhor não ter boca do que não ter olhos, pelo menos no que me concerne. Sim, a filha também, ela também é comandada e acalmada, aliás sobretudo ela, não podemos roubá-la, sabemos de onde a pegamos, já a temos, ela está aí! Você põe a mão nela e ela te domina. Ela não se deixa agradar por nada. Então deixem ela em paz! Dela não precisam temer nada, ou era o contrário, era dela que tinham algo a temer? O pai do filho, dessa vez uma filha, por isso acho que tem algo errado, o que falaram é do cego, o do vídeo, não, o vidente, enfim o pai diz para esse vidente: A culpa é sua, e o vidente responde: A culpa é sua, é o que se chama um empate, o máximo que podemos alcançar no futebol, está aí, a filha, e ouve o veredito e tilinta suas bijuterias, ela não é pobre, é rica, deviam na verdade se chamar bijuterricas, quando vou parar enfim com essa idiotice das palavras?, eles estão lá no púlpito, mas se recusam a dizer qualquer coisa, por favor!, também preciso de um pouquinho de diversão enquanto escrevo, vocês compreendem, com certeza, não opero nenhuma serra circular que pudesse produzir uma dor incomensurável, não tenho tábuas, quê?, essas aí?, essas tábuas são tortas, tortas demais até para um caixão, tanto faz o quanto são grossas, são inutilizáveis, pois tem sangue aí em toda parte, mas estávamos com a filha, não, ela não nos deixa e, embora seja bendita entre as mulheres, uma filha não tem liberdade de ação. Por favor, ela tem uma liberdade, tanto quanto lhe derem, mas liberdade de ação não tem. Por favor, ela pode comprar ou vender ações, pode até ser livre também, eu ia achar melhor se não o fosse e continuasse a lançar fora suas bijuterias, que não devem ficar com ela, mas ela não pode agir. Não pode. Ela com certeza o pai não mata, nem tem ferramenta para isso. Os pais têm toda razão de supor o pior dos seus filhos, mas não desse, não, e da filha também não, o pior vai ficar para os outros fazerem. O Rei não está nu, ele é cego. Quem teria pensado que um cego sem vergonha, um golpista que provocou tudo ele mesmo, até o golpe, que alguém assim tenha oposição, fora seu cabelo loiro e os bancos sempre alertas a quem já forçou muitas vezes um corte de cabelo, e até um melhor que o seu próprio? O que é que ele faz, que não tem nenhum opositor? Um Rei precisa de oposição, ele cresce sobre ela. É verdade que primeiro todos pareciam ser oposição a ele, foi nosso erro, nosso engano, pensar que já seriamos todos. Onde todos estiverem, sempre há ainda mais deles. E não somos todos. E todos não somos nós.

Cada um de nós o rejeita, o Rei já tem ciência disso, mas não acredita na ciência, e só conheço quem o rejeite, todos no nosso círculo, ou seja, daqueles que conheço, acreditam que ele seria capaz de viabilizar a violência, que agora vem ou não vem ou vem justo dele, de onde mais? Que bom, enfim uma revolução será feita, precisamos dela faz tempo, senão começando agora vocês iam dormir mais cinquenta anos!, revolução?, por

enquanto não se sabe. Ainda ouvimos as promessas do Rei e não vamos deixar ele cumprir. Vamos arrancá-las das mãos dele ainda quentes. Ele vai tomar conta das mulheres, diz, pois tem respeito por elas, mulheres para ele!, ele se segura àquilo que acabou de ouvir: Mulher! Tenho confuso o espírito, abalado o coração, que posso eu, um homem desquitado, fazer então? Pois há tantas mulheres, que bom, agora você é a única, mas as outras também sempre estão ao alcance dos dedos, para que nelas se possa dedilhar belas melodias. Nunca tiraremos férias quando formos o Rei, e não aceitaremos nenhum dinheiro em troca, e aliás vamos morar num lugar totalmente diferente, para que não nos achem. Ali está o trono, mas não aparecemos ali, ali apenas tramamos o mal. Aliás esse é o melhor de tudo, não aceitamos dinheiro algum. Já temos o dinheiro necessário para isso. E se o banco o tiver, vai ter que dar. Então mais uma vez ele vai ter que abdicar de muita coisa, é assim com os bancos, às vezes por baixo, às vezes por cima, para poderem nos olhar de cima a baixo.

Vamos prender essa mulher, nossa opositora, nem que seja a última coisa que façamos, talvez não a última, mas para ela sim vai ser a última vez que vai nos ver: uma porta fechada, diante da qual ficam os guardas, para que não saia mais. De todo modo também ninguém pergunta mais por ela. Vamos esquecê-la, ela não pode mais enfraquecer nossa legitimidade, agora já foi. Foi decidido por muita gente, mas não gente demais, muito obrigada por terem se pronunciado tão decididamente a favor do Rei, aí ele não tem que falar muita coisa mais. O Rei não pode se tornar bom sem perder seu lado mau, qual deles ele vira para nós agora? Para os sírios, quem vai ser?, eu disse sírios, não Syriza, o homem simplesmente não sabe distinguir, ele se vira para os cínicos, os baderneiros?, que primeiro não deixamos entrar e aí não deixamos mais sair, como o russo, nós não o queremos, e no entanto está aí, onde? Então, o russo queremos sim, outros russos talvez não. Nós o queremos, no fim das contas, queremos todos? Não faço ideia. Entendi alguma coisa errada, acho, enfim, os bananeiros, não, eles não, os baderneiros que ainda estão lá fora, não podem entrar, e os que estão aqui dentro têm que sair, por mim podem ser atirados em mar aberto, onde caem e são carregados, mas quem é o encarregado de depois tirá-los do mar?, esses não-nadadores chorões que estragam tudo o que parece com eles. De todo modo os peixes ficam contentes. Sim, de algum modo faz sentido, não tem que ser exato. Agora continuo com o meu discurso de vidente, eu mesma sou indeterminada como uma planta, antes que me deem um instrumento que não sei mais tocar. Ou talvez faça algo totalmente diferente, o que querem dizer com isso?, o discurso de vidente já está definido faz tempo, os slides correspondentes estão sendo projetados na parede, mas não sei como se faz isso, então por que devo escrever isso?, se não sei como posso fazê-lo chegar às mãos de vocês. Ah sim, já está lá faz tempo!, não lá onde estão olhando, não no piso, que já está desgastado da vida de vocês, que lhes diz, Vocês mesmos já deviam ter se esgotado faz tempo, não, precisam olhar para a parede!, algo é lançado ali, já estão ali, para lá fugiram os elétrons fugazes, em todas as outras superfícies tinha quadros pendurados. O maldito discurso não tinha que ser pregado, ele sozinho se sustenta e até passeia por aí, e agora ele gruda, exatamente de acordo com como queremos e o que queremos dele. Não precisamos de nenhum vidente, temos uma rede onde ficam presos todos os que entram cegamente. A rede mostra suas fronteiras, que consistem no fato de ser ilimitada. Ela já estava em toda parte, onde quer que olhe, o que quer que seus parentes façam, pode chamá-los a qualquer momento. Melhor não. Experimentem! Não podem perder a oportunidade, mas também não devem imaginar como o raio de uma roda que esmaga a sua mão se você põe lá dentro. Antes como uma luz, são as mesmas partículas ou são originais ou são umas que se originaram junto às mesmas, elas trabalham e acendem a luz e voltam a apagar, como quiserem, a geladeira encomenda a ração de gato por si mesma, por mim, é o que se chama encomenda cuidadosa, pois ela mesma cuida disso sozinha. Muito prático. Essa geladeira vê melhor que vocês! Para que o cego precisa da luz? É como tentar apanhar o ar, não há nenhuma resistência, mas tudo aí, tudo já aí, nenhum vidente cego necessário, os aparelhos todos trabalham sozinhos, para que encomendar um vidente, ou ainda ser você mesma uma vidente?, além do mais, se todos estão cegos mesmo, entre os cegos nenhum cego pode ser Rei, ele só acredita nisso, o Rei cego, que de todo modo a rede, ou uma parte dela, sim, antes só partes da rede o querem retirar.

Os cegos são todos iguais, pelo menos até a igualnuração, digo, a inauguração, também conhecida como juízo final, aí então podem se dar tapinhas nos ombros mutuamente, caso os achem, caso tenham aguentado até lá. Algo é dito, então imediatamente seu contrário, que então se junta sem costura, tudo é verdade, tudo o que é dito, quer dizer, tudo é verdade e tudo é falso, para que ainda precisamos de videntes? Não precisamos. Podemos nós mesmos usar a televisão ou então as redes, podemos teleguiar totalmente sozinhos, então finalmente teremos conforto. Eles nos dizem, e sempre foi assim, nos dizem: Vocês são os culpados, mas ele é mais culpado. Vocês estão devendo, mas ele é que deve explicações.

O cego falando aos cegos. A rede só é estendida para orientação, para ninguém cair da beira do precipício. Se retirarem metade dela pode acontecer uma catástrofe, caso aconteça de ainda ter pessoas ali, por exemplo uma ou duas centenas de pedreiros poloneses sem capacete, com seriam caros demais, marretas eles tinham, tiveram que aceitar mesmo que na marra fazer o projeto com o sem, assim é mais barato, besteira, o inverso, mais caro, mas tudo agora está invertido, nada caiu fora!, e aí surgiu também um buraco, falta alguma coisa, mas com certeza logo vai ser construído; ele apagou esse fato para não ser ele mesmo apagado, mas para além disso o fato já está se espalhando, a desordem se espalha, pois com uma rede cai pelos buracos muita coisa que depois temos que recolher lá embaixo. Talvez o Rei ainda não saiba disso, que não pode apagar tão facilmente uma metade, a sua metade, não, pois vocês perguntam, ele é ou um zero ou o primeiro, os dois juntos não dá: Além disso vocês não têm essa rede, não são retidos ali, são no máximo detidos e não podem ir além, tem sempre um esperando no portão, quem é que está a serviço hoje, será que vai ser severo, ai?, então esses sirtakis ou como é que se chamam, vão entrar girando também vocês, lentamente avança o exército dos abençoados com dinheiro, que têm prioridade e precedência, não, procedem sempre para o fundo, então avançam empurrando, o buraco da agulha espera pelos outros. Mas são cegos demais para passar a linha, os condenados, não, no céu estão os outros, agora empurram um pouquinho, pois no portão está um que gosta de complicar, e pressiona pelo pagamento de impostos e insiste na divulgação de algo, senão o Rei não será nenhum rei, pois é, ele se divulga sempre, divulga que ganhou tão pouco que nem vale a pena falar disso, de fato até eu ganhei mais durante o ano!, o porteiro na sua farda (camisola? pijama?) fala que um processo só vai prejudicar, e quem comprou levou, em Siros, nós estivemos lá?, não, por sorte não!, também não estamos no céu, como talvez tenham presumido e como afirmei originalmente, mas no tribunal regional, os gyros, não, os sírios, afinal são especialistas da fuga, desde o começo já sabem onde têm que ir para entrar mais rápido, baixaram um aplicativo para isso; por isso vêm em todos os caminhos, também vão para toda parte, onde são fotografados e impressos. Ou como esse bombeiro que acaba de me ocorrer, mas não deveria me ocorrer mais nada, senão isso aqui vai ficar longo demais, enfim, o bombeiro com seu rosto totalmente desfigurado e cheio de cicatrizes, que por outro lado sempre volta a ser removido da rede. Culpá-lo por sua aparência é um crime, é um escândalo, mesmo que o homem ainda tenha todo o campo de visão, pois cego como o Rei ele não é, só parece aterrorizante, de modo que sempre é removido do livro das faces e portanto da face da história, embora não possa fazer nada se ficou tão repulsivamente estragado. Mas, sentimos muito, ele simplesmente não tem rosto, não sei dizer de outro modo, pelo menos nenhum que possa mostrar, ele o perdeu. Assim como é sempre removido da rede, embora tenha sido colocado para dentro justo por não ter rosto, sua visão não é suportável para alguém com visão, talvez para o vidente sim, afinal ele não o vê. Infeliz, troçar de mim por uma enfermidade, bem em breve esse troço vai se voltar contra você, que maldade, diz o Rei, que ainda está bastante inteiro, fora os olhos e a conta bancária, isso é problema dele. Ele não vê nada, de todo modo também não tem que olhar para nada. O corpo do Rei é inteiro, enfim, quase, nem tudo funciona, as coisas são assim. Não tenho mais nada a dizer sobre isso, mas vou dizer mais umas cem vezes.

Então aproveitem a pausa da rede que têm aqui, pelo menos na metade de vocês, aproveitem o que dá enquanto ainda podem e seus rostos ainda não foram destruídos pelo fogo ardente do canhão e seus corpos não foram destruídos pela aguardente da cana! Então até os cegos saberão aonde ir e o

que devem ver, mas não podem. Todos seremos agora levados ao abismo e devemos olhar lá para dentro, todos exceto justo esses cegos, sem olhos e sem obras, que naturalmente têm que se dobrar a alguém e seguir, senão não sabem para onde vão, mas também não devíamos cair lá dentro desse buraco sem fundo, onde devem colocar um novo arranha-céu, não, ele já está lá, para apagar a vergonha do antigo. Então colocaram algo no buraco, podemos tirar o porão dos cálculos. Agora não tem mais volta nem pausa. Ele diz: Agora revelo também a verdade, naturalmente não sobre mim, mas sobre todos os outros; eu sou a verdade e a vida, quem me segue está ok, quem não não está ok. Esse é demitido e agora pode ele mesmo provocar incêndios ou ser consumido pelo fogo, como quiser. O Rei só tem que fornecer ar aos que se foram, ele faz isso com a mão nas costas, o ar nem tem que ser quente, logo ficará. Só eu digo a verdade, apenas eu, eu fui legitimado, aqui está minha carteirinha de Rei, que por muito tempo foi falsificada, mas agora não mais, agora está tudo certo, agora é de verdade, eleito é eleito. Não permito que um outro se torne Rei, mas de algum modo também não quero ser, não tenho necessidade. Meu Deus, um deslizamento de terra acaba de levar metade do campo de golfe para dentro do Pacífico, um momento, não, foi só o buraco 18, esse lugar deve valer meio bilhão? Pois bem, por mim dizemos isso ao público admirado, para Receita Federal não dizemos. Vocês têm que por nessa conta metade do estado, para esse lugar ficar tão caro como eu digo. Caso ele ainda não tiver deslizado para fora, então pode por dentro. Sequer permito que outra pessoa seja mais votada que eu, pois comigo tudo terá voltado para o lugar certo, nada senão tudo está no lugar, e as pessoas devem poder ficar contentes com isso. Então, aqui está escrito e lá também, eu fui eleito, os outros não, a mulher especialmente não, e aqui também estou eu, eu tenho que ter pronta minha carteirinha e dar a carteirada, embora todos me conheçam, para que não me descartem para fora do país, o que eu por exemplo planejo fazer, mas não comigo.

É justamente a próxima etapa, as pessoas junto com seus pensamentos religiosos simplórios e seus conhecimentos ainda mais simplórios são expulsas simplesmente. Sim, têm razão, eu julgo as coisas de um ponto de vista tão elevado que alguém deveria me jogar lá para baixo, talvez ainda aconteça, pois falo vezes demais sem ninguém ter perguntado e aí fico sem resposta, o que não deixo ninguém notar, eu mesmo não noto nada em mim, é o que sempre respondo quando me perguntam pelo meu patrimônio líquido de ativos, eu me ative à verdade? A alguma coisa me ative, mas não sei mais o que foi. Tento, quando nada mais dá certo, me ater à verdade, mas como se ater a algo que sempre vacila? O patrimônio oscila, sobe e cai com os mercados financeiros, com o clima, com os sentimentos dominantes, com os próprios sentimentos, como se ater a algo que a gente não acha, pois nem conhece, como saber onde está a verdade sem nunca tê-la visto?, como reconhecê-la? Por acaso devo procurá-la? Realmente tenho mais o que fazer! E o Rei fala, mesmo que não a verdade: Serei no máximo uma nota no livro das faces, se não na Revista das Caras, mas uma nota bem grande, ao menos impressa em letras grandes.

Nessa pessoa aqui o mal e o bem se encarnaram, eu lhes digo, vale para todos, mas seu corpo não me agrada, por outro lado também não é tão ruim para sua idade. Primeiro o Rei foi mau, depois voltou a ser bom conosco. Com ele isso muda. Só nunca muda o colete branco-neve. Não admira que tenha a aparência que tem. O pensador o acusa de ter sido o causador da violência em sua primeira vida, quando ainda habitava entre os homens. Agora foi elevado, quero dizer, agora é elevado. Queríamos tê-lo aqui, e então não vamos mais querê-lo aqui, eis meu paralogismo, pois ele segue aí. Caso, porém, mesmo que com violência, ele venha a ser expelido, não faço ideia de quem haveria de fazer isso, nós mesmos teremos travado amizade com a violência, então já a conheceremos; vamos gostar cada vez mais dela, vamos confiar nela, e por isso ninguém mais vai confiar em nós. Mas ainda não fomos tão longe a ponto de investigar seu modo de vida, investimos nisso, mas só vemos o que ele nos mostra; talvez jamais nos livraremos dele novamente, imagino que ele está imaginando nisso, e o que ele imagina acontece. Mas se chegamos tão longe, talvez ele seja mesmo expelido por nós e pelo conjunto da humanidade, que ninguém ia deixar fazer essas investigações tão Morosas sobre si, que não servem para nada e com as quais ele vai acabar pessoalmente, aí passeará de novo em paz e alegria com seu robe de banho,

que ele nem tem, na sua própria casa, que não é mesmo dele, sim, às vezes vai até fazer pilhéria, pois a pilhagem é que faz toda sua felicidade. Então também vai querer ter seus prejuízos, penso eu, ele lucrou apenas como Rei, agora voltará a ser um perdedor, só perdas, perdas em toda parte, pois as perdas nas atratividades, digo, atividades imobiliárias, se a renda vinda de outras fontes, que infiltram o campo de golfe, o que não deviam fazer – estou falando das fontes, não dos campos, onde se deveria antes jogar – o que quero dizer, já me perdi de novo, já não sei mais, enfim se as perdas em relação às fontes, as fontes que em outros lugares não jorram tão abundantemente, subirem, subirem em cima com suas botinhas de borracha, então, sim, então os proprietários de imóveis, os Reis nos seus domínios, podem então, liderados pelo Rei, declarar uma renda abaixo de zero, resultado: sem impostos. Por que sequer estou dizendo isso, é assim no mundo todo, se os prejuízos são superiores aos rendimentos, então você é um zero e acabou.

O Rei, sim, o que é que eu queria dizer? Primeiro ele vai nos parecer um tipo de redentor?, mas depois vamos libertá-lo novamente, redimi-lo para que possa esconder sua redenção, melhor do que da outra vez, sim, sim, O Rei, bem, estou curiosa, como a rede e o gorjeador e o livro de faces, onde há tantas fotos lindas, infelizmente nenhuma minha, como vão receber isso. Bom, pois o livro recebe tudo e todos, e então recebe mais outros, clic, clic, clic! Então esse livro ficou grande e segue crescendo. Ninguém mais deve olhar o Rei, bastam suas fotos ali, onde vivemos, ele prefere viver em outro lugar. E bastam seus cacarejos no tuíter, ele vai galinhar em outro lugar. Ele tem casas suficientes. Pois bem, a verdade eu só aluguei, não comprei, com que dinheiro, se só tenho prejuízos, pensa ele, é melhor ser Rei do que mendigo, agora tenho tantas dívidas com os bancos, nenhum encantador de cobras vai poder cobrá-las, nenhum encobrador alemão, pois foi no Deutsche Bank que as fizemos. Stop, German!, alt right!, os alemães com quem tenho essas dívidas enormes, ai: Mas se tenho liquidez novamente posso comprar ou alugar a verdade, o que ficar mais em conta, vou comprá-la no crédito, como tudo, e também farei eu mesmo promessas, pois o crédito é um crime promissor, não, uma promessa de ainda mais, então de novo peço para marcar minhas dívidas, e também vou poder arcar com elas. E também são necessários gastos altos, até que o rendimento seja zero, dá trabalho, gastos, que desgaste, eles precisam ser reunidos, ficam cada vez maiores, os desvios também, mas as pessoas não desviam os olhos daí, pelo contrário, tanto faz, daí sempre sai um zero.

Rendimento zero. Diz ele, pois o Rei pode arcar com tudo, até mesmo com zero rendimento, digamos, para dar jogo, rendimento menos zero, e no entanto sua menor preocupação são as dívidas. Ele não considera a multiplicação do dinheiro algo antinatural, nenhum de nós aliás, que adoraríamos ter mais. Daquela vez começou, perdão, quando?, aquela vez, quando quer que seja, começou, o dinheiro nunca esteve lá onde devia estar, mas vagou por aí procurando novos senhores. O Rei tem o dinheiro, que bom, isso faz dele alguém independente, uma grande vantagem, ora, por isso o elegemos, por isso também é o eleito de Deus. Ele foi colhido, foi relativamente rápido, não, um escolhido, naturalmente. Ele faz com que as pessoas que estão cheias da vida, digo, ainda cheias de vida, possam tomar essa vida nas próprias mãos, mas é vida alheia, tomaram uma criança estrangeira, e agora estão entre suas pernas. Essa declaração de imposto de renda tem nossa assinatura, mas não somos nós, não fomos nós, também não foi a criança, que por exemplo vocês agora têm nas mãos, Deus, ela é feia!, impossível ser nossa!, impossível ser a nossa assinatura, nunca escolhemos pagar esses impostos, o próprio Rei é que deve tê-los acolhido sob seu teto, onde entra com diferentes senhores, entra e sai, oh senhor, não sou digna. E nem o credor fica contente se de novo algo lhe falta. Na verdade teria que ser indenizado por isso, já que talvez pudesse ter investido melhor esse dinheiro, em outra coisa, se apenas soubesse antes o que jamais soube. Já estão na fila do cabelereiro, os bancos, o rei lhes deu o endereço, eles também esperam na fila, perguntaram tantas vezes ao Rei, pois ele é simplesmente tão atraente, onde é que se consegue um corte de cabelo tão oportuno, um parecido com o dele. O resto, que resto?, tanto faz, alguma coisa afinal tem que restar, o resto vocês dão para ele então, é o tributo que se deve ao Rei, sempre se deve algo a ele, ele não nos deve nada. Ele deve algo aos alemães,

Sieg heil! É preciso ser grande e pensar grande. Os devedores podem até ser presos, mas primeiro ajudamos as pessoas, é o mais importante. Ajudamo-las a fazer dívidas, para começo de conversa, e o Rei também não saiu de mãos abanando, saiu de primeira mão a notícia de que ele se tornou Rei, de que podia se tornar o que ninguém imaginou dele. Não é indiferente para que ele usa o dinheiro que pegou emprestado? Não, não é indiferente. Mas o que se pode fazer? As despesas são muito dispendiosas, mas não são baseadas em fatos reais. Como já foi dito, ele construiu essa imensa casa maravilhosa, bem no meio do nada, o único lugar que existe, de todo modo não para os seus eleitores, que estão em toda parte, principalmente em outras partes, eles ainda reconhecerão como isso é bom para eles, e agora ele nos deve sua vida, muitos donos de casa própria fizeram assim, se endividaram e se mandaram. Mas antes que pudéssemos tomá-la, a sua vida, ele toma a nossa. Nossa vida é sugada num vácuo que surge quando nada mais nos resta e tudo está do outro lado, onde bundas gordas sobrecarregam a gangorra, e enquanto ainda carregamos nas queixas sobre eles, pois não temos mais nada de que nos queixar, somos jogados no ar e então sugados como embriões indesejados, de cujas células-tronco ninguém precisa, mas cujo troco não vai parar de dar frutos, pelo contrário. Somos cada vez mais. Quanto mais pobres, mais numerosos. E outros devem seguir. Na verdade, as pessoas teriam que ser cada vez menos, só que são cada vez mais, mas têm cada vez menos. Também desejo isenção fiscal. Por que não me dão?

Aliviadas do seu pequeno capital, muito mais pessoas passam para o lado de vocês da gangorra, os primeiros já voltam a cair para fora, embora a gangorra não tenha mais se movido desde os tempos mais primórdios; vocês não acreditam, às vezes ela subia, às vezes caía, agora só segue caindo, e ficam lá embaixo também, já estão lá faz tanto tempo que começam a se dirigir para casa, embora não tenham mais casa nenhuma, e também não têm alternativa, embora tenham votado direitinho. Tudo isso não tem lugar na eternidade, como talvez pensem, tem lugar aqui, aqui ou em outro lugar onde ainda nunca estive. Fico enchendo linguiça porque muitas vezes já fiquei sem comida, em algum momento percebi que o sistema é eterno e temos que nos confiar à misericórdia dos juízes, que nunca são os juízes finais, senão estaríamos livres deles enfim, pelo menos então, quando não tivermos mais nada. O Rei também não tem nada, e vejam o que fez com isso! Um palácio! Muitos palácios, até perdemos a conta, mas temos que pagá-la mesmo assim. Isso nunca tem fim, ou o juízo seria mesmo final, e então teríamos percebido que ninguém mais vem com todos os autos, mas não somos mais os mais ajuizados. Como, o quê? Por favor permitam-me fazer ouro a partir de nada, então vou pessoalmente desatar tudo que ainda está unido, e atar tudo o que ainda está separado. Deserto. Exato. Vocês aí não conseguem sequer separar um grão de areia do outro. E lá podem ter prejuízos de tamanhos ilimitados, ninguém percebe. Mas também não lhes custa nada.

Agora o Rei mostra o rosto, jura, esse é ele?, não é verdade, quer dizer, não é seu verdadeiro rosto. Nada que mostra é de verdade, é só emprestado, mas nunca vai ser devolvido. Vocês já estão vendo, eu ainda não, é o mesmo com a sua carteira de habilitação real, graças à qual pode entrar em todos os melhores lugares, sim, nas mulheres também, à vontade, em qualquer casa por meio de uma tela ou um display, simplesmente entra onde quiser. E diz então àqueles a quem gostaria de causar dano hoje, e aos de amanhã e depois de amanhã ele diz: no momento, mas isso pode mudar depressa, tem algo mais: Não quero nem você e nem você (ele aponta duas vezes no ar, mas não tem ninguém aí) sofrendo nenhum dano por minha causa. Quê, tornar-me o assassino de meu pai? Jamais nessa vida! Se ele já morreu faz tempo. E se eu quiser matar um outro, é problema meu. E se sou amigo de pessoas que já mataram muitos, é problema meu. Isso não arranha o Rei. É verdade que sou teimoso e não posso ter saído de ninguém, insisto, ou não teria me tornado Rei, não é mesmo, então meu pai, que me deu algo para começar, não quero negar, todos os outros sim, mas um parto domiciliar?, não, parir a mim mesmo?, também não!, seria muita teimosia, e isso não vejo por enquanto. Matar o pai? Mas agora não acreditamos nessas coisas! Vocês têm que acreditar, pois está escrito aqui, e de fato também já faz tempo. Um milagre que ainda possa estar. Como? Não. O pai não está aqui. Matá-lo? Eu jamais faria isso, fora que de todo modo já está morto, como já repeti

várias vezes. Eu jamais faria algo que já não tenha sido feito e experimentado por profissionais do ramo imobiliário, no máximo eu faria melhor. Mesmo? É verdade? Ou simplesmente ninguém mais pode saber? Absolutamente todos podem saber. Vocês também. Vocês têm que acreditar que todos ainda estão vivos, os filhos, as filhas, vocês mesmos, o pai. Se meter com a própria mãe então é ainda um bônus aprazível, se o pai já se foi e a mãe ficou livre. Pena que já seja tão velha! O Rei prefere se meter com uma ou mais jovens, deu mole e ele se mete. Assim ele demole, com a mão nas costas, também o mito, demole tudo, sim, também com a mão na frente, assim tem mais força, mármore, pedra, ferro, cimento, demole tudo que cai na sua mão. O resto é demolido pelos seus pedreiros poloneses com marretas, digo isso sem malícia, pois é tão inacreditável que ninguém acreditaria. É factual que eles não foram ou mal foram pagos. O Rei sempre foge com gritos estridentes quando tem que pagar alguma coisa.

Lá em cima estão eles, e nessa foto aqui, sim, olhem nessa tela minúscula, seria pequena demais para a cabeça de vocês, como os capacetes para os poloneses na obra, por isso eles não têm nenhum; dou uma passada por cima, para não passar batido, não deve desaparecer, mas vir, e naquela lá podem dar uma olhada também em vocês mesmos e neles, no entanto me pergunto com quê. Com seus olhos cegos? Eles sempre veem esse tipo de coisa! E ei-los de repente bem arregalados, cegos ou não! Mas lá em cima tem um outro diferente, é como todos e diz que também é um vidente, igualmente cego, é claro. Como deve ser. Isso podem debitar das suas contas, seus olhos já foram deduzidos do imposto, ele mesmo se depositou. Foi deposto por si próprio. Não como Rei, mas se depôs, e então voltou a se levantar. Ó gerações de mortais, atenção, como vossa existência nada vale a meus olhos, diz o Rei. Tomara que este ano eu volte a ganhar tão pouco quanto ouço, um dólar simbólico, que nada escape, financeiramente falando, que como sempre seja zero. Quando o olho assim, ninguém na terra eu abençoo tanto quanto ele. Essa é a conclusão que tiro, que também outros tiram, mas não se preocupem, ainda não estou concluindo. Creio que vocês desejam isso, também desejo muitas coisas, mas não consigo nada! Comigo nunca teve fim em nenhum lugar, eu teria que entrar em delírio para acreditar nisso. Você, Rei, sim, você que mesmo mirando acima de qualquer medida razoável acertou o alvo, você que conseguiu e pôde se apoderar da felicidade do poder, e agora não o quer, dá para outros, que devem fazer o trabalho agora, todos trabalham, só você não, dá o poder aos outros, eles ficam em círculo em volta de você, um escreve algo aqui, outro ali, eles têm o desejo de se comunicar, e aqui estou eu, não, nenhuma jovem, mas com garras recurvas, eu, cantora de discursos, cuspidora de discursos, cuidado ou ainda vão acertar aquilo que esculpi, para fazer essa bela estátua, ao invés de arruiná-la com a marreta. Sempre se deve destruir, para que um prédio possa ser construído, é mesmo bem grandioso. Com isso quis ajudar meu país a se livrar de peso morto, mas por favor, se não é assim então não é, eu, jovenzinha, eu só queria ajudar também e levar adiante a canção!, não, jovem não, mas todo o resto está certo, palavra de honra, ou foi um Deus que me tirou de campo, a mim, a jovem errada, a mim, a verdadeira rainha, só que ninguém sabe? Não, Deus nenhum. Ele queria que esse governante governasse Tebas, justo agora!, enfim, mas não é Tebas, talvez uma Tebas moderna?, não importa, Deus nenhum, em quem eu nem iria acreditar, quis isso. Podem acreditar em mim tranquilamente! Bem, então acreditem em quem quiserem acreditar, e podem desperdiçar papel, que prejuízo, mas não, o papel continua aí, e não vou impedi-los de ter prejuízo.

Oh Deus, a crise traz sacrifícios: O culto sacrificial também não é mais o que já foi. Os videntes veem cada um uma coisa diferente, é preocupante, mas ninguém precisa se ocupar disso, simplesmente porque ninguém pode ver nada. Temos outros órgãos que podemos inspecionar em outro lugar. Não são dele. Naturalmente. Mas essas casas aqui são dele, naturalmente, agora o Rei comprou mais uma, pois casas são a sua vida, seu ganha-pão, e ganha outras coisas se tiver um cassino dentro. O pagamento atrasou, o que não significa que não vai entrar, que fica lá fora, ele só entra tarde demais, como sempre, então se faz uma hipoteca. Se ele paga, o senhor Rei, então nada é hipotecado. Aceito. Em ordem. Façamos assim. O Rei é responsável, ele responde, não, digamos que depende da sua propriedade, de cada uma, mesmo que a tenha recebido quase de graça, mesmo assim

vale alguma coisa, os bancos saberão quanto. Então, Rei, você tem aí dez milhões, é o dobro do preço de compra, eu diria que é mais que generoso, é obra de Deus!, a parte do Diabo são 2.800 dólares em dinheiro vivo, em todo caso. Ele zomba do preço que pagou, sim, ele zombou bastante, uma casa maravilhosa e tão barata!, só o mobiliário vale tanto, ainda mais até. Sim, mas a manutenção, a manutenção é tão cara, lamenta o senhor em seu posto, no imposto, no poste onde todos os homens estão acorrentados para o caso de afundarem. Que tipo de fiança lhe cabe, legalmente, quanto às suas declarações estapafúrdias? Declarações absurdas aqui estão fora do lugar, seria melhor declarar menos do que mais. Agora o Rei recebeu tanto dinheiro do banco e reclama do recibo, ele gera mais tensão reclamando da manutenção, que custa mais do que vale toda a tralha. Que que é. Vocês crianças não têm vergonha! Mas por que deveríamos nos envergonhar, ele não causou nenhum incêndio e não pagou nenhum assassinato, e então o elegemos em plena posse de nossas faculdades, mas ele não nos elegeu. Ele parece querer se tornar Rei depois de nos olhar. A habilitação para suas casas ele primeiro guarda, depois leva tudo. O vencedor leva tudo, os bancos olham através dos seus dedos translúcidos, que se tornaram tão magros porque passam tanta fome. Do Rei nenhuma migalha. É mais fácil as pessoas abandonarem suas colheitas do que o Rei pagar o que comprou. Tenham vergonha! Não faço ideia de quem estou falando. Por que deveríamos nos envergonhar, dizem as crianças. O pior que vai acontecer à estirpe deles, isso eles não veem. Todos veem e cada um diz uma coisa diferente, quero dizer, olha para dentro, para fora não dá, e diz outra coisa, cada um algo diferente, eu digo: O Rei vai cair, mas só porque o quer e quando quiser. Vai abandonar tudo e só continuar sendo Rei porque quer. Não vai abandonar nada e mesmo assim se tornará Rei. Ele queria saber se consegue isso, se tornar Rei, mesmo se custar sua visão e sua lanterna, mas brilhar para fora não substitui a capacidade de ver, que é necessária para examinar centenas de rainhas eleitas Miss Universo, examinar o conteúdo delas, claro. Não tem nada dentro dessa, dessa também não, aquela lá é gorda demais, tem uma que até vai, várias vão, o Rei fica. Enfim, pelo menos para governar seria bom ter a força da visão. A força da palavra não lhe foi dada, só no telefone, onde fala como um outro, com um nome estrangeiro. Ele também vai governar sem olhos, só com a voz, e com o voto de muitos, ele vê tudo, mesmo sem olhos, sim, também fala, pede nosso voto, nossa voz, pois a dele não é dele mesmo. Então precisa da nossa. Ele tem que ser eleito, senão não vê nenhum futuro, senão não vê o futuro. Ó gerações de mortais, ah, a vossa existência, como ela não é nada, sempre o nada para mim!, nada, para cá!, nada, por favor vem aqui!, e então dizem ainda mais alguma outra coisa além disso que viram, os cegos, e ninguém ousa retrucar, afirmam isso e depois aquilo, cada um uma coisa diferente. Pois afinal não podiam ver, e por isso também não puderam vir ver e concordar em paz. Parece que vai acontecer no futuro, esse futuro que acontece agora, mas amanhã também, tudo é futuro, e hoje já quase acabou.

É sempre o mesmo, um e o mesmo. De modo geral futuro algum terá lugar, acredito eu, sim senhor, eu acredito nisso. Esse nada é o reconhecimento pelo trabalho de uma vida, ele pode pendurá-lo em um prego ou em outras pessoas, o Rei. Agora o país, o gigante, enfim acorda, não é mais a terra dos brancos, está fendido como nunca antes, por favor onde está essa fenda, não queremos cair lá dentro de novo, queremos ficar ou aqui ou ali, à direita ou à esquerda da fenda e olhar lá para dentro e temer, lá é negro, cada vez mais negro, o país não nos pertence mais, não pertence mais aos brancos, que horror, então a quem pertence?, não sei, são tantos, minha visão não consegue apreender, esperemos que tenha sido entregue cimento suficiente antes que estejamos falidos, diz o Rei, e então que a casa esteja pronta antes que não possamos pagar. Outras torres caíram, embora seu valor tivesse sido pago, que pena; essa torre deve ser erguida antes que não valha mais a pena pagá-la; sim, realmente, a vitória do rei é a primeira boa notícia em séculos, bem, digamos em bastante tempo, então onde é que ele foi dessa vez, o governante? Não estamos achando ele, mas achamos ele incrível. Mais uns passos e verão o futuro para cegos, já está aí, nem temos que olhar muito, logo teríamos visto! O outro modelo, para videntes, está sempre atrás de vocês, pois os videntes têm dificuldades para se orientar, para onde devem olhar, mesmo tendo olhos na cabeça, nem por isso sabem onde é a frente. São totalmente desorientados, mesmo tendo órgãos

para ver. Mas nos faróis, que neles estão fixados à frente e lhes iluminam o futuro, poderiam reconhecer, se quisessem, aonde tudo isso vai dar, e eles, diferente dos pobres cegos, não precisam de nenhum líder, mas recebem um.

Eles previram que logo um outro se sentaria no trono, eu mesma podia ter dito isso. Passam por eles, empurrados, os novos tempos, que ao nascerem já estavam emperrados. Mas sabemos seu endereço. Entrem em contato, rápido, os novos tempos já começaram! Apressem-se ou não vai dar mais para entrar! E no entanto, atrás dos olhos mortos dos videntes e atrás das luzes traseiras dos que veem, e da tv onde as nações se confundem, e eu no meio, estou lá trancada com todos os outros, faz tempo que podia se passar algo lá que não mais nenhum passatempo. Eles têm que se virar o tempo todo, os videntes, o que não adianta nada, como o anjo da história, que eu sempre enfio na história quando já não me ocorre mais nada. Se quiserem dar na cara dele, precisam dar de cara com ele, mas vão dar com a cara na porta, e aí podem bater ou não, na porta, não nele, ele ainda não abriu, enfim, a escolha é de vocês, provavelmente ele nem está mais lá, e então vocês não chegam mais perto do anjo se não quiserem influenciar a via que seu país tomará. Levem então esse governante, ele conhece essas vielas, mesmo não sendo enviado do céu. De fato ele não é cego, mas é espantoso que seus empréstimos vençam, mas isso nunca acontece, ou vários bancos se precipitariam gritando para o buraco da obra, e por princípio ele sempre olha na direção errada, para lá onde vocês não estão. Mas ele não tem nenhuma dívida com vocês, vocês não valem tanto a ponto de ele se endividar com vocês, nem têm nada para dar além de seus votos, da sua voz, mas ele mesmo já tem uma e mais ainda, várias vozes sob nomes diferentes quando telefona para conseguir algo que como pessoa comum não conseguiria. Sim, e os desavisados de todo modo ainda têm que esperar algo. Temos para eles um programa especial, um tipo de limbo, depois vão acreditar em tudo, pois terão avistado, terão avistado tudo, fora a declaração de imposto do Rei. Mas não tem nada escrito nela, quero dizer, tem escrito que nada sai dali, não, diz que não está sujeito a impostos, não está sujeito a nada, mas esse impostor vai impor a sujeição ao país todo mesmo assim, a sujeição, não a tributação. O Rei não é sujeito a nada, não tem dívidas nem deveres, só direitos. Quê, vocês dizem: mas, bem, então diz logo, o que você quer dizer? Que tenha lugar um futuro, e vocês nele, vocês estão bem nele, acima de todos como raça branca, no fim das contas bem bom, não? Então por favor, quem é que vai fazer o trabalho? Ah é, já temos os polacos aqui para isso, e os chicanos, eles trabalham sem a gente pedir, digo, sem a gente pagar. Trabalham bem, mas não recebem nada em troca. E o comércio mundial: também está bem? As nações são excluídas e respondem a isso, como? O que dizem? Essa corrida vai levar ao abismo? É a fenda de antes? Eu escorreguei para o lugar errado? Mal dá para reconhecer o globo terrestre! Pois bem, então ele simplesmente acontece, o maldito futuro, por mim tudo bem, não vou viver para tanto mesmo. Esse aqui o conhece e o cumprimenta e distribui os prêmios, amanhã vai ligar de novo para seu homem no sindicato, com ele não tem que disfarçar a voz, ai, o cheque do pagamento estava sem fundo e não caiu, mas caíram no fundo dele, na fenda dele! Cuidado! No presente, em que Jimmy Hoffa já desapareceu, não, ele desapareceu no passado, o sindicalista balança a cabeça e propõe informar o escritório dos confederados, não, dos federados, de que esses trabalhadores são ilegais, demitir imediatamente todos! Então pelo menos fica quente no canteiro de obras, por mim, mas antes ainda aproveito toda oportunidade de ganhar dinheiro, não deixando mais ninguém ganhar mais nada. Aí fica tudo para mim. Esse Rei! Ele tem umas cartas na manga, mas não tem nada no rosto, lá ainda tem lugar, também na sua cabeça com a coroa de cabelo! É uma vida amarga, ele também ter que viver entre pessoas a partir de agora, mesmo como seu líder, não é muito lisonjeiro ter que liderar essa gente, ele preferiria outra. Mas agora ele já está aí, o Rei. Que tipo de reuniões dos cidadãos ele vai frequentar, que tipo de festas, das quais muitos vão voltar para casa chorando, mas sem querer, queriam ficar e estar por perto. Estar por perto é tudo. Que maldade ainda está faltando? Vamos refletir, talvez ele mesmo nos diga. Então agora ainda quer assegurar o futuro, também, com despesas financiadas por dívidas! Isso já não funcionou em muitos domicílios, mas talvez o país aguente algo assim, e então todos seremos financiados e não teremos mais que nos preocupar, pois poderemos financiar

tudo com nossas dívidas, um alívio sem fim, sem fronteiras, ainda mais se ainda por cima também comprarmos o terreno vizinho, ele ali diz isso e ele lá também, isso dizem muitos, cuja renda estagnou e agora logo vão ter que fazer uns assaltos.

E aí que vem uma mulher com umas garras, não, não é a Esfinge, embora possa parecer, pois ela canta, a cadela, ela canta, ela excepcionalmente não é nenhuma vidente, não vê nada, só sabe, ela sabe, a ignorante – não é nenhuma vidente, senão teria diante dos olhos o Rei, que cegou a si mesmo, e tropeça por aí sem encontrar o espelho, já que só lá pode se ver, mesmo cego ele se reconhece no espelho, esse narciso engarrafado, e está fora de si, não, não quer ver nada fora si próprio – ela sabe, ela que sequer é uma vidente, sabe quem logo se sentará no trono, mas isso todos já sabemos faz tempo e estamos desesperados! Dos olhos da mulher sai sangue, sangue brota para fora dela, isso acontece quando confiam algo a uma mulher, mas essa não confia em nós. O sangue escorre dela, de onde quer que seja, quase suspeito que de baixo também, enfim, de toda parte. E ela afirma que pode ver o futuro, mas só afirma. Foi igualmente financiada pela nossa dívida, como a maioria aqui, e com nossas dívidas também pagamos o resto. Mas não tem nada, o Rei gastou tudo, agora gosta de nós, não, não gosta, mas precisa de nós. Por mim tanto faz. Por favor, para que um vidente – se ele quiser ser uma mulher, então: uma vidente, isso foi realmente desnecessário, até nossos videntes nacionais dizem – serve se não pode ver o futuro, mas só pode deixar passar, digo, passar a vista no que está acontecendo aqui? Heil! Quer dizer, viva! Viva nosso povo! De pé e de novo, mais alto: Viva! Por favor não zombem desse pobre cego, ele não pode fazer nada! Melhor deixar essa mulher entrar, não, essa não, essa é melhor ficar em casa, não pode ser tão pior para ela lá. Seria melhor ela encomendar um novo corpo e um novo rosto e mais um e mais um. Nós valorizamos as mulheres. Agora valorizamos. Nem sempre foi assim, antes valorizávamos só as modelos, mas também aquelas que nem conhecíamos, principalmente essas. Só afirmamos conhecê-las e mais do que só conhecer. Ela diz não, mas não ao Rei. Não importa. Mulheres para o Rei, sim, aquela lá e aquela também, na realidade foi só uma única, mas isso o Rei quer encobrir, ao invés de cobrir todas as mulheres e dizer Essas eu não quero, essas não devem ser vistas! É o que diz naquela placa, enfim, é implacável. O que um estrangeiro pode saber? O que um cego pode ver, o que ele pode falar de alguém que vive na luz? Agora me veio uma luz: eu queria agora mesmo outro apartamento.

Fomos puxados para o jogo e agora fazemos uma dupla, muitos milhões, não, melhor fazer milhões, assim nossa chance aumenta. Não estamos acima de qualquer conflito, nós fazemos o conflito, e os sábios que agora entrarão em cena não são cegos, só mal-informados, não são sábios, são só bravos, o que lhes nubla o cérebro, nem reconhecem mais em que caverna deve ficar seu acampamento, e o montam onde querem. Estão sempre e em toda parte, são cada vez mais, sempre chegam novos para se juntar. Hoje em dia chamam os cegos de conselheiros, nem é tanta discriminação. Ó vós, que sereis sempre os homens mais respeitados deste país, as mulheres e intermediários estão obviamente incluídos aí, tenho o maior respeito por elas, por todos, todos estão incluídos, vós, homens, que tristes notícias ouvirão, o que vereis ou não vereis, que desgostos sofrerão? Quando depois quisermos limpar de novo essa casa, teremos que desviar todo um rio, senão não vai ficar limpo. Mas entre todos os desgostos o que mais dói vai ser no fim isso se revelar um ato espontâneo.

Então. Agora estamos todos condenados? Não, só foi condenado o consagrado, que todo mundo já conhece, afinal a caverna em que vivemos é pequena, dá para ver tudo, mesmo cego, tendo visão pode-se ver como sinais na parede, e àqueles que moram conosco perguntamos imediatamente em que estábulo estavam. Eles dizem que não estavam em nenhum estábulo, mas de todo modo governam como um Rei, até serem libertados de novo?, no entanto foram eles que acabaram de o escolher, tanto faz. O consagrado historicamente foi nesse meio tempo disfarçado como aquilo que foi e ao mesmo tempo virá, eleito é eleito, é assim que se mede o estabelecido, que se estabeleceu sobre nós como a peste, que é saudável, não, curável, por que é que sequer veio?, para quê?, para nos determinar. Para representar o tradicional, isto é, o eterno, é preciso vestir outro figurino, que dure um pouco mais, talvez até os portões do céu, pois aqui na terra nunca vai poder ser eterno, aqui há que se colher. Isso ele não consegue, não

mesmo? Uma transmissão não pode ser mudada depois, retroativamente, ou seria um oráculo do qual se sabe que tem validade que no máximo metade das vezes; então o estabelecido se mete, com sua pompa sem criatividade, a se mudar para essa casa, que nem foi o próprio governante que construiu, quem é que quer isso, se mudar para cá, mas as pessoas quase se matam por isso?, ah, digo simplesmente, sem criatividade, porque o que se estabeleceu sobre nós já está aí faz tempo, talvez esteja acabado, com os dentes cariados, mas não precisa mais ser criado, é o velho, que já conhecemos e que agora pode ser aclamado como novo, pois é necessário sempre receber de novo uma pessoa nova, ainda que na própria família. Então, nos é dito, esse insulto temos que aguentar: ser como todos. O Rei de todo modo não aguenta ser como nós. Temos medo do novo, ele nunca vai nos pertencer, agora todo o resto já não mais nos pertence!, quantas parcelas do empréstimo falta pagar?, quantos de nós podem ser consumidos trabalhando, sem serviço de proteção ao consumidor, que o Rei não nos concede, para quê?, ele também não precisa? Ainda estamos esperando pelo que o estabelecido se meteu a fazer, só a casa de que falávamos é muito pouco para nós, deve haver uma razão maior para isso, ainda não dissemos para quê e como tudo isso veio para começo de conversa!, isso tinha que vir pelo menos agora!, dissemos muita coisa, mas isso não, ou sim? Teria que ser exatamente aqui, teria que ser chamado por vocês em voz alta, derrubado do pedestal pelos seus gritos, ele se mete a se meter ou não ou outra coisa que nos advém de repente? Qualquer um pode vir! Nunca damos conta das prestações, elas crescem mais que a gente, nem damos conta de dar uma chance de verdade aos nossos desejos, pois já tiveram sua única chance. Nós escolhemos, eu não, mas outros sim, no meu lugar, mas lá onde eu queria que estivessem não estavam, estavam do outro lado e elegeram o errado, e então por vezes os desejos teriam que ser pagos. Bom, o que a tradição faz, agora já sabemos mais ou menos, vocês sabem?, eu escrevi isso, mas também não sei. Os frutos do globo, não, da globalização, por fim são distribuídos tão injustamente quanto possível, os descontentes crescem em árvores e são colhidos e transformados em suco, assim se aproveita mais do que comê-los inteiros, pois para o suco também dá para usar os passados e os moles e os maus. O que faz a tradição, a quem isso interessa?, bem, vocês não sabem, mas eu, eu pelo menos acredito, simplesmente não posso dizer, enfim, o que faz de fato a tradição, isso bem que gostaríamos de saber, pelo menos agora?, vocês ainda ficaram nos devendo isso, e não gostamos tanto de dívidas, os bancos sim gostam. Pois assim podem nos abater quando formos pedir um abatimento. Por favor, deem uma passada por lá e então vão ver.

Não admira que tenhamos sido abandonados e nem temos mais desejos e a palavra nos foi tirada da boca, bem, autora, mesmo assim você fez várias palavras! Já faz tempo não sei mais o que estou falando aqui, mas o Rei também não sabe. Ele o diz com sua língua bífida, nunca se sabe que metade diz o quê. Seus trabalhadores têm que arrancar os fios elétricos da parede com as mãos nuas, eu nunca ia ter coragem, e nem podem vestir máscara de proteção. Do que têm que se proteger!, é de outra coisa. Não fui eu que as fiz, as dívidas, eu peguei as usadas de um outro, de vários outros. Agora não sei quem disse e isso e quem depois nos abandonou, para que não o encontrássemos, isso também deve ter sido um outro! Mesmo se dermos um passo à frente para nos esquivar do retrocesso, mesmo assim infelizmente, mesmo que por um instante, teremos que olhar na sua cara branca, nas caras de outras cores não olhamos propositalmente, por um momento temos que ver, ver ao mesmo tempo, o que foi e o que vem, enquanto podemos dizer sem exagero, o que nos foi legado, o que nos foi levado, não, o que nos foi relevado, essas palavras todas não fazem sentido, mas temos que pegá-las por nenhuma outra nos ocorre, os que nos relevaram e seus amigos, que vieram até nós, sim, cada um por si como uma arma que levamos no ombro, sempre levamos, cada um pode levar, foi para isso que lutamos!, a cada momento pode disparar, cada um pode levá-la no ombro como o santo levou o menino Jesus através do rio, eu sei, ele só virou santo depois, porque os dois não se afogaram, esperemos então, o que nos foi levado já voltou sem que soubéssemos para que aquilo devia servir, mas tem que servir, muito bem vindo, nós já conhecemos vocês?, conhecemos até seus amigos! Exato!, levamos isso na nossa missão, não, na emissão, não, lugar errado; a pompa sem criatividade, digo sem criatividade e não sem fazer

atividade, o que há com ela, o tempo todo a gente fala dela? Sequer sabem o que é uma pompa? Não? Eu sei o que é uma pomba, em todo caso. Mas agora façam uma pompa!, não, um ponto!, enfim não sei, mas fica aí a ponderação, não a minha, um outro ponderou, que nesse aspecto, mas em todos os outros também, é bem mais poderoso que eu, não importa. Então o que nos foi legado se mede pela sua inconsciência em relação aos cálculos, que dão sempre o resultado errado, porque não tem consistência calcular algo inconsciente, nem quando estou em sã consciência e não desmaiada consigo contar, sempre acabo numa digressão, por favor desculpem, já é a décima vez agora, pelo menos!, a culpa é do Sr. Heidegger, agora por uma vez falo com ele pessoalmente, pois muitas vezes já me prestou bons serviços sendo mal-entendido por mim: O que lhe ocorreu aí, que não teria ocorrido de fato a mais ninguém? Sendo que nem entendo o que é que eu poderia entender mal.

Então foi contado e calculado, e o resultado é que um, o único, sim, o próprio, com sua propriedade particular, com suas particularidades, que ele pode bancar, por favor se unam e nos deem uma única resposta, quem é que deve ser, pois já é ele que está aí, diante da porta, não, agora entrou, enfim, que buscou a liberdade, mas abriu a porta errada e agora está na casa de vocês. Ou foi um outro? Ah é, vocês já se uniram em torno do um, para falar uma vez sobre sua autorização, não faço isso de novo, por favor, enfim, esse cálculo inconsciente do que foi legado historicamente, mas que ainda não é um legado, para isso ainda é novo demais, o legado ainda não chegou, mas logo, não, desculpe, sempre esqueço: Já está aí!, o Rei, tudo já aconteceu, mas não passou. Ou vai acontecer agora, isto é, está acontecendo no momento em outro lugar, em uma outra dimensão?, não, na nossa, um acontecimento singular, de modo que já se pode ver o que é (mas ainda não é, ainda não é nada), agora deixamos isso nos afetar na contagem dos votos, profundamente. As máquinas caça-níquel mentiram? Com elas também dá para ter um belo prejuízo, aliás. Alguma outra pessoa colocou algo ali ou tirou algo de lá? Vamos ficar contentes de que nossa ação teve sucesso, uma objeção, não confundir com oposição, nem agitação, disso já temos muito, o objeto já foi ejetado, como um projétil, não se vê quem projetou, ninguém aí para receber essa jogada. Talvez foi tomado por um projeto, só um esboço, e jogado no lixo? Tanto faz. Ele ia querer sempre mais. Mas já foi suficiente. O que foi que fizemos? O vidente quer mensageiros que o informem, e então vai mentir dizendo que viu tudo ele mesmo. Mas os mensageiros têm a especificação errada e a exemplificação errada, e veem que escolheram o errado, mas não podem fazer nada. Eles respondem ao conselho consultivo, mas quem não precisa de um conselho, quem não precisa de uma ajuda. Então ele primeiro precisa confirmar por escrito que não é um computador, não, não é, é um consultador, ele se sente insultado, sem dúvida ele é humano, de verdade, mas sua voz bem que levanta dúvidas, e esse messenger, digo, esse mensageiro, também deve conter informações reveladoras, talvez até fotos, mas ninguém tem a senha dele.

Não ser correto, não gritar, não cuspir, não brandir cartazes, não bater as janelas nos batentes, não gritar Pare! a cada ensejo, ninguém vai parar nem reparar, muito menos pessoas que não freariam nem para um animal! Não chamar os outros de idiotas! Também vale para mim, faço isso o tempo todo. Não menosprezar as pessoas! Sem levantes, não se levantar e, se preciso, então sem danificar a poltrona! Não ser arrogante e não ser correto, mas também não ser nada que possa ofender ou magoar os outros. Se desiludir sem causar desilusão! Também não iludir mais ninguém! O Rei diz o que é, só vocês se iludem sempre, ele não. No melhor dos casos não ser aquilo que o Sr. Egger, com o Raid na mão, ou outro inseticida, recomendou a esses judeus que ele não queria ter como genros, de todo modo só no que diz respeito à Alemanha, em outros casos até que os judeus podem ser bem práticos: ou ser ou não ser absolutamente. Quem é que sabe o que o governante vai empregar contra nós, sempre emprega algo, e também emprega gente que ainda precisa descontar dos seus magros salários a contribuição sindical, embora ninguém os represente. Horas-extra não são compensadas, pensam que isso não vale para vocês? Quê, já sabem? O que vocês sabem? Não podem dizer, embora saibam. Porque falam com todos, até com gente que quer dar na cara de vocês, sabem disso também? Tiveram sorte. Ele mesmo não falou nenhuma palavra e foi embora, mas vocês previram isso? O que ele disse, como ele olhou, ele

sequer falou, como era seu olhar? Claro? Com consciência? Consciente de si?

Não vamos fazer. Não vemos por cima dos outros, são grandes demais. Mas não conseguimos acreditar no resultado, deve ter sido adulterado. Bom, o que é é visto, mas o que ele está fazendo, o que está fazendo agora?, por favor mais umas orações subordinadas, então talvez esqueçamos o começo, com aquilo do menino levado, não, do que foi levado e conseguiu se salvar, não, aquilo do legado, se eu tiver sorte, se não, então teve sorte o Heidegger, como escreveu no Caderno Negro. Muitos escrevem muita coisa, mas não se pode desdenhar, não se pode criticar nem dar crédito, tudo o que não é o caso e onde não há nada e nunca aconteceu nada. Não desprezar, não, nunca!, os outros, os que não são outros?, muito importante também. Não alugar a verdade, primeiro olhar para ela e ver se vale a pena comprar. Olhem, talvez precisem dela a vida toda, então vale a pena ser proprietário dela também e não só daquilo que ouviram em algum lugar, supostamente, e que não dá para suportar. E quem são vocês afinal? Acham que só vocês vivem na luz? Outras pessoas têm eletricidade passando por suas casas também. Sim, só diminuímos aquilo que nos fez tão grandes e os outros cada vez menores! Quê? Então comecem a vaiar, de todo modo o lado grande acaba ali onde não consegue passar, então, de novo do começo: O legado histórico, um momento, agora estou falando sério ou falo mais sério do estabelecido?, enfim, aquilo, o que quer que seja, acho que não é nem o estabelecido e nem o legado, pois ninguém jamais viu algo assim, ele se disfarçou bem, tanto que não reconhecemos sob o penteado escovado amarelo-gema, de resto é um belo penteado, bem delicado, quase diáfano, um look casual, não, um casulo!, sob esse penteado ninguém seria reconhecido, isto é, só um único, e vocês não são ele, não, de modo algum, pois ele não quer ter essa aparência, mas precisa, sim, estou falando dele!, estão olhando para o lugar errado!, embora ele sempre continue sendo um e o mesmo, fora no telefone, lá é um ou mais outros. Então disfarça a voz, foi comprovado, há testemunhas, ele se disfarça até que a pessoa do outro lado esteja bem desfeita, que desfaçatez, então a conversa acaba, obrigado pela conversa. Eis o caminho real. Ou é um cálculo que não se desvelou, mas só se disfarçou como legado histórico? Tanto faz, mesmo assim reconhecemos, pois é tudo igual, mesmo disfarçado ou legado na forma original, como está, reconhecemos em qualquer disfarce, pois é o mesmo velho bom e velho de sempre, não, de fato queremos sempre algo novo, mas sabemos que só o velho é bom, pois se comprovou. Queremos transformação, queremos transitar na transformação, enfim algo novo, assim não dá para continuar, mas o que realmente queremos é que o bom e velho velho agora seja o novo, para a gente reconhecer. E o velho sempre é bom ou ainda é bom, a gente entende que o prefiram ao novo, não deveríamos criticá-los por isso, mesmo que muitos naquela época estivessem em estado crítico enquanto outros ganhavam milhões no cassino do Rei, sempre bom, bom o suficiente para ser recuperado e recontar quem ou o que está faltando ou sobrando para retornarmos a esse novo, que nos foi prometido, e fazê-lo grande de novo, maior do que jamais foi. Heil, digo, viva! Que fazer para que o estabelecido (agora chega disso, ok?! Não sei ainda) possa passar por novo? Sempre passa pelo novo, ultrapassa, mas não passa a ser novo, cuidado, está indo embora!, já está sumindo ao longe!, não podemos apreendê-lo pois de novo passou por nós, não passou na nossa prova, só passou assim simplesmente, porque vocês, vocês, bando de vocês, abriram espaço para ele berrando, uivando, assoviando, mas no sentido errado, Heil, digo, viva!, para lá com certeza não vai correr. Ele quer sempre ir para outro lugar e outra coisa, para poder simbolizar, simular o novo. O Rei está cego, e esse espelho também está cego. Com ele não dá para saber nada. O espelho não diz nada. Tudo que já foi podem deixar para trás, não nos diz mais nada. O verdadeiro já se foi. Vocês vivem na luz, estão na foto? Não por muito tempo, podem acreditar. As montanhas uivam, as enseadas uivam atrás de vocês, pois não foi a elas que isso ocorreu. E também não podem jogar na minha cara as minhas palavras! Onde é que vamos parar...

O escolhido, que a autorização escolheu, está atrás de vocês faz tempo, não está mais na dianteira, está no traseiro, não, na transa, não, isso certamente não, temos provas, duas, três provas com certeza, elas podem até morar de graça na torre, eram todas mulheres, enfim, do sexo feminino, e baixavam o magnífico cabelo até que o príncipe veio e desistiu

quando viu todo o resto também. Só porque não querem vê-lo, nem por isso ele tem que estar longe de vocês necessariamente, sim, talvez até venha até vocês, esperem um pouquinho só, talvez venha, ao menos vai afirmar que veio, mas não quis ficar. Ele e as mulheres! Isso aí é quente, mas por enquanto ele não quer nada sério, e também não lhe dão. Se ele se decidir, vai fazer uma mulher muito feliz, por favor, não posso fazer nada, é assim que foi legado, nem na Bíblia tudo que a gente lê faz sentido. Ainda não decidiu, por favor não se sintam profundamente enganados, não é o caso. E vocês também não, não se joguem no chão devastados, não tem mais lugar aí, já tem outras vítimas jogadas. Mas ele pode igualmente estar bem lá para trás de vocês, e então fica no pé de vocês. De um modo ou de outro ele gosta de comandar, será que inventou tudo isso para posar de playboy? Não sei, só vejo que ele tem um caso, como se gaba. A gabarolice é metade da vida, mas também há que completar o resto do preço. Em algum momento o Rei não vai mais comandar, pois já mandou tudo ao espaço, mas não rebocou nenhuma mulher fora a sua, diz que seu cabo de reboque foi arrancado, senão teria conseguido todas, não faltam muitas. Agora, já que ele manda, ele demanda o país todo, que pode comandar, ele não é mais subordinado a ninguém, não precisa mais subornar ninguém. Pode dar as ordens. E vocês? Precisam de comando? Sim, precisam, vocês escolheram, e receberam, um comandante que pode fornecer o que vocês demandam. As mulheres para ele agora são só o segundo passatempo favorito. O país vai ser imediatamente e para sempre a ocupação principal, é adicionado às suas posses. Heil, viva! Agora consegui tratar esse tema tão sério com humor? Não faço ideia. Mas me esforcei.

Enfim, aqui tenho a primeira sentença, baseada em que lei?, não a da termodinâmica, que fala de um sistema fechado no qual a energia é constante pelo menos até que você tire o balanço energético ou jogue fora a lâmpada ou algo assim. O seu: sempre positivo. O balanço sempre dá positivo, mesmo se ele não tem nada. Ele tem algo em si como se tivesse mais do que tem. Dinâmica. Uma vez que já estamos aqui, mas não estamos aqui, pelo menos em nossos pensamentos estamos longe: Dinâmica para mim infelizmente não é absolutamente nada, falta energia constantemente a tudo, eu inventei a primeira sentença, que não pode ser concluída, ninguém poderia concluir, pois vocês concluíram algo muito diferente de mim, não dá para seguir, a sentença simplesmente não segue, já seguiu até aqui, mas não dá para seguir; pego meu chicote, mas o que consigo?, a sentença vai em uma outra direção, onde possa ser ordenhada até que o preço da eletricidade caia de vez, o que nunca vai acontecer. Não consigo, criar energia de todo modo não, jamais, não consigo dizer o que gostaria de dizer, mas digo, não, nem mesmo isso eu mesma digo, uma lei da natureza diz: Um homem, mesmo se sangra de todo o corpo, de cima, de baixo, do meio, mesmo se é uma mulher, mesmo se é um opositor, quê, de quem?, mesmo se é ele mesmo, não faço ideia, já foi debatido e decidido, o homem vai se tornar lixo, e para ele nem vai valer a pena ter armado uma bomba; nem vão lhe pagar o valor que lhe devem, pena, mas os donos da construtora vão se assegurar disso. Os que tentam avançar dão um passo atrás, também os que preferem recuar dão um passo para algum lugar, onde há uma merda qualquer, um bagulho, um banheiro químico, recentemente vi de novo um assim, a empresa era Dixi, meu caro, o simples não aguenta nada, também não aguenta nenhum acerto de contas histórico, porque tudo acontece só uma vez. O simples renuncia ao extenso, é inesgotável, o simples, e o que ele pede? Pede o mais difícil, a possibilidade de voltar a si. Então se encontram os que querem progredir e os que retrocedem, eles se encontram no campo de batalha, onde há um cão selvagem que arqueja tanto o tempo todo, não tem mais nada lá, não tem mais nada entre eles. E a verdade se esconde, sim, é lindo, ela se esconde dos que se escondem eles mesmos, como uma rajada de vento que sopra a terra no remoto fundo do vale da Floresta Negra ou onde quer que seja, sim, e que as pessoas, que se encontram no meio e arrebentam-se os crânios, pelo menos reconheçam seu pertencimento por um olhar e por um piscar de olhos, talvez mais um piscar de olhos, talvez se lembrem de Deus, porque ninguém mais lhes ocorre, e para ele as pessoas parecem bem úteis, um artefato, de fato ele as fez, só não sabe bem para quê. Por que estamos falando isso agora? Mas eu não estou falando! Ou estou falando demais. O tempo todo! Vocês contam e se levam em conta na inconsciência, esses esboços de gente, disponíveis em toda parte e até mesmo na mais alta resolução,

mas naturalmente cada vez menos nítidos, eis a desvantagem da dissolução. Aqueles que sabem nadar dispõem até de um direito de estadia, mesmo que não na água, onde estão os peixes e os mortos. Deus os imaginou diferente, de certo modo mais concretos, mas por favor, por mim tudo bem. De todo modo estão meio dizimados. Eles contam, os que ficaram, mas não os que ficaram para trás, fazem as contas de alguma coisa, porque só podem calcular na inconsciência, não consigo de nenhum jeito, tanto faz a circunstância, pois meu sangue estúpido sempre corre para os olhos quando quero ver alguma coisa que está lá longe na minha frente.

Por mim tudo bem. Então aí estão os inconscientes calculados, Deus do céu, vistam essa roupa, é a roupa com que podemos disfarçar o legado histórico – digamos outra coisa dessa vez, digamos, sei lá, digamos o herdado, para dizermos alguma vez algo diferente, para sermos levados além do legado – então com que disfarçamos o herdado, que antes ainda jamais tínhamos visto, a roupa com a pompa, não quero dizer a roupa pomposa, embora também seja, aquela com a pompa falsa, porque sem criatividade, dos que veem o mundo, dos que veem mundos, mas que não querem ver o mundo, não se importam com ele, que depois dividem o mundo em onde podem construir e onde podem cravar campos de golfe no chão, pois é, de novo estou exagerando de um lado e exagerando do outro, mas como Rei ele tem que olhar o mundo todo, simplesmente, é assim que é. Como assim vocês não veem o que estava lá antes de demolirem as torres lá de vocês? Ele não pode mais ver, afinal se encontra dentro da torre. Mas falando sério! Vocês têm que olhar para esse arranha-céu, primeiro sair dele, depois olhar para ele, para cima, e então o verão, bem lá em cima, o lado maior é bem lá em cima, mas também vai vir até nós baixinhos, vai vir até nós aqui fora e nos esmagar! Ele vê, não vê, mas sabe que está aí, pois pertence a ele. Como assim só ele vê?, por que é cego?, não, não dá para ver mesmo, porque está dentro, e de lá não vê o topo e imagina ser ele mesmo o topo, sim, ele é top. E esse estabelecido, eu mesma nem posso acreditar que estou voltando com essa!, ele se mede diante de sua superioridade, que é aparente. Aqui termina uma sentença, cujo começo já foi começado muitas vezes, e algumas vezes até terminado de certo modo, mas mesmo assim permanece no escuro. Não posso acreditar que finalmente pereceu, não é nada parecida com as outras sentenças, ninguém a queria, pois durou tanto, a maioria de vocês já se foram, mesmo assim peço respeito por ela, ela só queria refletir e então dizer algo razoável. Nem todo mundo pode dizer isso de si mesmo. Não perturbem a paz dos mortos. Não será completada, a sentença. Também não há necessidade, o Rei muitas vezes abriu falência e talvez o faça de novo agora. Quem se importa? Pelo menos ele. E no entanto ele ganha de presente um país inteiro, e é um dos grandes, então por favor: não fiquem tristes! Deixemos a visão para os videntes agora. Cada um em seu lugar, marchar!

Eu, por exemplo, mas não consigo eleger, não posso, não em qualquer lugar que queira, e se pudesse não teria escolhido você, não teria pego você, teria preferido pegar uma esponja úmida com a qual pudesse esfregar o mundo, meu próprio pequeno horizonte não tenho que limpar, basta uma soprada, um último suspiro, para turvá-lo ainda mais, o que de modo algum era minha intenção. Só para escolher você ninguém teria que se levantar, eu pessoalmente teria levado qualquer um que não você, tenho certeza de que você não vai levar para o pessoal, mas você: jamais! Você saiu com essa mulher? Vou deixar isso em aberto. Então por favor, você como seu próprio chefe de relações públicas tem que saber: Onde estava quando saiu e com quem? Nem mesmo no leito de morte, no dela ou no dele, a mulher sairia com ele, é o que ela diz! Não diz: o melhor sexo que já fiz, mas você deixa no ar com quem. Fica pairando no ar e parado na questão, o objetivo é que ninguém possa arrancar dele o que ele sabe. Agora todos também sabemos, e no entanto não é verdade. Não riam, foi dito assim, trata-se aqui de um homem que faz negócios desonrosos, o que por sua vez eu não queria dizer e mesmo assim disse e ele também não, ele não diz coisas assim, não me venham com um juiz, ele já está aí. Não vamos precisar dele. Trata-se de um homem que enganou sua mulher, não essa, a atual, mas a primeira, no meio ainda teve mais uma, é um número absolutamente seguro, até três até eu sei contar. Calculem se não vale um prêmio por realizações extraordinárias durante toda uma vida. O Rei o concedeu a si mesmo. A pergunta é se poderemos lhe conceder nosso perdão quando nos tiver feito ir

pelos ares e só a fábrica de ar condicionado continuar aí e exatamente tantas pessoas quanto forem necessárias nela, ou não, já são algumas a menos? Esse livro, do qual você só conhece a capa, naturalmente não o leu, logo o teria fechado antes mesmo de terminar a primeira página. Sabia que não daria em nada, não ficou satisfeito. Poderia cair na prova. Satisfação garantida ou o dinheiro de volta. Seria possível fazer um negócio disso, de que tanta coisa não lhe agrade. Você pegou muito, mas essa supermodelo, justo essa você deixou, mas deixa em aberto, deixa escapar embora de todo modo já esteja aberto. Você pode escolher entre as mais belas que pode pegar como acompanhamento ou prato principal, dependendo de qual dessas, que nem têm que vestir uma blusa mas simplesmente jogá-la sobre os ombros, mostrar um dos ombros e depois o outro, dar de ombros para todos os outros, só porque podem, elas que se mostram quase nuas, só porque podem bancar, podem se mostrar em toda parte com suas pernas, são poucas as que pertencem a essas pernas, pelas quais qualquer um as reconhece, enfim essa aí com essas pernas, só essa uma, mas já pertence a ele, só a ele, foi ela que ele elegeu, ela mora na torre onde o sol não a torra e a chuva torrencial não a alcança, também não é tão grande, nem mesmo uma grande modelo. Já lembraram? Mas no total não foram mais que três peças de mulher, e no entanto ele faz tanto barulho, elas surgem sempre instáveis, é ele ou um outro que devem eleger?, mas de fato não há eleição, quer dizer, opção, eis as mulheres, pois pensando no curso seguinte de suas amargas vidas vejo em toda parte sangue, em toda parte onde os homens têm que viver surge também o sangue. Mas de modo algum isso deve estragar o elo cruel que une esses dois. Como as crianças haveriam de aguentar, como haveriam de tomar para si os danos desse insulto que recai sobre seus pais? Agora nem sei quantas crianças, só uma conta, e o dela diferente, o marido dela enfim, é diferente, e então os dois filhos e então o filho mais novo, é todo um bando, o Édipo não criou tantas pessoas quanto esse Rei. E também não conseguiu só com um único colo, trouxe mais três colos para somar, mas então estavam lá, as crianças, que trabalham todas na sua empresa, no hotel. Por isso não precisam caminhar esse amargo curso e sempre podem dormir em casa. E o conjunto dos cidadãos vão visitá-los, e que belas festas da firma! E o pai também tem algo de afirmativo, não só um aperto de mão firme e totalmente grátis.

Leve-me, dizem-lhe as mulheres, leve-me, ele ouve tudo, eu não ouço nada, ela não diz nada e aquela lá também não. Tantas mulheres, e só três peças dispostas e utilizáveis! É melhor que nada, três peças. Como o rei tem que ser bem equipado, para falar tanto barulho disso, e daí dá tudo errado. Afinal é só um talkshow. Em outra parte não vive o Rei. É como com Deus, sabemos onde vive, lá em cima na cobertura, ele é visto retratado em toda parte, ouve-se suas alegres conferências, de que já lhe tinha sido conferido novamente algo, que nem precisa pagar, já fazemos isso aqui, amigos, ouçam Deus com alegria, contribuam para não acabar no tribunal! Esse e aquele, Deus, quem quer que seja, vive em uma imagem que se pode trazer e fazer desaparecer novamente. Isso se completa no corpo sagrado do Rei, ele é trazido e levado embora de novo. E em algum momento, se seu corpo foi posto em exibição muitas vezes nesse tabernáculo de ouro reluzente, ninguém mais vai querer vê-lo, pois simplesmente está em toda parte. Tanto já está aí, que eu gostaria de jamais tê-lo conhecido, não o conheço também, mas está aí tem sua grande entrada, que não é diferente das pequenas entradas, a multidão de seguidores é impossível de ignorar, no entanto não precisam estar presentes, nenhum pode faltar quando ele aparece no seu aparelho, pois então eles têm que vê-lo, querendo ou não. Os que não estão aí também não se pode ver, claro. Nunca ouviram outra coisa, não podem ter ouvido nunca. Três mulheres. Vem pegar, me escolhe! Ele crê que dizem isso. Mas ao menos uma diz outra coisa. O mundo permanece mudo ao meu redor, mas eu, eu grito! Nem mesmo se grito sou ouvida, pois as legiões dos anjos se une em torno de Deus, não de nós. Não nasci na sombra de um palácio tosco, mas deixaria qualquer um me tirar do país.

Sempre esse teatro! Aplauso, aplauso, obrigada, Caco! Então é só pegar uma outra, por mim tudo bem, se prefere ela!, mas já deve ser como alguém que é como uma outra, só que você não vai achar muitas outras, nessa faixa de preço não temos muitas mais disponíveis, mas elas são repostas, se quiserem, as pobres não querem descanso antes da agonia da fome. E o país, o amado país? Como aguenta tudo isso? Tremendo de excitação ele sai da antecâmara onde aguardava, o amado país, não

consegue um olhar, já o tem, e não consegue mais se controlar; é olhado, e caso queiramos realmente ouvir a mais pobrezinha canção de tristeza, o que todos perderam, casas, ainda que pequenas, saúde, ainda que não muito boa, filhos, ainda que não particularmente bons, escola?, no que deviam ser bons então?, vida?, pois bem, que seja! Tremendo de excitação, já quase raiva, ele vem aí, de novo tarde demais, não, dessa vez perfeitamente pontual, os eleitores ainda contam, mas já sabem o que vão dizer se alguma vez na vida tiverem algo para contar. E, bom, e daí, agora o país vem aí, onde já é tarde demais!, corre para câmara conjugal, o país, é um dos maiores, onde o novo Rei já espera, ele, tomara, vai saber o que fazer, já fez tantas vezes. Com as pontas dos dedos das duas mãos ele tira fora o cabelo, que não é necessário, o país, que é necessário, e agora?, o Rei mal tem um que ainda seja digno desse nome, melhor, não o nomeamos absolutamente, mas o que ainda está aí todo mundo conhece de muitas piadas que, como todo mal, em algum momento se perderam, perderam a graça; seu nome mesmo assim seria chamado muitas vezes, ao cabelo nada ocorre, mas àquilo que está embaixo, tão parecido com o lenço islâmico e a razão. Aí vem o país agora, disparado, para a câmara do Rei, enfim não quero dizer que agora de fato dispara, embora pudesse, então dispara lá para dentro para o Rei, não se anuncia, avança, o povo é ele mesmo o porteiro e se deixa entrar a si mesmo na câmara do Rei, que não está lá, a quem ele, o país, esperava, e agora esse país lamenta da cama em que deve se deitar, a cama está feita, só precisa deitar, então, aí está, o país eleito, não, o contrário, o país elegeu, mas agora já sente muito, já sente muito de novo, escolheu errado, o errado, e o Rei entra gritando para corrigir tudo isso e pôr tudo em ordem; ele foi eleito, e mesmo assim torcem por ele, de resto não podem fazer mais do que já fizeram, eles o elegeram, e no entanto torcem por ele: É ele, sim, sem dúvida, é ele!, mas também não é ele novamente, então ele também não diz o que disse, é verdade que disse, o que induziu o homem a esse turbilhão de palavras?, ele não sabe quem conduziu sua língua, foi um outro eu, uma maldição deve matá-lo, agora fiquei sem resposta, qual outro eu falou de sua boca, não pode ter sido ele sozinho, teria dito algo totalmente diferente, meu Deus, ainda vai nos sacrificar a todos, agora já fez tanta coisa, e ainda traz mais, o Rei, para ele isso é um jogo, não tão fácil, não tão sério, é um jogo cujas regras ele mesmo não entende, ele não precisa delas, teria preferido gritar do que dizer algo, seria como luz na escuridão, parecido com uma luminária no criado mudo, é assim que devem imaginar, não, não precisam fazer nada.

Outro caminho que não para dentro ele não conhece, atrás dele muitos lhe prescrevem o que dizer, mas por mim também pode dizer por conta própria, e melhor, só que então é outra coisa do que o que lhe foi urgentemente aconselhado, muitas vezes são soluções simplesmente violentas, mas que não resolveriam nem mesmo um nó no cadarço; então o Rei adentra como alguém que ainda não estivesse ali, a cama estava vazia, talvez estivesse em outra, em outro país, quem sabe, talvez ainda tenha encontrado uma outra modelo, um outro modelo para modelar as mulheres, mesmo que não todas, afinal precisa ter opções de comparação para reconhecer que a mulher do Rei é incomparavelmente bela, mesmo assim as outras vacas estúpidas deviam se esforçar e emular esse exemplo, caso já não sejam exatamente modelos, assim se tem menos trabalho com elas. Então elas são forma, forma pura, mas qual?, também tem um conteúdo aí, mas não é visto, claro, não, claro não, enturvado, perturbado. Forma e conteúdo não mais disponíveis, com violência destrutiva alcançamos a unanimidade: É isso ou nada. Obrigada, não precisa ver em mim uma criatura sobrenatural, não, não-natural. Talvez antinatural? Naturalmente! A natureza bem que quer, mas ninguém mais quer. Uma criatura que semeia paz para colher violência?, não, o contrário. Esse senhor ali, o que tem para me dizer? Ele zomba de mim, zomba dizendo que me exibo como a salvadora de todos, todos mesmo, medonha mas misteriosa, e que eu nem devia ser posta em exibição.

Ele ri de mim, sim, aquele ali, mal consegue falar de tanto rir, fico contente de ter sido o motivo, e o que ele diz? Tem que dizer alguma coisa de que se possa rir, diz que eu me dou ares de salvadora misteriosa que deixa as pessoas doentes para no fim curá-las, o que eu contudo recusaria. Fora que as pessoas não têm que ser curadas, e se tiverem, então não por mim, mas até que é bem razoável o que diz o Rei, não? Agora que vocês repetem faz perfeito sentido para mim. Você, autora, para onde é que já está fugindo novamente? Você é um ser

humano ou não é? Não devia encher nosso saco, já lhe demos desconto suficiente pela sua vida, que também se encurta direitinho, que bom, nesse meio tempo ficou definitivamente mais curta, nós que fizemos isso, foi o que conseguiu pelo preço do seu sacrifício. Pode dizer que vítima sacrificial você é e qual quer trazer, só não vai trocar! Quer ser uma vítima inocente, naturalmente, jogada nas garras de um monstro ou algo desse tipo. E, não sou eu que digo isso agora, eu só escrevo, digo, proscrevo a mim mesma como responsável por me entregar à vingança dos homens, ou pelo contrário ao meu anseio por justiça. De todo modo a justiça é mesmo muito importante para mim. Isso pode ser confirmado aqui pela vítima, aliás por qualquer vítima. Não importa, até gosto de me exibir como vítima, particularmente!

Nosso tempo acabou, sim, naturalmente também o meu, não precisam se exaltar desnecessariamente, não estou contando, mas me incluo nessa conta. Existem nomes para tudo de mau que descrevi, falta algum? Sim, falta, mas vão entregar aqui sem custo adicional, e é nessa sequência que eu não havia pensado, infelizmente: queixa e confusão, morte e vergonha, talvez ainda me ocorram mais coisas para somar, então não vou ter que achar nome para todos os males, pois eles já têm nome, nenhum vai faltar, talvez me faça falta, mas não vai faltar. Faz tempo que pensamos direito, faz tempo que temos direito, de jogar de lado a palavra medo, agora ela está aí e também continuará aí. Ela se fixa em nós como os olhos de um amante em alguém, pois o amor é ainda menos seletivo do que nós escritores, que sempre olhamos fixamente para dentro da escuridão, porque para nós isso é mais interessante. Para isso o proprietário nos entregou a chave, mas ainda não avistamos nada. Não se vê nada, pode-se inventar tudo que se adequar aí, filhos maus matam o pai, por que fazem isso? Não tem motivo, mas será minuciosamente esclarecido. O olho do pai, que se plantou em você e no qual nos plantamos – isso ninguém entende, de novo –, antes brilhando, parece tanto com você, e isso agora é uma estupidez, não quero dizer por causa de dívidas mensais e culpas morais, é realmente estúpido mesmo quando alguém se torna pai de crianças que não veem e não questionam e não fazem ideia de nada, e justo ali onde outrora ele mesmo foi semeado. Para evitar a culpa e as dívidas que sempre resultam daí, pode-se ou não criar nenhum filho, que depois têm que pagar quando temos que ir para o asilo, ou cuidar para que o planeta desmorone o mais cedo possível sob o crescimento ininterrupto e tenha que pagar tudo, de modo que ninguém pague por isso, é sempre o mesmo, o pai não consegue só os alimentos que devem assegurar o futuro dos filhos, mas também a esperança, promessas para o futuro, mas o objetivo das dívidas, na verdade, é que toda esperança no futuro seja destruída e que as esperanças sejam roubadas de modo geral. Então o Édipo não é um belo símbolo? Criador inocente de promessas, aliás duas promessas, criadas com a própria mãe, para que pelo menos as coisas fiquem na família, que sempre lucra com isso, sim, a família sempre vence, pois são vários e ao mesmo tempo aniquilam a esperança no futuro, ah, enfim. É enganosa a impressão de que algo possa ser transformado, já acabou.

Agora talvez eu descreva o Rei, se bem que deve ser indescritivelmente rico, foi o que ouvi, pelo menos ele tem ouro como Midas e um monte de ouriginal no engradado, mas não tenho certeza; os bancos reclamam terrivelmente porque ele se apoiou neles ao invés de confiar algo a eles. É um pegador. É um ficador, e agora de fato fica aí, simplesmente. Finalmente. Ficou de pé cedo, pois o incesto, não, disso não posso acusá-lo, isso não, ele nunca cometeria incesto com uma mulher que tivesse mais de 35, o incesto está eliminado. Os opositores dentro da família ou os que vieram de ônibus – pois em sua família não podem entrar, ali todos têm que ser bonitos ou saiam fora, todos vêm, mas não convém que intervenham, e nada advém, eu também não, todos vêm até aqui, pois se até eu estou aqui de fato são todos, então ninguém mais me faz falta – enfim esses opositores todos se batem pelo Rei, rasgam suas calças de golfe, seu copinho de guardar escova-de-dentes de ouro, seu suporte para papel higiênico de ouro, há um embate por ele, pois todos gostariam tanto de ser abatidos do jeito dele, alguém como ele fica cada vez maior quanto mais batem, maior que nós, que somos criados, mesmo que só por nós mesmos e nossos semelhantes, sim, melhor ser abatido como Rei do que como mocinha de quinze anos pelos que pensam semelhante, todos equipados com ricos telefones, que hoje podem até filmar, pelos

que têm idade semelhante, que só batem para não serem abatidos eles mesmos e poderem envelhecer. Conclusão: eu recomendaria que vocês fossem abatidos e não eu, não, agora não podem mais clicar no vídeo, nem querem, também não precisam. Não querem o que todo mundo tem, depois de milhões já terem visto em rede nacional e guardado como tesouros valiosos, pois dão o play de novo e de novo, como uma lembrança de nada, de algo que não lhes aconteceu, enfim, não é verdade, é assim que é: O Rei só bate de volta, se defende, isso ele pode, qualquer um pode, até um menor de idade, até um de menor qualidade, até uma criança; o incesto então foi eliminado, mas a violência, a violência extrema sempre é possível e mais a destruição da diferença, não estou querendo dizer, como esse pensador cujo pensamento tenho bem diante de mim, mas nunca atrás de mim, pois não o entendo, não estou falando da destruição da maior diferença entre os membros da família, que são todos americanos ou cujo povo sempre tem a palavra, no momento eu a tenho, mas não sou povo nenhum: A destruição da diferença principal na família, trata-se disso, não só para mim, a destruição da diferença em relação à mãe, para dar nome à vaca, digo, aos bois, mas também não é isso que quero dizer, é muito extremista para mim. Mortos demais e um único indivíduo diante deles, alguém, um Rei, em quem tudo se extinguiu pelo assassinato e incesto, toda necessidade de mãe e filhos simplesmente se extinguiu, a luz dos olhos também se extinguiu simplesmente assim, bem, é, também não foi tão simples, mais ou menos tanto quanto alguma coisa também foi extinta por essa famosa e comovente morte na cruz, agora não me lembro o quê, tem que ter sido alguma coisa, senão por que alguém faria algo assim?, então por favor, uma pessoa sozinha não pode aguentar tudo isso, pecados, família, conhecemos ambos, não há que fazer tudo sozinho, está escrito ali na parede, está escrito aqui nesse livro, que o Rei não leu nem antes nem depois da sua cegueira e nem leria, não, em um outro que ele também não conhece. Então por meio desse crime, desse crime terrível, um único indivíduo eleva a si mesmo, se eterniza, é eternizado, se adensa, é adensado, infelizmente não por mim. Prefiro não dizer o que penso, antes o sangue ainda tem que se misturar melhor, para que a classe trabalhadora desapareça e volte a surgir em cada um de nós, como sol ou semente, como quiser, está aí, mas não deve ser vista: talvez seja melhor como semente?, da qual ainda pode sair algo, o sol continua sempre igual, nessa distância então, o sangue se mistura então, nem acabamos de pagar o novo multiprocessador que o processa, para que a mãe novamente, tudo do começo, engravide da classe trabalhadora e a faça nascer como algo diferente depois de labutar por anos, está esperando por isso há tanto tempo, enfim um descanso para poder parir. Ela espera milhares de reencarnações para poder se tornar outra coisa que não mãe uma vez na vida!, uma vez na vida um pouquinho de revolução por favor, mas a mãe já teve outro aborto e só nasceu um jornalista, que não sabe o que deve dizer, se bem que eu também não sei, não me perguntem!, estimo, no momento parece mais o contrário da classe trabalhadora, embora ela ainda seja tão útil para o Rei, para ele se tornar rei para começo de conversa. Mas isso poderia se transformar, e então nós mesmos desaparecer na classe trabalhadora ou naquilo que está debaixo dela, mas se já são a escória da terra, debaixo só tem, bem, só a terra, e já é a maioria, e vocês mesmos também estão incluídos. Seus parentes viajam por aí para que não possam encontrá-los em casa para pedir um empréstimo, para extorqui-los, para que não se possa deixá-los plantados esperando que se pague de volta como o próprio Édipo, por mim, mas trabalhar dá mais trabalho que escrever, e os velhos como eu não vão poder tomar parte, pois já chegaram à última estação da vida, como o Rei ainda não chegou, fora que para um Rei tanto faz. O Rei é reconhecido universalmente, só que não por todos.

O assassinato do pai já trouxe a maior realização, eu realizei o meu quando ainda era jovem, foi divertido, o que ainda haveria de poder perder agora? Meu celular? Estou cagando. Eu tenho um, mas não preciso de nenhum. Preciso da classe trabalhadora, mas só eu vejo assim, e por isso ela perdeu novamente. Não me reconheceu como sua mãe, mesmo assim se fodeu. Viveu entre nós e não venceu, ainda que tenha imaginado isso. A maioria venceu, ela ganhou, mas o quê? Acreditam que um Deus tenha participado diretamente desse assunto, ou foram os escritores que prescreveram isso ao jogar fora e começar sempre de novo de modo a nunca estar pronto? Tudo menos trabalhar! Sim, essa é minha sincera opinião.

Bem, algo vai sair daí! Eles não fogem mais, os trabalhadores, que sempre se preparam para procriar, para conseguir realizar algo, mas só criam a si mesmos, e agora estão aí simplesmente, e ainda por cima são tantos!, que é que se pode fazer. Foram criados muitos, demais, e o que vamos empreender agora com eles, isto é, o que vai empreender o empreendedor, da empresa de ar condicionado, com eles? Nem todo mundo pode desenvolver algo que sirva à humanidade, não precisamos de peste para mostrar isso, mas não seria ruim, aí poderíamos dividir as dívidas igualmente com os mortos. Precisamos de ar condicionado. De todo modo a peste teria cura, o ar condicionado simplesmente está aí e nos sopra, é o que chamo de progresso, outros também chamam assim, isso é mortal para uma inventora da escrita como eu, sempre tem que começar de novo do começo. Mas sei com certeza o seguinte: Alguém tem que governar, e esse alguém agora não somos nós, não somos ninguém, nem estamos de acordo. Tudo errado! Não somos Rei. Somos no máximo chefes de repartição, mas não somos ricos. Agora somos, somos reis em nossa própria casa, que no entanto logo vamos perder para o banco, somos aqueles que fogem e talvez tenham que deixar o país, tomara que incólumes, esperamos conhecer um outro, mesmo que em uma terra estrangeira, que nos receba pois aqui não podemos ficar. Aqui não temos mais casa nem o pé no chão. De todo modo aqui com vocês, de quem estou falando?, tanto faz, com vocês aqui não podemos ficar. Onde você está, Rei, não podemos estar, não temos lugar ao seu lado, você tem uma opção caso não tenha título de posse deste lugar e daquele lá onde se pode jogar golfe, ou desse cassino onde também se pode jogar. Nem mesmo como seus trabalhadores queridos podemos ficar aqui, você tem os seus próprios, Deus tenha piedade deles. Nenhum problema para ele. Deus diz: Você ainda tem que pôr sua cruz no lugar certo, já lhe mostrei como é que é isso, então já vou trazer. Estamos em outro lugar, onde não se tem escolha. Estivemos sempre em casa em toda parte, quer dizer: em parte alguma. Mas aqui, senhor Rei, você está em casa, encastelado, e aqui tem seu castelo de cartas, para você bastam os bastardos, frutos de cruzamentos consanguíneos, pois não nos misturamos com estranhos, no caso de querermos nos tornar Rei, não, para nós bastam os bancos. De resto não é verdade que os bancos sempre vencem. Os seus sim, mas aí primeiro teria que se informar, senhor Rei, pois não entende o jogo que lhe pertence. Não entende seus investimentos nem nossas investidas, pois sempre investimos errado de todo modo. Aqui não vai encontrar nada de desagradável, pois já teremos ido embora. Até aqui estávamos mais do que aí, agora simplesmente fomos embora.

Ei! Você deve é ter um complexo no que diz respeito a esse homem, a todo homem! Deixa ele em paz, deixa estar, fica em paz. Seu complexo tem que cair, pois chegou a hora da resolução. Devia resolver seu complexo o quanto antes, senão será infeliz, tão agourenta quanto sempre foi. Você não é nenhuma salvadora, não é nenhuma dessas que falam, mas uma dessas que escrevem, é mais silencioso, faz menos barulho, tanto melhor para você, não tem ninguém, ninguém mesmo, que te escute, que escute qualquer outra pessoa. Você e os seus semelhantes não são mais importantes, mesmo assim podem esperar a coisa ficar feia, mas não vai acontecer nada, têm que seguir a irmã que não vai guiá-los como um Rei cego, têm que segui-la mesmo que não queiram. Podem falar quanto quiserem, esse tempo da resolução vai dar cabo de vocês, o complexo tem que sair agora, já não era sem tempo, de onde veio, que fica grudado, tão teimoso, que gruda mais que as suas geleias? Não mordam a bola de demolição, não faria sentido, todo esse complexo, tem que ir embora o imenso complexo de cimento, com um único e silencioso golpe, não estava mais muito bem ancorado, tem que cair, como os dentes de leite caem quando os definitivos os empurram, agora estão aí. Estão aí. Os dentes ainda resistem, mas têm que ir embora. Tudo que nos perturba tem que ir embora. Aliás os dentes nem nos perturbam tanto, mas doem.

Não nos perturba, o que não nos perturba?, enfim, quero dizer: Nada nos perturba, mas perturbou tanta gente, não, não perturbou, nem nos notaram, mas queriam algo diferente. Não sabiam o que tinham, só sabiam que queriam algo diferente. Então, agora algo da minha rica experiência, que algum dia poderia contribuir para um princípio experimental que neste momento não me ocorre, bem que eu ia gostar de pôr as mãos nessa riqueza, aqui só tem dívidas, as dívidas do dever, que nunca acaba, como as dívidas não acabam nunca, faz tempo que isso é dito, e nesse meio tempo também

falo bastante sobre mim, até demais, eu sei, mas não conheço mais ninguém, senão pegaria essa pessoa, sabem o que eu anseio agora? Poder pagar minhas dívidas com o papai! Mas são tantas, e o papai era só um, mas nesse caso é verdade, não faço ideia do que tem aí, isso das dívidas é a única coisa que resta, é real, a dívida também é real, eu mesma vivi isso, pois eu mesma a fiz.

A mocinha que queria se considerar a amante preferida do pai, teve que vivenciar uma vez na vida uma surra pesada do pai, derrubou chá quente no criado mudo, que mais valia do que ela, a moça, também mais caro que o pai, senão ele não teria tido que bater, não é verdade, você, Rei, que agora recebeu um abatimento?, não, uma sobretaxa, verdade?, sim, e então a moça se vê lançada para fora de qualquer céu. Depois se fez importante por décadas, para que gostassem dela, mas sempre conseguiu só o contrário, ela se inflou, e agora nem uma surra pesada, agora não tem mais nada e não tem mais nada a dizer, sendo que o dizer era a única coisa sua que restava ou devia restar, teria gostado disso, a criança, quer dizer, sem dizer nada eu nem existiria, e agora sou jogada fora, proscrita também por mim mesma, de todo modo sempre proscrita por todos, agora também por mim mesma, uma ofensa indizível, mas o que posso fazer? Mas agora chega! Você está aí chamando por alguém que já está morto há muito tempo, mas se realmente viesse você ia agradecer! A princesa então é jogada fora, a ervilha é varrida para fora da cama, era só uma mesmo, já vou sumir com ela, um momentinho, por favor esperem. Foi-me dado de lambuja nunca falhar, e agora e agora e agora foi você que não falhou, embora isso naturalmente fosse destinado a mim. E agora você! Finalmente ganhou. Você é minha ofensa definitiva, senhor Rei, sim, senhora Rainha, você também, mas você não conta, você conta até três e foi, aí você se foi, para chegar no quatro e ficar de quarto, o contrário, chegar no quarto e ficar de quatro, não, isso você não faz não. Vocês dois dão cabo em gente como eu, já basta, estão acabando com eles, embora nem existam para vocês, vocês sabem que não gostam de vocês. Como deuses vocês mostram isso para mim que, enraivecida, o que mais posso fazer senão gritar e arranhar a mesa, os homens mostraram para mim como se faz isso, não pude fazer igual direito, me esforcei mas não pude imitá-los. Me aconselharam a me enforcar, envolta com fio trançado, mas não fiz isso, embora muitas vezes tenha sido incentivada; ficaram ao redor, os homens, os homens do Rei, cada um ele mesmo um reizinho, senão não estariam lá onde estão, mas sem sua culpa, culpa do rei é que não foi. Essa culpa os teria derrubado, e querem ficar eretos com seus copos e corretos diante de suas telas, então sentam-se, não é verdade, diante do display, que não mente para eles, a não ser que tenha números ali, não?, estavam perto, mas não me mostraram nada, sempre só a ausência da satisfação esperada, que eu talvez ainda poderia conseguir mesmo na velhice, ou se não, então a satisfação de ainda poder dizer alguma coisa também na velhice, como vidente cega, como deficiente com uma bengala, ela desce o pau nas pessoas, essa é sua recreação favorita, retaliar as pessoas, reclamar, repreender, reproduzir estupidamente os gestos dos cretinos, quem mais haveria de fazer uma coisa dessas?, por acaso o Rei?, mas com certeza não! Não importa, agora realmente tanto faz, digo isso com tanta frequência que simplesmente tem que se tornar verdade: eu não importo, e isso não importa.

A ausência da satisfação, a esperada, ai, isso vai continuar, ainda que não aqui, isso aqui não é uma série que interrompe quando o sinal cai; todo mundo pode esperar por satisfação, é só pegar uma caixa de sucrilhos para o café da manhã. O fracasso que isso gera então, pois não tem nada dentro, é muito desconfortável, nenhum fracassado imaginou isso, não é confortável porque o corpo simplesmente não quer mais e porque as palavras de todo modo são supérfluas, porque um outro flui bem melhor, o mar é uma porcaria contra ele, pelo menos é o que ele afirma, e o que o Rei diz é lei. Por favor, o que os alemães dizem também vale, fora que se trata do Deutsche Bank, o patrão dos alemães, que sempre tem padrões para dar e vender, mas então não se extingue, simplesmente possui demais para isso, também não valeria a pena, esse banco mente, sim, no sentido mais próprio, o seu, o discurso do Rei tem liquidez novamente, como muito que ficou na geladeira e agora desapareceu, e ele mesmo, o Rei, também é fluente, naturalmente, sempre com liquidez, sim, suas dívidas também, que se liquefazem a toda hora, lhe são perdoadas como créditos lhe são doados; ninguém dá mais pormenores sobre isso e

nem o menor amparo. Então, agora o Rei viu sua mulher, que se enforcou, por Deus, agora não!, melhor mais tarde!, não, ainda faz tanto tempo, só algumas linhas, e só foi dito e redito, poderiam ser páginas também, várias páginas, aqui comigo tem a mesma coisa em todas as páginas, e no entanto não é verdade, enfim: A ausência da esperada satisfação, de que ainda tenha alguém que me ouça, que ouça a nós poetas e dizentes, agora isso me espanta. Na verdade nos foi logo prometido. Mas só restaram uns poucos na sala novamente para, com um sentimento agridoce, assistir como essa satisfação novamente se ausenta, sempre se interrompe novamente, como o meu wi-fi quando quero ouvir rádio no meu tablet, embora os trabalhadores na Coreia tenham trabalhado tanto e tão barato para produzi-lo, sem contudo nem saber o que é que criaram, não entendem mais o próprio produto, não importa, também acontece comigo, e há cada vez menos trabalhadores, eles não contam, o produto logo vai se produzir a si mesmo, e então será nosso Deus, que surgiu por si e de si, um autoperpetuador, quero dizer um autoprodutor, e se contam algo, os trabalhadores, então contam errado. Deviam dar uma olhada como as coisas se desfecham, que algo não fecha e por isso algo não abre. Affe. Às vezes o desfecho é que tudo se desfaz em chamas, como os trabalhadores se desfazem de trabalhar. O aparelho é produzido por vários em passos bem pequenos, ninguém tem visão do todo, mas isso Marx já não viu ou só com muito esforço, e não, já que já estão perguntando: não se tem satisfação fazendo alguma coisa, só satisfaz receber essa coisa, sem fazer nada. Será que os desempregados sequer sabem disso? Sinto muito por essa ausência da satisfação diária, que afinal sempre leva à discórdia, mas vai continuar, vai ter consequências terríveis, mesmo que não para nós, o fracasso do fracassado, que agora vai entrar em cena cada vez mais, também foi esperado por muito tempo, pois agora não temos mais nada a dizer, já faz tempo que não, e não estamos acostumados com isso, ó gerações de mortais, ah! Têm que misturar algo mais forte na coisa, não basta misturar só o coito, não produz nada, a vida de vocês também não é nada, ou é?! O que diz o Rei? Diz que todos valem algo, o Rei só tem que refletir ainda quanto e onde e para quem. Não digam isso, vocês todos, agora não digam nada, isso pode ser usado contra vocês, não, já é algo, já é alguma coisa, sim, também achamos! Vocês não acham nem seus próprios pés no escuro, fora quando vestem meias na cama, aí tem algo de estranho que poderia perturbá-los! Ah, estamos tristes, então realmente não contamos nada?

UMA OUTRA, QUE EXCEPCIONALMENTE SANGRA DA BOCA: Nadinha? Será que realmente incomodamos vocês tanto assim? Não sabíamos! Ai! O que nós pobres temos que ouvir nos rasga o coração, o país doente, isso também, nos destrói como uma cortina diante de um templo, e o que começa aqui, o que se levanta aqui, não é nenhum castelo de cartas, ou as cartas não têm rosto nenhum nelas, já é um sofrimento novo que se soma ao velho. Não foi esperado, mas veio mesmo assim, o sofrimento, esse volume cruel. Ah, por favor, tem mesmo que ser assim? Sim, tem. Voltem para seu país ou é melhor se afastarem!, construam o muro, acabou a mamata, pode tirar esse véu agora mesmo!, senão eu mesma arranco! Aí seu irmão dá na minha cara porque não quis ser meu irmão. Cumpra com essa exigência ou se afaste! Seus pais agora serão transportados e deportados ou nem poderão entrar e ficarão presos num aeroporto! Lhes arrancamos a comida das mãos, porque vocês por tanto tempo arrancaram a nossa! De propósito esbarramos em vocês, acontece cada vez mais, a escada cai, não, alguém cai escada abaixo, ai, deve doer! Quem fez isso dessa vez? É bom esse maldito cair fora daqui agora e voltar para o próprio país! Afinal ele tem um. Qualidade européia! Tão bom quanto os produtos da Qualitá! Ele ainda teve sorte. Que mais? Mais nada, pois nada mais me ocorre.

Não temos nada para dizer, porque ninguém mais nos ouve, e é melhor assim, não temos mais nada a dizer, porque só nós, só nós ainda ouvimos uns aos outros no livro das faces, no livro ilustrado, não, lá não se fala e tomara que também não se escreva muito, não podemos ler mais, temos dificuldades com a leitura. Não escrevam tanto!, senão minha própria escrita, destacada mas nunca adequada, vai ser supérflua, sendo que me esforço tanto! Sim, nesse livro, uma vez que estamos todos dentro, todos fora eu, pois já perdi faz tempo a minha face; mas os outros acabam de perder, quanto mais faces ganharam, menos vale a face deles próprios, que trai seu modo de pensar e sua habilidade, mesmo quando só se olha rapidinho, ela desaparece entre

incontáveis outras mesmo que nem todas curtam você. Todas mentem, só curtem você para você também as curtir, mais nada, alegre-se: Os outros finalmente também perderam! Foram todos inseridos no buraco da sua face, até que estivesse cheio e gemendo numa marinada agridoce, nunca sabemos se seremos elogiados, mas esperamos que sim, todos se sentem vencedores pois conquistaram tanto, pelo menos sentem-se vencedores, pois ao menos estão em algum lugar, mesmo que só na foto no livro dos inspetores de entranhas, sim, seria lindo, mas não se pode olhar dentro das pessoas, por mais que se quisesse! Podem continuar com seus berros horríveis o quanto quiserem, podem soltar a corda, sim, essa em torno do pescoço do povo, algo está enfiado assim, sim, algo se enfiou na mulher!, é uma agulha? Como assim uma agulha, é extremamente improvável que alguém tenha enfiado uma agulha na roupa, a não ser que tenha um broche nela, possivelmente um feito a mão pela filha, algo valioso!, mas ainda queria relatar como apanhei do pai, por favor, é bem verdade que também bati nele, mas não vamos falar disso, outros também apanharam, muito pior, mas para mim só conta o que aconteceu comigo.

E uma vez que todos pensam assim, estão vendo, porque todos pensam assim têm agora o Rei que merecem, apanham dele todo dia e eles gostam, porque mereceram, mereceram uma manutenção agora que não conseguem mais mantimentos. Agora só conseguem se inquietar. Tênis ou golfe, tanto faz, ele bate, sua marca está mais quente que nunca, ele constrói torres, já tem uma, outras devem se seguir, ele não entoa ditados, apenas faz, bate, como bateu em mim, que também era uma rainha, bem, digamos uma princesa, na expectativa de uma vida que então não veio. O que diz o homem? Pois ninguém mais diz nada. Só o homem fala, ele tem a palavra, ele é a palavra, é o início e o fim, o alfa e o ômega, o primeiro e o último, agora inverti isso, mas para mim pessoalmente sempre vem primeiro o começo, como entoadora de discursos, bem, você bem que gostaria!, antes cuspidora de discursos. Mesmo assim alguma coisa deve haver com ele, é só perguntar a ele o que quer dizer, ele quer dizer: Vejam, logo virei e comigo meu salário, para dar a cada um conforme seu trabalho, e gostamos de dar aos trabalhadores, especialmente, pois são os primeiros fiéis ao nosso lado, mesmo depois sempre ficando por último. Agora serão os primeiros. Mas ainda não sei o que vamos lhes dar, pois restará nada para eles quando tivermos recebido as mais altas honrarias e estivermos no comando do Estado. E de fato porque nada restará para nós. Eles só acreditam que sofrem males, mas não sabem o que significa sofrer. Não sabem o que é isso que escorre pelas suas faces. Não podem pisar em nossa casa, já acabaram as reservas e não tem mais lugar livre, logo não precisamos mais ler livros.

Quem me ama que me siga ou não, como quiser, não haverá recompensa, mas também nenhuma censura. Agora será feita uma leitura do programa econômico, mas o computador não entende, não consegue computar. O Rei diz: Eu só distribuo, não dou. A novidade talvez seja: Bem-aventurados os que guardam meus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas e construir na cidade suas casas, de todo modo aquelas que ainda não construí, e não são tantas mais. De todo modo. Vamos esperar simplesmente, até que a serpente nos morda o calcanhar. Acho que sua mulher, a mulher do rei, se apresentou de modo mais inteligente, por isso também serpenteou, com seu penteado, mais rápido na fila, mais rápido que nós, amantezinhas, que ficamos paradas, que não puderam mais se desenvolver, eu no entanto não devia sempre falar por todas as mulheres, muito menos em relação ao papai, não está certo; mas a mulher, ela é diferente, diferente de mim de todo modo, é realmente linda, gastou muito dinheiro com isso, para ser tão linda assim, causou muito recalque, muitas vezes teve que vencer o próprio recalque, para dar essa recauchutada geral, e agora?, e agora?, ela não tem idade, eu infelizmente sim, sou velha, estou fora de questão e também não sei a resposta, pois também não ouvi a questão, a velhice soma a surdez à cegueira, mas também por todos os outros motivos, ali onde ninguém mais quis morar, mesmo estando à disposição, grátis. Fora de questão. Agora parar de construir? Agora que já construí uma relação de confiança com tanta gente? Jamais!

Ele mesmo, sobre quem está falando? Se é de vocês que quero falar, devia dizer vocês, mas não faz sentido, vocês nunca me ouviriam, e os outros fazem como vocês, em toda parte, acabamos de falar, ainda não tínhamos falado o suficiente, mas

tiraram a palavra da nossa boca, primeiro foi invertida, se ainda desse para engolir algo disso, e então simplesmente cortada. Fomos emudecidos, quanto mais discursamos mais mudos ficamos, não encontramos repercussão, não temos encontro nenhum, contra nós nenhuma oposição, nada mais. Já confirmamos a leitura para a semana que vem, vai ser do seu maravilhoso programa econômico, que porém você não precisa, vamos levar, muito obrigado, mas não recebemos. A única coisa boa é que agora vamos refletir sobre o que aconteceu, o pensamento vai arrastar a ação atrás de si, e então vai encontrar a ação que não precisa mais de reflexão. Será que agora nós pobres teremos algum descanso após a tortura, para poder ler tudo isso e então poder voltar a tomar o governo? Não. Nada aí, e se tiver então não está conosco. Nenhum descanso. Agora sem se deixar fazer de bobo pela própria derrota! Não ceder à tentação de responder à quebra de tabus com luxúria? Não, as quebras de tabus são cometidas com luxúria, de todo modo não podemos nos dar ao luxo.

Seguindo esse caminho, quão longe e onde na terra dá para chegar? O GPS antes mostrou errado, por isso estamos perguntando. Vocês aí, venham para cá e não se escondam, tem um sulco aí, podem se semear para dentro, e fechar! Afinal você é o Rei, pois muitos são como você e aguentam na fila de espera, pendentes, como que pendendo numa corda, não, não nessa, nessa já está pendurada a Rainha, enforcada. Você também poderia querer se tornar Rei, veja como então vai poder se livrar de sua mulher, pergunte-me como! A justiça de que ninguém poderá ser Rei o impede. Muitos devem explicações, e mais ainda nos devem algo. Perdoai nossas dívidas, como também perdoamos? Fora de questão! Dívida de sangue é outra coisa totalmente diferente, e nem todo mundo vai se deixar sangrar, exceto se for necessário e o médico estiver pronto com seu machado. Vocês disseram dívida de sangue? O direito do parceiro de exigir sexo do outro, e isso de ambos os lados!, naquela ocasião até a mulher concedeu que qualquer um podia exigir sexo do outro e vice versa. A isso se chamou quitar as dívidas, e isso quer dizer cumprir com o dever, adverte o Deutsche Bank, o mais fiel dos fiéis, o único que ainda se fode, que sempre espera a quitação e então fode ele mesmo o que encontrar, sempre outra pessoa, muitos outros, para que o indivíduo não perceba tão rápido. Com o Rei ele não ousa fazer isso. O único que ainda emprestou alguma coisa, mesmo que para um Rei, e ainda confia no sistema de crédito. Esses créditos sangram de muitos ferimentos, que em algum momento serão vencidos, o sangue será estancado, as pessoas também estancarão e calarão; tantos ferimentos, vejam, é como uma mulher que tem vários buracos dos quais também sangra bem, sim, nesse ponto não difere, infelizmente, fora isso do sangue não difere de mim, e sim nos outros pontos, buracos, me pergunto como chegaram aí, os buracos? Que tiros de que armas os fizeram? Que armas, que uns empunharam mas os outros não? Ah, já vi, os buracos, não todos, mas muitos, vêm da agulha dessa bússola aí, é uma peça adicional, totalmente nova, mas aponta na direção errada. Não a que vocês acham, enfim, não essa agulha tão fina, os buracos vem desse alfinete relativamente pequeno, que alfinetado aí mal dá para ver, e, já que estão perguntando: O Rei não virá agora, virá de novo amanhã, mas agora não, agora tem outra coisa para fazer, vai falar na tv, como poderia estar aqui então?, ele tira esse alfinete da sua mulher, como assim, se estava na tv?, ah é, é uma gravação, pega o alfinete da roupa da sua mulher, pois a pulseira da sua filha não é uma arma adequada, só é cara, não serve para mais nada, o Rei pega, não pode ser verdade que faça isso!, mas já muitas vezes pensamos isso dele, e ele não enfia nos próprios olhos, não é doido de fazer algo assim, ah, então o que faz com o maldito alfinete, não pode ser verdade!, estou vendo que ele faz isso sim, o que planejou, eu não teria pensado, teria achado que ele ainda ia querer ver e contemplar por mais tempo os seus recém-construídos, não, ele pensa, governar, isso devem fazer outros, construir, isso devem fazer mais outros, eles não o farão, e ele não grita algo como: Nunca mais deverão eles, quer dizer os olhos, ver o mal que sofri, nem isso que ele faz – o Deutsche Bank começa sempre a chorar amargamente nesse ponto, pois só ouve esse Nunca Mais, mais nada ouve do Rei, cujos olhos estão escancarados como se com eles pudesse ver algo que ninguém mais vê. Mas é isso que ele está querendo evitar com o alfinete, afinal ele não é totalmente estúpido, né?, se você quer furar os próprios olhos deve antes fechá-los, para não ver o alfinete se aproximando. Se quer furar os outros também deve fazer isso, aí não vê como são

pequenos, não vale a pena. O que é que eu queria dizer? Enfim o que ele não gosta, o Rei, é dos dificultadores, ele gosta dos facilitadores, ele cujos olhos só vão ver a escuridão que ele mesmo é, ele grita algo indizível, porque simplesmente não pode dizer, por isso tem que gritar, será que ele quer expulsar a si mesmo deste país? Pelo contrário, quer enfim trazer a escuridão aos seus olhos e se manter de maneira geral na escuridão pela qual anseia. Então terá seu descanso, enfim.

Ok. Ele pode ficar aqui sem olhos, mas poderia ficar aqui de qualquer jeito, e se vai embora deve levar consigo os olhos cegos, suas construções ficam aí, são imóveis, irremovíveis, quando não se quer mais tê-las só se pode mandá-las pelos ares. Não, o Rei não vai embora, por favor, diz ele, mais escuridão ainda para mim, e então sozinho, totalmente sozinho, entrarei na luz, e serei visto ainda mais, pois terei me livrado dos outros todos, sem o peso morto deles vou poder emergir mais rápido, mergulhar como um peixe no enxame de incontáveis moscas. Agora está claro para ele que nem poderia ter olhado, nem poderia ter buscado, o que olhou e buscou, os embustes caem, ele canta sua miséria, que estúpido ele ter ganho, ele queria não ter ganho, agora o que poderia apresentar, mas agora vai apresentar mesmo assim, e cantando assim seus males ele golpeia, digo porque vocês tinham perguntado, ele golpeia muitas vezes com o alfinete, não só uma vez, mas uma vez já teria bastado, o alfinete, a joia da mulher, não é mesmo, que com esse alfinete se arrumava, ele mesmo lhe deu de presente essa joia, a filha que fez o design?, não, a filha não desenhou, esse não, enfim, golpeia os próprios olhos com o alfinete. Os sangrentos buracos molham também as faces, não mandam só gotas de sangue corrente, não, é uma torrente negra e sanguinolenta que jorra. Eu bem que gostaria de ter escrito isso! Mas nenhum Deus pode me ajudar nisso, que eu possa ser tão boa ou pelo menos quase tão boa. Me conduz no máximo até as pregas divinas, não, às pragas divinas. Até eu perder a paciência e ir buscar outro Deus, graças a Deus!

Então o Rei, agora que parou para respirar depois da longa luta, no salão dourado, onde comungou e comeu com seus subdeuses, considerou o quanto vai ter que trabalhar agora, tão mais do que antes, ele bebe de sua taça dourada, senta em seu banquinho dourado, se espelha nas suas colunas douradas, escova seus implantes dentários no seu copo dourado, não, isso não. O que está diante dele é terrível, lhe darão néctar de presente, mas ele não vai gostar, lhe darão vinho puro de presente, mas também não vai gostar, não como o bom leite da boa mulher ou o que quer que seja, ele vai ter que encontrar palavras exatas e excitantes, que antes varreu para debaixo do tapete, agora vão tirá-las de lá novamente, oh Deus!, tudo isso é cabuloso, o que jaz atrás dele, isso não, foi antes fabuloso, é assim com os deuses, como as fábulas sempre dizem, e no mundo das fábulas e lendas o Rei também vai entrar agora. Nada faz sentido, mas é tudo verdade, comprem agora, mais tarde talvez não terão mais, e se não querem ser o que quer que seja, então comprem pelo menos um apartamento nessa torre, também isso vocês não poderão!

Não conseguimos mais controlar a verdade e a mentira, quero dizer a venda de mercadorias, Deus sabe que é verdade, e não consigo mais me controlar de tanta raiva, também, por infelizmente não poder cantar, só cansar, irritar, incomodar, e não consigo mais estimular os lamentos, também, não consigo estimular nada nem ninguém, eis a triste verdade que chega certeira a todos nós. O que dizemos é como não dito. Que fazer agora? O que começar? E nisso de novo namoramos a ideia de jamais ter começado nada. Devíamos ter dito isso antes e de outro modo e para outros ouvidos, quando ainda havia tempo. O Rei vê tudo e entra em contato com os chineses e então com os outros chineses, os de terra firme, quer ter algo a ver com eles, o que mais uma vez não agrada aos outros chineses. Começa bem, mas ainda nem começou. Ele fica contente porque não vê seu novo povo, está longe de qualquer visão do povo, só vê o povo que o aclama; tanto quanto o povo poderia ser aqui não é; ai, mas pelo menos visto de cima é uma boa multidão, cujas visões ele quer marcar, mas na verdade não quer, também daria trabalho, ele faz tudo isso, não faz isso, nunca fez isso, como, como assim, com que motivo haveria de ter feito isso?, todos já estão marcados!, e então ele furou os olhos, totalmente, sim, ambos, mais ele não tinha, senão também teria furado, que foi o que ele fez, está claro? Tanta coisa lhe saltou aos olhos que agora ele não vê mais nada, que furada!, ele pode dispensar totalmente os olhos. Furou com todos os outros, o que ainda lhe restou? Todos os outros

agora estão à sua disposição, mas ele não os quer, não pensou que um dia precisaria deles, então os atirou fora antes que os pudesse querer. Agora bem que precisava deles, todos os velhos pecadores do seu gênero, que o ajudaram decisivamente, entre eles alguns que discursam com muitas palavras mas não conseguem dizer nada, pois alguém cortou um bife de suas línguas, de modo que agora são bífidas, quem quer que tenha sido deveria antes ter se atido aos olhos, que não são necessários para fazer discursos. Eis todas elas, as construções, que evitam água e fogo, ambos tem custos substanciais, sem falar de ficar de fogo por causa da aguardente. Isso o Rei não quer, e também não quer que se dirijam a ele, ele mesmo dirige a fala numa palestra, diz o que antes um Deus ficou sabendo, só diz o que sabe. Agora vou enumerar as tropas majestosas, não, quis dizer a majestade, não, ela não preciso enumerar particularmente. Sobra para o Rei, que tem tudo, mas a quem nada pertence, quando o assunto é imposto, não, declaração de imposto, ainda não, não raspar a cabeça, não, deixar crescer uma barba, não, também não sobra para ele reconciliar quaisquer povos que nunca puderam se suportar, o que é que pode fazer contra isso?. Contra os chineses não pode fazer nada, então faz algo para eles, simplesmente sobra para ele, ele tem sempre que bancar a decisão de furar os olhos para não poder mais ser cegado assim por si mesmo, de modo que não vê mais o que ele mesmo de fato nem quer ver, mas antes prescrever ao povo, isto é, moderação. Ele quer ser um exemplo, mas só se não der trabalho. O povo por favor não deve jamais imitá-lo em uma ação tão horrenda, pois então quem ainda seria trabalhador, um tipo de gente em cujo lado ficamos inabaláveis, o Rei de todo modo não, embora chame homens honrados de seu país em todos os lados, aí estamos então, até que queiramos experimentar uma outra marca; quem fará todo o trabalho quando ninguém mais vir nada e até o trabalhador não puder ver nem ter nada do próprio trabalho, não tem nada disso, quem é que vai fazer alguma coisa?

O Rei mostra ao povo o que ele deve ver, isto é, ele, o Rei, e mais ninguém, eu propositalmente não digo: nada. Ele mesmo não precisa vê-los, ele é, ele sabe, ele sabe quem ele é, e além dele ninguém mais é. E ele sempre se lembrará de si quando não puder mais se ver. Agora pela primeira vez se festejarão as festas, como falham os fortes, os bastiões, as mulheres são as primeiras a falhar, já estão caídas, deitadas, que confortável, seus buracos já foram pré-furados, só precisam ser aprofundados! Para elas como para ele isso é bem prático. Como ele não há ninguém, então o que é que ele ainda deveria querer ver?

Também nenhuma míngua vai dominar a massa mais, nunca mais, sempre haverá muitos querendo se juntar aí, podemos garantir. Nada de míngua então, aliás ninguém mais vai dominar, fora um, o mais saudável de todos, sim, agora quem domina por direito é ele, o Rei, melhor ele que um outro. A mulher não deve dominar, não foi feita para isso, entre as mulheres não sobra uma única chefe, no máximo uma que seja modelo para as outras, que se possa engarrafar e verter; sobra tudo para os chefes, pois a mulher é a mancha que nos míngua a todos. Agora serão enumerados os homens inteiros, inteligentes, que armados foram mais longes, faz sentido, todos eles não se queixam mais, agora quebram o pau, posso ver isso em mim. Estou entre os exércitos, sim, bem no meio, um lugar idiota, entre os muros e as multidões armadas até os dentes, e o que faço com eles agora, quando começam a se mover na minha direção? E todos ao mesmo tempo? Ser movida eu mesma? O que faço com os troianos domadores de cavalos, brincando alegres nos computadores e fazendo disparates, o que faço com os gregos suntuosos e fortes, que sem nossos suportes sequer conseguiriam ficar de pé e que só conseguem ficar devendo, e mais nada? O que faço com essa mulher que fala contra mim, que afirma algo que não pode estar certo?, antes estaria certo o que Hera ou Palas Atena ou como é que chamam todas, as mulheres, estaria antes certo o que contam ao exército para que ele vá apanhar do opositor ao invés de conversar amigavelmente com ele. De todo modo também não está certo o que falo sobre elas. Também se pode pressioná-las, apertá-las, se se desejar assim, desejar por causa do aperto, da falta de calor, caso sejam calorosamente desejadas, sim, as mulheres as mulheres as mulheres, como posso dizer, a mulher também pode ser geladamente desejada, colocada na geladeira, uma delas, não digo qual, ela é o desejo, que eu também nutro, de uma vez na vida ser uma mulher de verdade, não uma que será eleita rainha, mas uma de verdade, que jamais desejaria algo

assim, ela já tem o bastante só consigo e filhos, infelizmente isso prende, não tenho filhos, ela já tem o bastante para fazer só consigo mesma, como o Rei também, senão acaba sua felicidade ou isso que tomou por felicidade. Agora a mulher sabe que a felicidade de outrora era de fato felicidade, e agora? Só queixa e confusão, morte e vergonha, mas não queremos ir tão longe, não queremos levar isso tão longe, para que tanto esforço se ela já está sempre por perto, a mulher, a deusa, enfim factualmente toda mulher, não precisam se virar, não foi por nós que as descartadas, não, não descartar, salvar!, que as eleitas fizeram isso. Uma delas já vai se fazer eleger. Então ela com certeza nunca se afasta muito do observador, do criador-observador, que olha pelo visor e revisa o foco, ela sempre está aí e leva o filho para a escola, isso que não é prático nessa invenção, você pode ou manter ou rejeitar, digo, descartar algo. Há um nome para todos os males, mas o que o governante falou sobre as mulheres, isso varremos para debaixo do tapete, depois elas podem sugar com o aspirador, quando se ajoelharem diante de mim, isso simplesmente varremos como uma palavra a que não atentamos, uma outra é mais importante, que é indicada e foi indicada. Não posso aqui recontar tudo o que não conta, nem em cinquenta anos terminaria, e de todo modo não tenho mais tanto tempo. Ninguém falta, mas o nome da mulher agora falta sim, não me faz falta, mas falta, pois ela se tornou nada, e também não consegui que ela se tornasse algo. Como, e como o quê, ela deve entrar em cena aqui? Eu sugeriria: como avó e dona de cachorro. Não vamos falar nisso. Ela sumiu, e também poderia nunca ser apresentada, ela é única, o médico jogou fora o molde de gesso que devia guardar sua forma, mas escorreu de comoção, agora a mulher está tão sozinha!, talvez também seja o material errado, de todo modo para essa tarefa, e teve que ser abandonado, quem sabe, quem?, o Rei?, ele também não consegue mais consertar isso, ele não consegue juntar as duas partes em um corpo único razoável. Aí estão duas metades, agora não estou falando da dália negra, qualquer um que já tenha visto uma mulher uma vez na vida poderia arrumar direito essas partes. Essa vai em cima, a outra embaixo. Não lhe serviu de nada ser calorosa, pois nem foi calorosa de fato, não foi necessário, ela era fria, mas se tivesse que ser fria então por acaso seria bem quente com toda certeza. Ela sempre devia ser como desejavam, pensa o Rei que não vê mas acha bom mesmo assim, ele acha muita coisa boa, mas acha poucas que aceitam ir com ele. Podemos esquecer a mulher, o Rei também não a conhece mais. Temos que esquecê-la. Novamente só os parentes gostam realmente do Rei, os outros o respeitam, mas o elegem, e os que o elegem o respeitam. Não, isso tudo não é verdade, tudo que diz respeito à mulher não está certo assim. Essa mulher pode ser trocada a qualquer momento, bem, não nos próximos quatro anos, eu pessoalmente acredito que quatro anos não vão durar quatro anos. E a idade vai riscar as pessoas. Quem é que vai manter os rebanhos unidos atrás de si? Isso eles não conseguem imaginar, os governantes.

Nem respingou, nem sempre a água faz isso, nesse meio tempo precisa se recolher novamente e alisar sua superfície com ainda mais superficialidade, ela respinga e se vai, toda a superfície vai embora, os caros cortes que puxam os olhos para cima, a maquiagem para cobrir isso, as injeções que devem manter tudo no lugar. O que é que lhe acontece aí?, agora estou falando da outra, da mulher certa, que não quer nada além do Rei. Um quer isso, outro aquilo, aquele quer tudo, ele também compra a carência, se for a certa, a carência de ideias, que é problema meu, não de vocês, vocês podem deixar a sala a qualquer momento, eu não posso, e normalmente, quando nenhuma ideia melhor nos ocorre, a gente então corre para outro país e invade, mas isso também não ocorre ao Rei, bem, tomara!, só lhe ocorrem outras, novas casas, nas quais e com as quais se possa extorquir as pessoas. Não água, que de todo modo já está aí. O que se pode fazer? Saltar do penhasco e saudar os eleitos num lugar escolhido, antes que as mídias associais, que não dizem o que querem mas só quem ou o que não querem, aventem o assunto? Como seria? Melhor outra coisa! Mas não tem nenhuma. Então sopro esse bafômetro. Não chega a ser um vento. Que fazer? Quem ainda quer, quem ainda não tem? Ninguém, dessa gente aí ninguém, todos já têm. Da cabeça saem os chifres, de fato por quê, alto lá, os touros já vão voltar dos mercados numa tendência altista, exércitos de gente que nadam pela espuma de sua própria raiva, porque rio abaixo já vai o urso com sua tendência baixista, a ursa está à solta, tentem atraí-los para que eles ainda possam ganhar,

os touros! Vocês vão atrás deles cutucando e chutando. Cobertura total!

Em rebanhos, como gado bovino, afluem para ele os homens que querem enfim ser alguém. Depois de seus atos violentos desapareceram sem deixar vestígios, agora estão aí novamente. Em todo caso nesse meio tempo deram a volta ao mundo. Tentou-se agarrar suas mãos, implorou-se a eles por um pouco mais de mais salário ou um pouco mais de morte, dependendo do que tivesse. Mas não tinham nada para compartilhar. Foram mandados ao campo, outros os mandaram para o campo, para o pasto do gado da morte. Eles vêm de lugares, de vários lugares que eles mesmos visitaram, de lugares de onde a cidade se possível não deveria ser mais visível, o criadouro do mal, o lixo deveria ser o destino desses lugares. Quê, era para isso ser uma cidade? Mas agora não dá para acreditar! As pessoas não gostam de morrer no trânsito, preferem morrer na guerra. Vamos deixa-los ir, pois esse é o maior favor que temos, dizem os senhores com as estrelas, não as estrelas no céu, mas nos ombros. Vamos mandar embora ou deixar aqui?, quê, as estrelas?, não, elas não, dizem. Ou vamos abrir depressa uma cadeia de restaurantes, ou vamos fechá-la novamente. Ou vamos comê-la, aqui por favor, um prato? A bela joia! Os belos vestidos, sapatos, pulseiras, toda a coleção! Sumiu! Simplesmente se foi. Tratada tão injustamente. Essa corrente não existe mais nessa cadeia, por favor, vão comprar em outro lugar por favor, onde tenha tudo! Comprem éter, não, comprem no éter! Uma pessoa tão boa, a filha, tratada tão mal, tão injustamente! Agora por favor comprar, acima de tudo. Tão terrível. Tratada tão injustamente. Tudo injusto, por favor agora vão comprar em outro lugar. Sejam justos e comprem em outro lugar, mas a mesma coisa! Comprem em outro lugar, de todo modo comprem, mas não precisa ser justo.

Então esses homens estavam fora do país, como nós, não como eu, os militares estão sempre fora do país, aqui tem pouco a fazer. Aqui os homens aprendem como ir para fora do país e se comportar lá. Fora do país, onde não estive muitas vezes, os homens conhecem lá, era sua tarefa fazer coisas sinistras, terríveis, e depois informar. Conhecem o estrangeiro, lá os mais poderosos cidadãos se jogaram na areia diante dos seus pés e aí jogaram a toalha. Valeu o afinco? Valeu para depois poder reger e reagir? Os homens, atingidos, mas não mortos, agora se contêm. O momento exige. Fazem o que é desejado. Conhecem a cadeia de comando e esperam estar lá para trazer a paz, paz eles gritam, não somos pombas, somos falcões, quero dizer, não gritem isso, não somos surdos, pombas! Sim, também essa cadeia de hamburguerias eles conhecem, eles têm uma, fazem uma cadeia, uma corrente, os burgueses agora fazem uma corrente pela paz, não importa, também já fizemos isso antes, e de que adiantou?, nada. O reconheceremos pelas suas estrelas, Senhor General. Quem tem três ou quatro estrelas no ombro dá mais comandos do que recebe. Claro. Têm ideia como se chama isso, quando você vai tão longe? Não faço ideia, nunca fui a lugar algum, trilho quieta meu caminho, estou a caminho, não sou nenhum general, não vou lá para fora, como já muitas vezes confessado e confirmado, mas na minha ira ataco quem quer me reprimir, e ele logo contra-ataca! Deve pagar na mesma moeda, já vacila e cai, peguei ele quando abri a porta sem olhar, para isso não preciso de nenhum general. O homem do meio agora cai fora do nosso meio, e tanto faz para onde cai, eu acabo com todos, mas antes ainda tenho que pegá-los. Não vamos precisar de generais, agora estão aí, não se pode fazer nada, mas recebê-los na minha casa, isso eu não farei. Os cidadãos não vão mais construir casas, vão construir uma relação de confiança com os generais, que não querem que se dirijam a eles, de todo modo não por uns cidadãos quaisquer que não os conhecem. Generais são importantes. Eles matam, mas não profanam os leitos dos mortos. Então agora conseguimos, agora todos correm, não, os generais naturalmente não, assinaram um contrato dizendo que jamais vão sair correndo, assim como infelizmente o Rei responde pessoalmente por centenas de milhões, os generais nunca se responsabilizam pessoalmente. De modo geral é uma bela vida, não acham?, não poder ser responsabilizado nem responder ao processo na prisão. Se, como refugiado, você jamais pode voltar a ver os seus e nem pisar a terra pátria, que os generais arruinaram, só sobraram ruínas lá, então preferimos ir para outro lugar, não é verdade, e nada, nada, nada serviria de nada, nem nos serviria matar aquele que nos criou e educou. Caso ainda seja apreensível. Os generais conseguiriam, não, não conseguiriam, destruiriam tudo, sempre tudo, inclusive aquilo que não conseguem. Mas

disso nós mesmos gostaríamos de cuidar. Mas agora não. Talvez amanhã, agora não. Sabem como é quando algo se quebra, tanto faz o quê, e agora não fazem mais isso, os generais. Deixam estar. Sabem onde pisam, onde quer que seja. Em toda parte. Têm sempre a palavra certa e a ação certa. Sempre estiveram em outro lugar, do nosso ponto de vista, sabemos por quê, sempre estiveram lá onde algo estava se passando. E no que não passava passaram um corretivo, até passaram por cima de muros, passaram a receita da solução e então souberam como era. Preferem se afastar dos mortais ainda vivos do que morrer eles mesmos. E por favor na hora certa, antes que lhes acometa algum mal que eles mesmos trouxeram, mas agora não querem mais levar para casa, não querem ter guerra em casa. Cadeia de comando lá, cadeia de comando aqui, onde porém não aceitamos comandos, só damos, nós mandamos, temos tudo, não damos nada além de comandos, e lá, o que é que tem lá onde mandamos? Lá não cresce mais a grama. Também é importante não ficar andando por aí como simples vadio que quer ver um pouco de verde. Há que andar por aí como general, todo Rei precisa de um ou mais deles, de preferência mais, dizem eles ao Rei se por acaso ele estiver ouvindo. Não andamos, corremos, dizem ao Rei. Somos rodados nesse mundo todo. O mundo sai rodando onde aparecemos, fugindo da gente. Não adianta nada. Os rebanhos também correm para onde quiserem, para cá e para lá, e agora enfim há homens que lhes dizem para onde ir, já chegam no matadouro, os rebanhos, bora para dentro! Siga bem, caminhoneiro. Ah é, melhor não? Não matar? Eles mesmos devem matar seus animais se quiserem ver sangue? Por mim também está certo.

Os homens com as estrelas agora estão em paz, foi para isso que os chamaram, para ficar em paz, o que poderiam ter feito em qualquer lugar, mas antes esse comportamento não era desejado. De modo geral comportar-se não é bom. Vai contra a natureza deles, mas também não é mais do que a natureza deles, que vai contra si mesma. Primeiro escrever algo na areia, então apagar de novo. Apagar dá menos trabalho. Até eu fico em paz, não é nenhuma arte. Não preciso dos homens para isso, esses homens no topo, ultimamente no topo, pois bem, ainda ontem estavam em outro lugar, mas igualmente no topo. A morte os deixou prevenidos. Mas agora não trazem a morte. Trouxeram-na uma vez, e agora seu saleiro está vazio. É um progresso para os homens do nada. Eles o trouxeram, agora não nos dão mais nada. Também por quê. Já está aí. Trouxeram o nada, agora o levam novamente. Custa uma merreca, mas por favor, é para uma boa causa. Tudo custa alguma coisa. Então eles viram o nada, os homens, e, é claro, não se pode exigir isso de ninguém. Foi só uma vez. Para dentro, de cabeça no nada, é tão atraente, até para nós! Um momento, não, a partir de agora não vale mais! Tudo do começo, que não é nenhum começo. Nada nunca mais! Nós conhecemos, não queremos mais. Nos sobrecarregamos de dívidas, agora ficamos parados. Por favor, vocês parecem saber onde estão pisando aqui, vocês nos foram subordinados, agora têm que seguir, precisamos de rastros para seguir, mais de mil advogados e nenhum nos mostrou uma pista, agora os generais é que devem fazê-lo? Eles nos mostram como não dá, depois de sempre ter mostrado como também não dá, mas não de outro modo. Nunca mais. No total são cinco, não, quatro, o quinto possuiu toda uma cadeia de carne, mas também não quer pagar. Ninguém quer, os generais são a partir de agora acompanhantes do homem no posto de Rei. De lá cospem aqui para baixo sobre nós, de seu posto eles cospem para baixo. Estão atados por uma tenebrosa maldição, ela agora será desatada, a maldição. Todos estamos aí atados a um destino e não sabemos. Só se puxamos bem forte notamos que alguém nos tem pendurados, alguém ou alguéns. Quero dizer, eles não sabem qual o destino que puxam, possivelmente um estranho, como antes? Não, tomara que não, com o nosso próprio já temos trabalho suficiente. Me aterroriza a ideia de que os videntes passem a ver, e o que verão? Aquilo que nunca quiseram voltar a ver, mas que de todo modo não veem. A paz perpétua, devem mostrá-la a nós ainda mais claramente. O que devemos mostrar-lhes em troca, o que querem? A paz, feita por generais? Não se preocupem, isso eles já fazem sozinhos. Se podem fazer a guerra, por que não também a paz? É mais fácil, não custa tanto, é claro. Aí vêm os quatro homens, entre eles um arauto, que pressiona o tubo, não, aperta as teclas, tuíte tuíte, e lá se vai o correio!

Só generais podem providenciar a paz, eles é que sabem como ou o que é a guerra. Eu não sei, e não

fui muito longe com intuições, isso é coisa de mulher. Ah é, eu sou uma delas? Bom, também não se pode fazer nada. Pelo menos não vai nos ocorrer mais a ideia de ir correr em países estrangeiros. Isso é bom. Voto a favor, mas não acho minha voz, então vou me pronunciar mais tarde. Lá, onde quer que seja, não temos mais que ir agora. Os países estrangeiros, dos quais se depende, já os conhecemos. Conhecemos todos. Não são mais estranhos, já nos instalamos lá. Devolvemos tudo limpinho. Generais refletem, e então fazem alguma coisa ou simplesmente não fazem. Ou voltam a anular essa coisa. Por favor, podem nos dizer como chego no topo dessa cadeia de comando?, adoraria uma vez na vida ver como é lá em cima, lá deve se sentar um novo nesses novos tempos, seu nome já foi publicado e aprovado e abençoado. Ai de nós, seus atos já são transparentes, mas não suas intenções, elas a gente não entende. Talvez não haja nada aí, e as dívidas cavam buracos que têm que ser consertados também, tem que ser assim. Também, no caso de um único credor requerer a força, a rescisão à força, simplesmente temos que buscar qualquer general que não seja mais necessário em outro lugar, de todo modo não por necessidade própria. Possivelmente um outro então se mude para lá, ah! O caminhão de mudança ainda está por aqui, vamos pegar esse mesmo! A comissão, eu sei qual, mas não digo, têm que dar seu selo de aprovação para esse acordo, esse *deal*. Por favor, uma pausa. Agora estamos treinando a resposta para a próxima pergunta. A palavra insolvência ninguém pode pôr na boca, embora seja uma pergunta, na verdade não é nenhuma pergunta, mas é tratada assim. A palavra vitória já foi posta na boca muitas vezes, só que nunca foi uma de fato.

Está feito. Por favor, como chego no caos jurídico? Ah, não se preocupe! Todos os caminhos levam para lá, pode escolher um tranquilamente, mas de todo modo vai ter que pagar o advogado. Tenha confiança no Rei, que já confia nos advogados faz tempo, ele testou todos direitinho. Investiguem na história e encontrem um mais confiável! Não vão encontrar. Então. O disco rígido está queimando. Mas não se preocupem: Alguma coisa o Rei vai jogar para vocês também aí embaixo. É tanto o que ele não tem, e ainda mais já distribuiu em diversos tonéis. Agora também consegue despreocupá-los de suas preocupações, agora ele é Rei. Mas ninguém tinha pensado que ele queria se tornar logo isso, ele que sempre xingou tanto o Rei anterior! Mas que ninguém seja considerado feliz antes de ter chegado ao fim, e não tem que ser o fim da vida, não necessariamente, dizem os generais, que vão logo cair mortos da poltrona, o fim também pode ser em outro lugar totalmente diferente, tão velhos que são, e até lá o Rei ainda pode passar por muito sofrimento, que repassa aos seus clientes por preço de atacado. O Rei pega nossas mãos, um gesto que nos pega, realmente. Deveriam ser antibióticos! Ah, caros irmãos, por que não se apresentam voluntariamente, agora também não sei onde, para quê, mas quem se apresentar não será levado, pois já desde antes não serve para isso e para ninguém, pois não serve para a filha, pois não serve para o genro, que ainda vai ser muito importante, estamos esperando fervorosamente por isso.

Sim, o Rei fala, ele fala o que é próprio, o profeta, só não faz sentido. Agora ele pelo menos tem descanso depois da tormenta? Não, descanso nenhum, simplesmente não tem e por isso também não pode dar descanso. Ele grita para que abram os ferrolhos e informem todo o país de que muitas vezes ele mentiu e traiu e assassinou, mas pelo menos não assaltou nem invadiu, isso sobretudo não, isso foi o outro Rei que aprontou, e agora pronto, acabou. Pois bem. Ele segue clamando coisas infames e indizíveis, como se quisesse expulsar a si mesmo do país no qual acaba de se tornar Rei, mas isso ele não quer, nunca quis, quer construir um novo hotel, mas se ele não é Rei não consegue o capital para isso e nem consegue a cobertura para esse hotel, e então, quando tudo isso não funcionar, ele vai ter que construir esse maldito muro no lugar, como prometeu, nenhum senhordeus o ajuda nisso, pobrezinho, pois sua própria casa foi amaldiçoada, e foi por maldição própria, que ele tem que consertar por mais cego que seja a partir de agora. De novo precisou disso! Muitos queriam que ele jamais os tivesse conhecido. Já outros queriam tê-lo conhecido desde sempre. Tarde demais. Desses precisamos como de um buraco na cabeça ou como dois buracos, que antes eram olhos, ai. Ou como os buracos da mulher, que poderiam inundar você com seu sangue se você abrir a porta sem cautela,

as peles são levadas pela inundação, mas a mulher não tem nada com isso, ela só deixa entrar mas nunca sair, mesmo que valha a pena. Assim são elas, já tivemos a experiência, mas não pessoalmente, não é verdade. Não que ele tenha que prestar contas disso, o nosso Rei, por favor, prestem atenção, seus imprestáveis, ele está vendo a carne, está aí, foi emprestada, não, isso não presta, melhor se apressar, eu diria que está prestes a estragar, mas está aí, hoje é essa, amanhã outra, já bem pronta e resfriada, porque dessa vez ele prefere frio. A mulher não deve prestar atenção nele, ele já presta atenção nela.

Os olhos ele ainda não colocou lá, na geladeira, ele não precisa mais deles, então para quê refrigerar? Também pode ser sem, com ele tudo dá certo, principalmente sem. Ele prefere ser Rei do que fazer algo próprio de um rei, o homem não tem necessidade disso, não tem que fazer nadinha, ele pula o fazer, só quer ser, só quer ser em si mesmo confortavelmente, e agora recebe sem medo, sim, quem, quem ele recebe?, quem ele quiser, claro, primeiro um candidato, depois seus cães-de-guarda. Todos que pegaram o espírito da coisa, mas não se trata de espírito. Ele está em baixa temporada, logo virá a inundação e o abandono, ordenados pelo próprio Rei, e ele volta a emergir, isto é, o espírito, não o Rei, ele está fora a maior parte do tempo, depende de onde estiver o campo de golfe. Todos que quer ele recebe, enquanto lhe aprouver, depois é mandado embora, aquele lá não recebe, sem chance. Aquele lá, o jeitoso, logo virá ter conosco, como nosso en-viado, desculpem por favor, a piada é velha, mas se tantos foram desculpados sem lhes dar nada, por que não eu? Se ele sacar a tempo como se livrar das pessoas, de modo que elas vão para casa chorando, então lhes mostrará o caminho de bom grado. Já o mostra a milhões de outros. Ele é Rei por um processo refinado de exclusão. Agora não tem mais ninguém fora ele. Ele é o caminho, se tornou a encruzilhada, quem o quiser seguir que o siga, por mim ok.

Aí está ela, a semente noturna, que ele finalmente quer olhar na claridade uma vez, agora trazida à luz, eles todos não levam nada além, a semente traz a si mesma para fora, mas essa não vai mais sair, um monte de sementes, o que vai trazer?, quero dizer, quem é que vai trazer? Talvez agora seja o momento de te acusar, Rei, então por favor o senhor pode dizer? Ou quer ser acusado outra vez? Não se preocupe, ninguém fará isso. Talvez eu ainda espere um pouco para que todos o façam, acusá-lo, bem, se são muitos ele acima de tudo não tem medo, o Rei. Enquanto os outros sempre acusam e recusam, eu queria me destacar de modo vantajoso, embora também sempre reclame e recuse. Ou então sou acusada.

Um bando de homens jovens e brancos diz que está falando justamente disso, de quê?, não entendo, tanto faz, agora de todo modo ele fala primeiro, eles sempre se apresentam primeiro: Ouçam, dizem eles, que nunca ouviam. Justamente disso de que todos falam, eles não falam de propósito, pois pensam que esse seria o valor da teimosia, que renuncia à razão, e se por ventura ela teima em falar, então é só sobre seu próprio tema, não acham isso temerário? Heidegger não acha. Não, nem um pouco. Eles não pensam claramente, sim, pensam claramente, são ouvidos, têm nossa atenção total, o homem jovem branco pisou em cena, e ele não ensina, como o poeta, o sofrimento, também não precisa de nenhum vidente que o pinte para ele, embora ele mesmo mal veja nada, mas tem esse capuz pontudo na cabeça!, ele faz uma profecia, não, não se pode dizer isso, ele teria que pensar em algo, o homem jovem, ele diz o que todos dizem, sem pensar, diz que muitas pessoas mais ainda desaparecerão, simplesmente, por meio de atos violentos. O que puder fazer a respeito ele fará. Os videntes devem calar a boca e ir praticar o tempo que for necessário para ver alguma coisa diferente. O homem branco responde, mas não entendeu a pergunta, não quer mais nenhum regulamento para sua fala, agora ele faz as regras, que não são nenhum regulamento, talvez até lei. Ele é a esquecida classe trabalhadora, ele vê que as elites também não sabem o que fazer, essa é sua hora e sua vez, agora vai governar o país e vender um mundo aos mudos, cada um no seu mundinho, não, vai encontrar os desajustados e ajuntá-los de novo às massas, e vai dar uma nova voz à massa, infelizmente só uma, uma única voz para as massas desconjuntadas. A bolinha do engate agora desceu, as massas rejubilam, são engatadas e rebocadas. Agora os novos tempos vêm a reboque com elas, e olha que são só seguidores, não, secundários, reboques que em seguida rebentam na fachada das casas abandonadas, que de todo modo seriam

demolidas, os bancos têm outros planos para elas, mas não dizem, senão alguém ainda podia querer sua casa de volta. Se os desajustados já foram ajuntados, então têm que receber uma voz, então aqui têm voz, por favor, meio quilo de voz, está bom assim? Assim está bom. Eles falam com outra voz, então temos que recontar seus votos? Não, vou pagar a conta de vocês, para mim não faz diferença, é um pedaço de voz e pronto, e nada mais. Cada um só pegou uma. Eles falam como se tivessem boca. Peguem a violência e enfiem no cu, não, eles dizem de um modo mais divertido, mas agora não consigo, só ele consegue, ele que exerce a violência, ele está lá, o que é que a gente vai fazer com a violência? Primeiro fazer com que ela comece, aí vemos como segue? Olhem, uma proposta de paz: Pegamos a violência e jogamos injuriosos os estrangeiros no estrangeiro! Não seria uma coisa e tanto? Tem que se chamar assim, jogamos aqueles que agora são estranhos para nós, mas nem sempre foram, pelo menos foi o que eles imaginaram, de volta ao estrangeiro, onde agora é o lugar deles e para sempre será. Quando digo sempre quero dizer um tempo que ainda vai durar depois da minha morte, ao qual muitos ainda vão se agarrar depois da minha morte, pois é o lugar deles, digo, o tempo deles, o que foi prometido a eles, e eles o pegaram para si também. Pena que para mim o para-sempre só vai correr pouco tempo mais antes de sair de moda, de eu sair do mundo, e a moeda corrente não vai mais ser o dinheiro, mas outra coisa. Palma, palma, palma, pé, pé, pé, raiva, raiva, raiva, mau-humor, vai se foder.

Acuso vocês de serem os únicos causadores dessa crise, e temo que vocês também vão participar da destruição da ordem cultural, ah, já se inscreveram para isso, como vejo, o curso já vai começar, o percurso de vocês já vai começar, para onde ele levará? Nesses buracos, dos quais falo sempre, mas o Rei ainda mais, ele pode!, por favor desculpem mas sou uma das poucas que sabem onde ficam, afinal sou integrante de uma enorme minoria chamada, nos meus círculos, “a maioria”. Lá já estiveram muitas vezes, e se desejarem podem entrar de novo, tornar-se minoria, então podem cair em paz, mesmo que não seja no campo de batalha, e seus desejos serão sei-lá-eu, não digo sublimados mais, pois essas palavras se tornaram supérfluas, quem ainda as conhece?, ninguém, só a elite, sim, a maioria dos outros só conhece outras palavras. O nada é o seu objetivo de vida, senhor Rei, já sei que não é assim que você se chama, só o que você é. Agora aqueles que anseiam tanto por você te chamam para fora, bom, eles devem vir, por mim tudo bem, os outros não, mas mesmo assim estão aí e gritam corteses, não, com cartazes, na rua, e esse tipo de coisa ainda é protegido!, são agitados por algum mensageiro, têm que ter sido agitados, senão não correriam assim, por mim tudo bem, que males ainda nos faltam? Como vidente ainda tenho que praticar, estou vendo, procuro por tudo, pelos vivos e pelos mortos, os mortos são mais fáceis de achar, a gente sabe onde moram. Não me ocorre nenhum, nenhum mal que ainda não tivemos. Talvez perecer em desonra? Não, isso não. Não poder mais olhar as queridas crianças e o caro genro? Não, não há perigo aí. Ter que comprar a coleção de joias da esposa, para ela não se ofender? Mas ela já engoliu tudo antes, tem até uma foto disso! Desnecessário talvez. Agora com certeza está vendendo como água. Sim, a mulher vem de brinde, claro, quê?, ela não vem junto?, dessa vez não?, conselheiro, não me aconselhe mais! Por que você sempre diz a coisa errada? Por que está dizendo que a mulher vem de brinde se não é assim? Por que a mulher está dizendo que vem se não é o que ela faz? Bom, nem toda mulher vai com qualquer um, mas essa sim, e justo comigo, pois sou um qualquer. Com o que mais ela pretende preencher o resto dos seus dias de vida? Pode já prestar contas! Cada um faz o que quer. O que ainda vai amar, o que vai ver? Mais nada, pois já tem tudo isso ao seu redor o tempo todo. O genro faz anotações, a filha se inclina sobre ele, ela intervém corrigindo, o pai se baseou num modelo errado e agora tem que modelar um novo projeto de lei, para que os farelos do antigo, que ele já despachou, não se esfarelem nas suas roupas. Esse novo modelo também não vai lhe apresentar resultados, pois ele mesmo a partir de agora é o modelo, então por que fazê-lo? Não, ele não faz nada, não lhe convém. Ele diz: É uma ordem! Que leia quem tiver direito! Em princípio tanto faz se ela passa, se passa junto com o modelo, toda a realidade nos passa para trás e desaparece como aqueles que a criaram. O que diz aqui? Com o tempo reconhecemos com clareza: Só o tempo nos mostra que um homem é justo, mas o mau você já conhece depois de um dia. E aí querem me proibir

de falar que esse Rei é mau? Se até o Sófocles me permite? Quem pensam que são? O homem branco e furioso? Bem, então podem ir ao fórum ou como se falava mercado em grego, e digam quem de vocês tem que cair primeiro e quem depois e quem de modo geral e quem tem que cair com todos os outros e que o resto então também deve cair, todos fora ele. Então digam isso, digam isso logo!

O Rei escuta tudo, e então comunica o que lhe foi informado. Também aos adivinhos pede conselho, mas eles não conseguem ler sua letra, e têm pavor das vísceras fedidas que são espalhadas lá diante deles. De todo modo ele também não consegue escrever direito, o Rei, prefere fazer outras coisas com suas mãos. Por isso que os trabalhadores o amam. Muito obrigado. Por favor, mas isso é óbvio, vocês não precisam agradecer, porque vocês podem vir, e vocês não, porque vocês podem ficar. Eu também pude vir, até agora, agora já não posso mais. Não precisa, já estou aí. Se apenas não sumirem comigo com violência mortal! Bem que gostaria de continuar aí, mas como quiserem. Ainda não precisam me procurar no reino dos mortos, quem quer que vocês sejam.

Muito bem. Aqui já guardamos a visão de sua mulher, bem a tempo, nessa folha de papel, papel brilhante, de alta dissolução, não, isso não, foi impressa em alta resolução e brilhante e não pode mais sair, pode seguir falando, mas não pode sair. Não achou o caminho. Não conta o que ela vê, mas como é vista, nela se vê de tudo, pois ela é só visão, ela é aquilo que oferece: uma visão, pois é sempre jovem e para sempre, e ela não diz nada melhor, nada ela diz melhor, ela diz o que uma outra disse, não diz mais nada, a outra antes dela já disse o suficiente, isso basta para três deusas com uma fruta. Qual será eleita?, aquela que for bela, essa vamos recuperar com uma guerra, como o petróleo de um penhasco, milhões morrerão, o resto vai se afogar ou sufocar, mas para essa bela mulher no fim vai ter valido a pena, e no começo também. Talvez ainda tenha mais a dizer, talvez tenha o que quer que seja a dizer, ainda não ouvimos dela nada que outra antes dela não teria dito, não sei, não entendo tanto disso, ela não diz mais, ainda não está pronta para a perda de tão valiosas partes do corpo, pois suas valorizadas partes do corpo são continuamente melhoradas, ela não pode perdê-las, como se isso fosse possível, não, continuamente não, ela se deita sob a faca para que possa permanecer sempre a mesma, sinto muito, ainda assim eu não a conheço. Bem, então abram uma página nova no seu computador, é só clicar, sem complicar, e ela já está aí. Para poder permanecer como é ela tem que ser transformada, como toda a sociedade, aqui na mesa com suas facas e garfos e colheres de prata, muitos deles já os tinham na boca quando nasceram. É verdade que eu já nasci faz muito tempo, mas não me tornei outra desde então, de mim vem sempre só o mesmo, eu sei, eu sei, o sofrimento é imenso, insuportável, de todo modo não o meu, mas isso não posso falar alto, não, também não posso cantar, eu me torno continuamente mais, ao redor, enfim, externamente, embora meu fio da vida se torne cada vez menor, já estou feliz se ninguém o cortar, de todo modo não antes de ser costurado, ninguém deve desfazer o que juntei com palavras, o que vocês?, não, não corro mais, só escorro e transcorro, eu tenho data de validade, enquanto o homem branco e jovem, o novo senhor dos mundos, nos quais não tem que se imaginar, já governa muito mais tempo, enquanto ele, enfim, acaba de começar, acaba de dar a partida, ouço um barulho, um uivo, sou sufocada, socorro!, o que é que eu queira dizer, sou transformada pelo tempo, o tempo todo, até ficar irreconhecível, então quem sou eu? Quem se importa! Minha região genital eu não consigo ver, não, não está certo, eu poderia pegar de novo o espelho de barbear do meu pai, que ainda se encontra em minha posse e já se provou útil muitas vezes, ele aguentou muito mais do que meu antigo senhor, e posso tranquilamente olhar para ela, essa minha região, mas não quero mais, eu a renego, eu nego tudo, algo desmorona, isso agora ainda é a mesma palavra que arranquei de mim, ou é uma coberta estranha, sob a qual infelizmente me reconheceriam de todo modo?, não, é ela mesmo, pessoalmente!, é a querida, bem cuidada palavra, que eu trapalhei, digo, trabalhei com minha lixa de palavras, que eu mesma improvisei a partir da minha lixa de unha, lixei a palavra até que ninguém mais a quisesse. Nós demos a última palavra, todos nós, não vamos receber nenhuma palavra em resposta, nós, que somos como eu, escutem todos, nós nos pronunciamos, tivemos uma procura pronunciada por um tempo prolongado, até conduzimos a opinião, até que ela se perdeu, mas agora não

somos mais nós, nós não somos mais nós, vocês talvez sim, eu não mais, agora o desejo deve ser reconduzido àqueles que são realmente desejáveis, indizível, como essa mulher aqui, ser desejada, não precisa de mais nada, ser ouvida, não preciso de mais nada, não temos mais que dizer nada, nem temos palavras para isso, e nem conhecemos o para isso. E não somos mais conhecidos. As palavras estão gastas, e agora governam os agastados, que restaram e agora são os únicos restantes. Ah, merda! Agora provavelmente teremos que ouvi-los todo dia, e vão falar cada dia mais alto, porque não conseguem o que lhes prometemos. Há tantos anos se tornaram nossos opositores, os desenganados, e agora enfim deu retorno, uma desilusão, pois todos foram enganados. Podem se alegrar, podem vir fazer gracinha e ir embora de novo em desgraça. Nem o Papai Noel traz mais nada para vocês. E o próprio Homem da Areia fecha os olhos em agonia. Melhor ser cego logo, por termos jogado a areia nos nossos próprios olhos por engano.

Então. Era para ser um tipo de ação? Não, não pode ser. Mas alguma coisa tem que acontecer, tanto faz o quê, tanto faz como, e então, como é habitual comigo, de novo estamos só falando: Entra em cena um coro de crianças, muitos gritos e sussurros, cantem, ó manjarzinhos dos deuses!, não hesitem assim, cantem, digam-me o que querem, cantem o que querem, ó pentelhinhos, para que eu não os ouça sussurrar, o que é bem irritante quando se tem ouvido musical. Vocês envenenaram o clima social? Não, não envenenaram, dá para ver. Vocês são jovens eleitoras e eleitores? Ainda não, mas logo. Quê? Ah sim! Sabia! Agora cantam: Foi uma mensagem importante, muito importante, sobretudo para os bairros empobrecidos do centro! Todos, prefeito, polícia, emissoras de rádio, formas de assar frango, livros de faces, que dão o tom, seu eco ressoa nas ruas, ali todos fracassam em manter a ordem. Nosso Rei vai conseguir, sim, esperamos muito que sim, ele tem que incluir as pessoas no processo, e as restantes ele tem que processar. Milhões de pessoas votaram e não poderiam ter feito. Uma tarefa importante, mas difícil, não faço ideia qual; cantemos, Ó escuridão, só minhas nuvens, nos empurrando terrivelmente, indizivelmente, mas preferimos voltar para dentro para não sermos ferrados pelos ferrões das abelhas e vespas, para não termos que nos lembrar de nenhum sofrimento quando formos grandes. O Rei tem que reconciliar o eleitorado, grande tarefa, grande tarefa e importante mensagem também. Ele pode ser essa força unificadora, acreditamos fortemente nisso. Claro que há protestos, mas nós crianças, nós crianças, cantarolamos tralalá, revoltas também, tararatatá, protestos e revoltas, mas o Rei vai unir o país. Se não aceitarem o resultado, então, bem, e então? Por isso elegi nosso Rei, odeio o correto. Nosso ódio pelo correto é realmente maior que tudo, e somos a maioria! Cantamos, cantamos. Naturalmente também pode ser que o Rei fracasse. Nunca pensamos que ele era o salvador do mundo. Se cometer erros vamos criticá-lo por isso, cantarolamos, gorjeamos! Já o criticamos desde agora, acham que não ousamos? Tchururu! O Rei tem planos, por exemplo, tem esses planos, e depois aqueles, sempre um plano depois do outro. Esse foi mais um comentário sobre o Rei, patético, as acusações das mulheres foram patéticas, mas o que é que acham, quantas vezes em nossa breve vida já ouvimos algo assim? O tempo todo! Cada um diz o que diz. Cada um importuna aquele que sempre importunou. Cada um importuna qualquer um, a não ser que o conheça. E mesmo assim. Mas confiamos nele, e sua filha também é uma forte apoiadora, ela tem até sua própria palavra pessoal de apoio para apoiá-lo, que é: Eu apoio. Sim. Ela defendeu o Rei, por isso não pode ser verdade. Não, teria defendido se tivesse acreditado que era verdade, enfim, que o falso que ele falou era verdade, e por isso acredito nela. Iarará iarará ié ié ié. Se ele fizer isso, se fizer algo que não prometeu, vamos protestar, isso que é tão magnífico na democracia, em algum lugar ela ainda deve existir!, procurem, procurem!, farejem!, é tão magnífico, gorjeio, gorjeia, tuít tuít!, que qualquer um possa protestar, quem quiser. Nada de sujeira, senão criticamos, cra cré cri cri! Brotamos todos do mesmo galho, e nos balançamos, mas não jogamos nada fora, não nos sobrou nada, não temos nada sobrando para resmungões, bem-tuít bem-tuít e mais um tuíte e mais um tuíte e mais um e mais uma imagem para somar e outra imagem lá, ainda poderia repetir isso aqui várias vezes! Estou totalmente espantada de ele agora ser nosso Rei, é tão inacreditável! Na noite da eleição fiquei tão excitada, eu também!, eu também!, eu também!, tuít tuít, tão excitada. Ficamos acordados até o anúncio oficial da chegada do senhor, todos nós

pastores, tralalá, nós pastores, não do Ser, não dos cerdos, nem dos cegos, pastores de modo geral, agora só falta ele pôr isso em prática politicamente, agora não pode pôr em prática nada que ponha em perigo certos grupos, senão será afastado do cargo, temos a possibilidade, a possibilidade a cada quatro anos, que loucura!, tuít tuít bem-tuít ou algo assim. A possibilidade é o que há de magnífico no nosso sistema. Os outros, deles não precisamos, deles não precisamos. Só precisamos do possível. Três chamadas não atendidas e quinze mensagens no celular, e todas dizem o mesmo, que estão tão espantados e felizes, lararirará, dizem que nosso país agora vai ficar melhor ficar melhor ficar melhor, esperamos poder trabalhar todos juntos e fazer com que este país volte a ser o que era antes de a gente conhecer. Vivalegria! Tralalá lá lá tututu tuít! Ele não falou bem das mulheres, indignação, comentários, indignação, comentários, curti, não curti. Olhamos na escuridão, como ele que não tem mais olhos, ele canta, nós cantamos, o Rei canta, nós cantamos com ele, em coro, cantamos enquanto ele nos, não, se!, ele é tão magnífico, não somos nós que ele aferroa, talvez nem sangraríamos, ele ferra a si mesmo, o sangue corre dos buracos dos quais saem seus olhos, sim, também escorre das mulheres de algum modo, mas dessa vez é dele, ali é mais necessário. Ele leva embora do mundo os pecados, nos deixa impecáveis, a torrente sanguinolenta jorra negra, ela jorra, ela sai de seus olhos que sangram, que pelo menos uma vez puderam nos ver, aí não quiseram mais, aí não quiseram mais nos ver. Agora todos saímos cantando, e se nossos corações se enchem de renovada coragem podemos voltar a entrar em cena. Fora com o coro, antes que seja tarde demais e me ocorra dizer alguma outra coisa!

Só porque estão perguntando, agora tenho que pegar todas as perguntas que conseguir, pois logo ninguém mais vai perguntar, vamos aproveitar o tempo antes que ele nos desaprove ou se aproveite de nós: Já faz muito tempo que percebi que não tenho pinto, numa idade pensada justamente para isso, e agora também não vou poder levar nenhum, ainda assim melhor que não poder mais levantá-lo; por isso nem sou um ser à imagem e semelhança divina, não, decididamente não me assemelho a Deus, eu vi fotos, vi imagens, vi outras imagens, vi suas mais novas fotos nas quais até parece outra pessoa, mesmo assim: nem comparação!, de fato vim da mesma fonte, da mesma fenda, não, não da mesma, mas de uma semelhante, como essa mulher, que não fala mas mesmo assim está aí porque não se ofende, nunca se defende, cadê minha chave de fenda, tenho um parafuso solto, não tenho mais ferramentas nem ferrando, não tenho mais e não sou mais e não faço mais, desculpem, ainda estou vendo aqui uns talheres, mais dois pratos fundos e dois rasos, como o que escrevo, e lá tem um médio e lá um outro potinho, para mim já basta, sou só uma, tenho que comer com isso que sou, mas até que sou bocuda, não acham?, ainda estou falando mas daqui a pouco já chega, vou chegar nos oitenta, já vou sair, lá está a porta, obrigado, já estou vendo, não tem perigo de bater nela. Não me deem mais conselhos, não adianta nada. Nem sei com que olhos vou olhar meu pobre pai um dia, chegando no mundo dos mortos, espero nunca chegar lá, nunca!, mas se for o caso, então gostaria de nem ser enterrada com o pai, porque a mãe também jaz ali, com ela? Nunca! Agora que é tarde demais eu poderia olhá-la nos olhos, mas não vejo seus olhos, eles se foram. Isso tudo só aos meus olhos, só serve para os meus olhos, todo esse crime servido só para mim? É muita honra! Não, para os meus olhos nunca mais! Num piscar de olhos consegui imaginar a perda, toda perda, já perdi quase tudo mesmo, e a ameaça de me afastar, me afastar do palco, me afastar da vida, por favor não confundir um com o outro!, essa ameaça paira no ambiente enquanto outros se desatam cada vez mais, eles venceram, temos que comemorar! Serei afastada deste ambiente, pois quem não puder ser arrastado será afastado. Desprendam-se conosco! Afinal não querem de fato desaparecer, né? Minha perda, que já existe faz tempo, provavelmente desde sempre, me vem à mente retroativamente, eu me perdi, já faz tempo, mas ninguém me procurou, afinal quem faria isso? Ninguém. Como adoraria ser amada por esse pai, isso tornaria a mãe supérflua, mas de todo modo ela foi afastada exatamente como o pai, já faz tempo. O que vale para pessoas como eu? Que sempre sofrem uma repressão genital por sua genialidade, que no entanto nem têm? E para quem é que seria destinada? Para ninguém determinado. Meu complexo de masculinidade me abre muitas portas, mas essa não. Que desejos me fazem suplicar tanto aqui? Por que faço isso na verdade?

Se não se fala de mim absolutamente, bem, mas algum dia vão ter que falar de mim, se ninguém mais o faz então eu mesma tenho que falar. Todos falam do novo Rei, quem fala de mim? Eu! E só eu! Rápido, joguem-me fora do país, onde ninguém possa se dirigir a mim! Só é chato que aí também não vou mais poder me dirigir a ninguém.

Ah, nesse meio tempo alguém tem que trancado, senão não consigo entender, e também não sei o que é que não consigo entender. Querem a minha fuga deste país? Para este país? Tantos têm que fugir, esse caminho não foi previsto para mim, imagino, ir sozinha, por que tem tanta gente aqui, justo aqui onde estou? O que têm para me dizer? Onde é que devo me encaixar neles? Eu devia ter tido algo como um órgão, como vocês? Um órgão que trabalha diligentemente como não fazemos. É melhor informar onde podemos ficar em caso de necessidade, onde podemos construir três metalúrgicas modernas em caso de necessidade, para que possa ser produzida uma corrente moderna, ou a corrente tem que ser produzida para que possa haver metalúrgicas? Agora mais isso que não sei. Então vapt vupt, encomendem suas covas!, quem ainda não encomendou uma deve fazer agora, deve dar uma entrada, como esse Rei, mas jamais buscar a encomenda. Sim, também aceitamos encomendas em grandes quantidades, para quando vier uma guerra novamente. Com o Paquistão acho que não vai haver. Que idiota, a entrada vai perder a validade! Para ele tanto faz, o que importa é que não precisa mais pagar o resto. Outros devem fazer isso por ele. Aço e ferro podem ser quebrados, mas nossas promessas não. Não vamos conseguir nenhuma fábrica, nenhuma fundição de aço, nenhuma mina de carvão, mas não mesmo? Se elas matam pessoas! Entre nós isso não existe. O Rei não é um morador vivo desta cidade, usina para quê, ele mesmo é uma usina! Pois é! Que nosso destino vá para onde quiser, por mim pode ir, não tenho destino mesmo, de todo modo nenhum que ainda pudesse ir bem, obrigado, vou bem, dentro das circunstâncias, mas poderia estar melhor. Poderia ser homem, mas não sou.

Enfim, para encurtar, não, com certeza nada de curto aqui!, não precisam me agradecer por receberem tanto, de todo modo é besteira: Com isso aceito os fatos, um momento, o tabelião já vem, de que não sou homem, de que especialmente esse homem aí eu não sou mesmo, nenhum Rei e também não muito mais, declaro sob juramento que darei meu melhor, sou muito pequena, quê?, para morrer, enfim vou ficar quieta?, sim, logo logo, bem que eu gostaria de ser um homem, como toda mulher fora aquela que simplesmente não quer ser, também poderia ser um homem bem simples, tomara que ainda tenha disponível no modelo jovem e no branco, é o mais procurado, as outras cores ninguém pede, ficam encalhadas, e também não prestam para mais nada. Respostas não são dadas nem recebidas, não, na verdade só você responde, mesmo que não responda a verdade. Só se ouve você respondendo. O que os outros dizem ninguém ouve, pois bem, para você tanto faz, mas para mim não, para você eu como mulher existo tanto quanto existiria como homem, nem um pouco. Então me conformo em não ser ninguém, o que me resta, qual é o meu lugar, qual me coube na separação, o lugar estaria aí, só a massa não se separa diante de mim, até o mar fez isso, mas essa massa gritando não. Eu me perdi, e nunca encontro nada, de todo modo não quando preciso, no momento nem uma esferográfica que eu bem que precisava, e não para furar meus olhos, esse tipo de ideia só poderia ocorrer a um homem. Ei, velha, olha aqui e me responde! Quê? Você diz ter sido escrava, justo você, com essa cara? E você aí, o que veio procurar aqui? Um lugar? Aqui não tem. Talvez mais embaixo. O que quer? Fazer que bicos?, a quem você coube na separação?, por favor preencha esse questionário até o fim! Então passamos para a parte psicológica. Sim, tem razão, o rapaz, não, o Rei, é o próprio Rei, e não tem medo de nadinha, onde?, onde o viu?, aqui entre nós ele não está, ele tem medo da realização?, você deve estar enganado. Ele simplesmente atrasou a realização, e se ele furou, afinal é um trampo, ele é um trunfo, ele tira um ás do bolso na hora, se furou não foram os olhos, não, ele também não corta nada fora, pois já foi feito um corte. Não lembra? Enfim, se eu pudesse me lembrar não teriam precisado me cortar nada!

De algum modo me parece como se tivessem todos tocado meu fio da vida. Não devia dizer isso, eu sei, pura autopiedade, especialmente repugnante, já não devia dizer nada agora, mesmo que no passado tenha dito muito, com certeza muito, agora que voltamos a ter um Rei eu devia deixar quieto, não

se pode mudar. Mas para mim é uma pergunta geral: Como dizer? Para mim é só isso. O Rei já sabe. Foi o primeiro a ser informado e é o primeiro a dizer o que tem a dizer também. Todos dizem isso. Ele se tornou pai tendo ele mesmo semeado, não, tendo sido ele mesmo semeado. Essa gente que semeou o Rei, não, colheu, não, elegeu, logo ficará sabendo do culto sacrificial, mesmo que não seja eu a lhes contar. Assim como Abraão teve que aprender a lição sobre o filho, o que Deus disse, o que tinha para lhe dizer? Nós dois voltamos da montanha. Então que Deus jamais tivesse exigido isso de Abraão, que sacrificasse seu filho. E bem assim, acho, agora saquei, foi bem assim que essas fábricas, esses fornos ou como é que se produz aço hoje em dia, e acima de tudo onde!, enfim essas fábricas foram todas transferidas, antes que tivessem que ser abatidas e desossadas. Enfim aqui não vão encontrar mais nenhuma. Vão procurar em outro lugar, de preferência em outro continente. Com muita água no meio do caminho.

O filho jamais seria sacrificado, Deus sabe, mas vocês também sabem?, e as fábricas também não, junto do trabalho que haveria de ser feito lá, e é porque o Rei prometeu, mas não vai poder cumprir. Essa gente veio, segurando a própria vida debaixo do braço, até o Rei, para suplicar, por favor carne e indústria!, por favor novos fornos e covas bem fundo na terra, e lhes foi prometido, assim como Jeová não prometeu diretamente, mas exigiu o sacrifício de seu filho a Abraão.

Então Abraão pegou a lenha e a pôs sobre seu filho Isaac, a lenha sobre o filho, para queimar melhor, claro, como fogo debaixo do traseiro, não, do fogão, que não existe mais, e se existe então é na Índia ou na China, é longe demais. Mas ele, Abraão, pegou o fogo e a faca na sua mão, e ambos juntos atravessaram essa cidade apodrecida, que deve ficar nova de novo, livre da ferrugem, um sacrifício provavelmente será muito pouco para alcançar isso, mas melhor do que nada. Aí falou Isaac ao pai Abraão: Meu pai! Abraão respondeu: Aqui estou, meu filho. Mas isso não basta, não basta que o filho esteja aí, um trabalhador eficiente que nunca contou, quem é que contou?, ele não, então não, também não pagou, não só o pai, que como todo pai aprendeu a matar, ele bem que pode precisar, sempre volta a haver guerra, aqui estou. Mas por favor! E o filho, que não vê em lugar nenhum uma metalúrgica e nem nenhum metal, ele falou: Vê, aqui há fogo e lenha; mas onde o ferro a ser fundido, onde o produto que devemos criar, por acaso devo ser eu mesmo o produto?, afinal já fui criado, fui colocado aqui, mas a gente estava de acordo, não devo ser destruído, pelo contrário, devo trabalhar aqui, finalmente chegou minha chamada de recrutamento para o trabalho, tive que esperar uma eternidade. Abraão respondeu, o que é que ele pode dizer: Meu filho, Deus vai arranjar uma velha, não, uma ovelha para a fogueira sacrificial. Aqui por favor, aqui já está a ovelha, que conveniente, já foi deixada prontinha, só tem que ser tosquiada, aí podemos matá-la tranquilamente. E os dois foram juntos, pai e filho, que pode representar a ovelha nessa pecinha de teatro amador que estou fazendo aqui. Mas isso o Abraão não tem que fazer então, ele não iria tão longe, ninguém mais tem que ir tão longe para conseguir cigarros, mas para conseguir trabalho sim. Ninguém tem que fazer nada, ninguém pode fazer nada, não há nada a fazer, não há trabalho, não há nada para trabalhar, como?, agora ainda não, mas logo?, estou vendo! Não há lugar para isso, o lugar até foi encomendado, mas não foi entregue. Ficou com um vizinho que ninguém conhece. Seria bom que chegasse a nós, mas não chega. Infelizmente essa promessa tem que ser retirada, Abraão pode levar de volta consigo seu filho, que nem sacou do que se estava falando e o que foi decidido a respeito dele e depois retirado novamente, como essa promessa de que as pessoas finalmente poderão trabalhar infelizmente também tem que ser retirada pelo pai, pelo Rei, pelo marido, sentimos muito. O trabalho das pessoas para o Rei é só dinheiro de pinga, ele some naquilo que tem que pagar, quer dizer, soma ao que seus bancos têm que lhe pagar; ele joga as pessoas, que no entanto fizeram tanta propaganda para ele, na mesa como dinheiro de mentirinha. Mas você. Sei lá. Mas você, Rei, Édipo Rei, de quem ouviremos falar ainda, temo que já ouvimos mais sobre ele do que queríamos ouvir, você, Rei, agora te pergunto, já que já estamos no assunto: Por que é que seu supereu ficou tão grande, quando isso aconteceu, há muito tempo a gente não tinha percebido, mas agora não dá mais para não ver? Ah é, não é o seu supereu, é você mesmo. Você sempre vem você mesmo, você não se deixa representar.

A ameaça, isto é, você, agora se coloca, é feita de pessoas como eu, eu te coloco como garantia, você é nossa ameaça, e se tornou realidade. Eu te tomo por realidade, mas você é mesmo real! Você se libertou da própria responsabilidade, se livrou das amarras em que nunca ninguém te amarrou, e voltou ao posto. Agora está a postos, também a filha, o filho, o genro, você deu postos para todos, aposto, não, não sou eu que digo isso, que pai e filho formam uma irmandade que, como toda irmandade, só trará raiva e conflitos. De quem vem a violência em primeiro lugar? Do Rei, porque ele não tem nenhum irmão? Irmandade? Cortada fora, e não só o papel que alguém poderia assumir. Postos? Comigo não, não tenho lugar, não saberia fazer nada com essa gente. Eles se ensimesmaram, se deram o peixe e se ensinaram a pescar entre si, não, não estou insinuando nada. É real mesmo! Eles tornaram realidade. Me ocupo manualmente comigo, mas não sei com que empregar as mãos. Eu falo, então também emprego palavras, às quais não pago salário, elas têm a bolsa, o bolsa família, embolsam sem nem colocarem a família para trabalhar que nem o bolso, digo, o Rei, as palavras não são aparentadas, nem se conhecem, por isso não sabem qual vem depois de qual para fazer algum sentido, nenhuma tem sentido nenhum. São supérfluas. As minhas, as nossas palavras são supérfluas. Outras palavras falam agora, dizem outras coisas. Sendo apresentadas como realidade se afiaram como facas, mesmo sem conseguir representar a realidade, pois não a explicamos a elas. Agora não há mais nada que as reprima, nem se houver repressão. Elas também não têm que reprimir nada, o Eu delas não tem que virar as costas para si próprio, ele curte olhar, embora já se conheça faz tempo, nada é reprimido, só nós, nós somos reprimidas. Agora você é que fala. Agora fala como todos os outros que até agora também já falaram, é verdade, mesmo assim dava para entender. O simples é simples, essa por exemplo é uma frase simples, que até eu entendo, por isso a lancei sem nem pensar. Enfim, agora o simples é que tem a supremacia, ele superou e pode suprimir todos que não são você. Então o vidente agora está à frente, correu para frente, por acaso é neve isso, lá para onde ele está indo? De todo modo é algo que vai desaparecer. E se quiser ter provas conclusivas para o que foi dito, então é melhor simplesmente praticar a arte da clarividência, até saber bem. Você um dia há de morrer pelas mãos do seu filho, e também foi assim? Por que Deus aqui inverte o Abraão e faz dele a vítima no lugar do Isaac? Isso agora não entendo, os videntes cegos talvez vejam. Veem duas coisas diferentes, trata-se de todo modo de dois videntes também. Ambos cegos. Todos cegos, todos nós cegos.

Não sou eu, sou e não sou eu, tenho que me afastar dessa minha inclinação esperançosa por falar e ser ouvida, tenho que varrer para longe essa inclinação que faz tempo não tem mais esperança, alguém tem uma vassoura? Quem somos mesmo? Quem pensamos que somos para falar? Isso já era. Nós embarcamos no nosso próprio fracasso, e agora somos desprezados. Por aquilo pelo que tínhamos acabado de ser elogiados, quase imortalizados, sim, os pensadores também, mas também os poetas, os poetas: também são importantes!, e quem diz isso é uma que logo vai morrer, que não tem mais ilusões nem pode criar mais nenhuma. Nenhuma palavra de vocês vai sobreviver, já agora nenhuma mais vive, ali tem uma se contorcendo ainda, só precisa de uma pancada, um disparo, mas nem precisa, já parou. Agora, já que você está aí e tem a palavra, tem ela na coleira para ela não sair como sempre quer, ela quer se afastar de mim, se afastar dela, dessa mulher, sabem o que ela anseia? Não, infelizmente também não sabemos, diga! Me deixem logo sair do país, faço isso prontamente e pronto, nem vão perceber que estou faltando, pois também não sinto a falta de vocês. Seria lindo se alguém fosse dirigindo para me levar, mas estou dirigindo a palavra que nem uma idiota e só tenho uma mão livre, que ninguém quer segurar; dirijo a minha palavra para longe, ela se alonga, eu a levo além, sim, também, mas a relevo, a realizo, não se preocupem, não levo a palavra embora, não vou embora, com a palavra eu não ia querer nem passar umas férias, nas quais por princípio a gente não se preocupa, não, agora não nos vamos, é assim que vai ser, logo já me fui, o Rei está aí, para vocês, claro, podem se zangar ou alegrar com ele, tanto faz, o que importa é que está aí talvez até se vá ainda antes de mim? Não, isso ele não fará. Sim, estou falando de você!, mas temo ter falado de mim mesma: Você não tem medo, senhor Rei, de nada nem ninguém, você pega a palavra pela coleira e comanda, a cumpre, a conduz como um cachorro que fica te puxando o tempo todo porque

quer se soltar, a palavra também quer sair, fugir, tudo quer fugir, só não sabe ainda para onde, mas quer ir para longe de você em todo caso, embora você tenha encerrado o caso, e de modo tão casual que só eu ainda quis causar, mas só causei meu próprio ocaso. Quem está me dizendo isso?, o que é que isso me diz?, que eu sou eu? Isso eu já sei! Que vou morrer? Também já sei! Que ninguém seja considerado feliz antes de ter chegado ao fim da vida sem ter sofrido nenhum tormento. Ai, ainda há alguns esperando por mim, eu tenho a palavra, mas a palavra mora em outro lugar, ela diz que mora com Deus. Não podemos comprovar, pois todos os e-mails privados foram apagados, inclusive aqueles que nem eram privados.

Enfim, agora não temos mais nada a dizer, eis nosso castigo e vossa alegria. Vocês estão alegres, quê? Agora acaba a nossa época, a esferográfica já acabou faz tempo. Começa a de vocês. As pessoas consideramos como nossa propriedade, que tinha que nos ouvir, agora: dolorosa desilusão. Ninguém ouviu. O tempo todo: ninguém! Então, e agora ainda perdi o jornal nacional. Por isso infelizmente não posso lhes dizer o que fazer, pois eu mesma não sei, embora antes sempre soubesse. E a maldita palavra volta a puxar também, ela arranca meu braço da caneta. Lá no parquinho ela encontrou uma outra com a qual quer se divertir. Infelizmente sou bem ruim de diversão, eu mesma preciso de uns disquinhos prateados para me divertir. Bom, e por quê você não nos diverte então?, é o que vocês perguntam. Eu adoraria, mas outros terão que fazer isso, tenho minha responsabilidade, agora é hora de assumir e sumir, uma piadinha de gente preguiçosa, a responsabilidade que finalmente deve ser seguida pela resposta. Mas não sou capaz de responder. Não sei a resposta, embora já me tenha sido dada várias vezes: Hipócrita é a resposta. Lá no mural, pensado para mim, diz lá em letras grandes e claras, e ali mais para o lado também. Eu admito: Nada disso é verdade. Tudo isso não é verdade, não é verdade? O sofrimento por acaso já ficou grande demais para as pessoas? Não, não se preocupem, elas ainda vão dar uma alargada. O Rei é o culpado pela decadência da cidade, só porque veio e agora está aí. Por que ele é quem ele é. Ele cometeu a monstruosa violação de ter-se deixado eleger Rei por nós. Agora precisaríamos de um belo milagre, talvez tenhamos um belo malogro. Acontece sempre agora. Tudo silencia, a palavra está fora do campo de visão, foi cheirar a bunda de outro e depois vai embora pouco impressionada. Ela agora reconheceria a outra palavra a qualquer hora e em qualquer lugar, mas de que isso vai adiantar? Mas seria bacana se duas palavras, que se entendem bem, um dia voltassem a se encontrar. Talvez já tenha acontecido muitas vezes, só eu que não percebi. Nenhuma voz se agita em protesto mais. Está decidido. Eu acuso. Eu conto minhas acusações reunidas, caindo do altar sacrificial no qual me deitei, é uma bela coletânea!, mas Deus me quer menos que tudo, ele prefere um rapazinho, embora não seja técnico de futebol, nem educador e nem padre ou bispo, ele está lá, quero dizer, está acima no ranque. Mas com certeza Deus não me quer, embora outrora eu o tenha honrado tanto, ninguém me quer, com minha aparência atual, a idade é um massacre, eu já disse isso mais vezes do que seria saudável para mim, de outro modo talvez tivesse passado despercebida por essa que também foi dirigida a mim, aqui, nessa fenda, nessa palavra, que não conheço porque é anônima, também podem ler, mas já sabiam, exatamente como está escrito aqui. Conto minhas acusações. Mesmo se as emito, algumas sempre são remetidas de volta para mim, devolvidas ao remetente porque o destinatário recusou receber. O sacrifício não aconteceu, foi recusado, o sacrifício entrou em crise, a crise requer um sacrifício, não, prefere que um outro se sacrifique, não, aquele lá também não, mas já vêm aí milhões de sacrificáveis deliciosos, podem entrar!, faca e garfo atrás das costas, como decidir? Todos parecem bons, já estamos procurando receitas para o molho. Todos estão vindo, vocês todos, vítimas sacrificiais, estão vindo então, para que a unidade dessa comunidade gravemente machucada possa ser restabelecida? Caos. Horror. Nenhum fio vermelho à vista mais, nem mesmo um com que se pudesse rasgar a embalagem, mas não é para ser assim, não vão gostar do que está dentro. Um sacrifica isso, outro aquilo, um terceiro a si mesmo, o quarto é arrastado pelo pai para ser sacrificado, mas nem isso então é levado a cabo. Atrás das barricadas já há mais milhares de vítimas sacrificiais esperando, talvez entre eles tenha afinal um melhor.

Devemos trazer sacrifícios ao Rei, porque Deus não quer aceitar? Em toda parte o mesmo mote, a

mesma morte, o mesmo ódio, a mesma necessidade, a mesma ilusão, de que nesse país, que a princípio é unido, mesmo que só consigo mesmo, de que nesse país poderia haver uma unidade. Suspirando fundo o país levanta a mão, se oferece voluntariamente, mas esse sinal também poderia significar algo totalmente diferente. Outros devem seguir, outros devem segui-lo. Ele me sacode, sacode a vítima, porque ela perdeu tanto sangue, que corre negro da ferida na coxa, feridas no lugar dos olhos, onde quer que isso seja. O que dizem as notícias, garanto que verei as próximas, serão as mais novas, as velhas, que eu coleto, parecem certamente velhas em comparação e se decompõem diante dos meus olhos, elas dizem: Todo ressentimento, todo ódio, tudo que na verdade deveria ser dividido entre vocês todos bonitinho, para que todos tenham um pouco, tudo isso se dirige, diz esse homem aqui, que eu não posso trazer aqui pessoalmente, infelizmente, para que ele mesmo lhes diga, todos esses sentimentos negativos se dirigem a um único indivíduo, ao Rei, que poderia ser qualquer um, mas não é, vocês ainda não sabiam disso, quê? O Rei é ele, o Rei dessa vez é ele, e agora na verdade ele teria que ser aquele em que tudo desagua, as esperanças em primeiro lugar, logo elas serão cortadas, mas os sentimentos de ódio, o ressentimento, como seria com eles? Dirigem-se a ele, ao Rei, ao único, ao bode expiatório. Prestem atenção na palavra expiatório! Deem uma espiada. Na verdade não é aquela que antes escapou de mim, pois nunca tive nada a ver com expiação, é uma palavra totalmente nova que veio para mim porque a minha velha palavra não consegue mais me suportar.

Por favor, volte para mim, querida palavra, ou tenho antes que chamar um anjo? Ele já está aí, nem tive que chamar, estava aí o tempo todo! E eis que o anjo do SENHOR do céu chama alguém qualquer, maldito seja seu provedor, pois aquele lá não instalou nenhum poste ou o que quer que usa para nos prover, o impostor não providenciou nossa instalação, primeiro com uma tarifa promocional, para que também nós possamos falar com todo mundo e não possamos mais ouvir ninguém, também nem valeria a pena, pois quem quer que quisesse falar com Deus, a distância é muito grande, a tarifa já está nos alcançando, mas já estamos ainda mais distantes; o anjo escolheu o número para que a palavra possa se espalhar, ele olha para o display para ver se também escolheu o número certo, porque ninguém atende. Então por favor, quanto tempo ainda quer esperar até conseguir conexão? Ela quer se espalhar bem aqui, pois não consegue subir mais alto, a palavra, que está com Deus, não, isso não, a palavra está avariada, sem sinal, não chega a lugar algum, ela fica, e também já foi embora. Não faço ideia.

Nesse caso não dá para usar o Skype, e o que é que íamos ver? Não tem nada aí, só terra arrasada. Nenhuma fábrica. Nenhuma mina de ouro, nenhuma mina de nada. Alguém falou, nós não ouvimos, mas alguém tem que ter dito isso: Fora com ela, fora com a palavra, com toda palavra, preferimos eleger outra palavra, para também perdê-la, perdemos tudo, agora ainda se nos vão as palavras e para lá onde ainda há lugar para diversão. Por favor, tomem agora seus lugares junto ao altar sacrificial, se acomodem, só vou pegar a faca: Abraão! Abraão! E ele responde, como já foi dito, não por mim, e por isso mesmo é verdade: Aqui estou. Um momento, não consigo ver direito quem é, mas parece que ele está aí. Minha palavra enlouqueceu, provavelmente porque acreditou ter me perdido, mas não perco palavra nenhuma, e a palavra, ela fala: Não ponha suas mãos no rapaz e não faça nada com ele; pois agora sei que tu temes Deus e por amor a mim não poupaste teu único filho. Por favor não fiquem bravos comigo e de preferência não me ouçam!

Então, todos voltem comigo diante da cortina:

David Cay Johnston: "The making of Donald Trump"
Sófocles: "Édipo Rei"
René Girard: "A violência e o sagrado"
Martin Heidegger, como sempre, dessa vez "Os cadernos negros", às vezes contrabandeados no mercado negro.
E mais umas coisas, não me lembro de tudo.
Artigos de jornal e por aí vai.
David Graeber: "Dívida"
Sigmund Freud: "A dissolução do complexo de Édipo"

QUERO SER RASA

Eu não quero representar e nem assistir a outros representando. Também não quero fazer com que outros representem. As pessoas não devem dizer algo e agir como se vivessem. Não quero ver como nos rostos dos atores se espelha uma falsa unidade: a da vida. Não quero ver o jogo de forças desse "músculo bem azeitado" (Roland Barthes) de linguagem e movimento - a chamada "expressão" de um ator qualificado. Não quero ver combinados movimento e voz. No teatro de hoje se revela algo, não se vê como, pois os fios são controlados por trás do palco. Então a máquina está escondida, o ator é rodeado por aparelhos, é iluminado e anda por aí. Fala. O ator imita sem sentido as pessoas, cria uma expressão diferenciada e assim arranca da boca outra pessoa, que tem um destino que se desdobra. Não quero acordar para a vida nenhuma pessoa estranha diante dos espectadores. Não sei, mas também não quero sobre o palco nenhum gosto sagrado desse acordar divino para a vida. Não quero nenhum teatro. Talvez queira só expôr atividades, que podem ser exercidas para apresentar algo, mas sem um sentido mais elevado. Os atores devem dizer o que ninguém diz em outro lugar, pois isso não é vida. Eles devem mostrar trabalho. Devem dizer o que é que há, mas nunca deve poder ser afirmado por eles que neles se daria algo totalmente diferente, que se pudesse ler indiretamente em seu rosto e em seu corpo. São civis que devem falar algo sobre um palco!

Talvez um desfile de moda, onde as mulheres falam frases em suas roupas. Quero ser rasa!

Desfile de moda pelo seguinte: porque também se poderia mandar as roupas entrarem sozinhas. Fora com as pessoas, que poderiam criar uma relação sistemática com uma personagem inventada! Como o vestuário, estão ouvindo, que também não possui nenhuma forma própria, ele tem que ser entornado sobre a pessoa que É a sua forma. Os panos pendem frouxos e descuidados, mas então se conduz para dentro deles alguém que fala como meu santo preferido, que só existe porque eu também existo: Eu e aquele que devo ser, nós não entramos mais em cena.

Nem individualmente, nem juntos. Olhem bem para mim! Nunca me verão de novo! Podem lamentar! Lamentem agora. Santo santo santo. Quem pode dizer quais figuras devem executar um falar no teatro? Deixo quantos quiserem se lançar uns contra os outros, mas quem é quem? Eu nem conheço essa gente! Qualquer um pode ser um outro e ser representado por um terceiro que é idêntico a um quarto sem que ninguém perceba. Diz um homem. Diz a mulher. Vem um cavalo ao dentista e conta uma piada. Não quero conhecer vocês. Tchau tchau.

Os atores têm a tendência de serem falsos, enquanto seus espectadores são de verdade. É que nós observadores somos necessários, os atores não. Por isso as pessoas no palco podem permanecer vagas, sem nitidez. Acessórios da vida, sem os quais saímos novamente, as bolsas coladas às axilas flácidas. Os atores são desnecessários como essas bolsinhas, cheios, iguais aos lencinhos sujos, pacotes de balas, maços de cigarros, a poesia! que são enfiados nelas. Fantasmas indistintos. Produtos sem sentido, sendo seu sentido de fato o "produto de uma liberdade vigiada" (Barthes). Para cada jogada sobre o palco há uma quantidade tal de liberdade de que o ator pode se servir. A poça de liberdade está aí, e o ator, por favor pode pegar!, toma o seu suco, seu humor aquoso, sua secreção. Não tem nenhum segredo nisso. Ele gruda seu ranho ali do lado. Mas não importa o que e quanto pegue da sua parte dos gestos, é preciso poder imitar a tagarelice, esse pavonear por aí, pois ele e outros como ele precisam poder fazer igualzinho. Como as roupas da moda: cada parte é definida simultaneamente, mas não tão estreitamente limitada naquilo para que deve servir. O suéter, o vestido, mesmo eles têm sua margem de ação e buracos para os braços. Sim. E o que é mesmo absolutamente necessário: nós! Nós não temos a

liberdade de sermos falsos. Mas eles no palco sim, pois são ornamentos das nossas vidas, móveis, removíveis da mão de Deus, do diretor. E então ele arranca todo um colarinho de gente e nos cola num outro de que gosta mais. Ou a pessoa, esse vestido tipo saco de batata, simplesmente é encurtada, fazendo de novo a bainha, esse gerente da filial da cadeia de lojas de brinquedos. Não venham nos incomodar com sua substância! Ou com o que quer que seja que usam para tentar fingir ter substância, como cachorros que se rodeiam com sons excitados. Quem é o chefe? Não se atrevam! Sumam daqui! O teatro tem o sentido de não ter conteúdo e mesmo assim exibir o poder do produtor, que mantém a máquina funcionando. Só com seu significado o diretor pode fazer brilhar as sacolas de compras vazias, esses saquinhos moles e furados com mais ou menos poesia dentro. E de repente o insignificante significa algo! Se o Senhor Diretor põe a mão na eternidade e tira lá de dentro alguma coisa que se estrebucha. Então ele mata tudo o que era, e sua encenação, embora ela mesma se fundamente na repetição, se torna a única coisa que pode ser. Ele nega o que é passado e simultaneamente censura (Moda!) o que é futuro, que agora e pelas próximas temporadas terá de se guiar por ele. O que é futuro é domesticado, o novo é regulado, antes mesmo de acontecer. Então passa-se um ano, e os jornais voltam a gritar de alegria por algo de novo, de imprevisível, que rende o velho. E o teatro começa de novo do início, o passado pode ser rendido, redimido pelo presente, que no entanto tem que se apoiar sobre o passado, numa comparação eterna. Por isso existem as publicações sobre teatro. É preciso ter visto tudo para poder ver qualquer coisa.

Mas agora voltando aos nossos colaboradores: Como afastar do teatro essas manchas de sujeira que são os atores, de modo que não possam mais sair de seus magipacks e se despejar sobre nós e nos abalar, digo, abater? Pois essa gente é mesmo desses que se fantasiam e se decoram com atributos, que se arrogam o direito a uma vida dupla. Essas pessoas se deixam multiplicar sem correr nenhum risco, pois não se perdem. Sim, nem sequer jogam com o seu próprio Ser! Pois são sempre os mesmos, nunca irrompem pelo solo ou se elevam no ar. Permanecem insignificantes. Vamos logo deixá-los fora do inventário das nossas vidas de uma vez! Vamos atacá-los e achatá-los em celuloide! Talvez façamos um filme deles, de onde seu suor, símbolo do seu trabalho, ao qual almejaram fugir no luxo de suas personalidades, não vai poder mais nos atingir. Mas um filme como teatro, não um filme como filme! Simplesmente mirar e atirar. Como cair, fica. Nada mais pode ser mudado e com isso se esquiva o Eterno Retorno do Nunca Exatamente O Mesmo. Serão simplesmente banidos das nossas vidas e gravados em fitas que gemem melodias trôpegas. Caem fora de nossa consciência corporal e se tornam uma superfície que se vai diante dos nossos olhos. Tornam-se impossíveis e por conta disso nem chegam a ter que ser proibidos, pois não são mais, não são mais nada. Ou então também: em cada apresentação todos são completamente trocados e a cada vez fazem algo totalmente novo. Eles têm um estoque de jogadas possíveis, mas nada será, como a nossa roupa, totalmente repetido exatamente como foi antes. Só o tempo nos ameaça a todos com sua passagem! Não pode haver mais teatro. Ou o sempre igual é repetido sempre igual (filmagem de uma apresentação secreta, que agora só pode ser vista por nós humanos em sua ÚNICA ETERNA repetição), ou nunca duas vezes do mesmo! Sempre algo totalmente diferente! De todo modo nada dura para sempre, no teatro já podemos nos preparar para entrar na temporalidade. As pessoas do palco não entram em cena porque são algo, mas porque aquilo que há de secundário neles se torna sua verdadeira identidade. Sua gesticulação, suas declarações grosseiras e deslavadas, enfiadas em seus focinhos por uns desajuizados, suas mentiras: só por elas se pode diferenciá-las umas das outras. Sim, elas entram no lugar das personagens que devem representar e se tornam ornamentos, intérpretes de intérpretes, numa corrente infinita, e o ornamento sobre o palco se torna o verdadeiro. E o verdadeiro, para o lugar! de volta!, se torna decoração, efeito. Sem cuidar do real, o efeito se torna realidade. Os atores significam a si mesmos e são definidos através de si. E eu digo: Fora com eles! Eles não são de verdade. Só nós somos de verdade. Somos a maioria do que existe, pendurados chiques e esbeltos em nossos trajes elegantes de ir ao teatro. Vamos guiar nossos olhares só por nós mesmos agora! Somos nossos próprios intérpretes. Não precisamos de nada além

de nós! Vamos entrar em nós e ficar aí dentro, afinal cada um de nós já espera que o maior número possível de pessoas vai gostar de assisti-lo desfilando pelo mundo, regulado certinho pelas publicações e suas imagens como uma máquina bem lubrificada. Vamos nos tornar nossos próprios modelos e aspergir a neve, as sebes, os saberes, com o quê? Nós mesmos! Assim é que é bom.

SENTIDO INDIFERENTE. CORPO INÚTIL.

Que eles entrem em cena não põe em risco apenas o indivíduo, senão todos juntos, na relação mútua que construíram. Logo vou descrever esse risco com maior precisão, pois não corresponde exatamente ao risco em que todos sempre estamos quando queremos atravessar a rua até nós mesmos e percebemos que já aí há alguém que não desejamos encontrar. A vinda adiante do ator é chamada de aparecer. Transforma cada um em algo diferente, mas não de modo tão duradouro que pudesse nos desafiar em nosso mais íntimo, apenas à medida em que ele simplesmente escala para fora da sua vida. Cada um que entra em cena no teatro coloca-se à frente porque gostaria de colocar em risco a permanência tranquila de todas as pessoas que se dão por satisfeitas justamente com essa mera permanência e ainda por cima sequer querem consentir que alguém avance diante delas e seja elevado acima delas. Os ciclistas ficam no seu campo, onde são semeados como ossos no chão, mas então de repente se destaca um trio na liderança e ganha ouro, prata, bronze. Eles se separaram do campo como o ator de nós. Eles nos irritam com sua pretensa aptidão. Aí temos esse espaço, e gente apta apresenta aptidões de criaturas bípedes servidas em pratos. Assim aprenderam, e por isso acreditam sempre ter que fazer assim. Mesmo que não tenham absolutamente nada a fazer, incorporam o contínuo, porque não podem parar e, onde quer que estejam, não querem abrir mão de seu manto de linguagem, pelo qual alguém puxa constantemente (tanto faz quem, não é a autora, que já faz tempo que não ousa). Esse espaço já está totalmente superaquecido, mas não penduram no cabide esse manto de rei. Eles o dependuraram de tão alto, possivelmente não conseguem mais colocá-lo lá em cima, ainda que arriscassem um xeque-mate. Mas a linguagem sempre volta a cair.

Mas eu quero que o ator faça outra coisa totalmente diferente. Quero que a linguagem não seja uma roupa, mas permaneça sob a roupa. Está aí, mas não se coloca à frente, não se mostra sob a roupa. No máximo que empreste certa firmeza à roupa, que no entanto, como a do imperador, volta a desaparecer, como a fumaça se dissipa (embora ainda há pouco estivesse firme), para dar lugar a uma outra, nova. Como a praia sob o pavimento, assim também sob o pavimento a ferida linguagem que nunca se fecha. Então de novo, mas de outro jeito: Lanço-os no espaço como um pega-varetas, esses homens e mulheres, nos quais ainda há farrapos de Heidegger, Shakespeare, Kleist, tanto faz quem, pendurados nos cantos da boca, onde buscam em vão se esconder sob outros nomes, obviamente muitas vezes o meu; e, sem serem tocados, devem nos tocar, os atores, mas ninguém tem permissão de balançar, sair dos trilhos, provocar um embate. Bem, provocar um embate até pode, por mim. Digo isso porque simplesmente não dá para mudar. Já disse muitas vezes que não quero deles nenhum teatro. É que, se eles fazem teatro, então se põem em risco, como acontece quando se encontra consigo mesmo, no sonho, diante do espelho, nos olhos de um amante, então se põem em risco na relação uns com os outros e na relação com aquilo que falam, portanto pensam, portanto devem ser. Mas também não podem querer ser eles mesmos. O pior de tudo é quando tentam fazer harmonizar aquilo que devem se tornar com o que já são. O desafio consiste muito mais em que eles, como presuntos cor de carne, que não só parecem carne, mas também são carne, pendurados na câmara de defumação, no poço de uma outra dimensão, que não é realidade mas também não é teatro, devam nos entregar alguma coisa, um recado os iniciantes, uma mensagem os avançados. E então percebem que eles mesmos são sua própria mensagem. Já fizeram alguma coisa errada e tem que jogar os dados novamente, para não terem que se perder ao longe. Quem faria melhor? Cada um é ele mesmo. Eles são o que são. Como Deus, que é o que ele é. Eis uma bela e grandiosa tarefa, não? Os atores SÃO o falar, eles não falam. Mas uma vez que são mais, são muitos, e podem sem esforço me nocautear e liquidar,

tenho que confundi-los, separá-los, contrabandear um dizer estranho, minhas queridas citações, que chamei todas aqui para poder me multiplicar também e equilibrar novamente a pontuação, já que sou só uma única. A cada um o seu, mas a mim tudo, então, agora contrabandeei a mim mesma, um duplo de mim, um múltiplo de mim, por debaixo do rabo, sem perceber. É simples assim quando se está sentado sobre um ovo que deve ser chocado, e não pode sair do escuro das muitas vozes que já foram faladas e agora abdicaram. Claro que quero ser mais e maior do que sou; então elas vêm, então vêm a calhar, as crianças da vizinhança, Fichte, Hegel, Hölderlin, e constroem comigo um muro babilônico. Têm que adentrar, têm que se adaptar a mim, não tem o que fazer, senão corto fora algo de suas armações. E os atores são tão ambiciosos que ainda pulam em cima, não dá para entender! Amontoo tudo ao meu redor como ataques sobre uma torta desde antes já maltratada por dentes estranhos, só para chegar a um acorde entre mim e esses estranhos lá no palco, até que nós todos, e sem qualquer sentido musical, cada um no seu próprio ritmo, desafiemos ou, e aqui digo em uma terça harmônica com o Senhor H.: encomendemos a realidade. Onde enfiei os folhetos de delivery? Tanto faz. As testemunhas da minha acusação contra os deuses, Gott e Goethe, meu país, o governo, os periódicos e o período em si, são as figuras citadas, mas sem representá-las e sem *querer* sê-las, afinal elas já são elas! Enfim, não no sentido de uma identificação vulgar com um algo, mas no sentido de um sentido de algo! De modo geral o sentido corre através do ator, o ator é um filtro, e através dele corre areia através de areia, uma outra areia através da areia, água através de água. É aí que brotam, as senhoras e senhores envenenadores de sentido, bebendo da minha fonte porque botaram eles lá. Eu e o senhor diretor, que não entra em cena aqui e não tem nada a dizer. Seria mesmo o fim! Ser o aparecer! Seria sacanagem comigo! E que representem a realidade, seria quase como se se igualassem à própria essência, que no entanto deve se igualar àqueles que eu lhes prescrevi. Sou maldita e costurada: também isso agora não foi verdade! No teatro todos podem encontrar a si mesmos e no entanto passar reto por si sem perceber, porque ainda não se encontraram firme o suficiente. Acredito que o teatro seja o único lugar onde isso é possível. Sou a provocação, mas essa vocação cabe a cada um aceitar ou jogar de volta na minha cara com a luva que ainda guardou a forma da mão, dos dedos. E assim voltamos à roupa novamente: Eis aí um tribunal, e um acusado de assassinato representa não conseguir vestir essa luva, embora a luva grite e grite que já conhece essa mão, que já a cobriu e venceu uma vez. Mas não a criou. Como? A luva não teria criado a mão? Bem que quero acreditar nisso, mas é certo que a mão fez a luva, enchendo-a de vida, só para então extinguir outra vida, tão fácil como tirar uma luva, à vontade. No teatro – obrigado igualmente. O palco não faz o ator, embora quase se pudesse acreditar nisso, mas infelizmente o mais das vezes os atores entram em cena porque em outro lugar não encontram tanto espaço onde pudessem se produzir. Então eu os mando entrar, para apresentar a aptidão. Um momento, agora acabo de ter uma experiência no próprio corpo, pela qual posso descrever ainda melhor: A maioria do que existe é normalmente a televisão, só lá se reúnem as coisas de que se trata, sem que se tivesse que deixar as redondezas, pois as redondezas vêm até você dentro de casa! Velhas florestas, desertos, paisagens extraterrestres, o senhor dos mundos deve ter aberto esse lugar para nós pessoalmente, ninguém poderia simplesmente inventar isso, e então a queda dos anjos: Imagem ilegível, som inaudivelmente ruim! Eu não perco tempo e tenho que segurar a antena para cima com a mão o tempo todo para ver e ouvir qualquer coisa. Sim, o ver e o ouvir, juro, vão embora imediatamente se largo a antena! Entenderam agora? Bom. Então esqueçam novamente, pois agora direi com palavras totalmente diferentes, para que vejam o que é o teatro. A saber, lá é exatamente assim ou pelo menos parece assim, mas para vocês tanto faz: Os atores produzem o palco, e onde estão, lá também está ele. Segurar direitinho o cabo ligando ao criador, através do qual tudo isso flui! A aparência também não tem parentesco com a aparição, nem mesmo por casamento. Uma coisa pode facilmente parecer outra coisa, mas não é razão para brilhar assim! Minha luminária, quando acaba a bateria, parece poder seguir iluminando, pego-a na mão, mas ah não, não brilha mais! Tenho antes que inserir algo lá, tantas palavras estrangeiras, que se acham, que acham a si mesmas. Assim também os atores. Assim não, senhor ator, senhora atriz! Se o seu

interior está carregado, vocês não têm que ser o aparecer! Bem que têm a capacidade de fazer aparecer, mas por algum motivo hoje não fazem. Deixa eu buscar outro, outra, já temos o bastante deles! Sim, estamos fartos deles! Então carrego ele, o ator, com o desafio da minha linguagem, misturo as demandas incontadas de pelo menos duzentos outros autores, que eram grandes e de fato viveram, mesmo que hoje nos pareçam irreais, e então misturo aí ainda minhas próprias compras, que logo se plantam ao meu lado e não deixam mais ninguém passar; o ator recebe o pedido, que agora também se tornou o meu, mas também tenho a autoridade de seres fantasmagóricos, estranhos, espíritos, que eu citei, somei ao bloco, na lista de compras, e então pressionei no corpo do ator. Bem, ele nunca mais vai conseguir se livrar deles, agora pode deixar o teatro e mais tarde voltar a entrar, ele carrega o meu selo. A minha demanda ele pode, se precisar, ler sempre no próprio corpo, onde eu a carimbei. Por favor chega desse ruído técnico! O intérprete sente que em caso de necessidade vou puxar pelos seus cabelos no depósito, para que vá comprar comigo, e o que ele faz? O que faz para, buscando nas prateleiras com seu carrinho de Téspis, poder ao menos uma vez encontrar a si mesmo de novo, o que proibi expressamente? Por mim pode encontrar qualquer um, inclusive seu cachorro Compostura, só a si mesmo é que não. Ele tem que saber o que eu reivindico e ao mesmo tempo conseguir ignorá-lo, para se tornar alguém que impõe as próprias reivindicações. E por acaso eis aí também as minhas, que eu tinha em mente o tempo todo de todo modo! Bravo! Agora ele fez direitinho. Agora ajustou. Agora ele é eu, mas sem insistir nisso e sem insistir em ser aquele que deve representar. Acima de tudo não deve ser insistente, mas conduzir cada momento. Seguro para ele o volante, mas no fim sou sempre eu a atropelada. Ele não pode tão simplesmente se tornar outro, mas pode ser outro! Por outro lado, com certeza não aquele que deve representar, mas alguém que ele cria, que puxa do mais oculto do seu corpo, nada pela metade e, de modo algum, por favor, nada inteiro, absolutamente não. Não se retirar, por favor, e nem ninguém mais. Deixar pendurado em qualquer lugar, mas sem cabide com que pendurar na parede, num lugar fixo, de onde balança sua carne mole. Até poder voltar a se revelar, que é um modo de aparecer também, mas ao mesmo tempo também é real. Arriscado. Para todos. Pronto para a colheita. Inseguro, mas bem conduzido. Fixo no trilho da minha escrita, até sair dali, até esse trem descarrilar, arrebentar no bosque, e ser novamente revelado como outro totalmente diferente. Eu seguro minha luz para iluminá-lo, mas agora ele foi embora, enfim, eu querendo ou não.

SOBRE BRECHT

Tudo ou nada

Sempre tive dificuldades com a obra de Brecht, e de fato por causa de um, como dizer, reducionismo seguro de si, que aplaina, lapida, afia seu objeto de todos os lados como um pirulito, até o fantasma de um sentido sair para fora da boca do ator, de quem lê os poemas, e então desaparecer sem salvação. É uma obra que vem do perigo, do nazismo alemão, claro, e isso é que é grandioso em Brecht: Assim como desenvolve seu objeto, não se trata de um perigo da existência simplesmente, que põe os homens em perigo desde seu destino e transforma necessariamente o emergir (do ser humano como daquilo que ele cria – arte!) em um perigo, mais ou menos no sentido heideggeriano, mas esse perigo que vem de um sistema de roubo e assassinato é nomeado e analisado em todas as suas relações causais, e então ainda aponta-se para ele com um ponteiro, eis a cabeça do perigo e lá está sua cauda. E há que se apanhar a cobra sempre pela cabeça.

Observando as propostas de melhoria, esboçadas de modo rápido e brincalhão, para uns poemas de Ingeborg Bachmann, revela-se mais uma vez a (desconfortavelmente desafiadora) loucura afiada de Brecht, aparando a poesia para que tenha certa forma, adote certa aparência, se revelando tanto melhor, já que agora foi podada como um arbusto, em sua, talvez, impertinência? Mas à medida que esses poemas de Bachmann são reduzidos, para, alegadamente, mostrar muito mais claramente o "sentido", na verdade lhes é retirado seu mistério, o Algo que simplesmente "não se apaga", só para então ter uma importância no fim da conta. De todo modo, quando se examina essas assim chamadas melhorias mais minuciosamente, nota-se de novo: Não é uma atitude sabichona que se esconde ali atrás, quando o autor empunha a caneta, mas claramente uma necessidade, enfim,

uma fúria criadora profundamente internalizada, que faz com que Brecht aplaine essas farpas, como ele vê, também não no sentido de um bom artesão que gostaria de melhorar ou dar forma a uma peça de artesanato, para que algo surja e obtenha uma função, o que paradoxalmente sempre significa também uma neutralização (mas isso ele não quer, ele quer a concreção mais extrema), mas sim num sentido existencial, para que esse movimento de retirar o desnecessário se torne uma unificação, uma unificação da função e da designação em uma terceira coisa, que então recebe seu nome e seu conceito, para que dela se possa receber um conceito, o único conceito possível. Por favor sem mal-entendidos! E se houver, então são eliminados. Para alcançar isso, Brecht faz operar oposições, as maiores possíveis, umas contra as outras, pobre e rico, bom e mau, estúpido e esperto, consciente e inconsciente etc. Para ele mesmo não ter que lapidar, neutralizar essas funções, ele faz com que elas mesmas cuidem disso; então elas se lapidam mutuamente, até o palito que segura o pirulito, e infelizmente é sempre a única coisa que nos sobra. Você fica com um caroço na mão, uma afirmação, uma que parece sempre igual, mas não dá para fazer mais nada com ela, é o resto, que sempre e ao mesmo tempo nunca se desfaz. Mas com que paixão originária essas oposições pétreas, sem vida, partem para cima uma da outra quando a mão do criador solta suas pernas traseiras! Latidos estridentes! A arte que nasce do perigo mais extremo talvez não possa, como Brecht simula tão maniacamente, como possesso, perder as rédeas para permitir que o inesperado apareça (aos meus olhos esse perder as rédeas aparece em seu melhor em Fleißer, que, se se quiser, foi estripada por Brecht até o esqueleto, só para depois transbordar ainda mais, tornando-se uma coisa terceira, extrema, que não se deixava mais represar), tem que fazer essas oposições exemplares resultarem sempre de novo numa última função, na qual o maior dos extremos que nosso tempo conhece, o fascismo alemão, desemboca a todo tempo em todo lugar. Do exemplar ao extremo da permutabilidade total, pois hoje elas são peças para todo tempo e todo lugar, para todo tipo de teatro e todo tipo de clima. Mas talvez não seja problema do Brecht, que o exemplo se torne algo para todos à vontade, mas só que, como desde então tudo é possível, esse poeta também pode oferecer tudo a todos. O tempo voltou a suspender todo o trabalho de lapidação em um contramovimento gigantesco, e transformou o pontiagudo em genérico. Só se mudar o tempo, o que ninguém deseja, a dramaturgia de Brecht voltaria a poder se libertar dessa neutralização de todas as suas funções. Estou tentando aqui, acabo de perceber, descrever as peças de Brecht como uma espécie de moda, como p.ex. Roland Barthes desenvolveu uma linguagem da moda, e de fato essa obra me parece “da moda” em uma dimensão curiosa, e quanto mais se gostaria de descrevê-la como adequado a todo tempo e toda ocasião, tanto mais claramente ela mostra diante de si o tempo de seu surgimento, o que no entanto é por sua vez uma retirada, e talvez seja justamente esse o ponto: Também essa obra, na qual aparentemente tudo parece se encaixar, como afirmei antes tão segura de mim, se opõe, percebo agora ao escrever, no fim das contas à datação e à incorporação, pois a obra de arte não pode ser tudo afinal e ainda por cima ao mesmo tempo. Só a obra de arte pode ser tudo e ainda por cima ao mesmo tempo, pode ser e ter sido. Se p.ex. a moda mais recente dita o look esfarrapado, grunge, se enfim transforma aquilo contra o que Brecht se ergueu como uma enorme onda, isto é, a pobreza, a exploração do homem, bem como a incansável nomeação de seus exploradores, em uma pura exterioridade, então ela paradoxiza ao mesmo tempo a pobreza e o luxo. Pois de fato no desaparecimento dessas oposições as diferenças surgem cada vez mais indeléveis. Se nosso tempo parece então permitir a coexistência de tudo, e com isso Brecht parece ser um autor “datado”, porque por demais “da moda”, então é ao mesmo tempo um que incansavelmente mantém aberta essa cortina diante das diferenças, e até mesmo a arranca fora se ela ameaça se fechar sozinha. A obra brechtiana não merece isso, não se dá no sentido de uma elegante construção Bauhaus, que hoje e sempre nos parece “moderna” por causa da sua simplicidade e da sua forma equilibrada, simples, adaptável a toda parte, tanto faz se deserto, metrópole ou montanha, mas porque esse autor, justo à medida que tão apaixonadamente desejou que conteúdo e forma correspondessem e se abrigassem, abre sempre novamente a fenda, toda fenda, sim, aponta até mesmo para aquilo que não encaixa no quebra-cabeça, no enigma, parece-me que hoje em dia só aponta ainda para isso, e aí o significado volta a se suspender e a arte começa.

Miséria se torna luxo, a pobreza se torna chique, o engajamento se torna baço, mas nada se torna simplesmente neutro, e é porque tinha que ser assim para o poeta e não podia ser de outro jeito, porque o que Brecht dizia não é nenhum embuste. Assim ele enche de sentido a roupa da forma, e, estando essa forma constantemente ameaçada de dissolução pelo correr do tempo, evidenciam-se ambos, justo na ameaça, tanto mais claramente, isso só acontece quando se tenta conceber a riqueza inconcebível do existente com um sistema simples: Talvez não signifique mais nada, mas tinha que ser dito alguma vez. O resto não é mais obra, mas sim, na mais alta precisão, de repente um falar delirante, em línguas estranhas, sobre tudo, de tudo ao mesmo tempo, e a precisão não se torna arbitrariedade, mas tudo o que se deixa pensar e dizer, justo na medida em que também deixa que reste uma partezinha mínima, que não se encaixou no todo, mas infelizmente era necessária mesmo assim. Porque foi ela que primeiro segurou firme o todo ao redor de si. Como o corpo faz com sua roupa, a linguagem.

Brecht fora de moda

Eu me interesso muito pela moda. E uma vez que agora até o look hippie do fim dos anos sessenta, como grunge (uma variação do look esfarrapado), voltou a ser moderno e desde então, naturalmente, como são as coisas na moda, simplesmente, voltou a se dissipar, me pergunto se a miséria, a pobreza e a exploração como objetos literários podem entrar na moda e também voltar a desaparecer dela. O casaco de couro de Brecht, p.ex., esse ícone das fotos, uma peça de roupa propositalmente mal costurada (de modo que a gola se destacasse lindamente!), me demonstra que o exterior, aquilo que é "colocado" sobre o objeto literário, era muito importante para Brecht. Mas se a nomeação incansável das vítimas e de seus exploradores por um lado permanece algo estranhamente exterior a essas Peças de Aprendizado, bem como uma gola costurada (embora a nomeação de criminosos e vítimas na verdade seja o principal), assim também se poderia dizer que a obra de Brecht, como a moda e seus fantasmas, veste a etiqueta com a própria data clara e visivelmente. Mas justo no desaparecimento das oposições, que são desmascaradas como pura exterioridade (miséria e luxo, pobreza e riqueza), é curioso que as diferenças se evidenciam cada vez mais irrefutáveis, e é justo isso que Brecht queria! A tensão fundamental, isto é, o rasgo entre o real e o dito, é tematizado ininterruptamente em Brecht. A linguagem luta contra seu objeto, que lhe foi enfiado em cima como roupa (e não o contrário!), um objeto que é moda, mas como é que se pode descrever a moda agora? Não se pode. Assim as oposições senhor/escravo etc., de modo semelhante às roupas, fogem à descrição, até mesmo zombam dela, e temos que recuperar do meio desses códigos das exterioridades, com os quais os integrantes da sociedade de classes são catalogados como peças de roupa, o de fato verdadeiro nessas exterioridades, enfim: buscar sempre novamente as oposições por trás do tecido dos objetos. Como isso não pode dar certo, como Brecht nunca conseguiu realmente fazer dar certo a descrição (pois ela sempre gastava tudo o que havia para ser descrito como material para essa descrição), então também sobra nas peças de aprendizado, que parecem "se esgotar" totalmente, um resto indizível, indescritível, sobre o qual não se pode mais falar. E é só sobre ele que se pode falar agora.

A medida do desmedido

Se exteriorizar até o mais extremo, eis o que o poeta gosta de fazer. Só então se torna inteiramente sua expressão, entra nela e desaparece. Brecht queria dar tudo, mas para isso teve que tomar muito, talvez mais que os outros. E no caso dele o tomar e o ceder estão numa relação muito bem pensada um com o outro, sim, a cessão acontece de modo mais controlado do que com a maioria dos outros autores, penso. Ele pegou tudo; sobretudo, e no momento se discute isso de novo em toda parte, muito das mulheres que o amaram e o assistiram com a força da afeição, e então derramou tudo no liquidificador, mas talvez fosse uma ampulheta também, que sempre tinha que ser virada quando esvaziava: Brecht, um aglomerado de linguagem, areia correndo pela areia, uma indistinguível da outra. Muitas vezes escorre aí alimento, como atesta p.ex. Jürgen Manthey, que se ocupou com a oralidade notavelmente acentuada em Brecht. Também um poeta que conhece tempos de fome

não necessariamente compreenderia esse vazio em si como um vazio do estômago, que ele talvez nem sempre pudesse distinguir da sua consciência. A consciência imagina seu objeto e o compara com aquilo que o objeto significa para Aquele Que Sabe, ou seja, a diferença entre verdade e saber. O que Brecht sabia das coisas ele impôs a elas em sua poesia, intuindo que afinal talvez não pudesse saber tão bem assim, e que era melhor dizê-lo às coisas mais uma vez e sempre de novo, para que elas não esquecessem. Nessa divisão, nessa fenda sempre aberta (como a que as mulheres também têm!) entre seu saber e seu objeto, enfim, ele derramou aquilo que é sempre palpável (e óbvio para ele, na minha opinião alguém que sempre gritava pela mãe, sempre abrindo a boca e lá dentro colhendo incansavelmente tudo que lhe era lançado) e imaginável: a comida. Só então a moral, que contudo se liga inseparavelmente à comida. Pois justo na desmedida de quem demanda todo tipo de alimento incessantemente é que A Regra, que ele mesmo postulou (ou que lhe foi fornecida), tem que ser respeitada, a obrigação de aprender. Vinda da obrigação de esvaziar. Roland Barthes já demonstra também para o libertino De Sade, que a sua compulsão pelo dispêndio estava longe de ser ilimitada. A comida, retratada minuciosamente, é necessária para encher novamente os depósitos de esperma dos senhores (de resto, o alimento das vítimas almejadas também é descrito, de modo igualmente minucioso!), só para então poderem voltar a esvaziá-los. Mas no retrato intricado de todos os tipos de alimento e seu preparo faz-se novamente a ordem, a desordem é medida com precisão para os atuantes, para que dela possa reemergir o mais rápido possível a ordem, a peça de aprendizado, o poema com a moral no fim (que é escrito em direção a essa moral!). Mas essa determinação precisa tem lugar em Sade tendo em vista a indecência, em Brecht trata-se da consciência do dispêndio de si mesmo enquanto artista, ao qual o poeta, apesar da decência que, entre suas coxas e sobre sua escrivaninha, sempre volta a se instalar, aliás é produzida como mercadoria (para suas mulheres não largarem o osso), sempre deu enorme valor, graças à intuição de que de todo modo não lhe restava mais nada. Pois sempre tem aí um resto, que o poeta, que às vezes chegou a pensar nisso ele mesmo, não tem a sua disposição, e que nunca se deixa dominar.

NÃO TEM DO QUE RIR
(em memória de Heiner Müller)

Os mortos falam. Também eu gosto mais do que tudo de deixar falarem os mortos, nisso me sinto de todo modo aparentada a Heiner Müller. Os mortos, eles são aqueles que menos entram na conversa, ainda menos que figuras inventadas, pois os mortos falantes estão só por segurança duplamente mortos, sua fala é ficção, e eles mesmos, que outrora viveram (p.ex. Hitler, Stalin, Goebbels em "Germânia 3") são, como mortos, instrumentos de desilusão, pois afinal tínhamos imaginado a história totalmente diferente, não, não diferente, mas de todo modo não assim, assim eles não deviam se comportar nunca, só como mortos poderiam fazer isso! Pode-se ditar ao corpo deles qualquer fala, para fazê-los nascer novamente como marionetes, como Golems, com um discurso totalmente novo, escrito especialmente por poetas. Heiner Müller mostra que a razão que mora dentro da história, aquilo que outrora fez tudo "funcionar" (de todo modo o mais das vezes terrivelmente mal), foi organizada pela sociedade animalesca para a aniquilação da vida, mas sem que criminosos e vítimas jamais tivessem podido ser um só. Então, a vida agora se foi, mas a fala ainda está aí, e é tudo o que há. De fato é tudo que restou, cuspida por tantos, e é sempre uma mentira, mesmo quando jogada sobre o corpo das figuras cênicas como barro quente. Como funciona essa vida cênica? O frágil, mole, vulnerável da existência de pessoas que outrora existiram (ou não também, de todo modo não existem, mesmo que sejam dados como nomes para uma fala, o que é bem prático, assim não é preciso inventar nenhum nome), incorporou um tanto: objetivos, conteúdos, algo de algum modo funcional, que faz balançar e falar essas marionetes, afinal no teatro tudo é permitido, isso que fazem, na vida não era, mas para as figuras tanto fazia; e, do jeito que falam e agem sobre o palco, extraem aquilo que na verdade funcionava em seus doadores de nomes, até que só reste esse funcionar, esse reino do terror das marionetes. Uma criança desenhou um modelo de Stalin, de Hitler, e todo o resto, o resultado, a escolha de cores, fica para o encenador preencher e pintar como um livro de colorir. E aqueles que outrora foram e agora estão em cena como eles mesmos, sem jamais terem sido eles mesmos ou

outros ou sequer alguém – e essa é a grande arte de Heiner Müller, que se possa reconhecê-los como nunca tendo sido eles mesmos, embora outrora tenham sido grandes e terríveis – eles perderam o mundo a que outrora deram forma, justamente deixando-o para nós, bem, digamos: entregando como um saco cheio de merda de cachorro. É verdade que com isso o meio-ambiente haveria de ser resguardado dos excrementos e assim poupado, afinal nesse meio-ambiente a merda é o protagonista, e não cabe mais em nenhum saco, esse ambiente já foi pro saco. As peças de Heiner Müller dispensam as histórias mostrando que a vida das pessoas que agem não tem nada a ver com a consumação e o curso da história, enquanto, e isso com certeza é paradoxal, essa vida real é o inimigo histórico de seu próprio curso, à medida que esses Golems não foram terminados, e seu ser terrível não pode ser desmantelado, nem pela experiente empresa de demolição Guerra & Filhos, não dá, porque eles nunca ficaram prontos, e aos mortos-vivos não se pode matar e nem dar vida, qualquer vida ia sempre se perder neles, pois eles não conhecem limites (ou então a demolição, quando é tarde demais para isso e a desgraça já aconteceu). Eles arrastam a vida atrás de si como uma placenta, mas já se vê que não vai haver complacência, as próximas gerações não vão ter do que rir. Esse poeta, mesmo quando é cômico, não nos deixa nada para rir, nenhum resto. O que ele nos deixa é o aguentar, o que não é difícil, uma vez que já deixamos tudo para trás, só nós mesmos é que não. E o que vai ser de nós depois, isso não podemos saber, e agora infelizmente esse poeta também não pode mais nos dizer, para que fiquemos sabendo disso ainda em vida e ainda possamos fruir disso um pouco, antes de não poder fugir disso mais.

COVAS TEATRAIS
(obrigada, Corinna!)

Quem conhece tão bem o mundo a ponto de poder retratá-lo? Eu de todo modo não. Mas você também não, talvez acredite que sim, mas não o conhece. Ele só te mostra um rosto específico. Então por que é que o teatro haveria de tentar fazer isso, o teatro que não conhece absolutamente nada, mas só cria a partir daquilo que os espectadores acreditam conhecer? Eles querem, por uma noite, atar sua vigília a algo que veem, só para não dormir por umas horas, afinal querem ser entretidos! (supostamente o único pecado capital do teatro: entediar o público!). Mas nessa parada não tem ninguém. Quando se acredita ter encontrado a chave do entretenimento, então ele logo volta a escorrer por entre os dedos. Então talvez se tenha que simplesmente desatar um pouco a vigília diurna, tudo aquilo que se sabe de si e dos outros. Então, esgotado pelo dia, que nem é dia nenhum, se é derrotado, não, dominado pelo ser dos outros, que não existem e nunca existiram. Hoje oferecemos o Don Carlos, mas na verdade não o temos. Que embaraçoso. Figuras no teatro, cuja fala no entanto também não existe, bem que são desejadas, mas não são bem-vindas. A fala lhes foi dada por pessoas como eu, que também não sabem nada. Que às vezes, como no meu caso, sabem ainda menos do que qualquer um que está assistindo. Esse desatar é um salto, supostamente subindo até as figuras lá no palco, ou é uma queda na cova? Será que o teatro só funciona quando se abandona, talvez se jogue mesmo fora, tudo, a si mesmo e àquilo que se vê? Abdicando de querer ver o que quer que seja nessas figuras? A realidade, atada a nós com muito esforço, e que não pode nos aguentar, pois ela nos leva nas costas e nós a ela, e nós também não gostamos dela o mais das vezes, pelo mesmo motivo, a realidade grudada a nós nos empodera, não nos livramos dela. Ela nos bebeu com um canudinho, ao qual ainda queríamos nos agarrar. Mas talvez possamos, sabendo que não nos livramos dela, jogá-la nas figuras no palco, antes de estarmos totalmente vazios. Até que de desespero então saltem no abismo, porque não aguentam tudo isso que esperamos, sim, exigimos delas. Afinal o que é que se exige sempre aí? Que a realidade seja retratada? Já que afinal cada fantasma teatral do público atira sua realidade, que não conhece, nessas figuras, das quais não quer saber, pois não pode saber nada absolutamente, pois não quer saber de nada. Se entreter, isso ele quer. Mas não tem nada sobre o que pudesse conversar consigo mesmo, não tem contraparte nesse diálogo, só partes que são representadas por outras pessoas. Aí não foi uma boa partida com eles mesmos e com os outros lá em cima. Que com frequência cospem neles lá

embaixo, por exemplo, se se sentam na primeira fileira e os de cima vêm dar de cara com a canalha.

O teatro teria que ser um tipo de recusa. Afinal não pode ser tão difícil, partindo do princípio de que ninguém sabe nada, mas todos acreditam saber algo. Por que então não reter tudo logo (ou deixar para trás, como um gesto cansado com a mão, tudo tem que ir, pois de todo modo tudo se vai. Tudo é possível, foi o que a loteria de classes anunciou, sugerindo às pessoas que elas poderiam, com uma sorte dura mas nova, e que não é delas mas poderia passar a ser, superar os limites de classe, é só comprar o bilhete, mas se não comprarem então só vão ter a sua sorte amanhecida, endurecida)? Por que não um teatro da retenção, onde estranhos falam para estranhos coisas estranhas, só que de outras bocas, que também são estranhas, mas sabem o que um outro disse? Falar algo estranho, que só terá sido alguma vez familiar a alguém que ali estivesse em casa? Tudo já foi dito faz tempo. Por que justo o teatro haveria então de retratar algo que todos acreditam conhecer, mas ninguém conhece, pois quem compreende a própria vida afinal? É tudo incompreensível, essa vida própria mais do que tudo, pois onde estariam seus esclarecedores, seus professores particulares? O teatro com certeza é que não vai ser, ele não é pago bem o suficiente para isso. Se o espectador cria a partir do nada, que também não conhece, pois é um abismo e nenhuma lanterna alcança o seu fundo, por que então as figuras no palco haveriam de criar a partir de uma vida que ninguém jamais viu, e se tivesse visto não poderia compreender? E até a recusa do teatro de exibir algo como realidade, sim, até isso já foi feito muitas vezes, enfim também a recusa de mostrar algo, de hospedar, não, de ofertar, não, de entregar algo que não se conhece, essa recusa afinal não consiste num tipo de abstinência (você pede que as pessoas vão ao teatro e então lhes mostra: absolutamente nada), mas simplesmente nesse salto no vazio, que não se importa com a potência de querer ver algo, de que lhe mostrem algo, mas não é nenhum salto na impotência, de modo algum. Por favor, talvez a pessoa seja mesmo impotente se é arrebatada pelo acontecimento sobre o palco, mas esquece (porque afinal na impotência esquece tudo, mesmo que só a curto prazo) que afinal é a própria vida, da qual como já dito ela não sabe nada, vida que ela está jogando fora para ao invés disso deixar que figuras sigam com a própria vida sobre o palco, enquanto ela está impotente (o que ela é de todo modo, só muitas vezes não sabe, também como haveria de saber, afinal é simplesmente: impotente). Ela não tem poder, mas sabe que tem algo aí que pode passar adiante para pessoas fictícias, que são encarnadas por pessoas reais, para negar a impotência? Sobre a impotência ninguém tem poder afinal, senão ela seria poder e a pessoa não precisaria de um teatro. A pessoa seria ela mesma e poderia determinar, enfim. Já que ela mesma, de quem não sabe nada, já disse isso muitas vezes, mas segue sendo verdade, então já que ela mesma recusa o tempo todo a retenção, a possibilidade de não fazer algo que poderia fazer, afinal quer apreender o máximo possível de vida no mínimo possível de tempo, e então prender, pois as posses não ficam com você voluntariamente, muito menos a vida, então o salto sobre a cova e para o palco se tornou inevitável. Não se pode mais contornar. As saídas estão todas trancadas. Como que a pessoa é impotente, também não percebe isso, mas sabe até mesmo na impotência: quer de novo poder. Chegar de novo ao poder, a todo custo. Mesmo que fossem só figuras sobre o palco que fossem dotadas dele em nosso lugar, mas só porque lhes permitimos isso. Eis nosso poder. Está mais para pequeno, acho, mas ok, se querem mesmo...

Melhor pularmos no palco nós mesmos ou jogarmos lá em cima o que de nós não sabemos, mas acreditamos saber, para os que também não sabem nada, mas espelham de volta para nós o que acreditamos ser, quando já não podemos saber do nosso verdadeiro ser (afinal ele tem que existir, o ser verdadeiro, mas onde, mas onde?). Sabemos apenas que ele é. Como ele é, isso queremos que nos mostrem, não para imitá-lo, mas para recebermos um. Falas estranhas correm para lá ininterruptamente, não conseguem parar e nem têm permissão para isso, lá vem a próxima fala já, de um outro. Ninguém sabe nada, mas todos falam, como depois aqueles que também não sabem nada vão falar como se soubessem algo. E a recusa seria talvez ainda mais tagarela do que todas as palavras jamais poderiam ser. Sobre o palco o enchimento se conforma ao sentimento e o sentimento de volta ao enchimento, que enfiamos dentro de nós mas nunca encaixa, porque tomba do não-saber para o

não-saber como um sapo que bicado lá no alto por uma gralha, que devorou algo da vida do sapo, chatinha, pois só pega uma parte, a que tem gosto melhor para ela, o fígado, já o de Prometeu era o que a águia mais gostava, e afinal há tantos sapos, e nós também sempre temos que engoli-los, para quê?, e em algum momento o sapo estoura então, depois de inchar. Sua vida sai por esse buraquinho que a gralha bicou. Talvez seja assim com o teatro. Ninguém sabe nada, mas por algum buraquinho minúsculo, invisível, que um animal ávido furou, que nosso ser quer e até nossa retração quer, e até aquilo que nunca quisemos mas mesmo assim fizemos quer, e até aquilo que mais ninguém quer quer, e até aquilo que o impotente chama de livre decisão só porque se agarra a ela mas naturalmente na impotência tem que largar tudo quer, enfim, de um buraco minúsculo, advindo de um animal e feito a um outro animal, sai talvez algo, um jato de vapor pequeno e quente, um raio aguado entre muita fala estranha e muita fala estranha, que se faz passar pela própria, e muito dinheiro que não se repassou e de todo modo, esse jato pequeno e fino e quente, talvez seja ele! Mas tem uma tal pressão que nunca pode se encaixar num todo para que se pudesse jogar a criança com a água do banho, pois um banho todo nunca vai se formar desse jato minúsculo, a gente teria que sentar por anos no teatro, sem parar, sim, talvez seja exatamente esse jato quente e muito fino. Então, quando a banheira está cheia, fica quente demais para nós. Ou frio demais, porque demorou tanto para encher, e bem que teríamos gostado de ter continuado pelo menos do mesmo tamanho que antes. E sempre ainda posso dizer: de mim é que não vem! Não fui eu. Eu não sei. Não sei nada.

NOTA SOBRE O DRAMA SECUNDÁRIO:

Como nova ideia de negócios no ramo teatral, gostaria de propor também mais uma oferta, os dramas secundários, que deverão então correr latindo ao lado dos clássicos (ou como tapetes que são desenrolados e afixados debaixo deles. Com o "Nathan" já experimentei isso uma vez, mas agora também estou aceitando encomendas para outros dramas e aí escrevo com prazer mais um drama secundário. Só com Shakespeare é que não faço, por princípio. Mas todas as outras encomendas recebo com gratidão, agora também o "Fausto Zero" entrou na jogada, talvez hão de se seguir outros, talvez não a mim, pois a arte nunca me segue mesmo, antes me persegue, uma culpa persecutória, mas na maior inocência). Enfim, como artista talvez tenha encontrado uma nova estratégia, dessa vez mais segura, pois aos clássicos sempre se assiste afinal, e sempre se assistirá, e então posso recauchutá-los, fazer umas luzes ou um permanente. Nada disso tem que durar para sempre. Nada disso deve durar para sempre. Não tem nada que os clássicos precisem menos do que serem retidos ou entretidos por mim. Mas vai ser um fracasso, que também dessa vez, como é habitual, mais uma vez não vou compreender (ou não corretamente) a indicação dos respectivos clássicos, e ou vou escrever o drama secundário certo para a peça errada, uma totalmente diferente, ou, mais provavelmente, não vou entender o drama original e aí vou escrever para ele algo totalmente errado. Mas de todo modo sempre está errado o que escrevo. Mas se a indicação está errada (outra especialidade minha, nas lições de matemática eu sempre copiava errado as indicações do quadro), então não me serve mais indicação nenhuma, me induzo em erro e então, pelo menos pela duração desse fracasso, naturalmente não sou mais artista nenhuma. Sou uma artista secundária, mas talvez possa voltar a apresentar um novo requerimento para artista original depois. Obrigada de todo modo por eu poder aqui lhes apresentar um pequeno excerto do meu catálogo abundante de ofertas.

Só mais uma coisa sobre as respectivas realizações: As possibilidades são ilimitadas. O drama principal pode integrar cenas do drama lateral, o texto pode passar no fundo por escrito, pode-se ouvi-lo como peça radiofônica, em off ou falado pelas atrizes e atores em cena, ao lado da peça principal, só falado ou também encenado. A peça principal pode dar um passo atrás rapidinho e dar lugar para a peça secundária e vice-versa. Os espectadores podem acompanhar o texto na plateia lendo em seus laptops ou celulares, depois de o terem baixado. A peça secundária pode substituir em alguns trechos a peça principal, só uma coisa é que não dá: O drama secundário não pode nunca ser encenado como a peça principal e sozinho, num solo, por assim dizer. Uma coisa é condição para a

outra, o drama secundário parte do drama principal e o acompanha, de modos diferentes, mas é sempre: acompanhamento. O drama secundário é drama acompanhante. Isso tira uma enorme pressão de mim, ufa, e assim fico contente de ter inventado o drama secundário, para meu próprio alívio e para a sobrecarga dos grandes, que terão de se debater com isso então, não, eles não têm que fazer isso, mas podem se quiserem.

O DRAMA PARASITÁRIO

Já inventei o drama secundário, e por mim agora invento ainda por cima o drama parasitário (pode-se chamá-lo também de drama chupim), não, não o inventei, infelizmente. Sequer o inventei de propósito. Também uma vez já fui um pouco lixo para todos, o que fazia total sentido, só não me tinha caído a ficha, também não tinha recaído sobre mim, eu era a própria decaída!, pois então já tinha sido descartada por todos. Não se pode inventar nada quando se acha que tudo já está aí e disponível. E de tudo que está disponível posso dispor. Está liberado. É livre, diferente de mim. Leio numa revista que um colega chama minhas peças de parasitárias, porque tão frequentemente se agarram a um hospedeiro sem o qual o drama não pode então ser compreendido. Aí ele não é mais eternamente válido, pois foi atado ao acontecimento. Para o acontecimento isso não muda nada, mas o drama, que então não pode mais ser realmente um drama, o mata, pois só persiste até que alguém se lembre do acontecimento. A perecibilidade da perversora realidade não pertence ao palco (onde aliás nada deveria entrar, só os que se consideram pertencentes, não, não pertinentes). Mas talvez sim? O que tem aí antes de ser descoberto? Quem não vive, como eu, uma não-vivente repulsiva, também não descobre nada, tem que encontrar. E só pode encontrar o que é posto na sua frente, pois a realidade apesar disso ainda vem na frente da autora, tem um posto superior, mesmo se mal consiga vê-la. E inversamente a realidade é trazida a si mesma à medida que devora o que a autora põe na sua frente. Mesmo que a autora no melhor dos casos seja sua funcionária, que além do mais ainda funciona mal, como uma idiota. Mas é sempre idiota quando se têm que cumprir essa função. Mesmo assim ela está aí, a realidade, e há quem relate sobre ela. O relato, os muitos relatos de mensageiros são a fonte da qual tento beber, mas o manancial é muito fraco, e são tantos mananciais, agora claramente não digo: não há motivos para emanar assim, mas ai, agora já disse, sempre já disse, ainda antes de poder retirar do mercado por conta de defeitos, sempre faço isso infelizmente. Não posso omitir nada. Tudo tem que entrar, e então naturalmente a massa fica o mais das vezes intragável. Mas comigo simplesmente se tem que remexer no intragável procurando algo, como um porco, e aí tem mais que suficiente para se jogar para o lado, pois talvez haja algo embaixo que ainda se possa comer, e às vezes aí embaixo está o de verdade, que comigo tem sempre uma aparência peculiar, provavelmente não tem outro jeito. Tem que ser descoberto o disponível, mas nem isso consigo, pois para descobrir o disponível se tem que partir em busca. Experimento, enfim, levar esse manancial à boca, pelo menos um, mas a água (sobre a qual parasitariamente escrevi muito, pois sei que com isso não machuco a água, ela está se lixando, sim, a terra também, mas tentem comê-la alguma vez, aí perceberão que algo estragou, assim que abrimos a boca, algo que não vemos, pois é tudo que nos leva ao ocaso sem ser o caso, tanto faz qual) me escapa, não se deixa apreender, eu não a compreendo: Agora tem aí uma fonte calma e corretamente nomeada, e não consigo levá-la à boca! Ou já é um pé-d'água, aí, pegando justo no meu pé? Não faço ideia. Também não tenho que descobrir que há algo disponível, não tenho que sair de casa, não tenho que sair, o disponível me é entregue, e é tudo o que tenho. Não tenho que me preocupar, sempre vem, como sequer a água vem: sempre, tanto faz de onde.

O drama parasitário de fato não deixa de ter seu hospedeiro, o acontecimento, a situação, a catástrofe, tanto faz, não deixa de ter sua compreensão, não deixa de ter o que compreender, mas o que é que se há de compreender então? Pois não quero absolutamente que se compreenda. No drama normal falam pessoas que são ele ou ela ou quem mais, como se fossem eles mesmos. Mas como não sei como as pessoas falam umas com as outras, prefiro deixar falar, não, a voz do coração não, deixo falar tudo aquilo para que encontro espaço e que por sua vez deixa espaço para mim mesma. E então acomodo ainda mais, o espaço é

infinito, até o espaço que acaba de ser acomodado é infinitamente grande. Me faz lembrar a ala psiquiátrica infantil, onde já estive, com o posteriormente famoso Prof. Asperger. Todo ano ele escrevia uma peça de natal, na qual suas duas filhas sempre faziam os papeis principais, e nós pacientes restantes éramos a decoração, responsável por fazer aparecerem as personagens principais, as duas mocinhas Asperger, fazer notar seu valor. Trabalhávamos na sua luminosidade à medida que colocávamos nossos corpos à disposição. Não era pouco, e desse modo segui sendo parte do plano de fundo, que faz o primeiro plano aparecer e ser revelado como aparência, éramos os véus sobre nós mesmas, enquanto as filhas do professor representavam bonitinhas a aparição. Ainda hoje não tenho que jogar nada de lado, pelo contrário, deve haver o máximo possível disponível, para que eu possa me fixar nisso como parasita com todo o meu mobiliário, toda a tralha que trago comigo. Eu me prego firme na realidade, tal como me é oferecida, amalgamada, purificada, filtrada pelas opiniões alheias (e, ao contrário de um filtro decente, que deveria retirá-las, enriquecida com toxinas às quais ainda acrescento mais algumas, pois preciso de algo suculento para escrever, e o mais das vezes não tenho carne por perto, ninguém, tenho que simplesmente pegar tudo, a terra toda, a água toda, o átomo todo, bem, esse pelo menos é bem pequeno, toda a sujeira, lodo, barro, do qual então também não faço ninguém, afinal não sou nenhum deus que cria pessoas, nem mesmo no papel consigo isso, pois não consigo nem especular por que foi justo nesse espetáculo que vocês vieram, onde ficarão sabendo algo de mim que poderiam receber muito mais confortavelmente em casa, afinal foi de casa que eu também mandei!), obrigado, opinião alheia, muito obrigado: É bom que sejam postas à minha disposição, pois não tenho opinião própria. Mas não são postas à minha disposição, mas sempre de muitos, é verdade, como o drama parasitário pode interessar (talvez nem seja o caso), se todo mundo todo dia poderia escrever seu próprio, até muitos, incontáveis deles? Eu me acabo de labutar nisso e de ladear isso ainda por cima. Tenho que fazer tudo isso! Vocês naturalmente também poderiam. Qualquer um poderia, se não fosse idiota demais para ele e não preferisse viver e vivenciar algo, possivelmente ainda antes de deixar de viver. Eu não chego no cerne, que não conheço, passo longe dele, e por isso tenho sempre que escrever tanto texto, porque de fora não consigo chegar nesse cerne, nesse miolo, que como disse não conheço (mas você, público, talvez reconheça?). Você viu o miolo em algum lugar? Então você o cospe fora, não dá para comer, o que naturalmente você já sabia também. Pois é, com certeza não graças a mim, por mim não vai poder ficar sabendo de nada, é como, já que não tenho experiências e quase nenhuma opinião absolutamente, mas também nenhuma capacidade de descrever, enfim, é como se a pessoa, eu, pintasse algo ao redor desse ponto cego, com o lápis ou a caneta – ou o que tiver a mão – algo que eu mesma não posso pintar, pois não tenho nem ideia do que seja isso. Então tenho que usar o máximo possível de ideias, só para fazer aparecer no meio o cego (no caso do psiquiatra: suas claras filhas), que então muitos podem ver no teatro, pois lá foi levado a luzir, lá a luz se alumia, favor não confundir com o querido sol!, mas também em qualquer outro lugar, só eu é que não posso, não posso ver, não, nem mesmo a luz, está simplesmente claro demais e fim. Afinal já sou um parasita da realidade, mas um que não faz mal à realidade, pois vivo, já que não posso me dar bem fora de mim, apenas em mim, e isso é pouco, pois simplesmente não tenho nada ao meu redor de que pudesse me nutrir ou pelo menos preparar uma marmita para os outros. Mas de algum modo tenho que afixar alguma carne nessa realidade, não, na verdade é mais um processo de oleiro (também sobre isso já escrevi, sem saber o que faz um oleiro de fato, só vi seu produto, e mesmo ele só em fotos, pois o de verdade não chega até mim, isso não admito, e o de verdade nunca me admitiria), no meio é oco, mas ao redor é disposto um produto natural em uma roda que gira depressa; se a terra fosse uma roda, então seria bem isso, então seria isso, mas já uma esfera onde vivemos para mim é inconcebível, embora na realidade todo mundo esteja nela agora mesmo. Tanto faz, alguma coisa gira, e a realidade esguicha para fora, e é exatamente como deve ser; não, não está certo, é o que percebo, infelizmente como sempre só na hora de escrever, pois quando bato o amálgama de argila (a almôndega de argila) na roda algo se forma ao redor do vazio do meio, mas não haveria produto sem o vazio, isto é: o vaso. Bem, não sei, não deveria fazer comparações

com algo que não conheço. Mas se não conheço nada. Aí não poderia nunca comparar nada! Eu cambaleio aí em volta, nem mesmo a disciplina de fazer algo se formar em uma roda, com mínimas intervenções e interações da minha mão, eu tenho.

Devo tentar compreender enfim algo desse fazer parasitário? Não vai dar certo. Tento labutar como (não ao!) redor, que para mim já é tudo, não reconheço que haja algo disponível, porque quase nunca entro aí, mas algo em mim me tomou por alguma outra coisa, que me (como essa fonte que não alcanço com a boca, como pegadas de mortos há muito apodrecidos, como farrapos da história, como montanhas de roupas cujos donos foram exterminados e só resta aí suas roupas, seus óculos, seus sapatos, sim, também no tamanho infantil, que nunca ficaram pequenos demais para seus donos) é mostrada como disponível, como catástrofe natural também, como acidente, como desgraça, como tragédia histórica, como água e terra, os elementos, todo mundo os conhece afinal!, esse algo enfim me abriu os olhos (que o mais das vezes estão fechados ou fixados em um filme ou romance policial ou um DVD, sonolentos, existindo como que numa névoa de aerossol, da qual se descascam formas, mas não tenho formação suficiente para esclarecer seu sentido, simplesmente tento torná-las mais claras, para que eu mesma as entenda), sim, talvez seja isso, um processo de abertura ocular através da névoa e de explosões, de modo que esse disponível em que me agarro, mas é tão pouco, eu já, desde sempre, o descobri, porque em algum momento alguma vez abri um pacote e debaixo da embalagem rasgada lá estava ele, eu mesma fiquei espantada. Um processo mais difícil do que puxar o fio por onde se abre a realidade, os fios nos muitos pacotes da realidade, que são entregues em casa para a dramaturga parasitária porque ela não pode ir olhá-los de fora, só de dentro, mas também como um dentro ela não o reconhece, eu jamais conseguiria. Abrir pacotes – mais do que isso não posso. Só existo à medida que descubro o disponível, que no entanto sempre já é e foi descoberto por muitos outros. Em Heidegger leio, naturalmente por acaso, pois tudo o que leio é por acaso e só começa a significar algo quando me aproprio: “Também o ser-aí, que durante toda a duração de sua existência nunca faz uma assim chamada ‘descoberta’, é des-cobridor, desde que se demora no disponível”. Sim, isso é bom. Naturalmente eu não teria podido dizê-lo assim. Mas de outro modo, pelo qual teria dito exatamente assim. Há um filme sobre a aniquilação de Osama bin Laden, que os Navy Seals filmaram em Abbottabad, Paquistão, enquanto atiravam no comandante islamista e alguns de seus homens, e desse filme faltam vinte minutos. Não sei se faltam de fato (provavelmente não, alguma câmera qualquer do capacete de um soldado de elite com certeza os captou) ou se simplesmente não existem porque não nos foram mostrados. E o grupo na sala de crise da Casa Branca, com Obama, Hillary e os outros, também não viu esses vinte minutos (ainda), mas talvez sim, como dito, dependo de relatos, e isso simplesmente ainda ninguém me relatou, embora eu desmate sem pausa os jornais e a net atrás disso, agora já se pode dizer desmatar sem consciência pesada, pois não se precisa mais do desmatamento de florestas para se informar. Enfim, por ora não posso me agarrar como parasita a algo que os outros também ainda não conhecem. Eu espero. Só posso chupinhar aquilo que todos já conhecem, e é porque sou a única que não conhece nada por observação própria. Aí infelizmente não me resta nada senão ser parasita. Eis a triste verdade. Mas apesar de tudo é verdade. Quem haveria de ver algo? Quem pode observar algo?, eu diria sobre mim. Como chama isso nas Bem-Aventuranças? Bem-aventurados são aqueles que têm o coração puro, pois verão Deus. Se ousarem. E também dessa Bem-Aventurança só fui lembrada (e imediatamente enfio ela na boca e cuspo aqui) porque na reza da manhã no rádio por acaso (não, não por acaso, mas porque eu precisava disso aqui, e no entanto por acaso, eu nem queria ouvir, podia ter sido também outro assunto totalmente diferente, então eu, o parasita, teria simplesmente precisado exatamente daquilo) se falou disso, ali sempre se fala de Deus afinal, tanto faz qual, eles se revezam, e então sempre se segue o de verdade, as notícias da manhã, pelas quais já estou esperando para ver se posso precisar de algo delas, bem, quem fez isso, o que quer que seja, agora arde de raiva pois caiu nas mãos justo de um parasita, nas minhas, embora qualquer um que quisesse, mas também qualquer outro que sintonizasse, pudesse ouvir. Deus. Claro que é o maior que há para ver, é o que diz a Revelação e também muitas outras fontes, das quais minha boca desesperada se aproxima

tentando apanhar, sem conseguir ao menos um gole disso, mas isso, enfim, isso que Ele é ou que Isto é, simplesmente não se pode observar (ou em uma distância enevoada, onde, ao contrário daquilo sobre o que escrevo e que sempre TODOS têm que conhecer – ou não entendem, e o pobre parasitinha então morde o vazio – ninguém jamais olhou, é simplesmente longe demais para nossos meios de transporte; mas quem viu dentro dessa distância, dele não se aproxima mais nada, o que está escrito, e lá, onde Ele ou Isso está, de todo modo nada mais fica estável, não fica pedra sobre pedra), sim, Deus naturalmente é o maior ponto cego, pois não existe. É bem prático, pois assim pode-se usá-lo para realmente tudo, um coringa, e pode ser substituído por uma coisa qualquer, a qual se quiser, coca por pepsi, café coado por espresso. Também há todo tipo de falsificações no mercado. Como tantos o conhecem, na verdade todos (mas nem todos têm em mente o mesmo e a mesma coisa quando falam dele ou com ele), naturalmente todo tipo de parasita se arrisca a ir atrás dele. (Naturalmente ele é conhecido sob seus diversos pseudônimos, mas quem é quem, quem é qual, qual vai com quem? Quem escolheu qual, como eu escolho o que preciso? Talvez pelo contrário possa se fazer daí um sapato infantil, que pode ser pequeno sem problemas?) Isso de todo modo não planejo, escrever uma peça assim, pois, no caso desse senhor, qualquer um que se aproxime dele já é um parasita e quer falar com ele, todos querem algo dele, e como é que vou sobressair aos demais para aumentar a saída das minhas obras? Não, também não posso dar nome ao que tenho em mente. Você tem razão de jogar isso na minha cara. Também não posso dar nome ao que quero dizer, pois a maior parte do tempo nem sei o que quero dizer. Fico aí pendurada no ar. Só quando escrevo é que percebo. Isso é mesmo parasitário! Me pendura mais alto! Mas a que é que já voltei a me agarrar? Com os olhos diligentes no amor? Ou o amor também se agarra, diligente, a si próprio? Não, sim! Sim! Então visualizo o hospedeiro, a planta hospedeira, e me agarro ali firme, assim, está pronto o trabalho de parasita, acabou com o carvalho, agora só tenho ainda que escrever, e então podemos, meu hospedeiro, que graças a mim logo vão poder conhecer mais claramente, e eu mesma, entrar em cena juntos bonitinhos, eu com meu drama parasitário na minha mão trêmula, ele, o hospedeiro, mancando, comigo na mão, pois sempre tenho medo, só não tenho medo sozinha, de todo modo tenho medo especialmente de que me peguem em flagrante, não faço ideia de quê: tantas palavras só por medo de me pegarem em flagrante, e sequer faço a menor ideia de quê. Do que é que é o flagrante em que me haveriam de pegar. É isso. Nisso fracassa até o mais ávido dos parasitas, o chupim mais fervoroso, se não sabe o que devora, mas não pode comer outra coisa, mas só o que está aí porque ele acaba de encontrar. Eu também não posso contornar, é grande demais, largo demais, pesado demais, longe demais lá fora, e tudo o que está lá fora me é inacessível, mas o que é que estou lamentando nisso?! Deus mesmo afinal também é absolutamente inacessível, pelo contrário, temos nós que ir até ele, e o que se passa então, quando vemos que ali: não há nada! Surpresa!, é justo isso que queria de observar. Gostaria de poder observar que não há nada aí, onde poderíamos esperar tudo. Já vou estar familiarizada com isso então, pois não faço nem posso fazer nada, afinal, e também não posso fazer nada contra isso. Absolutamente nada Isso é muito, mas não significa nada. O hospedeiro vai dizer onde vagou uma mesa, espero paciente que algo me seja servido, mas quando vou comer me sujo e me babo e me encho até que não sobre nem uma manchinha. O hospedeiro já se arrepende de ter me deixado entrar para começo de conversa. Então devoro como o porco de antes, e até aquilo que cai fora da minha boca ainda é reerguido e de novo devorado, assim é que fazem os parasitas. Pegam o que conseguem, quer dizer, pegam tudo o que está aí e só por isso podem pegar, porque está aí, porque alguém pôs diante deles. Mas desde antes já tinham a intenção de abusar e adulterar. Façam algo para impedir isso! Com certeza existe alguma coisa que sirva contra parasitas, existe algo contra tudo, mas não vai mudar nada, porque não podem mais me mudar. E se tivessem podido eu lhes teria sido grata.

ABRIR O VAZIO
(para, sobre Jossi Wieler)

Na verdade não tenho motivo para viver em outro lugar senão no meu país, onde estão os aparelhos de lançar pessoas, mas lá há diretores e atores, e querem puxar tudo para o campo do jogo e lançar a

si mesmos. Ir lá dentro eles não querem. Pois o que tenho a lhes oferecer? Algum lance, uma técnica própria de lançamento? Mas no fim jazem sempre só seus corpos lá embaixo. Infelizmente não os posso poupar. Primeiro tenho que lhes indicar as coisas com as quais devem vir ao palco para o lançamento. Até que não tenham mais nada e simplesmente: tenham de empenhar a si mesmos. E empenham tudo, eles mesmos e minhas palavras, que arremessam lá em cima (quem é que precisa das minhas palavras afinal?), um puro acréscimo que deve impedir de sugerir que os seres sobre o palco são diversos, pois por princípio não trabalho com a diversidade das pessoas. Criar a diferença das pessoas, deixo isso para diretores como Jossi Wieler. Isso não consigo fazer. Consigo me ocupar do o quê, com os fatos do humano, como especialidade, não, isso não, como especialista no especialmente óbvio, o que significa que tenho que ofuscar de algum modo a realidade, pois como especialista não compreendo especialmente nada, o que quer dizer então que eu, primeiro, me canso e alcanço algum lugar qualquer (mas onde achar um lugar que possa pagar sem ter dinheiro, pois achado não é roubado? Decido roubar. Tanto faz, pois as pessoas – foi dito muitas vezes – veem no máximo as próprias sombras, sem reconhecê-las como tal. Por que então eu não deveria emprestar suas sombras, suas falas sombrias, que sempre já foram faladas por um outro antes delas, nada mais que brigar com sombras, esse falar!, emprestar e não devolver, por que não? Pois qualquer figura que seja descrita tem que se passar por algo que lhe foi passado, e quem passou nem por isso sempre ganha automaticamente no carteado), onde me lanço e alcanço o que de fato é fato (tenho de ir com óculos escuros, para poder ofuscá-los sem ser ofuscada primeiro por eles, os fatos), de todo modo tenho que em seguida desmentir publicamente, ou antes: ocultar, que os fatos que se estabelecem sejam os atos de pessoas individuais. Digo o falar, e é a fala de outros que, por mim, e de todo modo vistos por mim, são intercambiáveis. Pois essas pessoas devem ser criadas das falas de outros, que se tornaram minha própria, por alguém como Jossi Wieler, que deve emprestar uma dimensão espacial ao especialmente óbvio, induzi-lo a um lugar e produzir uma constelação, em "*er nicht als er*" foi um asilo suíço com um só morador e os visitantes em questão, questionáveis, questionadores, quem poderia conceber antes, ou reconstituir depois, uma constelação assim? Só falta acrescentar o O Quê, e ele cresce em outra pessoa que não eu, vem sempre de alguém que encontra sem preconcepções aquilo que produzi, e o completa com algo totalmente diferente do que eu jamais poderia pensar, para que a linguagem das minhas figuras seja ou refreada ou estimulada, para que as personagens aprendam no palco, e de fato, de preferência, aprendam a não ter sucesso, senão não teriam que aprender nada. Eis sua tarefa, do diretor, o O Quê e o Como, conduzir o que alguém lá em cima é ou não. Eu não faço isso, essa condução. Prefiro ver nas encenações de Jossi Wieler p.ex. a "partilha do meio-dia", como é conduzido um barco onde se encontram náufragos antes do naufrágio e o que tomam então por suas verdades e o que dizem como verdades. Mas que essa verdade possa ser reconhecida como tudo menos verdade, isso o diretor tem que produzir, ele tem que produzir a percepção: essa verdade foi produzida. Não foi escondida. Em Claudel fala o silêncio, comigo as falas nunca silenciam. O falar é as pessoas, cujo comportamento e cujas relações é só o diretor que cria. E então ele ainda tem que produzir as pessoas, depois de ter determinado suas relações entre si. Eu tenho uma única relação, aquela com a linguagem. Não tomo como tema aquilo que as pessoas são ou fazem, mas aquilo que é igual em seu agir, a estrutura de sua ação, aquilo pelo que as figuras se conduzem, sem ser. Elas estão aí, mas não são. Minhas personagens não existem. Mesmo assim, de algum lugar têm de vir, alguém tem de estar em casa quando batemos à porta, e minhas palavras são aquilo com que dou munição àqueles que estão em casa no palco, para que os tiros acertem o alvo. O conteúdo da ação dramática estabelecida pelas minhas figuras (não são as ações que são estabelecidas por elas, mas o conteúdo, aquilo que há dentro delas e que então age de dentro delas sem que queiram e muitas vezes sem que sequer saibam ou percebam!), o conteúdo então olha para fora desses seres, e de fato ali onde deveria estar a cabeça, que elas já carregam, não, não debaixo do braço, mas na ponta da língua, uma revolução invertida na qual tudo das pessoas é cortado, menos a cabeça, afinal algo tem que falar. E falam, como já foi dito, sempre, as minhas figuras. Fora de seu falar não existem, e recuso também a ilusão de que sequer poderiam existir fora desse falar. Sou a figurinista, configuro

com a linguagem, que é tudo e pode ser tudo, sim, sob certas circunstâncias até mera guarnição, em circunstâncias que o diretor tem de criar.

Jossi Wieler faz tudo, pois pode fazer pessoas, o que infelizmente me é negado, não sei por qual instância. Ele pode delimitar uma pessoa cênica da outra, sem ter que definir o que as distingue (eu recuso essa definição, mas também, nós nos recusamos mutuamente muita coisa, para que algo possa surgir!), só que: quando ele recusa, de todo modo surgem lá pessoas, sem que afirme que elas haveriam de existir. Também não precisa, qualquer um vê que estão lá, porque se originaram em algum lugar, quer dizer, porque receberam sua origem tendo em vista sua determinação como figura, que brota num caminho selvagem, como produto natural, como pessoa (infelizmente às vezes contaminada) que muitas vezes sofre um acidente porque ninguém cuida de seus trilhos, batendo com seu martelinho (onde quer que seja), os trilhos sobre os quais a existência deveria deslizar, é o que lhe foi previsto. Talvez seja isso nesse diretor, talvez seja esse o ponto, preparo agora um pensamento que progride (mas não leva adiante): Ele determina as pessoas em cena, e elas são pessoas à medida que ele as determina a isso, não há tempo para trabalhar nos trilhos do caminho selvagem, embora seria bem mais confortável para o animal humano selvagem. O diretor determina pessoas embora provavelmente lhe seja indiferente se sequer poderiam existir assim como são ou não. No fundo são bem normais e parecem razoáveis, então têm pleno direito à existência. Os menos razoáveis ainda parecem razoáveis, de todo modo os razoáveis são exatamente iguais, mas não porque sejam razoáveis, como dizer, como apreender esse paradoxo? Até onde o imaginário, mas intencional, isto é, a peça intencionalmente escrita, pode sequer ser apreendido? Os irrazoáveis não morrem, mas os razoáveis também não. Como é que pode o irracional tanto quanto o racional, como podem as intenções das pessoas afluir na realidade do simbólico, de modo que voltem a parecer reais sem o serem, não, errado, sem terem de o ser? Em todo caso esse diretor as aponta e apronta como se pudessem existir, pois alguém alguma vez escreveu que existiam assim como o autor as determinou, pois ele as conheceu assim outrora (p.ex. justamente na “partilha do meio dia” de Claudel). A intenção desse diretor não é perguntar pelo sentido de algo que o autor intencionou, mas mesmo assim constituir pessoas e sentido, quer dizer, criar realidade, a realidade só surge à medida que (diretores normalmente fazem sempre assim, mas então evitam o normal que mora no extraordinário, não querem que ele saia, com Jossi Wieler é o contrário: ele arranca, não, por favor me perdoem, alicia o normal para fora do extraordinário) se olha para ela uma segunda vez, e ela surge por assim dizer secundariamente, só depois de uma elaboração retroativa por meio de uma outra, que dá àquilo que é seu ser, não, não seu ser (o diretor como pessoa mantém-se fora disso o quanto possível, o que também não dá), mas alguma outra coisa que ele fixa com uma configuração de sua parafusadeira, instalada à direita do aparelho, à esquerda para a plateia. O que é que ele dá então? Cujo ser, aquilo que já uma vez surgiu como peça de teatro, só agora chega e adentra seu espaço (não quero dizer que chega para adentrar o espaço, quero dizer que chega, e adentra o espaço), e a realidade surge à medida que uma segunda consciência se dirige a ela, parecido com o processo pelo qual a natureza só surge à medida que há uma segunda natureza que já há muito se sobrepôs à primeira, mas que a deixa cintilar através de si, de modo que a maioria dos observadores acredita ver a natureza, mas o que veem é o que viram e aprenderam nos filmes sobre a natureza e agora projetam por sobre a natureza. A nomeação de algo, por exemplo, é para mim muito difícil – encontrar uma vizinhança para minhas palavras, mas que ainda preciso encontrar elas mesmas também, primeiro (ninguém as arremessou para mim previamente!), antes que possa jogá-las fora de novo. Em casa não me servem de nada. Será que não pode embalar para mais tarde, as belas palavras, que quero levar comigo? Não. Então, agora já voltam como esses animais selvagens e arrastam para cá os cadáveres que combateram e abateram (mas elas mesmas são presas, só que esqueceram disso!), e cospem-nos diante das pessoas. O diretor espera. Ele pensa que estaria preparado. Mas estava preparado para tudo menos para essa minha linguagem que envelhece a olhos vistos, que vem aí se arrastando com as mãos elevadas, ensanguentadas (elevadas porque, não, não é por nenhum motivo elevado, é para não sujar o chão, não pingar sangue, não, também não está

certo: para que o chão duro não machuque as mãos feridas. O soldado ainda traz seu rebento, seu fuzil de assalto, nos braços, e as mãos têm de estar livres para o fuzil). Sim, isso dói! Se é que alguém se incomoda. Se é que alguém se interessa. Afinal só dói em mim. Não é quente nem fria, essa linguagem, é só seu nome. Ela simplesmente caiu, como uma velhinha. Velhos homens caem diferente, caem sempre no trágico, enquanto as mulheres velhas costumam tropeçar no ridículo. Primeiro ele tem que endireitar de algum modo esse ser miserável, o que é difícil, pois caiu para fora da carne e agora jaz aí aos pés das figuras. Elas passam reto por cima se não tomam cuidado, essas pobres figuras. Por isso o diretor levanta agora a voz plena. Há que voltar a ter amor. Como é? Com essa calcinha de linguagem esfarrapada por baixo não estou tentando algo como por exemplo o caráter político, que outrora foi tão célebre e agora infelizmente morreu, isso ele tem em comum com várias celebridades, não estou tentando algo como eventos que já se ouviu milhares de vezes, infelizmente só não se ouviram um ao outro, que foram sobrepostos, infelizmente só não um pelo outro, e de fato foi pela minha boca empilhadeira, algo que além do mais ainda se pode fazer ouvir milhares de vezes com as outras pessoas, o que o pareamento com eles até agora na verdade sempre pôde substituir bem, então, diga enfim, fora com isso, vai logo!: Não estou tentando justamente algo como, fazer com o político, que poderíamos definir como a qualidade de não pensar duas vezes antes de pensar, mas também de modo totalmente outro (pensar sobre o não pensar duas vezes dos outros? Despertar da insensibilidade, simsim, despertar a insensibilidade!), não estou tentando algo, bem, enfim, agora vai, agora vai enfim sair: apreender o político? Agora ouso fazer, meter a mão, decidida, agora, como já se foi faz tempo (Brecht, Ésquilo, Heiner Müller, Kroetz, Eurípides, se foram, não, de novo não! Mas se tem que ser, fritas acompanha, por favor! E bem isso é que essa encenação incrivelmente exata de Jossi Wieler para “Alceste” simplesmente não é: Não tem nenhuma guarnição, mas tem tudo. O mito como peça de conversação familiar, o privado como político, na minha opinião, ponhamos de novo na boca esse bombom chupado, embora nem dê para ver de tantos bacilos, e mesmo assim esse privado – e só o privado do Jossi Wieler, por obséquio!, não o de um outro privado! – segue sendo mito, segue sendo grande, à medida que se faz pequeno e cotidiano, não faço ideia como um diretor consegue algo assim, realmente nem ideia, mas isso que na verdade se foi de repente está aí de volta, e não entrou pela porta de trás)! Bem, muitos já tentaram, mesmo que com menos frequência nos últimos tempos, se até o último compreendeu que é o último, então não vou tentar pelo menos uma vez? Até posso tentar, mas apreender jamais poderei. Essa apreensão pressuporia, afinal, primeiro abdicar completamente a realidade, abstrair para poder assim abduzir; fuçando curiosa como um animal acanhado, um cão animado?, já a ouço faz tempo, antes de vê-la, e aí ela está aí, de repente, essa realidade, mas vai ser percebida com uma consciência outra que não a cotidiana, e não só porque as pessoas têm que ir ao teatro para assistir especialmente isso. Não, isso não tento com o político, isto é, com o ser, o que fica aí embaixo, sob as interações das figuras, que de fato ficam sempre tropeçando no seu ser: apreender – eu seria bem besta. E por que é que devo ser a última a fazer isso? Deveria significar: embrulhá-lo, algo que eu, papagueando palavras incontáveis, como que transpiradas pelas minhas figuras, de fato pareço tentar, mas que na realidade, apesar das muitas palavras trocadas (ou monologizadas, pela simplicidade, afinal tanto faz quem diz o quê), no fim das contas, apesar das cascatas verbais, é um procedimento reducionista, um borbotar apenas para apreender a fonte, que então se joga para baixo para se tornar uma cascata correta, para isso precisa de um desnível, então, apreender a fonte até que se possa esmagá-la em uma mão, e a água, que de algum modo tem que sair, inunda seus dedos, numa apreensiva abundância? Água. Abundância inapreensível, que no entanto tem que ser apreendida, para que nos sirva algo e alguém sorva algo. Mas não serve de nada. Nada se conserva. Escrevi algo para sacar qual é a da realidade, qual é a real da realidade, o que definiria com prazer, com meu livro de definições da realidade, onde estão listados os preços de cada peça, pois tudo tem um preço, de novo não consegui, criar realidade, de novo não, nem vida, nem realidade, mas por favor, podem ancorar o real das minhas boas intenções como realidade na sua consciência, sim, realmente, sejam bonzinhos!

Essas calças (também delas, creio, já se falou muitas vezes, não? Mas é isso: Sempre se fala do mesmo, só que às vezes se corta assim, às vezes assado) aqui p. ex. não têm costura, digo, não têm compostura e nem vão ter. Nem sei o que é isso, o político, mas o que é uma postura (uma fonte recomposta, que sempre perde a compostura), isso eu sei; tanto faz, esse teatro e esse diretor Jossi Wieler de todo modo me dão esse meu tipo de campo de trabalho para animais selvagens, onde as diversas partes fedidas vão se acumulando nesse meio tempo, pois ninguém pode se servir disso. Não serve para ninguém. Mesmo assim o diretor se curvou, indeciso. Logo ele já volta a jogar lá o que pegou. Não posso ajudá-lo. Afinal não tenho ferramentas (a raposa, o lobo, também não têm, eles trazem seus talheres em si, na fuça, e têm que atassalhar e estraçalhar tudo com isso) para aferroar o monte de algum modo e começar enfim a distribuição das roupas.

Talvez seja o teatro político, isso que se torna possível para mim, enfim, aqui com esse sujeito diretor, à medida que ele me tira e ao mesmo tempo dá tudo, mas é outra coisa, melhor do que eu tinha antes, pela forma melhor, o que não é o mesmo que uma performance melhor? O vazio no vazio? Redizer o nunca dito? O sempre já dito? Repetições infindáveis do saque de palavras com ruído e sem sentido, e aí você sequer pode comer você mesmo o que apanhou, tem que cuspir diante das pessoas. Eeeca, ainda está sangrando! Aiai. Isso também já falei. Eu sempre já falei tudo antes de sequer conseguir falar. Antes de sequer conseguir ver qualquer coisa. Mas por mim tanto faz. Não respondo por isso, pois já foi, bem, em algum lugar já terá sido ou se passado, isso que eu digo não tenho mesmo que conhecer pessoalmente; sempre já aconteceu antes de começar, e não fui eu: a História, talvez, que é a relação entre mim e meu objeto. Não me custa nada afirmar isso. Muitas nuvens? Um único país, que se joga para fora de si? Um país com nuvens que Jossi Wieler produziu à medida que criou relações a partir de algo, um texto, que não entretinha relação alguma, péssimo entretenimento, e já sequer com a autora (que de todo modo o evita como a peste, embora seja sua mãe, mas eis a única coisa que se deveria fazer com uma mãe: evitá-la, assim que possível), mas também não com o diretor, e nenhum dos dois, autora tanto quanto diretor, colocou a pergunta por algum sentido qualquer, pois antes eles, como dito, apreenderam essa fonte, mas então, em conjunto e em comum acordo, graças ao escoar da água, não, voltaram a perder o sentido, não, abdicar dele! Talvez se pudesse dizer que nós dois, Jossi Wieler e eu, somos tais que, pela criação de algo, sempre já nos rendemos desde o começo, no sentido de que trabalhamos muito tempo em algo só para então simplesmente: deixar acontecer, deixar estar, assim como a História simplesmente acontece, ela mesma, enquanto o tempo todo engole os acontecimentos que colocam diante dela, tanto faz o que lhe ofertam. Eu me rendo, à medida que esfarrapo algo e aí isso não quer mais me olhar, ele, Wieler, à medida que olha bem, dividindo o que está dado em segmentos cada vez menores, e aí deixa-os sair voando. Uma criança que represa um riacho e no fim só tira as pedras do leito do rio para observar o fluxo temporariamente maior. Mas logo tudo volta a ser como antes. Normal. Esse render de que estou falando não acontece no sentido de levar uma coisa no correio e mandar para o escanteio, tanto faz, por mim mesmo que acerte o alvo, se por acaso o endereço está certo, mas de todo modo segue sendo uma rendição – não me ocorre nenhuma outra palavra –, um completo render, no sentido paradoxal de criar algo justamente ao deixar (mas nesse deixar – um deixar ser tanto quanto deixar estar – se esconde tanto trabalho minucioso, pois as pessoas, as figuras, até mesmo figuras criadas por figuras, cuja fala é escrita e o mais das vezes já estava escrita em algum lugar, antes p.ex. que eu pudesse escrevê-la, não têm relação, nem a si mesmas, nem aos outros, e menos de tudo àquele que escreveu i.e. escavou essa fala, não tinha nada que ter trazido à tona essa fala, a culpa é dele mesmo! Mas como Jossi Wieler faz isso? Suas formas estão lá, no palco, embora sempre estejam totalmente fora. Elas são, como o público, todas olhos e todas ouvidos para aquilo que as encontra, embora não sejam, mas, como dito, foram deixadas estar, à medida que foram criadas por esse diretor para começo de conversa). Pois quando eu disse que perguntamos pelo O Quê à medida que mostramos que algo é, assim Wieler extrai dos meus textos, que de todo modo não têm rumo nem freio, simplesmente ignorantes enquanto fingem saber tudo, assim então ele extrai o modo como

elas poderiam ser, as figuras que falam esse texto. Pois esses sem rumo, esses desarrumados, não, ela foi arrumada, essa fonte aprumada, apanhada, então simplesmente tem que voltar a escoar para algum lugar. Talvez seja assim: Ignoro compulsivamente, francamente compulsivamente, a existência das minhas criaturas teatrais, tenho que fazê-lo, pois não conheço as pessoas e não quero ser apresentada a ninguém, não, obrigada, já tenho, já tenho o suficiente; mas um diretor como Jossi Wieler é alguém que não apenas inventa o que as figuras fazem lá, e com isso determina, mas também cria a existência para as figuras, enquanto eu em minha autoria simplesmente ignoro estritamente a determinação dessa existência. Um diretor assim mostra, num singelo pano de fundo de compensado e papel ou o que quer que seja, o que é seu mundo, mostra que as pessoas em cena não se confrontam naturalmente pois não constrói nenhuma naturalidade para elas, mas deixa as pessoas que espeta na sua agulha experimentar umas às outras como não naturais, à medida que mostra a falsa naturalidade de maneira natural, com a qual sempre voltam a obnubilar totalmente os atos que estabelecem, seu ser, à medida que mostra essas pessoas como de certo modo inaturalmente naturais, de modo que sua natureza sempre obnubila aquilo que elas fazem, e aquilo que fazem obnubila sua natureza, até se ver tudo nublado. É para isso mesmo que preciso desse diretor justamente: para que ele esconda ao revelar, ou revele ao esconder. Como as pessoas em cena SÃO, isso tem que ser reconhecível indiretamente por seu comportamento, que eu lhes prescrevo. O filósofo então diria junto comigo: Eu (E.J.) faço o Que, o diretor faz o O Quê. A arte do diretor é mostrar esse O Quê não como algo casual, como as pessoas simplesmente são, falam e agem, mas abrir a cortina fechando-a, apreender a fonte tapando-a, essa fonte que afinal significa o brotar de algo transparente, da água, enfim, da qual jorra o que se tornou sem rumo como algo escrito, que nunca é e nunca pode ser o que justamente é, mas um algo que fala que é algo, e de fato sem parar, sempre (a inexistência, afinal, não podemos conceber, a morte), de todo modo não a partir de si, não por si próprio. Esse diretor determina existências, e as figuras que ele cria não se deixam mais definir como tais que também poderiam existir de outra forma. São definidas para essa única montagem como aquilo que são, enquanto o autor, a autora, a suposta autoridade não determina nada, no meu caso em todo caso, eu não determino nada, fala-se e fala-se, e minhas figuras ainda poderiam existir de qualquer outro jeito também, enquanto ainda puderem seguir falando, pois ignoro compulsivamente qualquer isolamento. Enquanto um diretor como Jossi Wieler simplesmente, como dito, determina existências como um inconfundível. Então é um processo inverso que, como todos os processos, que rugindo atacam-se mutuamente, pois parecem excluir-se mutuamente, é especialmente produtivo: Aquilo que quis dizer vagamente (e o mais das vezes sequer atribuí a pessoas falantes!) aflui como uma fonte para a realidade, que o diretor cria sobre o palco, não como complemento de um texto, mas como sua realidade. Minha forma de possibilidade é vertida na realidade do diretor, não um conteúdo numa forma, mas uma forma de ser (água, fonte!) em outra (suporte! escoamento!). Afinal não interessa a ninguém, e mesmo assim posso informar aqui, pois a história escreveu pessoalmente para mim no meu caderno de informes, é um livrinho onde o comportamento da criança, o meu comportamento, é avaliado pelo professor de acordo com seu empenho ou desempenho, digo, empenho ou falta de empenho, no trabalho com os outros. Bem, avalie você mesmo! A palavra já perdeu seu senhorzinho faz tempo e agora grita por ele, porque quer voltar para casa onde a comida o aguarda, mas a comida toda ainda está espalhada nesse palco. Um momento, talvez já possa ir, a palavra, boazinha, e ainda pegar para si um bocadinho! Depois que todos, todos mesmo, já tiverem vasculhado. Mas o animal que sabe onde a comida lhe é servida não é mais um animal selvagem. Assim fui domada sobre o palco. E a palavra foi domada. Infelizmente não se tornou carne. De todo modo: Qualquer palavra que seja, selvagem ou domesticada, seria sem sentido, não receberia lugar algum de onde pudesse sair e farejar e buscar algo, mesmo que ainda não saiba absolutamente o quê, sabe mais ou menos onde, e esse lugar se encontra exatamente diante de vocês. Olhem lá! Vocês o verão como: O Vazio, não confundir com sua amiga, a Vazão?, a Versão?, não, a Conversão, a Lição, mas naturalmente a História é boa demais para querer ter comigo uma relação profunda, fundada na confiança. Afinal ela

mesma ainda não tem fundamento. Ela é infundada. Ela não precisa disso, de uma relação, aí só se discute o programa, também muitos já entraram e desapareceram nela. Ela pede para ser enfim poupada. Devo responder sozinha pela minha sujeira e não recorrer à tediosa Senhora História. Então tento sozinha, o que não é do meu feitio, de novo, mas diferente, pois nesse meio tempo ninguém mais me empresta uma única palavra: Esse teatro me serve para tornar visível o desaparecido. É o mínimo denominador ao qual posso reduzir a palavra, para que ela denomine outra coisa que não o que já sei. O que é que eu sei? Não sou eu que sabe alguma coisa. Não pode ser eu, quem sabe. Eu nem existo. Então pelo menos tenho que denominar meu objeto, ou não, ele se denomina de todo modo ininterruptamente, à medida que fala, fala, fala, e aqui jogá-lo aqui diante de vocês, para que enfim fique quieto, o que nunca acontece. A incógnita sou eu, mas não temam, não precisam me calcular do valor dessa incógnita que não conhecem, mas adorariam conhecer, não vale a pena, melhor olharem para aquilo que eu, precisamente, que não sei calcular com precisão, calculei para mim! Bons e velhos conhecidos, eis o que resultou de todo esse esforço. Não mais. Nada de novo.

E agora ainda entram aqui na casa movimentos. As pessoas se dispõem, com disposição, a dispor de algo. Elas se lançam no vazio, e como crianças tagarelas na escola voltam a serem dispostas, são separadas de modo totalmente arbitrário, para que possam dispor de algo com ainda mais empenho. Dessa vez sem distrações. Disso se faz, ou se desfaz, e todos têm que trabalhar nisso, um teatro. O diretor (nesse caso, em todo caso, J.W.) está irritado, eu também fiz alguma coisa, e talvez já seja tarde demais para tudo, faz tempo. Pois, como já dito: O vazio sempre abrirá apenas outro vazio, a cortina sempre subirá apenas diante de outra cortina, de todo modo as figuras sempre sobem, sempre sobram, e então são lançadas de cima para dentro das formas, como eu fazia quando era criança, com as figuras de vidro de diversos jogos de tabuleiro incompletos e os utensílios de cozinha, fiz um palco de sucata e encenei peças com peças de ludo. Talvez para enfim esquecer que eu não era Eu, que não me era permitido existir, que só podia existir nesse me-deixar e me-lançar-em-coisinhas-de-vidro. Esse era meu vazio pequenininho e protegido. Minha disposição, que mudava a cada dia, dispôs as figuras até que dispararam um som estranho e abafado, indefesas como vidro sobre o qual o criador, naturalmente sempre eu, passa o dedo. Assim, a verdade era bem mutável no meu teatro de cozinha. Dependendo de quanta água no vaso, quanta pressão sobre as figuras de vidro. Como o clima, a que sempre tenho que recorrer, pois não vivencio mais nada. Ainda meio cheia da chuva. Quem é que encheu justamente a minha banheira, onde porém nunca tenho nada para banhar? Nesse meio tempo adicionei a verdade, que era minha intenção, mas que nunca é minha, infelizmente, no meu juízo provisoriamente final, que é uma incerteza que sigo servindo a esse diretor. Por mim nada pode advir. Por mim nada se poderá ver, mesmo que me sente lá em cima em um camarote ou num andar superior. Mas aqui de todo modo será permitido que algo advenha. Querer é poder, tanto faz, lá embaixo em todo caso podem algo, posso iluminar o caminho para vocês, para vocês poderem ver, querem? Também não estou tão de bom humor assim. Mas o caminho também se perde nesse vazio. Abrir o vazio, para fora do vazio, para sair correndo de lá, deixar esvaziar em si o vidro, só para estar lá a tempo, lá onde algo acontece. Isso acontece agora, e podemos provar pelo menos um pouco, pelo menos uma peça. O tempo de uma peça, o tamanho de um pedaço. Um pedacinho infinito de vazio.

EDIÇÕES CONSULTADAS

Nossas traduções se basearam nas seguintes edições das peças em alemão:

Theaterstücke: Was geschah, nachdem Nora ihren Mann verlassen hatte oder Stützen der Gesellschaften / Clara. S musikalische Tragödie / Burgtheater / Krankheit oder Moderne Frauen. Reinbek: Rowohlt, 2013.

Der Tod und das Mädchen I – V: Prinzessinnendramen. Berlim: Bloomsbury Verlag, 2012.

FaustIn and out. Site pessoal da autora, 2011. Disponível em: http://elfriedejelinek.com/ffaustin.htm, acesso em 20 mar. 2021.

"Wolken.Heim.". In: *Stecken, Staub und Stangl. Raststätte. Wolken. Heim.* Reinbeck: Rowohlt, 2015

Die Schutzbefohlenen. Site pessoal da autora, 2013. Disponível em: https://www.elfriedejelinek.com/fschutzbefohlene.htm, acesso em 20 mar. 2021.

Drei Theaterstücke: Die Kontrakte des Kaufmanns, Rechnitz (Der Würgeengel), Über Tiere. Reinbeck: Rowohlt, 2009.

"Ulrike Maria Stuart. Königinsdrama". In: *Das schweigende Mädchen; Ulrike Maria Stuart: Zwei Theaterstücke.* Reinbek: Rowohlt, 2015.

Kein Licht. Site pessoal da autora, 2011. Disponível em: http://elfriedejelinek.com/fklicht.htm, acesso em 20 mar. 2021.

Am Königsweg. Manuscrito cedido pela editora Rowohlt, 2016.

Em alguns casos, foram consultadas versões em outros idiomas – e por vezes mesmo ao português, do Brasil ou de Portugal – com vistas a obter uma compreensão mais exata de certos trechos ou um repertório maior de possibilidades tradutórias, ou ainda observar problemas de transposição para melhor evitá-los.

Em todos os casos, meu trabalho ganhou muito com o dos que me antecederam, abaixo listados, a quem agradeço imensamente.

Im Abseits foi traduzido por Martin Chalmers para o inglês e para o francês por Louis-Charles Sirjacq, que também traduziu a *Nora.*

Patrick Démerin e Dieter Hornig verteram *Krankheit oder Moderne Frauen* para o francês. *Wolken.Heim.* foi traduzido para o francês por Yasmin Hoffmann.

Os *Prinzessinnendramen* foram traduzidos para o francês por Magali Jourdan e Mathilde Sobottke, para o espanhol por, para o português de Portugal por Anabela Mendes, e para o português brasileiro por Alexandre Krug (para nossa encenação de 2016), e para o inglês por Lilian Friedberg e Gitta Honneger. A ela agradeço especialmente, pelas traduções maravilhosas, também de *Die Schutzbefohlenen, Die Kontrakte des Kaufmanns, Rechnitz e Am Königsweg.*

Die Kontrakte des Kaufmanns foi vertido ao português de Portugal por Helena Topa.

Jorn Bramann traduziu para o inglês os ensaios de *Zu Brecht* e *Ich möchte seicht sein.* Há uma tradução para o português brasileiro de *Ich möchte seicht sein* e *Sinn egal. Körper zwecklos* por Adriano Távora.

Em alguns casos escolhi não traduzir diretamente as obras citadas pela autora, mas me valer de versões em português já existentes, alteradas ou não, particularmente quando a mudança de registro fica marcada.

No quinto dos *Dramas de Princesas* cito a *Teogonia* de Hesíodo na tradução de Jaa Torrano (ed. Iluminuras). Em *Faust(a)(não tá)* cito por vezes o *Fausto Zero* na tradução de Christine Röhrig (ed. Cosac Naify). Em *País.nas.nuvens.* Hölderlin é citado nas traduções de José Paulo Paes (Companhia das Letras), Antonio Medina Rodrigues (), Iber Barbosa () e Maria Teresa Dias Furtado (), e foram consultadas ainda as traduções para o espanhol de Antonio Truyol y Serra () e Mario A Presas (). Hegel (*Filosofia da História*) é citado na tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden (ed. UnB), Kleist (*Pentesileia*) na de Jean Robert Weisshaupt e Roberto Machado (disponível na internet), Heidegger (“A autoafirmação da universidade alemã”) na de Daniel Pucciarelli (revista *Terceira margem*).

A *Maria Stuart* de Schiller é citada na tradução de Manuel Bandeira em *Ulrike Maria Stuart.*

Em *Rechnitz*, foi consultada a tradução de Ivan Junqueira para “Os homens ocos”, de T.S. Eliot.